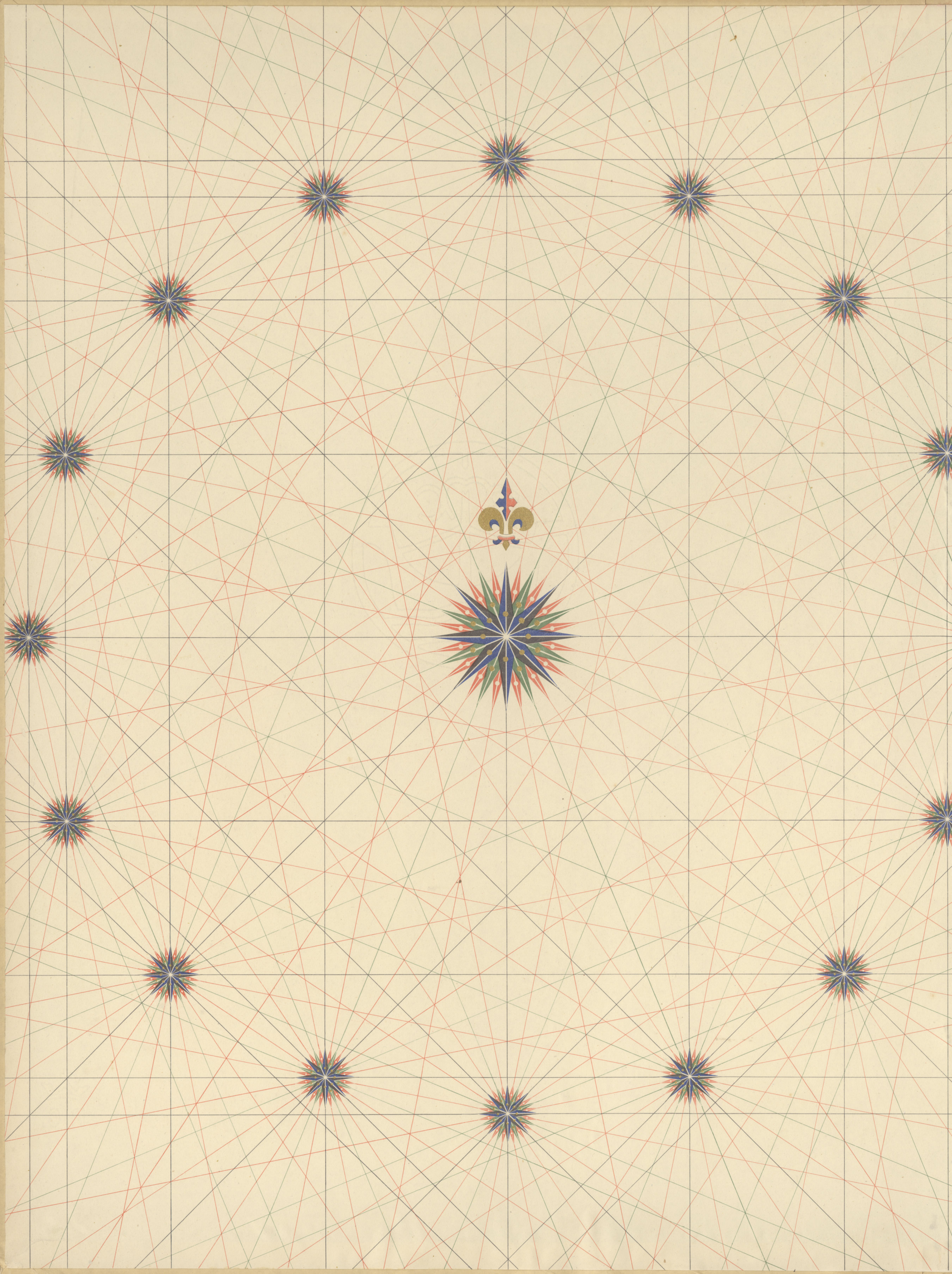
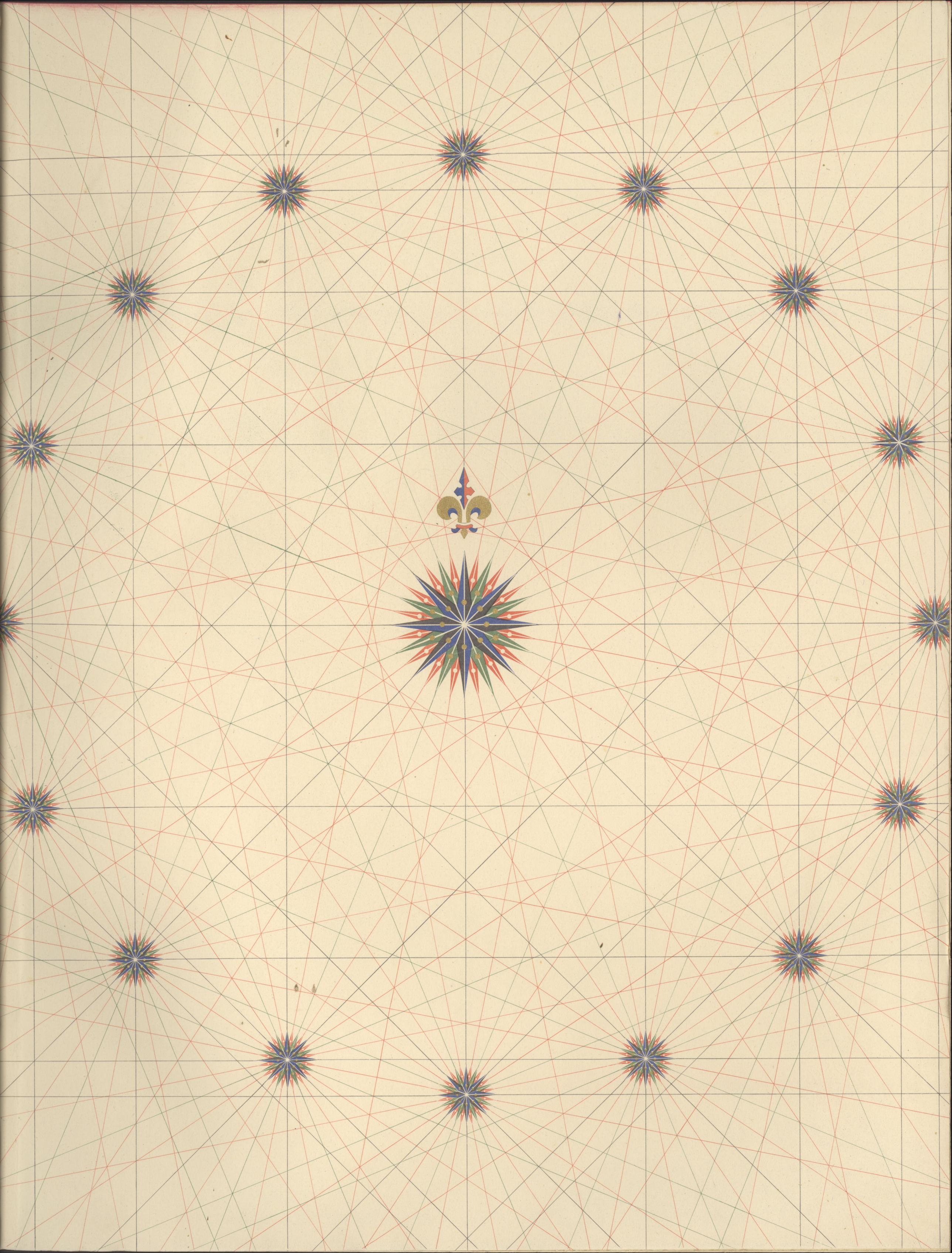
PORTVGALIAE
MONVMENTA CARTOGRAPHICA

VOL. IV

LISBOA
1960





PORTVGALIAE
MONVMENTA CARTOGRAPHICA

PORTVGALIAE
MONVMENTA CARTOGRAPHICA

COMEMORAÇÕES DO V CENTENÁRIO DA MORTE DO INFANTE D. HENRIQUE

COMISSÃO EXECUTIVA

Presidente — Professor Doutor José Caeiro da Matta, Presidente da Academia Portuguesa da História.

Vogais — Engenheiro Manuel de Sá e Mello, Director-Geral dos Serviços de Urbanização;

— Engenheiro João Paulo Nazareth de Oliveira, Director dos Serviços de Melhoramentos Urbanos;

— Escritor Idalino Ferreira da Costa Brochado, Académico da Academia Portuguesa da História.

Secretário-Geral — Dr. Diogo de Paiva Brandão, Secretário-Geral da Presidência do Conselho.

Delegado da Direcção-Geral da Contabilidade Pública — Dr. José de Sousa Nunes Ferreira, Chefe de Repartição da mesma Direcção-Geral.

SUBCOMISSÃO DE *PORTVGALIAE MONVMENTA CARTOGRAPHICA*

Presidente — Doutor Damião Peres, Professor de História dos Descobrimentos na Universidade de Coimbra.

Vice-Presidente — Professor Doutor João Pereira Dias, Director da Faculdade de Ciências da Universidade de Coimbra.

Vogais: — † Escultor Diogo de Macedo, Director do Museu Nacional de Arte Contemporânea;

— Capitão de Mar e Guerra Manuel Afonso Dias, Delegado do Ministério da Marinha.

DIRECÇÃO

de

Dr. Armando Cortesão

com a cooperação de

Capitão-tenente Avelino Teixeira da Mota

ANÓNIMO-SEBASTIÃO LOPES, c. 1565

Atlas de vinte e quatro folhas – Frontispício – Atlas of twenty-four sheets

The Newberry Library, Chicago

Tamanho original

Original size

2.

COMEMORAÇÕES DO V CENTENÁRIO DA MORTE DO INFANTE D. HENRIQUE

PORTVGALIAE MONVMENTA CARTOGRAPHICA

POR

ARMANDO CORTESÃO

E

AVELINO TEIXEIRA DA MOTA

VOLUME IV

BIBLIOTECA NACIONAL DE LISBOA

LISBOA
1960

B.N.L.
DEPOSITO LEGAL
251533 30.XI.60

INTRODUÇÃO

INTRODUCTION

H.6.
8075

INTRODUÇÃO DO VOLUME IV

ESTE Volume começa com a obra dum grande cartógrafo, Sebastião Lopes, falecido provàvelmente em 1596 e cujo único trabalho assinado, que até nós chegou, é datado de 1558. Já na Introdução do Vol. III exprimimos a nossa mágoa por não nos ter sido possível incluí-lo nesse Volume, onde a sua obra ficaria melhor juntamente com as de Fernão Vaz Dourado e de outros cartógrafos da segunda metade do século XVI. Desejaríamos ter podido incluir no presente Volume apenas todos os cartógrafos que pertencem ao período de transição do século XVI para o XVII — tais como Luís Teixeira, com a sua importante obra, juntamente com os do começo do século XVII — mas não tivemos possibilidade de o fazer.

Abrimos, por conseguinte, com um homem que pertence exclusivamente à segunda metade do século XVI e que deixou alguns trabalhos notabilíssimos que o colocam entre os maiores cartógrafos. Apenas existe uma carta por ele assinada, e datada de 1558, que hoje se conserva no British Museum, mas conseguimos identificar como sendo da sua autoria um grande atlas e quatro cartas, embora uma destas não definitivamente. Algumas dessas obras são realmente notáveis, tanto pelo aspecto geográfico como pela sua beleza, porque Sebastião Lopes foi um artista distinto que, como cartógrafo iluminador, pode comparar-se com Vaz Dourado. A mais antiga das obras que identificámos como sua, e datamos de c. 1555, é uma carta mediterrânea que hoje se encontra no National Maritime Museum, em Greenwich. Mais importante é o atlas universal anónimo, com abundantes elementos cosmográficos, existente na Newberry Library, de Chicago; este na verdade constitui um espécime excepcionalmente importante da cartografia portuguesa da segunda metade do século XVI, apesar de algumas das suas cartas terem ficado por acabar. Certamente se destinava a personagem de alta categoria, como se depreende da sua rica iluminura, que começa com a portada apresentando uma impressionante composição da Crucificação derivada de um desenho de Miguel Ângelo, o qual reproduzimos no texto para comparação. Muito notável é também a grande carta atlântica anónima que pertenceu a El-Rei D. Manuel II e hoje se guarda na Biblioteca do Paço Ducal da Casa de Bragança, em Vila Viçosa; não temos dúvida de que foi feita por Sebastião Lopes, mas é difícil datá-la com precisão, pelo que não podemos ir além de propor um vago «c. 1570». O planisfério anónimo, ainda maior, que se guarda na Bibliothèque Nationale de Paris e é geralmente conhecido pelos estudiosos da história da cartografia como «1.0.4.», foi desenhado muito provàvelmente por Sebastião Lopes; mas, visto não termos bem a certeza, acrescentámos um ponto de interrogação à nossa identificação, não podendo pensar noutro qualquer cartógrafo como seu autor. Quanto à data, pouca dúvida temos de que foi feito c. 1583. Finalmente, estudamos e reproduzimos um fragmento de carta guardado no Museo Naval de Madrid, q̃uẽ deve datar de c. 1581 e foi sem dúvida feita por Sebastião Lopes.

Dos três nomes que se seguem, Manuel de Mesquita Perestrelo e Pero Magalhães de Gandavo foram cartógrafos só por acaso, e o último deles não teria feito mais do que copiar, cerca de 1574, uma carta do Brasil feita possìvelmente por Luís Teixeira. Ambos certamente morreram antes de findar o século XVI. Membro de uma grande família de cartógrafos, Pedro de Lemos, que em 1596 sucedeu a Sebastião Lopes como mestre de cartas de marear no Armazém da Índia, deve ter sido cartógrafo de mérito, mas dele só existe uma carta assaz medíocre, assinada e datada de 1594, que se conserva no British Museum. Não sabemos quando morreu, mas é de crer que ainda vivesse em começos do século XVII.

Manuel Godinho de Erédia, um luso-malaio nascido em Malaca em 1563, foi uma das figuras mais curiosas e excêntricas da história da cartografia portuguesa. Filho de um português e de uma princesa malaia, educado pelos jesuítas em Goa, entrou para a Companhia de Jesus em 1579 mas deixou-a no ano seguinte, intitulou-se a si próprio «Cosmógrafo mor do Estado da Índia» e «Descobridor», mas morreu em 1623 sem conseguir realizar o sonho da sua vida — o descobrimento da «Índia Meridional» ou *Luca Antara,* isto é, a Austrália. Um historiador moderno escreveu estas palavras, que poderiam ser gravadas como epitáfio na pedra tumular de Erédia: «Com capacidade tanto para imaginação criadora como para trabalho incansável, com fé e devoção ilimitadas pelo seu ideal, noutro lugar e noutra época poderia bem ter deixado o seu nome como algo mais do que o de um estranho e obscuro sonhador num canto esquecido de um Império

INTRODUCTION TO VOLUME IV

THIS Volume begins with the work of a great cartographer, Sebastião Lopes, who probably died in 1596 and whose only surviving signed work is dated 1558. In the Introduction to Vol. III we have already expressed our regret for being unable to include him in that Volume, where his works would fittingly accompany those of Fernão Vaz Dourado and other cartographers of the second half of the XVI century. We wish that we could have included in the present Volume only all the cartographers belonging to the period of transition from the XVI to the XVII century — such as Luís Teixeira with his important work and those of the beginning of the XVII century — but this has proved impracticable.

We open therefore with a cartographer who belongs exclusively to the second half of the XVI century and has left some most remarkable works which place him among the greatest chartmakers. Although there is only one chart signed by him, that dated 1558 and now preserved in the British Museum, we have been able to identify as his a great atlas and four charts — one of the latter not quite definitely. Some of these works are really remarkable, from the geographical point of view and for their beauty, because Sebastião Lopes was a noteworthy artist who, as a cartographer-illuminator, may be compared to Vaz Dourado. The earliest of the works which we have identified as his and dated c. 1555, is the Mediterranean chart now preserved in the National Maritime Museum, Greenwich. More important is the truly precious anonymous atlas of the world, with abundant cosmographical data, at present in the Newberry Library, Chicago; this is indeed an outstanding specimen of the cartography of the second half of the XVI century, despite the unfinished state of some of its charts. It was certainly designed for some personage of high rank, because of its rich illumination, which begins with a frontispiece bearing an impressive composition of the Crucifixion derived from a drawing by Michelangelo, which we reproduce in the text for comparison. Very remarkable also is the large anonymous Atlantic chart which belonged to King Manuel II and is now in the Library of the Ducal Palace of Bragança, at Vila Viçosa; we have no doubt that it was drawn by Sebastião Lopes, but it is difficult to date it with precision and we can do no more than propose a vague «c. 1570». The still larger anonymous planisphere preserved in the Bibliothèque Nationale, Paris, which has been often studied and cited and is usually known to students of the history of cartography as «1.0.4.», was very probably drawn by Sebastião Lopes, but we cannot be quite sure and we have therefore added a question mark to our suggested identification, and cannot think of any other cartographer as its author. As regards its date, we have little doubt that it was made c. 1583. Finally we study and reproduce a fragment of a chart preserved in the Museo Naval, Madrid, which is to be dated c. 1581 and was undoubtedly drawn by Sebastião Lopes.

Of the three names that come next, Manuel de Mesquita Perestrelo and Pero Magalhães de Gandavo were cartographers only by accident, and the latter may have done no more than copy, about 1574, a chart of Brazil possibly by Luís Teixeira. Both men certainly died long before the end of the XVI century. A member of a great family of cartographers, Pedro de Lemos, who in 1596 succeeded Sebastião Lopes as master of nautical charts in the *Armazém da Índia,* must have been himself a cartographer of merit, but only a rather mediocre chart by him, signed and dated 1594, has survived and is now preserved in the British Museum. We do not know when he died, but it is likely that he was still living in the first years of the XVII century.

Manuel Godinho de Erédia, a Luso-Malyan born at Malacca in 1563, was one of the more curious and eccentric figures in the history of Portuguese cartography. The son of a Portuguese and a Malayan princess, educated by the Jesuits in Goa, he entered the Society of Jesus in 1579 but left it in the following year, styled himself Cosmographer-major of the *Estado da Índia,* and *Descobridor,* but died in 1623 without accomplishing the dream of his life — the discovery of «Índia Meridional» or *Luca Antara,* i.e. Australia. A modern historian has written these words, which might be engraved as an epitaph on Erédia's tombstone: «With capacity both for imaginative creativity and for solid painstaking work, with a limitless faith in and devotion to his ideal, in another place and time he might well have left his name as something more than that of an odd obscure dreamer in a forgotten corner of a dying Empire. In

agonizante. À sua maneira singularmente confusa, foi um crente na Austrália antes que a Austrália existisse». Apresentamos — nalguns casos pela primeira vez — oito obras suas, que vão de 1601 a c. 1622 e contendo duzentos e onze desenhos cartográficos, de que reproduzimos uma selecção bastante compreensiva.

João Baptista Lavanha — cartógrafo, cosmógrafo, cronista, genealogista, engenheiro e professor — de quem tratamos a seguir, é um dos grandes nomes na história da cartografia portuguesa. Nascido em meados do século XVI, provàvelmente em Lisboa, faleceu em Madrid em 1624. Reproduzimos todos os seus trabalhos cartográficos que sobreviveram: a notável carta de Aragão, para que fez os trabalhos de campo e depois desenhou em 1615; as três cartas do Oriente na sua edição, de 1615, da *Quarta Década da Ásia* de João de Barros; e o atlas-cosmografia cujas cartas julgamos terem sido desenhadas com a colaboração de Luís Teixeira em 1597-1612, hoje conservado na Biblioteca Reale, em Turim. Além disso enumeramos e descrevemos, ainda que por vezes muito brevemente, todas as suas obras conhecidas que se elevam a mais de vinte.

Chegamos agora a João Teixeira ou João Teixeira Albernaz, que foi o mais notável cartógrafo português da primeira metade do século XVII e talvez de todo esse século. Chamamos-lhe João Teixeira Albernaz I a fim de evitar confusão (que até aqui tem existido) com seu neto, do mesmo nome e também cartógrafo, a quem chamaremos João Teixeira Albernaz II e cuja obra será estudada no Vol. V. João Teixeira Albernaz I nasceu em meados da segunda metade do século XVI e pertenceu a uma grande família de cartógrafos que, durante seis gerações sucessivas, trabalharam desde a primeira metade do século XVI até, pelo menos, fins do século XVII. De facto era neto de Pero Fernandes (que talvez fosse filho, ou pai, de outro cartógrafo também chamado Pero Fernandes), filho de Luís Teixeira, sobrinho de Marcos Fernandes e provàvelmente de Domingos Teixeira, irmão de Pedro Teixeira Albernaz, primo coirmão de Pedro de Lemos, pai de Estêvão Teixeira, avô de João Teixeira Albernaz II, e bisavô de Francisco da Silva Albernaz. Também houve, em 1622, um cosmógrafo chamado Miguel Albernaz que talvez pertencesse à mesma família. A produção cartográfica de João Teixeira Albernaz I foi prodigiosa, tanto em quantidade como em qualidade. Conseguimos reunir vinte e quatro obras por ele assinadas ou a ele atribuídas, compreendendo dezanove atlas, um grupo de quatro e outro de duas cartas, duas cartas separadas, e uma carta incluída num atlas de outro autor — perfazendo ao todo quatrocentas e trinta e nove cartas, a que se podem juntar oito cópias de dois dos atlas, com um total de duzentas e quinze cartas, e duas cartas gravadas do grupo de duas cartas. Todos os trabalhos originais foram feitos entre c. 1616 e 1649, mas segundo parece ele ainda vivia em 1652. Nenhum outro cartógrafo português se pode gabar de obra tão vasta. Quando ao aspecto artístico, as suas cartas são bastante perfeitas e bem equilibradas, e muitas vezes de beleza notável. Além do seu valor cartográfico pròpriamente dito, a obra de João Teixeira Albernaz I é muito importante para a história de Portugal no Brasil. Não só estudamos todos os seus trabalhos cartográficos e reproduzimos completamente os mais importantes de entre eles e uma selecção bastante representativa dos restantes, como também aqui estudamos, muitos documentos ao cartógrafo ligados. É compreensível que, de todo este enorme labirinto de material cartográfico e outros documentos, muita confusão tivesse resultado no passado e que muitos autores frequentemente se desorientassem. Julgamos ter lançado muita nova luz sobre este complicadíssimo problema da produção cartográfica e vida de João Teixeira Albernaz I e que o esclarecemos bastante satisfatòriamente, mesmo que um ou outro dos seus aspectos tenha ficado por resolver.

O último cartógrafo incluído neste Volume é Pedro Teixeira Albernaz, irmão mais novo do anterior, nascido muito provàvelmente no último quartel do século XVI e que faleceu em Madrid em 1622. Estudamos e reproduzimos as suas três únicas cartas conhecidas, todas impressas e com a assinatura Pedro Teixeira ou Pedro Teixeira Albernaz: uma carta dos Estreitos de Magalhães e de S. Vicente, uma notável planta da cidade de Madrid, e uma carta de Portugal, publicadas respectivamente em 1621, 1656 e 1662. Além disso registam-se outras cartas hoje perdidas, estudam-se vários documentos a ele referentes e esclarece-se muita confusão que em volta de tudo isto se tem originado no passado.

Por conseguinte, ocupamo-nos neste Volume de três cartógrafos que morreram antes de findar o século XVI, e quatro que, embora nascidos nesse século, trabalharam na primeira metade do XVII.

Conforme explicámos nas Introduções dos volumes anteriores, achámos apropriado indicar na *Tábua de Matérias,* com as nossas iniciais, (*A. C.*) ou (*T. M.*), o que cada um de nós escreveu — embora a nossa colaboração tenha sido invariàvelmente o mais estreita possível, e em quase todos os casos cada um tivesse de alguma forma ajudado e participado no trabalho do outro.

his queer confused way, he was a believer in Australia before Australia was». We list — in some cases for the first time — eight works of his, dating from 1601 to c. 1622, containing two hundred and eleven cartographic drawings, of which we reproduce a fairly comprehensive selection.

João Baptista Lavanha — cartographer, cosmographer, chronicler, genealogist, engineer, and teacher — with whom we deal next, is one of the great names in the history of Portuguese cartography. Born in the middle of the XVI century, probably in Lisbon, he died in Madrid in 1624. We reproduce all his cartographic works that have survived: the remarkable map of Aragon, for which he made the ground survey and which he drew in 1615; the three maps of the East in his edition of João de Barros' *Quarta Década da Ásia,* of 1615; and the atlas-cosmography, the charts in which were (in our opinion) drawn with the help of Luís Teixeira in 1597-1612, preserved in the Biblioteca Reale, Turin. In addition, we list and describe, although sometimes very briefly, all his known works which add up to over twenty.

We come now to João Teixeira or João Teixeira Albernaz, who was the most notable Portuguese cartographer of the first half of the XVII century, and perhaps of the whole century. We call him João Teixeira Albernaz I in order to avoid confusion (which has existed until now) with his grandson of the same name, also a cartographer, whom we shall call João Teixeira Albernaz II and whose work will be studied in Vol. V. João Teixeira Albernaz I was born in the mid-second half of the XVI century and belonged to a great family of cartographers who, in six successive generations, worked from the first half of the XVI century until at least the end of the XVII century. In fact he was the grandson of Pero Fernandes (who might be the son, or the father, of another cartographer Pero Fernandes), the son of Luís Teixeira, a nephew of Marcos Fernandes and probably Domingos Teixeira, a brother of Pedro Teixeira Albernaz, first cousin of Pedro de Lemos, father of Estêvão Teixeira, grandfather of João Teixeira Albernaz II, and great-grandfather of Francisco da Silva Albernaz. There was also, in 1622, a cosmographer Miguel Albernaz who might belong to the same family. The cartographic output of João Teixeira Albernaz I was prodigious, both in quantity and in quality. We have assembled twenty-four works signed by or attributed to him, comprising nineteen atlases, one group of four and another of two charts, two separate charts, and one chart included in an atlas of different authorship — making in all four hundred and thirty-nine charts, to which may be added eight copies of two of the atlases, with a total of two hundred and fifteen charts, and two engraved charts from the group of two charts. All the original works were made between c. 1616 and 1649, but apparently he was still living in 1652. No other Portuguese cartographer can boast so vast a body of work. From the artistic point of view, his charts are fairly correct and well balanced, and often of conspicuous beauty. Apart from its intrinsic cartographic value, the work of João Teixeira Albernaz I is of great importance for the history of Portugal in Brazil. Besides studying all his cartographic works and reproducing the most important in their entirety and a comprehensive selection of the others, we also study, many documents connected with him. It is understandable that from all this enormous complex of cartographic material and documents much confusion has arisen in the past and that many authors have often been misled. We think that we have now thrown considerable new light on the very complicated problem of the cartographic output and life of João Teixeira Albernaz I and that we have cleared it up satisfactorily enough, even if one or another of its aspects still remains to be solved.

The last cartographer included in the present Volume is Pedro Teixeira Albernaz. A younger brother of the former, born most probably in the last quarter of the XVI century he died in Madrid in 1662. We study and reproduce the only three known maps, all printed and with the signature Pedro Teixeira or Pedro Teixeira Albernaz: a chart of the Straits of Magellan and of S. Vicente, a remarkable plan of the City of Madrid, and a map of Portugal, published respectively in 1621, 1656 and 1662. Besides these, other lost maps are recorded, several documents referring to him are studied, and much confusion, which has grown up round this in the past, has been removed.

We therefore deal in this Volume with three cartographers who died before the end of the XVI century and four who, although born in that century, worked chiefly in the first half of the next.

As explained in the Introductions to the previous Volumes, we have thought it proper, in the *Table of Contents,* to indicate with our initials, either (*A. C.*) or (*T. M.*), what each of us has written — although our collaboration has been invariable the closest possible, and in practically every case we have somehow or other helped and participated in each other's work.

TÁBUA DAS MATÉRIAS

Págs.

Introdução do Vol. IV. (*A. C.*) xiii
Sebastião Lopes e a sua Obra. (*A. C.*) 3
Sebastião Lopes, Carta de 1558, no British Museum, Londres — Estampa 390. (*A. C*). 5
Anónimo-Sebastião Lopes, Carta de c. 1555, no National Maritime Museum, Greenwich — Estampa 391. (*A. C.*) 7
Anónimo-Sebastião Lopes, Atlas Universal de c. 1565, na Newberry Library, Chicago — Estampas 389, 392-406. (*A. C.*) 9
Anónimo-Sebastião Lopes, Carta de c. 1570, na Biblioteca do Paço Ducal da Casa de Bragança, Vila Viçosa — Estampa 407. (*A. C.*) 15
Anónimo-Sebastião Lopes (?), Planisfério de c. 1583, na Bibliothèque Nationale de Paris — Estampa 408. (*A. C.*) 17
Anónimo-Sebastião Lopes, Fragmento de carta de c.1581, no Museo Naval, Madrid — Estampa 409 A. (*A. C.*) 23
Manuel de Mesquita Perestrelo, Carta de 1576, no British Museum, Londres, e na Biblioteca Pública, Évora — Estampa 409 B e C. (*A. C.*) 27
Pero de Magalhães de Gandavo, Carta de c. 1574, na Biblioteca de El Escorial — Estampa 410 A. (*A. C.*) 31
Pedro de Lemos, Carta de 1594, no British Museum, Londres — Estampa 410 B. (*A. C.*). 35
O Cartógrafo Manuel Godinho de Erédia e a sua Obra. (*T. M.*) 39
Manuel Godinho de Erédia, várias obras de 1601 a c. 1616, no Algemeen Rijksarchief, Haia, na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, na Bibliothèque Royale, Bruxelas, na Bibliothèque Nationale de Paris, e na Biblioteca Nacional de Madrid — Estampas 411-413. (*T. M.*) 47
Anónimo-Manuel Godinho de Erédia, Atlas-miscelânia de c. 1615-c.1622, na Colecção de Dr. Carlos M. C. M. Figueira, Lisboa — Estampas 414-422. (*T. M.*). 53
O Cartógrafo João Baptista Lavanha e a sua Obra. (*T. M.*) 63
João Baptista Lavanha, Carta de Aragão de 1615 (1620), na Bibliothèque Nationale de Paris — Estampa 423. (*T. M.*) 69
João Baptista Lavanha, três Cartas gravadas na *Quarta Década da Ásia*, 1615 — Estampa 424. (*T. M.*) 71
Anónimo-João Baptista Lavanha e Luís Teixeira, Atlas-Cosmografia de 1597 e 1612, na Biblioteca Reale, Turim — Estampas 424 C & 425-440. (*T. M.*) 73
O Cartógrafo João Teixeira I ou João Teixeira Albernaz I e a sua Obra. (*T. M.*) 79
Anónimo-João Teixeira Albernaz I, dezoito Cartas no Códice *Rezão do Estado do Brasil* de c. 1616, na Biblioteca Pública Municipal do Porto — Estampas 441-445. (*T. M.*) 93
João Teixeira I, vinte e duas Cartas no *Livro que dá Rezaõ do Estado do Brasil* de c. 1626, no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Rio de Janeiro — Estampas 446-452. (*T. M.*) 99
João Teixeira Albernaz I, Atlas do Brasil de 1627, na Bibliothèque Nationale de Paris — Estampas 453-458. (*T. M.*) 103
Anónimo-João Teixeira Albernaz I, Atlas Universal de c. 1628, «Duchesse de Berry», na Bibliothèque Nationale de Paris — Estampas 459-463. (*T. M.*) 107
João Teixeira I, Atlas Universal de 1630, na Library of Congress, Washington — Estampas 464-472. (*T. M*) 111
João Teixeira Albernaz I, Atlas do Brasil de 1631, na Mapoteca do Ministério das Relações Exteriores, Rio de Janeiro — Estampas 473-481. (*T. M.*) 119
Anónimo-João Teixeira Albernaz I, Atlas Universal de c. 1632, na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro — Estampas 482-486. (*T. M.*) 123
João Teixeira I, Atlas do Brasil de 1640, no Arquivo Histórico do Ministério das Finanças, Lisboa — Estampas 487-496. (*T. M.*) 125
Anónimo-João Teixeira Albernaz I, grupo de quatro Cartas de c. 1640, no Musée Naval de Toulon — Estampas 497-498. (*T. M.*) 133
João Teixeira I, Atlas do Brasil de 1642, na Biblioteca da Ajuda, Lisboa — Estampas 499-502. (*T. M.*) 135
João Teixeira I, Atlas Universal de 1643, pertencente ao Eng.º José Caetano Salema Garção, Lisboa — Estampas 503-506. (*T. M.*) 137
João Teixeira I, duas Cartas de 1645 e 1646, no Arquivo Histórico Ultramarino, Lisboa, e na biblioteca do Institut de France, Paris — Estampas 507-508. (*T. M.*). 139
João Teixeira I, Atlas da Costa de Portugal de 1648, na Sociedade de Geografia, Lisboa — Estampas 509-510. (*T. M.*) 141
Anónimo-João Teixeira Albernaz I, Atlas das cidades e fortalezas da Índia Oriental de c. 1648, na Bayerische Staatsbibliothek, Munique — Estampas 511-512. (*T. M.*) 145
João Teixeira I, duas Cartas gravadas e duas Cartas manuscritas de 1649, na Bibliothèque Nationale de Paris — Estampas 513-516. (*T. M.*) 147
O Cartógrafo Pedro Teixeira Albernaz e a sua Obra (*T. M.*) 153
Pedro Teixeira Albernaz, três Cartas gravadas: Carta dos Estreitos de Magalhães e de S. Vicente de 1619 (1621) — Estampa 517; Planta de Madrid de 1656 — Estampa 518; Mapa de Portugal de 1662 — Estampa 519. (*T. M.*) 157

NO FIM DO VOL. V ENCONTRA-SE UM ÍNDICE GERAL PORMENORIZADO DOS CINCO VOLUMES.

TABLE OF CONTENTS

Page

Introduction to Vol. IV. (*A. C.*) xiii
Sebastião Lopes and his Work. (*A. C.*) 3
Sebastião Lopes, Chart of 1558, in the British Museum, London — Plate 390. (*A. C.*). 5
Anonymous-Sebastião Lopes, Chart of c. 1555, in the National Maritime Museum, Greenwich — Plate 391. (*A. C.*) 7
Anonymous-Sebastião Lopes, World Atlas of c. 1565, in the Newberry Library, Chicago — Plates 389, 392-406. (*A. C.*) 9
Anonymous-Sebastião Lopes, Chart of c. 1570, in the Library of the Ducal Palace of Bragança, Vila Viçosa — Plate 407. (*A. C.*) 15
Anonymous-Sebastião Lopes (?), Planisphere of c. 1583, in the Bibliothèque Nationale, Paris — Plate 408. (*A. C.*) 17
Anonymous-Sebastião Lopes, Fragment of Chart of c. 1581, in the Museo Naval, Madrid — Plate 409 A. (*A. C.*) 23
Manuel de Mesquita Perestrelo, Chart of 1576, in the British Museum, London, and in the Biblioteca Pública, Évora — Plate 409 B and C. (*A. C.*) 27
Pero de Magalhães de Gandavo, Chart of c. 1574, in the Biblioteca de El Escorial — Plate 410 A. (*A. C.*) 31
Pedro de Lemos, Chart of 1594, in the British Museum, London — Plate 410 B. (*A. C.*) 35
The Cartographer Manuel Godinho de Erédia and his Work. (*T. M.*) 39
Manuel Godinho de Erédia, various works from 1601 to c. 1616, in the Algemeen Rijksarchief, The Hague, in the Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, in the Bibliothèque Royale, Brussels, in the Bibliothèque Nationale, Paris, and in Biblioteca Nacional, Madrid — Plates 411-413. (*T. M.*) 47
Anonymous-Manuel Godinho de Erédia, Atlas-miscellany of c. 1615 - c. 1622, in the Collection of Dr. Carlos M. C. M. Figueira, Lisbon — Plates 414-422. (*T. M.*) 53
The Cartographer João Baptista Lavanha and his Work. (*T. M.*) 63
João Baptista Lavanha, Map of Aragon, 1615 (1620), in the Bibliothèque Nationale, Paris — Plate 423. (*T. M.*) 69
João Baptista Lavanha, three engraved Charts in the *Quarta Década da Ásia*, 1615 — Plate 424. (*T. M.*) 71
Anonymous-João Baptista Lavanha & Luís Teixeira, Atlas-Cosmography of 1597 and 1612, in the Biblioteca Reale, Turin — Plates 424 C & 425-440. (*T. M.*). 73
The Cartographer João Teixeira I or João Teixeira Albernaz I and his Work. (*T. M.*). 79
Anonymous-João Teixeira Albernaz I, eighteen Charts in the Codex *Rezão do Estado do Brasil* of c. 1616, in the Biblioteca Pública Municipal, Oporto — Plates 441-445. (*T. M.*) 93
João Teixeira I, twenty-two Charts in the *Livro que dá Rezaõ do Estado do Brasil* of c. 1626, in the Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Rio de Janeiro — Plates 446-452. (*T. M.*) 99
João Teixeira Albernaz I, Atlas of Brazil of 1627, in the Bibliothèque Nationale, Paris — Plates 453-458. (*T. M.*) 103
Anonymous-João Teixeira Albernaz I, World Atlas of c. 1628, «Duchesse de Berry», in the Bibliothèque Nationale, Paris — Plates 459-463. (*T. M.*) 107
João Teixeira I, World Atlas of 1630, in the Library of Congress, Washington — Plates 464-472. (*T. M.*) 111
João Teixeira Albernaz I, Atlas of Brazil of 1631, in the Mapoteca of the Ministério das Relações Exteriores, Rio de Janeiro — Plates 473-481. (*T. M.*) 119
Anonymous-João Teixeira Albernaz I, World Atlas of c. 1632 in the Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro — Plates 482-486. (*T. M.*) 123
João Teixeira I, Atlas of Brazil of 1640, in the Arquivo Histórico do Ministério das Finanças, Lisbon — Plates 487-496. (*T. M.*) 125
Anonymous-João Teixeira Albernaz I, group of four Charts of c. 1640, in the Musée Naval, Toulon — Plates 497-498. (*T. M.*) 133
João Teixeira I, Atlas of Brazil of 1642, in the Biblioteca da Ajuda, Lisbon — Plates 499-502. (*T. M.*) 135
João Teixeira I, World Atlas of 1643, belonging to Engr. José Caetano Salema Garção, Lisbon — Plates 503-506. (*T. M.*) 137
João Teixeira I, two Charts of 1645 and 1646, in the Arquivo Histórico Ultramarino, Lisbon, and in the library of the Institut de France, Paris — Plates 507-508. (*T. M.*) 139
João Teixeira I, Atlas of the Coast of Portugal of 1648, in the Sociedade de Geografia, Lisbon — Plates 509-510. (*T. M.*) 141
Anonymous-João Teixeira Albernaz I, Atlas of the cities and fortresses of Oriental India of c. 1648, in the Bayerische Staatsbibliothek, Munich — Plates 511-512. (*T. M.*) 145
João Teixeira I, two engraved Charts and two manuscript Charts of 1649, in the Bibliothèque Nationale, Paris — Plates 513-516. (*T. M.*) 147
The Cartographer Pedro Teixeira Albernaz and his Work. (*T. M.*) 153
Pedro Teixeira Albernaz, three engraved Charts: Chart of the Straits of Magellan and S. Vicente of 1619 (1621) — Plate 517; Plan of Madrid of 1656 — Plate 518; Map of Portugal of 1662 — Plate 519. (*T. M.*) 157

A DETAILED GENERAL INDEX OF THE FIVE VOLUMES IS GIVEN AT THE END OF VOL. V.

LISTA DAS ESTAMPAS

Estampa

389 — Anónimo-Sebastião Lopes, *Crucificação*, Frontispício do Atlas de c. 1565, na Newberry Library, Chicago. *A cores.*

390 — Sebastião Lopes, Carta de 1558, no British Museum, Londres. *A cores.*

391 — Anónimo-Sebastião Lopes, Carta de c. 1555, no National Maritime Museum, Greenwich.

392 — Anónimo-Sebastião Lopes, Atlas de c. 1565, na Newberry Library, Chicago, Fols. 3 r - 6 r.

393 — *Idem*, Fols. 7 r - 9 v.

394 — *Idem*, Fols. 10 r - 12 v.

395 — *Idem*, Fols. 13 r e 24 v.

396 — *Idem*, Fols. 13 v - 14 r.

397 — *Idem*, Fols. 14 v - 15 r.

398 — *Idem*, Fols. 15 v - 16 r.

399 — *Idem*, Fols. 16 v - 17 r.

400 — *Idem*, Fols. 17 v - 18 r.

401 — *Idem*, Fols. 18 v - 19 r.

402 — *Idem*, Fols. 19 v - 20 r.

403 — *Idem*, Fols. 20 v - 21 r.

404 — *Idem*, Fols. 21 v - 22 r.

405 — *Idem*, Fols. 22 v - 23 r. *A cores.*

406 — *Idem*, Fols. 23 v - 24 r. *A cores.*

407 — Anónimo-Sebastião Lopes, Carta de c. 1570, na Biblioteca do Paço Ducal da Casa de Bragança, Vila Viçosa.

408 — Anónimo-Sebastião Lopes (?), Planisfério de c. 1583, na Bibliothèque Nationale, Paris.

409 A — Anónimo-Sebastião Lopes, Fragmento de Carta de c. 1581, no Museo Naval, Madrid.

409 B — Manuel de Mesquita Perestrelo, Carta de 1576, na Biblioteca Pública, Évora.

409 C — Manuel de Mesquita Perestrelo, Carta de 1576, no British Museum, London.

410 A — Pero de Magalhães de Gandavo, Carta de c. 1574, na Biblioteca de El Escorial.

410 B — Pedro de Lemos, Carta de 1594, no British Museum, London.

411 A — Manuel Godinho de Erédia, Carta de 1601, no Algemeen Rijksarchief, Den Hage.

411 B, C — Manuel Godinho de Erédia, duas Cartas de 1602, na Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro.

411 D-F — Manuel Godinho de Erédia, Atlas de 1610, na Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, Fols. 9, 20 e 3.

412 — Manuel Godinho de Erédia, *Declaraçam de Malaca* de 1613, na Bibliothèque Royale, Bruxelles, Fols. 34, 28 r, 61 r, 61 v, 12, 9 r, 8 r, 7 r, 52, 24 v, 47 v e 48 v.

413 A, B — Manuel Godinho de Erédia, *Tratado Ophirico* de 1616, na Bibliothèque Nationale, Paris, Fols. 58 e 15.

413 C — Anónimo-Manuel Godinho de Erédia, Carta de c. 1616, na Biblioteca Nacional, Madrid.

414 — Anónimo-Manuel Godinho de Erédia, Atlas-miscelânea de c. 1615-c. 1622, na Colecção do Dr. C. M. C. Machado Figueira, Lisboa, Fols. 3 r, 17 r, 5 r, 6 r, 7 r e 8 r.

415 — *Idem*, Fols. 30 r, 30 v, 44 r, 43 r, 45 r e 50 r.

416 — *Idem*, Fols. 32 r, 29 v, 28 v, 42 r, 31 r e 39 v.

417 — *Idem*, Fols. 38 r, 41 r, 39 r, 40 r, 51 r e 52 r.

418 — *Idem*, Fols. 59 r, 60 r, 61 r, 58 r, 54 r e 53 r.

419 — *Idem*, Fols. 62 r, 64 r, 63 r, 65 r, 67 r e 38 v.

420 — *Idem*, Fols. 85 r, 89 v, 88 r, 83 r, 92 r e 100 r.

421 — *Idem*, Fols. 96 r, 102 r, 84 r, 104 r, 110 r e 105 r.

422 — *Idem*, Fols. 73 r, 76 r, 80 r, 75 r, 77 r e 81 r.

423 — João Baptista Lavanha, Carta de Aragão de 1615 (1620), edição de 1622, na Bibliothèque Nationale, Paris.

424 A, B, D — João Baptista Lavanha, três Cartas de 1615, na Quarta *Década da Asia*.

424 C — Anónimo-João Baptista Lavanha e Luís Teixeira, Atlas-cosmografia de 1597 e 1612, na Biblioteca Reale, Torino, Fol. 1 v.

425 — *Idem*, Fols. 2 r, 2 v e 4 r.

426 — *Idem*, Fol. 3 r. *A cores.*

427 — *Idem*, Fols. 4 v, 5 r, 5 v e 6 r.

428 — *Idem*, Fols. 6 v, 7 r, 7 v e 8 r.

429 — *Idem*, Fols. 8 v, 9 r, 9 v e 10 r.

430 — *Idem*, Fols. 10 v, 11 r, 11 v e 12 r.

431 — *Idem*, Fols. 12 v, 13 r, 13 v e 14 r.

432 — *Idem*, Fols. 14 v, 15 r, 15 v e 16 r.

433 — *Idem*, Fols. 16 v, 17 r, 17 v e 18 r.

434 — *Idem*, Fols. 18 v, 19 r, 19 v e 20 r.

435 — *Idem*, Fols. 20 v, 21 r, 21 v e 22 r.

436 — *Idem*, Fols. 22 v, 23 r, 23 v e 24 r.

437 — *Idem*, Fols. 24 v, 25 r, 25 v e 26 r.

438 — *Idem*, Fols. 26 v, 27 r, 27 v e 28 r.

439 — *Idem*, Fols. 28 v, 29 r, 30 r e 29 v.

440 — *Idem*, Fols. 30 v, 31 r, 31 v e 32 r.

441 — Anónimo-João Teixeira Albernaz I, *Rezão do Estado do Brasil* de c. 1616, na Biblioteca Pública Municipal, Porto, Cartas primeira, segunda, terceira e quarta.

LIST OF PLATES

Plate

389 — Anonymous-Sebastião Lopes, *Crucifixion*, Frontispiece of the Atlas of c. 1565, in the Newberry Library, Chicago. *In colour.*

390 — Sebastião Lopes, Chart of 1558, in the British Museum, London. *In colour.*

391 — Anonymous-Sebastião Lopes, Chart of c. 1555, in the National Maritime Museum, Greenwich.

392 — Anonymous-Sebastião Lopes, Atlas of c. 1565, in the Newberry Library, Chicago, Fols. 3 r - 6 r.

393 — *Idem*, Fols. 7 r - 9 v.

394 — *Idem*, Fols. 10 r - 12 v.

395 — *Idem*, Fols. 13 r and 24 v.

396 — *Idem*, Fols. 13 v - 14 r.

397 — *Idem*, Fols. 14 v - 15 r.

398 — *Idem*, Fols. 15 v - 16 r.

399 — *Idem*, Fols. 16 v - 17 r.

400 — *Idem*, Fols. 17 v - 18 r.

401 — *Idem*, Fols. 18 v - 19 r.

402 — *Idem*, Fols. 19 v - 20 r.

403 — *Idem*, Fols. 20 v - 21 r.

404 — *Idem*, Fols. 21 v - 22 r.

405 — *Idem*, Fols. 22 v - 23 r. *In colour.*

406 — *Idem*, Fols. 23 v - 24 r. *In colour.*

407 — Anonymous-Sebastião Lopes, Chart of c. 1570, in the Library of the Ducal Palace of Bragança, Vila Viçosa.

408 — Anonymous-Sebastião Lopes (?), Planisphere of c. 1583, in the Bibliothèque Nationale, Paris.

409 A — Anonymous-Sebastião Lopes, Fragment of Chart of c. 1581, in the Museo Naval, Madrid.

409 B — Manuel de Mesquita Perestrelo, Chart of 1576, in the Biblioteca Pública, Évora.

409 C — Manuel de Mesquita Perestrelo, Chart of 1576, in the British Museum, London.

410 A — Pero de Magalhães de Gandavo, Chart of c. 1574, in the Biblioteca de El Escorial.

410 B — Pedro de Lemos, Chart of 1594, in the British Museum, London.

411 A — Manuel Godinho de Erédia, Chart of 1601, in the Algemeen Rijksarchief, Den Hage.

411 B, C — Manuel Godinho de Erédia, two Charts of 1602, in the Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro.

411 D-F — Manuel Godinho de Erédia, Atlas of 1610, in the Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, Fols. 9, 20 and 3.

412 — Manuel Godinho de Erédia, *Declaraçam de Malaca* of 1613, in the Bibliothèque Royale, Bruxelles, Fols. 34, 28 r, 61 r, 61 v, 12, 9 r, 8 r, 7 r, 52, 24 v, 47 v and 48 v.

413 A, B — Manuel Godinho de Erédia, *Tratado Ophirico* of 1616, in the Bibliothèque Nationale, Paris, Fols. 58 and 15.

413 C — Anonymous-Manuel Godinho de Erédia, Chart of c. 1616, in the Biblioteca Nacional, Madrid.

414 — Anonymous-Manuel Godinho de Erédia, Atlas-miscellany of c. 1615-c. 1622, in the Collection of Dr. C. M. C. Machado Figueira, Lisboa, Fols. 3 r, 17 r, 5 r, 6 r, 7 r and 8 r.

415 — *Idem*, Fols. 30 r, 30 v, 44 r, 43 r, 45 r and 50 r.

416 — *Idem*, Fols. 32 r, 29 v, 28 v, 42 r, 31 r and 39 v.

417 — *Idem*, Fols. 38 r, 41 r, 39 r, 40 r, 51 r and 52 r.

418 — *Idem*, Fols. 59 r, 60 r, 61 r, 58 r, 54 r and 53 r.

419 — *Idem*, Fols. 62 r, 64 r, 63 r, 65 r, 67 r and 38 v.

420 — *Idem*, Fols. 85 r, 89 v, 88 r, 83 r, 92 r and 100 r.

421 — *Idem*, Fols. 96 r, 102 r, 84 r, 104 r, 110 r and 105 r.

422 — *Idem*, Fols. 73 r, 76 r, 80 r, 75 r, 77 r and 81 r.

423 — João Baptista Lavanha, Map of Aragon of 1615 (1620), 1622 edition, in the Bibliothèque Nationale, Paris.

424 A, B, D — João Baptista Lavanha, three Charts of 1615, in the Fourth *Década da Asia*.

424 C — Anonymous-João Baptista Lavanha and Luís Teixeira, Atlas-cosmography of 1597 and 1612, in the Biblioteca Reale, Torino, Fol. 1 v.

425 — *Idem*, Fols. 2 r, 2 v and 4 r.

426 — *Idem*, Fol. 3 r. *In colour.*

427 — *Idem*, Fols. 4 v, 5 r, 5 v and 6 r.

428 — *Idem*, Fols. 6 v, 7 r, 7 v and 8 r.

429 — *Idem*, Fols. 8 v, 9 r, 9 v and 10 r.

430 — *Idem*, Fols. 10 v, 11 r, 11 v and 12 r.

431 — *Idem*, Fols. 12 v, 13 r, 13 v and 14 r.

432 — *Idem*, Fols. 14 v, 15 r, 15 v and 16 r.

433 — *Idem*, Fols. 16 v, 17 r, 17 v and 18 r.

434 — *Idem*, Fols. 18 v, 19 r, 19 v and 20 r.

435 — *Idem*, Fols. 20 v, 21 r, 21 v and 22 r.

436 — *Idem*, Fols. 22 v, 23 r, 23 v and 24 r.

437 — *Idem*, Fols. 24 v, 25 r, 25 v and 26 r.

438 — *Idem*, Fols. 26 v, 27 r, 27 v and 28 r.

439 — *Idem*, Fols. 28 v, 29 r, 30 r and 29 v.

440 — *Idem*, Fols. 30 v, 31 r, 31 v and 32 r.

441 — Anonymous-João Teixeira Albernaz I, *Rezão do Estado do Brasil* de c. 1616, in the Biblioteca Pública Municipal, Porto, first, second, third, and fourth Charts.

Estampa

442 — *Idem,* Cartas quinta, sexta, sétima e oitava.
443 — *Idem,* Cartas nona, décima e décima primeira.
444 — *Idem,* Cartas décima segunda, décima terceira e décima quarta.
445 — *Idem,* Cartas décima quinta, décima sexta, décima sétima e décima oitava.
446 — João Teixeira Albernaz I, *Livro que dá Rezaõ do Estado do Brasil* de c. 1626, no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Rio de Janeiro, Carta primeira. *A cores.*
447 — *Idem,* Cartas segunda, terceira, quarta e quinta.
448 — *Idem,* Cartas sexta, sétima, oitava e nona.
449 — *Idem,* Cartas décima primeira e décima quarta.
450 — *Idem,* Cartas décima segunda, décima e décima terceira.
451 — *Idem,* Cartas décima quinta, décima sexta, décima sétima e décima oitava.
452 — *Idem,* Cartas décima nona, vígésima, vigésima primeira e vigésima segunda.
453 — João Teixeira Albernaz I, Atlas de 1627, na Bibliothèque Nationale, Paris, Carta primeira.
454 — *Idem,* Cartas segunda, terceira, quarta e quinta.
455 — *Idem,* Cartas sexta, sétima, oitava e nona.
456 — *Idem,* Cartas décima primeira e décima segunda.
457 — *Idem,* Cartas décima, décima terceira, décima quarta e décima quinta.
458 — *Idem,* Cartas décima sexta, décima sétima, décima oitava e décima nona.
459 — Anónimo-João Teixeira Albernaz I, Atlas de c. 1628, na Bibliothèque Nationale, Paris, Cartas primeira, terceira, quarta e quinta.
460 — *Idem,* Cartas sétima, sexta, oitava e nona.
461 — *Idem,* Cartas décima segunda, décima terceira, décima primeira e décima.
462 — *Idem,* Cartas décima sétima, vigésima, décima oitava e décima nona.
463 — *Idem,* Cartas décima quarta, segunda, décima quinta e décima sexta.
464 — João Teixeira I, Atlas de 1630, na Library of Congress, Washington, Carta primeira.
465 — *Idem,* Cartas vigésima primeira e vigésima terceira.
466 — *Idem,* Cartas terceira e sexta.
467 — *Idem,* Cartas décima segunda e nona.
468 — *Idem,* Cartas décima quinta e trigésima.
469 — *Idem,* Cartas vigésima sexta e vigésima sétima.
470 — *Idem,* Cartas décima sétima, décima nona, décima oitava e vigésima quinta.
471 — *Idem,* Cartas vigésima quarta, quarta, quinta, vigésima oitava, sétima e oitava.
472 — *Idem,* Cartas décima, décima primeira, décima terceira, décima quarta, vigésima, vigésima segunda, vigésima nona, segunda e décima sexta.
473 — João Teixeira Albernaz I, Atlas de 1631, no Ministério das Relações Exteriores, Rio de Janeiro, Cartas primeira, segunda, terceira e quarta.
474 — *Idem,* Cartas quinta, sexta, sétima e oitava.
475 — *Idem,* Cartas nona, décima, décima primeira e décima segunda.
476 — *Idem,* Cartas décima terceira, décima quarta, décima quinta e décima sexta.
477 — *Idem,* Cartas décima sétima, décima oitava, décima nona e vigésima.
478 — *Idem,* Cartas vigésima primeira, vigésima segunda, vigésima terceira e vigésima quarta.
479 — *Idem,* Cartas vigésima quinta, vigésima sexta, vigésima sétima e vigésima oitava.
480 — *Idem,* Cartas vigésima nona, trigésima, trigésima primeira e trigésima segunda.
481 — *Idem,* Cartas trigésima terceira, trigésima quarta, trigésima quinta e trigésima sexta.
482 — Anónimo-João Teixeira Albernaz I, Atlas de c. 1632, na Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, Fol. 1 v - 2 r.
483 — *Idem,* Fols. 16 v - 17 r e 31 v - 32 r.
484 — *Idem,* Fols. 34 v - 35 r e 37 v - 38 r.
485 — *Idem,* Fols. 43 v - 44 r e 40 v - 41 r.
486 — *Idem,* Fols. 31 r, 35 v, 40 r, 33 v, 16 r, 18 v e 45 v.
487 — João Teixeira I, Atlas de 1640, no Arquivo Histórico do Ministério das Finanças, Lisboa, Cartas primeira, segunda e terceira.
488 — *Idem,* Cartas quarta, quinta, sexta e sétima.
489 — *Idem,* Cartas oitava, nona, décima e décima primeira.
490 — *Idem,* Cartas décima segunda, décima terceira, décima quarta e décima quinta.
491 — *Idem,* Cartas décima sexta, décima sétima, décima oitava e décima nona.
492 — *Idem,* Cartas vigésima, vigésima primeira, vigésima segunda e vigésima terceira.
493 — *Idem,* Cartas vigésima quarta, vigésima quinta, vigésima sexta e vigésima sétima.
494 — *Idem,* Cartas vigésima oitava, vigésima nona, trigésima e trigésima primeira.
495 — João Teixeira I, 1640 (Cópias), em Paris, Rio de Janeiro, Belém do Pará e Lisboa, Carta primeira.
496 — *Idem,* Cartas vigésima terceira, vigésima quarta e trigésima primeira (2).
497 — Anónimo-João Teixeira Albernaz I, grupo de quatro Cartas de c. 1640 no Musée Naval, Toulon, Cartas primeira e segunda. *A cores.*
498 — *Idem,* Cartas terceira e quarta. *A cores.*
499 — João Teixeira I, Atlas de 1642, na Biblioteca da Ajuda, Lisboa, Cartas primeira, segunda, terceira, quarta e quinta.
500 — *Idem,* Cartas sexta, sétima, oitava, nona, décima e décima primeira.
501 — *Idem,* Cartas décima segunda, décima terceira, décima quarta, décima quinta, décima sexta e décima sétima.
502 — *Idem,* Cartas décima oitava, décima nona, vigésima, vigésima primeira, vigésima segunda e vigésima terceira.
503 — João Teixeira I, Atlas de 1643, colecção do Eng.º J. C. Salema Garção, Lisboa, Cartas primeira e quarta. *A cores.*
504 — *Idem,* Cartas segunda e terceira.
505 — *Idem,* Cartas quinta e sétima.
506 — *Idem,* Cartas sexta e oitava.
507 — João Teixeira I, Carta de 1645, no Arquivo Histórico Ultramarino, Lisboa.
508 — João Teixeira I, Carta de 1646, no Institut de France, Paris. *A cores.*
509 — João Teixeira I, Atlas de 1648, na Sociedade de Geografia de Lisboa, Cartas primeira, segunda, terceira, quarta, quinta, sexta, sétima e oitava.
510 — *Idem,* Cartas nona, décima, décima primeira, décima segunda, décima terceira, décima quarta, décima quinta e décima sexta.
511 — Anónimo-João Teixeira Albernaz I, Atlas de c. 1648, na Bayerische Staatsbibliothek,

Plate

442 — *Idem,* fifth, sixth, seventh and eighth Charts.
443 — *Idem,* ninth, tenth and eleventh Charts.
444 — *Idem,* twelfth, thirteenth and fourteenth Charts.
445 — *Idem,* fifteenth, sixteenth, seventeenth and eighteenth Charts.
446 — João Teixeira Albernaz I, *Livro que dá Rezaõ do Estado do Brasil* of c. 1626, in the Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Rio de Janeiro, first Chart. *In colour.*
447 — *Idem,* second, third, fourth and fifth Charts.
448 — *Idem,* sixth, seventh, eight and ninth Charts.
449 — *Idem,* eleventh and fourteenth Charts.
450 — *Idem,* twelfth, tenth and thirteenth Charts.
451 — *Idem,* fifteenth, sixteenth, seventeenth and eighteenth Charts.
452 — *Idem,* nineteenth, twentieth, twenty-first and twenty-second Charts.
453 — João Teixeira Albernaz I, Atlas of 1627, in the Bibliothèque Nationale, Paris, first Chart.
454 — *Idem,* second, third, fourth and fifth Charts.
455 — *Idem,* sixth, seventh, eighth and ninth Charts.
456 — *Idem,* eleventh and twelfth Charts.
457 — *Idem,* tenth, thirteenth, fourteenth and fifteenth Charts.
458 — *Idem,* sixteenth, seventeenth, eighteenth and nineteenth Charts.
459 — Anonymous-João Teixeira Albernaz I, Atlas of c. 1628, in the Bibliothèque Nationale, Paris, first, third, fourth and fifth Charts.
460 — *Idem,* seventh, sixth, eighth and ninth Charts.
461 — *Idem,* twelfth, thirteenth, eleventh and tenth Charts.
462 — *Idem,* seventeenth, twentieth, eighteenth and nineteenth Charts.
463 — *Idem,* fourteenth, second, fifteenth and sixteenth Charts.
464 — João Teixeira I, Atlas of 1630, in the Library of Congress, Washington, first Chart.
465 — *Idem,* twenty-first and twenty-third Charts.
466 — *Idem,* third and sixth Charts.
467 — *Idem,* twelfth and ninth Charts.
468 — *Idem,* fifteenth and thirtieth Charts.
469 — *Idem,* twenty-sixth and twenty-seventh Charts.
470 — *Idem,* seventeenth, nineteenth, eighteenth and twenty-fifth Charts.
471 — *Idem,* twenty-fourth, fourth, fifth, twenty-eighth, seventh and eighth Charts.
472 — *Idem,* tenth, eleventh, thirteenth, fourteenth, twentieth, twenty-second, twenty-ninth, second and sixteenth Charts.
473 — João Teixeira Albernaz I, Atlas of 1631, in the Ministério das Relações Exteriores, Rio de Janeiro, first, second, third and fourth Charts.
474 — *Idem,* fifth, sixth, seventh and eighth Charts.
475 — *Idem,* ninth, tenth, eleventh and twelfth Charts.
476 — *Idem,* thirteenth, fourteenth, fifteenth and sixteenth Charts.
477 — *Idem,* seventeenth, eighteenth, nineteenth and twentieth Charts.
478 — *Idem,* twenty-first, twenty-second, twenty-third and twenty-fourth Charts.
479 — *Idem,* twenty-fifth, twenty-sixth, twenty-seventh and twenty-eighth Charts.
480 — *Idem,* twenty-ninth, thirtieth, thirty-first and thirty-second Charts.
481 — *Idem,* thirty-third, thirty-fourth, thirty-fifth and thirty-six Charts.
482 — Anonymous-João Teixeira Albernaz I, Atlas of c. 1632, in the Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, Fol. 1 v - 2 r.
483 — *Idem,* Fols. 16 v - 17 r and 31 v - 32 r.
484 — *Idem,* Fols. 34 v - 35 r and 37 v - 38 r.
485 — *Idem,* Fols. 43 v - 44 r and 40 v - 41 r.
486 — *Idem,* Fols. 31 r, 35 v, 40 r, 33 v, 16 r, 18 v and 45 v.
487 — João Teixeira I, Atlas of 1640, in the Arquivo Histórico do Ministério das Finanças, Lisboa, first, second and third Charts.
488 — *Idem,* fourth, fifth, sixth and seventh Charts.
489 — *Idem,* eighth, ninth, tenth and eleventh Charts.
490 — *Idem,* twelfth, thirteenth, fourteenth and fifteenth Charts.
491 — *Idem,* sixteenth, seventeenth, eighteenth and nineteenth Charts.
492 — *Idem,* twentieth, twenty-first, twenty-second and twenty-third Charts.
493 — *Idem,* twenty-fourth, twenty-fifth, twenty-sixth and twenty-seventh Charts.
494 — *Idem,* twenty-eighth, twenty-ninth, thirtieth and thirty-first Charts.
495 — João Teixeira I, Atlas of 1640 (Copies), in Paris, Rio de Janeiro, Belém do Pará and Lisboa, first Chart.
496 — *Idem,* twenty-third, twenty fourth and thirty-first (2) Charts.
497 — Anonymous-João Teixeira Albernaz I, group of four Charts of c. 1640, in the Musée Naval, Toulon, first and second Charts. *In colour.*
498 — *Idem,* third and fourth Charts. *In colour.*
499 — João Teixeira I, Atlas of 1642, in the Biblioteca da Ajuda, Lisboa, first, second, third, fourth and fifth Charts.
500 — *Idem,* sixth, seventh, eighth, ninth, tenth and eleventh Charts.
501 — *Idem,* twelfth, thirteenth, fourteenth, fifteenth, sixteenth and seventeenth Charts.
502 — *Idem,* eighteenth, nineteenth, twentieth, twenty-first, twenty-second and twenty-third.
503 — João Teixeira I, Atlas, of 1643, colection of Eng.r J. C. Salema Garção, Lisboa, first and fourth Charts. *In colour.*
504 — *Idem,* second and third Charts.
505 — *Idem,* fifth and seventh Charts.
506 — *Idem,* sixth and eighth Charts.
507 — João Teixeira I, Carta of 1645, in the Arquivo Histórico Ultramarino, Lisboa.
508 — João Teixeira I, Chart of 1646, in the Institut de France, Paris. *In colour.*
509 — João Teixeira I, Atlas of 1648, in the Sociedade de Geografia de Lisboa, first, second, third, fourth, fifth, sixth, seventh and eighth Charts.
510 — *Idem,* ninth, tenth, eleventh, twelfth, thirteenth, fourteenth, fifteenth and sixteenth Charts.
511 — Anonymous-João Teixeira Albernaz I, Atlas of c. 1648, in the Bayerische Staatsbibliothek,

Estampa

München, Mapas primeiro, segundo, terceiro, quarto, quinto, sexto, sétimo, oitavo, nono, décimo, décimo primeiro e décimo segundo.

512 — *Idem,* Mapas décimo terceiro, décimo quarto, décimo quinto, décimo sexto, décimo sétimo, décimo oitavo, décimo nono, vigésimo, vigésimo primeiro, vigésimo segundo e vigésimo terceiro.

513 — João Teixeira I, grupo de duas cartas de 1649, na Bibliothèque Nationale, Paris, Carta primeira.

514 — *Idem,* Carta segunda.

515 — João Teixeira I, grupo de duas cartas de 1649 in *Relation de divers voyages curieux,* de Melchisedec Thévenot, 1664, Carta primeira.

516 — *Idem,* Carta segunda.

517 — Pedro Teixeira Albernaz, Carta de 1619 in *Relación del Viaje,* de B. G. de Nodal e G. de Nodal, 1621.

518 — Pedro Teixeira Albernaz, Carta de 1656 (Planta de Madrid).

519 — Pedro Teixeira Albernaz, Carta de 1662 (Mapa de Portugal).

Plate

München, first, second, third, fourth, fifth, sixth, seventh, eighth, ninth, tenth, eleventh and twelfth Maps.

512 — *Idem,* thirteenth, fourteenth, fifteenth, sixteenth, seventeenth, eighteenth, nineteenth, twentieth, twenty-first, twenty-second and twenty-third Maps.

513 — João Teixeira I, group of two charts of 1649, in the Bibliothèque Nationale, Paris, first Chart.

514 — *Idem,* second Chart.

515 — João Teixeira I, group of two charts of 1649 in Melchisedec Thévenot's *Relation de divers voyages curieux,* 1664, first Chart.

516 — *Idem,* second Chart.

517 — Pedro Teixeira Albernaz, Chart of 1619 in B. G. de Nodal and G. de Nodal's *Relación del Viaje,* 1621.

518 — Pedro Teixeira Albernaz, Chart of 1656 (Plan of Madrid).

519 — Pedro Teixeira Albernaz, Chart of 1662 (Map of Portugal).

ÍNDICE DAS FIGURAS NO TEXTO

Págs.

FIG. 1 — A Crucificação, de Miguel Ângelo, no British Museum 11
FIG. 2 — Esboço do antigo selo duas vezes impresso em lacre na margem esquerda do do Planisfério «1.0.4.» 17
FIG. 3 — Manuel de Mesquita Perestrelo: A — Espécime do texto no códice de Londres; B — Espécime do texto no códice de Évora 30
FIG. 4 — Espécime do texto original da *Historia da Prouincia Sancta Cruz* de Pero de Magalhães de Gandavo, c. 1574, na Biblioteca de El Escorial 33
FIG. 5 — Auto-retrato de Manuel Godinho de Erédia, 1613 40
FIG. 6 — Assinatura de Manuel Godinho de Erédia, na dedicatória da *Declaraçam de Malaca,* 24 de Novembro de 1613 41
FIG. 7 — Frontispício da *Declaraçam de Malaca,* 1613 49
FIG. 8 — Fólios 1 e 2 do «Atlas-miscelânea» de Manuel Godinho de Erédia 54
FIG. 9 — Fac-símiles de assinaturas de João Baptista Lavanha 64
FIG. 10 — Frontispício da *Quarta Década da Ásia,* primeira edição 71
FIG. 11 — Cartas de João Baptista Lavanha reproduzidas por Pieter van der Aa 72
FIG. 12 — Quatro rodas cosmográficas da *Descripcion del Vniverso,* 1613, de João Baptista Lavanha 75
FIG. 13 — Rosto do códice *Rezão do Estado do Brasil* de João Teixeira Albernaz I, da Biblioteca Pública Municipal do Porto 93
FIG. 14 — Frontispício do códice *Livro que dá Rezaõ do Estado do Brasil,* no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro do Rio de Janeiro 99
FIG. 15 — Frontispício do Atlas do Brasil de João Teixeira Albernaz I, de 1627, na Bibliothèque Nationale de Paris 103
FIG. 16 — Rosto do Atlas do Brasil de João Teixeira Albernaz I, de 1627, na Bibliothèque Nationale de Paris 105
FIG. 17 — Frontispício do Atlas Universal de João Teixeira Albernaz I, 1630, na Library of Congress, Washington 111
FIG. 18 — Carta trigésima primeira do Atlas Universal de João Teixeira I, 1630, com aditamentos posteriores 115
FIG. 19 — Carta de Francisco de Seixas y Lovera, de 1690, incluída no final do Atlas Universal de João Teixeira I de 1630 117
FIG. 20 — Cartas «Add. MS 17647 A & B», no British Museum (copiadas do Atlas Universal de João Teixeira I, 1630) 117
FIG. 21 — Frontispício do Atlas do Brasil de João Teixeira Albernaz I, 1631, no Ministério das Relações Exteriores, Rio de Janeiro 119
FIG. 22 — Frontispício do Atlas original de João Teixeira I, 1640, no Arquivo Histórico do Ministério das Finanças, Lisboa 125
FIG. 23 — Frontispício da cópia do Atlas do Brasil de João Teixeira I, 1640, na Bibliothèque Nationale de Paris 127
FIG. 24 — Frontispício da cópia do Atlas do Brasil de João Teixeira I, 1640, no Ministério das Relações Exteriores, Rio de Janeiro 128
FIG. 25 — Frontispício da cópia do Atlas do Brasil de João Teixeira I, 1640, na Biblioteca e Arquivo Público do Pará, Belém do Pará 129
FIG. 26 — Frontispício da cópia do Atlas do Brasil de João Teixeira I, 1640, na colecção do Embaixador Joaquim de Sousa-Leão, Rio de Janeiro 130
FIG. 27 — Frontispício do Atlas do Brasil de João Teixeira I, 1642, na Biblioteca da Ajuda, Lisboa 135
FIG. 28 — Frontispício actual do Atlas Universal de João Teixeira I, 1643, pertencente ao Eng.º José Caetano Salema Garção, Lisboa 137
FIG. 29 — Frontispício do Atlas da costa de Portugal de João Teixeira I, 1648, na Sociedade de Geografia de Lisboa 141
FIG. 30 — Frontispício do Atlas da costa de Portugal de João Teixeira I, 1648, na Nationalbibliothek, Wien 142
FIG. 31 — Frontispício do Atlas da Costa de Portugal de João Teixeira I, 1648, no British Museum, London 143
FIG. 32 — Frontispício da cópia do Atlas da costa de Portugal de João Teixeira I, 1648, na Bibliothèque Nationale de Paris 143
FIG. 33 — Frontispício do Atlas das Cidades e Fortalezas da Índia Oriental, Anónimo-João Teixeira Albernaz I, c. 1648, na Bayerische Staatsbibliothek, München. 145
FIG. 34 — Frontispício do Atlas das Cidades e Fortalezas da Índia Oriental, Anónimo-João Teixeira Albernaz I, c. 1648, na Nationalbibliothek, Wien (Codex 6860). 145
FIG. 35 — Frontispício do Atlas das Cidades e Fortalezas da Índia Oriental, Anónimo-João Teixeira Albernaz I, c. 1648, na Bibliothèque Nationale de Paris 146
FIG. 36 — Canto superior direito da segunda edição da Carta oriental de João Teixeira I, 1649, gravada, mostrando a alteração em relação à primeira edição 148
FIG. 37 — Carta de Pedro Teixeira Albernaz, na segunda edição da Relação da Viagem dos irmãos Nodal, Cadiz 1769 157
FIG. 38 — Carta da parte meridional da América do Sul, de Diego Ramirez de Arellano, 1621 158

INDEX OF ILLUSTRATIONS IN THE TEXT

Page

FIG. 1 — The Crucifixion, by Michelangelo, in the British Museum 11
FIG. 2 — Sketch of the old seal twice impressed on sealing-wax on the left-hand border of the Planisphere «1.0.4» 17
FIG. 3 — Manuel de Mesquita Perestrelo: A — Specimen of text in the London codex; B — Specimen of text in the Évora codex 30
FIG. 4 — Specimen of the original text of the *Historia da Prouincia Sancta Cruz* by Pero de Magalhães de Gandavo, c. 1574, in the Biblioteca de El Escorial ... 33
FIG. 5 — Manuel Godinho de Erédia's self-portrait, 1613 40
FIG. 6 — Manuel Godinho de Erédia's signature, in the dedication of *Declaraçam de Malaca,* 24 November 1613 41
FIG. 7 — Frontispiece of *Declaraçam de Malaca,* 1613 49
FIG. 8 — Folios 1 and 2 of Manuel Godinho de Erédia's «Atlas-miscellany» 54
FIG. 9 — Facsimiles of João Baptista Lavanha's signatures 64
FIG. 10 — Title-page of the *Quarta Década da Ásia,* First edition 71
FIG. 11 — Charts of João Baptista Lavanha reproduced by Pieter van der Aa 72
FIG. 12 — Four cosmographical wheels of João Baptista Lavanha's *Descripcion del Vniverso,* 1613 75
FIG. 13 — Title-page of the codex *Rezão do Estado do Brasil* of João Teixeira Albernaz I, in the Biblioteca Pública Municipal, Oporto 93
FIG. 14 — Title-page of the codex *Livro que dá Rezaõ do Estado do Brasil,* in the Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Rio de Janeiro 99
FIG. 15 — Frontispiece of the Atlas of Brazil by João Teixeira Albernaz I, 1627, in the Bibliothèque Nationale, Paris 103
FIG. 16 — Title-page of the Atlas of Brazil by João Teixeira Albernaz I, 1627, in the Bibliothèque Nationale, Paris 105
FIG. 17 — Title-page of the World Atlas of João Teixeira Albernaz I, 1630, in the Library of Congress, Washington 111
FIG. 18 — Thirty-first Chart of João Teixeira I's World Atlas, 1630, with later additions. 115
FIG. 19 — Francisco de Seixas y Lovera's Chart, 1690, inserted at the end of João Teixeira I's World Atlas of 1630 117
FIG. 20 — Charts «Add. MS 17647 A & B», in the British Museum (copied from João Teixeira I's World Atlas, 1630) 117
FIG. 21 — Title-page of the Atlas of Brazil, João Teixeira Albernaz I, 1631, in the Ministério das Relações Exteriores, Rio de Janeiro 119
FIG. 22 — Title-page of the original Atlas of João Teixeira I, 1640, no Arquivo Histórico do Ministério das Finanças, Lisboa 125
FIG. 23 — Title-page of the copy of João Teixeira I's Atlas of Brazil, 1640, in the Bibliothèque Nationale, Paris 127
FIG. 24 — Title-page of the copy of João Teixeira I's Atlas of Brazil, 1640, in the Ministério das Relações Exteriores, Rio de Janeiro 128
FIG. 25 — Title-page of the copy of João Teixeira I's Atlas of Brazil, 1640, in the Biblioteca e Arquivo Público do Pará, Belém do Pará 129
FIG. 26 — Title-page of the copy of João Teixeira I's Atlas of Brazil, 1640, in the collection of Ambassador Joaquim de Sousa-Leão, Rio de Janeiro 130
FIG. 27 — Title-page of the Atlas of Brazil by João Teixeira I, 1642, in the Biblioteca da Ajuda, Lisboa 135
FIG. 28 — Present title-page of João Teixeira I's World Atlas, 1643, belonging to Eng.r José Caetano Salema Garção, Lisboa 137
FIG. 29 — Title-page of the Atlas of the coast of Portugal by João Teixeira I, 1648, in the Sociedade de Geografia de Lisboa 141
FIG. 30 — Title-page of the Atlas of the coast of Portugal by João Teixeira I, 1648, in the Nationalbibliothek, Wien 142
FIG. 31 — Title-page of the Atlas of the coast of Portugal by João Teixeira I, 1648, in the British Museum, London 143
FIG. 32 — Title-page of the copy of the Atlas of the coast of Portugal by João Teixeira I, 1648, in the Bibliothèque Nationale, Paris 143
FIG. 33 — Title-page of the Atlas of the Cities and Fortresses of Oriental India, Anonymous-João Teixeira Albernaz I, c. 1648, in the Bayerische Staatsbibliothek, München 145
FIG. 34 — Title-page of the Atlas of the Cities and Fortresses of Oriental India, Anonymous-João Teixeira Albernaz I, c. 1648, in the Nationalbibliothek, Wien (Codex 6860) 145
FIG. 35 — Title-page of the Atlas of the Cities and Fortresses of Oriental India, Anonymous-João Teixeira Albernaz I, c. 1648, in the Bibliothèque Nationale, Paris 146
FIG. 36 — Top right-hand corner of the second edition of João Teixeira I's eastern Chart, 1649, engraved, showing the corrections made to the first edition... 148
FIG. 37 — Chart of Pedro Teixeira Albernaz, in the second edition of the Relation of the Voyage of the Nodal brothers, Cadiz 1769 157
FIG. 38 — Chart of the southern part of South America by Diego Ramirez de Arellano, 1621 158

SEBASTIÃO LOPES

SEBASTIÃO LOPES E A SUA OBRA

AO que se sabe, só existe uma carta assinada por Sebastião Lopes e quatro outras cartas e um atlas que lhe são atribuídos agora pela primeira vez. Mas nem sempre podemos ser categóricos nas nossas identificações, tão escassos, por vezes mesmo contraditórios ou desconcertantes, são os elementos ao nosso dispor.

Não há dúvida de que Sebastião Lopes foi um grande cartógrafo e consumado artista, como se vê pela sua única carta assinada e pelo atlas que lhe atribuímos e, apesar de inacabado, é um dos mais belos espécimes da cartografia portuguesa antiga.

As seis obras aqui estudadas sumàriamente sob o nome deste cartógrafo são:

1) Sebastião Lopes, Carta Atlântica, 1558, em Londres. Estampa 390.
2) Anónimo–Sebastião Lopes, Carta da Europa Ocidental e Mediterrâneo, c.1555, em Greenwich. Estampa 391.
3) Anónimo–Sebastião Lopes, Atlas universal, vinte e quatro folhas, c.1565, em Chicago. Estampas 389, 392-406.
4) Anónimo–Sebastião Lopes, Carta da América e Atlântico, c.1570, em Vila Viçosa. Estampa 407.
5) Anónimo–Sebastião Lopes (?), Planisfério, c. 1583, em Paris. Estampa 408.
6) Anónimo–Sebastião Lopes, Fragmento de Carta com o Estreito de Magalhães, c.1581, em Madrid. Estampa 409 A.

Se pouca dúvida temos de que a carta de Greenwich, o atlas de Chicago, a carta de Vila Viçosa e o fragmento de Madrid foram feitos por Sebastião Lopes, provàvelmente ajudado (pelo menos no caso do atlas) por alguns dos seus discípulos ou assistentes, no que diz respeito ao planisfério de Paris não se pode ser tão positivo. Não podemos, contudo, suspeitar de qualquer outro cartógrafo que pudesse ser o seu autor. Houve vários cartógrafos portugueses que trabalharam pouco mais ou menos no mesmo período que Sebastião Lopes; mas não seria fácil atribuir o planisfério de Paris a qualquer daqueles cujas obras até nós chegaram, e de outros não se conhecem quaisquer obras assinadas ou que pudessem ser-lhes atribuídas (1). É por isso que neste, como noutros casos, temos que assinalar a nossa identificação de um possível autor com uma cautelosa interrogação (?).

ELEMENTOS BIOGRÁFICOS

Embora exista uma grande e bela carta datada de 15 de Novembro de 1558 e assinada *Bastiam lopẽz,* isto é, Sebastião Lopes, e cinco documentos, todos posteriores, que o mencionam, muito pouco sabemos sobre este notável cartógrafo. Depois da carta de 1558, que certamente foi desenhada quando ele ainda era jovem, encontramos uma entrada no *Liuro do*

(1) Entre os cartógrafos portugueses que, conforme documentos contemporâneos, fizeram cartas de navegar durante a segunda metade do século XVI, mas nenhuma das quais até nós chegou, ao que se sabe, contam-se: António Martins, de Lisboa (1563), João Galego, de Lisboa (1565), Francisco Domingues, de Viana do Castelo (1570), Marcos Fernandes, de Lisboa (1582), Francisco Luís, de Lisboa (1591), e Mateus do Rego, um euro-asiático da Índia Portuguesa (1594). Vide A. Cortesão, *Cartografia e Cartógrafos Portugueses dos Séculos XV e XVI,* Vol. II, pp. 263, 361, 363. Lisboa 1935. Outro foi Pedro de Ataíde, de Malaca, o qual Cornelis Houtman encontrou em Bantam (Java) em 25 de Julho de 1596: «Entre os portugueses havia um, nascido em Malaca, de raça portuguesa, chamado *Pedro Truide* ou *Pedro de Tayda,* que era um piloto famoso, e não só frequentou mas fez cartas de todas as costas e mapas de todas as ilhas nas Índias Orientais; um homem bom conhecedor de viagens e que tinha estado em todos os lugares do mundo. Era nosso bom amigo e todos os dias vinha conversar com os nossos capitães, dizendo: 'Vós não fazeis bem em não vos apressardes mais com o vosso carregamento, não tereis quaisquer mercadorias mais baratas', e além disso mostrou-nos muitas outras coisas; em vista do que os portugueses o odiavam, e pouco depois foi assassinado por dezasseis rufiões quando pelo meio do dia dormia na sua cama». *A brief Description of a Voyage performed by certain* Hollanders *to and from the* East-Indies, *with their Adventures and Success.* (Abril 1595-Agosto 1597). In *A Collection of Voyages and Travels,* Vol. II, p. 407. London 1745. Isto é tirado de *A briefe Description of a Voyage performed by certaine Hollanders to & from the East Indies, with their adventures,* Translated out of Dutch into English by W[illiam] P[hillip], fls. 18v-19r. London 1598. Quando se refere, em 1598, às distâncias entre diversas regiões e lugares no Oriente, Petrus Plancius menciona «o livro», «os escritos», e «as cartas rumadas» de «o muito experiente Pedro de Tayde». *De Eerste Schipvaart der Nederlanders naar Oost-Indië onder Cornelis de Houtman 1595-1597,* Vol. II, pp. 209 e 223. Publicado pela Linschoten Vereeniging. 's Gravenhage 1925. J. K. J. de Jonge publica uma *Memorie* de Plancius, de 1599, em que este diz: «é por isso absolutamente necessário que os pilotos e outros comandantes leiam com cuidado e pesem bem os escritos de Pedro de Tayde e outros navegadores». *De opkomst van het Nederlandsch gezag in Oost Indië,* Vol. I, pp. 185 seqq. 's Gravenhage, Amsterdam 1862.

SEBASTIÃO LOPES AND HIS WORK

AS far as we know, we have only one chart signed by Sebastião Lopes and four others and an atlas which are here ascribed to him for the first time. But we cannot always be quite positive about our identifications, so sparse, and sometimes even contradictory or baffling, are the elements at our disposal.

There can be no doubt that Sebastião Lopes was a great cartographer and accomplished artist, as shown by his only signed chart and by the atlas which we ascribe to him and which, although unfinished, is one of the most beautiful specimens of early Portuguese cartography.

The six works here briefly studied under the name of this cartographer are:

1) Sebastião Lopes, Atlantic Chart, 1558, in London. Plate 390.
2) Anonymous–Sebastião Lopes, Chart of Western Europe and the Mediterranean, c.1555, at Greenwich. Plate 391.
3) Anonymous–Sebastião Lopes, Atlas of the world, twenty-four sheets, c.1565, at Chicago. Plates 389, 392-406.
4) Anonymous–Sebastião Lopes, Chart of America and the Atlantic, c.1570, at Vila Viçosa. Plate 407.
5) Anonymous–Sebastião Lopes (?), Planisphere, c. 1583, in Paris. Plate 408.
6) Anonymous–Sebastião Lopes, Fragment of Chart with the Strait of Magellan, c.1581, in Madrid. Plate 409 A.

While we have little doubt that the chart at Greenwich, the atlas at Chicago, the chart at Vila Viçosa and the fragment in Madrid were made by Sebastião Lopes, probably helped (at least in the case of the atlas) by some of his pupils or assistants, it is necessary to be more cautious about the planisphere in Paris. We cannot, however, think of anybody else who might be its author. There were several Portuguese cartographers who worked during approximately the same period as Sebastião Lopes; but it would not be easy to ascribe the Paris planisphere to any of those whose works have reached us, and we do not know of any signed works by the others or of any that might positively be identified as theirs (1). That is why, in this case as in others, we have to mark our identification of a possible author with a cautious question mark (?).

BIOGRAPHICAL ELEMENTS

Although there survives a large and beautiful chart dated 15 November 1558 and signed *Bastiam lopẽz,* i.e. Sebastião Lopes, and five documents, all of later date, mention him, we know very little about this remarkable cartographer. After the chart of 1558, which was certainly drawn when he was still a young man, we find an item in the *Liuro do lançamento e serviço*

(1) Among the Portuguese cartographers who, according to contemporary documents, made navigation charts during the second half of the sixteenth century, none of which has reached us as far as we know, are: António Martins, of Lisbon (1563), João Galego, of Lisbon (1565), Francisco Domingues, of Viana do Castelo (1570), Marcos Fernandes, of Lisbon (1582), Francisco Luís, of Lisbon (1591), and Mateus do Rego, a Eurasian from Portuguese India (1594). See A. Cortesão, *Cartografia e Cartógrafos Portugueses dos Séculos XV e XVI,* Vol. II, pp. 263, 361, 363. Lisboa 1935. Another was Pedro de Ataíde, of Malacca, whom Cornelis Houtman met in Bantam (Java) on 25 July 1596: «Among the Portugueze, there was one that was born in *Malacca,* of the Portugueze race; his name was *Pedro Truide,* or *Pedro de Tayda,* who was a famous pilot, and not only frequented, but made charts of all the coasts, and maps of all the islands in the *East-Indies;* a man well seen in travelling, and one that had been in all places of the world. He was our good friend, and every day came to talk with our captains, saying, You do not well that you make no more haste to take in your lading, you shall have no better cheap wares, and withal shewed us many other things; whereupon the *Portugueze* hated him, and not long after he was murthered by sixteen ruffians about noon as he lay asleep upon his bed». *A brief Description of a Voyage performed by certain* Hollanders *to and from the* East-Indies, *with their Adventures and Success.* (April 1595-August 1597). In *A Collection of Voyages and Travels,* Vol. II, p. 407. London 1745. This is taken from *A briefe Description of a Voyage performed by certaine Hollanders to & from the East Indies, with their adventures,* Translated out of Dutch into English by W[illiam] P[hillip], fls. 18v-19r. London 1598. When referring, in 1598, to the distances between several regions and places in the East, Petrus Plancius mentions, «het boeck», «de schryften» and «de compascaerten» of «de welervaren Pedro de Tayde». *De Eerste Schipvaart der Nederlanders naar Oost-Indië onder Cornelis de Houtman 1595-1597,* Vol. II, pp. 209 and 223. Published by the Linschoten Vereeniging. 's Gravenhage 1925. J. K. J. de Jonge publishes a *Memorie* of Plancius, of 1599, in which the latter says: «is daeromme hoochnoodich dat de stuyrluyden ende andere bevelhebbers de schryften van Pedro de Tayde ende andere zeevaerders vlytichlyck lesen ende wel overwegen». *De opkomst van het Nederlandsch gezag in Oost Indië,* Vol. I, pp. 185 seqq. 's Gravenhage, Amsterdam 1862.

lançamento e seruiço que a cidade de Lix.ª fez a elrei nosso sõr o anno de 1565, fl. 281, no Arquivo da Câmara Municipal de Lisboa, o qual diz: *Bastião lopez q̃ faz cartas de marear* (2).

Nada mais dele se sabe até 1582, quando uma carta régia de 4 de Novembro desse ano diz que tendo Marcos Fernandes sido examinado pelo Cosmógrafo-mor Dr. Tomás Dorta «e foi presente ao dito exame bastjão lopez mestre de cartas de marear morador nesta cidade (de Lisboa) E porque o dito marços fernandez foy achado apto e suficiente pera fazer cartas de marear estrolabios e agulhas lhe mandej passar esta mjnha carta» (3). Outra carta régia de 4 de Dezembro de 1586 concede, da mesma forma, licença a Pedro de Lemos «pera fazer cartas de marear, astrolabios, agulhas e Regimentos da declinação do sol», «e foi presente ao dito exame Bastião Lopes, mestre de cartas de marear, morador n'esta cidade» (4). Carta régia semelhante é ainda passada a favor de Francisco de Góis em 13 de Julho de 1587, para poder «fazer relogios, astrolabyos e agulhas de marear», declarando que «foi presente ao dito exame Bastião Lopez, mestre de cartas de marear, morador nesta cidade de Lix.ª» (5). Finalmente, um alvará de 10 de Outubro de 1596 nomeia Pedro de Lemos para «que elle faça daqui em diante a parte que lhe couber das cartas de marear e outros instrumentos de navegar, que se fazem no meu almazem pera minhas armadas, da maneira que tudo fazia Bastião Lopez, per quem vagou o dito cargo, as quais cartas e instromentos lhe serão recebidos e pagos no almazem de Guiné e India segundo a ordenança, sendo da bondade e perfeição que as tais cartas e instromentos fazem, pelo que mando ao provedor e officiais do dito almazem que ajão ao dito Pero de Lemos por mestre das ditas cartas e instrumentos de navegar e lhe fação dar e fazer a parte que lhe couber das que forem necessarias no dito almazem no modo que dito he» (6). Por aqui se vê que Sebastião Lopes não tinha provàvelmente morrido há muito tempo.

Embora estes documentos não dêem muita informação sobre Sebastião Lopes, podemos concluir que ele vivia em Lisboa, era já cartógrafo consumado em 1558, e veio a ser considerado um dos melhores da sua arte, como se vê pelo facto de em 1582, se não antes, ele estar a trabalhar para ou no Armazém da Índia, que era então o centro oficial da cartografia portuguesa (7). Como já vimos (Vol. I, pp. 20-1), Jorge Reinel foi examinador do ofício de fazer cartas náuticas e instrumentos de navegação, pelo menos de 1551 a 1564, primeiro com Lopo Homem e depois assistindo o Cosmógrafo-mor Dr. Pedro Nunes. Assim como Lopo Homem e Jorge Reinel então tinham a categoria de primeiros cartógrafos portugueses, também Sebastião Lopes do mesmo modo deveria ter sido considerado depois da morte daquele, pouco depois de 1561 (Vol. I, p. 50). Como Sebastião Lopes faleceu provàvelmente em 1596, devia ser ainda jovem quando desenhou a sua bela carta de 1558.

Embora não tenhamos prova documental, é de crer que estes grandes cartógrafos ensinassem os jovens, alguns dos quais, por seu turno, eventualmente se tornavam consumados na sua arte. É natural que os discípulos trabalhassem para os seus mestres, decerto com muitas obras a executar, a quem ajudavam, o que por vezes ocasionaria as diferenças na caligrafia e noutros pormenores que se notam em várias cartas, as quais, apesar de não assinadas, não podem deixar de ser atribuídas a determinado cartógrafo. É isto o que deve ter acontecido com os grandes mestres, tais como Pedro e Jorge Reinel, Diogo Ribeiro, Lopo e Diogo Homem, Bartolomeu Velho, Sebastião Lopes, a família de cartógrafos Fernandes e Teixeiras, e outros.

(2) Cortesão 1935, Vol. II, p. 236.

(3) Torre do Tombo, *Chancelaria de D. Filipe I, Doações*, Liv. 3, fls. 314v-315. Este documento foi sumàriamente mencionado por Sousa Viterbo, *Trabalhos Nauticos dos Portuguezes nos Seculos XVI e XVII*, Parte I, p. 100. Lisboa 1898. Declara ele aqui que o documento é de 1592, mas mais adiante (p. 191) diz 1582 correctamente. Conforme pudemos verificar o ano, duas vezes indicado no documento, é 1582.

(4) *Ibidem*, Liv. 1, fl. 381. In Sousa Viterbo 1898, pp. 184-5.

(5) *Ibidem*, Liv. 15, fl. 384. In Sousa Viterbo 1898, pp. 127-8.

(6) Torre do Tombo, *Chancelaria de D. Filipe II, Doações*, Liv. 2, fl. 32. In Sousa Viterbo 1898, pp. 185-6.

(7) A. Fontoura da Costa registou um «*Códice de Bastiam Lopez*. — Meados do século XVI. Pertencia ao historiador inglês C. R. Boxer em 1934; julgamos ter anteriormente feito parte da Livraria do conde da Ponte. Contém os *Regimentos Náuticos Portugueses*, as famosas *Tábuas quadrienais de declinação*, para 1517-1520, e figuras coloridas. Tem uma nota do pilôto Bastiam Lopez, datada de 1560; por isso, como não tem título, indico-o sob o nome deste piloto». *Bibliografia Náutica Portuguesa até 1700*, pp. 37-8. Lisboa 1940. Diz-nos o Prof. Boxer (Março de 1959): «A atribuição do códice a Sebastião Lopes é um tanto duvidosa, e baseia-se apenas em o seu nome ser citado em qualquer página, mas sem indicação clara de que ele tenha sido o possuidor ou organizador do códice o qual, aliás, é fragmentário e incompleto, e a meu ver sem grande valor ou interesse. Desfiz-me dele há uns cinco ou seis anos, tendo passado para a posse de Mr. H. P. Kraus, conhecido livreiro antiquário de Nova Iorque».

que a cidade de Lix.ª fez a elrei nosso sõr o anno de 1565, fl. 281, in the Archives of Lisbon Town Hall, which says: «Sebastião Lopes who makes nautical charts» (2).

No more news of him is found until 1582, when a royal charter of 4 November of that year says that Marcos Fernandes was examined by the Cosmosgrapher-major Dr Tomás Dorta «and Sebastião Lopes, master of nautical charts, resident in this city [of Lisbon], was present at the said examination, and as the said Marcos Fernandes was found capable and sufficient to make nautical charts, astrolabes and compasses I ordered this royal charter to be given» (3). Another royal charter, of 4 December 1586, similarly grants Pedro de Lemos permission «to make nautical charts, astrolabes, compasses and regiments of the sun's declination», «and Sebastião Lopes, master of nautical charts, resident in this city, was present at the said examination» (4). A further royal charter, of 13 July 1587, in similar terms grants permission to Francisco de Góis «to make time pieces, astrolabes and navigation compasses», stating that «Sebastião Lopes, master of nautical charts, resident in this city of Lisbon, was present at the said examination» (5). Finally, letters patent of 10 October 1596 appoint Pedro de Lemos «from now on to do his part in the making of nautical charts and the navigation instruments which are made in my *Armazém* for my fleets, in the manner that all was made by Sebastião Lopes, whose office has become vacant, which charts and instruments will be received from him and paid for in the *Armazém da Guiné e Índia* according to the established rules, if they are as good and perfect as they should be, in virtue of which I command the superintendent and officers of the said *Armazém* to receive the said Pedro de Lemos as master of the said charts and instruments of navigation and that he be given the part that belongs to him in the making of those that will be necessary in the aforesaid manner» (6). From this we see that Sebastião Lopes had probably died not long before.

Although these documents do not give much information about Sebastião Lopes, we may surmise that he lived in Lisbon, was already an accomplished cartographer in 1558, and came to be considered as one of the best men in his craft, as is shown by the fact that in 1582, if not earlier, he was working in or for the *Armazém da India,* then the official centre of Portuguese cartography (7). As we have seen (Vol. I, pp. 20-1), Jorge Reinel was examiner of the making of nautical charts and navigation instruments from at least 1551 to 1564, first with Lopo Homem and then assisting the Cosmographer-major Dr Pedro Nunes. As Lopo Homem and Pedro Reinel then ranked as the first Portuguese cartographers, Sebastião Lopes must have been so considered after the death of the former some time after 1561 (Vol. I, p. 50). Since Sebastião Lopes probably died in 1596, he must have been a young man when he drew his beautiful chart of 1558.

Although we have no documentary evidence of it, it is probable that these great cartographers taught younger men, some of whom, in turn, became expert in their art. The pupils certainly worked for and helped their masters, who undoubtedly had plenty of work to be done, which may sometimes account for the differences in handwriting and other details noticed in various charts which, although unsigned, could not fail to be ascribed to a certain cartographer. This is what must have occurred with the great masters, such as Pedro and Jorge Reinel, Diogo Ribeiro, Lopo and Diogo Homem, Bartolomeu Velho, Sebastião Lopes, the Fernandes and Teixeira families of cartographers, and others.

(2) Cortesão 1935, Vol. II, p. 236.

(3) Torre do Tombo, *Chancelaria de D. Filipe I, Doações*, Liv. 3, fls. 314v-315. This document was briefly mentioned by Sousa Viterbo, *Trabalhos Nauticos dos Portuguezes nos Seculos XVI e XVII*, Part I, p. 100. Lisboa 1898. He states that the document is from 1592, but further on (p. 191) says 1582. We verified this and found that the year 1582 is written twice in the document.

(4) *Ibidem*, Liv. 1, fl. 381. In Sousa Viterbo 1898, pp. 184-5.

(5) *Ibidem*, Liv. 15, fl. 384. In Sousa Viterbo 1898, pp. 127-8.

(6) Torre do Tombo, *Chancelaria de D. Filipe II, Doações*, Liv. 2, fl. 32. In Sousa Viterbo 1898, pp. 185-6.

(7) A. Fontoura da Costa records a «*Codex of Bastiam Lopez* — Mid-sixteenth century. In 1934 it belonged to the English historian C. R. Boxer; we think that it had formerly been in the library of the Count da Ponte. It contains the *Portuguese Nautical Regiments*, the famous *Quadrennial tables of the Sun's declination*, for 1517-1520, and coloured figures. It has a note from the pilot Bastiam Lopez, dated 1560; therefore, as it has no title, I record it under the name of this pilot». *Bibliografia Náutica Portuguesa até 1700*, pp. 37-8. Lisboa 1940. Professor Boxer tells us (March 1959): «The attribution of the codex to Sebastião Lopes is rather dubious, and due only to his name being mentioned on some page, but without any clear indication that he was its owner or compiler. It is rather fragmentary and incomplete, in my opinion without great value or interest. I have, therefore, disposed of this codex five or six years ago and it passed into the possession of Mr. H. P. Kraus, the well-known antiquarian bookdealer of New York».

SEBASTIÃO LOPES, CARTA DE 1558

ESTAMPA 390

Bastiam. lopẽz. a fez. 1558 . — nouembro. 15 — é a legenda de autor da magnífica carta que se encontra no British Museum com a cota «Add. MS 27,303». É a única que se conhece assinada por Sebastião Lopes, sendo *Bastiam* uma antiga forma portuguesa de Sebastião.

Esta bela e preciosa carta compreende o Atlântico, a meio do qual corre uma escala bi-partida de latitudes, desde 61º Lat. N a 40º Lat. S, com a maior parte da Europa, a metade ocidental da África, costas orientais da América do Norte, a maior parte da América Central, e costas das partes central e norte da América do Sul. É, na verdade, lindamente desenhada e iluminada em pergaminho grosso, 830 × 1.015 mm nas maiores dimensões, e está muito bem conservada. Contudo, o facto de se manter enrolada, em vez de devidamente estendida, decerto não contribuirá para a sua boa conservação.

Num dos catálogos (1) do Manuscripts Department do British Museum tem a seguinte entrada: «*27.303. Carta* das linhas costeiras de parte da Europa, África e América; por Sebastião Lopes, 15 Nov.º 1558. Rolo de pergaminho, 3 pés e 3 polegadas × 2 pés e 8 polegadas. Com pinturas. Pertenceu anteriormente a M. Olivieri». De facto a carta tem escrito no verso, em inglês: «Comprada em 14 de Abril de 1866 a Messrs. Molini & Green. (Pertenceu anteriormente a M. Olivieri)». É isto o pouco que se sabe quanto à história desta notável carta, que deve ter sido feita quando Sebastião Lopes era ainda um jovem, pois, como vimos, ainda vivia em 1592, trinta e quatro anos mais tarde.

Embora sob o aspecto geográfico a carta não seja muito impressionante, nem por isso a sua importância é menor, sobretudo porque sendo a única que se conhece assinada por este cartógrafo, constitui documento capital para a identificação da autoria de outras cartas que, apesar de anónimas, assim é possível atribuir a Sebastião Lopes. Além da caligrafia característica, há na iluminura desta carta certas particularidades típicas. As rosas-dos--ventos são muito invulgares, em especial a que se vê desenhada a meio do Atlântico, a qual nenhuma outra ultrapassa em delicadeza e beleza; uma das suas notáveis particularidades é a grande Cruz de Cristo assinalando o Oriente, o que só muito raras vezes se encontra nas obras doutros cartógrafos e nunca com este desenho especial. Se a representação do Castelo da Mina e de uma igreja no Congo são mais ou menos comuns a muitas outras cartas portuguesas quinhentistas, apesar de certas diferenças de pormenor, o pinturesco desenho de um grupo de quatro cavaleiros — talvez dois portugueses a perseguir dois árabes — no norte da África, e o indígena brasileiro a derrubar pau brasil, são muito pessoais. Deveras notável também é a vista de Lisboa (infelizmente um tanto apagada já), de grande realismo, no meio da Península Ibérica, com as suas muralhas encimadas pelo castelo e, em frente deste, um largo espaço sem casario, como então realmente era.

Apesar da sua importância e beleza, esta carta tem-se conservado quase completamente desconhecida, e Sebastião Lopes muito raramente foi mencionado por qualquer dos grandes historiadores da cartografia. Além de Sousa Viterbo, que em 1898 se lhe referiu a propósito de outros cartógrafos, como vimos atrás, P. L. Phillips, que em 1912 assinalou a carta (2), e o Conde de Tovar, que em 1932 também a registara (3), mas sem qualquer comentário, apenas nós dele nos ocupámos, assás brevemente, em 1935 (4).

(1) *Catalogue of Additions to the Manuscripts in the British Museum*, Vol. II, p. 302. London 1877.

(2) «Lopez, Bastiam. Mapa das costas ocidentais da África e da Europa e costas orientais da América do Norte e do Sul. Assinada 'Bastiam lopez a fes 1558 novembro 15' MS. em pergaminho. Original no Brit. Mus. Add. MSS. 27,303. A representação da Florida parece basear-se em mapa mais antigo e, embora curiosa, não é instrutiva. Mostra o Golfo do México, Florida e a costa atlântica. Não publicado, segundo o Catalogue do Brit. Mus». *A list of maps of the Spanish possessions within the present limits of the United States 1502-1820*, p. 64. Library of Congress, Washington 1912.

(3) Conde de Tovar, *Catálogo dos Manuscritos Portugueses ou relativos a Portugal existentes no Museu Britânico*, p. 192. Coimbra 1932.

(4) A. Cortesão, *Cartografia e Cartógrafos Portugueses dos Séculos XV e XVI*, Vol. II, p. 236. Lisboa 1935.

SEBASTIÃO LOPES, CHART OF 1558

PLATE 390

«Bastiam Lopes made it, 15 November 1558», says the author's legend of the fine chart preserved in the British Museum, class-mark «Add. MS 27,303». It is the only one signed by Sebastião Lopes of which we know, *Bastiam* being an old Portuguese form of Sebastião.

This beautiful and precious chart comprises the Atlantic from lat. 61º N to 40º S (the latitudes being marked on a bipartite scale in the centre), with most of Europe, the western half of Africa, the eastern coasts of North America, most of Central America, and the coasts of central and northern South America. It is, indeed, beautifully drawn and illuminated on thick parchment, 830 × 1,015 mm at its greatest dimensions, and very well preserved. The fact that it is kept rolled up, however, instead of properly flattened, will certainly not help its future good preservation.

One of the catalogues (1) of the Manuscripts Department of the British Museum has the following entry: «*27,303. Chart* of the coast-lines of part of Europe, Africa, and America; by Bastiam Lopez, 15 Nov. 1558. Vellum roll, 3 ft. 3 in. × 2 ft. 8 in. With paintings. Formerly belonged to M. Olivieri». In fact the chart has written on the back: «Purchased of Mess.rs Molini & Green. 14th. April 1866. (Previously belonged to M. Olivieri)». This little is all we know about the history of this remarkable chart, which must have been made when Sebastião Lopes was still a young man, since (as we have seen) he was still living in 1592, thirty-four years later.

Although the chart is not very striking from the geographical point of view, its importance is nevertheless very great, particularly because, being the only known one signed by this cartographer, it constitutes a capital document for the identification of other charts which, although without author's name, may thus be ascribed to Sebastião Lopes. Besides the characteristic handwriting, there are some features in the illumination of this chart which are typical. The wind roses are quite uncommon, chiefly that in the middle of the Atlantic, which is second to none in delicacy and beauty; one of its more remarkable peculiarities is the large Cross of Christ marking the East, which is only very seldom found in the works of other cartographers and never with this particular design. If the representation of the Castle of Mina and a church in the Congo are more or less common, whatever the differences of detail, to many other sixteenth-century Portuguese charts, the picturesque drawing of four horsemen — perhaps two Portuguese in pursuit of two Arabians — in North Africa, and the native felling brazil-wood in Brazil, are very personal. Also very remarkable is the realistic drawing of Lisbon (unfortunately now somewhat blurred) in the middle of the Iberian Peninsula, with its walls and the castle at the top, and a large space without houses in front, as it then really was.

In spite of its importance and beauty, this chart is practically unknown, and Sebastião Lopes has hardly been mentioned by any of the great historians of cartography. Besides Sousa Viterbo, who in 1898 referred to him in connection with other cartographers, as stated above, P. L. Phillips, who in 1912 listed the chart (2), and the Count de Tovar, who in 1932 also recorded it (3), but without comment, only we, in 1935, have somewhat briefly discussed this cartographer (4).

(1) *Catalogue of Additions to the Manuscripts in the British Museum*, Vol. II, p. 302. London 1877.

(2) «Lopez, Bastiam. Map of the west coasts of Africa and Europe and east coasts of North and South America. Signed 'Bastiam lopez a fez 1558 nouembro 15' Ms. on parchment. Original in Brit. Mus. Add. Mss. 27,303. Florida appears to be based upon an earlier map and tho' curious, is not instructive. Shows the Gulf of Mexico, Florida and the Atlantic coast. Not published according to Brit. Mus. Catalogue». *A list of maps of the Spanish possessions within the present limits of the United States 1502-1820*, p. 64. Library of Congress, Washington 1912.

(3) Conde de Tovar, *Catálogo dos Manuscritos Portugueses ou relativos a Portugal existentes no Museu Britânico*, p. 192. Coimbra 1932.

(4) A. Cortesão, *Cartografia e Cartógrafos Portugueses dos Séculos XV e XVI*, Vol. II, p. 236. Lisboa 1935.

Original 830 × 1.015 mm.

SEBASTIÃO LOPES, 1558

British Museum, London

ANÓNIMO — SEBASTIÃO LOPES, CARTA DE c. 1555

ESTAMPA 391

ESTA bela carta mediterrânea pertence hoje ao National Maritime Museum, de Greenwich, onde tem a cota «P. 30». Desenhada e iluminada em pergaminho, 715 × 940 mm nas maiores dimensões, a carta está bastante desbotada mas quase toda a nomenclatura se pode ler perfeitamente. Encaixilhada debaixo de vidro, tem estado dependurada numa parede do «Navigation Room» exposta à luz do dia (1).

A carta foi comprada em Outubro de 1936 para o National Maritime Museum por Sir James Caird, um benemérito a quem o Museu muito deve, por intermédio dos conhecidos livreiros antiquários Maggs Brothers, de Londres. A carta era acompanhada pela seguinte nota de Mr. Frank Maggs, dactilografada em inglês: «Acaba de nos ser trazido, por uma refugiada espanhola, a Marquesa de Frechilla, filha única do falecido Duque de Frias, um magnífico portulano antigo da Europa, em pergaminho belamente colorido, que ela me disse se supõe ser obra de um cartógrafo português, Simão Fernandes. O período é evidentemente entre 1580 e 1585, visto ver-se a cruz de Santo André sobre a Escócia, o que coloca a carta antes da data da União em 1603, e a bandeira de Espanha ser apresentada a flutuar sobre Portugal e Espanha, o que a coloca depois da união destes dois países, em 1580. Esta carta, na família da possuidora desde que foi feita, estava anteriormente no seu castelo em Oropesa, a sudoeste de Madrid. Há cerca de três anos ela enviou-a para Inglaterra, para ser mostrada ao falecido Dom Manuel de Portugal, e assim é a única coisa que conseguiu salvar de Espanha. Diz-nos ela que a carta veio para a família quando a filha do Conde de Oropesa casou com o filho mais novo do Duque de Bragança, na ocasião em que seu tio Filipe II Rei de Espanha lhe deu o título de Frechilla».

A data acima atribuída à carta não tem fundamento, claro está, entre outras razões por nenhuma «bandeira de Espanha ser apresentada a flutuar sobre Portugal e Espanha», mas apenas um estandarte espanhol arvorado em Valência e um grande escudo com as armas portuguesas colocado sobre a fronteira entre Portugal e Espanha, cobrindo quase toda a Península. Nem podemos ver qualquer razão para atribuir a carta a Simão Fernandes. Como está encaixilhada, não pudemos ver o verso, mas foi-nos dito no National Maritime Museum que nada aí está escrito. Seria interessante saber a origem da informação dada pela Marquesa de Frechilla — que a carta «se supõe ser obra de um cartógrafo português, Simão Fernandes». Não seria de admirar que a infundada «suposição» tivesse nascido em Londres.

A nota é, porém, muito importante para a história da carta, que (como aquela informa) foi de Portugal para Espanha, possìvelmente em data recuada, donde há poucos anos passou para Londres. Como a nota diz que a carta foi levada para Londres «há cerca de três anos», a fim de ser mostrada «ao falecido Dom Manuel de Portugal», que morreu em 2 de Julho de 1932, e assim foi a «única coisa que ela (a aristocrática possuidora) conseguiu salvar de Espanha» (provàvelmente referindo-se à guerra civil de 1935), a carta deve ter sido levada de Espanha em princípios de 1932 e adquirida por Maggs Brothers pouco antes de 1936. Já estava exposta no National Maritime Museum quando o visitámos pela primeira vez em 1937.

Não pode haver dúvida de que esta carta não assinada foi feita por Sebastião Lopes. Quando se compara com a carta de 1558 no British Museum (Estampa 390) a semelhança é tão impressionante que, ao vê-la pouco depois de ter estudado aquela carta no British Museum, reconhecemos imediatamente o cartógrafo que a fizera (2). Não só a caligrafia é indiscutìvelmente da mesma mão, mas as bandeiras, troncos-de-léguas, escudos e rosas-dos-ventos parecem ter sido copiados de uma carta para a outra, sendo particularmente notável a semelhança das grandes rosas-dos-ventos — em África na carta de Greenwich, e na América do Sul na do British Museum.

(1) Do National Maritime Museum fomos informados (Novembro de 1958) de que «como esta galeria (o *Navigation Room*) vai em breve ser decorada de novo, é provável que os artigos expostos sejam então mudados, e alguns dos que agora estão sob vidro sejam retirados e guardados em pastas». Essa disposição, a ser adoptada, será muito acertada e feliz, porque a exposição, durante anos, à luz do dia já causou muito dano em algumas das preciosas cartas antigas dependuradas nas paredes do Museu.

(2) Alguns anos mais tarde tivemos a oportunidade de, em Londres, onde então ambos vivíamos, discutir este assunto com o nosso saudoso e sábio amigo o falecido Comandante D. Gernez. Pouco depois ele foi a Greenwich estudar esta e outras cartas portuguesas que lá se encontram, e em 2 de Janeiro de 1946 escreveu-nos especialmente sobre esta carta: «Je crois qu'après l'examen que nous avons fait il y a 3 jours des photos de cartes il n'y a guère de doute et que la carte est bien de Sebastian Lopez, quoiqu'en dise l'auteur (que je ne connais pas) de la note tapée».

ANONYMOUS — SEBASTIÃO LOPES, CHART OF c. 1555

PLATE 391

THIS fine Mediterranean chart is now preserved in the National Maritime Museum, Greenwich, where its reference number is «P.30». Drawn and illuminated on parchment, 715×940 mm at its greatest dimensions, the chart is rather faded, but almost all the nomenclature is perfectly legible. Framed under glass, it has been hanging on a wall of the «Navigation Room», exposed to daylight (1).

The chart was purchased in October 1936 for the National Maritime Museum by Sir James Caird, a benefactor to whom it owes much, through the well-known antiquarian bookdealers Maggs Brothers, of London. The chart was accompanied by the following typewritten note, by Mr Frank Maggs: «We have just had brought in to us, by a Spanish refugee, the Marquesa de Frechilla, who was the only child of the late Duke of Frias, a very fine early portulan on vellum, finely coloured, of Europe, which she told me is supposed to be the work of a Portuguese cartographer, Simon Fernandez. The period is evidently between 1580 and 1585, as the cross of St. Andrew is shown flying over Scotland, which places the map before the date of the Union, 1603, and the flag of Spain is shown flying over Portugal and Spain, which places it after the union of these two countries in 1580. This item was in the owner's family from the date it was made and was formerly in their castle in Oropesa to the south-west of Madrid. About three years ago she sent it over to England to show to the late Dom Manuel of Portugal, and in consequence it is the only thing she has been able to save from Spain. She tells us the map came into the family when the daughter of the Count of Oropesa married the youngest son of the Duke of Braganza, when his uncle Philip II King of Spain gave him the title of Frechilla».

The date ascribed to the chart is without foundation, of course, if only because no «flag of Spain is shown flying over Portugal and Spain», but only a Spanish banner planted on Valencia and a huge Portuguese coat-of-arms on the boundary between Portugal and Spain, occupying almost the whole of the peninsula. Nor can we see any reason for ascribing the chart to Simão Fernandes. As the chart is framed, we could not see its back, but we were told at the National Maritime Museum that there is nothing written on it. It would be interesting to known the origin of the information given by the Marquesa de Frechilla — that the chart «is supposed to be the work of a Portuguese cartographer, Simon Fernandez». It would not be surprising if this groundless «supposition» originated in London.

The note is, however, very important for the history of the chart, which (as we learn) went from Portugal to Spain, possibly at an early date, and thence to London some years ago. As the note says that the chart was brought to London «about three years ago» in order to be shown «to the late Dom Manuel of Portugal», who died on 2 July 1932, and so it was the «only thing that she (the aristocratic owner) has been able to save from Spain» (probably referring to the 1935 civil war), the chart must have been brought from Spain early in 1932 and acquired by Maggs Brothers before 1936. It was already exhibited in the National Maritime Museum when we first visited it in 1937.

There can be no doubt that this anonymous chart was made by Sebastião Lopes. If it is compared with the chart of 1558 in the British Museum (Plate 390), the similarity is so striking that, when we saw it shortly after having studied the other chart in the British Museum, we knew immediately who the cartographer was (2). Not only is the writing unmistakably by the same hand, but the flags, scales of leagues, escutcheons and wind roses seem to have been copied from one chart to the other, the large wind roses — on Africa, in the Greenwich chart, and on South America, in the British Museum chart — being particularly noticeable in their similarity.

(1) We are told by the National Maritime Museum (November 1958) that «as this gallery (the Navigation Room) is shortly to be redecorated it is likely that the exhibits will then be changed, and some of those at present under glass may be taken out and kept in portfolios». This will be a very wise and fortunate measure, because some of the precious early charts hanging on the walls of the Museum have already suffered considerable damage from long exposure to daylight.

(2) Some years later we had the opportunity of discussing this matter with our regretted and learned friend the late Commander D. Gernez, in London, where then we both lived. Shortly afterwards he went to Greenwich to study this and other Portuguese charts preserved there, and on 2 January 1946 wrote to us about this particular chart: «Je crois qu'après l'examen que nous avons fait il y a 3 jours des photos de cartes il n'y a guère de doute et que la carte est bien de Sebastian Lopez, quoiqu'en dise l'auteur (que je ne connais pas) de la note tapée».

Esta é uma daquelas cartas anónimas pràticamente impossível de datar com precisão. Contudo, pode dizer-se que parece ter sido desenhada antes da carta datada de 1558, e por conseguinte será provàvelmente a mais antiga de todas as que aqui se atribuem a Sebastião Lopes. Não só a forma da parte norte do Mar Vermelho, única parte que se vê na carta, pertence ao antiquado tipo de Diogo Ribeiro, mas também a costa noroeste da Europa não está tão bem traçada como na carta de 1558. Além disso, embora o estilo geral das duas cartas seja tão semelhante, a não datada parece de certo modo menos bem acabada do que a outra.

Sugerimos, por isso, que a presente carta foi feita antes, mas não muito antes (Sebastião Lopes era então ainda um jovem) da carta datada de 1558 — digamos c.1555, por hipótese.

This is one of those anonymous charts which it is practically impossible to date precisely. It may be said, however, that it appears to have been drawn before the chart dated 1558, and that it is therefore probably the earliest of all those here ascribed to Sebastião Lopes. Not only does the shape of the northern part of the Red Sea, the only part visible in the chart, belong to the antiquated Diogo Ribeiro type, but the north-western coast of Europe is also not so well delineated as in the 1558 chart. Besides, although the two charts are so similar in their general style, the undated one seems somewhat less finished than the other.

We suggest, therefore, that the present chart was made before — but not much before (since Sebastião Lopes was then still a young man) — that dated 1558, let us say, tentatively, c. 1555.

ANÓNIMO-SEBASTIÃO LOPES, c. 1555
National Maritime Museum, Greenwich
Original 715×940 mm.

ANÓNIMO — SEBASTIÃO LOPES, ATLAS DE c. 1565

ESTAMPAS 389, 392-406

A Newberry Library, de Chicago, tem a sorte de contar este Atlas — um dos mais belos e preciosos espécimes da cartografia portuguesa antiga — entre as raridades que possui, e nós consideramo-nos muito afortunados por ter tido a oportunidade de pela primeira vez o estudar e reproduzir todas as suas vinte e quatro folhas de pergaminho nas quinze estampas seguintes e na que se encontra em frente da página de título do presente Volume (1).

HISTÓRIA

O Atlas foi comprado em 1902 pelo notável bibliófilo e coleccionador Edward E. Ayer, de Chicago, aos conhecidos livreiros antiquários de Londres, Bernard Quaritch Ltd, por £60 com um desconto de 30 %. Assim passou a fazer parte da Ayer Collection, oferecida antes do falecimento (1927) do seu fundador à Newberry Library, de que agora constitui importante secção. Embora Edward Ayer se tivesse especializado em livros respeitantes ao índio americano, reuniu também um bom número de cartas e atlas antigos, assim como um importante núcleo de obras inglesas, francesas, holandesas e espanholas, que subsequentemente foi aumentado com a aquisição de uma vasta colecção brasileira, particularmente rica, claro está, em espécimes portugueses. A Newberry Library deve hoje possuir uma das melhores, senão a melhor colecção portuguesa existente nos Estados Unidos (2).

O atlas foi pela primeira vez anotado por Clara A. Smith, *List of Manuscript Maps in the Edward E. Ayer Collection,* Chicago 1927, onde tem o «N.º 26», hoje sua única cota na Biblioteca. É referido nessa *List* como «ATLAS PORTULANO PORTUGUÊS. 24 fls. num.das incluindo 24 cartas. 455 × 320 mm. Pergaminho. c.1600. Um atlas anónimo português da última parte do século dezasseis. Não consiste sòmente de um número qualquer de cartas encadernadas em conjunto, sob a forma de atlas — mas foi elaborado como um atlas. Tanto a matéria preliminar como as cartas estão desenhadas em ambos os lados de uma folha de pergaminho. É o único atlas desta colecção em que isto se dá. É uma bela peça, e o seu estado de conservação esplêndido. Tanto as folhas preliminares como as cartas são laboriosamente ilustradas». Depois segue-se a descrição dos vários fólios. Nenhuma razão é dada, claro está, para a atribuição da sua data a c. 1600.

Foi brevemente mencionado por Ricci em 1935 (3), que também regista a data «ca.1600». Em 1952 o atlas apareceu na «Exposição da História de Mapas», de Baltimore, em cujo catálogo tem o N.º 93 (4). Este «ATLAS PORTULANO PORTUGUÊS, anterior a 1550» é aqui chamado um «espécime excepcionalmente belo ... As próprias cartas, demasiado numerosas e vastas para descrever em pormenor, incluem não só o material base que se encontra no 'portulano normal' do século dezasseis, mas também muita informação e pormenor geográfico respeitante aos novos descobrimentos através do mundo. ... Em resumo, este atlas pode ser considerado como uma completa descrição marítima de um mundo grandemente expandido, compilado para pessoa da realeza ou príncipe mercante português». Nenhuma razão se dá para a data «antes de 1550» que, naturalmente, é tão infundada como «c.1600». Em 1953 Rand McNally & Company, impressores de mapas e editores em Chicago, reproduziram a cores Fols. 23 v - 24 r num lindo cartão de Natal (5).

(1) Reconhecidamente agradecemos o generoso oferecimento que nos foi feito pela Newberry Library da magnífica colecção de fotografias, tanto a cores como ordinárias (negativos e positivos), pelas quais se fizeram as nossas reproduções deste Atlas. Muito prazer temos também em registar a muito amável e eficiente assistência que nos foi prestada pela Dr.ª Ruth Lapham Butler, Conservadora da Ayer Collection.

(2) O falecido William B. Greenlee — autor de um volume da Hakluyt Society, *The Voyage of Pedro Alvares Cabral to Brazil and India,* London 1938 — ofereceu em 1937 a sua vasta colecção de manuscritos e livros sobre a história e literatura de Portugal à Newberry Library. Vide C. R. Boxer, *The William B. Greenlee Collection,* in *The Newberry Library Bulletin,* Second Series, N.º 6, May 1951, pp. 169-78. A Greenlee Collection, que foi adicionada à Ayer Collection, tinha originàriamente 6.000 espécimes, mas, segundo a nossa mais recente informação (Novembro de 1958), desde que foi oferecida já tem sido aumentada com mais 400 manuscritos, 3.000 folhetos e 2.000 livros.

(3) Seymour de Ricci, *Census of Medieval and Renaissance Manuscripts in the United States and Canada,* Vol. I, p. 547. New York 1935.

(4) *The World Encompassed — An Exhibition of the History of Maps held at the Baltimore Museum of Art October 7 to November 23, 1952,* com uma «Introduction» por Lloyd Arnold Brown. Baltimore 1952.

(5) Agradecemos a Mr. Carl H. Mapes, de Rand McNally & Company, o ter-nos amàvelmente oferecido a transparência em cor de que foi feito o cartão de Natal acima referido e que também serviu para a nossa reprodução (Estampa 406).

ANONYMOUS — SEBASTIÃO LOPES, ATLAS OF c. 1565

PLATES 389, 392-406

THE Newberry Library, Chicago, is fortunate to have this Atlas — one of the most beautiful and precious specimens of early Portuguese cartography — among its possessions, and we consider ourselves very lucky to have had the opportunity to study it for the first time and to reproduce all of its twenty-four parchment leaves on the fifteen Plates which follow and on that facing the title-page of the present Volume (1).

HISTORY

The atlas was purchased in 1902 from Bernard Quaritch Ltd, the well-known antiquarian book-dealers of London, by the notable collector Edward E. Ayer, of Chicago, for £60 less 30 % discount. It thus entered the Ayer Collection, which was, before its founder's death (1927), presented to the Newberry Library, now forming a very important section of it. Although Edward Ayer specialized in books respecting the American Indian, he also assembled a good many early charts and atlases, as well as an important nucleus of English, French, Dutch and Spanish material, which was subsequently increased by the acquisition of a large Brazilian collection, particularly rich, of course, in Portuguese specimens. The Newberry Library must to-day possess one of the richest Portuguese collections, if not the richest, in the United States (2).

The atlas was first brought to notice by Clara A. Smith, *List of Manuscript Maps in the Edward E. Ayer Collection,* Chicago 1927, where it is given the «N.º 26», which is now its only class-mark in the Library. It is referred to in this *List* as «PORTUGUESE PORTOLAN ATLAS. 24 numb. lvs. including 24 charts. 455 × 320 mm. Vellum. c. 1600. An anonymous Portuguese atlas of the later part of the sixteenth century. It does not consist merely of a varying number of charts bound together to form an atlas — it was designed as an atlas. Not only the preliminary matter but the charts also are drawn on both sides of a sheet of vellum. It is the only atlas in this collection in which this is the case. It is a beautiful piece of work and in splendid condition. Both the preliminary leaves and the charts are elaborately illustrated». Then follows a description of the various folios. No reason is given, of course, for ascribing its date to c .1600.

In 1935 it was briefly mentioned by Ricci (3), who also records the date «ca.1600». In 1952 the atlas appeared in the «Exhibition of the History of Maps» held at Baltimore, in the catalogue of which it bears N.º 93 (4). This «PORTUGUESE PORTOLANO ATLAS, before 1550» is here called an «exceptionally beautiful specimen ... The charts themselves, too numerous and comprehensive to describe in detail, include not only the standard material found in the 'normal portolan' of the sixteenth century, but also a great deal of information and geographical detail related to the new discoveries throughout the world ... In short, this atlas may be considered a complete maritime survey of a greatly expanded world, compiled for royalty or a Portuguese merchant prince». No reason is given for the date «before 1550», which, of course, is as groundless as «c. 1600». In 1953 Rand McNally & Company, map-printers and publishers in Chicago, reproduced Fols. 23 v - 24 r in colour as a beautiful Christmas card (5).

(1) We gratefully acknowledge that the magnificent set of photographs, both in colour and ordinary (negatives and prints), from which our reproductions of this atlas have been made were generously presented to us by the Newberry Library. We should further like to mention the very kind and efficient assistance received from Dr Ruth Lapham Butler, Custodian of the Ayer Collection.

(2) The late William B. Greenlee — author of a Hakluyt Society volume, *The Voyage of Pedro Alvares Cabral to Brazil and India,* London 1938 — presented his vast collection of manuscripts and books on the history and literature of Portugal to the Newberry Library in 1937. See C. R. Boxer, *The William B. Greenlee Collection,* in *The Newberry Library Bulletin,* Second Series, N.º 6, May 1951, pp. 169-78. The Greenlee Collection, which joined the Ayer Collection, originally had 6,000 items but, according to our more recent information (November 1958), since its presentation 400 manuscripts, 3,000 pamphlets and 2,000 books have been added to it.

(3) Seymour de Ricci, *Census of Medieval and Renaissance Manuscripts in the United States and Canada,* Vol. I, p. 547. New York 1935.

(4) *The World Encompassed — An Exhibition of the History of Maps held at the Baltimore Museum of Art October 7 to November 23, 1952,* with an «Introduction» by Lloyd Arnold Brown. Baltimore 1952.

(5) We wish to thank Mr. Carl H. Mapes, of Rand McNally & Company, for kindly presenting us with the colour transparency from which the Christmas card, mentioned above, was made and which we also used for our reproduction (Plate 406).

Não deixa de ser extraordinário que, apesar desta publicidade, tão importante e belo espécime da cartografia antiga nunca tivesse sido devidamente estudado ou, ao que nos conste, mesmo mencionado, fora dos Estados Unidos.

DESCRIÇÃO

O atlas, com uma velha encadernação de pele castanha malhada, provàvelmente a original do século XVI, compõe-se de vinte e quatro folhas de pergaminho, 322 × 453 mm, a primeira das quais está em branco, tendo uma folha de guarda em papel no princípio e outra no fim. Cada folha dupla está cosida em separado à encadernação. Duas das folhas (segunda e sexta) estão utilizadas apenas de um lado, mas as outras vinte e uma estão-no dos dois lados, tendo o desenho e letras de algumas delas repassado o pergaminho, de modo que por vezes se notam na outra página da mesma folha.

Os fólios 3 recto a 12 verso contêm elementos cosmográficos: os fólios 13 recto a 24 verso contêm cartas. Há por conseguinte uma portada com a Crucificação, dezanove páginas de elementos cosmográficos e vinte e quatro páginas com cartas. Embora duas destas cartas tivessem ficado incompletas, sem nomenclatura, todo o atlas está bem desenhado e belamente iluminado. Na última folha de guarda lê-se: *Sr. Manoel S. Pinto Collegial no Anno de 1705*. Com poucas excepções, a carta duma página é continuação da carta na página anterior; assim, na maior parte dos casos, a carta no verso de um fólio é continuada pela carta no recto do fólio seguinte, dando impressão de continuidade geográfica, apesar de sempre se sobreporem e das molduras rectilíneas. Desde modo, reproduzimos em cada Estampa duas cartas contíguas, 453 × 644 mm, segundo a mesma ordem em que se encontram no atlas, excepto a primeira e última páginas, desaparceiradas, que tiveram de ser reproduzidas na mesma Estampa embora não haja entre elas a continuidade geográfica que se observa em outros casos.

Fólio 1 — Em branco.

Fólio 2 r (Estampa 389) — Inteiramente ocupada por um desenho da Crucificação que, segundo o Prof. Luís Reis Santos (6), deriva de um original atribuído a Miguel Ângelo (Fig. 1).

Fólios 3 r - 6 r (Estampa 392) — Elementos cosmográficos. As primeiras três páginas (Fols. 3 r - 4 r) contêm o Regimento da declinação solar e também o do Cruzeiro do Sul, para determinar as latitudes, seguidos pela regra para saber as festas mudáveis em cada ano. Na página seguinte (Fol. 4 v) vê-se uma roda com uma demonstração gráfica do Regimento do Polo Norte, dando para oito pontos da bússola (conforme a posição da Ursa Menor) o que se havia de acrescentar ou subtrair da altura da Polar a fim de achar a latitude correcta. Segue-se (Fol. 5 r) outra roda, ou antes rosa-dos-ventos, para medir um grau em léguas conforme o rumo. Depois há uma tábua novilunar perpétua, e finalmente (Fol. 6 r) a tábua das festas mudáveis, que corresponde à regra atrás mencionada (Fol. 4 r).

Fólios 7 r - 12 v (Estampas 393-394) — Tábuas da declinação solar para quatros anos — *Año primeiro .I., Anno segũdo., Anno terceiro.* e *Anno bisesto* — cada ano ocupando três páginas, e a página com os primeiros quatro meses de cada ano embelezada com desenhos de arabescos e flores, todos diferentes. Estas tábuas são, semelhantemente às dos atlas de Lázaro

(6) Luís Reis Santos, Professor de História da Arte na Universidade de Coimbra e Director do notável Museu Machado de Castro, da mesma cidade, teve a amabilidade de escrever para nós a nota seguinte: «A composição desta Crucificação deriva de um desenho atribuído a Miguel Ângelo e que agora se encontra no British Museum (*Drawings*, 1895-9-15-504). Há cópias deste desenho em Oxford e no Musée du Louvre; Berenson julgou que o desenho do British Museum era também uma cópia, mas Thode e Johannes Wilde consideram-no um original autêntico. Típicos nesta composição são o desenho do corpo do Cristo, o movimento nas pernas e, sobretudo, a representação das mãos e posição dos dedos indicadores, o que mostra sem sombra de dúvida que ela foi utilizada como protótipo para o frontispício do atlas Newberry. Quando a ilustre Vittoria Colonna recebeu este desenho, que lhe fora enviado pelo célebre Artista, ela escreveu-lhe: 'Único Mestre Miguel Ângelo e Amigo único, recebi a vossa carta e vi a Crucificação que apagou da minha memória qualquer outra pintura que tenha visto. Nada de melhor há feito. Não sou eu, evidentemente, quem pode explicar como é bela e que maravilha de execução ... Se esta obra vos pertence, eu não desejo restituí-la ... Deveis acostumar-vos à ideia de que jamais a devolverei. Vi-a bem sob a luz, com vidro, e com um espelho. Nunca vi nada mais perfeito. Vossa inteiramente dedicada, Marquesa de Pescara' (Hermann Grimm, *Michel Ange et son temps*, p. 439. Paris 1934). A carta deve ter sido escrita em 1542. A composição desta Crucificação por Miguel Ângelo, juntamente com as da Virgem Maria e de São João Evangelista, em dois desenhos que pertencem ao Musée du Louvre (N.º 720 recto), foi a origem do quadro pintado por Marcello Venusti para Tomasso de Cavalieri (Henry Thode, *Michelangelo Kritische Untersuchungen*, III, p. 469. 1908), de que se encontram cópias nos Uffizi, em Florença, e na Galleria Borghese, em Roma. (Gallerie des Uffizi, *Catalogue des Tableaux*, p. 50, N.º 1559. Florence 1949. Galleria Borghese, N.º 422.) Mais tarde a mesma Crucificação inspirou o pintor holandês Gillis Mostaert, num quadro assinado pelo artista que se conserva no Museu de Copenhague (Sander Pierron, *Les Mostaert*, p. 141 e estampa em face de p. 142. Bruxelles-Paris 1911). Conheço várias versões desta composição, entre as quais uma vendida num leilão em Nova Iorque (*Notable Dutch and Flemish Old Masters and British Portraits belonging to the estate of the late Henry Blank*. Parke-Bernet Galleries, Inc., p. 4, N.º 6, New York 1949); e três em Portugal: uma com apenas a imagem do Cristo na Cruz, pertencente à Colecção de Álvares Ribeiro, Porto; duas, com as figuras da Virgem e de S. João no primeiro plano e uma paisagem ao fundo, na Colecção de António Capucho, Lisboa. O protótipo desta Crucificação do grande Miguel Ângelo foi, porém, tornado mais conhecido pela gravura contemporânea de Julio Bonasone (Adam Bartsch, *Le Peintre-Graveur*, Quinzième volume, p. 68, n.º 43. Würzburg 1920)». Provàvelmente foi a gravura de Bonasone que serviu de protótipo para o desenho no frontispício do presente atlas.

It seems extraordinary that, in spite of this publicity, such an important and beautiful specimen of early cartography has never been properly studied or, as far as we know, even mentioned outside the United States.

DESCRIPTION

The atlas, in an old dark brown mottled calf binding, probably the original sixteenth-century one, consists of twenty-four leaves of parchment, 322 × 453 mm, the first of which is blank, plus one paper flyleaf at the beginning and another at the end. Each leaf is a separate sheet, sewn in the binding. Two of the leaves (second and sixth) are used on one side only, but the other twenty-one are used on both sides, and the drawing and lettering on some of them, having gone through the parchment, can now be seen on the other page of the same leaf.

Leaves, or folios, 3 *recto* to 12 *verso* contain cosmographic data; folios 13 *recto* to 24 *verso* contain charts. There are, therefore, one page of frontispiece, with the Crucifixion, nineteen pages of cosmographic data and twenty-four pages of charts. Although two of the charts have been left without nomenclature, the whole atlas is well drawn and beautifully illuminated. On the back paper flyleaf, *Sr. Manoel S. Pinto Collegial no Anno de 1705* is written. With a few exceptions, the chart on any one page is the continuation of the chart on the previous page; thus, in most cases, the chart on the *verso* of the folio is complemented by the chart on the *recto* of the next folio, giving an impression of geographical continuity, in spite of the invariable overlapping and of the rectilineal frames. We therefore reproduce two adjoining charts, 453 × 644 mm, on each Plate, in the same order as they appear in the atlas, except the first and last odd pages, which had to be placed together although there is no geographical continuity between them as there is in other cases.

Folio 1 — Blank.

Folio 2 r (Plate 389) — Entirely occupied by a drawing of the Crucifixion, which, according to Professor Luís Reis Santos (6), derives from a drawing ascribed to Michelangelo (Fig. 1).

Folios 3 r - 6 r (Plate 392) — Cosmographic data. The first three pages (Fols. 3 r - 4 r) contain the Regiments of the sun's declinations and of the Southern Cross, for ascertaining the latitudes, followed by the rule for determining the movable feasts in any year. On the next page (Fol. 4 v) there is a wheel with a graphic demonstration of the Regiment of the North Pole, giving, for eight points of the compass (according to the position of Ursa Minor), what should be added to or subtracted from the height of the Pole Star, in order to find the correct latitude. It is followed by (Fol. 5 r) another wheel, or rather wind rose, for measuring a degree in leagues according to the rhumb. Then there is a perpetual novilunar table, and finally (Fol. 6 r) a table of the movable feasts, corresponding to the rule mentioned above (Fol. 4 r).

Folios 7 r - 12 v (Plates 393-394) — Tables of the sun's declinations, for four years — «First year, Second year, Third year, and Leap year» — each year occupying three pages, and the page with the first four months of each year being embellished with drawings of arabesques and flowers, all different. These tables, like those in the atlases of Lázaro Luís and

(6) Our friend Luís Reis Santos, Professor of the History of Art at the University of Coimbra and Director of the remarkable Museum Machado de Castro, Coimbra, kindly wrote the following note for us: «The composition of this Crucifixion derives from a drawing ascribed to Michelangelo, now in the British Museum (*Drawings*, 1895-9-15-504). There are copies of this drawing at Oxford and in the Musée du Louvre; Berenson thought that the drawing in the British Museum was also a copy, but Thode and Johannes Wilde consider it an authentic original. Typical in this composition are the drawing of the body of Christ, the movement in the legs and, chiefly, the representation of the hands and position of the forefingers, which show unmistakably that it was used as a prototype for the frontispiece of the Newberry atlas. When the illustrious Vittoria Colonna received this drawing, sent to her by the famous Artist, she wrote as follows: 'Unique Master Michelangelo and unique Friend, I have received your letter and seen the Crucifixion, which has deleted from my memory any other picture that I may have seen. There is nothing better done. It is not I, evidently, who can explain how fine it is and what a marvel of execution ... If this work belongs to you, I do not want to return it ... You must get accustomed to the idea that never more shall I return it. I saw it well under light, with glass, and with a mirror. Never have I seen anything more perfect. I am your entirely devoted, Marchioness de Pescara' (Hermann Grimm, *Michel Ange et son temps*, p. 439. Paris 1934). This letter must have been written in 1542. The composition of this Crucifixion by Michelangelo, together with those of the Virgin Mary and of St. John the Evangelist, in two drawings which belong to the Musée du Louvre (N.º 720 recto) was the origin of the picture painted by Marcello Venusti for Tomasso de Cavalieri (Henry Thode, *Michelangelo Kritische Untersuchungen*, III, p. 469. 1908), copies of which are now preserved in the Uffizi, Florence, and in the Galleria Borghese, Rome. (Gallerie des Uffizi, *Catalogue des Tableaux*, p. 50, N.º 1559. Florence 1949. Galleria Borghese, N.º 422.) Later, the same Crucifixion inspired the Dutch painter Gillis Mostaert, in a painting signed by the artist, preserved in the Copenhagen Museum (Sander Pierron, *Les Mostaert*, p. 141 and the plate facing p. 142. Bruxelles-Paris 1911). I know several versions of this composition, among them one sold in an auction in New York (*Notable Dutch and Flemish Old Masters and British Portraits belonging to the estate of the late Henry Blank*. Parke-Bernet Galleries, Inc., p. 4, N.º 6, New York 1949); and three in Portugal: one with only the image of Christ on the Cross, in Álvares Ribeiro's Collection, Oporto; two, with the figures of the Virgin and St. John in the foreground and a landscape in the background, in António Capucho's Collection, Lisbon. The prototype of this Crucifixion of the great Michelangelo was, however, made better known by the contemporary engraving of Julio Bonasone (Adam Bartsch, *Le Peintre-Graveur*, Quinzième volume, p. 68, n.º 43. Würzburg 1920)». It was probably Bonasone's engraving that was used as a prototype for the drawing on the frontispiece of the present atlas.

Luís e Vaz Dourado, copiadas do *Regimento de Évora,* calculado para os anos de 1517 a 1520.

Fólios 13 r e 24 v (Estampa 395) — Esta Estampa contém a primeira e última cartas no atlas. A primeira carta (A) é única no atlas em que o norte não corresponde à parte superior da página. Representa o noroeste da Europa, com a Escandinávia, Islândia e Ilhas Britânicas. A outra carta (B) representa a costa ocidental da Península Ibérica e a costa noroeste da África, com os arquipélagos atlânticos.

Fólios 13 v - 14 r (Estampa 396) — Costas da Europa, noroeste da África, Mediterrâneo Central e Ocidental, e os arquipélagos atlânticos.

Fólio 14 v (Estampa 397 A) — Mediterrâneo Oriental e Mar Negro, com a parte norte do Mar Vermelho e do Golfo Pérsico.

Fólio 15 r (Estampa 397 B) — Costas do Brasil e parte do Atlântico Central.

Fólios 15 v - 16 r (Estampa 398) — Costa ocidental da África.

Fólios 16 v - 17 r (Estampa 399) — Costa oriental da África, com Madagáscar e o sudoeste do Oceano Índico.

Fólios 17 v - 18 r (Estampa 400) — Mar Vermelho, Golfo Pérsico e Índia.

Fólios 18 v - 19 r (Estampa 401) — Costas do Extremo Oriente, de Ceilão ao Japão, com o Arquipélago Oriental.

Fólio 19v (Estampa 402 A) — Molucas e costa norte da Nova Guiné.

Fólio 20 r (Estampa 402 B) — Parte das costas da Península Ibérica, noroeste da África e nordeste do Brasil, sem nomenclatura.

Fólio 20v (Estampa 403 A) — Costa ocidental da África, sem nomenclatura.

Fólio 21 r (Estampa 403 B) — Parte da América Central e Golfo da Califórnia.

Fólio 21v (Estampa 404 A) — Costas da América Central e ocidental da América do Sul.

Fólio 22r (Estampa 404 B) — Costa oriental da América do Sul, com o Rio da Prata e o Estreito de Magalhães, apresentando este a legenda *Estreito de fernaõ de magualhais. por omde foi A india de portuguall: —.* Uma curiosa particularidade desta página é que, na sua parte superior e em separado do resto do desenho, estão representadas as costas da Terra Nova e do continente norte-americano para sudoeste. De facto este desenho é, de certo modo, continuação para sudoeste, da carta da Terra Nova na página seguinte.

Fólios 22 v - 23 r (Estampa 405) — Atlântico Norte com as costas da Terra Nova e regiões vizinhas, da Europa Ocidental e do noroeste da África.

Fólios 23 v - 24 r (Estampa 406) — Índias Ocidentais e costas da América Central e regiões vizinhas.

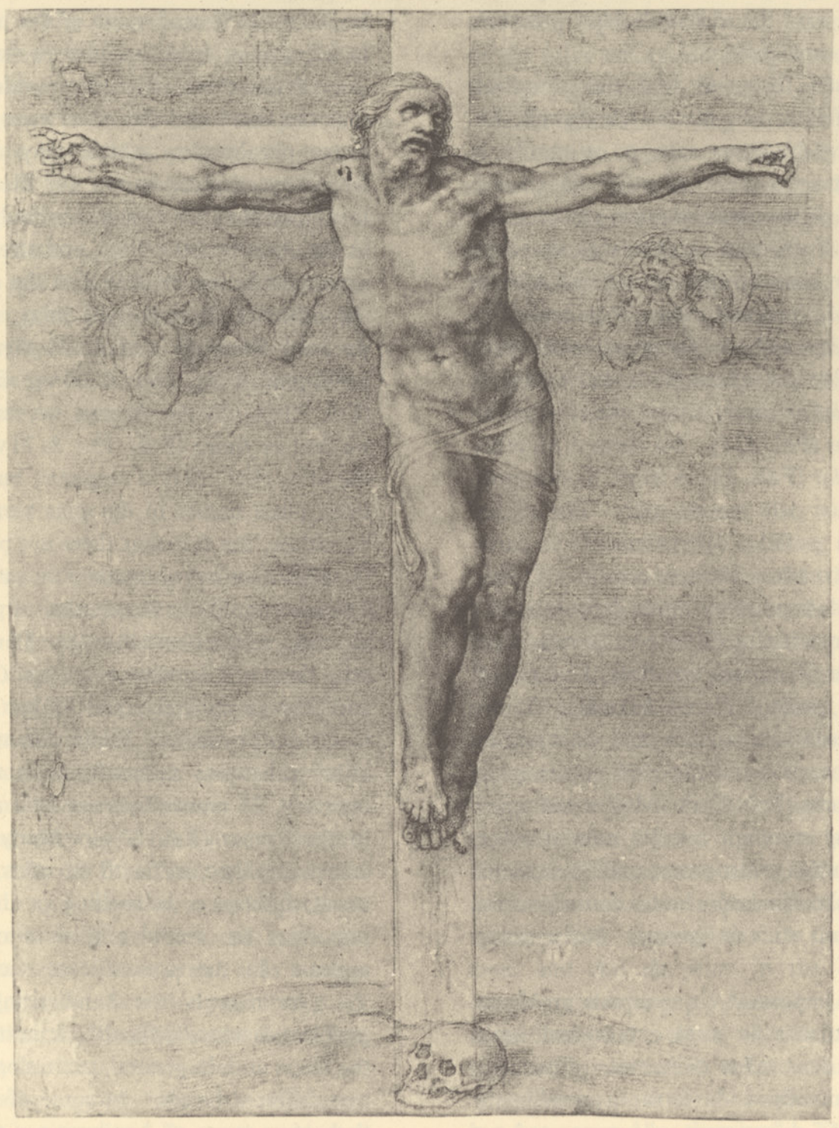


FIG. 1 — A CRUCIFICAÇÃO, DE MIGUEL ÂNGELO
THE CRUCIFIXION, BY MICHELANGELO

British Museum

Vaz Dourado, are reproduced from the *Regimento de Évora,* which was calculated for the years 1517 to 1520.

Folios 13 r and *24 v* (Plate 395) — This Plate contains the first and last charts in the atlas. The first chart (A) is the only one in the atlas in which the north does not correspond to the top of the page. It represents the north-west of Europe, with Scandinavia, Iceland and the British Isles. The other chart (B) represents the western coast of the Iberian Peninsula and the north-western coast of Africa, with the Atlantic archipelagos.

Folios 13 v - 14 r (Plate 396) — Coasts of Europe, north-west of Africa, Central and Western Mediterranean, and the Atlantic archipelagos.

Folio 14 v (Plate 397 A) — Eastern Mediterranean and the Black Sea, with the northern part of the Red Sea and the Persian Gulf.

Folio 15 r (Plate 397 B) — Coasts of Brazil and part of the Central Atlantic.

Folios 15 v - 16 r (Plate 398) — Western coast of Africa.

Folios 16 v - 17 r (Plate 399) – Eastern coast of Africa, with Madagascar and the South-west Indian Ocean.

Folios 17 v - 18 r (Plate 400) — Red Sea, Persian Gulf and India.

Folios 18 v - 19 r (Plate 401) — Coasts of the Far East, from Ceylon to Japan, with the Eastern Archipelago.

Folio 19 v (Plate 402 A) — Moluccas and north coast of New Guinea.

Folio 20 r (Plate 402 B) — Part of the coasts of the Iberian Peninsula,north-west of Africa and north-east of Brazil, without names.

Folio 20 v (Plate 403 A) — West coast of Africa, without names.

Folio 21 r (Plate 403 B) — Part of Central America and Gulf of California.

Folio 21 v (Plate 404 A) —Coasts of Central and Western South America.

Folio 22 r (Plate 404 B) — Eastern coast of South America, with the River Plate and the Strait of Magellan, the latter bearing the inscription «Strait of Ferdinand Magellan through which he went to the India of Portugal». A peculiarity of this page is that, at its top, part of the coasts of Terra Nova and the North American continent to the south-west are represented, separated from the rest of the drawing. In fact this drawing is (in a sense) a continuation, to the south-west, of the chart of Terra Nova on the following page.

Folios 22 v - 23 r (Plate 405) — North Atlantic with the coasts of Terra Nova and neighbouring regions, and Western Europe and north-west of Africa.

Folios 23 v - 24 r (Plate 406) — West Indies and the coasts of Central America and neighbouring regions.

O AUTOR

Não podemos encontrar entre todos os espécimes conhecidos da cartografia portuguesa antiga nenhum que possa ser melhor relacionado com o atlas da Newberry Library do que a carta de Sebastião Lopes de 1558.

Algumas semelhanças no desenho e na iluminura das duas obras, com exclusão de quaisquer outras, são deveras impressionantes. O grupo de camelos carregados e os dois cavaleiros esgrimindo com lanças, no norte de

THE AUTHOR

Among all the known specimens of early Portuguese cartography, we cannot find any that might better be related to the anonymous atlas in the Newberry Library than Sebastião Lopes' chart of 1558.

Some similarities in the drawing and illumination of these two works, to the exclusion of any others, are particularly striking. The group of loaded camels and two horsemen skirmishing with spears in the north of

África no atlas Newberry (Fol. 14 r), e o grupo de quatro cavaleiros, ao que parece dois portugueses perseguindo dois árabes, dois deles também esgrimindo com lanças, na carta de 1558 (Estampa 390), em ambos os casos dispostos e situados da mesma maneira, correndo para leste entre as margens do Mediterrâneo e as Montanhas do Atlas (em ambos os casos chamadas *Montes Claros* ou *Craros,* designação já então pouco usual), que não se encontram em qualquer outra carta, são demasiado semelhantes para não terem sido desenhados pela mesma mão. O mesmo se aplica ao índio derrubando pau brasil, tanto no atlas (Fol. 15 r) como na carta, na mesma região do Brasil entre o Maranhão e o Cabo Frio. O desenho de Lisboa no atlas (Fol. 13 v) e na carta, em ambos os casos situado a meio da Península Ibérica, são por assim dizer idênticos. Os curiosos arabescos, que ornamentam a bela rosa-dos-ventos no centro da carta de 1558, aparecem de novo no atlas enfeitando as tábuas de declinação solar, em vários escudos e especialmente na grande bandeira sobre a Escandinávia, implantada no Fiord de Oslo (Fol. 13 r). Além disso, as três vastas rosas-dos-ventos com Cruzes de Cristo, excepcionalmente grandes, marcando o Oriente (Fols. 20 v, 21 v e 22 r, in Estampas 403 A e 404), que não se encontram em qualquer outra carta excepto na de Sebastião Lopes de 1558 e as outras que aqui lhe são atribuídas, parecem de um mesmo tipo, inerente às obras deste cartógrafo.

Se por um lado estas afinidades são forte, se não inconfundível indicação de que a carta e o atlas foram feitos pelo mesmo cartógrafo, há algumas discrepâncias que podem suscitar dúvidas: nem a ortografia e frequência de topónimos correspondem sempre, nem a caligrafia parece ser sempre a mesma. É certo que por vezes encontramos os mesmos topónimos escritos diferentemente na carta e no atlas, e extensões de costa em que a toponímia é mais numerosa num caso do que no outro. Mas o mesmo acontece com as diferentes cartas do próprio atlas. Por exemplo: no arquipélago de Cabo Verde lê-se *Samtiago* e *J. do foguo* na carta; mas no atlas encontramos *samtiaguo* (Fols. 13 e 24 v), *samtiago* (Fols. 15 r e 15 v), e *s. tiaguo* (Fol. 23 r). Nos Açores lê-se *das froles* na carta, mas no atlas encontramos *as froles* (Fols. 13 v e 24 v) e *as flores* (Fol. 23 r). Na carta e no atlas (Fol. 23 r) *o mogador,* mas também *o moguador* (Fols. 13 v e 24 v). Todos estes topónimos no atlas parecem ter sido escritos pela mesma mão. Por conseguinte, o facto de alguns nomes aparecerem grafados diferentemente na carta e no atlas não significa necessàriamente que o autor não seja o mesmo. Idêntica circunstância se observa com o número de topónimos numa dada extensão de costa. Por exemplo, na carta há 35 nomes entre *Ceita* e *c: boyador*; no atlas há, entre *ceuta* e *C:. do baxador,* 39 e 36 nomes em Fols. 13 v e 23 r respectivamente, e 38 em Fol. 24 v, onde a grafia é *C:. do boxador*. Se no atlas esta mesma extensão de costa é representada três vezes com mais nomes do que na carta, na Terra Nova encontramos, pelo contrário, 28 nomes entre *bela Ilha* e *C: Raso* nesta, e apenas 17 naquele (Fol. 22 v). Muitos exemplos semelhantes se podem encontrar quando se compara a carta com o atlas, donde se vê que, tanto neste como em muitos outros casos, diferenças na grafia ou na frequência de topónimos não são tão importantes como poderia parecer para a identificação de uma carta ou atlas anónimos. No presente caso tais diferenças nada provam.

No que respeita à caligrafia, a primeira impressão é que aqui o problema é mais difícil. É certo que a letra é mais direita na carta e, em geral, mais inclinada no atlas, o que claramente revela duas mãos diferentes. Contudo, nalgumas cartas do atlas parece haver dois tipos de letra: a geralmente inclinada e uma outra mais direita, que não difere muito da que se vê na carta de 1558, como por exemplo em Fol. 24 r, especialmente nalgumas ilhas do norte das Índias Ocidentais, e em Fol. 19 r, sobre Bornéu. Além disso, nalgumas das cartas do atlas um ou outro dos topónimos originalmente escritos foi raspado e outro nome posto no mesmo lugar. A letra destes palimpsestos, inteiramente diferente, parece ser a mesma da carta de 1558. Um dos exemplos mais evidentes encontra-se em Fol. 17 v. Na margem africana do Mar Vermelho, no sítio que parece corresponder a Dungunab Bay, formada pelo Ras Abu Shagara ou Rawai, vê-se claramente o pergaminho raspado, tendo aí sido escrito *paso da fortu | na dagoa dose* em lugar do nome que antes lá estava e do qual ainda ficaram leves vestígios. A nova designação parece ter sido escrita pela mesma mão que escreveu a nomenclatura na carta assinada por Sebastião Lopes. Correcções semelhantes se podem ver noutras cartas do atlas. Por exemplo, na costa do Hadramaut, na Arábia (Fol. 18 r), entre *o gebo* e *dofar,* escritos na mesma letra dos outros topónimos, o pergaminho também foi raspado e o nome *camger,* que deve corresponder a Ras Sakar (7), foi escrito com a mesma letra do outro palimpsesto. Provàvelmente estava escrito *ciger,* como em Fol. 17 v, o que escapou à correcção do cartógrafo. O mesmo

(7) Chamado *gĕbel sâgeř* no *Mohît*. Wilhelm Tomaschek, *Die topographischen Capitel des indischen Seespiegels Mohît*, p. 56, Tafel XI. Wien 1897. *Sâgeř* corresponde à pronunciação portuguesa «samger»; o *c* de *camger* deve ter sido originalmente um *ç*, com o mesmo valor fonético do *s* em "sol".

Africa in the Newberry Atlas (Fol. 14 r), and the group of four horsemen, apparently two Portuguese pursuing two Arabs, two of whom are also skirmishing with spears, in the chart of 1558 (Plate 390) — in both cases with exactly the same disposition and in the same situation, running eastwards between the Mediterranean border and the Atlas Mountains (in both cases called *Montes Claros* or *Craros,* an unusual designation at that time) — are not found in any other chart, and are too similar not to have come from the same pen. The same applies to the Indian felling brazil wood (Fol. 15 r), in the same region of Brazil, between the River Maranhão and Cabo Frio, in both works. The drawing of Lisbon in the atlas (Fol. 13 v) and that in the chart, both similarly situated in the middle of the Iberian Peninsula, are practically identical. The peculiar arabesques which ornament the beautiful wind rose in the centre of the 1558 chart appear again in the atlas where they embellish the tables of solar declinations, and are seen in several escutcheons and particularly in the huge flag over Scandinavia, planted on Oslo Fiord (Fol. 13 r). Furthermore, the three huge and typical wind roses, with unusually large Crosses of Christ marking the East (Fols. 20 v, 21 v and 22 r, in Plates 403 A and 404), which we can find in no other chart except that signed by Sebastião Lopes in 1558 and most of the others here ascribed to him, seem to belong to a common type, peculiar to the work of this cartographer.

While these affinities provide a strong, if not unmistakable, indication that the chart and the atlas were made by the same cartographer, there are some peculiarities which may raise doubts: neither the spelling and frequency of place names nor the handwriting seem always to be the same. It is true that we sometimes find the same place names written differently in the chart and the atlas, and stretches of coast where the toponymy is more numerous in one than it is in the other. But the same thing occurs between the different charts of the atlas. For instance: in the Cape Verde Islands we read *Samtiago* and *J. do foguo* in the chart; but in the atlas we find *samtiaguo* (Fols. 13 r & 24 v), *samtiago* (Fols. 15 r & 15 v), and *s. tiaguo* (Fol. 23 r). In the Azores, we read *das froles* in the chart, but in the atlas we find *as froles* (Fols. 13 v & 24 v) and *as flores* (Fol. 23 r). In the chart and the atlas (Fol. 23 r) *o mogador,* but also *o moguador* (Fols. 13 v & 24 v). All these place names in the atlas seem to have been written by the same hand. Therefore, the fact that there are place names spelt differently in the chart and the atlas does not necessarily mean that they do not go back to the same author. This also applies to the number of place names on a given stretch of coast. For example, in the chart there are 35 names between *Ceita* and *c: boyador*; in the atlas there are, between *ceuta* and *C:. do baxador,* 39 and 36 names on Fols. 13 v and 23 r respectively, and 38 on Fol. 24 v (but here the spelling is changed to *C:. do boxador*). While this stretch of coast is thrice represented in the atlas with more names than in the chart, we find in Terra Nova, on the contrary, 28 names between *bela Ilha* and *C: Raso* in the latter, and only 17 in the former (Fol. 22 v). Many other such instances can be found when comparing the chart with the atlas, which shows that in this, as in many other cases, differences in spelling or in the frequency of place names are not as important for the identification of an anonymous chart or atlas as might appear. In the present case such differences can prove nothing.

As regards the handwriting, the first impression is that here the problem is more difficult. It is true that the handwriting is more upright in the chart and, in general, more sloping in the atlas, a fact which clearly denotes two different hands. In some of the charts in the atlas there seem, however, to be two types of handwriting: the general sloping one, and another more upright which does not differ much from that in the chart of 1558, as for instance on Fol. 24 r, particularly in some small northern islands of the West Indies, and on Fol. 19 r, in Borneo. Furthermore, in some of the charts of the atlas one or other of the place names had been scratched out and another name written in its place. The entirely different handwriting of these palimpsests seems to be the same as the handwriting in the chart of 1558. One of the most striking examples is on Fol. 17 v. On the African side of the Red Sea, where it seems to correspond to Dungunab Bay, formed by Ras Abu Shagara or Rawai, the parchment has obviously been scratched and then *paso da fortu | na dagoa dose* written instead of the name which had been written there, faint traces of which still remain. The substitution appears to be in the same hand that wrote the nomenclature in the chart signed by Sebastião Lopes. Similar corrections can be seen in other charts of the atlas. For instance, on the coast of Hadramaut (Fol. 18 r), between *o gebo* and *dofar,* written like most of the other place names, the parchment has again been scratched and the name *camger* — which must correspond to Ras Sakar (7) — written in the same hand as the other palimpsest. Perhaps *ciger* was written there, as on Fol. 17 v, which escaped the cartographer's correction. The same

(7) Called *gĕbel sâgeř* in the *Mohît*. Wilhelm Tomaschek, *Die topographischen Capitel des indischen Seespiegels Mohît*, p. 56, Tafel XI. Wien 1897. *Sâgeř* corresponds to the Portuguese pronunciation «samger»; the *c* of *camger* must originally have been a *ç*, which has the same phonetic value in Portuguese as the *s* in "sun".

acontece com *narizis,* a sul de Bergen, na Noruega (Fol. 13 r); *baxos,* na costa sul-africana, e *J: dantipe,* no sul de Madagascar (Fol. 16 v); *Cabo frio, R:. terçeiro, R: do estremo, R:. das Virtudes* e *R:. das pedras,* na costa do Brasil (Fol. 15 r); *fluxam* e *caifaso,* na costa mais oriental do Mediterrâneo (Fol. 14 v), podendo-se encontrar outros casos análogos.

O processo utilizado deve ter sido o seguinte: Sebastião Lopes desenhou todas ou quase todas as cartas no atlas e encarregou algum ajudante ou discípulo de escrever a nomenclatura, o que este não pôde fazer nalgumas das cartas, cujo desenho ficou concluído mas sem quaisquer nomes. Talvez o ajudante tivesse utilizado mais do que um protótipo para copiar a nomenclatura. Depois, quando verificou o trabalho do ajudante, Sebastião Lopes corrigiu ou completou a toponímia, para o que teve de raspar o pergaminho várias vezes.

Além dos desenhos muito interessantes do grupo de dois cavaleiros e dois outros homens com quatro camelos carregados, no norte da África, da mulher índia e da criança, com um homem a derrubar árvores, no Brasil, a vista de Lisboa, já referidos, e a ornamentação nalgumas das páginas de elementos cosmográficos, rosas-dos-ventos, troncos-de-léguas, escudos e bandeiras, e a representação de várias outras cidades e castelos, ainda encontramos no atlas os artísticos desenhos de vários navios. Estes navios são sem dúvida os mais belos componentes da iluminura de todo o atlas, e — embora o desenho de navios fosse vulgar em cartas do século dezasseis — o seu estilo refinado é excepcionalmente belo, recordando os navios lindamente desenhados no grupo de cartas Lopo Homem–Reinéis, de 1519 (Estampas 16-24), que provàvelmente foram usados como protótipo (8). Sebastião Lopes foi um jovem contemporâneo de Lopo Homem, vivendo ambos em Lisboa, e parece haver certo parentesco entre as suas obras, tanto mais que um sucedeu ao outro como examinador oficial de cartógrafos. Não se pode fugir à impressão de que terá havido uma estreita relação entre os dois homens. É muito possível que Lopo Homem tivesse sido mestre de Sebastião Lopes, que indubitàvelmente era artista e poderia ter usado protótipos pertencentes àquele.

A DATA

O facto desconcertante de este atlas ter sido datado, por especialistas norte-americanos, de «c. 1600», num caso, e «anterior a 1550», no outro, é por si só indicação de como é intrincado o problema de averiguar quando foi feito. A carta assinada por Sebastião Lopes e o atlas e as cartas que lhe atribuímos não abrangem as mesmas regiões; e para os seus desenhos, e em especial para as nomenclaturas, certamente foram utilizados protótipos diferentes, o que em nada facilita a sua comparação para efeitos de data. Por exemplo, a Terra Nova no atlas tem menos topónimos do que em qualquer das outras cartas, embora tanto num como noutras a sua representação siga sempre o mesmo protótipo. Na costa do Brasil os topónimos são muito mais numerosos na carta de 1558 do que no atlas, e os respectivos desenhos seguiram protótipos diferentes, o que se dá também com o Rio da Prata, num caso chamado *Rios da prata* e no outro *Rio da prata*; mas a carta do atlas tem um desenho imaginário de *Açemção* (Asuncion, no Paraguai) que na carta não é sequer mencionada. Observações semelhantes se podem fazer quanto a outras regiões representadas na carta e no atlas.

Vejamos agora outras regiões que estão representadas no atlas mas não são abrangidas pela carta. O desenho e toponímia da costa ocidental da América do Sul são muito incipientes, e podem ter sido tomadas do mesmo protótipo que o planisfério de Lopo Homem, de 1554 (Estampa 27). O lugar mais a sul que regista é *porto deseado / de chille al q̃ lhamaõ chariguana* — mistura de castelhano e português que revela protótipo espanhol. Mas só na correspondente carta do atlas Anónimo – Bartolomeu Velho, que datamos de c. 1560, encontramos *puerto deseado / de chille* (Estampa 229) semelhantemente situado. Os desenhos em Fols. 21 v - 22 r ainda não mostram a ligação entre a costa ocidental e o Estreito de Magalhães, que também se mostra muito incipientemente desenhado. Esta ligação aparece pela primeira vez no atlas de Diogo Homem, de 1558 (Estampas 100 D e 107-108), mas apenas esboçada e sem nomes. Bartolomeu Velho é o primeiro que, numa das suas cartas de 1561 (Estampa 202), mostra o desenho completo, apresentando a costa ocidental e o Estreito de Magalhães ligados e com nomenclatura. Daí em diante, representação semelhante aparece em todas as cartas portuguesas da América do Sul. Isto podia ser uma indicação de que o atlas seria contemporâneo do planisfério de Lopo Homem de 1554.

(8) Foi certamente este tipo estilizado de navios que inspirou o artista ou artistas que, no terceiro quartel do século dezasseis, desenharam as *armadas* pintadas do Palácio dos Vice-reis em Goa e o *Livro das Armadas,* de que o mais célebre exemplar se encontra na Academia das Ciências de Lisboa, e a maior parte de outro exemplar, ou cópia, incorporado no *Livro de Lizuarte de Abreu,* o precioso códice que em 1910 foi roubado da Biblioteca da Ajuda e em 1912 vendido por Rosenthal, de Nova Iorque, à Pierpont Morgan Library. Vide Vol. I, Estampa 87.

thing occurs with *narizis,* south of Bergen (Fol. 13 r); *baxos,* on the South African coast, and *J: dantipe,* in the south of Madagascar (Fol. 16 v); *Cabo frio, R:. terçeiro, R: do estremo, R:. das Virtudes* and *R:. das pedras,* on the coast of Brazil (Fol. 15 r); *fluxam* and *caifaso,* on the easternmost coast of the Mediterranean (Fol. 14 v); and other analogous cases can be found.

This is what we suppose to have occurred: Sebastião Lopes drew all or nearly all the charts in the atlas and got some assistant or pupil to write the nomenclature, which the latter could not do in some charts, where the drawing has been completed but left without any place names at all. Perhaps more than one prototype was used for the assistant to copy the nomenclature. Then, when checking the assistant's work, Sebastião Lopes corrected or completed the nomenclature, for which he had to scratch the parchment several times.

Besides the very interesting drawings of the group of two horsemen and two other men with four loaded camels, in the north of Africa, the Indian woman and child with a man felling trees in Brazil, the view of Lisbon, already mentioned, and the ornamentation of some of the pages of cosmographic data, the wind roses, scales of leagues, escutcheons, banners and the representation of several other cities and castles, we also find in the atlas ten artistic drawings of various ships. These ships are certainly the most beautiful features of the illumination of the whole atlas, and — although the drawing of ships was common in sixteenth-century charts — their refined style is exceptionally lovely and brings to mind the beautifully drawn ships in the Lopo Homem–Reinels group of charts of 1519 (Plates 16-24), which were probably used as a prototype (8). Sebastião Lopes was a younger contemporary of Lopo Homem, both lived in Lisbon, there seems to be some relationship between their works, and one succeeded the other as an official examiner of cartographers. We cannot escape the feeling that there was some close connection between the two men. It is quite possible that Lopo Homem taught Sebastião Lopes, who was undoubtedly an artist and may have used some prototypes belonging to the former.

THE DATE

The disconcerting fact that this atlas has been ascribed, by scholars in the United States, to «c. 1600» on the one hand, and to «before 1550» on the other, itself shows how baffling is the problem of dating it. The chart signed by Sebastião Lopes and the atlas and charts we ascribe to him do not cover the same regions; and their outlines, and particularly their nomenclature, were undoubtedly taken from different prototypes, which does not make their comparison, with a view to dating, any easier. For instance, in the atlas Terra Nova has fewer place names than in any of these charts, although its representation follows the same prototype in all of them. On the coast of Brazil the place names are much more numerous in the 1558 chart than they are in the atlas, and the respective drawings have followed different prototypes, which also applies to the River Plate, called *Rios da prata* in one case, and *Rio da prata* in the other; but the chart in the atlas has an imaginary drawing of *Açemção* (Asuncion, in Paraguay), which is not even mentioned in the chart. Similar comments can be made regarding the other regions represented in the chart and in the atlas.

Let us now turn to other regions which are represented in the atlas but not covered by the chart. The drawing and toponymy of the west coast of South America are very elementary and may have been taken from the same prototype as Lopo Homem's planisphere of 1554 (Plate 27). The most southerly place name it records is *porto deseado / de chille al q̃ lhamaõ chariguana,* a mixture of Spanish and Portuguese which denotes a Spanish prototype. But *puerto deseado / de chille* can only be found similarly situated in the corresponding chart (Plate 229) of the Anonymous–Bartolomeu Velho atlas, which we have dated c. 1560. The drawings on Fols. 21 v - 22 r do not yet show a connection between the west coast and the Strait of Magellan, the drawing of which is also rudimentary. This connection appeared first in Diogo Homem's atlas of 1558 (Plates 100 D and 107-108), but only sketched and without names. Bartolomeu Velho, in one of his charts of 1561 (Plate 202), is the first to show the complete drawing in which the west coast and the Strait of Magellan are connected and have place names. From that time a similar representation is shown in all Portuguese charts of South America. This might be an indication that the atlas was contemporary with Lopo Homem's planisphere of 1554.

(8) There can be no doubt that it was this stylized type of ship that inspired the artist or artists who in the third quarter of the sixteenth century drew the *armadas* depicted in the Palace of the Viceroys in Goa, and in the *Livro das Armadas,* the most famous copy of which is preserved in the Academia das Ciências, Lisbon, the greater part of another copy being incorporated in the *Livro de Lizuarte de Abreu,* the precious codex stolen from the Biblioteca da Ajuda, Lisbon, in 1910 and sold to the Pierpont Morgan Library by Rosenthal, of New York, in 1912. See Vol. I, Plate 87.

Mas o desenho das Filipinas — representadas semelhantemente no planisfério de Lopo Homem e em todos os atlas universais de Diogo Homem, e com pequena diferença em Bartolomeu Velho — mostra no presente atlas configuração muito diversa. O atlas de Lázaro Luís de 1563 é o primeiro que representa o arquipélago com uma costa correndo direita para nordeste, e a legenda *costa de luções e laos por omde pasou pº fidalgo / vindo de borneo Num Jumco de chis e coreo com / temporal ao lomgo dela foi tomar llamao,* em letra pequena, no norte. A mesma representação aparece em todos os atlas de Vaz Dourado (1568-1580), mas a legenda está escrita ao longo duma costa direita, como *COSTA. DELAVS. ELVÇOIS* apenas, no atlas de 1568, e também por completo nos outros atlas. No presente atlas a legenda vem escrita mais ou menos como nos últimos atlas de Vaz Dourado, mas a longa costa direita está ligada com a maior parte das ilhas a norte e leste, formando duas grandes ilhas apenas separadas por outra mais pequena. Isto parece indicar uma data posterior à do atlas de Lázaro Luís, de 1563, embora não muito posterior, pois ainda mostra as *jlhas do ambre* que este já diz não existirem (9).

O desenho da costa norte da Nova Guiné é aqui mais completo do que no atlas de Lázaro Luís, mas menos do que em qualquer dos atlas de Vaz Dourado, o que sugere uma data entre 1563 e 1568. A representação da parte sul do Japão no presente atlas é do tipo Lázaro Luís – Vaz Dourado, mas com algumas diferenças. Quiushu é aqui mais alongada do que naquele, e a península da Coreia é também mais alongada e ponteaguda, como numa das cartas de Bartolomeu Velho de 1561 (Estampa 204), dando a impressão de ser uma transição ou tentativa de contemporização. Cerca da passagem entre Quiushu e Honshu lê-se no atlas (Fol. 19 r) *estreito q̇ uai ter / ao cacai* (10) — inscrição que pela primeira vez encontramos em Bartolomeu Velho, c. 1560 (Estampa 235) e 1561 (Estampa 204), respectivamente como *estreito q̃ vai ter ao saquai* e *estrº q̃ uai ter ao quacai*. Se por um lado a representação das Filipinas e Japão não fornece qualquer indicação mais precisa quanto à data, por outro não se opõe à possibilidade de o atlas ter sido desenhado entre 1563 e 1568.

Como atrás vimos, na margem africana do Mar Vermelho (Fol. 17 v) foi raspado um topónimo e escrito no mesmo lugar *paso da fortu / na dagoa dose,* aparentemente pelo próprio Sebastião Lopes. Encontramos *o poço da lapa,* pela primeira vez e no mesmo lugar, no atlas de Diogo Homem de 1558 (Estampa 104), e depois em todos os seus outros atlas universais, excepto no de 1568. O atlas de Lázaro Luís de 1563 tem *poso da furna daugoa / dose omde estaua a gelua* (11) *alagada.* Deve notar-se que no presente atlas se segue ao topónimo acima referido, mas separadamente, outro topónimo, *omde estaua a gelua / allaguada,* que se encontra em quase todas as cartas contemporâneas. Mas só no atlas de Lázaro Luís encontramos os dois nomes a seguir um ao outro, como se fossem um só. Todos os atlas de Vaz Dourado, excepto o de 1568 em que a África não é de todo representada, têm *poso da furna.* Não conseguimos encontrar um topónimo semelhante em qualquer outra carta contemporânea, até que reaparece no atlas de 1590 de Bartolomeu Lasso, como *poco da furna / de agoa doce* (Estampa 324), e em Linschoten como *Paso da furna* (Estampa 385 A). A designação levou tempo a desaparecer da cartografia portuguesa, porque ainda encontramos este *posso da furna* em dois atlas de João Teixeira, ambos datados de 1649. Parece como que se este topónimo no presente atlas fosse tomado de um protótipo semelhante ao atlas de Lázaro Luís, separando correctamente o que erradamente tinha sido posto junto, mas provàvelmente lendo *paso da fortuna* onde estava *poso da fortuna,* que também fazia sentido embora fosse um erro, porque *poso, posso* ou *poço,* grafias diferentes da mesma palavra, é o que se encontra em todas as outras cartas. Se assim for, ainda não há motivo para que o presente atlas não tivesse sido feito entre 1563 e 1568.

Infelizmente nada do que acima se expõe contém indicação que possa conduzir a uma decisão definitiva sobre a data do atlas. É mesmo possível que tal indicação esteja muito evidente, como um estudo pormenorizado de toda a sua toponímia talvez viesse a revelar, mas não tivemos a sorte de a descobrir. Contudo não podemos fugir à impressão de que este atlas foi feito entre 1563 e 1568, pelo que sugerimos c. 1565 para a sua data.

Em resumo: o atlas muito belo, anónimo e sem data, na Ayer Collection da Newberry Library, de Chicago, foi muito provàvelmente feito por Sebastião Lopes — que teve um ajudante para escrever a toponímia, que nalguns sítios o cartógrafo corrigiu com a sua própria mão — talvez c. 1565.

(9) Vid. Vol. II, p. 113, da presente obra.

(10) A «cidade livre» de Sacai era um porto marítimo perto de Osaca, ponto principal de arribada para os navios portugueses que então iam ao Japão. Cf. C. R. Boxer, *The Christian Century in Japan 1549-1650*, pp. 60 e 127. California & London 1951.

(11) Ou *jelba,* pequeno barco indígena empregado nas margens do Mar Vermelho.

But the drawing of the Philippines — which is similarly represented in Lopo Homem's planisphere and all Diogo Homem's atlases of the world, and slightly differently in Bartolomeu Velho — in the present atlas shows quite a different pattern. Lázaro Luís' atlas of 1563 is the first to represent the archipelago with a straight coast running north-eastwards, and the legend *costa de luções e laos por omde pasou pº fidalgo / vindo de borneo Num Jumco de chis e coreo com / temporal ao lomgo dela foi tomar llamao,* in small writing in the north. The same representation appears in all Vaz Dourado's atlases (1568-1580), but the legend is written along the straight coast, as *COSTA. DELAVS. ELVÇOIS* only, in the atlas of 1568, and in full in the other atlases. In the present atlas the legend is written more or less as in the later Vaz Dourado atlases, but the long straight coast is connected with the greatest part of the northern and eastern islands, forming two large islands separated only by a smaller one. This might indicate a later date than Lázaro Luís' atlas of 1563, but not much later, because it still shows the *jlhas do ambre* which the latter already says do not exist (9).

The drawing of the north coast of New Guinea is more complete than in Lázaro Luís' atlas but less so than in any of Vaz Dourado's atlases, which suggests a date between 1563 and 1568. The representation of the southern part of Japan in the present atlas is of the Lázaro Luís – Vaz Dourado type, but with some differences. Kyushu is here more elongated than in the latter, and the Korean peninsula is also more elongated and sharper, as in one of Bartolomeu Velho's charts of 1561 (Plate 204), as if it were a transition or an attempt to compromise between the two. Here, near the sea passage between Kyushu and Honshu, we read in the atlas (Fol. 19 r) «Strait that goes to Sakai» (10), an inscription which we find for the first time in Bartolomeu Velho, c. 1560 (Plate 235) and 1561 (Plate 204), only with different spellings. While the representation of the Philippines and Japan does not offer any more precise evidence as regards the date, it does not rule out the possibility that the atlas was drawn between 1563 and 1568.

As seen above, a place name was scratched out on the African side of the Red Sea (Fol. 17 v) and *paso da fortu / na dagoa dose* (place of the good fortune of fresh water) was written in its place, apparently by Sebastião Lopes himself. We find *o poço da lapa* (the well of the grotto) for the first time, and in the same place, in Diogo Homem's atlas of 1558 (Plate 104) and then in all his world atlases except that of 1568. Lázaro Luís, 1563, has *poso da furna daugoa / dose omde estaua a gelua alagada* (well of the grotto of fresh water where the sunken *gelva* (11) was). It must be noted that in the present atlas the place name mentioned above is followed by another, separate, place name, *omde estaua a gelua / allaguada,* which appears in practically every contemporary chart. But Lázaro Luís is the only one in which we find the two names run together as if they were only one. All Vaz Dourado's atlases, except that of 1568 in which Africa is not represented at all, have *poso da furna.* We cannot find a similar place name in any other contemporary chart, until it re-appears in Bartolomeu Lasso's atlas of 1590 as *poco da furna / de agoa doce* (Plate 324), and in Linschoten as *Paso da furna* (Plate 385 A). It took time to disappear from Portuguese cartography, because we still find this *posso da furna* in two atlases of João Teixeira, both dated 1649. It seems as if this place name in the present atlas was taken from a prototype similar to Lázaro Luís' atlas, correctly separating what had there been wrongly run together but probably misreading *paso da fortuna* (place of the good fortune) for *poso da fortuna,* which also made sense although a mistake, because *poso, posso* or *poço* (well), different spellings of the same Portuguese word, is what appears in all the other charts. If this is so, there is still no reason why the present atlas should not have been made between 1563 and 1568.

Unfortunately none of this exposition yields any evidence that might lead to a clear-cut decision about the date of the atlas. Such evidence may even be obvious, as a detailed study of the whole of its toponymy may reveal, but we have not been lucky enough to find it. We have, nevertheless, the impression that the atlas was drawn between 1563 and 1568, and therefore suggest c. 1565 as its date.

Summing up: the very beautiful atlas, anonymous and undated, in the Ayer Collection of the Newberry Library, Chicago, was most probably drawn by Sebastião Lopes — who had an assistant to help him in writing the toponymy, which he corrected in some places with his own hand — possibly c. 1565.

(9) See Vol. II, p. 113, of the present work.

(10) The «free city» of Sakai was a seaport near Osaka, principal point of call for the Portuguese then going to Japan. Cf. C. R. Boxer, *The Christian Century in Japan 1549-1650*, pp. 60 and 127. California & London 1951.

(11) Or *jelba,* a small native boat used on the shores of the Red Sea.

Cueis de saber q̃ dos 11 dias dem
março ate os 13 de setembro anda hosol dabanda donorte
dalinea Equinoctial edos 14 de setembro ate os 10 demar
ço anda dabanda do sull dalinea Equinoctiall

Equando estiuer hosol amtre uos ealinea aIuntare
is aaltura cõ adeclinaçã e tudo Iunto tãto esta
reis afastado dalinea equinoctial pera aparte
dõde estiuerdes

Quando alinea estiuer amtre Vos ehósoll tirareis
adeclinaçaõ daltura eho q̃ ficcar estareis afasta
do dalinea equinoctial pera aparete domde esti
uerdes:-

Equando estiuedes antre hosoll ealinea tirareis
a altura dadeclinaçã E amais declinaçã q̃ Vos

Fol. 3 r.

ficcar estareis afastado dalinea equinoctial pera aparte
dõde estiuerdes

Quando tomardes altura dosoll em 90 gr̃s a:
declinaçã q̃ emtaõ achardes estareis afasta
do dalinea equinoctiall pera aparete dõde
estiuerdes

Equando for adeclinaçaõ tamta como a al
tura nem mais nem menos estareis nalinea
Equinoctiall

Quamdo aaltura q̃ tomardes for mais q̃ ade
clinaçam emtaõ estara alinea amtre Vos e
hosoll equando adeclinaçam for mais q̃ aal
tura emtaõ estareis amtre hosoll ealinea equinoctiall

Fabereis q̃ 60 minutos fazẽ hũ grao e 45 tres qu
artos e 40 dous terços e 30 m̃ grao e 20 hum
terço e 15 hũ quarto e 12 hũ quinto e 10 hũ
sesmo degrao

Quamdo tomardes altura pello cruzeiro dosull
s. polla estrella do pee emtomando 30 gr̃s

Fol. 3 v.

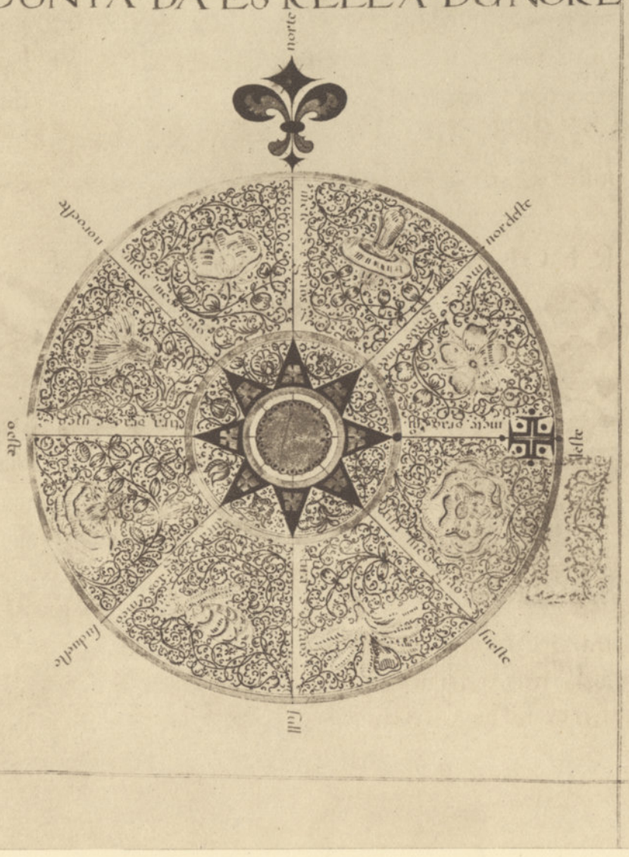
estareis na equinoctial etomando menos de 30 os que
menos tomardes estareis dabanda do norte eos que
mais tomardes de 30 estareis dabanda do sull Equã
do quer q̃ tomardes esta altura tereis auisso q̃ deixe
is a estrella da cabeça com a do pee emlinea de norte
sull

REGLA·DAS·FESTAS·MVDAVEIS·

Pera saber tirar as festas mudaueis polla ta
uoada eis de saber duas coussas a prime
ira quantos temos darenumero calegun
da q̃ letra temos dominiceal aquelle a
nno ealetra dominiceal ade ser a prime
ira q̃ estiuer abaixo do arenumero ena quelle direito
achareis aquantos de quall quer mes Veem cadaa
huãa festa mudauell

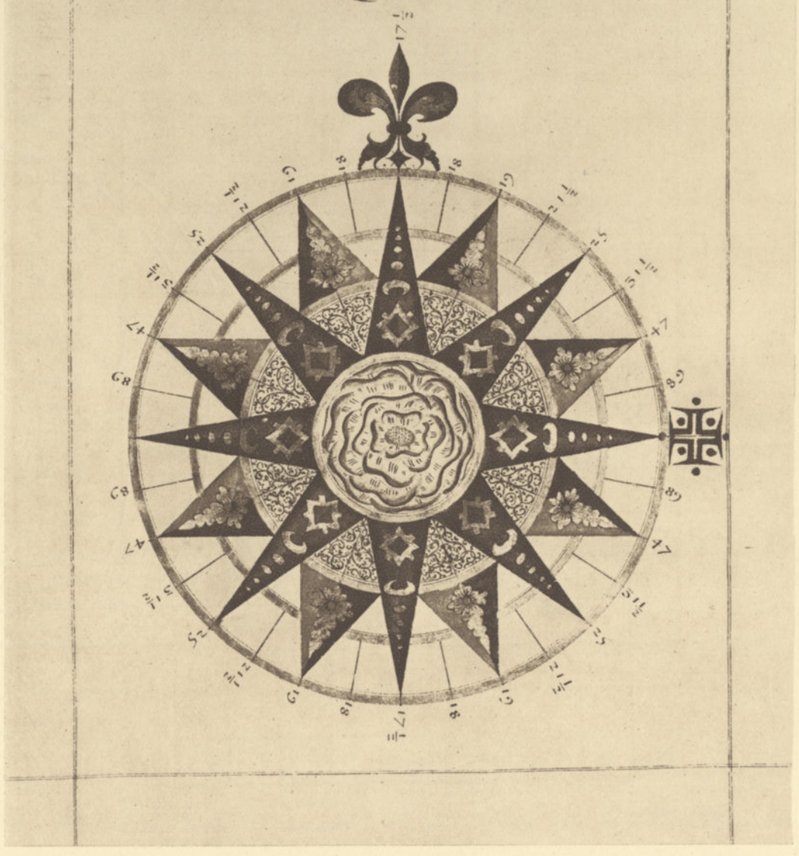
Fol. 4 r.

CONTA·DA·ESTRELLA·DONORTE



Fol. 4 v.

CONTA·DO QVE·RELEVA PORGRÃ



Fol. 5 r.

		Primeiro de Janeiro	Fevereiro	Março	Abril	Mayo	Junho	Julho	Agosto	Setembro	Outubro	Novembro	Dezembro	dias dalua:-	horas:-
	1	18	17	18	17	16	15	14	13	12	11	10	9		
	2	7	6	7	6	5	4	3	2	30	30	29	28		
	3	26	25	26	25	24	23	22	21	20	19	18	17		
	4	15	14	15	14	13	12	11	10	9	8	7	6		
	5	4	3	4	3	2	30	30	29	28	27	26	25	1	3
	6	23	22	23	22	21	20	19	18	17	16	15	14	2	4
	7	12	11	12	11	10	9	8	7	6	5	4	3	3	5
	8	30	0	30	30	29	28	27	26	25	24	23	22	4	6
	9	20	19	20	19	18	17	16	15	14	13	12	11	5	7
	10	9	8	9	8	7	6	5	4	3	2	30	30	6	7
	11	28	27	28	27	26	25	24	23	22	21	20	19	7	8
	12	17	16	17	16	15	14	13	12	11	10	9	8	8	9
	13	6	5	6	5	4	3	2	30	30	29	28	27	9	10
	14	25	24	25	24	23	22	21	20	19	18	17	16	10	11
	15	14	13	14	13	12	11	10	9	8	7	6	5	11	11
	16	3	2	3	2	30	30	29	28	27	26	25	24	12	12
	17	22	21	22	21	20	19	18	17	16	15	14	13	13	1
	18	11	10	11	10	9	8	7	6	5	4	3	2	14	2
	19	30	0	30	30	29	28	27	26	25	24	23	22	15	3

Fol. 5 v.

		Festa de Circuncisão Janeiro	Epifania Janeiro	Septuagesima Feuereiro	Cinzas Março	Pascoa de Ramos Abril	Pascoa Florida Abril	Ascensão Mayo	Pentecostes Mayo	Trindade Mayo	Corpus Christi Mayo
16											
5	d	18	3	22	27	30	10	17	21		
°	e	19	4	23	28	mayo	11	18	22		
13	f	20	5	24	29	2	12	19	23		
2	g	21	6	25	30	3	13	20	24		
°	a	22	7	26	mayo	4	14	21	25		
10	b	23	8	27	2	5	15	22	26		
°	c	24	9	28	3	6	16	23	27		
18	d	25	10	29	4	7	17	24	28		
7	e	26	11	30	5	8	18	25	29		
°	f	27	12	31	6	9	19	26	30		
15	g	28	13	abrill	7	10	20	27	31		
4	a	29	14	2	8	11	21	28	junhoo		
°	b	30	15	3	9	12	22	29	2		
12	c	31	16	4	10	13	23	30	3		
1	d	feuereiro	17	5	11	14	24	31	4		
°	e	2	18	6	12	15	25	junho	5		
9	f	3	19	7	13	16	26	2	6		
°	g	4	20	8	14	17	27	3	7		
17	a	5	21	9	15	18	28	4	8		
6	b	6	22	10	16	19	29	5	9		
°	c	7	23	11	17	20	30	6	10		
14	d	8	24	12	18	21	31	7	11		
3	e	9	25	13	19	22	junho	8	12		
°	f	10	26	14	20	23	2	9	13		
11	g	11	27	15	21	24	3	10	14		
°	a	12	28	16	22	25	4	11	15		
19	b	13	março	17	23	26	5	12	16		
8	c	14	2	18	24	27	6	13	17		
°	d	15	3	19	25	28	7	14	18		
	e	16	4	20	26	29	8	15	19		
	f	17	5	21	27	30	9	16	20		
	g	18	6	22	28	31	10	17	21		
	a	19	7	23	29	junho	11	18	22		
	b	20	8	24	30	2	12	19	23		
	c	21	9	25	31	3	13	20	24		
	d	22	10	26	junho	4	14	21	25		

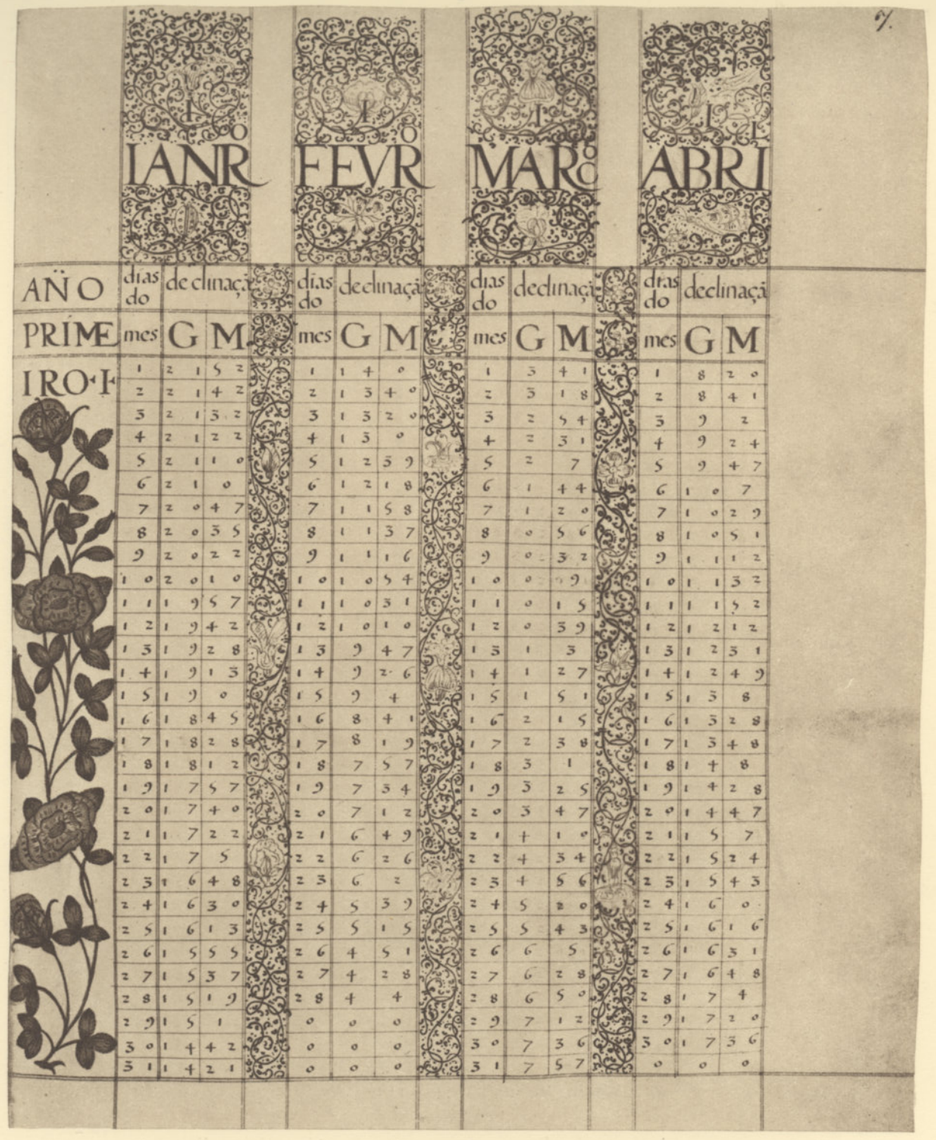
Fol. 6 r.

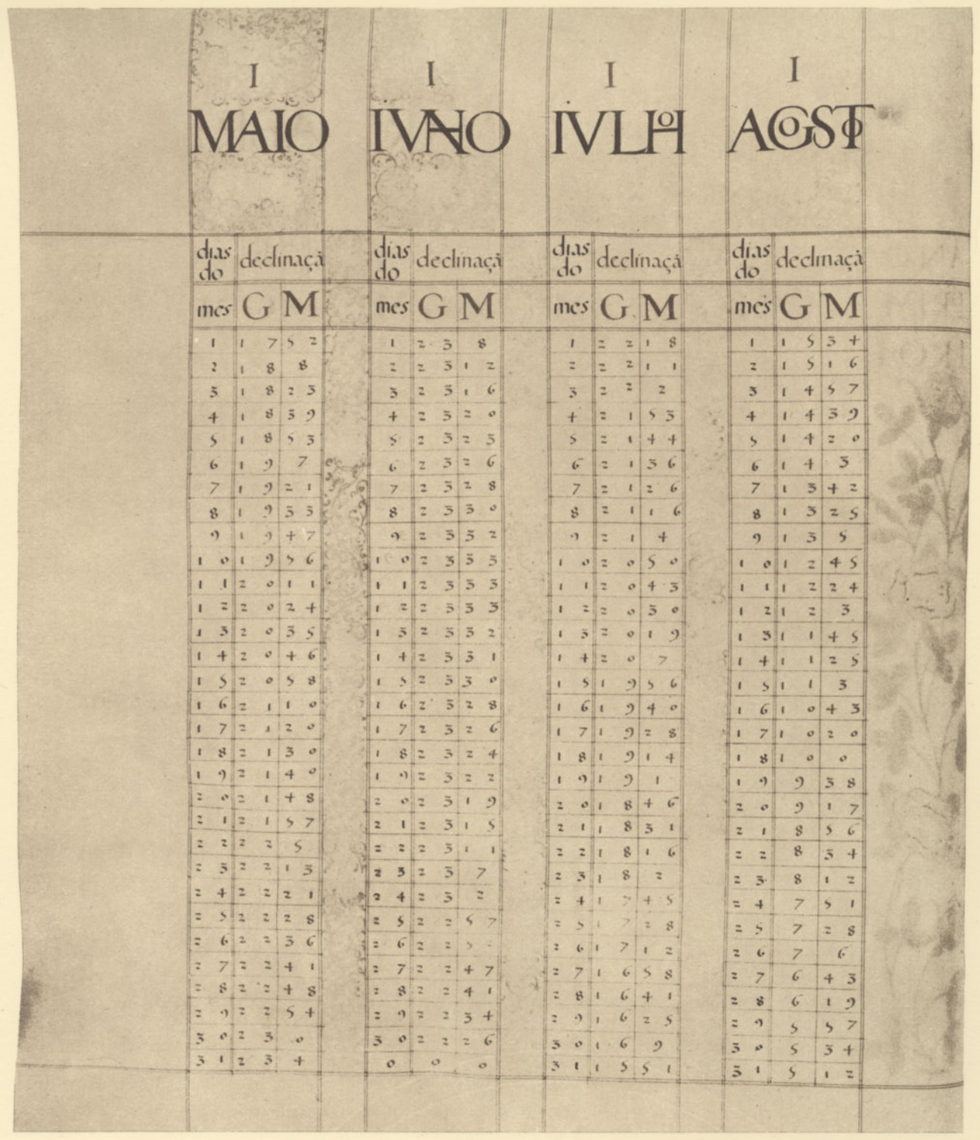
Original 322×453 mm.

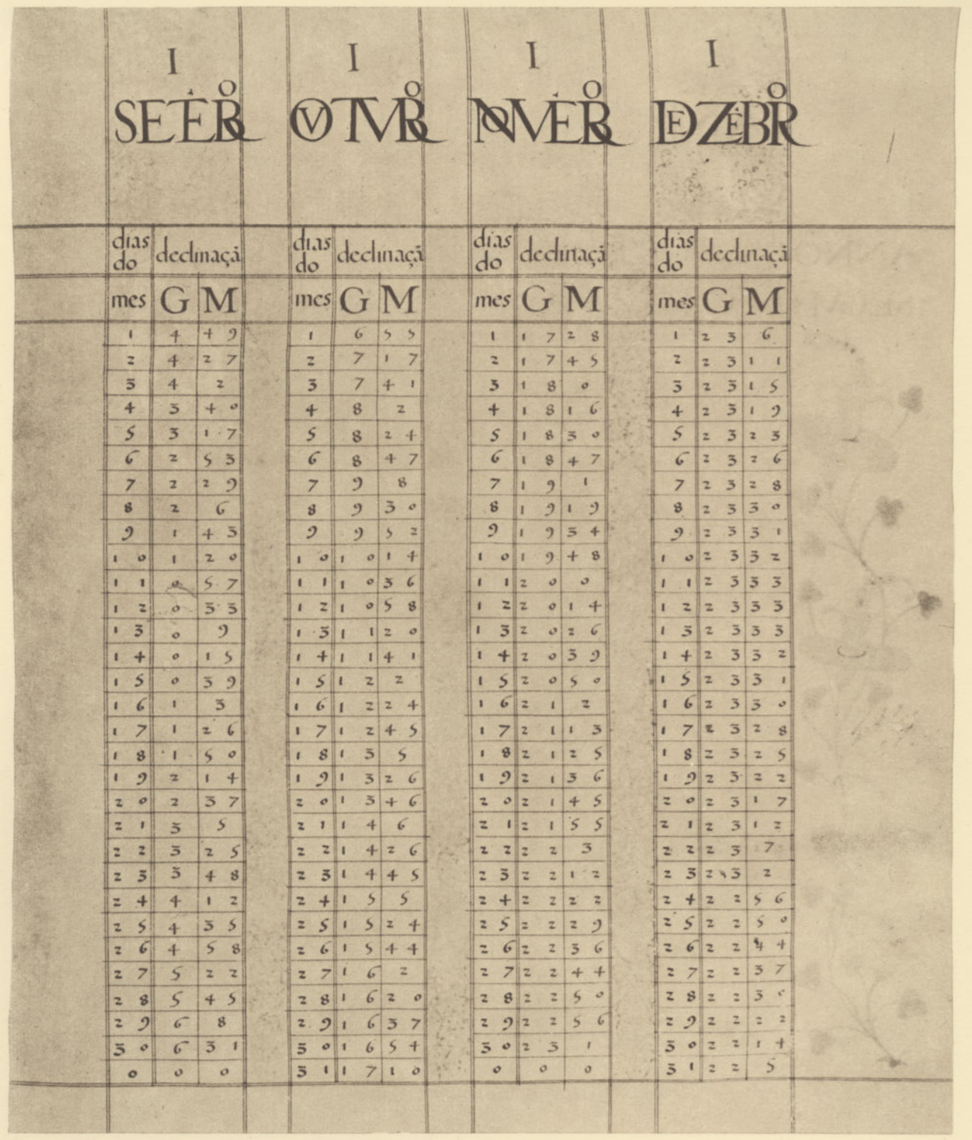
ANÓNIMO-SEBASTIÃO LOPES, c. 1565

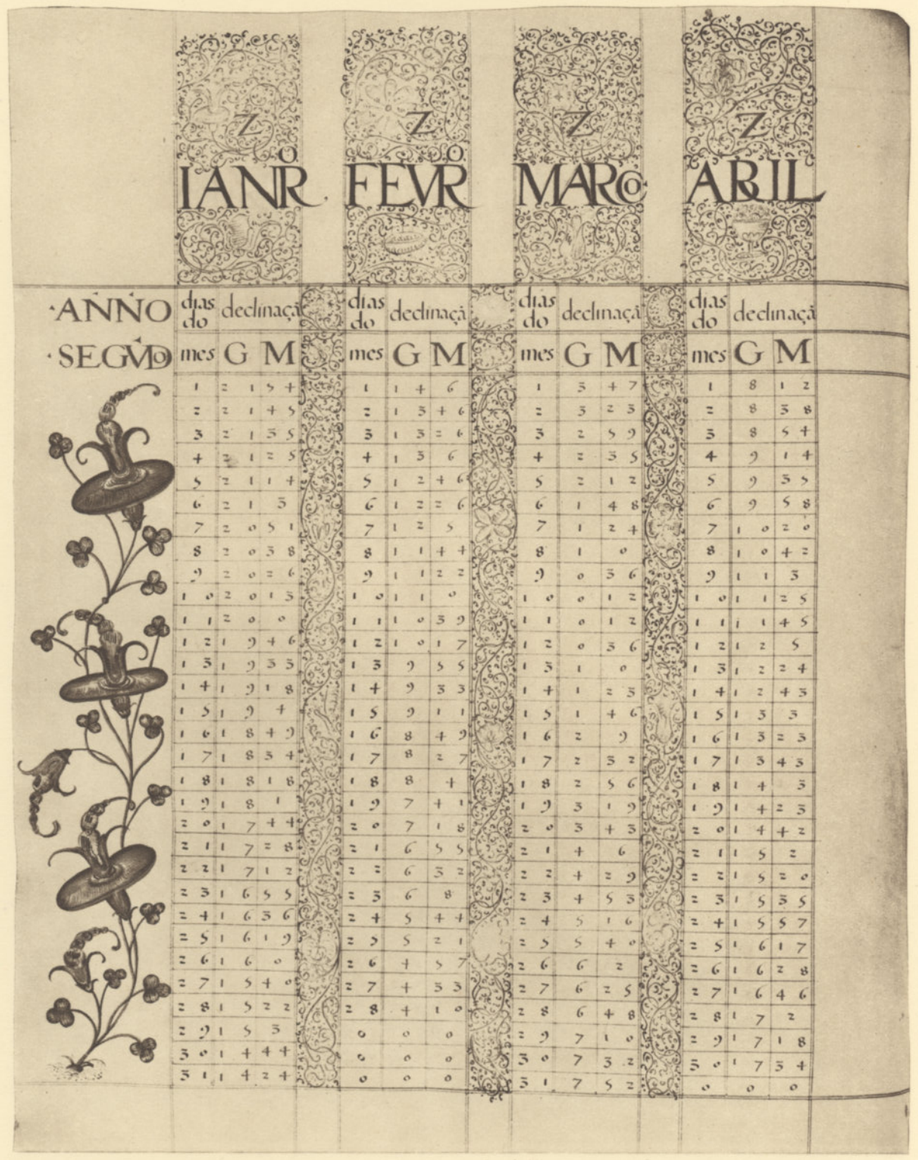
Atlas de vinte e quatro folhas — Atlas of twenty-four sheets

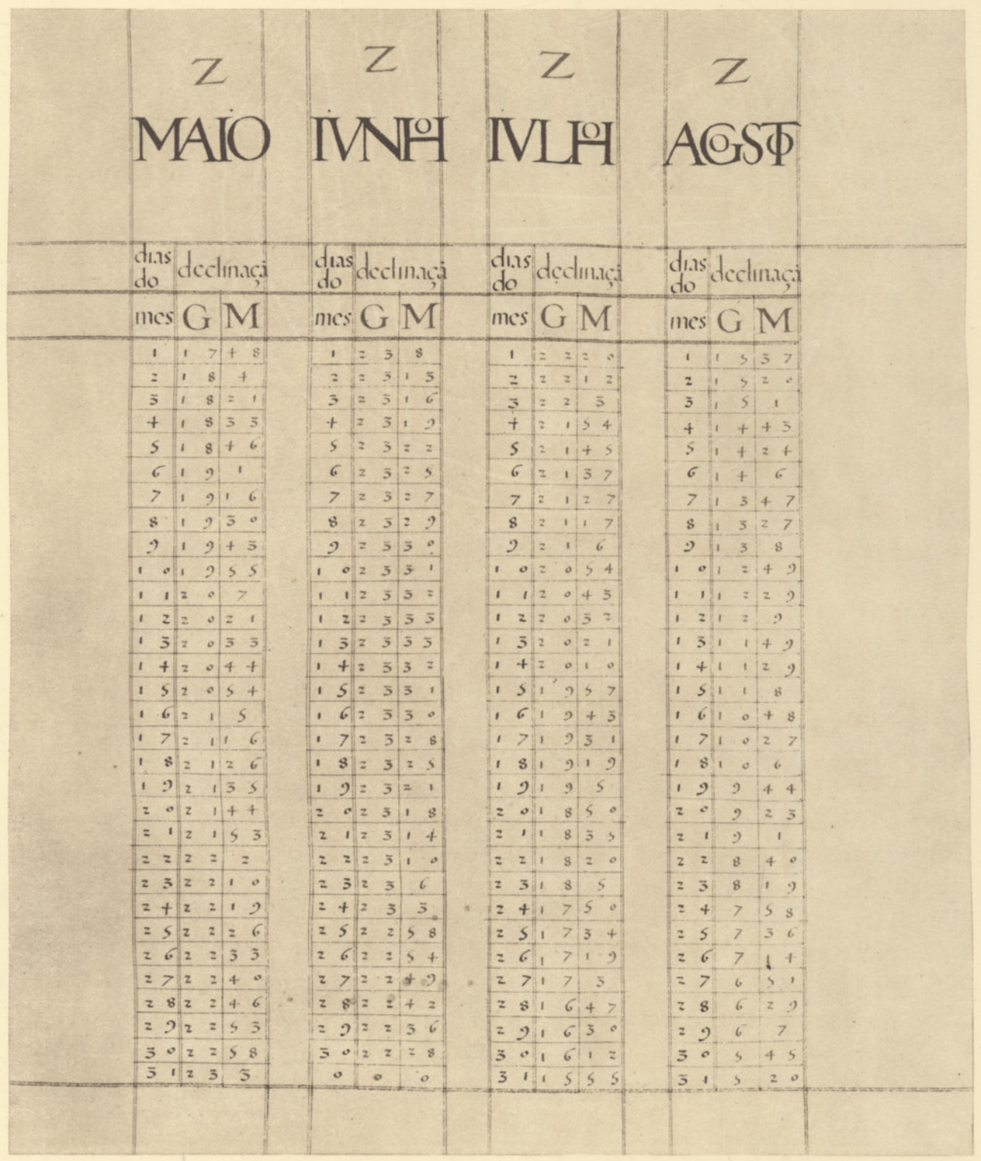
The Newberry Library, Chicago

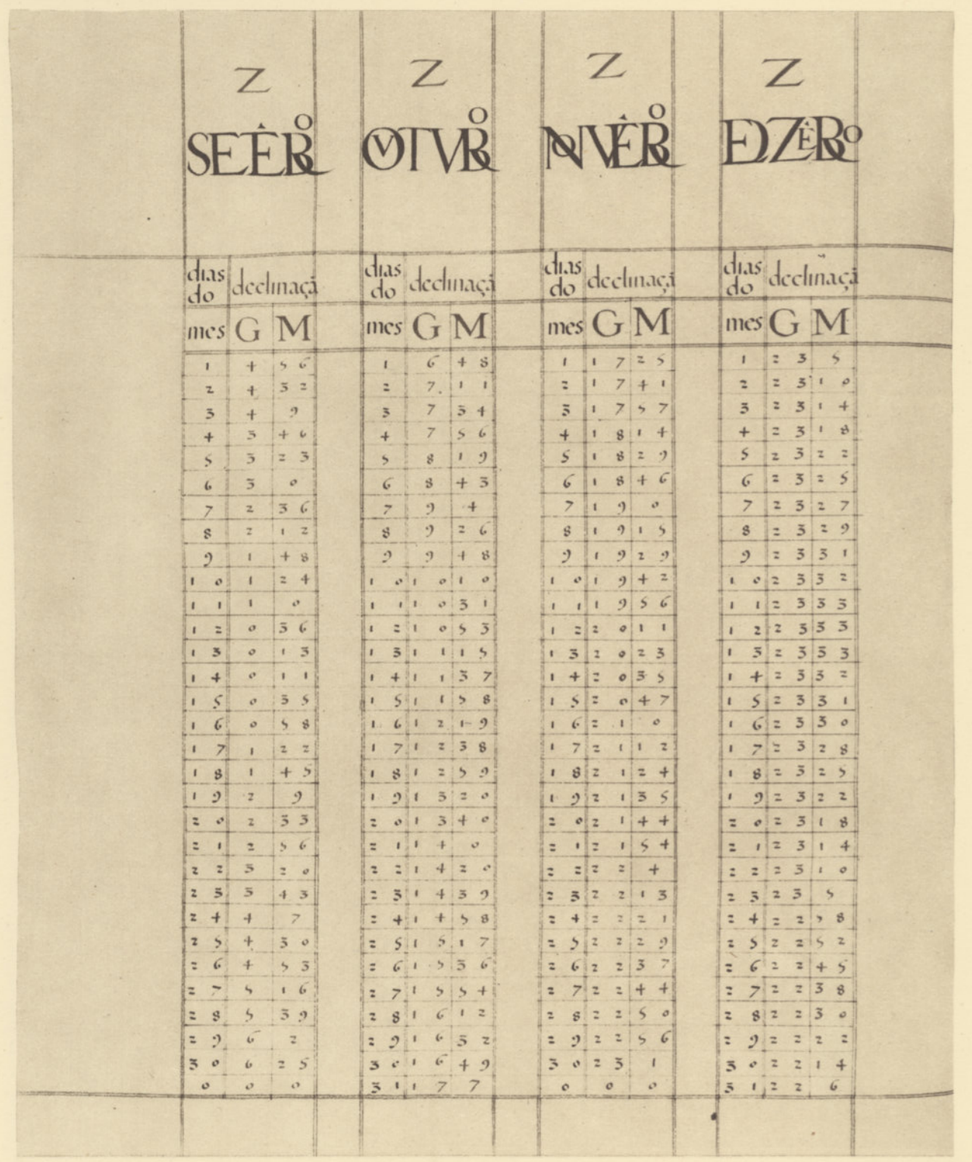










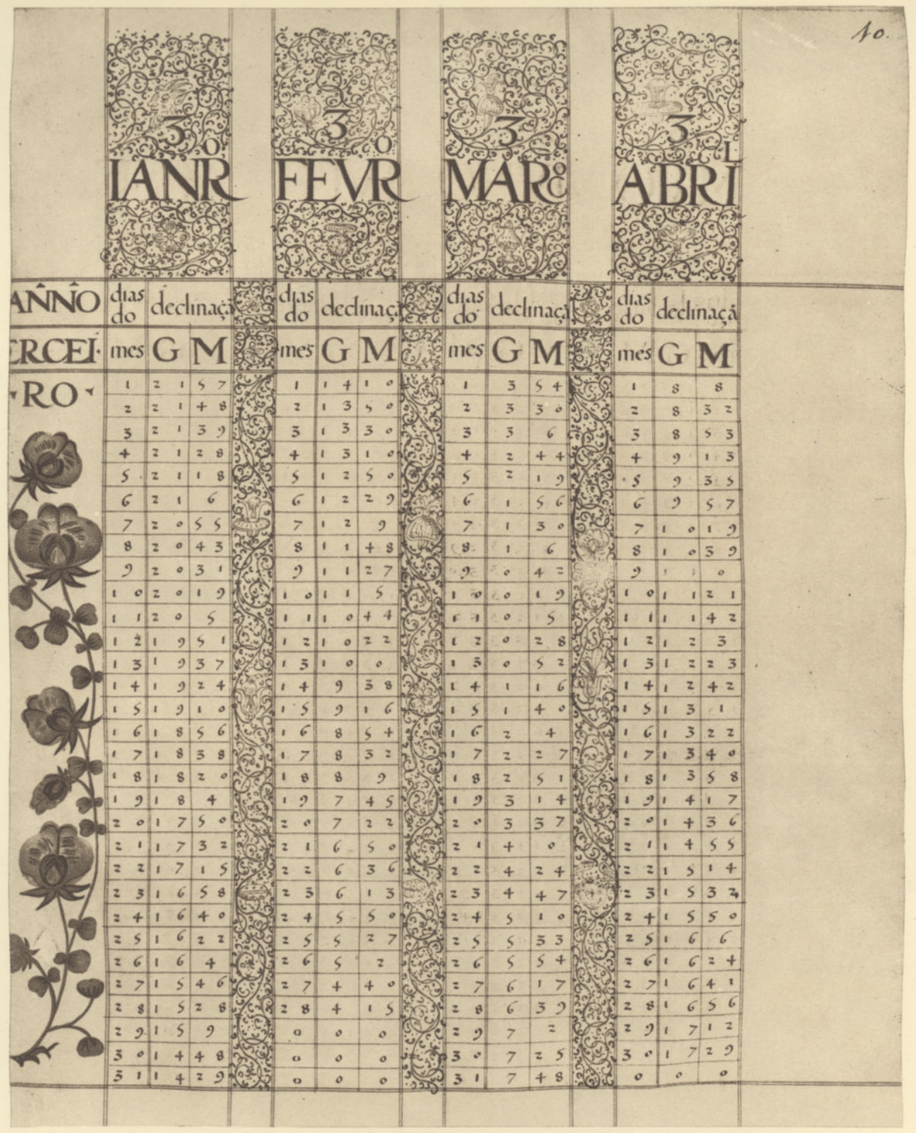


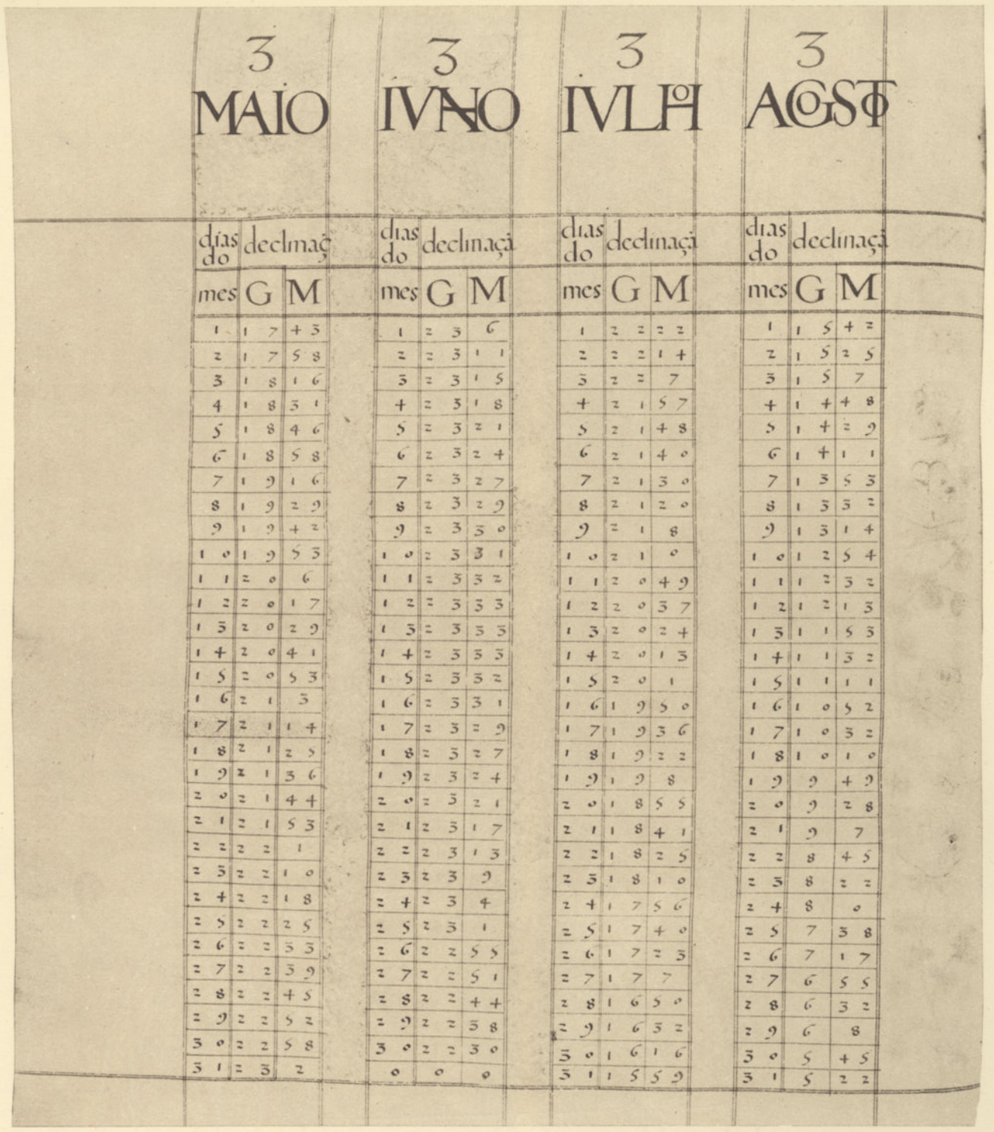
Original 322×453 mm.

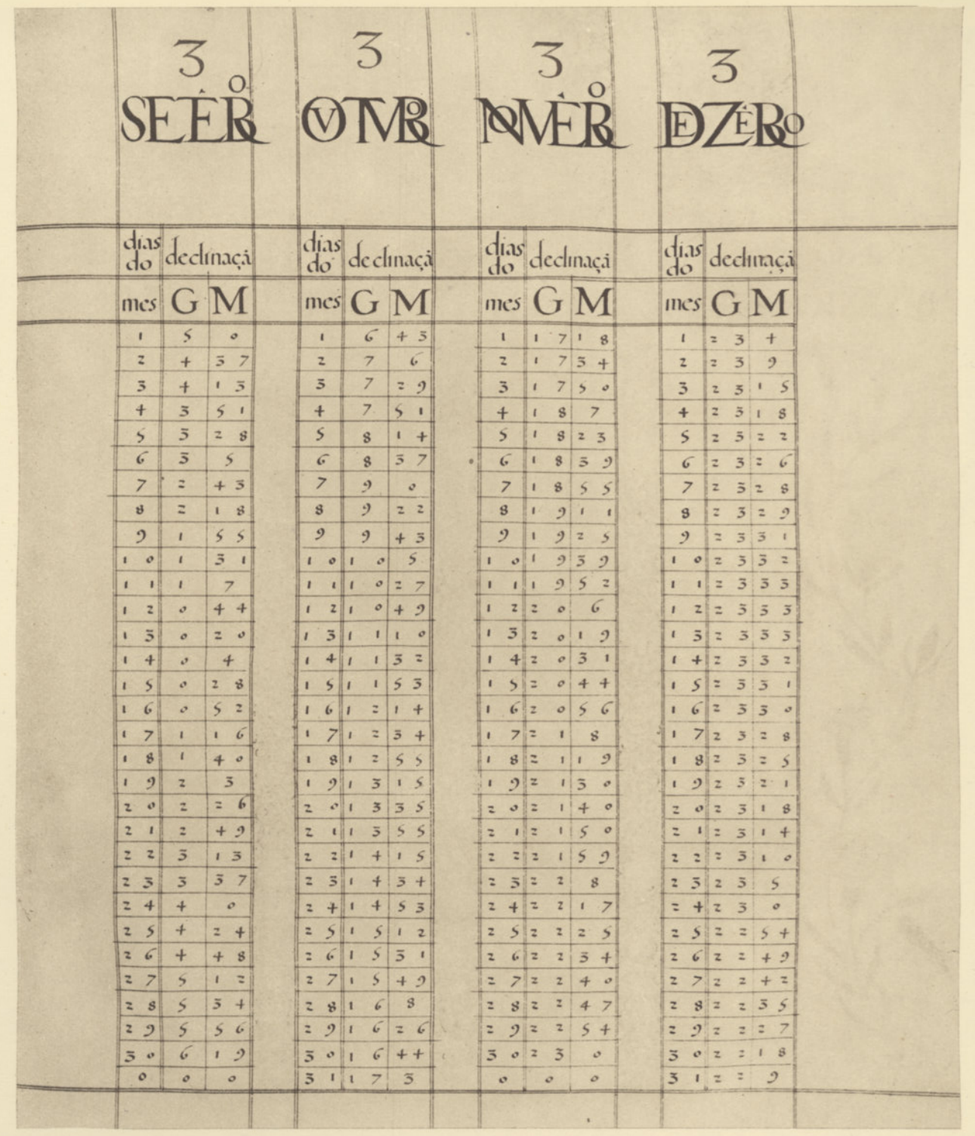
ANÓNIMO-SEBASTIÃO LOPES, c. 1565

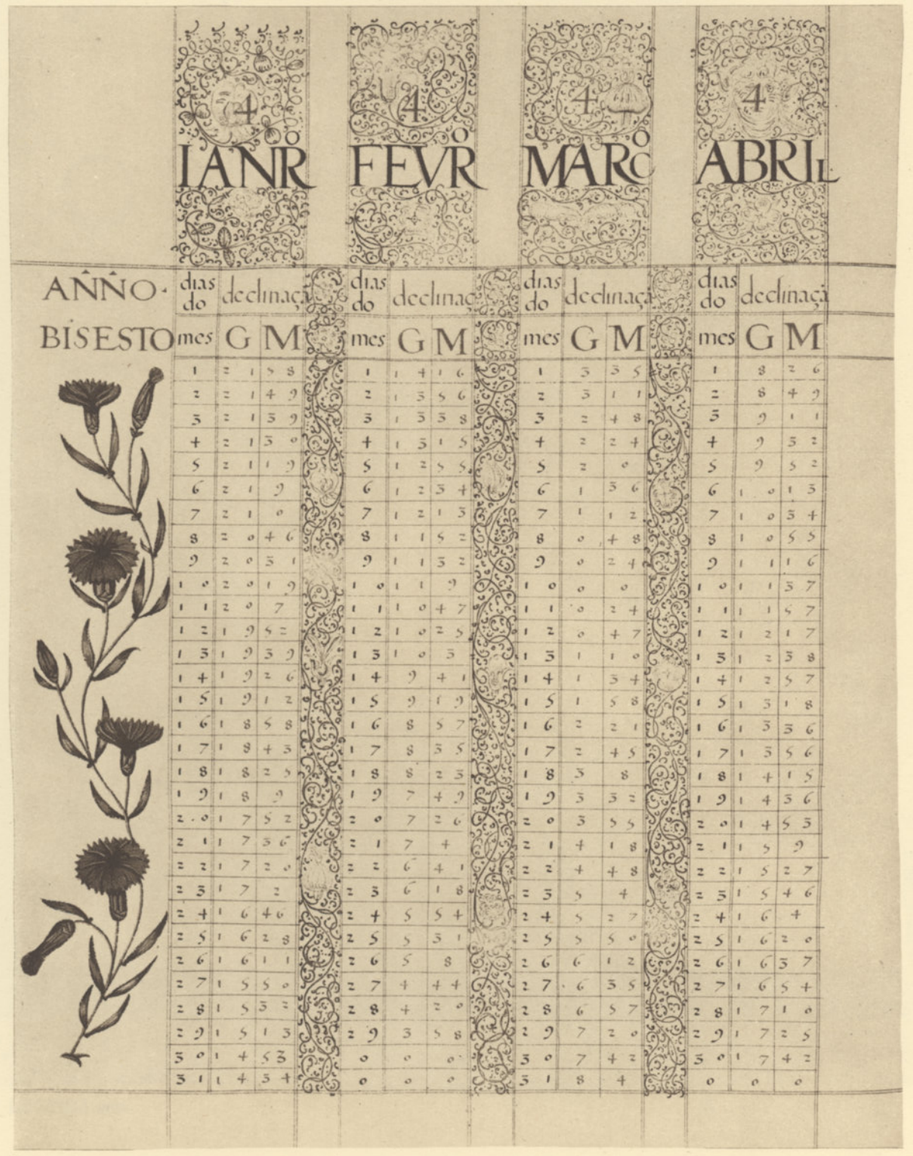
Atlas de vinte e quatro folhas — Fols. 7 r.-9 v. — Atlas of twenty-four sheets

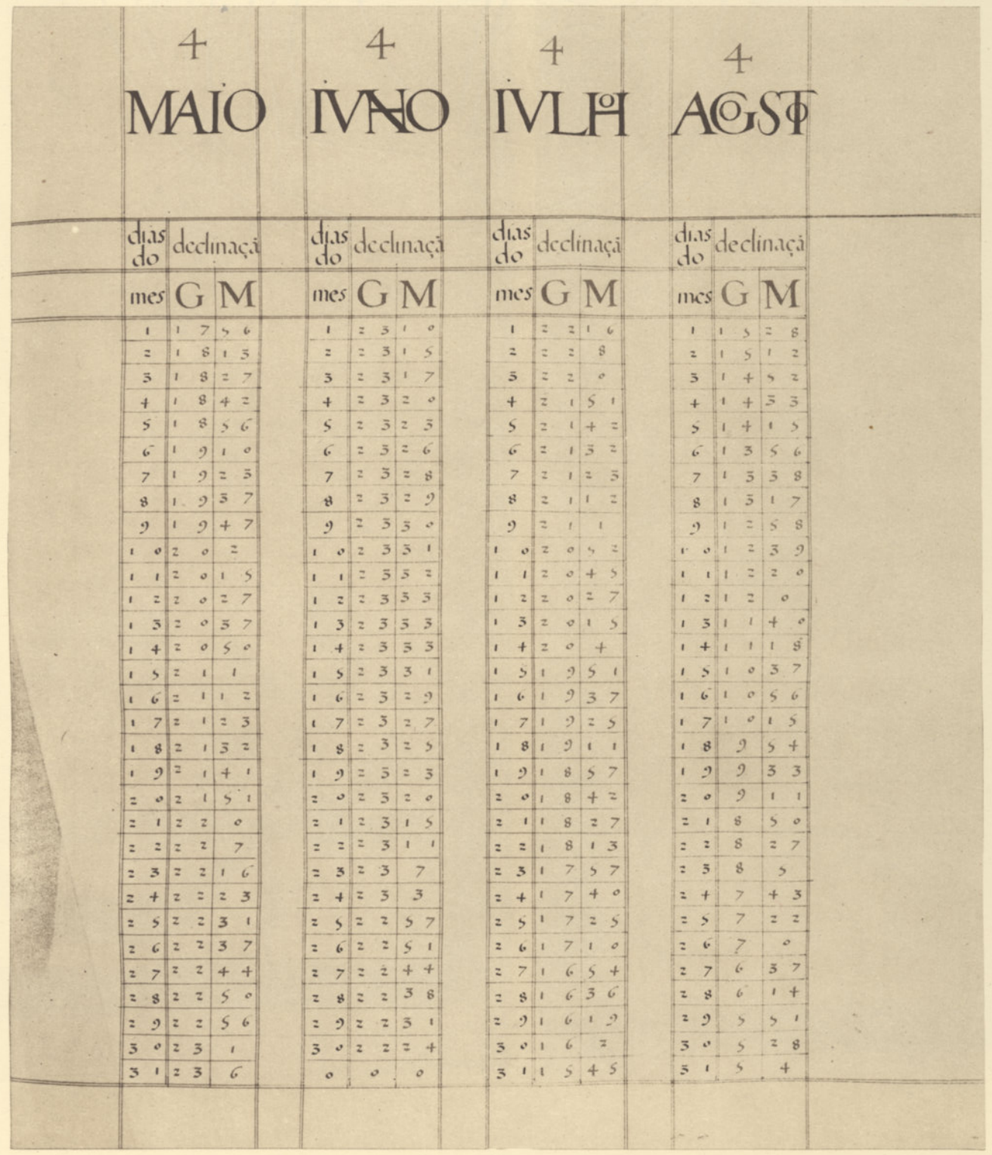
The Newberry Library, Chicago

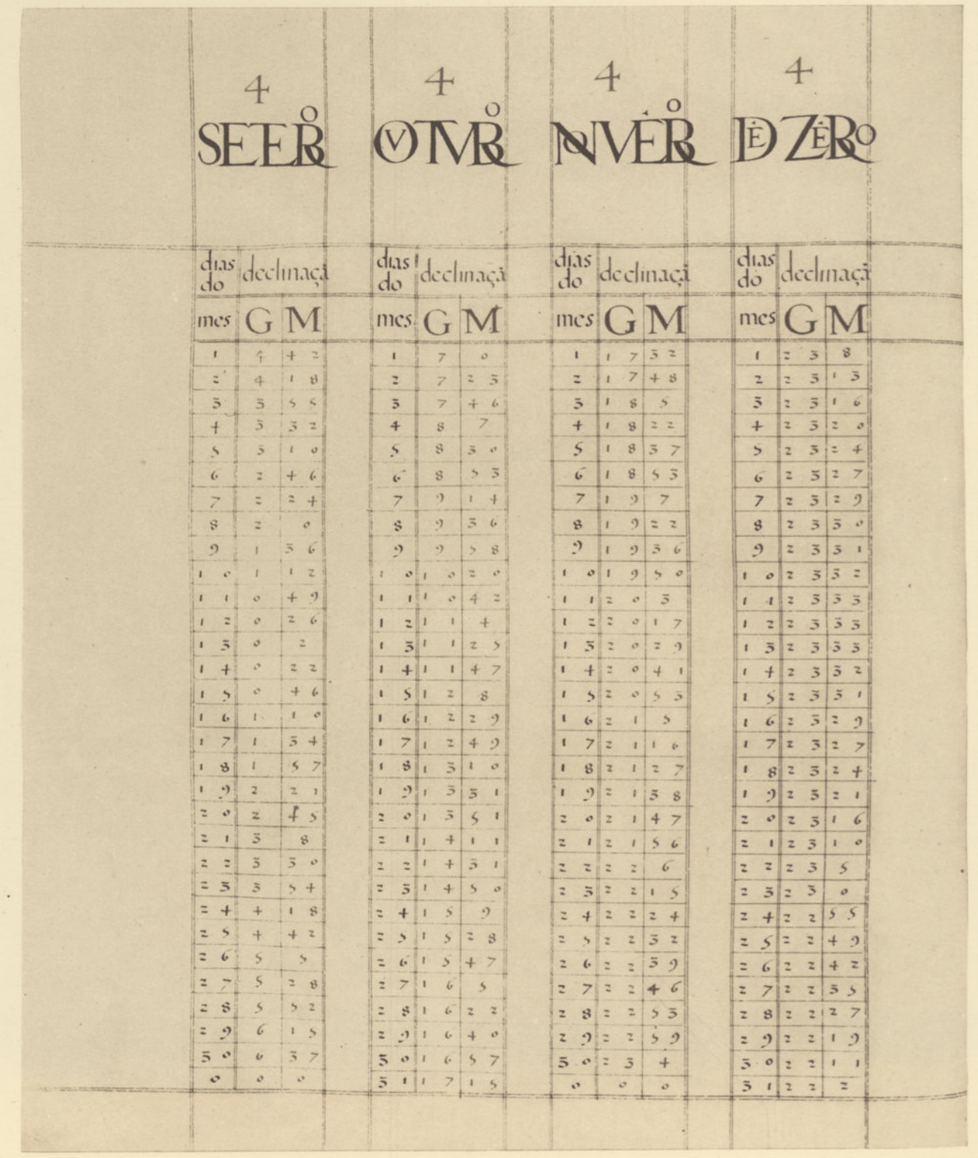












Original 322×453 mm.

ANÓNIMO-SEBASTIÃO LOPES, *c.* 1565

Atlas de vinte e quatro folhas — Fols. 10 r.-12 v. — Atlas of twenty-four sheets

The Newberry Library, Chicago

Original 453×644 mm.

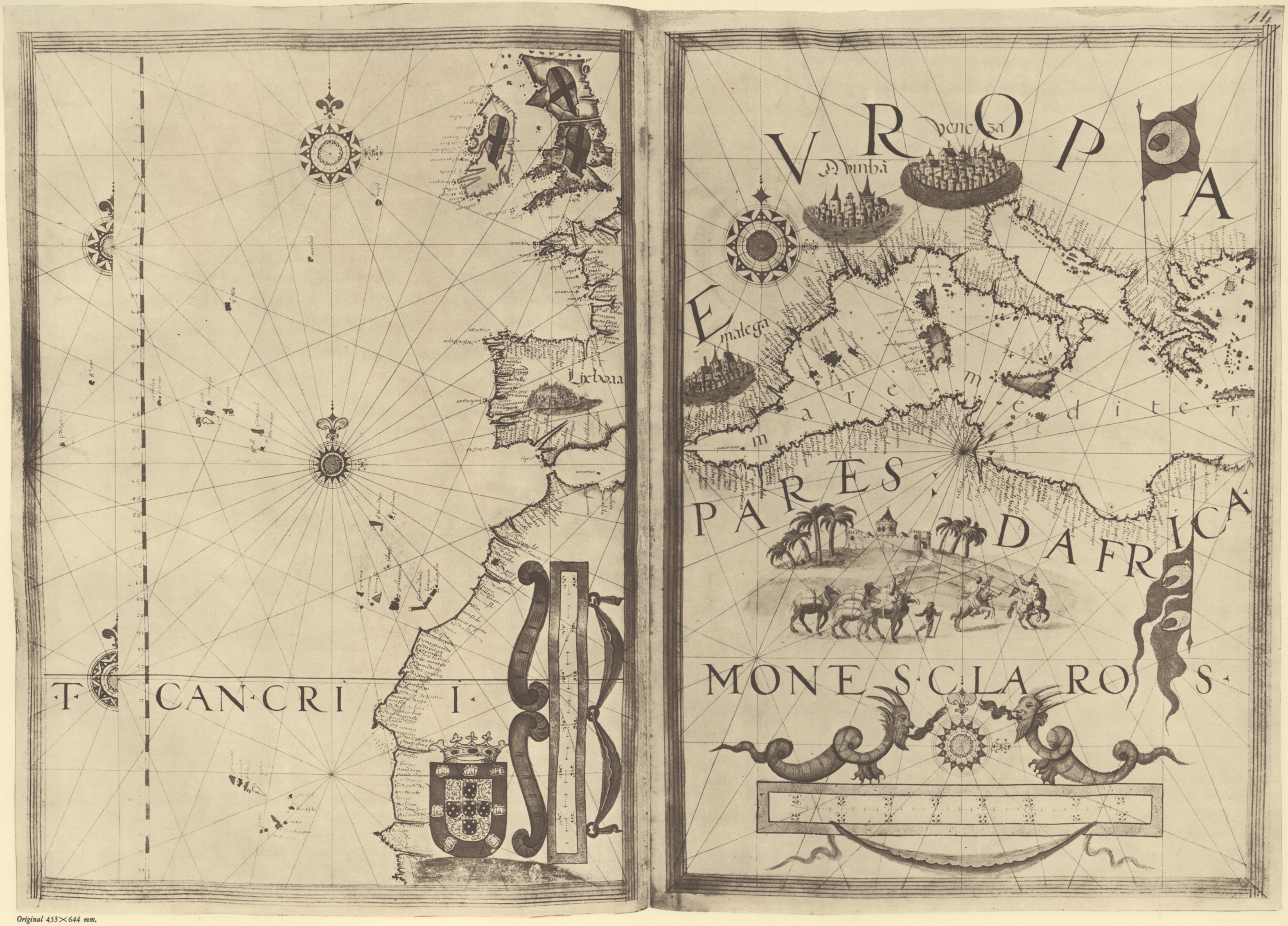
A

B

ANÓNIMO-SEBASTIÃO LOPES, c. 1565

Atlas de vinte e quatro folhas — Fols. 13 r. & 24 v. — Atlas of twenty-four sheets

The Newberry Library, Chicago



Original 453×644 mm.

ANÓNIMO-SEBASTIÃO LOPES, c. 1565

Atlas de vinte e quatro folhas — Fols. 13 v.-14 r. — Atlas of twenty-four sheets

The Newberry Library, Chicago

A

B

Original 453×644 mm.

ANÓNIMO-SEBASTIÃO LOPES, c. 1565

Atlas de vinte e quatro folhas — Fols. 14 v.-15 r. — Atlas of twenty-four sheets

The Newberry Library, Chicago

Original 453×644 mm.

ANÓNIMO-SEBASTIÃO LOPES, c. 1565

Atlas de vinte e quatro folhas — Fols. 15 v.-16 r. — Atlas of twenty-four sheets

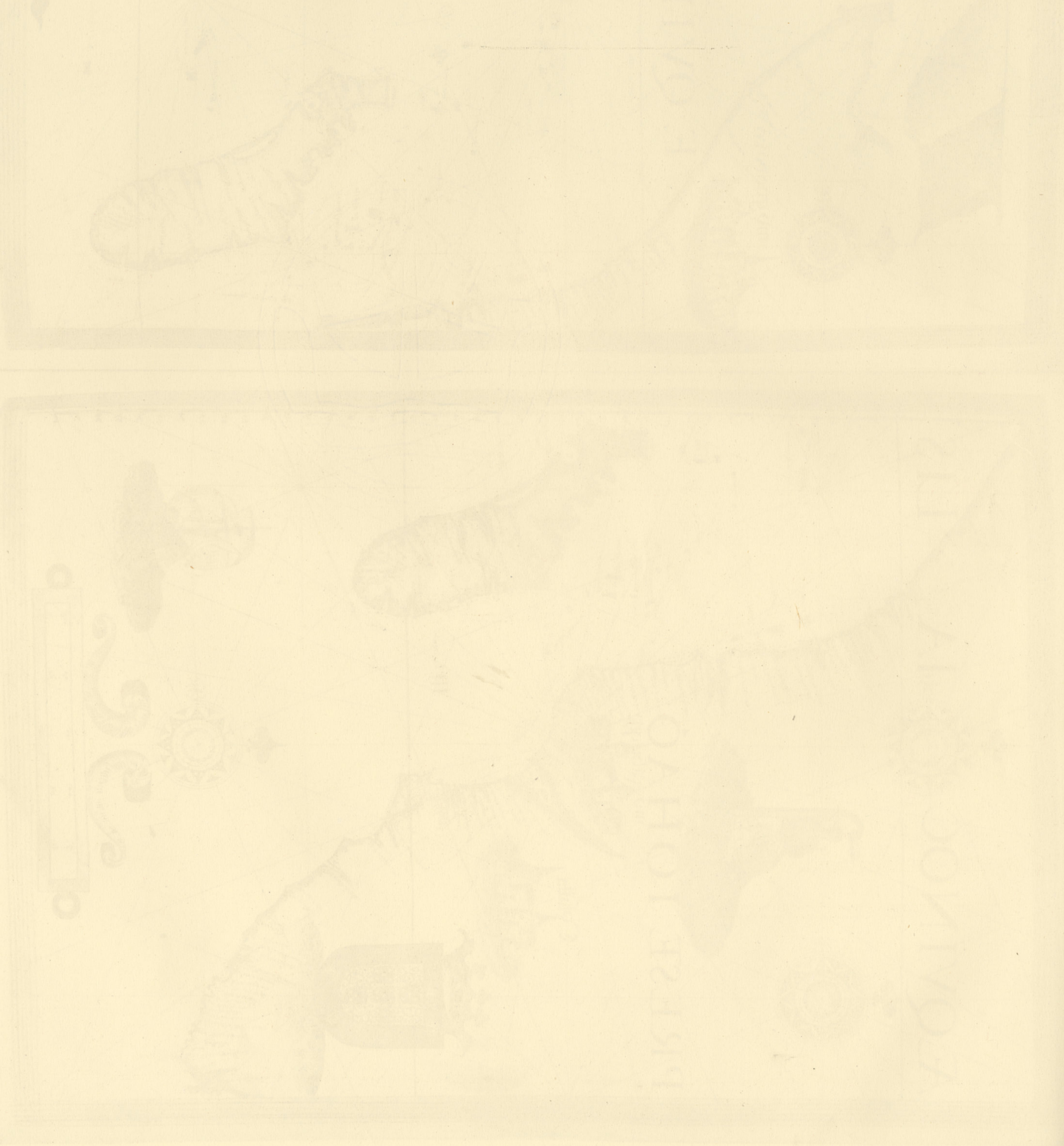
The Newberry Library, Chicago

Original 453×644 mm.

ANÓNIMO-SEBASTIÃO LOPES, c. 1565

Atlas de vinte e quatro folhas — Fols. 16 v.-17 r. — Atlas of twenty-four sheets

The Newberry Library, Chicago



Original 453×644 mm.

ANÓNIMO-SEBASTIÃO LOPES, c. 1565

Atlas de vinte e quatro folhas — Fols. 17 v.-18 r. — Atlas of twenty-four sheets

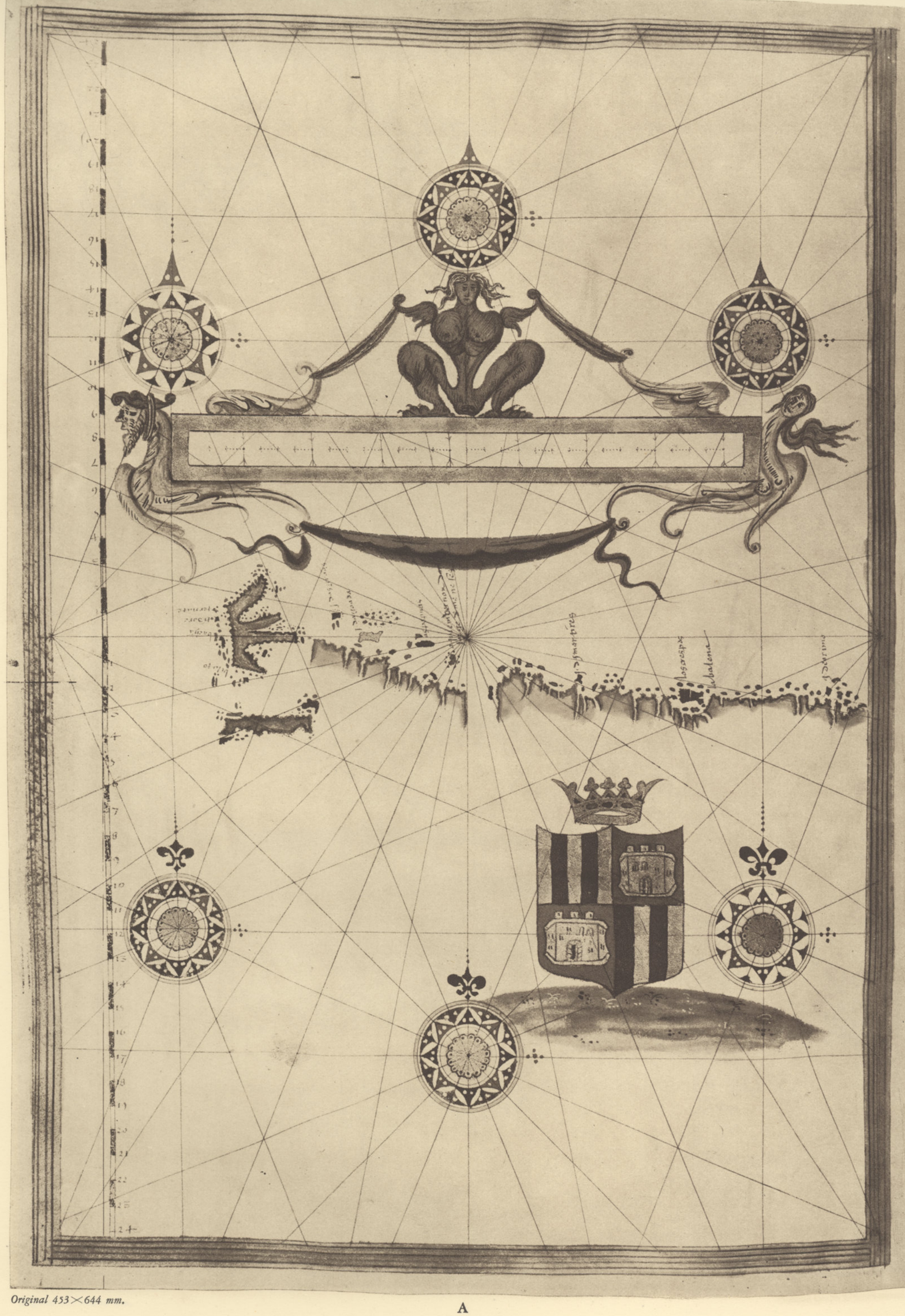
The Newberry Library, Chicago

Original 453×644 mm.

ANÓNIMO-SEBASTIÃO LOPES, c. 1565

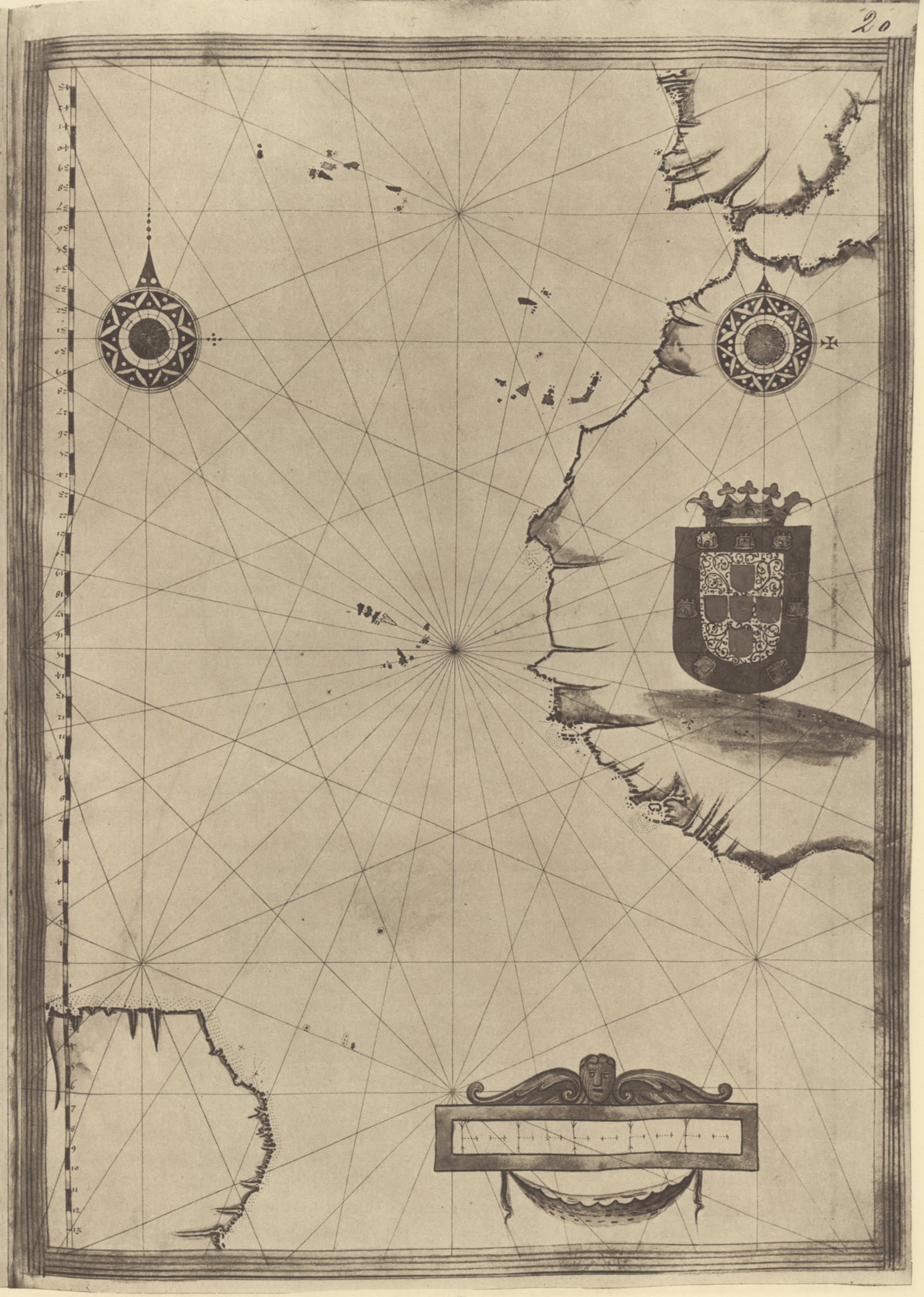
Atlas de vinte e quatro folhas — Fols. 18 v.-19 r. — Atlas of twenty-four sheets

The Newberry Library, Chicago



Original 453×644 mm.

A



B

ANÓNIMO-SEBASTIÃO LOPES, c. 1565

Atlas de vinte e quatro folhas — Fols. 19 v.-20 r. — Atlas of twenty-four sheets

The Newberry Library, Chicago

Original 453×644 mm.

A

B

ANÓNIMO-SEBASTIÃO LOPES, c. 1565

Atlas de vinte e quatro folhas — Fols. 20 v.-21 r. — Atlas of twenty-four sheets

The Newberry Library, Chicago

A

B

Original 453×644 mm.

ANÓNIMO-SEBASTIÃO LOPES, c. 1565

Atlas de vinte e quatro folhas — Fols. 21 v.-22 r. — Atlas of twenty-four sheets

The Newberry Library, Chicago

O CCEAN VN·MARE·

Original 453×644 mm.

ANÓNIMO-SEBASTIÃO LOPES, c. 1565

Atlas de vinte e quatro folhas — Fols. 22 v.-23 r. — Atlas of twenty-four sheets

The Newberry Library, Chicago

Original 453×644 mm.

ANÓNIMO-SEBASTIÃO LOPES, c. 1565

Atlas de vinte e quatro folhas — Fols. 23 v.-24 r. — Atlas of twenty-four sheets

The Newberry Library, Chicago

ANÓNIMO — SEBASTIÃO LOPES, CARTA DE c. 1570

ESTAMPA 407

EL-REI D. Manuel — bibliófilo muito erudito e um grande Português cuja morte tão prematura, apenas com 43 anos, foi por todos sentida e constituíu uma grande perda para a ciência bibliográfica — informou em Maio de 1927 o autor destas linhas, que acabara de comprar a Maggs Brothers uma magnífica carta portuguesa antiga que para Londres viera de um *chateau* francês (provàvelmente do Duque de Chambord, cuja biblioteca nessa altura adquiriram). Cinco anos depois, em Maio de 1932, pouco mais de um mês antes da sua trágica morte em Londres, ofereceu-nos El-Rei uma esplêndida fotografia da carta quando escrevíamos a nossa *Cartografia* (1).

Dom Manuel legou a sua preciosíssima colecção de manuscritos e livros portugueses antigos à Pátria, e alguns anos depois do seu falecimento os livros e manuscritos, e com eles a presente carta, vieram para Lisboa donde mais tarde foram para o Palácio Ducal da Casa de Bragança (2), em Vila Viçosa, a uns 200 km a leste da capital, em cuja excelente biblioteca agora se encontram perfeitamente conservados e acessíveis ao público.

A carta, a que no inventário completo da biblioteca de D. Manuel foi dado o número LXXIII, está desenhada em três bocados de pergaminho colados uns aos outros, medindo na totalidade 842 × 1.405 mm. Nalguns pontos, onde os bocados de pergaminho foram colados, especialmente em baixo à esquerda e em cima ao meio, algumas linhas de rumo não ajustam bem, donde se vê que, embora a carta deva ter sido desenhada quando os três bocados de pergaminho colados formavam uma só peça, de qualquer forma se separaram mais tarde voltando a ser de novo colados. Provàvelmente isto seria por a carta haver sofrido com a humidade, como se vê pelas manchas no lado ocidental. As margens da carta, bastante deterioradas, foram reparadas em vários lugares com bocados de pergaminho. Apesar das manchas e de estar um tanto encarquilhada, não se encontra muito mal conservada e apenas um ou outro topónimo se não pode ler claramente. Está agora encaixilhada com vidro, dependurada numa parede mas bem protegida da luz. É desenhada com perfeição, e embora a iluminura nada tenha de excepcional é muito bonita, e no conjunto mostra ser obra de um cartógrafo de categoria. No verso da carta lê-se, segundo parece em letra de fins do século XVII e de certo quando ainda estava em França, *Carte de l'Amerique Espagnole et Portugaise auec les Isles.*

A carta representa o Atlântico Central, com as costas orientais da América desde a Terra Nova ao Rio da Prata e as ocidentais desde a mesma latitude sul à península da Califórnia, as costas ocidentais da Europa e da África até o Cabo da Boa Esperança, mas só parte do Mediterrâneo embora houvesse espaço para o desenhar todo. Por conseguinte, abrange pràticamente a mesma área que a carta de Sebastião Lopes de 1558, mas, se por um lado o Mediterrâneo Oriental e Adriático não estão incluídos, por outro apresenta a mais a península da Califórnia.

(1) Quando recebemos a fotografia em Lisboa, apenas a examinámos e tomámos algumas notas. Pouco depois tivemos de partir inesperadamente para Madrid, onde escrevemos a maior parte da *Cartografia*, e quando precisámos de estudar devidamente a fotografia, ela não pôde ser encontrada e tivemos de escrever de cor. Daí resultou a brevidade da nossa descrição desta tão importante carta e o facto de a termos erradamente datado «c.1600». *Cartografia e Cartógrafos Portugueses dos Séculos XV e XVI*, Vol. I, pp. 171-2. Lisboa 1935.

(2) Os Reis de Portugal eram Duques de Bragança. Dom Manuel descreve os seus livros numa obra admirável, em português e em inglês, *Livros Antigos Portuguezes 1489-1600 da Bibliotheca de Sua Majestade, Fidelissima descriptos por S. M. El-Rei D. Manuel em tres Volumes*, Vol. I (1489-1539), Londres 1928; Vol. II (1540-1569), Londres 1932; Vol. III (1570-1600), póstumo, Londres 1945. Dom Manuel abre a *Introdução* da sua monumental obra com estas nobres palavras: «Quizemos mostrar, ou antes, tornar conhecidos, os nossos livros. O nosso intuito é simples: tentando *dar vida* a esses livros, procuramos deixar ver a obra Portugueza, especialmente nos séculos XV e XVI, atravez dos 'liuros de forma' que fôram impressos em Portugal, acompanhando-os de alguns 'de penna', e de outros escriptos em linguagem, mas publicados fóra do paiz. Os livros são amigos silenciosos e fieis, juncto dos quaes se apprende a licção da vida. São o ensinamento, e em muitos casos a prova, da epocha que se deseja descrever; aquelles que são coevos d'esses tempos, podemos, certamente, consideral-os como a melhor documentação — exceptuando os manuscriptos originaes — para essas pesquizas. A meta do nosso esforço é erguer bem alto o nome do nosso paiz, demonstrar os feitos dos Portuguezes e, servindo a nossa Patria, 'levantar a bandeira dos triunfos della'. É um trabalho sem pretenções, que nada vem dizer de novo, e que nada julga ensinar, mas que, esperamos, provará o nosso amor pela Patria querida. E se alcançarmos esse fim ambicionado, teremos a consolação suprema de um dever cumprido ... O nosso Passado é o ensinamento mais util e proveitoso das gerações novas, pois demonstra-lhes o amor da Patria e o culto do Dever. Estudando o Passado, percebemos o que fômos, e sentimos um orgulho profundo em ser Portuguez. A leitura dos velhos livros onde apprendemos os feitos heroicos e as façanhas Portuguezas faz-nos vibrar de enthusiasmo e sacode as nossas forças adormecidas. Por todos os meios, desenvolva-se o culto do Passado, que é o culto das grandezas da Patria, e para bem sentir o amor d'essa Patria tão querida, é preciso, infelizmente, ser obrigado a viver longe d'ella, cheio de saudade e privado da sua atmosphera! ... Pensemos que somos a decana de todas as nações da Europa na sua actual configuração territorial; pensemos nas glorias d'antanho; pensemos que démos o exemplo ao mundo; pensemos na nossa Patria!»

ANONYMOUS — SEBASTIÃO LOPES, CHART OF c. 1570

PLATE 407

THE late King Manuel of Portugal — a very erudite bibliophile and a great Portuguese, whose premature death at the age of 43 was a serious loss to learning, regretted by all — told the present writer in May 1927 that he had just purchased from Maggs Brothers a magnificent early Portuguese chart which had come to London from a «French chateau» (probably the Duc de Chambord's, whose library they acquired about that time). Five years later, in May 1932, just over a month before his tragic death in London, he generously presented us with a splendid photograph of the chart when we were writing our *Cartografia* (1).

King Manuel had bequeathed his most precious collection of early Portuguese books and manuscripts to the mother country, and some years after his death the books and manuscripts, and with them the present chart, were sent to Lisbon, whence they went later to the Ducal Palace of Bragança (2), at Vila Viçosa, some 200 km east of the capital, in the excellent library of which they are now perfectly preserved and made available to the public.

The chart, which was given the number LXXIII in the complete inventory of King Manuel's library, is drawn on three pieces of parchment pasted together, measuring in all 842 × 1,405 mm. In some places, where the pieces of parchment join, particularly in the lower left-hand and upper central parts, some rhumb lines are not well adjusted, which shows that, although the chart must have been drawn when the three pieces of parchment had been pasted together, they somehow became separated later and had to be reassembled. This was probably due to the chart having suffered from water, as is clearly shown from the stains on its western side. The edges of the chart, rather worn, have been repaired with small pieces of parchment in several places. In spite of the stains and a little crumpling, the chart is not too badly preserved, and all but one or two place names can be easily read. It is now framed and covered with glass, hanging on a wall but properly protected from the light. Its drawing is perfect, and the illumination, although not outstanding, is very neat: and the whole work bears the mark of a first-class cartographer. On the back of the chart is written, apparently in a late seventeenth-century hand and obviously while it was in France: *Carte de l'Amerique Espagnole et Portugaise auec les Isles.*

The chart represents the Central Atlantic, with the eastern coasts of America from Terra Nova to the River Plate and the western coasts from the same south latitude to the Californian peninsula, the western coasts of Europe and Africa to the Cape of Good Hope, but only part of the Mediterranean although there was room for the whole of it. It therefore covers practically the same area as Sebastião Lopes' chart of 1558, but (on the one hand) the Eastern Mediterranean and Adriatic are omitted, and (on the other) the Californian peninsula is included.

(1) When the photograph reached us in Lisbon, we merely perused it and made some notes. Shortly afterwards we had unexpectedly to go to Madrid, where we wrote most of our *Cartografia*, and when we wished to study the photograph properly, it could not be found and we had to write from memory. This may account for the brevity of our description of this very important chart and for our wrongly dating it «c.1600». *Cartografia e Cartógrafos Portugueses dos Séculos XV e XVI*, Vol. I, pp. 171-2. Lisboa 1935.

(2) The Kings of Portugal were Dukes of Bragança. King Manuel described his books in an admirable work, in English and Portuguese, *Early Portuguese Books 1489-1600 in the Library of His Majesty the King of Portugal described by H. M. King Manuel in three Volumes*, Vol. I (1489-1539), London 1928; Vol. II (1540-1569), London 1932; Vol. III (1570-1600), posthumously, London 1945. King Manuel opened the *Introduction* to his monumental work with these noble words: «We have undertaken this work to show, or rather to make known, our books. Our aim is simple: in trying to *give life* to these early Portuguese books, and to a few manuscripts that accompany them, we seek to bring into relief the achievements of the Portuguese, especially in the fifteenth and sixteenth centuries. Books are silent and faithful friends, and through them we may learn to read life. They teach us, and in many cases furnish proofs, about the period in which we are interested. Those published during the time we are describing may be considered as the most reliable documents — apart from original manuscripts — for the study of that time. The purpose of our work is to show the greatness of the Portuguese exploits, and to serve our nation by raising 'the banner of her triumphs'. It is unpretentious, says nothing new and does not presume to teach anyone, but we hope it will prove our love for our country; if we achieve this ambition, we shall have the supreme consolation of a duty done ... Our past will be the best inspiration and example for the new generations, teaching them to love their country and to do their duty. When we study the past we realise what we were, and feel a pride of being Portuguese. The heroic words we read in ancient stories of Portugal's achievements ring out like a clarion call to reawaken our sleeping energy. Let knowledge of the past be extended by every possible means, for it teaches us to emulate the greatness of our forefathers, who devoted themselves to the interests of their country. To realise what the love of one's country can be, it is necessary to be compelled to live far away from it, and deprived of its atmosphere! ... Let us remember that Portugal is the oldest of all the nations of Europe in her present shape; let us remember the glories of the days gone by; let us remember that we set an example to the world; let us remember our Country!»

Quando se compara a presente carta com aquela assinada por Sebastião Lopes em 1558, não pode haver dúvida de que ambas foram feitas pelo mesmo cartógrafo. A letra é exactamente a mesma, e as bandeiras, os troncos-de--léguas, os escudos e as rosas-dos-ventos são muito semelhantes nas duas cartas. As Cruzes de Cristo salientando o Oriente (Jerusalém) nas rosas--dos-ventos, especialmente a que se vê no centro da carta de 1558, e a outra no nordeste da América, na presente carta — que só encontramos na carta assinada por Sebastião Lopes e nas outras que aqui lhe atribuímos, embora nalgumas cartas de Bartolomeu Velho e Luís Teixeira várias rosas-dos-ventos também mostrem pequenas Cruzes de Cristo colocadas da mesma forma — são de uma semelhança impressionante. Estamos plenamente convencidos de que a presente carta foi feita por Sebastião Lopes.

Quanto à data, o problema não é tão fácil. O traçado das linhas costeiras do nordeste americano mostra que a carta datada de 1558 é anterior a esta. Mas quão anterior? Embora o desenho da própria Terra Nova não seja muito diferente nas duas cartas e haja pràticamente o mesmo número de topónimos em ambas (respectivamente trinta e seis e trinta e sete, entre *bela Jlha* e *J: de sam p°*), em 1558 o cartógrafo não representou o Golfo e Rio de S. Lourenço, embora tivesse muito espaço no pergaminho, que ele preferiu preencher com bandeiras e rosas-dos-ventos. Mas não se deve ligar muita importância ao facto para efeitos de datar a carta, porque em 1558 o cartógrafo certamente conhecia já protótipos com o traçado e toponímia do Rio S. Lourenço. Deve notar-se que no atlas Newberry, indubitàvelmente feito também depois de 1558, o cartógrafo escreveu apenas vinte e dois nomes na Terra Nova mas desenhou a maior parte do Rio S. Lourenço, embora sem quaisquer topónimos.

O traçado da costa ocidental da América do Sul, que até certo ponto ainda lembra o tipo de Lopo Homem (1554), mostra contudo progresso considerável não só quanto ao desenho da linha costeira, mais rica em toponímia, mas também na representação dos Andes e de várias povoações entre a grande cordilheira e a costa. O traçado desta costa no atlas Newberry parece como que uma transição entre a carta de 1558 e a que estamos estudando. O sistema fluvial que na presente carta liga o Rio da Prata e vários rios brasileiros com um grande lago no centro do Brasil (3), não se vê nem na carta de 1558 nem no atlas de Newberry. De facto, foi no planisfério de André Homem, de 1559 (Estampa 190) e depois na carta de Bartolomeu Velho, de 1561 (Estampa 202), que esta fantasiosa figuração apareceu pela primeira vez em carta portuguesa. Mas se nalgumas partes, tal como a representação do Rio da Prata e do Rio Paraná até Asuncion (que vem registada no atlas Newberry mas não na carta de 1558), parece ser cópia quase exacta de um protótipo comum, há diferenças importantes na disposição geral do sistema hidrográfico. Por exemplo, em Bartolomeu Velho o grande lago central está ligado com o Rio Amazonas, e o Rio S. Francisco liga directamente com o Paraná abaixo de Asuncion; mas na presente carta tais ligações não existem. Por outro lado, na presente carta o grande lago central está ligado a um lago mais pequeno, para oeste, o qual por seu turno recebe um pequeno rio que desce dos Andes; em Bartolomeu Velho esse pequeno rio está muito afastado dos Andes. Esta falta de ligação do lago central com o Rio Amazonas parece existir no atlas de Vaz Dourado de 1580 (Estampa 316), embora o traçado geral seja bastante diferente. Isto poderá ser uma indicação de que a presente carta foi feita depois da de Bartolomeu Velho, de 1561, e antes do atlas de Vaz Dourado, de 1580; mas, como no caso do nordeste da América, também não podemos confiar muito, porque durante todo este período se encontram exemplos do interior do Brasil quer mais ou menos como na carta de 1558, quer como na presente carta, sem qualquer espécie de sequência cronológica.

Não é impossível que um estudo completo da presente carta possa revelar qualquer particularidade que permita datá-la com bastante precisão. Como agora não temos possibilidade de mesmo tentar esse estudo, o mais que podemos dizer é que ela foi com certeza feita depois da carta de Sebastião Lopes, de 1558, e mesmo muito provàvelmente depois do atlas Newberry, que datámos de c. 1565, mas possìvelmente antes de 1580.

Em conclusão, não temos dúvida de que a preciosa carta hoje conservada em Vila Viçosa, graças ao patriotismo do último Rei de Portugal, foi feita por Sebastião Lopes; mas quanto à sua data nada mais podemos propor que um muito vago c. 1570.

(3) Como vimos, quando estudámos João Afonso (Jean Alphonse Santongeois) e a sua obra, ele já se referira ao Brasil como uma ilha formada pela ligação do Rio da Prata com o Rio Maranhão. Além disso, o atlas anglo-franco-português de John Rotz ou Jean Roze, datado de 1542, contém um mapa-múndi com «A terra do Brasil» representada como uma ilha formada por aqueles rios. O globo de madeira na Bibliothèque Nationale de Paris, «N.° 386», já tem o lago central brasileiro ligado com os mesmos rios; mas apesar de Harrisse o datar de c.1535, ele deve ser bastante posterior. Vide Vol. I, Estampas 72-73, da presente obra.

When we compare the present chart with that signed by Sebastião Lopes in 1558, there can be no doubt that both were made by the same cartographer. The handwriting is exactly the same; flags, escutcheons, scales of leagues and wind roses are very similar in the two charts. The Crosses of Christ indicating the East (Jerusalem) in the wind roses, are most strikingly similar — particularly that in the centre of the 1558 chart and the one on North-east America in the present chart; and we do not find them in any other chart but that signed by Sebastião Lopes and others ascribed to him, although several wind roses in charts by Bartolomeu Velho and Luís Teixeira also show small similarly placed Crosses of Christ. We are satisfied that the present chart was made by Sebastião Lopes.

As regards the date, the problem is not so easy. The representation of the north-east American coastlines and of South America reveals that the chart dated 1558 is earlier than the present one. But how much earlier? Although the drawing of Terra Nova itself is not very different in the two charts, and both have practically the same number of place names (thirty-six and thirty-seven respectively, between *bela Jlha* and *J: de sam p°*), in 1558 the cartographer did not represent the Gulf and River St. Lawrence, although he had plenty of room on the parchment, which he preferred to fill with wind roses and flags. But not much significance should be attached to this in regard to the dating of the chart, because in 1558 the cartographer certainly knew of prototypes with the drawing and toponymy of the St. Lawrence. It may be noted that in the Newberry atlas, which was also undoubtedly drawn after 1558, the cartographer wrote only twenty names in Terra Nova, but drew most of the St. Lawrence, although without any place names.

The drawing of the western coast of South America, which to some extent still recalls of the Lopo Homem (1554) type, however, shows considerable progress, not only in the drawing of the coastline, which is much richer in toponymy, but also in the representation of the Andes and several places between the great mountain range and the coast. The drawing of this coast in the Newberry atlas appears to be a transition between the 1558 chart and the present one. The fluvial system which in the present chart connects the River Plate and several Brazilian rivers with a great lake in the centre of Brazil (3) does not appear in either the 1558 chart or the Newberry atlas. In fact, this fanciful figuration is first found, among Portuguese charts, in André Homem's planisphere of 1559 (Plate 190) and in one of Bartolomeu Velho's charts of 1561 (Plate 202). But if some features, such as the representation of the River Plate and the River Paraná up to Asuncion (which is recorded in the Newberry atlas but not in the 1558 chart), seem to be almost exactly copied from a common prototype, there are important differences in the general lay-out of the hydrographic system. For instance, in Bartolomeu Velho's chart the great central lake is connected with the River Amazon, and the River S. Francisco is connected directly with the Paraná below Asuncion; but in the present chart these connections do not exist. On the other hand, in the present chart the great central lake is linked with a smaller lake further west which, in turn, receives a smaller river that springs from the Andes; in Bartolomeu Velho's, this small river is far away from the Andes. This lack of connection of the central lake with the River Amazon and its connection with the Andes seem to appear in Vaz Dourado's atlas of 1580 (Plate 316), although the general drawing is rather different. This might be an indication that the present chart was drawn after Bartolomeu Velho's chart of 1561, and before Vaz Dourado's of 1580; but here again, as in the case of the north-east of America, we cannot rely on such evidence, because throughout this period we find examples of the interior of Brazil represented either more or less as in the 1558 chart or more or less as in the present one, without any chronological sequence at all.

It is not impossible that a complete study of the present chart may reveal some feature which will enable it to be dated accurately enough. As we cannot even attempt this study now, the most we can say is that it was certainly made after Sebastião Lopes' chart dated 1558, and very probably even after the Newberry atlas, which we have dated c. 1565, but possibly before 1580.

In conclusion, we have no doubt that the precious anonymous chart now preserved at Vila Viçosa, thanks to the last King of Portugal, was drawn by Sebastião Lopes; but as regards its date we cannot do more than propose a very vague c. 1570.

(3) As we have seen when studying João Afonso (Jean Alphonse Saintongeois) and his work, he already referred to Brazil as an island formed by linking the River Plate with the River Maranhão. Furthermore, the Anglo-French-Portuguese atlas of John Rotz, or Jean Roze, dated 1542, shows a world chart with *The lande|of Brazil* depicted as an island formed by those rivers. The wooden globe in the Bibliothèque Nationale, Paris, «N.° 386», already has the Brazilian central lake almost connected with the same rivers; but although Harrisse dated it c.1535, it must be of a rather later date. See Vol. I, Plates 72-73, of the present work.

Original 842×1.405 mm.

ANÓNIMO-SEBASTIÃO LOPES, c. 1570

Biblioteca do Palácio Ducal da Casa de Bragança, Vila Viçosa

ANÓNIMO — SEBASTIÃO LOPES (?), PLANISFÉRIO DE c. 1583

ESTAMPA 408

HISTÓRIA

ESTE importante planisfério tem sido muitas vezes estudado e mencionado desde que Harrisse em 1882, pela primeira vez, (segundo cremos), se lhe referiu dizendo que «Cette belle carte, qui n'est malheureusement ni signée ni datée, est conservée aux archives du dépôt des cartes et plans de la Marine, à Paris» (1). Mais tarde, o *Dépôt* passou a chamar-se Service Central Hydrographique — Cartes et Archives, mas a cota do planisfério continuou a ser «1.0.4» («Portefeuille 1, Division 0, Numéro 4»). Quando as cartas foram transferidas daquele estabelecimento para a Bibliothèque Nationale de Paris, o planisfério recebeu a sua actual cota, «Dépôt Rés. 1.0.4 (Archives 38)»; mas entre os historiadores da cartografia é geralmente conhecido como «Carte du Dépôt» ou simplesmente «1.0.4».

Depois de Harrisse, há setenta e dois anos, o ter tornado conhecido, este planisfério tem despertado a atenção de quase todos os estudiosos da história da cartografia, especialmente a propósito da representação da Terra Nova e do Japão. Assim, foi em 1892 brevemente mencionado por Sophus Ruge, em 1897 por Nordenskiöld, em 1900 de novo por Harrisse, em 1902, 1909 e 1915 por Nachod, em 1909 por Teleki, em 1916 por Anthiaume, em 1925 por Rouffaer, em 1927 por Wieder, em 1933 por Caraci, em 1935 por A. Cortesão, em 1952 por Gernez e por Kammerer (pòstumamente), e por outros. Harrisse em 1900 reproduziu a secção com a Terra Nova, Nachod em 1902 e Teleki em 1909 reproduziram a secção com o Japão, e Kammerer em 1949 deu boa reprodução a cores da maior parte da metade oriental (2); apesar disso, nunca foi estudado ou totalmente reproduzido.

FIG. 2 — ESBOÇO DO ANTIGO SELO DUAS VEZES IMPRESSO EM LACRE NA MARGEM ESQUERDA DO PLANISFÉRIO «1. 0. 4.»
SKETCH OF THE OLD SEAL TWICE IMPRESSED ON SEALING-WAX ON THE LEFT-HAND BORDER OF THE PLANISPHERE «1. 0. 4.»

Não consta que Sebastião Lopes, a nosso ver o provável autor deste planisfério, tivesse estado alguma vez no estrangeiro, o que leva a supor ter sido ele feito em Lisboa. M. Destombes notou que no verso do pergaminho está escrito: «Paraphé suivant notre procez verbal... mil sys cent soixante cinq», o que também acontece com outras cartas do «Dépôt» (3). Isto mostra que o planisfério já se encontrava em França em meados do século XVII. Mas não conseguimos qualquer informação sobre como e quando o planisfério teria ido de Portugal para França. Na margem exterior da sua simples cercadura rectangular dupla, tem do lado esquerdo (Oeste) um selo duas vezes impresso em lacre, que parece ter sido colocado antes de concluído o desenho da cercadura. Parece-nos que nele se vê a parte superior duma espada, com uns floreados ou sinais, mas Destombes julga que contém «un monogramme composé des lettres combinées MRIM ou MRLM, entourées de palmes». É possível que este selo, aparentemente bastante antigo, contenha qualquer indicação interessante sobre a história do planisfério, mas não conseguimos saber a sua origem, nem agora temos possibilidade de profundar o assunto. Contudo damos na Fig. 2 um esboço (mesmo a nossa boa fotografia não daria reprodução suficientemente clara) que permitirá o seu estudo.

DESCRIÇÃO

O pergaminho em que esta enorme carta está desenhada mede 1.115 × 2.195 mm. A iluminura não é má mas nada tem de extraordinário, contudo o desenho é bastante bom, propondo-se evidentemente dar uma representação tão completa quanto possível do mundo então conhecido. De facto o planisfério é ocupado por duas grandes massas terrestres bem definidas e inteiramente separadas — a América, e a Europa com a Ásia e a África — mais as ilhas e arquipélagos conhecidos ou imaginários, e uma fantasiosa massa de terras árticas, estendendo-se ao longo da parte superior e formando,

(1) Henry Harrisse, *Jean et Sébastien Cabot*, pp. 238-9. Paris 1882.

(2) Kammerer 1949, [Vol. VI], Pl. LXXXV. O verso desta Estampa contém listas da maior parte da toponímia das regiões contidas na reprodução, segundo a leitura de Kammerer. Referências bibliográficas, quando não dadas nas notas seguintes, podem encontrar-se em Cortesão 1935, Vol. I, p. 160. M. G. Deulin, *La Cartographie portugaise à la Bibliothèque Nationale de Paris*, in *Boletim Geral das Colónias*, Lisboa 1939-1940, onde se contém uma descrição bastante completa de quase todas as cartas portuguesas na Bibliothèque Nationale, não menciona o presente planisfério, segundo parece porque, quando escreveu, as cartas antigas do Dépôt ainda não tinham sido transferidas para a Bibliothèque Nationale.

(3) Marcel Destombes, *La mappemonde de Petrus Plancius*, p. 15. Hanoi 1944.

ANONYMOUS — SEBASTIÃO LOPES (?), PLANISPHERE OF c. 1583

PLATE 408

HISTORY

THIS important planisphere has often been studied and mentioned since Harrisse referred to it, for the first time (we think), in 1882, saying that «Cette belle carte, qui n'est malheureusement ni signée ni datée, est conservée aux archives du dépôt des cartes et plans de la Marine, à Paris» (1). Later the *Dépôt* changed its name to Service Central Hydrographique — Cartes et Archives, but the planisphere's classmark was still «1.0.4.» (i.e. «Portefeuille 1, Division 0, Numéro 4»). When the charts were transferred from that establishment to the Bibliothèque Nationale, Paris, the planisphere received its present classmark «Dépôt Rés. 1.0.4 (Archives 38)»; but among historians of cartography it is usually known as «Carte du Dépôt» or simply as «1.0.4».

Since Harrisse made it known seventy-two years ago, this planisphere has attracted the attention of practically every student of the history of cartography, particularly in connection with the cartographic representation of Terra Nova and Japan. Thus it was briefly mentioned by Sophus Ruge in 1892, Nordenskiöld in 1897, Harrisse again in 1900, Nachod in 1902, 1909 and 1915, Teleki in 1909, Anthiaume in 1916, Rouffaer in 1925, Wieder in 1927, Caraci in 1933, A. Cortesão in 1935, Gernez and Kammerer (posthumously) in 1952, and others. Harrisse in 1900 reproduced the section of the planisphere with Terra Nova, Nachod in 1902 and Teleki in 1909 reproduced the section with Japan, and in 1949 Kammerer gave a good colour reproduction of most of the eastern half (2). Otherwise it has never been reproduced or studied as a whole.

Sebastião Lopes, who in our opinion may be the author of this planisphere, does not seem ever to have been abroad, and it was therefore probably drawn in Lisbon. M. Destombes noted that on the back of the parchment is written: «Paraphé suivant notre procez verbal... mil sys cent soixante cinq», which also happens with other charts of the «Dépôt» (3). This shows that the planisphere was already in France about mid-seventeenth century. But we have been unable to gather any information as to when and how the planisphere went from Portugal to France. On the outer border of the double, rectangular, plain frame that surrounds the planisphere, on the left-hand side (West), there is a seal twice impressed on sealing-wax, which seems to have been affixed before the drawing of the frame was completed. To us it looks as if it shows the upper part of a sword and some flourishes or signes, but Destombes thinks that it bears «un monogramme composé des lettres combinées MRIM ou MRLM, entourées de palmes». It is possible that this seal may provide some interesting evidence on the history of the planisphere, but we have not been able to determine its origin and it is not possible to go further into the matter at this stage. In Fig. 2 we give, however, a sketch (even our good photograph would not give a clear enough reproduction) which may be used for its study.

DESCRIPTION

The parchment on which this very large chart is drawn measures 1,115 × 2,195 mm. The illumination is good, although not outstanding, but the drawing, which is fairly good, obviously sets out to give as complete a representation as possible of the world as it was then known. In fact the planisphere is occupied by two well-defined and quite separate land masses — America, and Europe with Asia and Africa — plus the known and imaginary islands and archipelagos, with a fanciful mass of Arctic lands stretching right along the top and forming, with the north of the American

(1) Henry Harrisse, *Jean et Sébastien Cabot*, pp. 238-9. Paris 1882.

(2) Kammerer 1949, [Vol. VI], Pl. LXXXV. On the back of this Plate there are lists with Kammerer's readings of most of the place names of the regions shown in the reproduction. When not given in the following notes, bibliographical references may be found in Cortesão 1935, Vol. I, p. 160. M. G. Deulin, *La Cartographie portugaise à la Bibliothèque Nationale de Paris*, in *Boletim Geral das Colónias*, Lisboa 1939-1940, where a fairly complete description of most of the Portuguese charts in the Bibliothèque Nationale is given, does not mention the present planisphere, apparently because the old charts of the Dépôt had not yet been transfered to the Bibliothèque Nationale when he wrote.

(3) Marcel Destombes, *La mappemonde de Petrus Plancius*, p. 15. Hanoi 1944.

com o norte dos continentes americano e asiático, as então muito discutidas e buscadas passagens do noroeste e do nordeste.

Outra curiosa particularidade é a sua escala de latitudes oblíqua perto da Terra Nova, que apareceu pela primeira vez na carta assinada por Pedro Reinel, de c. 1506 (Estampa 8), e se encontra em várias cartas até c. 1550, desaparecendo de todas as cartas durante o terceiro quartel do século XVI (pelo menos das que ainda existem), para reaparecer, pela primeira vez, em carta datada, no atlas de Bartolomeu Lasso de 1590 (Estampa 370) (4).

O AUTOR

As rosas-dos-ventos, os troncos-de-léguas e as bandeiras são por assim dizer cópias exactas dos que se vêem na carta de Sebastião Lopes, de 1558 (Estampa 390), assim como na carta mediterrânea, em Greenwich (Estampa 391), e na carta atlântica, em Vila Viçosa (Estampa 407), que indubitàvelmente foram feitas pelo mesmo cartógrafo. Em especial a grande Cruz de Cristo marcando o oriente é característica das obras de Sebastião Lopes. As duas rosas-dos-ventos maiores, nos cantos inferiores deste planisfério, são pràticamente reproduções fiéis das rosas-dos-ventos, também as maiores, sobre o Brasil na carta de 1558, sobre a África na carta de Greenwich, e sobre a América do Norte na carta de Vila Viçosa; e todas as rosas-dos-ventos no planisfério parecem ter sido igualmente copiadas nas três outras cartas. Há diferenças de pormenor entre todas estas cartas, como as há entre as cartas do atlas da Newberry Library, mas isso é natural em vista das suas diferentes datas e porque não pode haver dúvida de que Sebastião Lopes não seguiu sempre os mesmos protótipos.

Quanto à letra da nomenclatura — ponto aliás muito importante para a identificação do autor — embora haja grandes semelhanças entre o planisfério de que nos estamos ocupando e a carta assinada por Sebastião Lopes, também há algumas diferenças, pelo que não é possível atribuir um e outra categòricamente ao mesmo cartógrafo. Como no caso do atlas da Newberry Library, Sebastião Lopes — se, como julgamos muito provável, ele é o autor do planisfério — deve ter tido um assistente que o ajudou a escrever a toponímia.

Em 1926 M. C. Andrews suspeitou vagamente que Pedro de Lemos poderia ser o autor deste planisfério (5), e dezoito anos mais tarde M. Destombes escreveu: «Nous croyons avoir identifié l'auteur de ce parchemin célèbre et pourtant si mal connu. Il s'agirait, comme Andrews l'avait soupçonné, du cosmographe Pedro de Lemos», e mencionou algumas «parties de cette carte qui auraient été imitées par Plancius» (6). Mas Destombes não apresenta qualquer espécie de razão em abono da identificação do desconhecido cartógrafo como Pedro de Lemos. Depois Kammerer opinou: «D'après Marcel Destombes, qui a étudié spécialement le portulan de (Pedro de) Lemos du British Museum, il y aurait identité d'écriture entre ce document et celui du Dépôt des Cartes de Paris. En outre, l'anomalie qu'on relève sur la carte de Londres de donner au golfe de Gènes une latitude trop basse, se retrouve sur la carte de Paris. Le tracé de l'Angleterre est identique et les nomenclatures pour les régions communes sont très analogues» (7). Embora declinando assim a responsabilidade da identificação, Kammerer adoptou-a sem hesitar, referindo-se sempre ao planisfério, definitivamente, como «Pedro de Lemos, vers 1590» (8). Contudo não há sombra de fundamento para se identificar o autor deste planisfério como sendo Pedro de Lemos. Longe de haver «identité d'écriture», a letra nas duas cartas é muito diferente, e o mesmo sucede com a ortografia, construção e disposição dos topónimos; nem o seu número é sempre o mesmo para uma dada extensão de costa. Rosas-dos-ventos, bandeiras, troncos-de-léguas e escalas de latitudes são completamente diferentes, e igualmente o são os desenhos dos vários pormenores. De facto nada existe de particular nas duas cartas que pudesse sugerir um autor comum. Nem valeria a pena mencionar «le tracé identique de l'Angleterre», que não é assim tão «identique» e pouca diferença faz do mesmo traçado noutras cartas contemporâneas. O mesmo se pode dizer de «l'anomalie qu'on relève sur la carte de Londres de donner au golfe de Gènes une latitude trop basse», «anomalie»

(4) Vide D. Gernez, *Les Cartes avec l'échelle de latitudes auxiliaire pour la région de Terre-Neuve*, Anvers 1952, e Vol. I da presente obra, pp. 25-7.

(5) *Scotland in the portolan charts*, in *The Scottish Geographical Magazine*, N.º XLII, p. 294. Edinburgh 1926. Andrews apenas tem a seguinte entrada, no *Appendix* ao seu artigo: «Tipo V, Hispano-Portuguesa ... [no.] 36. XVI. [?Pedro Lemos] Paris, Archives du Service Hydrographique de la Marine».

(6) Destombes 1944, pp. 15-7.

(7) Kammerer 1952, [Vol. VII], p. 216. Gernez 1952, p. 108, ao referir-se ao planisfério, apenas acrescentou entre parênteses «(de Pedro de Lemos, suivant M. Destombes)».

(8) Isto é ainda mais lamentável porque o planisfério já tem sido referido como «portulano de Pedro de Lemos ... datado por Kammerer de ca. 1590». W. G. L. Randles, *South-east Africa on selected printed maps of the sixteenth century*, in *Imago Mundi*, Vol. XIII, p. 87. 's-Gravenhage 1956. O mesmo ensaio foi reimpresso, levemente ampliado e sob o título *South-east Africa and the Empire of Monomotapa as shown on selected printed maps of the 16th century*, in *Studia*, Vol. 2, p. 158. Lisboa 1958.

and Asian continents, the north-west and north-east passages, then much discussed and sought for.

Another curious feature is the oblique scale of latitudes near Terra Nova, which first appeared in Pedro Reinel's signed chart of c. 1506 (Plate 8), is found in several charts until c. 1550, disappeared from all charts during the third quarter of the sixteenth century (at least from those still extant), and then made its first reappearance, in a dated chart, in Bartolomeu Lasso's atlas of 1590 (Plate 370) (4).

THE AUTHOR

The wind roses, the scales of leagues and the flags are almost exact copies of those in Sebastião Lopes' chart of 1558 (Plate 390), as well as in the Mediterranean chart at Greenwich (Plate 391), and the Atlantic chart at Vila Viçosa (Plate 407), which were undoubtedly drawn by the same cartographer. The large Cross of Christ marking the east in the wind roses is particularly characteristic of Sebastião Lopes' work. The two largest wind roses in the lower corners of the planisphere are practically exact reproductions of the larger wind roses, on Brazil in the 1558 chart, on Africa in the Greenwich chart, and on North America in the Vila Viçosa chart; and all the wind roses in the planisphere seem to have been similarly copied in the three other charts. There are some differences of detail in all these charts, as well as in the charts of the atlas in the Newberry Library, but this is only natural in view of their different dates, and because there can be no doubt that Sebastião Lopes did not always follow the same prototypes.

As regards the handwriting of the nomenclature — a very important point for the identification of the author — although there are close similarities between the planisphere and the chart signed by Sebastião Lopes, there are also some differences, and we cannot say positively that they are by the same cartographer. As in the case of the atlas in the Newberry Library, Sebastião Lopes — if he was the author of the planisphere, which we think very probable — might have had an assistant who helped him in writing the place names.

In 1926 M. C. Andrews vaguely suspected that Pedro de Lemos might be the author of this planisphere (5), and eighteen years later M. Destombes wrote: «Nous croyons avoir identifié l'auteur de ce parchemin célèbre et pourtant si mal connu. Il s'agirait, comme Andrews l'avait soupçonné, du cosmographe Pedro de Lemos», and he mentioned some «parties de cette carte qui auraient été imitées par Plancius» (6). But he did not give any reason whatever for the identification of the unknown cartographer as Pedro de Lemos. Then Kammerer joined in: «D'après Marcel Destombes, qui a étudié spécialement le portulan de (Pedro de) Lemos du British Museum, il y aurait identité d'écriture entre ce document et celui du Dépôt des Cartes de Paris. En outre, l'anomalie qu'on relève sur la carte de Londres de donner au golfe de Gènes une latitude trop basse, se retrouve sur la carte de Paris. Le tracé de l'Angleterre est identique et les nomenclatures pour les régions communes sont très analogues» (7). Although thus declining the responsibility of the identification, Kammerer adopted it without more ado, always referring to the planisphere definitely as «Pedro de Lemos, vers 1590» (8). However, by no stretch of imagination could the author of the present planisphere be identified as Pedro de Lemos. Far from any «identité d'écriture», the handwriting in the two charts is very different, and so are the spelling, construction and disposition of the place names; nor are their numbers, for a given stretch of coast, always the same. Wind roses, flags, scales of leagues, and scales of latitudes are completely different, and so is the drawing of several details. In fact there is no particular in the two charts which might suggest a common author. It is hardly worth mentioning «le tracé identique de l'Angleterre», which is not quite «identique» and not very different from the same drawing in any other contemporary chart. The same can be said about «l'anomalie qu'on relève sur la carte de Londres de donner au golfe de Gènes une latitude trop basse», an «anomalie» which, on

(4) See D. Gernez, *Les Cartes avec l'échelle de latitudes auxiliaire pour la région de Terre-Neuve*, Anvers 1952, and Vol. I of the present work, pp. 25-7.

(5) *Scotland in the portolan charts*, in *The Scottish Geographical Magazine*, No. XLII, p. 294. Edinburgh 1926. Andrews just has the following entry, in the Appendix to his article: «Type V, Spanish Portuguese ... [no.] 36. XVI. [?Pedro Lemos] Paris, Archives du Service Hydrographique de la Marine».

(6) Destombes 1944, pp. 15-7.

(7) Kammerer 1952, [Vol. VII], p. 216. Gernez 1952, p. 108, referring to the planisphere, only adds in brackets «(de Pedro de Lemos, suivant M. Destombes)».

(8) This is the more unfortunate because the planisphere has since been referred to as «Pedro de Lemos, portolan ... dated by Kammerer ca.1590». W. G. L. Randles, *South-east Africa on selected printed maps of the sixteenth century*, in *Imago Mundi*, Vol. XIII, p. 87. 's-Gravenhage 1956. The same essay was reprinted, slightly enlarged and under the title *South-east Africa and the Empire of Monomotapa as shown on selected printed maps of the 16th century*, in *Studia*, Vol. 2, p. 158. Lisboa 1958.

que, pelo contrário, é *trop haute* e semelhantemente se encontra na maioria das cartas contemporâneas, como as de Lopo Homem e muitas das de Diogo Homem, Vaz Dourado, Lázaro Luís, Sebastião Lopes, Domingos Teixeira, Bartolomeu Lasso, Luís Teixeira e outras.

Apesar das diferenças na caligrafia, julgamos que Sebastião Lopes, entre todos os cartógrafos contemporâneos conhecidos, é o mais provável autor do planisfério — pelo menos não podemos suspeitar de qualquer outro.

A DATA

Quando Harrisse pela primeira vez mencionou o planisfério, datou-o de «circa 1553», data que muitos autores, baseando-se na autoridade do grande americanista, aceitaram sem discussão. Parece que o seu principal argumento, aliás bastante fraco, era que «la configuration de Terre-Neuve y est encore celle du prototype de Vallard», embora com alguns melhoramentos (9). Mas Harrisse estava tão absorvido com o estudo da Terra Nova que não reparou no resto do planisfério. Mais surpreendente é que Teleki, quando estudou a evolução da representação cartográfica do Japão, também aceitasse sem discutir a data dada por Harrisse — embora S. Ruge, que aliás Teleki não menciona, provàvelmente por não ter conhecimento, já tivesse duvidado da data c. 1553. Teleki notou que a representação do Japão era do tipo Vaz Dourado, mas julgou que «mesmo que esta data seja apenas aproximada, temos aqui a mais antiga carta marítima das ilhas, de nós conhecida, e a primeira em que a metade ocidental conhecida de Hondo envolve Kiu-Siu e Xicoco em meio arco» (10).

Foi Dahlgren quem primeiro notou que a carta «ne peut pas être antérieure à 1566, moment où la première nouvelle de l'expédition de Legazpi aux Philippines arriva en Europe, et probablement elle est même sensiblement moins ancienne, car elle montre une connaissance des parties septentrionales de l'île de Luzon qu'on n'acquit que dans les années suivantes, au fur et à mesure de la prise de possession de l'île par les Espagnols» (11). Depois de Dahlgren, a data dada primeiramente por Harrisse tem sido geralmente abandonada (12), mas, com excepção de Kammerer, nenhuma outra tentativa foi feita. Gernez, talvez sob a influência de Dahlgren, diz «ca. 1580» (*loc. cit.*), mas sem dar qualquer razão.

A primeira carta datada que mostra um desenho completo das Filipinas, naturalmente com inexactidões de pormenor, é a de Bartolomeu Lasso de 1590 (Estampa 375); a última carta datada, antes dessa, encontra-se no atlas de Vaz Dourado de 1580 (Estampa 324), a qual ainda dá a mesma representação do arquipélago que se encontra no atlas de Lázaro Luís de 1563. O desenho na carta de Bartolomeu Lasso e no presente planisfério é pràticamente o mesmo, o que igualmente se verifica no fragmento duma carta de Luís Teixeira (Estampa 363) que datamos de c. 1585, mas a toponímia naquele é muito mais rica. Por exemplo, a Ilha de Luzon tem treze nomes na carta de Lasso e apenas dois no planisfério. Poderemos, pois, depreender daqui que o planisfério foi feito entre 1580 e 1590.

(9) Henry Harrisse, *Découverte et évolution cartographique de Terre-Neuve*, pp. 233-4. London-Paris 1900.

(10) Paul Graf Teleki, *Atlas zur Geschichte der Kartographie der japanischen Inseln*, p. 23. Budapest 1909.

(11) E. W. Dahlgren, *Les débuts de la Cartographie du Japon*, p. 43. Upsala 1911. Quando em 1935 nos referimos a este planisfério e registámos a correcção de Dahlgren à data proposta por Harrisse, acrescentámos: «Porém, não se deve julgar, como parece fazê-lo êste autor (Dahlgren), que não pudesse haver qualquer carta das Felipinas anterior à expedição de Legazpi, pois os portugueses já por ali tinham andado antes, como o próprio general espanhol pôde verificar». Cortesão 1935, Vol. I, p. 160. Cotando estas palavras, Kammerer simplesmente comentou numa nota: «Mais c'est une pure supposition». Kammerer 1952, p. 215. Não é uma pura suposição, e na mesma página e na seguinte demos algumas das razões que existem para basear a nossa asserção. O Padre Andrés Urdaneta, piloto mor e cosmógrafo da esquadra de Legazpi, e que, segundo o Padre Juan de la Concepción (*Hist. General de Philipinas*, Tomo I, p. 374, Manila 1788), deve ter desenhado uma carta das Filipinas, regressou em 1566 imediatamente a Espanha com a notícia e para pedir reforços, porque em 1565 Legazpi encontrara em Zebu uma flotilha portuguesa que tinha ido especialmente das Molucas para expulsar os espanhóis de uma «tierra de su (dos portugueses) descubrimiento, y demarcación», nas palavras do Padre Juan. Além disso, quando Legazpi atacou Manila, os indígenas defenderam-se valentemente e o seu chefe declarou que «era aliado de los portugueses y poseia algunas piezas de artilleria servidas por un cristiano» — provàvelmente um português. Seria na verdade extraordinário que os portugueses, indubitàvelmente uma raça de navegadores hábeis e exploradores inquisitivos, que já há mais de cinquenta anos iam e regressavam regularmente de Malaca ao Rio de Cantão e depois ao Japão, não tivessem visitado já por essa altura as Filipinas; e que sendo então os melhores e mais experimentados cartógrafos, eles não tivessem feito alguma carta do arquipélago, hoje perdida. Em 1563 o atlas de Lázaro Luís regista, como coisa banal, a viagem de Pedro Fidalgo ao longo das costas ocidentais das Filipinas em 1545 e, embora com fantasia, desenha essas costas. Nada mais se soube da carta de Urdaneta e não podemos supor como ela seria, nem tão pouco sabemos se teria servido de protótipo a qualquer carta espanhola, que aliás também não se conhece; e, como adiante veremos, também não podia ter sido o protótipo, quer directa ou indirectamente, da carta de Bartolomeu Lasso de 1590, que é a primeira carta datada conhecida onde as Filipinas vêm representadas como no presente planisfério. Podemos hoje repetir, vinte e cinco anos mais tarde, as nossas palavras de 1935, que, longe de «pura suposição», se baseiam tanto em factos como em raciocínio positivo.

(12) Referindo-se a este planisfério em 1927, o Prof. Caraci informa-nos de que «a data 1553 foi sugerida pelo próprio Harrisse no seu *Cabot* e outros aceitaram-na ..., in *Terre Neuve*, Harrisse fala de maneira mais geral da composição do mapa como sendo de à volta de 1550». *Tabulae Geographicae Vetustiores in Italia Adservatae*, Vol. II, p. 26. Firenze 1927. Mas em 1933 diz apenas: «che lo stesso autore (Harrisse) data dal 1548, sarebbe, secondo altri, del 1553». *Di una nuova carta di Lopo Homem*, in *Rivista Geografica Italiana*, Annata XL, Fascicolo IV-V, p. 157. Firenze 1933. De facto, para ser exacto, Harrisse data-o de «Circa 1553» in *Jean et Sébastien Cabot*, p. 239, e de «Vers 1550» e «Vers 1548» in *Découverte*, Planche XVI e p. 364 respectivamente.

the contrary, is *trop haute* and found similarly in most contemporary charts, such as those of Lopo Homem, and many of those by Diogo Homem, Vaz Dourado, Lázaro Luís, Sebastião Lopes, Domingos Teixeira, Bartolomeu Lasso, Luís Teixeira, and others.

In spite of the difference in the handwriting, we consider that, of all the contemporary cartographers known, Sebastião Lopes is the most probable author of the planisphere — at least we cannot think of any other.

THE DATE

When Harrisse mentioned the planisphere for the first time he dated it «circa 1553», a date which was accepted by many authors, on the great Americanist's authority, without discussion. His rather weak main argument was apparently that «la configuration de Terre-Neuve y est encore celle du prototype de Vallard», although with some improvements (9). But Harrisse was so engrossed in the study of Terra Nova that he overlooked the rest of the planisphere. It is more surprising that — although S. Ruge, whom Teleki otherwise does not mention, probably because he had not read him, had already queried the date c. 1553 — Teleki, when studying the evolution of the cartographic representation of Japan, also accepted Harrisse's dating without question. Teleki noted that the representation of Japan was of the Vaz Dourado type, but thought that «wenn diese Zahl auch nur annähernd richtig ist, so haben wir hier die älteste bekannte Seekarte des Insellandes vor uns und die erste, auf welcher die bekannte westliche Hälfte Honshus Kiushu und Shikoku im Halbbogen umfängt» (10).

It was Dahlgren who first pointed out that the planisphere «ne peut pas être antérieure à 1566, moment où la première nouvelle de l'expédition de Legazpi aux Philippines arriva en Europe, et probablement elle est même sensiblement moins ancienne, car elle montre une connaissance des parties septentrionales de l'île de Luzon qu'on n'acquit que dans les années suivantes, au fur et à mesure de la prise de possession de l'île par les Espagnols» (11). Since Dahlgren, Harrisse's early dating has been generally abandoned (12), but, apart from Kammerer, no other attempt has been made to date the chart. Gernez, probably influenced by Dahlgren, says «ca. 1580» (*loc. cit.*), but without giving any reason.

The first dated chart to show a complete drawing of the Philippines, naturally with inaccuracies of detail, is Bartolomeu Lasso's of 1590 (Plate 375); the latest dated chart before that, which still gives the same representation of the archipelago as that in Lázaro Luís' atlas of 1563, is in Vaz Dourado's atlas of 1580 (Plate 324). The drawing in Bartolomeu Lasso's chart and in the present planisphere is practically the same, which is also the case with the fragment of a chart by Luís Teixeira (Plate 363) which we date c. 1585, but the toponymy in the former is much richer; for example, the island of Luzon has thirteen place names in Lasso's chart and only two in the planisphere. We may assume from this that the planisphere was made between 1580 and 1590.

(9) Henry Harrisse, *Découverte et évolution cartographique de Terre-Neuve*, pp. 233-4. London-Paris 1900.

(10) Paul Graf Teleki, *Atlas zur Geschichte der Kartographie der japanischen Inseln*, p. 23. Budapest 1909.

(11) E. W. Dahlgren, *Les débuts de la Cartographie du Japon*, p. 43. Upsala 1911. When we referred to this planisphere in 1935 and quoted Dahlgren's correction of the date proposed by Harrisse, we added: «It must not be thought, however, as this author (Dahlgren) seems to do, that there might not have been some chart of the Philippines before Legazpi's expedition, because the Portuguese had been there before, as the Spanish general himself could verify». Cortesão 1935, Vol. I, p. 160. Quoting these words, Kammerer simply commented in a note: «Mais c'est une pure supposition». Kammerer 1952, p. 215. It is not a mere supposition, and on the same and the following page we gave some of the existing reasons as grounds for our assertion. Father Andrés Urdaneta, chief pilot and cosmographer of Legazpi's fleet, who must have drawn a chart of the Philippines, according to Father Juan de la Concepción (*Hist. General de Philipinas*, Tomo I, p. 374, Manila 1788), in 1566 returned immediately to Spain with the news and to ask for reinforcements, because in 1565 Legazpi had met a Portuguese fleet, in Cebu, which had come especially from the Moluccas to drive the Spaniards out of «a territory of their (Portuguese) discovery and demarcation», in the words of Father Juan. Furthermore, when Legazpi attacked Manila, the natives defended themselves bravely and their chief declared that «he was an ally of the Portuguese and possessed some artillery pieces served by a Christian» — probably a Portuguese. It would indeed be extraordinary if the Portuguese, unquestionably a race of skilled navigators and inquisitive explorers, who had voyaged regularly from Malacca to the Canton River and then to Japan and back for more than fifty years, had not visited the Philippines by that time; and if, being the best and most experienced cartographers, they had not drawn some chart of the archipelago now lost. Lázaro Luís's atlas of 1563 quite casually records Pedro Fidalgo's voyage along the western coasts of the Philippines in 1545 — and draws those coasts, however fancifully. Nothing more was heard of Urdaneta's chart and we cannot guess what it was like, nor do we know whether it ever served as a prototype for any other Spanish chart which has also not survived; and, as we shall see below, it could not have been the prototype, either directly or indirectly, of Bartolomeu Lasso's chart of 1590, which is the first known dated chart to record the Philippines as the present planisphere does. We can now, twenty-five years later, repeat our words of 1935, which, far from being a «pure supposition», are based on facts and positive reasoning.

(12) In 1927, referring to the planisphere, Prof. Caraci informs us that «the date of 1553 was suggested by Harrisse himself in his *Cabot* and others have accepted it..., in *Terre Neuve*, Harrisse speaks more generally of the composition of the map being around 1550». *Tabulae Geographicae Vetustiores in Italia Adservatae*, Vol. II, p. 26. Firenze 1927. But in 1933 he says only that the chart, «che lo stesso autore (Harrisse) data dal 1548, sarebbe, secondo altri, del 1553». *Di una nuova carta di Lopo Homem*, in *Rivista Geografica Italiana*, Annata XL, Fascicolo IV-V, p. 157. Firenze 1933. In fact, to be precise, Harrisse dates it «Circa 1553» in *Jean et Sébastien Cabot*, p. 239, and «Vers 1550» and «Vers 1548» in *Découverte*, Planche XVI and p. 364 respectively.

Não pode haver dúvida de que foi feito antes de 1590, porque a carta de Lasso contém o primeiro desenho triangular da Terra Nova (Estampa 369), e o planisfério ainda apresenta o modelo que levou Harrisse a datá-lo de c. 1553 (ou c. 1548 ou c. 1550). Podemos mesmo dizer que foi feito antes de c. 1586, porque a carta de Bartolomeu Lasso não datada, mas a que atribuímos essa data (Estampa 378), já representa a Terra Nova com forma triangular semelhante. Podemos por conseguinte pressupor que o planisfério foi feito entre 1580 e c. 1586.

Contém ele outras particularidades que poderão confirmar esta suposição. O hoje chamado Banco da Saya de Malha, a ENE da extremidade norte de Madagascar, foi pela primeira vez cartogràficamente registado, aparentemente junto com os Bancos Nazaré e Garaios, no atlas Lopo Homem–Reinéis de 1519 (Estampa 18), com a legenda: *Estes baixos sam de treze atee / quatorze braças no mais baxo.* Aparece a seguir na carta anónima de c. 1540 (Estampa 71), chamado *baixos de s. migell* e *abrolho,* nomes que se mantiveram, com algumas pequenas variações, até Bartolomeu Velho, 1561; mas no atlas de Diogo Homem de 1561 o referido Banco tem pela primeira vez o nome *a camiza do praçel,* que de novo aparece no seu atlas de 1568. O atlas de Lázaro Luís, em 1563, chama-lhe *cota,* e os atlas de Vaz Dourado (1570-1580) *malha.* A primeira carta datada em que o Banco ou baixos aparecem com o seu presente nome, *Saya de malha,* é a de Bartolomeu Lasso de 1590, e no presente planisfério a ortografia é *Saia de malha* (13). Isto pode ser uma indicação de que este foi feito depois do atlas de Vaz Dourado de 1580.

O actual Banco Cargados ou Garaios, ao norte das Ilhas Mascarenhas, que na carta anónima de c. 1540 acima referida é chamado *baixos do patram* e em todas as cartas posteriores *corda dos grajaos, corda dos garaiaos, baixos dos garjaos, baixos do graio* (14), ou designação semelhante sem sequência regular, chama-se *Corda dos / garaios* no presente planisfério e *corda dos garajaos* no atlas de Bartolomeu Lasso; mas neste é representado por três carreiras de pequenas cruzes e três ilhéus, e naquele por uma massa elíptica de muitos pontos pequenos e outros um pouco maiores. Nos atlas de Vaz Dourado é representado por uma ilha oblonga bastante grande ou um grupo oblongo de ilhéus e pontos (talvez indicando recifes), especialmente no atlas de 1580.

Em cartas quinhentistas onde são representadas as Maldivas, o arquipélago é assinalado por várias carreiras de pontos com a direcção NNW-SSE; mas para oeste, mesmo sobre o equador, há um pequeno grupo de ilhéus, chamado Ilhas de Diogo Rodrigues, com várias grafias, que corresponde à parte mais meridional das Maldivas. De facto, estes ilhéus e a parte mais setentrional das Maldivas estão quase que sobre o mesmo meridiano, o que condiz com a verdadeira orientação norte-sul do arquipélago. No presente planisfério este grupo insular ainda se chama *Ilhas de / dyº Roiz,* mas no atlas de Bartolomeu Lasso, de 1590, é pela primeira vez chamado *baixos de / diogo Roĩz.* Tudo isto vem confirmar que o planisfério foi feito antes de 1590. Se compararmos ainda a forma e traçado da parte meridional da América do Sul, é evidente que o planisfério deve ser posterior ao atlas de Vaz Dourado de 1580 e contemporâneo da carta de Bartolomeu Lasso de c.1586 (15).

Temos pois aqui a mais antiga representação completa que se conhece das Filipinas, correspondendo mais ou menos à realidade, e supomos que provàvelmente se trata de um trabalho cartográfico puramente português. Como vimos atrás (nota 11), diz-se que Andrés Urdaneta, piloto mor e cosmógrafo da esquadra de Legazpi, teria desenhado uma carta das Filipinas. Mas não se conhece qualquer trabalho cartográfico de Urdaneta, e se tal carta (que quando muito seria um esboço cartográfico, como os pilotos geralmente faziam) alguma vez existiu, não se sabe dela. Ora Legazpi chegou às Filipinas em Fevereiro de 1564, e em Abril de 1565 Urdaneta partiu com as notícias de Zebu para Espanha. Legazpi continuou a exploração do arquipélago e só em 1570 é que atacou Manila pela primeira vez, tendo-a ocupado em 1571. Por isso Urdaneta, que então contava 73 anos, não podia ter explorado todo o arquipélago e ter feito mesmo o seu esboço cartográfico (16).

Não se conhece qualquer carta antiga das Filipinas, mas a carta portuguesa anónima de c. 1540 (Estampa 71) e as da mesma data aproxi-

(13) *Saya,* saia ou saio deriva do latim *sagum,* uma espécie de saiote ou avental usado pelos soldados romanos; e na Alta Idade Média dava-se em Portugal esse nome a uma peça de vestuário semelhante, em malha metálica, usada pelos homens de armas. Era a saia ou saio de malha, ou cota de malha. Mas ao contrário do saio de malha, a cota de malha cobria outras partes do corpo. Estes baixos, ou banco, eram habitualmente desenhados em forma de um avental ou saia, donde o nome que lhes foi dado. Na carta anónima italiana de 1424, que regista viagens antigas, muito provàvelmente portuguesas, para oeste do Atlântico Central, perto da célebre *Antilia* vê-se uma ilha chamada *saya* e mais ou menos com essa forma. Vide A. Cortesão, *The Nautical Chart of 1424 and the Early Discovery and Cartographical Representation of America,* pp. 77-8. Coimbra 1954.

(14) Garajau é o nome também dado em português à andorinha do mar (*Hirundo marina*).

(15) Cf. o nosso quadro de traçados da América do Sul. Vol. III, p. 59.

(16) Sobre Andrés Urdaneta e a expedição de Legazpi às Filipinas vide Don Felipe Picatoste y Rodriguez, *Apuntes para una Biblioteca Científica Española del siglo XVI,* s. vv., Madrid 1891; e *Diccionario Enciclopédico Hispano-Americano,* s.vv. "Urdaneta", "López de Legazpi" e "Manila", Barcelona 1887-99.

There can be no doubt that it was made before 1590, because Lasso's chart contains the first triangular drawing of Terra Nova (Plate 369), and the planisphere still shows the pattern that led Harrisse to date it c. 1553 (or c. 1548 or c. 1550). We may even say that it was made before c.1586, because the undated Bartolomeu Lasso chart, to which we have ascribed that date (Plate 378), already represents Terra Nova with the same triangular shape. We may, therefore, assume that the planisphere was made between 1580 and c. 1586.

It has other features which may confirm this supposition. As we cannot here enter into many details, let us just glance at the Indian Ocean. The Saya de Malha Bank, as it is called to-day, ENE of the northern point of Madagascar, was first recorded, apparently together with Nazareth Bank and Garayos, in the Lopo Homem–Reinels atlas of 1519 (Plate 18), with the legend: «These shoals are from thirteen to fourteen fathoms at the shallowest». It appears next in the anonymous chart of c. 1540 (Plate 71), called *baixos de s. migell* and *abrolho,* names that are maintained, with slight variations, until Bartolomeu Velho, 1561; but in Diogo Homem's atlas of 1561 they are for the first time called *a camiza do praçel* (the shirt of the reef), which appears again in his atlas of 1568. Lázaro Luís' atlas of 1563 calls them *cota,* and Vaz Dourado in his atlases (1570-1580) *malha.* The first dated chart in which the shoals appear with their present name, *Saya de malha,* is Bartolomeu Lasso's of 1590, and in the present planisphere it is spelt *Saia de malha* (13). This may be an indication that the latter was made after Vaz Dourado's atlas of 1580.

The present Cargados or Garayos Bank, north of the Mascarene Islands, which in the anonymous chart of c. 1540 mentioned above was named *baixos do patram,* and in almost all later charts *corda dos grajaos, corda dos garaiaos, baixos dos garjaos, baixos do graio* (14), or some similar designation, without a regular sequence, is called *Corda dos / garaios* in the planisphere and *corda dos garajaos* in Bartolomeu Lasso's chart; but in the latter it is represented by three rows of little crosses and three islets, and in the former by an elliptical mass of many dots, some small, some slightly larger. In Vaz Dourado's it is represented by an oblong, fairly large island or by an oblong group of islets and dots (perhaps indicating reefs), particularly in the atlas of 1580.

In sixteenth-century charts in which the Maldives are represented, the archipelago is shown by several rows of dots running NNW-SSE; but just on the equator, to the west, there is a small group of islets, called *Ilhas de Diogo Rodrigues,* with various spellings, which correspond to the southernmost part of the Maldives. In fact, these islets and the northernmost part of the Maldives are on practically the same meridian, which agrees with the real north-south orientation of the archipelago. In the present planisphere this group is still called *Ilhas de / dyº Roiz,* but in Bartolomeu Lasso's atlas of 1590 they are called, for the first time, *baixos de / diogo Roĩz.* All this still further confirms the supposition that the planisphere was made before 1590. If we further compare the shape and outline of the southern part of South America, it is evident that the planisphere must be later than Vaz Dourado's atlas of 1580 and contemporary with Bartolomeu Lasso's chart of c. 1586 (15).

We have here, therefore, the earliest known complete representation of the Philippines more or less corresponding to reality, and we think that it is probably a purely Portuguese cartographic work. As we have seen above (note 11), Andrés Urdaneta, chief pilot and cosmographer of Legazpi's fleet, is said to have drawn a chart of the Philippines. But no cartographic work by Urdaneta is known, and if such a chart (at best a cartographic sketch, such as pilots usually made) ever existed, it has disappeared. Now, Legazpi arrived at the Philippines in February 1564, and in April 1565 Urdaneta sailed with the news from Cebu to Spain. Legazpi continued the exploration of the archipelago and it was not until 1570 that he first attacked Manila, occupying it in 1571. Urdaneta, who was then 73 years of age, could not therefore have explored the whole of the archipelago nor even have made a cartographic sketch of it (16).

No early Spanish chart of the Philippines is known, but the anonymous Portuguese chart of c. 1540 (Plate 71) and those in the anonymous

(13) *Saya,* also spelt *saia* and *saio* in Portuguese, is derived from the Latin *sagum,* a kind of kilt worn by the Roman soldiers, and in Portugal in the late Middle Ages it was the name given to a similar garment of chain mail worn by men-at-arms. It was the *saia* or *saio de malha* (skirt of mail), or *cota de malha* (coat of mail). But, contrary to the *saio de malha,* the *cota de malha* covered other parts of the body. These shoals were usually drawn in the shape of a kilt or skirt, whence the names given to them. In the anonymous Italian chart of 1424, which records early voyages, most probably Portuguese, to the western Central Atlantic, there is, near the famous *Antilia,* an island shaped more or less like a kilt and also called *saya.* See A. Cortesão, *The Nautical Chart of 14 24 and the Early Discovery and Cartographical Representation of America,* pp. 77-8. University of Coimbra 1954.

(14) *Garajau* is the Portuguese for sea-swallow (*Hirundo marina*).

(15) Cf. our table of outlines of South America. Vol. III, p. 59.

(16) On Andrés Urdaneta and Legazpi's expedition to the Philippines, see Don Felipe Picatoste y Rodriguez, *Apuntes para una Biblioteca Científica Española del siglo XVI,* s.vv., Madrid 1891; and *Diccionario Enciclopédico Hispano-Americano,* s.vv. "Urdaneta", "López de Legazpi" and "Manilla", Barcelona 1887-99.

madamente nos atlas anónimo – Gaspar Viegas (Estampas 48 C e D, 54 D e 55 A), já dão uma representação bastante boa da parte sul do arquipélago, incluindo não só Mindanao mas também Paragua, Negros e Samar, e mesmo Masbate em Gaspar Viegas. É bem de crer que navegadores portugueses tivessem reconhecido o arquipélago durante os quarenta ou cinquenta anos seguintes e tivessem traçado pelo menos o seu esboço cartográfico. Logo que Legazpi chegou às Filipinas em 1564 e isso se soube nas Molucas, os portugueses enviaram uma flotilha para tentar expulsá-lo (17), como em 1543 já tinham feito com Villalobos (18), porque justificadamente afirmavam que as Filipinas estavam dentro da jurisdição portuguesa. Não quiseram os portugueses tornar conhecido o seu levantamento cartográfico do arquipélago antes de terem de aceitar o direito dos espanhóis às Filipinas? Seja como for, o facto é que a sua representação cartográfica completa apareceu pela primeira vez numa carta portuguesa — o presente planisfério — que foi indubitàvelmente desenhado depois de 1580, isto é, quando Portugal e a Espanha estavam reunidos sob a mesma coroa, e por isso não havia motivo (teòricamente, diga-se de passagem) para rivalidade entre os dois países.

Ao contrário da opinião de Dahlgren e dos que o seguiram, não julgamos que a representação das Filipinas no presente planisfério seja necessàriamente consequência da expedição de Legazpi, ou antes, das notícias que Urdaneta em 1566 levou a Espanha.

Em conclusão: embora a letra no presente planisfério e na carta de Sebastião Lopes de 1558 não seja exactamente a mesma, há várias características nas duas cartas (troncos-de-léguas e em especial rosas-dos--ventos com a típica Cruz de Cristo) que denotam autoria comum. Não podemos suspeitar de qualquer outro cartógrafo a quem o planisfério pudesse ser atribuído. Quanto à sua data, é muitíssimo provável que tenha sido feito entre 1580 e 1586 — digamos, por isso, c. 1583.

PRINCIPAL BIBLIOGRAFIA

ARMANDO CORTESÃO, *Cartografia e Cartógrafos Portugueses dos Séculos XV e XVI,* Vol. I, pp. 159-61. Lisboa 1935.

(17) Juan de la Concepción 1788, *loc. cit.*
(18) Diogo do Couto, *Asia,* Decada V, Liv. VIII, Cap. x. Lisboa 1612.

– Gaspar Viegas atlases of about the same date (Plates 48 C & D, 54 D and 55 A) already give a fairly good representation of the southern part of the archipelago, including not only Mindanao but also Paragua, Negros and Samar, and even Masbate in Gaspar Viegas. It is more likely than not that Portuguese navigators recognized the archipelago during the next forty or fifty years and made at least a cartographic sketch of it. As soon as Legazpi arrived at the Philippines in 1564 and the news reached the Moluccas, the Portuguese sent a squadron to try to pursue him (17), as they had already done with Villalobos in 1543 (18), because they rightly claimed that the Philippines lay within Portuguese jurisdiction. Were the Portuguese unwilling to make known their cartographic survey of the archipelago before they had to recognize the Spanish rights to the Philippines? Be that as it may, the fact is that a complete cartographic representation of the group appeared for the first time in a Portuguese chart — the present planisphere — which was undoubtedly drawn after 1580, i.e. when Portugal and Spain were reunited under the same crown and therefore there was no longer any reason (at least any theoretical reason) for rivalry between the two countries.

Contrary to the opinion of Dahlgren and those who followed him, we do not think that the representation of the Philippines in the present planisphere is necessarily a consequence of Legazpi's expedition, or rather of the news brought to Spain by Urdaneta in 1566.

In conclusion: although the handwriting in this planisphere and in Sebastião Lopes' chart of 1558 is not exactly the same, there are several features in the two charts (scales of leagues and particularly wind roses with the typical Cross of Christ) which denote a common authorship. We cannot think of any other cartographer to whom the planisphere might be ascribed. As regards its date, it is most probable that it was made between 1580 and 1586 — let us say, therefore, c. 1583.

SELECT BIBLIOGRAPHY

ALBERT KAMMERER, *La Mer Rouge, l'Abyssinie, et l'Arabie aux XVI^e et XVII^e siècles et la Cartographie des Portulans du Monde Orientale,* Première Partie [Vol. VI], Pl. LXXXV, Le Caire 1949; Tome III – Troisième Partie [Vol. VII], pp. 214-8, Le Caire 1952.

(17) Juan de la Concepción 1788, *loc. cit.*
(18) Diogo do Couto, *Asia,* Decada V, Liv. VIII, Cap. x. Lisboa 1612.

ANÓNIMO-SEBASTIÃO LOPES (?), c. 1583

Bibliothèque Nationale, Paris

Original 1.113×2.195 mm.

ANÓNIMO—SEBASTIÃO LOPES, FRAGMENTO DE CARTA DE c.1581

ESTAMPA 409A

ENCONTRA-SE presentemente no Museo Naval de Madrid um fragmento de carta (que anteriormente se guardava na Real Academia de la Historia, da mesma cidade), anónimo e não datado, em que está representada a parte mais meridional da América do Sul, com o Estreito de Magalhães. Trata-se na verdade de uma carta do Estreito de Magalhães. Este pedaço de pergaminho, 213 × 310 mm, apresenta-se como se tivesse sido cortado de uma carta para servir de capa ou encadernação a um grosso volume de pequeno formato; mas é provável também que o seu tamanho nunca tenha sido muito maior.

Em 1942 foi reproduzido (157 × 230 mm) por Julio Guillén, Director do mesmo Museo Naval, com as indicações «Real Academia de la Historia, Carpeta 1-4», e no «Índice de las Láminas» é indicado como «Costas Patagónicas y Tierra del Fuego, Sebastián Lopez. [1590]» (1).

A meio da parte superior do fragmento foram escritas e depois raspadas algumas palavras. Dos vestígios que ficaram, ainda pudemos reconstituir, com muita dificuldade, algumas palavras: *regras q̃* (?) *bastiã lopez/ ... estrecho/,* que parecem escritas com a mesma letra da toponímia da carta. No canto inferior esquerdo há uma nota mais longa, em português, parte da qual foi cortada ao preparar-se o pergaminho para a encadernação. Parece ter sido escrita por outra pessoa, e diz: «ay tem a escritura q̃ amister pª a carta //. Vm. me mãde aquela del mar bermelho // sella mãdou bastião lopes ou sella não / mãdou Mãde porela pª escreuer qua // antre mẽtes na carta/quãto ... co no // da carta me dixe q̃ se cõ certarã ... p.m. // En ocho ducados q̃ Eran 80 Reales // E El daria los XX q̃ quedo comigo // ... de preso E alguã cousa // ... (neces)sario (?) faremos qua daqui a sabado».

Por baixo da Tierra del Fuego, cujo contorno foi posteriormente tornado triangular por outra mão, está escrito *haga esto yª,* aparentemente ainda por outra mão diferente.

Se as referências a Sebastião (que se escrevia também, indistintamente, Bastião, Bastiam, Bastian ou Bastiã) Lopes já parecem indicar que este fragmento de carta é da sua autoria, a comparação da letra com a da carta de 1558, assinada por este cartógrafo, não deixa qualquer espécie de dúvida. Como acima dissemos, é muito possível que originàriamente a carta não fosse muito maior, e que este bocado fosse feito *ad hoc* para satisfazer pedido especial. Além da carta do Mar Vermelho, que Sebastião Lopes devia ter enviado a fim de ser acrescentada a outra carta, é possível que o presente desenho do Estreito de Magalhães fosse também enviado, provàvelmente de Lisboa para Espanha, por qualquer motivo especial e urgente.

Segundo já vimos (Vol. III, pp. 36-7), o Vice-rei do Peru, alarmado com o aparecimento de Drake no Pacífico em 1578, enviou no ano seguinte uma expedição comandada por Pedro Sarmiento de Gamboa que devia explorar o Estreito de Magalhães e estudar a maneira de o fortificar, depois de «cortar la retirada al invasor, pelear hasta matarle ó prenderle» (2). Felizmente para todos os interessados ainda não tinha chegado a altura de navios espanhóis (à parte alguns tomados ou atacados na costa durante a viagem de Drake ao longo do Chile e do Peru) encontrarem o futuro Sir Francis, e assim Sarmiento de Gamboa pôde passar o Estreito de oeste para leste, e, sem incómodo de maior, chegou a Espanha em 1580, e em Setembro, em Badajoz, deu parte a Filipe II da sua missão. Meses antes o Rei de Espanha tinha-se também tornado, *de facto* embora não *de jure,* Rei de Portugal. «Dieron mucho que pensar al rey D. Felipe los informes que de palabra y por escrito le comunicó en Badajoz Sarmiento, sosteniendo en resumen la posibilidade de asegurar el dominio del estrecho de Magallanes, construyndo en la parte más angosta dos fuertes en opuestas orillas y fundando en la inmedación poblaciones que podrian muy bien sustentarse por sí solas» (3). Apesar de vária oposição, o Rei apoiou a ideia e começaram imediatamente os preparativos para uma expedição que deveria partir com esse propósito.

(1) *Monumenta Chartographica Indiana, Regiones del Plata y Magallánica,* Lámina 7. Madrid 1942. Num artigo — *Una carta inédita del estrecho de Le Maire, e identificación de otras dos anónimas del siglo XVII,* in *Revista de Indias,* Año I, Núm. 1, Madrid 1940 — Guillén prometeu (p. 47) discutir esta carta noutro artigo a ser publicado na mesma revista — «Con motivo de una carta inédita del cartógrafo Bastião Lopez (s. xvi)».

(2) Cesáreo Fernández Duro, *Pedro Sarmiento de Gamboa, el Navegante,* in *Boletín de la Real Academia de la Historia,* Tomo XXVIII, p. 279. Madrid Abril 1896.

(3) *Ibidem,* p. 281.

ANONYMOUS—SEBASTIÃO LOPES, FRAGMENT OF CHART OF c.1581

PLATE 409A

THERE is to-day in the Museo Naval, Madrid, an anonymous and undated fragment of chart (previously kept in the Real Academia de la Historia, in the same city), in which the southernmost part of South America, with the Strait of Magellan, is represented. It is, indeed, a chart of the Strait of Magellan. This piece of parchment, 213 × 310 mm, looks as if it had been cut from a chart to serve as the cover or binding of a short but thick volume; but it is also probable that its size has never been much larger.

In 1942 it was reproduced (157 × 230 mm) by Julio Guillén, Director of the Museo Naval, with the indications «Real Academia de la Historia, Carpeta 1-4», and in the «Índice de las Láminas» it is described as «Costas Patagónicas y Tierra del Fuego, Sebastián Lopez. [1590]» (1).

In the centre of the upper part of the fragment some words were written and then scratched out. From the remaining traces we have been able to make out, with great difficulty, the words *regras q̃* (?) *bastiã lopez/ ... estrecho/,* which seem to be in the same handwriting as the toponymy in the chart. In the lower left-hand corner there is a longer note in Portuguese, part of which was cut off when the parchment was shaped for binding. It is apparently in another hand and says: «Here you have the writing needed for the chart. You must send me that of the Red Sea, if Sebastião Lopes sent it to you, or if he did not send it to you, you must send to fetch it so that meanwhile it can be written on the chart. As regards what you told me about (?) the chart, that it had been agreed ... in eight ducats which were 80 reales, and I should give him the 20 which remain with me ... as the price. And something ... necessary (?) we shall do here from now to Saturday».

Below Tierra del Fuego, the outline of which was later made triangular by another hand, is written: *haga esto yª* (do this immediately), again apparently in a different hand.

If the references to Sebastião (also written indifferently *Bastião, Bastiam, Bastian* and *Bastiã* in early Portuguese) Lopes seem to indicate that this fragment of chart was made by him, comparison of the handwriting with that in the chart of 1558 signed by this cartographer leaves no doubt whatever. As said above, it is very possible that originally the chart was not much larger, and that this piece was made *ad hoc* by special request. Besides the chart of the Red Sea that Sebastião Lopes was to have sent to be used for an addition to another chart, the present drawing of the Strait of Magellan may also have been sent, probably from Lisbon to Spain, for some special and urgent purpose.

As we have seen (Vol. III, pp. 36-7), the Viceroy of Peru, alarmed at Drake's appearance in the Pacific in 1578, in the following year sent an expedition under the command of Pedro Sarmiento de Gamboa, who was to explore the Strait of Magellan and study how to fortify it, after having «cut off the retreat of the invader and fought him until he was killed or captured» (2). Happily for all concerned, the time for the Spanish ships (apart from some which had been seized or attacked on the coast during Drake's voyage along Chile and Peru) to meet the future Sir Francis had not yet come, and so Sarmiento de Gamboa was able to pass through the Strait from west to east without trouble, to arrive in Spain in 1580 and in September to report on his mission to Philip II at Badajoz. The King of Spain had also become, *de facto* although not *de jure,* King of Portugal about a month earlier. «King Philip thought much about the information which Sarmiento gave him in Badajoz, which, in brief, indicated the possibility of assuring the command of the Strait of Magellan by building two forts on opposite sides of the narrowest part and founding villages nearby, which could very well be self-supporting» (3). In spite of some opposition, the King gave his support to the idea and the preparations for an expedition to set sail for that purpose began immediately. «Sarmiento dealt in person with the

(1) *Monumenta Chartographica Indiana, Regiones del Plata y Magallánica,* Lámina 7. Madrid 1942. In an article — *Una carta inédita del estrecho de Le Maire, e identificación de otras dos anónimas del siglo XVII,* in *Revista de Indias,* Año I, Núm. 1, Madrid 1940 — Guillén promised (p. 47) to discuss this chart in another article to be published in the same periodical — «Because of an unpublished chart of the cartographer Bastião Lopez (s. xvi)».

(2) Cesáreo Fernández Duro, *Pedro Sarmiento de Gamboa, el Navegante,* in *Boletín de la Real Academia de la Historia,* Tomo XXVIII, p. 279. Madrid Abril 1896.

(3) *Ibidem,* p. 281.

«Sarmiento se ocupó personalmente en la preparación de las cartas é instrumentos náuticos, auxiliado por los cosmógrafos de la Casa de la Contratación ... teniendo á la vista y comparando los trabajos hidrográficos existentes, ... con motivo de las diferencias encontradas en algunas posiciones geográficas» (4). A esquadra partiu em Setembro de 1581, com Sarmiento de Gamboa a bordo, mas só alcançou o Estreito em começos de 1584.

Como a cartografia portuguesa ainda era a melhor e de mais confiança, é muito natural que Sarmiento de Gamboa e os cosmógrafos da Casa de la Contratación desejassem ter os melhores «trabajos hidrográficos existentes». A preparação das cartas para a expedição devia ter sido feita cerca da primeira metade de 1581. Portugal estava já sob o domínio espanhol e Sebastião Lopes devia nessa altura ser o cartógrafo português de maior categoria oficial; é assim perfeitamente compreensível que lhe fosse pedido que desenhasse uma carta especial do Estreito e que esta fôsse urgentemente enviada para Espanha, hipótese que estaria de acordo com as notas escritas no pergaminho.

Este desenho do Estreito é mais ou menos conforme com o de outras cartas contemporâneas, e podia muito bem ter sido feito em 1580-1581. A toponímia é quase exactamente a mesma que na secção correspondente do planisfério anónimo «1.0.4» (Estampa 408), que julgamos ter sido feito por Sebastião Lopes c. 1583. A presente carta não mostra ainda o pequeno arquipélago a norte da entrada do Estreito pelo lado do Pacífico, de que só se soube a existência após a chegada de Sarmiento de Gamboa em 1580, mas que já aparece no planisfério de c. 1583. A orientação NW-SE, mais ou menos correcta, dada às linhas costeiras oriental e ocidental da terra a sul do Estreito não é de surpreender, porque se encontra em várias cartas anteriores ou contemporâneas, como nos atlas de Vaz Dourado e no planisfério de Domingos Teixeira, de 1573.

A linha suplementar, dando forma triangular às terras a sul do Estreito, deve ter sido acrescentada mais tarde, não sabemos com que propósito. Poderia sugerir qualquer relação com os preparativos da expedição dos irmãos Nodal (1618-1619), depois do descobrimento do Estreito Le Maire em 1616 (5). Mas o presente desenho era muito antigo já para ter qualquer utilidade numa altura em que os espanhóis dispunham de cartas muito mais avançadas.

Em conclusão, julgamos que a presente carta foi desenhada por Sebastião Lopes em princípios de 1581, a pedido das autoridades espanholas, a fim de ajudar Sarmiento de Gamboa e os cosmógrafos da Casa de la Contratación a preparar urgentemente a carta actualizada necessária para a expedição espanhola que em Setembro do mesmo ano se fez à vela com o propósito, aliás frustrado, de fortificar o Estreito de Magalhães. Por isso, a nosso ver, deve ser datada de c. 1581.

(4) *Ibidem*, p. 282.

(5) Guillén 1940, *loc. cit.*, refere-se à carta a propósito desses preparativos. Como veremos adiante, a expedição Nodal realizou-se em duas caravelas portuguesas, com tripulações inteiramente portuguesas e foram armadas em Lisboa à custa da Coroa de Portugal; quando regressaram, os cartógrafos portugueses João e Pedro Teixeira foram levados de Lisboa para Madrid a fim de desenharem a respectiva carta.

preparation of the charts and nautical instruments, helped by the cosmographers of the Casa de la Contratación ... examining and comparing the hydrographic works in existence ... because of the differences found in some geographical positions» (4). The fleet sailed in September 1581, with Sarmiento de Gamboa on board, but only reached the Strait at the begining of 1584.

As Portuguese cartography was still the best and most reliable, it is only natural that Sarmiento de Gamboa and the cosmographers of the Casa de la Contratación should want to have the best «hydrographic works in existence». The preparation of the charts for the expedition may have taken place somewhere about the first half of 1581. Portugal was already under Spanish domination, and Sebastião Lopes was then probably the Portuguese cartographer of highest official standing; it is quite understandable that he should have been asked to draw a special chart of the Strait and that it should be sent to Spain, a hypothesis which would agree with the notes on the parchment.

This drawing of the Strait conforms more or less with other contemporary charts, and might quite well have been made in 1580-1581. The toponymy is almost exactly the same as that in the corresponding section of the anonymous planisphere «1.0.4» (Plate 408), which we think was also made by Sebastião Lopes, c. 1583. The present chart does not yet show the small archipelago to the north of the Pacific entrance to the Strait, which was made known after Sarmiento de Gamboa's arrival in Spain in 1580 and already appears in the planisphere of c. 1583. The more or less correct NW-SE orientation given to the eastern and western coastlines of the land south of the Strait is not surprising, because a similar orientation is found in several earlier or contemporary charts, such as some of Vaz Dourado's atlases and Domingos Teixeira's planisphere of 1573.

The supplementary line, giving a triangular shape to the lands south of the Strait, may have been added later, we do not know for what purpose. It might suggest that it was connected with the preparations for the expedition of the Nodal brothers (1618-1619) after the discovery of the Le Maire Strait in 1616 (5). But the present drawing was too early to be of any use at a time when the Spaniards had much more advanced charts of the Strait at their disposal.

In conclusion, we think that the present chart was drawn by Sebastião Lopes early in 1581 at the request of the Spanish authorities, in order to help Sarmiento de Gamboa and the cosmographers of the Casa de la Contratación to prepare urgently the up-to-date charts needed for the Spanish expedition which sailed in September of that year with the intention (abortive, as it turned out) of fortifying the Strait of Magellan. In our opinion, therefore, it should be dated c. 1581.

(4) *Ibidem*, p. 282.

(5) Guillén 1940, *loc. cit.*, mentions the chart in connection with these preparations. As we shall see later, the Nodal expedition took place in two Portuguese caravels, which carried whole Portuguese crews and were equiped in Lisbon at the expense of the Crown of Portugal; when they returned, the Portuguese cartographers João and Pedro Teixeira were taken from Lisbon to Madrid in order to draw the respective chart.

MANUEL DE MESQUITA PERESTRELO

PERO DE MAGALHÃES DE GANDAVO

PEDRO DE LEMOS

MANUEL DE MESQUITA PERESTRELO, CARTA DE 1576

ESTAMPA 409B&C

Manuel de Mesquita Perestrelo foi um notável hidrógrafo da segunda metade do século XVI, que teve vida bastante aventurosa. É o autor da presente carta, que ilustra o seu *Roteiro* da costa da África do Sul desde o Cabo de Boa Esperança até o Cabo das Correntes, mas nenhum outro seu trabalho se conhece.

Parece que Perestrelo nasceu em Santo Estêvão de Alenquer, uns 50 Km ao norte de Lisboa, filho de Pedro Sobrinho de Mesquita e de sua mulher Francisca Perestrelo (1). Em 1547 foi à Índia com seus irmão e pai, que fazia a viagem pela quarta vez, agora como capitão de um dos navios de uma armada que partiu de Lisboa em 31 de Outubro desse ano (2). Manuel de Mesquita Perestrelo deve ter regressado a Portugal pouco depois, porque diz no seu *Roteiro,* referindo-se à Baía de S. Francisco, na África do Sul: «Nesta baia não entrei, por aventar muito o levante... Contudo eu tomo sobre mim o que dela deixei de ver, como que o vira; por que o digo por boca e lembrança de dioguo botelho pereira, que nela e na do Saldanha esteve surto, e fez aguada, creio que no ano de mil quinhentos trinta e nove, quando veio na fusta a este reino, com quem tive particular amizade sendo meu capitam na nau sam bento a segunda vez que fui á India no ano 549» (3). Talvez ele tenha ido como tripulante da nau *São Bento* que partiu de Lisboa para a Índia em Março de 1549 e regressou em 1551. Dois anos depois a *São Bento* foi de novo à Índia, donde iniciou a viagem de regresso em Fevereiro de 1554, tendo naufragado em 22 de Abril à entrada do *Rio do Infante* (hoje Great Fish River) na costa da África do Sul. Manuel de Mesquita Perestrelo voltava nessa viagem com os seus pai e irmão. O pai morreu em Março e foi sepultado no mar — «estando guardada aquella fria & enquieta sepultura a os seus cansados setenta annos», conforme Perestrelo escreveu no *Naufragio da Nao sam Bẽto,* que foi publicado pela primeira vez em Coimbra 1564, de que se fizeram muitas edições e que contém algumas das mais comovedoras páginas da célebre *História Trágico-Marítima* (4). Ele conta aí como das 473 pessoas que iam a bordo, quando a nau partiu da Índia, apenas 322 estavam vivas depois do naufrágio, e como 258, incluindo seu irmão, morreram durante a trágica viagem por terra até alcançarem a Baía do Rio do Santo Espírito (actual Baía de Lourenço Marques) em 3 de Julho (5); dos sobreviventes, 39 aí morreram durante cinco meses de terríveis sofrimentos, mas os restantes foram recolhidos por um pequeno navio que, depois de esperar outros cinco meses pela monção, os levou a Moçambique, onde chegaram a salvo em 2 de Abril de 1555. Catorze meses depois de as 473 pessoas terem partido da Índia, apenas 25 sobreviveram, e entre elas Manuel de Mesquita Perestrelo.

Em 1562 Perestrelo seguiu como capitão duma frota que partiu de Lisboa para S. Jorge da Mina, onde ficou como capitão-mor do Castelo da Mina. Um ano depois foi preso, trazido para Lisboa e encarcerado numa masmorra do Castelo de S. Jorge, mas conseguiu fugir, tendo-se refugiado em Castela. Daí escreveu longa exposição ao Rei D. Sebastião, que não só perdoou as suas faltas (entre as quais ter evitado combate com

(1) Que se dizia ser prima afastada de Cristóvão Colombo, o qual em 1478 casara com a nobre Filipa Perestrelo, filha do Capitão e Donatário da Madeira.

(2) «Em 25 de Novembro do mesmo anno (1547) partiu para a Índia outra armada de 4. naus de que hia por 1) Capitão mor Francisco Barreto na nau S. Saluador 2) Pedro de Mesquita na nau S. Caterina filho do Corregedor Diogo Pires, e de Brites de figueiroa...». Anselmo Braamcamp Freire, *Emmenta da Casa da India,* p. 428, in *Boletim da Sociedade de Geographia.* Lisboa 1907.

(3) Fl. 17 r do códice de Londres, adiante referido. Diogo Botelho Pereira, navegador e cartógrafo, foi o célebre aventureiro que em Novembro de 1535 partiu numa pequena fusta da Índia para Lisboa, onde chegou em Maio de 1536 e que deve ter tido certa influência sobre Perestrelo, como provàvelmente a teve sobre Lázaro Luís e Vaz Dourado. Vide Vol. III, p. 5, da presente obra.

(4) Vide C. R. Boxer, *The Tragic History of the Sea. Shipwrecks of Portuguese East Indiamen on the coast of S. E. Africa,* Vol. 112, The Hakluyt Society, London 1959 (volume para 1957). Sobre as edições do *Naufragio* vide Fontoura da Costa 1939, pp. xxvi-xxxii. O falecido Rei D. Manuel termina a secção dedicada à edição princeps do *Naufragio* com estas palavras: «Os auctores d'essas relações, como Manuel de Mesquita Perestrello, contam o que viram, quer dizer a verdade. N'este caso, aos horrores do temporal medonho, da viagem tormentosa, e do naufragio, ajuntam-se todas as angustiosas tribulações padecidas durante um anno nas terras selvagens d'Africa. O livro contem paginas que são realmente bellas, porque, com admiravel sinceridade, mostram os soffrimentos passados pelos Portuguezes, quando iam para a India ou d'ella regressavam. Esses auctores, testemunhas oculares de grandes tragedias, prestaram um grande serviço á historia e á literatura patrias; e nós sentimos não só a maior admiração mas a maior gratidão por esses modestos escriptores, que nos reveláram mais um aspecto do valor e coragem da raça Portugueza». *Livros Antigos Portuguezes 1489-1600 da Bibliotheca de Sua Majestade Fidelissima* descriptos por S. M. El-Rei D. Manuel, Vol. II, pp. 698-9. Londres 1932.

(5) «E quando veo as noue ou dez horas deste dia q̃ eram tres de Julho chegamos a boca da baya do rio Sanct Spirito, q̃ na carta q̃ leuauamos estaua nomeado pello seu nome antiguo ho rio d'alagoa». *Relação do Naufragio da Nao sam Bẽto,* fl. 58 da edição princeps (1564).

MANUEL DE MESQUITA PERESTRELO, CHART OF 1576

PLATE 409B&C

Manuel de Mesquita Perestrelo was a remarkable hydrographer of the second half of the sixteenth century, who had a somewhat adventurous life. He was the author of the present chart, which illustrates his *Roteiro* of the coast of South Africa from the Cape of Good Hope to Cape Corrientes, but no other cartographic work of his is known.

Perestrelo, son of Pedro Sobrinho de Mesquita and his wife Francisca Perestrelo (1), seems to have been born at Santo Estêvão de Alenquer, some 50 km north of Lisbon. In 1547 he went to India with his brother and father, the latter of whom was making the voyage for the fourth time, now as the captain of a ship in a fleet which sailed from Lisbon on 31 October of that year (2). Manuel de Mesquita Perestrelo must have returned to Portugal shortly afterwards, because in the *Roteiro,* referring to St. Francis Bay in South Africa, he says: «I did not enter this bay, as the wind was blowing strong from the east... However, I take upon me to state what I have said as if I had seen it, because I speak through the mouth and memory of Diogo Botelho Pereira, who lay at anchor here and in the bay of Saldanha, and took in water, I think in the year 1539, when he came in the foist to this kingdom, with whom I was in close friendship, as he was my captain in the ship *São Bento* the second time I went to India, in the year 1549» (3). He may have gone then as a member of the crew of the *São Bento,* which sailed for India from Lisbon in March 1549 and returned in 1551. Two years later the *São Bento* again went to India, whence she sailed back in February 1554, and on 22 April she was wrecked near the entrance of the *Rio do Infante* (Great Fish River) on the coast of South Africa. Manuel de Mesquita Perestrelo, his father and his brother had left India in the ship. The father had died the month before and was buried at sea — «that cold and unquiet grave was destined for his tired seventy years», as Perestrelo wrote in the *Naufragio da Nao sam Bẽto,* which was first published in Coimbra in 1564, had many later editions and contains some of the most moving pages of the famous *História Trágico-Marítima* (4). There he recounts that of the 473 who were on board when the ship sailed from India only 322 were alive after it was wrecked, and how 258 of them, including his brother, died during their tragic journey overland before they reached the *Baía do Rio do Santo Espírito* (Delagoa Bay) on 3 July (5); of the survivors, 39 died there during five months of terrible sufferings, and the rest were rescued by a small ship which, after waiting another five months for the monsoon, took them to Mozambique, where they arrived safely on 2 April 1555. Fourteen months after the 473 people had left India only 25, among them Manuel de Mesquita Perestrelo, survived.

In 1562 Perestrelo was captain of the fleet that went from Lisbon to S. Jorge da Mina, where he remained as Captain-major of the Castle of Mina. One year later he was arrested, brought to Lisbon and imprisoned in a dungeon at the Castle of S. Jorge, but he managed to escape and took refuge in Castile. There he wrote a lengthy explanation to King Sebastian, who not only pardoned his faults (one of which was that he had avoided joining

(1) Said to be a distant cousin by marriage of Christopher Columbus, who in 1478 had married the noble Filipa Perestrelo, daughter of the Captain and Donatory of Madeira Island.

(2) «On 25 November of the same year (1547) another armada of 4 ships sailed for India with: 1) Francisco Barreto as Captain-major in the ship *S. Salvador*; 2) Pedro de Mesquita, in the ship *S. Caterina,* son of the Corregidor Diogo Pires and Brites de Figueiroa...». Anselmo Braamcamp Freire, *Emmenta da Casa da India,* p. 428, in *Boletim da Sociedade de Geographia.* Lisboa 1907.

(3) Folio 17 r of the London codex referred to below. Diogo Botelho Pereira was the famous adventurer, navigator and cartographer who sailed from India in November 1535 and arrived in Lisbon in May 1536, in a small foist, and who may have had some influence on Perestrelo, as he probably had on Lázaro Luís and Vaz Dourado. See Vol. III, p. 5, of the present work.

(4) See C. R. Boxer, *The Tragic History of the Sea. Shipwrecks of Portuguese East Indiamen on the coast of S. E. Africa,* Vol. 112, The Hakluyt Society, London 1959 (issue for 1957). On the editions of the *Naufragio* see Fontoura da Costa 1939, pp. xxvi-xxxii. The late King Manuel ends the section on the *editio princeps* of the *Naufragio* with these words: «The authors of accounts like that of Manuel de Mesquita Perestrello tell what they saw, that is, they tell the truth. In this case, to the terrors of the storm, the tempestuous voyage and the shipwreck are added the tribulations suffered during a year in the wild country of Africa. The book contains some pages of real beauty, which show the terrible risks run by the Portuguese on their way to and from India. Those who wrote of these tragedies from their own experience have rendered a great service to Portuguese history and literature; and we feel not only the greatest admiration but the greatest gratitude towards these modest writers, who have given us yet another proof of the worth and courage of the Portuguese race». *Early Portuguese Books 1489-1600, in the Library of His Majesty the King of Portugal,* described by H. M. King Manuel, Vol. II, pp. 698-9. London 1932.

(5) «And at the hour of nine or ten on this day, which was 3 July, we arrived at the entrance of the bay of the *rio Sanct Spirito,* which in the chart that we had was called by its old name, *rio d'alagoa*». *Relação do Naufragio da Nao sam Bẽto,* fl. 58 of the *editio princeps* (1564).

um navio inglês quando ia para a Mina), como em Setembro de 1570 o nomeou por três anos Capitão das Molucas, onde deve ter chegado em fins de 1571 ou começos de 1572. De volta a Portugal, depois dos três anos de serviço nas Molucas, parou em Moçambique, e em Novembro de 1575 começou o levantamento hidrográfico da costa, desde o Cabo das Correntes até o Cabo da Boa Esperança. Quer tivesse recebido o encargo de fazer este levantamento quando foi para as Molucas, quer quando lá estava ou durante a viagem de regresso, como é provável, o mais certo é que a publicação do *Naufragio* em 1564 não tenha sido estranha tanto à nomeação para as Molucas como para fazer o levantamento hidrográfico. Perestrelo escreveu no Roteiro: «Nesta bahia (de são bras) sobre ho sombreiro que ha serra faz na põta do cabo deixej posta hũa crus de pao enella amarrado com fio de arame hũ canudo tapado com cortiça & cera & dentro hũ escrito que dizia/ A louuor de nosso senõr Jesu christo & exalcamento da sua santa fe & p̃ seruiço & ha creçentamento dos Reinos & estados de dom sebastião serenissimo Rey de Portugal/Manoel de mizquita perestrello que por seu mandado ueo descobrir esta costa pos aqui esta cruz aos sete dias de janeiro de mill quinhentos setenta & seis anos» (6). É esta a única indicação concreta sobre quem escreveu o *Roteiro,* e ainda nos diz quando foi escrito. No fim do roteiro pròpriamente dito, que começa no Cabo da Boa Esperança, diz ele também que alcançou «ho cabo das correntes que esta em altura de vinte & quatro graos escaços onde se acabaram os limites desta minha empresa & descubrimento de que tornei a mocambique em treze dias do mes de março de mil quinhentos setenta & seis» (fl. 24 r).

Deve ter chegado a Lisboa uns meses mais tarde, regressando finalmente à sua aldeia natal, tendo depois casado com Guiomar Lobo, de quem teve uma filha. Não sabemos a data da sua morte, mas ele e sua mulher foram sepultados no Convento da Carnota, nos arredores de Alenquer. Como seu pai tinha setenta anos quando em 1554 faleceu a bordo da *São Bento* Perestrelo deveria ter nascido mais ou menos à volta de 1510 e contar cerca de 66 anos quando em 1576 regressou a Portugal; de facto ele diz no preâmbulo: «As particularidades do mar e da costa, com as alturas e conhecenças dos portos e a ordem que se hade ter para os tomar, verá vossa Alteza nesse Roteiro e Demonstraçao (isto é, a carta e as vistas), que de tudo fiz, a que pode dar credito, posto que vão mal compostos e de mão já tremula, o que ouve por melhor que buscar-lhe ornamento com os ver outrem primeiro que vossa Alteza» (7).

Conhecem-se três manuscritos do *Roteiro*: *a*) Códice «Add.MS 16932», no British Museum; *b*) Códice «$\frac{\text{CXV}}{1\text{-}23}$», na Biblioteca Pública de Évora; *c*) «Cód. 482» (antigamente N.º 149), na Biblioteca Pública Municipal do Porto (8).

O Códice de Londres — Vem registado no *Catalogue of Additions to the Manuscripts in the British Museum in the years 1846-1847,* p. 326, London 1864; mas nem Figanière nem Tovar o mencionam nos seus Catálogos. Contém vinte e oito folhas de papel, além de uma carta das costas sul e sudeste da África e do sul de Madagáscar, em pergaminho 279×406 mm, dobrada em duas, no princípio. Esta carta (Estampa 409C) está bem executada e é de exactidão notável para a época, mas, tal como sucede nas oito vistas de terra, de desenho grosseiro, existentes nas páginas do códice, é colorida a verde, vermelho e amarelo, muito simplesmente. Quando o códice foi encadernado, provàvelmente na primeira metade do século passado, foram-lhe acrescentadas várias folhas de guarda. Num bocado de papel colado na primeira destas folhas de guarda, está escrito a lápis: «120 fr. Ternaux», com a última palavra já meio apagada; por baixo, a tinta e em inglês: «Comprado a MM. Asher & Co. 7 de Maio de 1847»; no rosto da primeira folha original em letra aparentemente do século XVII, a tinta: «*Ma* / quere: Descriptio delos Baxios del cabo de Buena esperanza»; e por baixo disto, a lápis e em inglês: «Provàvelmente o exemplar original para oferecer. O nome está raspado na carta, e também a assinatura no fim deste MS. *F.M.*» (Sir Frederic Madden, 1801-73, Sub-chefe, 1828-37, e Chefe, 1837-66, do Departamento de Manuscritos do British Museum). Esta última nota aparece também no *Catalogue*. Porém a assinatura no fim não foi apenas raspada, porque, de facto, a parte mais baixa da folha em que ela se encontrava foi toda cortada. A segunda folha está em branco, mas a seguinte contém uma introdução dedicatória «Ao muito alto & muyto poderoso Rey Dom sebastião nosso sñor / Parti de moçambique pera descobrir a costa de boa esperança como me vossa .A. tinha mandado. aos vinte & dous dias do mes de nouembro de mil quinhentos oitemta. (*sic*) &

(6) Fl. 13 r do códice de Londres.

(7) Embora se não diga no *Roteiro* quando e onde foi escrito, não pode haver dúvida de que o foi em Portugal, como várias referências nele contidas o dão a entender. Vide Fontoura da Costa 1939, pp. xxii-xxv. Foi certamente escrito antes da morte de D. Sebastião em 1578.

(8) Vide Cortesão 1935, Vol. II, pp. 252-8, onde se podem encontrar todas as referências bibliográficas, quando aqui não são dadas. O códice do Porto é descrito por A. de Magalhães Basto, *Catálogo dos Manuscritos Ultramarinos da Biblioteca Pública Municipal do Porto,* pp. 36-8. Lisboa 1938.

action with an English ship when he went to Mina), but in September 1570 appointed him, for three years, Captain of the Moluccas, where he must have arrived towards the end of 1571 or beginning of 1572. On his way back to Portugal, after his three years' service in the Moluccas, he stopped at Mozambique and began a hydrographic survey of the coast, between Cape Corrientes and the Cape of Good Hope, in November 1575. Either he was commissioned to make this survey when he went to the Moluccas, or he received the commission while he was there or during his return voyage (perhaps in India), which is more probable. The publication of the *Naufragio* in 1564 must have had some influence on both his appointment to the Moluccas and the hydrographic survey. Perestrelo wrote in the *Roteiro:* «In this bay (of *são braz,* i.e. Mossel Bay) upon the top of the point of the cape I left fixed a wooden cross, and fastened to it with brass wire a tube closed with cork and wax, within which was a document as follows: 'In praise of Our Lord Jesus Christ and exaltation of His holy faith, and for the service and enlargement of the kingdoms and states of Dom Sebastian, the Most Serene King of Portugal, Manuel de Mesquita Perestrelo, who by his command came to explore this coast, placed here this cross on the 7th day of January 1576» (6). This is the only concrete indication of the authorship of the *Roteiro* and it also tells us when it was written. At the end of the actual rutter, which begins at the Cape of Good Hope, he also says that he reached «Cape Corrientes, which lies a little short of twenty-four degrees, and here ended the limit of this my enterprise and exploration, from which I returned to Mozambique on the 13th of March 1576» (fl. 24 r).

He may have arrived in Lisbon some months later, and finally returned to his native village and married Guiomar Lobo, by whom he had a daughter. We do not know the date of his death, but he and his wife were buried in the Convent of Carnota near Alenquer. As his father was aged seventy when he died on board the *São Bento* in 1554, Perestrelo may have been born more or less around 1510 and therefore would have been about 66 when he returned to Portugal in 1576; in fact he says in the preamble: «The particulars of the sea and of the coast, with the latitudes, landmarks of the ports, and the order that one has to follow to put into them, Your Highness will see in that *Roteiro* and *Demonstração* (i.e. the chart and views), of all that I did, to which credit can be given, although they are badly composed and by a trembling hand, which is better than having them adorned by someone else before Your Highness sees them» (7).

Three copies of the *Roteiro* are known: *a*) Codex «Add. MS 16932» in the British Museum; *b*) Codex «$\frac{\text{CXV}}{1\text{-}23}$» in the Biblioteca Pública, Évora; and *c*) «Cód. 482» (formerly N.º 149) in the Biblioteca Pública Municipal, Porto (8).

The London Codex — It is duly listed in the *Catalogue of Additions to the Manuscripts in the British Museum in the years 1846-1847,* p. 326, London 1864; but neither Figanière nor Tovar mentions it in their Catalogues. It contains twenty-eight paper leaves and, at the beginning, a chart of the south and south-east coasts of Africa and the south of Madagascar, on parchment, 279 × 406 mm, folded in two. The chart (Plate 409 C) is well executed and remarkably accurate for the time, but, like the eight roughly drawn land-views on the pages of the codex, very simply coloured in green, red and yellow. When the codex was bound, probably in the first half of the last century, several fly-leaves were added. On a piece of paper pasted to the fifth fly-leaf, «120 fr. Ternaux» is written in pencil, the last word being already somewhat faded; below in ink is: «Purchased of MM. Asher & Co. 7 May 1847»; on the recto of the first original leaf, apparently in a seventeenth-century hand, in ink: «*Ma* / quere: Descriptio delos Baxios del cabo de Buena esperanza»; and, below this, in pencil: «Probably the original presentation copy. The name is erased on the map, and also the signature at the end of this MS. *F.M.*» (Sir Frederic Madden, 1801-73, Assistant Keeper of Manuscripts 1828-37, Keeper of Manuscripts 1837-66, in the British Museum). This last note also appears in the *Catalogue*; but, in fact, the signature at the end was cut off, with all the lower part of the leaf, and not simply erased. The second leaf is blank and the next two contain an introductory dedication «To the most high and most powerful King Dom Sebastian, our Lord. I set forth from Mozambique to explore the coast from the Cape of Good Hope, as Your Highness had commanded me, on the 22nd of November 1585 (*sic,* for 1575)» ...

(6) Fl. 13 r of the London codex.

(7) Although it is not stated in the *Roteiro* when and where it was written, there can be no doubt that it was written in Portugal, as shown by several references in it. See Fontoura da Costa 1939, pp. xxii-xxv. It was certainly written before King Sebastian died in 1578.

(8) See Cortesão 1935, Vol. II, pp. 252-8, where all bibliographical references can be found when not given here. The Porto codex is described by A. de Magalhães Basto, *Catálogo dos Manuscritos Ultramarinos da Biblioteca Pública Municipal do Porto,* pp. 36-8. Lisboa 1938.

cimquo años» ... Na sexta folha começa o pormenorizado «Roteiro dos portos, derrotas, alturas, cabos, conhecenças, resguardos & sondas que á pertoda a costa desdo cabo de boa esperança ate o das correntes».

O Códice de Évora — Contém vinte e uma folhas, em papel, como a carta, 280 × 392 mm, que ocupa uma folha dupla inserta no fim do manuscrito (Estampa 409 B). Excepto em algumas pequenas diferenças na grafia de palavras, o texto é semelhante ao do códice de Londres e tem as mesmas vistas de terra grosseiramente desenhadas, mas a carta mostra apenas a costa africana, não incluindo, por conseguinte, a costa sul de Madagáscar que é representada na carta do British Museum. Foi brevemente descrito por Joaquim Heliodoro da Cunha Rivara no seu notável *Catalogo dos Manuscriptos da Bibliotheca Publica Eborense* (Vol. I, p. 4, Lisboa 1850), e anotado e publicado por Fontoura da Costa, reproduzindo o original com a tradução inglesa (de G. M. Theal), Lisboa 1939.

O Códice do Porto — Parece ser cópia do códice de Évora, se não do códice de Londres, do qual aquele teria também sido copiado, como veremos. No fim do códice está escrito, na mesma letra do texto e à maneira de assinatura: «Manoel da Mesquita Perestrello». Não contém a carta nem as vistas. Foi feita uma cópia deste códice para o Secretário da Academia Real das Ciências de Lisboa, e em 1841 conferida por Cunha Rivara (como ele próprio nos diz, *loc. cit.*) com o exemplar de Évora, de cuja Biblioteca era distinto bibliotecário.

O *Roteiro* tem sido publicado várias vezes, quer isoladamente quer incluído em colecções de roteiros ou livros, sobretudo em português, mas também em francês e em inglês. A carta tem sido igualmente reproduzida várias vezes, mas deve-se salientar a excelente edição de Fontoura da Costa, com o estudo comparativo dos códices de Évora e de Londres, e com a reprodução a cores da carta de Évora e da de Londres em monocromo, ambas no tamanho original, e o contorno da costa na carta de Perestrelo (códice de Évora) sobre um traçado correcto em projecção quadrada (9).

O Visconde de Santarém († 1856) deixou uma nota sobre o *Roteiro,* acrescentando: «Este manuscripto foi comprado em Londres pelo Sr. Osborn, que m'o confiou» (10). Não pode haver dúvida de que este é o códice que agora se encontra no British Museum. Segundo a nota a lápis, num bocado de papel colado ao princípio do códice, parece que ele foi comprado a «Ternaux» (Henri Ternaux Compans, bibliófilo francês e escritor da história dos descobrimentos, contemporâneo do Visconde de Santarém, a quem este muitas vezes se refere como «M. Ternaux») por «120 fr.». Provàvelmente foi Osborn quem o vendeu a Ternaux, senão a soma seria indicada em £, visto Osborn o ter comprado em Londres. Depois Ternaux deve tê-lo vendido a Asher & Co, livreiros de Berlim, que por seu turno o venderam ao British Museum, com outros preciosos manuscritos, em 1847. Da nota em espanhol, escrita na primeira folha do códice, acima referida, parece poder depreender-se que ele deve ter estado em mãos espanholas desde o século XVII, pelo menos — o que não é de admirar, em vista da anexação de Portugal pela Espanha em 1580. Não sabemos como foi de Espanha para Londres.

Vários autores têm julgado que o códice de Évora era o original e o de Londres uma sua cópia. Contudo, Fontoura da Costa, depois de ter comparado os dois códices e longamente discutido o assunto, diz: «o que nos conduz a afirmarmos que êles são apenas cópias do original de Perestrelo, hoje perdido» (11). Chegou a esta categórica conclusão depois

On the sixth leaf begins the detailed «Rutter of the ports, courses' heights, capes, land-views, shelters, and soundings along the whole coast from the Cape of Good Hope to Cape Corrientes».

The Évora Codex — It contains twenty-one leaves, of paper like the chart, 280×392 mm, which occupies a double leaf inserted at the end of the codex (Plate 409 B). Except for some small differences in the spelling of words, the text is similar to that of the London codex, and has the same roughly drawn land-views, but the chart shows only the African coast, leaving out, therefore, the south coast of Madagascar which is represented in the British Museum chart. It was briefly described by Joaquim Heliodoro da Cunha Rivara in his remarkable *Catalogo dos Manuscriptos da Bibliotheca Publica Eborense* (Vol. I, p. 4, Lisboa 1850), and edited and published by Fontoura da Costa, reproducing the original with an English translation (G. M. Theal's), Lisboa 1939.

The Porto Codex — It appears to be a copy of the Évora codex, if not of the London one, from which the former may also have been copied, as we shall see. At the end of the codex is written, in the same hand as the text, and in form of a signature, «Manoel da Mesquita Perestrello». It does not contain either the chart or the land-views. A copy of this codex was made for the Secretary of the Academia Real das Ciências, Lisbon, and in 1841 collated, by Cunha Rivara (as he tells us, *loc. cit.*), with the copy at Évora, where he was the distinguished librarian of the Biblioteca.

The *Roteiro* has been published several times, either singly or in collections of rutters or books, chiefly in Portuguese but also in French and in English. The chart has also been reproduced several times, but we must single out Fontoura da Costa's excellent edition, with a comparative study of the Évora and London codices, reproductions of the Évora chart in colour and the London chart in monochrome, both in original size, and an outline of the coast in Perestrelo's chart (Évora codex) over a correct outline on a plane projection (9).

The Viscount de Santarém (d. 1856) left a note about the *Roteiro,* adding: «This manuscript was bought in London by Mr. Osborn, who lent it to me» (10). There can be no doubt that this is the codex now in the British Museum. From the pencilled note on a piece of paper pasted at the beginning of the codex, it seems that it was bought from «Ternaux» (Henri Ternaux Compans, French bibliophile and writer on the history of discoveries, a contemporary of the Viscount de Santarém, whom the latter often mentions as «M. Ternaux») for «120 fr.». It was probably Osborn who sold it to Ternaux, otherwise the amount might have been given in £, because Osborn bought it in London. Then Ternaux may have sold it to Asher & Co, the Berlin bookdealers, who in turn sold it to the Museum, with other precious manuscripts, in 1847. From the note in Spanish, written on the first leaf of the codex, as mentioned above, it seems that it may have been in Spanish hands from the seventeenth century, at least — which is not surprising, in view of Spain's annexation of Portugal in 1580. How it went from Spain to London we do not know.

Several authors have supposed the Évora codex to be the original and the London one a copy of it. Fontoura da Costa, after comparing the two codices and discussing the matter at length, states: «this leads us to affirm that they are only copies of Perestrelo's original MS, which to-day is lost» (11). He arrived at this categorical conclusion after collating the

---

(9) Sobre as várias edições do *Roteiro* vide Cortesão 1935 e Fontoura da Costa 1939. Este reproduz, juntamente com o texto português (códice de Évora), a versão inglesa incluída por George MacCall Theal na sua obra *Records of South-Eastern Africa, collected in various libraries and archives departments in Europe,* 9 vols., Vol. I, pp. 150-285. London 1899-1903. As muitas edições do *Roteiro,* tanto em Portugal como no estrangeiro, são prova do seu mérito e importância. Ainda muitos anos depois de em 1580 o Rei de Espanha se ter tornado também Rei de Portugal, os cosmógrafos espanhóis insistiam em que as Molucas ficavam dentro do hemisfério espanhol, e já vimos (Vol. II, p. 125) como Luis Coello de Barbuda, provàvelmente filho do cartógrafo Luís Jorge de Barbuda, num livro em espanhol publicado em Lisboa em 1624, protestava enèrgicamente contra tal falácia. Num parecer, longo e científico, que D. Filipe III de Espanha incumbira João Baptista Lavanha de preparar, o grande cosmógrafo português chegou à conclusão, notàvelmente exacta, de que «las islas de Maluco quedan mas de 3 grados dentro de la demarcación de Portugal». Neste interessante documento, datado de Madrid a 8 de Novembro de 1611, Lavanha menciona o *Roteiro* de Perestrelo como uma das suas fontes: «Hasse provado atras que del meridiano de Lisboa al del Cabo de Buena Esperança hai 34 grados, luego sacados estos de los 53 restan 19, i tantos distará el Cabo de las Corrientes del de Buena Esperança, que viene a ser unos menos de lo que pone el Licenciado Cespedes. Peró lo cierto es que son 18 grados, lo qual se averigua por las derrotas i alturas de toda aquella costa, tomadas en ella piedra por piedra desde el Cabo de Buena Esperança al de las Corrientes i observadas por Manuel de Mesquita cavallero portugues mui esperimentado i diestro en el arte de navegar como se colige del Derrotero que hizo de toda aquella costa en la qual fue a reconocer i por mandado del Rei D. Sebastian los puertos e baias della en que pudiessen recoger o amparar de una tormenta las naves que por alli pasan». (p. 72). Archivo General de Indias, Sevilla, *Filipinas 1.* Transcrito e comentado por F. P. Mendes da Luz, *Um parecer inédito do cosmógrafo João Baptista Lavanha sobre as Molucas e o Tratado de Tordesilhas,* in *Garcia de Horta,* Vol. III, N.º 1, pp. 63-77. Lisboa 1955. Sobre Lavanha e este importante documento vide adiante, no presente Volume.

(10) Visconde de Santarém, *Estudos de Cartographia Antiga,* Vol I, p. 200. Lisboa 1919.

(11) Fontoura da Costa 1939, p. xliii, que anteriormente já tinha emitido a mesma opinião, embora não tão categòricamente, *Bibliografia dos Roteiros Portugueses até o ano de 1700,* p. 41. Lisboa 1933.

(9) On the several editions of the *Roteiro* see Cortesão 1935 and Fontoura da Costa 1939. The latter reproduces, together with the Portuguese text (Évora codex), the English version included by George MacCall Theal in his *Records of South-Eastern Africa, collected in various libraries and archives departments in Europe,* 9 vols., Vol. I, pp. 150-285. London 1899-1903. The many editions of the *Roteiro,* both in Portugal and abroad, testify to its merit and importance. Even many years after the King of Spain became also King of Portugal, in 1580, the Spanish cosmographers insisted that the Moluccas lay within the Spanish hemisphere, and we have seen before (Vol. II, p. 125) how Luis Coello de Barbuda, probably a son of the cartographer Luís Jorge de Barbuda, in a book in Spanish published in Lisbon in 1624, protested vigorously against that misconception. In a long and scientific report, which Philip III of Spain had commanded João Baptista Lavanha to prepare, the great Portuguese cosmographer arrived at the remarkably accurate conclusion that «the Moluccas lay over 3 degrees within the demarcation of Portugal». In this very interesting document, dated Madrid 8 Novembre 1611, Lavanha mentions Perestrelo's *Roteiro* among his sources: «It has been proved above that from the meridian of Lisbon to that of the Cape of Good Hope it is 34 degrees, therefore taking these from the 53 there remain 19, and that is the distance between Cape Corrientes and the Cape of Good Hope, which is one less than what Licenciado Cespedes gives. But what is certain is that it is 18 degrees, as shown by the courses and heights of all that coast taken there stone by stone from the Cape of Good Hope to Cape Corrientes and observed by Manuel de Mesquita, a Portuguese gentleman much experienced and skilled in the art of navigation, as shown by the Rutter that he made of all this coast, where he went to reconnoitre, by the command of King Sebastian, the harbours and bays where the ships sailing along it may seek shelter». (p. 72). Archivo General de Indias, Sevilla, *Filipinas 1.* Published and annotated by F. P. Mendes da Luz, *Um parecer inédito do cosmógrafo João Baptista Lavanha sobre as Molucas e o Tratado de Tordesilhas,* in *Garcia de Horta,* Vol. III, N.º 1, pp. 63-77. Lisboa 1955. On Lavanha and this important document, see below, in the present Volume.

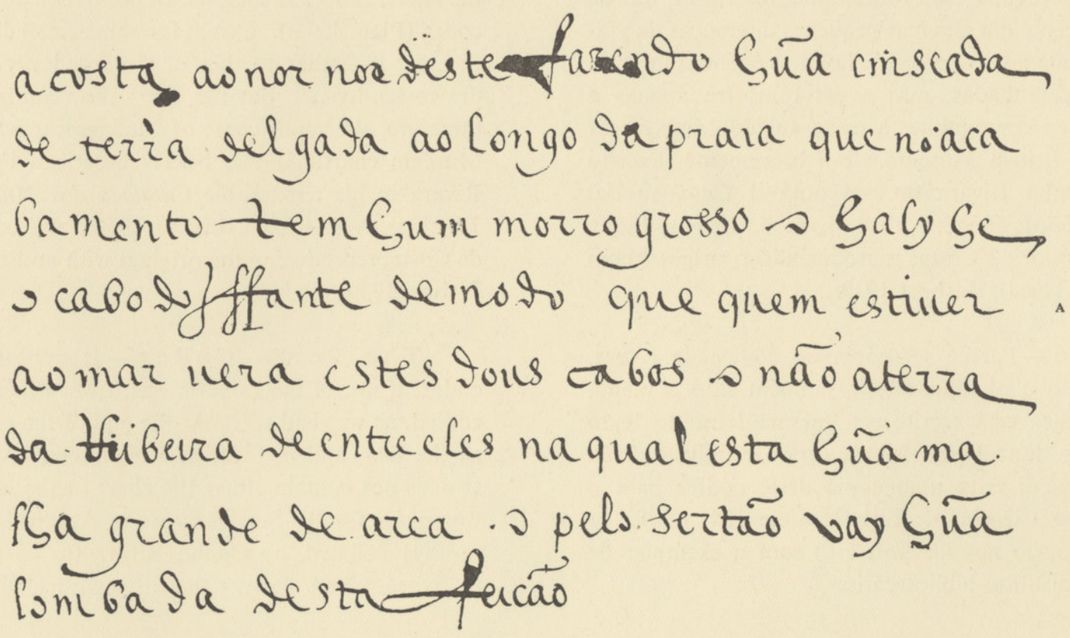
(10) Visconde de Santarém, *Estudos de Cartographia Antiga,* Vol. I, p. 200. Lisboa 1919.

(11) Fontoura da Costa 1939, p. xliii; he had previously expressed the same opinion, though not so categorically, *Bibliografia dos Roteiros Portugueses até o ano de 1700,* p. 41. Lisboa 1933.

de comparar a letra dos dois códices. Das diferenças na caligrafia e ortografia — de que apresentou dois espécimes, aqui reproduzidos (Fig. 3 A & B) — concluiu acertadamente que o códice de Londres é mais antigo do que o de Évora, o que é confirmado pelas marcas de água dos respectivos papéis. Depois acrescenta: «*Mesquita Perestrelo declara no seu* Preâmbulo, *de apresentação a D. Sebastião, que fez êle próprio o* Roteiro e demonstração (vistas de terra e Cartas) *com a 'mão já trémula'* [como acima se viu]. *Ora os dois* MSS., *de Évora e de Londres* — textos, vistas de terra e Cartas — *não mostram terem sido executados por alguem com a 'mão já trémula'*». Não pode haver dúvida de que a toponímia na carta e o texto do códice de Londres não foram escritos pela mesma mão, ao contrário do que acontece com o códice de Évora; mas quanto ao texto parece-nos, muito claramente mesmo, que podia muito bem ter sido escrito por uma «mão trémula» — ainda bastante firme para escrever o texto mas não para desenhar a carta.

Não temos dúvida de que o códice de Londres contém o manuscrito original do *Roteiro,* escrito pelo próprio Perestrelo, para quem, alguém sem mão trémula, desenhou a carta, muito provàvelmente copiada de algum esboço que ele teria feito. A carta do códice de Évora, que contém apenas a costa descrita no *Roteiro,* foi copiada no mesmo papel que o texto, evidentemente pela pessoa que o escreveu; a carta no códice de Londres foi desenhada em pergaminho, ao passo que o texto está escrito em papel. É muito provável que a assinatura de Perestrelo, ou pelo menos o seu nome, estivesse no canto inferior esquerdo da carta no códice de Londres, donde foi raspada, assim como no fim do texto, donde foi simplesmente cortada à tesoura — coisa pouco escrupulosa mas não invulgar naqueles tempos, mais explicável ainda por o códice ter estado em mãos espanholas.

Não temos dúvida de que o códice de Londres é o original, escrito pelo próprio Manuel de Mesquita Perestrelo provàvelmente em 1576, e o códice de Évora é cópia posterior, ao que parece do começo do século XVII.



A

a costa ao nor nor deste fazendo hũa enseada de terra delgada ao longo da praia q no acabamento tem hũ morro grosso ⁊ ali he o cabo do jffante de modo q qm estiuer ao mar nera estes dous cabos ⁊ não a terra da ribeira de entreelles na qt esta hũa malha grande de area ⁊ pto sertam nai hũa lombada de serra desta feyçam.

B

FIG. 3 — A — ESPÉCIME DO TEXTO NO CÓDICE DE LONDRES — SPECIMEN OF TEXT IN THE LONDON CODEX
B — ESPÉCIME DO TEXTO NO CÓDICE DE ÉVORA — SPECIMEN OF TEXT IN THE ÉVORA CODEX

handwriting in the two codices. From the differences in the writing and spelling — of which he gave two specimens, here reproduced (Fig. 3 A & B) — he rightly concluded that the London codex is earlier than the Évora one, which is confirmed by the watermarks in the respective papers. Then he adds: «*Mesquita Perestrelo states in his* Preamble, *presenting the work to D. Sebastian, that he himself wrote the* 'Roteiro' *and drew the* demonstration (land-views and charts) *with a 'trembling hand'* [as quoted above]. *Now neither of these two* MSS *— the Évora* MS *or the London* MS — texts, land-views and charts — *shows that it was written and drawn by anyone having a* 'trembling hand'». There can be no doubt that the toponymy of the chart and the text of the London codex were not written by the same hand, contrary to what we find in the Évora codex; but as regards the text, it seems to us very clear indeed that it might quite well have been written by a «trembling hand» — still steady enough to write the text but not to draw the chart.

We have no doubt that the London codex contains the original MS of the *Roteiro,* written by Perestrelo himself, who got somebody without a «trembling hand» to draw the chart, most probably copied from some sketch he had made. The chart in the Évora codex, which contains only the coast described in the *Roteiro,* was copied on the same paper as the text, obviously by the person who wrote it; the chart in the London codex is drawn on parchment, while the text is written on paper. Most probably Perestrelo's signature, or at least his name, appeared in the lower left-hand corner of the chart in the London codex, which was scratched out, as well as at the end of the text, where it was simply cut out with a pair of scissors — an unscrupulous but not unusual practice at the time, more understandable since the codex passed into Spanish hands.

We have no doubt whatever that the London codex is the original, written by Manuel de Mesquita Perestrelo most probably in 1576, and the Évora codex is a later copy, apparently made at the beginning of the seventeenth century.

PRINCIPAL BIBLIOGRAFIA

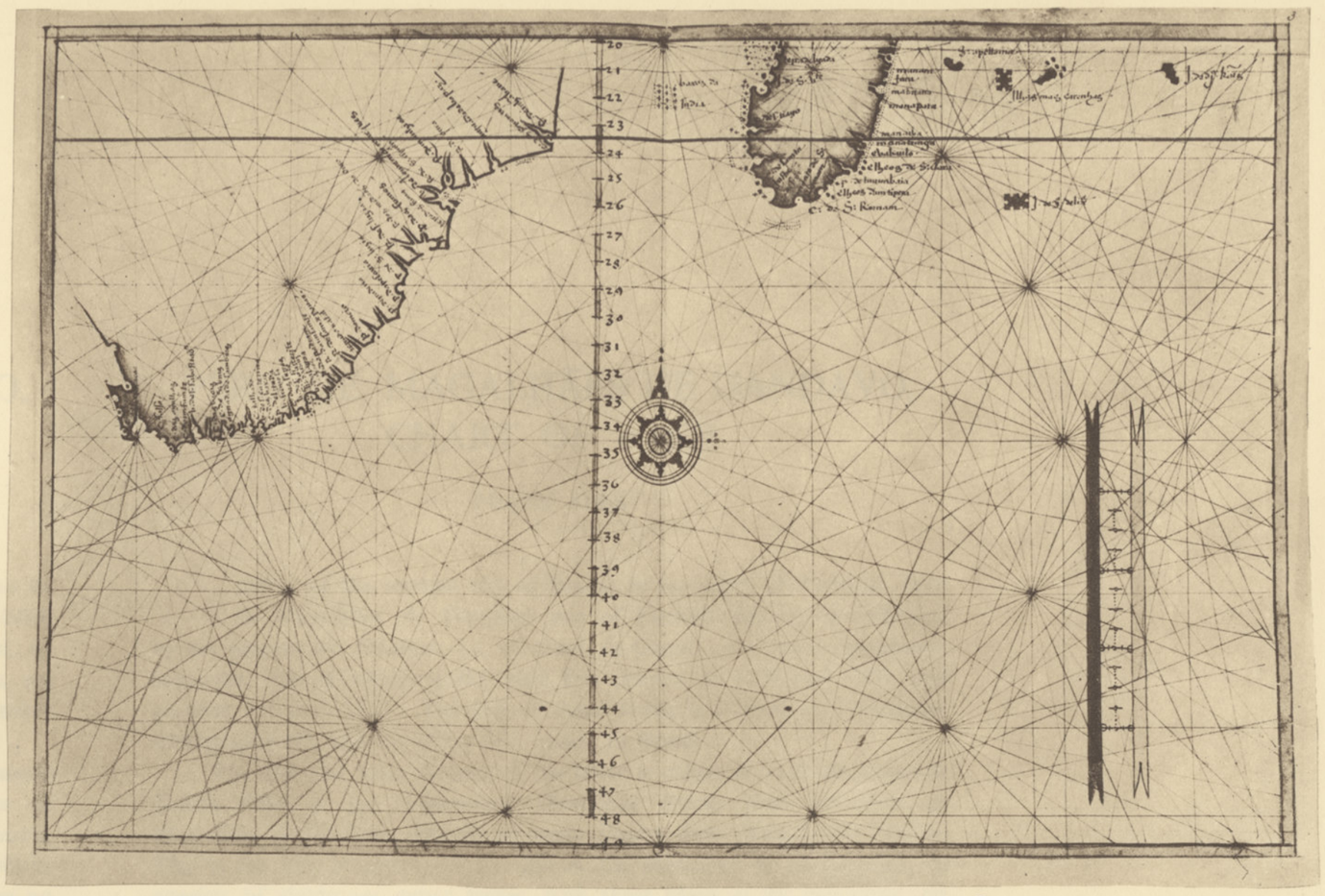
ARMANDO CORTESÃO, *Cartografia e Cartógrafos Portugueses dos Séculos XV e XVI.* Lisboa 1935.

SELECT BIBLIOGRAPHY

A. FONTOURA DA COSTA, *Roteiro da Africa do Sul e do Sudeste, do Cabo da Boa Esperança ao Cabo das Correntes* (1576) — *«Roteiro» of the South and South-East Africa, from the Cape of Good Hope to Cape Corrientes* (1576). Lisboa 1939.

A

Original 213×310 mm.



C

Original 279×406 mm.

A-ANÓNIMO-SEBASTIÃO LOPES, c. 1581

Museo Naval, Madrid

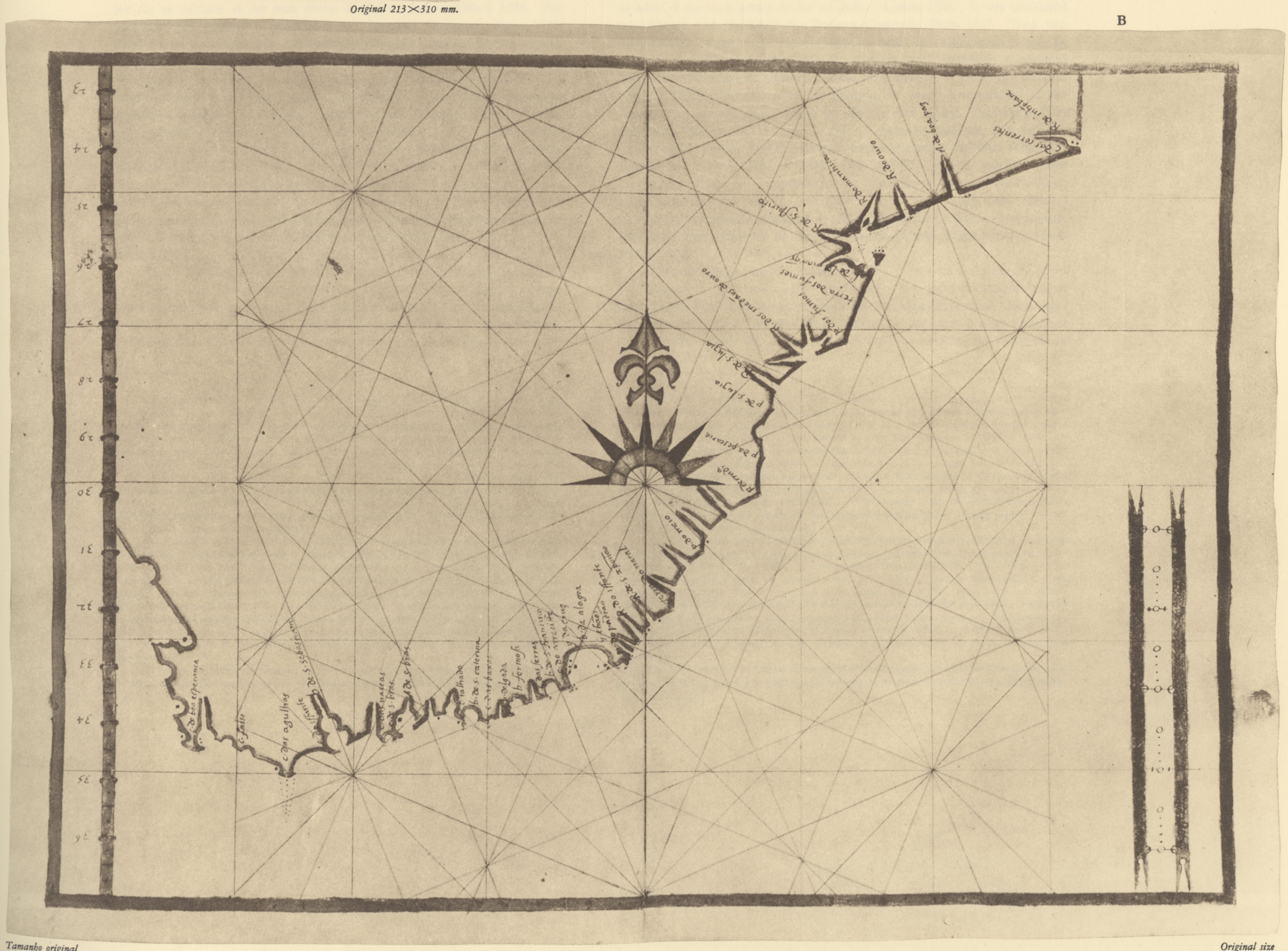
B-MANUEL DE MESQUITA PERESTRELO, 1576

Biblioteca Pública, Évora

C-MANUEL DE MESQUITA PERESTRELO, 1576

British Museum, London

B



Tamanho original

Original size

PERO DE MAGALHÃES DE GANDAVO, CARTA DE c.1574

ESTAMPA 410 A

NASCIDO na velha cidade de Braga, no norte de Portugal, Pero de Magalhães de Gandavo era de descendência flamenga, como indica o seu patronímico *Gandavo,* isto é, de *Gand.* Era humanista notável, de quem foram impressas duas obras, pela primeira vez, respectivamente, em 1574 e 1576, e outra só em 1826. A primeira destas obras é um livro sobre ortografia portuguesa (1) e as outras duas sobre o Brasil.

A primeira e mais célebre destas duas chama-se *Historia da prouincia Sancta Cruz, a que vulgarmente chamamos Brasil: feita por Pero de Magalhães de Gandauo, dirigida ao muito Illustre Snõr Dom Lionis Pereira.* É este o título do códice «b. IV. 28» da Biblioteca de El Escorial. Compõe-se de oitenta e uma folhas de papel, com três brancas no começo e nove no fim. As fols. 12 v-13 r contêm uma carta do Brasil, 196 × 276 mm. Esta carta parece ser cópia de alguma outra carta do Brasil, se não de Luís Teixeira pelo menos da sua escola. Tem uma legenda, com moldura ornamental simples, que diz: *Descripção da prouincia Sancta Cruz, a que vulgarmente chamão Brasil.* O códice contém treze capítulos cujos títulos estão também emoldurados; a letra da legenda na carta e dos títulos nos capítulos, assim como o desenho das molduras em que uma e outros estão contidos, são aparentemente da mesma mão. Como não há qualquer indicação de que o códice não tenha sido escrito pelo próprio Gandavo, a carta deve ter sido desenhada também por ele.

A «História da Província Santa Cruz a que vulgarmente chamamos Brasil» foi publicada pela primeira vez em 1576, com o título *Historia da prouincia sãcta Cruz a que vulgarmẽte chamamos Brasil. feita por Pero de Magalhães de Gandauo, dirigida ao muito Ille snõr Dom Lionis Pª gouernador que foy de Malaca & das mais partes do Sul na India.* Lisboa 1576. Foi traduzida em francês e publicada por Ternaux Compans, Paris 1857. Depois o texto de 1576 teve duas reedições em 1858: uma em Lisboa e outra no Rio de Janeiro. Em 1922 a Cortes Society, de Nova Iorque, publicou uma esplêndida edição em dois volumes, com reprodução fac-símile da edição princeps e tradução inglesa da *Historia,* a que foi acrescentada também a tradução do *Tratado,* o outro livro de Gandavo sobre o Brasil, tudo amplamente anotado por John B. Stetson, Jr. (2). Uma edição popular conjunta do *Tratado* e da *Historia,* mas pouco fiel, foi publicada na série «Clássicos Brasileiros», Rio de Janeiro 1924. Só o códice de El Escorial contém a carta, que em 1922 foi reproduzida na edição da Cortes Society, no começo do Vol. II, e depois também por Fray Julián Zarco Cuevas no seu muito notável *Catálogo de los manuscritos Catalanes, Valencianos, Gallegos y Portugueses de la Biblioteca de El Escorial,* Lám. XV, pp. 114-5, Madrid 1932.

Tanto o códice como a *Historia* impressa abrem com uma dedicatória de Camões, em 36 tercetos (109 versos), «Ao muito Illustre senhor Dom Leonis Pereira sobre o liuro que lhe offerece Pero de Magalhães: tercetos de Luis de Camões», seguido por um «Soneto do mesmo Autor ao senhor Dom Leonis, acerca da victoria que ouue contra elRey de Achem (3)

(1) *Regras que ensinam a maneira de escrever e orthographia da lingua Portuguesa, com hum Dialogo que a diante se segue em defensam da mesma lingua.* Autor Pero de Magalhães de Gandavo. Lisboa 1574. A segunda parte deste livrinho (36 fls.) tem a forma de diálogo entre um português e um castelhano sobre as suas respectivas línguas, e propõe-se mostrar que o português está mais perto do latim. Nas suas eruditas «Notas Bibliográficas» sobre Gandavo, Stetson 1922, Vol. I, p. 44, diz deste livro: «Supos-se que houvesse uma edição de 1574 ... Encontro registados apenas dois ou três exemplares de cada uma das edições de 1590 e 1592». Sabemos de um exemplar perfeito da edição de 1574, que pertenceu a El-Rei Dom Manuel e se encontra agora na Biblioteca do Palácio Ducal de Vila Viçosa, onde também se encontra um exemplar da edição de 1592. São brevemente descritos, com fac-símiles das folhas do rosto, etc., in *Livros Antigos Portuguezes 1489-1600 da Bibliotheca de Sua Majestade Fidelissima* descriptos por S. M. El-Rei D. Manuel, Vol. III, pp. 76-7, 309-15. Londres 1935 (pòstumamente).

(2) A página de título diz: «*The Histories of Brazil* / By Pero de Magalhães / now translated into English for the first time / and annotated by / John B. Stetson, Jr. / with / a facsimile of the Portuguese original / 1576 / The Cortes Society / New York / 1922». Contém várias ilustrações de página. Todos os estudiosos, e em especial os portugueses devem estar gratos a Mr. J. B. Stetson e à Cortes Society por tão valiosa publicação. A edição original é muito rara. Stetson regista nove exemplares apenas: um em Portugal, outro no Brasil, três em Inglaterra e quatro nos Estados Unidos. Mas três destes exemplares (um no Brasil e dois nos Estados Unidos), a que Stetson chama «Primeira tiragem», têm no verso da página de título dois *imprimatur* (aprovação) datados de 10 de Novembro de 1575, e os outros cinco exemplares, «Segunda tiragem», têm um terceiro *imprimatur,* datado de 4 de Fevereiro de 1576, por baixo dos outros dois; à parte isso, as duas «tiragens» são tipogràficamente idênticas.

(3) Achin, ou Achem, em português, era um porto e pequeno reino no norte de Samatra (vide atrás Vol. III, p. 10, n. 6), não exactamente «um rei de uma das tribos na Península de Malaca», como declara Stetson 1922, Vol. II, p. 189.

PERO DE MAGALHÃES DE GANDAVO, CHART OF c.1574

PLATE 410 A

A native of the ancient city of Braga, in the north of Portugal, Pero de Magalhães de Gandavo was of Flemish descent, as indicated by his patronymic *Gandavo,* i.e. of *Gand,* or Ghent. He was a remarkable humanist, two of whose works were first printed in 1574 and 1576, and another not until 1826. The first of these works is a book on Portuguese orthography (1), and the other two relate to Brazil.

The first and more famous of the latter is called *Historia da prouincia Sancta Cruz, a que vulgarmente chamamos Brasil: feita por Pero de Magalhães de Gandauo, dirigida ao muito Illustre Snõr Dom Lionis Pereira.* This is the title of codex «b. IV. 28» in the Biblioteca de El Escorial. It consists of eighty-one paper leaves, with three blank at the beginning and nine at the end. Fols. 12 v-13 r contain a chart of Brazil, 196 × 276 mm. This chart seems to be a copy of some other chart of Brazil, if not by Luís Teixeira at least of his school. It has an inscription, in a plainly ornamented frame, which reads: *Descripção da prouincia Sancta Cruz, a que vulgarmente chamão Brasil.* The codex contains thirteen chapters, the titles of which are also in frames; the writing of the inscription in the chart and the titles of chapters, as well as the drawing of the frames in which they are all contained, are apparently by the same hand. As there is no indication that the codex was not written by Gandavo himself, the chart must also have been drawn by him.

The «History of the Province Santa Cruz, which we usually call Brazil» was first published in 1576, with the title *Historia da prouincia sãcta Cruz a que vulgarmẽte chamamos Brasil. feita por Pero de Magalhães de Gandauo, dirigida ao muito Ille snõr Dom Lionis Pª gouernador que foy de Malaca & das mais partes do Sul na India.* Lisboa 1576. It was translated into French and published by Ternaux Compans, Paris 1857. Then two new editions of the 1576 text appeared in 1858, in Lisbon and in Rio de Janeiro. In 1922 the Cortes Society of New York published a splendid edition in two volumes, with a facsimile reproduction of the *editio princeps* and an English translation of the *Historia,* to which a translation of the *Tratado,* Gandavo's other book on Brazil, was added, the whole fully annotated by John B. Stetson, Jr. (2). A popular, and not very faithful, edition of the *Tratado* and the *Historia* was published in the series «Clássicos Brasileiros», Rio de Janeiro 1924. Only the El Escorial codex contains the chart, which was reproduced in the Cortes Society 1922 edition at the beginning of Vol. II, and then also by Fray Julián Zarco Cuevas in his very remarkable *Catálogo de los manuscritos Catalanes, Valencianos, Gallegos y Portugueses de la Biblioteca de El Escorial,* Lám. XV, pp. 114-5, Madrid 1932.

Both the codex and the printed *Historia* open with a dedicatory poem by Camões in 36 tercets (109 verses) «To the most illustrious senhor Dom Leóniz Pereira on the book which Pero de Magalhães offers him: tercets by Luis de Camões», followed by a «Sonnet of the same Author to senhor Dom Leóniz, about the victory he won against the King of Achin (3) in

(1) *Regras que ensinam a maneira de escrever e orthographia da lingua Portuguesa, com hum Dialogo que a diante se segue em defensam da mesma lingua.* Autor Pero de Magalhães de Gandavo. Lisboa 1574. The second part of this little book (36 fls.) takes the form of a dialogue between a Portuguese and a Castilian on their respective languages, and purports to show that Portuguese is closer to Latin. In his expert «Bibliographical Notes» on Gandavo, Stetson 1922, Vol. I, p. 44, says of this book: «There is supposed to have been an edition in 1574 ... I found recorded only two or three copies of the editions of 1590 and 1592». We know of a perfect copy of the 1574 edition which belonged to the late King Manuel and is now preserved in the library of the Ducal Palace at Vila Viçosa, where there is also a copy of the 1592 edition. They are briefly described, with facsimiles of the title-pages, etc., in *Early Portuguese Books 1489-1600 in the Library of His Majesty the King of Portugal* described by H. M. King Manuel, Vol. III, pp. 76-7, 309-15. London 1935 (posthumously).

(2) The title-page reads: «*The Histories of Brazil* / By Pero de Magalhães / now translated into English for the first time / and annotated by / John B. Stetson, Jr. / with / a facsimile of the Portuguese original / 1576 / The Cortes Society / New York / 1922». It contains several full-page illustrations. All students, and the Portuguese in particular, should be grateful to Mr. J. B. Stetson and the Cortes Society for this very valuable publication. This is a very rare book. Stetson lists the nine copies known: one in Portugal, another in Brazil, three in England and four in the United States. But three of these copies (one in Brazil and two in the U.S.A.), which Stetson calls «First issue», have on the back of the title-page two *imprimatur* (approbation) dated 10 November 1575, and the five other copies, of the «Second issue», have a third *imprimatur,* below the former two, dated 4 February 1576; otherwise the two «issues» are typographically identical.

(3) Achin, or *Achem* in Portuguese, was a port and small kingdom in the north of Sumatra (see above Vol. III, p. 10, n. 6), not exactly «a king of one of the tribes in the Malaccan Peninsula», as stated by Stetson 1922, Vol. II, p. 189.

em Malaca». Em seguida vem a dedicatória de Gandavo a D. Leóniz Pereira. Camões elogia o livro e o seu autor, recomendando-o a D. Leóniz:

«Acorda Magalhães, & ja se parte
A vos offerecer Senhor famoso
Tudo o que nelle pos, sciencia & arte.
Tem claro estylo, ingenho curioso,
Pera poder de vos ser recebido,
Com mão benigna de animo amoroso».

Depois de Camões assim se ter referido a Gandavo em termos tão honrosos, quase todos os autores que desde o século XVI têm mencionado, ou utilizado para os seus escritos a *Historia* de Gandavo louvam os seus méritos, e mais recentemente ele foi chamado «o primeiro historiador do Brasil» (4).

Como já notámos em 1935, quando transcrevemos todo o Cap. II do códice de El Escorial, há grandes diferenças entre o seu texto e o que foi impresso em 1576, até no número de capítulos (treze num e catorze no outro); embora o assunto seja o mesmo e as diferenças no relato pouco consideráveis, parece que a maior parte do códice de El Escorial foi inteiramente escrito de novo antes de ser impresso. Isso deve-se ter verificado depois da oferta do original manuscrito a D. Leóniz Pereira, que, vindo da Índia, chegou a Lisboa em meados de 1575 onde foi admirado como um herói. Os dois últimos versos do referido soneto de Camões dizem:

«Mais do que fez Leonidas em Grecia
O nobre Leonis fez em Malaca!» (5)

Deve notar-se que à página de título da impressão foi acrescentado «governador que foi de Malaca e das mais partes do sul na Índia», palavras que não aparecem no códice. Como o *imprimatur* é de 10 de Novembro de 1575, o manuscrito que serviu para a edição de 1576 deve ter sido feito entre a chegada de D. Leóniz e aquela data, e o códice de El Escorial foi escrito provàvelmente antes de meados de 1575. A única data concreta no códice, como indicação de quando foi escrito, é 1561, ao descrever a *hipupiara* (6), cujo curioso desenho colorido se vê em fl. 53 v e é reproduzido também na edição de 1576. Nesta última, porém, foi acrescentado ao desenho um homem a matar o «monstro marinho», o que deve também indicar que foi feita depois daquele. Mas ao passo que no códice se diz ter sido a *hipupiara* morta em 1561, a edição de 1576 diz 1564, o que deve ser correcção evidente à data aposta no códice, e não erro de imprensa, pois lê-se duas vezes: no título do capítulo e no respectivo texto. Por isso, a obra deve ter sido escrita entre 1564 e 1575, limites que podem ainda aproximar-se mais.

No primeiro período do «Prologo ao Leitor», Gandavo diz: «auendo ja setenta & tantos annos que esta prouincia he descuberta»; como a data oficial do descobrimento do Brasil era 1500 e a palavra «tantos» significa pelo menos dois, a data inferida não podia ser anterior a 1572. Além disso Gandavo diz no Capítulo IV que o Brasil «repartiose agora em duas gouernações»; como esta divisão teve lugar depois da morte do Governador Mem de Sá em 1572, não pode haver dúvida de que a *Historia* foi escrita depois disso, por conseguinte entre 1572 e 1575.

Na sua outra obra sobre o Brasil, *Tratado da terra do Brasil, no qual se contêm a informação das cousas que ha n'estas partes,* bastante mais pequena e muito menos completa, publicada pela primeira vez pela Academia Real das Sciencias, Lisboa 1826, Gandavo ainda não menciona a divisão do Brasil em dois governos, o que mostra ter sido escrita antes da *Historia.* Isto condiz com o facto de o *Tratado* ser dedicado ao Cardial Infante D. Henrique, que veio a reinar depois da morte do seu sobrinho-neto, o Rei D. Sebastião, em 1578. Gandavo começa assim a dedicatória do *Tratado* ao Cardial Infante: «Posto que os dias passados apresentei outro

(4) Carlos Malheiro Dias, *História da Colonização Portuguesa do Brasil,* Vol. III, p. xl. Porto 1924. Para as referências bibliográficas, não dadas aqui, vide Stetson 1922 e Cortesão 1935, Vol. II, pp. 258-63.

(5) No Prefácio da edição da Cortes Society, Stetson diz: «O Reverendo Frederick C. Lee, de Rochester, levou a cabo a façanha de verter as duas poesias de Camões em verso inglês com o mesmo metro do original». O resultado (para os versos citados acima) foi o seguinte:

«Comes Magalhães to lay this tale before you,
Where brain and brawn unite in deathless deed.
True genius here can cast its glamour o'er you,
Rare information give and justify
Benign reception as he would implore you.» (Vol. II, p. 14).

E,

«How brave Lionis in Malacca earned
Such praise as Greece ne'er gave Leonidas!» (Vol. II, p. 15).

(6) Pelo desenho, apesar de fantástico, a *hipupiara* — que, como Gandavo diz, era o nome dado pelos índios brasileiros àquele «monstro marinho» — pode ser identificada como o lemantino americano (*Trichecus Americanus*), também conhecido como dugongo ou vaca-marinha — a suposta origem da lenda das sereias.

Malacca». Then comes Gandavo's dedication to D. Leóniz Pereira. Camões praises the book and its author, recommending them to D. Leóniz:

«Magalhães awakes, and sets out at once
To offer you, famous Lord,
All he put in it, science and art.
It has clear style, curious ingenuity,
So that it may be received by you,
With the benign hand of a kind spirit».

After Camões, who thus honoured Gandavo, practically all of the many authors who since the sixteenth century have mentioned Gandavo's *Historia,* or utilized it for their own writings, have praised its merits, and more recently he has been called «the first historian of Brazil» (4).

As we pointed out in 1935, when we transcribed the whole of chapter II of the El Escorial codex, there are great differences between the text of the latter and the text printed in 1576, even in the number of chapters (thirteen in one and fourteen in the other); whereas the subject is the same and differences of substance may not be considerable, most of the El Escorial codex appears to have been written completely anew before it was printed. This must have occurred immediately after the original manuscript was presented to D. Leóniz Pereira, who arrived in Lisbon from India about mid-1575 and was admired as a hero. The last two lines of Camões' sonnet, mentioned above, run:

«More than Leonidas did in Greece
The noble Leóniz did in Malacca!» (5)

It must be noted that the phrase «who was Governor of Malacca and the other southern parts in India», which does not appear in the codex, was added to the title-page of the printed edition. As the *imprimatur* is of 10 November 1575, the copy from which the 1576 edition was printed must have been made between the arrival of D. Leóniz and that date, and the El Escorial codex was probably written before mid-1575. The only concrete date in the codex, as evidence of when it was written, is 1561, in the description of the *hipupiara* (6), a curious coloured drawing of which appears in fl. 53 v and is also given in the 1576 edition. To the latter, however, was added the drawing of the man who killed the «sea monster», which may also indicate that it was made after the former. But while the codex says that the *hipupiara* was killed in 1561, the 1576 edition says 1564, which is an obvious correction to the date in the codex, and not a misprint, because it is given twice — in the chapter heading and in the text. Therefore the work was written between 1564 and 1575, limits which may be still further narrowed.

In the first sentence of the «Prologue to the Reader» Gandavo says that Brazil had been discovered «seventy odd years ago»; as the official date for the discovery of Brazil was 1500 and the Portuguese word *tantos,* for odd, means at least two, the date implied could not be before 1572. Furthermore, in Chapter IV Gandavo says that Brazil was «now divided into two governments»; as this division took place after the Governor Mem de Sá's death in 1572, there can be no doubt that the *Historia* was written after that, therefore between 1572 and 1575.

In his other work on Brazil, *Tratado da terra do Brasil, no qual se contêm a informação das cousas que ha n'estas partes,* rather smaller and much less complete, and first published by the Academia Real das Sciencias, Lisboa 1826, Gandavo does not yet mention Brazil's division into two governments, which shows that it was written before the *Historia.* This agrees with the fact that the *Tratado* is dedicated to the Cardinal Infant Dom Henrique, who became King of Portugal after the death of his grand-nephew King Sebastian in 1578. Gandavo begins the dedication of the *Tratado* to the Cardinal Infant: «Although I have previously presented

(4) Carlos Malheiro Dias, *História da Colonização Portuguesa do Brasil,* Vol. III, p. xl. Porto 1924. For bibliographical references, when not given here, see Stetson 1922 and Cortesão 1935, Vol. II, pp. 258-63.

(5) In the «Foreword» of the Cortes Society edition Stetson says: «The Reverend Frederick C. Lee, of Rochester, has performed the feat of turning the two poems of Camões into English verse of the same metre as the original». The result was as follows (for the verses quoted above):

«Comes Magalhães to lay this tale before you,
Where brain and brawn unite in deathless deed.
True genius here can cast its glamour o'er you,
Rare information give and justify
Benign reception as he would implore you.» (Vol. II, p. 14).

And,

«How brave Lionis in Malacca earned
Such praise as Greece ne'er gave Leonidas!» (Vol. II, p. 15).

(6) From the drawing, however fantastic, the *hipupiara,* which, as Gandavo says, was the name given by the Brazilian Indians to that «sea monster», may be identified as the American lemantin (*Trichecus Americanus*), also known as manatee, dugong, or sea cow — the supposed origin of the mermaid legend.

summario da terra do Brasil a el-Rei nosso Senhor». Daqui se pode depreender também que a *Historia* foi a terceira obra por ele escrita sobre o Brasil, cada uma delas provàvelmente desenvolvendo e completando o que tinha sido escrito antes.

Pedro Calmon descobriu um documento na Torre do Tombo o qual revela que um certo Pedro de Magalhães era «Moço da Câmara» e trabalhava no Arquivo Nacional como trasladador de «livros e papéis», mas, embora ele tivesse sido nomeado em 29 de Agosto de 1576 como Provedor da Fazenda Real da cidade de S. Salvador pelo período de seis anos, o historiador brasileiro não conseguiu encontrar «vestígio, nos documentos do Brasil, da sua vinda», e julga que Gandavo nunca teria ido ao Novo Mundo (7). É muito possível que ele tivesse escrito baseando-se em documentos e informações colhidas em Lisboa, o que a sua situação oficial facilitaria, e verificámos que de facto nos seus livros nunca alude a ter estado no Brasil; mas o não terem sido encontrados documentos reveladores da sua presença no Brasil não significa forçosamente que ele nunca lá tivesse estado, quer antes quer depois de 1576. Por outro lado não podemos ter a certeza, embora seja perfeitamente admissível, de que o Pedro de Magalhães referido no documento de Agosto de 1576 é o mesmo indivíduo que escreveu os livros sobre ortografia e sobre o Brasil, nos quais é sempre chamado Pero (= Pedro) de Magalhães de Gandavo. De facto existem na Torre do Tombo vários documentos contemporâneos referentes a diversos indivíduos todos chamados Pedro de Magalhães, e não seria de surpreender que uma busca cuidadosa, que poderia levar bastante tempo, viesse a lançar mais luz sobre o assunto.

Em conclusão: a carta do Brasil contida no códice de El Escorial foi provàvelmente desenhada por Pero de Magalhães de Gandavo c. 1574.

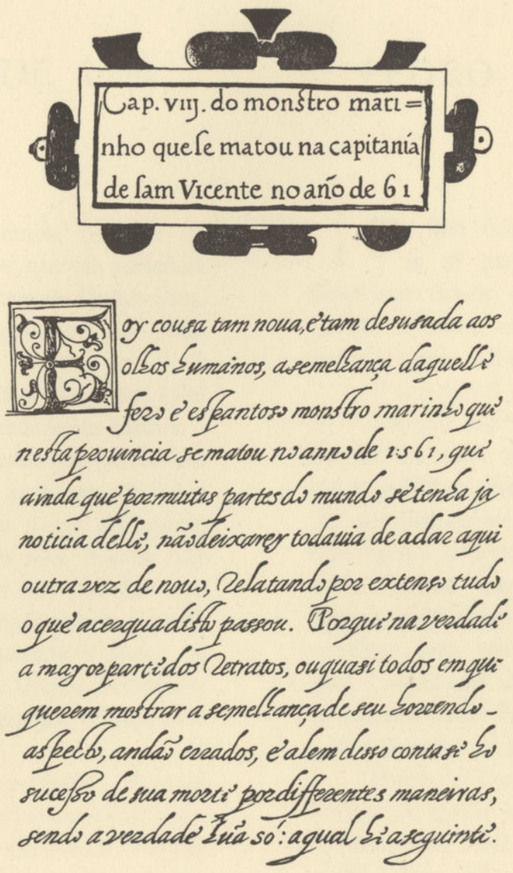


FIG. 4 — ESPÉCIME DO TEXTO ORIGINAL DA *HISTORIA DA PROUINCIA SANCTA CRUZ*, DE PERO DE MAGALHÃES DE GANDAVO, C. 1574
SPECIMEN OF THE ORIGINAL TEXT OF THE *HISTORIA DA PROUINCIA SANCTA CRUZ*, BY PERO DE MAGALHÃES DE GANDAVO, C. 1574

Biblioteca de El Escorial

another summary of the land of Brazil to the King our Lord». From this we may also infer that the *Historia* was the third work he wrote on Brazil, each of them probably developing and completing what he had written before.

Pedro Calmon discovered a document in the Torre do Tombo which reveals that a certain Pedro de Magalhães was «a gentleman of the bed-chamber», worked in the national archives as a transcriber of «books and papers», and although he was appointed on 29 August 1576 as Purveyor of the King's Revenue for the city of S. Salvador for a period of six years, the Brazilian historian could not find «in the documents of Brazil any traces of his coming», and thinks that Gandavo never went to the New World (7). It is quite possible that what he wrote was based on documents and information gathered in Lisbon, more easily because of his official capacity, and we have verified that in fact there is no hint in his books that he had actually been in Brazil; but that no documents have been found revealing his presence in Brazil does not necessarily lead to the conclusion that he never went there, whether before or after 1576. On the other hand we cannot be sure, although it is quite admissible, that the Pedro de Magalhães referred to in the document of August 1576 is the same man who wrote the books on orthography and on Brazil, in which he always is called Pero (=Pedro) de Magalhães de Gandavo. In fact there are in the Torre do Tombo several contemporary documents referring to different men all called Pedro de Magalhães, and it would not be surprising if a careful research, which might take considerable time, would bring more light on the subject.

In conclusion: the chart of Brazil contained in the El Escorial codex was probably drawn by Pero de Magalhães de Gandavo c. 1574.

PRINCIPAL BIBLIOGRAFIA

JOHN B. STETSON, JR., *The Histories of Brazil by Pero de Magalhães.* Number Five of *Documents and Narratives concerning the Discovery and Conquest of Latin America,* published by The Cortes Society. New York 1922.

SELECT BIBLIOGRAPHY

ARMANDO CORTESÃO, *Cartografia e Cartógrafos Portugueses dos Séculos XV e XVI.* Lisboa 1935.

(7) A carta régia, aqui transcrita do original pela primeira vez, com a referência e data correctas, diz: «Eu el Rey faço saber aos que este aluara virem que auendo eu respeito a pedro de magalhães meu moço de camara serujr na tore do tombo em trelladar alguuns liuros e papeis de meu seruiço e por confiar delle que no que o emcaregar me seruyraa bem e fielmente ey por bem por lhe fazer merçe que elle sjrua de prouedor de minha fazenda na cappitania da çidade do saluador da bahya de todos os sanctos nas partes do brasil por tempo de seis anos ... e auera com elle de ordenado em cada hũu Anno trimta mil reis ... em lixboa a xxix dagosto de j b^{c} lxxbj». Arquivo Nacional da Torre do Tombo, *Chancelaria de D. Sebastião e D. Henrique, Doações,* L^{o}. 37, fls. 278v-279. «É opinião nossa que (Gandavo) nunca veio ao Brasil, limitando-se a redigir de oitiva, e como propaganda da terra nova, o seu livro impessoal. ... Não há vestígio, nos documentos do Brasil, de sua vinda. Em todo o caso, a nomeação foi posterior ao livro. Talvez o fizesse, reunindo múltiplos informes levado pela curiosidade de saber o que áquele tempo era a colonia longinqua, desprezada pelos crônistas da Casa da India...». Pedro Calmon, *Historia do Brasil,* Vol. I «As Origens (1500-1600)», p. 310. São Paulo 1939. Vide também Jaime Cortesão, *Cabral e as Origens do Brasil,* p. 20, *passim.* Rio de Janeiro 1944.

(7) The royal charter, here translated from the original for the first time, with correct reference and date, reads: «Let it be known by those who may see this letter patent that, taking into consideration that Pedro de Magalhães my gentleman of the bedchamber serves in the Torre do Tombo with the transcription of some books and papers pertaining to my service and because I trust that he will serve me well and faithfully in what I will appoint him to, it is my pleasure that he serve as purveyor of my revenue in the captaincy of the city of *Salvador da Bala de Todos os Santos* in the parts of Brazil for the term of six years ... and he will have a salary of thirty thousand *reis* in each year... given in Lisbon on 29 August 1576». Arquivo Nacional da Torre do Tombo, *Chancelaria de D. Sebastião e D. Henrique, Doações,* L^{o}. 37, fls. 278v-279. «In our opinion Gandavo never came to Brazil, limiting himself to writing his impersonal book from hearsay, and as propaganda for the new land ... There is no trace, in the documents of Brazil, of his coming. In any case, the appointment was later than the book. He may have compiled it from many sources of information, moved by curiosity to know what was then a distant colony, forgotten by the chroniclers of the *Casa da India*...». Pedro Calmon, *Historia do Brasil,* Vol. I «As Origens (1500-1600)», p. 310. São Paulo 1939. See also Jaime Cortesão, *Cabral e as Origens do Brasil,* p. 20, *passim.* Rio de Janeiro 1944.

PEDRO DE LEMOS, CARTA DE 1594

ESTAMPA 410B

O primeiro documento referente a Pedro de Lemos, de que há conhecimento, tem o interesse especial de revelar que ele pertencia à ilustre família de cartógrafos que começou cedo no século de Quinhentos, com Pero Fernandes, e continuou através de várias gerações até João Teixeira Albernás, já em fins do de Seiscentos.

Trata-se de uma carta régia datada de 4 de Dezembro de 1586 concedendo a «Pero de Lemos, morador e natural desta cidade de Lisboa... que elle aprendera muitos annos a fazer todos os instrumentos que pertencem a arte de nauegar com seu avo Pero Fernandes e asi com seu tio Luis Teixeira, ambos meus cosmographos ... licença pera que daqui em diante possa usar da dita arte de fazer as ditas cousas e mais não, e com isto declaração que as ditas cartas de marear fara conforme aos padrões que disso ha nos meus allmazẽs da India, sem mudar cousa allgũa, mares, costas e terras que estiverem lançadas nos ditos padrões. E mando a todos os meus desembargadores ... que deixem ao dito Pero de Lemos livremente vsar da dita arte e fazer cartas de marear, estrolabios, agulhas, Regimentos da declinação do sol» (1).

Pedro de Lemos era provàvelmente filho de outro cartógrafo, Marcos Fernandes, do qual, que nos conste, não se conhece hoje nenhum trabalho, e a quem, em 4 de Novembro de 1582, também tinha sido concedida «licença pera que daqui em djante possa vsar da dita arte de fazer as ditas cousas (cartas de marear, astrolábios e agulhas) e mais não e isto com decllaração que as ditas cartas de marear fará conforme aos padrões que disso ha nos meus almazens da jndia sem mudar cousa algũa mares costas e teras que estiuerem lancados nos ditos padrões». Na sua petição ao Rei, Marcos Fernandes declarava «que elle aprendera muito tempo a arte de fazer cartas de marear», sendo então examinado pelo Cosmógrafo mor Dr. Tomás Dorta, «e foj presente ao dito exame bastjão lopez mestre de cartas de marear morador nesta cidade» (2). Este documento, redigido segundo uma fórmula comum, exactamente nos mesmos moldes que o respeitante a Pedro de Lemos, refere-se logo no princípio a «marcos fernandez filho de pero fernandez mestre que foj de fazer cartas de marear morador nesta cidade». Como o documento de 1564 referente a Luís Teixeira (3) diz que este era filho de Pero Fernandes, e o documento de 1586, acima citado, se refere a Pedro de Lemos, como neto de Pero Fernandes e sobrinho de Luís Teixeira, provàvelmente Marcos Fernandes seria um irmão mais novo de Luís Teixeira e pai de Pedro de Lemos.

Há outro documento referente a este cartógrafo, uma carta régia de 10 de Outubro de 1596, que diz: «avendo repeito a ẽformação que se ouve pelo provedor e officiaes de meus almazens de Pero de Lemos, morador nesta cidade, ey por bem e me praz que elle faça daqui em diante a parte que lhe couber das cartas de marear e outros instrumentos de navegar, que se fazem no meu almazem pera minhas armadas, da maneira que tudo fazia Bastião Lopez, por quem vagou o dito cargo, as quaes cartas e instromentos lhe serão recebidos e pagos no almazem de Guiné e India segundo a ordenança, sendo da bondade e perfeição que as tais cartas e instromentos fazem, pelo que mando ao provedor e officiais do dito almazem que ajão ao dito Pero de Lemos por mestre das ditas cartas e instromentos de nauegar e lhe fação dar e fazer a parte que lhe couber das que forem necessarias no dito almazem no modo que dito he» (4). Assim Pedro de Lemos sucedeu a Sebastião Lopes — que em 1582 fora examinador de seu pai, Marcos Fernandes, e a ele próprio examinara em 1586 — como mestre cartógrafo oficial; e devia ter sido então um dos melhores de Portugal.

A actividade cartográfica de Pedro de Lemos deve ter sido grande, como se pode depreender dos documentos de 1586 e de 1596, mas só um dos

(1) Torre do Tombo, *Chancelaria de D. Filipe I,* Liv. 11, fl. 381. Foi publicado por Sousa Viterbo, que na transcrição do documento dá a data correctamente, mas nas palavras que o precedem diz 1582. *Trabalhos Nauticos dos Portuguezes nos Seculos XVI e XVII,* Parte I, pp. 184-5. Lisboa 1898. «1582» é evidente erro de imprensa; de facto o documento diz «em Lixboa a iiij de dezembro, anno do nacimento de noso Senhor Jhũ Xp̃o de mil b^{e}lxxxbj anos», como verificámos.

(2) Torre do Tombo, *Chancelaria de D. Filipe I, Doações,* Liv. 3, fls. 314 v-315. Este documento foi resumidamente mencionado por Sousa Viterbo 1898, p. 100, que dá a sua data como 1592 — outro erro de imprensa (de facto a data é dada correctamente a p. 191), porque 1582 é o que nele está escrito por duas vezes.

(3) Vide Vol. III, p. 42.

(4) Torre do Tombo, *Chancelaria de D. Filipe II, Doações,* Liv. 2, fl. 9. Publicado por Sousa Viterbo 1898, pp. 185-6.

PEDRO DE LEMOS, CHART OF 1594

PLATE 410B

THE first document referring to Pedro de Lemos of which we know is of particular interest in revealing that he belonged to that illustrious family of cartographers which began with Pero Fernandes, early in the sixteenth century, and continued through several generations until João Teixeira Albernás towards the end of the seventeenth.

It is a royal charter dated 4 December 1586 granting «Pedro de Lemos, an inhabitant and native of this city of Lisbon... who for many years had learned to make all instruments pertaining to the art of navigation, with his grandfather Pero Fernandes as well as with his uncle Luís Teixeira, both my cosmographers, ... permission, from now on, to exercise the said art of making the said things and no more, and this with a declaration that he will make the said nautical charts according to the respective *padrões* (standard charts) which there are in my *Armazens* (repository) *da India,* without changing anything, seas, coasts and lands, which may be drawn in the said standards. And I command all my officials ... that they allow the said Pedro de Lemos to exercise freely the said art and make nautical charts, astrolabes, compasses, and regiments of the sun's declination» (1).

Pedro de Lemos was probably a son of another cartographer, Marcos Fernandes (none of whose works has survived, as far as we know), who on 4 November 1582 had also been «granted permission, from now on, to exercise the said art of making the said things (nautical charts, astrolabes and compasses) and no more, and this with a declaration that he will make the said nautical charts according to the respective *padrões* which there are in my repository of India, without changing anything, seas, coasts and lands, which may be drawn in the said standards». In his petition to the King, Marcos Fernandes declared that «he had learned the art of making nautical charts for a long time», and was then examined by the cosmographer major Dr Tomás Dorta, «and Sebastião Lopes, master of nautical charts, resident in this city, was present at the said examination» (2). This document, which follows a common draft on exactly the same lines as that concerning Pedro de Lemos, refers at the beginning to «Marcos Fernandes, a son of Pero Fernandes, who was master of making nautical charts, an inhabitant of this city». As the document of 1564 referring to Luís Teixeira (3) states that the latter was a son of Pero Fernandes, and the document of 1586 referring to Pedro de Lemos, mentioned above, says that he was the grandson of Pero Fernandes and a nephew of Luís Teixeira, Marcos Fernandes was probably a younger brother of Luís Teixeira and Pedro de Lemos' father.

There is another document referring to this cartographer, a royal charter of 10 October 1596, which says: «In view of the information about Pedro de Lemos, resident in this city, received from the *provedor* and officials of my repository, it is my pleasure that from now on he should do his part in the nautical charts and other navigation instruments that are made in my repository for my fleets, in the same way that Sebastião Lopes, whose said office is now vacant, did it all, which charts and instruments will be received from him and paid for in the repository of Guinea and India, if they are as good and perfect as such charts and instruments usually are, in view of which I command the *provedor* and officials of the said repository that they must receive the said Pedro de Lemos as master of the said navigation charts and instruments and give him his part in the making of those that will be needed in the said repository as aforesaid» (4). So Pedro de Lemos succeeded Sebastião Lopes, who in 1582 had been an examiner of his father, Marcos Fernandes, and in 1586 of himself, as an official master cartographer; he must then have been one of the best in Portugal.

Pedro de Lemos' cartographic activity must have been very great, as may be concluded from the documents of 1586 and 1596, but only one of

(1) Torre do Tombo, *Chancelaria de D. Filipe I,* Liv. 11, fl. 381. It was published by Sousa Viterbo, who gives the date correctly in the transcription of the document, but in the preceding words says 1582. *Trabalhos Nauticos dos Portuguezes nos Seculos XVI e XVII,* Parte I, pp. 184-5. Lisboa 1898. «1582» is an obvious misprint; in fact the document says «in Lisbon on 4 December, year 1586 of the birth of Our Lord Jesus Christ», as we were able to verify.

(2) Torre do Tombo, *Chancelaria de D. Filipe I, Doações,* Liv. 3, fls. 314 v-315. This document was briefly mentioned by Sousa Viterbo 1898, p. 100, who gives its date as 1592 — another misprint (in fact the date is given correctly on p. 191), because the date, which appears twice in it, is 1582.

(3) See Vol. III, p. 42.

(4) Torre do Tombo, *Chancelaria de D. Filipe II, Doações,* Liv. 2, fl. 9. Published by Sousa Viterbo 1898, pp. 185-6.

seus trabalhos até nós chegou e encontra-se agora no British Museum, cota «Cott. MS. Aug. I. i. art. 15». É uma carta atlântica com as costas da Europa Ocidental e do noroeste da África, com os arquipélagos dos Açores, Madeira, Canárias e Cabo Verde, bem desenhada em pergaminho, 325 × 445 mm, mas modestamente iluminada. A legenda de autor diz: *Pedro. de Lemos. A Fes. 1594.* É evidente que a margem esquerda do pergaminho foi cortada, mutilando as duas rosas-dos-ventos noroeste e sudoeste e também fazendo desaparecer a de oeste, cujo floreado apontando o oriente ainda se pode ver na margem do pergaminho.

Em 1844 a carta foi devidamente registada no *Catalogue* do British Museum (5), e depois simplesmente mencionada em 1932 pelo Conde de Tovar no Prefácio do seu *Catálogo dos Manuscritos Portugueses do Museu Britânico;* Figanière porém não se lhe refere. Em 1935 nós ocupámo-nos muito brevemente de Pedro de Lemos e da sua carta (6).

O célebre planisfério anónimo «1.0.4» (Estampa 408), da Bibliothèque Nationale de Paris, que julgamos ser obra de Sebastião Lopes e datamos provisòriamente de c. 1583, já foi dito que datava de c. 1590 e atribuído a Pedro de Lemos — desconchavo logo adoptado por mais do que um escritor; mas nem por sombras poderia ser considerado como obra deste cartógrafo, pois em especial nada existe de comum entre a carta do British Museum e o planisfério da Bibliothèque Nationale (7).

his works has reached us; it is now preserved in the British Museum, classmark «Cott. MS. Aug. I. i. art. 15». It is an Atlantic chart with the coasts of Western Europe and North-west Africa, and the Azores, Madeira, Canary and Cape Verde Archipelagos, well drawn on parchment, 325 × 445 mm, but modestly illuminated. The author's legend says: *Pedro. de Lemos. A Fes. 1594,* i.e. «Pedro de Lemos made it in 1594». It is obvious that the left-hand edge of the parchment has been cut off, mutilating the two north-west and south-west wind roses, and obliterating the western one, of which the flourish pointing west can still be seen.

In 1844 this chart was duly recorded in the *Catalogue* of the British Museum (5); it was merely mentioned in 1932 by the Count de Tovar in the Preface to his *Catálogo dos Manuscritos Portugueses do Museu Britânico,* but Figanière does not record it. In 1935 we referred very briefly to Pedro de Lemos and the chart (6).

The famous anonymous planisphere «1.0.4» (Plate 408) in the Bibliothèque Nationale, Paris, which we ascribe to Sebastião Lopes and tentatively date c. 1583, has been said to date from c. 1590 and to be the work of Pedro de Lemos — a misconception which was quickly adopted by more than one writer; but by no stretch of imagination could it be ascribed to this cartographer, because the chart in the British Museum and the planisphere in the Bibliothèque Nationale (7) have nothing in particular in common.

---

(5) *Catalogue of the Manuscript Maps, Charts, and Plans ... in the British Museum,* Vol. I, p. 32. London 1844. A respectiva entrada diz: «Cottonian MS Aug. I. i. art. 15. Uma carta da costa ocidental da Europa e da África para sul até o Golfo da Guiné, desenhada em escala plana, por Pedro de Lemos em Fez em 1594. Em pergaminho: 1 pé e 5 polegadas >< 1 pé». As palavras «em Fez» foram riscadas a tinta (muito apropriadamente!) em todos os exemplares do *Catalogue* no British Museum.

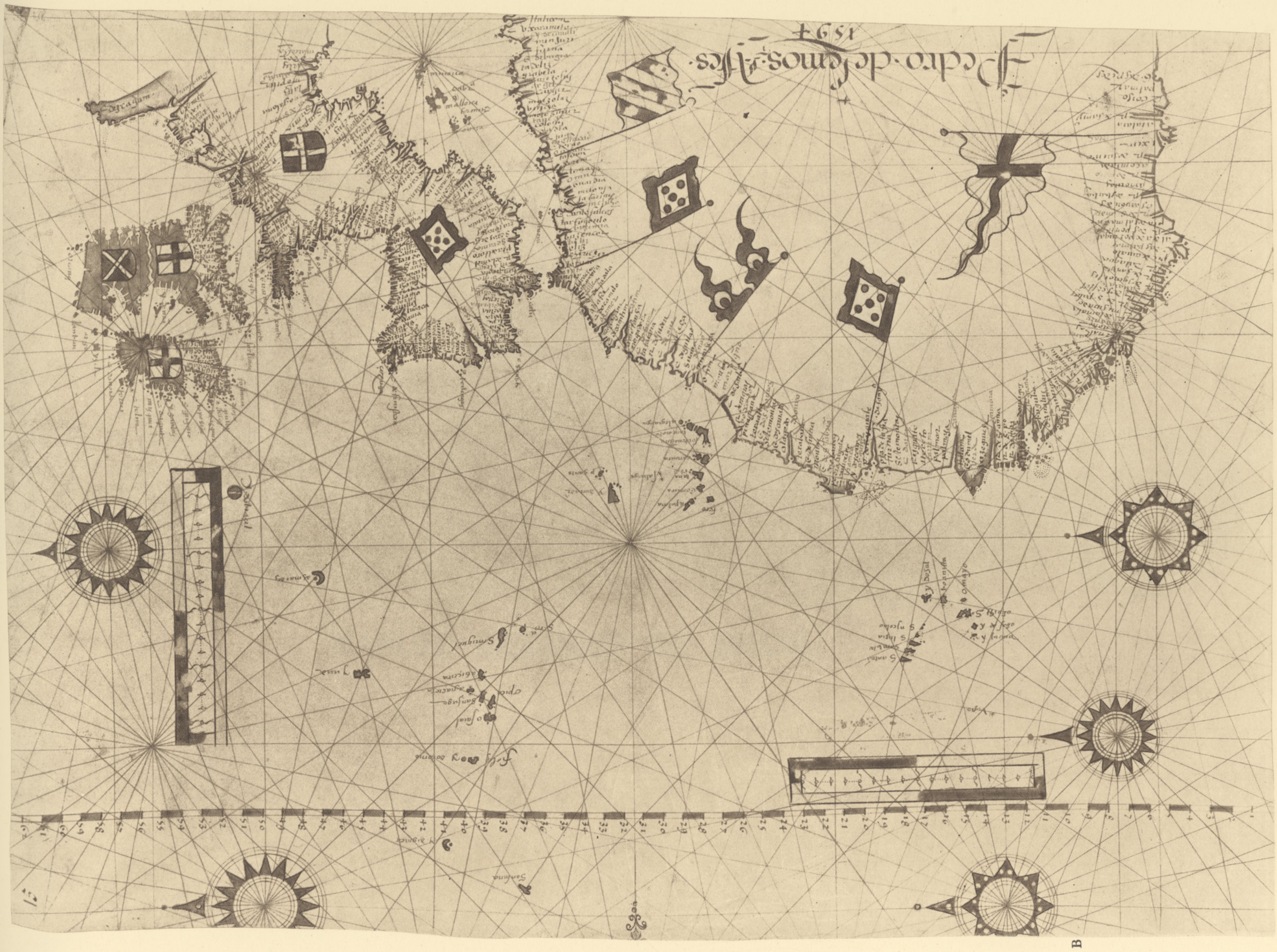
(6) A. Cortesão, *Cartografia e Cartógrafos Portugueses dos Séculos XV e XVI,* Vol. II, pp. 289-90. Lisboa 1935.

(7) Vide atrás, pp. 18.

(5) *Catalogue of the Manuscript Maps, Charts and Plans ... in the British Museum,* Vol. I, p. 32. London 1844. The entry reads: «Cottonian MS Aug. I. i. art. 15. A chart of the western coast of Europe & Africa southward to the Gulf of Guinea, drawn on a plane scale, by Pedro de Lemos at Fez, in 1594. On vellum: 1ft. 5ins. >< 1ft.» The words «at Fez» have been deleted in ink (very properly!) in all reference copies of the *Catalogue* in the British Museum.

(6) A. Cortesão, *Cartografia e Cartógrafos Portugueses dos Séculos XV e XVI,* Vol. II, pp. 289-90. Lisboa 1935.

(7) See above, pp. 18.



Original 325×445 mm.

B

Original size

A

Tamanho original

A-PERO DE MAGALHÃES DE GANDAVO, c. 1574

Biblioteca de El Escorial

B-PEDRO DE LEMOS, 1594

British Museum, London

MANUEL GODINHO DE ERÉDIA

O CARTÓGRAFO MANUEL GODINHO DE ERÉDIA E A SUA OBRA

Manuel Godinho de Erédia, cartógrafo luso-malaio, exerceu a sua actividade no Oriente nos fins do século XVI e começos do século XVII. Mais conhecido pelos seus projectos e tentativas de descobrimento do continente austral, deixou-nos, além de várias cartas e atlas, descrições geográficas ilustradas com cartas.

O seu estilo e tipo de traçado são completamente diferentes das características obras dos «mestres de cartas de marear» portugueses; as suas produções são simples desenhos cartográficos desprovidos geralmente de colorido e de preocupações artísticas.

De valor muito desigual, pois por vezes Erédia deixa-se arrastar por tendências histórico-geográficas conduzindo a erros e a absurdos, são de assinalar contudo entre as suas cartas bastantes de real interesse, quer resultantes de levantamentos a que ele mesmo procedeu em várias regiões asiáticas, quer copiadas de modelos do seu tempo, de que nalguns casos não restam outros testemunhos.

Foi há perto de um século que a sua primeira obra contendo cartografia se tornou conhecida, e depois disso várias outras foram sendo descobertas, até que, recentemente, se achou e foi identificado um volumoso códice contendo numerosas cartas e plantas, juntando-lhe nós agora mais uma carta anónima a que não vimos anteriores referências. São ao todo 211 desenhos cartográficos:

1) Manuel Godinho de Erédia, carta da Ilha de Banda, 1601, na Haia. Estampa 411 A.

2) Manuel Godinho de Erédia, carta da região de Malaca, 1602, no Rio de Janeiro. Estampa 411 B.

3) Manuel Godinho de Erédia, carta das novas terras do sul, 1602, no Rio de Janeiro. Estampa 411 C.

4) Manuel Godinho de Erédia, atlas de 20 cartas, 1610, no Rio de Janeiro. Estampa 411 D-F.

5) Manuel Godinho de Erédia, 39 cartas na *Declaraçam de Malaca*, 1613, em Bruxelas. Estampa 412.

6) Manuel Godinho de Erédia, 11 cartas no *Tratado ophirico*, 1616, em Paris. Estampa 413 A e B.

7) Anónimo — Manuel Godinho de Erédia, carta da ilha de Goa num códice, c. 1616, em Madrid. Estampa 413 C.

8) Anónimo — Manuel Godinho de Erédia, 137 cartas num atlas-miscelânea, c. 1615 - c. 1622, em Lisboa. Estampas 414-422.

ELEMENTOS BIOGRÁFICOS

Não foi como cartógrafo que Manuel Godinho de Erédia começou a merecer a atenção dos historiadores. Com base numa carta cuja autoria lhe foi de início erradamente atribuída (é afinal cópia, feita no século XVIII ou XIX, de uma carta de um atlas de João Teixeira, talvez o de 1630), R. H. Major, há um século, apresentou Erédia como o possível descobridor da Austrália. Alguns anos depois o historiador inglês desdisse-se e, caindo no extremo oposto, afirmou tratar-se de indivíduo cuja personalidade e acções não mereciam interesse. O debate alargou-se, e em resultado disso foram aparecendo várias obras de Erédia e outros documentos que lhe dizem respeito. Alguns documentos mais apresentamos agora pela primeira vez, e é de prever que outros ainda existam, sobretudo nos arquivos espanhóis e portugueses. Como apenas nos interessa aqui o aspecto cartográfico da obra de Erédia, dispensamo-nos de entrar na discussão pormenorizada de outros pontos, nomeadamente os relativos à descoberta da «Índia Meridional» (1), embora lhes façamos a devida referência. Dada a grande dispersão dos elementos relativos a Erédia, o que acarretou o desconhecimento de alguns desses elementos entre autores recentes, procurámos reunir aqui a referência a todos os documentos e obras de que soubemos.

(1) Sobre este aspecto, vide: R. H. Major, *Discovery of Australia by the Portuguese in 1601, five years before the earliest discovery hitherto recorded*, in *Archaeologia*, Vol. XXXVIII, London 1861, e *The Life of Prince Henry of Portugal surnamed the Navigator*, London 1868; C. Ruelens 1872; E.-T. Hamy 1878; Léon Janssen 1882; Oliveira Martins 1889; Quirino da Fonseca 1937; O. H. K. Spate 1957 e O. H. K. Spate, *Terra Australis-Cognita?*, in *Historical Studies: Australia and New Zealand*, Vol. VIII, n.º 29, Melbourne 1957.

THE CARTOGRAPHER MANUEL GODINHO DE ERÉDIA AND HIS WORK

Manuel Godinho de Erédia, a Luso-Malayan cartographer, was active in the East at the end of the 16th century and the beginning of the 17th. Better known for his projects and attempts to discover the Southern Continent, he has left us, besides various maps and atlases, some geographical descriptions illustrated by maps.

His style and type of drawing are completely different from the characteristic works of the Portuguese «masters of sailing charts»; his productions are plain cartographic drawings, generally without colour or artistic pre-occupations.

They are of very unequal merit, for Erédia was sometimes influenced by historical-geographical tendencies which led him into errors and absurdities. Among his maps, however, must be singled out many of real interest, either drawn from the surveys which he made himself in several Asiatic countries or copied from contemporary prototypes of which, in some cases, no other evidence survives.

It was almost a century ago that his first cartographical work became known; since then others have been discovered, ending recently in the discovery and identification of a voluminous codex containing numerous maps and plans, to which we now add one more anonymous map not previously referred to, so far as we know. There are, in all, 211 cartographic drawings:

1) Manuel Godinho de Erédia, map of Banda Island, 1601, in The Hague. Plate 411 A.

2) Manuel Godinho de Erédia, map of the region of Malacca, 1602, in Rio de Janeiro. Plate 411 B.

3) Manuel Godinho de Erédia, map of the new lands in the South, 1602, in Rio de Janeiro. Plate 411 C.

4) Manuel Godinho de Erédia, atlas of 20 charts, 1610, in Rio de Janeiro. Plate 411 D-F.

5) Manuel Godinho de Erédia, 39 maps in *Declaraçam de Malaca*, 1613, in Brussels. Plate 412.

6) Manuel Godinho de Erédia, 11 maps in *Tratado ophirico*, 1616, in Paris. Plates 413 A and B.

7) Anonymous — Manuel Godinho de Erédia, map of the Island of Goa in a codex, c. 1616, in Madrid. Plate 413 C.

8) Anonymous — Manuel Godinho de Erédia, 137 maps in an atlas-miscellany, c. 1615 - c. 1622, in Lisbon. Plates 414-422.

BIOGRAPHICAL ELEMENTS

It was not as a cartographer that Manuel Godinho de Erédia first attracted the attention of historians. Relying on a map at first wrongly ascribed to him (it is in fact a copy, made in the 18th or 19th century, of a chart in an atlas by João Teixeira, perhaps that of 1630), R. H. Major, a century ago, presented Erédia as the possible discoverer of Australia. Some years later, the English historian retracted his previous opinion and, going to the opposite extreme, declared him to be an individual whose personality and actions were undeserving of interest. The discussion spread, and as a result of it several other works by, and documents concerning, Erédia were brought to light. We now present yet others for the first time, and it is probable that there are still more in existence, especially in the Spanish and Portuguese archives. As we are here interested only in the cartographic aspect of Erédia's work, we shall avoid detailed discussion of other points, namely those connected with the discovery of «Meridional India» (1), although we shall refer to them in their place. Because information on Erédia is widely scattered, so that recent authors have overlooked some of it, we have tried to assemble here references to all the works and documents known to us.

(1) In this connection see: R. H. Major, *Discovery of Australia by the Portuguese in 1601, five years before the earliest discovery hitherto recorded*, in *Archaeologia*, Vol. XXXVIII, London 1861, and *The Life of Prince Henry of Portugal surnamed the Navigator*, London 1868; C. Ruelens 1872; E.-T. Hamy 1878; Léon Janssen 1882; Oliveira Martins 1889; Quirino da Fonseca 1937; O. H. K. Spate 1957 and O. H. K. Spate, *Terra Australis-Cognita?*, in *Historical Studies: Australia and New Zealand*, Vol. VIII, n.º 29, Melbourne 1957.

Manuel Godinho de Erédia era filho de João de Erédia Aquaviva, descendente de nobres aragoneses que se haviam instalado em Portugal no século XV, e de Helena Vessiva, princesa malaia, filha do rei D. João de Supa (Macassar), casados no ano de 1545 em circunstâncias um tanto romanescas. Manuel Godinho de Erédia nasceu em Malaca em 16 de Julho de 1563, tendo uma irmã, Ana Godinho de Erédia, e dois irmãos, Domingos Godinho de Erédia e Francisco Godinho Aquaviva, tendo estes últimos sido sacerdotes em Malaca (2). Manuel Godinho de Erédia era, pois, um luso-malaio, como Lázaro Luís e Fernão Vaz Dourado provàvelmente foram luso-indianos.

O jovem Manuel foi educado no colégio da Companhia de Jesus em Malaca, e com 13 anos de idade seguiu para Goa, onde frequentou o seminário, aí estudando gramática, artes, filosofia, matemática e outras ciências. Concluído o curso ingressou na Companhia de Jesus em 1579, de onde saiu em 1580 porque os superiores — segundo afirma — vendo a sua inclinação para fazer descobrimentos reconheceram que os seus talentos poderiam ser melhor utilizados no «serviço do Estado para benefício da Cristandade».

Dedicou-se então à Cosmografia, afirmando ter desenhado cartas das Índias Orientais e da Ásia, «reformando as antigas descrições de mapa-mundi e Teatros com novas descrições e corografias do Catai e Índia Meridional», as quais submeteu a Filipe II. Residiu em Goa quando ainda vivia Fernão Vaz Dourado, e é possível que os dois se conhecessem, mas na obra de Erédia não há o menor traço de influência de Vaz Dourado, sendo os seus estilos totalmente diferentes.

Por instrução real dada em Lisboa a 14 de Fevereiro de 1594 foi determinado que Erédia procedesse ao descobrimento da Índia Meridional, segundo ele declara. Quaisquer dificuldades devem ter surgido, como se conclui de uma carta sua ao Vice-rei D. Francisco da Gama, neto de Vasco da Gama, em que Erédia insiste pela realização da projectada viagem à Ilha do Ouro, a fazer partindo de Timor, Ende ou Sabo (3). Na sua *Informação da Aurea Chersoneso*, escrita por essa altura, Erédia descreve como uns pescadores de Solor teriam encontrado a Ilha do Ouro no mar ao sul de Timor, e termina com uma petição dirigida a D. Francisco da Gama para que proveja o Descobridor (como a si próprio se intitula) «para a empresa do Ouro» (4).

Foi também por essa altura, 1601, que se verificou uma viagem narrada por Erédia (a do rei Chiay Masiuro, de Java, a Luca Antara) e por ele apresentada como argumento auspicioso para os descobrimentos que

FIG. 5 — AUTO-RETRATO DE MANUEL GODINHO DE ERÉDIA, 1613
MANUEL GODINHO DE ERÉDIA'S SELF-PORTRAIT, 1613

(2) O próprio Manuel Godinho de Erédia deixou vários elementos autobiográficos nos seus escritos, principalmente no *Sumario da vida* no final do *Tratado ophirico* e na *Declaraçam de Malaca* (em especial o capítulo 25). Sempre que na nossa nótula biográfica não indicarmos as fontes, entende-se que se trata destas duas obras. Como não pudemos recorrer ao texto original do *Sumario da vida*, um ou outro trecho que transcrevemos em português não será exactamente igual em virtude de o termos vertido de novo da tradução inglesa total de Mills ou dos excerptos em francês de Hamy.

(3) A carta não está datada, mas Mills 1930, pp. 255-6, conclui ser de 1599. Encontra-se na Torre do Tombo, L.º MS., tomo 2.º, E, fl. 299, caixa 19, *Colecção de S. Vicente*, sendo descoberta em 1874 por Ramos Coelho, que a publicou no *Jornal do Commercio* de 24 de Julho desse ano. Foi editada em francês por Hamy 1878, pp. 511-4, e por Janssen 1882, pp. 99-100, em fac-símile no final de Janssen 1881, em português por Oliveira Martins 1889, e em inglês por Mills 1930, pp. 255-7.

(4) Publicada por António Lourenço Caminha, *Ordenações da India do Senhor Rei D. Manuel de Eterna Memoria, Informação verdadeira da Aurea Chersoneso feita pelo antigo Cosmographo Indiano Manoel Godinho de Eredia*, etc., pp. 148-51. Lisboa 1807.

Manuel Godinho de Erédia was the son of João de Erédia Aquaviva, a descendant of Aragonese nobles who settled in Portugal in the 15th century, and Helena Vessiva, a Malayan princess, daughter of King D. João de Supa (Macassar), who married in 1545 in rather romantic circumstances. Manuel Godinho de Erédia was born at Malacca on 16 July 1563 and had one sister, Ana Godinho de Erédia, and two brothers, Domingos Godinho de Erédia and Francisco Godinho Aquaviva, who both became priests in Malacca (2). Manuel Godinho de Erédia was thus a Luso-Malayan, as Lázaro Luís and Fernão Vaz Dourado were probably Luso-Indians.

The young Manuel was educated in the college of the Society of Jesus at Malacca, and at 13 years of age went to Goa, where he attended the seminary and studied grammar, the arts, philosophy, mathematics and other sciences. Having concluded his studies, he entered the Society of Jesus in 1579, but left it in 1580 because — according to his statement — his superiors, noting his inclination to make discoveries, recognized that his talents could be better used in the «service of the State for the benefit of Christianity».

Erédia then devoted himself to Cosmography, and tells us that he drew maps of the East Indies and Asia, «replacing the old drawings in the world-maps and atlases by new chorographical representations of Cathay and Meridional India», which he submitted to Philip II. He resided in Goa while Fernão Vaz Dourado was still alive, and it is possible that they knew each other, but there is not the slightest trace of Vaz Dourado's influence in Erédia's work, their styles being completely different.

By a royal order issued in Lisbon on 14 February 1594, Erédia was instructed (as he records) to proceed on the discovery of Meridional India. Some difficulties must have arisen, as may be inferred from a letter he addressed to the Viceroy D. Francisco da Gama, grandson of Vasco da Gama, in which Erédia insists on the execution of the projected voyage to the Island of Gold, to be made from Timor, Ende or Sabo (3). In his *Informação da Aurea Chersoneso*, written at this time, Erédia explains how some fishermen from Solor were said to have found the Island of Gold in the sea to the south of Timor, and he ends by petitioning D. Francisco da Gama to confer upon him the title of *Descobridor* (as he styles himself) «for the enterprise of Gold» (4).

It was then also, in 1601, that a voyage took place (that of King Chiay Masiuro, of Java, to Luca Antara), which was described by Erédia, and used by him as an auspicious argument for the discoveries that he intended to

(2) Manuel Godinho de Erédia has himself left much autobiographical information in his writings, chiefly in the *Sumario da vida* at the end of his *Tratado ophirico* and in the *Declaraçam de Malaca* (particularly chapter 25). Whenever the sources in our brief biographical note are not quoted, it must be understood that they are these two works. As we have not been able to use the original text of the *Sumario da vida*, any passage transcribed here in Portuguese may not exactly agree with the original, as it will have been re-translated from the complete English translation by Mills or from the quotations in French by Hamy.

(3) The letter is not dated, but Mills 1930, pp. 255-6, came to the conclusion that it dated from 1599. It is in the Torre do Tombo, L.º MS., tomo 2.º, E, fl. 299, caixa 19, *Colecção de S. Vicente*, and was discovered in 1874 by Ramos Coelho, who published it in *Jornal do Commercio* of 24 July of that year. It was published in French by Hamy 1878, pp. 511-4, and by Janssen 1882, pp. 99-100, in facsimile at the end of Janssen 1881, in Portuguese by Oliveira Martins 1889, and in English by Mills 1930, pp. 255-7.

(4) Published by António Lourenço Caminha, *Ordenações da India do Senhor Rei D. Manuel de Eterna Memoria, Informação verdadeira da Aurea Chersoneso feita pelo antigo Cosmographo Indiano Manoel Godinho de Eredia*, etc., pp. 148-51. Lisboa 1807.

pretendia fazer. Erédia escreveu ao rei de Portugal sobre o acontecimento, que daí para diante passou a utilizar na defesa dos seus pontos de vista (5), juntando-lhe a referência a outras viagens de nativos e europeus em que se teria chegado a terras do sul (6).

Erédia foi finalmente atendido pelo Vice-rei D. Francisco da Gama, e a sua nomeação confirmada pelo seu sucessor Aires de Saldanha, sendo despachado com a promessa do hábito de Cristo e com o título de «Adiantado» da Índia Meridional, sendo-lhe dada a vintena dos rendimentos da empresa, e passando de Goa a Malaca em 1601 para iniciar a viagem de descobrimento (7).

Foi Erédia pouco feliz, pois o aparecimento dos holandeses na Insulíndia veio impedir a realização da empresa. O General do Sul, o grande capitão André Furtado de Mendonça, então encarregado da defesa dessa região, tendo necessidade de reforços e sabendo que os holandeses bloqueavam os canais para o sul, reteve o infeliz «Descobridor» em Malaca. Erédia passou a trabalhar na fortificação e defesa da cidade contra os malaios e holandeses, e em Fevereiro de 1604 fundou uma fortaleza na foz do Rio Muar, dizendo também ter fortificado outros lugares que não pormenoriza. Acompanhou André Furtado de Mendonça na tomada de Jor, e andou empenhado nas actividades militares da armada de remos, destruindo navios malaios e assaltando povoações inimigas. Informa que levantou então cartas dos estreitos, e que também fez os levantamentos topográficos do sertão de Malaca, que explorou minuciosamente, descobrindo várias minas. Tendo adoecido com o beribéri, foi obrigado a regressar a Goa. Quando se preparava para voltar a Malaca e juntar-se aí ao Vice-rei Martim Afonso de Castro, foi surpreendido pela notícia da morte deste (1607), e queixa-se de que a empresa do descobrimento passou a caminhar de mal a pior (8).

Uma carta de El-rei ao Vice-rei Martim Afonso de Castro, datada de 2 de Março de 1605, revela que as entidades superiores manifestavam já certa desconfiança perante Manuel Godinho de Erédia e as suas ideias sobre a Índia Meridional, pedindo informações a seu respeito (9). Apesar de todo o alarde que Erédia faz nas suas obras, na metrópole continuava a ligar-se pouca importância aos seus projectos, como se deduz de outra carta de El-rei para o Vice-rei Rui Lourenço de Távora, datada de 14 de Fevereiro de 1609, pedindo mais uma vez esclarecimentos e inquirindo «se sera util encarregarlhe cargo de cosmographo mór e cõ q̃ ordenado, e lhe mandareis q̃ me enuie as discripsões cosmographicas q̃ se declarão em hua lembrança q̃ ira cõ esta» (10). A informação de Rui Lourenço de Távora não deve ter sido favorável a Erédia, como se deduz de outra carta, de 12 de Janeiro de 1610, que El-rei dirigiu àquele: «Posto que, como me escreveis he desnecessario o cargo de cosmographo-mor, em que Manuel Godinho de Heredia me pedia o provesse, e que das cousas que avisa não ha que fazer caso, pelas razões que dizeis, vos encommendo o favoreçaes conforme a sua habilidade, entretendo-o e experimentando-o no que houver logar, e ordenando se lhe não impida exercitar seu talento; e descobrindo algũa cousa de novo, se me avisará d'isso» (11).

No entanto Erédia, no *Sumario da vida*, afirma que foi cosmógrafo-mor do Estado da Índia e que El-rei deu ordens, de Madrid, a Rui Lourenço de Távora, confirmando as comissões dadas por D. Francisco da Gama e Aires de Saldanha, conferindo-lhe honras e privilégios, e ordenando a realização da viagem de descobrimento. Se assim foi, novas ordens teriam sido dadas a Rui Lourenço de Távora, mas não se conhecem documentos onde elas venham e alguns anos depois outras cartas parecem indicar que Erédia nunca foi atendido nos seus desejos. Provàvelmente os Vice-reis foram entretendo o «descobridor» com promessas várias, ocupando-o entretanto

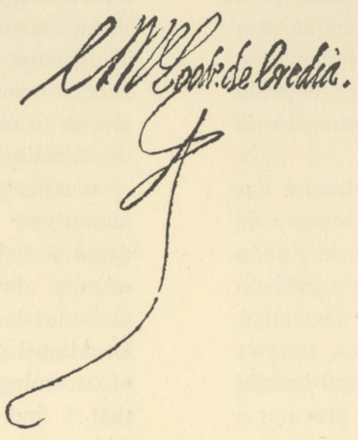


FIG. 6 — ASSINATURA DE MANUEL GODINHO DE ERÉDIA, NA DEDICATÓRIA DA *DECLARAÇAM DE MALACA*, 24 DE NOVEMBRO DE 1613
MANUEL GODINHO DE ERÉDIA'S SIGNATURE, IN THE DEDICATION OF *DECLARAÇAM DE MALACA*, 24 NOVEMBER 1613

(5) Erédia trata do episódio de Chiay Masiuro na *Declaraçam de Malaca* (1613), fls. 51-4, e na *Informação da India Meridional* (1616).

(6) *Declaraçam de Malaca* (*Tractado da India Meridional*, capítulos 6-9), fls. 54-7, incluindo uma certidão de 4 de Outubro de 1601 em que Pedro de Carvalhais narra uma viagem de nativos de Sabo a Luca Veach.

(7) *Declaraçam de Malaca* (*Tractado da India Meridional*, capítulos 1, 10 e 11), fls. 1, 57-8. Erédia transcreve aí o alvará de Aires de Saldanha, datado de 5 de Abril de 1601, em que é autorizado a descobrir a ilha ou ilhas de ouro «nas partes do sul, e na contra costa de Tymor ou outras partes».

(8) *Declaraçam de Malaca* (*Tractado da India Meridional*, capítulos 10-12), fls. 57-63; *Sumario da vida*, no final do *Tratado ophirico*.

(9) Publicada nos *Documentos remetidos da India ou Livro das Monções*, Tomo I, p. 25, Lisboa 1880, e Sousa Viterbo 1898, p. 156.

(10) British Museum, «Add. MS. 20864», fl. 189 v, sumariado in *Boletim da Filmoteca Ultramarina Portuguesa*, n.º 3, p. 603. Lisboa 1955.

(11) Publicada nos *Documentos remetidos da India ou Livros das Monções*, Tomo I, p. 284, Lisboa 1880, e Sousa Viterbo 1898, p. 156.

make. Erédia wrote to the King of Portugal about this event, which, from then on, he used in support of his hypothesis (5) adding references to other native and European voyages on which the southern lands were supposed to have been touched (6).

Erédia at last caught the ear of the Viceroy D. Francisco da Gama, and his appointment was confirmed by the latter's successor Aires de Saldanha. He was dispatched with the promise of the Order of Christ and with the title of *Adiantado* of Meridional India and granted a twentieth part of the profits of the enterprise; and in 1601 he left Goa for Malacca to begin his voyage of discovery (7).

Erédia was unlucky, for the appearance of the Dutch in the East Indies prevented him from accomplishing his enterprise. The General of the South, the great captain André Furtado de Mendonça, then charged with the defence of that region, needing reinforcements and knowing that the Dutch had blockaded the channels to the south, retained the unhappy *descobridor* at Malacca. Erédia set to work on the fortifications and defences of the town against the Malays and the Dutch; in February 1604 he built a fortress at the mouth of the Muar River, and he tells us that he also fortified other places which are not named. He accompanied André Furtado de Mendonça when he took Johore, and was engaged in the operations of the fleet of rowing boats, destroying Malayan ships and assaulting hostile villages. He informs us that he drew maps of the straits at this time, and that he also made topographical surveys of the hinterland of Malacca, which he explored minutely, discovering several mines. Taken ill with beriberi, he was obliged to return to Goa. While he was preparing to return to Malacca to join the Viceroy Martim Afonso de Castro, he was surprised by the news of the Viceroy's death (1607); and he complains that from that time the enterprise of discovery went from bad to worse (8).

A letter from the King, addressed to the Viceroy Martim Afonso de Castro and dated 2 March 1605, reveals that high authorities already felt some distrust of Manuel Godinho de Erédia and his ideas on Meridional India and asks for information about him (9). In spite of all Erédia's boasting in his works, little importance was attached to his projects in the metropolis, as may be gathered from another letter from the King to the Viceroy Rui Lourenço de Távora, dated 14 February 1609, once more calling for a report and enquiring «whether it will be useful to give him the office of cosmographer-major and with what payment, and you will order him to send me the cosmographical descriptions listed in the accompanying memorial» (10). Rui Lourenço de Távora's information cannot have been favourable to Erédia, as may be gathered from another letter, dated 12 January 1610, addressed to him by the King: «Although, as you write me, the office of cosmographer-major, which Manuel Godinho de Erédia asked for, is unnecessary, and the things he spoke of are of no significance, for the reasons you present, I recommend you to favour him according to his ability, employing him and making trial of him as occasion offers, and seeing that the exercise of his talent is not hindered; and if he makes any new discovery, let me be informed of it» (11).

Nevertheless Erédia says, in the *Sumario da vida*, that he was cosmographer-major of the Estado da India and that the King gave orders, from Madrid, to Rui Lourenço de Távora, confirming the commissions given by D. Francisco da Gama and Aires de Saldanha, conferring honours and privileges upon him, and ordering that the voyage of discovery should be carried out. Had it been so, new orders would have been given to Rui Lourenço de Távora, but there are no known documents in which they appear, and some years later other letters suggest that Erédia's wishes never received attention. The Viceroys probably continued to put off the *descobri-*

(5) Erédia deals with Chiay Masiuro's success in *Declaraçam de Malaca* (1613), fls. 51-4, and in *Informação da India Meridional* (1616).

(6) *Declaraçam de Malaca* (*Tractado da India Meridional*, chapters 6-9), fls. 54-7, including a certificate of 4 October 1601 in which Pedro de Carvalhais tells of a voyage made by natives from Sabo to Luca Veach.

(7) *Declaraçam de Malaca* (*Tractado da India Meridional*, chapters 1, 10 and 11), fls. 1, 57-8, in which Erédia transcribes Aires de Saldanha's charter, dated 5 April 1601, authorizing him to discover the island or islands of gold «in the parts of the south, and on the opposite coast of Timor or other parts».

(8) *Declaraçam de Malaca* (*Tractado da India Meridional*, chapters 10-12), fls. 57-63; *Sumario da vida*, at the end of *Tratado ophirico*.

(9) Published in *Documentos remetidos da India ou Livro das Monções*, Tomo I, p. 25, Lisboa 1880, and Sousa Viterbo 1898, p. 156.

(10) British Museum, «Add. MS. 20864», fl. 189 v, summarized in *Boletim da Filmoteca Ultramarina Portuguesa*, n.º 3, p. 603. Lisboa 1955.

(11) Published in *Documentos remetidos da India ou Livros das Monções*, Tomo I, p. 284, Lisboa 1880, and Sousa Viterbo 1898, p. 156.

noutros trabalhos, e o malogrado Erédia continuaria a viver na ilusão de uma próxima realização da viagem.

Erédia afirma que em 1610 teria enviado um criado seu a verificar a existência das terras que referira Chiay Masiuro (12), dizendo ainda que o Papa Paulo V aprovou a sua empresa (13). Não há, porém, indícios de que o Vice-rei lhe desse meios de a realizar, e é o próprio Erédia que diz que Rui Lourenço de Távora o encarregou de explorar as regiões do distrito de Guzarate e dele fazer descrições corográficas, o que ele afirma ter devidamente executado, bem como planos do «Indostan, Turcastan, Astratan, Cathay e Chinas».

O Vice-rei seguinte, D. Jerónimo de Azevedo (1612-1617), deve ter continuado a manter as ilusões de Erédia, confiando-lhe a realização de pesquisas mineiras na região de Goa, afirmando o cosmógrafo que descobriu aí então cobre e ferro (14). Mas Erédia não desistia da grande empresa da Índia Meridional, continuando a remeter para Lisboa petições e exposições, como se conclui de vários documentos: uma carta de El-rei ao Vice-rei Conde de Redondo, de 22 de Março de 1610; uma informação do Governador Fernão de Albuquerque, de 16 de Janeiro de 1621; uma carta de El-rei ao Vice-rei, de 6 de Fevereiro de 1622 (15).

Finalmente o Conde Almirante D. Francisco da Gama, novamente Vice-rei da Índia, informou do falecimento de Erédia, em carta de 12 de Março de 1623: «Manuel Godinho de Eredia he fallecido e eu tinha conhecimento d'elle da outra vez que governei este estado, em que me dava alguns destes papeis de descobrimentos e sempre os tive por de pouco fundamento para se metter cabedal n'elles e agora m'o pareceriam menos pelo pouco que para isso ha» (16). Depois do impedimento de 1601, por causa dos holandeses, o infeliz Erédia andou portanto mais de vinte anos, até morrer, tentando que lhe dessem meios de efectuar a almejada viagem de descobrimento da Índia Meridional.

Após o seu falecimento, o assunto voltou a merecer o interesse das entidades superiores. Com efeito, de uma carta de El-rei ao Governo de Portugal, de 3 de Fevereiro de 1624, verifica-se que o Conselho de Estado remetera uma consulta sobre papéis de descobrimento que havia enviado Manuel Godinho de Erédia (17). Alguns anos depois, a 20 de Dezembro de 1629, o Vice-rei D. Miguel de Noronha, Conde de Linhares, escrevia de Goa a El-rei: «Porque esta instrução trata vou adquirindo informação por m.º de pessoas praticas que acho, e fico com cuidado de procurar e averiguar de certeza q̃ terra he esta, e se tem importancia, e que portos e entradas, e surgidoros tem, e q̃ gente habita, e q̃ frutos e metais produz, e como Manoel Godinho de Heredia he morto farey diligençia, por ver se se acha em seus papeis algũa notiçia, posto q̃ me dizem que hum genro seu q̃ os deuia de ter he morto: e cõ isso se desbaratou esta coza, mas farey toda a diligençia possiuel por ver se se achão...» (18). O genro de Manuel Godinho de Erédia era Álvaro Pinto Coutinho, que casara em 1603 com a filha única e herdeira do «Descobridor», Ana de Erédia Aquaviva (19). Erédia informa num dos seus escritos que Álvaro Pinto Coutinho era cosmógrafo e fizera tábuas corográficas da Insulíndia (20); da carta do Vice-rei verifica-se que Álvaro Pinto Coutinho não sobreviveu muito tempo ao sogro, pelo que os papéis de Erédia (entre os quais possìvelmente o atlas-miscelânea de Lisboa) se teriam dispersado ràpidamente.

Como explicar este interesse tardio pelos papéis de Erédia? A resposta encontra-se talvez numa carta e num atlas seiscentistas que nos chegaram. A carta, anónima e sem data, está na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro («ARC 25-10-5»), e provém provàvelmente da Real Biblioteca, tal como as cartas de 1602 e atlas de 1610 da autoria de Erédia, que lá estão também. Representa a *Iava Mayor* (já com toponímia holandesa) e, a sul desta, a *Nvca Antara*, lendo-se na última a seguinte legenda: «O cosmographo Manoel Godinho de Eredia. Por ordẽ do Vise Rey Ayres de Saldanha descobrio a Ilha Nuca Antara ou jaua menor o anno de 1601. natal Ilha dise auer muytas minas de Ouro, e muita espesearia como crauo e masa e nôs, e sandalo branco, e outras riquezas. E conforme ao çithio em que os Olandeses acharaõ a terra Endracht esta... maes ao Norte, quaze de 14 ate 15 graos da parte do sul da linha equinoçial ficando distantes hũa de outra pouco maes de

(12) É o próprio Erédia na *Informaçam da India Meridional descoberta por M. G. de Heredia anno 1610*, (fls. 54-61 do *Tratado ophirico*, 1610) que fala de tudo isto.

(13) Final da *Informaçam* citada na nota anterior, e *Sumario da vida*.

(14) *Sumario da vida*. É de notar que nestes últimos anos se desenvolveram consideràvelmente as explorações de ferro em Goa, o que parece dar razão a Erédia.

(15) Torre do Tombo, *Documentos remetidos da India*, L.º 13, fl. 39; L.º 15, fl. 8 v; L.º 16, fl. 15; todos publicados por Sousa Viterbo 1898, pp. 157-8.

(16) *Idem*, L.º 18, fl. 1 v, publicado por Sousa Viterbo 1898, p. 158.

(17) Torre do Tombo, *Colecção de S. Vicente*, Vol. 19, fl. 172, segundo refere Sousa Viterbo 1898, p. 156.

(18) O documento encontra-se no *Livro das Monções* n.º 13-A (1629-1630), Arquivo Histórico do Estado da Índia, Goa, e foi publicado no *Boletim Oficial do Governo do Estado da Índia* (Série de 1884-5), e sumariado no *Boletim da Filmoteca Ultramarina Portuguesa*, n.º 5, p. 61. Lisboa 1956.

(19) *Sumario da vida de M. G. de Heredia.*

(20) *Declaraçam de Malaca* (*Tractado Treceyro do Catay Atay*, cap. 15), fl. 76.

dor with promises while occupying him in other tasks, and Erédia must have gone on living in the illusion of the approaching realization of the voyage.

Erédia asserts that in 1610 he sent a servant of his to confirm the existence of the lands reported by Chiay Masiuro (12), adding that Pope Paul V approved of his enterprise (13). There are, however, no signs that the Viceroy gave him the means to execute the voyage, and it is Erédia himself who says that Rui Lourenço de Távora charged him to explore the regions of the Gujarat district and to make chorographical descriptions of it, which he says he did, together with plans of «Hindustan, Turkestan, Astrakan, Cathay and [the] Chinas».

The next Viceroy, D. Jerónimo de Azevedo (1612-1617), must have continued to foster Erédia's illusions, commissioning him to prospect for mines in the neighbourhood of Goa, where the cosmographer claimed to have discovered copper and iron (14). But Erédia did not renounce the great enterprise of Meridional India and continued to send requests and statements to Lisbon, as several documents show: a letter from the King to the Viceroy Count de Redondo, dated 22 March 1610, a communication from the Governor Fernão de Albuquerque, dated 16 January 1621, and a letter from the King to the Viceroy dated 6 February 1622 (15).

Finally, Admiral Count D. Francisco da Gama, once more Viceroy of India, reported Erédia's death in a letter of 12 March 1623: «Manuel Godinho de Erédia is dead, and I knew him from the other time that I governed this State, when he gave me some of these papers of discoveries and I always thought them to show little ground for putting capital into them, and now (as it seems to me) even less as we have little for that» (16). Thus, after the setback of 1601 on account of the Dutch, the unhappy Erédia continued for more than twenty years, until his death, trying always to obtain appropriate means to make the desired voyage of discovery to Meridional India.

After his death, the matter again aroused the interest of high authorities. Indeed, a letter from the King to the Government of Portugal, dated 3 February 1624, shows that the State Council had forwarded an enquiry about the papers of discoveries that had been sent by Manuel Godinho de Erédia (17). Some years later, on 20 December 1629, the Viceroy D. Miguel de Noronha, Count of Linhares, wrote from Goa to the King: «Concerning this instruction, I am seeking information from practical persons that I find, and I am searching assiduously to ascertain and determine with certainty what land this is, and if it has importance, and what harbours, entries and anchorages it has, and what people inhabit it, what fruits and metals it produces, and as Manuel Godinho de Erédia is dead I shall do my best to see if there is any information in his papers, although I am told that a son-in-law of his, who is said to have had them, is dead and thus this thing was finished, but I shall use all possible diligence to see if they can be found...» (18). Manuel Godinho de Erédia's son-in-law was Álvaro Pinto Coutinho, who, in 1603, had married the *descobridor*'s only daughter and heir, Ana de Erédia Aquaviva (19). Erédia says in one of his works that Álvaro Pinto Coutinho was a cosmographer and had drawn chorographical tables of the East Indies (20); the Viceroy's letter shows that he did not long survive his father-in-law, and so Erédia's papers must soon have been dispersed.

How are we to account for this belated interest in Erédia's papers? The answer perhaps lies in a map and an atlas of the 17th century which have come down to us. The map, anonymous and undated, is in the Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro («ARC 25-10-5»), and probably came from the Royal Library, with Erédia's maps of 1602 and atlas of 1610, which are also there. It represents *Iava Mayor* (already with Dutch nomenclature) and, south of it, *Nvca Antara*, where the following legend is written: «The cosmographer Manoel Godinho de Erédia by order of the Viceroy Aires de Saldanha discovered the Island Nuca Antara or Java Minor in the year 1601. In this island he said that there were many gold mines and many spices such as cloves, mace, nutmeg, white sandalwood and other riches. And as regards the place where the Dutch found Eendrachts Land this ... more to the north, almost from 14 to 15 degrees south of the Equinoctial

(12) It is Erédia himself who speaks of all this in the *Informaçam da India Meridional descoberta por M. G. de Heredia anno 1610*, (fls. 54-61 of the *Tratado ophirico*, 1610).

(13) The end of the *Informaçam* quoted in the previous note, and *Sumario da vida.*

(14) *Sumario da vida.* It must be noted that in recent years the exploitation of iron at Goa has been considerably developed, which seems to prove that Erédia was right.

(15) Torre do Tombo, *Documentos remetidos da India*, L.º 13, fl. 39; L.º 15, fl. 8 v; L.º 16, fl. 15; all published by Sousa Viterbo 1898, pp. 157-8.

(16) *Idem*, L.º 18, fl. 1 v, published by Sousa Viterbo 1898, p. 158.

(17) Torre do Tombo, *Colecção de S. Vicente*, Vol. 19, fl. 172, according to Sousa Viterbo 1898, p. 156.

(18) The document is in *Livro das Monções* n.º 13-A (1629-1630), Arquivo Histórico do Estado da Índia, Goa, and was published in *Boletim Oficial do Governo do Estado da Índia* (Série de 1884-5), and summarized in *Boletim da Filmoteca Ultramarina Portuguesa*, n.º 5, p. 61. Lisboa 1956.

(19) *Sumario da vida de M. G. de Heredia.*

(20) *Declaraçam de Malaca* (*Tractado Treceyro do Catay Atay*, chapter 15), fl. 76.

100 legoas segundo os terminos que os dous descobridores acharaõ cada hũ na terra q̃ vio podendo tambem ser serẽ (*sic*) conti (*sic*) continuas ou estarẽ menos distantes».

O planisfério do atlas universal de João Teixeira, de 1630, pertencente à Library of Congress, Washington, traz um troço do continente austral, ao sul de Java, com a legenda «Nuca antara foi descuberta o ano de 1601 por manoel godinho de Eredia por mandado do Vizo Rei Aires de Saldanha», separado da «Terra descuberta por holandeses e que chamaraõ Endracht ou Cõcordia»; na carta do Índico do mesmo atlas encontra-se análoga representação, com legendas parecidas. A carta do British Museum («Add. MS. 17647.A»), que provocou o primeiro artigo de Major sobre o assunto é certamente uma cópia muito tardia do planisfério deste atlas (21).

Resumindo, parece poder concluir-se destas obras cartográficas e da carta de 20 de Dezembro de 1629 do Vice-rei D. Miguel de Noronha que em Portugal só se soube possìvelmente da descoberta da Terra de Eendraght pelos holandeses (1616) após o falecimento de Erédia, verificando-se nessa altura que o malogrado «Descobridor» luso-malaio tinha razão, o que veio dar novo interesse aos seus papéis, então procurados no intento de estudar outra vez o assunto. Mas o poder lusitano no Oriente estava em franca decadência, e já não houve viagens portuguesas à «Índia Meridional» com que Erédia sonhara uma vida inteira.

A sua discutida figura é certamente digna de interesse e simpatia. «Com capacidade tanto para imaginação criadora como para trabalho incansável, com fé e devoção ilimitadas pelo seu ideal, noutro lugar e noutra época poderia bem ter deixado o seu nome como algo mais do que o de um estranho e obscuro sonhador num canto esquecido de um Império agonizante. À sua maneira singularmente confusa, foi um crente na Austrália antes que a Austrália existisse» (22). Visionário como outro português, Pedro Fernandes de Queirós, que viveu no seu tempo procurando, ao serviço da Espanha, o continente austral, pelo lado do Pacífico, foi, como ele também, vítima das circunstâncias desfavoráveis. Aos Filipes não interessava descobrir novas terras por onde dividir as forças que já se revelavam insuficientes para defender do assalto de tantos inimigos um império desmesurado. O fracasso de Erédia e de Queirós, por falta de apoio superior, é bem o sinal de que a era dos grandes descobrimentos marítimos se encerrava para os povos da Península Ibérica.

A OBRA

A obra cartográfica de Erédia não foi ainda objecto de um estudo de conjunto. Dado o grande espaço que ocuparia a sua reprodução total, o limitado interesse de muitos dos desenhos e o facto de parte deles se repetirem, publicamos apenas uma selecção dos que nos parecem mais representativos.

As cartas que ilustram o seu primeiro trabalho a ser revelado, a *Declaraçam de Malaca*, de 1613 (reproduzimos doze na Estampa 412), foram analisadas e interpretadas por Mills só muito tempo depois de descobertas. Ainda no último quartel do século passado apareceram também o *Tratado ophirico*, de 1616, cujas cartas têm interesse muito reduzido (reproduzimos duas na Estampa 413), e a cópia da pequena carta de Banda, de 1601 (Estampa 411). Só decorrido mais de meio século foram reveladas as duas cartas de 1602 (Estampa 411) e o atlas das fortalezas do Oriente, de 1610 (reproduzimos três das plantas na Estampa 411); muito recentemente foi-lhe atribuida a autoria duma colectânea de cartas e outros desenhos, de c.1615-c.1622 (reproduzimos cinquenta e quatro nas Estampas 414-422), juntando nós também agora à lista das suas obras cartográficas mais uma carta da ilha de Goa, de c. 1616 (Estampa 413). Em face de todas estas produções torna-se possível emitir um juizo mais ajustado do valor de Erédia como cartógrafo.

Antes porém convém apresentar a relação de outras obras de Erédia: duas publicadas nos começos do século passado mas hoje de paradeiro desconhecido (e sem que se saiba ao certo se continham ou não cartografia); uma existente mas por vezes dada como desaparecida; e outra finalmente de que não encontrámos anteriores referências. Todas ajudam a conhecer a vida e actividade de Erédia, e de uma maneira geral são úteis para a interpretação da sua obra cartográfica:

1) *Informação da Aurea Chersoneso, ou Peninsula, e das Ilhas Auriferas, Carbunculas, e Aromáticas, ordenada por Manoel Godinho de Eredia, Cosmographo,* sem data. Foi publicada em Lisboa, em 1807, por António Lourenço de Caminha, numa colectânea intitulada *Ordenações da India do Senhor Rei D. Manoel de Eterna Memória, Informação verdadeira da Aurea Chersoneso feita pelo antigo Cosmographo Indiano, Manoel Godinho de Eredia,*

(21) Trataremos da carta anónima do Rio de Janeiro e do atlas de 1630 de João Teixeira na última parte do presente Volume.

(22) Spate 1957, p. 122.

line, being about 100 leagues distant one from the other, according to the ends of the land seen by each of the two discoverers, so that it is possible that they are continuous or less distant from one another».

The planisphere of the world atlas of João Teixeira, 1630, in the Library of Congress, Washington, shows a fragment of the southern continent, south of Java, with the legend «Nuca Antara was discovered in the year 1601 by Manoel Godinho de Erédia by order of the Viceroy Aires de Saldanha», separated from the «Land discovered by the Dutch and which they called Eendracht or Concordia»; in the chart of the Indian Ocean in the same atlas a like representation is found, with similar legends. The map in the British Museum («Add. MS. 17647.A»), which prompted Major's first article on the subject, is certainly a very late copy of the planisphere of this atlas (21).

To sum up, we may apparently conclude from these cartographic works and from the letter of the Viceroy D. Miguel de Noronha of 20 December 1629 that the discovery of Eendrachts Land by the Dutch (1616) was perhaps unknown in Portugal until after Erédia's death, when the realization that the frustrated Luso-Malayan *descobridor* was right gave a new interest to his papers, which were then searched for with the intention of studying the matter afresh. But Portuguese power in the East was in open decline, and there were no Portuguese voyages to the «Meridional India» such as Erédia had dreamed of for a whole lifetime.

His much discussed personality surely deserves interest and sympathy. «With capacities both for imaginative creativity and for solid painstaking work, with a limitless faith in and devotion to his ideal, in another place and time he might well have left his name as something more than that of an odd obscure dreamer in a forgotten corner of a dying Empire. In his queer confused way, he was a believer in Australia before Australia was» (22). A visionary like another Portuguese, Pedro Fernandes de Quiros, who spent his life searching for the southern continent from the Pacific side in the service of Spain, he was, also like him, a victim of unfavourable circumstances. The Philips were not interested in the discovery of new lands, which would divide the forces that were already proving insufficient to protect an immense empire against the assaults of so many enemies. The failure of Erédia and Quiros, for want of greater support, is clearly a sign that for the Iberian peoples the age of great maritime discoveries was coming to an end.

THE WORK

Erédia's cartographic work has not yet been studied as a whole. In view of the great space that complete reproduction of it would demand, the limited interest of many of the drawings and the fact that some of them are repetitions, we publish only a selection of those which seem to us more representative.

Not until long after their discovery were the maps, illustrating the first of his works to become known, the *Declaraçam de Malaca* of 1613 (we reproduce twelve on Plate 412), analysed and interpreted, namely by Mills. In the final quarter of the last century were published the *Tratado ophirico* of 1616, containing maps of very limited interest (we reproduce two in Plate 413), and the copy of the small map of Banda of 1601 (Plate 411). Half a century elapsed before the two maps of 1602 (Plate 411) and the atlas of fortresses of the East, 1610, were brought to light (we reproduce three of the plans on Plate 411); very recently the authorship of a collection of charts and other drawings, c.1615-c.1622, has been attributed to him (we reproduce fifty-four in Plates 414-422), and we can now also add to the list of his cartographic productions another map, that of the Island of Goa, c. 1616 (Plate 413). In the light of all these works it is now possible to make a fairer judgment of Erédia's merit as a cartographer.

First of all, however, it is convenient to give a list of other works by Erédia: two which were published at the beginning of the last century, but whose whereabouts are to-day unknown (and it is not certain whether they contained cartographic material); one which exists but is sometimes referred to as having disappeared; and another to which we have not found any previous references. All of them help to give us an insight into Erédia's life and activity and are useful for the interpretation of his cartographic work:

1) «Report on the Golden Chersonese or Peninsula, and on the Auriferous, Carbuncular and Aromatic Islands, drawn up by Manoel Godinho de Erédia, Cosmographer», undated. It was published in Lisbon, in 1807, by António Lourenço de Caminha, in a collection entitled *Ordenações da India do Senhor Rei D. Manoel de Eterna Memória, Informação verdadeira da Aurea Chersoneso feita pelo antigo Cosmographo Indiano, Manoel Godinho*

(21) We shall discuss the anonymous chart in Rio de Janeiro and João Teixeira's atlas of 1630 in the last part of the present Volume.

(22) Spate 1957, p. 122.

e Cartas em Linguagem Portuguesa de D. Jeronymo Osorio, Bispo do Algarve, onde ocupa as pp. 65-151. O editor, depois de transcrever o pouco que Barbosa Machado disse de Erédia, indica que o manuscrito da *Informação da Aurea Chersoneso* era sua propriedade. Hoje ignora-se o seu paradeiro, e embora nada na obra revele que continha cartas, não é inadmissível que isso sucedesse. Desde Major, quase todos os autores que se ocuparam de Erédia referem a *Informação*. Mills (23) concluíu que foi escrita entre 1597 (data que é mencionada duas vezes no texto) e 1600 (no final, refere-se o Vice-rei D. Francisco da Gama, a quem sucedeu Aires de Saldanha em Dezembro de 1600). Nesta obra Erédia descreve a Malásia e várias ilhas da Insulíndia.

2) *Lista das principais Minas auriferas alcançadas pela curiosidade de Manuel Godinho Heredia Cosmografo Indiano*. Também publicada por A. L. C. [António Lourenço de Caminha], no final (pp. 81-6) de outro opúsculo intitulado *Leis que existem no fim do Manuscrito Original das Ordenações da India*, editado em Lisboa em 1807 (24). Ignora-se o paradeiro do original, que talvez constituísse algum apêndice da obra anterior (de que é um extracto), pela maneira como Caminha (a quem pertenceu) se lhe refere.

3) *Discurso, sobre a Prouinçia do Indostan: chamada Mogûl, e corruptamente Mogôr, com a declaraçaõ do Reino guzarate, e mais Reinos do seu destricto: ordenado por Manuel Godinho de Eredia: cosmographo môr do estado de Indias Orientais, Anno 1611*. Encontra-se a folhas 77-81 do «Add. MS. 9854», no British Museum, e é autógrafo de Erédia, sem dúvida. Não lhe conhecemos referências anteriores. É uma pequena descrição, muito geral e sem grande interesse, do Império do Mogor (com semelhanças em relação à que vem a fl. 74 da *Declaraçam de Malaca*), particularizando os reinos de *Gozarate*, *Deli*, *Purat*, *Cabul*, *Queximir*, *Bengala* e *Sind*. Anuncia ter sido descoberto «por minha industria por via de Perigrinos que passaraõ do Indostan e voltaraõ para Cambaya» o novo reino de *Sim*, entre o *Tebet* e o *Cathay*. Por esta informação e pelo maior desenvolvimento que dá à descrição do Guzarate (contendo indicações hidrográficas sobre a enseada de Cambaia) verifica-se que foi escrita quando esteve naquela região por mandado do Vice-rei Rui Lourenço de Távora, ou logo a seguir. Está recheada da erudição histórico-geográfica característica de Erédia.

4) *História de Serviços com martirio de Lvis Montº Covtº ordenada por Manoel Godinho de Eredia Mathº Anno 1615*. Dedicatória a *D. F. Aleixo de Meneses Arçebispo de Braga Prim. de Hespan. Visorei de Port.*, datada de 11 de Novembro de 1615. Encontra-se actualmente na Biblioteca Nacional de Lisboa, onde tem a cota «MSS. 414». É a única obra de Erédia referida por Barbosa Machado (25), sendo também um autógrafo. Trata sobretudo dos acontecimentos que levaram à morte de Luís Monteiro Coutinho em 1588 por ordem do Rei de Achem. Hamy (26) julga que a redacção desta obra resultaria de Luís Monteiro Coutinho ser possìvelmente um parente de Álvaro Pinto Coutinho, genro de Erédia. Com 30 folhas, contém sete desenhos aguarelados, sem interesse cartográfico; um deles é o de uma batalha naval desenrolada em frente de Malaca (fls. 12-13), outro o do naufrágio de Luís Monteiro Coutinho ocorrido em Solor, com vista da fortaleza (fls. 19-20), e outro o de navios na entrada do Rio de Jor (fls. 25-26).

Os aspectos contraditórios de que se revestiu a vida de Erédia, e que se manifestam tão amplamente nos seus escritos, traduzem-se também, de certo modo, nas suas obras cartográficas. A par de uma cartografia de interesse real pelos elementos novos que contém e pelos aperfeiçoamentos que revela no traçado de certas regiões, verifica-se a existência de uma outra eivada de congeminações eruditas entrando frequentemente no domínio do absurdo. Neste aspecto Erédia sai fora das tradições da cartografia portuguesa, e não admira que o Vice-rei Rui Lourenço de Távora, em 1610, informasse mal a sua pretensão de ser provido no cargo de cosmógrafo-mor do Estado da Índia. O facto de no ano seguinte Erédia, no *Discurso sobre a Prouinçia do Indostan*, se apresentar a si mesmo com tal título é para nós motivo de perplexidade: não nos admiraríamos de que assim como se cognominou de «Descobridor» sem ter chegado a realizar a viagem de descobrimento, também decidisse começar a chamar-se a si próprio de cosmógrafo-mor só por ser pretendente ao cargo, iludido talvez por alguma promessa de provimento que lhe fariam para o não desenganarem de vez. O certo é que na autobiografia no final do *Tratado ophirico* (1616) continua a intitular-se de cosmógrafo-mor, sem que na correspondência conhecida, trocada entre Lisboa e Goa a seu respeito, se encontre o menor indício de o considerarem como tal.

Apesar de tudo ele tinha real habilidade para fazer levantamentos topográficos e hidrográficos, como o revelam as suas cartas relativas a regiões

(23) Mills 1930, p. 228, com tradução inglesa completa, pp. 228-55.
(24) Sousa Viterbo 1898, p. 156.
(25) *Bibliotheca Lusitana*, Vol. III, p. 275. Lisboa 1752. Mills 1930, p. 257, julga a obra desaparecida.
(26) Hamy 1878, p. 540.

de Eredia, e Cartas em Linguagem Portuguesa de D. Jeronymo Osorio, Bispo do Algarve, in which it occupies pp. 65-151. The editor, after quoting the little that Barbosa Machado has to say about Erédia, states that the manuscript of the *Informação da Aurea Chersoneso* belonged to him. Its whereabouts are to-day unknown, and although nothing in the work reveals that it contained maps, it is not impossible that it did. From Major's time, almost all the authors who have written about Erédia refer to the *Informação*. Mills (23) concludes that it was written between 1597 (a date mentioned twice in the text) and 1600 (at the end there is a reference to the Viceroy D. Francisco da Gama, who was succeeded by Aires de Saldanha in December 1600). In this work Erédia describes the Malay Peninsula and several islands of the East Indies.

2) «List of the principal auriferous Mines obtained by the curiosity of Manuel Godinho Erédia Indian Cosmographer». Also published by A. L. C. [António Lourenço de Caminha], at the end (pp. 81-6) of another opuscule entitled *Leis que existem no fim do Manuscrito Original das Ordenações da India*, published in Lisbon in 1807 (24). Its whereabouts are unknown and, from the way in which Caminha (to whom it belonged) refers to it, it is possible that it formed an appendix to the former work (from which it is extracted).

3) «Discourse on the Province of Hindustan: called *Mogûl*, and corruptly *Mogôr*, with the declaration of the Kingdom of Gujarat and other kingdoms in its district: drawn by Manuel Godinho de Erédia: cosmographer-major of the State of Oriental Indies, in the year 1611». It is in the British Museum («Add. MS. 9854», fls. 77-81), and is undoubtedly in Erédia's hand. It is a short, very general, and not particularly interesting, description of the Mogul Empire (similar to fl. 74 of the *Declaraçam de Malaca*), specifying the kingdoms of *Gozarate*, *Deli*, *Purat*, *Cabul*, *Queximir*, *Bengala* and *Sind*. Erédia announces his discovery — «by my industry, by way of pilgrims who passed from Hindustan and returned to Cambay» — of the new kingdom of *Sim*, between *Tebet* and *Cathay*. From this information and from the more elaborate description of Gujarat (containing hydrographic data about the Gulf of Cambay), we can see that it was written when he was in that region by order of the Viceroy Rui Lourenço de Távora, or immediately afterwards. It is full of the historical-geographical erudition characteristic of Erédia.

4) «History of the Services with the martyrdom of Luis Monteiro Coutinho, compiled by Manuel Godinho de Erédia, Mathematician, in the year 1615». The dedication to «D. F. Aleixo de Meneses, Archbishop of Braga, Primate of Spain, Viceroy of Portugal», is dated 11 November 1615. It is preserved in the Biblioteca Nacional, Lisbon, with the class-mark «MSS. 414». The only work of Erédia referred to by Barbosa Machado (25), it is in the author's holograph. It deals particularly with the events which led to the death of Luís Monteiro Coutinho in 1588 by order of the King of Achin. Hamy (26) thinks that the writing of this work might have been the result of a possible relationship between Luís Monteiro Coutinho and Álvaro Pinto Coutinho, Erédia's son-in-law. It is written on 30 folios and includes seven watercolours, of no cartographic interest; one of them represents a naval battle before Malacca (fls. 12-13), another Luís Monteiro Coutinho's shipwreck at Solor, with a view of the fortress (fls. 19-20), and yet another ships at the mouth of the River Johore (fls. 25-26).

The contradictions which characterized Erédia's life and are so apparent in his writings can also be seen, to some extent, in his cartographic works. Side by side with cartographic productions of real interest, for the new material which they contain and the improvement revealed in the drawing of certain regions, are others full of erudite speculations which frequently enter the realm of absurdity. In this aspect Erédia abandons the traditions of Portuguese cartography, and it is not surprising that the Viceroy Rui Lourenço de Távora, in 1610, reported unfavourably on his request to be promoted to the office of cosmographer-major of the State of India. The fact that in the following year Erédia presents himself with this title in the «Discourse on the Province of Hindustan» is perplexing; we should however not be surprised if, just as he styled himself *descobridor* without having made the voyage of discovery, he should also have decided to start calling himself cosmographer-major simply because he aspired to the office and was perhaps misled by some promise of fulfilment which might have been made to him in order not to undeceive him finally. What is certain is that in the autobiography at the end of the *Tratado ophirico* (1616) he continues to call himself cosmographer-major, but in the known correspondence about him exchanged between Lisbon and Goa there is not the slightest indication that he was so considered.

Nevertheless Erédia had real ability for the making of topographical and hydrographic surveys, as revealed by his charts connected with the regions

(23) Mills 1930, p. 228, with a complete English translation, pp. 228-55.
(24) Sousa Viterbo 1898, p. 156.
(25) *Bibliotheca Lusitana*, Vol. III, p. 275. Lisbon 1752. Mills 1930, p. 257, considers the work to be lost.
(26) Hamy 1878, p. 540.

onde trabalhou — Malásia, Guzarate, Goa. O seu tipo de cartas é, como dissemos, muito diferente das obras dos outros cartógrafos portugueses. Todas feitas em papel, de dimensões reduzidas (a maior tem 512 × 745 mm), traçadas à pena, raramente aguareladas e nunca iluminadas, só algumas vezes com ornamentações em geral simples (navios, molduras), são bem distintas das características cartas náuticas portuguesas, e revelam uma maior tendência para a representação do interior das terras. Talvez o facto traduza uma influência dos engenheiros que então foram mandados à Índia dirigir as obras de fortificação e a quem se devem por isso alguns levantamentos de povoações. Bom conhecedor da Península Malaia e da Insulíndia, e ajudado pela sua ascendência malaia, conhecimento da língua e espírito de observação, também Erédia deixou nas suas cartas dessas regiões alguns elementos de interesse, devendo ter utilizado desenhos cartográficos malaios, como teremos ocasião de ver a propósito da carta de Banda de 1601 (Estampa 411 A).

Não deixa também de ser curioso verificar que Erédia tenha utilizado a cartografia holandesa da sua época, do que se encontram certas influências no atlas-miscelânea de Lisboa. É surpreendente vê-lo citar ainda no século XVI — e na longínqua Ásia — «Petro Plancio e Baptista nos *Orbes terrarum* e uniuersaes Mappas» (27). A referência sugere que se trata de o *Orbis terrarum... auctore Petro Plancio 1594* que vem no *Itinerario* de Linschoten e que nalguns exemplares do livro tem o título *Orbis terrae... apud Joanem Baptistam Vrient*. O traçado do continente austral nesse mapa-mundi é muito parecido com o que Erédia apresenta no planisfério do atlas-miscelânea de Lisboa (Estampa 414) e a lendária *Iaua minori* na carta holandesa é banhada pelo *Mare Lantchidol*, que vai até 24 graus de latitude sul — nome e latitude que são referidos por Erédia na passagem em que invoca a autoridade das cartas de «Petro Plancio e Baptista». Assim a cartografia de Plancius também contribuiu para alimentar as visões da Índia Meridional de Erédia! Não admira que vários vice-reis sucessivamente escrevessem para Lisboa manifestando desinteresse por ideias de Marco Polo e outros autores antigos, figuradas frequentemente nos mapas impressos da época; talvez Erédia tivesse tido mais êxito se apresentasse com singeleza os indícios de terras austrais que recolheu entre os povos da Insulíndia.

Ainda que não se possa considerar como tendo ocupado um lugar de grande relevo na história da cartografia portuguesa, há na obra de Erédia — sempre que ele se consegue libertar do peso da erudição — aspectos de real valor e interesse. Além do levantamento de várias regiões asiáticas a que procedeu, e das quais nos deixou as mais antigas cartas particulares hoje conhecidas (28), Erédia copiou cartas do seu tempo de que não encontramos outros exemplares ou que aparecem pela primeira vez em obras suas. Isto refere-se principalmente a cartas de regiões orientais, e citamos o caso de várias plantas de povoações e fortalezas (o primeiro atlas conhecido deste género é a sua obra de 1610); a carta de Ceilão (Estampa 415) (bastante mais correcta do que a de Cipriano Sanches Vilavicêncio, Estampa 388, e de contornos mais exactos até do que as posteriores de João Teixeira); as cartas com os resultados das viagens de Queirós e Torres (Estampas 412 e 419), tendo a Nova Guiné como ilha (representação que se não generalizou, vindo a prevalecer noutros países a errada concepção holandesa ligando a Austrália a tal ilha); a carta do interior da Zambézia até à Chicova (Estampa 419), de que há outra representação coeva, com menos pormenores, no atlas anónimo «Duchesse de Berry», de fins do primeiro quartel do século XVII; a carta, tão correcta, do interior do Industão (Estampa 415, da qual não se conhecem outros exemplares; várias cartas particulares de ilhas da Insulíndia (Estampas 417 e 418); algumas cartas topográficas de regiões do Malabar também únicas (Estampas 419 e 420), etc.

where he worked — the Malay Peninsula, Gujarat and Goa. His type of map is, as we have said, quite different from the works of other Portuguese cartographers. All drawn on paper, small in dimensions (the largest is 512 × 745 mm), drawn in ink, seldom with watercolour and never illuminated, occasionally with decoration, which is generally simple (ships, frames), his maps are distinct from the characteristic Portuguese nautical charts and reveal a greater tendency to delineate the hinterland. This perhaps expresses the influence of the engineers who were sent to India at that time to direct works of fortification and to whom are therefore due some of the surveys of towns. Knowing the Malay Peninsula and the East Indies well, and aided by his Malayan ancestry, his knowledge of the language and his powers of observation, Erédia also shows some interesting details in his maps of those regions, having used Malayan cartographic drawings, as we shall see when we discuss the map of Banda of 1601 (Plate 411 A).

It is also curious to note that Erédia used the Dutch cartography of his time, of which certain influences are found in the atlas-miscellany in Lisbon. It is surprising to see him quote, before the end of the 16th century, and in distant Asia, «Petrus Plancius and Baptista in the *Orbes terrarum* and universal maps» (27). The reference suggests that it concerns the *Orbis terrarum ... auctore Petro Plancio 1594* which appeared in Linschoten's *Itinerario* and which, in some copies of the book, has the title *Orbis terrae ... apud Joanem Baptistam Vrient*. The drawing of the southern continent in this world-map is similar to that given by Erédia in the planisphere of the atlas-miscellany in Lisbon (Plate 414), and the legendary *Iaua minori* in the Dutch map is washed by the *Mare Lantchidol*, which reaches 24 degrees of latitude south — a name and latitude specified by Erédia in the passage in which he invokes the authority of the maps of «Petrus Plancius and Baptista». Thus the cartography of Plancius also contributed to the fostering of Erédia's visions of Meridional India! It is not surprising that several successive viceroys, in their reports to Lisbon, showed no interest in the ideas of Marco Polo and other ancient writers, which frequently figured in the printed charts of the time; perhaps Erédia would have been more successful if he had presented simply the evidence of southern lands which he collected among the peoples of the East Indies.

Although it cannot be claimed that he occupies an outstanding place in the history of Portuguese cartography, there are in Erédia's work — whenever he is able to free himself from the weight of his erudition — points of real value and interest. Besides his surveys of several Asiatic countries, of which he has left the earliest special maps known today (28), Erédia copied contemporary maps of which no other copies are known or which first appeared in his works. This applies particularly to the maps of oriental countries, and we may instance various plans of towns and fortresses (the first known atlas of this kind is his work of 1610); the map of Ceylon (Plate 415), considerably more correct than that of Cipriano Sanches Vilavicêncio (Plate 388) and with a more correct outline than the later ones by João Teixeira; the maps which record the results of the voyages of Quiros and Torres (Plates 412 and 419), showing New Guinea as an island (a representation that was not general, for the erroneous Dutch concept of a land-connection between Australia and this island prevailed in other countries); the map of the interior of Zambezia as far as Chicova (Plate 419), of which there is a contemporary representation, with fewer details, in the anonymous «Duchesse de Berry» atlas of the end of the first quarter of the 17th century; the very correct map of the interior of Hindustan (Plate 415), of which no other examples are known; several special maps of the islands of the East Indies (Plates 417 and 418); some topographical maps of the Malabar regions, also unique (Plates 419 and 420), etc.

PÓS-ESCRITO

I — Encontrava-se já este texto todo composto e prestes a ser impresso (Fevereiro de 1959) quando soubemos de um artigo do P.e António Brásio, *Luta contra os Holandeses em África*, no jornal *Novidades*, Lisboa, 25 de Janeiro de 1959, com outro documento referente a Erédia—uma carta régia de 27 de Março de 1629 ao Vice-rei da Índia, existente na Torre do Tombo, *Documentos remetidos da India* (*Monções*), Liv. 26, fl. 137. Transcrevemo-lo a seguir. «Conde Vizo Rey sobrinho amigo. Ev El Rei uos enuio muito saudar como àquelle que muito amo. Vaõ com esta carta a cópia de hum papel com a de hum Mapa sobre o descobrimento que se refere que os olandezes fizeraõ de certas terras na altura do Cabo de Boa Esperança, a que deraõ

(27) *Informação da Aurea Chersoneso*, p. 116 da edição de 1807.

(28) Essas regiões são, como dissemos, a Península Malaia, o Gujarate e Goa. É natural porém que cartas topográficas de outras regiões representadas no atlas-miscelânea de Lisboa provenham também de levantamentos seus, pois não sabemos o que fez desde 1616 (data do seu último trabalho assinado, o *Tratado ophirico* com a autobiografia final) até à sua morte em 1623, e pode muito bem ser que outros vice-reis, seguindo o procedimento de Rui Lourenço de Távora e de Jerónimo de Azevedo, lhe mandassem executar mais levantamentos.

POSTSCRIPT

I. — This section had already been written and was ready for printing (February 1959) when there came to our notice an article by Fr António Brásio, *Luta contra os Holandeses em África*, in the newspaper *Novidades*, Lisbon, 25 January 1959, with a further document relating to Erédia— a royal letter of 27 March 1629 to the Viceroy of India, now preserved in the Torre do Tombo, *Documentos remetidos da India* (*Monções*), Liv. 26, fl. 137. We translate it below: «To the Count Viceroy, my nephew and friend. I the King send greetings to you as one whom I greatly love. With this letter goes the copy of a paper and of a map of the discovery which the Dutch are reported to have made of certain lands in the latitude of the Cape of Good Hope, called

(27) *Informação da Aurea Chersoneso*, p. 116 of the 1807 edition.

(28) These regions, as we have said, are the Malay Peninsula, Gujarat and Goa. It is possible, however, that topographical maps of other regions represented in the atlas-miscellany of Lisbon may also derive from his surveys, as we do not know what he did from 1616 (the date of his last signed work, the *Tratado ophirico*, with an autobiography at the end) until his death in 1623, and it is possible that other viceroys, following the example of Rui Lourenço de Távora and Jerónimo de Azevedo, ordered him to make further surveys.

nome Endracht com a de hũa certidaõ em que se contem algũs descobrimentos de que Manoel Godinho de Heredia trataua, a qual uereis e conferindo a com o que se aponta no ditto papel e o que se deixa entender do Mapa, procurareis aueriguar com certeza de onde mais comodamente se possa fazer, que terra he esta, e de que importancia, que portos, entradas e surgidouros tem, que gente a habita, que frutos e metaes produze, e tudo o mais que se puder alcançar dos fundamentos deste descobrimento, e juntamente procurareis tirar todas as noticias que puderem hauer dos que fez Manoel Godinho de Heredia, e dos que contem a sua certidaõ, no que uos encomendo muito, e encarrego que uos hajaes com todo o resguardo neçessario, e, com aplicaçaõ que a matéria pede, sendo tanto de meu seruiço, e da importância que he, e do que achardes, me dareis conta cõ toda a destinçaõ e clareza de maneira que possa eu ter de tudo perfeita notiçia, e auisandome juntamente do que uos parecer».

É evidente que a carta de 20 de Dezembro do Vice-rei D. Miguel de Noronha que analisámos atrás (p. 42), constitui a resposta a este documento ou outro semelhante, ficando comprovada a conclusão a que chegámos quanto ao motivo do tardio interesse pelos descobrimentos e papéis de Erédia.

O P.e Brásio, iludido talvez pela expressão «terras na altura do Cabo de Boa Esperança» e porventura pouco ao corrente das controvérsias sobre Erédia, deu às breves considerações com que faz anteceder o texto do documento um título pouco apropriado. Aquela expressão traduz na realidade a ideia corrente então de que a Terra de Endracht estaria integrada num grande continente austral cujas costas se desenvolveriam não longe do extremo sul da África.

II — Pela mesma altura, escrevia-nos o Rev. P.e Jos. Fr. Schütte, S. J., anunciando-nos a existência em Roma de dois outros documentos de Erédia, dos quais nos forneceu cópias antes de os publicar num artigo em preparação, gentileza que penhoradamente agradecemos. Um dos documentos é uma carta de Cochim, 5 de Dezembro de 1607, dirigida ao «P.e General da Ordem da Companhia de Jesus, na Caza Professa de Roma». Nela Manuel Godinho de Erédia, apresentando-se como «Descobridor de Lucaantara», faz breve resumo do seu projecto de descobrimento da Índia Meridional, e, invocando a sua passagem pela Companhia de Jesus, solicita que lhe seja concedido usar no peito a «insignia de Jesus em forma de habito da Ordem da Companhia». O outro documento é uma carta de Goa, 6 de Janeiro de 1611, ao Sumo Pontífice. Resumindo o seu propósito de descobrimento da Índia Meridional, e invocando o aparecimento de uma cruz azul no céu do sertão de Malaca, o cosmógrafo luso-malaio pede ao Papa que lhe seja concedido usar tal cruz «por armas de nova nobreza» e lhe seja conferido o mestrado da «nova Ordem da Empresa do dito descobrimento da India Meridional com a divisa e insignia da cruz azul», «pera os homens com mais fervor se entregar aos trabalhos daquella viagem, que he pera engrandecer a Fé católica e augmentar a Christandade».

A matéria destes documentos tem evidentes ligações com certos trechos que Erédia escreveu na sua autobiografia. É ainda curioso verificar que, como Pedro Fernandes de Queirós, também Erédia recorreu ao patrocínio do Papa para a empresa do descobrimento da nova Índia Meridional.

O Rev. P.e Schütte informa-nos ainda que nos registos da Companhia vem indicado um Manuel Godinho, mestiço, como noviço, frequentando o colégio de Goa em Outubro de 1575 e Novembro de 1577, e que deixou a Sociedade em 1584. Embora tais datas não se ajustem precisamente às que Erédia indica, é possível que se trate do cosmógrafo luso-malaio, que tinha certa propensão para se enganar nas referências cronológicas, como tivemos ocasião de apontar várias vezes.

Endracht, and also of an attestation containing some discoveries described by Manuel Godinho de Erédia, which you will see and, comparing it with what is stated in the said paper and what is to be understood from the map, you will endeavour to learn with certainty, from whatever source may be most convenient, what land this is, and of what importance, what ports, entries and anchorages there are, what people live in it, what fruits and metals it produces, and anything else that may be ascertained of the causes of this discovery, and you will moreover try to extract all the notices that Manuel Godinho de Erédia may have made of them, besides those in his attestation, all which I greatly recommend to you, and charge you to act with all necessary discretion; and with the diligence that the matter demands, seeing that it is of so much concern to my service and of such importance, you are to give account of what you learn with all urgency and plainness of style so that I may be perfectly informed of all, advising me moreover of your opinion».

It is evident that the letter of 20 December 1629 from the Viceroy D. Miguel de Noronha, which we have discussed above (p. 42), was written in reply to this (or some similar) document, which confirms our conclusions as to the motive for the belated interest shown in Erédia's discoveries and papers.

Fr Brásio, deceived perhaps by the expression «lands in the latitude of the Cape of Good Hope», and possibly not very familiar with the controversies on Erédia, gives a title which is hardly appropriate to the brief observations prefixed by him to the text of the document. This expression in fact conveys the idea then current that Eendrachts Land formed a part of the great southern continent whose coasts extended to the proximity of the southern tip of Africa.

II — At the same time, the Rev. Fr Jos. Fr. Schütte, S. J., wrote to tell us of the existence in Rome of two more Erédia documents, of which, with a generosity for which we are duly grateful, he supplied us with copies in advance of publication in an article in preparation by him. One of the documents is a letter from Cochin, 5 December 1607, addressed to the «General of the Order of the Society of Jesus, in the House of the Order at Rome». In it Manuel Godinho de Erédia, describing himself as «Discoverer of *Lucaantara*», briefly summarizes his project for the discovery of Meridional India and, recalling his term in the Society of Jesus, begs that he may be permitted to wear on his breast the «insignia of Jesus in the form of the habit of the Order of the Society». The other document is a letter from Goa, 6 January 1611, to the Supreme Pontiff. Summarizing his proposed discovery of Meridional India, and invoking the apparition of an azure cross in the sky in the interior of Malacca, the Luso-Malayan cosmographer petitions the Pope that he be permitted to bear this cross «as arms of new nobility» and that he be appointed Master of the «new Order of the Enterprise of the said discovery of Meridional India with the device and insignia of the azure cross», «so that men will with more fervour expose themselves to the travails of this voyage, for the increase of the Catholic Faith and extension of Christianity».

The substance of these documents has obvious affinities with some passages written by Erédia in his autobiography. It is also curious to note how, like Pedro Fernandes de Quiros, Erédia too sought the protection of the Pope for the enterprise of the discovery of Meridional India.

Fr Schütte also informs us that the records of the Society of Jesus name one Manuel Godinho, a mestizo, as a novice attending the college of Goa in 1575 and November 1577, and that he left the Society in 1584. Although these dates do not agree exactly with those given by Erédia, it is possible that they relate to the Luso-Malayan cosmographer, who had some tendency to error in chronological references, as we have more than once had occasion to point out.

BIBLIOGRAFIA PRINCIPAL

C. Ruelens, *La Découverte de l'Australie, notice sur un manuscrit de la Bibliothèque Royale de Bruxelles*, in *Comptes rendus du Congrès des Sciences Géographiques tenu à Anvers du 14 au 22 août*, T. II, pp. 513 seqq. Anvers 1872.

E.-T. Hamy, *Le Descobridor Godinho de Eredia*, in *Bulletin de la Société de Géographie*, 7.e série, t. xv, pp. 510-41. Paris 1878.

Léon Janssen, *Notice sur le manuscrit de Manuel Godinho de Eredia appartenant à la Bibliothèque Royale de Bruxelles*. Bruxelles 1881.

—— *Malaca, l'Inde Méridionale et le Cathay* (préface de C. Ruelens). Bruxelles 1882.

Oliveira Martins, *Portugal nos Mares* (*VII — Godinho de Heredia*). Lisboa 1889.

Sousa Viterbo, *Trabalhos Nauticos dos Portuguezes nos Seculos XVI e XVII*. Lisboa 1898.

SELECT BIBLIOGRAPHY

J. V. Mills, *Eredia's Description of Malacca, Meridional India and Cathay*, in *Journal of the Malayan Branch of the Royal Asiatic Society*, Vol. VIII, Part I, pp. 1-288. Singapore September 1930.

Quirino da Fonseca, *A participação dos portugueses Godinho de Herédia e Pedro de Queirós no descobrimento da Austrália*, in *Memórias da Academia das Ciências de Lisboa — Classe de Letras*, Tomo II, pp. 399-417. Lisboa 1937.

Jorge Faro, *Manuel Godinho de Erédia, Cosmógrafo*, in *Panorama*, II Série, N.os 13-14. Lisboa 1955.

O. H. K. Spate, *Manuel Godinho de Erédia: Quest for Australia*, in *Meanjin*, Vol. XVI, N.o 2, pp. 109-22. Melbourne June 1957.

MANUEL GODINHO DE ERÉDIA, VÁRIAS OBRAS DE 1601 A c.1616

ESTAMPAS 411-413

CARTA DE 1601

ESTAMPA 411A

NO Algemeen Rijksarchief, Haia, com a cota «Supl. Catal. Naber n.º 245», há uma cópia, relativamente moderna, em papel branco fino, 277×395 mm (a parte desenhada), de uma carta de Erédia. Tem o título «Banda: representação da ilha integralmente emendada em muitos lugares. Ano 1601. Autor Manuel Godinho de Erédia». No catálogo vem referida como «Reprodução de uma carta portuguesa, tomada pelo Almirante Van Heemskerck em 1602 numa carraca portuguesa; o original encontra-se entre os documentos depositados na Câmara de Amesterdão (Kol. Arch. n.º 4464)».

É acompanhada de uma missiva, datada de *Guerce* (Grissé, Java) de 20 de Junho de 1602, de Nicolau de Montalegre a André Furtado de Mendonça. O desenho cartográfico e a missiva foram reproduzidos por P. A. Leupe (1), e C. R. Boxer e Frazão de Vasconcelos (2). E.-T. Hamy (3) e F. C. Wieder (4) referem-se também brevemente ao caso. A missiva de Nicolau de Montalegre, poucos dias depois de escrita, e a carta de Erédia foram tomadas pelos holandeses quando aprisionaram um navio de André Furtado de Mendonça (5), comandante da armada portuguesa que de Goa fora enviada para Malaca e Insulíndia em 1601 a fim de combater os holandeses e seus aliados. Nela informa Nicolau de Montalegre que enviava «um papel em que vão pintadas as ilhas de Banda, que como já tenho escrito a Vossa Mercê as tirei da traça de Jaos que as sabem muito bem, e formoseadas na pintura por Manoel Godinho», dizendo mais adiante: «alegarei muito de Vossa Mercê a ver este papel para que veja Vossa Mercê antes de entrar nelas o lugar e sítio para se fazer fortaleza». Trata-se, portanto, de uma carta de origem javanesa, e o facto de Erédia se basear nela para o seu desenho sugere que também terão origem semelhante algumas outras representações cartográficas suas hoje conhecidas, principalmente as do atlas-miscelânea de Lisboa.

DUAS CARTAS DE 1602

ESTAMPA 411B-C

Na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, com a cota «Cam 1-7», encontram-se duas cartas de Erédia em papel, manuscritas e aguareladas, assinadas e datadas de 1602, medindo cada uma 297 × 393 mm. Em 1937 Quirino da Fonseca (6) publicou as duas cartas, indicando terem sido descobertas por Artur da Mota Alves e relacionando-as com factos da vida de Erédia anteriormente conhecidos.

Uma das cartas tem a seguinte legenda: *Nova Tavoa Geographica da Tera do Sertam de Malaca feita polo Cosmographo e Mathematico Emanvel Godinho de Eredia. Anno 1602.* Embora do género de outras de tal região feitas pelo mesmo autor, apresenta algumas diferenças e tem pequenas legendas referentes a achados de minas várias «por ordem do descobridor Emanuel Godinho de Eredia» em 16 de Julho, 1 de Outubro e 20 de Outubro de 1602. Não só o desenho mas o próprio levantamento devem ter sido feitos por Erédia, que, através de vários escritos seus, se sabe ter andado a explorar a região por essa altura. No lado esquerdo tem a lista dos reis de Malaca até à conquista por Afonso de Albuquerque, em 1511. O estilo do traçado, o tipo da letra e os caminhos a ponteado unindo as povoações são característicos de Erédia.

A outra carta é intitulada *Nova Tavoa Hidrographica do mar de novas teras do svl feita polo Cosmographo e Math. Emanvel Godinho de Eredia. Anno de 1602.* Representa a Insulíndia, de Java a

(1) *Kaartje van de Banda-eilanden vervaardigd door Emanuel Godinho de Heredia in 1601,* in *Bijdragen tot de Taal-Land-en Volkenkunde van Nederlandsch-Indië,* 3.ª serie, Vol. XI, pp. 386-91. 's-Gravenhage 1876.

(2) *André Furtado de Mendonça,* pp. 44-5 e 123-5. Lisboa 1955.

(3) Hamy 1878, p. 519.

(4) *Monumenta Cartographica,* Vol. V, p. 179. The Hague 1933.

(5) Segundo carta de Paulo van Heemskerck de 13 de Julho de 1602, *apud* Boxer e Vasconcelos 1955, p. 125.

(6) *A participação dos portugueses Godinho de Heredia e Pedro Queiroz no descobrimento da Austrália,* in *Memórias da Academia das Ciências de Lisboa — Classe de Letras,* tomo II, pp. 399-417. Lisboa 1937.

MANUEL GODINHO DE ERÉDIA, VARIOUS WORKS FROM 1601 TO c.1616

PLATES 411-413

MAP OF 1601

PLATE 411A

IN the Algemeen Rijksarchief, The Hague, class-mark «Supl. Catal. Naber n.º 245», there is a relatively modern copy of a map by Erédia, on thin white paper, 277 × 395 mm (the drawing proper). It has the title *BANDA: Insulae Typus. de integro multis in locis emmendatus. Anno Dnj* 1601. *Auctore Emmanuelle god. di Eredia.* In the catalogue it is referred to as a «reproduction of a Portuguese map, found by Admiral Van Heemskerck in a Portuguese carrack; the original is among the deposited documents of the Amsterdam Chamber (Kol. Arch. n.º 4464)».

It is accompanied by a letter, dated from *Guerce* (Grisee, in Java) 20 June 1602, from Nicolau de Montalegre to André Furtado de Mendonça. The cartographic drawing and the letter have been reproduced by P. A. Leupe (1) and by C. R. Boxer and Frazão de Vasconcelos (2). E.-T. Hamy (3) and F. C. Wieder (4) also refer briefly to the subject. A few days after it had been written, Nicolau de Montalegre's letter and Erédia's map were taken by the Dutch when they captured one of the ships of André Furtado de Mendonça (5), commander of the Portuguese fleet sent from Goa to Malacca and the East Indies to fight the Dutch and their allies. In his letter Nicolau de Montalegre says that he sent «a paper on which are painted the Banda islands, which, as I have already written to you, I took from the drawings of the Javanese, who know them very well, and with the painting embellished by Manuel Godinho», and further on: «I beg you to see this paper, so that you may see, before entering them, the place and site for the construction of a fortress». It is thus a map of Javanese origin, and the fact that Erédia used it for his drawing suggests that some of his other cartographic representations known today, chiefly those in the atlas-miscellany in Lisbon, must have the same origin.

TWO MAPS OF 1602

PLATE 411B-C

In the Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, class-mark «Cam 1-7», there are two of Erédia's maps on paper, manuscript and in watercolour, signed and dated 1602, each measuring 297 × 393 mm. In 1937 Quirino da Fonseca (6) published the two maps, saying that they were discovered by Artur da Mota Alves and connecting them with already known facts in Erédia's life.

One of the maps has the following legend: «New Geographical Table of the District of Malacca made by the Cosmographer and Mathematician Emanvel Godinho de Eredia, in the Year 1602». Although of the same character as others of that region by Erédia, it presents some differences and has a few legends referring to the discovery of several mines «by order of the discoverer Emanuel Godinho de Eredia» on 16 July, 1 October and 20 October 1602. Not only the drawing, but the survey itself, must have been made by Erédia, who is known, from several of his writings, to have explored this country at that time. To the left of the map there is a list of the kings of Malacca until its conquest by Afonso de Albuquerque in 1511. The style of the drawing, the type of lettering and the roads joining the villages in dotted lines are characteristic of Erédia.

The other map is entitled «New Hydrographic Table of the sea of new lands in the south made by the Cosmographer and Mathematician Manuel Godinho de Erédia, in the Year 1602». It represents the East

(1) *Kaartje van de Banda-eilanden vervaardigd door Emanuel Godinho de Heredia in 1601,* in *Bijdragen tot de Taal-Land-en Volkenkunde van Nederlandsch Indië,* 3rd series, Vol. XI, pp. 386-91. 's-Gravenhage 1876.

(2) *André Furtado de Mendonça,* pp. 44-5 and 123-5. Lisboa 1955.

(3) Hamy 1878, p. 519.

(4) *Monumenta Cartographica,* Vol. V, p. 179. The Hague 1933.

(5) According to Paul van Heemskerck's letter, dated 13 July 1602, *apud* Boxer and Vasconcelos 1955, p. 125.

(6) *A participação dos portugueses Godinho de Heredia e Pedro Queiroz no descobrimento da Austrália,* in *Memórias da Academia das Ciências de Lisboa — Classe de Letras,* tome II, pp. 399-417. Lisboa 1937.

Timor, e tem a particularidade de registar três viagens para sul, onde há um arquipélago cuja ilha principal é Luca Antara: «viagem dos bales», de *Iava Maior* a *Luca bale;* «viagem dos Pescadores», de *Ende* a *Lvca Vea;* «viagem dos Sinas», entre *Timor, Iap* e *Ende*. Esta carta comprova assim que as ideias de Godinho de Erédia sobre a existência de terras a sul se não baseavam apenas nos geógrafos antigos, mas também em testemunhos ou lendas colhidas entre os nativos.

ATLAS DE 1610

ESTAMPA 411D-F

Esta obra encontra-se na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, onde tem a cota «CAM 3.5». Quirino da Fonseca (7) refere o atlas, dizendo ter sido descoberto por Artur da Mota Alves entre os manuscritos que D. João VI levou para o Brasil. Segundo Mota Alves, o atlas tinha a cota «I-13-2-6r» na secção de manuscritos, encontrando-se então na de gravuras e cartografia da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Diz que o códice pertenceu à livraria do Conde de Redondo, como se deduz de uma etiqueta com o n.º 780 no frontispício, e que passou à Biblioteca Real da Ajuda, vendo-se a marca desta à transparência na primeira e última folhas por baixo de papel mais forte que foi colado sobre elas.

O atlas é de papel, sendo os desenhos ligeiramente aguarelados. No frontispício tem o título *Plantas de Praças das Conquistas de Portugal Feytas por ordem de Ruy Lourenço de Tavora Vizo rey da India. Por Manoel Godinho de Eredia. Cosmographo em 610,* e por baixo o índice das plantas, as quais vêm em folhas com a seguinte numeração e títulos:

Fólio 1—Moçambique (218×325 mm); *Fólio 2—Mombaça* (218×325 mm); *Fólio 3* (Estampa 411 F) — *Mascate* (218 × 325 mm); *Fólio 4 — Ormvs* (218 × 325 mm); *Fólio 5 — Dio* (216 × 328 mm); *Fólio 6 — Damam* (218 × 325 mm); *Fólio 7 — Baçaym* (218 × 333 mm); *Fólio 8 — Chavl* (218 × 327 mm); *Fólio 9* (Estampa 411 D) — *Rvi Lº. de Tavora Vizorey mandou fazer esta discrição chorographica do destricto das terras de Goa por Emanuel godinho de Eredia cosmographo Anno 1610* (300 × 417 mm); *Fólio 10 — Onor* (218 × 327 mm); *Fólio 11 — Barcalor* (216 × 327 mm); *Fólio 12 — Mangalor* (218 × 328 mm); *Fólio 13 — Cananor* (216 × 327 mm); *Fólio 14 — Cranganor* (216 × 330 mm); *Fólio 15 — Cochim* (215 × 326 mm); *Fólio 16 — Covlam* (216 × 326 mm); *Fólio 17 — Manar* (216 × 326 mm); *Fólio 18 — Achem* (216 × 330 mm); *Fólio 19 — Malaca* (215 × 327 mm); *Fólio 20* (Estampa 411 E) — *Plataforma do Citio de Malaca* (288 × 365 mm). À excepção da folha 19, todas as outras foram reproduzidas por Luís Silveira (8).

Dez das plantas têm sondas, incluindo-se assim entre os primeiros planos hidrográficos portugueses em que elas aparecem. Este atlas de Erédia oferece o interesse de constituir a mais antiga colecção, hoje conhecida, de plantas de praças portuguesas do Oriente. Se as duas últimas provém de levantamentos do próprio Erédia, a maior parte das restantes é certamente baseada noutros desenhos anteriores, alguns deles ainda do século XVI possìvelmente.

Nuns apontamentos datados de Goa de 29 de Novembro de 1595 Diogo do Couto refere-se à «relação, regimentos, traças das fortificações da India que fez João Bautista Cairato, Arquitecto-mór que Vossa Magestade mandou a isso com o Vice-rei D. Duarte, que consigo leva, sem querer dar cópia, até não apresentar tudo a Vossa Magestade» (9). Numas instruções reais para o Vice-rei da Índia, datadas de 5 de Abril de 1598, diz-se «que he necessario que mande nas primeiras naos ou o mais brevemente que puder ser a traça de todas as fortalezas desse estado pera Sua Magestade as ver, e aver qua noticia do sitio e forma delas quando se offerecer tratar-se de algũa, como agora quando se tratou com Cosmo de Lafetá do forte que dizem a Sua Magestade que he necessario fazerse em Mallaqa pera defensão do porto» (10). É plausível portanto supor que as plantas de Erédia se baseiam em grande parte nos levantamentos a que se referem estes documentos de 1595 e 1598.

(7) Ob. cit. na nota 6, p. 409. Mota Alves trata do atlas numa nota dactilografada que precede a reprodução fotográfica existente na Biblioteca Nacional de Lisboa (Reservados MSS. 9913 e MSS. 10466).

(8) *Ensaio de iconografia das cidades portuguesas do Ultramar,* Vol. II (pp. 271 e 293) e Vol. III (pp. 312, 325, 330, 340, 348, 353, 368, 369, 399, 401, 405, 412, 414, 419, 424, 448 e 455). Lisboa s.d. [1956].

(9) António Lourenço Caminha, *Obras inéditas de Diogo de Couto,* p. 88. Lisboa 1808.

(10) *Archivo portuguez oriental,* fasc. 3.º, 2.ª parte, documento 337, pp. 884-5. Nova Goa 1861.

Indies from Java to Timor, and has the distinction of recording three voyages to the south, where we find an archipelago the principal island of which is *Luca Antara*: «voyage of the *bales*», from *Iava Maior* to *Luca bale*; «voyage of the fishermen» from *Ende* to *Lvca Vea*; «voyage of the Sinas», between *Timor, Iap* and *Ende*. This map therefore confirms that Godinho de Erédia's ideas about the existence of southern lands were not based only on early geographers, but also on information or legends gathered from the natives.

ATLAS OF 1610

PLATE 411D-F

This work is in the Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, where it has the class-mark «CAM 3.5». Quirino da Fonseca (7) refers to the atlas, stating that it was discovered by Artur da Mota Alves among the manuscripts taken to Brazil by D. João VI. According to Mota Alves, the atlas had the class-mark «I-13-2-6 r» in the section of manuscripts, and subsequently in that of engraving and cartography, in the Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, and had formerly been in the library of the Count de Redondo, as indicated by the label on the frontispiece with the number 780; thence it passed into the Royal Library, Ajuda, whose mark is seen as a transparency on the first and last leaves, under the thicker paper pasted over them.

The atlas is on paper, with the drawings lightly coloured in wash. The frontispiece bears the title «Plans of the Fortified Places of the Conquests of Portugal made by order of Ruy Lourenço de Távora Viceroy of India. By Manuel Godinho de Erédia. Cosmographer in 1610», and below is the index of the plans, which are foliated with the following numeration and titles:

Folio 1—Moçambique (218×325 mm); *Folio 2—Mombaça* (218×325 mm); *Folio 3* (Plate 411 F) — *Mascate* (218 × 325 mm); *Folio 4 — Ormvs* (218 × 325 mm); *Folio 5 — Dio* (216 × 328 mm); *Folio 6 — Damam* (218 × 325 mm); *Folio 7 — Baçaym* (218 × 333 mm); *Folio 8 — Chavl* (218 × 327 mm); *Folio 9* (Plate 411 D) — «Rui Lourenço de Távora Viceroy ordered this chorographical description of the districts of the lands of Goa to be made by Manuel Godinho de Eredia cosmographer in the year 1610» (300 × 417 mm); *Folio 10 — Onor* (218 × 327 mm); *Folio 11 — Barcalor* (216 × 327 mm); *Folio 12 — Mangalor* (218 × 328 mm); *Folio 13 — Cananor* (216 × 327 mm); *Folio 14 — Cranganor* (216 × 330 mm); *Folio 15 — Cochim* (215 × 326 mm); *Folio 16 — Covlam* (216 × 326 mm); *Folio 17 — Manar* (216 × 326 mm); *Folio 18 — Achem* (216 × 330 mm); *Folio 19 — Malaca* (215 × 327 mm); *Folio 20* (Plate 411 E) — «Platform of the Site of Malacca» (288 × 365 mm). All the plans, with the exception of folio 19, have been reproduced by Luís Silveira (8).

Ten of the plans have soundings, and are thus among the earliest Portuguese hydrographic plans in which they appear. The interest of this atlas by Erédia lies in the fact that it is the earliest known collection of plans of Portuguese fortified places in the East. If the last two plans derive from surveys made by Erédia himself, the majority of the others are certainly based on earlier drawings, some possibly even of the 16th century.

In some notes dated from Goa, 29 November 1595, Diogo do Couto refers to the «report, regiments, drawings of the fortifications of India made by João Bautista Cairato, Architect-major, which Your Majesty sent for that purpose with the Viceroy D. Duarte, which he carries with him, not wanting to give a copy before presenting everything to Your Majesty» (9). The royal instructions to the Viceroy of India, dated 5 April 1598, direct «that it is necessary that he send the drawing of all the fortresses of that State in the first ships or as quickly as possible so that Your Majesty can see them and have here information of their emplacement and form against the time when it may be necessary to deal with anyone, as now when there was question with Cosmo de Lafetá about the fort that they tell Your Majesty it is necessary to build at Malacca for the protection of the harbour» (10). It is therefore reasonable to assume that the greater number of Erédia's plans are based on the surveys referred to in these documents of 1595 and 1598.

(7) *Op. cit.* in note (6), p. 409. Mota Alves deals with the atlas in a typewritten note preceding a photographic reproduction belonging to the Biblioteca Nacional, Lisbon (Reservados MSS. 9913 and MSS. 10466).

(8) *Ensaio de iconografia das cidades portuguesas do Ultramar,* Vol. II (pp. 271 and 293) and Vol. III (pp. 312, 325, 330, 340, 348, 353, 368, 369, 399, 401, 405, 412, 414, 419, 424, 448 and 455). Lisboa, undated [1956].

(9) António Lourenço Caminha, *Obras inéditas de Diogo de Couto,* p. 88. Lisboa 1808.

(10) *Archivo portuguez oriental,* fasc. 3, part II, document 337, pp. 884-5. Nova Goa 1861.

DECLARAÇAM DE MALACA, 1613

ESTAMPA 412

Na Biblioteca Real, Bruxelas, com a cota «7264» (n.º 7447 do Catálogo de 1927, Vol. XI, p. 313), existe um manuscrito autógrafo de Manuel Godinho de Erédia, composto de folhas de papel medindo 186 × 278 mm, em cujo frontispício vem a data 1613 e o título *Declaracam de Malaca e India Meridional com o Cathay em III Tract. ordenada por Emanuel Godinho de Eredia dirigido a S.C.R.M. de D. Phel. Rey de Espã. N.S.* (Figura 6).

Na lombada, o manuscrito traz a menção «F. Xaverii, M.S. 1613». Talvez por conter um retrato e uma notícia sobre S. Francisco Xavier, viesse a pertencer aos Bolândistas encarregados da redacção dos «Acta Sanctorum». Em 1732, foi entregue à Companhia de Jesus pelo cónego De Haze, como consta da seguinte inscrição na primeira folha de guarda: «À Companhia de Jesus de Bruxelas J. H. de Haze, cónego de Santa Gúdula, oferece em homenagem a Francisco Xavier, Apóstolo das Indias, varão Santíssimo, cuja imagem se vê na folha 47-1732». Em 1773, quando da supressão da ordem dos Jesuitas na Bélgica, o manuscrito passou à posse do Estado (11).

O primeiro estudo sobre a obra é de C. Ruelens, e foi publicado em 1872 (12). Vários autores se ocuparam a seguir dela, sobretudo em relação com o problema da descoberta da Austrália, sendo um deles Hamy (13). Em 1881 Léon Janssen publicou na íntegra o texto do manuscrito com fac-símiles de todas as cartas e desenhos (14), e um pequeno folheto com uma notícia sobre ele (15); em 1882 fez sair a tradução francesa, precedida de um prefácio de C. Ruelens (16).

A obra abre com uma dedicatória ao Rei, datada de Goa de 24 de Novembro de 1613. Está dividida em três partes: *Tractado primeyro de Malaca e seu destricto* (fls. 3 a 48), *Tractado segundo da India Meridional* (fls. 49 a 62, ocupando-se especialmente de ideias e projectos de descobrimentos) e *Tractado Treceyro do Catay Atay* (fls. 63 a 82).

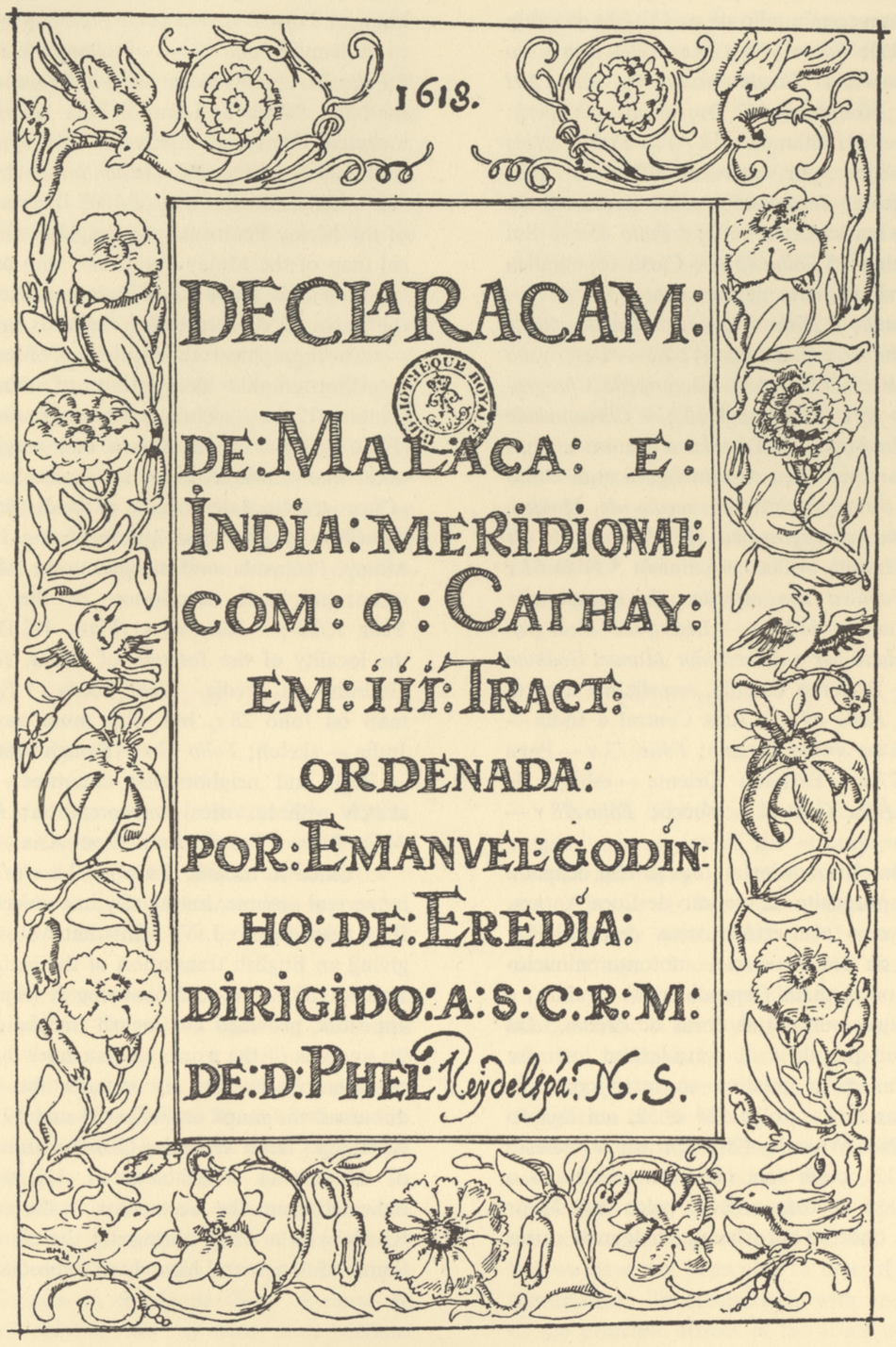


FIG. 7 — FRONTISPÍCIO DA *DECLARAÇAM DE MALACA*, 1613
FRONTISPIECE OF *DECLARAÇAM DE MALACA*, 1613

Além de desenhos vários, o códice, de papel, contém numerosas cartas ou esboços cartográficos, não coloridos, de valor muito desigual, e alguns deles especialmente com carácter de interpretação histórica. Eis a sua lista, mencionando-se com um * os que oferecem mais interesse: * *Fólio 7 r* (Estampa 412 H) — *Planta da Fortaleza de Malaca*; * *Fólio 8 r* (Estampa 412 G) — *Planta da Fortificacam da Cidade de Malaca*; *Fólio 8 v*

(11) Léon Janssen, *Notice sur le manuscrit de Manuel Godinho de Eredia appartenant à la Bibliothèque Royale de Bruxelles.* Bruxelles Juillet 1881.
(12) Ruelens 1872, com reprodução da carta de Luca Antara (fl. 52).
(13) Hamy 1878, com reprodução da mesma carta.
(14) Janssen 1881.
(15) Ver nota (11).
(16) Janssen 1882.

DECLARAÇAM DE MALACA, 1613

PLATE 412

In the Bibliothèque Royale, Brussels, class-mark «7264» (n.º 7447 in the 1927 Catalogue, Vol. XI, p. 313), there is a holograph manuscript by Manuel Godinho de Erédia, the leaves of which measure 186 × 278 mm, and the frontispiece of which bears the date 1613 and the title «Description of Malacca and Meridional India and Cathay in three treatises composed by Manuel Godinho de Erédia addressed to His Catholic Royal Majesty Dom Philip King of Spain Our Sovereign» (Figure 6).

On the spine of the manuscript is «F. Xaverii, M.S. 1613». Perhaps because it contains a portrait of, and a note about, St. Francis Xavier, it came into the possession of the Bollandists engaged in writing the «Acta Sanctorum». In 1732 it was given to the Society of Jesus by Canon de Haze, as stated in the following inscription on the front page: *Societati Jesu Bruxellensi, J. H. de Haze, canonicus divae Guduliae donat Francisci Xavieri, Indiarum Apostoli gratias, cujus sanctissimi viri imago cernitur folio 47.º — 1732.* In 1773, on the suppression of the Jesuit Order in Belgium, the manuscript passed into the possession of the State (11).

The first study of the work, by C. Ruelens, was published in 1872 (12). After this several authors, among them Hamy, discussed it, particularly in connection with the problem of the discovery of Australia (13). In 1881 Léon Janssen published the complete text of the manuscript with facsimiles of all the maps and drawings (14) and a small pamphlet about it (15); in 1882 he issued the French translation, preceded by a preface by C. Ruelens (16).

The work opens with a dedication to the King, dated from Goa, 24 November 1613. It is divided into three parts: «Part I, concerning Malaca and its district» (fls. 3-48); «Part II, concerning Meridional India» (fls. 49-62, dealing especially with the ideas and projects of discovery); and «Part III, concerning Catay Atay» (fls. 63-82).

Besides several drawings, the codex, on paper, contains numerous maps or cartographic sketches, uncoloured, very unequal in merit, particularly some of those which attempt historical interpretation. In the following list, those of more interest are marked *: * *Folio 7 r* (Plate 412 H) — «Plan of the Fortress of Malacca»; * *Folio 8 r* (Plate 412 G) — «Plan of the Fortifications at the town of Malacca»; *Folio 8 v* — «Ancient Malacca»; * *Folio 9 r*

(11) Léon Janssen, *Notice sur le manuscrit de Manuel Godinho de Eredia appartenant à la Bibliothèque Royale de Bruxelles.* Bruxelles Juillet 1881.
(12) Ruelens 1872, with a reproduction of the chart of Luca Antara (fl. 52).
(13) Hamy 1878, with a reproduction of the same chart.
(14) Janssen 1881.
(15) See note (11).
(16) Janssen 1882.

— *Malaca Antiga*; * *Fólio 9 r* (Estampa 412 F) — *Planta da Cidade e Povoacoens de Malaca*; *Fólio 9 v* — Esboço simplificado da planta anterior, abrangendo maior área; * *Fólio 11 v* — Carta topográfica do distrito de Malaca; * *Fólio 12* (Estampa 412 E) — O mesmo que o anterior, com mais pormenores, em folha dupla; *Fólio 14 r* — *Taboa Antiga* de Samatra; *Fólio 14 v* — Esboço do sul da Península da Malásia e parte fronteira de Samatra; *Fólio 24 r* — *Taboa Antiga do Chersoneso*. É quase repetição da folha 14 r; * *Fólio 24 v* (Estampa 412 J) — *Taboa de Samatra Moderna*; *Fólio 25 r* — *Ptholemeo XI Tabula de Asia*; *Fólio 25 v* — Península da Malásia e parte de Samatra; *Fólio 27 v* — Esboço da África Oriental à Índia; * *Fólio 28 r* (Estampa 412 B) — Esboço do Extremo Oriente — tem a particularidade de apresentar a ilha de Ieso no Japão e figurar a Nova Guiné como ilha, no que Ruelens viu um testemunho de que Erédia já sabia dos resultados da viagem de Torres (17); *Fólios 28 v - 29 r* — *Ptholemeo, do Indostan de Asia*; *Fólio 29 v* — *Ptholemeo Tavula vltima de Asia XII* (*Taprobana*); * *Fólio 30 r* — *Taboa Moderna de Tropobana* (*Ceylam*); *Fólio 31 r* — Delta do Nilo; * *Fólio 34* (Estampa 412 A) — *Typus Orbis Terrarvm*, em folha dupla; esboço que tem interesse sobretudo pela figuração do continente austral; de notar *Lucaantara* como península da *India Meridional*, enquanto só há ilhas na carta de 1602; * *Fólio 45 r* — Sul da Península da Malásia e ilhas vizinhas; * *Fólio 45 v* — Carta topográfica da Península da Malásia, com o litoral de parte de Samatra; *Fólio 46 r* — *Ptholemeo Tabvla de Asia XI Reformada*; * *Fólio 46 v* — *Fabrica da cidade de Malaca intramuros anno 1604*; * *Fólio 47 v* (Estampa 412 K) — *Descripsão Chrographica do Macasar; Christandade*; * *Fólio 48 r* — *Descripção Chrographica do Maluco*; *Christandade*; * *Fólio 48 v* (Estampa 412 L) — *Christandade* (Ende, Solor e Timor); * *Fólio 52* (Estampa 412 I) — *Lvca Antara* e ilhas próximas, em folha dupla — é de notar que Luca Antara figura aqui como península; * *Fólio 60 r* — *Discripsão chrorographica do sertão de Malaca. Anno 1602*; * *Fólio 60 v* — *Discripsão chorographica do Promontorio de Viontana* (parte sul da Península da Malásia e ilhas próximas); * *Fólio 61 r* (Estampa 412 C) — *Discripsão chrographica dos estreitos de sincapura e sabban. Anno 1604*; * *Fólio 61 v* (Estampa 412 D) — *Discripsão chorographica do citio da fortaleza de Muar fundada por o descobridor Manuel Godinho de Eredia. Anno 1604*; * *Fólio 69 r* — Extremo Oriente, semelhante à carta da folha 28 r, mas com mais nomes; *Fólio 69 v* — Ásia Central e Índia — esboço; *Fólio 73 r* — Esboço grosseiro do Velho Mundo; *Fólio 73 v* — Pegu e regiões vizinhas — esboço; *Fólio 77 v* — Extremo Oriente — esboço de interpretação histórica; *Fólio 78 r* — Ásia Central — esboço; *Fólio 78 v* — Ásia Central e Ocidental — esboço.

Passado o período de revelação da obra, vários autores se têm ocupado modernamente dela, mas em especial a propósito da questão de Luca Antara. É porém a J. V. Mills que se deve o seu estudo mais desenvolvido. Juntamente com a tradução inglesa de todo o texto, anotou-o minuciosamente, estudou as cartas que o acompanham (reproduzindo algumas) e apresentou em apêndice a tradução inglesa de outras obras de Erédia. Da análise a que submeteu a obra conclui que ela é de considerável interesse no que se refere à Malásia, tanto na parte relativa ao texto como às cartas (18). Wieder (19) tratou das cartas das folhas 34 e 52, em ligação com o descobrimento da Austrália. Paul Wheatley (20) mostrou o interesse da carta do distrito de Malaca (fl. 12), onde vem claramente indicado o caminho fluvial da costa ocidental para a costa oriental pelos rios Muar e Pam com pequena portagem na zona onde se aproximam. Algumas cartas têm sido reproduzidas várias vezes (21).

TRATADO OPHIRICO, 1616

ESTAMPA 413 A e B

Esta obra de Erédia, pertencente à Biblioteca Nacional de Paris, onde tem a cota «MS. Portugais n.º 44» (22), foi pela primeira vez referida e descrita, em 1878, por Hamy (23). Não se sabe como foi ter a França, mas no século XVII pertencia à livraria de Andrés de Briçuela, advogado de Madrid (24).

(17) In Janssen 1882, p. XII.

(18) Mills 1930. Reproduz as cartas a fls. 12, 25 v, 45 r, 46 v, e 52.

(19) *Monumenta Cartographica*, Vol. V, pp. 178-9. The Hague 1933.

(20) *A curious feature on early maps of Malaya*, in *Imago Mundi*, Vol. XI, pp. 67-72. Stockholm 1954.

(21) C. R. Boxer e Frazão de Vasconcelos, *André Furtado de Mendonça*, p. 36, Lisboa 1955 (fl. 46 v); Luís Silveira, *Ensaio de iconografia das cidades portuguesas do Ultramar*, Vol. III, pp. 451-2, 458 (fls. 9 r, 9 v, 46 v, 8 r, 7 r, 61 v). Lisboa, s.d. [1956]; etc.

(22) Teve anteriormente a cota «Suppl. Français n.º 4367», e é o n.º 54 do *Catalogue des manuscrits espagnols et des manuscrits portugais* de A. Morel-Fatio, Paris 1892.

(23) Hamy 1878.

(24) Antonio de León Pinelo, *Epítome de la Biblioteca Oriental y Occidental Náutica y Geográfica*, tomo III, p. 1324, Madrid 1738; D. Nicolao Antonio, *Biblioteca Hispana Nova*, Vol. I, p. 349, Madrid 1783.

(Plate 412 F) — «Plan of the Town and Settlement of Malacca»; *Folio 9 v* — Simplified sketch of the previous plan, embracing a larger area; * *Folio 11 v* — Topographical map of the district of Malacca; * *Folio 12* (Plate 412 E) — The same as the previous item, with more details, on two pages; *Folio 14 r* — «Ancient Map» of Sumatra; *Folio 14 v* — Sketch of the southern Malay Peninsula and the part of Sumatra facing it; *Folio 24 r* — «Ancient Map of the Chersonese». Almost a repetition of folio 14 r; * *Folio 24 v* (Plate 412 J) — «Map of Modern Sumatra»; *Folio 25 r* — «Ptolemy. Table XI of Asia»; *Folio 25 v* — Malay Peninsula and part of Sumatra; *Folio 27 v* — Sketch, from East Africa to India; * *Folio 28 r* (Plate 412 B) — Sketch of the Far East — it is remarkable in showing Yezo Island in Japan and depicting New Guinea as an island, which Ruelens considered as evidence that Erédia already knew of Torres' voyage (17); *Folios 28 v - 29 r* — «Hindustan in Asia according to Ptolemy»; *Folio 29 v* — «Ptolemy's last Table, no. XII of Asia (*Taprobana*)»; * *Folio 30 r* — «Modern Map of *Tropobana* (Ceylon)»; *Folio 31 r* — Delta of the Nile; * *Folio 34* (Plate 412 A) — *Typus Orbis Terrarvm*, on two pages — a sketch, interesting chiefly for the representation of the southern continent; it should be noted that *Lucaantara* is shown as a peninsula of *India Meridional*, whereas in the map of 1602 there are only islands; * *Folio 45 r* — South of the Malay Peninsula and neighbouring islands; * *Folio 45 v* — Topographical map of the Malay Peninsula, with part of the coast of Sumatra; *Folio 46 r* — «Ptolemy's Table XI of Asia corrected»; * *Folio 46 v* — «Construction of the Town of Malacca within the walls, year 1604»; * *Folio 47 v* — (Plate 412 K) — «Chorographical description of Macassar. Christendom»; * *Folio 48 r* — «Chorographic description of *Maluco*. Christendom»; * *Folio 48 v* (Plate 412 L) — «Christendom» (Ende, Solor and Timor); * *Folio 52* (Plate 412 I) — *Lvca Antara* and neighbouring islands, in double folio — note that Luca Antara is depicted here as a peninsula; * *Folio 60 r* — «Chorographical description of the district of Malacca. Year 1602»; * *Folio 60 v* — «Chorographic description of the Promontory of Viontana» (southern Malay Peninsula and neighbouring islands); * *Folio 61 r* (Plate 412 C) — «Chorographical description of the Straits of *Sincapura* and *Sabban*. Year 1604»; * *Folio 61 v* (Plate 412 D) — «Chorographical description of the locality of the fortress of Muar, founded by the *Descobridor* Manuel Godinho de Erédia. Year 1604»; * *Folio 69 r* — Far East, similar to the map on folio 28 r, but with more names; *Folio 69 v* — Central Asia and India — sketch; *Folio 73 r* — Rough sketch of the Ancient World; *Folio 73 v* — Pegu and neighbouring countries — sketch; *Folio 77 v* — Far East — sketch with historical interpretation; *Folio 78 r* — Central Asia — sketch; *Folio 78 v* — Central and West Asia — sketch.

Since it became known, the work has been discussed more recently by several authors, but chiefly in connection with the question of *Luca Antara*. It is, however, to J. V. Mills that we owe its most complete study. Besides giving an English translation of the entire text, he has annotated it minutely, studied the maps accompanying it (reproducing some of them) and, in an appendix, provided an English translation of other works by Erédia. From his analysis of the work, he concludes that both the text and the charts are of considerable interest as regards the Malay Peninsula (18). Wieder (19) discussed the maps on folios 34 and 52 in connection with the discovery of Australia. Paul Wheatley (20) has drawn attention to the interest of the map of the district of Malacca (fl. 12), where a river connection is clearly indicated from the west coast to the east coast, by the Muar and Pahang Rivers with a small portage at the place where they approach one another. Some of the maps have been reproduced several times (21).

TRATADO OPHIRICO, 1616

PLATES 413 A and B

This work by Erédia, in the Bibliothèque Nationale, Paris, class-mark «MS. Portugais n.º 44» (22), was first referred to and described by Hamy in 1878 (23). How it came to France is not known, but in the 17th century it was in the library of Andrés de Briçuela, a lawyer in Madrid (24).

(17) In Janssen 1882, p. XII.

(18) Mills 1930. Reproduces the charts on folios 12, 25 v, 45 r, 46 v, and 52.

(19) *Monumenta Cartographica*, Vol. V, pp. 178-9. The Hague 1933.

(20) *A curious feature on early maps of Malaya*, in *Imago Mundi*, Vol. XI, pp. 67-72. Stockholm 1954.

(21) C. R. Boxer and Frazão de Vasconcelos, *André Furtado de Mendonça*, p. 36, Lisboa 1955 (fl. 46 v); Luís Silveira, *Ensaio de iconografia das cidades portuguesas do Ultramar*, Vol. III, pp. 451-2, 458 (fls. 9 r, 9 v, 46 v, 8 r, 7 r, 61 v). Lisboa, undated [1956]; etc.

(22) Formerly it had the classmark «Suppl. Français n.º 4367», and it is n.º 54 in the *Catalogue des manuscrits espagnols et des manuscrits portugais* of A. Morel-Fatio, Paris 1892.

(23) Hamy 1878.

(24) Antonio de León Pinelo, *Epítome de la Biblioteca Oriental y Occidental Náutica y Geográfica*, tome III, p. 1324, Madrid 1738; D. Nicolao Antonio, *Biblioteca Hispana Nova*, Vol. I, p. 349, Madrid 1783.

Tem o título *Tratado ophirico ordenado por Manuel Godinho de Eredia Mathe.º dirigido a Dom Philipe Rey de Espana nosso Senhor ano 1616*. A dedicatória que vem seguidamente é datada de 1 de Dezembro de 1616. O plano do autor, segundo ele diz, era apresentar a obra em cinco partes, mas a quarta (Da causa da agulha fixa ou móvel) e a quinta (Da enchente e vazante do mar) não se encontram no manuscrito tal como está actualmente. As três primeiras são intituladas *Do destricto de Tharsis e Ophir do Antigo Mundo* (fls. 4-22), *Da Navegacam de Salomon* (fls. 23-37) e *Da regiam Arsareth Tartarica* (fls. 38-53). A terminar o manuscrito há dois outros textos, a *Informacam da India Meridional descoberta por M. G. de Heredia anno 1610* (fls. 54-61) e o *Sumario da vida de M. G. de Heredia* (fls. 62-65) (25), os quais oferecem mais interesse que as três partes anteriores, as quais são preenchidas sobretudo com as divagações histórico-geográficas tão do gosto de Erédia.

A obra contem 11 desenhos cartográficos, manuscritos, em papel: *Fólio 9 — Tabvla Tharsis Ophir*; *Fólio 11 — Taboa do Sertam de Sion*; *Fólio 13 — Taboa do Mogor*; *Fólio 15* (Estampa 413 B) — *Gosarate*; *Fólio 33 — Tabvla Navigationis Salomonis*; *Fólio 35 — Taboa de Indias*; *Fólio 37 — Chersoneso Avreo*; *Fólio 49 — Tabvla de Arsareth*; *Fólio 51 — Taboa da Persia*; *Fólio 53 — Taboa da China com Cathai*; *Fólio 58* (Estampa 413 A) — *India Meridional*.

Estes desenhos, na maior parte de mera interpretação histórica, têm interesse muito reduzido, pelo que apenas reproduzimos o da *India Meridional* (201 × 284 mm), relacionado com a «descoberta» de 1610, e o de *Gosarate* (227 × 325 mm), que deve conter resultados das explorações de Erédia nessa região no tempo do Vice-rei Rui Lourenço de Távora, e apresenta analogias com a carta equivalente do atlas-miscelânea de c.1615-c.1622. O *Tratado ophirico,* última obra datada de Erédia que hoje se conhece, faz parte, muito provàvelmente, da série de memórias que o cartógrafo luso-malaio dirigiu ao rei no malogrado intento de conseguir obter meios para realizar a projectada e tão desejada viagem de descoberta da Índia Meridional.

It has the title «Treatise on Ophir composed by Manuel Godinho de Erédia, Mathematician, addressed to Dom Philip King of Spain Our Lord in the year 1616». The dedication that follows is dated 1 December 1616. The author's plan was to present the work in five parts, but the fourth (Concerning the cause of the fixed or movable compass) and the fifth (Concerning the flow and ebb of the sea) are not in the manuscript. The first three parts are entitled «Concerning the districts of Tharsis and Ophir in the Ancient World» (fls. 4-22), «Concerning the voyages of Solomon» (fls. 23-37) and «Concerning the region of Arsareth, Tartaria» (fls. 38-53). There are two other texts at the end of the manuscript, the «Report on Meridional India discovered by M. G. de Erédia in the year 1610» (fls. 54-61) and the «Summary of the life of M. G. de Erédia» (fls. 62-65) (25). These have more interest than the first three parts, which are chiefly devoted to the historical-geographical digressions which Erédia enjoyed so much.

The work contains 11 manuscript cartographic drawings, on paper: *Folio 9* — «Table of Tharsis Ophir»; *Folio 11* — «Table of the District of Sion»; *Folio 13* — «Table of Mogor»; *Folio 15* (Plate 413 B) — «Gujarat»; *Folio 33* — «Table of the Voyages of Solomon»; *Folio 35* — «Table of Indias»; *Folio 37* — «Golden Chersonese»; *Folio 49* — «Table of Arsareth»; *Folio 51* — «Table of Persia»; *Folio 53* — «Table of China with Cathay»; *Folio 58* (Plate 413 A) — «Meridional India».

The greater number of these drawings are merely historical interpretations, of very limited interest, and we reproduce only «Meridional India» (201 × 284 mm), connected with the «discovery» of 1610, and «Gujarat» (227 × 325 mm), which must have resulted from Erédia's explorations in that region during the viceroyship of Rui Lourenço de Távora, and is similar to the corresponding map of the atlas-miscellany of c.1615-c.1622. The «Treatise on Ophir», the latest of Erédia's dated works known to-day, belongs very probably to the series of memorials addressed to the King by the Luso-Malayan cartographer in the frustrated hope of obtaining means for the execution of his projected and much desired voyage to discover Meridional India.

ANÓNIMO, CARTA DA ILHA DE GOA, c.1616

ESTAMPA 413 C

Na Biblioteca Nacional de Madrid, com a cota «MSS. 18217», encontra-se o manuscrito original dos *Comentarios de Don Garcia de Silua que contienen su viage a la India y de ella a Persia.* Entre o primeiro e o segundo livros destes *Comentarios* existe uma carta manuscrita, em papel, colorida, 512 × 745 mm, representando a ilha de Goa e imediações, sem autor nem data.

É fácil verificar que se trata de uma obra de Manuel Godinho de Erédia, tão característico é o seu estilo. Os vários tipos de letra são semelhantes aos de outros originais deste cartógrafo, e igual analogia se verifica na forma do traçado (desenho sinuoso dos rios, caminhos a ponteado, figuração dos montes, etc.). Entre as obras conhecidas de Erédia esta constitui o desenho cartográfico de maiores dimensões, e é um dos mais perfeitos e cuidados. Embora apresente semelhanças com as cartas do distrito de Goa do atlas de 1610 (fl. 9) e da ilha de Goa do atlas-miscelânia de c. 1615 - c. 1622 (fl. 29 v), mostra certas diferenças que não pudemos averiguar se têm significado cronológico. Em relação a estas duas cartas traz a mais o traçado das principais ruas da cidade de Goa. A carta de Madrid e a do atlas-miscelânia de Lisboa são as duas mais antigas cartas especiais, portuguesas, da ilha de Goa, hoje conhecidas, e certamente devem resultar, em parte pelo menos, de levantamentos que terão sido efectuados no local pelo próprio Erédia, o qual, na autobiografia, no final do *Tratado ophirico,* informa ter andado a efectuar várias pesquizas mineiras na região de Goa por incumbência do então Vice-rei D. Jerónimo de Azevedo (1612-1617).

O primeiro livro dos *Comentarios de Don Garcia de Silua* tem no fim a data de Fevereiro de 1615, e o segundo (constituído por uma descrição da ilha e cidade de Goa) é datado de Janeiro de 1617. D. Garcia de Silva y Figueiroa, embaixador que Filipe III enviou ao Xá da Pérsia, partiu de Portugal na armada de D. Manuel Coutinho em Abril de 1614, ficando em Goa a aguardar ocasião propícia para passar à Pérsia, o que só se efectuou em Março de 1617. Esteve portanto em Goa de fins de 1614 a princípios de 1617, numa altura em que Erédia aí se encontrava, e é provável que o embaixador tenha estabelecido relações com o cartógrafo e dele tenha recebido directamente a carta de Goa que vem nos seus *Comentarios* e ilustra a descrição

ANONYMOUS, CHART OF GOA ISLAND, c.1616

PLATE 413 C

In the Biblioteca Nacional, Madrid, class-mark «MSS. 18217», is the original manuscript of the «Commentaries of Don Garcia de Silva which contain his voyage to India and from it to Persia». Between the first and second books of these «Commentaries» there is a manuscript map on paper, coloured in wash, 512 × 745 mm, representing Goa Island and its surroundings. It is undated and unsigned.

It is easily recognisable as a work by Manuel Godinho de Erédia, so characteristic is his style. The various types of lettering are similar to those of other originals by this cartographer, and the same affinity is seen in the drawing (the sinuous tracing of the rivers, the dotted lines for the roads, the delineation of the hills, etc.). This cartographic drawing is the largest of the known works by Erédia, and is also one of the most finished and most carefully drawn. Although there are similarities between it and those of the district of Goa in the atlas of 1610 (fl. 9) and the island of Goa in the atlas-miscellany of c.1615-c.1622 (fl. 29 v), there are certain differences, but we have not been able to determine whether they have any chronological significance. In comparison with these two charts, it shows the drawing of the principal streets of the town of Goa. The map in Madrid and that in the atlas-miscellany of Lisbon are the two earliest special Portuguese maps of the Island of Goa known to-day, and most likely will be, at least in part, the result of surveys which must have been made on the spot by Erédia himself, who in the autobiography at the end of the *Tratado ophirico* states that he had been prospecting for mines in the neighbourhood of Goa by order of the then Viceroy D. Jerónimo Azevedo (1612-1617).

At the end of the first book of the «Commentaries of Don Garcia de Silva» is the date February 1615, and the second (containing a description of the island and town of Goa) is dated January 1617. D. Garcia de Silva y Figueiroa, the ambassador sent to the Shah of Persia by Philip III, left Portugal in April 1614 in D. Manuel Coutinho's fleet. He stayed at Goa awaiting a favourable opportunity to go to Persia, which did not occur until March 1617. He was thus at Goa from the end of 1614 until the beginning of 1617, at a time when Erédia was also there, and it is probable that the ambassador got to know the cartographer and received from him directly the map of Goa which is in his «Commentaries» and illustrates his description

(25) Estes dois textos foram publicados, traduzidos para inglês, por Mills 1930, pp. 259-68.

(25) These two texts were translated into English and published by Mills 1930, pp. 259-68.

que fez da ilha e da cidade. Datamos por isso tal carta de c. 1616. Julgamos que esta carta tem permanecido desconhecida até agora, pois não lhe conhecemos qualquer referência, nem sequer na edição dos *Comentarios*, feita no começo deste século em Madrid (26).

BIBLIOGRAFIA PRINCIPAL

C. RUELENS, *La Découverte de l'Australie, notice sur un manuscrit de la Bibliothèque Royale de Bruxelles*, in *Comptes rendus du Congrès des Sciences Géographiques tenu à Anvers du 13 au 22 Août*, t. II, p. 513 seqq. Anvers 1872.

E.-T. HAMY, *Le descobridor Godinho de Eredia*, in *Bulletin de la Société de Géographie*, 7.e série, t. XV, pp. 510-41. Paris 1878.

(26) *Comentarios de D. Garcia de Silva y Figueiroa de la Embajada que de parte del Rey de España D. Felipe III hizo al rey Xá Abbás de Persia*, edição em dois volumes feita pela Sociedad de Bibliófilos Españoles, Madrid 1903-5.

of the island and town. We therefore date this map c. 1616. We believe that this map is hitherto unknown, since we have seen no reference to it, even in the edition of the «Commentaries» published in Madrid at the beginning of this century (26).

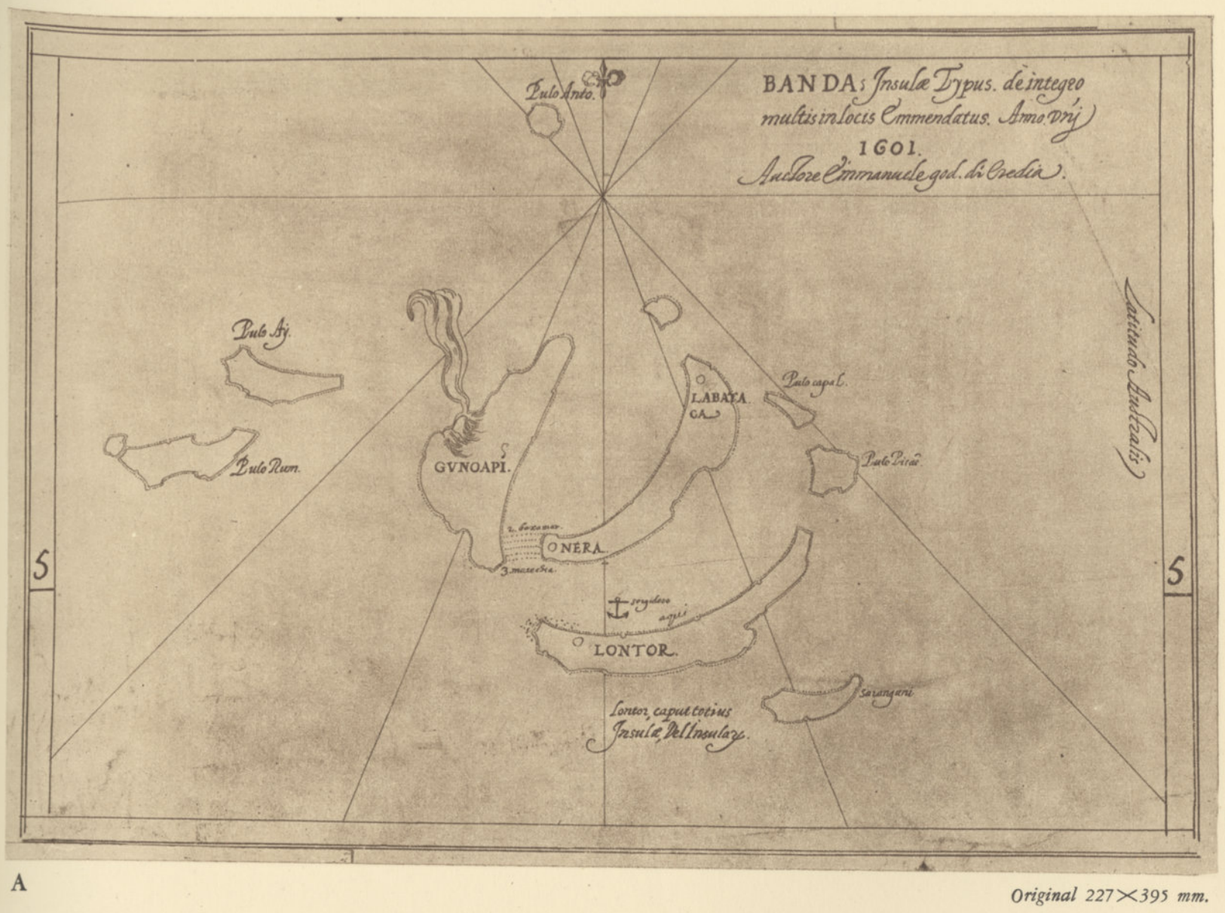
SELECT BIBLIOGRAPHY

LÉON JANSSEN, *Godinho de Eredia-Malaca, l'Inde Méridionale et le Cathay. Fac-simile du manuscrit original autographe de la Bibliothèque Royale de Belgique*. Bruxelles 1881.

—— *Malaca, L'Inde Méridionale et le Cathay*. Bruxelles 1882.

J. V. MILLS, *Eredia's Description of Malaca, Meridional India and Cathay*, in *Journal of the Malayan Branch of the Royal Asiatic Society*, Vol. VIII, Part I, pp. 1-288. Singapore September 1930.

(26) *Comentarios de D. Garcia de Silva y Figueiroa de la Embajada que de parte del Rey de España D. Felipe III hizo al rey Xá Abbás de Persia*, an edition in two volumes issued by the Sociedad de Bibliófilos Españoles, Madrid 1903-5.



A

Original 227×395 mm.

B

Original 297×393 mm.

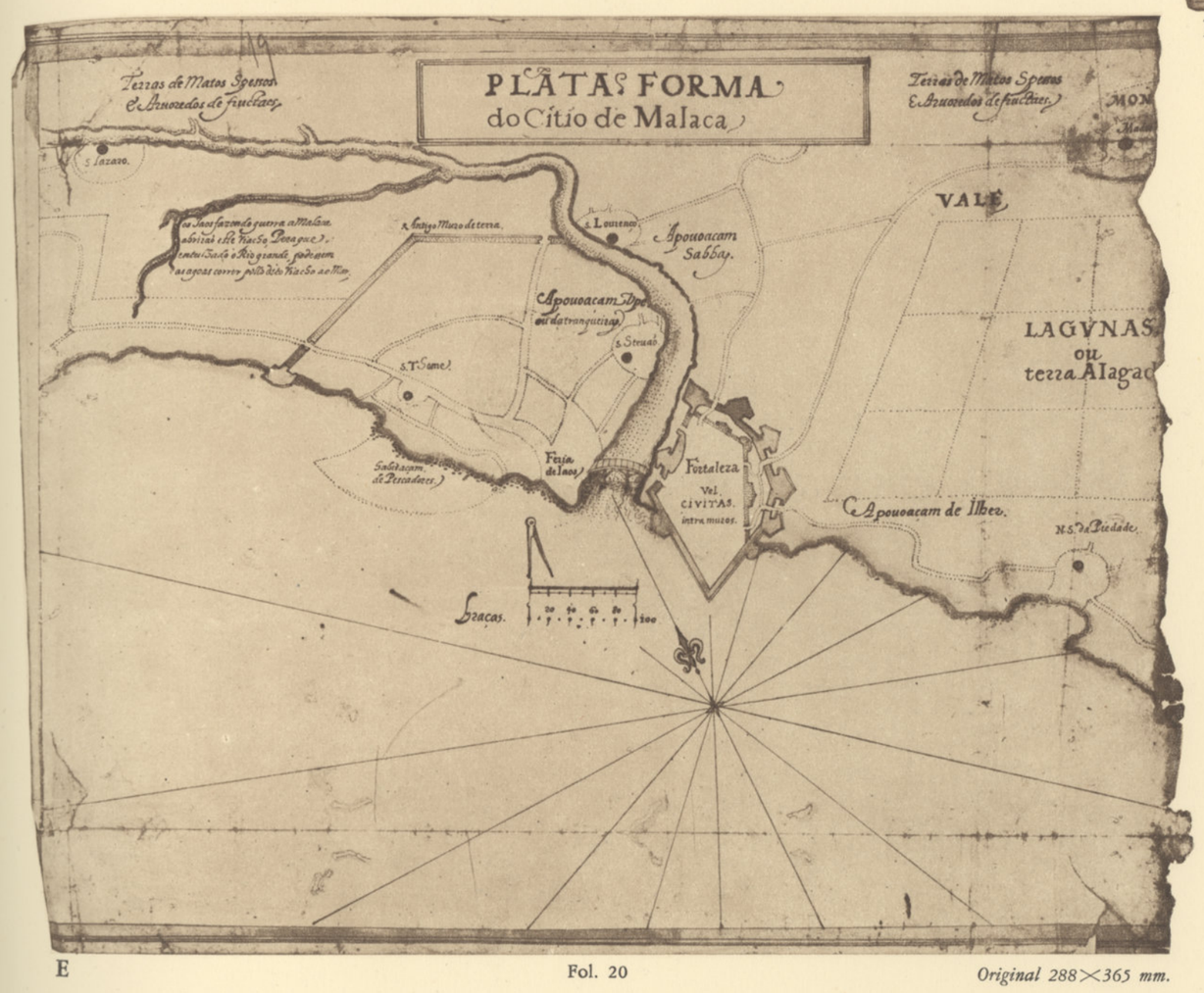
C

Original 297×393 mm.

D

Fol. 9

Original 300×417 mm.



E

Fol. 20

Original 288×365 mm.

F

Fol. 3

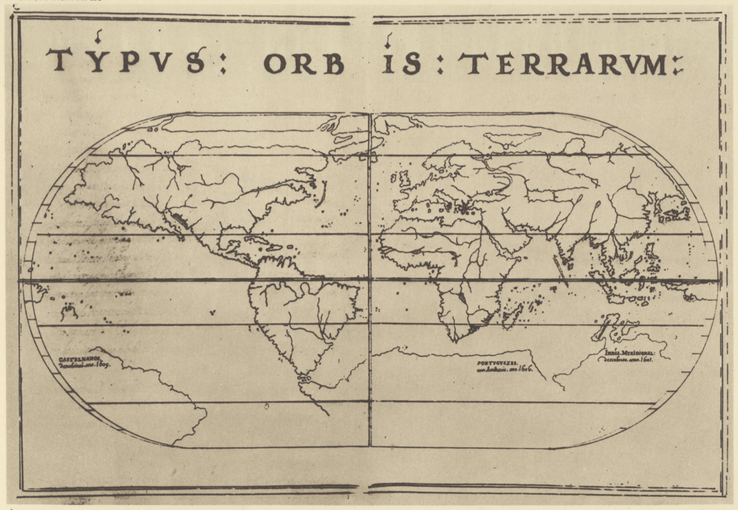
Original 218×325 mm.

MANUEL GODINHO DE ERÉDIA

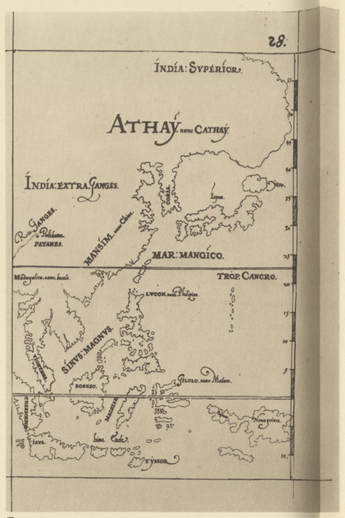
A-1601, *Algemeen Rijksarchief, Den Hage*

B e C-1602, *Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro*

D e F-1610, Atlas de vinte folhas—Atlas of twenty sheets, *Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro*



A — *Original 233×335 mm.* — Fol. 34

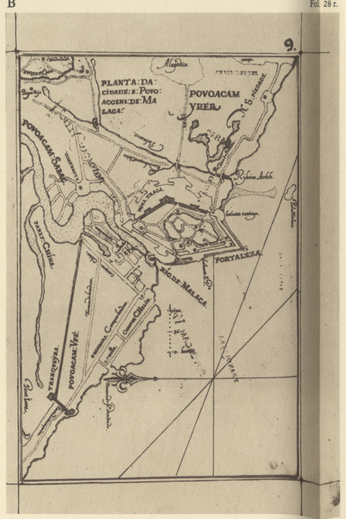


B — Fol. 28 r.

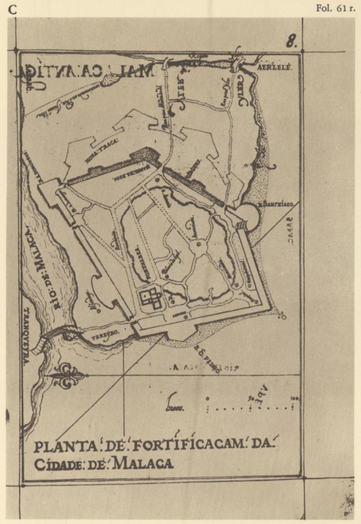
C — Fol. 61 r.

D — Fol. 61 v.

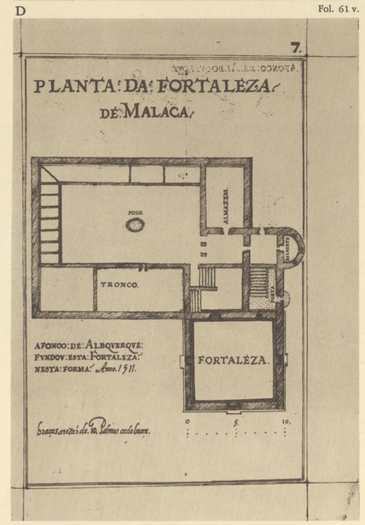
E — *Original 260×365 mm.* — Fol. 12



F — Fol. 9 r.

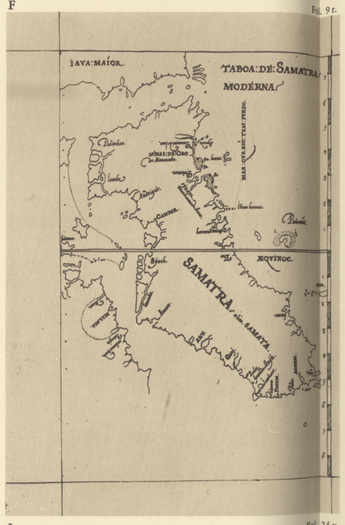


G — Fol. 8 r.



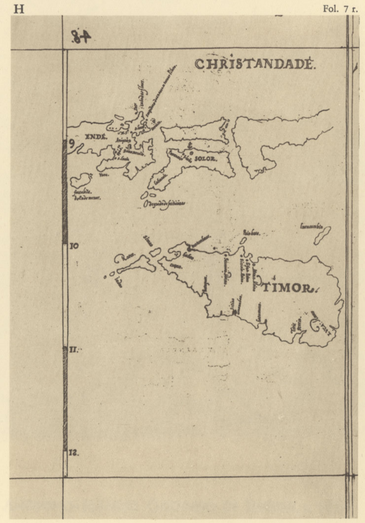
H — Fol. 7 r.

I — *Original 235×327 mm.* — Fol. 52



J — Fol. 24 v.

K — Fol. 47 v.

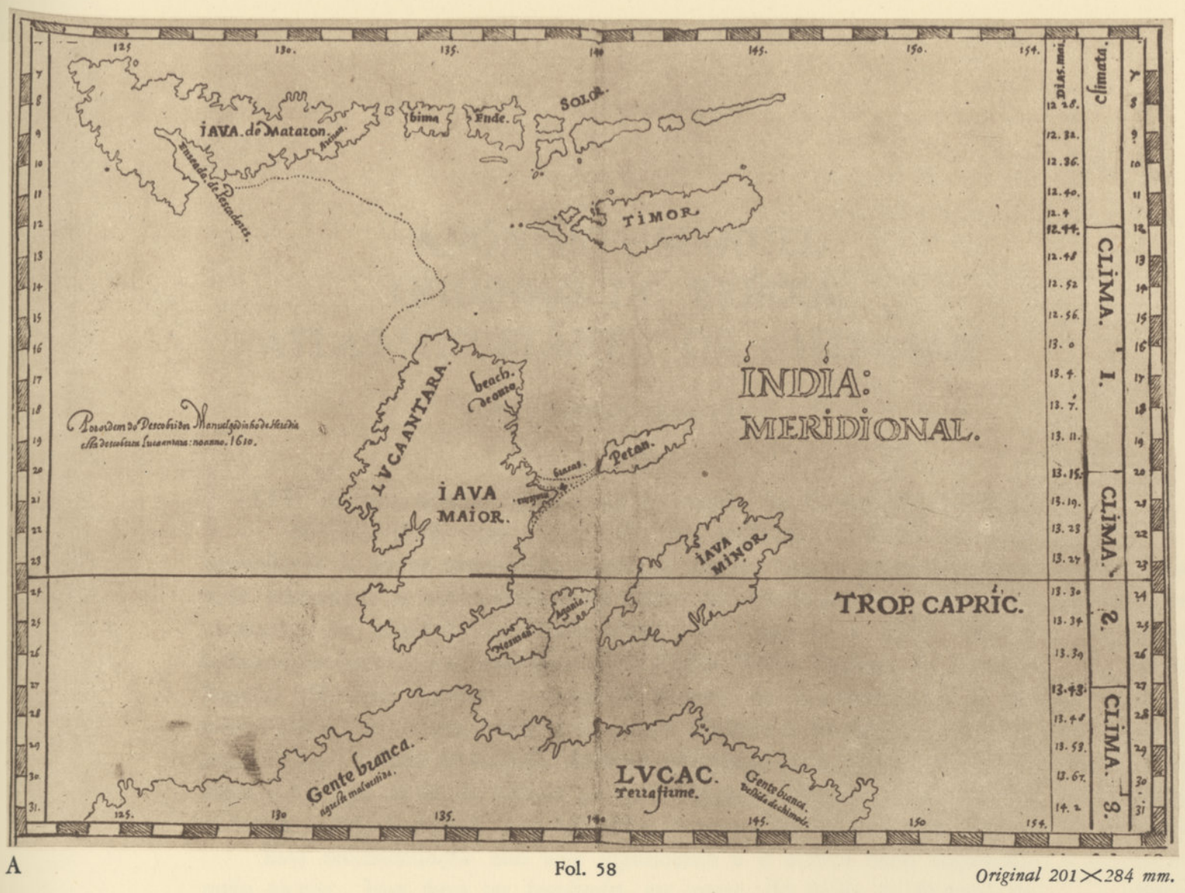


L — *Original 186×278 mm.* — Fol. 48 v.

MANUEL GODINHO DE ERÉDIA, 1613

Declaraçam de Malaca

Bibliothèque Royale, Bruxelles



A

Fol. 58

Original 201×284 mm.

B

Fol. 15

Original 227×325 mm.

MANUEL GODINHO DE ERÉDIA

Tratado Ophirico, 1616

Bibliothèque Nationale, Paris

C

Original 512×745 mm.

ANÓNIMO-MANUEL GODINHO DE ERÉDIA, c. 1616

Biblioteca Nacional, Madrid

ANÓNIMO — MANUEL GODINHO DE ERÉDIA, ATLAS-MISCELÂNEA DE c. 1615-c. 1622

ESTAMPAS 414-422

ESTE curioso códice figurou na Exposição de Cartografia Nacional de 1903-1904, com o n.º 51. No catálogo (1) diz-se ser uma «miscelânea de cartas geográficas, heráldica, plantas, flora e outros desenhos, tudo manuscrito e acompanhado de textos de referências em português», «exemplar do princípio do século XVIII, muito curioso e talvez único», indicando-se que o seu proprietário era Carlos Vellez Caldeira de Castello Branco. No ano seguinte, novamente Ernesto de Vasconcelos (2) se lhe referia como «verdadeira raridade da antiga bibliotheca da familia do par do reino Vellez Caldeira de Castello Branco» atribuindo-lhe a mesma data, admitindo a hipótese de ser da autoria do desembargador Miguel Lopes Caldeira e Arthur e recomendando aos bibliófilos o estudo «deste exemplar único».

Esta recomendação não teve seguimento e o códice ficou esquecido meio século. Isso deve ter resultado, em parte, do facto de Ernesto de Vasconcelos ter atribuído ao códice cerca de cem anos menos que a data exacta, e de se não ter apercebido do seu verdadeiro autor.

Recentemente o códice foi redescoberto (sem conhecimento das anteriores referências de Ernesto de Vasconcelos) por Jorge Faro, que acertadamente o deu como obra de Manuel Godinho de Erédia e publicou sobre ele rápida notícia descritiva com algumas reproduções de cartas, plantas e desenhos (3), estando a preparar a sua edição e estudo na altura em que escrevemos (4).

O códice é de papel, 275 × 200 mm, com uma encadernação de carneira do século XVIII. Está em muito mau estado de conservação, apresentando grande parte das folhas as margens mutiladas em maior ou menor grau. Em muitos casos a tinta repassou de um lado para o outro das folhas, dificultando a leitura — inconveniente que nas nossas reproduções procurámos quanto possível eliminar. Apenas alguns desenhos são aguarelados, e entre estes nenhuns de carácter cartográfico. As folhas estão numeradas, a meio da margem superior, de 1 a 149, havendo saltos e repetições na parte final. Tal numeração deve ser muito posterior à execução do códice, pois vêem-se, em certos casos, os números por baixo da parte deteriorada das margens superiores. Até à folha 25, algumas ainda têm outra numeração no canto superior direito, de princípio igual àquela, começando a diferir para mais de um número a partir da folha 13, parecendo que a diferença se iniciou entre as folhas 9 e 13, sem que se tenha apurado se isso resulta de engano ou do arrancamento de uma folha (do que não se vê vestígio).

Na folha 1 vem um frontispício, tendo dentro da cercadura, em letra do século XVII que não é da mão do autor da obra, a frase «Este Livro foy de Francisco Policarpo Gyrão de Rezende», vendo-se perfeitamente por baixo da palavra «foy» um «e» raspado. Na folha 2 vem outro frontispício e no interior da cercadura, em letra do século XVIII, distinta da anterior e do resto da obra, lê-se o título «Nobliarchia e varias cvrivzidades» e por baixo «he da Livraria do Dez.or Miguel Lopes Caldeira, e Artur».

Antes destes dois frontispícios, lê-se na folha de guarda a dedicatória «Ao querido Primo Carlos de Pina Machado off. Carlos Vellez Caldeira», e por baixo «Este livro que pertencia a meu querido primo Carlos Augusto Vellez Caldeira Castel-Branco, e fora de seu pae e meu tio Manuel Antonio Vellez Caldeira Castel-Branco, neto de Dez.or Miguel Lopes Caldeira e Artur, sendo-me off.do fica na posse do trineto em linha recta do mesmo Dez.or Miguel Lopes e Artur — Lisboa 30 de Maio de 1923 — Carlos Caldeira de Pina Machado Castel-Branco». Sobre Francisco Policarpo Girão de Resende nada apurámos. Miguel Lopes Caldeira e Artur, nascido em 21 de Setembro de 1703, foi «provedor togado da cidade de Évora, académico da Academia dos Arcades e da Academia Real da História Portuguesa, esclarecido pela sua literatura, que dá bem a conhecer nas suas obras, que deixou escritas, e que o seu ilustríssimo filho e sábio

(1) Ernesto de Vasconcelos, *Exposição de Cartographia Nacional* (1903-1904) — *Catálogo*, p. 50. Lisboa 1904.

(2) *Relatório da Exposição de Cartographia Nacional*, p. 8. Lisboa 1905.

(3) *Manuel Godinho de Erédia, Cosmógrafo*, separata do *Panorama*, série II, n.os 13-14. Lisboa 1955. Reproduz as cartas e plantas de folhas 29 v, 31 r, 39 r, 50 r, 61 r, 92 r, 100 r, 104 r, 105 r, e 109 v. Também C. R. Boxer e Frazão de Vasconcelos, *André Furtado de Mendonça*, Lisboa 1955, reproduzem as plantas de folhas 98 r e 109 v.

(4) Agosto de 1958.

ANONYMOUS — MANUEL GODINHO DE ERÉDIA, ATLAS-MISCELLANY OF c. 1615-c. 1622

PLATES 414-422

THIS unusual codex was shown, with the n.º 51, at the Exhibition of National Cartography of 1903-1904. The catalogue (1) describes it as a «miscellany of geographical maps, heraldry, plans, flora and other drawings, in manuscript and accompanied by references in Portuguese», «a manuscript from the beginning of the 18th century, very unusual and perhaps unique», adding that its owner was Carlos Velez Caldeira de Castelo Branco. In the following year Ernesto de Vasconcelos (2) mentioned it again as a «rarity from the ancient library of the family of the peer of the realm Velez Caldeira de Castelo Branco»; still attributing to it the same date, he admits the possibility that its author was Judge Miguel Lopes Caldeira e Artur and recommends the study of «this unique specimen» to scholars.

His recommendation was not followed and the codex remained forgotten for half a century, which must have been partly because Ernesto de Vasconcelos gave the codex a date which is about a hundred years later than the correct one and because he did not recognize its real author.

The codex was recently re-discovered by Jorge Faro, who, unaware of Ernesto de Vasconcelos' earlier references to it, rightly ascribed it to Manuel Godinho de Erédia and published a brief descriptive note about it with some reproductions of charts, plans and drawings (3). Faro's publication and study of the codex are in preparation as we write (4).

The codex is on paper, 275 × 200 mm, with an 18th-century leather binding. It is in a very bad state of preservation, most of the margins of the leaves being more or less badly mutilated. In many cases the ink has passed from one side of the leaf through to the other, rendering it difficult to read — an inconvenience which we tried to remede in our reproductions as much as possible. None of the cartographic drawings, and only a few of the others, are in watercolour. The leaves are numbered in the centre of the upper margin, from 1 to 149, but towards the end some of the numbers are left out and others are repeated. This numbering must have been made long after the execution of the codex, as, in certain cases, numbers can be seen under the damaged part of the upper margins. Some of them, as far as folio 25, also have another numeration in the top right-hand corner. To begin with, these numbers are the same as those in the centre, but after folio 13 they are one ahead of them, which looks as if the difference began between folios 9 and 13, although it is not possible to determine whether this is the result of an error or of the tearing out of one folio (of which there is no sign).

On folio 1 there is a frontispiece and, within the frame of the drawing, in 17th-century writing which is not in the hand of the author of the work, the phrase «This Book was of Francisco Policarpo Girão de Resende»; under the word «was» an «is» which has been scratched out is clearly visible. On folio 2 there is another frontispiece, and within the frame of the drawing, in 18th-century writing, different from the former and from all the rest of the work, can be read the title «Nobility and other curiosities» and, below it, «it is from the Library of Chief Justice Miguel Lopes Caldeira, e Artur».

On the front page, before the two frontispieces, is the dedication «To his dear cousin Carlos de Pina Machado presented by Carlos Velez Caldeira», and below it «This book which belonged to my dear cousin Carlos Augusto Velez Caldeira Castel-Branco, and belonged to his father and my uncle Manuel Antonio Velez Caldeira Castel-Branco, grandson of Chief Justice Miguel Lopes Caldeira e Artur, having been presented to me remains in the possession of the great-great-grandson in the direct line of the said Chief Justice Miguel Lopes e Artur — Lisbon 30 May 1923 — Carlos Caldeira de Pina Machado Castel-Branco». We have been unable to find out anything about Francisco Policarpo Girão de Resende. Miguel Lopes Caldeira e Artur, born 21 September 1703, was «a magistrate in the town of Évora, a member of the Academia dos Arcades and the Academia Real da História Portuguesa, enlightened by his learning, which can be seen well

(1) Ernesto de Vasconcelos, *Exposição de Cartographia Nacional* (1903-1904) — *Catálogo*, p. 50. Lisboa 1904.

(2) *Relatório da Exposição de Cartographia Nacional*, p. 8. Lisboa 1905.

(3) *Manuel Godinho de Erédia, Cosmógrafo*, off-print from *Panorama*, series II, n.os 13-14. Lisboa 1955. Faro here reproduces the charts and plans on folios 29 v, 31 r, 39 r, 50 r, 61 r, 92 r, 100 r, 104 r, 105 r and 109 v. C. R. Boxer and Frazão de Vasconcelos, *André Furtado de Mendonça*, Lisboa 1955, also reproduce the plans on folios 98 r and 109 v.

(4) August 1958.

Conselheiro, o senhor Miguel Carlos Caldeira, conserva na sua escolhida biblioteca» (5).

Como teremos ocasião de ver mais adiante, a obra foi possìvelmente começada para oferecer a alguém, o que não teria tido efeito, ficando os dois frontispícios sem título, autor, ano e dedicatória. O autor acabou finalmente por utilizar o códice como livro de apontamentos de cartografia, heráldica, etc., sendo de prever que tivesse permanecido nas suas mãos até falecer. E do que se expôs verifica-se que, ainda muito possìvelmente no século XVII, veio a pertencer a Girão de Resende, dele tendo passado, talvez directamente, para a posse do desembargador Miguel Lopes Caldeira e Artur, no século XVIII, registando ambos nos espaços vazios dos frontispícios os seus respectivos nomes, ficando desde então em poder de sucessivos descendentes do último. Em 1903, quando se realizou em Lisboa a Exposição de Cartografia Nacional, o códice pertencia a Carlos V. C. de Castelo-Branco, em 1923 estava em poder de Carlos C. de P. M. Castel-Branco e actualmente é seu proprietário o Dr. Carlos M. C. M. Figueira.

As folhas com cartas, planos e desenhos cartográficos são em número de 137. Damos seguidamente a lista do seu conteúdo, discriminando sobretudo o que tem interesse cartográfico:

Fólios 1 r e 2 r (Figura 8) — Frontispícios, onde foram posteriormente inscritos os títulos acima referidos.

Fólio 3 r (Estampa 414 A) — *Typus Orbis Terrarvm.* É de notar a representação do continente austral, de que *Lvca Antara* é apenas península, tendo perto a legenda «Manoel Godinho de Eredia foy prouido p.ª descobrir esta noua yndia meridional por o Vizo-rey ares de Saldanha ano 1600». Regista os descobrimentos de Queiroz-Torres (1605-6), com a Nova Guiné como ilha, e perto de *noua gerosalem* a legenda «Pero fernandes de

FIG. 8 — FÓLIOS 1 E 2 DO «ATLAS-MISCELÂNEA» DE MANUEL GODINHO DE ERÉDIA
FOLIOS 1 AND 2 OF MANUEL GODINHO DE ERÉDIA'S «ATLAS-MISCELLANY»

(5) Francisco de S. José, *Breve Catalogo dos chronistas, e escriptores portuguezes que florecerão no asignalado anno 1500, a mais celebre epoca de linguagem portugueza, offerecido á Illustrissima Senhora Dona Maria Ana Pulqueria Caldeira Vellez de Pina Castello-Branco,* introdução. Lisboa 1804. Devemos esta indicação a Jorge Faro.

from the written works that he left, and which his eminent son, the learned Counsellor Senhor Miguel Carlos Caldeira, keeps in his select library» (5).

As we shall see, it is possible that the work was begun in order to be presented to someone, but the presentation did not take place and the two frontispieces remained without titles, without author's name, and without dedication. In the end the author used the codex as a notebook of cartography, heraldry, etc., so that it is probable that it remained in his hands until his death. And, as we have seen, it is possible that it came into the possession of Girão de Resende before the end of the 17th century, that from him it passed, perhaps directly, into the library of the Chief Justice Miguel Lopes Caldeira e Artur in the 18th century (both recording their names in the blank spaces in the frontispieces), and that from this time it remained in the possession of the latter's descendants. In 1903, when it was shown at the Exhibition of National Cartography in Lisbon, the codex belonged to Carlos V. C. de Castelo-Branco, in 1923 it was in the possession of Carlos C. de P. M. Castel-Branco, and to-day it is owned by Dr Carlos M. C. M. Figueira.

The leaves bearing charts, plans and cartographic drawings number 137. The contents are listed below, emphasizing those of cartographic interest:

Folios 1 r and 2 r (Figure 8) — Frontispieces, in which the titles, referred to above, were written later.

Folio 3 r (Plate 414 A) — *Typus Orbis Terrarvm.* The representation of the southern continent, in which *Lvca Antara* is only a peninsula, is to be noted. Nearby is the legend «Manuel Godinho was equipped for the discovery of this new Meridional India by the Viceroy Aires de Saldanha in the year 1600». It records the discoveries of Quiros and Torres (1605-6), with New Guinea as an island, and near New Jerusalem is the legend

(5) Francisco de S. José, *Breve Catalogo dos chronistas, e escriptores portuguezes que florecerão no asignalado anno 1500, a mais celebre epoca de linguagem portugueza, offerecido á Illustrissima Senhora Dona Maria Ana Pulqueria Caldeira Vellez de Pina Castello-Branco,* introduction. Lisboa 1804. We owe this reference to Jorge Faro.

queiros general descobrio esta ylha de noua gerusalem Anno 1609». O erro desta data faz supor que a carta teria sido traçada alguns anos após a realização da viagem.

Fólio 4 r — Europa.

Fólio 5 r (Estampa 414 C)— África. Na toponímia há emendas e acrescentamentos que parecem ser da mesma mão de quem fez o desenho original.

Fólio 6 r (Estampa 414D) — Ásia. Emendas e acrescentamentos como na carta anterior.

Fólio 7 r (Estampa 414 E) — *Taboa daMerica.* Legenda relativa à viagem de Davis.

Fólio 8 r (Estampa 414 F) — *Taboa de Pervana.* Emendas e acrescentamentos como se disse a respeito da carta de África.

Fólio 9 r — Frontíspicio, sem quaisquer dizeres no interior da cercadura.

Fólio 10 r — *Taboa de Espanha* (Península Ibérica).

Fólio 11 r — *Taboa de Portugal* (Tipo Fernando Álvares Seco).

Fólio 12 r — *Taboa de Itália.*

Fólio 13 r — *Taboa de Grecia.*

Fólio 14 r — *Taboa de Ingalatera.*

Fólio 15 r — *Taboa de Frandes.*

Fólio 16 r — *Leon Belgicvs.*

Fólio 16 v — Ilha de Madagascar e costa desde Moçambique até ao Cabo das Correntes, com o baixo Zambeze.

Fólio 17 r (Estampa 414 B)— *Typus Orbys Terrarvm,* em dois hemisférios, tendo as terras austrais configuração e legendas semelhantes às da carta na folha 3 r.

Fólio 18 r — Mapa-mundi em projecção diferente dos anteriores. Esboço com poucos pormenores.

Fólio 19 r e 19 v — Desenhos de esferas armilares o primeiro em esboço, o segundo acabado.

Fólio 20 r — *Germania.*

Fólio 21 r — *Primeiro serco qve os imgres pozeram a fortaleza de Mosambiqvi.* Noutra legenda diz-se que foi o ataque dos holandeses em 1597.

Fólio 21 v — *Segvndo serco qve os ingrezes pvseram a fortaleza de Mosanbiqve.* Noutra legenda diz-se que foi o ataque dos holandeses de 4 de Agosto de 1600.

Fólio 22 r — *Batalha naval do Vizorei Don Martim Afonco de Castro teve com Cornelio Malodiva no ano de 1606.*

Fólio 22 v — *A fortaleza de chaul com o moro de frutican (?) conquistado ano 1592.*

Fólio 23 r — Frontispício sem dizeres no interior.

Fólio 24 r — *Taboa da Terra Sancta.*

Fólio 25 r — Palestina e norte da Arábia.

Fólio 26 v — França.

Fólio 27 r — Molucas. Refere oito fortalezas dos holandeses.

Fólio 27 v — *Macazar.*

Fólio 28 v (Estampa 416 C) — *Taboa do Salsete.*

Fólio 29 v (Estampa 416 B) — *Taboa da Ylha de Goa.* O caderno com as folhas 26 a 29 foi encadernado ao contrário. Ainda se vê o número primitivo 29 às avessas na margem inferior da actual 29 v, e a carta de Macassar tem todos os nomes às avessas; os rostos antigos passaram a versos actuais.

Fólio 30 r (Estampa 415 A) — *Taboa de Indostan chamado Mogor.*

Fólio 30 v (Estampa 415 B) — Mogor e parte das regiões vizinhas. Esta carta é bastante mais exacta que a anterior, sendo de supor que o autor do manuscrito só teve conhecimento desta representação depois de traçada a parte primitiva da obra, que vem apenas no rosto das folhas.

Fólio 31 r (Estampa 416 E) — *Taboa do Reino Gozarate com a enseada da Cambaia.*

Fólio 32 r (Estampa 416 A) — *Taboa da China e Provincias circonvezinhas e Catay.*

Fólio 32 v — Carta náutica das costas da China e Filipinas. Forma com as seguintes, até à folha 37 v, uma série de cartas da costa, sem linhas de rumo nem troncos-de-léguas.

Fólio 33 r — Costa de África, desde o *g. pequena* (no sudoeste) até um pouco ao norte de Quiloa.

Fólio 33 v — Sudoeste do Índico.

Fólio 34 r — Mar Vermelho e Golfo Pérsico.

Fólio 34 v — Costas desde o Golfo Pérsico a Ceilão.

Fólio 35 r — Golfo de Bengala, com uma quadrícula que deve ter servido para fazer qualquer cópia.

Fólio 35 v — Parte oriental da Insulíndia.

Fólio 36 r — África ocidental, de Fernando Pó ao sul de Angola.

Fólio 36 v — Golfo da Guiné.

Fólio 37 r — África ocidental, de Marrocos à Serra Leoa.

Fólio 37 v — Europa ocidental e central.

«General Pero Fernandes de Queirós discovered this island of New Jerusalem in the year 1609». The error in the date suggests that the chart was drawn some years after the voyage.

Folio 4 r — Europe.

Folio 5 r (Plate 414 C) — Africa. There are corrections and additions in the nomenclature, which appear to be in the same hand as the original drawing.

Folio 6 r (Plate 414 D) — Asia. With corrections and additions as in the former chart.

Folio 7 r (Plate 414 E) — «Map of America». Legend referring to John Davis' voyages.

Folio 8 r (Plate 414 F) — «Map of Peru». With corrections and additions as in the chart of Africa.

Folio 9 r — Frontispiece. Without any inscription within the frame.

Folio 10 r — «Map of Spain» (Iberian Peninsula).

Folio 11 r — «Map of Portugal» (type of Fernando Álvares Seco).

Folio 12 r — «Map of Italy».

Folio 13 r — «Map of Greece».

Folio 14 r — «Map of England».

Folio 15 r — «Map of Flanders».

Folio 16 r — «Belgian Lion».

Folio 16 v — Madagascar Island and the coast from Mozambique to Cape Correntes, with the lower Zambesi.

Folio 17 r (Plate 414 B) — *Typus Orbys Terrarvm,* in two hemispheres, the southern lands having a configuration and legends similar to those in the chart in folio 3 r.

Folio 18 r — World-map on a different projection from the previous ones. Sketch with few details.

Folios 19 r and 19 v — Drawings of armillary spheres; the first only sketched and the second completed.

Folio 20 r — Germany.

Folio 21 r — «First siege laid by the English to the fortress of Mozambique». Another legend refers to it as the attack by the Dutch in 1597.

Folio 21 v — «Second siege laid by the English to the fortress of Mozambique». Referred to in another legend as the attack by the Dutch of 4 August 1600.

Folio 22 r — «Naval battle that the Viceroy Don Martim Afonso de Castro had with Cornelius Matelief (de Ionge) in the year 1606».

Folio 22 v — «The fortress of Chaul with *Frutican* (?) hill conquered in the year 1592».

Folio 23 r — Frontispiece, without any legend inside the drawing.

Folio 24 r — «Map of the Holy Land».

Folio 25 r — Palestine and Northern Arabia.

Folio 26 v — France.

Folio 27 r — Moluccas. With reference to eight Dutch fortresses.

Folio 27 v — «Macassar».

Folio 28 v (Plate 416 C) — «Map of Salsete».

Folio 29 v (Plate 416 B) — «Map of the Island of Goa». Folios 26 to 29 were reversed when they were bound. The original number 29 is still to be seen the wrong way round in the lower margin of the present folio 29 v, and all the names in the chart of Macassar are in the wrong direction, the former *recto* of the leaves being the present *verso.*

Folio 30 r (Plate 415 A) — «Map of Hindustan called Mogul».

Folio 30 v (Plate 415 B) — *Mogor* and part of the neighbouring countries. This chart is much more correct than the former, presumably because the author only knew of this representation after he had drawn the original part of the work, which is on the front of the leaves only.

Folio 31 r (Plate 416 E) — «Map of the Kingdom of Gujarat with the Gulf of Cambay».

Folio 32 r (Plate 416 A) — «Map of China and neighbouring Provinces and Catay».

Folio 32 v — Nautical chart of the coasts of China and the Philippines. With the following charts to folio 37 v, it forms a series of charts of the coast, without rhumb lines or scales of leagues.

Folio 33 r — Coast of Africa, from *g. pequena* (in the south-west) to a little north of Kilwa.

Folio 33 v — South-west Indian Ocean.

Folio 34 r — Red Sea and Persian Gulf.

Folio 34 v — Coasts from the Persian Gulf to Ceylon.

Folio 35 r — Gulf of Bengal, ruled into small squares which must have been used for making a copy.

Folio 35 v — Eastern part of the East Indies.

Folio 36 r — West Africa, from Fernando Pó to the south of Angola.

Folio 36 v — Gulf of Guinea.

Folio 37 r — West Africa, from Morocco to *Serra Leoa.*

Folio 37 v — Western and Central Europe.

Fólio 38 r (Estampa 417 A) — Carta topográfica da região do sul da Península Malaia.

Fólio 38 v (Estampa 419 F) — Carta da Zambézia, até à Chicova. Acima de Tete tem os fortes de S. Estevão e S. Miguel, construídos respectivamente em 1612 e 1614 pelos portugueses. Tem muitas semelhanças com outras cartas do século XVII (atlas anónimo «Duchesse de Berry», atlas universal de João Teixeira de 1630, etc.).

Fólio 39 r (Estampa 417 C) — Carta topográfica da região de Malaca, muito parecida com a de 1602 da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, com legenda dizendo que Manuel Godinho de Erédia descobriu uma mina em 16 de Julho de 1603, enquanto naquela a legenda equivalente diz 1602.

Fólio 39 v (Estampa 416 F) — Porto de Surate.

Fólio 40 r (Estampa 417 D) — *Taboa da Plantaforma da Fortaleza de Malaca.*

Fólio 41 r (Estampa 417 B) — *Taboa dos estreitos de Sabam e de Sincapvra com o Rio de Ihor.*

Fólio 42 r (Estampa 416 D) — *Taboa de Bardes.*

Fólio 43 r (Estampa 415 D) — *Taboa da Ilha de Covchin con o sertan de Angamale dos christanos de San Thome.*

Fólio 43 v — Esboço hidrográfico abrangendo os estreitos de Sabam e de Singapura.

Fólio 44 r (Estampa 415 C) — *Discripsam das Terras de Covlan.*

Fólio 45 r (Estampa 415 E) — *Taboa de Cabo de Comorim cõ as terras do malauar ate negapatan e o mar da pescarias do aliofres.*

Fólio 46 r — Esboço de Matatana (Madagáscar).

Fólio 46 v — Vista de *Matatana na Ylha de s.l^co onde esta os portuguezes,* com desenho de um padrão.

Fólio 47 r — Esboço do *Estreito de Saban.*

Fólio 47 v — Esboço da foz do *Rio de Cantan.*

Fólio 48 r — *A figura da crus que no descobrimento de metais apareceo no çeo aos christa... Rio de Malaca em 24 nouembro do ano 1602.* No verso um desenho (cosmográfico?) incompleto.

Fólio 49 r — *Arvore milagroza que se achov em Nova Espanha.*

Fólio 50 r (Estampa 415 F) — *Ylha de Seilan.*

Fólio 51 r (Estampa 417 E) — *Taboa da ilha de Samatra com os estreitos de Sunda e Sabam.*

Fólio 52 r (Estampa 417 F) — *Iava Maior.*

Fólio 53 r (Estampa 418 F) — *Borneo.*

Fólio 54 r (Estampa 418 E) — *Bvro, Verenvla* e *Amboino.*

Fólio 54 v — Esboço da costa desde Queda a Malaca, incluindo as ilhas Nicobar.

Fólio 55 r — Parte norte das Filipinas.

Fólio 55 v — Baía de Manila.

Fólio 56 r — Parte sul das Filipinas.

Fólio 57 r — Norte de Borneo e *Y^a de Veragoa.*

Fólio 57 v — Esboço de Borneo e regiões vizinhas.

Fólio 58 r (Estampa 418 D) — *Y^a de Banda* e outras próximas.

Fólio 59 r (Estampa 418 A) — *Ende Maior* e *Ende Minor.*

Fólio 60 r (Estampa 418 B) — *Solol* e ilhas próximas.

Fólio 61 r (Estampa 418 C) — *Y^a Timor.*

Fólio 61 v — Esboço das Molucas, semelhante ao da folha 27 r.

Fólio 62 r (Estampa 419 A) — Japão.

Fólio 63 r (Estampa 419 C) — *Nova Ginea.* Com a costa sul, resultado da viagem de Torres.

Fólio 64 r (Estampa 419 B) — *Lvca Antara, Yava Minor,* etc., com a legenda *Manoel Godinho de Eredia foi prouido polo o Vizorei Ares de saldanha como descobridor padescobril esta ilha de iaua minor contitolo do regedor mor della em 26 de Abril do ano 1601.*

Fólio 64 v — Esboço da costa norte de Java.

Fólio 65 r (Estampa 419 D) — *Nova gervsalem* e outras ilhas das proximidades, registando-se a legenda *P.^o Fernandes de queiros descobridor e capitan geral de 3 naos por orden de S. Mag. fes o descobrimento do sul no ano 1609 e descobrio a noua gerusalem e querendo pasar mais ao sul ate 30 graos sobreueo huã temporal. Voltou a capitania ao porto de acapulco de noua Espanha.*

Fólio 65 v — Esboço do porto de *iaqatra lugar propio onde os olandeses tem sua fortaleza.*

Fólio 66 r — *Taboa das ilhas de Cvba e Ilha Espanhola.*

Fólio 66 v — Esboço do porto de Bantam.

Fólio 67 r (Estampa 419 E) — Pacífico, com os resultados da viagem de Queirós-Torres, vendo-se a Nova Guiné como ilha.

Fólios 67 v e 68 r — Desenhos inacabados e sem interesse.

Fólio 69 r — *Nueva Galicia.*

Fólio 69 v — Esboço da costa nordeste da ilha de Luçon.

Fólio 70 r — *Nueva Espanha.*

Folio 38 r (Plate 417 A) — Topographical map of the south of the Malay Peninsula.

Folio 38 v (Plate 419 F) — Map of Zambesia, as far as Chicova. Above Tete are the forts of *S. Estevão* and *S. Miguel,* built by the Portuguese in 1612 and 1614 respectively. There are many similarities between this and other 17th-century charts (the anonymous «Duchesse de Berry» atlas, João Teixeira's world-atlas of 1630, etc.).

Folio 39 r (Plate 417 C) — Topographical map of the district of Malacca, very similar to that of 1602 in the Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, and with a legend saying that Manuel Godinho de Erédia discovered a mine on 16 July 1603, while in the latter the corresponding legend says 1602.

Folio 39 v (Plate 416 F) — Surat harbour.

Folio 40 r (Plate 417 D) — «Plan of the Platform of the Fortress of Malacca».

Folio 41 r (Plate 417 B) — Map of the straits of Kundur and of Singapore with Johor River».

Folio 42 r (Plate 416 D) — «Map of Bardes».

Folio 43 r (Plate 415 D) — «Map of the Island of Cochin, with the district of *Angamale* of the Christians of St. Thomas».

Folio 43 v — Hydrographic sketch of the straits of Kundur and Singapore.

Folio 44 r (Plate 415 C) — «Description of the district of Quilon».

Folio 45 r (Plate 415 E) — «Map of Cape Comorin with the lands of Malabar to Negapatam and the sea of the fisheries of seed-pearls».

Folio 46 r — Sketch of Matatane (Madagascar).

Folio 46 v — View of «Matatane in the Island of St. Lawrence where are the Portuguese», with a drawing of a *padrão.*

Folio 47 r — «Sketch of the Strait of Kundur».

Folio 47 v — «Sketch of the mouth of the River Canton».

Folio 48 r — «The sign of the cross which appeared in the sky to the Christians when prospecting for metals in the Malacca River 24 November 1602». On the back is an incomplete (cosmographical?) drawing.

Folio 49 r — «Miraculous tree which was found in New Spain».

Folio 50 r (Plate 415 F) — «Island of Ceylon».

Folio 51 r (Plate 417 E) — «Map of the Island of Sumatra with the Straits of Sunda and Kundur».

Folio 52 r (Plate 417 F) — «Greater Java».

Folio 53 r (Plate 418 F) — «Borneo».

Folio 54 r (Plate 418 E) — «Buro, *Verenula* and Amboina».

Folio 54 v — Sketch of the coast from Kedah to Malacca, with the Nicobar Islands.

Folio 55 r — Northern part of the Philippines.

Folio 55 v — Manila Bay.

Folio 56 r — Southern part of the Philippines.

Folio 57 r — Northern Borneo and «Palawan Island».

Folio 57 v — Sketch of Borneo and neighbouring countries.

Folio 58 r (Plate 418 D) — «Banda Island» and others nearby.

Folio 59 r (Plate 418 A) — «Greater Ende» and «Lesser Ende».

Folio 60 r (Plate 418 B) — «Solor» and neighbouring islands.

Folio 61 r (Plate 418 C) — «Timor Island».

Folio 61 v — Sketch of the Moluccas, similar to that on folio 27 r.

Folio 62 r (Plate 419 A) — Japan.

Folio 63 r (Plate 419 C) — «New Guinea». With the southern coast, the result of Torres' voyage.

Folio 64 r (Plate 419 B) — «*Lvca Antara*», «*Yava Minor*», etc., with the legend «Manoel Godinho de Erédia was appointed discoverer by the Viceroy Aires de Saldanha for discovering this island of Jaua Minor with the title of its administrator on 26 April in the year 1601».

Folio 64 v — Sketch of the northern coast of Java.

Folio 65 r (Plate 419 D) — «New Jerusalem», and neighbouring islands, with the legend «Pedro Fernandes de Quiros discoverer and captain of three ships by order of His Majesty made the discovery of the south in the year 1609 and discovered New Jerusalem and wishing to go further south to 30 degrees a storm sprang up. The commanding ship returned to the port of Acapulco in New Spain».

Folio 65 v — Sketch of the harbour of «Jacatra the actual place where the Dutch have their fortress».

Folio 66 r — «Map of the Islands of Cuba and *Espanhola*».

Folio 66 v — Sketch of the harbour of Bantam.

Folio 67 r (Plate 419 E) — Pacific, with the results of the Quiros-Torres voyages, with New Guinea as an island.

Folios 67 v and 68 r — Unfinished drawings, without interest.

Folio 69 r — «New Galicia».

Folio 69 v — Sketch of the north-east coast of Luzon Island.

Folio 70 r — «New Spain».

Fólio 71 r — *Gvatimala.*

Fólio 72 r — *Panama.*

Fólio 72 v — Esboço do Japão, com quadrícula indicando que se teria tirado cópia.

Fólio 73 r (Estampa 422 A) — *Qvito.*

Fólio 73 v — Esboço do ataque inglês à *fortaleza de quexime,* com legenda onde se diz que foi tomada a 10 de Fevereiro de 1622.

Fólio 74 r — Desenhos de artilharia.

Fólio 74 v — Esboço da Ilha de Madagascar.

Fólio 75 r (Estampa 422 D) — *Lima.*

Fólio 75 v — Esboço do ataque inglês e persa a Ormuz, mencionando a data de 29 de Abril de 1622.

Fólio 76 r (Estampa 422 B) — *Charcas.*

Fólio 77 r (Estampa 422 E) — *Chili.*

Fólio 77 v — Planta esquemática da fortaleza de *Dio* e vista de *Mangalor.*

Fólio 78 r — *Gilolo, Malvco* e *Verenula* com algumas das ilhas próximas.

Fólio 78 v — Molucas e ilhas próximas, em representação bastante diferente da anterior.

Fólio 79 r — *Taboa da Terra de Promissam com as manssoes dos filhos de Israel.*

Fólio 80 r (Estampa 422 C) — *De los Nvevos Reinos.*

Fólio 80 v — Vistas de *Daman, Bacaim* e *Danv.*

Fólio 81 r (Estampa 422 F) — Estreito de Magalhães.

Fólio 81 v — Vistas de *Honor, Barcalor* e *Cranganor.*

Fólio 82 r — Frontíspicio, com o título *Livro de Plantaforma das Fortalezas da India.*

Fólio 83 r (Estampa 420 D) — *Fortaleza de Dio.*

Fólio 84 r (Estampa 421 C) — *Fortaleza de Colvmbo.*

Fólio 85 r (Estampa 420 A) — *Fortaleza de Mocambiqvi.* Tem acrescentamentos posteriores.

Fólio 86 r — *Bombasa.*

Fólio 86 v — *Ingenho com que o cardeal Alberto tomov A sidade de olanda.*

Fólio 87 r — *Sidade de Ostende.*

Fólio 87 v — *Fortaleza de Mascate.*

Fólio 88 r (Estampa 420 C) — *Fortaleza de Ormvs.*

Fólio 89 r — *Plantaforma da Fortaleza de Daman.*

Fólio 89 v (Estampa 420 B) — Esboço da Ilha de Mombaça.

Fólio 90 r — *Plantaforma da Fortaleza de Basaim.*

Fólio 91 r — *Plantaforma da Fortaleza de Chavl.*

Fólio 92 r (Estampa 420 E) — *Plantaforma da Cidade de Goa.*

Fólio 93 r — *Fortaleza de Onor.*

Fólio 94 r — *Fortaleza de Barçalor.*

Fólio 95 r — *Fortaleza de Mangalor.*

Fólio 96 r (Estampa 421 A) — *Fortaleza de Cananor.*

Fólio 97 r — *Traca do Bazar de Cananor.*

Fólio 98 r — *Fortaleza do Cvnhale,* com legenda relativa à sua conquista por André Furtado de Mendonça em 1604.

Fólio 99 r — *Fortaleza de Cranganor.*

Fólio 100 r (Estampa 420 F) — *Taboa da Cidade de Covchim.*

Fólio 101 r — *Fortaleza de Covlan.*

Fólio 101 v — Esboço de Coulão, sem nome.

Fólio 102 r (Estampa 421 B) — *Fortaleza da Y^a de Manar.*

Fólio 103 r — *Fortaleza de Gale.*

Fólio 104 r (Estampa 421 D) — *Fortaleza de Malaca.*

Fólio 105 r (Estampa 421 F) — *Macao.*

Fólio 105 v — Macau e ilhas vizinhas.

Fólio 106 r — *Cidade de Ygervsalem.*

Fólio 106 v — Desenhos cosmográficos. Texto pouco cuidado na escrita, sobre as fortalezas de Batusavar e Muar. Referências a acontecimentos de 1605, 1614 e 1616. Fundação da fortaleza de Muar pelo «descobridor mel. godinho de eredia» em 1604.

Fólios 107 r - 108 v — Continuação do texto sobre as fortalezas, com várias referências a factos e datas, a seguir descriminados: Moçambique, Mombaça (fundada em 1590), Mascate (referência a 1588), Ormuz (não fala da perda em 1622), Dio, Damão, Baçaim, Chaul, Goa, Onor, Barcelor, Mangalor, Cananor, Cranganor, Cochim, Coulão, Manar, Columbo, Gale (fundada em 1589), Malaca, Macau, Solor (fundada em 1588, tomada pelos holandeses em 1614), Ende (fundada em 1588, tomada pelos holandeses), Maluco, Amboino (tomada pelos holandeses em 1603), Sunda (referência a 1594), Achem, Cananor de Cima, Cunhale (tomada em 1604), Sirião (fundação por Nicote, morte deste em 1614).

Fólio 109 r — *Plantaforma dos Palacios del Rei do Achem.*

Folio 71 r — «Guatemala».

Folio 72 r — «Panama».

Folio 72 v — Sketch of Japan, ruled into small squares, indicating that a copy might have been made of it.

Folio 73 r (Plate 422 A) — «Quito».

Folio 73 v — Sketch of the English attack on the «fortress of Kishm» with a legend stating that it was taken on 10 February 1622.

Folio 74 r — Drawing of artillery.

Folio 74 v — Sketch of Madagascar Island.

Folio 75 r (Plate 422 D) — «Lima».

Folio 75 v — Sketch of the English and Persian attack on Ormuz, with the date 29 April 1622.

Folio 76 r (Plate 422 B) — «Charcas».

Folio 77 r (Plate 422 E) — «Chile».

Folio 77 v — Schematic plan of the fortress of Diu and view of Mangalore.

Folio 78 r — «Jeilolo», «Moluccas», and «*Verenula*» with neighbouring islands.

Folio 78 v — Moluccas and neighbouring islands, with a very different representation from the preceding.

Folio 79 r — «*Távoa* of the Land of Promise with the mansions of the sons of Israel.»

Folio 80 r (Plate 422 C) — «Los Nuevos Reinos».

Folio 80 v — Views of «Daman, Bassein and Danu».

Folio 81 r (Plate 422 F) — Strait of Magellan.

Folio 81 v — Views of «Honawar, Basrur and Kranganur».

Folio 82 r — Frontispiece, with the title «Book of the Platforms of the Fortresses of India».

Folio 83 r (Plate 420 D) — «Fortress of Diu».

Folio 84 r (Plate 421 C) — «Fortress of Colombo».

Folio 85 r (Plate 420 A) — «Fortress of Mozambique», with additions from a later date.

Fólio 86 r — «Mombasa».

Folio 86 v — «Machine with which Cardinal Albert took the city of Holland».

Folio 87 r — «City of Ostend».

Folio 87 v — «Fortress of Muscat».

Folio 88 r (Plate 420 C) — «Fortress of Ormuz».

Folio 89 r — «Platform of the Fortress of Daman».

Folio 89 v (Plate 420 B) — Sketch of Mombasa Island.

Folio 90 r — «Platform of the Fortress of Bassein».

Folio 91 r — «Platform of the Fortress of Chaul».

Folio 92 r (Plate 420 E) — «Platform of the City of Goa».

Folio 93 r — «Fortress of Honawar».

Folio 94 r — «Fortress of Basrur».

Folio 95 r — «Fortress of Mangalore».

Folio 96 r (Plate 421 A) — «Fortress of Cannanore».

Folio 97 r — «Drawing of the Bazaar of Cannanore».

Folio 98 r — «Fortress of the *Cunhale*», with a legend regarding its conquest by André Furtado de Mendonça in 1604.

Folio 99 r — «Fortress of Kranganur».

Folio 100 r (Plate 420 F) — «Map of the Town of Cochin».

Folio 101 r — «Fortress of Quilon».

Folio 101 v — Sketch of Coulam, unnamed.

Folio 102 r (Plate 421 B) — «Fortress of the Island of Mannar».

Folio 103 r — «Fortress of Calee».

Folio 104 r (Plate 421 D) — «Fortress of Malacca».

Folio 105 r (Plate 421 F) — «Macao».

Folio 105 v — Macao and neighbouring islands.

Folio 106 r — «City of Jerusalem».

Folio 106 v — Cosmographical drawings. Very carelessly written text about the fortresses of Batusavar and Muar. References to events of 1605, 1614 and 1616. Foundation of the fortress of Muar by the «discoverer Manuel Godinho de Erédia» in 1604.

Folios 107 r - 108 v — Continuation of the text on the fortresses, with several references to events and dates, as follows: Mozambique, Mombasa (founded in 1590), Muscat (reference to 1588), Ormuz (not mentioning its loss in 1622), Diu, Daman, Bassein, Chaul, Goa, Honawar, Basrur, Mangalore, Cannanore, Kranganur, Cochin, Quilon, Mannar, Colombo, Calee (founded in 1589), Malacca, Macao, Solor (founded in 1588, taken by the Dutch in 1614), Ende (founded in 1588, taken by the Dutch), Moluccas, Amboina (taken by the Dutch in 1603), Sunda (reference to 1594), Achin, *Cananor de Cima*, *Cunhale* (taken in 1604), Syrian (foundation by Nicote, his death in 1614).

Folio 109 r — «Platform of the Palaces of the King of Achin».

Fólio 109 v — Fortaza (sic) *de Mvar,* com legenda sobre a sua fundação por Manuel Godinho de Erédia em 2 de Fevereiro de 1603.

Fólio 110 r (Estampa 421 E) — *Fortaleza do Achem.*

Fólio 111 r — Fortaleza de Svnda Bantam. Legenda sobre a fundação da feitoria dos holandeses em 1596, e indicação de que aí tencionavam erguer uma fortaleza.

Fólio 112 r — Fortaleza do Ende Minor.

Fólio 113 r — Fortaleza de Solor.

Fólios 113 r e 114 v — Desenhos heráldicos.

Fólio 115 r — Frontispício, com o título *Livro das Armas dos Reinos e da nobrezas do Reino de Portugal.* Seguem-se vinte folhas com numeração irregular, contendo algumas centenas de brasões.

Fólios 132-149 — Desenhos de espécies botânicas, na grande maioria do Oriente.

Como dissemos, a encardenação é do século XVIII, estando às avessas um caderno e sendo a numeração feita quando as folhas estavam bastante deterioradas nas margens. Não sabemos qual a ordem inicial exacta, sendo possível que os cadernos e as suas folhas fossem um tanto baralhados. Em geral, os desenhos no rosto dos fólios são mais perfeitos e cuidados do que os que estão no verso, e apresentam-se com certa sequência, o que não sucede tanto com os últimos. O facto sugere que o autor começou por executar o trabalho apenas nos rostos, e mais tarde utilizou os versos para novos desenhos, geralmente sob a forma de esboços; aqueles devem por isso constituir a parte mais antiga do códice.

Os frontispícios, com ou sem dizeres, separam grupos relativamente homógeneos das cartas mais antigas. Os dois primeiros (fólios 1 e 2) eram destinados possìvelmente a um título geral e a uma dedicatória ou sub-títulos. Seguem-se o mapa-mundi e as cartas dos continentes (fólios 3 a 8). Novo frontispício, em branco (fólio 9), precede uma série de cartas dos países da Europa (fólios 10 a 16). Os fólios 17 a 22 devem ter sido deixados inicialmente em branco, e foram utilizados posteriormente para esboços pouco cuidados. Outro frontispício sem dizeres (fólio 23) precede outra série de cartas iniciais, consagradas sobretudo a regiões asiáticas (fólios 24 a 32, com a carta deslocada da França no fólio 26). Nos fólios 33 a 37 (rosto e verso) há a série de cartas da costa, desde o Extremo Oriente à Europa, possível acrescentamento também. Recomeça de novo a parte asiática, de fólios 38 a 45, e os fólios 46 a 49 (pelo menos os dois primeiros) também deviam ter sido deixados de início em branco. Outra série de cartas da Ásia e Insulíndia vai de folhas 50 a 65, sendo as cartas das Antilhas e Pacífico (fólios 66 e 67) prováveis adições, bem como o desenho de 68. Os fólios 69 a 73 contêm cartas da América espanhola, continuando nos fólios 75 a 77 e 80 a 81. Acabada esta série vem o frontispício com o título *Livro de Plantaforma das Fortalezas da India* (fólio 82), com plantas das fortalezas de fólios 82 a 86, 88 a 105 e 109 a 113; os intermédios, agora com outros desenhos ou texto, talvez fossem destinados a fortalezas de que o autor não tinha elementos na altura. Finalmente, no fólio 115, vem o frontispício do *Livro das Armas,* abrindo a parte heráldica.

Jorge Faro, como já dissemos, considerou o códice da autoria de Manuel Godinho de Erédia. Embora as razões sejam bastante evidentes, vale a pena indicá-las. A letra é semelhante à de obras assinadas de Erédia. Também nos títulos e na disposição a analogia é flagrante. O estilo do cartógrafo luso-malaio é na realidade inconfundível e revela-se claramente no códice, nomeadamente no traçado dos rios, caminhos a ponteado, representação de povoações, etc. Algumas cartas e plantas, sobretudo da Malásia, encontram-se noutras das suas referidas obras. Nada menos de cinco figurações cartográficas têm legendas em que se fala de Manuel Godinho de Erédia a propósito de factos a que ele esteve ligado — Luca Antara, minas de Malaca, fortaleza de Muar (fólios 3 r, 17 r, 39 r, 64 r e 109 v). No fólio 48 r vem o desenho de uma cruz semelhante ao do fólio 59 r da *Declaraçam de Malaca,* ambos com legenda em que se diz ter aparecido em 24 de Novembro de 1602; no texto da última obra, Erédia refere-se ao facto como ocorrido quando andava em explorações em Malaca. No fólio 106 v, a propósito de Muar, novamente aparece a referência à fundação da fortaleza pelo «descobridor mel. Godinho de eredia». Não vale a pena apontar mais semelhanças e factos; o códice é sem dúvida um autógrafo de Erédia.

Os elementos cronológicos que abundam na obra confirmam esta atribuição e permitem datar aquela entre limites pouco afastados. Na parte que consideramos inicial, a mais cuidada, e desenhada apenas no rosto das folhas, encontramos, logo a abrir, no mapa-mundi (fólio 3 r), a referência à última viagem de Queirós, com a data de 1609, o mesmo se repetindo nas folhas 17 r e 65 r. Como dissemos, o erro na data sugere que estas cartas foram traçadas alguns anos após a viagem. Outras datas apontadas são 1603 (fólio 39 r), 1602 (fólio 48 r), 1601 (fólio 64 r) e 1604 (fólio 98 r). O desenho do Estreito de Magalhães (fólio 81 r) é de um tipo anterior às

Folio 109 v — «Fortress of Muar», with a legend about its foundation by Manuel Godinho de Erédia on 2 February 1603.

Folio 110 r (Plate 421 E) — «Fortress of the Achin».

Folio 111 r — «Fortress of Sunda Bantan». Legend about the foundation of the factory by the Dutch in 1596, and an indication that they intended to build a fortress there.

Folio 112 r — «Fortress of Lesser Ende».

Folio 113 r — «Fortress of Solor».

Folios 113 r and 114 v — Heraldic drawings.

Folio 115 r — Frontispiece, with the title «Book of the Arms of the Kingdoms and of the Nobility of the Kingdom of Portugal», followed by twenty folios, irregularly numbered, containing several hundred coats-of-arms.

Folios 132-149 — Drawings of botanical specimens, mostly from the East.

As we have already said, the binding is of the 18th century, some of the leaves have been reversed, and the numbering was added when the margins of the leaves were already considerably damaged. We do not know exactly the original order of the leaves as it is possible that they were re-arranged. In general the drawings on the front of the leaves are more correct and careful than those on the back, and have a certain order, which is not so apparent in the case of the latter. This suggests that the author began by working only on the front of the leaves, and later on used the backs for new drawings, generally in the form of sketches; the former must therefore constitute the earliest part of the codex.

The frontispieces, with or without legends, distinguish relatively homogeneous groups of the earliest charts. The first two (folios 1 and 2) were possibily intended for a general title and a dedication or sub-title. They are followed by the world-map and the maps of the continents (folios 3 to 8). Another frontispiece, blank (folio 9), precedes a series of maps of European countries (folios 10 to 16). Folios 17 to 22 must originally have been left blank and later used for mere sketches. One more frontispiece without any legend (folio 23) precedes another series of the original charts, devoted particularly to Asiatic countries (folios 24 to 32, with the misplaced map of France on folio 26). On folios 33 to 37 (front and back) there is a series of charts of the coast from the Far East to Europe, possibly also an addition. The Asiatic part recommences on folios 38 to 45, and folios 46 to 49 (the first two, at least) must originally have been left blank. Another series of maps of Asia and the East Indies occupies folios 50 to 65, the maps of the Antilles and the Pacific (folios 66 and 67) probably being additions, as well as the drawing on folio 68. Folios 69 to 73 have maps of Spanish America, continued on folios 75-77 and 80-81. This series is followed by the frontispiece with the title «Book of the Platform of the Fortresses of India» (folio 82), with the plans of the fortresses on folios 82-86, 88-105 and 109-113; the intermediate folios, bearing other drawings or text, were perhaps intended for fortresses for which the author had no elements at the time. Finally, on folio 115, is the frontispiece of the «Book of Arms», opening the section on heraldry.

Jorge Faro considers the codex to be by Manuel Godinho de Erédia. Although the reasons for this are quite clear, it is worth while to point them out. The lettering is similar to that in Erédia's signed works. The similarity is also evident in the titles and arrangement. The Luso-Malayan cartographer's style is indeed unmistakable and is clearly revealed in the codex, notably in the drawing of the rivers, that of roads as dotted lines, the representation of towns, etc. Some maps and plans, particularly of the Malay Peninsula, are found in others of his works already referred to. No less than five cartographic drawings have legends referring to Manuel Godinho de Erédia in connection with matters in which he was concerned — Luca Antara, the mines of Malacca, and the fortress of Muar (folios 3 r, 17 r, 39 r, 64 r and 109 v). On folio 48 r there is a drawing of a cross similar to that on folio 59 r of the *Declaraçam de Malaca,* both with a legend in which the cross is said to have appeared on 24 November 1602; in the text of the latter work Erédia refers to the event as having taken place when he was exploring in Malacca. On folio 106 v, about Muar, the reference to the foundation of the fortress by the «discoverer Manuel Godinho de Erédia» is repeated. It is not necessary to point out any further similarities or evidence; the codex is undoubtedly from Erédia's hand.

The chronological data which abound in the work confirm this ascription and make it possible to date it within narrow limits. In the part we consider as earlier, the more careful part drawn only on the front of the leaves, we find at the beginning, in the world-map (folio 3 r), the reference to Quiros' last voyage, dated 1609, which is repeated on folios 17 r and 65 r. As we have said, the error in the date suggests that these charts were drawn some years after the voyage. Other dates given are 1603 (folio 39 r), 1602 (folio 48 r), 1601 (folio 64 r) and 1604 (folio 98 r). The drawing of the Strait of Magellan (folio 81 r) is of a type which antedates the voyages of Le Maire

viagens de Le Maire e Schouten (1615-1617) e dos irmãos Nodal (1618-1619), sendo as cartas da América espanhola e Filipinas bastante pormenorizadas (algumas com o interior), o que, com o conhecimento também revelado da viagem de Queirós-Torres, leva a supor que Erédia obteve cartas espanholas actualizadas, talvez pelos contactos com os espanhóis das Filipinas. Os factos apontados fazem-nos crer que o grupo de cartas do rosto das folhas deve ter sido traçado à volta de 1615.

Nos desenhos cartográficos — que são sobretudo esboços — do verso das folhas e do rosto de algumas que inicialmente não teriam sido aproveitadas, encontram-se referências cronológicas a 1597 (fólio 21 r), 1600 (fólio 21 v), 1606 (fólio 22 r), 1622 (fólio 73 v) e 1603 (fólio 109 v). No pequeno texto sobre as fortalezas, de fólios 106 v a 108 v, são registadas numerosas datas, que vão de 1588 a 1616. A data mais recente que encontrámos é porém na explicação que acompanha o esboço da tomada de Ormuz pelos ingleses e persas, 29 de Abril de 1622. Estes esboços e textos estão escritos numa letra pouco cuidada, que contrasta com a dos desenhos das cartas que supomos mais antigas; mas o exame comparativo a que procedemos, levou-nos a julgar que é tudo da mesma mão. Como vimos, Erédia morreu um pouco antes de 12 de Março de 1623, e não encontrámos na obra qualquer data ou conhecimento posterior a 1622, sendo de notar que a letra mais irregular é precisamente a da descrição da perda de Ormuz.

Tudo sugere, portanto, que toda a parte cartográfica do códice é da autoria de Erédia, e foi traçada entre c. 1615 e 1622, ou princípios de 1623, ao longo de vários anos. É possível que Erédia tivesse começado o trabalho com ideia de o oferecer a alguém e depois desistisse do propósito, utilizando o códice como uma espécie de livro de apontamentos, onde foi sucessivamente inscrevendo novos desenhos, que na maior parte devem ser cópias de cartas que foi tendo ocasião de consultar.

Para além da desigualdade na perfeição do desenho, o códice reveste-se do interesse raro de constituir um livro de apontamentos de um cartógrafo. Ao descrever as cartas, fizemos um ou outro reparo sobre várias delas. A análise e comparação com outras levar-nos-ia longe, mas apontamos, no entanto, alguns aspectos mais salientes. As cartas dos continentes (em menor grau para a Ásia), bem como as de algumas das regiões da Europa, devem provir de atlas holandeses impressos. Os desenhos de povoações e fortalezas do Oriente, bastante mais desenvolvidos que os do atlas de 1610, revelam que Bocarro e Pedro Barreto de Resende utilizaram, uns vinte a trinta anos depois, vários protótipos que já existiam na Índia no tempo de Erédia, quando até agora se julgava que as plantas que ilustram as obras daqueles haviam sido na maioria levantadas na ocasião. Várias cartas de origem náutica (que aqui não reproduzimos), transcritas por Erédia (em especial as do Golfo de Bengala e Filipinas), apresentam um detalhe no traçado e na nomenclatura que se não vê nas cartas conhecidas da época. Além do que se refere à Malásia, Erédia traçou várias cartas topográficas de regiões indianas de que também se não conhecem outros exemplares. Juntamente com as editadas por João Baptista Lavanha na *Quarta Década da Asia* (1615), constituem indício da existência de cartas geográficas portuguesas da Índia de que não há outros testemunhos.

Uma das cartas mais interessantes de tal série é a do Mogor, no fólio 30 v. É notável o desenho dos sistemas hidrográficos do Indo e do Ganges, com as povoações próximas. Supomos que tem origem nas actividades geográficas e explorações dos jesuitas, então dispondo de bom acolhimento por parte do imperador mogol. Essa carta merece estudo cuidadoso, que excede o âmbito desta obra, com base nos documentos relativos aos jesuitas. A sua comparação com outras cartas poderá ser elucidativa, como, por exemplo, com a editada em Londres em 1619, desenho de William Baffin e gravura de Renold Elstrack, com o título *A Description of East India conteyninge th'Empire of the Great Mogoll* e com legenda onde se diz provir das indagações de Dom Thomas Roe, embaixador inglês à corte do imperador mogol (6).

Não é de supor que a carta inglesa provenha de levantamentos ou observações do embaixador, embora ele possa ter feito algumas; o litoral, como mostra a toponímia, é bem de origem portuguesa, mas a nomenclatura do interior está escrita à inglesa, revelando provir de pessoa que conhecia directamente a região, havendo no entanto alguns nomes, embora raros, com portuguesismos. O protótipo de que se serviu Roe era um pouco diferente do que utilizou o autor do códice de Lisboa; a carta deste, embora de dimensões bastante menores e de carácter esquemático, é mais correcta em vários aspectos (extensão em latitude, afluentes do curso superior do Indo, localização das povoações junto deles, etc.), mas menos correcta

(6) Publicada in *Six early printed maps selected from those exhibited at the British Museum...* London 1928. No precioso «Atlas Blaeu» da Biblioteca Nacional de Viena, Vol. 38, fl. 22, vem uma versão holandesa manuscrita desta carta inglesa (*Indostan. Het Ryck van den Grooten Mogoul*). Thevenot, *Relation de divers voyages...*, Vol. I, Paris 1696, publica uma versão francesa da mesma carta, juntamente com as *Memoires de Thomas Rhoe.*

and Schouten (1615-1617) and of the Nodal brothers (1618-1619), the maps of Spanish America and the Philippines being very detailed (some of them with the hinterland); and this, with the knowledge of the Quiros-Torres voyages also revealed here, leads us to think that Erédia obtained up-to-date Spanish maps, perhaps through contacts with the Spaniards in the Philippines. All this shows that this group of charts must have been drawn about 1615.

In the cartographic drawings — mostly sketches — on the back of the leaves and the front of some of them, which must originally have been left unused, there are chronological references to 1597 (folio 21 r), 1600 (folio 21 v), 1606 (folio 22 r), 1622 (folio 73 v) and 1603 (folio 109 v). In the short text on the fortresses, from folio 106 v to 108 v, numerous dates, from 1588 to 1616, are recorded. The most recent date that we have found, 29 April 1622, is however in the explanation that accompanies the sketch of the English and Persian conquest of Ormuz. These sketches and texts are written without care, in contrast to the drawings which we suppose to be earlier, but the comparative examination we made indicates that they are all by the same hand. As we have seen, Erédia died a little before 12 March 1623, and we find no date or information in the work later than 1622, while it is to be noted that the most irregular lettering is precisely that of the description of the loss of Ormuz.

All the evidence therefore is consistent with the supposition that the whole of the cartographic part of the codex is by Erédia, and that it was drawn, over several years, between c.1615 and 1622 or the beginning of 1623. It is possible that Erédia, having begun his work with the idea, later abandoned, of offering it to somebody, kept the codex as a kind of notebook in which he successively made new drawings, mostly copies of maps that he happened to see.

Disregarding the inequality in the drawing, these facts show the interest of the codex, unusual in being a cartographer's notebook. When describing the maps we particularly noted the significance of several of them. Detailed analysis and comparative study of them would take too long, but we may point out some of their outstanding features. The maps of the continents (to a lesser degree in Asia), as well as of some European countries, must have been derived from printed Dutch atlases. The drawings of towns and fortresses of the East, much more developed than those of the atlas of 1610, reveal that twenty or thirty years later Bocarro and Pedro Barreto de Resende used several prototypes which already existed in India in Erédia's time, although hitherto it has been thought that the plans which illustrate their works were made at the time. Several charts of nautical origin (not reproduced here), transcribed by Erédia (notably those of the Gulf of Bengal and the Philippines), present details in the drawing and nomenclature not seen in the known charts of that time. Besides those of the Malay Peninsula, Erédia drew several topographical maps of Indian countries, of which also no other copies are known. Together with the charts published by João Baptista Lavanha in the *Quarta Década da Asia* (1615), they are a sign of the existence of Portuguese geographical charts of India of which there is no other evidence.

One of the most interesting maps in this series is that of Mogor on folio 30 v. The drawing of the hydrographic systems of the Indus and Ganges, and that of the neighbouring towns, is remarkable. We presume that it is derived from the geographical activities and explorations of the Jesuits, then welcomed by the Mogul Emperor. This map deserves a careful study (beyond the scope of this work) based on the documents concerning the Jesuits. Comparison of it with other maps might be illuminating, for example with that drawn by William Baffin, engraved by Renold Elstrack, and published in London in 1619 with the title *A Description of East India conteyninge th'Empire of the Great Mogoll* and a legend stating that it was drawn from the enquiries of Sir Thomas Roe, English Ambassador to the court of the Mogul Emperor (6).

It is improbable that the English map was based on surveys or observations made by the ambassador, although he may have made some; the coast, as shown by the nomenclature, is clearly of Portuguese origin, but the nomenclature of the interior is written in English, showing that it came from somebody with direct knowledge of the country: some of the names however, although very few, have Lusitanisms. The prototype used by Roe was a little different from that used by the author of the Lisbon codex; the latter's map, although much smaller and schematic in character, is more correct in several aspects (extension in latitude, tributaries of the upper Indus, disposition of the nearby towns, etc.), but less correct in others (especially

(6) Published in *Six early printed maps selected from those exhibited at the British Museum...* London 1928. In the precious «Atlas Blaeu» in the Österreichische Nationalbibliothek, Wien, Vol. 38, fl. 22, there is a Dutch manuscript version of this English map (*Indostan. Het Ryck van den Grooten Mogoul*). Thevenot, *Relation de divers voyages...*, Vol. I, Paris 1696, published a French version of the same chart, together with the *Memoires de Thomas Rhoe.*

noutros (sobretudo a orientação do Indo). É possível que tais protótipos correspondam a diferentes fases dos trabalhos dos jesuitas (7).

O esboço de Madagascar (fólio 74 v), embora de nomenclatura mais reduzida, é análogo a uma das cartas que se encontram num códice de D. António de Ataíde pertencente actualmente a C. R. Boxer (8), e provém do levantamento efectuado em 1613-4 por Paulo Rodrigues da Costa por ordem do Vice-rei D. Jerónimo de Azevedo.

the orientation of the Indus). It is possible that these prototypes corresponded to different phases of the Jesuits' work (7).

The sketch of Madagascar (folio 74 v), although it has fewer place names, is similar to one of the maps contained in a codex of D. António de Ataíde, now in the possession of C. R. Boxer (8), and comes from the survey made in 1613-4 by Paulo Rodrigues da Costa by order of the Viceroy D. Jerónimo de Azevedo.

(7) Outra carta que chegou a nossos dias, e bastante diferente das citadas, é a do P.e Monserrate, incluída em *Mongolicoe Legationis Commentarius,* reproduzida in *História da Expansão Portuguesa no Mundo,* Vol. II, p. 200. Lisboa 1939.

(8) Publicada por C. R. Boxer, *Um roteirista desconhecido do século XVII. D. António de Ataíde, capitão geral da armada de Portugal,* in *Arquivo Histórico da Marinha,* n.º 3, Lisboa 1933, e por A. Fontoura da Costa, *A Marinharia dos Descobrimentos,* 2.ª edição, p. 338, Lisboa 1939. Trataremos das cartas deste códice num dos dois últimos volumes desta obra.

(7) Another map which has survived to our time, considerably different from those referred to, is that of Father Monserrate, included in *Mongolicoe Legationis Commentarius,* and reproduced in *História da Expansão Portuguesa no Mundo,* Vol. II, p. 200. Lisboa 1939.

(8) Published by C. R. Boxer, *Um roteirista desconhecido do século XVII. D. António de Ataíde, capitão geral da armada de Portugal,* in *Arquivo Histórico da Marinha,* n.º 3, Lisboa 1933, and A. Fontoura da Costa, *A Marinharia dos Descobrimentos,* 2nd edition, p. 338, Lisboa 1939. We shall discuss the charts of this codex in one of the last two volumes of this work.

A

Fol. 3 r.

B

Fol. 17 r.

C

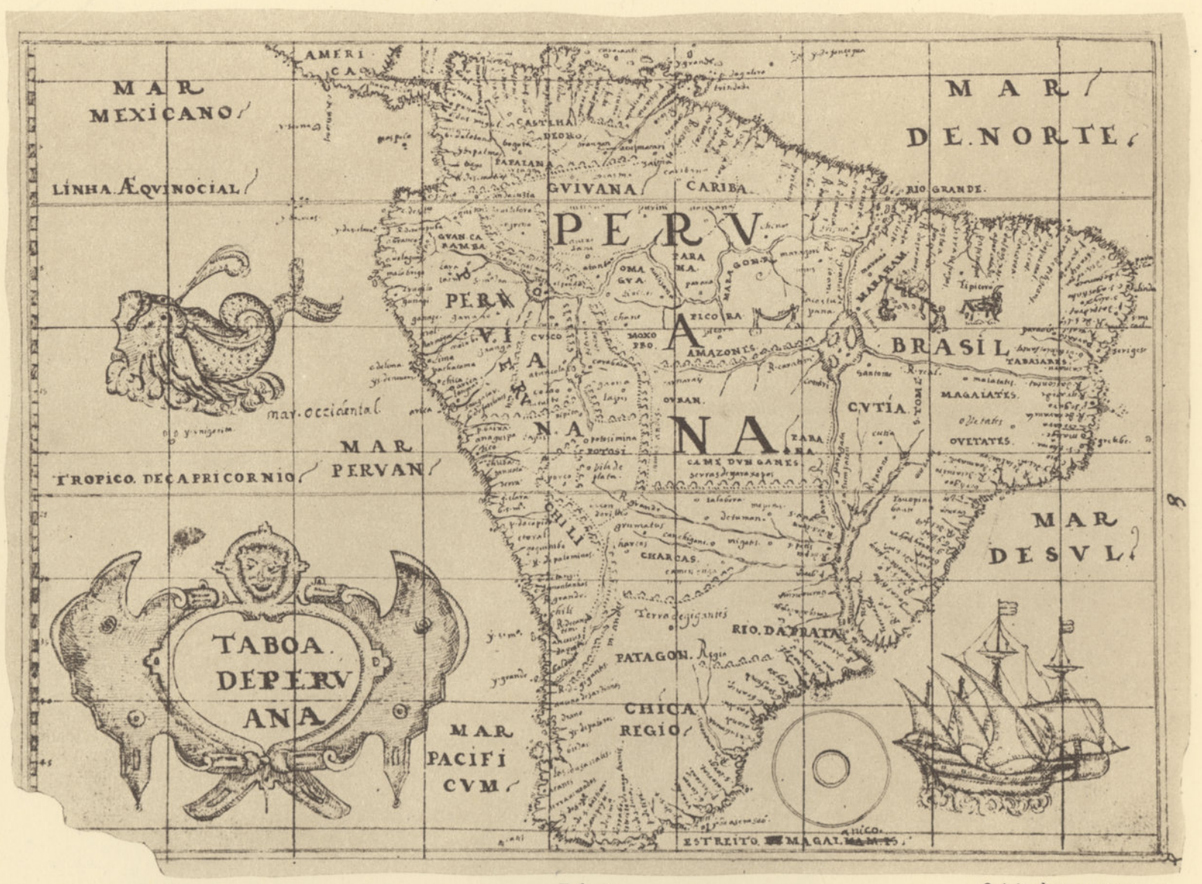
Fol. 5 r.

D

Fol. 6 r.

E

Fol. 7 r.



F

Fol. 8 r.

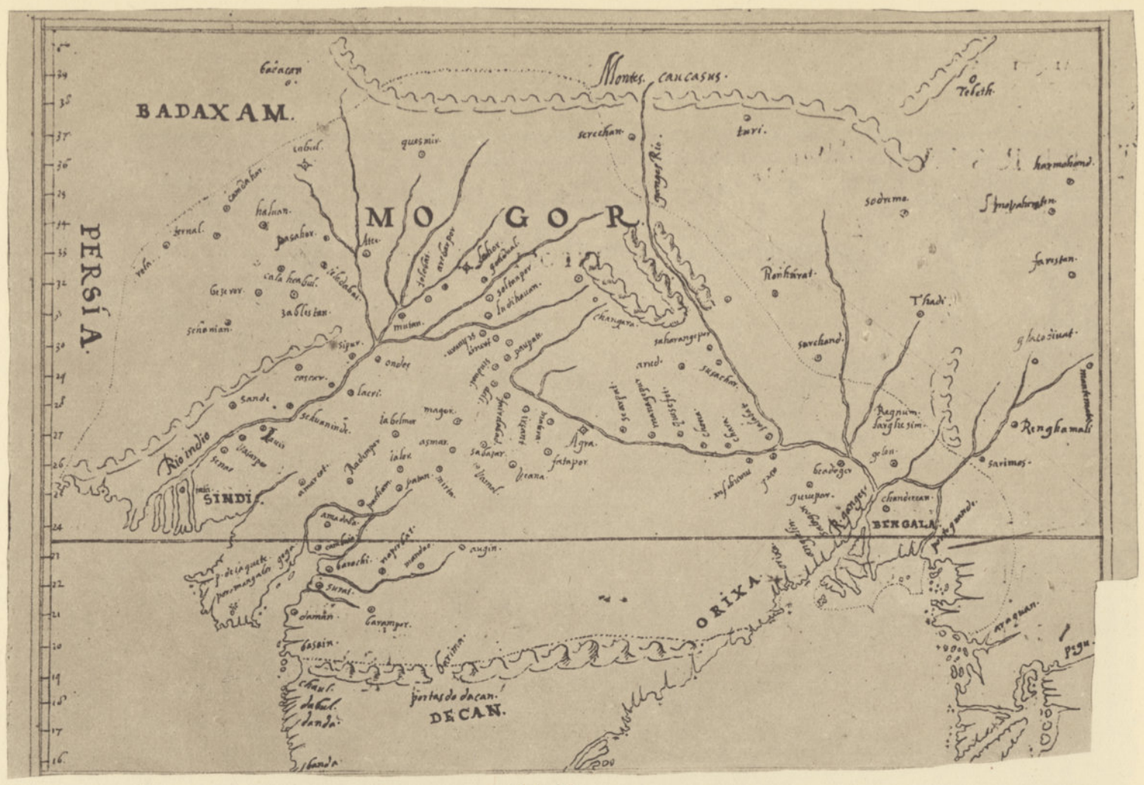
Original 275×200 mm.

ANÓNIMO-MANUEL GODINHO DE ERÉDIA, c. 1615-c. 1622

Atlas-miscelânea — Atlas-miscellany

Colecção de
Collection of *Dr. C. M. C. Machado Figueira, Lisboa*

A Fol. 30 r.



B Fol. 30 v.

C Fol. 44 r.

D Fol. 43 r.

E Fol. 45 r.

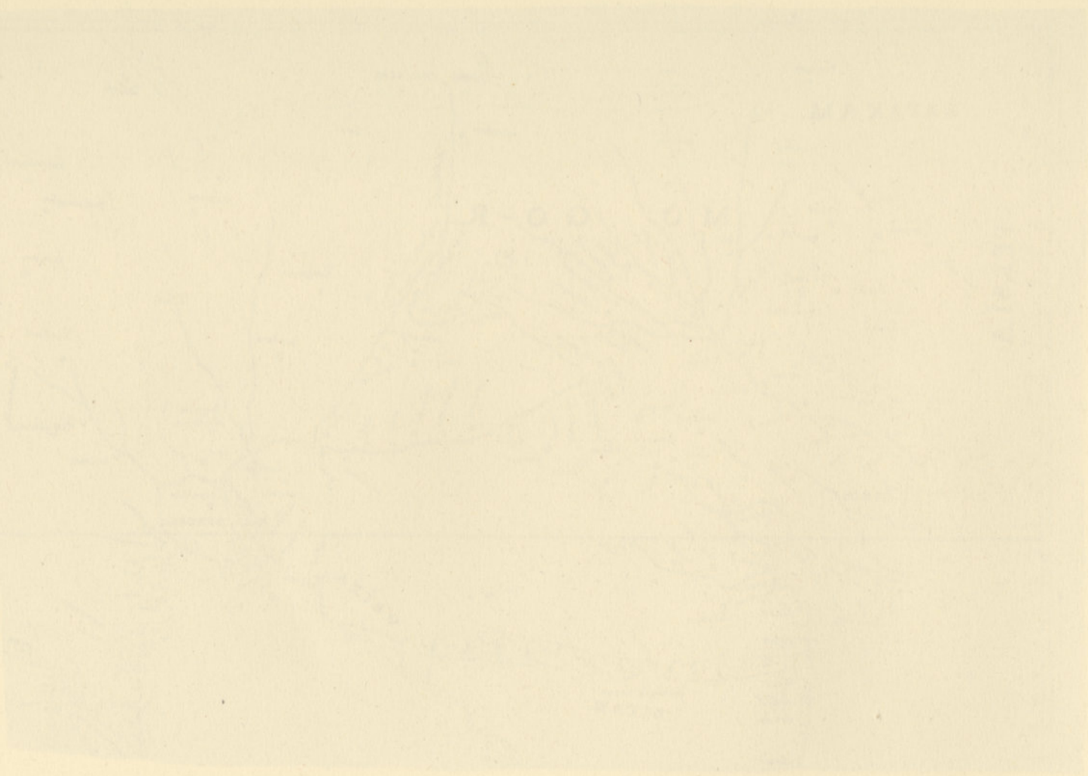
F Fol. 50 r.

Original 275×200 mm.

ANÓNIMO-MANUEL GODINHO DE ERÉDIA, c. 1615-c. 1622

Atlas-miscelânea — Atlas-miscellany

Colecção de / Collection of *Dr. C. M. C. Machado Figueira, Lisboa*



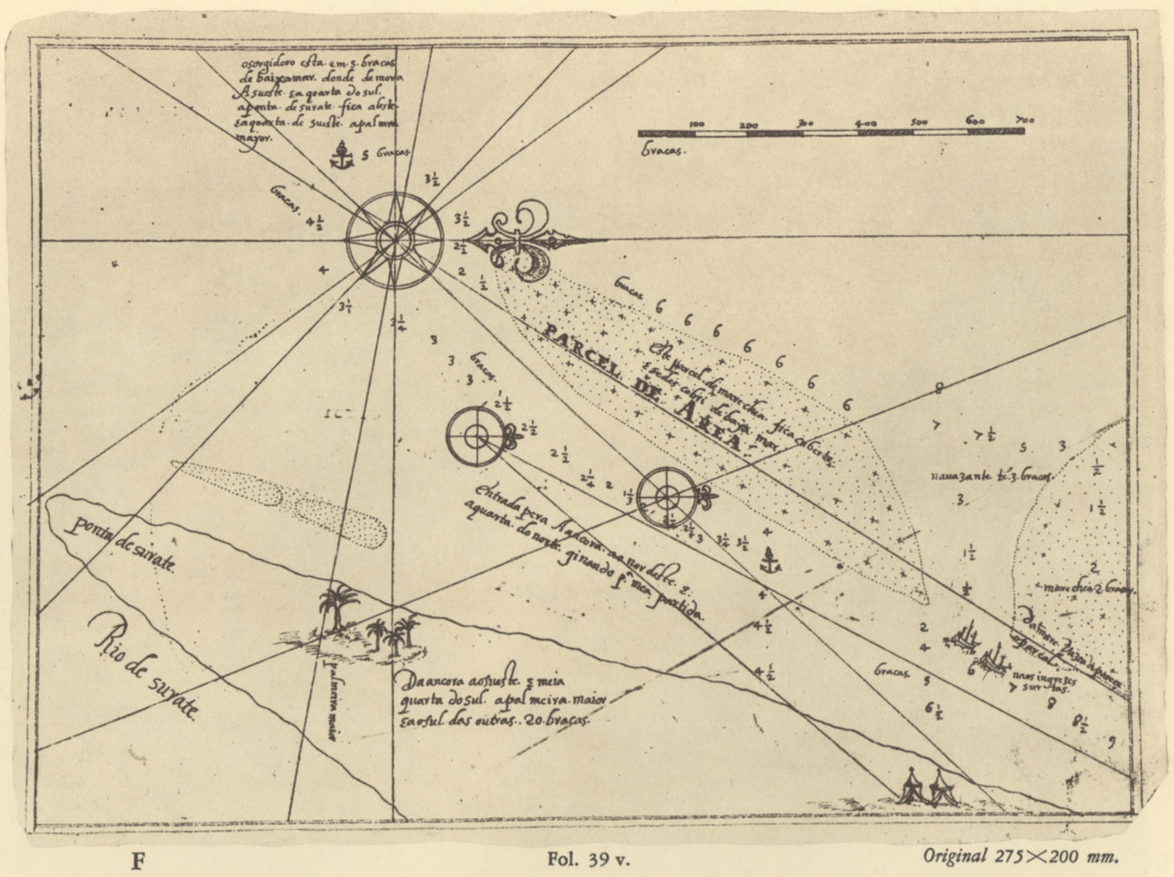
A Fol. 32 r.

B Fol. 29 v.

C Fol. 28 v.

D Fol. 42 r.

E Fol. 31 r.



F Fol. 39 v.

Original 275×200 mm.

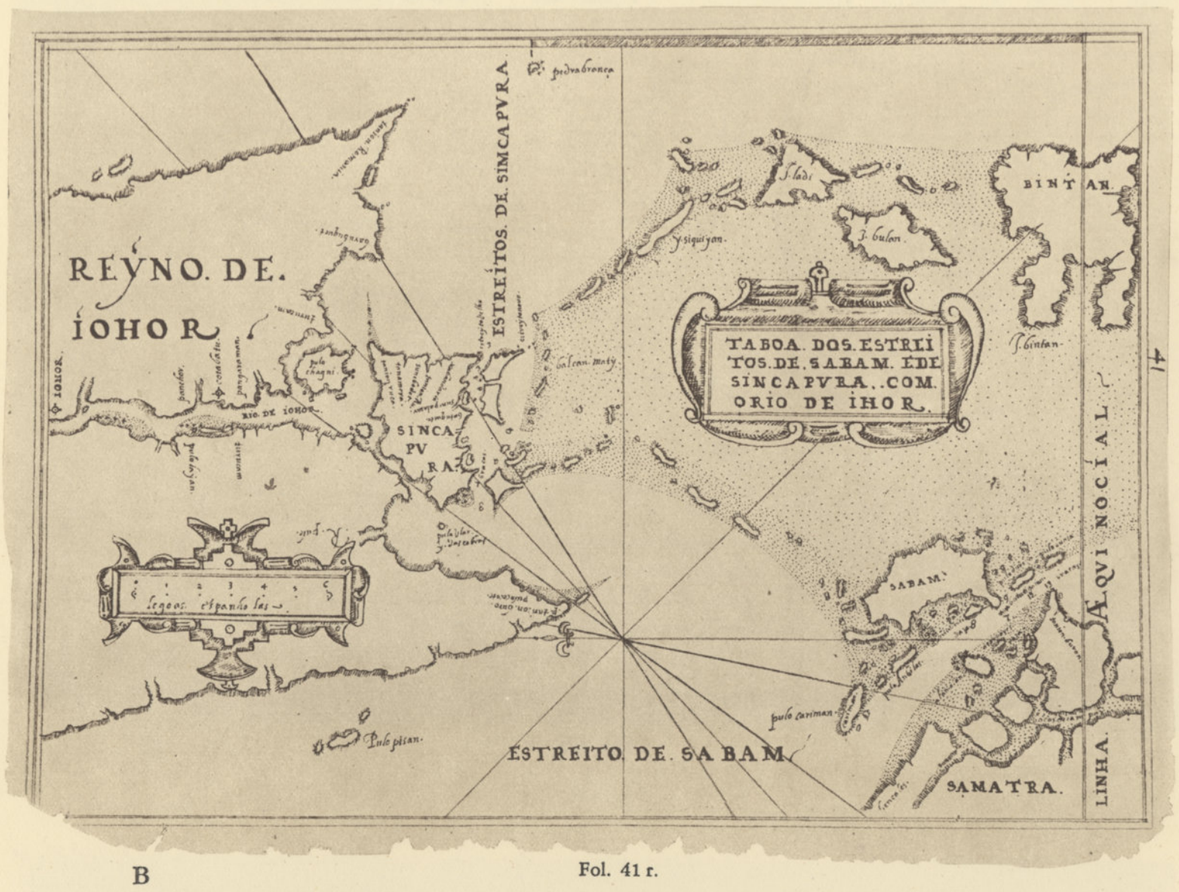
ANÓNIMO-MANUEL GODINHO DE ERÉDIA, c. 1615-c. 1622

Atlas-miscelânea — Atlas-miscellany

Colecção de
Collection of *Dr. C. M. C. Machado Figueira, Lisboa*

A

Fol. 38 r.

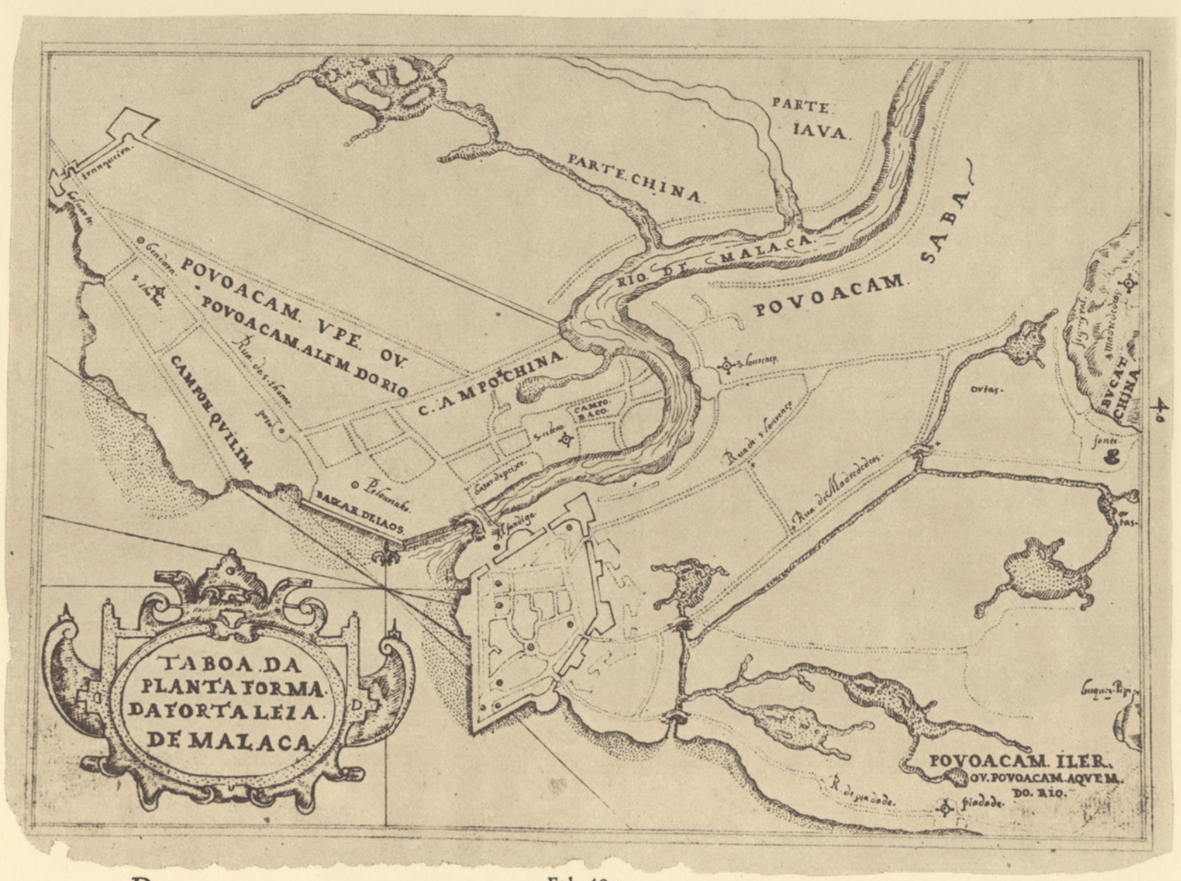


B

Fol. 41 r.

C

Fol. 39 r.



D

Fol. 40 r.

E

Fol. 51 r.

F

Fol. 52 r.

Original 275×200 mm.

ANÓNIMO-MANUEL GODINHO DE ERÉDIA, c. 1615-c. 1622

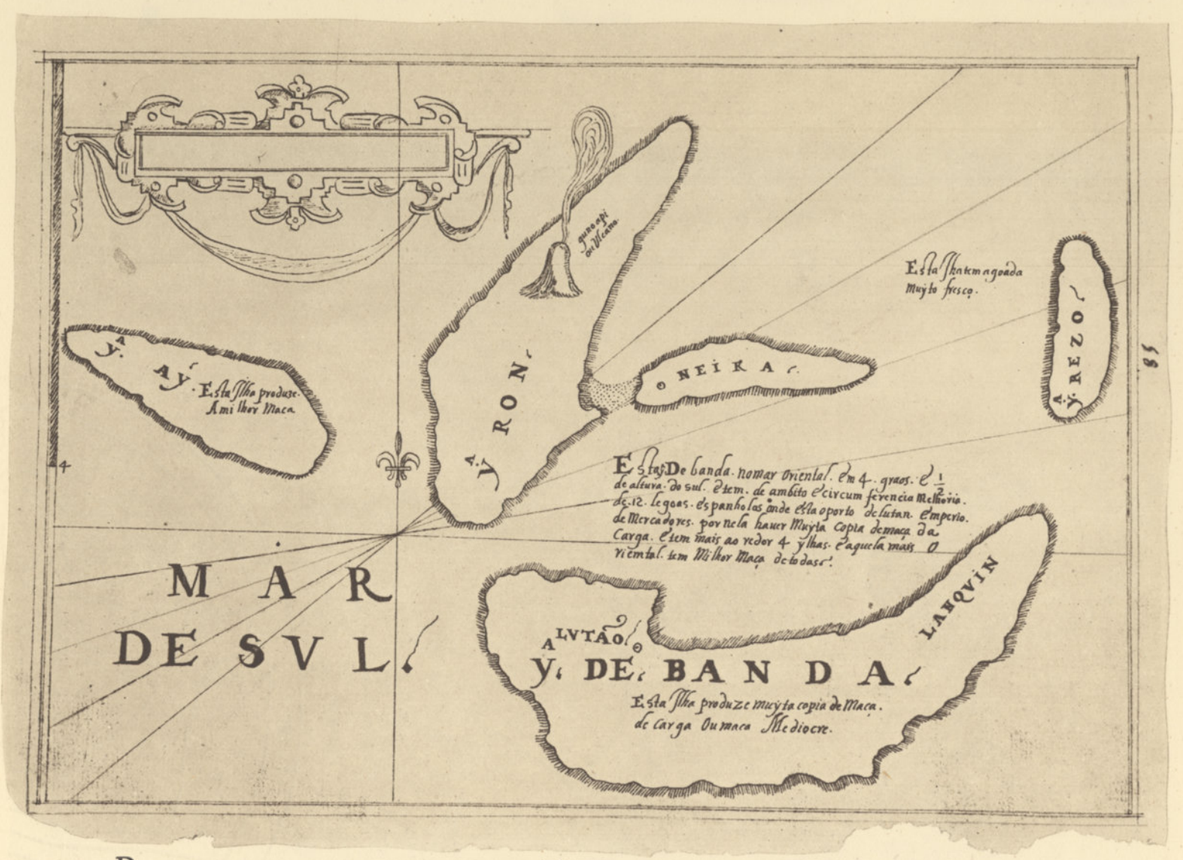
Atlas-miscelânea — Atlas-miscellany

Colecção de
Collection of *Dr. C. M. C. Machado Figueira, Lisboa*

A — Fol. 59 r.

B — Fol. 60 r.

C — Fol. 61 r.



D — Fol. 58 r.

E — Fol. 54 r.

F — Fol. 53 r. — *Original 275×200 mm.*

ANÓNIMO-MANUEL GODINHO DE ERÉDIA, c. 1615-c. 1622

Atlas-miscelânea — Atlas-miscellany

Colecção de / Collection of *Dr. C. M. C. Machado Figueira, Lisboa*

A

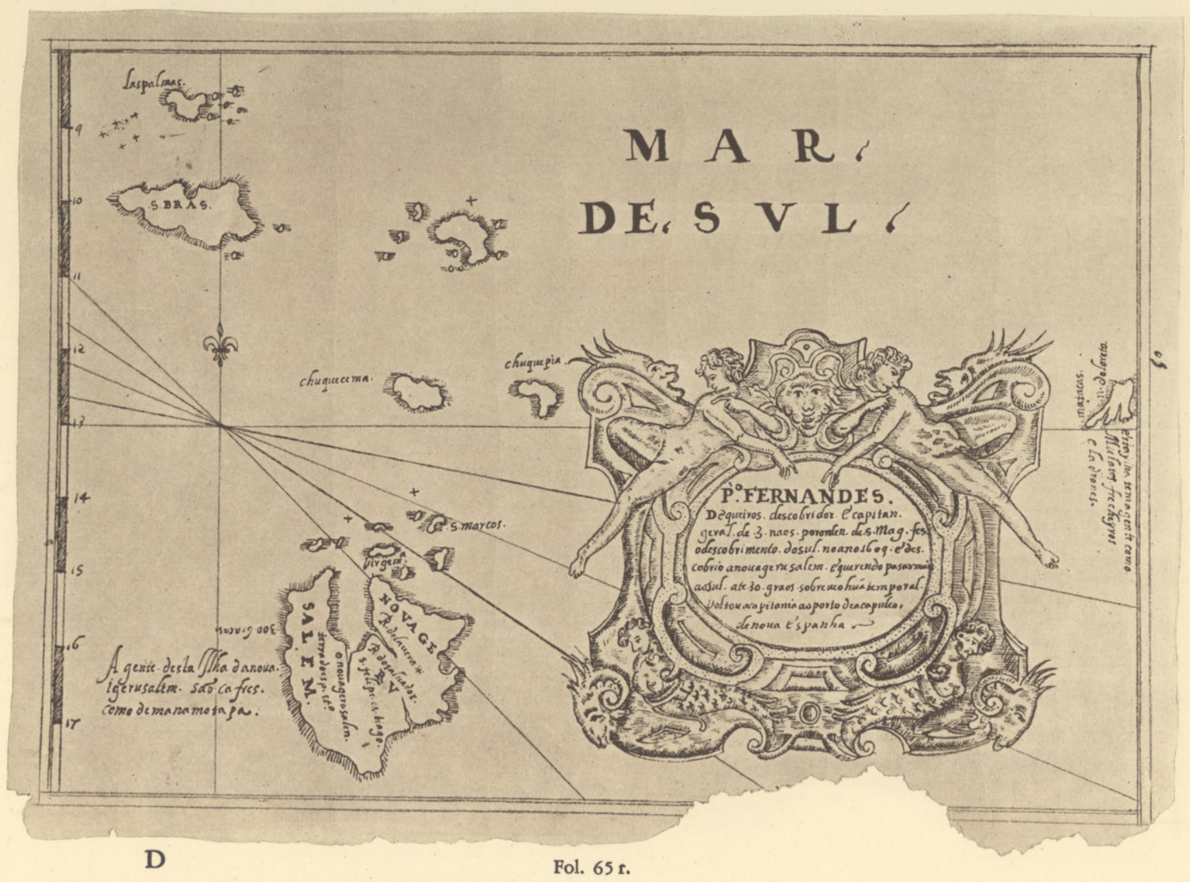
Fol. 62 r.

B

Fol. 64 r.

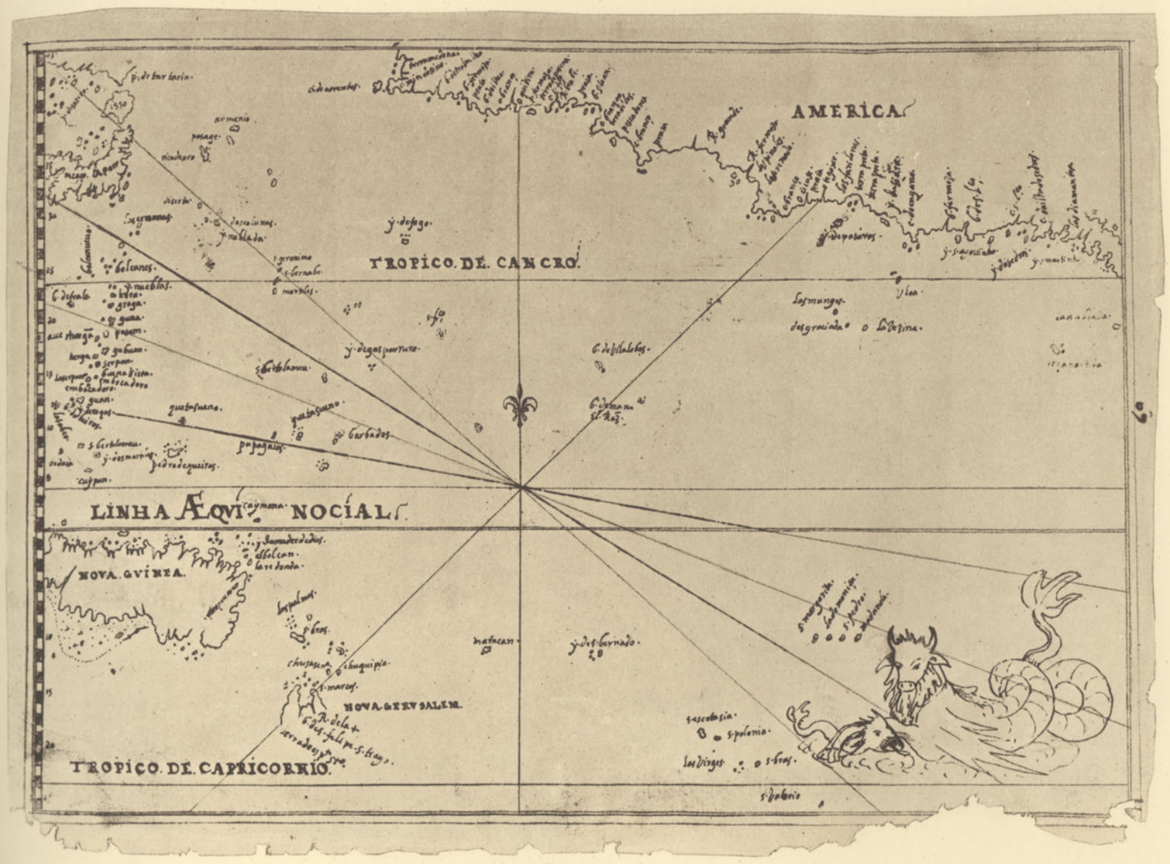
C

Fol. 63 r.



D

Fol. 65 r.



E

Fol. 67 r.

F

Fol. 38 v.

Original 275×200 mm.

ANÓNIMO-MANUEL GODINHO DE ERÉDIA, c. 1615-c. 1622

Atlas-miscelânea — Atlas-miscellany

Colecção de
Collection of *Dr. C. M. C. Machado Figueira, Lisboa*

A

Fol. 85 r.

B

Fol. 89 v.

C

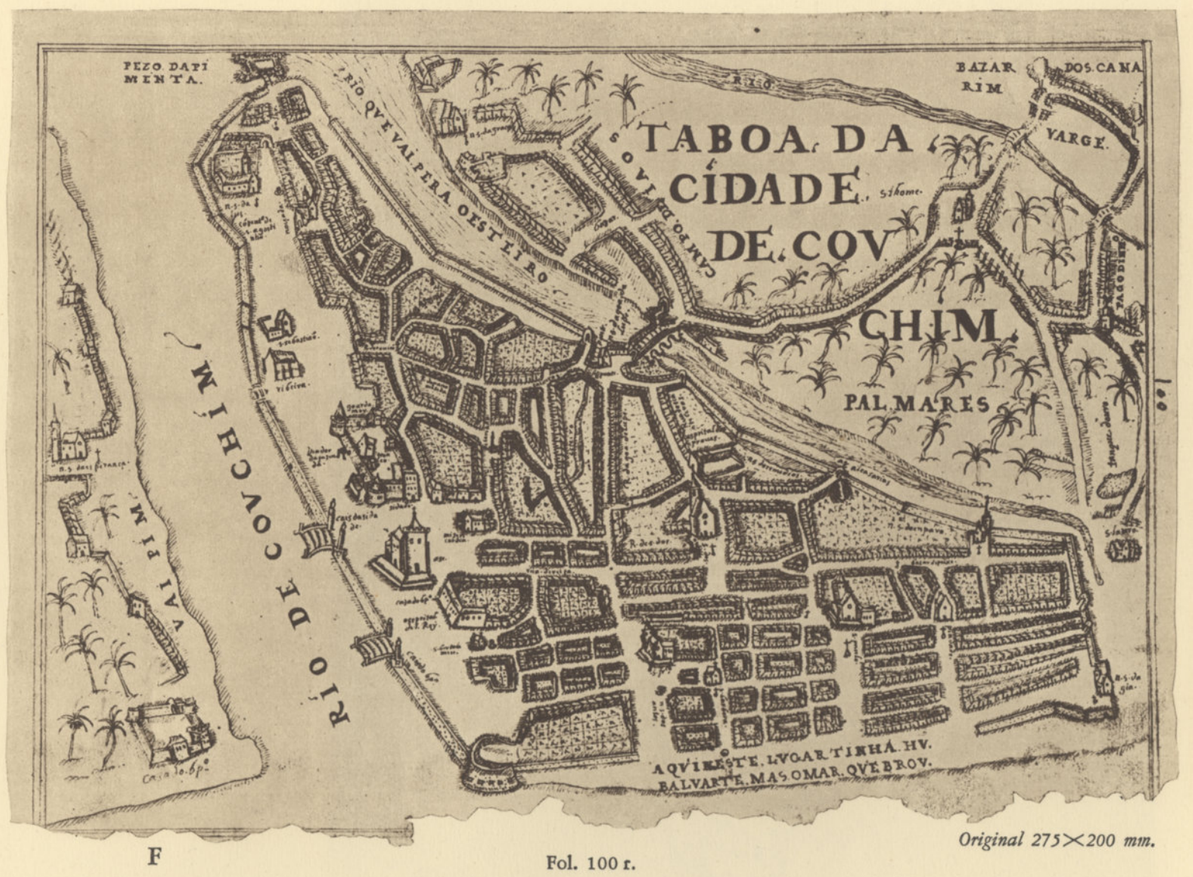
Fol. 88 r.

D

Fol. 83 r.

E

Fol. 92 r.



F

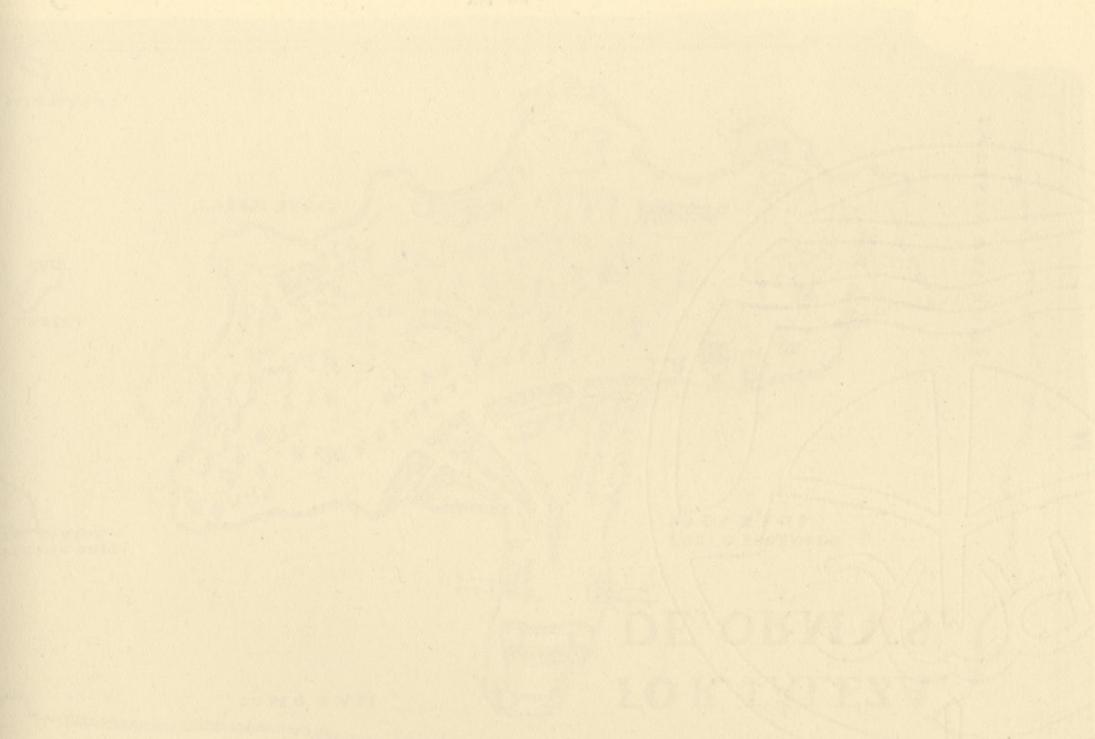
Fol. 100 r.

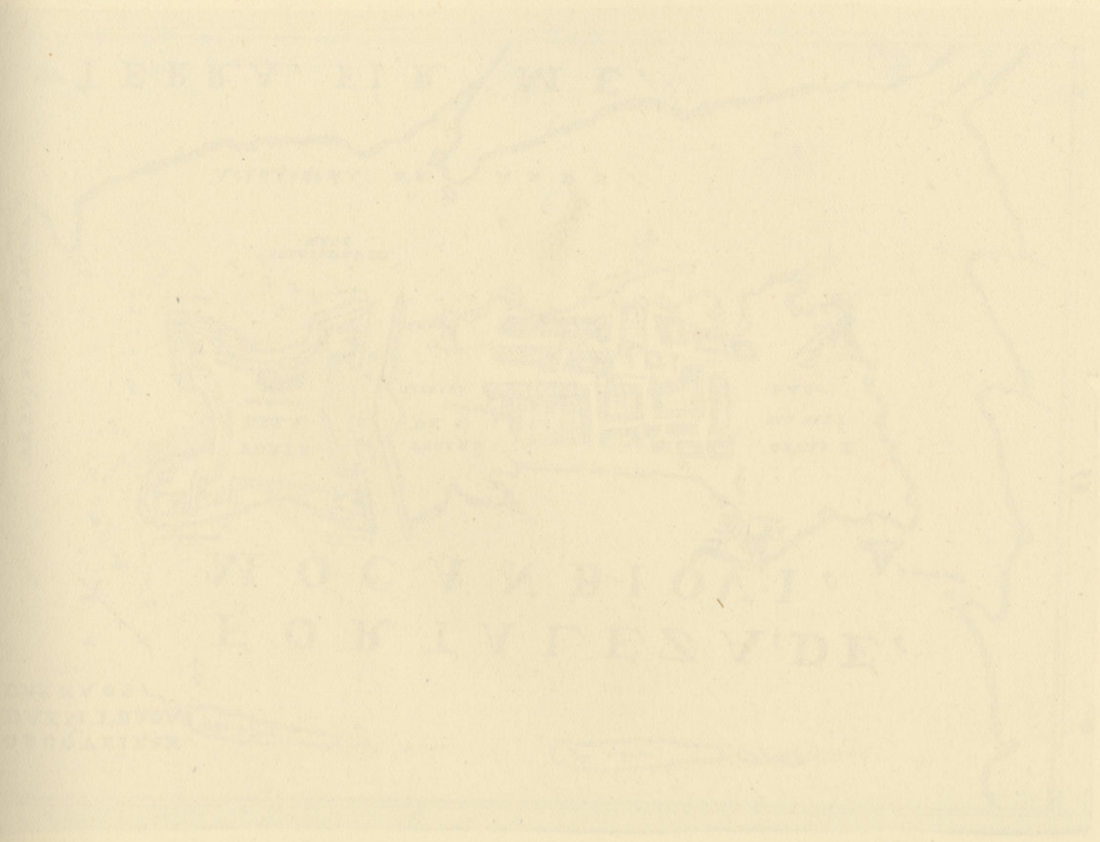
Original 275×200 mm.

ANÓNIMO-MANUEL GODINHO DE ERÉDIA, c. 1615-c. 1622

Atlas-miscelânea — Atlas-miscellany

Colecção de
Collection of *Dr. C. M. C. Machado Figueira, Lisboa*





A

Fol. 96 r.

B

Fol. 102 r.

C

Fol. 84 r.

D

Fol. 104 r.

E

Fol. 110 r.

F

Fol. 105 r.

Original 275×200 mm.

ANÓNIMO-MANUEL GODINHO DE ERÉDIA, c. 1615-c. 1622

Atlas-miscelânea — Atlas-miscellany

Colecção de Collection of *Dr. C. M. C. Machado Figueira, Lisboa*

A Fol. 73 r.

B Fol. 76 r.

C Fol. 80 r.

F Fol. 81 r.

D Fol. 75 r.

E Fol. 77 r.

Original 275×200 mm.

ANÓNIMO-MANUEL GODINHO DE ERÉDIA, *c.* 1615-c. 1622

Atlas-miscelânea — Atlas-miscellany

Colecção de Collection of *Dr. C. M. C. Machado Figueira, Lisboa*

JOÃO BAPTISTA LAVANHA

O CARTÓGRAFO JOÃO BAPTISTA LAVANHA E A SUA OBRA

FOI João Baptista Lavanha uma das mais notáveis figuras intelectuais da Península Ibérica dos fins do século XVI e começos do XVII, notabilizando-se em todos os ramos da polimórfica actividade a que se votou: como cosmógrafo, cartógrafo, engenheiro, cronista, genealogista, etc. Gozou abundantemente dos favores dos reis e teve a maior nomeada na época em que viveu, não sendo por isso de estranhar que tenha sido largamente referido nos livros e documentos da época.

Conhecem-se apenas duas obras cartográficas com a sua assinatura, ambas impressas, a mais importante das quais é a carta de Aragão, que foi levantada por ele próprio no terreno e teve onze edições durante século e meio. Podemos também agora atribuir-lhe, juntamente com Luís Teixeira, a autoria de um interessante atlas-cosmografia, até aqui pouco conhecido e erradamente considerado espanhol.

1) João Baptista Lavanha, Carta de Aragão em seis folhas, desenho original de 1615, primeira edição em 1620 e última em 1777. Estampa 423.

2) João Baptista Lavanha, três Cartas do Oriente na *Quarta Década da Ásia,* de João de Barros, 1615. Estampas 424 A, B, e D.

3) Anónimo — João Baptista Lavanha e Luís Teixeira, atlas-cosmografia com trinta e duas folhas, 1597 e 1612, em Turim. Estampas 424 C e 425-440.

Escreveu ainda João Baptista Lavanha numerosas obras de carácter náutico e geográfico, as quais indicaremos no final, dadas as suas relações com a cartografia.

ELEMENTOS BIOGRÁFICOS

Embora alguns tratadistas e historiadores se tenham ocupado da sua vida e obra, ou de parte dela (1), foi Sousa Viterbo quem primeiramente o fez com certo pormenor, compilando elementos dispersos e publicando vários documentos até então ignorados (2). No entanto, só mais recentemente é que surgiu o primeiro estudo desenvolvido sobre Lavanha, da autoria de Armando Cortesão (3), e, a pouco e pouco, outros autores têm depois disso revelado a existência de mais documentos e obras (4). É muito provável que novas pesquisas nos arquivos de Portugal e Espanha permitam saber de outros documentos acerca de Lavanha e de outras obras da sua autoria (5). No que se segue resumimos ràpidamente o que têm apurado os últimos estudiosos, em especial Armando Cortesão, que refere e extracta ou resume oitenta documentos (6).

João Baptista Lavanha (7) nasceu em meados do século XVI, talvez em Lisboa, sendo seus pais Luís de Lavanha, escudeiro fidalgo, e Jerónima Daça. Teve o mesmo nome de seu avô paterno, falecido em 1555, o que tem dado origem a algumas confusões. Como Pedro Nunes, era de ascendência

(1) Diogo Barbosa Machado, *Bibliotheca Lusitana,* Vol. II, Lisboa 1747 (no Vol. IV vêm correcções, incluindo o que se refere à filiação). Martin Fernández Navarrete, *Colección de Opúsculos,* Vol. II, pp. 101 e seguintes. Madrid 1848. Filipe Picatoste y Rodríguez, *Apuntes para una Biblioteca Científica Española del siglo XVI,* pp. 160-2. Madrid 1891. Cristóbal Pérez Pastor, *Bibliografia madrileña ó descripcion de obras impressas en Madrid.* Madrid 1891-1906-1907. Faustino Sancho y Gil, *Itinerário del Reyno de Aragon por Juan Bautista Labaña.* Zaragoza 1895. José Augusto Sánchez Pérez, *Discurso leído en el acto de su recepción a la Academia de Ciencias Exactas, Físicas y Naturales, de Madrid, el dia* 20 *de Junio de* 1934. Madrid 1934.

(2) Sousa Viterbo 1898, Vol. I, pp. 171-83.

(3) Cortesão 1935, Vol. II, pp. 294-361.

(4) Fontoura da Costa 1940 (*Roteiros*); Mendes da Luz 1955; Frazão de Vasconcelos 1958; Leite de Faria 1959.

(5) Na Academia de História, Madrid, Coleccion Vargas Ponce, n.º 475 do índice final de papeis soltos com referência ao Tomo VI, indica-se o nome «Labaña», mas na análise rápida desse tomo a que procedemos nada encontrámos de tal autor.

(6) Devido à falta de espaço, não damos todas as devidas referências documentais neste resumo. Sempre que não sejam indicadas, podem ver-se em Cortesão 1935.

(7) Nos livros e documentos espanhóis é referido como Juan Bautista Lavaña, Labaña, de la Baña, Alavaña e Alabaña. É hábito inveterado dos espanhóis, desde os tempos antigos aos modernos, castelhanizar os nomes dos portugueses, sendo muito frequente, em bibliografias históricas e científicas espanholas, incluir nelas, com nomes castelhanos, autores portugueses, o que torna a lista mais extensa. Se por vezes se indica a nacionalidade lusitana dos indivíduos, em muitas outras isso não se verifica. No que se refere a pessoas de condição mais modesta (como pilotos e marinheiros), a confusão ainda se torna maior, e se de muitos deles se tem conseguido evidenciar a nacionalidade lusitana (sobretudo Jaime Cortesão, em trabalhos vários sobre a história da ciência náutica e da América), quantos mais, à míngua de fontes documentais em que se indique a naturalidade ou nacionalidade, estão condenados a ficarem para sempre como espanhóis, em virtude da tradicional castelhanização que sofreram os seus nomes no país vizinho!

THE CARTOGRAPHER JOÃO BAPTISTA LAVANHA AND HIS WORK

JOÃO Baptista Lavanha was one of the most notable intellectual figures of the Iberian Peninsula at the end of the XVI century and beginning of the XVII, who distinguished himself in every branch of the many-sided activity in which he was engaged: as cosmographer, cartographer, engineer, chronicler, genealogist, etc. He enjoyed an abundance of royal favour and great fame in his day, so that it is not surprising to find him frequently referred to in contemporary books and documents.

We know only two cartographic works signed by him, both printed. The most important of these is the map of Aragon, for which he himself made the ground survey, and which had twelve editions in a century and a half. We can also attribute to him the joint authorship, with Luís Teixeira, of an interesting atlas-cosmography, hitherto little known and wrongly thought to be Spanish.

1) João Baptista Lavanha, map of Aragon in six sheets, original drawing 1615, first edition in 1620 and last in 1777. Plate 423.

2) João Baptista Lavanha, three maps of the East, in the *Quarta Década da Ásia* of João de Barros, 1615. Plates 424 A, B, and D.

3) Anonymous — João Baptista Lavanha and Luís Teixeira, Atlas-cosmography of thirty-two leaves, 1597 and 1612, in Turin. Plates 424 C and 425-440.

João Baptista Lavanha also wrote numerous works of nautical and geographical character, to which — in view of their relation to cartography — we shall refer below.

BIOGRAPHICAL ELEMENTS

Although some earlier authors and historians had dealt with Lavanha's life and works, or part of it (1), the first to do so in any detail was Sousa Viterbo, who brought together scattered information and published various documents till then unknown (2). It is only more recently however that the first thorough study of Lavanha, that by Armando Cortesão, has appeared (3), and since then other authors have by degrees brought to light further documents and works (4). It is very probable that fresh searches in the archives of Portugal and Spain will reveal other documents on Lavanha as well as further works by him (5). In this chapter we briefly summarize the researches of the most recent students, particularly Armando Cortesão, who has recorded and printed, in extract or abstract, eighty documents (6).

João Baptista Lavanha (7) was born in the middle of the XVI century, perhaps in Lisbon, his parents being Luís de Lavanha, a nobleman, and Jerónima Daça. He had the same name as his paternal grandfather, who died in 1555, and this has given rise to some confusion. Like Pedro Nunes,

(1) Diogo Barbosa Machado, *Bibliotheca Lusitana,* Vol. II, Lisboa 1747 (in Vol. IV there are corrections, including that referring to Lavanha's parentage). Martin Fernández Navarrete, *Colección de Opúsculos,* Vol. II, pp. 101 *seqq.* Madrid 1848. Filipe Picatoste y Rodríguez, *Apuntes para una Biblioteca Científica Española del siglo XVI,* pp. 160-2. Madrid 1891. Cristóbal Pérez Pastor, *Bibliografía madrileña ó descripción de obras impressas en Madrid.* Madrid 1891-1906-1907. Faustino Sancho y Gil, *Itinerário del Reyno de Aragon por Juan Bautista Labaña.* Zaragoza 1895. José Augusto Sánchez Pérez, *Discurso leído en el acto de su recepción a la Academia de Ciencias Exactas, Físicas y Naturales, de Madrid, el dia 20 de Junio de 1934.* Madrid 1934.

(2) Sousa Viterbo 1898, Vol. I, pp. 171-83.

(3) Cortesão 1935, Vol. II, pp. 294-361.

(4) Fontoura da Costa 1940 (*Roteiros*); Mendes da Luz 1955; Frazão de Vasconcelos 1958; Leite de Faria 1959.

(5) In the Academia de História, Madrid, Vargas Ponce Collection, N.º 475 in the final index of loose papers, the name «Labaña» occurs with a reference to Volume VI, but in our rapid perusal of that volume we failed to find anything by this author.

(6) For want of space, we do not give all the relevant documentary references in this summary. Wherever these are omitted, see Cortesão 1935.

(7) In Spanish books and documents he is referred to as Juan Bautista Lavaña, Labaña, de la Baña, Alavaña and Alabaña. From the earliest times to today, the Spaniards have constantly turned Portuguese names into Castillian form, and Spanish historical and scientific bibliographies are often swelled by the inclusion of Portuguese authors among the Spaniards. While the Lusitanian origin of individuals is sometimes given, it is very often not stated. In regard to persons of modest condition (such as pilots and mariners) the confusion becomes still greater, and although the Portuguese nationality of many of them has been demonstrated (particularly by Jaime Cortesão, in various works on the history of nautical science and of America), many others — in default of documentary evidence of their place of birth and nationality — are condemned to remain for ever Spaniards, by virtue of the traditional castilianization suffered by their names in the neighbouring country!

hebraica, o que se sabe porque foi precisa uma dispensa do Papa para poder receber o hábito de Cristo (8).

No seu testamento, datado de 1624, diz Lavanha que prestou serviços durante cinquenta e dois anos a D. Sebastião e aos Filipes II, III e IV, nomeadamente como seu mestre de matemáticas. Certas referências indicam que foi mandado estudar em Roma por D. Sebastião, em virtude das notáveis qualidades que logo revelou em novo. Nada se sabe dos seus serviços no tempo deste monarca, mas Filipe II, quando se deslocou a Portugal após a conquista deste Reino, nomeou-o, por cédulas de 25 de Dezembro de 1582, «para que se ocupe em nuestra corte y donde se le ordenare en cousas de Cosmografia, Geografia y Topografia, y en leer Matematicas». Logo no ano seguinte, quando começou a funcionar em Madrid a Academia Científica fundada por Filipe II por inspiração de Juan de Herrera, passou Lavanha a desempenhar nela o lugar de professor principal de Matemáticas, tendo como ajudante o espanhol Pedro Ambrosio Onderiz, sendo então também nomeado cartógrafo da instituição o português Luís Jorge de Barbuda. Documentos dos anos seguintes mostram-nos Lavanha como «catedratico de matematicas residente en corte». Durante longos anos, até morrer, conservou Lavanha este lugar, tendo como discípulos algumas personalidades ilustres.

he was of Jewish origin, as we learn from the fact that a dispensation from the Pope was needed to enable him to receive the habit of Christ (8).

In his will, dated 1624, Lavanha says that for fifty-two years he had served King Sebastian and King Philip II, III and IV, principally as their master of mathematics. Certain references indicate that he was sent by D. Sebastian to study in Rome, because of the remarkable qualities which he quickly displayed as a young man. Nothing is known of his services under this monarch, but Philip II, when he went to Portugal after the conquest of that kingdom, ordered, by *cédulas* of 25 December 1582, «that he should occupy himself in our court in matters pertaining to Cosmography, Geography and Topography, and in reading Mathematics». In the following year, when the Academy of Sciences founded by Philip II, at the instigation of Juan de Herrera, began its activity, Lavanha assumed the office of principal professor of Mathematics, with the Spaniard Pedro Ambrosio Onderiz as his assistant, while the Portuguese Luís Jorge de Barbuda was also appointed cartographer of the institution. Documents of subsequent years show Lavanha as «incumbent of the chair of mathematics, resident at the Court». For many years, until his death, Lavanha held this post, in which he had various distinguished persons among his pupils.

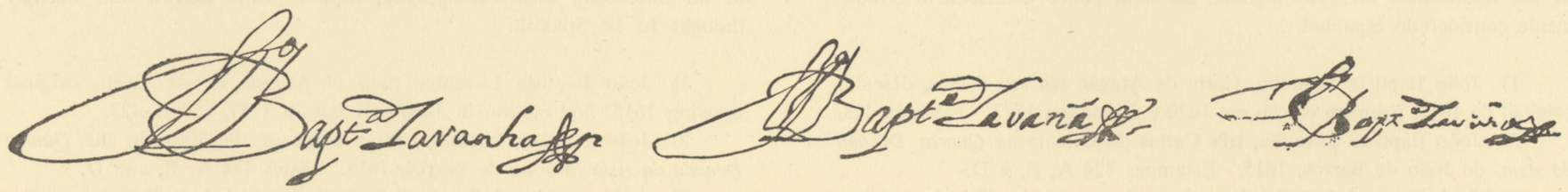


FIG. 9 — FAC-SÍMILES DE ASSINATURAS DE JOÃO BAPTISTA LAVANHA: NA DEDICATÓRIA DO *NOBILIÁRIO DE D. PEDRO* AO MARQUÊS DE CASTELO RODRIGO, EM 22 DE MAIO DE 1622 (CÓDICE 1450 DA BIBLIOTECA NACIONAL DE MADRID); NO SEU TESTAMENTO, EM 19 DE MARÇO DE 1624; NO PRIMEIRO CODICILO TESTAMENTÁRIO, POUCO ANTES DO FALECIMENTO (31 DE MARÇO DE 1624)

FACSIMILES OF JOÃO BAPTISTA LAVANHA'S SIGNATURES: IN THE DEDICATION OF THE *NOBILIÁRIO DE D. PEDRO* TO THE MARQUIS DE CASTELO RODRIGO, 22 MAY 1622 (CODEX 1450 OF THE BIBLIOTECA NACIONAL, MADRID); IN HIS WILL, 19 MARCH 1624; IN THE FIRST CODICIL TO THE WILL, LITTLE BEFORE HIS DEATH (31 MARCH 1624)

Por alvará de 4 de Novembro de 1586 foi nomeado para o cargo de Engenheiro do Reino de Portugal. Em 1588 ainda estava em Madrid, mas em 1591 já aparece em Lisboa, sendo nomeado, por alvarás de 12 de Fevereiro de 1591, para servir o ofício de Cosmógrafo-mor (era proprietário do lugar Tomás de Orta, mas já se devia encontrar impossibilitado de o exercer) e para ler aos pilotos e gente do mar a cadeira de matemática nessa cidade. Tendo Tomás de Orta falecido em 1594, foi Lavanha, em 1596, confirmado no cargo efectivo de Cosmógrafo-mor (9). No mês de Setembro de 1597, com vários engenheiros e pilotos, andou Lavanha a sondar e estudar a barra do Tejo, em virtude de se recear o seu assoreamento (10). É possível que Filipe II tivesse obrigado Lavanha a ir para Portugal desempenhar aquelas funções, como pessoa de sua confiança, pois, pouco depois do falecimento do monarca (1598), ele volta de novo para Madrid (1599 ou 1600). Em 1601 mandou-o Filipe III à Flandres, em trabalhos de história e genealogia, e nada se sabe a seu respeito até 1604, ano a partir do qual vários documentos datados de Valhadolid e Madrid se lhe referem como «cosmógrafo-mor de Sua Magestade». Em Setembro de 1610 fez parte de uma junta reunida em Madrid a fim de apreciar as novas agulhas e método de determinação da longitude apresentados pelo português Luís da Fonseca Coutinho (11).

De Outubro de 1610 a Abril de 1611 andou Lavanha a proceder ao levantamento da carta de Aragão, cujo desenho entregou em 1615. Em fins de 1611 ou começos do ano seguinte, ordenou o Rei que Lavanha acompanhasse numa viagem o Príncipe de Sabóia, seu sobrinho e discípulo do cosmógrafo, que, em 1612 ainda, era nomeado professor de matemática do Príncipe das Astúrias, futuro Filipe IV. Entre outros, foram também seus alunos Cervantes e Lope de Vega. Em 9 de Março de 1618 foi nomeado Cronista-mor de Portugal, na vaga deixada por falecimento de Frei Bernardo de Brito, e nesse ano trabalhou nos projectos de abastecimento de água de Lisboa, na sua qualidade de Engenheiro do Reino. Nos últimos anos da sua vida dedicou-se mais marcadamente à história e genealogia, falecendo em Madrid em 31 de Março de 1624.

By a charter of 4 November 1586 he was appointed Engineer of the Kingdom of Portugal. In 1588 he was again in Madrid, but in 1591 he reappears in Lisbon, having been ordered, by charters of 12 February 1591, to discharge the office of Cosmographer-major (the holder of the appointment was Tomás de Orta, who must however have found it impossible to carry out his duties) and to give lectures in mathematics to pilots and seamen in that city. After the death of Tomás de Orta in 1594, Lavanha was (in 1596) confirmed in the appointment of Cosmographer-major (9). In the month of September 1597, with other engineers and pilots, Lavanha went to sound and examine the Tagus bar, the silting of which was feared (10). It is possible that Philip II had dispatched Lavanha, as a person enjoying his confidence, to carry out these duties in Portugal, for soon after this king's death he returned again to Madrid (1599 or 1600). In 1601 Philip III sent him to Flanders for historical and genealogical work; nothing is known of him until 1604, from which date onward various documents dated from Valladolid and Madrid refer to him as «cosmographer-major of His Majesty». In September 1610 he was a member of a commission assembled in Madrid to examine the new compasses and method of determining longitude proposed by the Portuguese Luís da Fonseca Coutinho (11).

From October 1610 to April 1611 Lavanha was engaged in the survey for the map of Aragon, the drawing of which he delivered in 1615. At the end of 1611 or beginning of the following year, the King ordered Lavanha to accompany his nephew the Prince of Savoy, a pupil of the cosmographer, on a journey. Lavanha had, also in 1612, been appointed tutor in mathematics to the Prince of the Asturias, the future Philip IV; and he numbered Cervantes and Lope de Vega also among his pupils. On 9 March 1618 Lavanha was appointed to the post of Chronicler-in-chief of Portugal, vacated by the death of Frei Bernardo de Brito, and in the same year, as Engineer of the Kingdom of Portugal, he was occupied in projects for the watersupply of Lisbon. In the last years of his life he devoted himself more particularly to history and genealogy, and he died in Madrid on 31 March 1624.

---

(8) Documentos de 10 de Abril de 1607 (Cortesão 1935, pp. 301-2), 31 de Dezembro de 1605 e 6 de Março de 1606 (Leite de Faria 1959, pp. 361-2).

(9) Os documentos respeitantes a estas várias nomeações foram publicados por Sousa Viterbo 1898, Vol. I, pp. 173-7; Cortesão 1935, Vol. II, pp. 295-9; Frazão de Vasconcelos, *Subsídios para a história da Carreira da Índia no tempo dos Filipes — X e XI, Os cosmógrafos-mores*, in *Boletim Geral do Ultramar*, Ano XXXIV, n.º 401 (pp. 81-98) e 402 (pp. 215-28), Lisboa Novembro e Dezembro de 1958. Como Lavanha mais tarde passasse a viver quase sempre em Espanha, foram nomeados para servir o ofício de cosmógrafo-mor, na sua ausência, Manuel de Figueiredo (15 de Julho de 1608) e Valentim de Sá (6 de Janeiro de 1623).

(10) Documentos revelados e publicados por Frazão de Vasconcelos, *Subsídios para a história da Carreira da Índia no tempo dos Filipes — VIII, Sobre a barra do Tejo*, in *Boletim Geral do Ultramar*, Ano XXIV, n.º 398, pp. 105-21. Lisboa Agosto 1958.

(11) José Pulido Rubio, *El piloto mayor*, pp. 759-62. Sevilla 1950.

(8) Documents of 10 April 1607 (Cortesão 1935, pp. 301-2), 31 December 1605 and 6 March 1606 (Leite de Faria 1959, pp. 361-2).

(9) The documents relating to these appointments were published by Sousa Viterbo 1898, Vol. I, pp. 173-7; Cortesão 1935, Vol. II, pp. 295-9; Frazão de Vasconcelos, *Subsídios para a história da Carreira da Índia no tempo dos Filipes — X e XI, Os cosmógrafos-mores*, in *Boletim Geral do Ultramar*, Ano XXXIV, n.º 401 (pp. 81-98) e 402 (pp. 215-28), Lisboa Novembro e Dezembro de 1958. As Lavanha later went to live almost entirely in Spain, Manuel de Figueiredo (15 July 1608) and Valentim de Sá (6 January 1623) were successively appointed to carry out the duties of cosmographer-major in his absence.

(10) Documents discovered and published by Frazão de Vasconcelos, *Subsídios para a história da Carreira da Índia no tempo dos Filipes — VIII, Sobre a barra do Tejo*, in *Boletim Geral do Ultramar*, Ano XXIV, n.º 398, pp. 105-21. Lisboa Agosto 1958.

(11) José Pulido Rubio, *El piloto mayor*, pp. 759-62. Sevilla 1950.

Foi Lavanha louvado várias vezes nos versos de Lope de Vega e outros poetas da época, a propósito do seu valor como cosmógrafo. Referindo-se à sua actuação, escreveu Navarrete: «Con la falta de este insigne profesor y de su influjo con el rey, siendo el unico que quedaba de la fundacion de la academia (pues Juan de Herrera habia muerto em 1597), allaron los jesuitas allanado el camino para estinguirla é incorporar sus cátedras y dotaciones en los *Estudios reales,* que á cargo de la Compañia fundó el Sr. rey D. Filipe IV en el siguiente año de 1625» (12).

A OBRA

Além dos seus trabalhos cartográficos, de que trataremos nos textos seguintes, chegaram-nos numerosas outras obras de Lavanha. Pondo de parte as de carácter histórico ou genealógico, indicam-se a seguir as de natureza náutica, geográfica e cosmográfica, pelas suas implicações cartográficas:

1) *Tratado da arte de navegar,* manuscrito inserto num códice da Biblioteca do Palacio Nacional, Madrid, com a cota «1910». É precedido pelo «Uso de Globos leydo en Madrid el Año 1592 dal S.r Ambrosio Onderiz, lector de Mathematicas y Cosmographo mayor del Rey N. S.or». O trabalho de Lavanha abre com a inscrição «começose aleer este trattado, dal S.or ju.o Battã Lauaña Mathematico del Rey N. S.or en la Academia de Madrid a 14 de Março 1588 años», e ocupa 24 folhas. Foi escrito por um aluno de Lavanha, italiano. Os capítulos VIII-X, relativos à carta de marear, foram publicados por Armando Cortesão (13).

2) *Tratado de gnomonica,* manuscrito existente num códice da Biblioteca do Observatório Astronómico da Universidade de Coimbra, tendo no começo a inscrição «Tratado de nogmonica q̃ João Bautta de Lauanha leo em Madrid». É uma cópia, em português, de original em espanhol, dizendo-se no fim que foi acabada em 10 de Maio de 1595. Dela deu notícia (sem indicar a cota) António Barbosa (14), que julga que a obra (aparentemente tradução de um tratado de Clavius) foi originàriamente escrita em 1589 ou 1590. Tanto este como o tratado seguinte não têm sido apontados pelos autores que depois se ocuparam de Lavanha.

3) *Tratado do astrolabio,* incluído no mesmo códice que a anterior obra e antes dela, também cópia em português de original castelhano e acabada em 21 de Fevereiro de 1595. Foi lida na Academia de Madrid um ano antes do *Tratado de Gnomonica,* e também parece ser tradução ou adaptação de um tratado de Clavius.

4) «*Regimento navtico* de Ioão Baptista Lauanha cosmographo môr de El Rey Nosso Senhor», impresso em Lisboa em 1595, havendo uma segunda edição de 1606. O privilégio data de Madrid, 28 de Novembro de 1590, e o livro tem trinta e sete folhas. É hoje obra muito rara. Sousa Viterbo (15) refere um exemplar da primeira edição com as iniciais de Lavanha, arrematado por Ferreira das Neves no leilão da livraria do Marquês de Pombal, o qual tinha no final o seguinte manuscrito, talvez também da autoria de Lavanha:

5) «*Computo Ecclesiastico* pela mão depois da emenda do calendario», com cinquenta e seis páginas, terminando «Finis Laus Deo. 1596». Podemos informar que tal exemplar do *Regimento Navtico* com o *Computo Ecclesiastico* manuscrito se encontrava à venda em Londres, em 1953, na casa Orion Booksellers Ltd.

6) *Navfragio da Nao S. Alberto, e Itinerario da gente, qve delle se salvov,* impresso em Lisboa em 1597.

7) *Parecer de João Baptista Lavanha sobre o mao concerto da querena no naufragio da Nao São Alberto.* Vem no final de uma exposição com o título *As causas porq̃ as Naos da Carreira da India chegarão a demaziada grandeza em q̃ hoje se vem, escusou nellas o prejudicial conçerto das querenas,* existente na Biblioteca Cadaval, Muge, segundo indica Leite de Faria (16).

8) *Tábuas da largura ortiva do Sol.* Feitas em 1600, davam a amplitude do sol ao nascer e pôr, a fim de permitir a determinação da variação da agulha. Pouco depois foram aperfeiçoadas por Manuel de Figueiredo, e constituem mais uma interessante contribuição portuguesa para o progresso da ciência náutica, servindo de modelo às que se seguiram até hoje. Perderam-se as tábuas originais de Lavanha, mas há cópias em vários manuscritos da época (17).

(12) Navarrete 1848, Tomo II, p. 101.

(13) Cortesão 1935, Vol. II, pp. 329-35.

(14) *Dois inéditos de João Baptista Lavanha,* in *Boletim da Biblioteca da Universidade de Coimbra,* Ano IX, n.º 1-6, pp. 88-93. Coimbra Janeiro-Junho 1929.

(15) Sousa Viterbo 1898, Vol. I, p. 179.

(16) Leite de Faria 1959, p. 363. O parecer de Lavanha vem a folhas 87r e 87v do Cód. 1027 (K. VI. 1a) da Biblioteca Cadaval.

(17) Sobre estas tábuas, vide Cortesão 1935, Vol. II, p. 360, e A. Fontoura da Costa, *A Marinharia dos Descobrimentos,* pp. 190-4, Lisboa 1940. Além das referências às tábuas dadas por estes autores, apontamos agora que elas são indicadas várias vezes nos diários dos pilotos Sebastião Prestes (viagem do Reino para Goa,

Lavanha was often eulogised, for his skill as a cosmographer, in verses by Lope de Vega and other contemporary poets. Referring to his influence, Navarrete wrote: «The absence of this notable professor (the only survivor of the foundation of the Academy, since Juan de Herrera had died in 1597), and of his influence over the King, opened the way for the Jesuits to extinguish the Academy and to incorporate its chairs and endowments in the *Estudios reales* which King Philip IV founded, under the auspices of the Society, in the following year, 1625» (12).

THE WORK

Beside his cartographic labours, which we shall discuss in the texts below, numerous other works by Lavanha have come down to us. Leaving aside those of historical or genealogical character, we list here those which have nautical, geographical or cosmographical significance, because of their implications for cartography:

1) *Treatise of the art of navigation,* a manuscript inserted in a codex of the Library of the Palacio Nacional, Madrid, with the class-mark «1910». It is preceded by the «Use of the Globes, read in Madrid in the year 1592 by S.r Ambrosio Onderiz, reader in Mathematics and Cosmographer-major of our Lord the King». Lavanha's work opens with the inscription «the reading of this treatise was begun by S.or juo Battã Lauaña Mathematician of our Lord the King in the Academy of Madrid the 14th of March 1588», and occupies 24 leaves. It was written by an Italian pupil of Lavanha. Chapters VIII-X, relating to sea-charts, have been published by Armando Cortesão (13).

2) *Treatise of gnomonics,* a manuscript in the Library of the Astronomical Observatory of the University of Coimbra, with the inscription at the beginning «Treatise of gnomonics which João Bautta de Lauanha read at Madrid». A Portuguese copy of the original in Spanish, it is stated to have been finished on 10 May 1595. A notice of it (but without class-mark) was given by António Barbosa (14), who considered the work (apparently a translation of a treatise by Clavius) to have been originally written in 1589 or 1590. Neither this nor the following treatise has been recorded by later writers who have dealt with Lavanha.

3) *Treatise of the astrolabe,* included in the same codex as the priveous work, and preceding it; also a Portuguese copy of a Castillian original, and completed on 21 February 1595. It was read in the Academy of Madrid a year before the «Treatise of gnomonics» and it too seems to be a translation or adaptation of a treatise by Clavius.

4) «*Nautical regiment* of João Baptista Lavanha, Cosmographer-major of our Lord the King», printed at Lisbon in 1595, with a second edition in 1606. The privilege is dated Madrid 28 November 1590, and the book has thirty-six leaves. To-day the work is very rare. Sousa Viterbo (15) records a copy of the first edition with Lavanha's initials, purchased by Ferreira das Neves at the auction of the library of the Marquis de Pombal and containing at the end the following manuscript, perhaps also by Lavanha:

5) «*Ecclesiastical Reckoning* by hand after the correction of the calendar», of fifty-six pages, ending «Finis Laus Deo. 1596». We may note that this copy of the «Nautical Regiment» with the «Ecclesiastical Reckoning», manuscript, was in 1953 offered for sale by Orion Booksellers Ltd, of London.

6) *Wreck of the Ship S. Alberto, and Itinerary of the people who escaped from it,* printed at Lisbon in 1597.

7) *Report of João Baptista Lavanha on the evil effect of careening in the wreck of the Ship São Alberto.* This comes at the end of an exposition entitled «The causes why the ships of the Carreira da India reach the excessive size seen to-day, rending unnecessary the prejudicial careening», preserved in the Biblioteca Cadaval, Muge, according to Leite de Faria (16).

8) *Tables of the amplitude of the Sun at dawn and sunset.* Drawn up in 1600, they give the amplitude of the sun at rising and setting, to enable the variation of the needle to be determined. A little later they were perfected by Manuel de Figueiredo, and they constitute one more important Portuguese contribution to the improvement of nautical science, serving as a model for those in use to this day. Lavanha's original tables have been lost, but there are copies in various contemporary manuscripts (17).

(12) Navarrete 1848, Tomo II, p. 101.

(13) Cortesão 1935, Vol. II, pp. 329-35.

(14) *Dois inéditos de João Baptista Lavanha,* in *Boletim da Biblioteca da Universidade de Coimbra,* Ano IX, n.º 1-6, pp. 88-93. Coimbra Janeiro-Junho 1929.

(15) Sousa Viterbo 1898, Vol. I, p. 179.

(16) Leite de Faria 1959, p. 363. Lavanha's report is on folios 87r and 87v of Codex 1027 (K. VI. 1a) in the Biblioteca Cadaval.

(17) On these tables, see Cortesão 1935, Vol. II, p. 360, and A. Fontoura da Costa, *A Marinharia dos Descobrimentos,* pp. 190-4, Lisboa 1940. Besides the references to the tables by these two authors, we can now cite several allusions to them in the journals of the pilots Sebastião Prestes (voyage from Portugal to Goa,

9) *Roteiro das Ilhas Primeiras e de Angoxe.* Conhece-se apenas uma tradução em espanhol, num códice da Biblioteca Nacional de Madrid, com a cota «MS 3176», a folhas 27-9. Foi publicado por Fontoura da Costa, que o data de 1600 (18) e aponta que Lavanha se deve ter limitado simplesmente a coligir ou rever elementos dados pelos pilotos, visto ele não ter navegado.

10) *Roteiro da Carreira da Índia.* Conhece-se apenas uma tradução em espanhol, existente na Biblioteca Nacional de Madrid («MS 3176») com o título «Derotas de la navegaçion de la India com la aguja que tenga los hierros debaxo de la flor de lis y de sus diferencias y variaçiones i assi miesmo las señales, corrientes i vientos que en diversos parages se hallan. Hecho en Lisboa por Manuel Montero i Gaspar ferrera pilotos de la carrera de la India. Estando presente Juan Bautista de Labaña Cosmografo mayor del Rey nuestro señor en los Reynos de Portugal a 25 de março de 1600». Foi publicado por Fontoura da Costa, que aponta que o papel de Lavanha deve ter sido o de revisor da obra (19).

11) *Roteiro da Carreira da Índia.* No leilão da livraria Nepomuceno, nos fins do século passado, foi adquirido por Ferreira das Neves um códice contendo o «Roteiro da nauegação da India e derrotas com ha agulha ferrada debaixo da flor de lis e differensas della, e sinaes corentes de agoa, de ventos que em diversas paragẽs se achão. Este derroteiro foi ho que emmendou João baptista Leuanha pollo de Vicente Roiz, e he mui certo, e tem muitas e mui boas curiosidades» (20). Desconhece-se o paradeiro actual deste manuscrito. Dada a semelhança do título em relação ao anterior, é natural que se trate de uma só obra, que dataria de 1600.

12) «*Regimento q̃ deve guardar o L.do Gaspar Jorge do Couto* na viagem q̃ ora uay fazer a India por mandado de Sua Mag.de», datado de Madrid 29 de Janeiro de 1608 e assinado por Lavanha. Encontra-se a folhas 84-6 do Códice «51-VIII-21» da Biblioteca da Ajuda (21). Verifica-se que este regimento foi o que serviu de base para a elaboração do regimento real de 13 de Março de 1608 dado a Gaspar do Couto, o qual se encontra a folhas 61-2 do mesmo códice e ainda nos *Livros das Monções* existentes no Arquivo Nacional da Torre do Tombo (22). O Licenciado Gaspar Jorge do Couto foi encarregado de fazer observações náuticas durante as viagens de ida e regresso da India, e o regimento que lhe foi dado tem muito interesse por permitir avaliar quais os principais problemas de navegação que então se punham. Indica-se expressamente que «usareis para a viagem do roteiro da Índia que ordenou João Baptista Lavanha» o qual deve ser o que se indicou nos números 10) e 11). Diz-se também que «na carta usareis dos troncos de léguas, que o dito João Baptista deu, que são acommodados ás alturas e servem nellas para lançar o ponto na carta com certeza», que «demais de tomardes a altura ao meio dia ... a tomareis assi algũa hora que quiserdes e houver sol com o instrumento que vos comunicou João Baptista», que «de noite tomareis com o quadrante a altura por meio das estrellas fixas assinaladas no regimento de João Baptista». A propósito de variação da agulha diz-se que «usareis pela manhã ao nascer do sol, ou à tarde ao pôr, das tabuas da largura ortiva de João Baptista e do regimento que para este effeito ordenou; ao meio dia usareis do instrumento accommodado para aquella hora, inventado pelo mesmo João Baptista».

13) «*Regimento do Instrumento p.a saber por elle a altura a qualquer ora do dia, q̃ aja sol*», datado de Madrid 18 de Março de 1608, no mesmo códice «51-VIII-21» da Biblioteca da Ajuda, folhas 63v-64r (é uma cópia).

14) «*Vso do Instrumento das duas Agulhas uma fixa, e outra Regular*», assinado e datado de Madrid 24 de Janeiro de 1610, no mesmo códice «51-VIII-21», folhas 87-89 (23).

15) «*Regimento do q̃ ha de fazer o Piloto q̃ for a India na Nao Holandeza*», assinado e datado de Madrid 24 de Janeiro de 1610, no mesmo códice «51-VIII-21», folha 91, muito curioso por tratar das instruções especiais sobre espionagem náutica a levar a efeito por um piloto português que devia embarcar numa nau holandesa destinada à Insulíndia.

16) «*Regimento q̃ parece se deue guardar no descobrimto e descripção da Costa do Cabo Negro té o de boa esperança*», sem assinatura nem data, no mesmo códice «51-VIII-21», folhas 160-1. No Vol. III, pp. 45-6, da presente obra, ao tratarmos de Luís Teixeira, havíamos apontado já que este regimento devia ser da autoria de Lavanha. Podemos confirmar agora o facto, pois,

9) *Rutter of the Primeiras Islands and of Angoche.* Only a Spanish translation is known, in a codex in the Biblioteca Nacional, Madrid, with the class-mark «MS 3176», on folios 27-9. It has been published by Fontoura da Costa, who assigns it to the year 1600 (18) and points out that Lavanha must have confined himself to compiling or revising information supplied by pilots, since he himself had never made voyages.

10) *Rutter of the Carreira da Índia.* Only a Spanish translation is known, in the Biblioteca Nacional, Madrid («MS 3176»), entitled «Rutters of the navigation of India with the compass which has the needle below the fleur-de-lys, and of its differences and variations, and also the marks, currents and winds which are in diverse places. Made in Lisbon by Manuel Montero and Gaspar Ferrera, pilots of the *carreira da India,* in the presence of Juan Bautista de Labaña Cosmographer-major of our Lord the King in the Kingdom of Portugal the 25th March 1600». It has been published by Fontoura da Costa, who points out that Lavanha's part must have been that of reviser of the work (19).

11) *Rutter of the Carreira da Índia.* In the auction of the Nepomuceno library, at the end of the last century, Ferreira das Neves acquired a codex containing the «Rutter of the navigation of India and passages with the iron needle below the fleur-de-lys and its differences, and the marks, sea currents, and winds in diverse places. This rutter was that corrected by João Baptista Lavanha from that of Vicente Roiz, and it is very certain, and contains many very good and curious things» (20). The present whereabouts of this manuscript are unknown. The similarity of title to that of the preceding rutter suggests that it relates to one and the same work, dating from 1600.

12) «*Instructions to be observed by Licentiate Gaspar Jorge do Couto* in the voyage which he is now going to make to India by order of His Majesty», dated Madrid 29 January 1608 and signed by Lavanha. It occurs on folios 84-6 of codex «51-VIII-21» of the Biblioteca da Ajuda (21). This regiment evidently served as a basis for the drafting of the royal instructions of 13 March 1608 given to Gaspar do Couto, which are on folios 61-2 of the same codex and also in the *Livros das Monções* in the Arquivo Nacional da Torre do Tombo (22). The Licentiate Gaspar Jorge do Couto was charged to make nautical observations on the voyages to and from India, and the instructions given to him are of great interest as they enable us to appreciate the principal problems of navigation which arose then. It is expressly laid down that «you shall use for the voyage the rutter of India drawn up by João Baptista Lavanha», which must be that indicated as nos. 10) and 11) above. It is also stated that «in the chart you shall use the scales of leagues, furnished by the said João Baptista, which are adapted to the heights and serve to fix the point in the chart with certainty», that «besides taking the height at noon ... you shall take it also at any hour you choose and observe the sun with the instrument which João Baptista will communicate to you», and that «by night you shall take with the quadrant the height by means of the fixed stars indicated in the regiment of João Baptista». In regard to compass variation it is stated that «at sunrise, or in the evening at sunset, you shall use the tables of solar amplitude of João Baptista and the regiment drawn up by him; at, midday you shall use the instrument adjusted to this hour, invented by the same João Baptista».

13) «*Instructions for the Instrument for determining the height at any hour of the day, by the sun*», dated Madrid 18 March 1608, in the same codex «51-VIII-21» of the Biblioteca da Ajuda, folios 63v-64r (it is a copy).

14) «*Use of the Instrument with two Needles, one fixed, the other regular*», signed and dated Madrid 24 January 1610, in the same codex «51-VIII-21», folios 87-89 (23).

15) «*Instructions for what is to be done by the Pilot going to India in the Dutch ship*», signed and dated Madrid 24 January 1610, in the same codex «51-VIII-21», folio 91, very curious for its treatment of the special instructions on nautical espionage to be carried out by a Portuguese pilot who was to embark in a Dutch ship for Insulindia.

16) «*Instructions which, as it appears, should be observed in the discovery and description of the coast from Cabo Negro to the Cape of Good Hope*», unsigned and undated, in the same codex «51-VIII-21», folios 160-1. In Vol. III, pp. 45-6, of the present work, in dealing with Luís Teixeira, we have already pointed out that these instructions must be by Lavanha. His

---

na nau «Santo António», 1608) e Simão Castanho (viagem do Reino para Goa em 1609 e de Goa para o Reino em 1610 na nau «Nossa Senhora da Piedade», e viagem do Reino para Goa em 1611 na nau «Nossa Senhora de Guadalupe»); vide Humberto Leitão, *Viagens do Reino para a Índia e da Índia para o Reino* (1608-1612); Vol. I (pp. 23, 89, 233, 234) e Vol. II (pp. 51, 52, 70, 85, 87, 88, 89, 90, 150, 152). Lisboa 1957-8.

(18) Fontoura da Costa 1940 (*Roteiros*), pp. 126-32.

(19) Idem, pp. 135-181.

(20) Sousa Viterbo 1898, Vol. I, p. 180.

(21) Foi referido pela primeira vez por Fontoura da Costa 1940 (*Marinharia*), p. 476.

(22) Publicado em *Documentos remettidos da India ou Livro das Monções,* Vol. I, pp. 216-8. Lisboa 1880.

(23) No mesmo códice, folha 63, vem o «Regimento das agulhas fixas de Luís da Fonseca Coutinho», relacionado com o de Lavanha.

in the ship *Santo Antonio,* 1608) and Simão Castanho (voyage from Portugal to Goa in 1609 and from Goa to Portugal in 1610, in the ship *Nossa Senhora da Piedade,* and voyage from Portugal to Goa in 1611 in the ship *Nossa Senhora de Guadalupe*); see Humberto Leitão, *Viagens do Reino para a Índia e da Índia, para o Reino* (1608-1612), Vol. I (pp. 23, 89, 233, 234) and Vol. II (pp. 51, 52, 70, 85, 87, 88, 89, 90, 150, 152). Lisboa 1957-8.

(18) Fontoura da Costa 1940 (*Roteiros*), pp. 126-32.

(19) Idem, pp. 135-181.

(20) Sousa Viterbo 1898, Vol. I, p. 180.

(21) It was first recorded by Fontoura da Costa 1940 (*Marinharia*), p. 476.

(22) Published in *Documentos remettidos da India ou Livro das Monções,* Vol. I, pp. 216-8. Lisboa 1880.

(23) In the same codex, fol. 63, are «Instructions for the fixed needles of Luís da Fonseca Coutinho», related to those of Lavanha.

do cotejo com os outros regimentos autógrafos no mesmo códice, verifica-se que ele é da mão do próprio Lavanha. Havíamos dito então que talvez a redacção inicial do regimento se devesse a Manuel de Figueiredo, mas pudemos agora concluir que Lavanha já o havia redigido em 1608. Com efeito, no Regimento autógrafo de Lavanha para Gaspar Jorge do Couto — 12) da presente lista — toda a parte final constitui o Regimento para descobrir a Cafraria, abrindo pela frase «Se da India uoltar ao Reyno com ordem de descobrir a terra da Cafraria, entre os cabos de Boa esperança e negro (como S. Mag.de tem mandado q̃ se faça do Reyno) usareis do Regimento seguinte». No regimento real definitivo para Gaspar do Couto, de 13 de Março, foi cortada toda a parte referente ao descobrimento da Cafraria. Aquela frase de Lavanha ajusta-se ao que vem num documento, pouco anterior, existente no Arquivo Histórico Ultramarino, Lisboa, («Reino, documentos avulsos»), e onde se lê «S. Magestade em carta sua de 13 de nouembro de 607, encommenda e encarrega muito ao senhor Bispo Vissorey que ordene, como as carauelas que tem mandado se enuiem a descobrir a costa da Cafraria, entre o Cabo Negro, e o de Boa Esperança, se aprestem logo, para partirem com a breuidade que conuem, fazendo que se proueja o dinheiro neçessario para isso, donde o ouver pronto. a) Christouão Soarez» (24). Isto significa que em 1607 se pensava enviar de propósito duas caravelas para efectuar tal descobrimento, o que não teve lugar, pois em 1613 era encarregado de levar a cabo a mesma missão o patacho comandado por Belchior Roiz. Em 1608 Lavanha julgou que Gaspar do Couto poderia fazer esse descobrimento, e em 1613 pensou-se por sua vez em Luís Teixeira para o efeito — mas nem um nem outro o realizaram.

17) *Parecer sobre a situação das Molucas,* autógrafo assinado e datado de Madrid 8 de Novembro de 1611, existente no Archivo General de Indias, Sevilha («Filipinas I»). Publicado na íntegra por F. P. Mendes da Luz (25), é um documento muito importante que confirma a categoria científica e a integridade moral de Lavanha, o qual, refutando uma opinião de Andrés Garcia de Cespedes emitida em 1606, mostra que as Molucas se encontravam mais de três graus dentro do hemisfério português.

18) «*Descripcion del Vniverso*», códice iluminado existente na Biblioteca Nacional de Madrid, cota «MS 9251», com trinta e quatro folhas de papel, encadernado em pele vermelha com dourados, contendo um pequeno compêndio didáctico de cosmografia, assinado e datado de S. Lourenço el Real 20 de Agosto de 1613. Foi feito para o príncipe real, nessa altura com seis anos de idade, como iniciação na cosmografia. Além do texto, o qual abre com «Principios Geométricos» seguidos da «Descripcion del Mundo» com trinta capítulos, o códice contém numerosos desenhos e figuras cosmográficas iluminadas (26). A letra é muito cuidada, e a assinatura «Juan Baptista de Alauaña» poderia fazer supor que o texto foi escrito por um copista, embora se notem certas semelhanças com a escrita de Lavanha.

19) «*Compendio dela Geografia* ordenado por el erudito baron Juan Bautista Lauaña Cauallero Portugues Comendador de la orden de Christus. Cronista Mayor del Reyno de Portugal y maestro en la geografia del mui alto y Muy Poderoso Señor Don Philippe quarto El Grande N. Señor Rey de las Españas y Nuebo Mudo», na Biblioteca Nacional, Madrid, com a cota «MSS. 18646, 11». Consta de sete folhas, arrancadas de outro códice, pois as páginas estão numeradas de 166 a 179. Trata-se de uma cópia, e quando nos ocuparmos do atlas de Turim veremos que Lavanha já tinha escrito tal texto em 1612.

20) «*Rellação do porto do Rio de Çanaga* do Capitaõ Joaõ Barbosa feita por Joaõ Baptista Lauanha Cosmographo Maior de S. Mag.de», manuscrito de quatro folhas existente na Real Academia de História, Madrid, com a cota «Fundo Velázquez, Cód. 36, estante 22, grade 4, n.º 75». Foi revelado e publicado por Francisco Leite de Faria, que julga que Lavanha o teria escrito quando ainda exercia as funções de Cosmógrafo-mor em Portugal, isto é, antes de 1600 (27).

Nos Catálogos 519 e 546 de Maggs Bros., 1929 e 1930, com os n.os 445 e 376 respectivamente, vem designado um códice «Roteiros para vários pontos da Ásia, África e América» como sendo de João Baptista Lavanha. Julgamos que este códice, coligido por D. António de Ataíde, é o que se encontra hoje na colecção do Prof. C. R. Boxer, em Londres, mas, como já apontou Leite de Faria, não é da autoria de Lavanha, embora a ele se refira e contenha as suas tábuas de largura ortiva (28).

(24) Este documento foi publicado pelo P.e Brásio, *A empresa dos descobrimentos no século XVII,* in jornal *Novidades,* Lisboa 4 Janeiro 1959.

(25) Mendes da Luz 1955. Já atrás, p. 29 do presente Volume, nos ocupámos deste parecer de Lavanha.

(26) Sumário dos capítulos in Cortesão 1935, Vol. II, pp. 348-9.

(27) Leite de Faria 1959.

(28) Sobre este códice vide C. R. Boxer, *Um roteirista desconhecido do século XVII. D. António de Ataíde, capitão geral da armada de Portugal,* in *Arquivo Histórico da Marinha,* n.º 3. Lisboa 1933.

authorship can now be confirmed since, in comparison with the other autograph instructions in the same codex, they are evidently from Lavanha's own hand. We said previously that the original draft of them must have been made by Manuel de Figueiredo, but we may now conclude that Lavanha had composed them as early as 1608. In fact, in the autograph Instructions written by Lavanha for Gaspar do Couto — 12) in our present list — the whole of the final part comprises the Instructions for the discovery of Kaffraria, beginning with the sentence: «If from India you return to the Kingdom with orders to discover the land of Kaffraria, between the Cape of Good Hope and Cabo Negro (as His Majesty has commanded to be done from the Kingdom), you shall observe the following Instructions». In the definitive royal instructions for Gaspar do Couto, of 13 March, all the part referring to the discovery of Kaffraria was eliminated. This opening sentence of Lavanha's corresponds to a passage in a slightly earlier document in the Arquivo Histórico Ultramarino, Lisbon («Reino, documentos avulsos»), in which we read «His Majesty, in his letter of 13th November 1607, commands and charges the Bishop and Viceroy that he order the caravels, despatched to discover the coast of Kaffraria between Cabo Negro and the Cape of Good Hope, to make ready immediately, so that they depart with all convenient speed, and that the necessary money be provided for this, where it may be available. a) Christóvão Soarez» (24). This implies that in 1607 it was proposed to send two caravels with the object of making this discovery, but that it was not done, since in 1613 the pinnace of Belchior Roiz was charged with the same mission. In 1608 Lavanha believed that Gaspar do Couto might make this discovery, and in 1613 Luís Teixeira was considered for it — but neither of them effected it.

17) *Report on the situation of the Moluccas,* autograph, signed and dated Madrid 8 November 1611, in the Archivo General de Indias, Seville («Filipinas I»). Published in full by F. P. Mendes da Luz (25) this very important document illustrates the scientific ability and moral integrity of Lavanha, who, refuting an opinion expressed by Andrés Garcia de Cespedes in 1606, shows that the Moluccas lay more than three degrees within the Portuguese hemisphere.

18) «*Description of the Universe*», an illuminated codex in the Biblioteca Nacional, Madrid, class-mark «MS 9251», of thirty-four leaves of paper, bound in crimson leather, gilt-tooled, and containing a little didactic manual of cosmography, signed and dated S. Lourenço el Real 20 August 1613. It was prepared for the royal prince, then six years of age, as an introduction to cosmography. Besides the text, which opens with «Geometrical Principles», followed by the «Description of the World» in thirty chapters, the codex contains numerous drawings and illuminated cosmographical figures (26). The writing is very careful, and the signature «Juan Baptista de Alauaña» might suggest that the text was written by a copyist, although there are certain affinities with Lavanha's handwriting.

19) «*Compendium of Geography* drawn up by the learned baron Juan Bautista Lauaña, Portuguese, Commander of the Order of Christ, Chronicler-in-chief of the Kingdom of Portugal, and master in geography to the very noble and mighty Lord Don Philip the fourth, the Great, our Lord King of the Spains and the New World», in the Biblioteca Nacional Madrid, with the class-mark «MSS. 18646, 11». This comprises seven leaves, removed from another codex, since the pages are numbered 166-179. It is a copy, and, as we shall see when we come to discuss the Turin atlas, Lavanha had written this text as early as 1612.

20) «*Account of the port of the River Senegal* of Captain João Barbosa, made by João Baptista Lavanha, Cosmographer-major of His Majesty», a manuscript of four leaves preserved in the Real Academia de História, Madrid, with the class-mark «Fundo Velázquez, Cód. 36, estante 22, grade 4, n.º 75». It was brought to light and published by Francisco Leite de Faria, who considered it to have been written by Lavanha while he was still carrying out the duties of Cosmographer-major in Portugal, that is before 1600 (27).

In Catalogues 519 and 546 of Maggs Bros., London, 1929 and 1930, under numbers 445 and 376 respectively, a codex of «Rutters for various places of Asia, Africa and America» is recorded as by João Baptista Lavanha. We understand that this codex, compiled by D. António de Ataíde, is that now in the collection of Professor C. R. Boxer, London, but (as Leite de Faria had already pointed out) Lavanha is not the author, although it refers to him and contains his tables of solar amplitude (28).

(24) This document was published by Fr. Brásio, *A empresa dos descobrimentos no século XVII,* in the journal *Novidades,* Lisboa 4 Janeiro 1959.

(25) Mendes da Luz 1955. We have elsewhere (p. 29 of the present Volume) discussed this report by Lavanha.

(26) Summary of the chapters in Cortesão 1935, Vol. II, pp. 348-9.

(27) Leite de Faria 1959.

(28) On this codex see C. R. Boxer, *Um roteirista desconhecido do século XVII. D. António de Ataíde, capitão geral da armada de Portugal,* in *Arquivo Histórico da Marinha,* n.º 3. Lisboa 1933.

Além das obras indicadas (29), existe também o *Itinerário do Reino de Aragão,* de que nos ocuparemos ao tratar da carta de Aragão. Há ainda notícia de outros trabalhos de Lavanha, hoje de paradeiro desconhecido, referidos por ele ou por outras fontes: uma *Arquitectura Náutica,* um *Tratado da Esfera do Mundo,* uma *Cosmografia,* uma *Arte de Navegar,* e uma *Descripção da Guiné* (30).

A lista de obras acima mencionadas mostra a actividade de Lavanha em matérias relacionadas com a cartografia, quer como mestre da Academia de Madrid, quer como cosmógrafo-mor de Portugal. Pode verificar-se que, se ensinou altas personagens, nem por isso descurou o convivio com os pilotos e homens de mar, a quem procurou transmitir novos conhecimentos e métodos na arte de navegar.

BIBLIOGRAFIA PRINCIPAL

Sousa Viterbo, *Trabalhos Nauticos dos Portuguezes nos Seculos XV e XVI.* Lisboa 1898.

Armando Cortesão, *Cartografia e Cartógrafos Portugueses dos Séculos XV e XVI.* Lisboa 1935.

A. Fontoura da Costa, *Roteiros Portugueses inéditos da Carreira da India do Século XVI.* Lisboa 1940.

Besides the works indicated above (29), there is also the *Itinerary of the Kingdom of Aragon,* which we shall consider in dealing with the map of Aragon. Some other works by Lavanha, the present whereabouts of which are now unknown, are recorded either in references by him or in other sources: a *Nautical Architecture,* a *Treatise of the Sphere of the World,* a *Cosmography,* an *Art of Navigation,* and a *Description of Guinea* (30).

The list of works given above illustrates Lavanha's activity in matters connected with cartography, whether as master in the Academy of Madrid or as cosmographer-major of Portugal. While he instructed distinguished pupils, it is evident nevertheless that he associated and discoursed with pilots and seamen, to whom he communicated new knowledge and methods in the art of navigation.

SELECT BIBLIOGRAPHY

F. P. Mendes da Luz, *Um parecer inédito do cosmógrafo João Baptista Lavanha sobre as Molucas e o Tratado de Tordesilhas,* in *Garcia de Orta,* Vol. III, n.º 1, pp. 63-77. Lisboa 1955.

Francisco Leite de Faria, *Relação do Porto do Rio Senegal, feita por João Baptista Lavanha,* in *Boletim Cultural da Guiné Portuguesa,* Vol. XIV, n.º 55, pp. 359-71. Bissau Julho 1959.

(29) As obras 1), 4), 6), 8), 11), 12), 18), 19) são referidas, e por vezes analisadas ou sumariadas, em Cortesão 1935. Das restantes, as que não levam referências — 13) a 16) — são agora indicadas pela primeira vez.

(30) Cortesão 1935, Vol. II, pp. 336 e 359-60, que dá também a relação das obras de Lavanha de carácter histórico e genealógico.

(29) The works numbered 1), 4), 6), 8), 11), 12), 18), 19) are cited, and in some cases analyzed or abstracted, in Cortesão 1935. Of the remainder, those numbered 13) to 16) are here recorded for the first time.

(30) Cortesão 1935, Vol. II, pp. 336 and 359-60. Cortesão also lists Lavanha's works of historical and genealogical character.

JOÃO BAPTISTA LAVANHA, CARTA DE ARAGÃO, 1615 (1620)

ESTAMPA 423

ESTA importante carta foi publicada em seis folhas de papel, cujo desenho total mede 921 × 1.131 mm, sendo a primeira edição de 1620. Na Biblioteca Nacional de Madrid existe um exemplar do que parece ser a primeira edição, mas em muito mau estado, pelo que preferimos reproduzir aqui outro exemplar que tem a data de 1622 e foi feito com as mesmas chapas de cobre, pertencente à Bibliothèque Nationale de Paris, onde tem a cota «Ge. DD. 2987 (1777)» (1). A data não se encontra na carta pròpriamente dita, mas sim no final de um texto em 6 colunas que a acompanha e tem o título «Declaracion Sumaria de Aragon, para inteligencia del Mapa. Por Lvpercio Leonardo de Argensola ...». A indicação final com a data diz: «Impresso em Zaragoça Por Juan de Lanaja Y Quartaner Impressor del Reyno de Aragon y desta Universidad. Año MDCXXII». Nalguns exemplares do mapa este texto encontra-se colado aos lados dele.

Num quadro, no canto inferior direito, vem o título e dedicatória: «Aragon de Ivan Baptista Lavaña — Dedicada a los Illvstrissmos Señores Dipvtados del Reyno de Aragon ...» [seguem-se os nomes destes], tendo ao lado a indicação do gravador «Diego de Astor Fecit». Do lado esquerdo, num quadro de «Advertencias», lê-se, antes das convenções, «Toda esta descripcion se ha hecho con Observaciones Geometricas i Astronomicas reconociendo con ellas el sitio de todos los lugares cuyas distancias son medidas por el Ayre». A carta tem uma graduação de latitudes e longitudes a toda a volta, sendo de projecção cónica e numa escala aproximada de 1/278.195.

Existem ainda numerosos documentos que permitem conhecer com relativa minúcia a história da carta, sua origem e trabalhos de campo, desenho e gravação. Trataram dela com desenvolvimento Tomás Fermín de Lezaun y Tornos, num importante texto que acompanha a 11.ª edição da carta (1777); Isidoro de Antillón; Faustino Sancho y Gil; José Augusto Sánchez Pérez; Armando Cortesão; Gonçalo de Reparaz (2). Indicamos a seguir muito resumidamente os principais factos apurados por estes autores.

Em 1609 Lupercio Leonardo de Argensola, em representação dos deputados do Reino de Aragão, contratou Lavanha para este fazer o levantamento geográfico desse Reino, devendo apresentar no fim a respectiva carta, a imprimir em seis folhas levando nas margens a descrição histórica de Aragão feita pelo seu cronista Argensola, e também um livro com a indicação e situação de todos os lugares. O desenho original com a firma de Lavanha ficaria no arquivo do Reino, e com base nele far-se-iam cento e cinquenta cartas impressas, recebendo o cartógrafo 2.500 ducados, de que teria de entregar 2.000 reales a Argensola pelo trabalho da descrição histórica.

Conforme o contrato, escreveu Lavanha um itinerário, redigido em português, cujo original se perdeu, dele havendo porém uma cópia, legada por Isaac Vossio, na Biblioteca da Universidade de Leida, com a cota «Voss. G.G.f.8» e o título «Itinerario do Reyno de Aragão», a qual foi publicada nos fins do século passado por Faustino Sancho y Gil (3). Nesse Itinerário, além de registar diàriamente a marcha dos trabalhos de levantamento da carta, incluíu Lavanha numerosas notas e informações de carácter histórico, económico e demográfico, referentes às terras por ele visitadas, incluindo bastantes desenhos. Verifica-se que partiu de Madrid para iniciar o trabalho em 25 de Outubro de 1610, e que fez as últimas observações em 16 de Abril de 1611, tendo percorrido minuciosamente todo o reino à excepção de alguns vales pirenaicos, onde não pôde ir por ser solicitado para outros trabalhos. Por indicação sua e de acordo com as instruções que redigiu, o levantamento destes últimos foi efectuado em 1614 pelo jesuíta Pablo de Rajas.

Em 5 de Setembro de 1615 deu Lavanha conhecimento aos deputados de Aragão de que tinha terminado o desenho da carta, que lhes enviou poucos dias depois, propondo que se gravasse em Madrid e não na Flandres e acentuando que todas as distâncias entre as localidades foram cuidadosamente estabelecidas e as latitudes e longitudes determinadas com instrumentos

(1) Na mesma biblioteca há ainda outro exemplar sem data («Ge. DD. 5895») e outro com a data de 1645 («Ge. CC. 1270, fl. 69»).

(2) Vide Bibliografia no fim.

(3) Sancho y Gil 1895.

JOÃO BAPTISTA LAVANHA, MAP OF ARAGON, 1615 (1620)

PLATE 423

THIS important map was printed on six sheets of paper, the overall dimensions of the design being 921 × 1,131 mm; the first edition appeared in 1620. In the Biblioteca Nacional, Madrid, there is a copy which seems to be of the first edition, but it is in very poor condition, and we have accordingly selected for reproduction here another copy, bearing the date 1622 and printed from the same copperplates, now in the Bibliothèque Nationale, Paris, with the class-mark «Ge. DD. 2987 (1777)» (1). The date is not found on the map itself, but it occurs at the end of the text in six columns accompanying it and entitled «Summary Declaration of Aragon, for the understanding of the map. By Lupercio Leonardo de Argensola...». The imprint at the end, with the date, reads: «Printed in Saragossa by Juan de Lanaja y Quartaner, Printer to the Kingdom of Aragon and to this University. In the year MDCXXII». Some copies of the map have this text pasted along the sides.

In a panel at the lower right-hand corner are the title and dedication: «Aragon, by Juan Baptista Lavaña — Dedicated to the most noble Lords and Deputies of the Kingdom of Aragon ...» [here follow their names], with the engraver's signature at the side «Diego de Astor fecit». On the left, in a panel of «Remarks», above the conventional signs we read: «All this description has been made from geometrical and astronomical observations, and with them the situation of all the places whose distances are determined by the bearing». The graduation for latitude and longitude extends over the whole face of the map, which is drawn on a conic projection and to the approximate scale of 1/278,195.

From numerous extant documents we know in some detail the history of the map, its origin, and the progress of the fieldwork, drawing and engraving. The map has been fully discussed by Tomás Fermín de Lezaun y Tornos, in an important text accompanying the 11th edition (1777); by Isidoro de Antillón; by Faustino Sancho y Gil; by José Augusto Sánchez Pérez; by Armando Cortesão; and by Gonçalo de Reparaz (2). We briefly summarize below the principal facts brought to light by these authors.

In 1609 Lupercio Leonardo de Argensola, representing the deputies of the Kingdom of Aragon, commissioned Lavanha to make a geographical survey of the Kingdom, requiring him to present, on its completion, the resulting map, which was to be printed in six sheets, having in the margin the description of Aragon compiled by its chronicler Argensola, together with a book giving a list and the location of all the places. The original drawing signed by Lavanha was to be deposited in the archives of the Kingdom, and from it were to be produced one hundred and fifty printed maps; for this the cartographer would receive 2,500 ducats, of which 2,000 reales were assigned to Argensola for undertaking the historical description.

In accordance with this contract, Lavanha wrote an itinerary, the original of which is lost; a copy has however survived, in the bequest of Isaac Vossius to the University Library, Leyden, with the class-mark «Voss. G.G.f.8» and the title «Itinerary of the Kingdom of Aragon», and this was published at the end of the last century by Faustino Sancho y Gil (3). In the «Itinerary» Lavanha not only recorded the daily progress of the field survey for the map, but also included numerous notes and details of historical, economic or demographic character relating to the regions visited by him, with a number of drawings. We learn that he set out from Madrid to begin the work on 25 October 1610 and that he made his last observations on 16 April 1611, having traversed every part of the Kingdom except some Pyrenean valleys, where he could not go as he was called away for other work. At his suggestion, and in conformity with the instructions which he drew up, the survey of these valleys was carried out in 1614 by the Jesuit Pablo de Rajas.

On 5 September 1615 Lavanha informed the deputies of Aragon that he had completed the drawing of the map, which he sent to them a few days later, proposing that it should be engraved in Madrid and not in Flanders, and emphasizing that all the distances between localities had been carefully ascertained and the latitudes and longitudes determined with mathematical

(1) In the same library there is another undated copy («Ge. DD. 5895») and one dated 1645 («Ge. CC. 1270, fl. 69»).

(2) See the Bibliography at the end.

(3) Sancho y Gil 1895.

matemáticos não utilizados habitualmente. Depois de várias objecções, a que Lavanha respondeu satisfatòriamente, foi a carta aprovada em 2 de Abril de 1616. A gravura arrastou-se por vários anos, pois Lavanha era constantemente solicitado para outros trabalhos que o impediam de assistir àquela, o que muito impacientou os deputados de Aragão, talvez receosos de verem terminar o seu mandato sem que os seus nomes ficassem inscritos na carta. As chapas de cobre foram-lhes finalmente entregues em Outubro de 1619, e no ano seguinte tirava-se a primeira edição da carta.

Do «Itinerario» verifica-se que Lavanha fez observações em 128 estações diversas, medindo em cada uma delas as direcções azimutais para as que lhe estavam próximas, não se possuindo porém pormenores sobre as observações astronómicas, que constariam talvez de algum caderno de notas hoje desaparecido. Lamentamos não poder entrar aqui na discussão dos métodos utilizados por Lavanha, dada a falta de espaço, mas o rigor da carta pode avaliar-se pelo facto de que, das chapas primitivas, foram tiradas onze edições, a última das quais em 1777 (com actualizações devidas a Lezaun). Durante os séculos XVII e XVIII a carta de Aragão de Lavanha foi unânimemente elogiada e tomada por modelo. Reproduziram-na Joannes Janssonius (c. 1653) e Joan Blaeu no volume referente à Espanha do «Atlas Mayor» (1672) sendo de destacar que, de todas as cartas do volume, só das de Aragão indica o nome do autor. Utilizaram-na largamente Juan Seyra y Ferrer (carta em 4 folhas, Paris 1715), J. B. Bourguignon d'Anville (1719) e Tomáz López (1765, compilação pouco feliz de cartas várias, do que resultou uma carta mais errada do que a de Lavanha).

instruments not normally used. After various objections, to which Lavanha gave satisfactory answers, the map was approved on 2 April 1616. The engraving dragged on for several years, because Lavanha was prevented from taking part in it by constant calls to other work, and the deputies of Aragon became very impatient, perhaps because they feared that their term of office would expire before their names had been inscribed on the map. The copper-plates were eventually delivered to them in October 1619, and in the following year the first edition of the map was printed.

The «Itinerary» reveals that Lavanha made observations at 128 different stations, at each of which he measured the azimuthal bearings of neighbouring stations; but we have no details of the astronomical observations, which were perhaps recorded in some field-book now lost. It is regrettable that, for want of space, we cannot here enter into a discussion of the methods employed by Lavanha, but the accuracy of the map may be appreciated from the fact that eleven editions were pulled from the original plates, the last being in 1777 (with revisions by Lezaun). Throughout the XVII and XVIII centuries Lavanha's map of Aragon was unanimously acclaimed and taken as a model. It was reproduced by Joannes Janssonius (c. 1653) and by Joan Blaeu in the volume of the *Atlas Mayor* relating to Spain (1672); we may note that, of all the maps in this volume, that of Aragon alone bears the author's name. The map was extensively drawn on by Juan Seyra y Ferrer (map in four sheets, Paris 1715), J. B. Bourguignon d'Anville (1719) and Tomás López (1765, a not very felicitous compilation from various maps, resulting in a map more erroneous than Lavanha's).

BIBLIOGRAFIA PRINCIPAL

ISIDORO DE ANTILLÓN, *Noticias históricas sobre el mapa de Aragón que levantó en el siglo XVII el cosmógrafo Juan Bautista Labaña,* in *Variedad de Ciencias, Literatura y Artes,* Vol. IV, pp. 16 e 81, Madrid 1804.

FAUSTINO SANCHO Y GIL, *Itinerário del Reino de Aragon por Juan Bautista Labaña,* Biblioteca de Escritores Aragoneses, Sección Histórico-Doctrinal, Tomo VII. Zaragoza 1895.

SELECT BIBLIOGRAPHY

JOSÉ AUGUSTO SÁNCHEZ PÉREZ, *Discurso leído en el acto de su recepción a la Academia de Ciencias Exactas, Físicas y Naturales, de Madrid, el día 20 de Junio de 1934.* Madrid 1934.

ARMANDO CORTESÃO, *Cartografia e Cartógrafos Portugueses dos Séculos XV e XVI.* Lisboa 1935.

GONÇALO DE REPARAZ-RUIZ, *La cartographie terrestre de la péninsule ibérique au XVI^e et au XVII^e siècle et l'oeuvre des cartographes portugais en Espagne,* in *Revue Géographique des Pyrénées et du Sud-Ouest,* Tome XI, Fasc. 3-4, pp. 167-202. Toulouse 1940.

Original 921×1.113 mm.

João Baptista Lavanha, 1615 (1620)

Carta de Aragão — Map of Aragon
Edição de 1622 — 1622 Edition
Bibliothèque Nationale, Paris

JOÃO BAPTISTA LAVANHA, TRÊS CARTAS GRAVADAS NA "QUARTA DÉCADA DA ÁSIA", 1615

ESTAMPA 424

EM Madrid, 1615, foi publicada a «*Quarta Decada da Asia de Ioão de Barros*. Dedicada a el rei Don Philippe II Nosso Senhor. Reformada accrescentada e illvstrada com notas e taboas geographicas por Ioão Baptista Lavanha». A dedicatória, no começo, tem a data de 24 de Junho de 1615, e segue-se uma advertência na qual Lavanha escreve: «E porque nenhũa cousa dá tam perfeito conhecimento das descripções das Provincias, como o desenho dellas, das que nesta *Quarta Decada* descreve Ioão de Barros (em q̃ excedeo a todos os Geographos) ordenei tres taboas da Ilha de Iaoa, dos Reinos de Guzarate, & Bengalla, segundo a mente do autor, & as melhores informações que destas Regiões pude alcançar».

JOÃO BAPTISTA LAVANHA, THREE ENGRAVED CHARTS IN THE "QUARTA DÉCADA DA ÁSIA", 1615

PLATE 424

IN 1615, at Madrid, was published the «*Quarta Decada da Asia de Ioão de Barros,* dedicated to King Philip II and revised, augmented and illustrated with geographical tables by João Baptista Lavanha». The dedication, at the beginning, is dated 24 June 1615, and in a preface which follows Lavanha writes: «And since nothing gives so perfect a knowledge of the descriptions of the Provinces as the drawing of them, of those described in this Fourth Decade by João de Barros (who surpasses all geographers) I have made three tables of the Island of Java and of the Kingdoms of Gujerat and Bengal, according to the judgment of the author and the best information of these regions that could be procured».

FIG. 10 — FRONTISPÍCIO DA *QUARTA DÉCADA DA ÁSIA*, PRIMEIRA EDIÇÃO
TITLE-PAGE OF THE *QUARTA DÉCADA DA ÁSIA*, FIRST EDITION

As cartas, impressas em papel, 190 × 280 mm, todas com a assinatura do gravador Diego de Astor, vêm pela seguinte ordem:

Página 39 — *DESCRIPÇÃO DA ILHA DE IAOA* (Estampa 424 A).
Página 273 — *DESCRIPÇÃO DO REINO DE GVZARATE* (Estampa 424 B).
Página 555 — *DESCRIPÇÃO DO REINO DE BENGALLA* (Estampa 424 D).

O principal interesse das cartas, sobretudo das duas últimas, reside no facto de terem indicações de carácter geográfico sobre o interior, mas ignoramos onde Lavanha conseguiu obter tais elementos. Mais tarde estas duas cartas foram reproduzidas por Pieter van der Aa, Leida (Fig. 11).

Na edição completa das *Décadas* feita em Lisboa em 1777-1778 vêm igualmente as três cartas (pp. 72-3 e 534-5 do 7.º volume, e pp. 450-1 do 8.º volume).

The charts, printed on paper, 190 × 280 mm, all signed by the engraver Diego de Astor, occur in the following order:

Page 39 — «Description of the Island of Java» (Plate 424 A).
Page 273 — «Description of the Kingdom of Gujarat» (Plate 424 B).
Page 555 — «Description of the Kingdom of Bengal» (Plate 424 D).

The main interest of the charts, particularly the last two, lies in their geographical information on the interior, but we do not know where Lavanha managed to obtain this. These two charts were later reproduced by Pieter van der Aa, Leyden (Fig. 11).

In the complete edition of the *Décadas* published in Lisbon in 1777-1778 the three maps also appear (pp. 72-3 and 534-5 of the 7th volume, and pp. 450-1 of the 8th volume).

De alguns documentos que nos chegaram sabe-se que Lavanha fez a edição da *Quarta Década* com a ajuda de um empréstimo de 540.000 réis

From extant documents it is known that Lavanha produced his edition of the *Quarta Década* with the assistance of a loan of 540,000 *reis* from

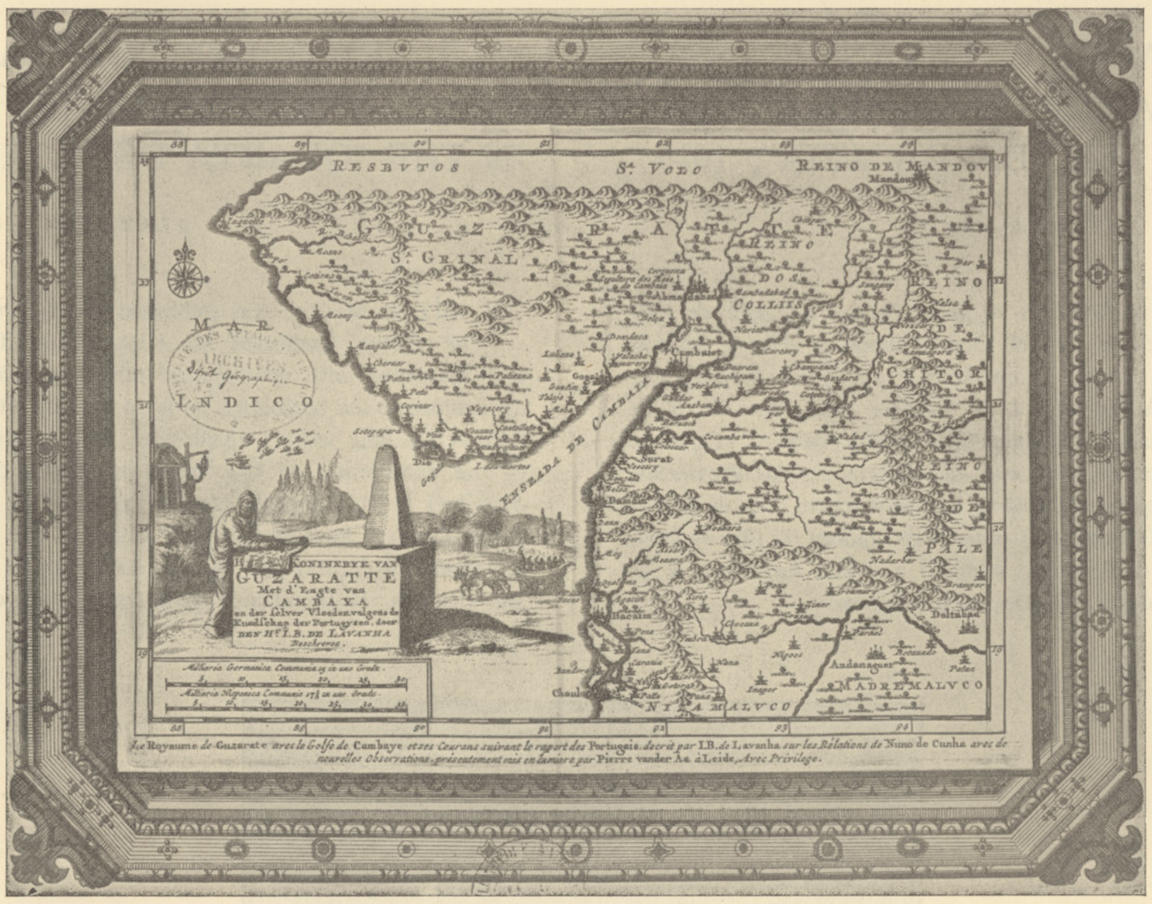


FIG. 11 — CARTAS DE JOÃO BAPTISTA LAVANHA REPRODUZIDAS POR PIETER VAN DER AA
CHARTS OF JOÃO BAPTISTA LAVANHA REPRODUCED BY PIETER VAN DER AA

da Câmara Municipal de Lisboa, e como a venda de exemplares não cobrisse tal quantia resultou daí a segunda edição das anteriores *Décadas* (1628), com o objectivo de, por esse modo, se conseguir maior venda da quarta (1).

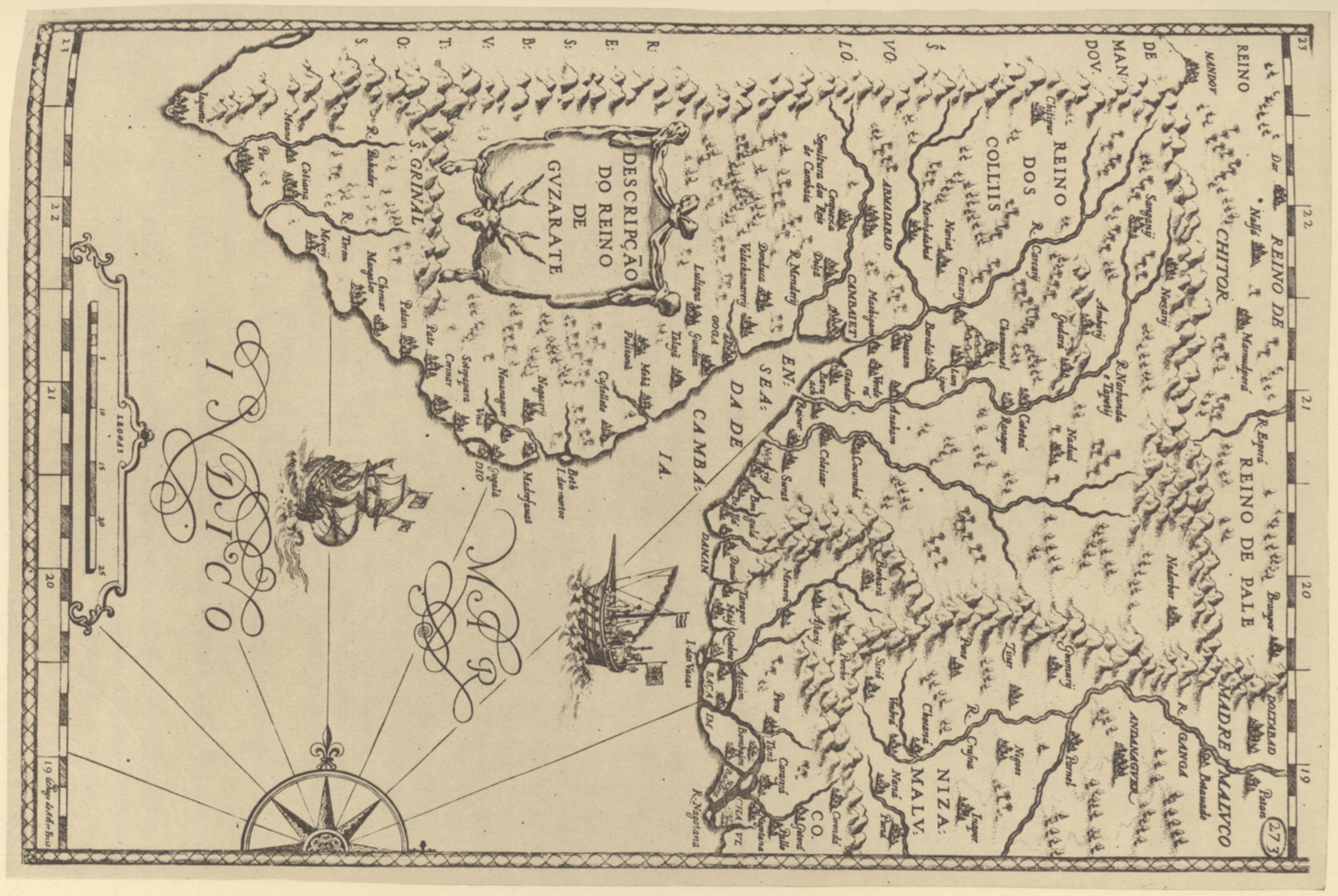
the Municipal Council of Lisbon; that the cost was not covered by the sale of copies appears from the publication of a second edition of the previous *Décadas* (1628), with the object of promoting the sale of the fourth (1).

(1) Vide Eduardo Freire de Oliveira, *Elementos para a Historia do Municipio de Lisboa*, Tomo II, pp. 372-81, Lisboa 1887, e Armando Cortesão, *Cartografia e Cartógrafos Portugueses dos Séculos XV e XVI*, Vol. II, pp. 350-2, Lisboa 1935.

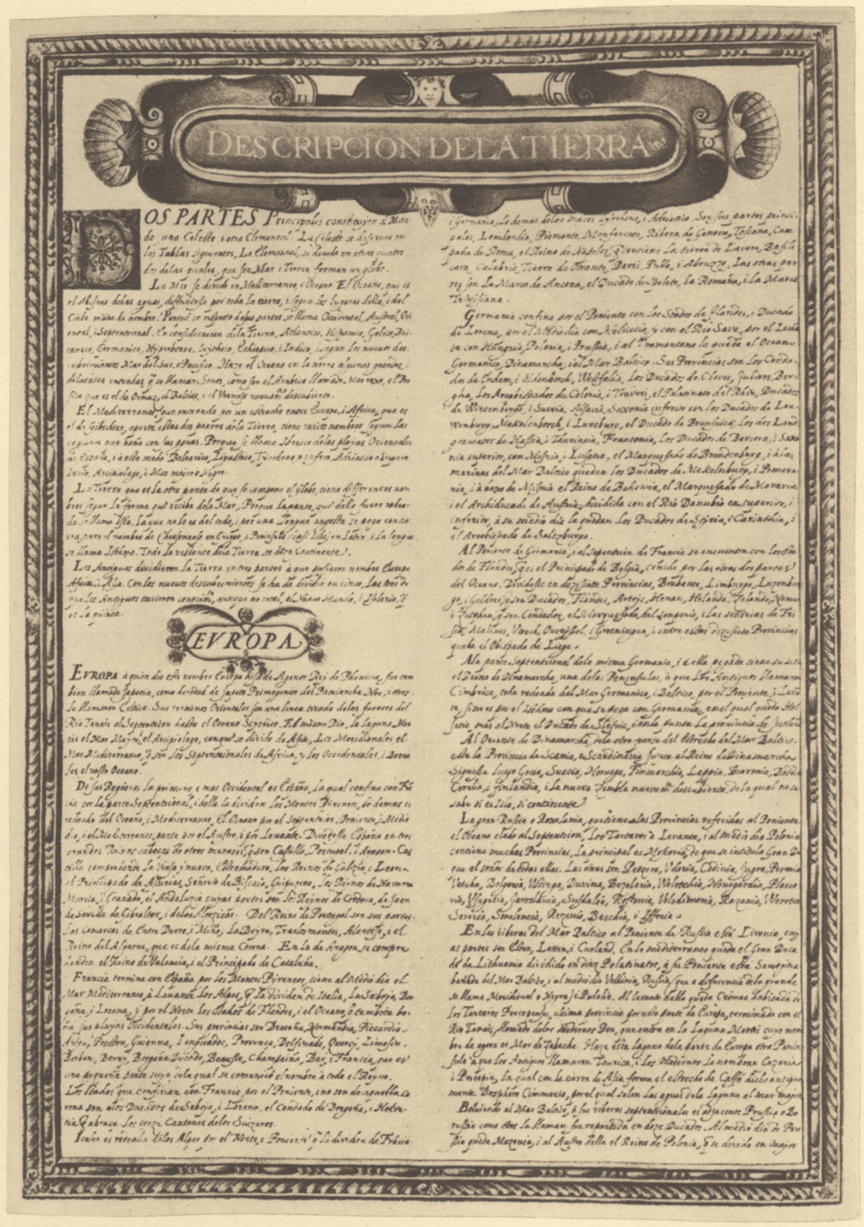
(1) See Eduardo Freire de Oliveira, *Elementos para a Historia do Municipio de Lisboa*, Tomo II, pp. 372-81, Lisboa 1887, and Armando Cortesão, *Cartografia e Cartógrafos Portugueses dos Séculos XV e XVI*, Vol. II, pp. 350-2, Lisboa 1935.

Original 190×280 mm.

A



B



Fol. 1 v.

Original 385×530 mm.

C

D

A, B, D-João Baptista Lavanha, 1615

Três cartas gravadas na Quarta *Década da Asia*
Three engraved charts in the Fourth *Década da Asia*

C-Anónimo-João Baptista Lavanha e Luís Teixeira, 1597 e 1612

Atlas-cosmografia — Atlas-cosmography

Biblioteca Reale, Torino

ANÓNIMO—JOÃO BAPTISTA LAVANHA E LUÍS TEIXEIRA, ATLAS-COSMOGRAFIA, DE TRINTA E DUAS FOLHAS, 1597 E 1612

ESTAMPAS 424C & 425-440

NA Biblioteca Reale, Turim, com a cota «Mscr. Vari 221», existe um curioso atlas anónimo e sem data com trinta e três folhas de pergaminho, 385 × 530 mm, contendo cartas, desenhos e regras cosmográficas e pequenos textos geográficos e náuticos, tudo manuscrito e iluminado. O códice, desenhado com especial cuidado, tem as folhas de pergaminho separadas por pedaços de seda carmesim, e conserva-se na encadernação primitiva, em pele com dourados, o que tudo indica ter sido executado para pessoa de elevada categoria.

Fólios 1 v - 2 v (Estampas 424 C e 425 A e B) — *Descripcion de la Tierra,* texto subdividido nos capítulos *Europa, Africa, Asia, Mundo Nuevo, Isolaria,* tendo no final um mapa-mundi em dois hemisférios com o título *Theatrum Orbis Terrarum.* O fólio 1 r está em branco.

Fólio 3 r (Estampa 426) — Planisfério com o título *Theatrum Mundi.* O fólio 3 v está em branco.

Fólio 4 r (Estampa 425 C) — Carta da Europa e Norte de África.

Fólio 4 v (Estampa 427 A) — *Descripcion del Vniverso,* desenho do clássico sistema geocêntrico do mundo, com pequeno texto.

Fólio 5 r (Estampa 427 B) — Parte do Mar do Norte, com as costas orientais da Inglaterra e as costas do norte da França e Países Baixos.

Fólio 5 v (Estampa 427 C) — Esfera armilar.

Fólio 6 r (Estampa 427 D) — Golfo da Biscaia, com a parte ocidental de França.

Fólio 6 v (Estampa 428 A) — Texto com o título *Delos Circulos dela Sphera.*

Fólio 7 r (Estampa 428 B) — Parte ocidental da Península Ibérica.

Fólio 7 v (Estampa 428 C) — Roda cosmográfica, com texto explicativo e o título *Tabla dela Longitud, Latitud, Declinacion, Ascension recta, Mediacion del Cielo, Naturaleza y Grandeza de XL estrellas fixas, en este Año de M.DC.XII segun las precisas observaciones de Tycho Brahe.*

Fólio 8 r (Estampa 428 D) — Sueste de Espanha e norte de Marrocos.

Fólio 8 v (Estampa 429 A) — *Tabla del lugar del Sol,* para os anos 1612-1615, com pequeno texto.

Fólio 9 r (Estampa 429 B) — Valência, Baleares, e norte de África de Orão a Argel.

Fólio 9 v (Estampa 429 C) — *Tabla dela declinacion dela Ecliptica de 5 en 5 minutos,* com texto explicativo.

Fólio 10 r (Estampa 429 D) — Nordeste da Espanha e sueste da França.

Fólio 10 v (Estampa 430 A) — Roda cosmográfica, com texto explicativo e o título *Tabla de Ascensiones Rectas.*

Fólio 11 r (Estampa 430 B) — Sardenha e norte de África, de Bogia a Tabarca.

Fólio 11 v (Estampa 430 C) — Roda cosmográfica, com texto explicativo e o título *Tabla de Ascensiones Obliquas en la latitud de Mãd.* [Madrid].

Fólio 12 r (Estampa 430 D) — Noroeste da Itália, com a ilha da Córsega e parte da Sardenha.

Fólio 12 v (Estampa 431 A) — Roda cosmográfica, com texto explicativo e o título *Tabla delas Amplitudines dela Ecliptica.*

Fólio 13 r (Estampa 431 B) — Região de Tunes e parte ocidental da Sicília.

Fólio 13 v (Estampa 431 C) — Roda cosmográfica, com texto explicativo (continuação do de fólio 12 v) e o título *Tabla delas Amplitudes dela Ecliptica.*

Fólio 14 r (Estampa 431 D) — Parte do sul da Itália, com a Sicília.

Fólio 14 v (Estampa 432 A) — Roda cosmográfica, com texto explicativo e o título *Tabla delos dias artificiales para latitud de 37. Gr.*

Fólio 15 r (Estampa 432 B) — Região de Trípolis e Ilha de Malta.

Fólio 15 v (Estampa 432 C) — Roda cosmográfica, com texto explicativo (continuação do de fólio 14 v) e o título *Tabla de los dias artificiales para latitud de 40 Gr.*

Fólio 16 r (Estampa 432 D) — Sul da Itália e ocidente da Grécia.

Fólio 16 v (Estampa 433 A) — Roda cosmográfica, com texto explicativo e o título *Tabla delas horas del nacim.to del Sol en Lat. de 37. Gr.*

Fólio 17 r (Estampa 433 B) — Parte norte do Adriático, com a representação geográfica de parte da Itália, Croácia e Dalmácia.

ANONYMOUS—JOÃO BAPTISTA LAVANHA & LUÍS TEIXEIRA, ATLAS-COSMOGRAPHY OF THIRTY-TWO LEAVES, 1597 AND 1612

PLATES 424C & 425-440

IN the Biblioteca Reale, Turin, with the class-mark «Mscr. Vari 221», is preserved a curious atlas, anonymous and undated, of thirty-three leaves of vellum, 385 × 530 mm, containing charts, cosmographical drawings and rules, and short geographical and nautical texts, the whole written by hand and illuminated. In this codex, which is drawn with particular care, the vellum leaves are separated by pieces of crimson silk, and it is preserved in its original leather binding, gilt-tooled; all this suggests that it was executed for some person of high degree.

Folios 1 v - 2 v (Plates 424 C and 425 A and B) — «Description of the Earth», a text divided into chapters entitled «Europe», «Africa», «Asia», «New World», *Isolaria,* and having at the end a world chart in two hemispheres with the title *Theatrum Orbis Terrarum.* Folio 1 r is blank.

Folio 3 r (Plate 426) — Planisphere entitled *Theatrum Mundi.* Folio 3 v is blank.

Folio 4 r (Plate 425 C) — Chart of Europe and North Africa.

Folio 4 v (Plate 427 A) — «Description of the Universe», a drawing of the classical geocentric system, with short text.

Folio 5 r (Plate 427 B) — Part of the North Sea, with the east coast of England and the north coasts of France and the Netherlands.

Folio 5 v (Plate 427 C) — Armillary sphere.

Folio 6 r (Plate 427 D) — Bay of Biscay, with the western part of France.

Folio 6 v (Plate 428 A) — Text entitled «Of the circles of the Sphere».

Folio 7 r (Plate 428 B) — Western part of the Iberian Peninsula.

Folio 7 v (Plate 428 C) — Cosmographical wheel with explanatory text and the title «Table of the longitude, latitude, declination, right ascension, mediation of the heavens, nature and size of XL fixed stars, in this year M.DC.XII, according to the exact observations of Tycho Brahe».

Folio 8 r (Plate 428 D) — South-eastern Spain and northern Morocco.

Folio 8 v (Plate 429 A) — «Table of the stations of the Sun», for the years 1612-1615, with short text.

Folio 9 r (Plate 429 B) — Valencia, the Balearics, and North Africa from Oran to Algiers.

Folio 9 v (Plate 429 C) — «Table of the declination of the Ecliptic every 5 minutes», with explanatory text.

Folio 10 r (Plate 429 D) — North-eastern Spain and south-eastern France.

Folio 10 v (Plate 430 A) — Cosmographical wheel, with explanatory text and the title «Table of right ascensions».

Folio 11 r (Plate 430 B) — Sardinia and North Africa, from Bougie to Tabarca.

Folio 11 v (Plate 430 C) — Cosmographical wheel, with explanatory text and the title «Table of oblique ascensions in the latitude of Mãd. [Madrid]».

Folio 12 r (Plate 430 D) — North-western Italy, with Corsica and part of Sardinia.

Folio 12 v (Plate 431 A) — Cosmographical wheel, with explanatory text and the title «Table of the amplitudes of the Ecliptic».

Folio 13 r (Plate 431 B) — Regions of Tunis and western part of Sicily.

Folio 13 v (Plate 431 C) — Cosmographical wheel, with explanatory text (continuing that of folio 12 v) and the title «Table of the amplitudes of the Ecliptic».

Folio 14 r (Plate 431 D) — Part of southern Italy, with Sicily.

Folio 14 v (Plate 432 A) — Cosmographical wheel, with explanatory text and the title «Table of artificial days for the latitude of 37 degrees».

Folio 15 r (Plate 432 B) — Region of Tripoli and island of Malta.

Folio 15 v (Plate 432 C) — Cosmographical wheel, with explanatory text (continuing that of folio 14 v) and the title «Table of artificial days for the latitude of 40 degrees».

Folio 16 r (Plate 432 D) — Southern Italy and western Greece.

Folio 16 v (Plate 433 A) — Cosmographical wheel, with explanatory text and the title «Table of the hours of the birth of the Sun in latitude 37 degrees».

Folio 17 r (Plate 433 B) — Northern part of the Adriatic, with geographical representation of part of Italy, Croatia and Dalmatia.

Fólio 17 v (Estampa 433 C) — Roda cosmográfica, com texto explicativo e o título *Tabla delas horas del Nacim.to del Sol en Lat. de 40. Gr.*

Fólio 18 r (Estampa 433 D) — Sul da Grécia.

Fólio 18 v (Estampa 434 A) — Roda cosmográfica com texto explicativo e o título *Tabla delas horas desiguales para Latitud de 37 Gr.*

Fólio 19 r (Estampa 434 B) — Região de Barca, no norte de África.

Fólio 19 v (Estampa 434 C) — Roda cosmográfica com texto explicativo e o título *Tabla delas horas desiguales para Latitud de 40. Gr.*

Fólio 20 r (Estampa 434 D) — Parte norte do Mar Egeu, com o ocidente da Grécia e a Macedónia.

Fólio 20 v (Estampa 435 A) — Roda cosmográfica, com texto explicativo e o título *Tabla del Dominio delos Planetas en las horas desiguales.*

Fólio 21 r (Estampa 435 B) — Sul do Mar Egeu, com a ilha de Creta, e costa da Cirenaica.

Fólio 21 v (Estampa 435 C) — Roda cosmográfica com texto explicativo e o título *Tabla delas Dignidades Essenciales delos Planetas.*

Fólio 22 r (Estampa 435 D) — Parte oriental do Mar Egeu.

Fólio 22 v (Estampa 436 A) — Roda cosmográfica, com texto explicativo e o título *Tabla del Aureo Numero, delas Epactas, del Ciclo Solar-dela Letra Dominical, dela Indiccion.*

Fólio 23 r (Estampa 436 B) — Litoral ocidental do Egipto.

Fólio 23 v (Estampa 436 C) — Roda cosmográfica, com texto expli, cativo e o título *Tabla delas fiestas movibles.*

Fólio 24 r (Estampa 436 D) — Caramânia e Mentese.

Fólio 24 v (Estampa 437 A) — Roda cosmográfica, com texto explicativo e o título *Tabla de Lunas i Mareas.*

Fólio 25 r (Estampa 437 B) — Litoral oriental do Egipto.

Fólio 25 v (Estampa 437 C) — Roda cosmográfica, com texto explicativo e o título *Tablas de Paralelos, i Climas Septentrion.*

Fólio 26 r (Estampa 437 D) — Caramânia, Síria, Judeia e Chipre.

Fólio 26 v (Estampa 438 A) — Roda cosmográfica, com texto explicativo e o título *Tabla de Paralelos i Climas Australes.*

Fólio 27 r (Estampa 438 B) — Mar de Mármara e parte ocidental do Mar Negro.

Fólio 27 v (Estampa 438 C) — Roda cosmográfica, com texto explicativo e o título *Tabla de Proporcion delos Paralelos.*

Fólio 28 r (Estampa 438 D) — Podólia e Bessarábia.

Fólio 28 v (Estampa 439 A) — Rosas-dos-ventos, com os ventos e respectivas designações de Andrónico, navegantes antigos, Vitrúvio, Cardano, e Espanhóis e Italianos.

Fólio 29 r (Estampa 439 B) — Parte central do Mar Negro.

Fólio 29 v (Estampa 439 C) — Texto com o título *Delos Vientos.*

Fólio 30 r (Estampa 439 D) — Crimeia e regiões próximas.

Fólio 30 v (Estampa 440 A) — Texto com o título *Dela Aguia de Marear.*

Fólio 31 r (Estampa 440 B) — Parte centro-oriental do Mar Negro.

Fólio 31 v (Estampa 440 C) — Texto com o título *Dela Carta de Marear.*

Fólio 32 r (Estampa 440 D) — Parte oriental do Mar Negro. O fólio 32 v está em branco, assim como a folha de pergaminho seguinte.

A primeira referência que conhecemos ao atlas é de V. Promis, que argutamente apontou alguns factos importantes (1): «Non risulta da chi sia stato eseguito ma lo fu certamente in Spagna, le spiegazioni essendo tutte in Spagnuolo e sempre citandosi la latitudine ed il meridiano di Madrid. La sua data sebbene non si trovi nel frontispizio, risulta può da un'annotazione al retro del fol. 8º ai piedi della *Tabla del lugar del Sol,* dove, fissandosi essa per quattro anni dal 1612 al 1615, leggesi al basso: 'Conosce por esta Tabla el lugar q̃ el sol tiene ... desde el presente de 1612 hasta el de 1615...'. A chi poi fosse destinato il portolano appare dello stemma posto al retro del secondo foglio al basso fra i due emisferi, che è uno scudo partito di Savoia e di Austria-Spagna sormontato da corona ducale, quale era usata da D.ª Catterina figlia di Filippo II re di Spagna, moglie nel 1585 di Carlo Emanuele I duca di Savoia e morta nel 1597. Risulta quindi da ciò che il nostro volume essendo stato terminato dopo la morte della principessa stessa non le poti più esser offerto, cosa che pare confermata dal vedersi sulla coperta, interamente e fosse esageratamente coperta di fregi, uno spazio vacuo dove secondo l'idea primitiva doveva forse stamparsi lo scudo ducale».

Em resumo, do que diz V. Promis conclui-se que o atlas teria sido começado para ser oferecido a D. Catarina, e não estaria ainda acabado

(1) V. Promis, *Su alcuni manoscritti della Biblioteca di S.M. in Torino,* in *Curiosità e ricerche di Storia Subalpina, pubblicata da una Società di Studiosi di Patrie Memorie,* Vol. I, pp. 769-88. Roma-Torino-Firenze 1897. Também referem o atlas Uzielli e Amat, *Mappamondi, carte nautiche, portolani ed altri monumenti cartografici specialmente italiani dei secoli XIII-XVII,* n.º 439, Roma 1882, e P. Revelli, *Terre d'America e Archivi d'Italia,* p. 63, Milano 1926.

Folio 17 v (Plate 433 C) — Cosmographical wheel, with explanatory text and the title «Table of the hours of the birth of the Sun in lat. 40 degrees».

Folio 18 r (Plate 433 D) — Southern Greece.

Folio 18 v (Plate 434 A) — Cosmographical wheel, with explanatory text and the title «Table of unequal hours for the latitude of 37 degrees».

Folio 19 r (Plate 434 B) — Region of Barca, in North Africa.

Folio 19 v (Plate 434 C) — Cosmographical wheel, with explanatory text and the title «Table of unequal hours for the latitude of 40 degrees».

Folio 20 r (Plate 434 D) — Northern part of the Aegean Sea, with western Greece and Macedonia.

Folio 20 v (Plate 435 A) — Cosmographical wheel, with explanatory text and the title «Table of the dominion of the planets in the unequal hours».

Folio 21 r (Plate 435 B) — Southern Aegean, with the island of Crete and coast of Cyrenaica.

Folio 21 v (Plate 435 C) — Cosmographical wheel, with explanatory text and the title «Table of the essential dignities of the planets».

Folio 22 r (Plate 435 D) — Eastern part of the Aegean Sea.

Folio 22 v (Plate 436 A) — Cosmographical wheel, with explanatory text and the title «Table of the golden number, of the epacts, of the solar cycle, of the dominical letter, of the indiction».

Folio 23 r (Plate 436 B) — Western littoral of Egypt.

Folio 23 v (Plate 436 C) — Cosmographical wheel, with explanatory text and the title «Table of the movable feasts».

Folio 24 r (Plate 436 D) — Karamanya and Mentese.

Folio 24 v (Plate 437 A) — Cosmographical wheel, with explanatory text and the title «Table of moons and tides».

Folio 25 r (Plate 437 B) — Eastern littoral of Egypt.

Folio 25 v (Plate 437 C) — Cosmographical wheel, with explanatory text and the title «Tables of parallels and northern climes».

Folio 26 r (Plate 437 D) — Karamanya, Syria, Judaea and Cyprus.

Folio 26 v (Plate 438 A) — Cosmographical wheel, with explanatory text and the title «Table of parallels and southern climes».

Folio 27 r (Plate 438 B) — Sea of Marmora and western part of the Black Sea.

Folio 27 v (Plate 438 C) — Cosmographical wheel, with explanatory text and the title «Table of proportion of the parallels».

Folio 28 r (Plate 438 D) — Podolia and Bessarabia.

Folio 28 v (Plate 439 A) — Wind rose, with the winds and designations of Andronicus, ancient navigators, Vitruvius, Cardanus, and Spaniards and Italians, respectively.

Folio 29 r (Plate 439 B) — Central part of the Black Sea.

Folio 29 v (Plate 439 C) — Text with the title «Of the Winds».

Folio 30 r (Plate 439 D) — Crimea and neighbouring regions.

Folio 30 v (Plate 440 A) — Text with the title «Of the sea-compass».

Folio 31 r (Plate 440 B) — Eastern-central part of the Black Sea.

Folio 31 v (Plate 440 C) — Text with the title «Of the sea-chart».

Folio 32 r (Plate 440 D) — Eastern part of the Black Sea. Folio 32 v is blank, followed by another vellum leaf blank on both sides.

The first reference that we know to the atlas is that of V. Promis, who acutely pointed out some important features (1): «By whom it was executed is not stated, but it was certainly in Spain, as the legends are all in Spanish and the latitude and meridian of Madrid are invariably cited. The date, although not given on the title page, appears from a note on the verso of fol. 8, at the foot of the 'Table of the stations of the Sun', in which these are determined for the four years 1612-1615, and we read at the bottom: 'This Table shows the station occupied by the sun from the present year of 1612 to that of 1615 ...'. The arms on the verso of the second leaf, at the foot, between the two hemispheres, show for whom the portolan was intended; this is a shield, quartered, of Savoy and of Austria-Spain, surmounted by a ducal crown, as used by Donna Caterina, daughter of King Philip II of Spain, who married Carlo Emanuele, Duke of Savoy, in 1585 and died in 1597. It follows that our atlas, having been completed after the death of this princess, could not have been presented to her, and this is confirmed by the appearance, on the cover (which is entirely and perhaps extravagantly covered by decoration), of an empty space in which, according to the original plan, the ducal arms were perhaps to have been stamped».

In short, what V. Promis says leads to the conclusion that the atlas was begun with the intention of presenting it to D. Caterina, was still unfinished

(1) V. Promis, *Su alcuni manoscritti della Biblioteca di S.M. in Torino,* in *Curiosità e ricerche di Storia Subalpina, pubblicata da una Società di Studiosi di Patrie Memorie,* Vol. I, pp. 769-88. Roma-Torino-Firenze 1897. The atlas is also referred to by Uzielli and Amat, *Mappamondi, carte nautiche, portolani ed altri monumenti cartografici specialmente italiani del secoli XIII-XVII,* n.º 439, Roma 1882, and P. Revelli, *Terre d'America e Archivi d'Italia,* p. 63, Milano 1926.

quando esta morreu, em 1597, vindo a ser concluído em 1612. Podem, no entanto, levar-se mais longe as conclusões, como vamos ver.

Antes de mais nada deve apontar-se que trabalharam no atlas duas pessoas distintas e de estilos bastante diferentes, cujas partes respectivas se diferenciam fàcilmente: *a*) uma fez o planisfério, o mapa-mundi e o desenho das linhas costeiras das cartas no rosto das folhas; *b*) a outra executou tudo o restante, ou seja a parte geográfica das cartas do rosto das folhas (rios, montes, povoações, etc., com os respectivos nomes), o texto geográfico inicial (folhas 1 v-2 v) e toda a parte cosmográfica (desenhos e textos) no verso das folhas.

O autor da primeira parte, a da cartografia náutica, era indubitàvelmente um português, pois a nomenclatura é tìpicamente lusitana (por exemplo *Sevilha, Fonte Rabia, Corunha, Aguas Mortas,* etc.). O estilo desta primeira parte é, por outro lado, inconfundível e sem dúvida da escola dos Teixeiras, mais precisamente de Luís Teixeira e de seu filho João Teixeira. Como já temos apontado, as obras deste último têm uma acentuada afinidade de estilo em relação às do pai, a ponto de por vezes se tornar difícil diferençá-las. Neste caso, afigura-se-nos que o planisfério é da mão de Luís Teixeira, dada a mais marcada semelhança com outras obras suas, da letra e do colorido (particularmente na representação dos lagos e dos deltas dos rios, sendo de notar a característica disposição do nome *DOVRADO* no lago do Brasil). Nas cartas parciais há por vezes uma analogia mais flagrante de letra e estilo com as cartas do atlas do Brasil de 1627 de João Teixeira, mas inclinamo-nos para que elas sejam também sobretudo devidas a Luís Teixeira, não sendo aliás impossível que o pai e o filho tivessem colaborado nesta mesma obra. No planisfério há a registar as semelhanças de traçado da Terra Nova e Estreito de Magalhães em relação à carta atlântica de Luís Teixeira de c. 1600, em Florença, notando-se porém que a forma geral da América do Sul é mais imperfeita no atlas de Turim. De notar também que o Japão é do tipo de Luís Teixeira, que, ao analisar a carta impressa desse cartógrafo, vimos ser posterior a fins de 1591. A *NOVA ZENLA* aparece ainda fragmentada em várias ilhas, tipo de representação que é característico do período anterior a 1596, enquanto depois se generaliza o desenho sob a forma de uma ilha (2). No planisfério não há qualquer referência ou traçado resultante da viagem de Queiroz em 1606. Tal conjunto de factos faz supor que o planisfério teria sido desenhado quando se iniciou a execução do atlas, ainda em vida de D. Catarina, isto é, em 1597 muito provàvelmente.

Vejamos agora o que respeita ao autor dos textos e desenhos cosmográficos e da cartografia do interior. A *Descripcion de la Tierra* com que abre a obra tem um texto precisamente igual ao do *Compendio dela Geografia ordenado por el erudito baron Juan Baptista Lauaña* existente na Biblioteca Nacional de Madrid. O texto *Dela Aguia de Marear,* na

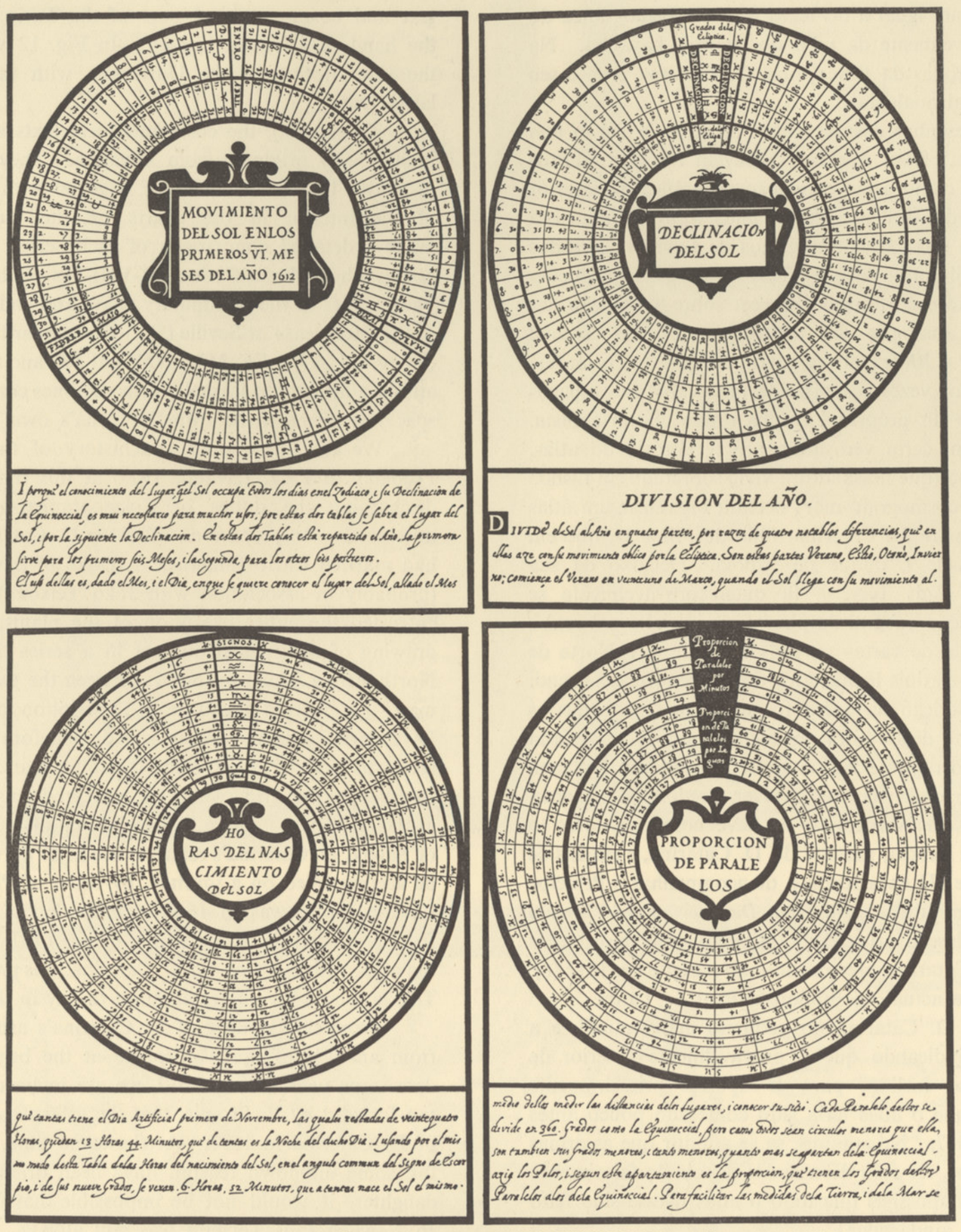


FIG. 12 — QUATRO RODAS COSMOGRÁFICAS DA *DESCRIPCION DEL VNIVERSO*, 1615, DE JOÃO BAPTISTA LAVANHA
FOUR COSMOGRAPHICAL WHEELS OF JOÃO BAPTISTA LAVANHA'S *DESCRIPCION DEL VNIVERSO*, 1615
(*Biblioteca Nacional, Madrid*)

(2) Vide H. Wallis, *The first English globe: a recent discovery,* in *The Geographical Journal,* p. 281. London September 1951.

when she died in 1597, and was completed in 1612. Nevertheless, as we shall see, the conclusions may be carried further.

To begin with, we must note that the atlas is the work of two separate persons using fairly distinct styles, and that their respective parts can be readily differentiated: *a*) one of them drew the planisphere, the world chart and the coastal outlines of the maps on the recto of the leaves; *b*) the other executed all the rest, namely the geographical part of the charts on the recto of the leaves (rivers, mountains, towns, etc., with their names), the preliminary geographical text (folios 1 v - 2 v), and all the cosmographical part (drawings and texts) on the verso of the leaves.

The author of the first part, that about nautical cartography, was undoubtedly Portuguese, since the nomenclature is typically Lusitanian (for instance, *Sevilha, Fonte Rabia, Corunha, Aguas Mortas,* etc.). The style of this first part, moreover, is unmistakably and undoubtedly that of the Teixeira school, more precisely of Luís Teixeira and his son João Teixeira. As we have already shown, the latter's work has a marked affinity of style to that of his father, so that it is sometimes difficult to distinguish between them. In regard to this atlas, we suppose the planisphere to be from the hand of Luís Teixeira, in view of its closer similarity to other works by him in respect of writing and colouring (particularly in the representation of lakes and river deltas, while we may note the characteristic arrangement of the name *DOVRADO* in the lake of Brazil). In the regional charts there is occasionally a more obvious likeness, in writing and style, to the charts in João Teixeira's atlas of Brazil of 1627, but we are inclined to think that they too are mainly due to Luís Teixeira, and it is not otherwise impossible that father and son collaborated in this very work. In the planisphere, the similarity of Terra Nova and the Strait of Magellan to that in Luís Teixeira's Atlantic chart of c. 1600, in Florence, is to be noted, although the general form of South America is more imperfect in the Turin atlas. Japan also is plainly of the Luís Teixeira type, which (as we have seen in analysing this cartographer's printed chart) is later than 1591. *NOVA ZENLA* is still shown as broken up into various islands, a type of representation which is characteristic of the period before 1596, while later the delineation as a single island established itself (2). In the planisphere there is no reference or delineation due to Quiros' voyage of 1606. These facts, taken in conjuction, suggest that the planisphere was drawn when the execution of the atlas was begun during the lifetime of D. Caterina, that is, very probably in 1597.

Let us now consider the author of the cosmographical texts and drawing of the inland cartography. The «Description of the Earth», with which the work opens, has a text identical with that of the «Compendium of Geography drawn up by the learned baron Juan Baptista Lauaña», in the Biblioteca Nacional, Madrid. The text «Of the sea-compass», on folio

(2) See H. Wallis, *The first English globe: a recent discovery,* in *The Geographical Journal,* p. 281. London September 1951.

folha 30 v, contém referências especiais à determinação da variação da agulha por meio das tábuas de amplitudes ortivas e occíduas, as quais são figuradas, sob a forma de rodas e para as latitudes de 34º a 44º, nas folhas 12 v e 13 v; pormenor significativo, pois Lavanha, como vimos ao tratar das suas obras, foi o inventor desse método e tábuas (3). No texto *Dela Carta de Marear* na folha 31 v, desenvolvem-se ideias que coincidem precisamente com o que vem escrito nos capítulos correspondentes do *Tratado da Arte de Navegar* lido por Lavanha na Academia de Madrid em 1588 (4). As numerosas rodas cosmográficas são claramente do mesmo tipo e desenho daquelas que vêm na *Descripcion del Vniverso,* de 1613, embora com certas diferenças no conteúdo, pois a última obra tem um carácter mais elementar por se destinar a um príncipe de seis anos de idade; aliás a letra do códice de Madrid é claramente igual à do texto e parte cosmográfica do atlas de Turim, e muito provàvelmente da mão do próprio Lavanha. Na Fig. 12 reproduzimos algumas rodas da *Descripcion del Vniverso,* com o seu texto, para melhor evidenciar tal analogia.

Em resumo, os textos e desenhos cosmográficos do atlas de Turim têm origem indubitável em Lavanha. Mais que isso — devem ter sido escritos e traçados por ele mesmo, bem como a representação geográfica do interior nas cartas que vêm no rosto das folhas. Procedemos a uma minuciosa comparação da sua letra com a dos vários autógrafos de Lavanha contidos no Códice «51-VIII-21» da Biblioteca da Ajuda e com as reproduções fotográficas das páginas do início e do fim do «Parecer sobre a situação das Molucas» em Sevilha (5). As analogias são muito grandes, em especial nos *gg, dd, ss, ff, EE, MM, NN* e *PP,* e embora a letra do atlas de Turim seja um pouco mais desenhada (e por vezes comprimida para caber nos espaços respectivos), parece ser da mão do próprio Lavanha e não de um copista.

Podemos agora traçar com certa verosimilhança a história do atlas. Em 1597 provàvelmente, Lavanha (que nessa altura vivia sobretudo em Lisboa no desempenho das funções de cosmógrafo-mor) decidiu organizar um atlas (ou recebeu a sua encomenda) para D. Catarina, filha de Filipe II, que em 1585 casara com Carlo Emanuele I, duque de Sabóia. Debaixo da sua direcção, Lavanha entregou a Luís Teixeira (a quem provàvelmente se associaria João Teixeira) a execução integral do planisfério inicial e o desenho das linhas costeiras de uma série de cartas parciais da Europa e Norte de África que se lhe seguem; entre os dois hemisférios do pequeno mapa-mundi destinado a fecho de uma Descrição da Terra foram então desenhadas as armas de D. Catarina. A morte desta antes do acabamento do atlas faria com que ele fosse posto de lado durante vários anos. Entretanto Lavanha regressou a Madrid, em 1600, onde passou a viver predominantemente, voltando a dar as suas lições na Academia. Aí teve como discípulo o Príncipe Felisberto Emanuele de Sabóia, parente de D. Catarina, e em fins de 1611 ou começos de 1612 Filipe III encarregou-o de acompanhar o Príncipe numa viagem. Lavanha, que em 1613 organizou a *Descripcion del Vniverso* para ensino do jovem Príncipe das Astúrias, deve ter então concluído o atlas inicialmente começado para D. Catarina, oferecendo-o ao parente em 1612 (6), o que explicaria a sua existência actual na Biblioteca Real de Turim.

O desenho das armas de D. Catarina no pequeno mapa-mundi, e a análise do planisfério inicial, indicando que é provàvelmente anterior de alguns anos a 1612, fazem-nos inclinar para a hipótese primeiramente apresentada por V. Promis de que o atlas teria sido começado pouco antes da morte de D. Catarina, em 1597. No entanto, se se admitir que as armas poderiam, por motivos ignorados, ter sido desenhadas depois do falecimento da filha de Filipe II, não seria impossível que todo o atlas tivesse sido feito em 1612 (quando Luís Teixeira ainda vivia).

Este atlas, que no aspecto cosmográfico é a mais desenvolvida obra de Lavanha que nos chegou, constitui claro testemunho do valor científico e das qualidades didácticas do grande cosmógrafo português, justificando o renome que no seu tempo ele deu à Academia de Madrid e o interesse que soube suscitar pelas ciências que ensinou.

(3) Este texto, apesar de pequeno, tem muito interesse, verificando-se que o seu autor tinha uma noção exacta da independência entre a variação da agulha e a longitude.

(4) Lavanha expõe com toda a clareza e precisão a natureza da carta de marear e sua independência das longitudes, por oposição às cartas geográficas. O que Lavanha diz nestes e noutros textos a tal respeito constitui prova concludente de que nas cartas puramente náuticas de então não se podiam medir longitudes.

(5) Estas reproduções vêm em F. M. Mendes da Luz, *Um parecer inédito do cosmógrafo João Baptista Lavanha sôbre as Molucas e o Tratado de Tordesilhas,* in *Garcia de Orta,* Vol. III, n.º 1, a seguir à p. 77. Lisboa 1955.

(6) Além da folha 8 v se referir a «el presente [año] de 1612», como apontou V. Promis, também no título das tábuas da folha 7 v se lê «este Año de 1612».

30 v, has particular reference to the determination of compass variation by the tables of amplitude at sunrise and sunset which are drawn on folios 12 v and 13 v, in the form of wheels and for latitudes 34º-44º; this is a significant detail, since Lavanha (as we have seen in dealing with his works) was the inventor of this method and of these tables (3). In the text «Of the sea-chart», on folio 31 v, the ideas expounded agree exactly with those in the corresponding chapters of the «Treatise of the Art of Navigation» read by Lavanha in the Madrid Academy in 1588 (4). The numerous cosmographical wheels are plainly of the same type as those in the «Description of the Universe» of 1613, although with some differences in content, since the latter work is of the more elementary character suitable for a prince six years old; otherwise the writing in the Madrid codex is clearly the same as that of the text and cosmographical part of the Turin atlas, and very probably from the hand of Lavanha himself. In Fig. 12 we reproduce some wheels from the «Description of the Universe», with their text, to illustrate the similarity better.

To sum up, the cosmographical texts and drawings in the Turin atlas undoubtedly originate from Lavanha. They must indeed have been written or drawn by Lavanha himself, together with the geographical representation of the interior in the charts on the recto of the leaves. We have made a detailed comparison of their script with that of Lavanha's various holograph works in Codex «51-VIII-21» of the Biblioteca da Ajuda and with photocopies of the preliminary pages and end of the «Report on the situation of the Moluccas» at Seville (5). The similarities are very great, particularly in the *gg, dd, ss, ff, EE, MM, NN,* and *PP,* and although the writing in the Turin atlas is a little more formal (and sometimes condensed to fit it into the available space) it seems to be from Lavanha's own hand and not that of a copyist.

We can now trace the history of the atlas with some confidence. Probably in 1597, Lavanha (who at this time was living mainly in Lisbon, discharging the duties of Cosmographer-major) decided — or was commissioned — to prepare an atlas for D. Caterina, daughter of Philip II, who had married Carlo Emanuele I, Duke of Savoy, in 1585. To Luís Teixeira (probably in association with João Teixeira), under his direction, Lavanha entrusted the entire execution of the planisphere at the beginning and the drawing of the coastal outlines in a series of regional charts of Europe and North Africa which followed; between the two hemispheres of a small world map, designed to illustrate a Description of the Earth, were then drawn D. Caterina's arms. When she died before the completion of the atlas, it seems to have been laid aside for some years. Meanwhile, in 1600, Lavanha returned to Madrid, where he was predominantly to live, giving his lessons at the Academy. There he had among his pupils Prince Felisberto Emanuele of Savoy, D. Caterina's relative, whom at the end of 1611 or beginning of 1612 he accompanied on a journey, by order of Philip III. It is at this time that Lavanha, who was in 1613 to compile the «Description of the Universe» for the instruction of the young Prince of the Asturias, must have completed the atlas, which, begun for D. Caterina, was presented to her relative in 1612 (6). This accounts for its preservation to-day in the Biblioteca Reale, Turin.

From the drawing of D. Caterina's arms in the small world map and from analysis of the planisphere at the beginning, pointing to a probable date some years before 1612, we are inclined to accept the hypothesis, first put forward by V. Promis, that the atlas was begun shortly before the death of D. Caterina in 1597. At the same time, if the arms could conceivably, for some unknown reason, have been drawn after the death of Philip II's daughter, it would not be impossible that the whole atlas was executed in 1612 (when Luís Teixeira was still alive).

This atlas, which is, in its cosmographical aspect, the most elaborate work by Lavanha that has survived, testifies clearly to the scientific achievement and the didactic qualities of the great Portuguese cosmographer, and justifies the fame with which he endowed the Academy of Madrid and the interest which he kindled in the sciences taught by him.

(3) This text, although short, is of great interest, since it shows that its author had a precise conception of the independence of compass variation from longitude.

(4) Lavanha expounds with the utmost clarity and precision the character of the sea-chart and its independence of longitude, in contrast to geographical maps. What Lavanha says here and in other related texts conclusively demonstrates that in the purely nautical charts of his day longitudes could not be measured.

(5) These reproductions are in F. M. Mendes da Luz, *Um parecer inédito do cosmógrafo João Baptista Lavanha sobre as Molucas e o Tratado de Tordesilhas,* in *Garcia de Orta,* Vol. III, n.º 1, following p. 77. Lisboa 1955.

(6) Besides the reference on folio 8 v to «the present [year] of 1612», as pointed out by V. Promis, we read in the tables on folio 7 v also «this year of 1612».

A

Fol. 2 r.

B

Fol. 2 v.

C

Fol. 4 r.

Original 385×530 mm.

ANÓNIMO-JOÃO BAPTISTA LAVANHA E LUÍS TEIXEIRA, 1597 E 1612

Atlas-cosmografia — Atlas-cosmography

Biblioteca Reale, Torino

Tamanho original

Original size

Fol.ª 3 r.

ANÓNIMO-JOÃO BAPTISTA LAVANHA E LUÍS TEIXEIRA, 1597 E 1612

Atlas-cosmografia — Atlas-cosmography

Biblioteca Reale, Torino

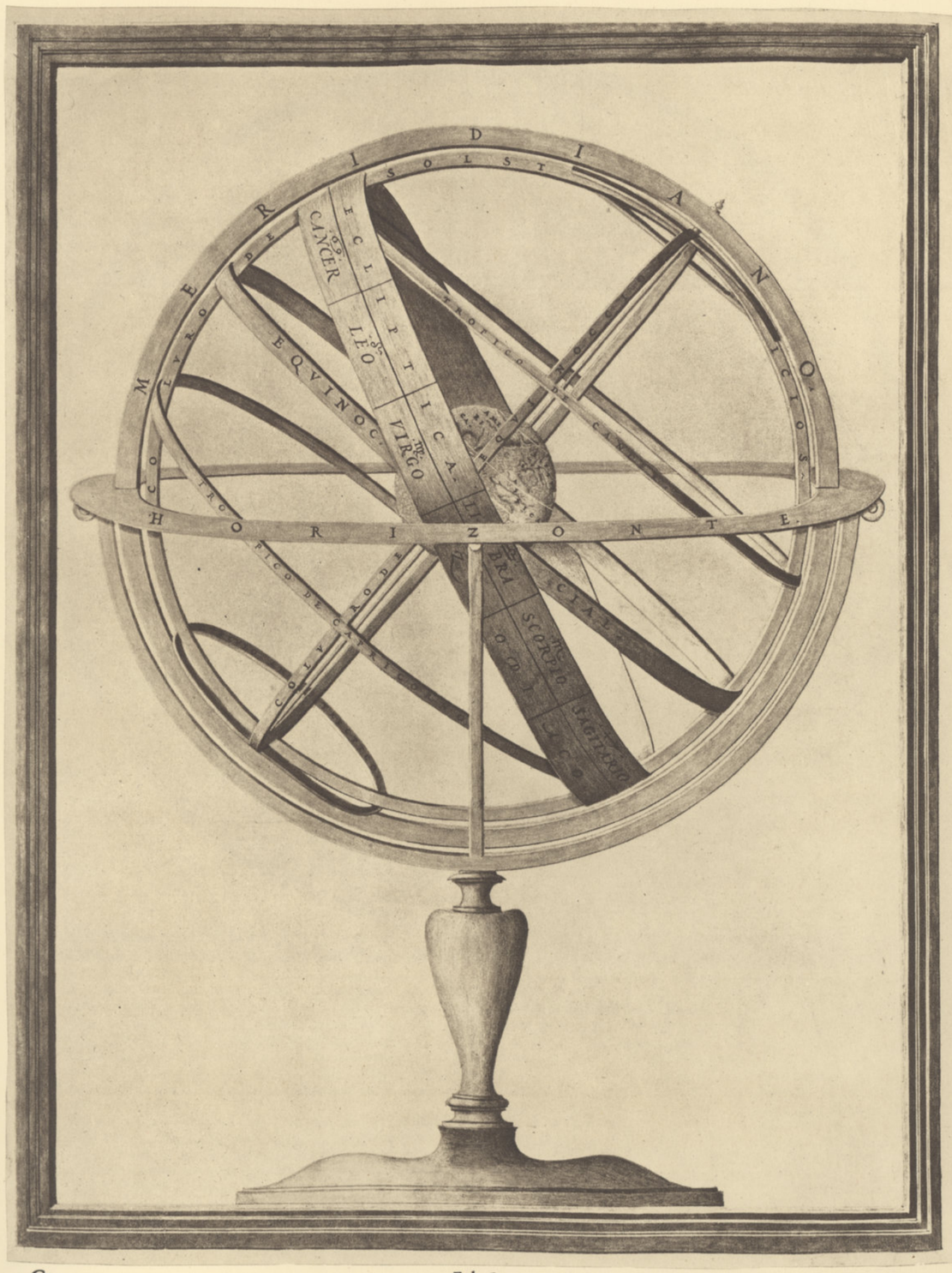
ESTAMPA
PLATE 426

A

Fol. 4 v.

B

Fol. 5 r.



C

Fol. 5 v.

D

Fol. 6 r.

Original 385×530 mm.

Anónimo-João Baptista Lavanha e Luís Teixeira, 1597 e 1612

Atlas-cosmografia — Atlas-cosmography

Biblioteca Reale, Torino

DELOS CIRCVLOS DELA SPHERA.

SIENDO EL Mundo una grande Sphera natural, en ella se an imaginado varios Circulos, para dar à entender con facilidad, por medio destos los movimientos destta maquina mundial, cosa de grande admiracion, y señalar el sitio de sus partes. De semejantes circulos, ò semicirculos, pueden se hacer quantos un Industrioso Matematico quisiere, para representar en una Vista, lo q̃ traça la Imaginacion. En esta Sphera la linea q̃ passa por su centro, sobre la qual imaginamos la Sphera se mueue, se llama Eje, y sus estremidades, Polos del Mundo, Artico, Septentrional, y Oriental, del Norte, y de Tramontana, ò sobre Septentrional, Austral, del Sur, y de Mediodia.

Destos Circulos, los unos maiores, q̃ dividen la Sphera en dos partes iguales, otros Menores, q̃ la parten desiguales. Los Maiores son, el Equinoccial, Zodiaco, Coluro de los Equinoccios, Coluro de Solsticios, Meridiano, y Horizonte. Estos mesmos son quatro Tropicos, dos, Tropico de Cancer, Circulo Arctico, Circulo Antarctico.

El principal destos Maiores es la Equinoccial descripto dentro dela Sphera, igualmente distante dellos por todas sus partes, el qual como todos los demas Circulos, se reparte en 360 partes iguales llamadas Grados, cada Grado en 60 Minutos, cada Minuto en 60 Segundos. Sirue la Equinoccial de medir el tiempo, el movim.to del Primer Mobil; porq̃ à cada hora dellas 24, q̃ el Primer Mobil haze su reuolucion, corresponden siempre 15 Grados, una misma igualdad. 15 Grados dela Equinoccial, y cada Grado hazen 4. Minutos de Hora. La medida cierta dela irregularidad del movim.to del Zodiaco, causada de su sitio obliquo. Diuide la Equinoccial, y sus quatro Polos el Sol, en su proprio movim.to llega a los dos puntos en q̃ la Equinoccial corta al Zodiaco, son los dias iguales alas noches, y dela igualdad destas nacen à los dias se llamaron estos puntos Equinoccios, y el circulo Equinoccial. Es termino del qual se cuentan las Declinaciones delas Estrellas, y de todos los puntos dela Ecliptica: porque el aberem.to q̃ ellas tienen dela Equinoccial mostra la quantidad delos Polos en su Declinacion. Diuide el Mundo en dos mitades, una llamada Septentrional, dela Equinoccial azia el Polo Artico, y otra Austral azia el Antarctico. Determina la quantidad destos Dias, y Noches Artificiales, porq̃ la grandeza del Dia Artificial, es tanta, quanto es el aueo dela Equinoccial q̃ sube sobre el Orizonte, en quanto encima del cierra la luz del Sol. Miden las Latitudines delas Estrellas, q̃ es la distancia q̃ ellas tienen dela Equinoccial azia uno delos Polos.

El Zodiaco es el segundo circulo maior descripto de sus proprios Polos distantes dos dela Sphera 23. gr. 30. Min. el qual corta la Equinoccial, y della cercado en partes iguales son q̃ en ellas se contem todos los circulos maiores. Sien Angulos el uno. Imaginandose todos los circulos como lineas rectas se ha de considera con anchura de 12. Gr. diuidida por medio de una linea dicha Ecliptica; por lo tanto se tomo en 12. signos iguales cada uno de 30 Gr. llamados Signos. Solo dellos Septentrionales, y declinan dela Equinoccial azia el Septentrion tienen estos nombres, y caracteres Aries ♈. Tauro ♉. Gemini ♊. Cancer ♋. Leo ♌. Virgo ♍. Los otros 6 Signos son Australes: por declinan dela Equinoccial azia el dicho Meridional Libra ♎. Scorpio ♏. Sagitario ♐. Capricornus ♑. Aquario ♒. Pisces ♓. Son los officios del Zodiaco regular el medio el segundo movim.to de Occidente en Oriente. Señalando el tiempo, con las Stellas fixas, Planetas, y gouernandose ellos mesmos, y todas sus propias movim.tes. Destos dela Ecliptica se hacen los Eclipses, delos quales ella tomò el nombre. Del Sol, quando en ella con iunction los dos Luminares, y dela Luna en su oppossicion en el Sol, estando la Luna en la misma Ecliptica. La causa de su obligoidad de la Desemejanza delos Dias, y Noches, y mejor de las mudanças delos tiempos del Año. El termino delas Latitudines delas Stellas, y Planetas, siendo Latitud la distancias q̃ ellos ò ellas tienen dela Ecliptica azia los Polos. Señala el verdadero lugar delas Stellas, y Planetas, q̃ su verdadero sitio, siendo el lugar dela Stella, ò Planeta el señalado en el Zodiaco por el circulo q̃ mostra la Latitud. El uero meio es el orco dela Ecliptica dessde el principio de ♈ segun la succession delos Signos hasta la linea del uero meio, la qual cerca del centro dela tierra, por el centro dela Stella, ò Planeta llega al circulo de su Latitud, ora la septentrional, ora la Ecliptica.

El tercer circulo es el Coluro delos Solsticios, el qual passa por los Polos dela Sphera, por los del Zodiaco, y por los Solsticios q̃ son el principio de ♋. llamado Solsticio Estiual, el principio de ♑. dicho Solsticio Hyemal. Los tienen señala estte circulo los dos Solsticios, tienelos el Estio, y Inuierno. La maxima declinacion del Sol q̃ es agora de 23 Gr. 30. Min. La Distancia dela Polos de la Ecliptica delos dela Sphera q̃ es dela misma grandeza, q̃ parte el Zodiaco en dos mitades, una Ascendente de ♑ alla ♋. otra Descendente de ♋ à ♑.

El otro Coluro es delos Equinoccios, passa por los Polos dela Sphera, y por los Equinoccios, q̃ son los puntos en q̃ se cortan la Equinoccial, y la Ecliptica, uno delos quales es el primer Gr. de ♈. llamado Equinoccio Vernal principio del Verano, y otro es el primer Gr. de ♎. dicho Equinoccio Autumnal principio del Otoño.

El Meridiano passa por los Polos dela Sphera, y por los puntos q̃ en el cielo responden à una cabeça llamado Vertical ò Zenith, y alos q̃ dicho Nadir. Tiene por officio mostrar los puntos del medio dia, y media noche, que es el tiempo q̃ el Sol llega à el, y en estos tiene termino los otros Semidiurno, y Semidiurno. Señala las maximas alturas del Sol, y delas Stellas, q̃ la tienen q̃ llegan à este circulo. El principio del Dia segun el uso dela S.ta Yglesia, empeçando de la parte inferior, y segun los Astronomos, empeçando desta parte superior. Termina las Longitudines delas Lugares, que es la distancia entre los Meridianos, y el dias Yslas de Canaria, Toledo sus Latitudines, que es tanto quanto es el arco dela Circulo entre la Equinoccial, y los Zenithes.

El Meridiano descripto de otros Zenith, y Nadir, como de Polos entre, igualm.te delos distantes, passa por el Polo, y en Artico, Antipodes recto es el Polo, por los ♈ de dela Sphera, cerca la Equinoccial, en angulos rectos Spherales, y el ♑ es el q̃ cerca en angulos rectos, y semejantes uno de los Polos dela Sphera es superiore, el otro oculto. Diuide este circulo el dicho Meridiano, partendo dos semicirculos, uno de Polo à Polo, manifiesta los puntos delos Meridianos, cortados del Sol, Stellas, y Planetas, q̃ estan debaxo de la Horizontal, enbola el orizonte dela Cierta Grande, q̃ passa por el principio de ♈ y por dela Equinoccial, enbola el orizonte dela Cierta Pequeña, q̃ passa por el principio de ♎ y por dela Equinoccial, enbola el orizonte dela Cierta Occidental, q̃ passa por el principio de ♋ y por dela Equinoccial, enbola el orizonte dela Cierta Oriental, q̃ passa por el principio de ♑ y por dela Equinoccial, enbola el orizonte dela Cierta Septentrional, q̃ passa por el principio de ♈ y por dela Equinoccial, enbola el orizonte dela Cierta Meridional, q̃ passa por el principio de ♎ y por dela Equinoccial.

Los quatro circulos Menores, son Paralelos à la Equinoccial, menores, el uno es el Tropico de ♋. que se llama del Estio, otro el Tropico de ♑. que se llama del Inuierno, otro el Circulo Polar Artico, q̃ es el principio de ♈ y ♎ y otro Polar Antarctico, q̃ es el principio de ♋ y ♑. Estos quatro circulos dividen la Sphera en cinco Zonas, o Cintas. Una Torrida, que es la mayor, la qual cerca la Equinoccial, y se estiende hasta los Tropicos, una Temperada Septentrional, que se estiende dela Tropico de ♋. hasta el Circulo Polar Artico, una Temperada Meridional, que se estiende dela Tropico de ♑. hasta el Circulo Polar Antarctico, una Frigida Septentrional, que se estiende dela Circulo Polar Artico, hasta el Polo Artico, una Frigida Meridional, que se estiende dela Circulo Polar Antarctico, hasta el Polo Antarctico.

A — Fol. 6 v.

B — Fol. 7 r.

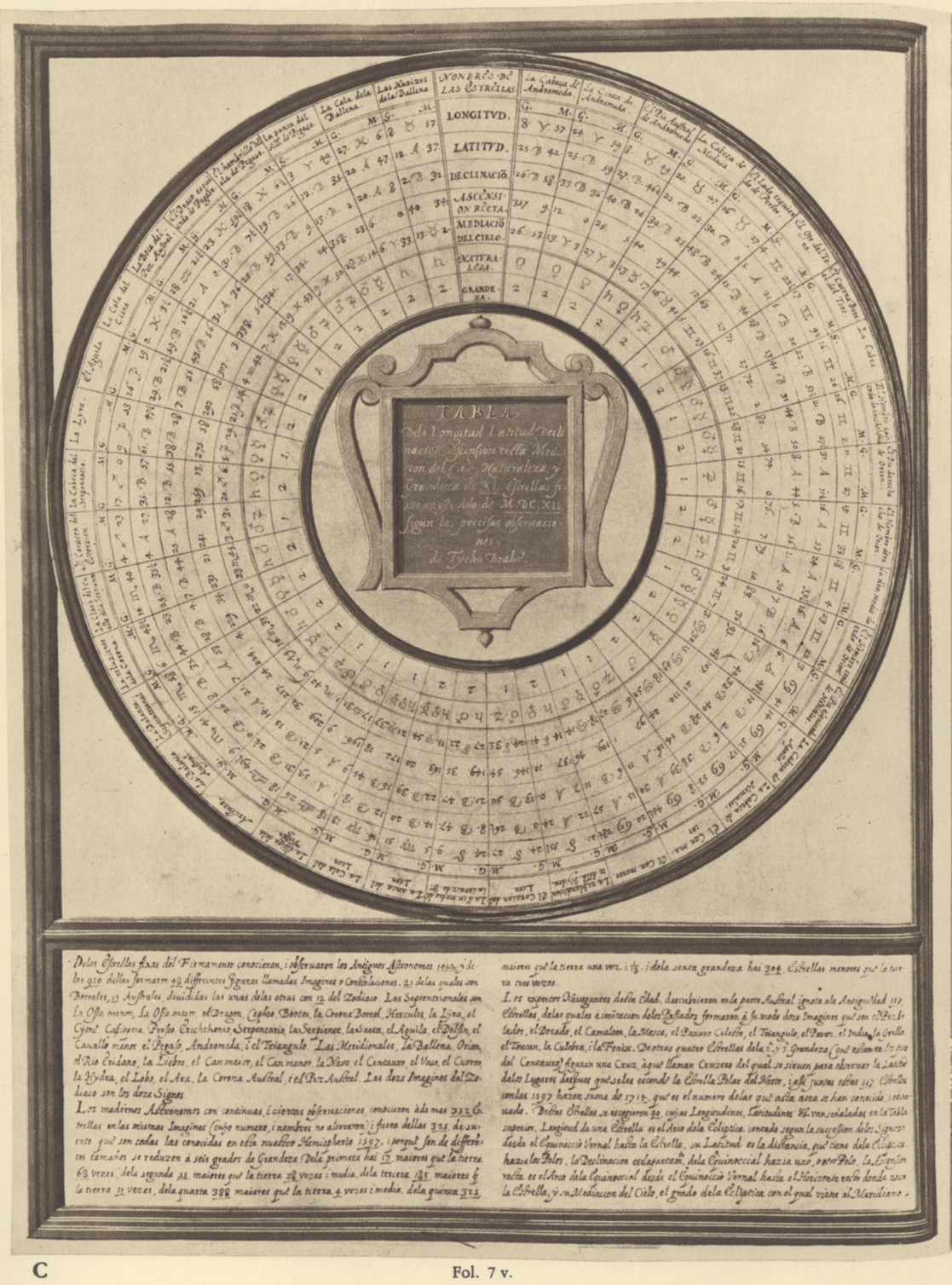
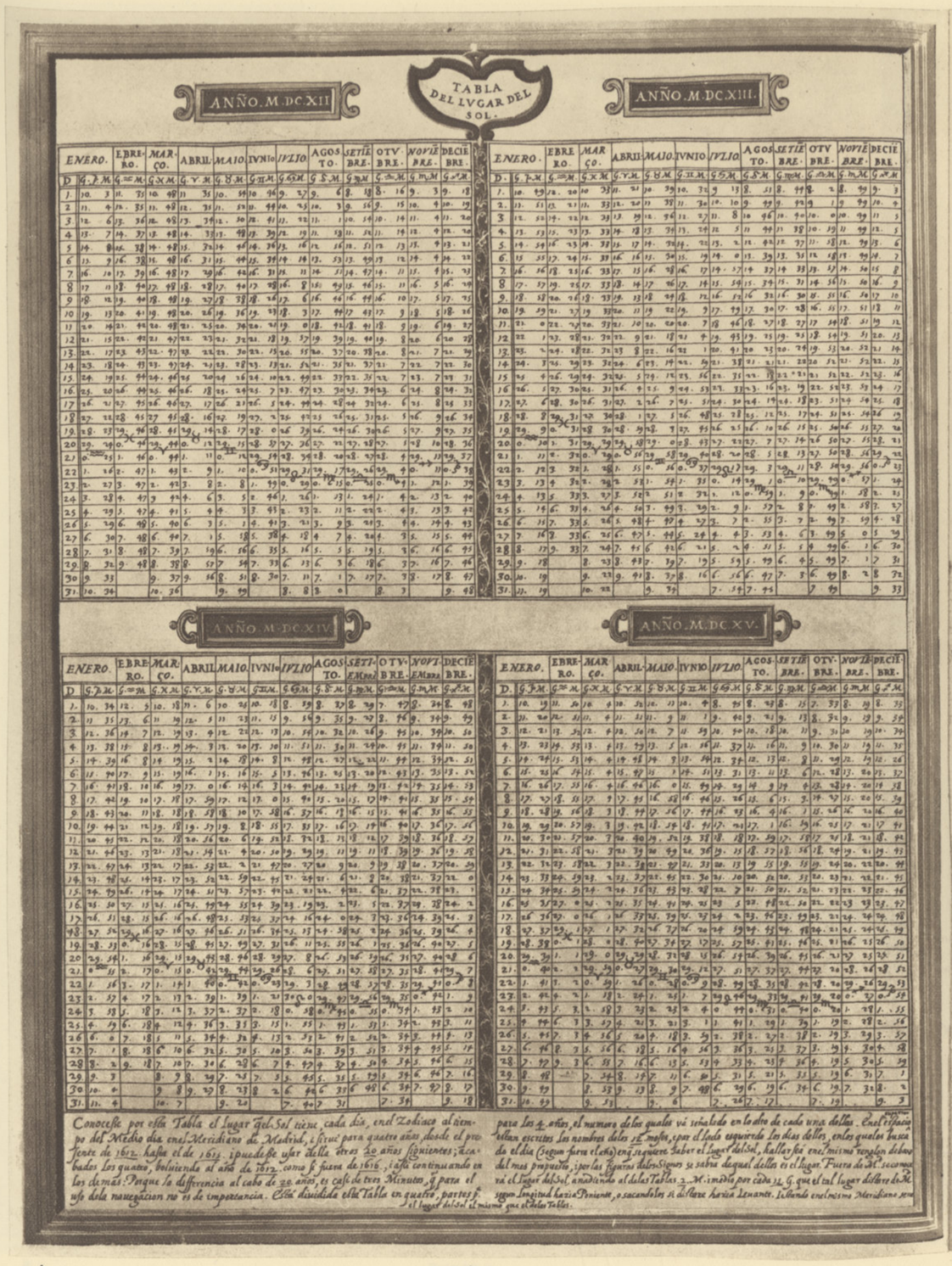


TABLA
Dela Longitud Latitud Declinacion Ascension recta Meditacion del Cielo Naturaleza y Grandeza de XL. Estrellas fixas en este Año de M.DC.XII. segun las precisas observaciones de Tycho Brahe.
LONGITVD.
LATITVD.
DECLINACIO.
ASCENSION RECTA.
MEDIACIO DEL CIELO.
NATVRALEZA.
GRANDEZA.
NOMBRES DE LAS ESTRELLAS
La Cabeça de Andromeda
La Cintura de Andromeda
El Pie derecho de Andromeda
La Cabeça de Medusa
La Cola del Cisne
La Lyra
El Aguila
La Cola del Delfin
La Cabeça del Serpentario
El Hombro derecho del Hercules
La Rodilla derecha del Hercules
La Cola del Dragon
La Corona Boreal
La Cola del Osa menor
La Cola del Osa mayor
La Cola del Boyero
La Cintura del Hercules
La Cabeça del Hercules
La Cola del Cisne
La Cola del Aguila
La Cola del Delfin
La Cabeça del Serpentario
El Codo derecho del Serpentario
El Hombro derecho del Serpentario
La Rodilla derecha del Hercules
La Cabeça del Dragon
La Cola del Dragon
La Cola del Osa menor
La Cola del Osa mayor
La Cola del Boyero
La Cintura del Hercules
La Cabeça del Hercules
La Lyra
La Cabeça del Serpentario
El Codo derecho del Serpentario
El Hombro derecho del Serpentario
La Rodilla derecha del Hercules
La Cabeça del Dragon
La Cola del Dragon
La Cola del Osa menor
La Cola del Osa mayor
La Cola del Boyero
La Cintura del Hercules
La Cabeça del Hercules
La Lyra
El Aguila
La Cola del Cisne
La Cola del Delfin



A Fol. 8 v.

B Fol. 9 r.

C Fol. 9 v.

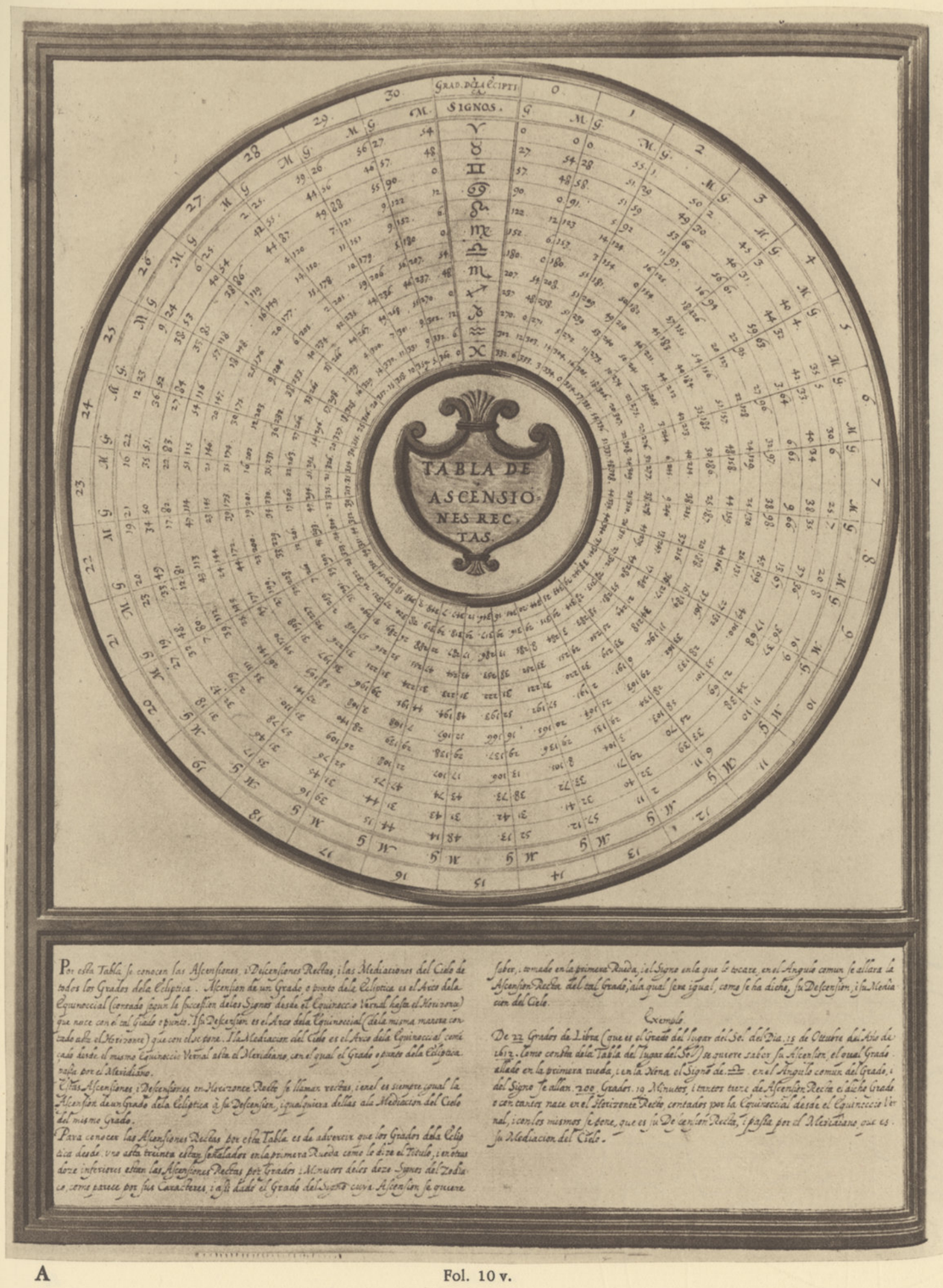
D Fol. 10 r.

Original 385×530 mm.

Anónimo-João Baptista Lavanha e Luís Teixeira, 1597 e 1612

Atlas-cosmografia — Atlas-cosmography

Biblioteca Reale, Torino

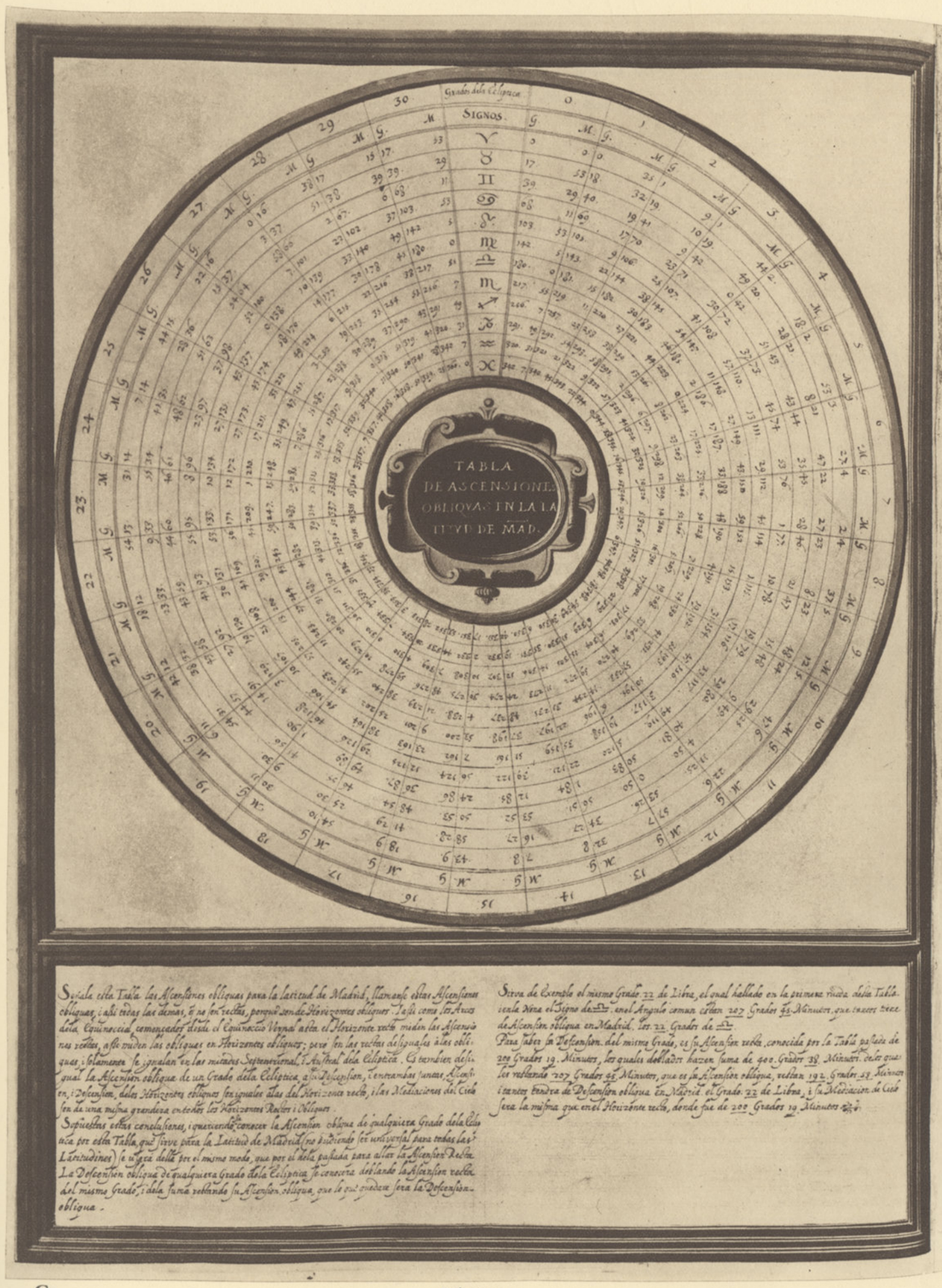


A

Fol. 10 v.

B

Fol. 11 r.



C

Fol. 11 v.

D

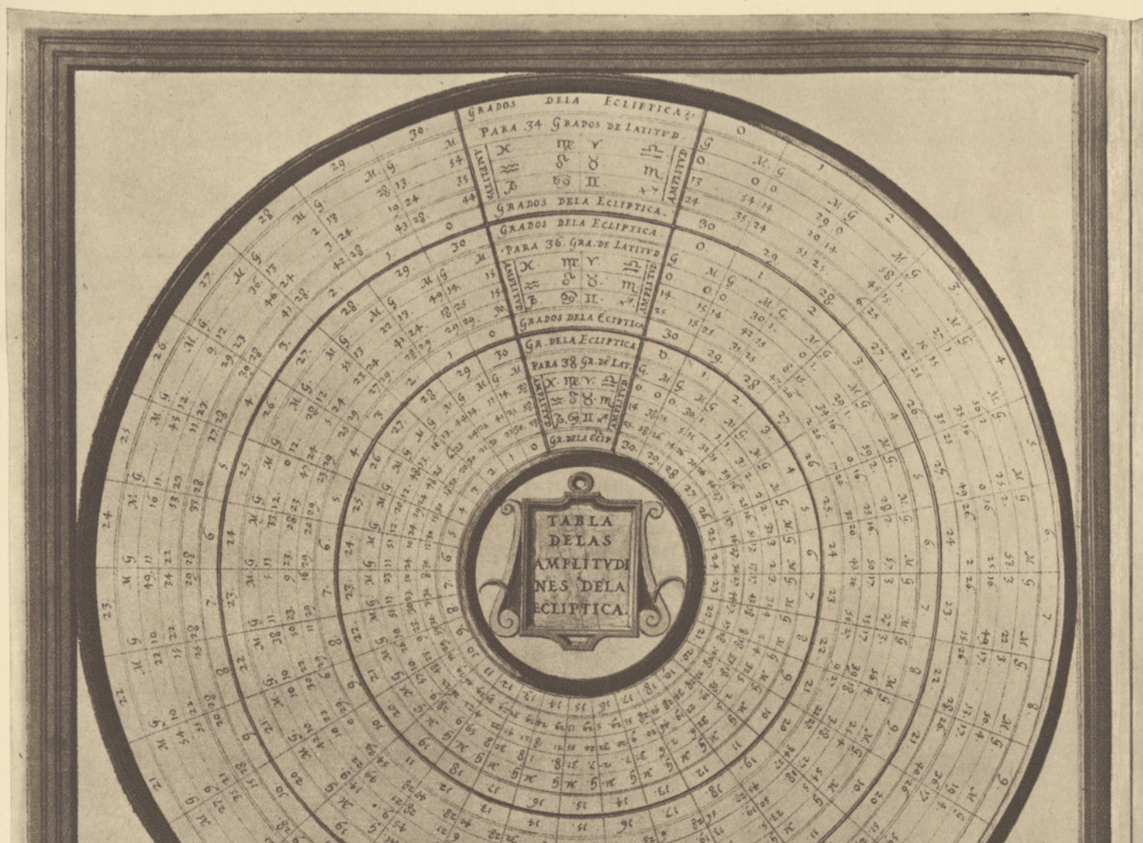
Fol. 12 r.

Original 385×530 mm.

ANÓNIMO-JOÃO BAPTISTA LAVANHA E LUÍS TEIXEIRA, 1597 E 1612

Atlas-cosmografia — Atlas-cosmography

Biblioteca Reale, Torino



Por esta Tabla se conoce la Amplitud Ortiua delos Grados dela Ecliptica, o del Sol. El qual quando esta en los Equinoccios señala enel Horizonte dos puntos en que tambien la Equinoccial le corta, uno delos quales es el Verdadero Orto, i el otro opposito el Verdadero Occaso. Destos dos puntos se va apartando el Sol azia el Septentrion, o azia el Medio dia, segun que delos Equinoccios azesu curso por los Signos Septentrionales, o por los Australes: Este tal apartamiento entre el Sol, i el Verdadero Orto, o Occaso, medido por el mismo Horizonte se llama Amplitud, que si es dela parte del Orto es Ortiua, isi dela del Occaso es Occidua, i sera Septentrional si fuere del orto o del Occaso azia el Septentrion, isi del Orto, o del Occaso al Medio dia sera Austral. Son iguales en una Latitud las Amplitudines de quatro puntos dela Ecliptica igualmente distantes delos Equinoccios, ilas Orientales son iguales a las Occiduas, aunque en rigor ai alguna diferencia, pero inconsiderable) en un mismo dia, i unas i otras crecen i menguan segun el movimiento del Sol, i variedad de Horizontes.

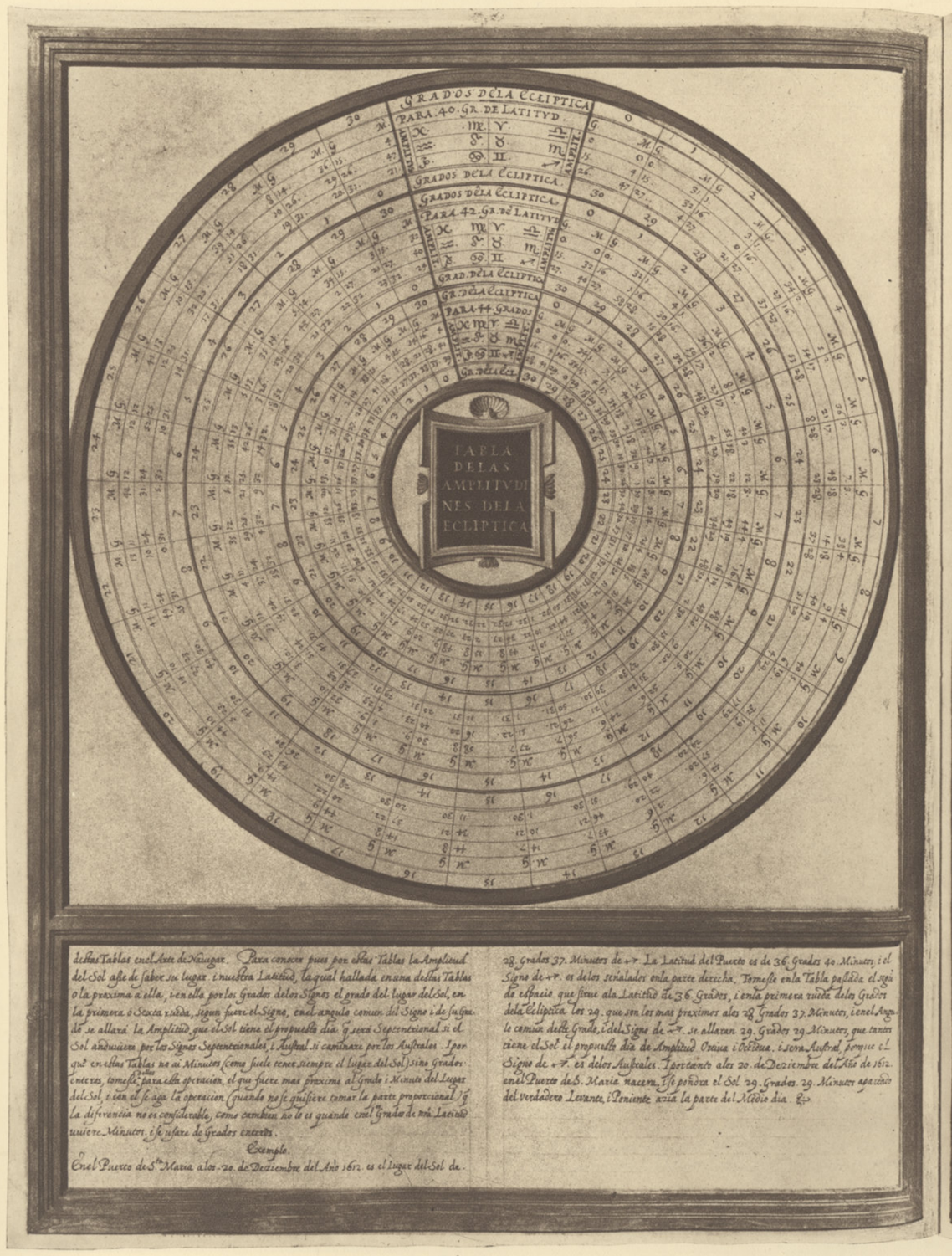
Contiene esta Tabla las Amplitudines para las Latitudines de 34. 36. 38. Grados, ila Tabla siguiente para 40. 42. 44 Grados. Va repartida cada una della en tres espacios cada qual para su Latitud delas referidas. La primera, i sexta rueda de cada uno delos espacios contiene los Grados dela Ecliptica de uno en uno, como dicen sus titulos. La dela pr. rueda empiecan, i continuan azia la mano derecha, i sirven para los seis Signos ♈ ♉ ♊ ♎ ♏ ♐ que caen ala misma mane. I los Grados dela sexta rueda caminan azia la mano isquierda, i sirven para los otros seis Signos ♑ ♒ ♓ ♍ ♌ ♋ señalados en la misma parte. La segunda rueda muestra con las letras G. M. los Grados i Minutos delas Amplitudines, distribuidas en las otras tres ruedas interiores. I advierta se, q cada espacio que sirve à una Latitud, sirve tambien con pequeñissima diferencia de Minutos para otra Latitud menor, o maior un Grado, assi las Amplitudines de 34 Grados sirven para 33. y. 35, no siendo de momento esta diferencia para el uso

A

Fol. 12 v.

B

Fol. 13 r.



delas Tablas en el Arte de Nauegar. Para conocer pues por estas Tablas la Amplitud del Sol, aſsi de saber su lugar, i nuestra Latitud, la qual hallada en una destas Tablas o la proxima a ella, ven ella por los Grados delos Signos el grado del lugar del Sol, en la primera o Sexta rueda, segun fuere el Signo, en el angulo comun del Signo i de su Grado se allara la Amplitud que el Sol tiene el propuesto dia. Q sera Septentrional si el Sol anduuiere por los Signos Septentrionales, i Austral, si caminare por los Australes. Porque en estas Tablas no ai Minutos (como suele tener siempre el lugar del Sol) sino Grados enteros, tomese para esta operacion el que fuere mas proximo al Grado i Minuto del Lugar del Sol, i con el se aga la operacion (quando no se quisiere tomar la parte proporcional) q la diferencia no es considerable, como tambien no lo es quando en el Grado de su Latitud tuuiere Minutos, i se usare de Grados enteros.

Exemplo.

En el Puerto de Sta Maria a los 20. de Dezienbre del Año 1612. es el Lugar del Sol de 28 Grados 37. Minutos de ♐. La Latitud del Puerto es de 36 Grados 40 Minutos, i el Signo de ♐. es delos señalados en la parte derecha. Tomese en la Tabla passada el signo de espacio que tiene ala Latitud de 36 Grados, i en la primera rueda delos Grados dela Ecliptica los 29. que son los mas proximos ales 28 Grados 37 Minutos, i en el Angulo comun deste Grado, i del Signo de ♐. se allaran 29. Grados 29 Minutos, que tanto tiene el Sol el propuesto dia de Amplitud Ortiua i Occidua. i son Austral, porque el Signo de ♐. es delos Australes. I portanto ales 20. de Dezienbre del Año de 1612. en el Puerto de S. Maria nacera, i se pondra el Sol 29. Grados 29. Minutos apartado del verdadero Leuante, i Poniente azia la parte del Medio dia. &c.

C

Fol. 13 v.

D

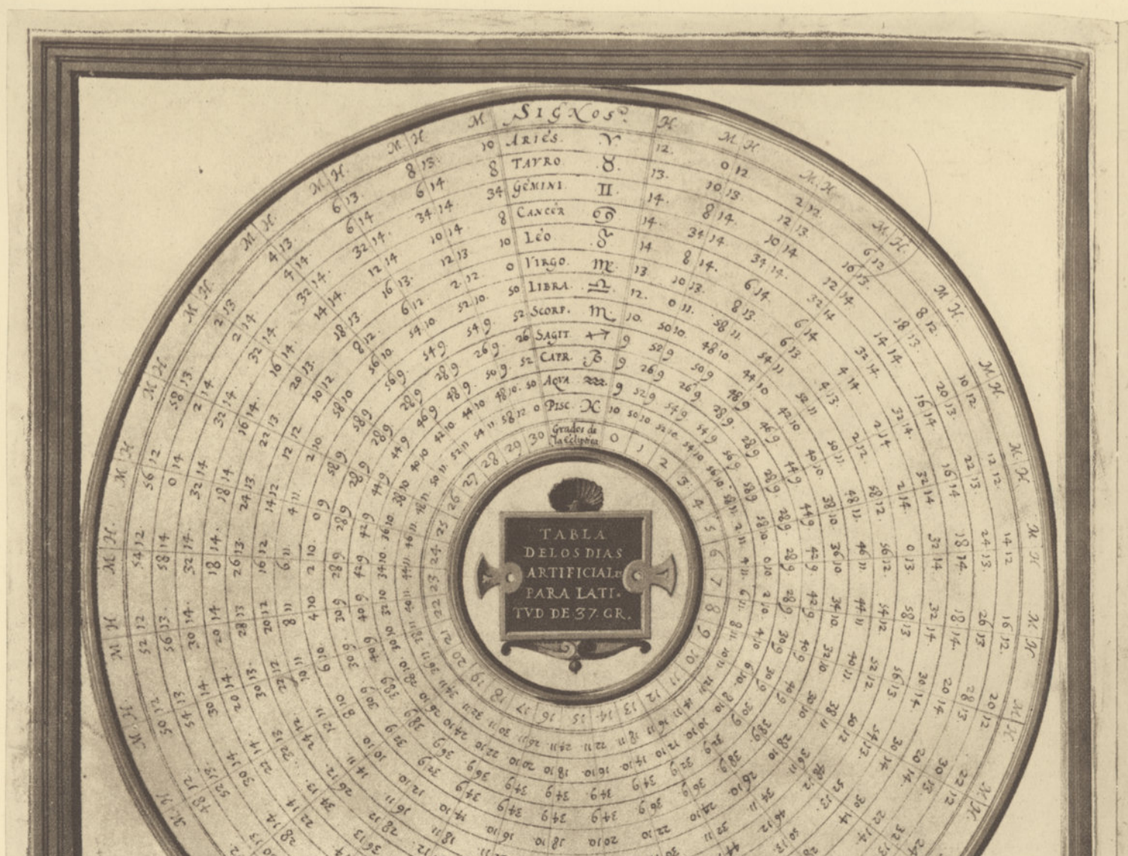
Fol. 14 r.

Original 385×530 mm.

ANÓNIMO–JOÃO BAPTISTA LAVANHA E LUÍS TEIXEIRA, 1597 E 1612

Atlas-cosmografia — Atlas-cosmography

Biblioteca Reale, Torino

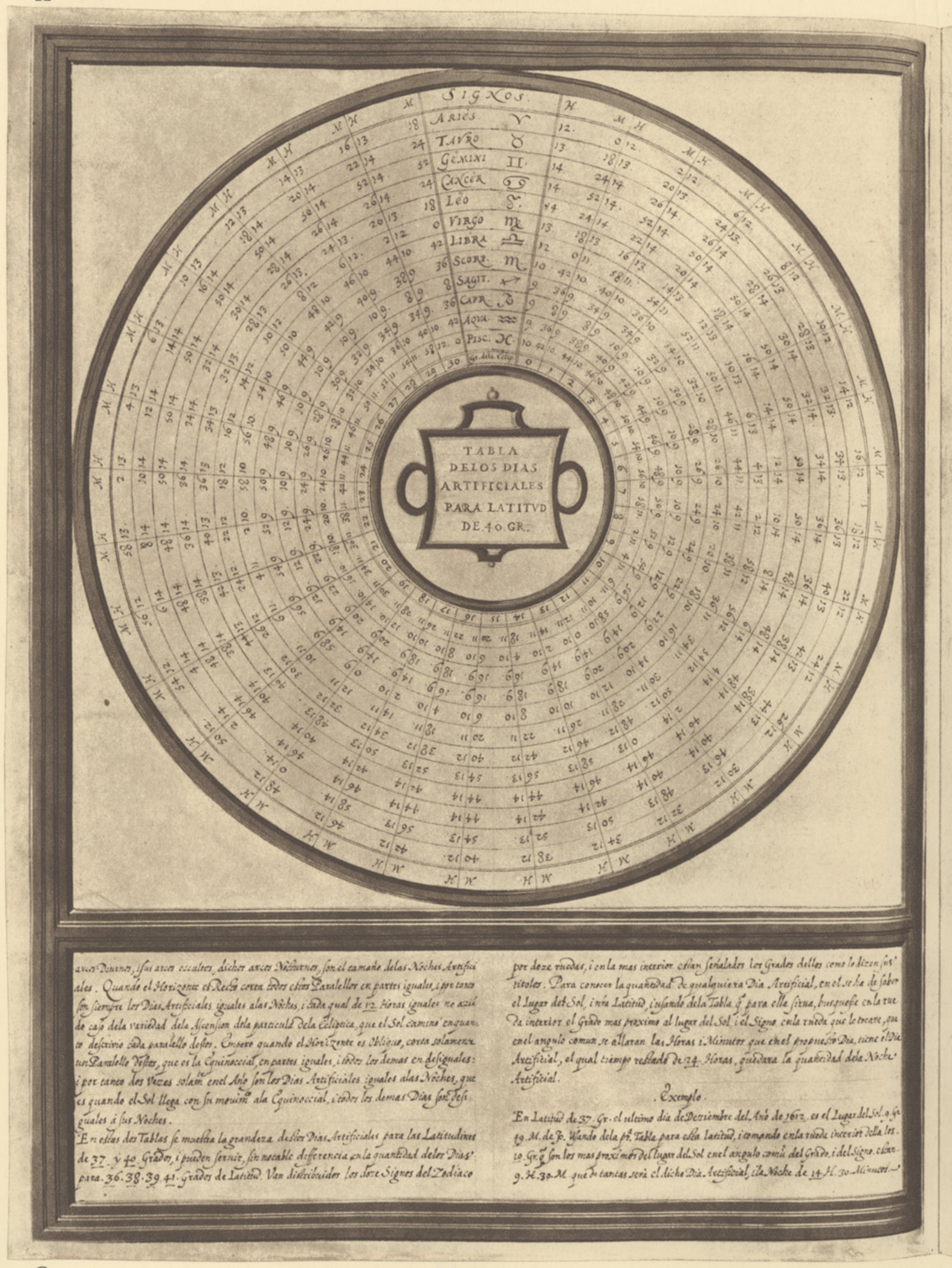


El Dia Natural es el espacio del tiempo enque el centro del Sol dà una entera buelta al rededor del Globo dela tierra, q̃ Agua con el movim.to del Primer Mobil. Esta revolucion se haze en tanto tiempo, enquanto la Equinoccial con el mismo movim.to i al rededor del mismo Globo dà una entera buelta, i demas la parte suia, q̃ nace, i se pone con aquella particula dela Ecliptica, q̃ caminò el Sol con su propio movim.to en quanto la Equinoccial dio la dicha buelta. Esta particula, q̃ es de 59 Min. 8 Seg. casi, como tenga desiguales Ortos i Ocasos en diuersos Signos del Zodiaco, i en diuersos Horizontes, i por tanto le corresponda maior, o menor parte dela Equinoccial, que es la medidora del tiempo: siguese necessariam.te q̃ los Dias Naturales seran iguales, i desiguales, segun la igualdad, o desigualdad dela parte dela Equinoccial, q̃ nacieren, i se pusieren con la particula del Zodiaco. Los Astronomos como precedidos con grande precision en sus computaciones, reduzen esta differencia de los Dias a una igualdad, i assi se llaman estos Dias Astronomicos, i los otros Differences, los quales el Vulgo considera como iguales, no percibiendo la Differencia, q̃ los divide en 24 Horas, que aunq̃ las tienen por iguales, tienen la misma desigualdad que los Dias, i solam.te son iguales los que senalan los Relogios Solares.

Este Dia Natural, q̃ algunos llaman Civil, tiene dos partes, Dia, i Noche, cada qual dellas considerada depor si, se llama Dia Artificial (que de otras es dicho Dia Natural) i Noche Artificial. Es Dia Artificial la Duracion del Sol encima del Horizonte, i la Noche Artificial es la cundança del Sol debaxo del Horizonte: El qual contando los circulos que describe el Sol cada Dia con el mesmo diurno, q̃ imropriam.te llaman Paralleles, siendo Helices spherales) termina con los arcos apparentes i occultos dellos la quantidad destos Dias i Noches Artificiales. Porque son tan grandes los Dias Artificiales, quanta es la grandeza deles arcos apparentes destos Paralleles llamados arcos

A Fol. 14 v.

B Fol. 15 r.



aves Diurnos, i sus arcos ocultos, dichos arcos Nocturnos, son el tamaño delas Noches Artificiales. Quando el Horizonte el Recto corta todos estos Paralleles en partes iguales, i por tanto son siempre los Dias Artificiales iguales alas Noches, i cada qual de 12 Horas iguales no assi de caso dela variedad dela Ascension dela particula dela Ecliptica, que el Sol camino enquanto descrivio cada parallelo dellos. Empero quando el Horizonte es Oblique, corta solamente un Parallelo Rectos, que es la Equinoccial, en partes iguales, i todos los demas en desiguales: i por tanto dos veces solam.te en el Año son los Dias Artificiales iguales alas Noches, que es quando el Sol llega con su movim.to ala Equinoccial, i todos los demas Dias son desiguales a sus Noches.

En estas dos Tablas se muestra la grandeza dessos Dias Artificiales para las Latitudines de 37. y 40. Grados, i pueden servir, sin notable differencia en la quantidad deles Dias para 36. 38. 39. 41. Grados de Latitud. Van dissolviendo los seys Signos del Zodiaco por doze ruedas, i en la mas interior estan señalados los Grados dellos como lo dizen sus titoles. Para conocer la quantidad de qualquiera Dia Artificial, en el se la de saber el Lugar del Sol, i su Latitud, usando dela Tabla q̃ para ella sirva, busquese en la rueda interior el Grado mas proximo al lugar del Sol, i el Signo en la rueda que le toca, que en el angulo comun se allaran las Horas i Minutos que en el proprio Dia, tiene el Dia Artificial, el qual tiempo restado de 24 Horas, quedara la quantidad dela Noche Artificial.

Exemplo.

En Latitud de 37. Gr. el ultimo dia de Dezembre del Año de 1612. es el Lugar del Sol 9. Gr. 19. M. de ♑. Mando dela 1ª Tabla para ella Latitud, i tomando en la rueda exterior dela 1ª 10. Gr. q̃ son los mas proximos del lugar del Sol en el angulo comun del Grado i del Signo, ellara 9. H. 30. M. que de tantas serà el dicha Dia Artificial, i la Noche de 14. H. 30. Minutos.

C Fol. 15 v.

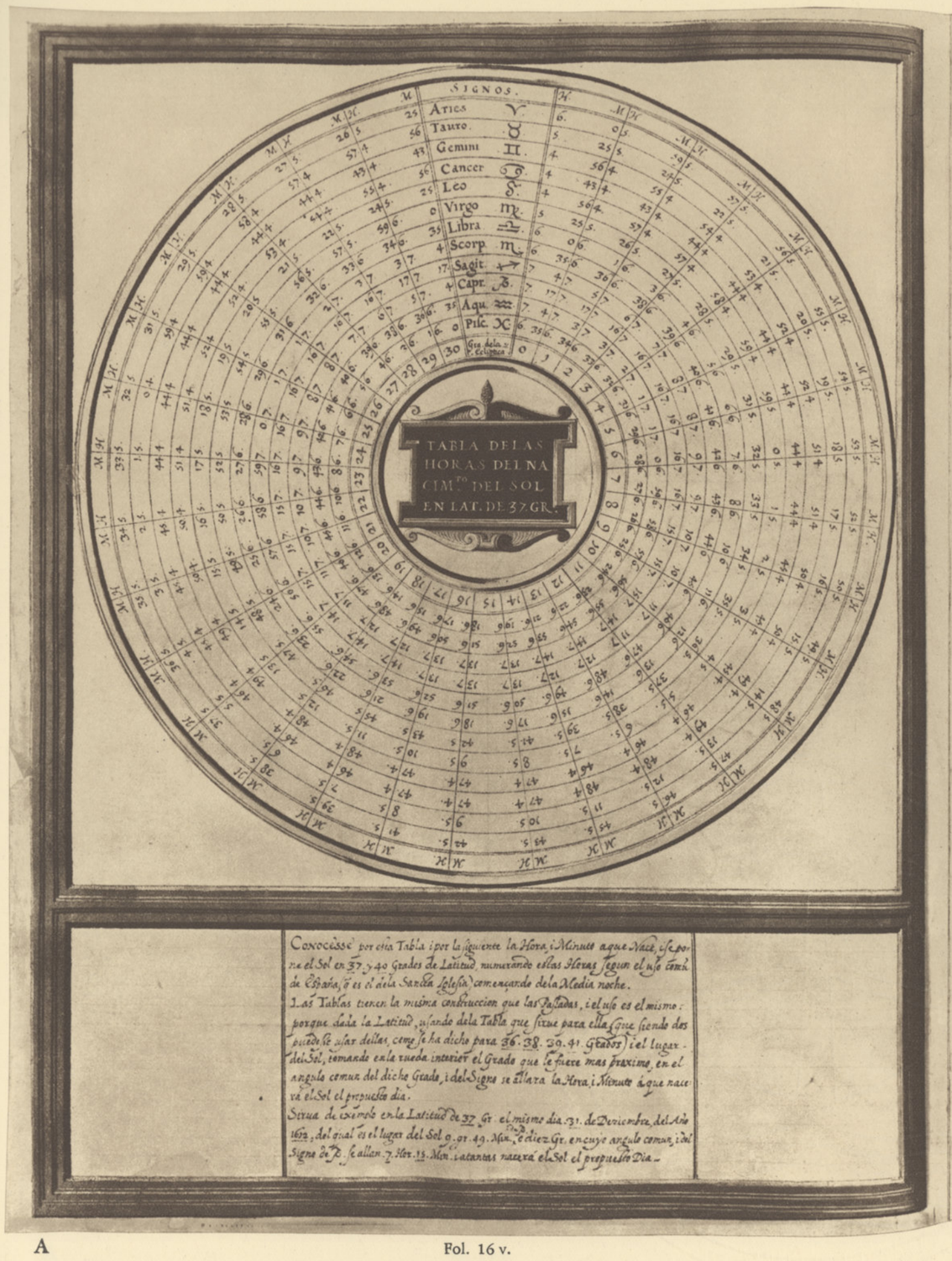
D Fol. 16 r.

Original 385×530 mm.

Anónimo-João Baptista Lavanha e Luís Teixeira, 1597 e 1612

Atlas-cosmografia — Atlas-cosmography

Biblioteca Reale, Torino

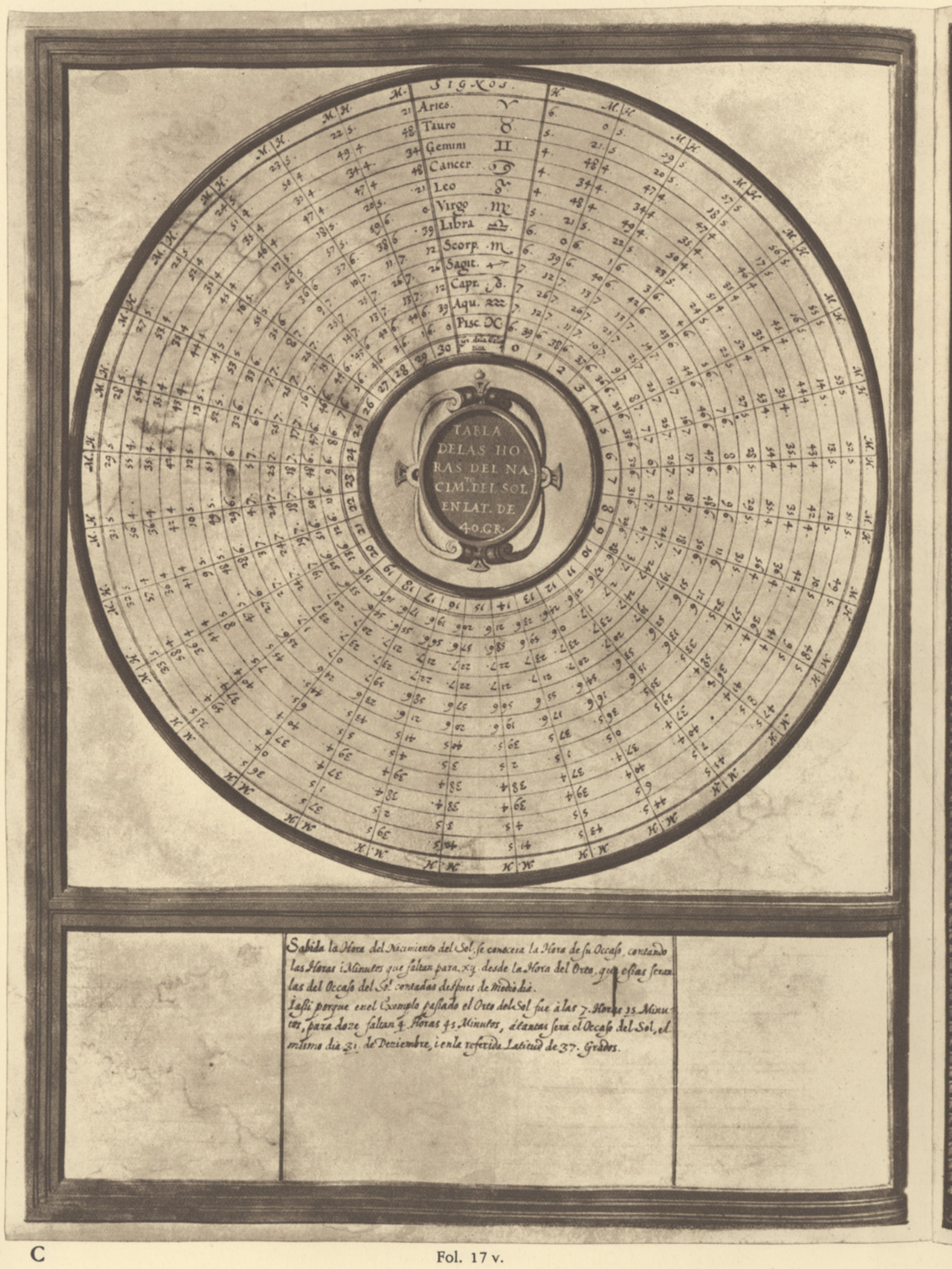


A

Fol. 16 v.

B

Fol. 17 r.



C

Fol. 17 v.

D

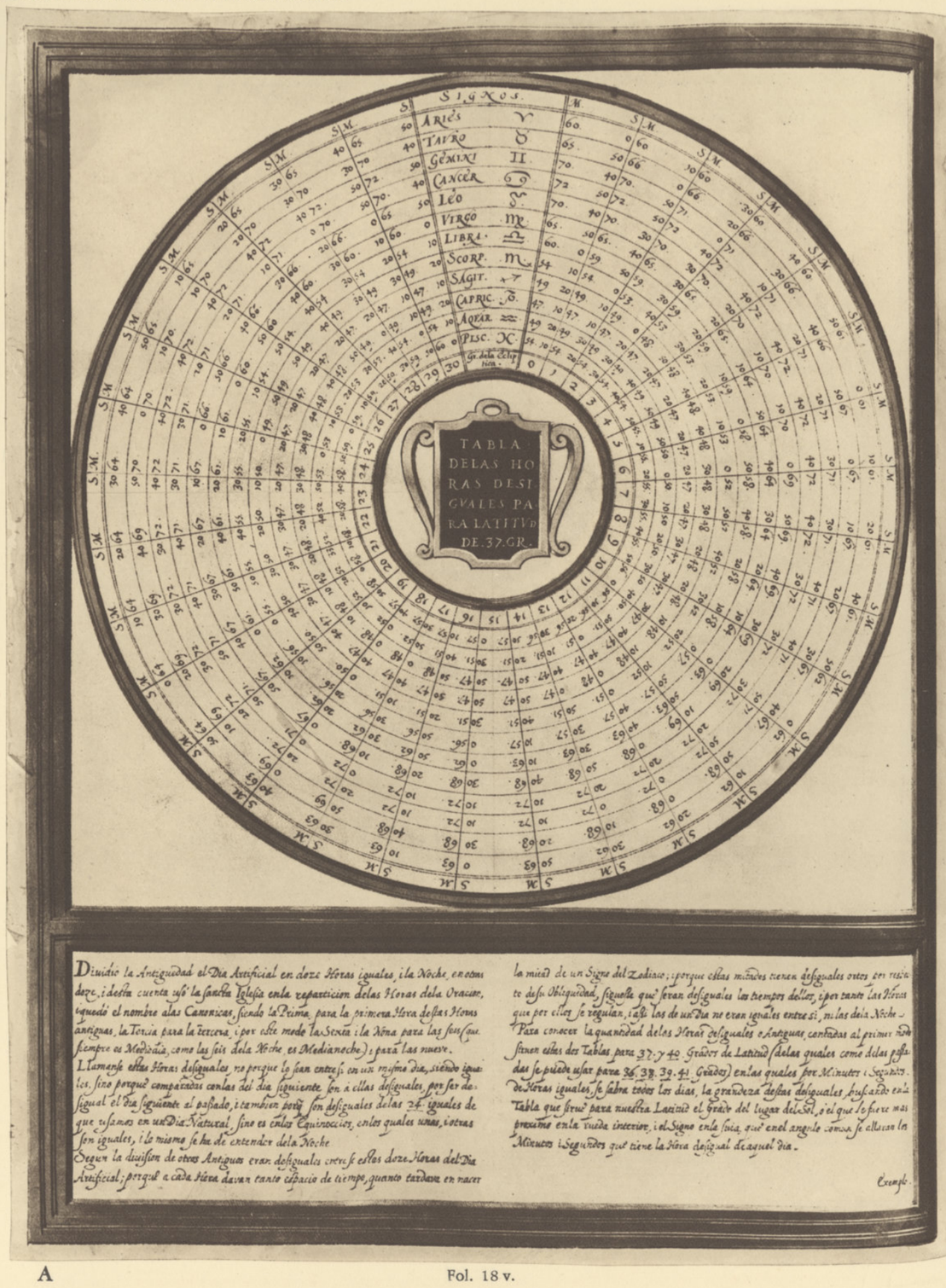
Fol. 18 r.

Original 385×530 mm.

Anónimo-João Baptista Lavanha e Luís Teixeira, 1597 e 1612

Atlas-cosmografia — Atlas-cosmography

Biblioteca Reale, Torino



Diuidio la Antiguedad el Dia Artificial en doze Horas iguales, i la Noche, en otras doze, i desta cuenta vsó la santa Yglesia en la reparticion delas Horas dela Oracion, siendo el nombre alas Canonicas, siendo la Prima para la primera Hora destas Horas antiguas, la Tercia para la tercera, i por este medo la Sexta, i la Nona para las seis, que siempre es Mediodia, como las seis dela Noche es Medianoche, i para las nueue.

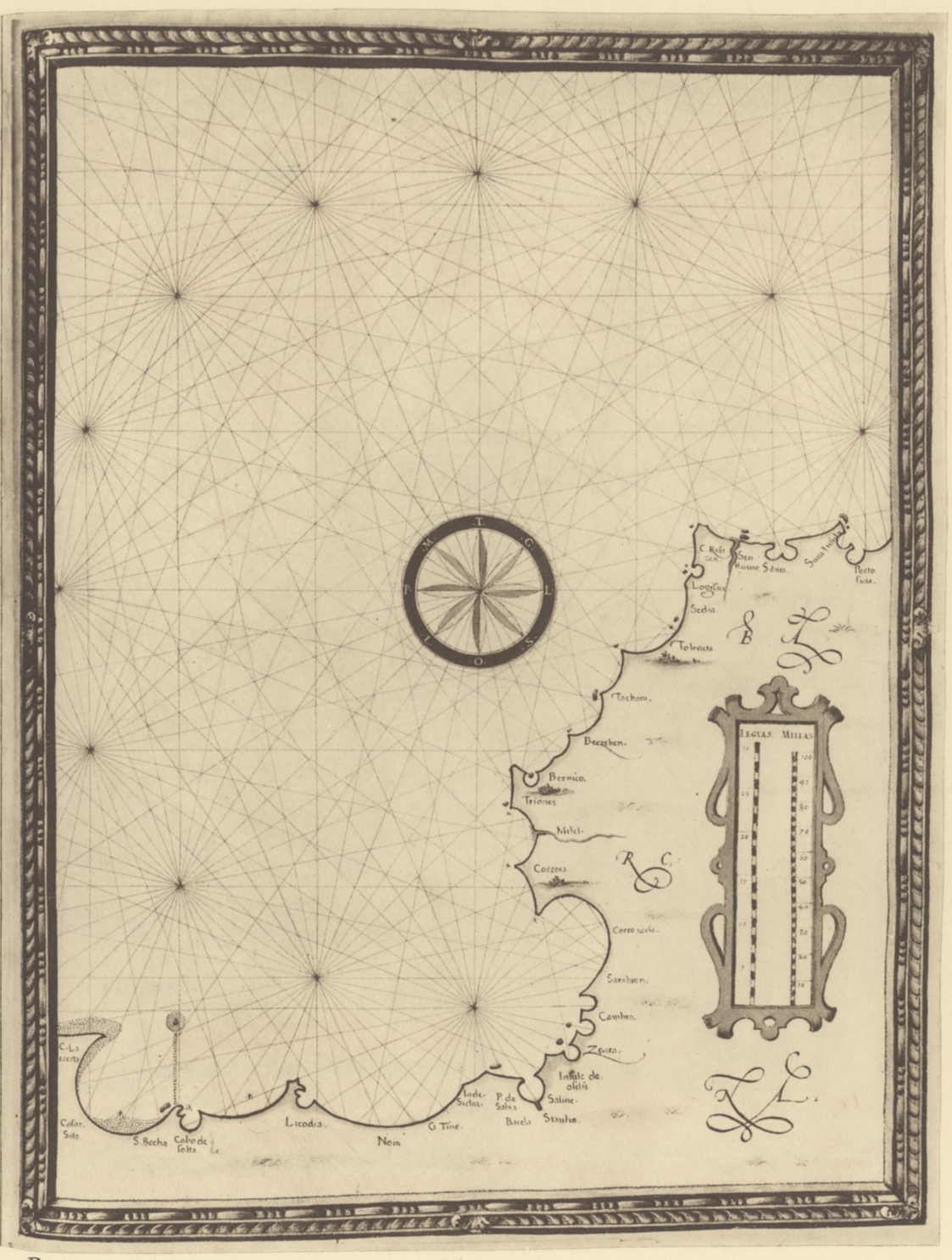
Llamanse estas Horas desiguales, no porque lo sean entre si en un mismo dia, siendo iguales, sino porque comparadas con las del dia siguiente son a ellas desiguales, por ser desigual el dia siguiente al passado, i tambien por ser desiguales delas 24. iguales de que vsamos en un dia Natural, sino es en los Equinoccios, en los quales unas, i otras son iguales, i lo mismo se ha de entender dela Noche.

Segun la diuision de otros Antiguos eran desiguales, creyese estos doze Horas del Dia Artificial; porque a cada Hora davan tanto espacio de tiempo, quanto tardava en nacer la mitad de un Signo del Zodiaco; porque estas mitades tienen desiguales ortes con respecto dela Obliquidad, siguese que seran desiguales los tiempos dellos, i por tanto las Horas que por ellos se regulan, i assi los de un dia no eran iguales entre si, ni las dela Noche.

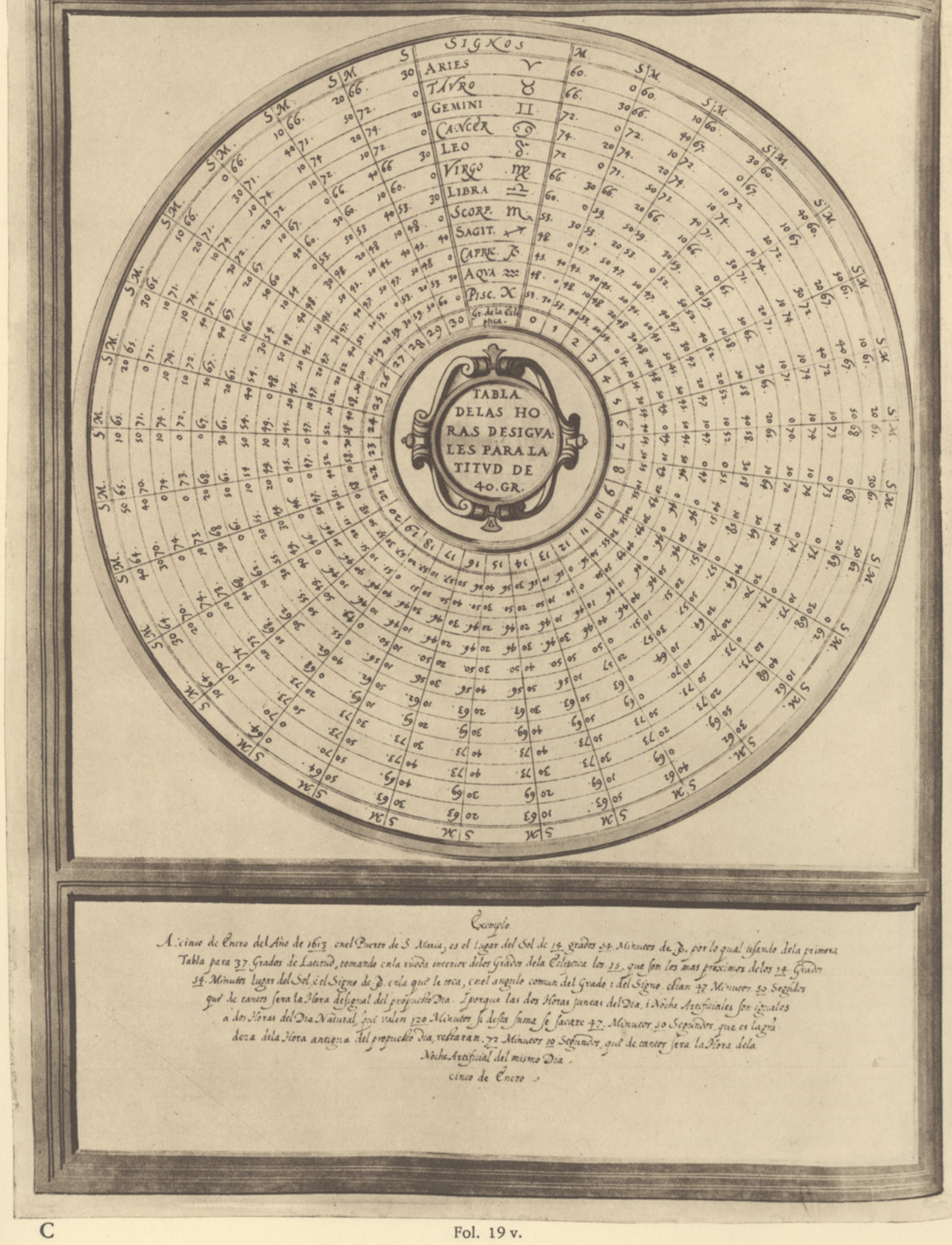
Para conocer la quantidad delas Horas desiguales o Antiguas, contadas al primer modo tienen estas dos Tablas para 37. y 40. Grados de Latitud (delas quales como delas passadas se puede vsar para 36. 38. 39. 41. Grados) en las quales por Minutos i Segundos de Horas iguales, se sabra todos los dias, la grandeza destas desiguales buscando en la Tabla que sirue para nuestra Latitud el Grado del lugar del Sol, o el que se fuere mas precisamente en la rueda interior, i el Signo en la suya, que enel angulo comun se ellegan los Minutos i Segundos que tiene la Hora desigual de aquel dia.

Exemplo.

A
Fol. 18 v.



B
Fol. 19 r.



Exemplo

A cinco de Enero del Año de 1613. enel Puerto de S. Maria, es el Lugar del Sol de 14. grados 54. Minutos de ♑. por lo qual vsando dela primera Tabla para 37. Grados de Latitud, tomando enla ruēda interior dellos Grados dela Ecliptica los 15. que son los mas proximos delos 14. Grados 54. Minutos Lugar del Sol, i el Signo de ♑. enla que le toca, enel angulo comun del Grado i del Signo estan 47. Minutos 59. Segundos que de tantos sera la Hora desigual del propuesto Dia. Porque las dos Horas juntas del Dia, i Noche Artificiales son iguales a dos Horas del Dia Natural, que valen 120. Minutos si destos suma se sacare 47. Minutos 59. Segundos, que es lagrā deza dela Hora antigua del propuesto dia, restaran 72. Minutos 19. Segundos, que de tantos sera la Hora dela Noche Artificial del mismo Dia.

cinco de Enero.

C
Fol. 19 v.

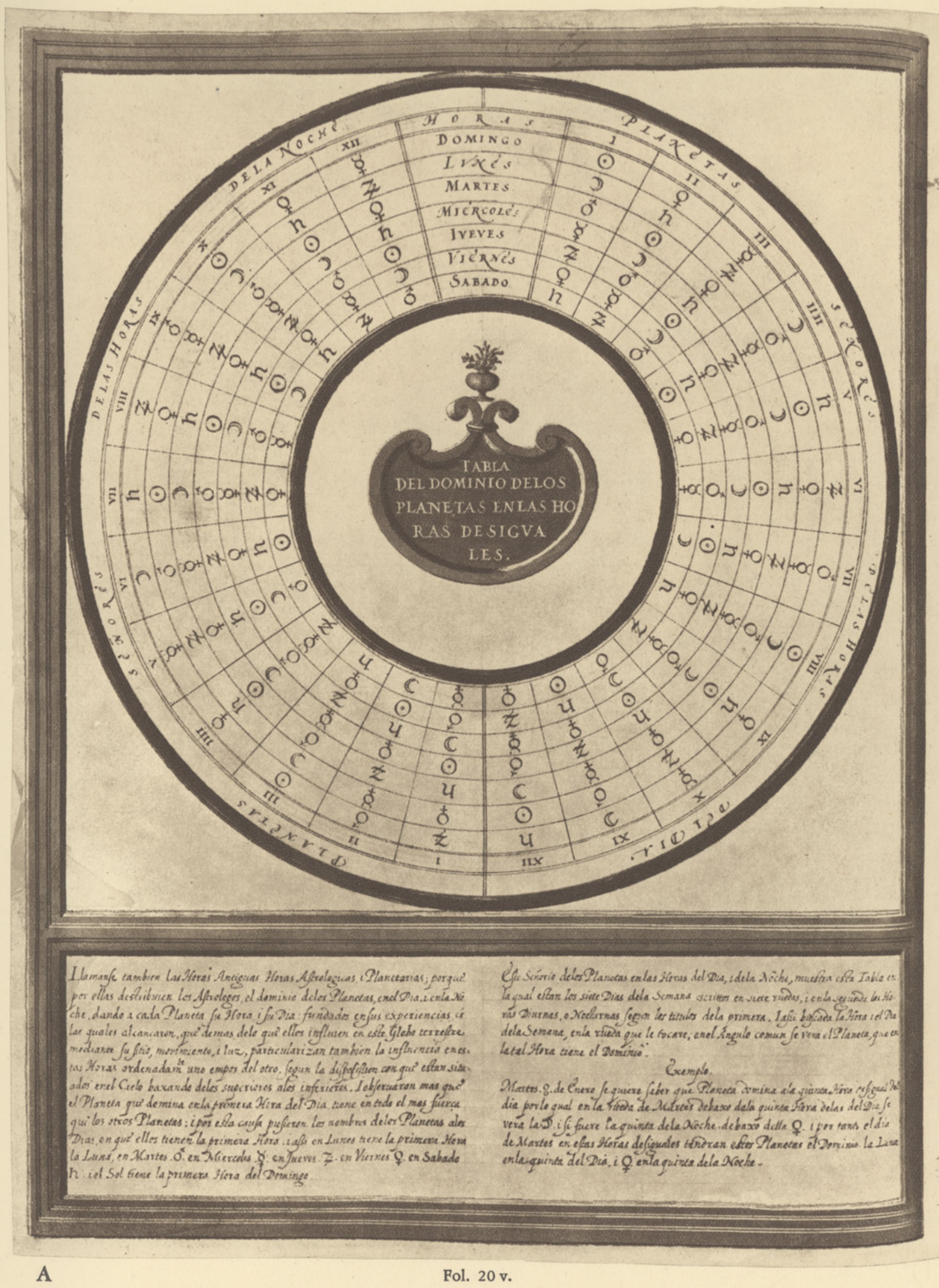
D
Fol. 20 r.

Original 385×530 mm.

Anónimo-João Baptista Lavanha e Luís Teixeira, 1597 e 1612

Atlas-cosmografia — Atlas-cosmography

Biblioteca Reale, Torino



Llamase tambien Las Horas Antiguas Horas Astrologicas ô Planetarias; porque por ellas destribuien los Astrologes el dominio delos Planetas, enel Dia, i enla Noche, dando a cada Planeta su Hora i su Dia: fundados en sus experiencias ô las quales alcançaron, que demas dele què ellos influien en este Globo terrestre mediante su sitio, movimiento, i luz, particularizan tambien la influencia en estas Horas ordenadas de uno empos del otro, segun la disposition con què estan situados enel Cielo baxando delos sucesiones ales inferiores. Observaron mas què el Planeta què domina enla primera Hora del Dia tiene en todo el mas fuerça qui los otros Planetas; i por ella causa pusieron los nombres delos Planetas ales Dias, en què ellos tienen la primera Hora. i assi en Lunes tiene la primera Hora la Luna, en Martes ♂. en Miercoles ☿. en Jueves ♃. en Viernes ♀ en Sabado ♄. i el Sol tiene la primera Hora del Domingo.

Este Señorio delos Planetas en las Horas del Dia, i dela Noche, muestra esta Tabla en la qual estan los siete Dias dela Semana escriptos en siete ruedas, i enla segunda las Horas Diurnas, o Nocturnas segun los titulos dela primera. Assi hallado la Hora i el Dia dela Semana, enla rueda que le tocare, enel Angulo comun se vera el Planeta, que en la tal Hora tiene el Dominio.

Exemplo.

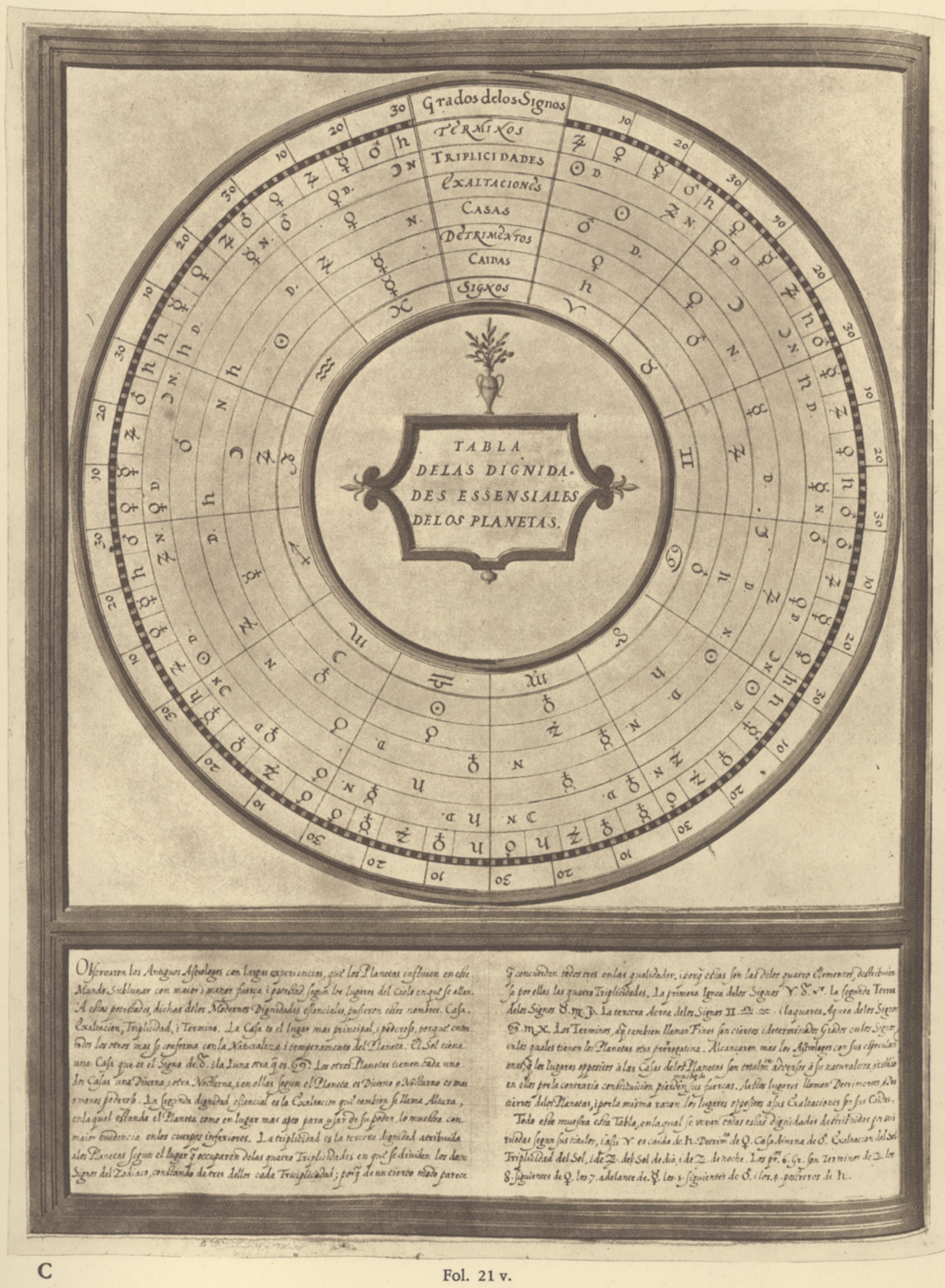
Martes 8. de Enero se quiere saber què Planeta domina ala quinta Hora respual del dia por lo qual en la rueda de Martes debaxo dela quinta Hora delas del Dia se vera la ☽. i si fuere la quinta dela Noche debaxo della ♀. i por tanto el dia de Martes en esas Horas desiguales tendran estos Planetas el Dominio. La Luna enla quinta del Dia, i ♀ enla quinta dela Noche.

A

Fol. 20 v.

B

Fol. 21 r.



Observaron los Antiguos Astrologes con largas experiencias, què los Planetas influien en este Mundo Sublunar con mayor ô menor fuerça i poderio segun los lugares del Cielo en que se allan. A estos poderios, dichas delos Modernos Dignidades essenciales, fueron otros nombres. Casa, Exaltacion, Triplicidad, i Termino. La Casa es el lugar mas principal i poderoso, porque conviene los otros mas se conforma con la Naturaleza i temperamento del Planeta. El Sol tiene una Casa, que es el Signo de ♌. i la Luna otra ♋ es. ♋. Los otros Planetas tienen cada uno dos Casas una Diurna, otra Nocturna, i en ellas siguen el Planeta es Diurno o Nocturno es mas o menos poderoso. La segunda dignidad essencial es la Exaltacion què tambien se llama Altura, enla qual estando el Planeta, como en lugar mas apto para usar de su poder, lo muestra con mayor evidencia enles cuerpos inferiores. La triplicidad es la tercera dignidad atribuida alos Planetas segun el lugar ô aspecto que tuvieren delas quatro Triplicidades en què se dividen los doze Signos del Zodiaco, contando de tres delos cada Triplicidad; porq̃ de un cierto modo parece

Y concuerdan todos tres enlas qualidades, i cerq̃ estas son las delos quatro Elementos, destribuidos por ellas las quatro Triplicidades. La primera Ygnea delos Signos ♈ ♌ ♐. La segunda Terrea delos Signos ♉ ♍ ♑. La tercera Aerea delos Signos ♊ ♎ ♒. i laquarea Aquea delos Signos ♋ ♏ ♓. Los Terminos, q̃ tambien llaman Fines son ciertos i determinados Grados entre Signos, enlos quales tienen los Planetas otra prerogativa. Alcançaron mas los Astrologes con sus especulaciones q̃ los lugares opposites a las Casas delos Planetas son enemi̇s dellos, i diversos a su naturaleza, sicliio en ellos por la contraria constitution pierden sus fuerças. Assi los lugares llamados Detrimentos delos Planetas, i por la misma razon los lugares opposites alas Exaltaciones son sus Caidas.

Todo esto muestra esta Tabla, enla qual se veran estas dignidades destribuidas por sus titulos segun sus tiempos, i assi ♈ es caida de ♄. Decimo de ☽. Casa diurna de ☉. Exaltacion del Sol. Triplicidad del Sol, i de ♃. del Sol de dia, i de ♐. de noche. Los ter̃. 6. gr. son Terminos de ♃. los 8. siguientes de ☿. los 7. adelante de ♀. los 5. siguientes de ♂. i los 4. postreros de ♄.

C

Fol. 21 v.

D

Fol. 22 r.

Original 385×530 mm.

Anónimo-João Baptista Lavanha e Luís Teixeira, 1597 e 1612

Atlas-cosmografia — Atlas-cosmography

Biblioteca Reale, Torino

Muestra esta Tabla en cinco ruedas, el Aureo numero, las Epactas, el Ciclo Solar la Letra Dominical, e la Indicción, corrientes de todos los Años desde el de 1612 asta el de 1700.

El Aureo numero es una revolucion de 19 Años comencada en uno, i terminada en 19, i tornada a comencar en uno, assi continuando perpetuam.te Contiene este Cyclo 19 Años, porque al cabo delles vienen à caer los Novilunios en los mismos dias del, que 19 Años, però no en las mismas Horas.

Las Epactas son los dias enque el Año Solar excede al Año Lunar de doze Lunas. Son estos dias onze, assi por continua adicion de onze dias se cuentan las Epactas, restando 30. quando la suma passa dellos.

El Cyclo Solar, o delas Letras Dominicales es una revolucion de 28. Años, de uno asta 28. porque las Letras Dominicales despues de 28. Años a señalarse por la misma orden que en los 28 Años passados.

La Indiccion es otra revolucion de 15. Años de uno asta 15 la qual acabada en ella se buelue à comencar de uno. Vease della en las Bullas delos Summos Pontifices.

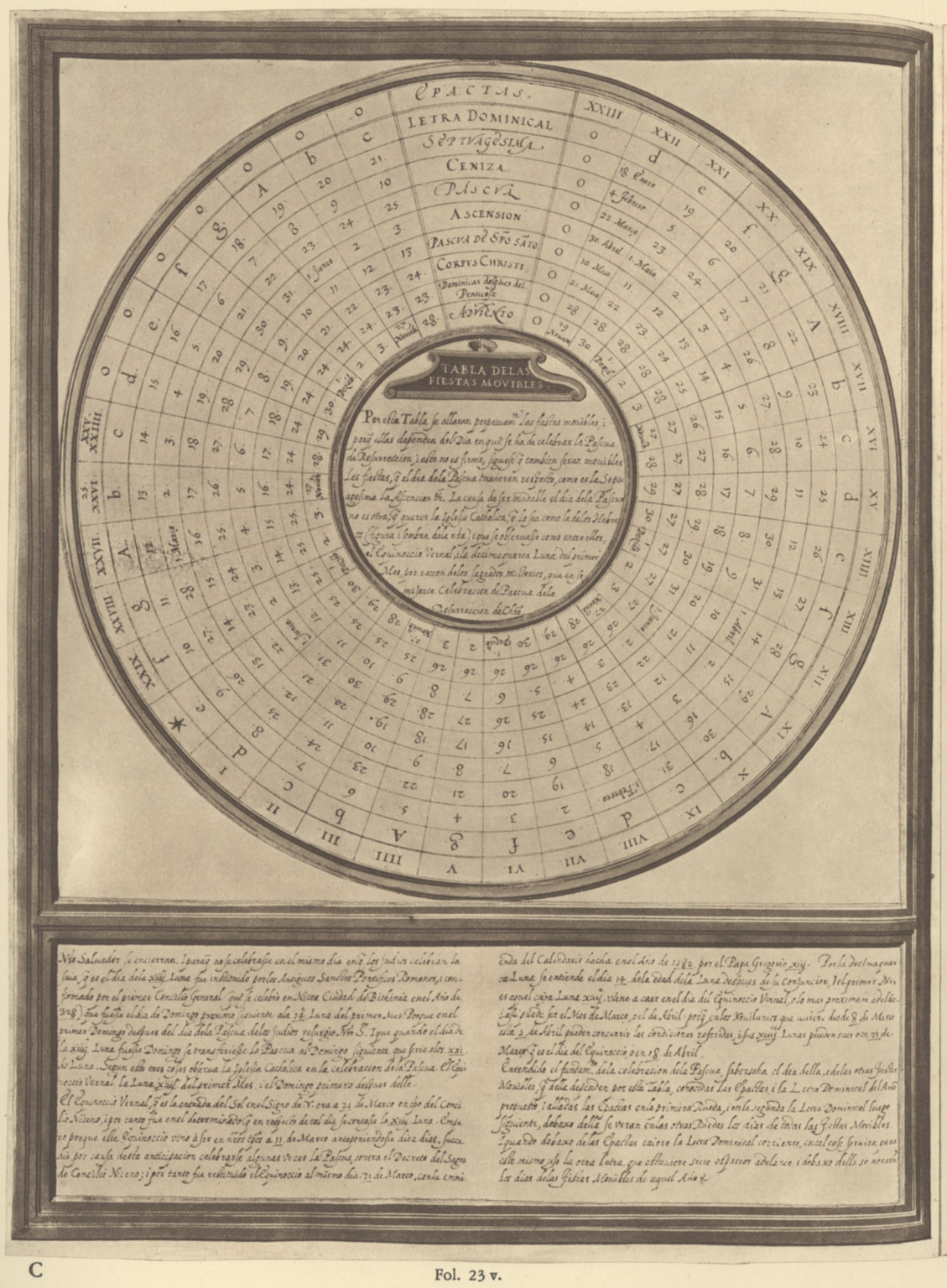
Los numeros de cada Año dessos cinco Cycles acaban el postrero de Deziembre en el Año comun, i empieza otro numero siguente con el primero de Enero. Para saber qualquiera dellos por esta Tabla, deuese de comencar a contar el Año proposito desde el de 1612. i corriendo por las diuisiones de cada rueda, donde parare la cuenta del Año, este serà el numero del Aureo numero, delas Epactas i assi los demas; aduirtiendo que si sucediere en la diuision dos Letras Dominicales, serà el tal Año Bissexto i la primera Letra sirue asta la fiesta de S. Matthias, i la segunda lo restante del Año. Vsando por este medio el Año de 1616. el Aureo n. es 2. las Epactas XII. el Cyclo Solar 7. las Letras Dominicales C b. i la Indiccion 14.

A

Fol. 22 v.

B

Fol. 23 r.



Por esta Tabla se allaran, perpetuam.te las fiestas moviles i però ellas dependen del Dia en que se ha de celebrar la Pascua de Resurreccion, i este no es fixo, siguese q cambien seran moviles las fiestas, q el dia dela Pascua tuuieren respecto, como es la Septuagesima la Ascencion &c. La causa de ser mouible el dia dela Pascua no es otra, q quieren la Yglesia Catholica, q la fiesta como la dela Mesura (q significa i sombra dela vita) q se obseruasse como estas estan, el Equinoccio Vernal sea decimaquarta Luna del primer Mes por razon delos sagrados misterios, que en la mesma Celebracion de Pascua dela Resurreccion de Xpo.

Nro Saluador se encarnaua. Ipassò no se celebrasse en el mismo dia enq los Judios celebran la suya, q es el dia dela xviij Luna fue instituido por los Antiguos Sanctos Pontifices Romanos, como formado por el primer Concilio General q se celebrò en Nicea Ciudad de Bithenia enel Año de 328. q fue la fiesta el dia de Domingo proximo siguiente ala 3ª Luna del primer Mes. Porque enel primer Domingo despues del dia dela Pascua delos Judios passaria. Vn S. Iguè quando el dia de la xviij Luna fuesse Domingo se transferiesse la Pascua al Domingo siguiente que seria alos xxj de Luna. Segun esto ores cosas obserua la Yglesia Catholica en la celebracion dela Pascua. El Equinoccio Vernal. la Luna xviij. del primer Mes. el Domingo primero despues della.

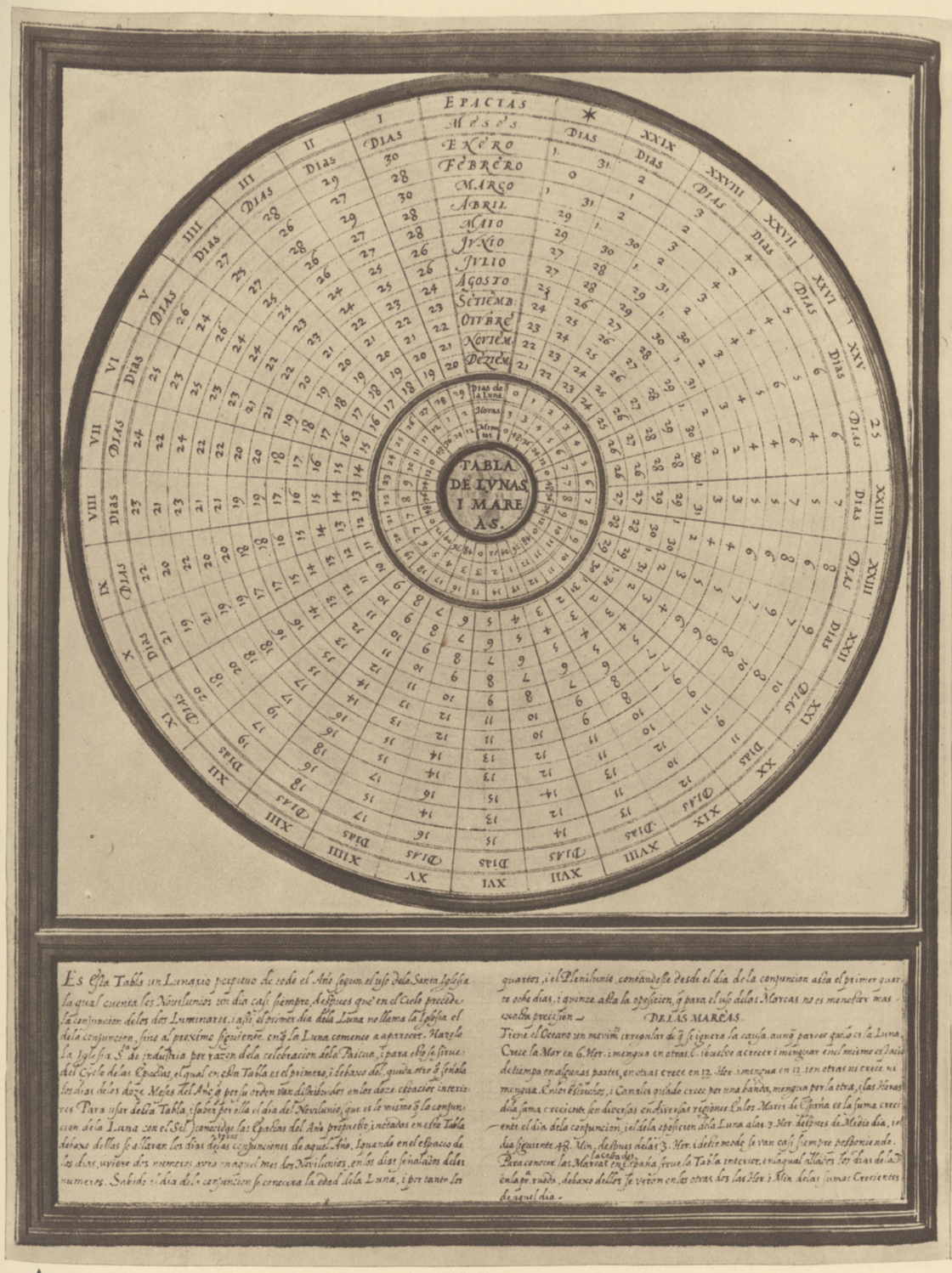
El Equinoccio Vernal, q es la entrada del Sol en el Signo de ♈ era a 21 de Marco en tpo del Concilio Niceno, i por tanto fue enel determinado q en respecto de tal dia se celebrasse la xviij Luna. Empero porque esse Equinoccio viene à ser en tres ocho a 11 de Marco antesvinendosse diez dias, succedio por causa desta anticipacion celebrarse algunas ocasiones la Pascua enotra el Decreto del Sagrado Concilio Niceno; i por tanto fue restituido el Equinoccio al mismo dia 21 de Marco, segun emienda del Calendario hecha enel Año de 1582. por el Papa Gregorio xiij. Por la decimaquarta Luna se entiende el dia 14. dela tal dela Luna despues de la conjuncion, o segunda Mes en aquel caya Luna xviij. viene a caer enel dia del Equinoccio Vernal, o la mas proxima antes desto, o despues, por el Mes de Marco, o el de Abril; però estos Novilunios que suzedieren dentro 8 de Marco assta 5 de Abril pueden concurrir las condiciones referidas, y assi xviij Lunas pueden caer en 21 de Marco, q es el dia del Equinoccio o en 18 de Abril.

Entendido el fundam.to dela celebracion dela Pascua, sabersecha el dia della, i delas otras fiestas Movibles, q dela dependen por esta Tabla, corriendo las Epactas i la 2.da Letra Dominical del Año proposito i alladas las Epactas enla primera Rueda, i en la segunda la Letra Dominical luego siguiente, debaxo della se veran en las otras Ruedas los dias de todas las Fiestas Movibles. Iguardo debaxo de las Epactas caiere la Letra Dominical corriente, enel caso semira para esse mismo año la otra Letra que ellustiere sirue obseruen adelante i debaxo della se hallaran los dias delas fiestas Movibles de aquel Año.

C

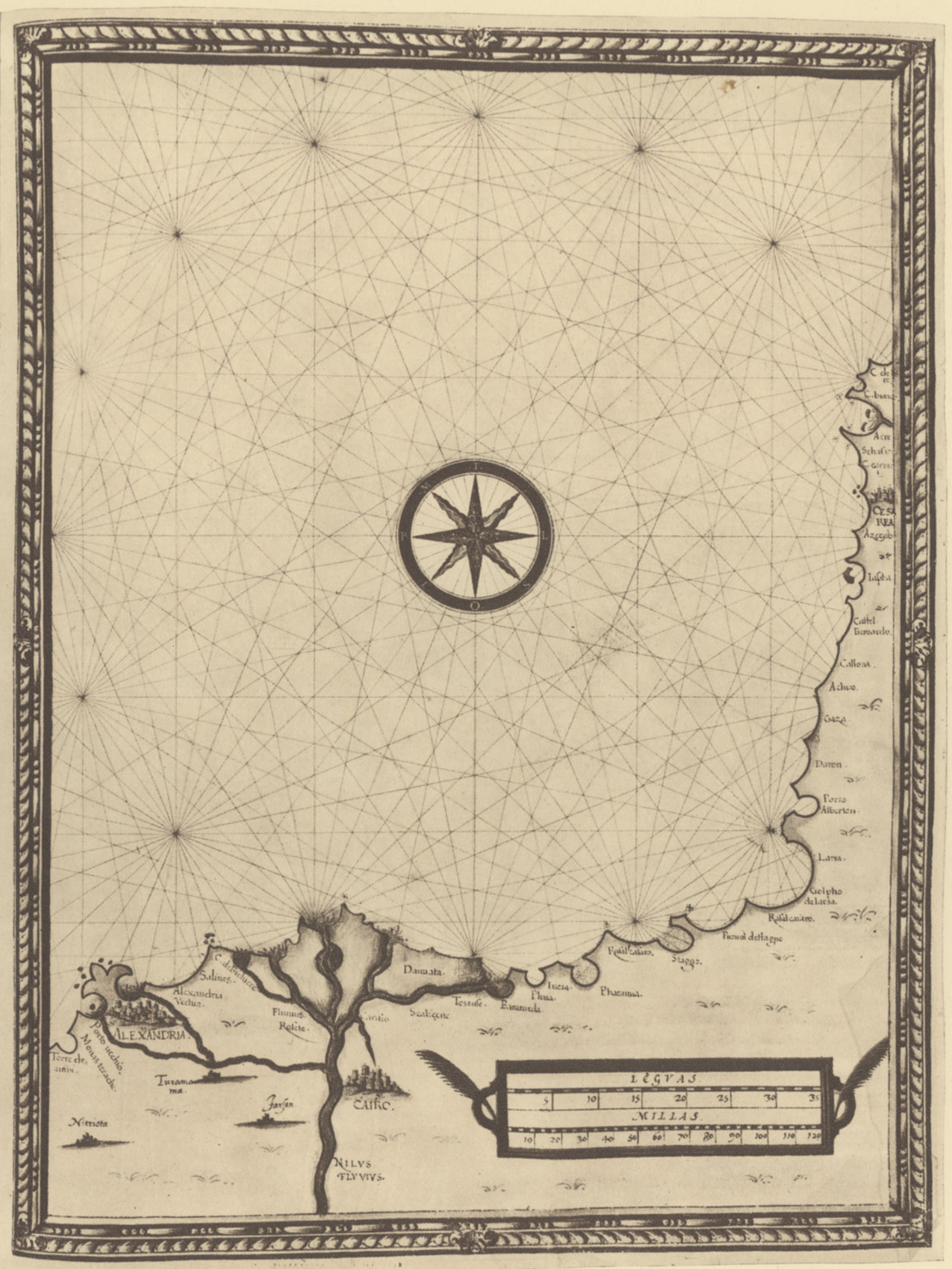
Fol. 23 v.

Alepo
Ayas
Sipea
Celestria
Olbia
Tarsolda
Adanella
Suruion
Marasch
Gazera
Berga
Termes
Lircha
Nicea
Asser
Sardes
Culas
Com
Quargaser
SATALIA.
Chiusser
Selachia
Fisicho
Peyra
Monte Egilam
Goranor
Sipanto
Aeatia
Pasmeno
FISICHA.
Dragonto
Estalimare
P. Olimpo
Rodi
P. Leon
Scio
Pyrgo
Samo
Patmo
Lango
Stampalia
Scarpanto
Candia
Cerigo
Cipro
Famagusta
Baruto
Sagetta
Tripol
Tripol
Tripol



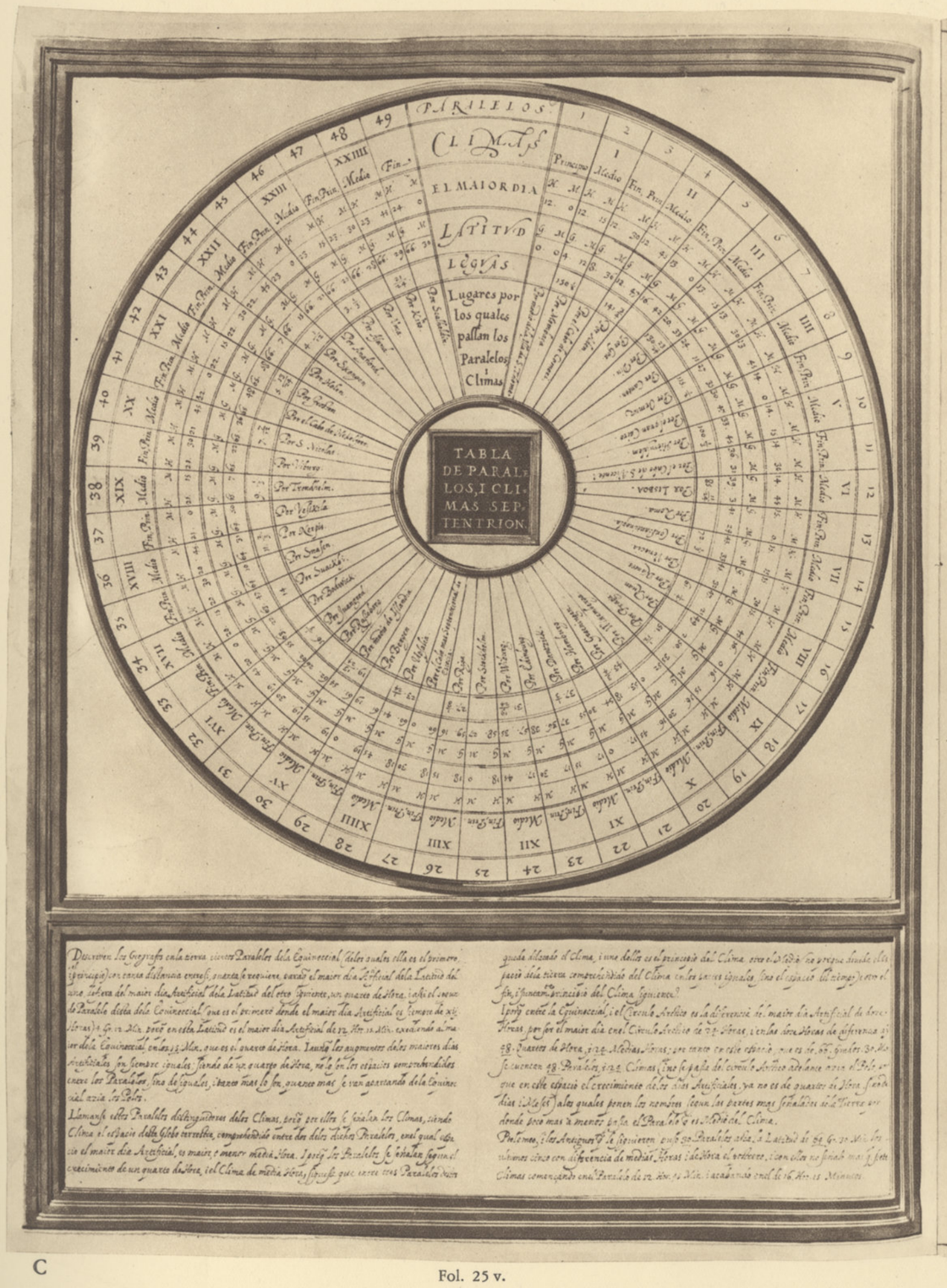
A

Fol. 24 v.



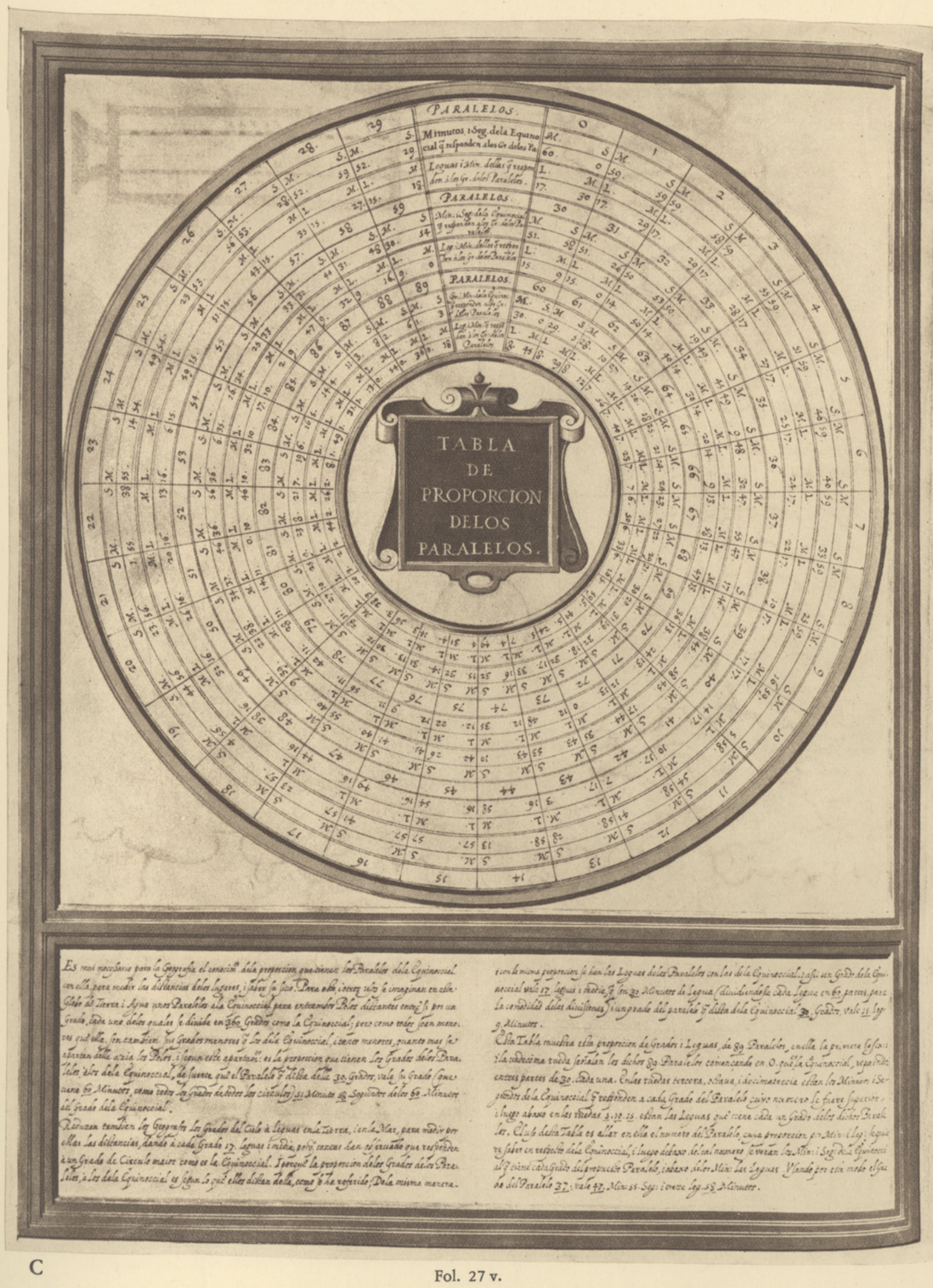
B

Fol. 25 r.


PARALELOS
CLIMAS
EL MAIOR DIA
LATITVD
LEGVAS
Lugares por los quales pasan los Paralelos i Climas
TABLA DE PARALELOS I CLIMAS SEPTENTRION.
Por Lisboa.
Por Roma.
Por Venetia.
Por Alexandria.
Por Constantinopla.
Por Boristhenes.
Por Vienna.
Por Augusta.
Por Bononia.
Por Ratisbona.
Por Argentina.
Por Lutecia.
Por Londres.
Por Brabante.
Por Vlandes.
Por Dinamarca.
Por Suecia.
Por Noruega.
Por Vltima Thule.
Por Islandia.
Por Groenlandia.
Por el Cabo de Labrador.
Por S. Nicolas.
Por Terranoua.
Por Canada.
Por Hochelaga.
Por Norumbega.
Por Florida.
Por Bacalaos.
Por Baccalaos.
Por Canibales.
Por Chicora.
Por Apalchen.
Por Cuba.
Por Hiucatan.
Por Nombre de Dios.
Por Panama.
Por Nicaragua.
Por Guatimala.
Por Nueua Galicia.
Por Mexico.
Por Zacatula.
Por Acapulco.
Por Tehuantepeque.
Por Guatulco.
Por Nueua España.
Por Zalisco.
Por Culiacan.
Por Cibola.
Por Topira.
Por Nueua Biscaya.
Por Cinaloa.
Por Nueua Galicia.
Por Nueua Mexico.
Por Quiuira.
Por Tamaulipas.
Por Panuco.
Por Florida

A Fol. 26 v.

B Fol. 27 r.



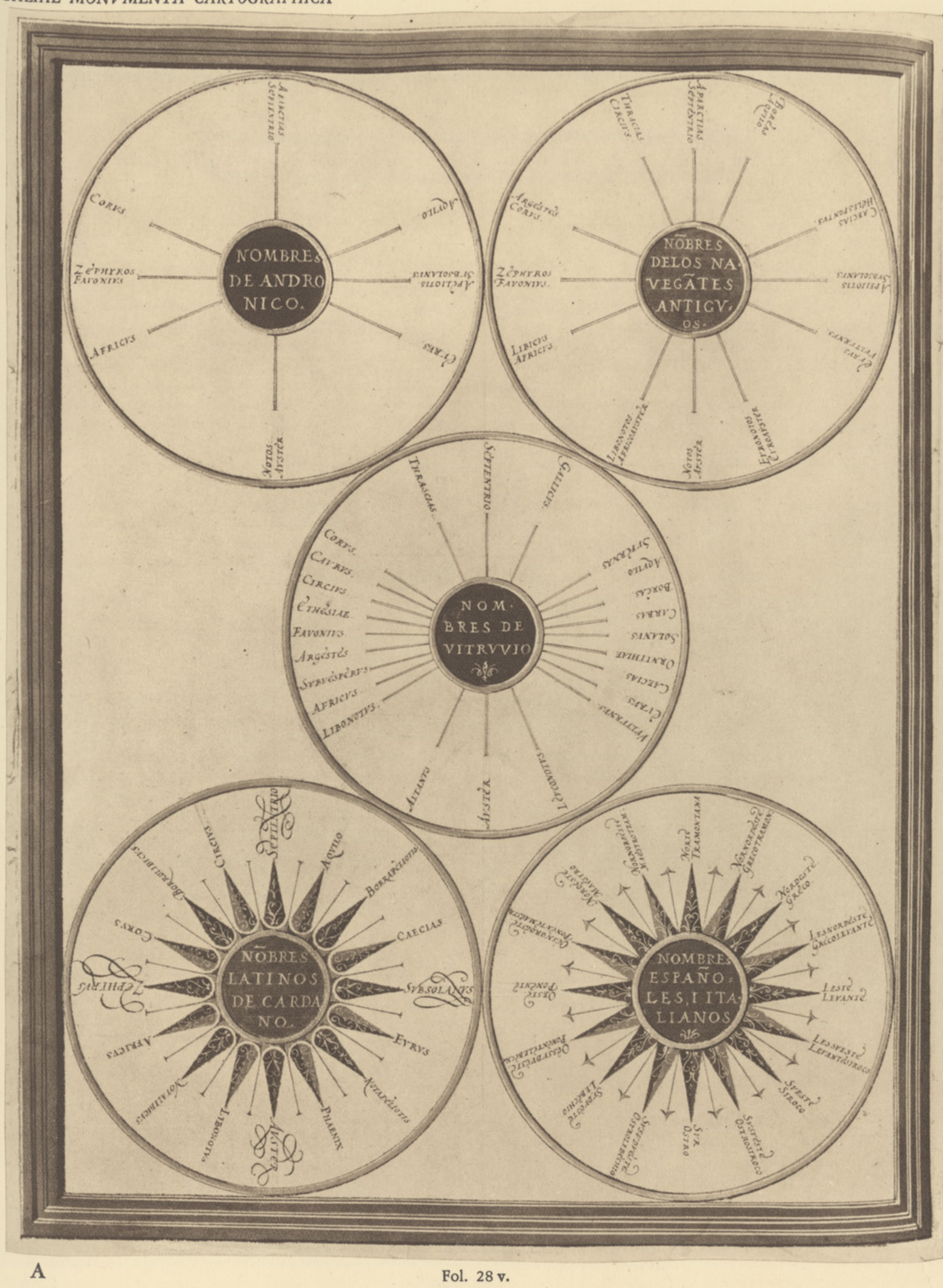
C Fol. 27 v.

D Fol. 28 r. *Original 385×530 mm.*

ANÓNIMO-JOÃO BAPTISTA LAVANHA E LUÍS TEIXEIRA, 1597 E 1612

Atlas-cosmografia — Atlas-cosmography

Biblioteca Reale, Torino



A

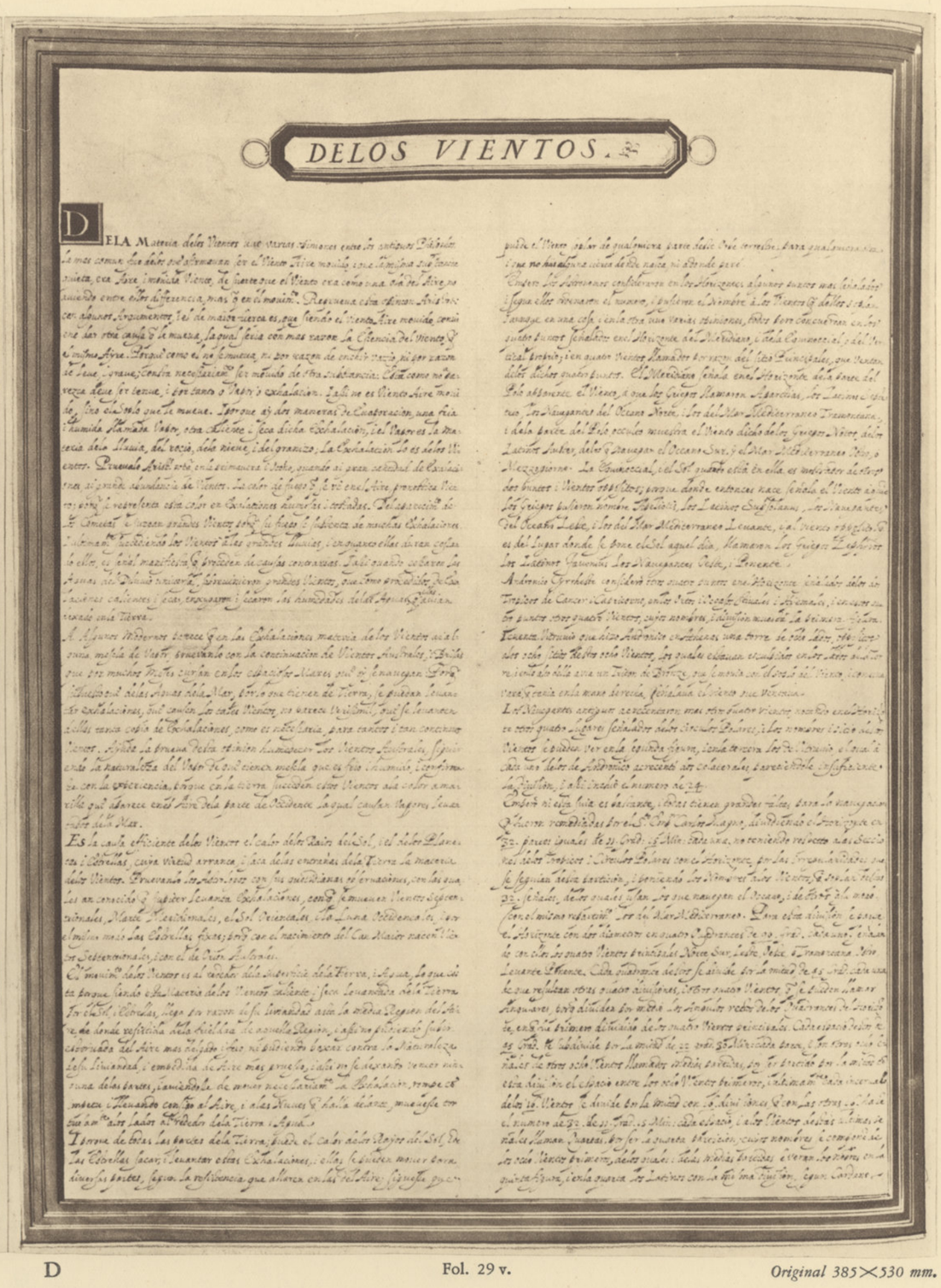
Fol. 28 v.

B

Fol. 29 r.

C

Fol. 30 r.



DELOS VIENTOS.

D

Fol. 29 v.

Original 385×530 mm.

Anónimo-João Baptista Lavanha e Luís Teixeira, 1597 e 1612

Atlas-cosmografia — Atlas-cosmography

Biblioteca Reale, Torino

DELA AGVIA DE MAREAR.

PARA Conocer las 32 diuisiones del Horizonte, i los 32 Vientos, se ha inuentado un Instrumento llamado Aguja de Marear, que muestra las dichas diuisiones por medio dela admirable Virtud dela Piedra Iman, conque son tocadas unas azeras dessie Instrumento. El qual es una rosa de Carton diuidida en 32 partes iguales, señaladoras delos 32 Vientos, representados en ella por unas Pyramides de colores azules, verdes, i coloradas, i en el Tramontana i Leuante diferenciados con una flor de Lis, i una Cruz. Dela parte de dentro tiene esta Rosa pegados unos Azeros debaxo dela flor de Lis, i dela Raia q̃ encima muestra los Vientos Tramontana Mediodia. Estos Azeros tocados con ciertos puntos dela Piedra Iman, i puesto el chapitelillo dela Rosa (que ha de estar pegado en el centro della) sobre un peon dela Caxa, i equilibrado el Carton, i que se pueda mouer libremente; Muestra la Rosa las 32 diuisiones del Horizonte, de donde vienen los 32 Vientos en q̃ se ha diuidido, por la Virtud del toque dela piedra Iman.

Representa ella Rosa al Horizonte, su raya de Tramontana Mediodia, al Meridiano, la de Leuante a Poniente al proprio Vertical, i las otras, a otros circulos Verticales, q̃ con el proprio, i con el Meridiano diuiden al Horizonte en 32 partes iguales de 11 Gr. 15. Min. cada una, que son llamadas Rumbos delos Nauegantes, i el Chapitel señala un punto Vertical.

Para este efecto seruen dos puntos dela piedra Iman, que responden a los dos Polos del Mundo, con los quales se tocan los azeros delas Agujas, para q̃ los señalen, sin ellos todas las otras partes del Horizonte. Pero es de notar, q̃ tocados los Azeros con estos puntos dela piedra, por el modo ordinario de que asta agora se ha vsado no señala el rumbo de Tramontana Medio dia dela Aguja, al Meridiano precisam^te, sino que del se desuia azia Leuante, à que llaman los Nauegantes Nordestear o Gregoizar. Esta falam^ta haze la Aguja tocada por este modo esta variedad de Nordestear en estas Regiones de Europa, sino que en otras varia azia al Poniente, a q̃ llaman Nordestear o Maestrizar, i en otras no haze variedad i muestra al Meridiano, esto es el Aforante la Aguja. Consta esto delas ordinarias obseruaciones hechas por los que nauegan el espacioso Occano, delas quales se colige, q̃ pocas leguas a Poniente dela Isla del Cuerno (que es la mas Occidental delas Islas delos Azores) es la Aguja fixa. De aquel parage nauegando a Leuante va luego la Aguja Gregoizando, desuiandose del Meridiano azia Leuante, i crece esta variedad assi por quatro casi, lo que haze entre la Isla dela Tercera, i las de Tristan de Acuña, desde alli mengua la Variedad i se va diminuyendo hasta emparejar con el Cabo delas Agujas, q̃ dista poco a Leuante del Cabo de Buena Esperança, donde se afixa. Deste Cabo nauegando esta via a Leuante, empieza la Aguja a variar azia el Poniente Nordestear o Maestrizando, i la mayor diferencia q̃ es de 16. Gr. cerca de Goa Metropoli dela India, desde donde diminuyendo la Variedad llega a ser ninguna en el Archipelago Oriental entre Malaca, i Maluco. Dende alli prosiguiendo el Viage a Leuante, haze la Aguja lo que hizo en todo Hemisferio, Gregoizando Afixandose cerca dela Aruna, i Maestrizando assi tapar con el parage dela Isla del Cuerno, donde come se ha dicho se afixa.

No son estas variedades regulares, como piensan algunos, ne correspondiendo iguales diferencias a iguales distancias. Antes son tan irregulares q̃ debaxo del meridiano del Parage donde se afixa, aze en otros parages casi la mayor Variedad, i en otros no tanta, i al contrario debaxo del Meridiano donde Varia, se afixa. La causa destas diferencias tan notables i irregulares, no se ha alcançado assi agora, ni tan poco tocar la Aguja de manera, que no Varie, ne decline del Meridiano en ninguna parte del Orbe, aunq̃ algunos lo han intendido infelicemente, i de su falsa imaginacion les ha desengañado la esperiencia, i della i delas obseruaciones q̃ se an hecho contra, q̃ vsando del secreto, se puede tocar la Aguja de manera, que sea fixa, i por tanto nos muestre el Meridiano precisam^te sin variedad alguna; pero no universalm^te por ser differencia de leguas, o que pierde la virtud el toque, o por otra causa occulta, buelue la Aguja a Variar como las demas.

Han procurado otros descubrir el punto a q̃ tiran las Agujas tocadas con la fuerça unos dellos le imaginaron en el Cielo, otros en la tierra, i todos infundadam^te. La cierta es, q̃ son diuersissimos, i casi infinitos los puntos q̃ las Agujas señalan, porque tantos son las Variedades q̃ ellas hazen, como se puede prouar con infalibles demonstraciones Geometricas.

El uso desta Aguja es mostrar el camino, i enseñar lo Derrotero, q̃ se ha de tomar en la nauegacion para yr de un lugar a otro, i por ella guiar el Nauio. Porque como la rosa dela Aguja represente al Horizonte, i con razon del toque dela Piedra, señale en el los 32. puntos referidos, o Rumbos, con ella claram^te, que cenendo el Rumbo o Derrota, por la qual se ha de nauegar, i enderezar al Nauio; El Instrum^to le haze. Ninguno otro se pudiera hazer tan facil, i perfectam^te como el dicho es el mas excelente, i el mas necessario de todos de Guia, Norte de Nauegantes, (este es uso del qual carecio la Antigüedad) sierto imposible que se hizieran las largas Nauegaciones Orientales, i Occidentales, en tan breue tiempo como se hazen, i aun algunas dellas no se pudieran hazer.

Empero como por la variedad dela Aguja, no muestre precisam^te el Meridiano sino en los parages en q̃ se afixa, i en las demas Gregoiza, i Maestriza, mas i menos, sin señalando el Meridiano, y es el Rumbo de Tramontana Mediodia, todos los otros no tienen su verdadero sitio, i el que se gouernare por ellos, erraria notablem^te; es necessario q̃ el Nauegante conosca continuam^te las Variedades que la Aguja le vâ haziendo cada dia, i que notadas con cuydado, dee en respecto dellas el reguardo en nauiendo de Derrota, que ha de llenar, porque desta manera no acertara con el Puerto. Conocese esto muy grossero los Nauegantes por medio dela Estrella Polar, los mas platicos, con mas certeza por el Sol al trauesso de sus Ortos, i Ocasos. Para esta variedad se conozca precissam^te en Tierra hai muchos modos. En la mar conocida la altura del sitio donde se quiere hazer esta observacion, i por las Tablas de declinacion del Sol, i otras, se halla la Amplitud Oriental, o occidental en la proporcionada Altura, por cuya la Aguja (que para este uso se ha entendido) sera otros tantos Grados, quantos son los dela Amplitud, contados por los del Limbo dela caxa dela Aguja, sera el Septentrion, o Mediodia, segun sea la amplitud Septentrional, o Austral, i quedo en el dicho Grado el Meridiano, se mueua la caxa dela rededor, asta q̃ los Rayos del Sol, al Nacer, o al Poner (que es el tiempo q̃ se ha de hazer esta operacion) entren por los Agujeros delas pinulas del Meridiano, i por ellos se vea el Sol, q̃ inmediato assi la caxa dela Aguja, ella mostrara con la puntilla q̃ tiene debaxo dela flor de Lis, en los Grados q̃ estan señalados dentro de su caxa, los q̃ Gregoiza, o Maestriza, si se afixa.

DELA CARTA DE MAREAR.

ES La Carta de Marear una descripcion plana dela Superficie dela Mar, sobre la cual los Puertos, las Colonias, Bahias, Sondas, el Fondo en la Tierra, los Cabos q̃ entran en la mar, las Islas q̃ dentro, o fuera de los Puertos se encuentran, Baxios, i las demas cosas q̃ en el hazen, los Rios, Peñas, etc. se hallan en la Carta, como en la Agua, un Circulo grande, q̃ diuide dela mitad a mitad en 360 partes iguales, q̃ son llamadas Rumbos dela, los quales se señalan con sus colores Negro, Verde, i Colorado, tanto en la multitud como en diuersidad se conocen. Estos 360 Rumbos para facilitar el uso se reducen a los 32 Rumbos, i tanbien a otra buena correspondencia, diuidiendo el Circulo en 32 diuisiones del Circulo, señalando a cada Rumbo 11. Para los rodeos de cada lado. Las cartas pequeñas de Islas solo, quatro o cinco leguas, son los Vientos, i Rumbos pendientes Perpendic^te en la Carta unas Sobre (sigue) los Nauegantes llaman Tramontana de Leuante, i Nordes de Leuante, o Gregoizar. Esta es la mas ordinaria, i mas vsada de todas las cartas, i los comunes, segun el dicho rodeo son los que se señalan en una delas Rumbos de Tramontana Mediodia. Mandando destos Grados para las Derrotas, delos Rumbos para las Derrotas, que vulgarm^te llaman Rumbos (o circulos Verticales) i delas Leguas, o Millas para las distancias, se diferencian en la Carta la Plana, los Carta, los Puertos dela tierra, i todo lo demas, q̃ la Mar en ella señala mostrando la carta los terminos comunes dentro dos Elementos, los quales se hallan en la Carta por las Alturas, i Latitudines q̃ tienen, por las Derrotas que se han de hazer a Norte, o por las Leguas, o Millas, como hacen los Geographos sus descripciones. Aunque la Carta por esta forma plana no pueda mas significar la Redondez, i figura dela Tierra, i Agua, es entre Instrumentos apetitosa para el uso del Arte de Nauigar, que es la platica. El qual se reduze a cuatro cabos principales.

El primero es conocer como esta arrumbada una Costa, que es saber el Rumbo que el que Va corre, o anda, o con una Isla, o Puerto. Para esto se pone una punta del Compas en la Costa, i la otra en el Rumbo que la quere Paralela, q̃ andando assi como Capitan requiere fuera la Costa paralela al Rumbo se dira q̃ corre por el, i declinando de ser paralela a aquel Rumbo se tomara otro q̃ la sea, i por esto modo se conocera como estan arrumbadas todas las costas dela Carta, i lo mismo ellas con las Islas, i las Islas entre si.

El segundo uso es saber la Distancia, o Leguas, o Millas, que en la Carta se miden las distancias por Grados, q̃ son de un Lugar a otro: para esto sirven las Escalas de Leguas, i Millas, q̃ se hallan a ellas. La Distancia q̃ se anda con el compas entre dos Lugares, señalara la quantas Leguas sea.

El tercero es conocer la altura, o Latitud en q̃ esta qualquiera parte dela Costa, o Isla, o Puerto; Esto se alcança poniendo una punta del compas en el Lugar cuya altura se busca, i la otra en el Rumbo Paralelo de Leuante a Poniente, q̃ este mas cerca, i sin variar el compas llegando por el mismo Paralelo asta el Rumbo Graduado, q̃ en el señalara la punta q̃ viene del Lugar quanta Altura tiene, q̃ sera Septentrional, o Austral segun q̃ estuuiere de la Equinocial dazia Tramontana, o Medio dia.

Quarto es entender qual delos Rumbos sirue para nauegar de un Lugar a otro. Esto se alcança con el primero uso. Como ay muchos Rumbos q̃ derechamente van de un Lugar al otro. En este uso ay de seruir dos compases, uno q̃ vaia de un Lugar, i otro q̃ tenga del otro por los Rumbos mas derechos, i donde los puntos destos compases se encontraren, en aquel Parage se ha de mudar la Derrota, dexando la primera del Lugar donde se parte, i tomando la segunda del Lugar a donde se va. Pero aduirtiendo, q̃ ni siempre se puede nauegar por estas Derrotas tendidas por este modo, por muchas diferencias, i obstaculos de Vientos contrarios, de Corrientes, i otros accidentes q̃ se pueden offrecer, i en tal caso el prudente Nauegante, como las Derrotas, q̃ con la experiencia viene a alcançar, q̃ son las necessarias para su Viage.

El quinto uso, q̃ es el mas principal, i de mayor importancia, q̃ señalar en la Carta el sitio en q̃ esta el Nauio. Tomar la otra uso los Nauegantes echan punto, i para el seruen todos los Instrumentos dela Arte. Pregunta os maniffestar saber l'Altura de aquel parage, i esto se dira usando del Cuadrante, o de Nicle dela Ballestilla, q̃ sabe de conocer la Derrota q̃ se lleua señalada por la de caxa. Sabidas estas dos cosas Altura, i Derrota se coclua en el punto en la Carta, tomando con el Rumbo Ordinario, los Grados, i Minutos dela Altura con una punta de compas, i poniendo la otra en el Rumbo de Leuante Poniente mas proximo, i donde se pongo una punta con el Lugar donde se partio, i la otra en la Derrota q̃ se lleuo aquel Dia, i corrigido con estos Compases assi sobre por la Altura, i en la Derrota donde se encontraren sera el Lugar donde se estuuieron [illegible] y semejantes de Leuante a Poniente, o por otro Rumbo quando Quando no se puede conocer Altura, por no poderse tomar el Sol de Dia, ni las Estrellas de Noche, cessando estos puntos se ha de mirar por la estimacion, q̃ llaman los Nauegantes punto de fantasia. Para esto sabida la Derrota, i estimado de las Leguas q̃ por ella se ha nauegado, segun el Viento, corrientes, i marias del Nauio, tomese con un compas en la Escala de Leguas, las q̃ parecieren q̃ se an caminado, q̃ pues va una punta fixa en el Lugar donde se partio, lleua en la Derrota que se llenio esta distancia en sitio estimado donde se cree. Este uso platican los Nauegantes de la Sonda en el Mar Mediterraneo, quando acuerdan a Engolfarse. Pero los del Occano toman mas facilidad de conocer este punto con el de Estrellas, luego que pueden tomando el Sol, o Estrellas, sabor l'Altura en q̃ estan. Hazen de dos maneras una dellas por un Rumbo de Tramontana Mediodia, que guede en medio delas pocas Derrotas por las quales se nauega, i esta no es cierta. La otra q̃ se es mas vsada por las mismas Derrotas acrecentadas i disminuydas segun q̃ el punto de esquadria fuere mas largo, o mas corto, q̃ el dela fantasia.

En este uso dela Carta, i en todas distancias, i Derrotas delos Lugares se mueuen observar i aduertir q̃ no todas las Distancias son ciertas, principalm^te las muy Septentrionales, i las muy Australes, i q̃ no todas Derrota de un Lugar a otro se deue de tener por buena, sino aquella por la qual se nauega siendo los experimentada por carta, como tal se escriuio en la Carta. Porque como en ella los Meridianos, q̃ son los Rumbos de Tramontana Mediodia, son todos Paralelos (cierto la verdad) a ellos han la regla delas q̃ se toman delos Lugares segun la inclinacion dela otros Rumbos, o Vientales, con los Meridianos, siguese necessariam^te, q̃ tanto se yerra en las dichas los Lugares, y sus distancias, que en la carta no han debaxo de un Meridiano, quanto la proporcion de los otros Lugares a respecto delos tales Rumbos. I dessto causa procede no hallar el Nauegante muchas veces el Lugar a donde va, por la Derrota que señala la Carta, por la qual se le guia, i por no saber la razon dicha q̃ el yerro procede, i delas corrientes, i de la variedad dela Aguja, por auer estado mal en la Carta los sueltos, i assi el rumbo q̃ seguro es ir a demandar el Puerto por la altura. Siguese dela misma causa el estraño disforme sitio, i forma q̃ tienen en la Carta las Costas muy Septentrionales, i las muy Australes, i las falsas distancias dellas, i los yerros que nacen dando por ellas se hazen en largos viajes, q̃ en los cortos como Golfos con seguros no se notan tanto.

Original 385×530 mm.

ANÓNIMO-JOÃO BAPTISTA LAVANHA E LUÍS TEIXEIRA, 1597 E 1612

Atlas-cosmografia — Atlas-cosmography

Biblioteca Reale, Torino

JOÃO TEIXEIRA I

OU

JOÃO TEIXEIRA ALBERNAZ I

O CARTÓGRAFO JOÃO TEIXEIRA I OU JOÃO TEIXEIRA ALBERNAZ I E A SUA OBRA

JOÃO Teixeira Albernaz I, que assinou a maior parte das suas obras como João Teixeira, foi o mais notável cartógrafo português da primeira metade do século XVII e porventura de todo esse século. Filho e discípulo de Luís Teixeira, o seu estilo tem muitas analogias com o do pai, principalmente nas mais antigas produções. Devido à escassez das fontes documentais e ao facto de ter tido um neto, também cartógrafo, com nome igual ao seu e assinando de preferência João Teixeira Albernaz, tem havido muitas confusões quer acerca das respectivas biografias quer a respeito das obras de um e outro. Deixamos agora completamente elucidado tal caso, mercê do cotejo dos documentos, alguns pouco conhecidos, e das respectivas produções, em parte ignoradas ou mal estudadas anteriormente.

A obra cartográfica de João Teixeira Albernaz I tem considerável interesse, sobretudo no que respeita ao Brasil, dada a sua extensão e variedade, acompanhando de perto o progresso dos descobrimentos e explorações, tanto marítimas como terrestres, e em geral o evoluir dos acontecimentos no mundo lusitano. Reunimos agora, entre as obras com a sua assinatura ou que lhe podem ser atribuídas, um total de vinte e quatro, compreendendo dezanove atlas, um grupo de quatro cartas, um grupo de duas cartas, duas cartas soltas e uma carta incluída num atlas de outra origem — tudo perfazendo quatrocentas e trinta e nove cartas. A esta lista podem-se acrescentar ainda oito cópias de dois daqueles atlas, com um total de duzentas e quinze cartas, e duas cartas gravadas que mostraremos provirem daquele grupo de duas cartas. Estes números, só por si, indicam o apreço que no seu tempo houve pelas suas obras, pois de outra maneira não se teriam conservado tantas, e revelam quão considerável deve ter sido a sua produção, que se estendeu por mais de meio século — João Teixeira Albernaz I é o cartógrafo português dos séculos XVI e XVII de quem se conhece maior quantidade de cartas. Dado que as suas produções acompanham de perto a marcha dos acontecimentos, em especial os descobrimentos e explorações marítimas e terrestres, pareceu preferível apresentá-las por ordem cronológica, independentemente de serem assinadas ou não.

1) Anónimo — João Teixeira Albernaz I, dezoito cartas no códice *Rezão do Estado do Brasil,* de c. 1616, no Porto. Estampas 441-445.

2) João Teixeira I, vinte e uma cartas no códice *Livro que dá rezão do Estado do Brasil,* c. 1626, no Rio de Janeiro. Estampas 446-452.

3) João Teixeira Albernaz I, atlas do Brasil com dezanove cartas, de 1627, em Paris. Estampas 453-458.

4) Anónimo — João Teixeira Albernaz I, atlas universal com vinte cartas («Atlas Duchesse de Berry»), de c. 1628, em Paris. Estampas 459-463.

5) João Teixeira I, atlas universal com trinta e uma cartas, de 1630, em Washington. Estampas 464-472.

6) João Teixeira Albernaz I, atlas do Brasil com trinta e seis cartas, de 1631, no Rio de Janeiro. Estampas 473-481.

7) Anónimo — João Teixeira Albernaz I, atlas universal com catorze cartas (truncado), de c. 1632, no Rio de Janeiro. Estampas 482-486.

8) João Teixeira I, atlas do Brasil com trinta e uma cartas (deve-lhe faltar uma), de 1640, em Lisboa. Estampas 487-494.

Deste atlas conhecem-se sete cópias feitas por vários copistas: uma em Paris (trinta e duas cartas), duas no Rio de Janeiro (uma de trinta e uma e outra de trinta e duas cartas), uma em Belém do Pará (trinta e duas cartas), duas em Lisboa (trinta e duas cartas cada), uma em Paris (sete cartas e ainda outra cópia de uma destas). Estampas 495-496.

9) Anónimo — João Teixeira Albernaz I, grupo de quatro cartas, de c. 1640, em Toulon. Estampas 497-498.

10) João Teixeira I, atlas do Brasil com vinte e três cartas (truncado), de 1642, em Lisboa. Estampas 499-502.

11) João Teixeira I, atlas universal com oito cartas, de 1643, em Lisboa. Estampas 503-506.

12) João Teixeira I, carta de 1645, em Lisboa. Estampa 507.

13) João Teixeira I, carta de 1646, em Paris. Estampa 508.

14 a 17) João Teixeira I, quatro atlas da costa de Portugal, com dezasseis cartas cada, todos datados de 1648, em Lisboa, Viena (dois atlas) e Londres. Estampas 509-510. Deste atlas conhece-se uma cópia de 1669 em Paris. Parece ainda haver um outro original de atlas semelhante, datado de 1646, em Florença, mas não conseguimos encontrá-lo.

THE CARTOGRAPHER JOÃO TEIXEIRA I OR JOÃO TEIXEIRA ALBERNAZ I AND HIS WORK

JOÃO Teixeira Albernaz I, who signed most of his works as João Teixeira, was the most notable Portuguese cartographer of the first half of the XVII century and perhaps of the whole century. As a son and pupil of Luís Teixeira, he worked in a style very similar to that of his father, especially in his earlier output. Because of the scarcity of documentary sources and of the fact that he had a grandson of the same name, also a cartographer, who preferred to sign himself João Teixeira Albernaz, much confusion has arisen concerning both their respective biographies and the works of the two men. We have now completely elucidated the matter by comparison of the documents, some little known, and of the works in question, which are in part previously unknown or imperfectly studied.

The cartographic work of João Teixeira Albernaz I is of considerable interest, particularly in regard to Brazil, by virtue of its extent and variety, and because it closely follows the progress of discovery and exploration, both by sea and land, and the general development of events in the Portuguese world. Of the works signed by him or attributed to him, we now assemble twenty-four, comprising nineteen atlases, one group of four charts, one group of two charts, two separate charts, and one chart included in an atlas of different authorship — making in all four hundred and thirty-nine charts. To this list may be added eight copies of two of the atlases, with a total of two hundred and fifteen charts, and two engraved charts which (as we shall see) are derived from the group of two charts. These figures alone testify to the esteem which his works enjoyed in their day and which explains the preservation of so many of them, and they show how considerable his output must have been, extending as it did over more than half a century; by no other Portuguese cartographer of the XVI and XVII centuries do we know so many works as by João Teixeira Albernaz I. Since the works closely follow advancing knowledge, particularly of discovery and exploration by sea and land, it seems best to depart from our usual practice and to present them in chronological order, irrespective of whether they are signed or not.

1) Anonymous — João Teixeira Albernaz I, eighteen charts in the codex *Rezão do Estado do Brasil,* c. 1616, in Oporto. Plates 441-445.

2) João Teixeira I, twenty-one charts in the codex *Livro que dá rezão do Estado do Brasil,* c. 1626, in Rio de Janeiro. Plates 446-452.

3) João Teixeira Albernaz I, atlas of Brazil with nineteen charts, 1627, in Paris. Plates 453-458.

4) Anonymous — João Teixeira Albernaz I, world atlas with twenty charts («Duchesse de Berry Atlas»), c. 1628, in Paris. Plates 459-463.

5) João Teixeira I, world atlas with thirty-one charts, 1630, in Washington. Plates 464-472.

6) João Teixeira Albernaz I, atlas of Brazil with thirty-six charts, 1631, in Rio de Janeiro. Plates 473-481.

7) Anonymous — João Teixeira Albernaz I, world atlas with fourteen charts (incomplete), c. 1632, in Rio de Janeiro. Plates 482-486.

8) João Teixeira I, atlas of Brazil, with thirty-one charts (one must be missing), 1640, in Lisbon. Plates 487-494.

Of this atlas we know seven copies by various copyists: one in Paris (thirty-two charts), two in Rio de Janeiro (one with thirty-one and the other with thirty-two charts), one in Belém do Pará (thirty-two charts), two in Lisbon (thirty-two charts each), one in Paris (seven charts, and another copy of one of them). Plates 495-496.

9) Anonymous — João Teixeira Albernaz I, group of four charts, c. 1640, in Toulon. Plates 497-498.

10) João Teixeira I, atlas of Brazil with twenty-three charts (incomplete), 1642, in Lisbon. Plates 499-502.

11) João Teixeira I, world atlas with eight charts, 1643, in Lisbon. Plates 503-506.

12) João Teixeira I, chart of 1645, in Lisbon. Plate 507.

13) João Teixeira I, chart of 1646, in Paris. Plate 508.

14) to 17) João Teixeira I, four atlases of the coasts of Portugal, each with sixteen charts, all dated 1648, in Lisbon, Vienna (two atlases), and London. Plates 509-510. A copy of these atlases, dated 1669, is preserved in Paris. Another original atlas of similar character, dated 1646, seems to have existed in Florence, but we have not succeeded in tracing it.

18) a 21) Anónimo — João Teixeira Albernaz I, quatro atlas de cidades e fortalezas da Índia Oriental, com vinte e três cartas cada, de c. 1648, em Munique, Viena (dois atlas) e Paris. Estampas 511-512.

22) João Teixeira I, grupo de duas cartas, de 1649, em Paris, que serviram para fazer duas cartas gravadas. Estampas 513-516.

A esta lista de obras que reproduzimos em conjunto neste volume, há a acrescentar mais duas de que se tratará no Vol. V:

23) Anónimo — João Teixeira Albernaz I, carta de c. 1634, num atlas de fortificações da costa do Brasil contendo mais cinco cartas de outra origem (quatro delas assinadas «Tinoco»), no Rio de Janeiro.

24) Anónimo — João Teixeira Albernaz I, cinquenta e duas cartas anexas ao «Livro do Estado da India Oriental» de António Bocarro, c. 1635, em Madrid.

ELEMENTOS BIOGRÁFICOS

Como tem reinado notável confusão acerca deste cartógrafo, começamos por indicar todos os documentos de que sabemos relativos a cartógrafos com os nomes de João Teixeira e João Teixeira Albernaz, antes de proceder à sua discussão.

1) 1602, *João Teixeira — Carta de ofício:* Com a data de 29 de Outubro de 1602, Lisboa, foi por el-Rei passada carta a João Teixeira para poder «usar da dita arte de mestre de fazer as ditas cartas de marear, astrolabios, agulhas e balestilhas». No mesmo documento o cartógrafo é referido várias vezes pelo nome de João Teixeira, diz-se que era morador e natural de Lisboa e que foi examinado por João Baptista Lavanha, cosmógrafo-mor, sendo presente Francisco Luís, mestre de cartas de marear. Na sua petição para ser examinado, diz João Teixeira que «aprendera muitos anos a fazer cartas de marear e os mais instrumentos que pertencem a arte de navegar com seu pay Luis Teixeira, cosmographo» (1).

2) 1605, *João Teixeira — Carta de nomeação para trabalhar nos Armazéns da Guiné e Índia:* Com a data de 21 de Janeiro de 1605, carta real nomeando João Teixeira para fazer «a parte que lhe couber das cartas de marear e outros istromentos de nauegar que se fazem no meu almazem para minhas armadas, as quais cartas e istromentos lhe serão recebidos e pagos no dito almazem de Guine e India segundo ordenança» (2). É referido duas vezes pelo nome de João Teixeira.

3) 1612, *João Teixeira — Quarteirões:* Na abertura do diário da viagem da nau «Nossa Senhora de Guadalupe» de Goa para o Reino, em 1612, escreveu D. António de Ataíde: «Carteo p hũs quarteirões de j.º teix.ra E p hũa carta de luis teix.ra seu pay» (3).

4) 1619, *João Teixeira — Ida a Madrid com o irmão Pedro Teixeira:* No Arquivo das Índias, Sevilha, encontra-se o seguinte documento, o qual julgamos nunca ter sido publicado e ter passado despercebido até agora de todos os que duma maneira ou de outra se ocuparam dos cartógrafos Teixeiras, e que transcrevemos na íntegra (4): «El Capitan gonçalo de nodal que por orden de su m̃gd bine aesta corte para dar cuenta al Real consejo de Indias y Junta de guerra de la jornada que por su orden se a heyo al descubrimiento del estrecho nuebo y reconoçimiento del de magallanes çertifico que por orden de su m̃gd binieron conmigo desde la çiudad de lisboa Juan Teisera y don pedro Teisera hermanos cosmografos de su m̃gd en el Reyno de portugal para haçer las plantas del dho descubrimiento y partimos dela çiudad de lisboa en veinte y dos de Agosto y allegamos a esta corte a postrero de Agosto y para que conste donde convenga y apedimiento de juan Teisera ledi la presente firmada de mi nombre, en madrid. A veynte y seis de setiembre de seisçientos y diz y nuebe de 1619 — g.º de nodal». Apenso a este vem o seguinte documento: «Señor — Juan de teixeyra dize que permandado de V. Mag.de vino de lisboa con don Pedro de Teixeira su hermano a hazer las cartas hidrograficas del estrecho de magalhanes y S. Vicente las quales presenta con este y atento que las demas, que fueren menester las puede azer el dicho su hermano, y aver de asistir el para las que son forçosas llebar los pilotos de la Carrera della India y mas nauegaciones de la Corona de Portugal, y aber dexado en lisboa su casa y familia y hazer mucha falta su persona a todo lo dicho — Suplica a V. Mag.d se sirba mandarle dar licencia para voluerse, y la ayuda de costa que a V. Mag.d pareçiere tiene menester para el camino que en ello R. M.».

(1) Publicado na íntegra por Sousa Viterbo, *Trabalhos Nauticos dos Portuguezes nos Seculos XVI e XVII*, Parte I, pp. 294-5. Lisboa 1898.

(2) *Ibidem*, p. 295.

(3) Humberto Leitão, *Viagens do Reino para a Índia e da Índia para o Reino (1608-1612)*, Vol. II, p. 181. Lisboa 1958. Não incluímos esta referência à carta de Luís Teixeira no texto relativo ao mesmo cartógrafo por, na altura em que o escrevemos, não estar ainda publicado este livro.

(4) Indiferente General. Expedientes, informaciones y probanzas, sig. 1262. Foi referido por José Pulido Rubio, *El piloto mayor*, p. 736. Sevilla 1950.

18) to 21) Anonymous — João Teixeira Albernaz I, four atlases of the cities and fortresses of Oriental India, each with twenty-three charts, c. 1648, in Munich, Vienna (two atlases), and Paris. Plates 511-512.

22) João Teixeira I, group of two charts, 1649, in Paris, which were the basis for two engraved charts. Plates 513-516.

To this list of works reproduced together in the present volume we have to add two more which will be dealt with in Vol. V:

23) Anonymous — João Teixeira Albernaz I, chart of c. 1634, in an atlas of the coastal fortifications of Brazil containing five more charts by another hand (four being signed «Tinoco»), in Rio de Janeiro.

24) Anonymous — João Teixeira Albernaz I, fifty-two charts accompanying the *Livro do Estado da India Oriental* of António Bocarro, c.1635, in Madrid.

BIOGRAPHICAL ELEMENTS

As there has been remarkable confusion in regard to this cartographer, we will begin by enumerating all the known documents referring to cartographers named João Teixeira and João Teixeira Albernaz, before we proceed to discuss them.

1) 1602, *João Teixeira — Patent of office:* Under date 29 October 1602, Lisbon, the King issued letters patent authorizing João Teixeira «to practise the said art of master of making the said sea-charts, astrolabes, compasses and cross-staffs». In the same document the cartographer is several times referred to under the name of João Teixeira, and he is stated to be a resident and native of Lisbon and to have been examined by João Baptista Lavanha, cosmographer-major, in the presence of Francisco Luís, master of sea-charts. In his petition to be examined, he affirms that «he had for many years studied the making of sea-charts and of most instruments pertaining to the art of navigation with his father Luís Teixeira, cosmographer» (1).

2) 1605, *João Teixeira — Charter of appointment to work in the Armazéns da Guiné e Índia:* Dated 21 January 1605, a royal charter appointing João Teixeira to prepare «the part allotted to him of the sea-charts and other instruments of navigation made in my *Armazém* for my fleets, for which charts and instruments he will be given receipts and pay in the said *Armazém da Guiné e Índia* according to the regulations» (2). He is twice referred to as João Teixeira.

3) 1612, *João Teixeira — Particular charts:* At the beginning of the logbook of the ship *Nossa Senhora de Guadalupe*, on voyage from Goa to Portugal in 1612, D. António de Ataíde wrote: «I reckon from some particular charts of João Teixeira, and from a chart of Luís Teixeira his father ...» (3).

4) 1619, *João Teixeira — Journey to Madrid with his brother Pedro Teixeira:* In the Archivo de Indias, Seville, is the following unpublished document, which we transcribe in full (4): «Captain Gonzalo de Nodal, who by order of His Majesty came to this court to give account to the Real Consejo de Indias and Junta de Guerra of the voyage which by their order he made for the discovery of the new strait and examination of that of Magellan, testifies: by order of His Majesty there came with me from the city of Lisbon João Teixeira and his brother Don Pedro Teixeira, cosmographers of His Majesty in the Kingdom of Portugal, for making the plans of the said discovery, and we departed from the city of Lisbon on the 22nd August and arrived at this court on the last day of August; and in order that it may be known in the proper place, and by petition of João Teixeira, I give him this present document signed with my name, in Madrid. The 26th September one thousand six hundred and nineteen, 1619 — Gonzalo de Nodal». Appended to this is the following document: «Sire — João Teixeira states that by order of Your Majesty he came from Lisbon with Don Pedro Teixeira his brother to make the hydrographic charts of the Strait of Magellan and S. Vicente which he delivers herewith, and seeing that the others which were necessary can be made by his said brother, and that he has to assist in those which must be carried by the pilots of the *Carreira da India* and other navigations of the Crown of Portugal, and that he has left in Lisbon his house and family and has much loss from all that has been related — He begs Your Majesty that orders be given to allow him permission to return and such assistance in his expenses as may seem proper to Your Majesty to provide for his journey. And your petitioner humbly

(1) Published in full by Sousa Viterbo, *Trabalhos Nauticos dos Portuguezes nos Seculos XVI e XVII*, Parte I, pp. 294-5. Lisboa 1898.

(2) *Ibidem*, p. 295.

(3) Humberto Leitão, *Viagens do Reino para a Índia e da Índia para o Reino (1608-1612)*, Vol. II, p. 181. Lisboa 1958. This reference to Luís Teixeira's chart was not given in our text on the cartographer because, at the time when we wrote it, this book had not yet been published.

(4) Indiferente General. Expedientes, informaciones y probanzas, sig. 1262. Cited by José Pulido Rubio, *El piloto mayor*, p. 736. Sevilla 1950.

A seguir foi escrito: «que se liden cinq.ta (dinaros?) de ayuda de costa para poder se hir y demas desto el salario que aquilleba por diez dias que es loque tardara de aqui a lix.a y esto sea del din.o que tiene D. Baltasar de [Gongora?] como asido los demas que seles adado. En la Junta a 26 de setiembre de 619». No verso foi acrescentada a nota seguinte: «resibieron los dos hermanos (500?) y cada uno tomo la mitad de manera que sobre los 750 que havia reziuido Ju. de Teiseira se hizo la quenta de lo que hubo de hauer quando se fue a Lisuoa».

5) 1621, *Pedro Teixeira Albernaz — Carta impressa da parte meridional da América do Sul:* Com o título «Reconocimiento delos Estrechos de Magallanes y San Vicente Mandado hazer por su Mg.d en el Real Consejo de Indias partieron de Lisboa en 27 de Setienbre de 1618. y llegaron de buelta a San Lucar a 9. de Iulio de 1619. Cabo de dos Carauelas Bartolome garcia de nodal y Capitan Gonçalo de nodal. Cosmographo Diego Ramires, piloto Iuan manço. Echa por don Pedro teixeira E albernas Cosmographo de Su Mg.d». Esta carta vem incluida no livro *Relacion del Viaje que ... hizieron los Capitanes Bortholome Garcia de Nodal, y Gonzalo de Nodal ... al descubrimiento del Estrecho nuebo de San Vicente ...*, editado em Madrid em 1621 (5).

6) 1622, *João Teixeira Albernaz — Petição para ser provido na serventia do cargo de cosmógrafo-mor:* Por morte de Manuel de Figueiredo, que servia de cosmógrafo-mor na ausência do proprietário do lugar, João Baptista Lavanha, apresentaram-se em 1622 vários candidatos para ocupar tal vaga, entre eles João Teixeira Albernaz, cuja petição é assim resumida no único documento conhecido que se lhe refere: «João teixeira Albernas alega em sua petição ter as partes neces.as para servir o dito cargo assy pela noticia q tem das mathematicas e arte de Nauegar como por hauer exercitado a arte de cosmographo mor muitos annos e por sua suficiencia foy chamado por ordem de V. Mg.de a Corte de Madrid pera assistir ao fazer da descripção e mapa do estreito de Magalhães e São Vicente onde esteue nesta diligencia, como se via da Certidão do secret.o do Conselho de Indias que offerecia». O Provedor dos Armazéns informou a tal respeito «que João teix.a Albernas he cosmografo mor e muito pratico em fazer cartas» e que «tem algũs annos de estudo de mathematica desciplo do p.e João Delgado que leo no Colegio de S.to Antão» (6). O candidato escolhido finalmente foi Valentim de Sá, e é com certeza engano do copista a afirmação acima expressa de que João Teixeira Albernaz teria sido anteriormente cosmógrafo-mor.

7) 1622, *João Teixeira Albernaz — Certidão na devassa tirada a D. António de Ataíde:* Num livro muito raro, *Cargos que resultarão da devassa que os governadores de Portugal mandarão tirar de dom Antonio de Attayde, capitão geral da armada de Portugal, acerca da perda da nao da India Nossa Senhora da Conceição, que os inimigos queimarão o anno de 1621. E resposta de dom Antonio aos cargos,* sem data, mas tendo no fim a inscrição «Em Lisboa 23 de Iunho de mil & seiscentos & vinte dous. Dom Antonio de Attayde», vem na folha 10 uma certidão que começa «Digo eu João Teixeira Albernas, cosmographo de Sua Magestade...» e é datada de 13 de Junho de 1622 (7).

8) 1622, *João Teixeira Albernaz — Descripção universal:* F. C. Wieder, em 1932 (8), referiu a existência, numa biblioteca particular da Holanda, que não indicou, de um códice contendo a obra intitulada *Descripção universal do maritimo de toda a terra navegavel assim como se deve çituar nas cartas de marear, universais ou particulares.* Por Ioão Teix.ra Alvernas, moso da camara de Sua Mag.de e seu cosmographo. Em Lisboa, Anno 1622». Segundo Wieder, na introdução da obra vem a passagem «...padrões particulares, e as mais gerais ... das quais Luis Tex.ra meu pay ajuntou m.tas por ser muy antiguo profesor da arte de cosmographo».

9) 1623, *João Teixeira e Pedro Teixeira — Carta de ofício de João Baptista de Serga:* Em 7 de Dezembro de 1623 foi passada carta de mestre de cartas de marear a João Baptista de Serga, o qual foi examinado por Valentim de Sá, cosmógrafo-mor, sendo presente Pedro Teixeira, mestre de cartas de marear. Do mesmo documento consta que a petição de João Baptista de Serga para ser examinado foi deferida por alvará de 30 de Julho de 1622, e que nessa petição ele referia que «appremdera a fazer cartas de marear com João Teixeira, mestre desta arte, quatro annos» (9).

prays». Below this is written: «let fifty [dinars?] travelling expenses be allowed him and in addition the salary which is due for ten days which it will take from here to Lisbon, and this shall be taken from the money held by D. Baltasar de [Gongora?] besides what has been given to them. In the Junta, the 26th September 1619». On the verso is the further note: «the two brothers received [500?] and each took half, and, taking into account the 750 which João Teixeira had received, the amount was made up of what he had to have when he went to Lisbon».

5) 1621, *Pedro Teixeira Albernaz — Printed chart of southern South America:* Entitled «Examination of the Straits of Magellan and São Vicente made by order of His Majesty in the Real Consejo de Indias. They left Lisbon on the 27th September 1618 and arrived back at San Lucar the 9th July 1619. Master of two caravels Bartolome Garcia de Nodal, and Captain Gonzalo de Nodal. Cosmographer Diego Ramirez, pilot Juan Manço. Made by Don Pedro Teixeira e Albernaz Cosmographer of His Majesty». This chart is included in the book *Relacion del Viaje que ... hizieron los Capitanes Bartholome Garcia de Nodal, y Gonzalo de Nodal ... al descubrimiento del Estrecho nuebo de San Vicente ...*, published at Madrid in 1621 (5).

6) 1622, *João Teixeira Albernaz — Petition to be appointed to act in the office of cosmographer-major:* On the death of Manuel de Figueiredo, who had acted as cosmographer-major in the absence of the incumbent of this post, João Baptista Lavanha, various candidates applied for the vacancy in 1622, among them João Teixeira Albernaz, whose petition is thus abstracted in the only known document referring to it: «João Teixeira Albernaz alleges in his petition that he has the qualities necessary to serve in the said office, both by his knowledge of mathematics and the art of navigation and because he has practised the art of cosmographer-major many years, and for his ability was summoned by Your Majesty to the Court of Madrid to assist in making the description and map of the Strait of Magellan and São Vicente in which he showed such diligence as appears in the testimonial of the Secretary of Council of the Indies which he presents». The Controller of the *Armazéns* reported «that João Teixeira Albernaz is cosmographer-major and very experienced in making charts» and that «he studied mathematics for several years as a pupil of Fr. João Delgado who taught in the College of Santo Antão» (6). The successful candidate was Valentim de Sá, and the statement that João Teixeira Albernaz had previously been cosmographer-major is undoubtedly a copyist's error.

7) 1622, *João Teixeira Albernaz — Attestation in D. António de Ataíde's deposition:* In a very rare book, with the title «Charges which arose from the deposition which the governors of Portugal required from Dom António de Ataíde, Captain-general of the fleet of Portugal, concerning the loss of the ship from India *Nossa Senhora da Conceição,* which the enemy sank in the year 1621. And reply of Dom António to the charges», undated, but having at the end the subscription «In Lisbon 23 June 1622. Dom António de Ataíde», there is on fol. 10 an attestation beginning «I, João Teixeira Albernaz, cosmographer of His Majesty, affirm ...» and bearing the date 13 June 1622 (7).

8) 1622, *João Teixeira Albernaz — Description of the world:* In 1932 F. C. Wieder recorded (8), as existing in a private library in Holland which he did not name, a codex containing the work entitled «Universal description of all the navigable world, as it should be laid down in universal or particular sea-charts. By João Teixeira Albernaz, His Majesty's page of the chamber and cosmographer. In Lisbon, Anno 1622». According to Wieder, the introduction to the work contains the passage «... particular models, and more general ones ... many of which my father Luís Teixeira collected, being a very old practitioner of the cosmographer's art».

9) 1623, *João Teixeira and Pedro Teixeira — Patent of office of João Baptista de Serga:* On 7 December 1623 a patent as master of sea-charts was granted to João Baptista de Serga, who was examined by Valentim de Sá, cosmographer-major, in the presence of Pedro Teixeira, master of sea-charts. The same document states that the petition of João Baptista de Serga to be examined was granted by a decree of 30 July 1622 and that in this petition he affirmed that «he had studied the making of sea-charts for four years with João Teixeira, master of that art» (9).

---

(5) Ocupamo-nos pormenorizadamente desta carta no texto referente a Pedro Teixeira Albernaz, no final deste Volume.

(6) Documento do Arquivo Histórico Ultramarino, Lisboa, *Códice 34*, fl. 130, revelado e publicado por Frazão de Vasconcelos, *Diários da Navegação da Carreira da Índia nos séculos XVI e XVII*, separata de *Petrus Nonius*, Vol. II, fasc. IV, p. 8, Lisboa 1939.

(7) Não pudemos encontrar nenhum exemplar, pelo que nos limitamos a resumir o que a este respeito indica Sousa Viterbo 1898, p. 27.

(8) F. C. Wieder, *Monumenta Cartographica*, Vol. I, p. 106. The Hague 1932. Mais adiante trataremos pormenorizadamente do mesmo códice.

(9) Sousa Viterbo 1898, pp. 283-4.

(5) We shall discuss this chart in more detail in the text relating to Pedro Teixeira Albernaz at the end of this Volume.

(6) Document in the Arquivo Histórico Ultramarino, Lisboa, *Códice 34*, fl. 130, discovered and published by Frazão de Vasconcelos, *Diários da Navegação da Carreira da Índia nos séculos XVI e XVII*, off-print from *Petrus Nonius*, Vol. II, fasc. IV, p. 8, Lisboa 1939.

(7) As we have unable to locate a copy, we confine ourselves to summarizing the statement in Sousa Viterbo 1898, p. 27.

(8) F. C. Wieder, *Monumenta Cartographica*, Vol. I, p. 106. The Hague 1932. We shall deal with this codex in more detail below.

(9) Sousa Viterbo 1898, pp. 283-4.

10) 1636, *João Teixeira — Petição para o emprego de seu filho Estêvão Teixeira no levantamento dos Rios de Cuama.* Encontra-se redigida nos seguintes termos: «Snor. — Diz João teixr.ª cosmographo que ele tem hu filho por nome Estevão Teixr.ª que já seruiu a V. Mag.de na jornada da Bahia em companhia do general dõ Antonio de oquendo, e jornada de Biscaya em companhia do general Dõ pedro mascarenhas, como consta das certidões juntas. E porque he muy pratico na Arte de cosmographia e nauegação e podera seruir a V. Mag.de nesta jornada dos Rios de Cuama p.ª desenhar e sondar aqueles portos e trazer a V. Mag.de a uerdadeira demonstração delles cõ todas as conhesensas e mais particularidades necesarias p.ª cõ facilidade se conhecerẽ as entradas dos ditos portos e porẽ nas cartas de marear cõ a certeza necesaria a seguransa dos nauios que V. Mag.de jnuiar as ditas partes. Pera o que se oferese a V. Mag.de mandalo na dita jornada pera o sobre dito efeito lhe fasa merce de hua ajuda de custa p.ª apresto de sua pessoa. E p.ª se prouer dos Instrumentos nesesarios. E.R.M.» (10).

11) 1652, *João Teixeira — Consulta do Conselho Ultramarino sobre o Cabo de Boa Esperança:* Numa consulta datada de 21 de Fevereiro de 1652, a propósito de projectos dos Holandeses e Portugueses com vista a se estabelecerem no Cabo de Boa Esperança, diz-se a certa altura: «... E sendo agora visto, e considerado tudo, pareçe ao Cons.º q. u.º acharse de prez.te neste Rn.º G.ar Pr.ª dos Reis grande Pilloto, e q̃ deu ao Cosmografo joão teix.ª as notiçias q. elle rellata na sua informação, conuirá (e he asy neçessº) q. V. Mg.de m.de o dito g.ar Pr.ª e os Cosmografos se ajuntem ...» (11).

12) *Fins do século XVII, João Teixeira e João Teixeira Albernaz — Parecer de Manuel Pimentel sobre o atlas do Brasil de 1642:* No começo do atlas do Brasil assinado por João Teixeira e datado de 1642, existente na Biblioteca da Ajuda, vem o seguinte «Iuizo do merecimento desta obra» assinado por Manuel Pimentel: «Vi o liuro das demonstraçõis da costa do Brasil desde o Rio da Prata até o Para, feito por Ioaõ Teixeira no anno de 642, e conferindo com as cartas e com os Roteiros modernos, acho não estar conforme em a maior parte das distancias e rumos, posto que esteja conforme em algumas cousas. Mas principalmente está muito errado o primeiro mapa, em que se contem em ponto mais miudo toda a costa do Brasil com os graos das alturas pela margem e com a linha da demarcação entre as Coroas Portuguesas e Castelhana: porque primeiramente se encontra consigo mesmo em lançar a dita linha por aquella parte, e a rezaõ he porque naõ deuendo hauer de differença de longitud entre a Ilha de S. Antaõ de C. Verde e a dita Linha de demarcaçaõ mais que 370 leguas ou 22 gr. e hum quarto, este mapa uem a fazer esta differença de 30 graos, porque poem 27 gr. entre o C. de Santo Agostinho e a dita demarcaçaõ, a que, acrecentando tres que S. Antaõ está mais para o Oriente que o Cabo de Santo Agostinho, juntos tres com 27 fazem 30, naõ deuendo ser mais que 22 1/4. De que se segue estar este mapa errado, e eu entendo que foy copiado de alguma carta flamenga, que na Costa do Brasil naõ saõ tam ajustadas como as portuguesas modernas. Tenho uisto muitas outras cartas deste mesmo Ioaõ Teixeira e nenhuma dellas tem aquella certeza e exacçaõ que contem as que hoje descreve Ioaõ Teixeira Albernaz, Cosmographo de S. Magestade que Deos guarde, e outros dous que o dito Senhor mandou ensinar, e as fazem ja com perfeiçaõ. Este Ioaõ Teixeira Albernaz, que he neto do outro Ioaõ Teixeira, uio tambem este liuro e lhe reconheceo os mesmos erros, posto que o liuro seja feito por seu auó. Agora se estaõ fazendo padrois de todas as costas das Conquistas de Portugal, por ordem de Sua Magestade, que sera obra de estimaçaõ, porque nella se haõ de emendar todos estes defeitos das antigas e alguns das modernas, por muitas demonstraçois e Roteiros que meu pay Luis Serraõ Pimentel ajuntou, e outras conseguio o dito Ioaõ Teixeira Albernaz, que comigo uem conferir o que uay fazendo. Em summa, digo que este liuro naõ tem mais que boas pinturas e illuminaçõis».

O primeiro a referir-se a este parecer de Manuel Pimentel (sem o transcrever) foi Varnhagen, quando cita o atlas de 1642, caindo no lamentável equívoco de afirmar que o João Teixeira Albernaz (neto de João Teixeira) gabado por Pimentel é o autor do atlas do Brasil de 1627 (12). Esta errada opinião contribuíu por sua vez para confundir Sousa Viterbo, que se afirmou incapaz de concluir se o João Teixeira e o João Teixeira Albernaz das primeiras décadas do século XVII eram um ou dois cartó-

(10) Este documento foi revelado e publicado por Frazão de Vasconcelos, *Cosmógrafos, pilotos e construtores navais dos séculos XVI e XVII — Notas e documentos inéditos,* in *Arquivo Histórico de Marinha,* p. 150. Lisboa 1933. Encontra-se no Arquivo Histórico Ultramarino, Lisboa, *Papéis avulsos.*

(11) Arquivo Histórico Ultramarino, Lisboa, *Códice 14,* fl. 377. Devemos a indicação deste documento ao nosso amigo Prof. C. R. Boxer, a quem agradecemos. Ocupar-nos-emos mais pormenorizadamente da mesma consulta quando tratarmos do atlas de André Pereira dos Reis, de 1654, no Volume V.

(12) Francisco Adolfo de Varnhagen, *Reflexões criticas sobre o escripto do seculo XVI impresso com o titulo de Noticias do Brasil,* in *Collecção de Noticias para a Historia e Geografia das Nações Ultramarinas,* Tomo V, n.º 2, pp. 20-1. Lisboa 1836.

10) 1636, *João Teixeira — Petition for the employment of his son Estêvão Teixeira in the survey of the Cuama river:* «Sire. João Teixeira, cosmographer, states that he has a son named Estêvão Teixeira, who has already served Your Majesty on the expedition to Bahia in the company of the general Dom António de Oquendo and in the Biscay expedition with the general Dom Pedro Mascarenhas, as the attached testimonials certify. And because he is experienced in the art of cosmography and navigation, and will be able to serve your Majesty in this voyage to the Cuama river, in drawing and sounding these ports, and bringing to Your Majesty faithful observations of them with all the knowledge and other particulars necessary for the ready understanding of the entrance to the said ports with the certainty necessary for the safety of the ships which Your Majesty sends to the said regions. Wherefore he offers himself to Your Majesty to be sent on the said voyage for this purpose and begs for a grant of money for the preparation of his person and provision of the necessary instruments. And your petitioner humbly prays» (10).

11) 1652, *João Teixeira — Report of the Conselho Ultramarino on the Cape of Good Hope:* In a report of 21 February 1652, regarding the projects of the Dutch and Portuguese for establishing themselves at the Cape of Good Hope, it is stated in one passage: «... And seeing and considering all these things, it appears to the Council that since it is known that Gaspar Pereira dos Reis, a great pilot, is now in this Kingdom and has given to the cosmographer João Teixeira the information set down in his report, it will be proper (and indeed necessary) that Your Majesty should order the said Gaspar Pereira and the cosmographers to meet ...» (11).

12) *End of the XVII century, João Teixeira and João Teixeira Albernaz — Report of Manuel Pimentel on the atlas of Brazil of 1642:* At the beginning of the atlas of Brazil signed by João Teixeira and dated 1642, in the Biblioteca da Ajuda, is the following «Judgment of the merits of this work», signed by Manuel Pimentel: «I have seen the book of delineations of the coast of Brazil from the River Plate to the Pará, made by João Teixeira in the year 1642, and comparing it with modern charts and rutters, I find that it does not agree with them in the greater part of the distances and rhumbs, although there is agreement in some things. The first map especially is much in error, containing on a smaller scale the whole coast of Brazil with the degrees of latitude in the margin and with the line of demarcation between the Crowns of Portugal and Castille: because (in the first place) he contradicts himself in making the said line run through this part, and the reason is that, whereas the difference of longitude between the island of Santo Antão of Cape Verde and the said line of demarcation should be no more than 370 leagues or 22 1/4 degrees, this map makes the difference 30 degrees, since it lays down C. de Santo Agostinho and the demarcation line at 27 degrees apart, which, with the addition of three degrees further east for the distance from C. de Agostinho to S. Antão, three and 27 make 30, ought not to be more than 22 1/4. Wherefore this map is erroneous, and I understand that it was copied from some Flemish chart, in which the coast of Brazil was not so correctly laid down as in the modern Portuguese charts. I have seen many other charts by this very João Teixeira, and none of them has the reliability and precision of those drawn to-day by João Teixeira Albernaz, Cosmographer of His Majesty (whom God preserve), and by two others whom the said Lord has had instructed, and who make them perfectly. This João Teixeira Albernaz, who is a grandson of the other João Teixeira, has also seen this book and observed the same errors in it, although the book was made by his grandfather. Now master-charts are being made of all the Conquests of Portugal, by order of His Majesty, which will be a work of consequence, since in it all these faults in the old charts and some in modern ones are being corrected, by many observations and rutters that my father Luís Serrão Pimentel collected, and others obtained by the said João Teixeira Albernaz, who comes to discuss with me what is being made. In sum, I say that this book has nothing in it but good paintings and illuminations».

The first to mention this report of Manuel Pimentel (but without transcribing it) was Varnhagen, in referring to the 1642 atlas, although he committed the lamentable blunder of stating that the João Teixeira Albernaz (grandson of João Teixeira) praised by Pimentel was the author of the 1627 atlas of Brazil (12). His opinion helped to confuse Sousa Viterbo, who admitted that he was unable to decide whether the João Teixeira and the João Teixeira Albernaz of the first decades of the XVII century were one or two

(10) This document was discovered and published by Frazão de Vasconcelos, *Cosmógrafos, pilotos e construtores navais dos séculos XVI e XVII — Notas e documentos inéditos,* in *Arquivo Histórico de Marinha,* p. 150. Lisboa 1933. It is in the Arquivo Histórico Ultramarino, Lisboa, *Papéis avulsos.*

(11) Arquivo Histórico Ultramarino, Lisboa, *Códice 14,* fl. 377. We are indebted to our friend Professor C. R. Boxer, whom we thank, for the reference to this document. We shall discuss this report more fully when we deal with the atlas of 1654 by André Pereira dos Reis, in Volume V.

(12) Francisco Adolfo de Varnhagen, *Reflexões criticas sobre o escripto do seculo XVI impresso com o titulo de Noticias do Brasil,* in *Collecção de Noticias para a Historia e Geografia das Nações Ultramarinas,* Tomo V, n.º 2, pp. 20-1. Lisboa 1836.

grafos distintos (13). O Barão do Rio-Branco, em 1899, conheceu o texto do parecer, de que transcreve a parte indicando o parentesco do João Teixeira avô e do João Teixeira Albernaz neto, assim como as conclusões de Pimentel quanto aos méritos do primeiro — o que convinha à exposição dos seus pontos de vista no litígio franco-brasileiro, a fim de desacreditar o autor dos atlas de 1640 e 1642, a quem chama «desenhador» (14). Também em 1904, em nota de Ramalho Ortigão, foi referido brevemente o parecer de Pimentel e anotado que o «cosmographo João Teixeira foi avô do cosmographo João Teixeira Albernaz, egualmente cosmographo de Sua Magestade» (15). Aquele parecer foi finalmente publicado na íntegra por Luís Ferrand de Almeida (16). Mais adiante voltaremos a tratar dele e mostraremos que é tendencioso.

13) 1699, *João Teixeira Albernaz — Decreto mandando dar-lhe uma importância mensal por conta dos soldos do seu sobrinho Francisco da Silva Albernaz, engenheiro que ia para Mombaça* (17).

São estes os documentos conhecidos relativos a cartógrafos com os nomes de João Teixeira e João Teixeira Albernaz. Antes de os discutirmos temos de enumerar as obras conhecidas contendo essas duas assinaturas:

Com a assinatura de João Teixeira	*Com a assinatura de João Teixeira Albernaz*
1) Atlas de c. 1626	
	2) Atlas de 1627
3) Atlas de 1630	
	4) Atlas de 1631
5) Atlas de 1640 (1 original e 4 cópias)	
6) Atlas de 1642 (com o parecer de M. Pimentel)	
7) Atlas de 1643	
8) Carta de 1645	
9) Carta de 1646	
10) 4 Atlas de 1648	
11) 2 Cartas de 1649	
12) Carta de 1655	
	13) Carta de 1665
	14) Atlas de 1665
	15) Atlas de 1666
	16) Carta de 1667
	17) Atlas de 1670
	18) Carta de 1675
	19) Carta de 1676
	20) Carta de 1677
	21) Carta de 1681

Da análise comparativa do estilo e letra destas obras pode concluir-se que:

a) As obras 1) a 11) são de um mesmo autor; *b*) as obras 13) a 21) são de um mesmo autor distinto do anterior; *c*) a obra 12) não está tão nìtidamente dentro de um dos dois grupos referidos, mas aproxima-se bastante mais das do segundo grupo; *d*) em todas as obras do primeiro grupo o autor intitula-se «cosmógrafo», acrescentando na 2) «moço da câmara de Sua Magestade», excepto nas quatro de 10), em que se denomina de «cosmógrafo-mor»; *e*) só nas obras 13), 14), 16), 17) e 18) do 2.º grupo o autor se intitula «cosmógrafo», designação ausente nas restantes; *f*) nas obras 1) a 11) a assinatura é em letra desenhada, enquanto nas obras 12) a 21) é em letra corrente.

Em resumo, através da análise do estilo e letra das obras podem constituir-se dois grupos, o mais antigo da autoria de um cartógrafo João Teixeira I ou João Teixeira Albernaz I, e o mais moderno da autoria de um cartógrafo João Teixeira II ou João Teixeira Albernaz II. Vamos agora ver como a análise dos documentos atrás indicados comprova inteiramente esta conclusão, isto é, que houve dois cartógrafos homónimos, avô e neto, o primeiro dos quais assinava de preferência apenas como João Teixeira, enquanto o segundo assinava geralmente como João Teixeira Albernaz.

(13) Sousa Viterbo 1898, pp. 26-7. Se Sousa Viterbo tivesse visto o parecer no atlas de 1642 teria provàvelmente deslindado, ou pelo menos aclarado, o caso.

(14) *Obras do Barão do Rio-Branco, III — Questões de limites, Guiana Francesa, 1.ª Memória*, pp. 179-80. Rio de Janeiro 1945 (primeira edição em 1899).

(15) Ernesto de Vasconcelos, *Exposição de Cartografia Nacional (1903-1904) — Catálogo*, n.º 32. Lisboa 1904.

(16) *A diplomacia portuguesa e os limites meridionais do Brasil*, Vol. I, p. 314. Coimbra 1957.

(17) Este documento, que nos foi comunicado pelo Dr. Jaime Cortesão, encontra-se no Arquivo Nacional da Torre do Tombo, *Livro 1.º de Decretos* (Conselho Ultramarino), fl. 197 v, e dele nos ocuparemos quando tratarmos de João Teixeira Albernaz II, no Volume V.

distinct cartographers (13). The Baron do Rio-Branco, in 1899, knew the text of the report, from which he transcribed the passage on the relationship between João Teixeira the grandfather and João Teixeira Albernaz the grandson, together with Pimentel's conclusions on the merits of the former — which served in the exposition of his case in the dispute between France and Brazil, with the object of discrediting the author of the atlases of 1640 and 1642, whom he calls a «draughtsman» (14). Again, in 1904 Pimentel's report was briefly cited in a note by Ramalho Ortigão, with the comment that «the cosmographer João Teixeira was grandfather of the cosmographer João Teixeira Albernaz, likewise cosmographer of His Majesty» (15). The report was eventually published in full by Luís Ferrand de Almeida (16). But in discussing it later we shall show that it is tendentious.

13) 1699, *João Teixeira Albernaz — Decree ordering that he be given a monthly allowance on account of the pay of his nephew Francisco da Silva Albernaz, an engineer going to Mombasa* (17).

These are the known documents referring to the cartographers named João Teixeira and João Teixeira Albernaz. Before entering on a discussion of them, we have to list the known works bearing these two signatures:

With the signature João Teixeira	*With the signature João Teixeira Albernaz*
1) Atlas of c. 1626	
	2) Atlas of 1627
3) Atlas of 1630	
	4) Atlas of 1631
5) Atlas of 1640 (1 original and 4 copies)	
6) Atlas of 1642 (with the report of M. Pimentel)	
7) Atlas of 1643	
8) Chart of 1645	
9) Chart of 1646	
10) 4 Atlases of 1648	
11) 2 Charts of 1649	
12) Chart of 1655	
	13) Chart of 1665
	14) Atlas of 1665
	15) Atlas of 1666
	16) Chart of 1667
	17) Atlas of 1670
	18) Chart of 1675
	19) Chart of 1676
	20) Chart of 1677
	21) Chart of 1681

Comparative analysis of the style and writing in these works leads to the conclusion that:

a) Nos. 1) to 11) are by a single author; *b*) nos. 13) to 21) are by a single author, distinct from the first; *c*) no. 12) does not fall clearly within either of these two groups, but has somewhat more affinity with the second; *d*) in all the works of the first group the author styles himself «cosmographer», adding in no. 2) «page of His Majesty's chamber», except in the four works forming no. 10), in which he is called «cosmographer-major»; *e*) of the second group, it is only in nos. 13), 14), 16), 17) and 18) that the author is styled «cosmographer», a description which is absent from the others; *f*) in nos. 1) to 11) the signature is in formal lettering, while in nos. 12) to 21) it is written in a cursive hand.

In short, analysis of style and writing enables us to distinguish two groups, the earlier from the hand of a cartographer João Teixeira I or João Teixeira Albernaz I, the later from the hand of a cartographer João Teixeira II or João Teixeira Albernaz II. As we shall now see, analysis of the documents listed above completely supports the conclusion that there were two homonymous cartographers, grandfather and grandson, the first of whom preferred to sign himself merely João Teixeira, while the second generally signed João Teixeira Albernaz. In regard to the first, we must

(13) Sousa Viterbo 1898, pp. 26-7. If Sousa Viterbo had seen the report on the 1642 atlas he would probably have settled, or at least clarified, the issue.

(14) *Obras do Barão do Rio-Branco, III — Questões de limites, Guiana Francesa, 1.ª Memória*, pp. 179-80. Rio de Janeiro 1945 (first edition in 1899).

(15) Ernesto de Vasconcelos, *Exposição de Cartografia Nacional (1903-1904) — Catálogo*, n.º 32. Lisboa 1904.

(16) *A diplomacia portuguesa e os limites meridionais do Brasil*, Vol. I, p. 314. Coimbra 1957.

(17) This document, which was communicated to us by Dr Jaime Cortesão, is in the Arquivo Nacional da Torre do Tombo, *Livro 1.º de Decretos* (Conselho Ultramarino), fl. 197 v, and we shall discuss it when dealing with João Teixeira Albernaz II, in Volume V.

Deve ainda notar-se, em relação ao primeiro, que só no período 1621-1631 os documentos ou as suas obras conhecidas trazem o nome João Teixeira Albernaz, e isso não sucede antes nem depois, o que poderá ter algum significado — talvez de ordem familiar — que nos escapa.

Dos documentos 1) (1602) e 3) (1612) verifica-se que o cartógrafo João Teixeira era filho do cartógrafo Luís Teixeira. Por outro lado, no documento 8) (1622) o cartógrafo João Teixeira Albernaz afirma-se filho de Luís Teixeira, «muy antiguo profesor da arte de cosmographo». A menos que se admita terem vivido então dois cartógrafos com o nome de Luís Teixeira — do que vimos não haver quaisquer provas (18) — tem de concluir-se que o João Teixeira dos primeiros documentos e o João Teixeira Albernaz do último eram uma e a mesma pessoa. Os documentos 4) a 6) comprovam aliás tal ideia. Assim, do documento 4) (1619) verifica-se que os irmãos João Teixeira e Pedro Teixeira foram em 1619 a Madrid para fazer a carta dos resultados da expedição dos irmãos Nodal, e a assinatura do documento 5) (1621) mostra que o nome completo do segundo deles era Pedro Teixeira Albernaz, o que leva a supor que o outro também teria o mesmo apelido Albernaz. Esta suposição é confirmada pelo documento 6) (1622); aí o cartógrafo João Teixeira Albernaz afirma expressamente ter ido em 1619 a Madrid para elaborar a carta da expedição dos irmãos Nodal e refere-se como prova à certidão (documento 4) na qual vem mencionado apenas pelo nome incompleto de João Teixeira. Em resumo, dos documentos que foram apresentados conclui-se seguramente que na primeira metade do século XVII trabalhou um cartógrafo João Teixeira I ou João Teixeira Albernaz I, o qual tinha como irmão o cartógrafo Pedro Teixeira ou Pedro Teixeira Albernaz, sendo ambos filhos do cartógrafo Luís Teixeira. Do documento 10) (1636) verifica-se por sua vez que esse João Teixeira I era pai de Estêvão Teixeira, também dado às artes de cartógrafo, mas de quem hoje não se conhece qualquer obra assinada. Do documento 13) (fins do século XVII) fica-se a saber finalmente que na segunda metade do século XVII trabalhou um outro cartógrafo João Teixeira Albernaz II, neto de João Teixeira Albernaz I, e portanto filho de Estêvão Teixeira ou de algum irmão ou irmã deste.

Sintetizando os dados expostos e os que foram indicados a propósito de outros cartógrafos da mesma família, apresenta-se na página seguinte o esquema genealógico dos cartógrafos Teixeiras.

Houve ainda um Miguel Albernaz, cosmógrafo, que em 1632 foi nomeado para fazer o «descobrimento de alguns portos da Guiné», e possìvelmente pertenceu à mesma família (19).

Foi esta a mais extensa família conhecida de cartógrafos portugueses, pois os seus membros fizeram cartas durante, pelo menos, seis gerações sucessivas.

Resumindo o que se sabe acerca de João Teixeira I ou João Teixeira Albernaz I, verifica-se que ele deve ter nascido nos fins do terceiro ou começos do último quartel do século XVI. Era natural de Lisboa, e aprendeu a sua arte com seu pai, o categorizado cartógrafo Luís Teixeira, tendo ainda estudado matemática com o P.e João Delgado no Colégio de Santo Antão (20). Em Outubro de 1602 recebeu a carta de ofício de mestre de cartas de marear e instrumentos náuticos, sendo examinado pelo Cosmógrafo-mor João Baptista Lavanha na presença de Francisco Luís. Pouco depois, em Janeiro de 1605, foi nomeado cartógrafo dos Armazéns da Casa da Guiné e Índia, passando a executar parte das cartas e instrumentos náuticos para as armadas reais. Em 1612, na viagem de Goa para o Reino na *Nossa Senhora de Guadalupe,* D. António de Ataíde utilizou «quarteirões» de João Teixeira e uma carta de Luís Teixeira. Em Agosto de 1619, juntamente com o seu irmão Pedro Teixeira ou Pedro Teixeira Albernaz, foi levado por Gonçalo de Nodal para Madrid, a fim de executarem a nova carta dos estreitos de Magalhães e de S. Vicente. Em fins de Setembro regressou a Lisboa, invocando a necessidade de trabalhar em cartas para os navios da Coroa de Portugal, o que é indício de que a sua actividade em tal aspecto deve ter sido considerável. O irmão deve ter ficado mais algum tempo em Espanha, e a carta gravada na Relação da viagem dos irmãos Nodal traz apenas a sua assinatura, embora se saiba que João Teixeira também colaborou nesses trabalhos (21). Em 1622, por morte de Manuel de Figueiredo, que tinha a serventia do lugar de cosmógrafo-mor na ausência em Espanha do proprietário do lugar, João Baptista Lavanha, requereu João Teixeira Albernaz o provimento nessa serventia, mas a nomeação veio a recair em

(18) Volume III, pp. 41-50, da presente obra.

(19) Segundo documentos indicados por Frazão de Vasconcelos, *Cosmógrafos, cartógrafos, pilotos e construtores navais dos séculos XVI e XVII — Notas e documentos inéditos,* in *Arquivo Histórico de Marinha,* Vol. I, n.º 2, pp. 156-7. Lisboa 1933.

(20) O que teria sido antes de 1612, ano em que faleceu o referido sacerdote.

(21) O que poderia explicar — a menos que se trate de engano — o facto de na segunda edição de Antonio León Pinelo, *Epitome de la bibliotheca oriental, y occidental, nautica, y geografica,* Vol. III, col. 1718, Madrid 1738, vir indicado João Teixeira Albernaz como autor da carta impressa na referida Relação.

also note that only in the period 1621-1631, and neither before nor after, do his known works or documents refer to him as João Teixeira Albernaz; this fact may have some significance — perhaps a commonplace one — which escapes us.

Documents 1) (1602) and 3) (1612) show that the cartographer João Teixeira was the son of the cartographer Luís Teixeira. On the other hand, in document 8) (1622) the cartographer João Teixeira Albernaz claims to be the son of Luís Teixeira, «a very old practitioner of the cosmographer's art». Unless we suppose that two cartographers named Luís Teixeira were then living — and there is not a particle of evidence for this (18) — we must come to the conclusion that the João Teixeira of the earlier documents and the João Teixeira Albernaz of the later were one and the same person. Documents 4) to 6) also support this view. Thus document 4) (1619) discloses that in 1619 the brothers João Teixeira and Pedro Teixeira were in Madrid to make a chart of the results of the expedition of the Nodal brothers, and the signature of document 5) (1621) shows that the full name of the second was Pedro Teixeira Albernaz, which suggests that the other brother also had the same surname of Albernaz. This conjecture is confirmed by document 6) (1622); here the cartographer João Teixeira Albernaz expressly states that he had gone to Madrid in 1619 to prepare the chart of the Nodal expedition and cites in support the certificate (document 4) in which he is mentioned only under the incomplete name of João Teixeira. In short, the documents adduced here lead to the confident conclusion that a cartographer João Teixeira I or João Teixeira Albernaz I was working in the first half of the XVII century and that his brother was the cartographer Pedro Teixeira or Pedro Teixeira Albernaz, both men being sons of the cartographer Luís Teixeira. Document 10) (1636) reveals that this João Teixeira I was the father of Estêvão Teixeira, who also practised as a cartographer, but no signed work by whom is known. From document 13) (end of the XVII century) we learn that in the second half of the XVII century another cartographer João Teixeira Albernaz II was at work; he was a grandson of João Teixeira Albernaz I, and consequently a son of Estêvão Teixeira or of a brother or sister of his.

The facts set out above and those cited in regard to other cartographers of the same family are shown in the genealogical table of the Teixeiras, cartographers, in the next page.

There was also a Miguel Albernaz, cosmographer, who was in 1632 appointed to make «the discovery of some ports of Guinea», and perhaps belonged to the same family (19).

This is the largest known family of Portuguese cartographers, since its members produced charts over at least six successive generations.

To sum up our information regarding João Teixeira I or João Teixeira Albernaz I, we know that he must have been born at the end of the third or beginning of the fourth quarter of the XVI century. A native of Lisbon, he learnt his art from his father, the well-known cartographer Luís Teixeira, and also studied mathematics under Fr. João Delgado in the College of Santo Antão (20). In October 1602 he received his patent of office as master of sea-charts and nautical instruments, after examination by the Cosmographer-major João Baptista Lavanha in the presence of Francisco Luís. Not long after this, in January 1605, he was appointed cartographer of the *Armazéns da Casa da Guiné e Índia,* where he constructed some of the charts and nautical instruments for the royal fleets. In 1612, on his voyage from Goa to Portugal in the *Nossa Senhora de Guadalupe,* D. António de Ataíde made use of «particular charts» by João Teixeira and a chart by Luís Teixeira. In August 1619, with his brother Pedro Teixeira or Pedro Teixeira Albernaz, he was taken to Madrid by Gonzalo de Nodal, to execute the new chart of the Straits of Magellan and of S. Vicente. At the end of September he returned to Lisbon under plea of an obligation to work on charts for the ships of the Portuguese Crown, which suggests that his activity in this capacity must have been considerable. His brother must have remained longer in Spain, and the engraved chart in the Relation of the voyage of the Nodal brothers bears only his signature, although we know that João Teixeira also collaborated in this task (21). In 1622, on the death of Manuel de Figueiredo, who exercised the duties of cosmographer-major during the absence of the incumbent, João Baptista Lavanha, in Spain, João Teixeira Albernaz applied for appointment to the vacant post, but the choice fell on Valentim de Sá.

(18) Volume III, pp. 41-50, of the present work.

(19) From documents cited by Frazão de Vasconcelos, *Cosmógrafos, cartógrafos, pilotos e construtores navais dos séculos XVI e XVII — Notas e documentos inéditos,* in *Arquivo Histórico de Marinha,* Vol. I, n.º 2, pp. 156-7. Lisboa 1933.

(20) This must have been before 1612, the year in which the priest referred to died.

(21) This may explain — unless it is merely a mistake — the attribution of the printed chart in the aforesaid Relation to João Teixeira Albernaz, in the second edition of Antonio León Pinelo, *Epitome de la bibliotheca oriental, y occidental, nautica, y geografica,* Vol. III, col. 1718. Madrid 1738.

Valentim de Sá. Por essa altura, 1622, prestou declarações na devassa contra D. António de Ataíde por motivo da perda da nau *Nossa Senhora da Conceição*. Foi também nesse período, e durante quatro anos, que ensinou a sua arte a João Baptista de Serga, o qual foi examinado e aprovado em Julho de 1622. Em 1636 fez uma petição para que o seu filho Estêvão

At this time (1622), João Teixeira made affirmations in the deposition against D. António de Ataíde on account of the loss of the ship *Nossa Senhora da Conceição*. In this period also, for four years, he instructed in his art João Baptista de Serga, who was examined and approved in July 1622. In 1636 he petitioned that his son Estêvão Teixeira should go to «draw and sound»

ESQUEMA GENEALÓGICO DOS CARTÓGRAFOS TEIXEIRAS

GENEALOGICAL TABLE OF THE TEIXEIRAS, CARTOGRAPHERS

I. PERO FERNANDES (*a*)

Cartógrafo da Casa da Índia em 1558
Fazia cartas em 1565

Cartographer of the Casa da Índia in 1558
Making charts in 1565

II. LUÍS TEIXEIRA (*b*)

Carta de ofício em 1564. Cartógrafo da Casa da Índia em 1569. Morreu entre 1613 e 1622. Cartas assinadas de 1584, 1587, 1595, fins séc. XVI, c.1600, c.1600, 1602. Cartas anónimas de 1582, c.1585, c.1586, c.1590, fins séc. XVI, c. 1610, 1612.

Patent of office, 1564. Cartographer of the Casa da Índia in 1569. Died between 1613 and 1622. Signed charts: 1584, 1587, 1595, end XVI cent., c.1600, c.1600, 1602. Anonymous charts: 1582, c.1585, c.1586, c.1590, end XVI cent., c.1610, 1612.

II. MARCOS FERNANDES (*c*)

Carta de ofício em 1582.

Patent of office, 1582.

II. DOMINGOS TEIXEIRA? (*d*)

Fazia cartas em 1565. Cartas assinadas de c. 1570 e 1573.

Making charts in 1565. Signed charts: c. 1570 and 1573.

II. ?

?

?

III. JOÃO TEIXEIRA I = JOÃO TEIXEIRA ALBERNAZ I

Carta de ofício em 1602. Cartógrafo da Casa da Índia em 1605. Ainda vivia em 1652. Cartas assinadas de 1622, c. 1626, 1627, 1630, 1631, 1640, 1642, 1643, 1645, 1646, 1648, 1649. Cartas anónimas de c.1616, c.1628, c.1632, c.1640, c.1648.

Patent of office, 1602. Cartographer of the Casa da Índia in 1605. Still alive in 1652. Signed charts: 1622, c.1626, 1627, 1630, 1631, 1640, 1642, 1643, 1645, 1646, 1648, 1649. Anonymous charts: c. 1616, c. 1628, c. 1632, c. 1640, c. 1648.

III. PEDRO TEIXEIRA = PEDRO TEIXEIRA ALBERNAZ (*e*)

Trabalhou em Espanha na última parte da sua existência. Cartas de 1621, 1656 e 1662.

Worked in Spain in the later part of his life. Charts of 1621, 1656 and 1662.

III. PEDRO DE LEMOS (*f*)

Carta de ofício de 1586. Cartógrafo da Casa da Índia em 1596. Carta de 1594.

Patent of office, 1586. Cartographer of the Casa da Índia in 1596. Chart of 1594.

IV. ESTÊVÃO TEIXEIRA

IV. ?

Em 1636 ofereceu-se para o levantamento do Rio Cuama.

In 1636 he volunteered for the survey of the Cuama river.

?

?

V. JOÃO TEIXEIRA ALBERNAZ II (*g*)

V. ?

Era vivo em 1699. Cartas assinadas de 1655, c.1660, 1665, 1666, 1667, 1670, 1675, 1676, 1677, 1681. Cartas anónimas de c.1660.

Was alive in 1699. Signed charts: 1655, c.1660, 1665, 1666, 1667, 1670, 1675, 1676, 1677, 1681. Anonymous charts: c.1660.

VI. FRANCISCO DA SILVA ALBERNAZ (*g*)

Em 1699 foi nomeado para engenheiro em Mombaça, morrendo à chegada a Goa.

In 1699 he was appointed engineer for Mombasa, dying on his arrival at Goa.

(*a*) Vide Vol. I, pp. 113-4. Há uma carta assinada por Pero Fernandes e datada de 1528, o que poderia sugerir que se trata de outro cartógrafo, possìvelmente pai do que foi nomeado para a Casa da Índia em 1558.

(*b*) Vide Vol. III, pp. 41-9.

(*c*) Vide o presente Volume, p. 35.

(*d*) Vide Vol. II, pp. 119-22. Possìvelmente irmão de Luís Teixeira, mas não há a certeza.

(*e*) Vide Vol. IV, pp. finais.

(*f*) Só se sabe que era sobrinho de Luís Teixeira. Vide Volume IV, pp. 35-6.

(*g*) A tratar no Vol. V. A data de c.1660 para um atlas anónimo e outro assinado é provisória, e será confirmada ou rectificada ao estudar a obra desse cartógrafo.

(*a*) See Vol. I, pp. 113-4. There is a chart signed by Pero Fernandes and dated 1528, which might suggest that this was a different cartographer, possibly the father of the one appointed to the Casa da Índia in 1558.

(*b*) See Vol. III, pp. 41-9.

(*c*) See present Volume, p. 35.

(*d*) See Vol. II, pp. 119-22. Possibly a brother of Luís Teixeira, but this is uncertain.

(*e*) See Vol. IV, last pages.

(*f*) We know only that he was a nephew of Luís Teixeira. See Volume IV, pp. 35-6.

(*g*) To be discussed in Vol. V. The date c.1660 for one anonymous and one signed atlas is provisional and subject to confirmation in our further study of this cartographer's work.

Teixeira fosse «desenhar e sondar» os Rios de Cuama. Nos quatro atlas da Costa de Portugal de 1648 intitula-se de cosmógrafo-mor, designação que poderá ser devida a um engano do copista ou ajudante que delineou os frontispícios, mas também poderá ter origem em factos ainda mal esclarecidos. Com efeito, em 1646 o Cosmógrafo-mor António de Mariz Carneiro foi deportado para o Brasil por motivos desconhecidos. Numa consulta do Conselho Ultramarino, de Julho de 1646, pede-se a el-Rei que seja diminuída a pena de Mariz Carneiro, permitindo-se-lhe que ficasse no Reino a desempenhar as funções de cosmógrafo-mor mas sem vencimentos. D. João IV, em 4 de Agosto de 1646, indeferiu a pretensão (22), e em 13 de Julho de 1647 nomeou para o cargo Luís Serrão Pimentel, indicando-se no documento respectivo haver este «seruido de alguns annos a esta parte o cargo de cosmographo mor deste Reino e lente de matematica com satisfação por impedimento do proprietario». Ora é datado precisamente de 1646 um atlas de João Teixeira da costa de Portugal, ao que parece na Biblioteca Nazionale, de Florença, mas que não conseguimos aí encontrar em 1954 (23). Teria então, ainda que por breve período, João Teixeira desempenhado as funções de cosmógrafo-mor, e como tal figuraria no frontispício do atlas de 1646, o qual teria sido copiado, sem a devida alteração, em 1648, quando Serrão Pimentel já estava nomeado? Não o pudemos esclarecer, mas de qualquer maneira fica registada a coincidência de só nos atlas de 1648 João Teixeira se apresentar como cosmógrafo-mor, na altura em que Mariz Carneiro estava deportado no Brasil (24). As últimas obras conhecidas de João Teixeira I são datadas de 1649, afigurando-se como mais provável que o João Teixeira referido na consulta do Conselho Ultramarino de Fevereiro de 1652 seja ainda ele e não o neto, que nessa altura devia ser muito jovem (pois ainda vivia em 1699), se bem que a carta assinada e datada de 1655 pareça já ser deste. É natural que não vivesse muitos mais anos, dado que não teria então menos de setenta anos de idade (supondo que teria vinte quando em 1602 teve carta de ofício) e não se conhecem dele obras posteriores a 1649.

Ficou assim exposto tudo o que conseguimos apurar a respeito da biografia de João Teixeira Albernaz I. Como ele foi um cartógrafo muito activo e esteve ligado a acontecimentos importantes da primeira metade do século XVII, é de supor que existam nos arquivos portugueses e espanhóis outros documentos que nos elucidem melhor acerca da sua existência. Lamentamos não ter podido proceder a buscas sistemáticas a tal respeito, mas agora, que foram reunidos os elementos biográficos até aqui dispersos, que foi destrinçado o problema dos cartógrafos homónimos que tem dado origem a tantas confusões, e, finalmente, que é reproduzida pràticamente na totalidade a extensa obra cartográfica deste filho de Luís Teixeira, esperamos que fique consideràvelmente facilitado o trabalho dos investigadores que se disponham a fazer novas pesquisas (25).

A OBRA

Antes de tratarmos dos trabalhos conhecidos de João Teixeira Albernaz I convém falar de mais dois ou três, hoje de paradeiro ignorado. Assim, em 12 de Novembro de 1604 vendeu-se em Antuérpia uma carta universal de *Jo-Tessera* por oito florins, como consta dos registos da firma Christophe Plantijn, e no mês seguinte igualmente se venderam quatro outras cartas de *Texera,* estas provàvelmente de Luís Teixeira (26).

Como dissemos atrás, F. C. Wieder, em 1932, referiu a existência, numa biblioteca particular da Holanda que não precisou, de um códice in 4.º contendo três partes escritas no mesmo papel e com a mesma letra (27):

a) *Derrotero de España a Nombre de Dios,* datado de Madrid, 13 de Junho de 1617, 20 fólios.

b) «*Discripção universal do maritimo de toda a terra navegavel assim como se deve çituar nas cartas de marear, universais ou particulares.* Por Ioão Teix.ra Alvernas, moso da camara de Sua Mag.de e seu cosmographo. Em Lisboa, Anno 1622». Wieder transcreveu da respectiva introdução a

(22) Estes factos foram revelados por Frazão de Vasconcelos, *Subsídios para a história da Carreira da Índia no tempo dos Filipes — XI, Os cosmógrafos-mores,* in *Boletim Geral do Ultramar,* n.º 402, pp. 215-8. Lisboa, Dezembro 1958.

(23) Cf. o que a este respeito escrevemos adiante ao tratar dos atlas de 1648.

(24) É curioso registar que Mariz Carneiro é autor do *Regimento de Pilotos e Roteiro das Navegações da India Oriental,* etc., Lisboa 1642, que contém umas lastimosas estampas dos portos e barras da Península Ibérica, ao pé das quais as cartas de João Teixeira de 1648 fazem figura de obras primas. Perante esta e outras inépcias de Mariz Carneiro, que foi um grande plagiador, João Teixeira devia sentir-se autorizado a aspirar ao cargo de cosmógrafo-mor.

(25) Esclarecemos no entanto que os Senhores Gaspar de Almeida e Frazão de Vasconcelos nada de novo conseguiram até agora encontrar nas pesquisas a que procederam no Arquivo da Torre do Tombo.

(26) J. Denucé, *Oud-Nederlandsche Kaartmakers in betrekking met Plantijn,* pp. 271, 275, 277. Den Haag 1912-3. No Volume III, p. 48, a propósito de Luís Teixeira, ocupámo-nos mais desenvolvidamente deste caso.

(27) F. C. Wieder 1932, Vol. IV, p. 106.

the Cuama (Zambezi) river. In the four atlases of the coast of Portugal, 1648, he styles himself cosmographer-major; this designation might be a mistake by the copyist or assistant who drew the title pages, but it might also arise from circumstances which are still obscure. In fact, in 1646 the Cosmographer-major António de Mariz Carneiro was deported to Brazil for unknown reasons. A report of the Conselho Ultramarino in July 1646 petitions the King for an abatement in Mariz Carneiro's punishment which would allow him to reside in the Kingdom and discharge the duties of cosmographer-major but without salary. On 4 August 1646 King John IV refused this request (22), and on 13 July 1647 he appointed to the office Luís Serrão Pimentel, who is stated, in the document in question, to have «satisfactorily discharged for some years the duties of cosmographer-major of this Kingdom and of professor of mathematics, because of the incapability of the incumbent». Now this very date 1646 is borne by an atlas of the coast of Portugal by João Teixeira, which is said to be in the Biblioteca Nazionale, Florence, but which we were unable to find there in 1954 (23). Could João Teixeira at that time, however briefly, have carried out the duties of cosmographer-major, and been so described on the title-page of the 1646 atlas, which was subsequently copied, without the necessary alteration, in 1648, when Serrão Pimentel had already been appointed? We cannot say, but (however that may be) there is the coincidence that João Teixeira is referred to as cosmographer-major only in the 1648 atlases, at the time when Mariz Carneiro had been deported to Brazil (24). The last known works of João Teixeira are dated 1649, but it seems very probable that the João Teixeira mentioned in the report of the Conselho Ultramarino in February 1652 is still the same man, and not his grandson, who must at this time (since he was still alive in 1699) have been very young, even though the signed chart with the date 1655 is apparently by the latter. João Teixeira I cannot have lived much longer, since he must then have been not less than seventy years of age (if we assume that in 1602, on receiving his patent of office, he was twenty), and no works by him are known after 1649.

This is all that we have been able to ascertain about the life of João Teixeira Albernaz I. In view of his great activity as a cartographer and his association with many important events throughout the first half of the XVII century when he was at work, we may suppose that the Portuguese and Spanish archives contain yet more documents which would throw further light on his long career. We have unfortunately not been able to carry out a systematic search for them; as, however, we have assembled all the scattered biographical materials, duly solved the problem of the two homonymous cartographers which had caused so much confusion, and (finally) reproduced practically the whole of the extensive cartographic output of Luís Teixeira's son, we hope that the task of later investigators who undertake fresh research will be considerably lightened (25).

THE WORK

Before discussing the known works of João Teixeira Albernaz I, we may mention two or three works whose whereabouts are to-day unknown. Thus on 12 November 1604 a world chart by *Jo-Tessera* was sold in Antwerp for eight florins, as recorded in the ledgers of the firm of Christopher Plantin, and in the following month four other charts by *Texera* (probably Luís Teixeira) were also sold (26).

As noted above, F. C. Wieder recorded in 1932, in a private library in Holland which he did not name, a codex in quarto containing three sections written on the same paper and in the same hand (27):

a) *Rutter from Spain to Nombre de Dios,* dated Madrid, 13 June 1617, 20 leaves.

b) «*Universal description of all the navigable world, as it should be laid down in universal or particular sea-charts.* By João Teixeira, His Majesty's page of the chamber and his cosmographer. In Lisbon, Anno 1622». Wieder transcribed from its introduction the brief passage «... particular models,

(22) These facts are revealed by Frazão de Vasconcelos, *Subsídios para a história da Carreira da Índia no tempo dos Filipes — XI, Os cosmógrafos-mores,* in *Boletim Geral do Ultramar,* n.º 402, pp. 215-8. Lisboa, Dezembro 1958.

(23) Cf. what we say below in dealing with the 1648 atlases.

(24) It is interesting to note that Mariz Carneiro was the author of the *Regimento de Pilotos e Roteiro das Navegações da India Oriental,* etc., Lisboa 1642, which contains some deplorable engravings of the ports and bars of the Iberian Peninsula, beside which João Teixeira's charts of 1648 cut an excellent figure. In the face of this and other ineptitudes of Mariz Carneiro, who was a great plagiarist, João Teixeira must have felt some justification in aspiring to the office of cosmographer-major.

(25) Nevertheless we may say that Senhores Gaspar de Almeida and Frazão de Vasconcelos have not yet succeeded in finding anything new in their searches in the Arquivo da Torre do Tombo.

(26) J. Denucé, *Oud-Nederlandsche Kaartmakers in betrekking met Plantijn,* pp. 271, 275, 277. Den Haag 1912-3. In Volume III, p. 48, we have dealt with this matter in greater detail in relation to Luís Teixeira.

(27) F. C. Wieder 1932, Vol. IV, p. 106.

curta passagem «...padrões particulares, e as mais gerais... das quais Luis Tex.ra meu pay ajuntou m.tas por ser muy antiguo profesor da arte de cosmographo», dizendo que este trabalho tinha setenta e três fólios, dos quais quatro em branco, e que se dividia em duas partes com o seguinte sumário: «Primeira Parte: De Lisboa ao estreito de Gibaltar — Mar mediterraneo — Levante — Do estreito de Gibaltar, ate a Ilha de São Thomé e das Ilhas adjacentes — Do Cabo de Lopo glz até o de Boa Esperança — Do Cabo de Boa Esperança p.ª a India, até o Cabo de guardafuy, E Ilha de São Lourenço — As alturas e derrotas do Cabo de Boa Esperança p.ª a India sã as seguintes, comforme a emenda q. se deve fazer nas cartas de marear; Segunda Parte: De Lisboa p.ª o norte — Costa do Reyno de França pela parte do mar Occeano Occidental — Costa de Frandes — Inglaterra, Escorsia e Irlanda — Costa do Reyno de Dine Marcka, e de Suedia. E todos os mais portos do Norte ate chegar á Terra Nova — Continuase pela Terra Nova Costa da Florida, Antilhas, e Indias de castela, ate o Rio Para ou das Amazonas — A costa do Brazil, começando do Rio Para, ou das Amazonas até o Rio da Prata — Do Rio da Prata até os Estreytos de Magalhãis e Sã Vicente».

c) Um *Libro de las derrotas de España a las Philippinas,* datado de 1616, com sete fólios, dividido em três partes: das Canárias a Moçambique, daí a Malaca, e depois a Manilha.

Em 1953, na Holanda, procedemos a indagações para averiguar do paradeiro do códice, mas nada de positivo conseguimos apurar. Pudemos examinar os papéis de Wieder na parte que interessa a esta questão, os quais se encontravam nessa altura no Rijksbureau voor Kunsthistorische Documentatie, na Haia, e aí vem a referência, sem nada de novo, ao trabalho de João Teixeira Albernaz de 1622, e ao *Derrotero de España a Nombre de Dios* indicado como de João Teixeira, o que supomos ser mera hipótese de Wieder. Recentemente, em 1959, soubemos que os papéis de Wieder se encontravam no Maritiem Museum Prins Hendrik, Roterdão, para onde escrevemos com a vaga esperança de que pudesse haver outros elementos, o que se não verificou (28). Destas e de outras diligências que efectuámos ficámos com a impressão de que o códice teria pertencido ao próprio Wieder, mas não pudemos saber se ele ainda existe e onde se encontra.

Em 1836 Varnhagen, a propósito do parecer de Manuel Pimentel no atlas do Brasil de 1642, escreveu que «este mesmo Albernaz [refere-se ao neto de João Teixeira I] escreveu uma Descripção universal do maritimo de toda a terra navegavel, que está na livraria de Castello-Melhor» (29). Tal referência logo nos fez pensar que o códice de Wieder seria mais uma das tantas obras dispersas no malfadado leilão daquela livraria. Consultando o respectivo catálogo, acabámos por encontrar aí uma obra, com o n.º 265, que se nos afigura ser a de que estamos tratando e é lacònicamente descrita como «Roteiros maritimos de Hespanha aos portos das Indias e outros; exames de cartas, e descripções, no 17.º seculo — Ms. in 4.º de 112 ff. (E)» (30). Embora Wieder apontasse um número de folhas que no total dá 100, é possível que não tenha contado algumas em branco no princípio e no fim, o que explicaria a pequena diferença em relação ao catálogo. Num exemplar deste que pudemos consultar, anotado por alguém que assistiu ao leilão, vem a indicação de que o códice foi adquirido por um «Trindade» por 600 [réis]. Este preço, bastante baixo em relação ao que atingiram as obras cartográficas então leiloadas, leva a supor que o códice não continha cartas, tanto mais que não são indicadas no catálogo nem na descrição de Wieder. Pelos parcos elementos que nos chegaram, deve no entanto concluir-se que a *Descripção universal* de João Teixeira Albernaz de 1622 não era pròpriamente um roteiro, mas antes um conjunto de elementos a utilizar para o traçado de cartas, o que lhe confere interesse particular, por ser obra única no género. Por isso, e ainda porque talvez contivesse outros elementos úteis para aclarar a biografia dos cartógrafos Teixeiras, mais de lamentar é o seu desaparecimento, o que nos levou a deixar aqui esta nota desenvolvida, com a esperança de que possa contribuir para o achado do códice, caso ele não tenha sido destruído durante a última guerra.

Na segunda edição da conhecida obra de León Pinelo vem a indicação «Juan Texeira de Albernas, Cosmografo Maior, Mapa de Portugal i sus Conquistas, mui grande. Dedicado á la Religion de la Compañía de Jesus» (31). Como também se atribui aí a autoria da carta impressa de 1621 do Estreito de Magalhães a João Teixeira Albernaz, poder-se-ia pensar em confusão com a carta gravada de Portugal de Pedro Teixeira

(28) Agradecemos reconhecidamente à Bibliotecária do Museu, Miss J. B. van Okereen, as pesquisas que fez a este respeito e a lista, que nos enviou, das referências a trabalhos de João Teixeira Albernaz contidas nos papéis de Wieder. Dela consta o sumário do *Derrotero de España a Nombre de Dios,* 1617, todo em espanhol, o que nos leva a supor que não seja trabalho original daquele cartógrafo.

(29) Varnhagen 1836, pp. 20-1.

(30) *Catalogo dos preciosos manuscritos da Bibliotheca da Casa dos Marquezes de Castello-Melhor,* p. 44. Lisboa 1878.

(31) León Pinelo 1738, Vol. III, col. 1718.

and more general ones ... many of which my father Luís Teixeira collected, being a very old practitioner of the cosmographer's art», and he stated that this work had seventy-three leaves (four being blank) and that it was divided into two parts, which are summarized as follows: «First part: From Lisbon to the Strait of Gibraltar — Mediterranean Sea — Levant — From the Strait of Gibraltar to the island of São Thomé and adjacent islands — From Cape Lopo Gonçalves to that of Good Hope — From the Cape of Good Hope to India, to Cape Guardafui and the island of Madagascar — The heights and routes from the Cape of Good Hope to India are the following, according to the correction which must be made in the sea-charts. Second part: From Lisbon to the north — Coast of the Kingdom of France by the western Ocean Sea — Coast of Flanders — England, Scotland and Ireland — Coast of the Kingdom of Denmark, and of Sweden. With all the other ports of the North as far as Terra Nova — Continuing by Terra Nova, Coast of Florida, Antilles and Castilian Indies, as far as the River Pará or Amazon — The coast of Brazil, beginning with the River Pará or Amazon, to the River Plate — From the River Plate to the Straits of Magellan and São Vicente».

c) *Book of the routes from Spain to the Philippines,* dated 1616, seven leaves, divided into three parts: from the Canaries to Mozambique, thence to Malacca, and then to Manilla.

In 1953, in Holland, we made searches to discover the location of the codex, but without any positive result. We were able to examine Wieder's papers relating to this matter, which were then in the Rijksbureau voor Kunsthistorische Documentatie at the Hague; here there is a reference, without anything new, to the 1622 work of João Teixeira Albernaz and to the «Rutter from Spain to Nombre de Dios», which is ascribed to João Teixeira (we suppose this to be a mere conjecture by Wieder). Recently, in 1959, we learnt that Wieder's papers were in the Maritiem Museum Prins Hendrik, Rotterdam, to which we wrote in the vague hope (which was not realized) that they might produce some other information (28). These inquiries, and others which we made, leave us with the impression that the codex belonged to Wieder himself, but we have been unable to ascertain whether it still exists or where it now is.

In 1836 Varnhagen, referring to Manuel Pimentel's report on the 1642 atlas, wrote that «this same Albernaz [viz. the grandson of João Teixeira I] wrote a Universal description of all the navigable world, which is in the Castello-Melhor library» (29). This reference at once suggests that Wieder's codex might have been yet another of the many works dispersed in the unfortunate sale of that library. In the sale catalogue we do in fact find, under n.º 265, a work which seems to be that under discussion, laconically described as «Maritime rutters from Spain to the ports of India and others; examinations of charts, and descriptions, 17th century — Ms in 4º, 112 ff. (bound)» (30). Although the number of leaves indicated by Wieder only amounts to 100, it is possible that the blank leaves at beginning and end were not counted, which would explain the slight difference between his total and that of the catalogue. In a copy of the catalogue, which we were able to consult, annotated by someone who attended the sale, is a note that the codex was acquired by a «Trindade» for 600 [reis]. This figure, which is low in relation to the prices fetched by cartographic works in the same auction, suggests that the codex did not contain charts, especially as no charts are mentioned either in the catalogue or in Wieder's description. Meagre though our information is, we can nevertheless infer that the «Universal description» of 1622 by João Teixeira Albernaz was not a rutter in the strict sense, but rather a collection of materials to be used in drawing sea-charts; this endows it with special interest as the only work of its kind. This fact, and the possibility that it might contain materials throwing light on the biography of the Teixeira cartographers, give us the more reason to deplore the disappearance of the codex, and are the justification for this extended note, in the hope that it may assist in bringing the codex to light, if indeed it was not destroyed during the last war.

The second edition of the well known work by León Pinelo has the entry: «Juan Texeira de Albernas, Cosmographer-major, Map of Portugal and her Conquests, very large. Dedicated to the Religion of the Society of Jesus» (31). As Pinelo also attributes the printed chart of the Strait of Magellan (1621) to João Teixeira Albernaz, there may be a confusion here with the engraved chart of Portugal by Pedro Teixeira Albernaz (1662), but

(28) We are deeply grateful to the Librarian of the Museum, Miss J. B. van Okereen, for her researches in this inquiry and for the list, which she sent us, of the references among Wieder's papers to works by João Teixeira Albernaz. From this source we take the summary of the *Rutter from Spain to Nombre de Dios,* 1617, which is wholly in Spanish, suggesting that it is not an original work by this cartographer.

(29) Varnhagen 1836, pp. 20-1.

(30) *Catalogo dos preciosos manuscritos da Bibliotheca da Casa dos Marquezes de Castello-Melhor,* p. 44. Lisboa 1878.

(31) León Pinelo 1738, Vol. III, col. 1718.

Albernaz (1662), mas a indicação das «Conquistas», o tamanho grande e a dedicatória fazem supor que se trata na realidade de outra obra. Encontrámos também uma referência a uma obra de João Teixeira Albernaz, *De militia equestri antiqua et nova*, Antuerpiae 1630, um volume in fólio (32), mas não pudemos examinar nenhum exemplar, afigurando-se estranho que se trate de trabalho do cartógrafo com aquele nome.

Além das obras que assinalamos e reproduzimos nesta parte do nosso trabalho dedicada a João Teixeira Albernaz I, devemos mencionar mais outras duas, anónimas, mas podendo-lhe ser atribuídas com toda a plausibilidade:

a) Uma carta em grande escala, representando um trecho do litoral brasileiro compreendido entre o Rio da Pojuca e o Rio Capujaribe, e incluindo o Cabo de Santo Agostinho. Faz parte de um atlas existente na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, com seis cartas, quatro das quais contendo a assinatura «Tinoco». Jaime Cortesão data este atlas de c. 1634, e identificou o autor daquela carta como João Teixeira I (33). Ocupar-nos-emos do atlas e da carta no Volume V.

b) Em nossa opinião, também são de João Teixeira Albernaz I as cinquenta e duas plantas, encadernadas em volume próprio (com a cota «R. 202»), do exemplar do *Livro do Estado da India Oriental* de António Bocarro, 1635, existente na Biblioteca Nacional de Madrid. O estilo geral, e em especial o colorido, representação dos montes e povoações, e finalmente a letra, são sem dúvida desse cartógrafo. Ocupar-nos-emos de tais plantas na parte do Vol. V dedicada à referida obra de Bocarro.

Antes de emitir um juizo de conjunto sobre a obra de João Teixeira Albernaz I, convém esclarecer as razões que levaram Manuel Pimentel a pronunciar-se desfavoràvelmente a respeito do cartógrafo e das suas produções. Pimentel teve carta da propriedade do cargo de cosmógrafo-mor em 30 de Setembro de 1687, já então o exercendo havia mais de sete anos (34), e foi certamente nessa qualidade que redigiu o «Juizo do merecimento» do atlas de 1642, que não deve por consequência ser anterior a 1680. Por outro lado, fala Pimentel naquele parecer de «outros dous [cartógrafos] que o dito senhor mandou ensinar, e as [cartas] fazem ja com perfeição». Ora, de um alvará de D. Pedro II, de 12 de Agosto de 1706, consta que em 1695 o cartógrafo José da Costa Miranda, «por ser o vnico sogeito que neste Reyno sabia fazer as Cartas de Mariar e mais jnstromentos para a navegação», recebeu o encargo, com promessa de uma tença anual de 50 mil réis quando o tivesse levado a bom termo (o que só veio a ser considerado em 1705), de ensinar «dois sojeitos que serião aprouados pello cosmografo mor das mesmas Cartas» (35). Este facto leva a concluir que o «Juizo» de Manuel Pimentel não é anterior a 1695 ou mesmo a 1705 — isto é, foi emitido mais de meio século sobre a execução do atlas de 1642 e algumas dezenas de anos após a morte de João Teixeira I. Acresce ainda que a opinião de Pimentel nessa altura devia ser influenciada pelo litígio luso-espanhol acerca da Colónia do Sacramento. O ilustre cosmógrafo, cujos méritos são incontestáveis, fez parte da delegação de peritos geográficos portugueses que em 1681 se reuniram com os espanhóis em Badajoz a fim de discutirem o assunto. Utilizaram os portugueses como base da sua argumentação uma carta de João Teixeira Albernaz II de 1679, mas pelo que se sabe das discussões verifica-se que tiveram dificuldade em rebater os pontos de vista dos espanhóis, pois estes foram inteligentemente expostos, e a razão estava do lado da Espanha (36). Ora, como veremos, o atlas universal de João Teixeira I datado de 1630, que tinha carácter confidencial, foi subtraído, por suborno, dos arquivos reais de Portugal, em 1681, por acção do capitão espanhol Francisco de Seyxas y Lovera, que alguns anos depois o oferecia ao rei de Espanha como um documento capital para demonstrar, por meio de uma obra lusitana, a sem razão dos portugueses. É natural que os espanhóis não tenham posto de lado tão útil argumento, e que em qualquer altura tenham invocado em seu favor as cartas de João Teixeira I. Compreende-se, por isso, que Manuel Pimentel tenha procurado rebaixar os méritos deste, tanto mais que o raciocínio que expõe no seu parecer está aleivosamente viciado, por se dirigir particularmente a tal cartógrafo, quando o erro que aponta era comum às obras portuguesas da época de João Teixeira I e ainda de período muito posterior, como vamos ver. Em resumo, Pimentel diz

(32) José Almirante, *Bibliografia Militar de España*, p. 839. Madrid 1876.

(33) Jaime Cortesão, *Curso de História da Cartografia, Geografia das Fronteiras do Brasil e Mapoteconomia*, realizado no Ministério das Relações Exteriores, Capítulos 17 e 18. Rio de Janeiro 1945 (folhas mimeografadas). Jaime Cortesão, *História do Brasil nos Velhos Mapas*, Capítulo III, no prelo na altura em que escrevemos (1959).

(34) Arquivo Nacional da Torre do Tombo, *Chancelaria de D. Pedro II*, Liv. 64, fl. 218 v, segundo informa Gaspar de Almeida, a p. 35 de um valioso inventário inédito da cartografia portuguesa antiga, actualmente depositado na Escola Naval juntamente com os papeis legados por Joaquim Bensaúde.

(35) *Ibidem, Chancelaria de D. Pedro II — Doações*, Livro 46, fl. 50 v, publicado por Frazão de Vasconcelos, *Apontamentos sobre José da Costa Miranda*, in *Boletim Geral do Ultramar*, Ano XXIII, n.os 385-6, pp. 273-4. Lisboa Julho-Agosto 1957. No entanto em 1699 ainda era vivo João Teixeira Albernaz II, como se conclui do documento 13) que referimos atrás.

(36) Sobre estas discussões, vide Luís Ferrand de Almeida, *op. cit.* na nota (16), pp. 195-205 principalmente. Trataremos mais desenvolvidamente do problema ao ocuparmo-nos de João Teixeira Albernaz II, no Vol. V.

the reference to the «Conquests», the large size and the dedication suggest that the entry in fact relates to some other work. We also find a reference to a book by João Teixeira Albernaz, *De militia equestri antiqua et nova*, Antuerpiae 1630, one volume in folio (32), but we have not been able to see a copy, and it is difficult to believe that this could have been a work by the cartographer of that name.

Besides the works which we describe and reproduce in the part of our work devoted to João Teixeira Albernaz I, we must mention two others, which are anonymous but may in all probability be ascribed to him:

a) A large-scale chart, representing a section of the Brazilian coast between the Rio da Pojuca and the Rio Capujaribe, and including Cape Santo Agostinho. This forms part of an atlas in the Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, with six charts, four of which are signed «Tinoco». Jaime Cortesão dates the atlas c. 1634 and identifies the author of this chart as João Teixeira I (33). We shall deal with the atlas and chart in Volume V.

b) By João Teixeira Albernaz I, in our opinion, are also the fifty-two plans, separately bound (with the class-mark «R. 202»), of the example of the *Livro do Estado da India Oriental* of António Bocarro, 1635, in the Biblioteca Nacional, Madrid. The general style, particularly the colouring, the delineation of mountains and towns, and finally the writing, are beyond doubt by this cartographer. We shall deal with these plans in the part of Vol. V devoted to the work of Bocarro referred to.

Before appraising the work of João Teixeira Albernaz I as a whole, we may examine the reasons for Manuel Pimentel's disparaging judgment of the cartographer and his output. Pimentel received his patent of appointment as cosmographer-major on 30 September 1687, after carrying out the duties of the office for more than seven years (34). It was certainly in this capacity that he composed his «Judgment of the merits» of the 1642 atlas, and his criticism cannot therefore be earlier than 1680. On the other hand, Pimentel speaks, in the same report, of «two other [cartographers] whom the said Lord caused to be taught, and who make charts to perfection». Now from a decree of King Pedro II, 12 August 1706, it appears that in 1695 the cartographer José da Costa Miranda, ««being the only subject of this Kingdom who can make sea-charts and other instruments for navigation», was commissioned, with the promise of an annual salary of 50 milreis when the time should be ripe (which only seems to have been considered in 1705), to instruct «two subjects who shall be approved by the cosmographer-major of the same charts» (35). This fact points to the conclusion that the «Judgment» of Manuel Pimentel is not earlier than 1695 or even 1705 — that is, that it was produced more than half a century after the execution of the 1642 atlas and some decades after the death of João Teixeira I. We may add that Pimentel's opinion at this period may have been conditioned by the dispute between Portugal and Spain about the Colony of Sacramento. The famous cosmographer, whose competence is indisputable, was a member of the delegation of Portuguese geographical experts who in 1681 met the Spanish at Badajoz to discuss the issue. The Portuguese rested their argument on a chart of 1679 by João Teixeira Albernaz II, but what is known of the discussion shows that they had difficulty in rebutting the Spanish point of view, since this was intelligently expounded and right was on the side of Spain (36). Now (as we shall see) the world atlas by João Teixeira I dated 1630, which was confidential in character, was removed by bribery from the royal archives of Portugal in 1681, through the agency of the Spanish captain Francisco de Seyxas y Lovera, who offered it a few years later to the King of Spain as a vital document for demonstrating, from a Lusitanian work, the groundlessness of the Portuguese case. The Spaniards naturally would not neglect so useful an argument and would at some time have invoked in their favour the charts of João Teixeira I. It is understandable therefore that Manuel Pimentel should have attempted to denigrate his merits, the more so as the argument in his report is disingenuously biased in being applied particularly to this cartographer, whereas the error pointed out was (as we shall see) common to Portuguese works of the time of João Teixeira I and even of a much later period. In brief, Pimentel asserts that the general

(32) José Almirante, *Bibliografia Militar de España*, p. 839. Madrid 1876.

(33) Jaime Cortesão, *Curso de História da Cartografia, Geografia das Fronteiras do Brasil e Mapoteconomia*, delivered in the Ministério das Relações Exteriores, Chapters 17 and 18. Rio de Janeiro 1945 (mimeograph). Jaime Cortesão, *História do Brasil nos Velhos Mapas*, Chapter III, in the press as we write (1959).

(34) Arquivo Nacional da Torre do Tombo, *Chancelaria de D. Pedro II*, Liv. 64, fl. 218 v, according to Gaspar de Almeida, p. 35 of a valuable unpublished catalogue of early Portuguese cartography, now deposited in the Escola Naval together with the papers left by Joaquim Bensaúde.

(35) *Ibidem, Chancelaria de D. Pedro II — Doações*, Livro 46, fl. 50 v, published by Frazão de Vasconcelos, *Apontamentos sobre José da Costa Miranda*, in *Boletim Geral do Ultramar*, Ano XXIII, n.os 385-6, pp. 273-4. Lisboa Julho-Agosto 1957. In 1699, however, João Teixeira Albernaz II was still alive, as appears from document 13) cited above.

(36) On these discussions, see Luís Ferrand de Almeida, *op. cit.* in note (16), especially pp. 195-205. We shall discuss the problem more fully in dealing with João Teixeira Albernaz II, in Vol. V.

que a carta geral do Brasil do atlas de 1642 estava muito errada porque indicava 27º de diferença de longitude entre o Cabo de Santo Agostinho e a linha de demarcação luso-espanhola, o que somando-se aos 3º que havia entre esse Cabo e a ilha de Santo Antão, no arquipélago de Cabo Verde, fazia 30º, quando as 370 léguas estabelecidas no Tratado de Tordesilhas correspondiam a 22º 1/4 de diferença de longitude apenas. Até aqui tem razão Pimentel, mas deixa de a ter quando dá a entender que esse erro, por se ter servido talvez de alguma carta flamenga, era exclusivo de João Teixeira. Ora na carta geral do Brasil do atlas de 1670 de João Teixeira Albernaz II — cartógrafo que ele tanto gaba por oposição ao avô — a linha de demarcação vem traçada precisamente a igual distância do Cabo de Santo Agostinho. Em todas as outras cartas conhecidas do mesmo cartógrafo (incluindo a última, a de 1681, do ano em que reuniram os peritos em Badajoz), embora nelas não venha a linha de demarcação, medem-se sempre aproximadamente 25º a 27º de diferença de longitude entre o Cabo de Santo Agostinho e o Rio de Vicente Pinzon, por onde se fazia usualmente passar tal linha. O mesmo sucede no atlas de 1641 de António Sanches e, o que é mais, na carta de 1688 de José da Costa Miranda. Pode ser que nos começos do século XVIII, talvez na altura em que Manuel Pimentel emitiu o seu parecer sobre o atlas de 1642, os factos estivessem mudando e as cartas se estivessem rectificando, tanto mais que datam dessa altura as primeiras cartas náuticas portuguesas de latitudes crescidas, acontecimento de que nos ocuparemos no Vol. V. Assim, o parecer de Pimentel é duplamente injusto para com João Teixeira I, porque lhe apontou um erro sem dizer que era comum aos outros cartógrafos e a época mais recente, e porque o fez sem pôr em relevo que durante mais de meio século seria natural que houvesse um progresso na representação cartográfica do Brasil e uma melhoria das técnicas da cartografia náutica. A esta luz se deve apreciar o seu «Juizo», e não como o fez o Barão do Rio-Branco — que aliás não dispunha de elementos, hoje conhecidos, relativos aos vários aspectos do problema. Acresce que da análise dos atlas universais de 1630 e 1643 de João Teixeira I se pode deduzir, como veremos, que ele tinha a noção de que a costa leste-oeste do Brasil era menos extensa do que se representava geralmente.

Foi, na realidade, a escassez de elementos que durante muito tempo não permitiu que se conhecesse devidamente a considerável obra cartográfica de João Teixeira I e frequentemente se confundisse este com o seu neto e até por vezes com um João Teixeira Albernaz III. Alguns exemplos bastam para o mostrar, partindo do facto de que podemos apresentar em *Portugaliae Monumenta Cartographica* um total de vinte e quatro obras, quer assinadas, quer a ele atribuíveis, somando quatrocentas e trinta e nove cartas, a que se juntam sete cópias do atlas de 1640 e uma cópia do atlas de 1648 com mais duzentas e quinze cartas e ainda duas cartas gravadas, enquanto do neto apresentaremos no Vol. V dez obras (com cento e sessenta cartas), sendo de prever que outras mais existam por revelar, tanto de um como de outro. Assim, Joaquim Bensaúde considera um cartógrafo João Teixeira (1602-1648) de que cita quatro obras (originais e cópias) e um outro João Teixeira Albernaz (1622-1681) neto daquele e em cuja lista de obras mistura seis do avô e três do neto (37). Ernesto de Vasconcelos indica apenas quatro obras (originais e cópias) de João Teixeira e uma de João Teixeira Albernaz considerado neto daquele (38). Fontoura da Costa indicou, com alguns erros, onze obras (incluindo originais e cópias) de João Teixeira, e apresentou uma lista de seis obras que seriam de dois cartógrafos homónimos João Teixeira Albernaz, um deles neto de João Teixeira e outro contemporâneo deste mas não podendo confundir-se com ele; na realidade nesta lista misturou, sem dar por isso, três obras do avô e três do neto (39). Por sua vez Caraci considera um João Teixeira e um João Teixeira Albernaz distintos, e indica um total de doze obras (originais e cópias) do primeiro (inclui na realidade a carta de 1655 que deve ser do neto) e três do segundo, afirmando que se devem investigar as obras dos Teixeiras inclusivamente para «ridurre nei giusti limiti le lodi che, *more solito,* vengono ripetute da qualche autore, e specialmente dai Portoghesi» (40).

A Jaime Cortesão sobretudo se deve o interesse crescente, dos últimos tempos, pelas obras dos Teixeiras, e o início do seu estudo sistemático e

chart of Brazil in the 1642 atlas was greatly in error in showing a longitudinal difference of 27º between C. Santo Agostinho and the Luso-Spanish demarcation line, which, with the addition of the 3º between that Cape and the island of Santo Antão in the Cape Verde archipelago, made 30º, while the 370 leagues laid down in the Treaty of Tordesillas corresponded to only 22 1/4º of longitude. So far Pimentel is right, but he goes astray when he implies that this error, derived perhaps from some Flemish chart, was peculiar to João Teixeira. Now in the general chart of Brazil in the 1670 atlas of João Teixeira Albernaz II — a cartographer whom Pimentel praises, in contrast to his grandfather — the demarcation line is drawn at precisely the same distance from C. Santo Agostinho. In all the other known works by this cartographer (including the last, drawn in 1681, the year of the meeting of experts at Badajoz), although the demarcation line does not appear in them, there is always a longitudinal difference of approximately 25º to 27º between C. Santo Agostinho and the Rio de Vicente Pinzon, through which the line was usually drawn. This applies also to the 1641 atlas of António Sanches and (what is more) to the 1688 chart of José da Costa Miranda. It is possible that by the beginning of the XVIII century, at the time when Manuel Pimentel perhaps produced his report on the 1642 atlas, the position was becoming different and the charts were being corrected, especially as this period saw the earliest Portuguese charts with increasing latitudes (a development which we shall consider in Vol. V). In any case Pimentel's report is in two ways unjust to João Teixeira I: first, in pointing out his error without noting that it was common to other cartographers and to the most recent period; and, secondly, in doing so without admitting that over more than half a century there had naturally been some advance in the cartographic delineation of Brazil and some technical improvements in nautical cartography. It is in this light that Manuel Pimentel's «Judgment» must be read, and not as did the Baron do Rio-Branco — who moreover lacked some of the information available to-day which would have enabled him to appreciate the various aspects of the problem. Be it added that (as we shall see) from his atlases of 1630 and 1643, we may infer that João Teixeira I held the east-west coast of Brazil to be less extended than was usually shown.

It is indeed the meagreness of information that has so long prevented the due recognition of the substantial cartographic output of João Teixeira I and has often led to his erroneous identification with his grandson or sometimes even with a João Teixeira Albernaz III. A few examples will suffice to illustrate this, in the light of the fact that in *Portugaliae Monumenta Cartographica* we are able to present a total of twenty-four works either signed by or attributed to him, comprising four hundred and thirty-nine maps, to which may be added seven copies of the 1640 atlas and one copy of the 1648 atlas, making two hundred and fifteen more maps, besides two engraved maps, while in Vol. V we shall present ten works (with one hundred and sixty maps) by the grandson, and we anticipate that yet more works by one or the other may come to light. Thus Joaquim Bensaúde postulates a cartographer João Teixeira (1602-1648) by whom he cites four works (originals and copies), and his grandson, a João Teixeira Albernaz (1622-1681), in whose list of works he includes six by the grandfather and three by the grandson (37). Ernesto de Vasconcelos refers to only four works (originals and copies) by João Teixeira and one by João Teixeira Albernaz, who is regarded as his grandson (38). Fontoura da Costa indicates, with some errors, eleven works (originals and copies) by João Teixeira, and gives a list of six works which he supposes to be by two cartographers both named João Teixeira Albernaz, one of them a grandson of João Teixeira, the other a contemporary of the first but not to be confused with him; the list in fact embraces three works by the grandfather and three by the grandson (39). Caraci, in turn, distinguishes a João Teixeira and a João Teixeira Albernaz and cites twelve works by the first (originals and copies, including the 1655 chart which must be the grandson's) and three by the second; he adds that the whole output of the Teixeiras needs investigation in order «to confine within proper limits the eulogies which, *more solito,* are repeated by various authors, especially the Portuguese» (40).

To Jaime Cortesão in particular are due the recent additions to the known works of the Teixeiras and the beginning of systematic and

(37) Joaquim Bensaúde, *Les légendes allemandes sur l'histoire des découvertes maritimes portugaises,* I, pp. 96-7. Genève 1917-22.

(38) Ernesto de Vasconcelos, *Subsídios para a História da Cartografia Portuguesa nos Séculos XVI, XVII e XVIII,* in *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa,* Série 34.ª, n.ºs 1-3, pp. 109-11. Lisboa Janeiro-Março 1916.

(39) *Catálogo da Exposição de Cartografia,* in *Congresso do Mundo Português Memórias,* Vol. IV, pp. 446-8. Lisboa 1940.

(40) G. Caraci, *Appunti sui cartografi portoghesi Teixeira e specialmente su João Teixeira,* in *La Bibliofilia,* Ano XLIV, Dispensa 1.ª - 3.ª, pp. 32-8. Firenze 1942. Talvez o Professor Caraci considere «lodi *...more solito*», o mais antigo parecer de um português sobre João Teixeira I, o de Manuel Pimentel que atrás examinámos. Quanto ao interesse que tais cartógrafos homónimos têm merecido modernamente (antes de 1942) dos portugueses, basta considerar as confusões que vimos apontando e o desconhecimento de grande parte das suas obras.

(37) Joaquim Bensaúde, *Les légendes allemandes sur l'histoire des découvertes maritimes portugaises,* I, pp. 96-7. Genève 1917-22.

(38) Ernesto de Vasconcelos, *Subsídios para a História da Cartografia Portuguesa nos Séculos XVI, XVII e XVIII,* in *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa,* Série 34.ª, n.ºs 1-3, pp. 109-11. Lisboa Janeiro-Março 1916.

(39) *Catálogo da Exposição de Cartografia,* in *Congresso do Mundo Português — Memórias,* Vol. IV, pp. 446-8. Lisboa 1940.

(40) G. Caraci, *Appunti sui cartografi portoghesi Teixeira e specialmente su João Teixeira,* in *La Bibliofilia,* Ano XLIV, Dispensa 1.ª-3.ª, pp. 32-8. Firenze 1942. Perhaps Professor Caraci would consider as «lodi ... *more solito*» the oldest report by a Portuguese on João Teixeira I, that of Manuel Pimentel which we examine above. As for the interest in these homonymous cartographers taken by the Portuguese in modern times (before 1942), we need only point to the confusions which we have brought to light and the ignorance of a great number of their works.

comparativo. Embora não tenha contribuído com novos elementos para o esclarecimento da biografia respectiva, considerou devidamente a existência apenas de dois cartógrafos homónimos, analisando pela primeira vez várias das suas obras anteriormente ignoradas ou esquecidas. Ocupou-se especialmente da representação do Brasil, assinalando já, entre os atlas relacionados com este território, treze (originais e cópias) de João Teixeira avô e três do neto, não contando portanto as cartas soltas. Ao tratarmos sucessivamente das várias obras, iremos indicando as contribuições novas de Jaime Cortesão na sua análise e interpretação (41). Argutamente aponta Jaime Cortesão que desse conjunto de obras do avô e do neto se verifica terem havido três períodos de maior produção: Primeiro período (1626-1631) — «O grande alarme causado em Portugal com a tomada da Baía pelos holandezes em 1624, sua recuperação em 1625, e a tomada de Olinda em 1630»; Segundo período (1640-1642) — «Restauração da Independência em Portugal. A nosso ver, os atlas de 1640, com as suas páginas de texto, representam obra de propaganda para a Restauração»; Terceiro período (1666-1681) — «Corresponde à paz com a Holanda (fins de 1661) e fim da guerra com a Espanha em 1663 e a paz em Fevereiro de 1668». «Supomos que o longo período de silêncio entre 1631 e 1666, interrompido apenas pelos atlas de 1640-42, obedece à necessidade de não fornecer elementos ao inimigo». Examina também Jaime Cortesão as influências dos atlas dos Teixeiras na cartografia holandesa do século XVII, chegando à conclusão de que os holandeses conheceram vários deles, em especial os dos períodos 1626-1631 e 1640-1642 (42). Para não nos alongarmos mais agora, trataremos de alguns aspectos dessa influência no Volume V, quando nos ocuparmos de João Teixeira Albernaz II.

Seria longo fazermos aqui uma síntese sobre a importância do conjunto da obra de João Teixeira Albernaz I, pelo que nos limitamos a apontar um ou outro aspecto ao descrever uma a uma as suas várias produções. A simples análise das setenta e seis Estampas que agora damos—na maior parte de cartas inéditas até aqui — é suficiente para avaliar do seu interesse. Do que conhecemos, verifica-se que João Teixeira produziu uma grande quantidade de obras com fins muito diversos — desde verdadeiras cartas náuticas para utilizar a bordo até atlas destinados a personalidades ilustres da sua época. No aspecto artístico, as suas cartas, se bem que já não tenham o valor das obras primas da cartografia portuguesa do século XVI, são bastante correctas e equilibradas, e frequentemente de notável beleza. Filho e discípulo de um cartógrafo distinto, os seus trabalhos têm a marcada influência de Luís Teixeira no traçado, no colorido e na letra, a ponto de se poderem confundir com os do pai, sobretudo no primeiro período; um e outro são sem dúvida os maiores representantes do que se pode apropriadamente designar, na cartografia portuguesa, por «Escola dos Teixeiras». Ao invés do que sucedeu com as produções de alguns cartógrafos ilustres do século XVI, sobretudo Diogo Homem e Vaz Dourado, que se basearam quase sempre nos mesmos protótipos, repetidos ao longo de vários anos, a obra de João Teixeira I é variada e acompanha de perto — pelo menos para certas áreas — o progresso dos conhecimentos geográficos e o evoluir dos acontecimentos no mundo lusitano. Jaime Cortesão pôs precisamente em destaque este aspecto da cartografia dos Teixeiras, como reflexo do considerável significado político que para os portugueses tinha a cartografia em geral e em especial a do Brasil. Essa característica já vinha de trás, dos fins do século XV, e a obra de João Teixeira Albernaz I — sem dúvida o mais notável cartógrafo português da primeira metade do século XVII — segue tal tradição. Através dela podemos acompanhar algumas fases do expansionismo português na América do Sul, as lutas com os invasores franceses e holandeses, e, sobretudo, o choque com o expansionismo espanhol. A cartografia ao serviço de uma política imperial nessa parcela do mundo explica em boa parte porque os dirigentes portugueses não favoreceram qualquer surto de uma cartografia comercial impressa do tipo da holandesa (43). A obra de João Teixeira Albernaz I é assim um claro testemunho de tal política na primeira metade do século XVII, traduzindo a importância crescente do Brasil no agregado lusitano e o seu papel decisivo no surto de sentimentos de nacionalismo que levaram à vitoriosa Restauração da Independência. João Teixeira foi um dos últimos grandes representantes dos mestres portugueses de cartas de marear de graus iguais, genuína criação lusitana na aplicação à arte de navegar dos descobrimentos. Meio século depois da sua morte, Manuel Pimentel criticava no aspecto técnico a sua obra, mas isso significava sobretudo que a era da carta de graus iguais estava

(41) Explanadas em vários trabalhos, mas sobretudo no *Curso de História da Cartografia, Geografia das Fronteiras do Brasil e Mapoteconomia*, realizado no Ministério das Relações Exteriores, principalmente capítulos 8 a 10 e 13 a 18, Rio de Janeiro 1945 (folhas mimeografadas), e *História do Brasil nos Velhos Mapas*, em especial capítulo III, no prelo quando escrevemos (1959).

(42) Capítulo 16 do *Curso de História* citado na nota anterior.

(43) Aliás os holandeses, como tão amplamente mostrou F. C. Wieder, também tiveram, para certas áreas, uma cartografia secreta manuscrita, de maior exactidão e valor do que a impressa.

comparative study of them. Although he has contributed no new material to throw light on their lives, he has rightly assumed the existence of only two homonymous cartographers and has examined for the first time various works by them which had previously been ignored or neglected. He is specially concerned with the representation of Brazil, identifying (among the atlases devoted to this territory) no fewer than thirteen (originals and copies) by João Teixeira the grandfather and three by the grandson, not counting single maps. In discussing the various works in succession, we shall refer to the new contributions made in Jaime Cortesão's examination and interpretation of them (41). Jaime Cortesão considers that this body of work by the grandfather and grandson points to three periods of major activity: First period (1626-1631) — «The great alarm created in Portugal by the Dutch capture of Bahia in 1624, its recovery in 1625, and the capture of Olinda in 1630»; Second period (1640-1642) — «Restoration of Portuguese independence. In our opinion, the atlases of 1640, with their pages of text, represent propaganda for the Restoration»; Third period (1666-1681) — «Corresponds to the peace with Holland (end of 1661) and the end of the Spanish war in 1663, and peace in February 1668». «We suppose that the long period of silence between 1631 and 1666, broken only by the atlases of 1640-1642, reflects the necessity for denying information to the enemy». Jaime Cortesão also examines the influence of the atlases of the Teixeiras on Dutch cartography of the XVII century, reaching the conclusion that the Dutch knew some of these atlases, particularly those of the periods 1626-1631 and 1640-1642 (42). To abridge our discussion of this influence here, we shall go into some aspects of it in Volume V, when dealing with João Teixeira Albernaz II.

Since it would take too long to make a general appreciation of the whole output of João Teixeira Albernaz I, we shall confine ourselves to pointing out certain features of it in our separate descriptions of his works. The mere examination of the seventy-six Plates published here — mainly from hitherto unknown charts — is sufficient testimony to its interest. From the material available, it is clear that João Teixeira produced a large number of works for very diverse purposes — from true nautical charts for use at sea to atlases drawn for presentation to persons of high degree. From the artistic point of view, his charts, although lacking in the qualities of the finest Portuguese cartographic work of the XVI century, are fairly correct and well-balanced, and often of conspicuous beauty. The son and pupil of a distinguished cartographer, he displays in his works the marked influence of Luís Teixeira in respect of design, colouring, and writing — so much so that they may easily be mistaken for his father's, especially in his earlier period; the two are undoubtedly the greatest representatives of what may be called the «Teixeira school» in Portuguese cartography. Unlike the output of some notable cartographers of the XVI century, especially Diogo Homem and Vaz Dourado, who almost always followed the same prototypes, repeated over many years, the work of João Teixeira I is varied, and closely follows — at least for certain regions — the progress of geographical knowledge and the evolution of events in the Portuguese world. Jaime Cortesão emphasises this particular aspect of the cartography of the Teixeiras as reflecting the considerable political significance which the Portuguese attached to cartography in general and to that of Brazil in particular. This characteristic went back to the end of the XV century, and the work of João Teixeira Albernaz I — without doubt the most notable Portuguese cartographer of the first half of the XVII century — is in this tradition. In his work we can trace certain phases of Portuguese expansion in South America, the struggles with the French and Dutch invaders, and above all the clash with Spanish expansionism. That cartography was in the service of imperial policy in this part of the world explains in large measure why the Portuguese rulers did not support the growth of a commercial printed cartography on the lines of the Dutch (43). Thus the work of João Teixeira Albernaz I is a clear expression of this policy in the first half of the XVII century, revealing the growing importance of Brazil in the Portuguese world and its decisive role in the surge of nationalist feeling which led to the triumphant Restoration of Independence. João Teixeira was one of the last great Portuguese masters of nautical charts with equal degrees, a genuine Lusitanian development as applied to the art of navigation of the discoveries. Although, half a century after his death, Manuel Pimentel was to criticize his work from the technical point of view, this signified primarily that the epoch of the chart with equal degrees was nearing its end. Cartographic

(41) Set out in various works, particularly in the *Curso de História da Cartografia, Geografia das Fronteiras do Brasil e Mapoteconomia*, delivered in the Ministerio das Relações Exteriores, mainly Chapters 8-10 and 13-18, Rio de Janeiro 1945 (mimeograph), and *História do Brasil nos Velhos Mapas*, especially Chapter III, in the press as we write (1959).

(42) Chapter 16 of the *Curso de História* cited in the preceding note.

(43) The Dutch too (as F. C. Wieder has demonstrated) had for certain regions a secret manuscript cartography, of greater precision and value than the printed.

a terminar. Renovavam-se os processos cartográficos, iam surgir os «padres matemáticos», far-se-iam as primeiras observações da longitude, os engenheiros militares substituiriam os já então rotineiros mestres de cartas de marear. Viria a ocupação do interior com a respectiva cartografia, o trabalho das partidas de delimitação, o levantamento da Amazónia, mas tal como no Tratado de Tordesilhas, nos Tratados de Madrid (1750), no do Pardo (1761) e no de Santo Ildefonso (1777), a cartografia esteve ao serviço de uma política de expansão que conseguiu triplicar o Brasil do primeiro daqueles tratados e fazer dele a mais vasta unidade territorial do continente americano. A obra de João Teixeira Albernaz I, para além do seu valor cartográfico intrínseco, é um dos mais claros testemunhos dessa política, e como tal tem uma importância fundamental na história de Portugal e do Brasil.

procedures were being reformed, the «mathematical fathers» were to come on the scene, the first observations for longitude would soon be made, military engineers were to take the place of the then customary masters of sea-charts. There ensued the occupation of the Brazilian interior with the corresponding cartography, the labours of the demarcation parties, the survey of Amazonia; but, as in the Treaty of Tordesillas, so also in the Treaties of Madrid (1750), in that of Pardo (1761) and in that of Santo Ildefonso (1777) cartography served a policy of expansion which succeeded in enlarging threefold the Brazil of the first of these treaties and in making it the most extensive territorial unit of the American continent. The work of João Teixeira Albernaz I, apart from its intrinsic cartographic value, is one of the clearest testimonies to this policy and, as such, is of fundamental importance in the history of Portugal and of Brazil.

ANÓNIMO
JOÃO TEIXEIRA ALBERNAZ I, DEZOITO CARTAS NO CÓDICE "REZÃO DO ESTADO DO BRASIL", c. 1616

ESTAMPAS 441-445

NA Biblioteca Pública Municipal do Porto, com a cota «Cód. 126», existe um códice anónimo de princípios do século XVII com 120 folhas, incluindo dezoito cartas, sendo o rosto e estas de pergaminho e as restantes folhas (vinte e nove das quais com texto) de papel. O códice, 424×282 mm, está encadernado, sendo iluminados o rosto e as cartas, as quais se encontram intercaladas no texto pela seguinte ordem (1):

Rosto (Figura 13) — Fólio 1r, com o título *REZÃO DO ESTADO DO BRASIL NO GVOVERNO DO NORTE SOMẼTE ASI COMO O TEVE DÕ DIOGO DE MENESES ATÉ O ANNO DE 1612.* Ao alto vêem-se as armas de Portugal, em baixo as dos Castros, à esquerda, dentro de uma oval, um vulcão lançando chamas, e à direita, em fundo de chamas, as palavras *Ad Altiora.* Junto da margem inferior está escrito, em letra seiscentista, *A El Conde Marq.ª de Eliches,* vendo-se ainda, na parte superior do fólio, vestígios de o pergaminho ter sido raspado em dois lugares.

Primeira Carta (Estampa 441 A) — Numa folha dupla com o n.º 5, uma carta geral do Brasil com o título *Terra de Santa Crvz a qve vvlgarmente chamão Brasil,* 424×564 mm, só com nomenclatura costeira, parecendo ser mais moderna que as restantes cartas do códice.

Segunda Carta (Estampa 441 B) — Numa folha dupla carcelada pelo meio, com o número 17, *Demostração da Capitania do Spirito Santo atte a ponta da barra do Rio doçe...,* 424 × 564 mm.

Terceira Carta (Estampa 441 C) — Numa folha com o número 23, *Diligentissima demonstração da sonda dos abrolhos na Costa do Brasil desde o Rio dos Frades e ponta de Corumbabo ate o Rio das caravelas, feita por mandado do governador dõ Dioguo de meneses o anno de 1610 pello Capitão e sarjento-mor* (2) *daquelle estado, sendo pilotos Ant.º viçente e valerio frz,* 424 × 564 mm.

Quarta Carta (Estampa 441 D) — Numa folha dupla com o número 31, representa a região de Porto Seguro, com legenda explicativa, 424 × 564 mm.

Quinta Carta (Estampa 442 A) — Numa folha dupla com o número 38, representa a costa desde a barra de Santo António até aos Ilhéus, com legenda explicativa, 424 × 564 mm.

Sexta Carta (Estampa 442 B) — Numa folha dupla com o número 46, representa a *Capitania dos Ilheos,* com legenda explicativa, 424 × 564 mm.

Sétima Carta (Estampa 442 C) — Numa folha dupla com o número 48,

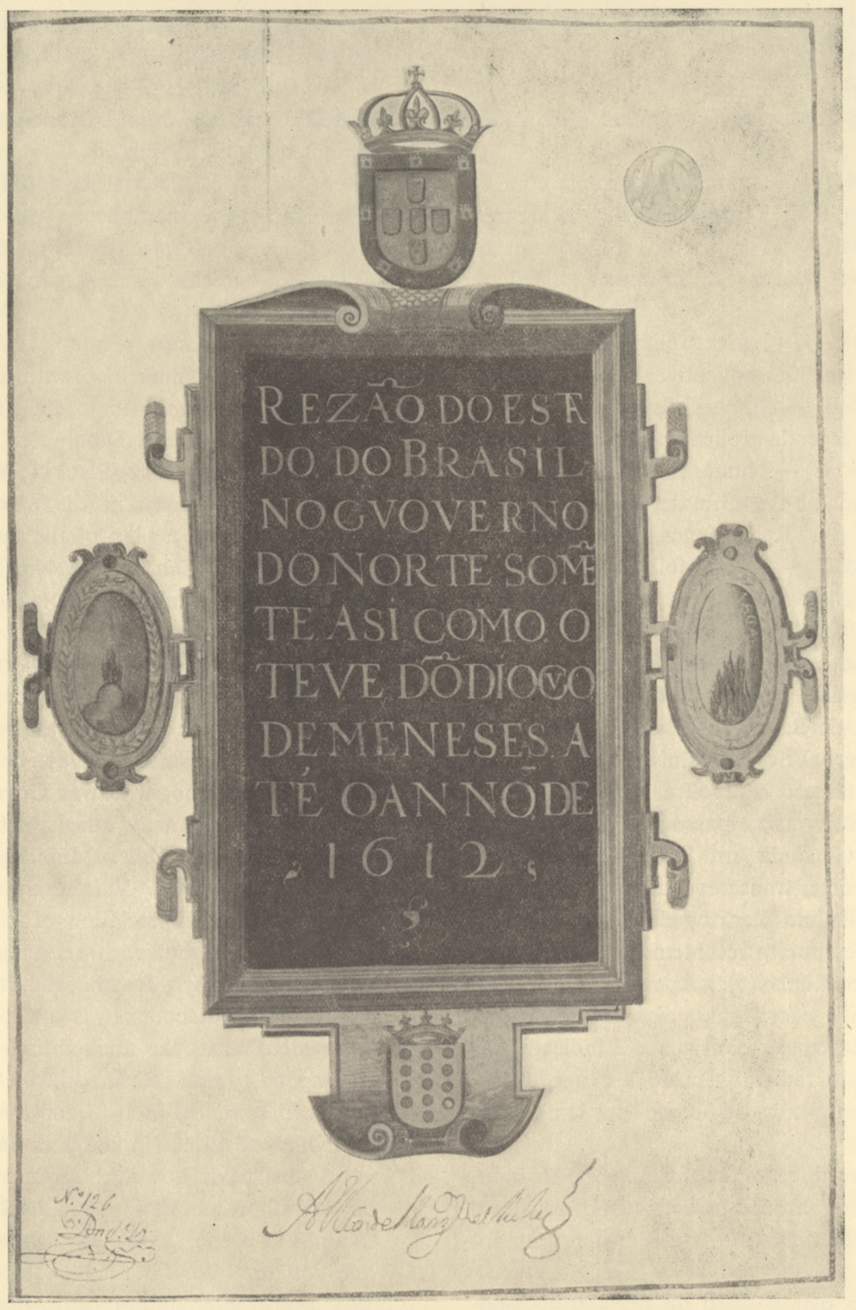


FIG. 13 — ROSTO DO CÓDICE *REZÃO DO ESTADO DO BRASIL,* DA BIBLIOTECA PÚBLICA MUNICIPAL DO PORTO

TITLE-PAGE OF THE CODEX *REZÃO DO ESTADO DO BRASIL,* IN THE BIBLIOTECA PÚBLICA MUNICIPAL, OPORTO

(1) Dado o espaço que isso ocuparia, não damos aqui a descrição do texto, que pode ver-se em Magalhães Basto 1938 e Hélio Vianna 1955.

(2) O Sargento-mor, pelo «Regimento das Companhias de Ordenanças» de 1570, era o auxiliar imediato do Capitão-mor, o qual era o chefe de cada «Capitania-mor» ou distrito de recrutamento.

ANONYMOUS
JOÃO TEIXEIRA ALBERNAZ I, EIGHTEEN CHARTS IN THE CODEX "REZÃO DO ESTADO DO BRASIL", c. 1616

PLATES 441-445

IN the Biblioteca Pública Municipal of Oporto, with the class-mark «Cód. 126», there is an anonymous codex of the early XVII century with 120 leaves, including eighteen charts, the title-page and charts being on vellum and the remaining leaves (twenty-nine of which bear text) of paper. The codex, 424 × 282 mm, is bound, and the title-page and charts, which are interpolated in the text in the following order, are illuminated (1).

Title-page (Figure 13) — Folio 1r, with the title «Report on the State of Brazil in the Government of the North, as it was held by D. Diogo de Menezes until the year 1612». At the top are the arms of Portugal, at the foot those of the Castros; on the left, within an oval frame, is a volcano belching flames, and to the right, on a background of flames, the words *Ad Altiora.* Near the lower margin is written, in a XVII-century hand, «To the Count Marquis de Eliches», and in the upper part of the leaf there are marks where the vellum has been scraped in two places.

First Chart (Plate 441 A) — On a double leaf with the number 5, a general chart of Brazil entitled «Land of Santa Cruz commonly called Brasil», 424 × 564 mm, with coastal nomenclature only. This seems to be later than the other charts in the codex.

Second Chart (Plate 441 B) — On a double leaf folded in half, with the number 17, «Demonstration of the Captaincy of Espirito Santo as far as the point of the bar of the Rio Doce ...», 424 × 564 mm.

Third Chart (Plate 441 C) — On a double leaf with the number 23, «Most diligent demonstration of the soundings of the shallows on the coast of Brazil from the Rio dos Frades and point of Corumbabo to the Rio das Caravelas, made by order of the Governor Dom Diogo de Meneses in the year 1610 by the Captain and *Sargento-mor* (2) of this state, the pilots being António Vicente and Valério Fernandes», 424 × 564 mm.

Fourth Chart (Plate 441 D) — On a double leaf with the number 31, representing the Porto Seguro region, with explanatory legend, 424 × 564 mm.

Fifth Chart (Plate 442 A) — On a double leaf with the number 38, representing the coast from the Bar of Santo António to the Ilhéus, with explanatory legend, 424 × 564 mm.

Sixth Chart (Plate 442 B) — On a double leaf with the number 46, representing the «Captaincy of Ilhéus», with explanatory legend, 424×564 mm.

Seventh Chart (Plate 442 C) — On a double leaf with the number 48,

(1) In view of the space which it would require, we do not here give a description of the text, which may be found in Magalhães Basto 1938 and Hélio Vianna 1955.

(2) The *Sargento-mor,* in the *Regimento das Companhias de Ordenanças,* 1570, was the subordinate of the *Capitão-mor,* the latter being the chief of each *Capitania-mor,* or recruiting district.

representa o *Rio das Contas, camamvme e o morro de S. Pavlo,* com legenda explicativa, 424 × 564 mm.

Oitava Carta (Estampa 442 D) — Numa folha dupla com o número 55, *A Bahia de Todos os Santos,* com legenda explicativa mencionando «emgenhos de asucar q̃ nos lugares onde se representaõ moem com notavel Rendimento o anno de 1612», 424 × 564 mm.

Nona Carta (Estampa 443 A) — Numa folha desdobrável com o número 57, *Pranta da cidade do Salvador na Bahia de Todos os Santos,* com legendas explicativas, 420 × 1055 mm. A meio da margem inferior tem colado um rectângulo em pergaminho desdobrável, com o projecto do «forte sôbre a lagem do pôrto que se há de fazer». No texto (fol. 51 v) diz-se que a planta «he copia do original que a Sua Mag.^{de} se apresentou o Anno de seis centos e sinquo para se dar a execução a fortificação daquella cidade», e que a traça da fortificação é de Leonardo Turriano, engenheiro-mor de Portugal, confirmada por Tiburcio Espanocci, engenheiro-mor de Espanha (3).

Décima Carta (Estampa 443 B) — Numa folha dupla com o número 71, *Serigipe Del Rey,* com legenda explicativa, 424 × 564 mm.

Décima primeira Carta (Estampa 443 C) — Ocupando a quarta parte, 282 × 424 mm, de uma folha desdobrável que contém na outra face a carta seguinte, representa o *Forte Novo da Pasaiem.*

Décima segunda Carta (Estampa 444 A) — Numa folha desdobrável com o número 77, representa o Rio de S. Francisco, com parte da costa e regiões vizinhas, 564 × 755 mm.

Décima terceira Carta (Estampa 444 B) — Numa folha dupla com o número 84, *Capitania de Paranambvco,* com legenda explicativa, 424 × 564 mm.

Décima quarta Carta (Estampa 444 C) — Numa folha dupla com o número 88, *Prespectiva do Ressife e Villa de Olinda,* com legenda explicativa, 424 × 564 mm.

Décima quinta Carta (Estampa 445 A) — Numa folha dupla com o número 102, *Capitania de Itamaraca,* com legenda explicativa, 424 × 564 mm.

Décima sexta Carta (Estampa 445 B) — Numa folha dupla com o número 109, *Paraiva ov Rio de S. D.^{os},* com legenda explicativa, 424 × 564 mm.

Décima sétima Carta (Estampa 445 C) — Numa folha dupla com o número 116, representa o litoral da capitania do Rio Grande, tendo no quarto superior esquerdo uma planta do forte dos Reis Magos, 424 × 564 mm.

Décima oitava Carta (Estampa 445 D) — Numa folha dupla com o número 120, representa o Maranhão, 424 × 564 mm.

O códice vem pela primeira vez referido na primeira edição (1789) do *Diccionario da Lingua Portugueza* de António de Morais Silva, a propósito da palavra «mocambos». Na quarta edição (1831) indicou-se que ele pertencia à livraria do segundo Visconde de Balsemão e fora comprado na Holanda em 1781, certamente pelo primeiro Visconde, Luís Pinto de Sousa Coutinho, que foi Governador de Mato Grosso de 1769 a 1772. O códice, juntamente com muitos outros daquela livraria, passou depois para a Biblioteca Pública Municipal do Porto, fundada em 1833. Poucos anos após, Varnhagen ocupou-se largamente dele, transcrevendo uma descrição e apreciação feita por «um jovem e habilíssimo literato» do Porto que não deixou divulgar o seu nome (4), o qual foi porém recentemente identificado por Magalhães Basto como sendo Diogo Köpke (5). Apontou este que o códice do Porto constitui uma cópia, e não o original, pois, além do mais, a numeração das folhas com as cartas não condiz com a que é indicada no texto, concluindo ainda que este teria sido redigido em 1613 e que o seu autor teria sido o Capitão ou o Sargento-mor do Brasil no tempo do Governador D. Diogo de Meneses.

No entanto Varnhagen, em anos seguintes e por várias vezes, atribuíu a obra a outros autores, até que finalmente, em 1854, se fixou no nome de Diogo de Campos Moreno, que foi o Sargento-mor do Brasil no tempo daquele Governador (6).

Numerosos autores se têm ocupado depois disso da obra, utilizando quer o texto quer as cartas, e a maior parte destas tem sido reproduzida algumas vezes, quer em estudos de ordem geral ou regional do Brasil, quer mesmo em análises directas dos elementos de vária ordem nelas contidos (7). Em 1938 Magalhães Basto apresentou uma desenvolvida descrição do códice portuense, com algumas notas históricas, e em 1949 todo o texto, sem as cartas, foi publicado por Engel Sluiter (8). Finalmente, em 1958, o

(3) A planta original, talvez da autoria de Francisco de Frias de Mesquita, engenheiro-mor do Estado do Brasil, teria sido provàvelmente levada para o Reino em 1604 por Diogo de Campos Moreno, sargento-mor do Brasil e quase de certeza o autor do texto da «Rezão do Estado do Brasil» (Vide Hélio Vianna 1955, p. 141).

(4) Francisco Adolfo Varnhagen, *Reflexões Criticas sobre o escrito dos fins do seculo dezasseis impresso com o titulo de Noticia do Brasil,* in *Collecção de Noticias para a Historia e Geografia das Nações Ultramarinas,* Tomo V, n.º 11, pp. 87-95. Lisboa 1839.

(5) Magalhães Basto 1938, pp. 123-4.

(6) *História Geral do Brasil,* segunda edição, Tomo I, p. 430, *apud* Hélio Vianna 1955, pp. 32-5.

(7) A respectiva bibliografia, acompanhada de desenvolvidos comentários, vem em Hélio Vianna 1955.

(8) Magalhães Basto 1938, pp. 115-26; Engel Sluiter, *Report on the State of Brasil,* 1612, in *Hispanic American Historical Review,* Vol. XXIX, n.º 4, pp. 521-62, Durham 1949.

representing the «Rio das Contas, Camamu, and the Mountain of S. Paulo», with explanatory legend, 424 × 564 mm.

Eighth Chart (Plate 442 D) — On a double leaf with the number 55, «The Bay of Todos os Santos», with explanatory legend referring to «sugar mills which, in the places where they are marked, grind with great yield in the year 1612», 424 × 564 mm.

Ninth Chart (Plate 443 A) — On a folded leaf with the number 57, «Plan of the City of Salvador in the Bay of Todos os Santos», with explanatory legends, 420 × 1055 mm. In the middle of the lower margin is pasted a hinged rectangular piece of vellum, with a drawing of the projected «fort which is to be made on the rock in the harbour». The text (fol. 51 v) states that the plan «is a copy of the original presented to His Majesty in the year 1605 to the intent that the fortification of this city be put in hand», and that the drawing of the fortification is by Leonardo Turriano, engineer-in-chief of Portugal, approved by Tiburcio Espanocci, engineer-in-chief of Spain (3).

Tenth Chart (Plate 443 B) — On a double leaf with the number 71, «Sergipe Del Rei», with explanatory legend, 424 × 564 mm.

Eleventh Chart (Plate 443 C) — Occupying a quarter, 282 × 424 mm, of a folding leaf bearing on the other side the next chart, represents the «New Fort of Passagem».

Twelfth Chart (Plate 444 A) — On a folding leaf with the number 77, representing the Rio de S. Francisco, with part of the coast and neighbouring regions, 564 × 755 mm.

Thirteenth Chart (Plate 444 B) — On a double leaf with the number 84, «Captaincy of Pernambuco», with explanatory legend, 424 × 564 mm.

Fourteenth Chart (Plate 444 C) — One double leaf with the number 88, «View of Recife and Town of Olinda», with explanatory legend, 424 × 564 mm.

Fifteenth Chart (Plate 445 A) — One double leaf with number 102, «Captaincy of Itamaracá», with explanatory legend, 424 × 564 mm.

Sixteenth Chart (Plate 445 B) — One double leaf with the number 109, «Paraíba or Rio de S. Domingos», with explanatory legend, 424 × 564 mm.

Seventeenth Chart (Plate 445 C) — One double leaf with the number 116, representing the coast of the captaincy of Rio Grande, with (in the top left-hand quarter) a plan of the fort of Reis Magos, 424 × 564 mm.

Eighteenth Chart (Plate 445 D) — One double leaf with the number 120, representing Maranhão, 424 × 564 mm.

The codex was recorded for the first time in the first edition (1789) of the *Diccionario da Lingua Portugueza* by António de Morais Silva, in reference to the word «mocambos». In the fourth edition (1831) it was stated to be in the library of the second Viscount de Balsemão, having been purchased in Holland in 1781, doubtless by the first Viscount, Luís Pinto de Sousa Coutinho, who was Governor of Mato Grosso from 1769 to 1772. The codex, with many other works from this library, subsequently passed to the Biblioteca Pública Municipal of Oporto, which was founded in 1833. A few years later, Varnhagen discussed it at length, transcribing a description and appreciation of it by «a young and very able scholar» of Oporto who did not wish his name to be revealed (4) but who has recently been identified by Magalhães Basto as Diogo Köpke (5). He pointed out that the Oporto codex was a copy and not the original, on the ground (*inter alia*) that the numeration of the leaves bearing charts does not correspond to that indicated in the text, and he also concluded that the work had been compiled in 1613 and that its author was the Captain or the *Sargento-mor* of Brazil in the term of the Governor D. Diogo de Meneses.

Varnhagen however, repeatedly in subsequent years, attributed it to other authors, until in 1854 he finally settled on the name of Diogo de Campos Moreno, who was *Sargento-mor* of Brazil under the Governor in question (6).

Many later authors have dealt with the work, making use of the text or the charts, and most of the charts have been reproduced several times, either in general and regional works on Brazil, or in studies of the information of various kinds to be found in the charts themselves (7). In 1938 Magalhães Basto produced a detailed description of the Oporto codex, with historical notes, and in 1949 the complete text (but without the charts) was published by Engel Sluiter (8). Finally, in 1958, the work was very thoroughly studied

(3) The original plan, perhaps by Francisco de Frias de Mesquita, engineer-in-chief of the State of Brazil, was probably taken to Portugal in 1604 by Diogo de Campos Moreno, *Sargento-mor* of Brazil and almost certainly the author of the *Rezão do Estado do Brasil* (see Hélio Vianna 1955, p. 141).

(4) Francisco Adolfo Varnhagen, *Reflexões Criticas sobre o escrito dos fins do seculo dezasseis impresso com o titulo de Noticia do Brasil,* in *Collecção de Noticias para a Historia e Geografia das Nações Ultramarinas,* Tomo V, n.º 11, pp. 87-95. Lisboa 1839.

(5) Magalhães Basto 1938, pp. 123-4.

(6) *História Geral do Brasil,* second edition, Tomo I, p. 430, *apud* Hélio Vianna 1955, pp. 32-5.

(7) The bibliography, with detailed commentaries, will be found in Hélio Vianna 1955.

(8) Magalhães Basto 1938, pp. 115-26; Engel Sluiter, *Report on the State of Brasil,* 1612, in *Hispanic American Historical Review,* Vol. XXIX, n.º 4, pp. 521-62, Durham 1949.

historiador brasileiro Hélio Viana submeteu a obra a uma análise muito minuciosa, publicando o texto de uma outra cópia (mais recente alguns anos que a do Porto) existente no Instituto Histórico e Geográfico do Rio de Janeiro e comparando entre si as cartas dos códices do Porto e do Rio de Janeiro e ainda as do atlas de 1627 assinado por João Teixeira Albernaz I existente em Paris (9). Deste importante estudo (do qual extraímos já a maioria das notas sobre a história do códice) passamos a resumir algumas conclusões que mais interessam ao nosso caso, que é principalmente o que se refere às cartas e só acessòriamente o relativo ao texto.

Na sequência do que haviam sugerido Köpke e Varnhagen, apresenta Hélio Viana outros numerosos argumentos indicando que o Sargento-mor Diogo de Campos Moreno foi na realidade o autor do texto da *Rezão do Estado do Brasil* e que deve também ter recolhido alguns elementos que foram utilizados na execução das respectivas cartas. Assim, sabe-se que Filipe III de Espanha (II de Portugal) ordenou a D. Diogo de Meneses e Sequeira (o qual governou o Brasil, com excepção das capitanias do sul — Espírito Santo, Rio de Janeiro e S. Vicente — de 1608 a 1612) que organizasse um «Livro do Estado», onde se assentassem «todas as capitanias dele, declarando-se as que são da Coroa e as que são de donatários, com as fortalezas e fortes que cada uma tem e assim a artilharia que nelas há ... gente que tem de ordenança, oficiais e ministros, com declaração dos ordenados, soldos e despezas ordinárias ... e assim do que cada uma delas rende para minha Fazenda ... o qual [livro] tivesse em seu poder, e fosse reformando nele cada ano o que se mudasse ...». Num regimento de 31 de Agosto de 1612, passado ao novo Governador-Geral Gaspar de Sousa, refere-se esta ordem e diz-se que não fora ainda recebida cópia de tal livro no Reino, pelo que ele devia providenciar para que o livro se organizasse, caso não estivesse feito, e se mantivesse actualizado anualmente. Pouco depois da entrega do referido regimento a Gaspar de Sousa, e quando este se encontrava ainda na Europa, chegou do Brasil o Sargento-mor Diogo de Campos Moreno, trazendo então provàvelmente o original ou as notas para a elaboração do «Livro do Estado». É de supor, portanto, que em 1612 ou 1613 (ano este em que permaneceu na Europa) ele tenha redigido o trabalho. Em 1614 regressou ao Brasil, participando na expedição de conquista do Maranhão, voltou ao Reino em 1615, seguindo de novo para o Brasil e Maranhão no mesmo ano, e veio a morrer no tempo do Governador seguinte, D. Luís de Sousa. O texto que fez inicialmente para o «Livro do Estado», conforme as ordens recebidas, dizia portanto respeito apenas às capitanias de Porto Seguro ao Rio Grande, e as actividades militares dos últimos tempos da sua vida não lhe devem ter permitido redigir as partes relativas às capitanias do sul e ao Maranhão, depois da unificação do governo, o que explicaria a sua falta nos vários apógrafos conhecidos (10). No entanto, nos dois que têm cartas, estas registam elementos novos que ajudam a datá-los, assunto de que nos vamos ocupar, em relação ao códice do Porto, na análise sumária da sua cartografia.

Convém porém referir desde já alguns factos e ideias apresentados por Jaime Cortesão. Em sua opinião, as cartas da *Razão do Estado do Brasil,* embora feitas por João Teixeira I, devem reflectir profundamente a influência de Luís Teixeira, tanto mais que este ainda era vivo em 1613. Na realidade, como vimos ao tratar deste cartógrafo (11), ele trabalhou no Brasil e organizou o seu primeiro atlas especial, cujas cartas prometeu a Ortélio em 1592, delas havendo vestígios no roteiro-atlas da Biblioteca da Ajuda, c. 1586. O primitivo atlas teria sido melhorado através de novos levantamentos, de dois dos quais, na região dos Abrolhos, há notícia de se terem realizado no tempo de Diogo Botelho (1602-1608) (12) e de Diogo de Meneses (1610, referido na legenda da terceira carta do códice do Porto, onde se diz que foi executado pelos pilotos António Vicente Cochado e Valério Fernandes, sob a direcção precisamente de Diogo de Campos Moreno). Aponta também Jaime Cortesão que a última carta, a do Maranhão, ainda relativa ao tempo da ocupação francesa dado que não indica o forte de Santiago, seria de fins de 1614 ou princípios de 1615 (13). Noutro trabalho (14), chama a atenção para o facto de o piloto António Vicente Cochado ter explorado e cartografado, em 1605, a costa desde a Ponta de Corumbabe até ao Rio das Caravelas e em especial os Abrolhos,

by the Brazilian historian Hélio Viana, who published the text from another copy (some years later than that of Oporto) now preserved in the Instituto Histórico e Geográfico, Rio de Janeiro, and collated the charts of the Oporto and Rio de Janeiro codices, besides those of the 1627 atlas signed by João Teixeira Albernaz I and now in Paris (9). From this important study (from which we have already extracted most of our notes on the history of the codex) we shall abstract those conclusions which are more pertinent in the present case, chiefly in regard to the charts and only secondarily to the text.

Pursuing the suggestions made by Köpke and Varnhagen, Hélio Viana uses many other arguments to demonstrate that the *Sargento-mor* Diogo de Campos Moreno was in fact the author of the *Rezão do Estado do Brasil* and that he must have assembled some of the information used in drawing the corresponding charts. Thus it is known that Philip III of Spain (II of Portugal) ordered D. Diogo de Meneses e Sequeira (Governor of Brazil — except the southern captaincies of Espírito Santo, Rio de Janeiro and S. Vicente — from 1608 to 1612) to compile a *Livro do Estado,* in which were to be recorded «all its captaincies, indicating those of the Crown and those of donataries, with the fortresses and forts in each captaincy and also the artillery in them ... the people who hold office, officials and ministers, with a statement of their salaries, pay and ordinary expenses ... and also of what each of them yields for my Exchequer ... and this book he shall keep in his possession, and have it revised each year where there are changes ...». The instructions of 31 August 1612, given to the new Governor-general Gaspar de Sousa, cite this order and state that no copy of the said book had been received in the Kingdom, so that he must arrange for the book to be compiled (if this had not been done) and to be brought up-to-date annually. Shortly after the issue of these instructions to Gaspar de Sousa, and while he was still in Europe, the *Sargento-mor* Diogo de Campos Moreno arrived from Brazil, probably bringing with him the original text of the *Livro do Estado,* or notes for its compilation. We may therefore suppose that he composed the work in 1612 or in 1613 (the year in which he was in Europe). In 1614 he returned to Brazil, where he took part in the expedition for the conquest of Maranhão; he was back in Portugal in 1615 and returned to Brazil and Maranhão in the same year, dying in the term of office of the next Governor, D. Luís de Sousa. The original text which he wrote for the *Livro do Estado,* in accordance with the orders issued, consequently embraced only the captaincies from Porto Seguro to the Rio Grande, and his military activities in the last years of his life, which must have prevented him from writing the sections relating to the captaincies of the south and of the Maranhão, after the unification of the government, account for the omission of these captaincies from the various copies known (10). Nevertheless the charts of the two copies which have them record new facts which help to date the manuscripts, and we shall refer to this, in regard to the Oporto codex, in our summary account of its cartography.

At this point we may cite certain facts and hypotheses put forward by Jaime Cortesão. In his opinion, the charts of the *Razão do Estado do Brasil,* although drawn by João Teixeira, are strongly marked by the influence of Luís Teixeira, especially as the latter was still alive in 1613. In fact, as we saw in dealing with this cartographer (11), he worked in Brazil and compiled the first special atlas of that country, the charts of which were promised to Ortelius in 1592 and have left traces in the rutter-atlas of the Biblioteca da Ajuda, c. 1586. The original atlas would have been revised from new surveys, two of which, in the vicinity of the Abrolhos, are recorded as having been made in the time of Diogo Botelho (1602-1608) (12) and of Diogo de Menezes (1610, as noted in the legend of the third chart of the Oporto codex, with the statement that it was carried out by the pilots António Vicente Cochado and Valério Fernandes, under the direction of Diogo de Campos Moreno himself). Jaime Cortesão has also pointed out that the last chart, that of Maranhão, relates to the period of French occupation (since it does not show the fort of Santiago) and must be of the end of 1614 or beginning of 1615 (13). Elsewhere (14), he calls attention to the fact that in 1605 the pilot António Vicente Cochado had explored and charted the coast from the Point of Corumbabe to the Rio das Caravelas, particularly

---

(9) Hélio Vianna 1955. Embora a data de 1955 figure no rosto do livro, naturalmente por ser publicação comemorativa do Tricentenário da Restauração Pernambucana, ele foi impresso em 1958, como vem indicado no final. Das cartas do códice do Rio de Janeiro e atlas de Paris ocupamo-nos nos textos seguintes.

(10) Cinco ao todo, mas apenas dois com cartas (códice 126 da Biblioteca Pública Municipal do Porto e o do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro).

(11) Volume III, pp. 41-9.

(12) Vide Volume III, pp. 82-3.

(13) Jaime Cortesão, *Curso de História da Cartografia, Geografia das Fronteiras do Brasil e Mapoteconomia,* realizado no Ministério das Relações Exteriores, Cap. 10. Rio de Janeiro 1945 (folhas mimeografadas).

(14) Jaime Cortesão, *História do Brasil nos velhos mapas,* Cap. III, no prelo na altura em que escrevemos (Setembro de 1959).

(9) Hélio Vianna 1955. Although the date 1955 appears in the front of his book, which was published to commemorate the Tercentenary of the Restoration of Pernambuco, it was only printed in 1958, as we are informed at the end. The charts of the Rio de Janeiro codex and the Paris atlas are discussed in the sections following.

(10) Five in all, but only two with charts (codex 126 of the Biblioteca Pública Municipal of Oporto and that of the Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro).

(11) Volume III, pp. 41-9.

(12) See Volume III, pp. 82-3.

(13) Jaime Cortesão, *Curso de História da Cartografia, Geografia das Fronteiras do Brasil e Mapoteconomia,* delivered in the Ministério das Relações Exteriores, Chap. 10. Rio de Janeiro 1945 (mimeographed).

(14) Jaime Cortesão, *História do Brasil nos velhos mapas,* Chap. III, in the press as we write (September 1959).

e de ter tomado parte, como piloto-mor, na expedição de 1615 ao Maranhão, escrevendo o roteiro e provàvelmente fazendo a carta da região. Hélio Viana, por outro lado, aponta que o próprio Diogo de Campos Moreno, na sua *Jornada do Maranhão por ordem de Sua Majestade feita no ano de 1614,* escrita nos começos de 1615, refere uma conversa com o Senhor de La Ravardière, chefe da colónia francesa do Maranhão, da qual se deduz que recebeu deste a promessa de uma carta da região; no facto de a carta final da *Razão do Estado do Brasil* conter vários topónimos de origem francesa vê uma prova de que nela se utilizou a carta prometida por La Ravardière em Dezembro de 1614. Sugere ainda que a referida carta final do códice portuense constitui uma adição, tanto mais que está precedida de uma folha de papel com marca de água diferente das restantes folhas (15). O historiador brasileiro regista igualmente que o Conde Marquês de Eliches, da dedicatória do frontispício, foi o genro do Conde Duque de Olivares, D. Gaspar de Guzmán, poderoso ministro de Filipe III e Filipe IV. Também, em sua opinião, o facto de o códice do Porto conter setenta e cinco folhas em branco revela o propósito de lhe introduzir os sucessivos aditamentos previstos na ordem inicial de Filipe III para se organizar o «Livro do Estado», o que já não se verifica em grau semelhante no códice do Rio de Janeiro, feito no decénio seguinte, como veremos, e quando já se organizara a «Folha Geral» (despesas reais nas diversas capitanias a pagar pelos rendimentos do Brasil, 1616) que veio substituir um dos objectivos principais do «Livro do Estado» (16).

As cartas do códice do Rio de Janeiro, além de serem mais numerosas, apresentam alguns progressos em relação às do Porto, como veremos ao tratar daquele, o que mostra que este é mais antigo. A carta geral do Brasil seria mais moderna que as restantes cartas, constituindo aditamento posterior, segundo julga Hélio Viana. A terceira carta tem uma referência a 1610, e a oitava outra a 1612. No que respeita ao autor, tem-se afirmado geralmente que foi João Teixeira Albernaz I. Na realidade, a carta geral do Brasil do códice do Rio de Janeiro tem a sua assinatura, bem como o atlas datado de 1627, e as semelhanças de traçado, estilo e letra são tão grandes (dispensamo-nos de as apontar em pormenor, pois a simples comparação das reproduções que damos é suficientemente elucidativa) que dificilmente se pode admitir que as três obras não tenham sido desenhadas pelo mesmo cartógrafo (17). Deve também realçar-se que, embora haja certas variantes de umas para as outras, as legendas têm redacção muito semelhante. João Teixeira I teria aproveitado, evidentemente, além das anteriores cartas de Luís Teixeira, outros elementos mais recentes, nomeadamente os que lhe traria Diogo de Campos Moreno. Afigura-se-nos também possível que o próprio Luís Teixeira — ainda vivo em 1613, e falecido antes de 1622 em ano ignorado — tenha orientado ou colaborado na execução das cartas que ilustrariam o original, hoje perdido, da *Razão do Estado do Brasil.*

No que respeita à data, Jaime Cortesão opinou por c. 1616 (18), mas Hélio Viana entende ser mais correcto afirmar que as cartas sejam um pouco posteriores aos anos da preparação do texto (1612-14) com possíveis acréscimos até 1627 (principalmente no que respeita ao códice do Rio de Janeiro) (19).

Em nossa opinião, o limite inferior das cartas do códice portuense é evidentemente 1612, e o limite superior será uma data anterior de alguns anos a 1627. Certos indícios tendem porém para uma data recuada dentro daquele período. Assim, o códice não teria originàriamente a carta geral do Brasil, o que se explicaria pelo facto de o texto dizer apenas respeito ao Governo do Norte; mas em 1612, voltou a haver um governador de todo o território, e no códice do Rio de Janeiro já vemos uma carta geral do Brasil e cartas das capitanias do sul. Por outro lado, como Hélio Viana aponta, a carta final do Maranhão — cujo protótipo data de 1615 — parece constituir um acrescentamento, e a existência de um grande número de folhas em branco destinadas aos aditamentos previstos na ordem de execução do «Livro do Estado», quando em 1616 foi organizada a «Folha Geral» que tornava obsoleta tal disposição, é mais outro indício da antiguidade do códice portuense. Quando o original da «Razão do Estado do Brasil», com as suas cartas, foi concluído, devem logo ter sido tiradas cópias dele (tinha de haver pelo menos uma em Portugal e outra no Brasil), e não encontramos motivos que levem

(15) Hélio Vianna 1955, pp. 103-5.

(16) *Ibidem,* pp. 9, 63, 67-9.

(17) Como temos apontado, João Teixeira aprendeu durante longo tempo a sua arte com o pai, sendo muito semelhantes os estilos das produções de um e de outro. É ainda admissível que o mesmo sucedesse com Pedro Teixeira, filho também de Luís Teixeira. Não se conhece nenhuma obra manuscrita sua, mas a carta do Estreito de Magalhães e Terra do Fogo, de 1621, feita de colaboração com seu irmão, apresenta, apesar de possíveis alterações do gravador, notáveis semelhanças de estilo em relação a Luís e João Teixeira. Não podemos pois arredar a possibilidade de Pedro Teixeira ter também trabalhado nas cartas da *Razão do Estado do Brasil.*

(18) *Op. cit.,* na nota (13), *apud* Hélio Vianna 1955, p. 73. No exemplar que consultámos daquela obra não encontramos tal referência à data, mas tratar-se-á possivelmente de aditamento ou alteração introduzida em ano posterior em que tenha leccionado o curso.

(19) Hélio Vianna 1955, pp. 71-3.

the Abrolhos, and that he took part, as pilot-major, in the 1615 expedition to Maranhão, writing a rutter for it and probably drawing a chart of the region. Hélio Viana on the other hand points out that, in his «Voyage to Maranhão made by order of His Majesty in the year 1614», written early in 1615, Diogo de Campos Moreno himself reports a conversation with the Sieur de La Ravardière, leader of the French colony of Maranhão, indicating that the latter promised him a chart of the region. A number of place names of French derivation, found in the last chart of the *Razão do Estado do Brasil,* testify that the chart promised by La Ravardière in December 1614 was used in its compilation. This also suggests that the last chart of the Oporto codex is an addition, particularly as it is preceded by a leaf of paper with a different watermark from the other leaves (15). The Brazilian historian notes, moreover, that the Count Marquis de Eliches, named in the dedication on the title-page, was the son-in-law of the Count Duke de Olivares, D. Gaspar de Guzmán, the powerful minister of Philip III and Philip IV. In his opinion, also, the seventy-five blank leaves in the Oporto codex reveal the intention to introduce into it the successive additions prescribed by Philip III's original order for the compilation of the *Livro do Estado*; this does not apply to the same extent to the Rio de Janeiro codex made (as we shall see) in the following decade, when the «General Folio» (of royal expenses in the various captaincies to be paid from the revenues of Brazil, 1616), by then already compiled, had fulfilled one of the chief purposes of the *Livro do Estado* (16).

The charts of the Rio de Janeiro codex, in comparison with those in the Oporto codex, are not only more numerous, but also (as we shall see in discussing it) reflect some improvements showing that that of Oporto is the earlier. The general chart of Brazil is later than the other charts and is a subsequent addition, in Hélio Viana's opinion. The third chart has a reference to 1610, and the eighth one to 1612. The author is commonly stated to be João Teixeira Albernaz I. His signature is indeed found on the general chart of Brazil in the Rio de Janeiro codex, as in the atlas dated 1627, and the affinities of drawing, style and writing (we refrain from listing them in detail, since mere comparison of our reproductions makes them sufficiently evident) are so great that it would be difficult to maintain that the three works were not drawn by the same cartographer (17). It must also be emphasised that, although there are some variations between one and another, the wording of the legends is very similar. João Teixeira I evidently supplied, in addition to the earlier charts of Luís Teixeira, some more up-to-date materials, notably those furnished to him by Diogo de Campos Moreno. We also think it possible that Luís Teixeira himself — who was still alive in 1613 and died at an unknown date before 1622 — may have directed, or collaborated in, the preparation of the charts which illustrated the now lost original of the *Razão do Estado do Brasil.*

In regard to date, Jaime Cortesão prefers c. 1616 (18), but Hélio Viana thinks it more correct to say that the charts are a little later than the period (1612-14) in which the text was compiled, with possible additions to 1627 (principally in the Rio de Janeiro codex) (19).

In our judgment, the lower limit of the charts in the Oporto codex is plainly 1612, and the upper limit a date some years earlier than 1627. Certain indications however point to a date nearer the earlier of these limits. Thus, the codex originally had no general chart of Brazil, an omission which is explained by the fact that the text related only to the Government of the North; but in 1612 there was once more a Governor of the whole territory, and the Rio de Janeiro codex contains a general chart of Brazil and charts of the captaincies of the South. On the other hand, as Hélio Viana notes, the last chart, that of Maranhão, the prototype of which dates from 1615, appears to be an addition. Finally, as the Brazilian historian also observes, we have further evidence of the antiquity of the Oporto codex in the existence of a large number of blank leaves intended for the additions promised in the order for making the *Livro do Estado,* whereas the «General Folio» prepared in 1616 made this arrangement obsolete. When the original text of the *Razão do Estado do Brasil,* with its charts, was completed, copies of it must have been made (there had to be at least one in Portugal and one in Brazil), and

(15) Hélio Vianna 1955, pp. 103-5.

(16) *Ibidem,* pp. 9, 63, 67-9.

(17) As we have shown, João Teixeira long studied his art under his father, and the style of their respective works is very similar. It is possible that this applies also to Pedro Teixeira, another son of Luís Teixeira. No manuscript work by him is known, but the chart of the Strait of Magellan and Tierra del Fuego, 1621, which he made in collaboration with his brother, has (if we allow for possible corruptions by the engraver) notable affinities of style with Luís and João Teixeira. In the circumstances, we cannot dismiss the possibility that Pedro Teixeira might have collaborated in the charts of the *Razão do Estado do Brasil.*

(18) *Op. cit.* in note (13), *apud* Hélio Vianna 1955, p. 73. In the copy of this work which we use we have failed to find this reference to the date, but it was perhaps an addition or correction made after the lectures had been delivered.

(19) Hélio Vianna 1955, pp. 71-3.

a arredar a hipótese de o códice portuense ser uma das primeiras cópias, embora mais tarde se lhe adicionasse a carta geral e a carta do Maranhão. Nestas circunstâncias, aceitamos a data proposta por Jaime Cortesão, afigurando-se-nos que o códice do Porto foi originàriamente escrito e desenhado num ano muito próximo de 1616.

Resumindo: Filipe II de Portugal ordenou a D. Diogo de Meneses a execução de um «Livro do Estado», com elementos estatísticos, económicos, militares e geográficos vários. O Sargento-mor do Brasil, Diogo de Campos Moreno, procedeu à sua recolha, e entre 1612 e 1614, encontrando-se então em Portugal, deve ter redigido o texto definitivo. Nessa altura seria solicitada a colaboração do cartógrafo Luís Teixeira, ou de seu filho João Teixeira, ou de ambos, a fim de se executarem as cartas que deviam ser incluídas no Livro. Perdeu-se o original deste, mas sobreviveu uma cópia, o códice 126 da Biblioteca Pública Municipal do Porto, que tudo leva a supor tenha sido feita em data muito próxima da do original. As cartas desta cópia apresentam claramente o aspecto de serem devidas sobretudo a João Teixeira Albernaz I. Esta cópia tem no frontispício as armas dos Castros, pelo que talvez se destinasse ao Arcebispo de Lisboa, D. Miguel de Castro, o qual foi Governador de Portugal de 1615 a 1617, ou a D. Diogo de Castro, que depois também foi Governador de Portugal, e era sogro de Duarte de Albuquerque Coelho, donatário de Pernambuco (20). Passados alguns anos, o códice veio à posse de D. Ramiro Núñez de Guzmán, Conde Marquês de Eliche e genro do Conde Duque de Olivares, e deve ter pertencido a mais uma ou duas pessoas, cujos nomes teriam sido raspados do frontispício. Em condições ignoradas, o códice foi parar à Holanda, onde o comprou em 1781 Luís Pinto de Sousa Coutinho, primeiro Visconde de Balsemão, e no século seguinte passou da livraria do segundo Visconde à Biblioteca Pública Municipal do Porto, onde ainda se encontra.

Depois do perdido atlas do Brasil de Luís Teixeira, ainda do século XVI, e de que apenas uma parte se contém no roteiro-atlas da Ajuda, as cartas do códice portuense constituem o mais antigo atlas especial, hoje conhecido, de um território americano, o que lhe confere especial significado na história da cartografia. Realça ainda o facto a circunstância de o mais antigo atlas especial desse tipo relativo a territórios ultramarinos portugueses dizer precisamente respeito ao Brasil, o que mostra a importância crescente deste, dentro do agregado lusitano, em começos do século XVII.

we find no grounds for rejecting the hypothesis that the Oporto codex was one of the first copies, even if the general chart and the chart of Maranhão were added later. In these circumstances, we accept the date proposed by Jaime Cortesão, supposing the Oporto codex to have been originally written and drawn in a year very close to 1616.

To sum up: Philip II of Portugal ordered D. Diogo de Meneses to prepare a *Livro do Estado,* containing various statistical, economic, military and geographical data. The *Sargento-mor* of Brazil, Diogo de Campos Moreno, proceeded to compile it, and he must have composed the definitive text in Portugal between 1612 and 1614. At this time he must have sought the collaboration of the cartographer Luís Teixeira, or of his son João Teixeira, or of both, for the execution of the charts to be included in the *Livro*. Although the original manuscript has been lost, a copy has survived in Codex 126 of the Biblioteca Pública Municipal of Oporto, which all the evidence suggests to have been made at about the same date as the original. The charts in this copy have every appearance of being predominantly from the hand of João Teixeira Albernaz I. The arms of the Castros on the title-page of this copy suggest that it was perhaps intended for the Archbishop of Lisbon, D. Miguel de Castro, Governor of Portugal from 1615 to 1617, or for D. Diogo de Castro, also later Governor of Portugal, who was the father-in-law of Duarte de Albuquerque Coelho, donatory of Pernambuco (20). After some years, the codex came into the possession of D. Ramiro Núñez de Guzmán, Count Marquis de Eliche and son-in-law of the Count Duke de Olivares, and it must have belonged to one or two later owners, whose names may have been erased from the title-page. In unknown circumstances, the codex came to rest in Holland, where it was purchased in 1781 by Luís Pinto de Sousa Coutinho, first Viscount de Balsemão, and in the next century it came from the library of the second Viscount to the Biblioteca Pública Municipal of Oporto, where it has remained.

After the lost atlas of Brazil made by Luís Teixeira in the XVI century, of which only a part is to be found in the Ajuda rutter-atlas, the charts of the Oporto codex comprise the oldest special atlas of an American territory known to survive to-day, and it is therefore of particular significance in cartographic history. This fact also underlines the circumstance that the oldest special atlas of its kind relating to Portuguese overseas territories is devoted precisely to Brazil, illustrating the growing importance of this country in the Lusitanian complex at the beginning of the XVII century.

BIBLIOGRAFIA PRINCIPAL

A. DE MAGALHÃES BASTO, *Catálogo dos Manuscritos Ultramarinos da Biblioteca Pública Municipal do Porto, in* Vol. III da Secção «Estudos Gerais» do *Primeiro Congresso da História da Expansão Portuguesa no Mundo*. Lisboa 1938.

SELECT BIBLIOGRAPHY

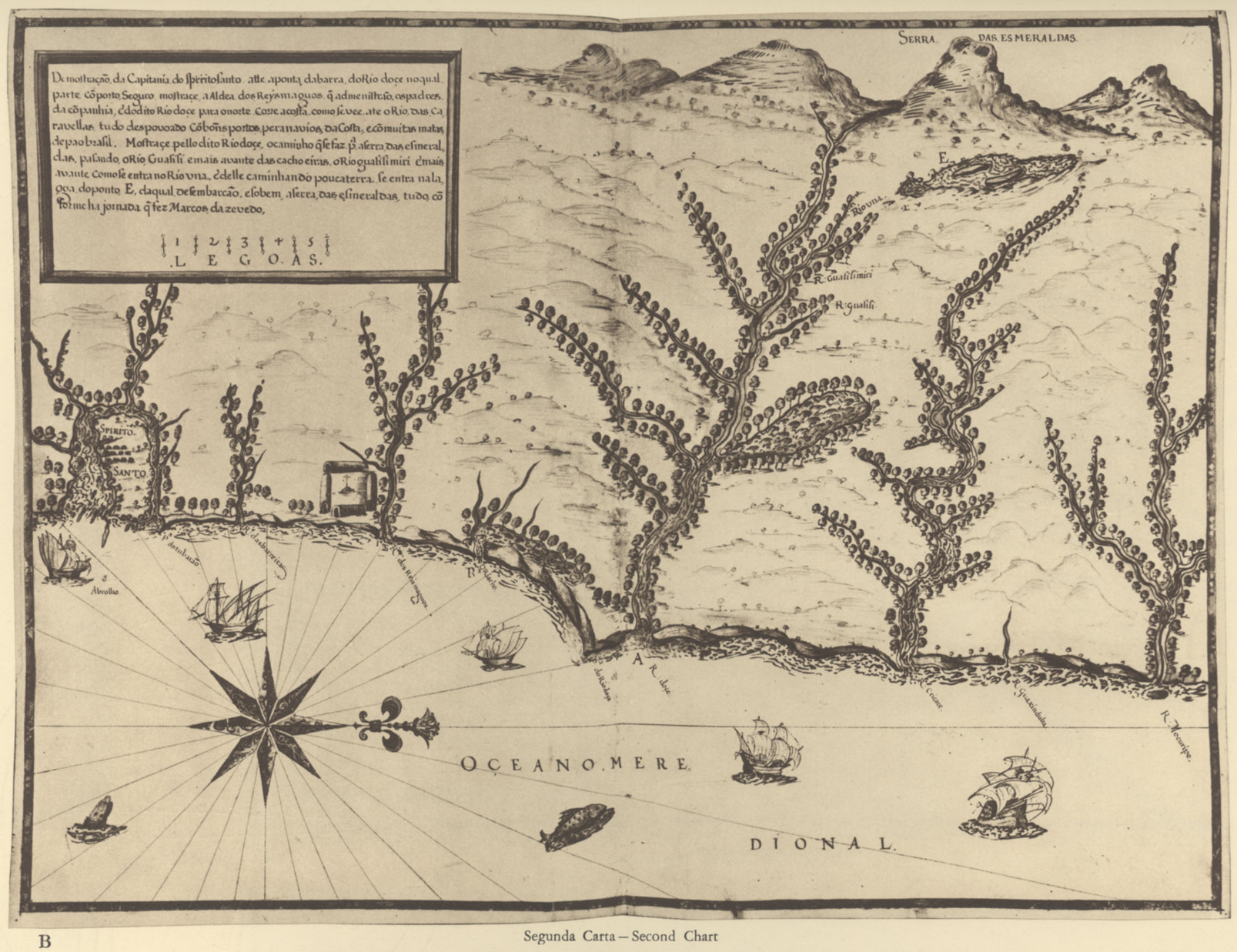
HÉLIO VIANNA, *Diogo de Campos Moreno — Livro que dá Razão do Estado do Brazil, 1612.* Recife 1955 (impressão em 1958).

(20) Hélio Vianna 1955, p. 67.

(20) Hélio Vianna 1955, p. 67.

Primeira Carta – First Chart

A



Segunda Carta – Second Chart

B

Terceira Carta – Third Chart

C

Quarta Carta – Fourth Chart

D

Original 424×564 mm.

ANÓNIMO-JOÃO TEIXEIRA ALBERNAZ I, c. 1616

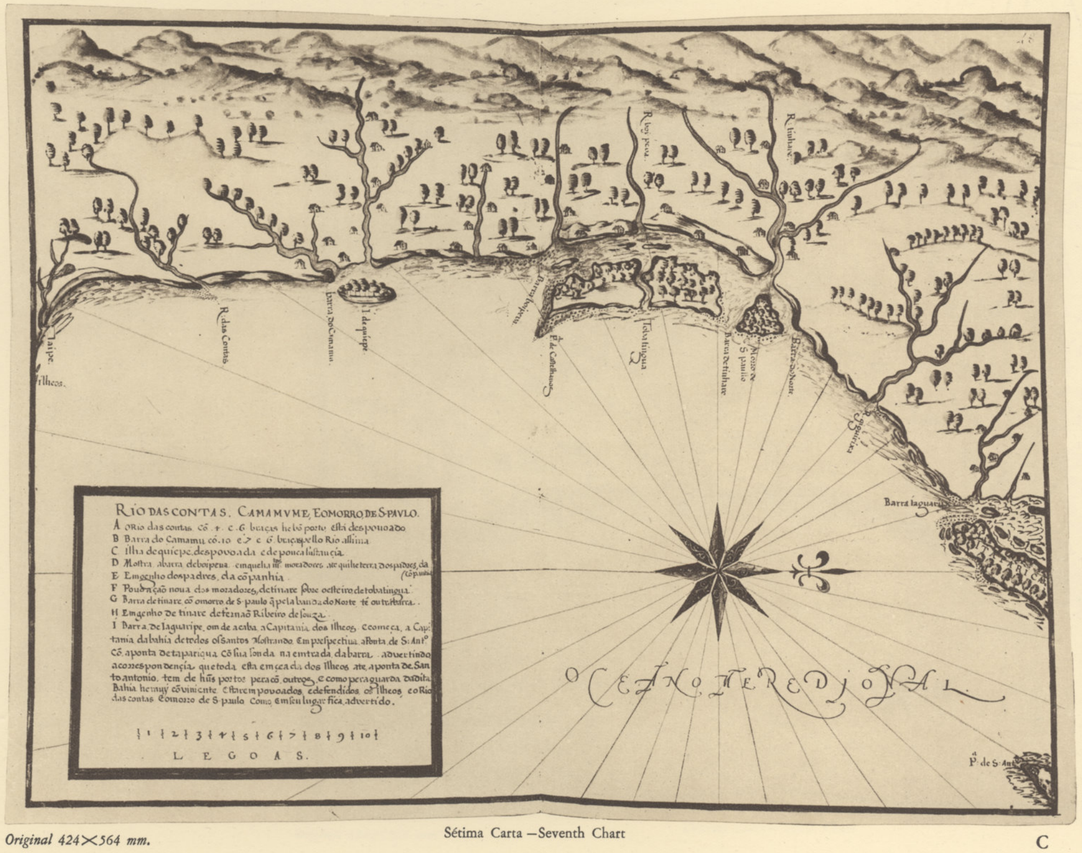
Rezão do Estado do Brasil, códice com dezoito cartas
Rezão do Estado do Brasil, codex with eighteen charts
Biblioteca Pública Municipal, Porto

Quinta Carta – Fifth Chart

A

Sexta Carta – Sixth Chart

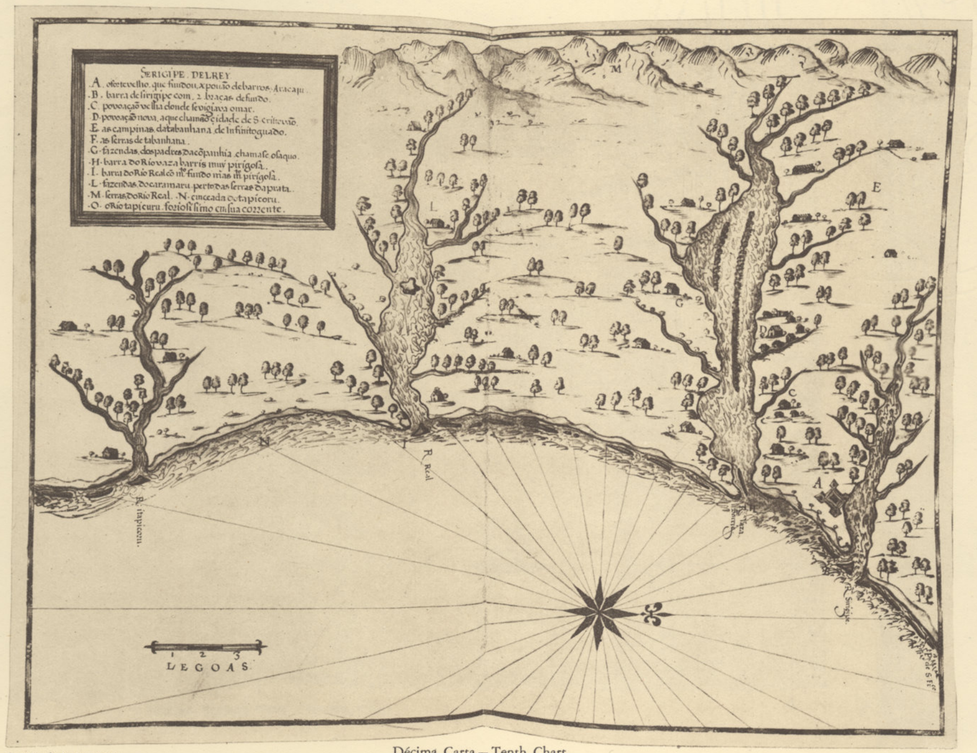
B


Rio de Camamu
Rio de Cayti
Rio de Jaguaripe
Rio de Jaguaripe
Rio de Cayti
Rio de Camamu
Rio de Cayti
Rio de Jaguaripe

Original 420×1.055 mm.

A

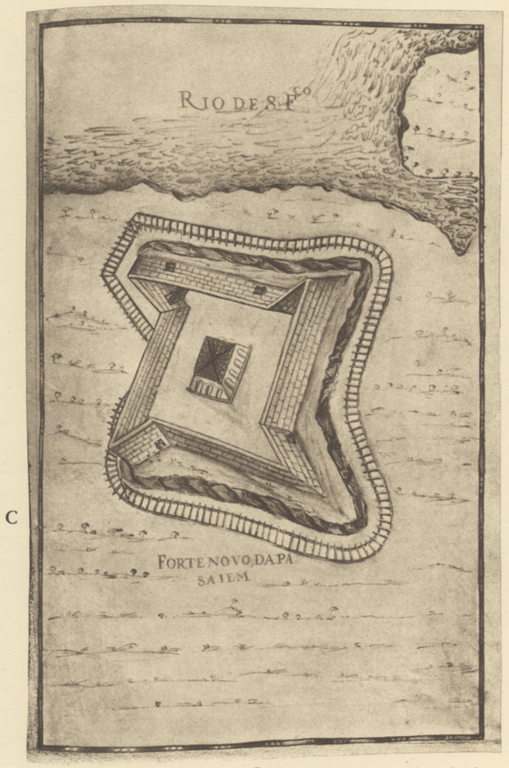
Nona Carta — Ninth Chart



Original 424×564 mm.

Décima Carta — Tenth Chart

B



C

Original 282×424 mm.

Décima primeira Carta — Eleventh Chart

ANÓNIMO-JOÃO TEIXEIRA ALBERNAZ I, c. 1616

Rezão do Estado do Brasil, códice com dezoito cartas
Rezão do Estado do Brasil, codex with eighteen charts
Biblioteca Pública Municipal, Porto

Original 564×755 mm.

Décima segunda Carta – Twelfth Chart

A

B

Décima terceira Carta – Thirteenth Chart

C

Original 424×564 mm.

Décima quarta Carta – Fourteenth Chart

Anónimo-João Teixeira Albernaz I, c. 1616

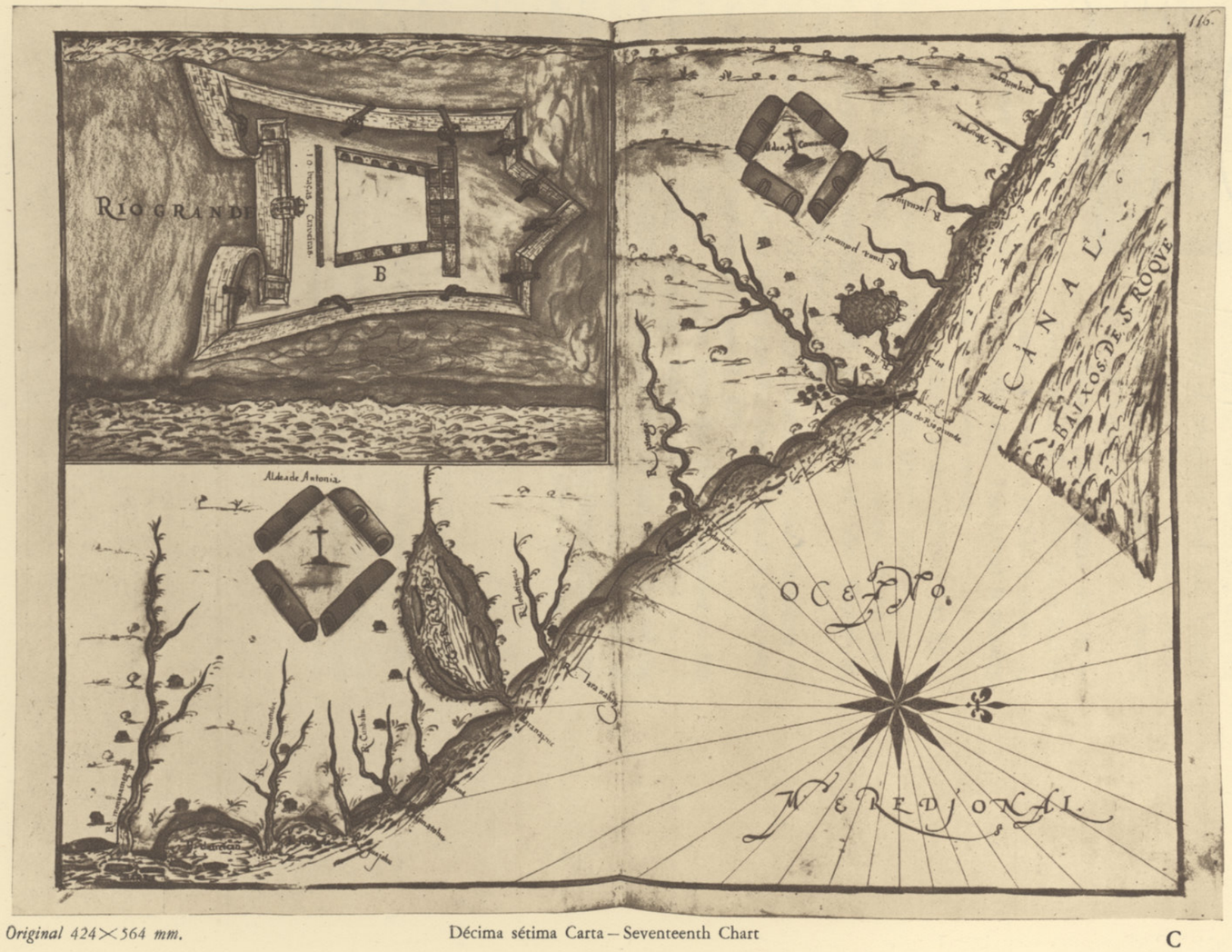
Rezão do Estado do Brasil, códice com dezoito cartas
Rezão do Estado do Brasil, codex with eighteen charts
Biblioteca Pública Municipal, Porto

Décima quinta Carta – Fifteenth Chart

A

Décima sexta Carta – Sixteenth Chart

B



Original 424×564 mm.

Décima sétima Carta – Seventeenth Chart

C

Décima oitava Carta – Eighteenth Chart

D

ANÓNIMO-JOÃO TEIXEIRA ALBERNAZ I, c. 1616

Rezão do Estado do Brasil, códice com dezoito cartas
Rezão do Estado do Brasil, codex with eighteen charts
Biblioteca Pública Municipal, Porto

JOÃO TEIXEIRA I, VINTE E DUAS CARTAS NO "LIVRO QVE DÁ REZAÕ DO ESTADO DO BRASIL", c. 1626

ESTAMPAS 446-452

NO Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Rio de Janeiro, existe um códice anónimo que constitui mais outra cópia do *Livro do Estado do Brasil* de que acabámos de tratar. Como vimos, o texto respectivo é da autoria do Sargento-mor Diogo de Campos Moreno. É este códice bastante maior que o do Porto, pois mede 445 × 725 mm, contendo trinta e oito folhas numeradas, das quais dezasseis de papel, com texto, e vinte e duas de pergaminho, com cartas. Além do frontispício, contém mais seis folhas em branco, três no início e três no fim. As cartas têm a seguinte ordem:

Frontispício (Figura 14) — Contém o título *LIVRO QVE DÁ REZAÕ DO ESTADO DO BRASIL,* encimado pelas armas do segundo Marquês de Eliche, D. Ramiro Núñez de Guzmán, genro do Conde-Duque de Olivares, D. Gaspar de Guzmán (1). Tendo o códice sido restaurado em 1941, nele não foi incluída uma folha solta contendo um segundo título, citado antes por vários autores (2), e que é semelhante ao do códice do Porto: *REZÃO DO ESTADO DO BRASIL NO GVOVERNO DO NORTE SOMẼTE ASI COMO O TEVE DÕ DIOGVO DE MENESES E S.ª [SEQUEIRA] TÉ O ANNO DE 1612.*

FIG. 14 — FRONTISPÍCIO DO CÓDICE *LIVRO QVE DÁ REZAÕ DO ESTADO DO BRASIL* DO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO BRASILEIRO, RIO DE JANEIRO.

TITLE-PAGE OF THE CODEX *LIVRO QVE DÁ REZAÕ DO ESTADO DO BRASIL* IN THE INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO BRASILEIRO, RIO DE JANEIRO.

Primeira Carta (Estampa 446) — *Descripção de todo o estado do Brasil q̃ pera o norte começa no Grão Pará cuja entrada está debaixo da equinoçial e pera o Sul se termina na entrada do Rio da prata em altura de 35 graos. mostrão çe na presente carta todos seus portos em suas verdadeiras alturas e nas seguintes tavoas cada hũa em particular, cõ suas sondas, Barras e povoações e juntamente se mostra neste Mapa a cõfrontação q̃ tem este estado cõ as terras do Peru e novo Mundo e cõ os estreitos de Magalhães e São Vicente — Feitas por João Teixeira, Cosmographo de Sua Magestade em lixboa,* 607 × 813 mm (3).

Segunda Carta (Estampa 447 A) — *Descripção da Costa q̃ vai do Rio de Ianeiro até o Porto de São Vicente ...,* 403 × 568 mm. Esta carta falta no códice do Porto.

Terceira Carta (Estampa 447 B) — *RIO DE IANEIRO,* 420 × 564 mm. Falta no códice do Porto.

Quarta Carta (Estampa 447 C) — *Mostraçe na prezente tavoa toda a costa que ha entre Ilhas de maricaha e o Cabo de São thome...,* 394 × 570 mm. Falta no códice do Porto.

Quinta Carta (Estampa 447 D) — *Demostração da Capitania do Espirito Santo até a ponta da Barra do Rio doce no qual parte cõ Porto Seguro...,* com legenda explicativa, 420 × 563 mm.

Sexta Carta (Estampa 448 A) — Região do Rio dos Frades ao Rio de Santo António, com legenda explicativa, 415 × 560 mm.

Sétima Carta (Estampa 448 B) — *Demonstração da sonda dos Abrolhos na Costa do Brasil desde o Rio dos Frades e põta de Corumbabo até o Rio das Caravelas feita por mandado do Governador Dõ Dioguo de Menezes o Anno de 1610,* com legenda explicativa, 395 × 569 mm.

(1) Segundo a identificação de Hélio Vianna 1955, pp. 68-9, de quem nos socorremos principalmente para a descrição, história e bibliografia do códice.

(2) Nomeadamente no *Catálogo da Exposição de História do Brasil,* I, n.º 1393, in *Annaes da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro,* Volume IX, Rio de Janeiro 1881, onde vem a descrição das cartas.

(3) Estas medidas e as das cartas seguintes, referentes ao desenho pròpriamente dito, são extraídas de Hélio Vianna, *Diogo de Campos Moreno — Livro que dá Razão do Estado do Brasil, 1612,* p. 77. Recife 1955 (impresso em 1958). Reproduz as cartas décima sexta, décima sétima, vigésima primeira e vigésima segunda.

JOÃO TEIXEIRA I, TWENTY-TWO CHARTS IN THE "LIVRO QVE DÁ REZAÕ DO ESTADO DO BRASIL", c. 1626

PLATES 446-452

THE Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Rio de Janeiro, possesses an anonymous codex which is another copy of the *Livro do Estado do Brasil* just discussed. As we have seen, its text was written by the *Sargento-mor* Diogo de Campos Moreno. This codex is somewhat larger than that of Oporto, measuring 445 × 725 mm and containing thirty-eight numbered leaves, sixteen of which are on paper, with text, and twenty-two on vellum, with charts. Besides the title-page, it has also six blank leaves, three at the beginning and three at the end. The charts occur in the following order:

Title-page (Figure 14) — Has the title *LIVRO QVE DÁ REZAÕ DO ESTADO DO BRASIL,* surmounted by the arms of the second Marquis de Eliche, D. Ramiro Núñez de Guzmán, son-in-law of the Count Duke de Olivares, D. Gaspar de Guzmán (1). After the repair of the codex in 1941, it no longer included a loose leaf bearing a second title, which had been mentioned by various earlier authors (2) and which reads, like that of the Paris codex: «Report of the State of Brazil in the Government of the North as it was held by Dom Diogo de Meneses e Sequeira to the year 1612».

First Chart (Plate 446) — «Description of all the State of Brazil which in the North begins at the Great Pará, the entrance of which lies under the Equator, and in the South ends at the River Plate in a height of 35 degrees. In this chart are shown all its ports in their true latitudes, and in the following *távoas* each of them in particular, with their soundings, bars and towns, and also in this chart how the confines of this state lie with the lands of Peru and the New World and with the Straits of Magellan and São Vicente — Made by João Teixeira, Cosmographer of His Majesty, in Lisbon», 607 × 813 mm (3).

Second Chart (Plate 447 A) — «Description of the coast from Rio de Janeiro to the port of São Vicente ...», 403 × 568 mm. This chart is missing in the Oporto codex.

Third Chart (Plate 447 B) — «Rio de Janeiro», 420 × 564 mm. Missing in the Oporto codex.

Fourth Chart (Plate 447 C) — «In this table is shown all the coast between the islands of Maricaha and the Cape of São Thomé...», 394 × 570 mm. Missing in the Oporto codex.

Fifth Chart (Plate 447 D) — «Demonstration of the Captaincy of Espírito Santo to the point of the Bar of the Rio Doce at which it parts with Porto Seguro ...», with explanatory legend, 420 × 563 mm.

Sixth Chart (Plate 448 A) — Region from the Rio dos Frades to the Rio de Santo António, with explanatory legend, 415 × 560 mm.

Seventh Chart (Plate 448 B) — «Demonstration of the sounding of the Abrolhos on the coast of Brazil from the Rio dos Frades and the point of Corumbaibe to the Rio das Caravelas, made by order of the Governor D. Diogo de Menezes in the year 1610», with explanatory legend, 395 × 569 mm.

(1) As identified by Hélio Vianna 1955, pp. 68-9, on whom we have largely drawn for the description, history and bibliography of the codex.

(2) Notably in the *Catálogo da Exposição de História do Brasil,* I, n.º 1393, in *Annaes da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro,* Volume IX, Rio de Janeiro 1881, where the charts are described.

(3) These measurements and those of the charts which follow, referring to the design proper, are taken from Hélio Vianna, *Diogo de Campos Moreno — Livro que dá Razão do Estado do Brasil, 1612,* p. 77. Recife 1955 (printed in 1958). It reproduces sixteenth, seventeenth, twenty-first and twenty-second charts.

Oitava Carta (Estampa 448 C) — Região da Barra de Santo António até aos Ilhéus, com legenda explicativa, 418 × 563 mm.

Nona Carta (Estampa 448 D) — *CAPITANIA DOS ILHEOS,* com legenda explicativa, 418 × 563 mm.

Décima Carta (Estampa 450 B) — *RIO DAS CONTAS, CAMAMV, MORRO DE S. PAVLO,* com legenda explicativa, 394 × 567 mm.

Décima primeira Carta (Estampa 449 A) — *A BAHIA DE TODOS OS SANTOS,* com legenda explicativa, 600 × 832 mm. Esta carta é de maiores dimensões do que a correspondente do códice portuense, e apresenta vários melhoramentos e acrescentamentos, mostrando ser mais moderna.

Décima segunda Carta (Estampa 450 A) — *PRANTA DA CIDADE DO SALVADOR NA BAHIA DE TODOS OS SANTOS,* com legendas explicativas, 427 × 1280 mm. Esta carta apresenta já incorporado no desenho o traçado do forte construído sobre a lage do porto e o edifício fronteiro, enquanto no códice do Porto vem, como projecto apenas, num pedaço de pergaminho colado nesse local e sob o qual se pode ver o desenho anterior. Mais uma prova, portanto, da maior antiguidade do códice portuense.

Décima terceira Carta (Estampa 450 C) — *SIRIGIPE DEL REI,* com legenda explicativa, 393 × 568 mm.

Décima quarta Carta (Estampa 449 B) — *RIO DE SÃO FRANCISCO,* com legenda explicativa, 560 × 718 mm.

Décima quinta Carta (Estampa 451 A) — *FORTE NOVO DA PASSAGẼ,* 314 × 388 mm.

Décima sexta Carta (Estampa 451 B) — *CAPITANIA DE PERNÃOBVCO,* 393 × 568 mm.

Décima sétima Carta (Estampa 451 C) — Recife e Olinda, com a legenda *Todas as fortificasões que se mostraõ no lugar do Recife até a Villa de Olinda e ainda adiãte até o Rio tapado de trincheiras Redutos e Plataformas que se estendem por maes de hũa legoa de terra se fezeraõ por mandado e ordem do Governador Geral Mathias de Albuquerque na ocaziaõ em que os olandezes tomaraõ a Bahia,* 395 × 566 mm. Esta carta apresenta bastantes melhoramentos e novidades em relação à do códice portuense. Foi em 1624 que os holandeses tomaram a Baía, reconquistada no ano seguinte pelos portugueses e espanhóis, tendo Matias de Albuquerque governado de Maio de 1624 a Novembro de 1626.

Décima oitava Carta (Estampa 451 D) — *CAPITANIA DE ITAMARACÁ,* com legenda explicativa, 392 × 567 mm.

Décima nona Carta (Estampa 452 A) — *PARAIBA OV RIO DE SAÕ DOMINGOS,* com legenda explicativa, 400 × 566 mm.

Vigésima Carta (Estampa 452 B) — Região desde o Rio Mogoamguape até ao Rio Piquintinga, com a barra do Rio Grande, tendo no canto superior esquerdo a *PRANTA DO FORTE QVE DEFENDE A BARRA DO RIO GRANDE,* 414 × 568 mm.

Vigésima primeira Carta (Estampa 452 C) — *Descripção do verdadeiro descobrimento e nova conquista do Rio de Iaguaribe, serras de Ariama, muibuapaba e punaré, e cõfins do maranhaõ que fez o capitaõ mor pero coelho de Sousa, de Ordem de dioguo botelho Governador e capitão Geral do estado do Brasil, desdo Anno de 1603 té o de 1608. Com todos seus portos Barras Serras e Rios cõ suas nascensas,* 395 × 569 mm. Esta carta não vem no códice do Porto.

Vigésima segunda Carta (Estampa 452 D) — *MARANHÃO,* 393 × 567 mm. Esta carta apresenta algumas novidades em relação à do códice portuense, e também diferenças várias, sobretudo a considerável redução na distância entre os Rios Pereia e Tapocoru.

O códice do Rio de Janeiro é pela primeira vez referido em 1855, tendo sido oferecido, em 26 de Outubro desse ano, ao Instituto Histórico e Geográfico pelo Imperador D. Pedro II, nada se sabendo da sua história anterior. O próprio Imperador, em sessão de 13 de Outubro de 1855, fez uma comunicação sobre o valioso códice ao Instituto (4). De então para cá tem sido referido e utilizado frequentemente, sendo reproduzidas parte das suas cartas várias vezes em estudos diversos (5). Em 1958 Hélio Viana apresentou um minucioso estudo do códice, fazendo a análise comparativa das suas cartas com as do códice do Porto e atlas de 1627 em Paris, e publicando na íntegra e com anotações o texto respectivo.

Embora algumas vezes se tenha escrito que só a carta geral no começo do códice é que está assinada, levantando assim uma dúvida quanto à autoria das restantes, a legenda daquela é bastante clara, nela se dizendo que não só tal carta como as «seguintes tavoas cada hũa em particular» foram «*feitas* por João Teixeira, Cosmographo de Sua Magestade em lixboa».

(4) *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Tomo XVIII, pp. 441-3, Suplemento pp. 14 e 76, Rio de Janeiro 1855, *apud* Hélio Vianna 1955, pp. 14-15.

(5) A bibliografia e as reproduções vêm indicadas pormenorizadamente em Hélio Vianna 1955, principalmente nos capítulos 1 e 4 da Introdução.

Eighth Chart (Plate 448 C) — Region from the Bar of Santo António to Ilhéus, with explanatory legend, 418 × 563 mm.

Ninth Chart (Plate 448 D) — «Captaincy of Ilhéus», with explanatory legend, 418 × 563 mm.

Tenth Chart (Plate 450 B) — «Rio das Contas, Camamu, Hill of São Paulo», with explanatory legend, 394 × 567 mm.

Eleventh Chart (Plate 449 A) — «The Bay of Todos os Santos», with explanatory legend, 600 × 832 mm. This chart is larger than the corresponding one in the Oporto codex and has several improvements and additions, which show that it is later.

Twelfth Chart (Plate 450 A) — «Plan of the City of Salvador in the Bay of Todos os Santos», with explanatory legends, 427 × 1280 mm. In this chart the drawing of the fort constructed on the harbour rock and the building facing it are now incorporated in the design, whereas in the Oporto codex the fort appears, only as projected, on a piece of vellum pasted in this position, under which the original design can be seen. One more testimony, therefore, to the greater antiquity of the Oporto codex.

Thirteenth Chart (Plate 450 C) — «Sergipe del Rey», with explanatory legend, 393 × 568 mm.

Fourteenth Chart (Plate 449 B) — «Rio de São Francisco», with explanatory legend, 560 × 718 mm.

Fifteenth Chart (Plate 451 A) — «New Fort of Passagem», 314 × 388 mm.

Sixteenth Chart (Plate 451 B) — «Captaincy of Pernambuco», 393 × 568 mm.

Seventeenth Chart (Plate 451 C) — Recife and Olinda, with the legend: «All the fortifications shown from the place of Recife to the town of Olinda and beyond to the river closed with trenches, redoubts and emplacements, which extend for more than a league, were made by order of the Governor-general Matias de Albuquerque on the occasion when the Dutch took Bahia», 395 × 566 mm. This chart shows substantial improvements and innovations in comparison with that of the Oporto codex. It was in 1624 that the Dutch took Olinda, which was recaptured by the Portuguese and Spaniards in the following year, while Matias de Albuquerque was Governor from May 1624 to November 1626.

Eighteenth Chart (Plate 451 D) — «Captaincy of Itamaracá», with explanatory legend, 392 × 567 mm.

Nineteenth Chart (Plate 452 A) — «Paraíba or Rio de São Domingos», with explanatory legend, 400 × 566 mm.

Twentieth Chart (Plate 452 B) — Region from the Rio Mogoamguape to the Rio Piquintinga, with the bar of the Rio Grande; in the top left-hand corner, «Plan of the Fort which defends the bar of the Rio Grande», 414 × 568 mm.

Twenty-first Chart (Plate 452 C) — «Description of the true discovery and new conquest of the Rio Jaguaribe, mountains of Ariama, Muibuapaba and Punare, and borders of Maranhão, made by the Captain-major Pero Coelho de Sousa, by order of Diogo Botelho, Governor and Captain-general of the State of Brazil, between the years 1603 and 1608. With all its ports, bars, mountains, and the rivers with their sources», 395 × 569 mm. This chart is not in the Oporto codex.

Twenty-second Chart (Plate 452 D) — «Maranhão», 393 × 567 mm. This chart has several new features not in that of the Oporto codex, and also some differences, notably the considerable reduction in the distance between the Rio Pereia and the Rio Tapocoru.

The Rio de Janeiro codex is recorded for the first time in 1855, when it was, on 26 October of that year, presented to the Instituto Histórico e Geográfico by the Emperor D. Pedro II; its earlier history is unknown. At the meeting on 13 October 1855 the Instituto received a communication by the Emperor himself on this valuable codex (4). Since then it has been frequently cited and used, and some of its charts have been reproduced from time to time in various studies (5). In 1958 Hélio Viana published a detailed study of the codex, collating its charts with those of the Oporto codex and the Paris atlas of 1627 and printing its text in full and with annotations.

Although it has sometimes been said that only the general chart at the beginning of the codex is signed, with an implied doubt about the authorship of the others, the legend of the general chart states clearly enough that not only this chart, but also «the following *tavoas,* each of them in particular», were «made by João Teixeira, Cosmographer of His Majesty, in Lisbon».

(4) *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Tomo XVIII, pp. 441-3, Suplemento pp. 14 and 76, Rio de Janeiro 1855, *apud* Hélio Vianna 1955, pp. 14-15.

(5) Bibliographical references and reproductions are fully listed by Hélio Vianna 1955, mainly in chapters 1 and 4 of his Introduction.

Jaime Cortesão afirmou que tais cartas são de c. 1626 (6), enquanto Hélio Viana acha preferível c. 1627 (7), pois é datado de 1627 o atlas de Paris e foi nesse mesmo ano que terminou o Governo de Matias de Albuquerque referido na legenda da carta décima sétima. Em nossa opinião, de tal legenda não se infere claramente que na altura em que a carta foi feita já esse governador teria deixado de exercer as suas funções, pelo que dela apenas se pode concluir que o atlas não é anterior a 1624 (ano em que aquele iniciou o seu governo e em que os holandeses tomaram a Baía) (8). Da mesma maneira não podemos concordar com a opinião expressa pelo ilustre historiador brasileiro de que as cartas da Capitania de Pernambuco e de Recife e Olinda do atlas de Paris se aproximam mais das correspondentes do códice do Porto (9); antes pelo contrário, têm semelhança muito mais notória com as cartas do códice do Rio de Janeiro. Na realidade, não conseguimos encontrar, através da comparação deste códice e do atlas de Paris, qualquer prova, ou ao menos indício, de que aquele é mais moderno do que este. Na verdade, o facto de o atlas datado de 1627 conter, a seguir à carta geral, uma carta da costa para sul de S. Vicente, a qual ainda não aparece no códice do Rio de Janeiro, é argumento importante para supor que o atlas de Paris é mais moderno. Por outro lado, o atlas de João Teixeira de 1631 revela progressos e novidades tão importantes em relação ao de 1627 e ao códice do Rio de Janeiro, que este último é com certeza anterior e feito em data mais próxima do de Paris.

Em conclusão: as cartas do códice do Rio de Janeiro não podiam ser traçadas antes de 1624 nem depois de 1631. A sua grande semelhança com as do atlas de 1627 indica que devem ter sido desenhadas em data muito próxima, e o facto de este atlas conter a mais a carta para sul de S. Vicente sugere que ele é mais moderno. Não vemos, portanto, razão para alterar a data de c. 1626 proposta por Jaime Cortesão para as cartas do códice do Rio de Janeiro.

Jaime Cortesão holds that these charts are of c. 1626 (6), while Hélio Viana prefers c. 1627 (7), on the ground that the Paris atlas is dated 1627 and that the term of office of the Governor Matias de Albuquerque, mentioned in the legend of the seventeenth chart, ended in that year. In our judgment, the legend does not unambiguously imply that when the chart was drawn this Governor had already given up his office, but only that the atlas cannot be earlier than 1624 (the year in which his governorship began and the Dutch took Bahia) (8). Nor can we agree with the view of the distinguished Brazilian historian that the charts of the captaincy of Pernambuco and of Recife and Olinda in the Paris atlas are closer to the corresponding ones in the Oporto codex (9); on the contrary, they show a much more obvious affinity with the charts in the Rio de Janeiro codex. In fact, comparing this codex and the Paris atlas, we have failed to find any evidence, or even hint, that the former was produced after the later. Rather the reverse, for the atlas dated 1627 has, after the general chart, a chart of the coast to the south of S. Vicente, which is not found in the Rio de Janeiro codex — a strong indication that the Paris atlas is the later. On the other hand, it should be noted that João Teixeira's atlas of 1631 shows such important improvements and innovations, in relation to that of 1627 and to the Rio de Janeiro codex, that the codex must certainly be dated earlier and very close to the Paris atlas.

In conclusion: the charts of the Rio de Janeiro codex cannot have been drawn before 1624 or after 1631. Their close similarity to those of the Paris atlas shows that they must have been drawn at very nearly the same time, and the fact that the atlas contains one more chart extending south of S. Vicente suggests that it is the later. We therefore see no reason to change the date of c. 1626 proposed by Jaime Cortesão for the charts in the codex of Rio de Janeiro.

---

(6) Jaime Cortesão, folhas mimeografadas do *Curso de História da Cartografia, Geografia das Fronteiras do Brasil e Mapoteconomia*, realizado no Ministério das Relações Exteriores, Capítulos 10, 13 e 16. Rio de Janeiro 1945.

(7) Hélio Vianna 1955, p. 105.

(8) Salvo erro, não tem sido apontado que a carta geral contém já o *estreito de S. Vicente* ao sul da Terra do Fogo. Como vimos ao traçar a biografia de João Teixeira, este esteve em Madrid, em Agosto e Setembro de 1619, com seu irmão Pedro Teixeira a fim de traçarem a nova carta da região com os elementos trazidos pelos irmãos Nodal. Tal facto confirma que as cartas do códice do Rio de Janeiro não podem ser anteriores a fins de 1619.

(9) Hélio Vianna 1955, pp. 96 e 98.

(6) Jaime Cortesão, *Curso de História da Cartografia, Geografia das Fronteiras do Brasil e Mapoteconomia*, delivered in the Ministério das Relações Exteriores, Chapters 10, 13 and 16. Rio de Janeiro 1945 (mimeographed).

(7) Hélio Vianna 1955, p. 105.

(8) So far as we know, it has never been noted that the general chart now shows the *Strait of S. Vicente* to the south of Tierra del Fuego. As we saw in tracing João Teixeira's life, he was in Madrid in August and September 1619 with his brother Pedro Teixeira to draw the new chart of this region from information brought back by the Nodal brothers. This establishes that the charts of the Rio de Janeiro codex cannot be earlier than 1619.

(9) Hélio Vianna 1955, pp. 96 and 98.

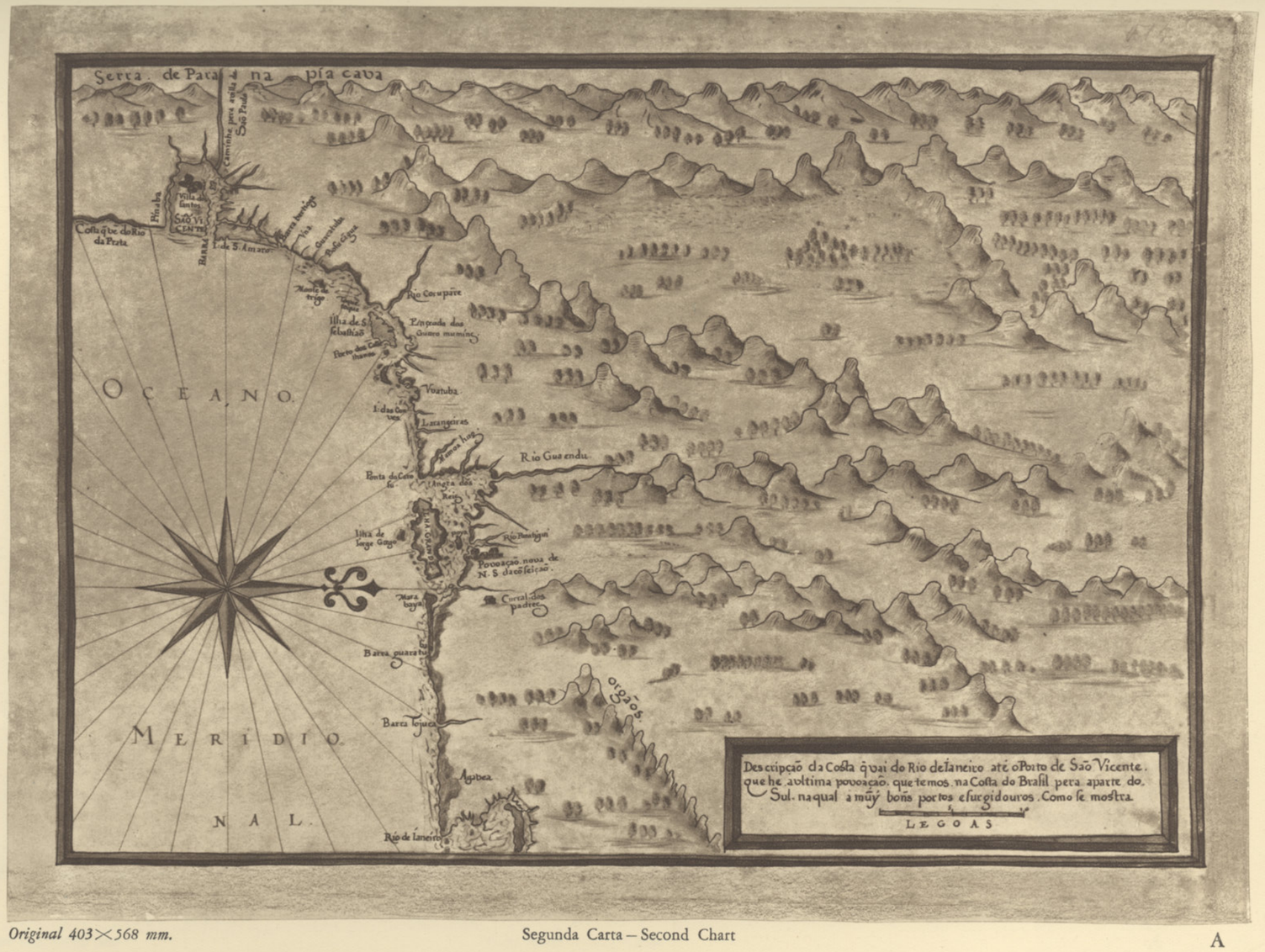
BIBLIOTECA NACIONAL DE LISBOA

Primeira Carta — First Chart

Original 607 × 813 *mm.*

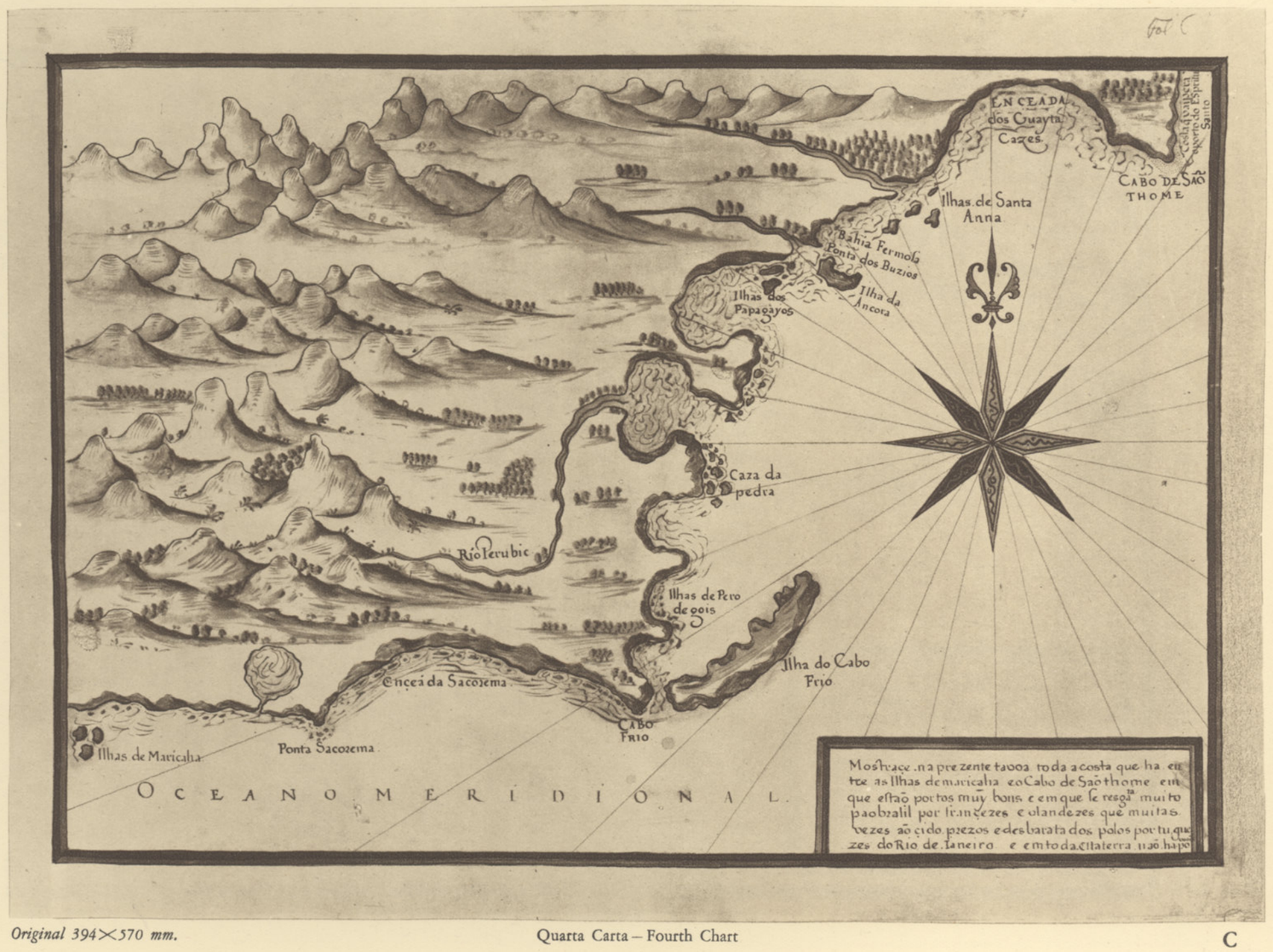
JOÃO TEIXEIRA ALBERNAZ I, c. 1626

Livro que dá Rezão do Estado do Brasil, códice com vinte e duas cartas
Livro que dá Rezão do Estado do Brasil, codex with twenty-two charts
Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Rio de Janeiro



Original 403×568 mm. Segunda Carta – Second Chart **A**

Original 420×564 mm. Terceira Carta – Third Chart **B**



Original 394×570 mm. Quarta Carta – Fourth Chart **C**

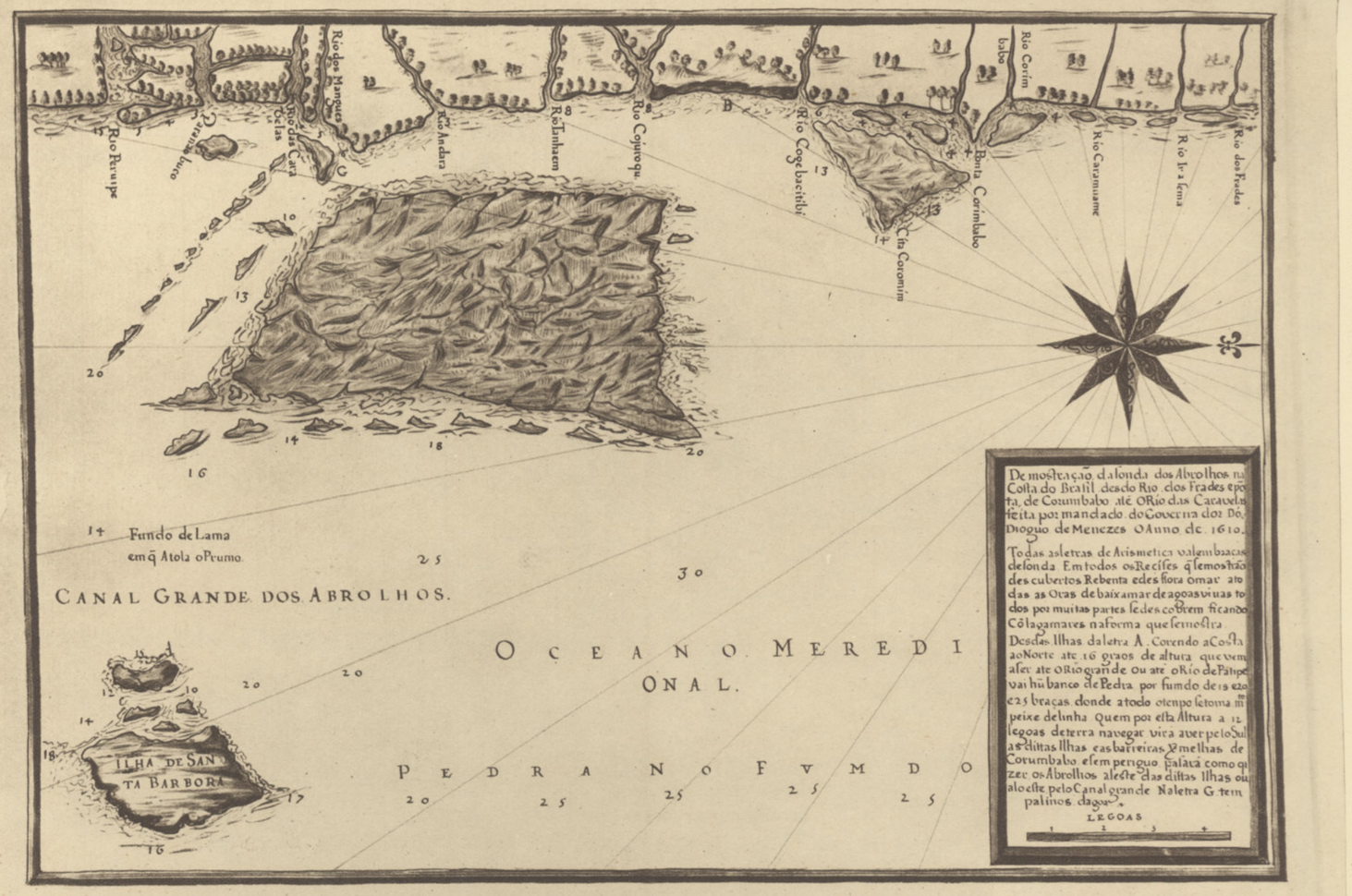
Original 420×563 mm. Quinta Carta – Fifth Chart **D**

João Teixeira Albernaz i, c. 1626

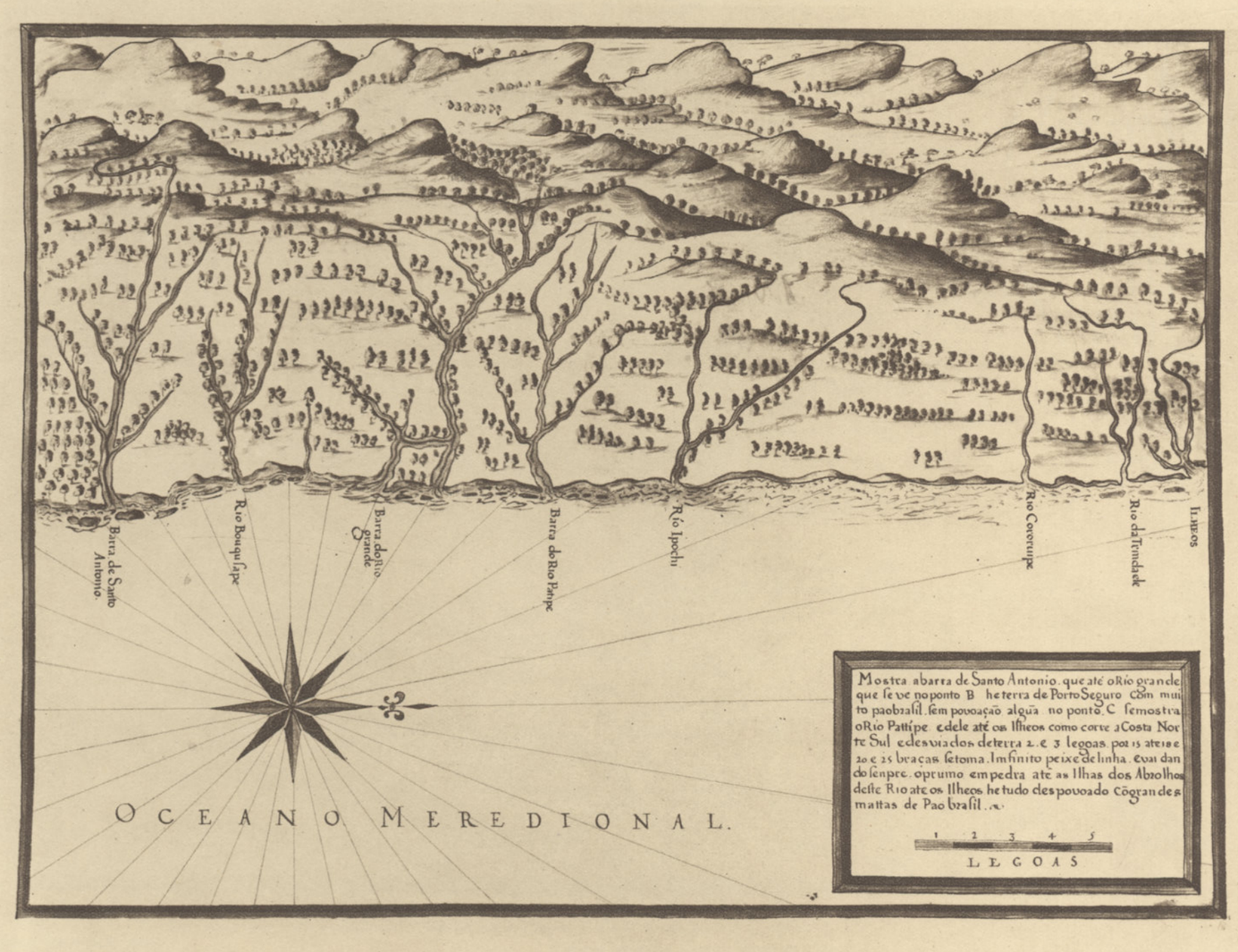
Livro que dá Rezão do Estado do Brasil, códice com vinte e duas cartas
Livro que dá Rezão do Estado do Brasil, codex with twenty-two charts
Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Rio de Janeiro

Porto Seguro.
No ponto A Iemostra Povoação de Porto Seguro junto do Rio Cerinhaem, Com poucas cazas cubertas de palha, no ponto B Iemostra a barra, cõ 3 braças, e hapraticada domar, e dentro dos Arecifes lepode dar abrigo, no ponto. C abarra e povoação velha donde se entra cõ 20 ou 25 braças fetoma Imfinito peixe de linha, Estão fundadas de 10 e 9 braças, emais ao Norte lese abarra de Santa Cruz cõ 8 braças, entre os arecifes, que todos delinxamar, hicão lobrejados, e emparte descubertos, em mais nas agoas vivas, como aqui Iemostrão, Cõ todos estes sinaes, fazendo-se reconhecençaz do Riodos frades, até o Rio de Santo Antonio, tambem Iemostra a cazta milagrosa de Nossa Senhora, dá Ilha no ponto D. elanto amaro e que ja ouve povoação de luzes, e vertes dores, mas hoje as fazendas, do dito Rio Cerinhaem, até lem pe no ponto E.

Original 415×560 mm. Sexta Carta – Sixth Chart A



Original 395×569 mm. Sétima Carta – Seventh Chart B



Original 418×563 mm. Oitava Carta – Eighth Chart C

Original 418×563 mm. Nona Carta – Ninth Chart D

João Teixeira Albernaz I, c. 1626

Livro que dá Rezão do Estado do Brasil, códice com vinte e duas cartas
Livro que dá Rezão do Estado do Brasil, codex with twenty-two charts
Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Rio de Janeiro

Original 600×832 mm.

Décima primeira Carta – Eleventh Chart

A

Original 560×718 mm.

Décima quarta Carta – Fourteenth Chart

B

JOÃO TEIXEIRA ALBERNAZ I, c. 1626

Livro que dá Rezão do Estado do Brasil, códice com vinte e duas cartas
Livro que dá Rezão do Estado do Brasil, codex with twenty-two charts
Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Rio de Janeiro

Original 427×1.280 mm.

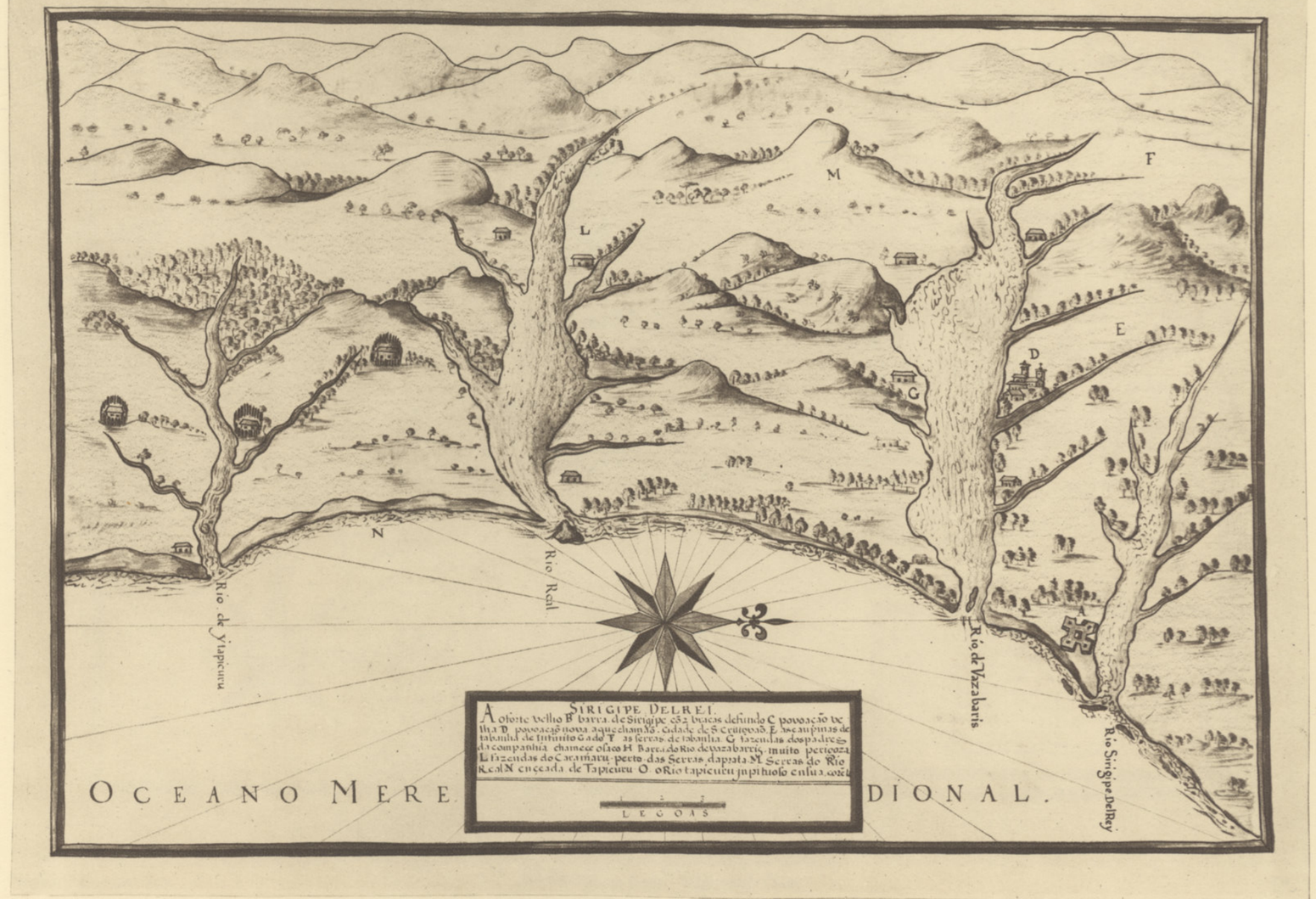
Décima segunda Carta – Twelfth Chart

A

Original 394×567 mm.

Décima Carta – Tenth Chart

B



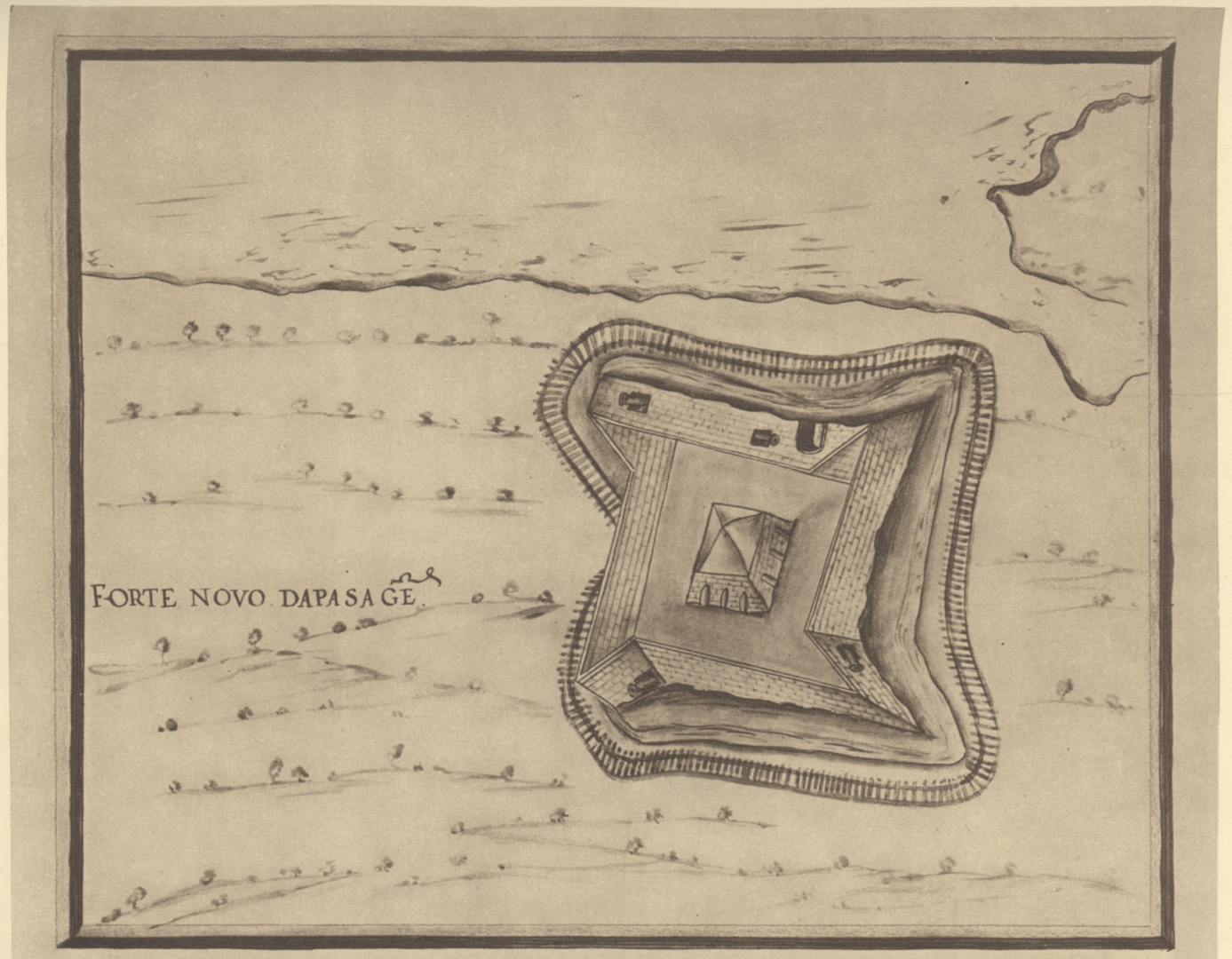
Original 393×568 mm.

Décima terceira Carta – Thirteenth Chart

C

JOÃO TEIXEIRA ALBERNAZ I, c. 1626

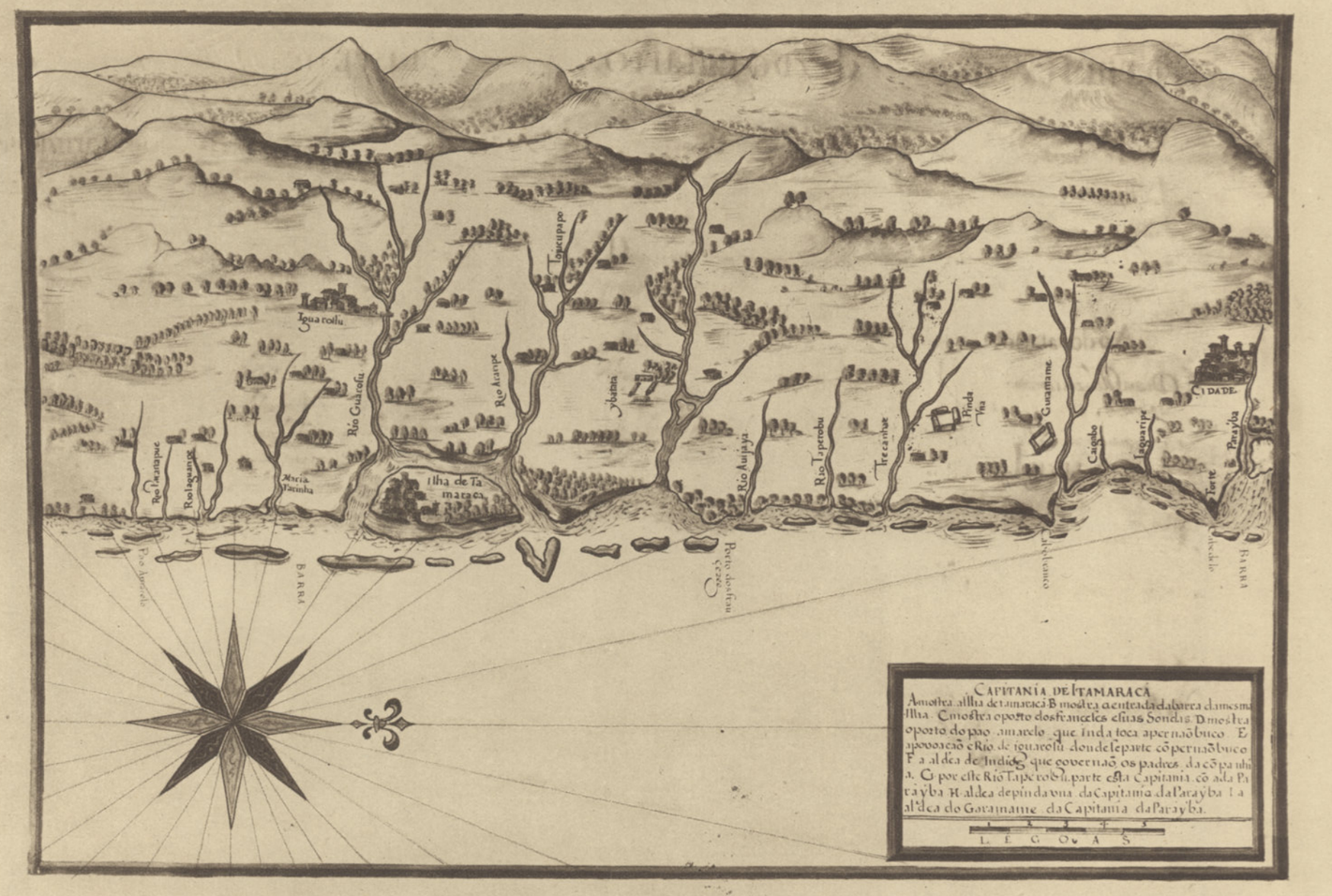
Livro que dá Rezão do Estado do Brasil, códice com vinte e duas cartas
Livro que dá Rezão do Estado do Brasil, codex with twenty-two charts
Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Rio de Janeiro



Original 314×388 mm. Décima quinta Carta – Fifteenth Chart **A**

Original 393×568 mm. Décima sexta Carta – Sixteenth Chart **B**

Original 395×566 mm. Décima sétima Carta – Seventeenth Chart **C**



Original 392×567 mm. Décima oitava Carta – Eighteenth Chart **D**

João Teixeira Albernaz I, c. 1626

Livro que dá Rezão do Estado do Brasil, códice com vinte e duas cartas
Livro que dá Rezão do Estado do Brasil, codex with twenty-two charts
Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Rio de Janeiro

Original 400×566 mm. Décima Carta – Tenth Chart **A**

Original 414×568 mm. Vigésima Carta – Twentieth Chart **B**

Original 395×569 mm. Vigésima primeira Carta – Twenty-first Chart **C**

Original 393×567 mm. Vigésima segunda Carta – Twenty-second Chart **D**

JOÃO TEIXEIRA ALBERNAZ I, c. 1626

Livro que dá Rezão do Estado do Brasil, códice com vinte e duas cartas
Livro que dá Rezão do Estado do Brasil, codex with twenty-two charts
Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Rio de Janeiro

JOÃO TEIXEIRA ALBERNAZ I, ATLAS DO BRASIL DE 1627 COM DEZANOVE CARTAS

ESTAMPAS 453-458

NA Bibliothèque Nationale de Paris, com a cota «Manuscrit Portugais 6», encontra-se um belo atlas de João Teixeira Albernaz I, assinado e datado de 1627. Com uma velha encadernação de pele com dourados e fechos de cobre, do século XVII, tendo duas folhas de guarda de papel no princípio e outras duas no fim, contém quarenta e seis folhas de pergaminho nas quais, além do frontispício e do rosto com o título, estão traçadas dezanove cartas. Com excepção da primeira e undécima cartas (geral e da Baía de Todos os Santos respectivamente), que estão em folhas duplas dobradas medindo 590 × 790 mm, todas as outras ocupam o verso de uma folha e o rosto da seguinte, no total de 413 × 587 mm.

Frontispício (*fólio 2 r*) (Figura 15) — Contém um brasão de armas (1), e na parte inferior uma vista panorâmica que parece ser do Recôncavo da Baía de Todos os Santos.

Rosto (*fólios 3 v - 4 r*) (Figura 16) — Contém o título «*LIVRO EM Q̃ SE MOSTRA A DESCRIPÇÃO DE TODA A COSTA DO ESTADO DO BRASIL E SEVS PORTOS. BARRAS E SONDAS DELAS* Feito por Ioão teixeira Albernas moço da camara de Sua Mag.de e seu cosmographo em lixboa Anno de 1627».

Primeira Carta (*fólios 5 - 8*) (Estampa 453) — Carta geral com a legenda «Mostraçe na prezente carta a descripção de todo o estado do Brasil que polla parte do Norte comesa no grande Rio Pará cuja entrada fica debayxo da Equinoçial, e acaba polla parte do Sul em 35 graos na boca do Rio da prata e pola parte do Occidente cõfina cõ a provincia do Piru ou parte do Mundo novo, polla parte oriental lava suas ribeiras o oçeano Aethiopico. Nella se mostraõ as verdadeiras alturas de todos seus portos os quais nas tavoas seguintes vaõ mais em particular cõ todas as sondas e sorgidouros Povoaçõis e fazendas çithios e fortificaçõis na melhor forma que foy possivel. Feitas em lixboa Anno do SNÕR de 1627 Por Ioaõ teixeira Moço da Camara de Sua Magestade e seu cosmographo No Reinos de Portugal».

FIG. 15 — FRONTISPÍCIO DO ATLAS DO BRASIL DE JOÃO TEIXEIRA ALBERNAZ I, DE 1627
FRONTISPIECE OF THE ATLAS OF BRAZIL BY JOÃO TEIXEIRA ALBERNAZ I, 1627

Bibliothèque Nationale de Paris

(1) Segundo A. Morel-Fatio, *Catalogue des manuscrits espagnols et des manuscrits portugais* [de la Bibliothèque Nationale], pp. 334-5, Paris 1892, tratar-se-ia das armas de D. Jorge de Mascarenhas, Marquês de Montalvão e Vice-rei do Brasil de 1639 a 1641, no que foi seguido por Deulin 1940, p. 23.

JOÃO TEIXEIRA ALBERNAZ I, ATLAS OF BRAZIL OF 1627 WITH NINETEEN CHARTS

PLATES 453-458

IN the Bibliothèque Nationale, Paris, with the class-mark «Manuscrit Portugais 6», is a fine atlas by João Teixeira Albernaz I, signed and dated 1627. In an old leather binding of the XVII century, with gilt tooling and copper clasps, it has two fly-leaves of paper at the beginning and two more at the end, and contains forty-six leaves of vellum on which, besides the frontispiece and title-page, are drawn nineteen charts. Apart from the first and eleventh (the general chart and that of the Bay of Todos os Santos respectively), which are on double leaves measuring 590 × 790 mm, all the charts occupy the verso of one leaf and the recto of the following leaf, with dimensions of 413 × 587 mm.

Frontispiece (*folio 2 r*) (Figure 15) — Contains a drawing of arms emblazoned (1), and in the lower part a panoramic view, apparently of the sweep of the Bay of Todos os Santos.

Title-page (*folios 3v-4r*) (Fig. 16) — Has the following title «Book in which is shown the description of all the coast of the State of Brazil and its ports and bars and their soundings. Made by João Teixeira Albernaz, page of His Majesty's chamber and his cosmographer, in Lisbon in the year 1627».

First Chart (*folios 5 - 8*) (Plate 453) — General chart with the legend: «The present chart shows the description of all the State of Brazil which in the North begins at the great River Pará, whose entrance lies under the Equator, and in the South attains to 35 degrees at the mouth of the River Plate, and in the West lies with the province of Peru or part of the New World, and in the East its shores are washed by the Ethiopian Ocean. Here are shown the true latitudes of all its ports, which appear more particularly in the following charts, with all the soundings and anchorages, towns and plantations, cities and fortifications, in the best manner possible. Made in Lisbon in the Year of Our Lord 1627 by João Teixeira, page of His Majesty's chamber and his cosmographer in the Kingdom of Portugal».

(1) A. Morel-Fatio, *Catalogue des manuscrits espagnols et des manuscrits portugais* [de la Bibliothèque Nationale], pp. 334-5, Paris 1892, says that they are the arms of D. Jorge de Mascarenhas, Marquis de Montalvão and Viceroy of Brazil from 1639 to 1641; and he is followed by Deulin 1940, p. 23.

Segunda Carta (*fólios 9 v - 10 r*) (Estampa 454 A) — «Mostraçe a Costa que vay do porto de Saõ Viçente pera o Rio da prata ...».

Terceira Carta (*fólios 11 v - 12 r*) (Estampa 454 B) — «Mostra a prezente Carta a costa q̃ ha entre o Rio de Ianeiro e o Porto de Saõ Viçente ...».

Quarta Carta (*fólios 13 v - 14 r*) (Estampa 454 C) — «Este porto do Rio de Ianeiro he o melhor e mais defençavel que ha em todo o estado do Brasil ...».

Quinta Carta (*fólios 15 v - 16 r*) (Estampa 454 D) — «Mostraçe na prezente tavoa a costa que vai das Ilhas de Maricaha até o Cabo de Saõ thomé ...».

Sexta Carta (*fólios 17 v - 18 r*) (Estampa 455 A) — «Geographica demostração da Capitania do Esprito Santo ...».

Sétima Carta (*fólios 19 v - 20 r*) (Estampa 455 B) — «Deligentissima demostraçaõ da Sonda dos Abrolhos na costa do Brasil desdo Rio dos Frades e ponta de Corinbabo até o Rio das Caravellas. Feita por mandado do Gouernador Dõ dioguo de Menezes o Anno de 1610 ...».

Oitava Carta (*fólios 21 v - 22 r*) (Estampa 455 C) — *Porto Segvro.*

Nona Carta (*fólios 23 v - 24 r*) (Estampa 455 D) — *Capitania dos Ilheos.*

Décima Carta (*fólios 25 v - 26 r*) (Estampa 457 A) — *Rio das contas Camamv e morro de Saõ Pavlo.*

Décima primeira Carta (*fólios 27 - 30*) (Estampa 456 A) — «Mostraçe na prezente Carta Todo o Reconcavo da Bahia de todos os santos ...».

Décima segunda Carta (*fólios 31 v - 32 r*) (Estampa 456 B) — *Rio de Saõ Fr.co.*

Décima terceira Carta (*fólios 33 v - 34 r*) (Estampa 457 B) — *Capitania de Pernaõbvco.*

Décima quarta Carta (*fólios 35 v - 36 r*) (Estampa 457 C) — *Pernaõbvco.*

Décima quinta Carta (*fólios 37 v - 38 r*) (Estampa 457 D) — *Ilha de Tamaracá.*

Décima sexta Carta (*fólios 39 v - 40 r*) (Estampa 458 A) — *Paraiba ov Rio de Saõ Domīgvos.*

Décima sétima Carta (*fólios 41 v - 42 r*) (Estampa 458 B) — Capitania do Rio Grande, com a *Pranta do forte do Rio Grande* no canto superior esquerdo.

Décima oitava Carta (*fólios 43 v - 44 r*) (Estampa 458 C) — «*Toda a terra qve nesta Carta se contẽ qve he do Rio Grande até o Rio Pereia q̃ fica ivnto ao Maranhão* descobrio o Capitaõ môr Pero Coelho de Sousa desdo anno 1603 Atê o de 1608».

Décima nona Carta (*fólios 45 v - 46 r*) (Estampa 458 D) — *Maranhão.*

Na edição acrescentada (1737-8) da conhecida obra de León Pinelo diz-se que existia um atlas de 1627 de João Teixeira Albernaz na Biblioteca Bulteliana (2). Dada a coincidência da data é possível que se trate do atlas que estamos analisando. Este foi adquirido para a Bibliothèque Royale em começos do século XVIII, como consta de uma inscrição no canto superior esquerdo do fólio 1, onde se lê «Achepté a Paris an 1712 pour la Bibliothèq du Roy», vendo-se no canto superior direito «Bibliotheca Regia 8372».

A primeira referência positiva que conhecemos ao atlas é de Varnhagen. A propósito do parecer de Manuel Pimentel sobre o atlas de João Teixeira de 1642 e merecimento relativo deste cartógrafo e do seu neto homónimo, o historiador brasileiro escreve: «Pela mesma ocasião gaba Pimentel neste seu *Juizo* outras cartas do cosmógrafo João Teixeira Albernaz, que são quanto a nós as 19 que compõem a descrição de todas as costas e portos do Brazil, fol. oblongo, oferecida em 1627 a el-rei D. Filipe, e que ora pára na Biblioteca Real de Paris e é o códice 8372». Varnhagen caíu aqui numa lamentável confusão, pois o João Teixeira Albernaz, neto, gabado por Pimentel, é o cartógrafo da segunda metade do século XVII, e o autor do atlas de 1627 é precisamente o mesmo do atlas de 1642, o avô. Esta referência de Varnhagen deve ter tornado conhecida a existência do atlas de 1627 no Brasil, pois em sessão de 8 de Fevereiro de 1844 do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro foi expresso o desejo de se conseguir uma cópia, e de 1847 a 1849 o brasileiro Dr. Caetano Lopes de Moura, então em Paris, promoveu a execução das cópias de várias cartas, as quais se conservam naquele Instituto (3).

Quando do litígio franco-brasileiro por causa das fronteiras da Guiana, a França utilizou em defesa dos seus pontos de vista a carta geral do atlas de João Teixeira Albernaz I de 1627, pelo facto de na respectiva legenda se dizer que o Brasil começava no Rio Pará, sendo ela então publicada no atlas que acompanha a respectiva memória (4). Contestou o Barão do

(2) *Epitome de la bibliotheca oriental, y occidental, nautica y geografica de Don Antonio de Leon Pinelo ... añadido, y enmendado nuevamente ...*, Vol. II, col. 1106, Madrid 1738: «Livro en que se muestra la Descripcion de todas las Costas del Brasil, sus puertos, i Baias, M.S. en Português, i con los mapas iluminados de Oro, i Colores».

(3) Vide Hélio Vianna 1955, pp. 74-6.

(4) *Mémoire contenant l'exposé des droits de la France dans la question des frontières de la Guyane française et du Brésil soumise à l'arbitrage du gouvernement de la Confédération Suisse*, pp. 298-301. Paris [1899]. No atlas respectivo a reprodução da carta de 1627 tem os números 10 e 11.

Second Chart (*folios 9 v - 10 r*) (Plate 454 A) — «Showing the coast from the port of São Vicente to the River Plate ...».

Third Chart (*folios 11 v - 12 r*) (Plate 454 B) — «This chart shows the coast between Rio de Janeiro and the port of São Vicente ...».

Fourth Chart (*folios 13 v - 14 r*) (Plate 454 C) — «This port of Rio de Janeiro is the best and most defensible in all the state of Brazil ...».

Fifth Chart (*folios 15 v - 16 r*) (Plate 454 D) — «This map shows the coast from the islands of Maricaha to the Cape of São Thomé ...».

Sixth Chart (*folios 17 v - 18 r*) (Plate 455 A) — «Geographical demonstration of the Captaincy of Espírito Santo ...».

Seventh Chart (*folios 19 v - 20 r*) (Plate 455 B) — «Very careful demonstration of the sounding of the Abrolhos on the coast of Brazil between Rio dos Frades and the point of Corimbaibe to the Rio das Caravelas. Made by order of the Governor D. Diogo de Menezes in the year 1610 ...».

Eighth Chart (*folios 21 v - 22 r*) (Plate 455 C) — «Porto Seguro».

Ninth Chart (*folios 23 v - 24 r*) (Plate 455 D) — «Captaincy of Ilhéus».

Tenth Chart (*folios 25 v - 26 r*) (Plate 457 A) — «Rio das Contas, Camamu, and the Hill of São Paulo».

Eleventh Chart (*folios 27 - 30*) (Plate 456 A) — «In this chart is shown the sweep of the Bay of Todos os Santos ...».

Twelfth Chart (*folios 31 v - 32 r*) (Plate 456 B) — «Rio de São Francisco».

Thirteenth Chart (*folios 33 v - 34 r*) (Plate 457 B) — «Captaincy of Pernambuco».

Fourteenth Chart (*folios 35 v - 36 r*) (Plate 457 C) — «Pernambuco».

Fifteenth Chart (*folios 37 v - 38 r*) (Plate 457 D) — «Island of Itamaracá».

Sixteenth Chart (*folios 39 v - 40 r*) (Plate 458 A) — «Paraíba or River of São Domingos».

Seventeenth Chart (*folios 41 v - 42 r*) (Plate 458 B) — Captaincy of Rio Grande, with «Plan of the Fort of Rio Grande» in the top left-hand corner.

Eighteenth Chart (*folios 43 v - 44 r*) (Plate 458 C) — «All the land which is included in this chart, that is from the Rio Grande to the Rio Pereia which is near the Maranhão, was discovered by the Captain-major Pero Coelho de Sousa between the years 1603 and 1608».

Nineteenth Chart (*folios 45 v - 46 r*) (Plate 458 D) — «Maranhão».

In the enlarged edition (1737-8) of the well-known work by León Pinelo, an atlas of 1627 by João Teixeira Albernaz is stated to be in the Bulteliana Library (2). The coincidence of date makes it possible that the reference is to the atlas here described. This atlas was acquired for the Bibliothèque Royale at the beginning of the XVIII century, as appears from an inscription in the top left-hand corner of folio 1, reading «Achepté a Paris an 1712 pour la Bibliothèq du Roy», while the top right-hand corner has «Bibliotheca Regia 8372».

The first definite reference to the atlas that we know is Varnhagen's. Referring to Manuel Pimentel's report on the 1642 atlas of João Teixeira and on the relative merits of this cartographer and his grandson of the same name, the Brazilian historian writes: «On the same occasion Pimentel, in his 'judgment', praises other charts by the cartographer João Teixeira Albernaz, among them the 19 composing the description of all the coasts and ports of Brazil, oblong folio, presented in 1627 to King Philip, and now in the Bibliothèque Royale of Paris, being codex 8372». Varnhagen here falls into deplorable confusion, since the João Teixeira Albernaz, the grandson, praised by Pimentel, is the cartographer of the second half of the XVII century, and the grandfather was the author both of the atlas of 1627 and of that of 1642. Varnhagen's reference must have made the existence of the atlas known in Brazil, for at the meeting of the Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro on 8 February 1844 it was desired that a copy should be made, and between 1847 and 1849 the Brazilian Dr Caetano Lopes de Moura, then in Paris, had copies of various charts executed, and these are now preserved in the Instituto (3).

At the time of the Franco-Brazilian dispute on the boundaries of Guiana, France cited in support of her case the general chart in the 1627 atlas of João Teixeira Albernaz I, because of its legend affirming that Brazil begins at the Rio Pará, and the chart was reproduced in the atlas accompanying the French memoir (4). This argument was disputed by the

(2) *Epitome de la bibliotheca oriental, y occidental, nautica y geografica de Don Antonio de Leon Pinelo ... añadido, y enmendado nuevamente ...*, Vol. II, col. 1106, Madrid 1738: «Book in which is shown the Description of all the Coasts of Brazil, its ports and bays, MS in Portuguese, and with maps illuminated in gold and colours».

(3) See Hélio Vianna 1955, pp. 74-6.

(4) *Mémoire contenant l'exposé des droits de la France dans la question des frontières de la Guyane française et du Brésil soumise à l'arbitrage du gouvernement de la Confédération Suisse*, pp. 298-301. Paris [1899]. in the accompanying atlas the 1627 chart is reproduced as nos. 10 and 11.

Rio Branco tal argumento pelo facto de só em 1637 ter Filipe IV anexado ao Brasil o território entre o Rio Amazonas e o Rio Vicente Pinzon, o qual até então pertencia à coroa espanhola. Como os franceses também se servissem então do atlas de 1640 do mesmo cartógrafo, emitiu o Barão do Rio Branco um juizo pouco favorável e injusto sobre João Teixeira Albernaz I, como teremos ocasião de ver a propósito daquele atlas (5).

O atlas tem sido referido várias vezes de passagem, e Deulin deu dele uma descrição minuciosa (6), o mesmo fazendo Hélio Viana, que comparou as suas cartas com as dos códices da *Razão do Estado do Brasil* (7).

Baron do Rio Branco on the ground that not until 1637 did Philip IV annex to Brazil the territory between the Amazon and the Rio Vicente Pinzon, which until then belonged to the Spanish crown. As the French also called in evidence the 1640 atlas by the same cartographer, the Baron do Rio Branco expressed a disparaging and unfair judgment on João Teixeira Albernaz I, as we shall see in discussing this atlas (5).

The atlas has been referred to several times in passing, and Deulin gives a detailed description of it (6), as does Hélio Viana, who compares its charts to those in the codices of the *Razão do Estado do Brasil* (7).

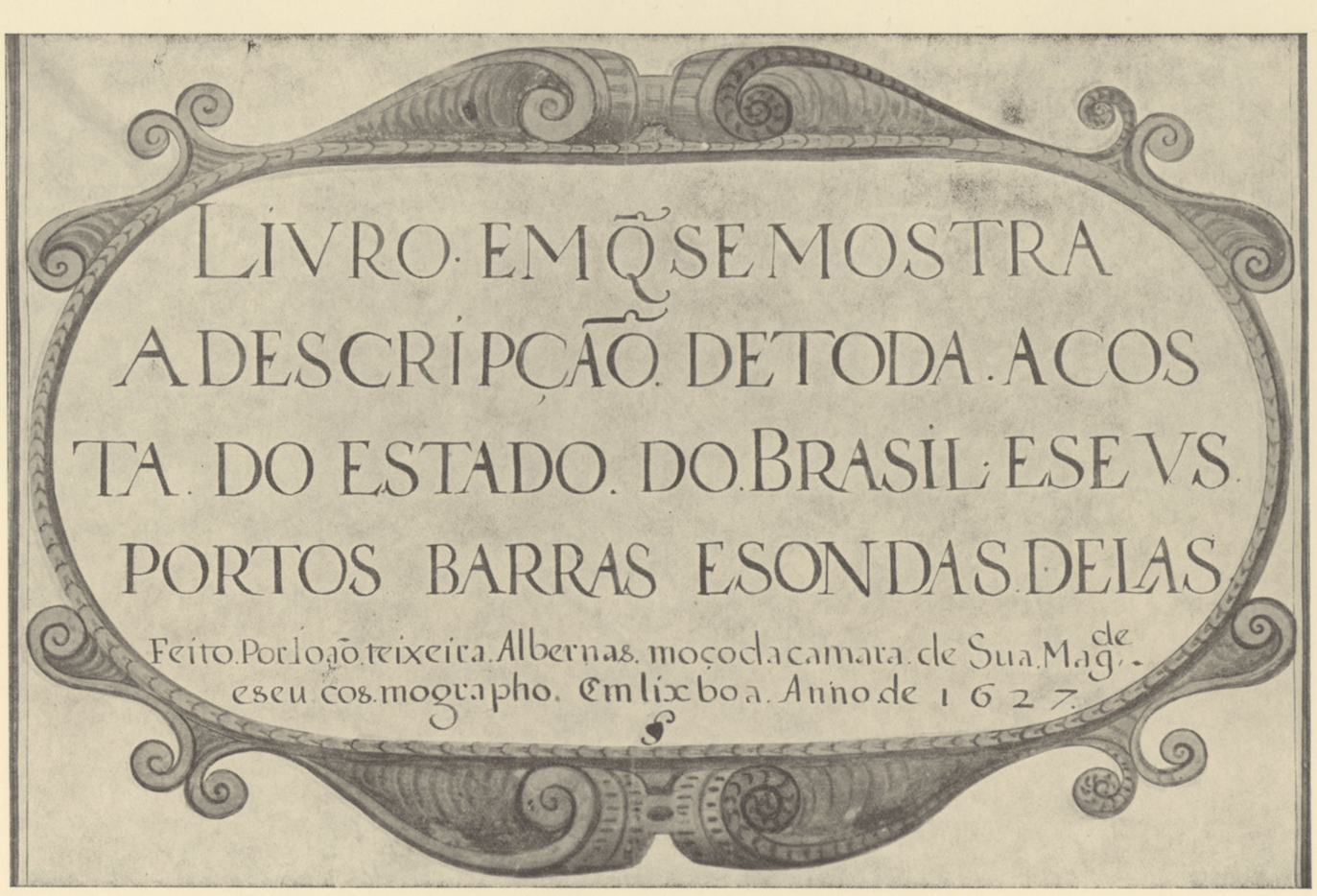


FIG. 16 — ROSTO DO ATLAS DO BRASIL DE JOÃO TEIXEIRA ALBERNAZ I, DE 1627
TITLE-PAGE OF THE ATLAS OF BRAZIL BY JOÃO TEIXEIRA ALBERNAZ I, 1627

Bibliothèque Nationale de Paris

Na Bibliothèque Nationale de Paris, com a cota «Dépôt. Ge. D. 8024» há um decalco de uma carta do Brasil com o nome de João Teixeira e a data 1627, dizendo-se no catálogo que provém de Philippe Buache; é de supor que seja uma cópia da carta geral do atlas que estamos analisando. Também neste mesmo fundo se encontra uma colecção de cópias de cartas particulares do Brasil (KL 723 a até KL 723 n), do tipo de João Teixeira; seriam também copiadas possìvelmente do mesmo atlas, o que não pudemos averiguar.

In the Bibliothèque Nationale, Paris, with the class-mark «Dépôt Ge. D. 8024», is a tracing of a chart of Brazil, with João Teixeira's name and the date 1627, which is said in the catalogue to have come from Philippe Buache; we suppose it to be a copy of the general chart in the atlas here described. In the same collection there is also a group of copies of particular charts of Brazil (KL 723 a to KL 723 n), of the João Teixeira type; they may also be copies from the same atlas, but we have not been able to verify this.

BIBLIOGRAFIA PRINCIPAL

M. G. Deulin, *La Cartographie Portugaise à la Bibliothèque Nationale de Paris*, in *Boletim Geral das Colónias*, Ano XVI, n.º 179, pp. 16-39. Lisboa Maio 1940.

SELECT BIBLIOGRAPHY

Hélio Vianna, *Diogo de Campos Moreno — Livro que dá Rezão do Estado do Brasil, 1612*. Recife 1955 (impressão em 1958).

(5) *Sécond mémoire présenté par les États Unis du Brésil au Gouvernement de la Confédération Suisse*, reedição in *Obras do Barão do Rio Branco, IV, Questões de Limites, Guiana Francesa, 2.ª Memória*, pp. 83-5. Rio de Janeiro 1945.

(6) Deulin 1940, pp. 22-39.

(7) Hélio Vianna 1955, pp. 74-105.

(5) *Sécond mémoire présenté par les États Unis du Brésil au Gouvernement de la Confédération Suisse*, reprinted in *Obras do Barão do Rio Branco, IV, Questões de Limites, Guiana Francesa, 2.ª Memória*, pp. 83-5. Rio de Janeiro 1945.

(6) Deulin 1940, pp. 22-39.

(7) Hélio Vianna 1955, pp. 74-105.

Original 590×790 mm.

João Teixeira Albernaz I, 1627

Atlas do Brasil com dezanove cartas — Atlas of Brazil with nineteen charts

Primeira Carta — First Chart

Bibliothèque Nationale, Paris

Segunda Carta — Second Chart

A

Terceira Carta — Third Chart

B

Quarta Carta — Fourth Chart

Original 413×587 mm.

C

Quinta Carta — Fifth Chart

D

João Teixeira Albernaz I, 1627

Atlas do Brasil com dezanove cartas — Atlas of Brazil with nineteen charts

Bibliothèque Nationale, Paris

ESTAMPA PLATE 454

Sexta Carta — Sixth Chart

A

Rio dos Nimguas
Rio Peruype
Rio das Caravellas
Rio Andarahy
Rio Taheum
Rio do Cayrú
Rio Cricaré
Rio Cricaxe
Rio Cricaxe mirim
Rio Cricaxe
Rio Cricaxe
Rio Cricaxe

João Teixeira Albernaz I, 1627

Atlas do Brasil com dezanove cartas — Atlas of Brazil with nineteen charts

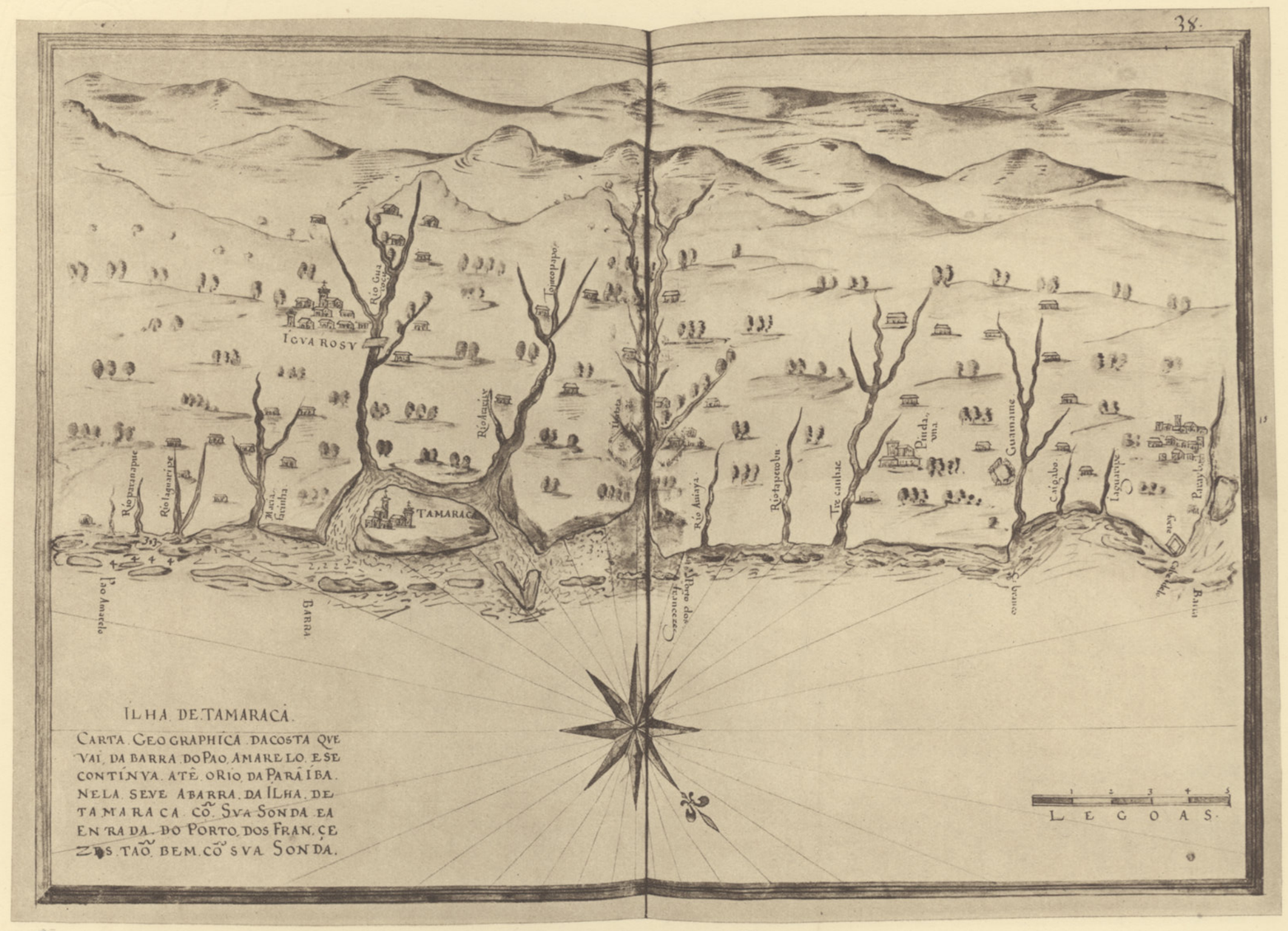
Bibliothèque Nationale, Paris

Décima Carta — Tenth Chart

Décima terceira Carta — Thirteenth Chart

Original 413×587 mm.

Décima quarta Carta — Fourteenth Chart



Décima quinta Carta — Fifteenth Chart

João Teixeira Albernaz i, 1627

Atlas do Brasil com dezanove cartas — Atlas of Brazil with nineteen charts

Bibliothèque Nationale, Paris

Décima sexta Carta — Sixteenth Chart A

B Décima sétima Carta — Seventeenth Chart

Rio Jaguarema
Cara Matys
Rio das Serpentes
Meryaõ
Indyanara
Garatyra
Ariama
Mvi
Capirema
Rio Grota Pirangaba
Coatanduba
Rio Ignassiu hug
Byapaba
Vrubetama
Gariguna
Rio Real
Rio de S. Cosme
Rio de S. Francisco
Rio Vaza Barris
Rio Sergipe
Rio Real
Rio Paraguaçu
Rio Jaguaripe
Rio Serigi
Rio Cairu
Rio Camamu
Rio Cayti
Rio Jiquiriçá
Rio Pardo
Rio Vruçuca
Rio Patipe
Rio Grande
Rio Peruype
Rio Jtapicuru
Rio Mearim
Rio Tury assu
Rio Jara
Rio Jeruma
Rio Jtapicuru mirim
Rio Jtapicuru assu
Rio Mony
Rio Jtapicuru grande
Rio Jtapicuru pequeno
Rio Jtapicuru de Cima
Rio Jtapicuru de Baixo
Rio Jtapicuru Mirim
Rio Jtapicuru Assu
Rio Jtapicuru Grande
Rio Jtapicuru

ANÓNIMO — JOÃO TEIXEIRA ALBERNAZ I, ATLAS UNIVERSAL DE c. 1628, COM VINTE CARTAS

ESTAMPAS 459-463

ESTE atlas, conhecido por «Atlas da Duquesa de Berry», encontra-se na Bibliothèque Nationale de Paris, onde tem a cota «Rés. Ge. FF. 14409». Contém vinte cartas traçadas em pergaminho, manuscritas e iluminadas, numa encadernação de marroquim vermelho. Cada carta está delineada numa folha de pergaminho, carcelada pelo meio, medindo, quando aberta, 268 × 383 mm, à excepção das cartas segunda e décima sexta, que medem, respectivamente, 268 × 487 mm e 268 × 532 mm, e têm mais uma dobra do lado direito. O atlas pertenceu à Duquesa de Berry, e em 1837 foi adquirido na venda da Biblioteca do Castelo de Rosny para a então «Bibliothèque du Roi» (1), onde ficou desde essa data.

Primeira Carta (Estampa 459 A) — Mapa-mundi com o título *TYPVS ORBIS TERRARVM.*

Segunda Carta (Estampa 463 B) — Europa.

Terceira Carta (Estampa 459 B) — Península Ibérica e noroeste da África, com as ilhas atlânticas.

Quarta Carta (Estampa 459 C) — *NOVA FRÃÇA, CANADAA, TERRA DO LAVRADOR, GRVLANDA, FRISLANDA, ILHAS TREÇEIRAS.*

Quinta Carta (Estampa 459 D) — Ilhas das Pequenas Antilhas, Açores e Cabo Verde.

Sexta Carta (Estampa 460 B) — África ocidental do norte do Cabo Branco a Angola.

Sétima Carta (Estampa 460 A) — América do Sul, de Cumaná à Baía de Todos os Santos, região de Cabo Verde e ilhas atlânticas.

Oitava Carta (Estampa 460 C) — Sul do Brasil com o Rio da Prata.

Nona Carta (Estampa 460 D) — África ocidental, do Congo até além do Cabo da Boa Esperança, com as ilhas do Atlântico Sul.

Décima Carta (Estampa 461 D) — África do sudoeste, África Oriental até Quiloa, Madagáscar e ilhas do sudoeste do Índico.

Décima primeira Carta (Estampa 461 C) — África Oriental, de Moçambique à entrada do Mar Vermelho, Sul da Índia, Ceilão, ilhas e baixos do Índico.

Décima segunda Carta (Estampa 461 A) — Mar Vermelho, Golfo Pérsico e Índia.

Décima terceira Carta (Estampa 461 B) — Costas asiáticas desde o Golfo de Cambaia a Chincheu, com parte da Insulíndia.

Décima quarta Carta (Estampa 463 A) — China e Japão.

Décima quinta Carta (Estampa 463 C) — Insulíndia.

Décima sexta Carta (Estampa 463 D) — Nova Guiné e ilhas próximas.

Décima sétima Carta (Estampa 462 A) — Califórnia e parte da Nova Espanha.

Décima oitava Carta (Estampa 462 C) — Costas do Peru.

Décima nona Carta (Estampa 462 D) — Parte meridional da América do Sul.

Vigésima Carta (Estampa 462 B) — América Central e partes contíguas da América do Norte e do Sul.

Desde o seu aparecimento no século passado, tem este atlas desafiado a sagacidade dos estudiosos empenhados em descobrir-lhe o autor e data aproximada de execução. O primeiro a dar notícia dele, sucintamente, foi Jomard, em 1837 (2), e o Visconde de Santarém, sem apresentar quaisquer razões, atribuíu-lhe a data de 1540-1554 (3). Figurou nas exposições de 1875 e 1912 (4), e no catálogo de Kretschmer (5). José de Figueiredo

(1) Visconde de Santarém, *Recherches sur la priorité de la découverte des pays situés sur la Côte Occidentale d'Afrique au-delà du Cap Bojador, et sur les progrès de la science géographique après les navigations des Portugais au XV^e siècle*, pp. 128-9. Paris 1842. O mesmo passo em que Santarém se refere ao atlas fora publicado no ano anterior (*Extrait de l'ouvrage inédit de M. le Vicomte de Santarém intitulé «De la priorité de la découverte faite par les Portugais des côtes occidentales de l'Afrique situées au-delà du Cap Bojador»*) in *Bulletin de la Société de Géographie*, II^e Série, Tome XV, pp. 239-40, Paris 1841. Indica aí o Visconde de Santarém que na altura se dizia que o atlas pertencera ao célebre Pierre Pithou, mas Armando Cortesão, *Cartografia*, Vol. II, p. 87, Lisboa 1935, mostrou já que isso não podia ser, dado que o escritor e jurista francês morreu em 1596 e o atlas foi feito depois dessa data. Também Charles du Bus, *Edme-François Jomard et les origines du Cabinet des Cartes (1777-1862)*, in *Bulletin de la Section de Géographie*, Tome XLVI, p. 69, Paris 1931, se ocupa da origem do atlas.

(2) Em sessão de 17 de Março de 1837 da Société de Géographie de Paris; vide *Bulletin de la Société de Géographie*, II^e Série, Tome VII, pp. 190-1, Paris 1837.

(3) Vide nota (1), e ainda *Estudos de Cartografia Antiga*, Vol. I, p. 178. Lisboa 1919.

(4) Léon Vallée, *Notice des documents exposés à la Section des Cartes*, n.º 49. Paris 1912.

(5) *Handschriftl. Karten der Pariser National Bibliothek*, pp. 458-62, *apud* M. G. Deulin, *La Cartographie Portugaise à la Bibliothèque Nationale de Paris*, in *Boletim Geral das Colónias*, Ano XVI, n.º 176, p. 56. Lisboa Fevereiro 1940.

ANONYMOUS — JOÃO TEIXEIRA ALBERNAZ I, WORLD ATLAS OF c. 1628, WITH TWENTY CHARTS

PLATES 459-463

THIS atlas, kown as the «Atlas of the Duchesse de Berry», is preserved in the Bibliothèque Nationale, Paris, with the class-mark «Rés. Ge. FF. 14409». It contains twenty charts drawn on vellum, manuscript and illuminated, in a binding of crimson morocco. Each chart is drawn on one sheet of vellum, folded down the centre, measuring when open 268 × 383 mm, except the second and sixteenth charts, which measure respectively 268 × 487 mm and 268 × 532 mm and have one more fold on the right-hand side. The atlas belonged to the Duchesse de Berry, and in 1837 was acquired in the sale of the library of the Château de Rosny for the then Bibliothèque du Roi (1), where it has since remained.

First Chart (Plate 459 A) — World map with the title *TYPVS ORBIS TERRARVM.*

Second Chart (Plate 463 B) — Europe.

Third Chart (Plate 459 B) — Iberian Peninsula and north-east Africa, with the Atlantic islands.

Fourth Chart (Plate 459 C) — «New France», «Canada», *TERRA DO LAVRADOR, GRVLANDA, FRISLANDA,* «Terceira Islands».

Fifth Chart (Plate 459 D) — Islands of the Lesser Antilles, Azores, and Cape Verde.

Sixth Chart (Plate 460 B) — Western Africa, from the north of Cape Blanco to Angola.

Seventh Chart (Plate 460 A) — South America, from Cumana to the Bay of Todos os Santos, region of Cape Verde and Atlantic islands.

Eighth Chart (Plate 460 C) — Southern Brazil with the River Plate.

Ninth Chart (Plate 460 D) — West Africa, from the Congo to the Cape of Good Hope, with the islands of the South Atlantic.

Tenth Chart (Plate 461 D) — South-east Africa, East Africa to Quiloa, Madagascar and islands of the south-eastern Indian Ocean.

Eleventh Chart (Plate 461 C) — East Africa from Mozambique to the entrance of the Red Sea, southern India, Ceylon, islands and reefs of the Indian Ocean.

Twelfth Chart (Plate 461 A) — Red Sea, Persian Gulf and coasts of India.

Thirteenth Chart (Plate 461 B) — Coasts of Asia from the Gulf of Cambay to Chincheo, with part of Insulindia.

Fourteenth Chart (Plate 463 A) — China and Japan.

Fifteenth Chart (Plate 463 C) — Insulindia.

Sixteenth Chart (Plate 463 D) — New Guinea and neighbouring islands.

Seventeenth Chart (Plate 462 A) — California and part of New Spain.

Eighteenth Chart (Plate 462 C) — Coasts of Peru.

Nineteenth Chart (Plate 462 D) — Coasts of the southern part of South America.

Twentieth Chart (Plate 462 B) — Central America and adjacent parts of North and South America.

Since its appearance in the last century, this atlas has defied the attempts of students to determine its author and the approximate date of its execution. The first to give a notice of it, although a brief one, was Jomard, in 1837 (2), and the Viscount de Santarém ascribed it (without giving his reasons) to the period 1540-1554 (3). It was shown in the exhibitions of 1875 and 1912 (4), and appears in Kretschmer's catalogue (5). José de

(1) Visconde de Santarém, *Recherches sur la priorité de la découverte des pays situés sur la Côte Occidentale d'Afrique au-delà du Cap Bojador, et sur les progrès de la science géographique après les navigations des Portugais au XV^e siècle*, pp. 128-9. Paris 1842. The passage in which Santarém refers to the atlas had been published in the previous year (*Extrait de l'ouvrage inédit de M. le Vicomte de Santarém intitulé «De la priorité de la découverte faite par les Portugais des côtes occidentales de l'Afrique situées au-delà du Cap Bojador»*) in *Bulletin de la Société de Géographie*, II^e Série, Tome XV, pp. 239-40, Paris 1841. The Viscount de Santarém states that at that time the atlas was thought to have belonged to the celebrated Pierre Pithou, but Armando Cortesão, *Cartografia*, Vol. II, p. 87, Lisboa 1935, shows that this cannot be true, since the French writer and jurist died in 1596 and the atlas was made after this date. Charles du Bus, *Edme-François Jomard et les origines du Cabinet des Cartes (1777-1862)*, in *Bulletin de la Section de Géographie*, Tome XLVI, p. 69, Paris 1931, also discusses the origin of the atlas.

(2) In the session of the Societé de Géographie de Paris of 17 March 1837; see *Bulletin de la Société de Géographie*, II^e Série, Tome VII, pp. 190-1, Paris 1837.

(3) See note (1), and also *Estudos de Cartografia Antiga*, Vol. I, p. 178. Lisboa 1919.

(4) Léon Vallée, *Notice des documents exposés à la Section des Cartes*, n.º 49. Paris 1912.

(5) *Handschriftl. Karten der Pariser National Bibliothek*, pp. 458-62, *apud* M. G. Deulin, *La Cartographie Portugaise à la Bibliothèque Nationale de Paris*, in *Boletim Geral das Colónias*, Ano XVI, n.º 176, p. 56. Lisboa Fevereiro 1940.

considerou-o de Vaz Dourado e anterior às obras conhecidas deste cartógrafo (6). Armando Cortesão mostrou a falta de fundamento desta opinião, e ocupou-se com desenvolvimento do atlas, apesar de só dispor de reproduções das cartas décima e décima terceira. Assim, chamou a atenção para a figuração da região do Zambeze e seus afluentes, e, recorrendo às fontes documentais da época, mostrou que o atlas é posterior à fundação do Forte de S. Estêvão (1612) e à do Forte de S. Miguel (1614), ambos indicados na carta décima. Por outro lado, como o governo da metrópole mandou cessar a conquista das imaginárias minas de prata da Chicova em 1622 e 1623, e na carta ainda se figura a «Chicoua Serra de Prata», vê em tal facto um indício de que o atlas seria anterior àquela determinação, pelo que considera que a sua feitura se colocaria entre os anos de 1615 e 1623 (7).

H. R. Wagner, por sua vez, ocupou-se da representação da Califórnia (8), Deulin deu uma descrição desenvolvida do atlas (9) e A. Fontoura da Costa datou-o de (1630?) sem dar as razões (10). Jaime Cortesão, em 1945, considerou que a obra «pelo estilo e muitas particularidades geográficas pertence também a João Teixeira» e as duas cartas do Brasil incluídas nela «devem datar, como as demais, aproximadamente de 1620» (11). Alguns anos depois A. Kammerer informava que «M. Destombes pense avoir constaté la parfaite similitude d'écriture entre l'atlas de la Duchesse de Berry et les oeuvres connues de João Teixeira». Tal semelhança verificar-se-ia também «pour les échelles de latitude fort caractéristiques, pour les titres et pour l'éxecution matérielle», e «l'examen de la nomenclature lui a fait constater enfin de grandes analogies entre l'atlas de Paris et les autres productions du dit Teixeira malgré certaines dissemblances ne dépassant pas celles qu'on constate par example entre les divers atlas signés par Vaz Dourado au cours d'une quinzaine d'années». Por sua vez Kammerer aponta que perto da ponta meridional da ilha de Madagáscar se vêem os nomes de *S. Lucas* e *Santa Cruz,* os quais foram dados por Paulo Rodrigues da Costa em 18 de Outubro de 1613 no decurso de uma exploração metódica da ilha, da qual só regressou a Goa em meados de 1614 e cuja notícia não chegaria portanto a Portugal antes de começos de 1615, ano que constituiria o limite inferior do atlas; aceita a sugestão de A. Cortesão de 1623 como limite superior, e termina datando o atlas de c. 1618 (12). Também Randles se referiu brevemente à carta décima, reproduzindo-a (13).

A opinião de Jaime Cortesão e M. Destombes quanto à autoria do atlas afigura-se-nos ser perfeitamente fundada. Para além das analogias que apontamos há na verdade certas dissemelhanças, que são mais aparentes que reais. Para as apreciar devidamente no seu justo valor torna-se porém indispensável atender a que João Teixeira produziu muitas obras com os fins mais variados e destinadas a pessoas de diversas categorias. Tomemos aquelas mais próximas em data do atlas «Duchesse de Berry»: os atlas da «Razão do Estado do Brasil» destinavam-se a pessoas de nobreza exercendo altas funções em Portugal e Espanha e estão delineados com especial cuidado sob o aspecto artístico, com colorido e iluminura mais ricos e a letra da nomenclatura costeira desenhada; no atlas do Brasil de 1627 já não houve tantas preocupações artísticas, mas a nomenclatura continua a ser em letra desenhada; finalmente no atlas universal de 1630, feito com especiais intenções de rigor em relação à navegação, as ornamentações tornam-se muito simples e a nomenclatura vem em boa parte escrita em letra corrente. O atlas «Duchesse de Berry» está ornamentado sem grandes preocupações, é de dimensões reduzidas e tem a nomenclatura em letra corrente, pelo que é de supor que se destinasse a personagem de menor valimento aos olhos do cartógrafo executante. Com estas reservas, podemos encontrar nas obras indicadas semelhanças impressionantes que Jaime Cortesão e M. Destombes apontaram na generalidade e que fàcilmente se podem verificar, agora que pela primeira vez reunimos num mesmo volume as suas reproduções completas. Limitamo-nos por isso a assinalar algumas das analogias mais evidentes. Assim, é de destacar a semelhança geral entre

(6) *Catálogo e guia de algumas obras de arte temporàriamente agrupadas neste Museu* [*Nacional de Arte Antiga*], p. 12, Lisboa 1932, *apud* A. Cortesão 1935, pp. 86-7.

(7) A. Cortesão 1935, Vol. II, pp. 86-104, com reprodução da carta 10.ª (Plate LVI). Também Teleki, *Atlas zur Geschichte der Kartographie der japanischen Inseln,* Budapest 1909, reproduz a carta décima quarta, segundo Deulin 1940.

(8) H. R. Wagner, *Cartography of the northwest coast of America,* Vol. II, p. 301. Berkeley 1937.

(9) Deulin 1940, pp. 43-56.

(10) A. Fontoura da Costa, *Catálogo da Exposição de Cartografia,* n.º 28, in *Congresso do Mundo Português — Memórias,* Volume IV, pp. 408-9. Lisboa 1940.

(11) Jaime Cortesão, *Curso de História da Cartografia, Geografia das Fronteiras do Brasil e Mapoteconomia,* realizado no Ministério das Relações Exteriores, Capítulos 10 e 16. Rio de Janeiro 1945 (folhas mimeografadas).

(12) A. Kammerer, *La Mer Rouge, L'Abyssinie et l'Arabie aux XVI^e et XVII^e siècles et la cartographie des portulans du monde oriental,* Tome III, 3^e Partie, pp. 221-3. Le Caire 1952. No Tome III, 2^e Partie, reproduz a cores as cartas décima segunda e décima terceira, estampas CIII e CVI. Um pouco antes já o mesmo autor expusera mais brevemente tais ideias, em *La découverte de Madagascar par les Portugais et la cartographie de l'île,* in *Boletim da Sociedade de Geografia,* Série 67, n.^os 9-10, p. 621. Lisboa Setembro-Outubro 1949.

(13) W. G. L. Randles, *South East Africa and the Empire of Monomotapa as shown on selected printed maps of the 16th century,* in *Studia,* n.º 2, pp. 161-2. Lisboa 1958.

Figueiredo thought that it was by Vaz Dourado and earlier than the known works of that cartographer (6). Armando Cortesão proved this judgment to be unfounded, and discussed the atlas in detail, although he had access only to reproductions of the tenth and thirteenth charts. Thus he called attention to the representation of the region of the Zambesi and its tributaries and, citing documentary sources of the period, demonstrated that the atlas was later than the foundation of the Fort of S. Estêvão (1612) and of the Fort of S. Miguel (1614), both of which are shown in the tenth chart. On the other hand, the chart still has «Chicova Mountain of Silver», although the search for the imaginary silver mines of Chicova had been stopped by order of the metropolitan government in 1622 and 1623 — an indication that the atlas antedates these years. Cortesão therefore took the atlas to have been made between 1615 and 1623 (7).

H. R. Wagner, in turn, dealt with the representation of California (8), Deulin gave a detailed description of the atlas (9), and A. Fontoura da Costa dated it (1630?) without giving his reasons (10). Jaime Cortesão in 1945 thought that the work «was also João Teixeira's, by reason of the style and of many geographical details» and that the two charts of Brazil in it «must date, like the others, from about 1620» (11). A few years later A. Kammerer reported that «M. Destombes pense avoir constaté la parfaite similitude d'écriture entre l'atlas de la Duchesse de Berry et les oeuvres connues de João Teixeira». This similarity is also apparent «pour les échelles de latitude fort caractéristiques, pour les titres et pour l'éxecution matérielle», and «l'examen de la nomenclature lui a fait constater enfin de grandes analogies entre l'atlas de Paris et les autres productions du dit Teixeira malgré certaines dissemblances ne dépassant pas celles qu'on constate par example entre les divers atlas signés par Vaz Dourado au cours d'une quinzaine d'années». For his part, Kammerer pointed out that we find near the southern point of the island of Madagascar, the names *S. Lucas* and *Santa Cruz,* which were given by Paulo Rodrigues da Costa on 18 October 1613, in the course of a methodical exploration of the island. He returned to Goa only in the middle of 1614; his report cannot therefore have reached Portugal before the beginning of 1615, and this year would provide the lower limit for the atlas. Kammerer accepts the date 1623 proposed by A. Cortesão as the upper limit, and ends by dating the atlas c. 1618 (12). Randles also refers briefly to the tenth chart, which he reproduces (13).

The opinion of Jaime Cortesão and M. Destombes regarding the authorship of the atlas seems to us well founded. Besides the affinities pointed out by them, there are, to be sure, certain dissimilarities, more apparent than real. To give them their due weight we must take into account the fact that João Teixeira produced many works for very varied purposes and for presentation to personages of different kinds. Let us take those nearest in date to the «Duchesse de Berry atlas». The atlases of the *Razão do Estado do Brasil,* designed for noblemen holding high offices in Portugal and Spain, are drawn with special care for artistic presentation, with richer colouring and illumination, and formal lettering for the coastal nomenclature; in the 1627 atlas of Brazil this artistic preoccupation is not so apparent, but the names are still in formal lettering; lastly, in the world atlas of 1630, specially designed to serve the needs of navigation, the decoration has become very simple and the nomenclature is largely written in a cursive hand. In the «Duchesse de Berry atlas» there is no great attention to decoration, the dimensions are smaller, and the writing of the names is cursive; all these features suggest that the atlas was designed for some personage of lower standing in the eyes of the cartographer who drew it. With these reservations, we can recognize impressive similarities with the works of João Teixeira cited, as has been pointed out in general terms by Jaime Cortesão and M. Destombes and is easily verifiable from the complete reproductions of João Teixeira's works here published for the first time in a single volume. We will draw attention only to some of the more obvious affinities. Thus the planispheres in the «Duchesse de Berry atlas» and the

(6) *Catálogo e guia de algumas obras de arte temporàriamente agrupadas neste Museu* [*Nacional de Arte Antiga*], p. 12, Lisboa 1932, *apud* A. Cortesão 1935, pp. 86-7.

(7) A. Cortesão 1935, Vol. II, pp. 86-104, with a reproduction of the tenth chart (Plate LVI). Teleki, *Atlas zur Geschichte der Kartographie der japanischen Inseln,* Budapest 1909, also reproduces the fourteenth chart, according to Deulin 1940.

(8) H. R. Wagner, *Cartography of the northwest coast of America,* Vol. II, p. 301. Berkeley 1937.

(9) Deulin 1940, pp. 43-56.

(10) A. Fontoura da Costa, *Catálogo da Exposição de Cartografia,* n.º 28, in *Congresso do Mundo Português — Memórias,* Volume IV, pp. 408-9. Lisboa 1940.

(11) Jaime Cortesão, *Curso de História da Cartografia, Geografia das Fronteiras do Brasil e Mapoteconomia,* delivered in the Ministério das Relações Exteriores, Chapters 10 and 16. Rio de Janeiro 1945 (mimeographed).

(12) A. Kammerer, *La Mer Rouge, L'Abyssinie et l'Arabie aux XVI^e et XVII^e siècles et la cartographie des portulans du monde orientale,* Tome III, 3^e Partie, pp. 221-3. Le Caire 1952. In Tome III, 2^e Partie, Kammerer reproduces in colour (Pls. CIII and CVI) the twelfth and thirteenth charts. The author had expounded these ideas more briefly in an earlier work, *La découverte de Madagascar par les Portugais et la cartographie de l'île,* in *Boletim da Sociedade de Geografia,* Série 67, n.^os 9-10, p. 621. Lisboa Setembro-Outubro 1949.

(13) W. G. L. Randles, *South East Africa and the Empire of Monomotapa as shown on selected printed maps of the 16th century,* in *Studia,* n.º 2, pp. 161-2. Lisboa 1958.

os planisférios do atlas «Duchesse de Berry» e dos atlas de 1630 e c. 1632, nomeadamente no que se refere ao continente austral, com as diferenças, nalgumas regiões, resultantes de serem executados em anos diferentes. Certos traçados característicos das obras de João Teixeira vêem-se também em cartas particulares do atlas: Terra Nova e áreas próximas (comparar por exemplo com o atlas de 1630), ilhas e baixos do Índico (com numerosas analogias muito significativas em relação ao atlas de 1630), etc. Quando observada cuidadosamente, a letra da nomenclatura costeira apresenta semelhanças impressionantes em relação à do atlas de 1630, sendo difícil admitir que não provenha toda da mesma mão.

Vejamos agora o que respeita à data da execução. Em primeiro lugar, há a registar que na folha 38 v do atlas-miscelânia de Manuel Godinho de Erédia vem uma carta da Zambézia (Estampa 419 F deste volume) cujo traçado é precisamente igual ao da carta décima do atlas «Duchesse de Berry», tendo apenas a mais alguns nomes de regiões. Assinalámos, ao tratar do atlas-miscelânea, que numerosos elementos indicam que ele foi traçado de c. 1615 até c. 1622 (e nunca após os começos de 1623); tal facto vem portanto confirmar a argumentação expendida por Armando Cortesão ao datar a carta décima do atlas de Paris do período 1615-1623. Não lhe foi então possível ir mais longe por não conhecer outras cartas além dessa e da décima terceira; vamos por isso indicar agora alguns factos que avançam um pouco mais o limite inferior em que a obra podia ter sido executada. Assim, é de registar que na carta nona já vem a região de Benguela indicada ao sul da de Angola, e que no litoral se vê o *morro de benguela* ao norte do *R. Longa* e a 11º de latitude, e mais ao sul, a 13º de latitude, vem, abaixo da *Costa de S. Lourenso,* novamente *benguela.* Ora os portugueses começaram por se fixar, em 1587, no hoje chamado Morro de Benguela-Velha, a 10º de latitude, e em 1615 o reino de Benguela era separado do governo de Angola e nomeado seu primeiro governador Manuel Cerveira Pereira. Este partiu de Luanda em 11 de Abril de 1617, explorando a costa até 15º$\frac{1}{2}$ de latitude, e concluíu que a povoação fundada anteriormente não estava no local mais apropriado, pelo que em 17 de Maio do mesmo ano lançou os fundamentos de uma outra, na Baía de Santo António, a 12º$\frac{1}{2}$ de latitude, que denominou Cidade de S. Filipe de Benguela, escolhendo para seu padroeiro S. Lourenço. Da sua viagem elaborou Cerveira Pereira, com o piloto Domingos Fernandes, um roteiro com desenhos da costa, que se conserva na Biblioteca Pública de Évora (14). Por consequência, o autor do atlas de Paris teve conhecimento destes factos e registou nele a posição da nova cidade de Benguela, pelo que o limite inferior da obra avança para 1617. Na carta décima nona, por seu lado, vem assinalada a *Terra do Fogo* como uma ilha, separada da *Terra Austral* pelo *estreito novo.* Embora aí não venha o nome de S. Vicente, é fácil verificar que tal traçado resulta da viagem de 1618-9 dos irmão Nodal, e já sabemos que, no regresso, Gonçalo de Nodal levou de Lisboa para Madrid, em Agosto de 1619, João e Pedro Teixeira a fim de desenharem a nova carta das regiões que explorara, regressando João Teixeira a Lisboa em fins de Setembro. Nestas condições, o limite inferior de execução do atlas avança para fins de 1619. Encontramos, em resumo, no atlas uma série de novidades relativas à Zambézia (1612-1614), Madagáscar (1613), Benguela (1617) e Terra do Fogo (1619). Que o cartógrafo registe todas elas é prova evidente de que ocupava posição oficial que lhe permitia estar a par dos acontecimentos recentes, o que se ajusta perfeitamente a João Teixeira.

Para determinar o limite superior em que o atlas poderia ter sido executado resta-nos compará-lo com outras obras do mesmo autor; começamos pelo atlas, também universal, de 1630. Assim, na comparação dos respectivos planisférios, verifica-se que o do atlas de Paris tem vários aspectos de maior antiguidade: existência da «Terra Incognita Septentrional», banida no de 1630, e que provém do século anterior (encontra-se no planisfério, que atribuímos a Luís Teixeira, do atlas anónimo de Turim); diferenças na configuração geral e na rede hidrográfica da América do Sul; traçado mais arcaico da costa oriental da América do Norte; ausência da Terra de Eendracht, que vem no de 1630; etc. Também a carta da Zambézia a folhas 29 v-30 r do atlas de 1630 (Estampa 469 A) apresenta vários aperfeiçoamentos e novidades em relação à correspondente do atlas de Paris, com maior extensão do Zambeze, outras localidades e mais nomes. As Filipinas, Japão (com Iezo), Coreia e Norte da China estão também mais correctamente delineados no atlas de 1630.

A carta décima sexta oferece grande interesse, pois contém uma representação que desaparece pouco depois da cartografia. É a de maiores dimensões do atlas, e pode-se-lhe chamar verdadeiramente «carta

(14) Códice «CXVI-I-39». Publicado por Luís Silveira, *Roteiro da Costa de Angola de 1617,* in *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa,* 71.ª Série, N.º 10-12, pp. 443-53. Lisboa Outubro-Dezembro 1953. Os vários desenhos da costa foram reunidos em duas cartas gerais por Gastão de Sousa Dias, *Manuel Cerveira Pereira,* Lisboa 1940, onde vêm reunidos os factos que indicamos.

atlases of 1630 and c. 1632 have a general likeness to one another, notably in respect of the Southern continent, while divergences between them in various parts may be ascribed to their execution at different dates. Some outlines characteristic of João Teixeira's work are found in particular charts of the atlas: Terra Nova and adjacent areas (compare, for instance, the atlas of 1630), islands and shoals of the Indian Ocean (with many highly significant analogies to the atlas of 1630), and so on. Closely examined, the writing of the coastal names is found to have an impressive likeness to that of the 1630 atlas, and it can hardly be disputed that both are from the same hand.

Let us now consider the date of execution. In the first place, we must note that on folio 38 v of the miscellany-atlas of Manuel Godinho de Erédia there is a chart of Zambezia (Plate 419 F in this volume), the drawing of which is exactly like that of the tenth chart in the «Duchesse de Berry atlas», adding only some regional names. As we have shown, the atlas-miscellany contains ample evidence to date it between c. 1615 and c. 1622 (certainly not later than the beginning of 1623); here is a confirmation of the argument used by Armando Cortesão in placing the tenth chart of the Paris atlas in the period 1615-1623. Since he knew only the tenth and thirteenth charts, he could not then go further; we shall now point to certain facts which slightly advance the lower limit of date within which the work could have been executed. Thus we note that in the ninth chart the region of Benguela is now indicated to the south of Angola, while the «mountain of Benguela» appears on the coast, to the north of «R. Longa» and in 11º latitude, and further south, in 13º, we find below the «Coast of S. Lourenço» the name «Benguela». Now the Portuguese first established themselves, in 1587, in the Hill of Benguela-Velha (the modern name), in 10º latitude, and in 1615 the Kingdom of Benguela was detached from the government of Angola and Manuel Cerveira Pereira was appointed first governor of it. He left Loanda on 11 April 1617 and, after exploring the coast to 15º$\frac{1}{2}$ latitude, decided that the town already established was not in the most suitable position; on 17 May of the same year, accordingly, he laid the foundations of another, in the Bay of Santo António, in 12º$\frac{1}{2}$ latitude, which he called the City of S. Filipe de Benguela, choosing St Lawrence as its patron. From his voyage Cerveira Pereira, with the help of the pilot Domingos Fernandes, compiled a rutter with drawings of the coast, which is preserved in the Biblioteca Pública, Évora (14). The author of the Paris atlas therefore had these facts at his disposal, and he records the position of the new city of Benguela, so that the lower limit for the work is advanced to 1617. In the nineteenth chart, again, *Terra do Fogo* is marked as an island, separated from *Terra Austral* by the «New strait». Although the name S. Vicente is absent, this representation is evidently derived from the voyage of the Nodal brothers in 1618-9, and we know that on their return Gonçalo de Nodal took João and Pedro Teixeira from Lisbon to Madrid, in August 1619, to draw the new chart of the region which he had explored, and that João Teixeira returned to Lisbon at the end of September. Thus the lower limit for the execution of the atlas is brought forward to the end of 1619. In short, we find in the atlas a series of new details relating to Zambezia, (1612-1614), Madagascar (1613), Benguela (1617) and Tierra del Fuego (1619). That the cartographer records all of them shows that he held an official position which enabled him to keep abreast of recent developments, and this applies perfectly to João Teixeira.

To determine the upper limit in which the atlas could have been drawn we have to compare it with other works by the same author; let us begin with the atlas, also of the world, of 1630. Thus a comparison of the two planispheres reveals that the Paris atlas has various more archaic features: the appearance of «Terra Incognita Septentrional», which is not in the 1630 atlas and comes down from the previous century (it is found in the planisphere, which we ascribe to Luís Teixeira, in the anonymous Turin atlas); differences in the general configuration and river systems of South America; more archaic drawings of the east coast of North America; the absence of Eendrachts Land, which is in the 1630 atlas; and so on. Moreover the chart of Zambezia on folios 29 v-30 r of the 1630 atlas (Plate 469 A) shows various improvements and new features in relation to the corresponding chart of the Paris atlas, with a greater extension of the Zambezi, different localities and more names. The Philippines, Japan (with Yezo), Korea and northern China are also more correctly delineated in the atlas of 1630.

The sixteenth chart is of great interest, since it contains a representation which shortly after disappears from cartography. It is the largest chart in the atlas, and might fairly be called a «chart of the Quiros-Torres voyages»,

(14) Codex «CXVI-I-39». Published by Luís Silveira, *Roteiro da Costa de Angola de 1617,* in *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa,* 71.ª Série, N.º 10-12, pp. 443-53. Lisboa Outubro-Dezembro 1953. The various coastal drawings were brought together in two general charts by Gastão de Sousa Dias, *Manuel Cerveira Pereira,* Lisboa 1940, where the details given here are assembled.

das viagens Queiroz-Torres», pois assinala, a leste, as ilhas *Virgines, S. Apelonia, S. bernardo* e *Matacam,* a *Noua gerusalẽ,* representada a sul das ilhas Salomão, e finalmente toda a costa meridional da Nova Guiné, isto é, os resultados da célebre expedição de 1605-6. Só encontramos representações parecidas no atlas-miscelânea de Manuel Godinho de Erédia, c. 1615-c. 1622 (fólios 63 r e 67 r, Estampa 419 C e E), e também no planisfério de António Sanches de 1623. Nos atlas de 1630 e c. 1632 João Teixeira já deixou de representar a Nova Guiné como ilha, ligando-a ao grande continente austral e assimilando ainda a Nova Jerusalém a um troço deste, com legenda em que se diz ter sido descoberta por Queiroz em 1606. Esta radical mudança, para pior, da representação cartográfica dos resultados da expedição deve ser fruto de causas que não nos compete aqui averiguar: talvez a posterior actuação de Don Diego de Prado e Tovar (segundo comandante da expedição) e de Luís Vaz Torres (comandante do navio almirante) contra Queiroz, talvez a propaganda feita por este sobre a existência do continente austral, tão bem expressa nos seus múltiplos memoriais, ou talvez ainda a política de sigilo dos dirigentes espanhóis, que procuraram esconder os resultados da expedição e não atender os desejos de Queiroz de realizar uma nova viagem. Por consequência, a carta décima sexta do atlas de Paris, ao contrário do que poderia supor-se à primeira vista, é de um período anterior à execução do atlas de 1630. Em resumo, abundam os elementos sugerindo que o atlas de Paris é anterior ao de Washington, devendo por consequência ter sido traçado entre fins de 1619 e 1630.

Resta-nos por isso compará-lo com os atlas do Brasil de c. 1626 e 1627. Já vimos atrás que Jaime Cortesão, sem dar as razões, considera que a representação do Brasil no atlas «Duchesse de Berry» é de c. 1620. Contudo, o traçado das cartas sétima e oitava está sensìvelmente mais perto do que vem na carta do Atlântico Sul do atlas de 1630 do que o que se vê nas cartas gerais dos atlas de c. 1626 e 1627, as quais ainda têm os exagerados salientes do Ceará e do Cabo Frio, que estão reduzidos naquela. Também nestas o delta amazónico tem a característica forma arredondada do protótipo de Cochado. Este vem numa carta especial do atlas de 1630, mas no planisfério e nas duas cartas atlânticas vem já o tipo rectangular característico do «Pequeno atlas de Maranhão», o qual depois se torna corrente durante muito tempo; e é precisamente este traçado que se verifica também no atlas «Duchesse de Berry».

O que se passa com o traçado do Brasil sugere fortemente que o atlas «Duchesse de Berry» é posterior aos de c. 1626 e 1627. Talvez o exame cuidadoso da nomenclatura possa confirmar ou não esta conclusão; mas, até prova em contrário, somos levados a concluir que o atlas em análise foi traçado entre 1627 e 1630. Não fora o que se verifica com o Brasil, e preferiríamos datá-lo de c. 1625; naquelas circunstâncias, e enquanto os especialistas da cartografia antiga do Brasil não submeterem o caso apontado a exame mais minucioso, somos forçados a datá-lo de c. 1628. De qualquer maneira, o que ficou apontado é suficiente para mostrar o considerável interesse do atlas, pois nele se registam pela primeira vez os resultados de descobrimentos e explorações várias.

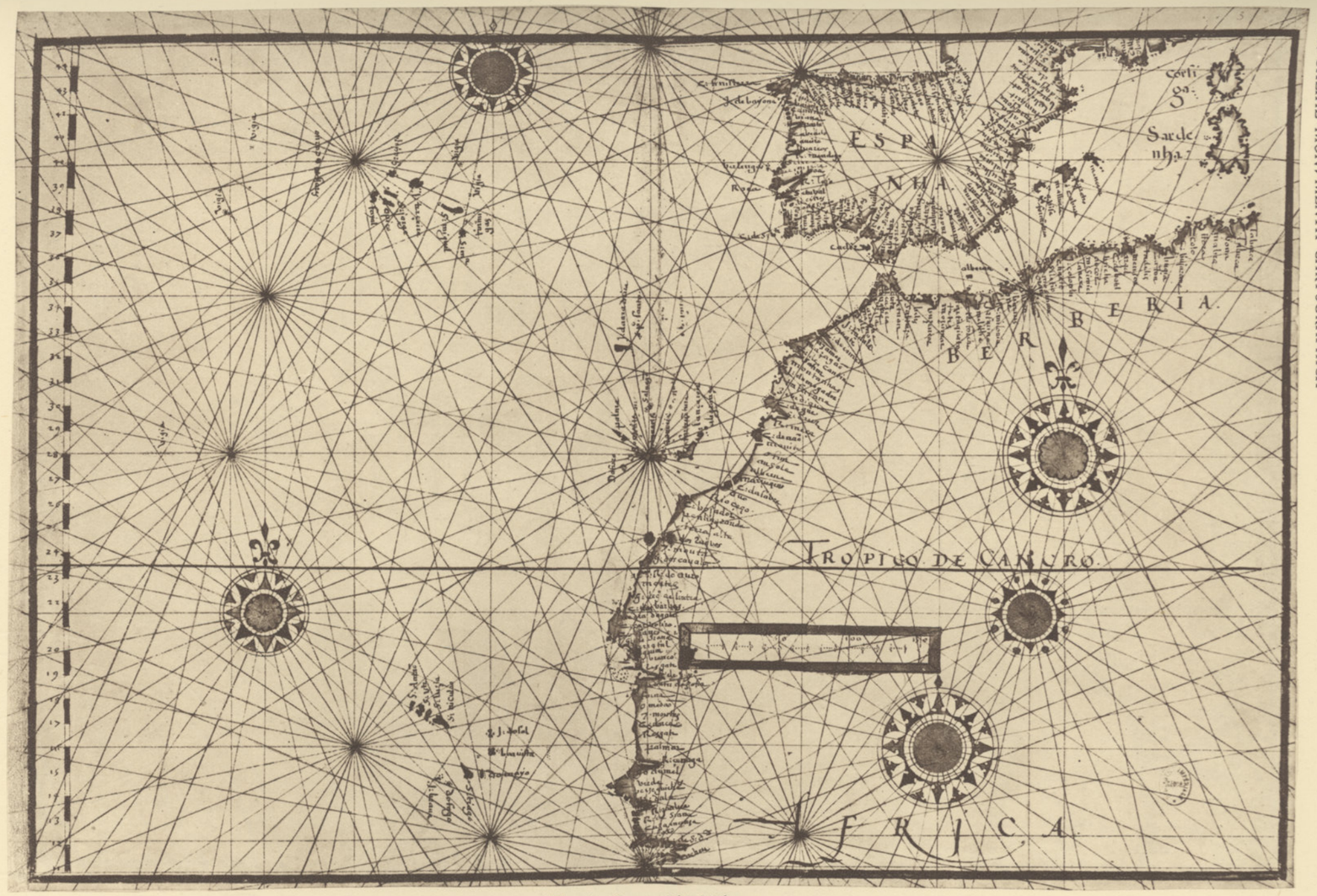
since it marks in the east the islands of *Virgines, S. Apelonia, S. bernardo* and *Matacam, Noua gerusalẽ,* to the south of the Solomon Islands, and lastly the whole south coast of New Guinea, in other words the results of the celebrated expedition of 1605-6. A similar representation is found only in the atlas-miscellany of Manuel Godinho de Erédia, c. 1615-c. 1622 (folios 63 r and 67 r, Plate 419 C and E), and in the planisphere of 1623 by António Sanches. In his atlases of 1630 and c. 1632 João Teixeira no longer drew New Guinea as an island, but connected it to the great southern continent, on the coast of which he placed New Jerusalem, with a legend stating that it had been discovered by Quiros in 1606. This radical change, or rather deterioration, in the cartographic record of the results of the expedition must spring from causes which we cannot investigate here: perhaps the subsequent intrigues of Don Diego de Prado e Tovar (second-in-command of the expedition) and of Luís Vaz Torres (commanding the *almirante*) against Quiros, perhaps Quiros' own propaganda for the existence of the southern continent, so well urged in his numerous memorials, perhaps again the policy of secrecy, maintained by the Spanish government, which attempted to suppress the results of the expedition and ignored Quiros' ambition to undertake a new voyage. The sixteenth chart of the Paris atlas, contrary to what one would suppose at first sight, therefore antedates the atlas of 1630. In short, there is ample evidence to testify that the Paris atlas is earlier than that of Washington, and must consequently have been drawn between the end of 1619 and 1630.

It has still to be compared with the atlases of Brazil of c. 1626 and 1627. As we have already seen, Jaime Cortesão (without giving his reasons) considers the representation of Brazil in the «Duchesse de Berry atlas» to be of c. 1620. Nevertheless the drawing in the seventeenth and eighteenth charts is appreciably nearer to that in the chart of the South Atlantic in the 1630 atlas than to that in the general charts in the atlases of c. 1626 and 1627, while the exaggerated projections of Ceará and Cape Frio, found in the latter, are reduced in the former. In the general charts of c. 1626 and 1627 the Amazon delta also has the characteristic rounded form of the Cochado prototype. This occurs in a special chart of the 1630 atlas, but the planisphere and the two Atlantic charts already show the rectangular delineation characteristic of the «Little atlas of Maranhão», which was to remain in currency for a long time; and it is this very drawing that appears also in the «Duchesse de Berry atlas».

The development of the outline of Brazil strongly suggests that the «Duchesse de Berry atlas» is later than those of c. 1626 and 1627. A careful scrutiny of the nomenclature might perhaps confirm or refute this judgment, but in the absence of evidence to the contrary we are led to the conclusion that the atlas here studied was drawn between 1627 and 1630. Were it not for the representation of Brazil, we should prefer to date it c. 1625; but in the circumstances, and until students of the early cartography of Brazil have subjected it to more meticulous examination, we are compelled to date it c. 1628. In any case, the considerable interest of the atlas is sufficiently established, since it records for the first time the results of various discoveries and explorations.

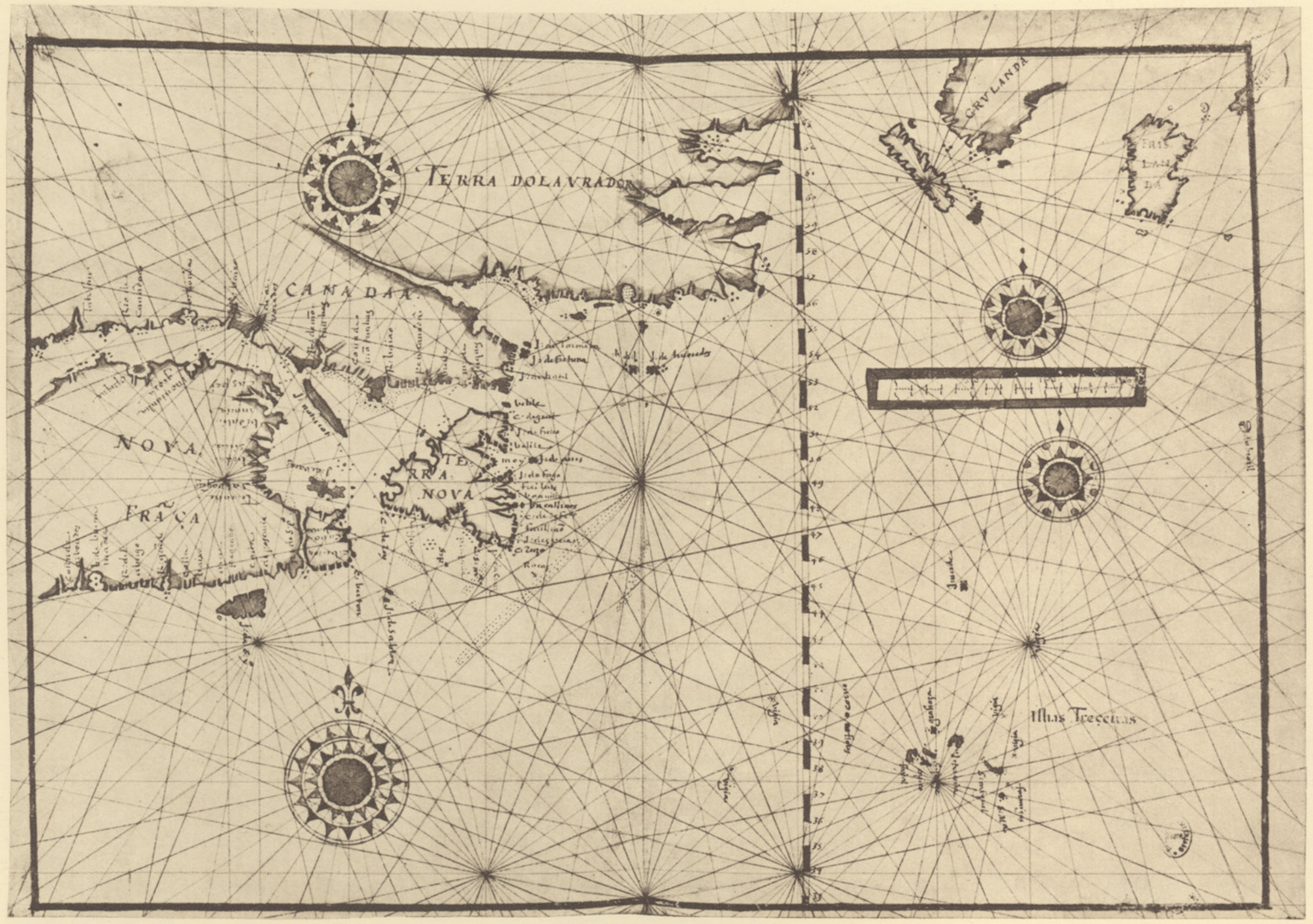
Primeira Carta — First Chart

A



B

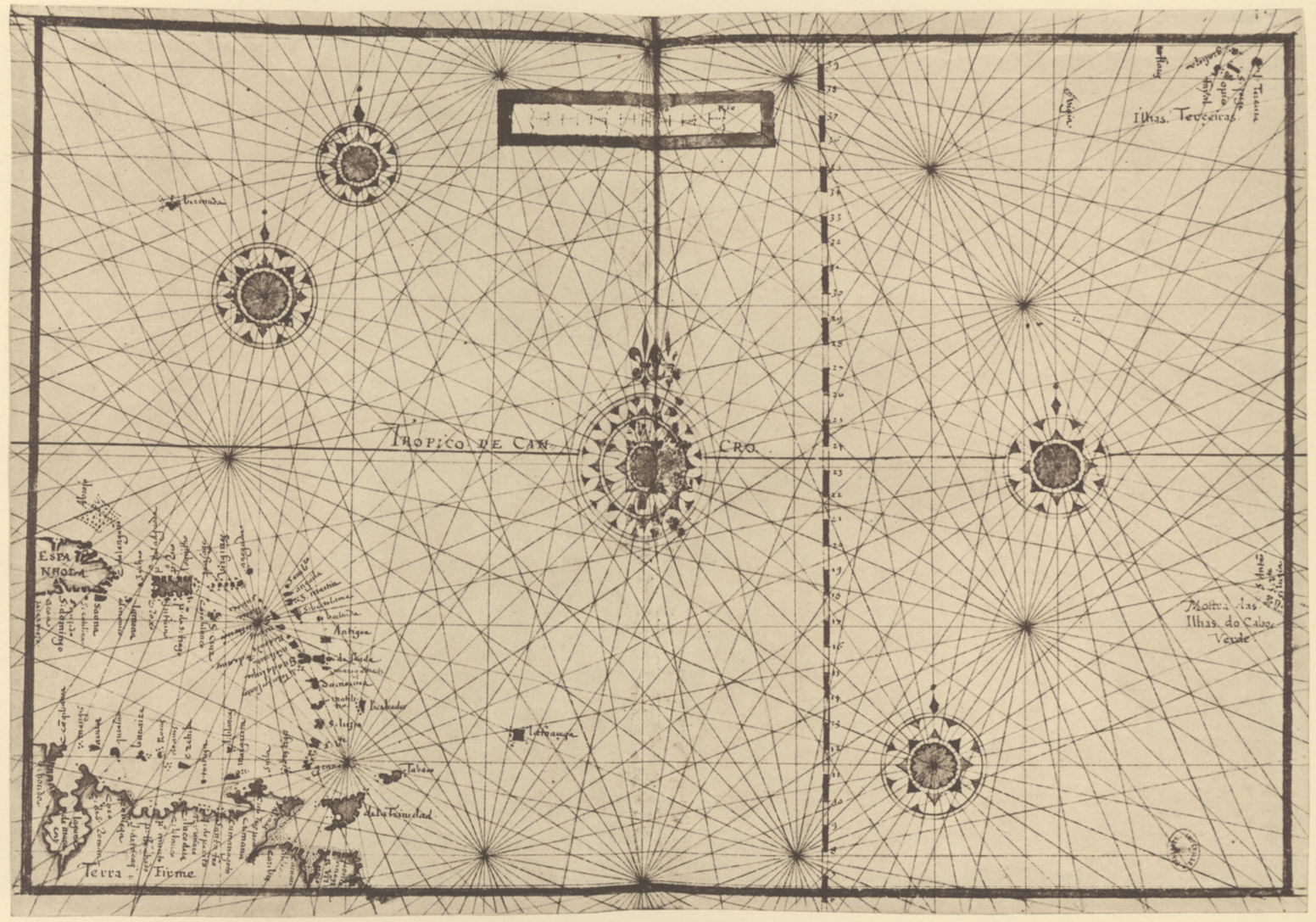
Terceira Carta — Third Chart



Original 268×383 mm.

Quarta Carta — Fourth Chart

C



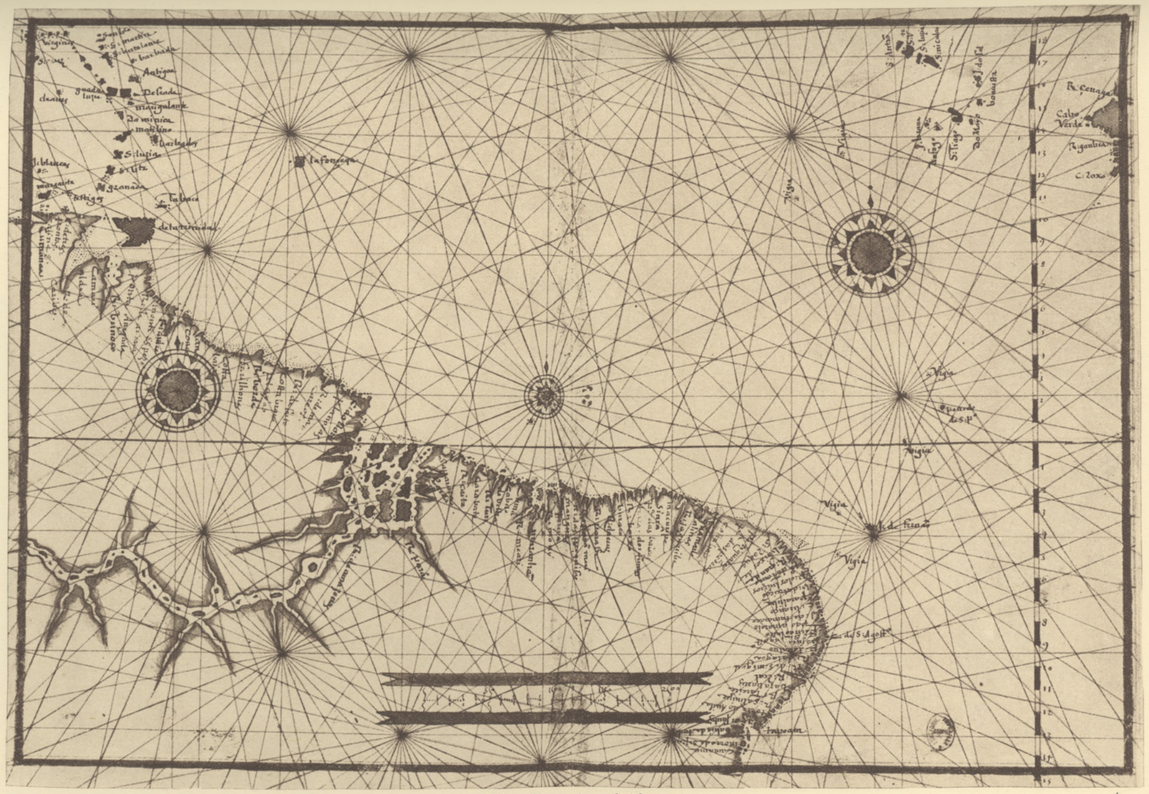
D

Quinta Carta — Fifth Chart

ANÓNIMO-JOÃO TEIXEIRA ALBERNAZ I, c. 1628

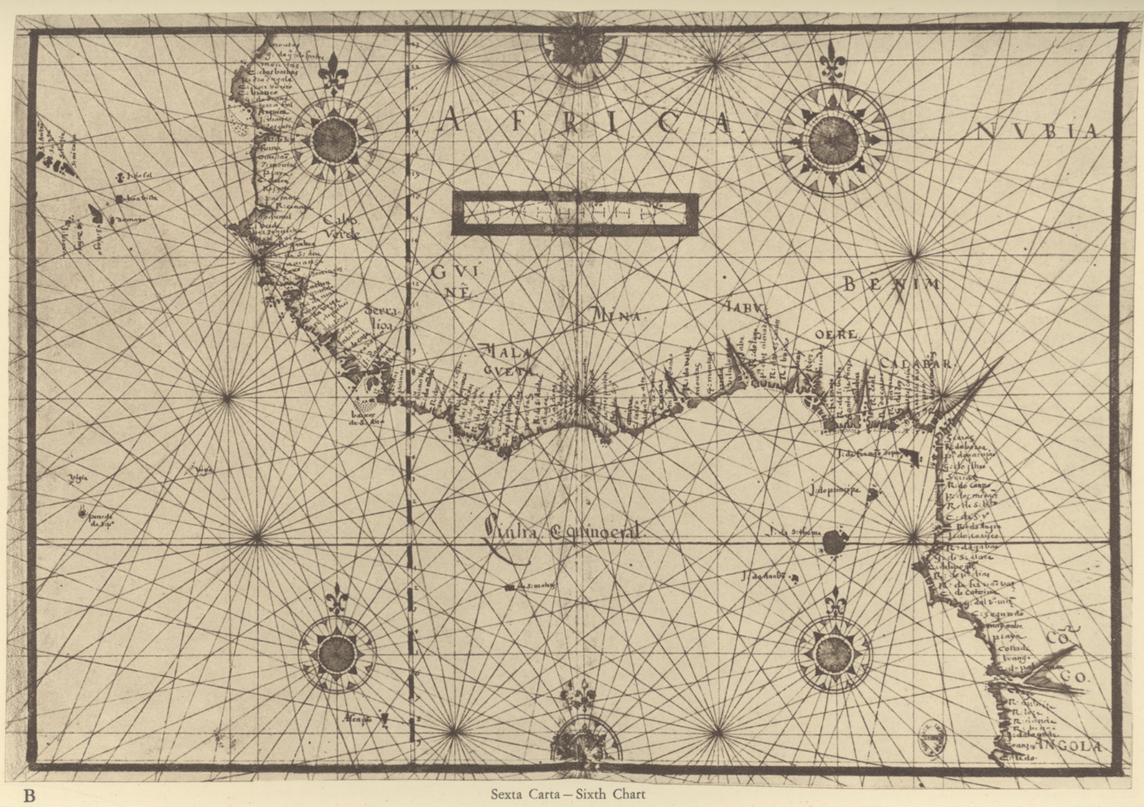
Atlas de vinte cartas — Atlas of twenty charts

Bibliothèque Nationale, Paris



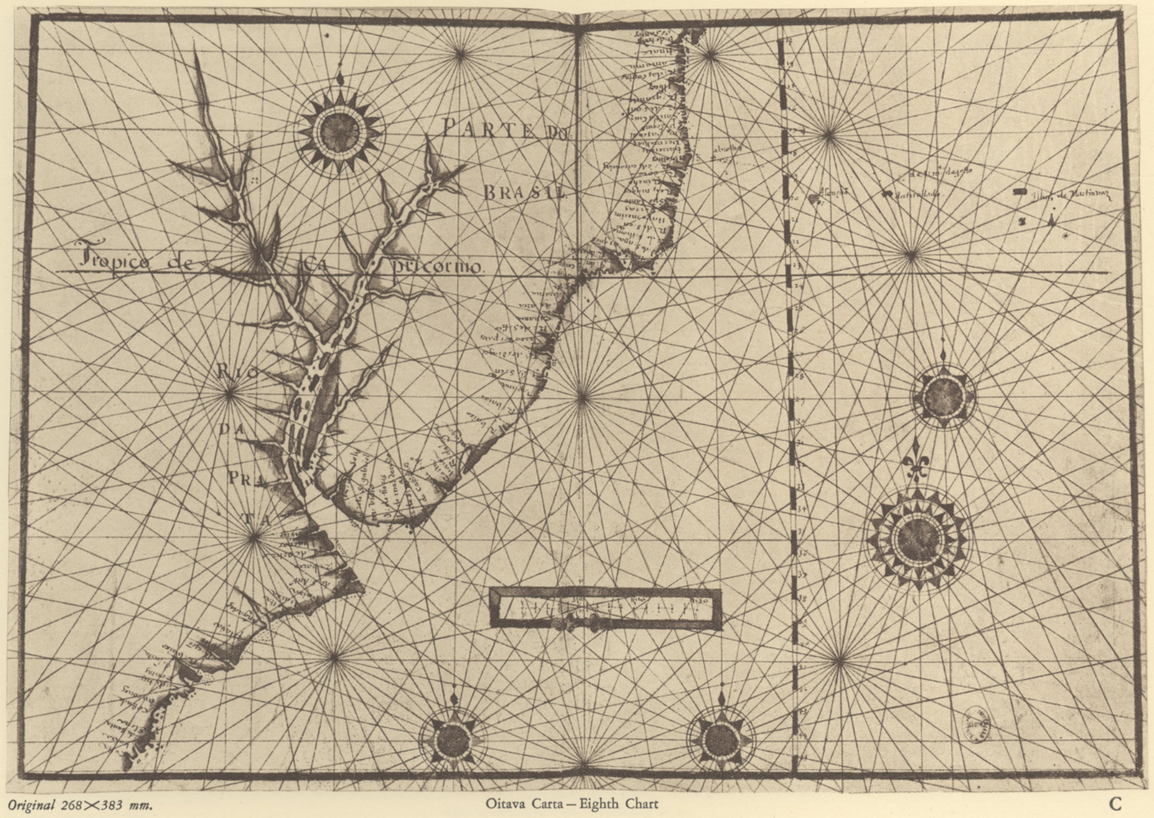
Sétima Carta — Seventh Chart

A



B

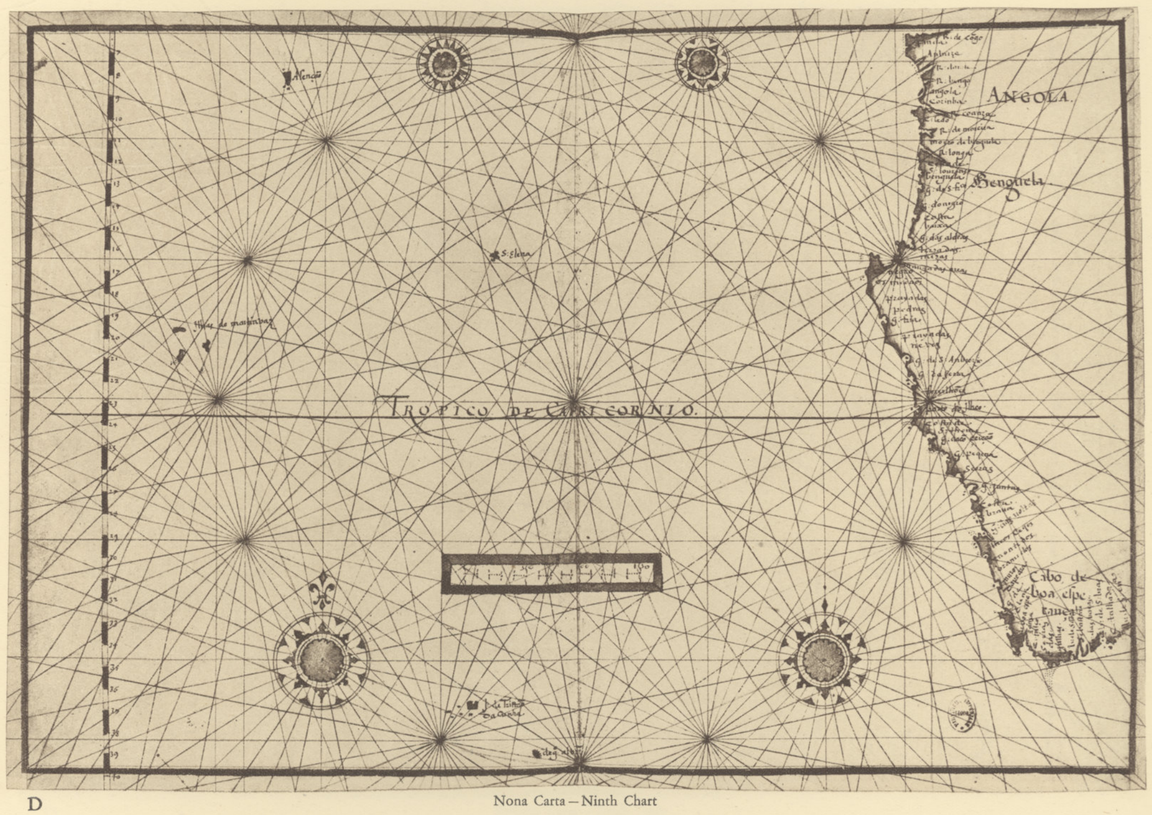
Sexta Carta — Sixth Chart



Original 268×383 mm.

Oitava Carta — Eighth Chart

C



D

Nona Carta — Ninth Chart

ANÓNIMO-JOÃO TEIXEIRA ALBERNAZ I, c. 1628

Atlas de vinte cartas — Atlas of twenty charts

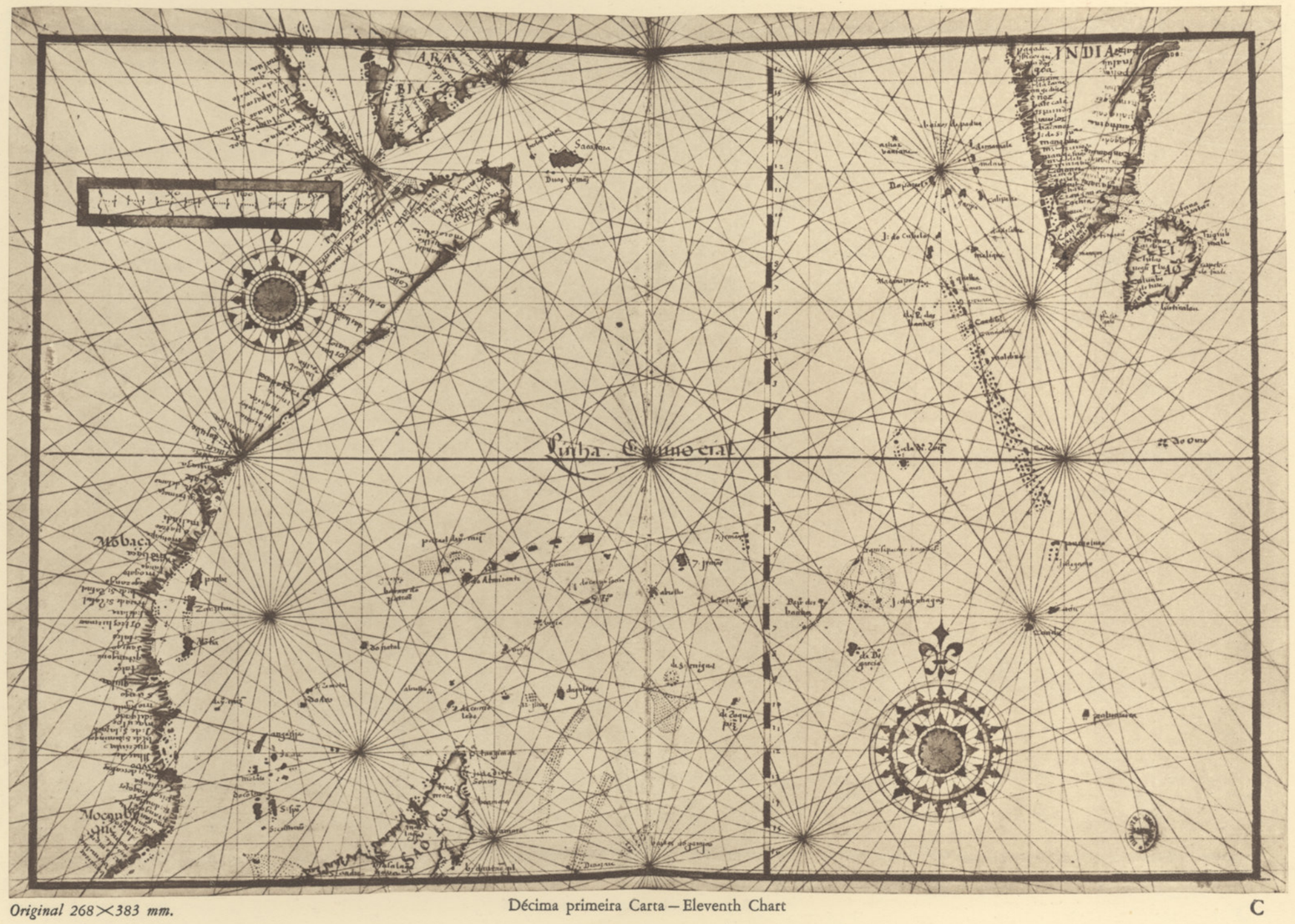
Bibliothèque Nationale, Paris

Décima segunda Carta — Twelfth Chart

A

B

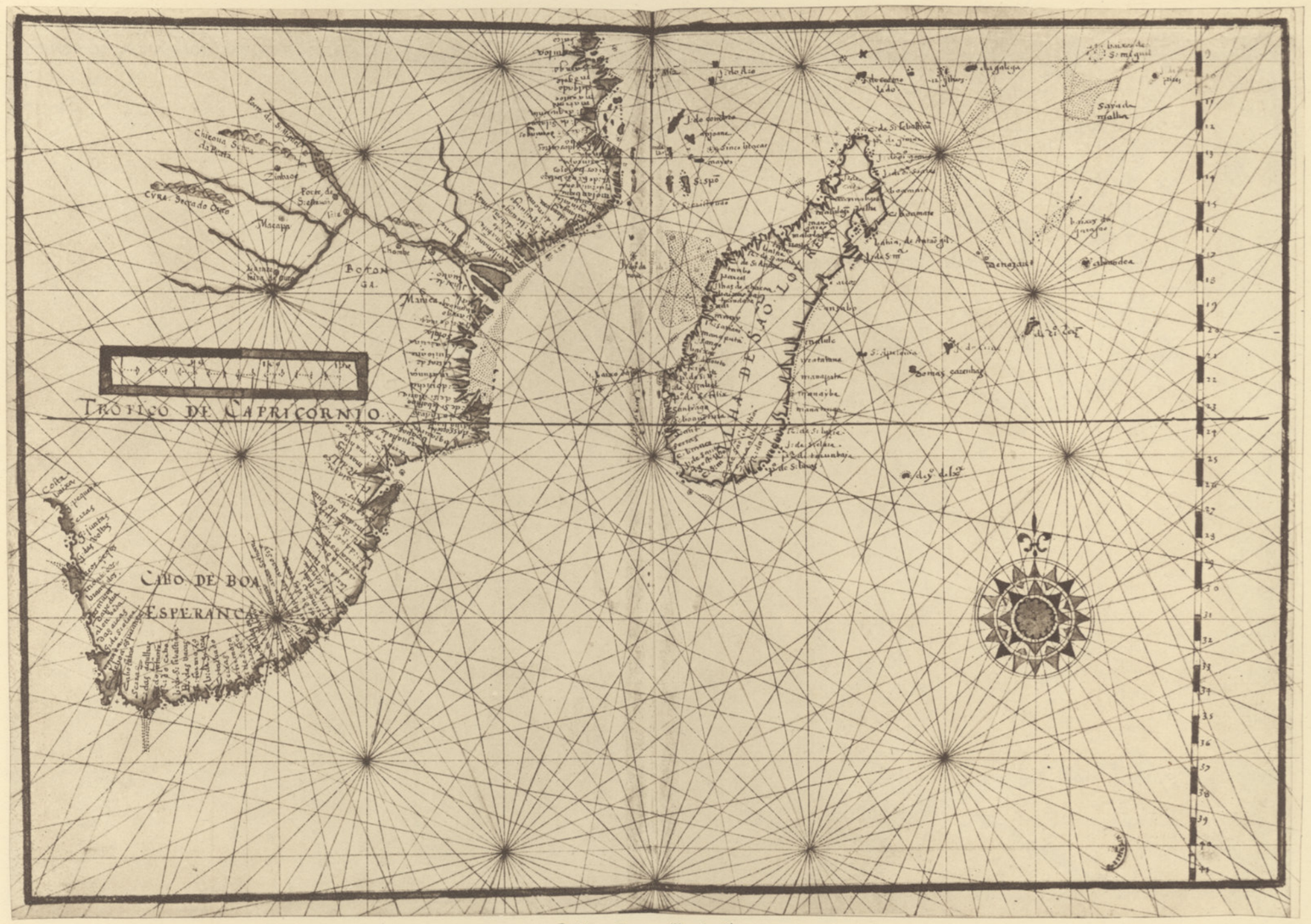
Décima terceira Carta — Thirteenth Chart



Original 268×383 mm.

Décima primeira Carta — Eleventh Chart

C



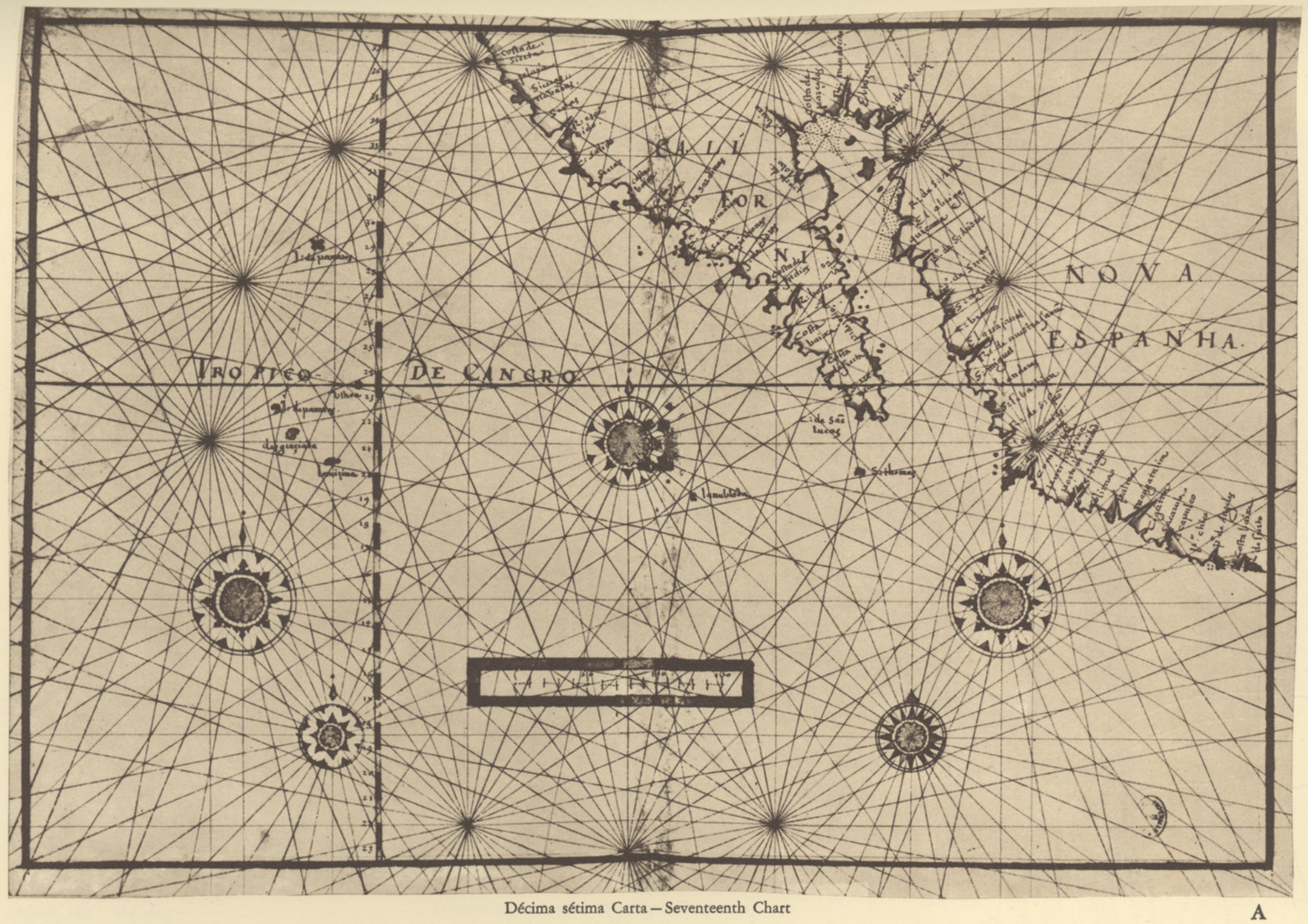
D

Décima Carta — Tenth Chart

Anónimo-João Teixeira Albernaz I, c. 1628

Atlas de vinte cartas — Atlas of twenty charts

Bibliothèque Nationale, Paris

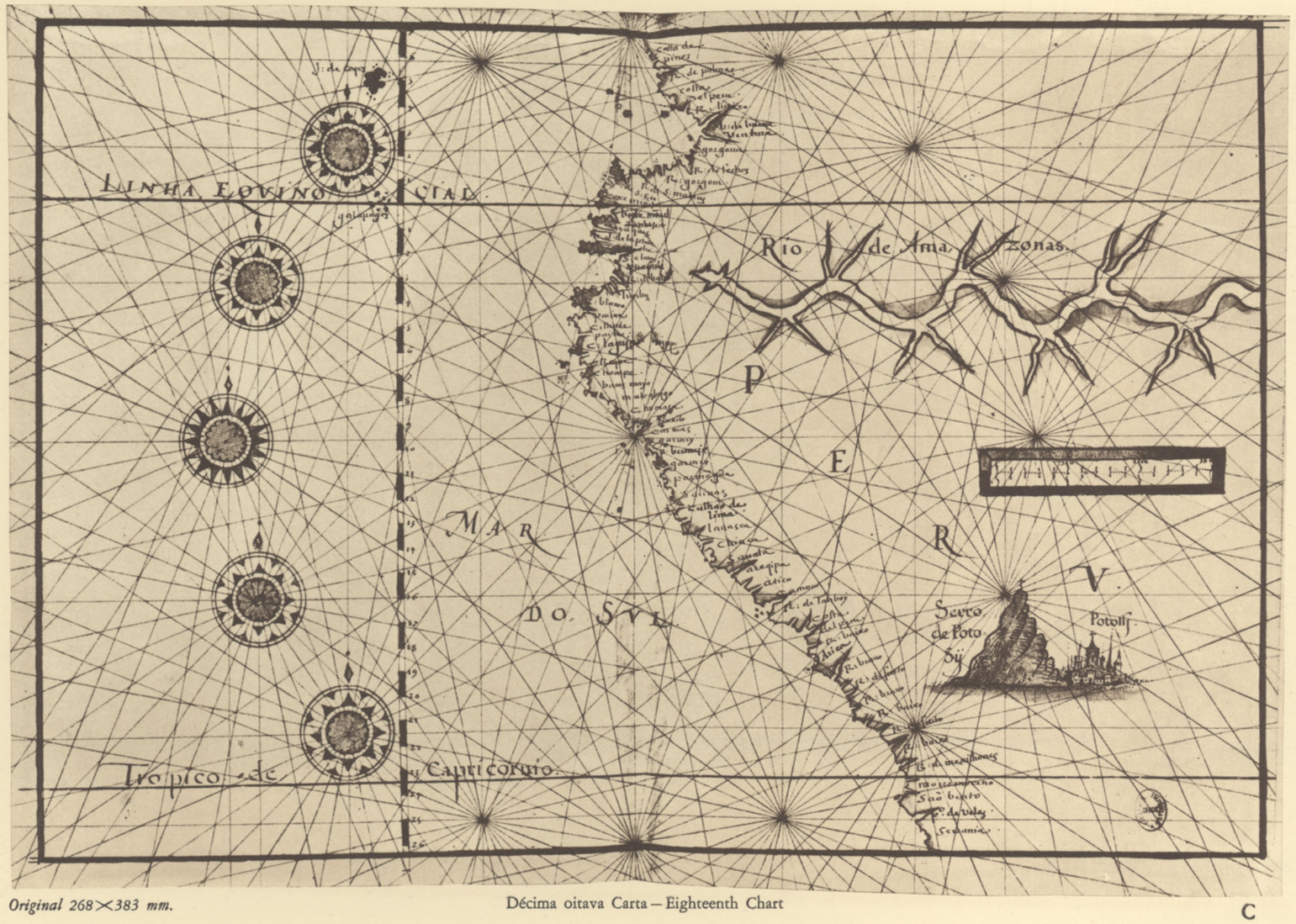


Décima sétima Carta — Seventeenth Chart

A

B

Vigésima Carta — Twentieth Chart



Original 268×383 mm.

Décima oitava Carta — Eighteenth Chart

C

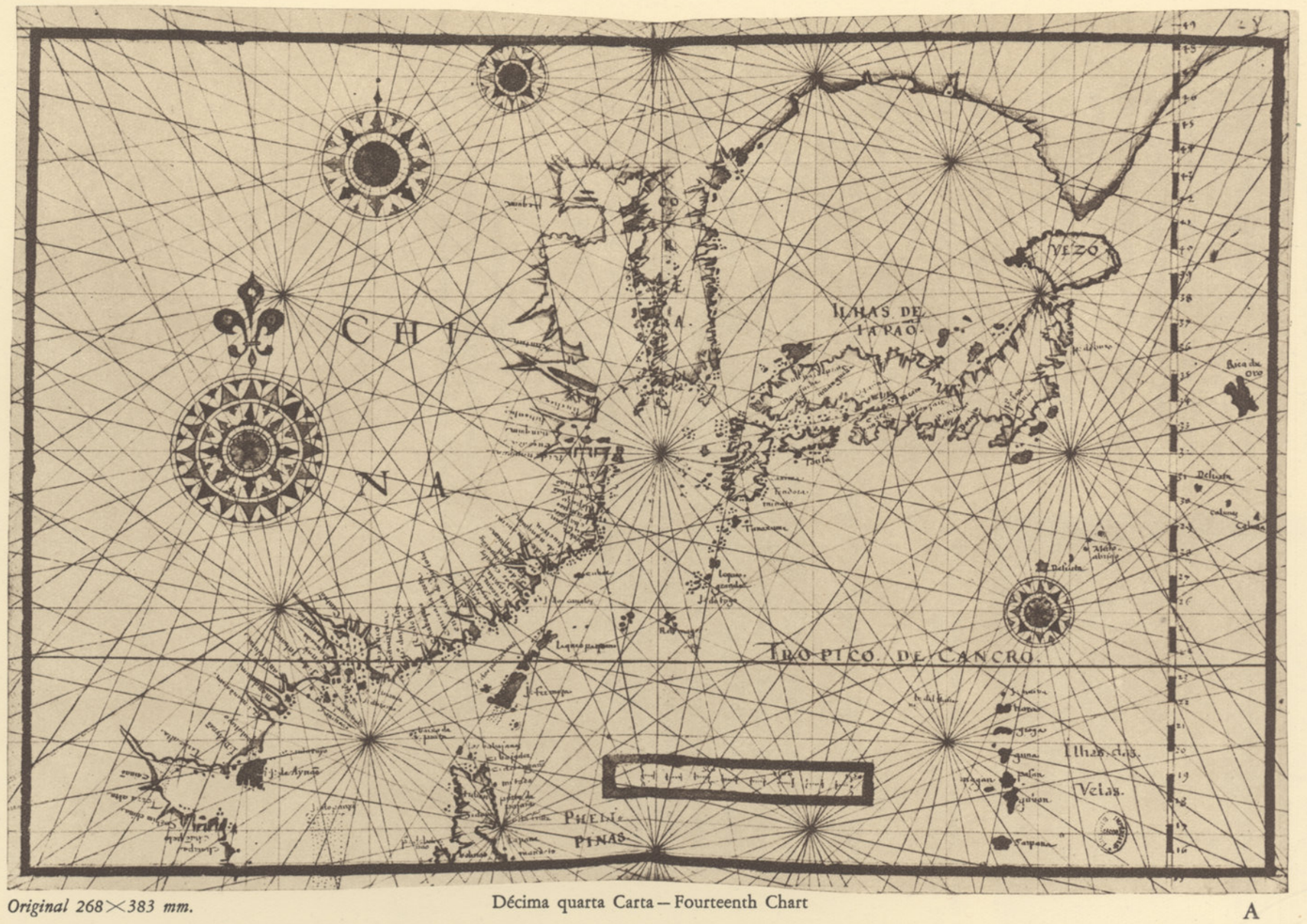
D

Décima nona Carta — Nineteenth Chart

ANÓNIMO-JOÃO TEIXEIRA ALBERNAZ I, c. 1628

Atlas de vinte cartas — Atlas of twenty charts

Bibliothèque Nationale, Paris



Original 268×383 mm.

Décima quarta Carta — Fourteenth Chart

A

B

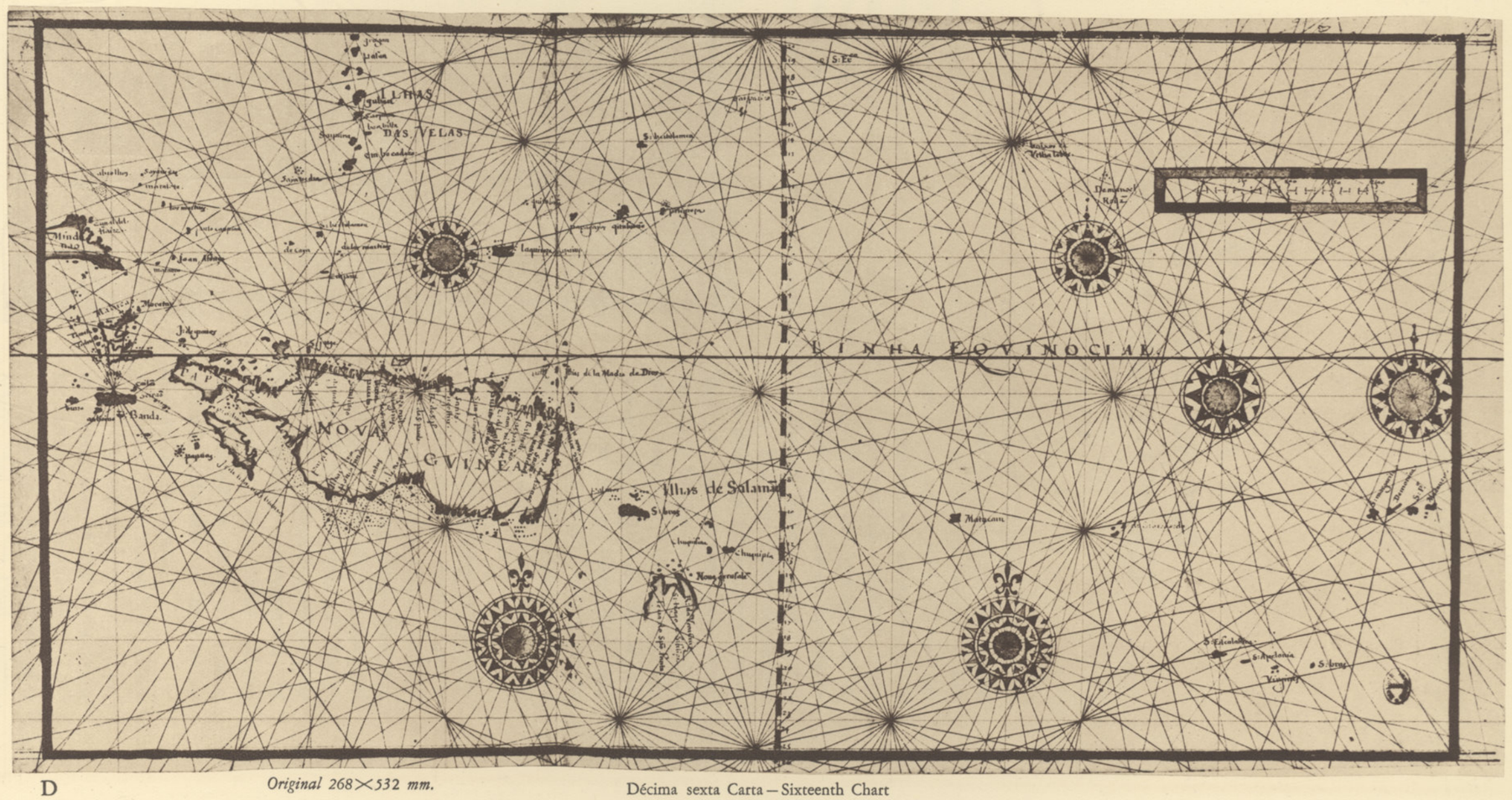
Original 268×487 mm.

Segunda Carta — Second Chart

Original 268×383 mm.

Décima quinta Carta — Fifteenth Chart

C



D

Original 268×532 mm.

Décima sexta Carta — Sixteenth Chart

Anónimo-João Teixeira Albernaz I, c. 1628

Atlas de vinte cartas — Atlas of twenty charts

Bibliothèque Nationale, Paris

JOÃO TEIXEIRA I, ATLAS UNIVERSAL DE 1630, COM TRINTA E UMA CARTAS

ESTAMPAS 464-472

ESTE importante atlas encontra-se presentemente na Biblioteca do Congresso, Washington, com a cota «Case 9, D. 6, Deck 1», tendo o n.º 5931 no respectivo catálogo de atlas (1). Com uma boa encadernação moderna, compreende 37 folhas de papel, 355 × 460 mm, nas quais estão desenhados (com cerca de 338 × 452 mm) o frontispício e as cartas, manuscritas e coloridas, precedidas de duas com um texto em espanhol e seguidas no final de mais duas contendo uma carta espanhola, texto e carta que constituem um aditamento dos fins do século XVII e de que mais adiante nos ocuparemos dado o seu interesse para o conhecimento da história do atlas. Na mesma altura foram também acrescentados títulos em espanhol às cartas, os quais eliminámos das nossas reproduções, visto não serem originais e estarem escritos descuidadamente, pelo que desfeiam a obra primitiva (2). Desprezando a numeração inscrita nas folhas, posterior à execução do atlas e confusa, damos em seguida a ordem e disposição das cartas (os fólios não indicados estão em branco):

Fólio 1 r (Figura 17) — Frontispício, contendo o título *TABOAS GERAES DE TODA A NAVEGAÇAÕ DIVIDIDAS E EMENDADAS POR DOM IERONIMO DE ATTAYDE Com todos os portos principaes das conquistas de Portugal* e por baixo *Delineadas por Ioão Teixeira Cosmographo de Sua Magestade. Anno de 1630.* Sobre a portada onde se inscreve este título vê-se o brasão dos Ataídes, condes de Atouguia.

Primeira Carta (*Fólios 2 v - 3 r*) (Estampa 464) — Planisfério, contendo a «Linha da demarcação das Coroas» no Atlântico e no Oriente.

Segunda Carta (*Fólio 4 r*) (Estampa 472 H) — Quatro planos do *Porto da Certagena Nas Indias Oçidentaes, Porto Belo Nas Indias Oçidentaes, Porto de Santa Marta na costa Septẽtrional do Peru* e *Porto de Hauana Nas Indias Oçidentaes.*

Terceira Carta (*Fólios 4 v - 5 r*) (Estampa 466 A) — Atlântico Norte.

Quarta Carta (*Fólio 5 v*) (Estampa 471 B) — Seis planos da *Barra de Lixboa, Barra de Setuva, Porto, Villa e fortaleza de Peniche* (todos *na costa de Portugal*), *Porto de Ang(r)a Na Jlha terçeira, Ilha de Cadiz Na Costa de Espanha* e *Porto da Gram Canarea.*

Quinta Carta (*Fólio 6 r*) (Estampa 471 C) — Onze planos da costa do Brasil: *Bahia de todos os Santos Metropoli do estado do Brasil, Demostração de Porto Seguro ... foy a p.ra terra q̃ se descobrio daquele Estado o Ano de 1500. Por pedralvrž Cabral indo p.a a India, Porto do Spirito Santo, Barra e Porto de Pernaõbuco, Ilha de tamaraca, Descripção do Porto do Rio de Ianeiro, Barra e Porto do Rio Grande, Barra e Porto da Parayba, Demostraçaõ do Porto de S. V.te e suas barras, Descripçaõ dos Abrolhos, Demostraçaõ da emtrada do Rio da Prata.*

FIG. 17 — FRONTISPÍCIO DO ATLAS UNIVERSAL DE JOÃO TEIXEIRA, 1630, NA LIBRARY OF CONGRESS, WASHINGTON
TITLE-PAGE OF THE WORLD ATLAS OF JOÃO TEIXEIRA, 1630, IN THE LIBRARY OF CONGRESS, WASHINGTON

(1) LeGear 1958, pp. 122-4.

(2) Podem ver-se no Catálogo 412 de Maggs Bros., *The Voyages & Discoveries of Early Travellers and Missionaries — Part I. America,* n.º 70, London 1921, e em LeGear 1958, pp. 123-4.

JOÃO TEIXEIRA I, WORLD ATLAS OF 1630, WITH THIRTY-ONE CHARTS

PLATES 464-472

THIS important atlas is now in the Library of Congress, Washington, with the class-mark «Case 9, D. 6, Deck 1», and is no. 5931 in the catalogue of atlases in the library (1). In a good modern binding, it has 37 leaves of paper, 355 × 460 mm, on which are drawn (about 338 × 452 mm) the title-page and charts, manuscript and coloured, preceded by two leaves with a Spanish text and followed at the end by two more bearing a Spanish chart; both text and chart are an addition of the end of the XVII century, and we shall discuss them below in view of the light which they throw on the history of the atlas. At the same time titles in Spanish were inserted on the charts, but we have eliminated them from our reproductions since they are not original and, being carelessly written, disfigure the original work (2). Disregarding the numeration written on the leaves, which is of a later date and somewhat confused, we give below the order and arrangement of the charts (folios not listed are blank):

Fólio 1 r (Figure 17) — Title-page, with the title «General charts of the whole navigation, divided and corrected by Dom Jerónimo de Ataíde, with all the principal ports of the conquests of Portugal», and, underneath, «Drawn by João Teixeira, Cosmographer of His Majesty. Anno 1630». Above the frame within which this title is written are the arms of the Ataídes, Counts de Atouguia.

First Chart (*Folios 2v-3r*) (Plate 464)—Planisphere, showing the «Line of demarcation of the Crowns» in the Atlantic and in the East.

Second Chart (*Folio 4 r*) (Plate 472 H) — Four plans: «Port of Cartagena in the West Indies», «Porto Bello in the West Indies», «Port of Santa Marta on the north coast of Peru», and «Port of Havana in the West Indies».

Third Chart (*Folios 4 v - 5 r*) (Plate 466 A) — North Atlantic.

Fourth Chart (*Folio 5 v*) (Plate 471 B) — Six plans: «Bar of Lisbon», «Bar of Setubal», «Port, town and fortress of Peniche» (all «on the coast of Portugal»), «Port of Angra in the Island of Terceira», «Island of Cadiz on the coast of Spain», and «Port of Grand Canary».

Fifth Chart (*Folio 6 r*) (Plate 471 C) — Eleven plans on the coast of Brazil: «Bay of Todos os Santos, Metropolis of the State of Brazil», «Demonstration of Porto Seguro ... the first land of this State which was discovered, in the year 1500, by Pedro Alvares Cabral on the way to India», «Port of Espírito Santo», «Bar and Port of Pernambuco», «Island of Tamaracá», «Description of the Port of Rio de Janeiro», «Bar and Port of Rio Grande», «Bar and Port of Paraíba», «Demonstration of the Port of S. Vicente and its bars», «Description of the Abrolhos», «Demonstration of the entrance of the River Plate».

(1) LeGear 1958, pp. 122-4.

(2) They are given in Catalogue 412 of Maggs Bros., *The Voyages & Discoveries of Early Travellers and Missionaries — Part I. America,* n.º 70, London 1921, and in LeGear 1958, pp. 123-4.

Sexta Carta (*Fólios 6 v - 7 r*) (Estampa 466 B) — Atlântico Sul, com a particularidade de a costa entre o Panamá e o Amazonas estar tapada por um quadro onde se lê *Esta terra do Peru e Brasil he maes grosa do que nesta carta semostra por que só seteue respeito As derrotas da costa do Mar do Sul e do mar do Norte pera efeito da boa navegaçaõ.*

Sétima Carta (*Fólio 7 v*) (Estampa 471 E) — Cinco planos: *Descripçaõ da Ilha de Loãda e Porto de Angola, Ilha de Santa Elena,* Costa da Mina com um plano de S. Jorge da Mina, *Porto de S. Luzia no fim da terra do Natal... Fr.co vas dalmada q̃ se perdeo no C. de boa esperãça Ano 1622 o desenhou, Porto de Inhabane ... Por fr.co vas dalmada q̃ se perdeo no C. de boa esperança Ano 1622.*

Oitava Carta (*Fólio 8 r*) (Estampa 471 F) — Nela estão contidos ao todo onze planos do Oriente, acompanhados de legendas de carácter histórico: *Ilha de Goa foy cõquistada por o grãde Afonço de Albuquerque Anno 1509; Dio Na Costa de Cãobaya... a fortaleza foi fundada pelo g.dor Nuno da Cunha Ano 1520; Damão esta situado na emtrada da ençeada de Cãobaya... a fortaleza fundou o Vizo Rey Dõ Costantino de Bragança Anno 1558; Baçaim esta na terra firme do Guzarate... a fortaleza foy fundada por o g.dor Nuno da Cunha 1529; Chaul cituado na costa oçidental do Decan... a fortaleza foi fundada pelo G.dor Nuno da Cunha Ano 1529; Mangalor çituada na Terra firme do Canarã... a fortaleza fundou Dõ Luis datayde Ano 1569; Barcalor na costa do balagate... a fortaleza fundou o uizo Rey dõ Luis datayde Ano 1568; Onor esta çituado na Terra firme de Comcão do balagate... a fortaleza fundou o Vizo Rey dõ Luis datayde Anno 1568; Cananor Na Costa do Malabar... A fortaleza foy fumdada pelo Vizo Rey Dõ fr.co Dalmeida Anno 1505; Cranganor do destricto de Calecut... a fortaleza foy fundada por Af.o dalbuquerque Anno 1502* (deve notar-se que na realidade o desenho que aí se figura representa pròpriamente a fortaleza do Cunhale); *Cranganor no estado de Calecut.*

Nona Carta (*Fólios 8 v - 9 r*) (Estampa 467 B) — Índico e Extremo Oriente.

Décima Carta (*Fólio 9 v*) (Estampa 472 A) — Esta carta contém ao todo doze plantas da África Oriental, Índia e Extremo Oriente, cada uma delas acompanhada de legenda onde se indicam factos históricos relativos sobretudo à edificação das fortalezas: *Fortaleza de Moçambiqve... fumdada pelo Vizo Rey Dõ fr.co dalmeida o Anno de 1505; Mõbaça... foi tomada por o Vizo Rey Dõ fr.co dalmeida Ano 1505, a fortaleza fundou o Vizo Rey Matias dalbuquerq̃ Ano* 1590*; fortaleza de Sofala... foi fundada por Pero danhaya 1505, Cochin na provincia do Malauar... a fortaleza fundou Fr.co dalbuquerq̃ irmão de A.o dalbuquerq̃; Covlão... a fortaleza foi fundada pelo Vizo Rei Dõ fr.co dalmeida o Ano 1505; Manar ilha na costa occidental de Ceilão... foi fumdada pelo G.dor Lopo Soarez o Anno 1518; Malaca na Aurea chersonesso... a forta. foy fumdada pelo g.dor Afomço dalbuquerque o Anno 1511; Achem na costa septẽtrional de Samatra; Colv̄bo porto na Ilha de Seilão... a fortaleza foy fundada pelo G.dor Lopo Soares Ano 1518; Ilhas Malucas... nellas tivemos fortalezas agora as tẽ olandeses e jngrezes e em ternate tem hũa os castelhanos; Porto de Manilha Nas felipinas, Gale na ponta austral de Ceilão... a fortaleza foy fumdada por ordẽ do Vizo Rey Mathias dalbuquerq̃ Ano 1589.*

Décima primeira Carta (*Fólio 10 r*) (Estampa 472 B) — DESCRIPÇAÕ DA COSTA DA INDIA E SEVS PORTOS DE GOA ATE DIO CÕFORME AO ROTEIRO DO VIZOREI DÕ IOAÕ DE CASTRO, com uma *Descripção do Poso e barra de Svrrate.*

Décima segunda Carta (*Fólios 10 v - 11 r*) (Estampa 467 A) — Ásia.

Décima terceira Carta (*Fólio 11 v*) (Estampa 472 C) — Ao alto planos de Mascate e Ormuz. Por baixo DESCRIPÇÃO DO MAR ROXO E SEVS PORTOS CÕFORME O ROTEIRO DO VIZOREI DÕ I.º DE CASTRO; carta geral e planos dos portos de Suez, Toro, Xarmecoelmat, Gidid, Quilifit, Farat, Arequea, Suaquem Fuxa, Dradarte, Maçuá, entrada do Mar Roxo.

Décima quarta Carta (*Fólio 12 r*) (Estampa 472 D) — Três planos do Extremo Oriente: *Estreito de Manilha por onde entrão as embarcasões que vão de Acapulco as Phelipinas e por elle tornão para Acapulco; Demostrasão da Ilha e Porto de Amboyno; Ilhas Molucas cõ todas as fortificasões que nellas tem os Olandezes.*

Décima quinta Carta (*Fólios 12 v - 13 r*) (Estampa 468 A) — Pacífico Norte.

Décima sexta Carta (*Fólio 13 v*) (Estampa 472 I) — Dois planos: *Porto de Navidad no mar do Sul; Demostração do Porto de Aquapulco no Mar do Sul.*

Décima sétima Carta (*Fólios 14 v - 15 r*) (Estampa 470 A) — Norte da Europa.

Décima oitava Carta (*Fólios 17 v - 18 r*) (Estampa 470 C) — Parte sul do Mar Báltico.

Décima nona Carta (*Fólios 19 v - 20 r*) (Estampa 470 B) — Holanda.

Vigésima Carta (*Fólio 21 r*) (Estampa 472 E) — Seis planos de portos da Itália: Palermo, Messina, Trapano, Taranto, Malta, Vila Franca.

Vigésima primeira Carta (*Fólios 21 v - 22 r*) (Estampa 465 A) — *Carta do Mar mediterraneo por alturas.*

Sixth Chart (*Folios 6 v - 7 r*) (Plate 466 B) — South Atlantic, with the unusual feature of a panel covering the coast between Panama and the Amazon and containing the legend «This land of Peru and Brazil is larger than is shown in this chart, which only has regard to the routes of the coast of the South Sea and North Sea for the purpose of good navigation».

Seventh Chart (*Folio 7 v*) (Plate 471 E) — Five plans: «Description of the Island of Loanda and Port of Angola», «Island of St Helena», coast of Mina with a plan of S. Jorge da Mina, «Port of S. Lucia at the end of the land of Natal ... Drawn by Francisco Vaz d'Almada, who was shipwrecked at the Cape of Good Hope in the year 1622», «Port of Inhambane ... By Francisco Vaz d'Almada, who was shipwrecked at the Cape of Good Hope in the year 1622».

Eighth Chart (*Folio 8 r*) (Plate 471 F) — Eleven plans in the East: «Island of Goa, conquered by the great Afonso d'Albuquerque in the year 1509», «Diu on the coast of Cambay ... the fortress was founded by the Governor Nuno da Cunha in the year 1520», «Damão is situated at the entrance of the Gulf of Cambay ... the fortress was founded by the Viceroy Dom Constantino de Bragança in the year 1558», «Bassein is on the mainland of Gujerat ... the fortress was founded by the Governor Nuno da Cunha in 1529», «Chaul, situated on the west coast of the Deccan ... the fortress was founded by the Governor Nuno da Cunha in the year 1529», «Mangalore, situated on the mainland of Kanara ... the fortress was founded by Dom Luís d'Ataíde in the year 1569», «Barcalor on the coast of Balaghat ... the fortress was founded by the Viceroy Dom Luís d'Ataíde in the year 1568», «Onor is situated on the mainland of Konkan of Balaghat ... the fortress was founded by the Viceroy Dom Luís d'Ataíde in the year 1568», «Cannanore on the coast of Malabar ... The fortress was founded by the Viceroy Dom Francisco d'Almeida in the year 1505», «Cranganur in the district of Calicut ... the fortress was founded by Afonso d'Albuquerque in the year 1502» (this in fact represents the fortress of Cunhale), «Cranganur in the state of Calicut».

Ninth Chart (*Folios 8 v - 9 r*) (Plate 467 B) — Indian Ocean and Far East.

Tenth Chart (*Folio 9 v*) (Plate 472 A) — Twelve plans in East Africa, India and the Far East: «Fortress of Mozambique... founded by the Viceroy Dom Francisco d'Almeida in the year 1505», «Mombasa ... was taken by the Viceroy Dom Francisco d'Almeida in the year 1505, the fortress was founded by the Viceroy Matias d'Albuquerque in the year 1590», «Fortress of Sofala ... founded by Pedro d'Anaia in 1505», «Cochin in the province of Malabar ... the fortress was founded by Francisco d'Albuquerque, brother of Afonso d'Albuquerque», «Quilon ... the fortress was founded by the Viceroy D. Francisco d'Almeida in the year 1505», «Mannar, an island on the west coast of Ceylon ... founded by the Governor Lopo Soares in the year 1518», «Malacca in the Golden Chersonese ... the fortress was founded by the Governor Afonso d'Albuquerque in the year 1511», «Achin on the north coast of Sumatra», «Colombo, a port in the Island of Ceylon ... the fortress was founded by the Governor Lopo Soares in the year 1518», «Molucca Islands ... the fortresses of which are now held by the Dutch and English, and one in Ternate is held by the Castillians», «Port of Manila in the Philippines», «Galle, at the southern point of Ceylon ... the fortress was founded by order of the Viceroy Matias d'Albuquerque in the year 1589».

Eleventh Chart (*Folio 10 r*) (Plate 472 B) — «Description of the coast of India and its ports from Goa to Diu according to the rutter of the Viceroy D. João de Castro» with a «Description of the bar of Surat».

Twelfth Chart (*Folios 10 v - 11 r*) (Plate 467 A) — Asia.

Thirteenth Chart (*Folio 11 v*) (Plate 472 C) — Above, plans of Muscat and Ormuz. Below, «Description of the Red Sea and its ports according to the rutter of the Viceroy D. João de Castro»; general chart and plans of the ports of Suez, Tor, Sherm Sheikh, Marsa Bala, Kõhr Delwin, Marsa Arakiyai, Suakin, Marsa Fijab, Dradate (Port Sudan), Massawa, entrance of the Red Sea.

Fourteenth Chart (*Folio 12 r*) (Plate 472 D) — Three plans in the Far East: «Strait of Manilla by which the ships enter coming from Acapulco to the Philippines and returning thence to Acapulco», «Demonstration of the Island and Port of Amboyna», «Molucca Islands with all the fortifications which the Dutch have there».

Fifteenth Chart (*Folios 12 v - 13 r*) (Plate 468 A) — North Pacific.

Sixteenth Chart (*Folio 13 v*) (Plate 472 I) — Two plans: «Port of Navidad in the South Sea», «Demonstration of the Port of Acapulco in the South Sea».

Seventeenth Chart (*Folios 14 v - 15 r*) (Plate 470 A) — Northern Europe.

Eighteenth Chart (*Folios 17 v - 18 r*) (Plate 470 C) — Southern part of the Baltic Sea.

Nineteenth Chart (*Folios 19 v - 20 r*) (Plate 470 B) — Holland.

Twentieth Chart (*Folio 21 r*) (Plate 472 E) — Six plans of Italian ports: Palermo, Messina, Trapano, Taranto, Malta, Villafranca.

Twenty-first Chart (*Folios 21 v - 22 r*) (Plate 465 A) — «Chart of the Mediterranean Sea, by latitudes».

Vigésima segunda Carta (*Fólio 22 v*) (Estampa 472 F) — Cinco planos do Levante: Mar de Mármara, Alexandria, Alexandreta, delta do Nilo, Galípoli.

Vigésima terceira Carta (*Fólios 23 v - 24 r*) (Estampa 465 B) — *Leuante por derrotas.*

Vigésima quarta Carta (*Fólios 25 v - 26 r*) (Estampa 471 A) — *DESCRIPÇAÕ DOS RIOS PARÂ, CVRVPA, E AMAZONAS DESCVBERTO E SONDADO POR MANDADO DE SVA MA.GDE, por Ant.º Viçente patrão de Pernãobuco.*

Vigésima quinta Carta (*Fólios 27 v - 28 r*) (Estampa 470 D) — Mar Egeu.

Vigésima sexta Carta (*Fólios 29 v - 30 r*) (Estampa 469 A) — Zambézia e regiões próximas.

Vigésima sétima Carta (*Fólios 31 v - 32 r*) (Estampa 469 B) — África do Sueste.

Vigésima oitava Carta (*Fólios 33 v - 34 r*) (Estampa 471 D) — Ceilão.

Vigésima nona Carta (*Fólio 35 r*) (Estampa 472 G) — Oito planos de portos da costa do Peru e Chile: *Ilha Lamocha, Ilha de S. Maria, Porto dela Cõçeption, Porto de Val Parayso, Porto de Quintero, Calhao de Lima, Porto de Gvarmei, Porto de Payta.*

Trigésima Carta (*Fólios 35 v - 36 r*) (Estampa 468 B) — Pacífico Sul.

Trigésima primeira Carta (*Fólio 36 v*) (Figura 18) — Estreito de Magalhães e Terra do Fogo, com aditamentos de fins do século XVII devidos a Francisco de Seixas y Lovera, como se depreende de uma carta da mesma região, com a sua assinatura e a data de 1690, que vem nas duas folhas seguintes (Fig. 19).

A primeira das duas folhas que precede o frontispício contém a seguinte inscrição:

«Mapas Generales originales y unibersales de todo el orue con los puertos principales y fortalezas de Ambas Indias y una discripcion topographica de la Region Austral Magallanica año de 1692» e mais abaixo «que ofrece Al Rey nr̃o S.r en su Real y Supremo Consejo de las Indias el Capitan Don fran.co de Çeixas y Louera eleito Alcalde Mayor Gouernador dela Prouincia de Tacuba en el Reyno de La nueba España por su Mag.d siendo Presidente en el referido consejo el Exmo. Sr. Marques delos Velez Gentil hombre, de Camara de su Mag.d y de sus consejos de estado y Guerra y superintendente Gen.l de todas las Armadas Maritimas de esta Monarchia etc. Por mano del Sr. Don Manuel Garcia de Bustam.te».

Na segunda folha lê-se o seguinte:

«Tabla delas Materias que se contienen en este libro.

Primeramente eneste Primero Mapa se demuestra Por los Portugueses la demarcacion delas conquistas entre las dos Coronas el qual Mapa es el que ordinariamente ensenan enlos Congresos quese an ofrecido y ofrecen entre Castilla y Portugal para por medio del enganar los Ministros Portugueses alos Castellanos porque eneste dicho Mapa introducen los Portugueses el engano sacando la tierra del Brasil çien leguas mas al oriente delo que deve estar para por este medio meter en su demarcaçion el Ryo dela Plata que no esta enla dellos porque en la distancia que ay dela costa mas immediata del Brasil ala de Malagueta en Guinea por la escala del dicho mapa ay de distançia dela vna ala otra costa quatrocientas y diez leguas y asi ensenando los Portugueses açia el Poniente la tierra del Brasil enel cauo de San Viçente osurpan las dichas çien leguas constituiendo el Meridiano de 360 grados dela Equinoçial mas de 8 grados fuera de su lugar porque deue estar los dichos 8 grados mas açia el oriente. Y asi se ue que eneste primer mapa señalan distintamente la Costa del Brasil que en el quinto mapa porquanto en el primero dista la Costa del Brasil por el cauo de San Agustin dela de Guinea o Malagueta las dichas quatrocientas y diez leguas y enel segundo mapa ay mas distançia con muy poca diferençia entre estas dos costas porque este que se llama segundo mapa lo es en este Libro delas demarcaçiones entre las dos Coronas porquanto el primeiro es el supuesto y el que se llama segundo es el quinto mapa deste libro en que los Portugueses ponen las costas del Brasil y las dela Africa Etiopica como deven estar. Abriguase esta verdad porque en la distancia que ay desde el Ryo dela Plata asta el Cauo de Buena Esperanza suponen enel primero mapa que ay dela una ala otra parte 1100 leguas y en el segundo mapa dela otra demarcacion verdadeira que es el quinto mapa deste Libro manifiestan los Portugueses que ay desde el Ryo dela Plata a el Cauo de Buena Esperanza 1200 leguas de distançia con que las 100 leguas que ay de diferençia son las que los Portugueses osurpan por poner dentro de su demarcaçion el Ryo dela Plata que esta las dichas 100 leguas fuera de ella lo qual assi se manifiesta con toda evidençia por los dichos mapas echos por los mayores hombres que tubo la Corona de Portugal, de horden de ella, que con esta cautela tenia este Libro de mapas original en su Byblioteca dela Ciudad y Archivo R.l de Lisboa de adende el ano de 1681 le saco por seruir a su Mag.de el Capitan Don fran.co de Seixas y Louera, por yntelixencias y dinero que para ello tubo por conocer la grande ymportançia deste Libro para la Corona de Castilla pues sobre ser original para azer los mapas de todo el mundo es

Twenty-second Chart (*Folio 22 v*) (Plate 472 F) — Five plans in the Levant: Sea of Marmora, Alexandria, Alexandretta, Nile delta, Gallipoli.

Twenty-third Chart (*Folios 23 v - 24 r*) (Plate 465 B) — «Levant, by routes».

Twenty-fourth Chart (*Folios 25 v - 26 r*) (Plate 471 A) — «Description of the rivers Para, Curupa and Amazon, discovered and sounded by order of His Majesty, by António Vicente, master, of Pernambuco».

Twenty fifth Chart (*Folios 27 v - 28 r*) (Plate 470 D) — Aegean Sea.

Twenty-sixth Chart (*Folios 29 v - 30 r*) (Plate 469 A) — Zambezia and neighbouring regions.

Twenty-seventh Chart (*Folios 31 v - 32 r*) (Plate 469 B) — South-east Africa.

Twenty-eighth Chart (*Folios 33 v - 34 r*) (Plate 471 D) — Ceylon.

Twenty-ninth Chart (*Folio 35 r*) (Plate 472 G) — Eight plans of ports on the coast of Peru and Chile: «Island of Mocha», «Island of S. Maria», «Port of Concepción», «Port of Valparaiso», «Port of Quintero», «Callao de Lima», «Port of Guarmei», «Port of Paita».

Thirtieth chart (*Folios 35 v - 36 r*) (Plate 468 B) — South Pacific.

Thirty-first Chart (*Folio 36 v*) (Figure 18) — Strait of Magellan and Tierra del Fuego, with additions made at the end of the XVII century by Francisco de Seixas y Lovera, as appears from a chart of the same region, with his signature and the date 1690, on the next two folios (Fig. 19).

The first of the two leaves preceding the title-page has the following inscription in Spanish:

«General maps, original and universal, of the whole world, together with the principal ports and fortresses of both Indies, and a topographical description of the Australian Magellanic region, in the year 1692», and lower down we read «offered to the King our Lord, in his Supreme and Royal Council of the Indies, by Captain Don Francisco de Seixas y Lovera, elected Chief Alcalde and Governor of the Province of Tacuba in the Kingdom of New Spain for His Majesty; the President of that Council being His Excellency the Marquis de Los Velez, Gentleman of His Majesty's Bedchamber, and of his Councils of State and War, and General Superintendent of all the Maritime Fleets of the Monarchy. Presented on behalf of the Governor by Don Manuel García de Bustamante».

On the second leaf we read, also in Spanish:

«Table of the contents of this book.

Firstly, in this first map the Portuguese show the demarcation of the conquests between the two Crowns. This is the map which the Portuguese usually show at the Congresses which have taken place and take place between Castille and Portugal. In order to cheat the Spanish Ministers the Portuguese Ministers make use of this Map, because in this said Map the Portuguese have introduced a deceit and have removed the land of Brazil 100 leagues more to the east from where it ought to be. By this means they include in their demarcation the River Plate, to which they have no right. Because in the distance which there is from the nearest coast of Brazil to the coast of Malagueta, in Guinea, on the scale of that map there are 410 leagues of distance from one coast to the other. And so the Portuguese, pushing westwards the land of Brazil at Cape S. Vicente, usurp the said 100 leagues constituting the Meridian of 360 degrees of the Equator, more than 8 degrees out of its place because these said 8 degrees should be more to the east, and also it appears that in this first map they show the coast of Brazil differently from the fifth map, in as much as in the first from the coast of Brazil at Cape Santo Agostinho to Guinea and Malagueta are the said 450 leagues, and the second map shows a greater distance, with very little difference between these two coasts, because the map which is called second map is the one which is in this book of the demarcations between the two Crowns, while the first is supposed; and the one which is called second is really the fifth map of this book, in which the Portuguese place the coasts of Brazil and of Ethiopic Africa where they really should be. This truth is easily seen because the distance which there is from the River Plate to the Cape of Good Hope in the first map is 1,100 leagues, and in the second map of the other and true demarcation (the fifth of this book) the Portuguese show that there are 1,200 leagues from the River Plate to the Cape of Good Hope, which with the difference of 100 leagues already mentioned have been usurped by the Portuguese to bring within their demarcation the River Plate, which is really 100 leagues outside their line of demarcation. This is manifest by the said maps, which have been made by the best men whom the Crown of Portugal could find, and by its orders, which book of maps was kept with all possible safeguards in the Library of the City and Royal Archives of Lisbon, whence in 1681, to serve His Majesty (using intelligence and money), it was taken by Captain Don Francisco Seixas y Lovera, who discovered its importance for the Crown of Spain, because it is a model for making the maps of all the world and is written truly and by hand. Nothing of it has been printed

berdadero y manoescripto todo sin averse impresso asta aora el qual ademas de hauer costado mas de 4000 escudos de plata para azerse se ocuparno muchos años en su disposicion. Por la qual se premió despues del levantamiento de Portugal al dueño del que fue Don Geronimo de Ataíde vno delos primeros titulos de aquel Reyno que antes fue General delas Armadas Nauales dela India Oriental. Con el qual Libro sirve el Capitan Don fran.co de Seixas y Louera a su Mag.de en su R.l y Supremo Consejo delas Indias siendo presidente enel el Exmo. Señor Marq.z de los Veles por mano de Don Manuel Garçia de Bustamante del consejo de su Mag.de y su Secretario &.a Va al fin deste mismo Libro vn mapa de demostraçion delas Costas y Islas de la region Austral Magallanica que con toda certeza a dispuesto el dicho Don fran.co de Seyxas con practica y theorica suficiente. Con todo lo contenido eneste Libro se tiendra Su Mag.de del enlos Congresos contra Portugal y demas a mas tendra el Consejo R.l de Yndias este original para saber lo cierto que se ofresca en las muchas dudas que se suelen ofrecer con las demostraçiones que muchos pretendientes presentan en el Consejo siendo de ellas la mayor parte ynçiertas. Con que podiendose por este medio abriguar la verdad sera su Mag.de mejor seruido pues esta alaja no es menos para grandes Monarchas. Madrid y Abril 16 de 1692 años. Don fran.co de Seyxas y Louera».

Dom Francisco de Seixas y Lovera é o autor de uma *Descripcion Geographica, y derrotero de la Region Avstral Magallanica,* Madrid 1690, e do *Theatro Naval hidrographico de los fluxos, y refluxos de las Corrientes de los Mares, Estrechos, Archipelagos, y passages aquales del Mundo, y de las Variaciones de la Aguja de Marear, y efectos de la Luna, con los Vientos generales, y particulares, que reynan en las quatro Regiones Maritimas del Orbe,* Madrid 1688 (segunda edição em 1703). Nestas obras (na última das quais se serve amplamente de tratados náuticos e roteiros portugueses, sobretudo de Manuel de Figueiredo, Naxera e Valentim de Sá) diz ser natural de Mondoñedo, na Galiza, e «Capitan de Mar y Guerra na Armada Real del Mar Occeano». A sua situação profissional e social confere portanto especial relevo às considerações que fez acerca do valor do atlas de 1630 de João Teixeira (3).

Outro facto a realçar é o da data em que Seixas y Lovera diz ter obtido o atlas, 1681. Em Janeiro de 1680 os portugueses fundaram a Colónia do Sacramento, no Rio da Prata, a qual foi tomada pelos espanhóis em Agosto do mesmo ano. Em 7 de Maio de 1681 firmava-se um tratado entre as duas coroas litigantes, pelo qual a Colónia era restituída aos portugueses enquanto não chegassem a acordo final os comissários das duas partes reunidas em Badajoz para discutir, à face do Tratado de Tordesilhas, a quem cabia tal domínio (4). As declarações de Seixas y Lovera revelam a paixão com que o assunto foi encarado nos dois países, a ponto de o oficial espanhol ter subornado alguém que lhe retirou dos arquivos reais em Lisboa o almejado atlas, o que, como Jaime Cortesão acentua, comprova o carácter secreto dessa obra (5). Sem entrarmos na análise minuciosa da questão, o que ocuparia longo espaço, esclarecemos porém que os raciocínios de Seixas y Lovera quanto às diferenças entre as cartas primeira (fólios 2 v - 3 r) e quinta (fólios 6 v - 7 r) nos parecem destituídos de fundamento. A razão de tais diferenças, quanto a nós, reside no problema da projecção das cartas náuticas, o que acarretava dificuldades especiais na representação em conjunto da América do Sul (6). Enquanto na carta primeira João Teixeira delineou um traçado sem objectivos náuticos, na quinta procurou dar os rumos usados pelos navegantes do Amazonas à Terra do Fogo e desta ao Panamá, sacrificando a realidade geográfica como expressamente indica na legenda; caso paralelo se verifica igualmente com o Mediterrâneo, de que dá uma carta traçada por latitudes (e de reduzido interesse náutico) e outra delineada por derrotas (que era a que utilizavam na generalidade os pilotos desse mar). É ainda de notar que isto está perfeitamente de acordo com o título da obra, *Tabuas gerais de toda a navegação divididas e emendadas por D. Jeronimo de Ataide*. Quer-nos parecer também que o atlas deve ser em boa parte resultado de trabalhos anteriormente levados a cabo para reforma da cartografia náutica, como o leva a supor o sumário da perdida descrição universal de 1622 do mesmo cartógrafo, onde se fala das emendas a introduzir nas cartas de acordo com os rumos indicados. De qualquer maneira, as tão interessantes declarações de Seixas y Lovera mostram concludentemente o carácter reservado do atlas e o seu grande valor.

Oferecida ao monarca espanhol em 1692, perde-se depois o rasto da obra até período recente, embora haja indícios (de que trataremos adiante) sugerindo que o Visconde de Santarém a conheceu. Em 1921 foi posta à

(3) Sobre Francisco de Seixas y Lovera, vide Martín Fernández de Navarrete, *Dissertación sobre la Historia de la Náutica y de las Ciencias Matemáticas,* pp. 311-20. Madrid 1846.

(4) Trataremos mais pormenorizadamente das implicações cartográficas da questão quando nos ocuparmos da carta de João Teixeira Albernaz II de 1679, no Volume V.

(5) Jaime Cortesão 1945, Capítulo 15.

(6) Vide o que escrevemos a este respeito no Volume III, pp. 58-60.

up to the present day, moreover it must have cost more than 4,000 silver crowns to make, and many years were spent in making it, and for it, after the revolt of Portugal, its owner, Don Jerónimo de Ataíde, was rewarded with one of the highest ranks of that Kingdom, he who had before been the Commander of the Naval Fleets of East India. With this Book Captain Don Francisco de Seixas y Lovera begs to serve His Majesty, in his Royal and Supreme Council of the Indies, the President of which was then the Marquis de los Velez, by the hand of Don Manuel García de Bustamante, of His Majesty's Council, and Secretary. At the end of the same Book is a map of the Coast and Islands of the Australian Magellanic regions, which Don Francisco de Seixas has made from his practical and theoretical observations. The contents of this Book have been given in order that His Majesty may use it in the Congresses against Portugal, and moreover the Royal Council of the Indies may keep this original so as to know what is the truth in the demonstrations that many pretenders submit to the Council, most of then being uncertain. In this way the truth will be known and His Majesty will be better served, which is desirable both in small and great Monarchies. Madrid, 16th April, 1692. Don Francisco de Seixas y Lovera».

Don Francisco de Seixas y Lovera was the author of a «Geographical Description and Rutter of the Southern Magellanic Region», Madrid 1690, and of the «Naval and Hydrographic Theatre of the setting and countersetting of the Currents of the Seas, Straits, Archipelagos and Passages of the World, and of the Variation of the Sea-compass, and effects of the Moon, with the Winds, both general and particular, which prevail in the four Maritime Regions of the Globe», Madrid 1688 (second edition 1703). In these works — the latter of which draws generously on Portuguese nautical treatises and rutters, particularly those of Manuel de Figueiredo, Naxera and Valentim de Sá — the author tells us that he was a native of Mondoñedo, in Galicia, and Captain in the Royal Fleet of the Ocean Sea. His professional and social status therefore gives special weight to his appreciation of João Teixeira's atlas of 1630 (3).

Another significant fact is the date at which Seixas y Lovera states that he acquired the atlas, viz. 1681. In January 1680 the Portuguese had founded the Colony of Sacramento, on the River Plate, which was taken by the Spanish in August of the same year. On 7 May 1681 the conflicting powers signed a treaty, by which the Colony was restored to the Portuguese until final agreement should be reached by the commissaries of the two parties assembled at Badajoz to discuss the question of sovereignty under the terms of the Treaty of Tordesillas (4). The declarations of Seixas y Lovera reveal the passion with which the issue was approached in the two countries, to such a degree that the Spanish official suborned someone to extract the coveted atlas from the royal archives in Lisbon — a fact which (as Jaime Cortesão emphasises) testifies to the secret character of the work (5). Without going into detailed analysis of the matter, which would take up too much space, we will express the opinion that the arguments of Seixas y Lovera regarding the differences between the first chart (folios 2 v - 3 r) and the fifth (the sixth in our list, folios 6 v - 7 r) seem to us unfounded. These differences, to our mind, derive from the problem of the projection of nautical charts, which gave rise to particular difficulties in the representation of South America as a whole (6). While in the first chart João Teixeira has drawn an outline without any nautical connotation, in the fifth he sets out to indicate the rhumbs used by navigators on course from the Amazon to Tierra del Fuego and thence to Panama, to the detriment of geographical realism, as the legend expressly admits; there is an analogy in his representation of the Mediterranean, of which he gives a chart constructed from latitudes (and so of lesser interest to seamen) and another constructed from routes (of the kind which pilots were accustomed to use in this sea). All this is in complete harmony with the title of the work «General charts of the whole navigation, divided and corrected by Dom Jerónimo de Ataíde». Again we have the impression that the atlas is largely a product of earlier attempts to reform nautical cartography, as is suggested by the summary of the lost work of 1622 by the same cartographer, which refers to the corrections to be made to the charts in accordance with the rhumbs laid down. In any case, the statements of Seixas y Lovera demonstrate conclusively the secret character of the atlas and its great significance.

After the presentation of the atlas to the King of Spain in 1692, it was lost to sight until recent years, although (as we shall see) there is some evidence to suggest that the Viscount de Santarém was acquainted with it. In 1921

(3) On Francisco de Seixas y Lovera, see Martín Fernández de Navarrete, *Dissertación sobre la Historia de la Náutica y de las Ciencias Matemáticas,* pp. 311-20. Madrid 1846.

(4) We shall discuss the cartographic implications of this question in more detail in connection with the 1679 chart of João Teixeira Albernaz II, in Volume V.

(5) Jaime Cortesão 1945, Chapter 15.

(6) See our discussion of this in Volume III, pp. 58-60.

FIG. 18 — CARTA TRIGÉSIMA PRIMEIRA DO ATLAS UNIVERSAL DE JOÃO TEIXEIRA I, 1630, COM ADITAMENTOS POSTERIORES
THIRTY-FIRST CHART OF JOÃO TEIXEIRA I'S, WORLD ATLAS, 1630, WITH LATER ADDITIONS

FIG. 19 — CARTA DE FRANCISCO DE SEIXAS Y LOVERA, DE 1690, INCLUÍDA NO FINAL DO ATLAS UNIVERSAL DE JOÃO TEIXEIRA I, DE 1630
FRANCISCO DE SEIXAS Y LOVERA'S CHART, 1690, INSERTED AT THE END OF JOÃO TEIXEIRA I 'S WORLD ATLAS OF 1630

venda pelos livreiros londrinos Maggs Brothers, que dela deram desenvolvida descrição, reproduzindo a metade oriental da carta do Atlântico Norte, dois planos da Costa do Peru e quatro do Brasil (7). A Biblioteca do Congresso interessou-se pela sua aquisição, e aproveitando o facto de então se encontrar em Washington Ernesto de Vasconcelos, que muito se dedicara aos estudos de cartografia antiga portuguesa, pediu-lhe o seu parecer sobre a obra; como ele informasse que tinha valor apreciável foi finalmente feita a aquisição em fins de 1921, por £ 600. O atlas provinha da livraria do brasileiro Carvalho Monteiro, em Lisboa, sem que se saiba ao certo a quem havia pertencido imediatamente antes (8).

Passados alguns anos Ernesto de Vasconcelos ocupou-se do atlas, narrando a história da sua aquisição, descrevendo-o e pondo em dúvida as considerações de Seixas y Lovera quanto às diferenças entre o planisfério e a carta do Atlântico Sul (9). Referiu-o a seguir brevemente F. C. Wieder (10) enquanto H. R. Wagner tratou da representação da Califórnia (11) e Fontoura da Costa reproduziu as cartas e planos baseados nas obras de D. João de Castro (12). O atlas figurou na exposição realizada em 1952 em Baltimore, vindo descrito no respectivo catálogo (13).

Foi porém Jaime Cortesão quem mais desenvolvidamente se ocupou até agora do atlas de 1630, pois, além de uma descrição minuciosa, examinou e pôs em destaque certos aspectos particulares. Assim, estabeleceu o paralelo entre a aquisição do atlas por Seixas y Lovera em 1681 e a aquisição, também provàvelmente por suborno, de um outro atlas português, relativo à África, feita pelo francês d'Ablancourt, em Lisboa, entre 1659 e 1664 (14). Por outro lado, apontou que o planisfério do atlas de 1630 «contém algumas estranhas novidades sobre a rede fluvial do interior do Brasil que só muito mais tarde são registadas por outras cartas» — o traçado do Tocantins--Araguaia, o do S. Francisco e o do Paranaíba — afirmando que deve estar relacionado com as bandeiras paulistas de Pero Domingos de 1613 e c. 1630 recentemente reveladas. Conclui ainda que a carta do delta amazónico levantada por António Vicente Cochado e desenhada no atlas data de fins de 1629 (15).

Pode dizer-se que, à parte o caso do Brasil de que se ocupou Jaime Cortesão, o resto do atlas está por analisar e contém abundante matéria para estudo, que contamos seja facilitado pela reprodução total que agora fazemos. De D. Jerónimo de Ataíde, que ordenou a sua execução, ocupar-nos-emos no texto seguinte, a propósito do atlas do Brasil de 1631, também coligido sob sua inspiração. Entre alguns aspectos mais interessantes do atlas de 1630 não referentes ao Brasil apontamos: na carta do Atlântico Norte, os rios e nomes de populações da região interior da Guiné compreendida entre o Senegal e a Serra Leoa, que em parte parecem estar relacionados com o *Tratado Breve dos Rios de Guiné* do Capitão André Álvares d'Almada (1594) (16); vários planos de portos, como os das costas de Portugal, África, Peru e Chile, alguns dos quais aí aparecem pela primeira vez; as cartas gerais de Goa a Diu e do Mar Vermelho baseadas nos roteiros de D. João de Castro; as cartas da Zambézia e da África do Sul, relacionadas respectivamente com a penetração no interior e os naufrágios na costa; a carta de Ceilão; etc.

Resta-nos agora examinar o caso das cópias de duas cartas portuguesas, conhecidas muito antes do atlas de 1630, e que vamos ver terem sido extraídas deste. Em 1848 o Museu Britânico comprou ao Sr. Michelena y Roxas, de Madrid, um planisfério e uma carta do Atlântico Sul, as quais têm as cotas «Add. MS 17647 A» e «Add. MS 17647 B», respectivamente. Estão traçadas à pena sobre papel, constituindo manifestamente cópias e não obras originais (Fig. 20). Em 1860 Major ocupou-se do planisfério, chamando a atenção para a legenda na terra austral «Nuca antara foi descuberta o ano 1601 por manoel godinho de Eredia por mandado do Viso Rey Aires de Saldanha», na qual viu uma prova de uma descoberta da Austrália por Erédia antes dos holandeses. Considerou a carta como uma cópia, de fins do século XVIII ou começos do XIX, de um original talvez do próprio Erédia e de c. 1620 (17). Mais tarde, depois de conhecer a

(7) Estampas XIV-XVI do catálogo citado na nota (2) atrás.

(8) LeGear 1958, p. 123.

(9) Ernesto de Vasconcelos 1930.

(10) *Monumenta Cartographica*, Vol. V, p. 178. The Hague 1933.

(11) *Cartography of the Northwest Coast of America*, Vol. I, p. 121; Vol. II, p. 306, Berkeley 1937, com reprodução parcial da carta do Pacífico Norte (fólios 12 v - 13 r).

(12) *Roteiros de D. João de Castro*, prefaciados e anotados por A. Fontoura da Costa — II. *Roteiro de Goa a Diu*, p. 17 (fólio 10 r); III. *Roteiro de Goa a Suez*, p. XXIV (fólio 11 v). Lisboa 1940.

(13) *The World encompassed*, n.º 228. Baltimore 1952.

(14) Trataremos desenvolvidamente deste caso no Volume V, a propósito do atlas de África de 1665 de João Teixeira Albernaz II.

(15) Jaime Cortesão 1945, Capítulos 13, 15, 17 e 19.

(16) Publicado recentemente por Luís Silveira, *Edição nova do Tratado Breve dos Rios de Guiné*. Lisboa 1946.

(17) R. H. Major, *Discovery of Australia by the Portuguese in 1601, five years before the earliest discovery hitherto recorded*, in *Archaeologia*, Vol. XXVIII, pp. 439-59, London 1860, com reprodução da parte com a legenda. Também a reproduziu Léon Janssen, *Malaca, l'Inde Méridionale et le Cathay*. Bruxelles 1882.

it was offered for sale by the London booksellers Maggs Brothers, who published a detailed description of it, with reproductions of the eastern half of the North Atlantic chart, two plans of the coast of Peru and four of Brazil (7). The Library of Congress was interested in acquiring it and requested an opinion on it from Ernesto de Vasconcelos, who was then in Washington and had devoted much study to early Portuguese cartography; on his report that the work was of appreciable value, the purchase was concluded at the end of 1921, for the price of £ 600. The atlas came from the library of the Brazilian Carvalho Monteiro, in Lisbon, but it is not known to whom it had belonged immediately before it was in his possession (8).

Some years later Ernesto de Vasconcelos discussed the atlas, giving an account of its acquisition, describing it, and throwing doubt on the argument of Seixas y Lovera regarding the differences between the planisphere and the chart of the South Atlantic (9). F. C. Wieder referred to it briefly (10), while H. R. Wagner dealt with the representation of California (11), and Fontoura da Costa reproduced the charts and plans based on the works of D. João de Castro (12). The atlas was shown in the Baltimore exhibition of 1952 and described in its catalogue (13).

But the most searching study of the 1630 atlas so far has been that of Jaime Cortesão, who, besides giving a detailed description of it, has examined and drawn attention to some particular features. Thus he points to the parallel between the acquisition of the atlas by Seixas y Lovera in 1681 and the acquisition (also probably by suborned) of a Portuguese atlas of Africa, by the Frenchman d'Ablancourt in Lisbon, between 1659 and 1664 (14). In another direction, Jaime Cortesão points out that the planisphere in the 1630 atlas «contains some curious innovations in the river-system of the interior of Brazil, which reappear in other charts only of a much later date» — namely, the drawing of the Tocantins-Araguaia and that of the S. Francisco and the Paranaiba—; and he associated this with the Paulist *bandeiras* of Pero Domingos in 1613 and c. 1630, which have recently come to light. Again, he concludes that the chart of the Amazon delta in the atlas from a survey by António Vicente Cochado must date from the end of 1629 (15).

It may be said that, apart from the representation of Brazil discussed by Jaime Cortesão, the rest of the atlas still awaits investigation and contains abundant materials for study, which we indeed hope to have facilitated by its reproduction in full here. D. Jerónimo de Ataíde, who commissioned it, will be considered in the next section of our text, in reference to the 1631 atlas of Brazil, the compilation of which he also inspired. Among the more interesting features of the 1630 atlas, besides the delineation of Brazil, may be mentioned the following: in the chart of the North Atlantic, the rivers and tribal names in the interior of Guinea between the Senegal and Sierra Leone, which seem to be partly connected with the *Tratado Breve dos Rios de Guiné* of Captain André Álvares d'Almada (1594) (16); various plans of ports, such as those on the coasts of Portugal, Africa, Peru and Chile, some of which appear here for the first time; the general chart from Goa to Diu and that of the Red Sea, based on the rutters of D. João de Castro; the charts of Zambezia and of South Africa, connected with the penetration of the interior and the shipwrecks on the coast; the chart of Ceylon; etc.

We now have to examine the copies of two Portuguese charts, which were known long before the 1630 atlas and which (as we shall see) are derived from it. In 1848 the British Museum purchased from Sr. Michelena y Roxas, of Madrid, a planisphere and a chart of the South Atlantic, which now have the class-marks «Add. MS 17647 A» and «Add. MS 17647 B» respectively. They are drawn in pen-and-ink on paper, and are plainly copies and not originals (Fig. 20). In 1860 Major discussed the planisphere, calling attention to the legend on Terra Australis: «Nuca Antara was discovered in the year 1601 by Manuel Godinho de Erédia, by order of the Viceroy Aires de Saldanha», which Major interpreted as evidence of a discovery of Australia by Erédia before the Dutch. He thought the chart a copy, of the end of the XVIII or beginning of the XIX century, from an original drawn perhaps by Erédia himself c. 1620 (17). But later, when he became acquainted

(7) Plates XIV-XVI of the catalogue cited in note (2) above.

(8) LeGear 1958, p. 123.

(9) Ernesto de Vasconcelos 1930.

(10) *Monumenta Cartographica*, Vol. V, p. 178. The Hague 1933.

(11) *Cartography of the Northwest Coast of America*, Vol. I, p. 121; Vol. II, p. 306, Berkeley 1937, with partial reproduction of the North Pacific chart (folios 12 v - 13 r).

(12) *Roteiros de D. João de Castro*, with preface and notes by A. Fontoura da Costa — II. *Roteiro de Goa a Diu*, p. 17 (folio 10 r); III. *Roteiro de Goa a Suez*, p. XXIV (folio 11 v). Lisboa 1940.

(13) *The World encompassed*, n.º 228. Baltimore 1952.

(14) We shall discuss this matter in more detail in Volume V, in connection with the 1665 atlas of Africa by João Teixeira Albernaz II.

(15) Jaime Cortesão 1945, Chapters 13, 15, 17, and 19.

(16) Recently published by Luís Silveira, *Edição nova do Tratado Breve dos Rios de Guiné*. Lisboa 1946.

(17) R. H. Major, *Discovery of Australia by the Portuguese in 1601, five years before the earliest discovery hitherto recorded*, in *Archaeologia*, Vol. XXVIII, pp. 439-59, London 1860, with reproduction of the part with the legend. Also reproduced by Léon Janssen, *Malaca, l'Inde Méridionale et le Cathay*. Bruxelles 1882.

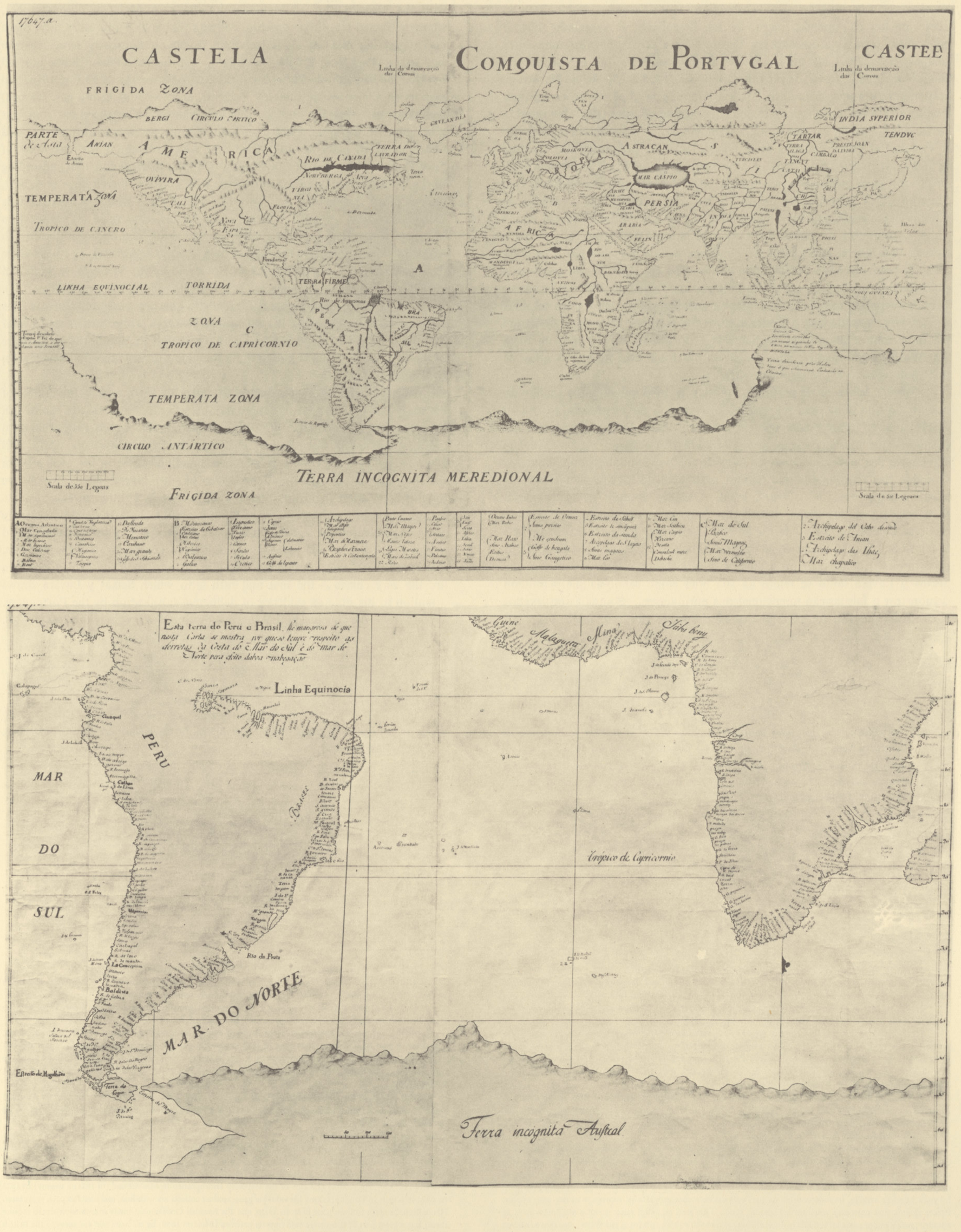


FIG. 20 — CARTAS «ADD. MS 17647 A & B», NO BRITISH MUSEUM (COPIADAS DO ATLAS UNIVERSAL DE JOÃO TEIXEIRA I, 1630)
CHARTS «ADD. MS 17647 A & B», IN THE BRITISH MUSEUM (COPIED FROM JOÃO TEIXEIRA I'S WORLD ATLAS, 1630)

Declaração de Malaca do cosmógrafo luso-malaio, Major mudou radicalmente de opinião, negando tal descoberta e sugerindo que o planisfério teria sido traçado na Europa por alguém que vira uma carta daquela obra (18). Na mesma altura, Codine apontou que o Visconde de Santarém, numa carta de 15 de Julho de 1826 dirigida a Navarrete, mencionara um atlas manuscrito de Teixeira, e, sem dizer as razões, afirmou que o planisfério do Museu Britânico era cópia de tal atlas (19). Na referida carta, Santarém diz simplesmente, a terminar: «... y reservándome contestar a V. sobre el descubrimiento de la Nueva Holanda, por órden del Virey de la India, en 1600 y 1601, segun el Atlas manuscrito de Teixeira del siglo XVII, luego que haya examinado, ademas de otros documentos, los 60 libros que vinieron de la secretaria de Estado de la India ...» (20). A conclusão de Codine é possìvelmente um desenvolvimento do que Major escrevera pouco antes a propósito da cópia do Museu Britânico («infelizmente, o mapa é apenas uma cópia, aparentemente, conforme depois descobri por uma carta dirigida pelo Visconde de Santarém a Navarrete em 1835, de um mapa num atlas manuscrito traçado no século XVII por um Teixeira») (21). Não conseguimos encontrar nas obras de Santarém qualquer outra referência a tal atlas de Teixeira, mas do que o ilustre historiador escreveu pode concluir-se que ele tinha uma legenda igual ou parecida à do planisfério do atlas de 1630, em Washington, sendo muito possível que fosse este mesmo o atlas de que Santarém teve conhecimento (22).

Wieder referiu-se de passagem ao atlas de 1630 que estamos analisando apontando que tinha uma representação análoga à do planisfério do Museu Britânico (23). Parece-nos que se pode ir mais longe, afirmando sem hesitação que as duas cartas «Add. MS 17647 A e B» do Museu Britânico são cópias das correspondentes do atlas de 1630 da Biblioteca do Congresso. O cotejo das reproduções que damos, para além da inevitável diferença de letra, mostra uma tal identidade de traçado, limites de cada carta, nomenclatura e disposição dos dizeres (note-se por exemplo a extensa e invulgar legenda na parte inferior do planisfério) que não pode haver dúvidas a tal respeito. Há ainda uma particularidade a assinalar: as duas cartas do Museu Britânico são precisamente a primeira e a quinta cartas a que Seixas y Lovera tanto se refere na sua nota como sendo as que permitiam demonstrar a falsificação intencional dos portugueses. Somos assim levados a concluir que elas foram copiadas precisamente por esse facto (24).

with the «Declaration of Malacca» by the Luso-Malayan cosmographer, Major retracted his earlier opinion, denying that such a discovery took place and suggesting that the chart had been drawn in Europe by someone who had seen a chart from Erédia's work (18). At the same time, Codine pointed out that the Viscount de Santarém, in a letter to Navarrete of 15 July 1826, had mentioned a manuscript atlas by Teixeira, and (without giving any reasons) he maintained that the British Museum planisphere was copied from this atlas (19). In the letter referred to, Santarém merely says at the end: «... and refraining from entering into discussion with you about the discovery of New Holland, by order of the Viceroy of India, in 1600 and 1601, according to the manuscript atlas of the XVII century by Teixeira, until I have examined, besides other documents, the 60 books which came from the Secretaría de Estado da India ...» (20). Codine's conclusion is perhaps an elaboration of what Major had written a little earlier about the copy in the British Museum («unfortunately, the map is only a copy, apparently, as I have since discovered from a letter addressed to Navarrete by the Visconte de Santarém in 1835, of a map in a MS Atlas, made in the 17th century by one Teixeira») (21). We have failed to discover in Santarém's works any other reference to this atlas by Teixeira, but what the celebrated historian wrote entitles us to infer that the atlas had a legend identical with, or similar to, that in the planisphere of the 1630 atlas, which is indeed quite possibly the very atlas that was known to Santarém (22).

Wieder referred in passing to the atlas of 1630, and in the course of his study pointed out that its representation was similar to that in the British Museum planisphere (23). We think it permissible to go further and to affirm unreservedly that the two charts in the British Museum, «Add. MS 17647 A and B», are copies of the corresponding charts in the 1630 atlas in the Library of Congress. Comparison of the reproductions which we publish here, apart from the inevitable difference in writing, reveals so close an agreement in the drawing, in the bounds of each chart, in the nomenclature and arrangement of the legends (note, for instance, the long and unusual legend in the lower part of the planisphere) that there can be no doubt about this. One more detail may be pointed out: the two charts in the British Museum are the very charts — the first and fifth — to which Seixas y Lovera draws attention in his note as evidence of deliberate falsification by the Portuguese. We are led to the conclusion that they were copied for precisely this reason (24).

BIBLIOGRAFIA PRINCIPAL

ERNESTO DE VASCONCELOS, *Um atlas português do século XVII,* in *Boletim da Sociedade de Geografia,* Série 48.ª, N.os 3-4, pp. 53-61. Lisboa, Março-Abril 1930.

JAIME CORTESÃO, *Curso de História da Cartografia, Geografia das Fronteiras do Brasil e Mapoteconomia,* realizado no Ministério das Relações Exteriores. Rio de Janeiro 1945 (folhas mimeografadas).

SELECT BIBLIOGRAPHY

CLARA EGLI LEGEAR, *A list of Geographical Atlases in the Library of Congress,* Volume 5. Washington 1958.

(18) R. H. Major, in *Archaeologia,* Vol. XLIV, p. 257. London 1873.

(19) Crítica ao livro de Major *The life of Prince Henry of Portugal surnamed the Navigator,* in *Bulletin de la Société de Géographie,* 6e série, Tome VI, p. 104. Paris Juillet-Décembre 1873.

(20) In Martín Fernández Navarrete, *Colección de viajes y descubrimientos que hicieron por mar los españoles desde fines del siglo XV,* Vol. III, p. 314. Madrid 1826.

(21) R. H. Major, *The life of Prince Henry of Portugal surnamed the Navigator,* p. 442. London 1868. A referência de Major à carta de Santarém a Navarrete de 1835 fêz-nos supor inicialmente que se tratava de uma carta distinta da de 1826, até descobrirmos que era afinal a mesma, publicada mais tarde em francês por Santarém precedida de uma introdução datada de 4 de Março de 1835 (*Recherches sur Améric Vespuce,* in *Opusculos e Esparsos,* Vol. I, pp. 221-7. Lisboa 1910).

(22) Nenhuma das outras obras conhecidas de João Teixeira abrangendo a área da Insulíndia e Austrália apresenta Nuca Antara com a respectiva legenda. Sobre a origem de tal representação, ver o que escrevemos a pp. 40-3 deste volume.

(23) Wieder 1933, p. 178.

(24) O nosso amigo R. A. Skelton teve a amabilidade de nos enviar a seguinte nota àcerca da origem e história das duas cartas: «Estão traçadas em papel fabricado nos fins do século XVIII, e pertenceram às colecções do hidrógrafo espanhol Don Felipe Bauzá (1769-1833), conhecido pelos seus importantes trabalhos de levantamento das costas sul-americanas. Foi Director do Depósito Hidrográfico em Madrid e, em 1821, deputado; em 1823 foi para Londres exilado, levando consigo as suas valiosas colecções geográficas, morrendo aí dez anos depois. Parece que as suas colecções voltaram a Espanha, tendo o governo espanhol feito grandes diligências para as adquirir; mas a maior parte foi vendida (principalmente entre 1840 e 1850) ao Museu Britânico pelos seus herdeiros e administradores de falência. Francisco Michelena y Rojas, explorador da Venezuela e escritor de assuntos relativos à América do Sul, vendeu ao Museu Britânico muitos dos manuscritos de Bauzá, os quais deve ter obtido por compra ou doação. As colecções de Bauzá incluem numerosas cópias de cartas, diários, etc.; creio que não pode haver dúvida de que as cartas Add. MS 17647 A e B foram copiadas por ou para ele — talvez do atlas original (que estaria ainda na biblioteca real espanhola) e possìvelmente depois de Bauzá ter lido a nota crítica de Seixas y Lovera acerca das carta primeira e quinta».

(18) R. H. Major, in *Archaeologia,* Vol. XLIV, p. 257. London 1873.

(19) Review of Major's book *The life of Prince Henry of Portugal surnamed the Navigator,* in *Bulletin de la Société de Géographie,* 6e série, Tome VI, p. 104. Paris Juillet-Décembre 1873.

(20) In Martín Fernández Navarrete, *Colección de viajes y descubrimientos que hicieron por mar los españoles desde fines del siglo XV,* Vol. III, p. 314. Madrid 1826.

(21) R. H. Major, *The life of Prince Henry of Portugal surnamed the Navigator,* p. 442. London 1868. The reference by Major to Santarém's letter of 1835 to Navarrete at first suggested to us that this was a different letter from that of 1826, until we discovered that it was in fact the same, later published in French by Santarém with an introduction dated 4 March 1835 (*Recherches sur Améric Vespuce,* in *Opusculos e Esparsos,* Vol. I, pp. 221-7. Lisboa 1910).

(22) None of the other known works by João Teixeira embracing the area of Insulindia and Australia shows Nuca Antara with the legend relating to it. On the source of this representation, see our discussion on pp. 40-3 of this volume.

(23) Wieder 1933, p. 178.

(24) Our friend R. A. Skelton kindly sends us the following note on the origin and history of the two charts: «They are drawn on paper made at the end of 18th century, and they were in the geographical collections of the Spanish hydrographer Don Felipe Bauzá (1769-1833), well-known for his important surveys of the South American coasts. He became Director of the Depósito Hidrográfico in Madrid and (in 1821) a deputy; in 1823 he went into exile in London, taking his valuable geographical collections with him, and died there ten years later. His collections seem to have gone back to Spain, and the Spanish Government made strenuous efforts to acquire them; but a great part of them were sold (mostly between 1840 and 1850) by his heirs and assignees to the British Museum. Francisco Michelena y Rojas, explorer of Venezuela and writer on South America, sold many of the Bauzá manuscripts, which he must have obtained by purchase or bequest, to the British Museum. Bauzá's collections include numerous copies of maps, journals, etc.; I think there can be no doubt that Add. MS 17647 A and B were copied by or for him — presumably from the original atlas (which must still have been in the Spanish Royal Library) and perhaps after Bauzá had read the critical note on the first and fifth maps written by Seixas y Lovera».

Primeira Carta — First Chart

Original 432×676 mm.

JOÃO TEIXEIRA I, 1630

Atlas de trinta e uma cartas — Atlas of thirty-one charts

Library of Congress, Washington

A

Vigésima primeira Carta — Twenty-first Chart

B

Vigésima terceira Carta — Twenty-third Chart

Original 452×676 mm.

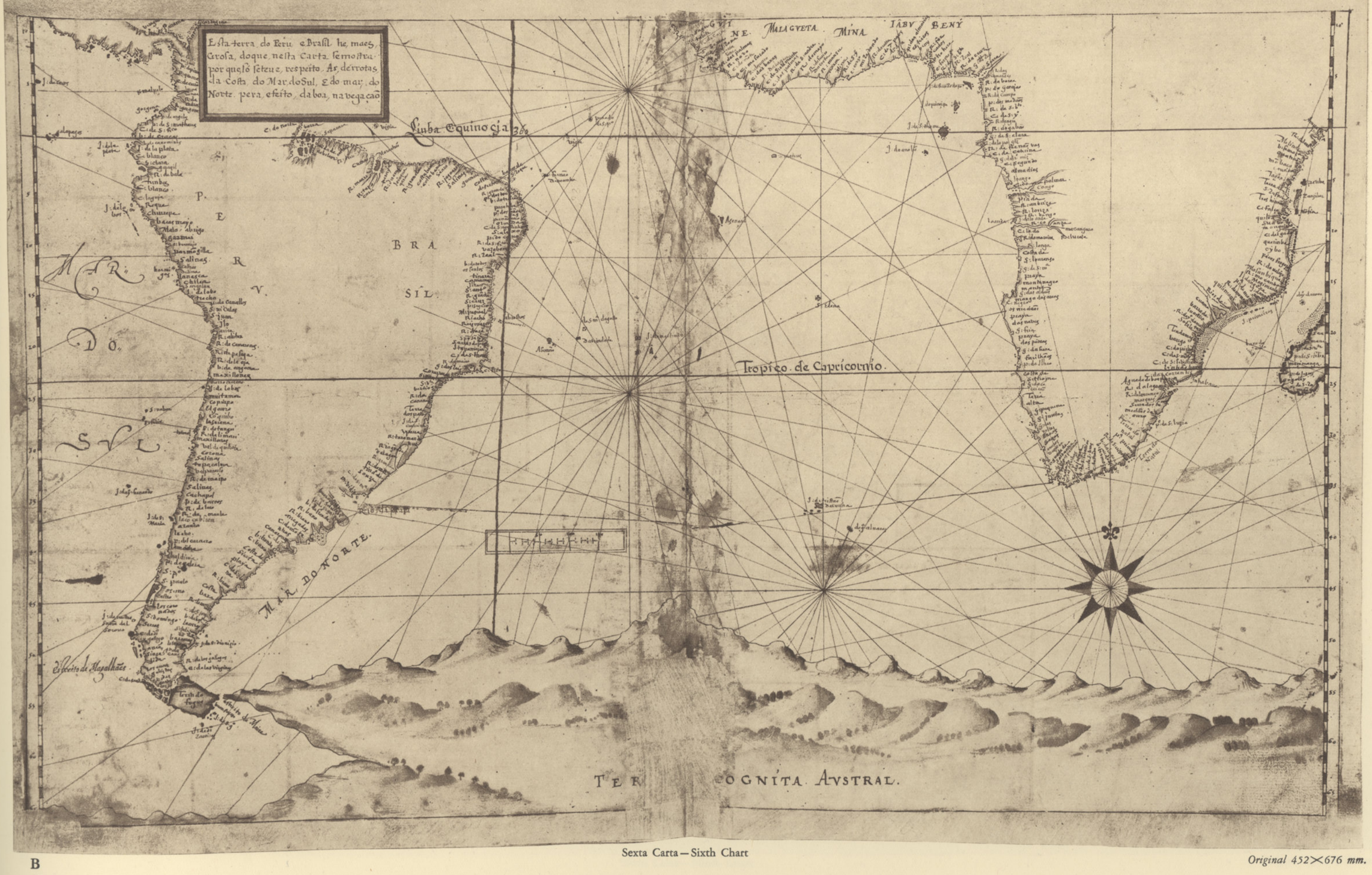
JOÃO TEIXEIRA I, 1630

Atlas de trinta e uma cartas — Atlas of thirty-one charts

Library of Congress, Washington

A

Terceira Carta — Third Chart



B

Sexta Carta — Sixth Chart

Original 452×676 mm.

JOÃO TEIXEIRA I, 1630

Atlas de trinta e uma cartas — Atlas of thirty-one charts

Library of Congress, Washington

A

Décima segunda Carta — Twelfth Chart

B

Nona Carta — Ninth Chart

Original 452×676 mm.

JOÃO TEIXEIRA I, 1630

Atlas de trinta e uma cartas — Atlas of thirty-one charts

Library of Congress, Washington

A

Décima quinta Carta — Fifteenth Chart

B

Trigésima Carta — Thirtieth Chart

Original 452×676 mm.

JOÃO TEIXEIRA I, 1630

Atlas de trinta e uma cartas — Atlas of thirty-one charts

Library of Congress, Washington

A

Vigésima sexta Carta — Twenty-sixth Chart

B

Vigésima sétima Carta — Twenty-seventh Chart

Original 452×676 mm.

JOÃO TEIXEIRA I, 1630

Atlas de trinta e uma cartas — Atlas of thirty-one charts

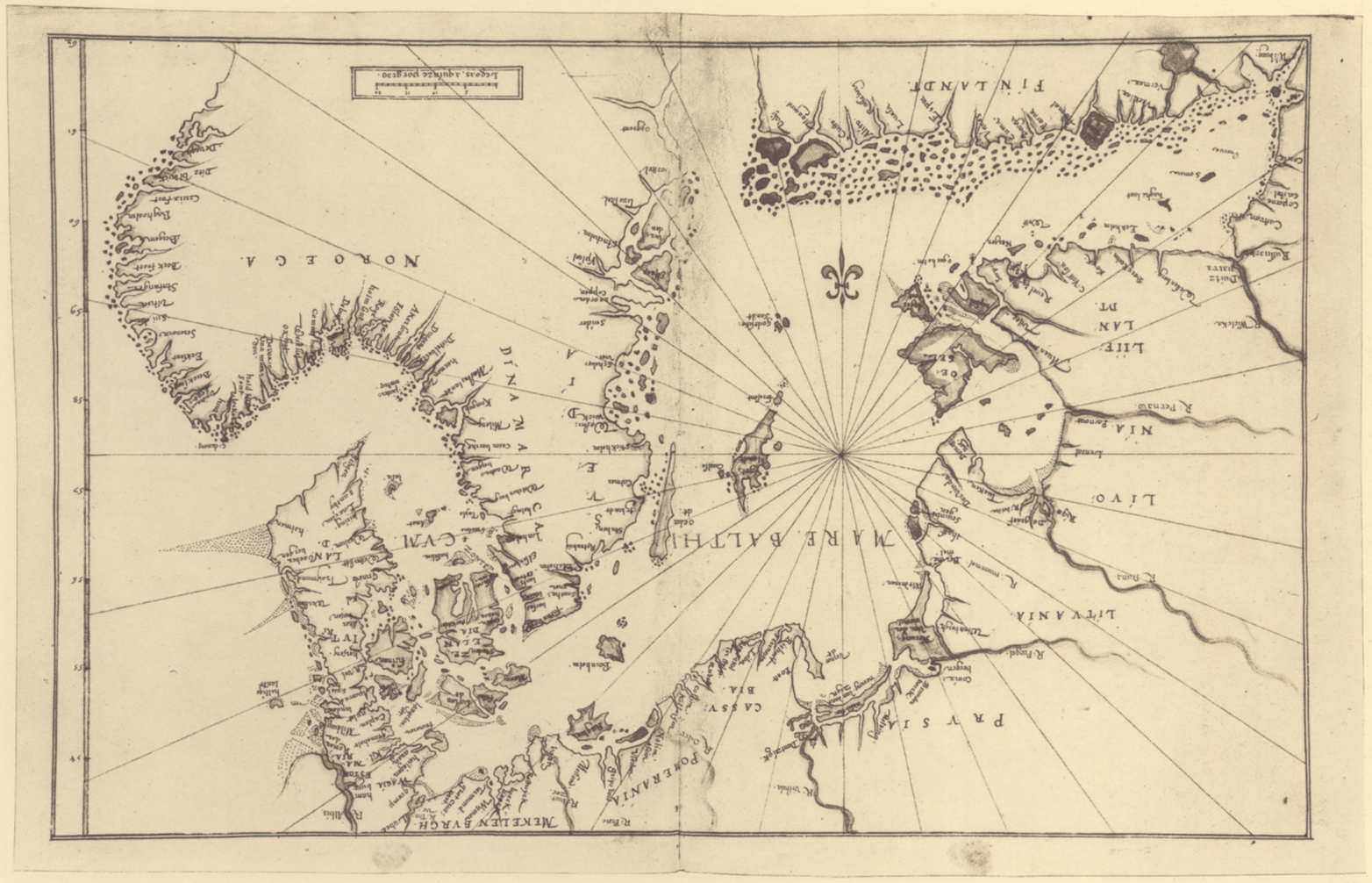
Library of Congress, Washington

Décima sétima Carta — Seventeenth Chart

A

B

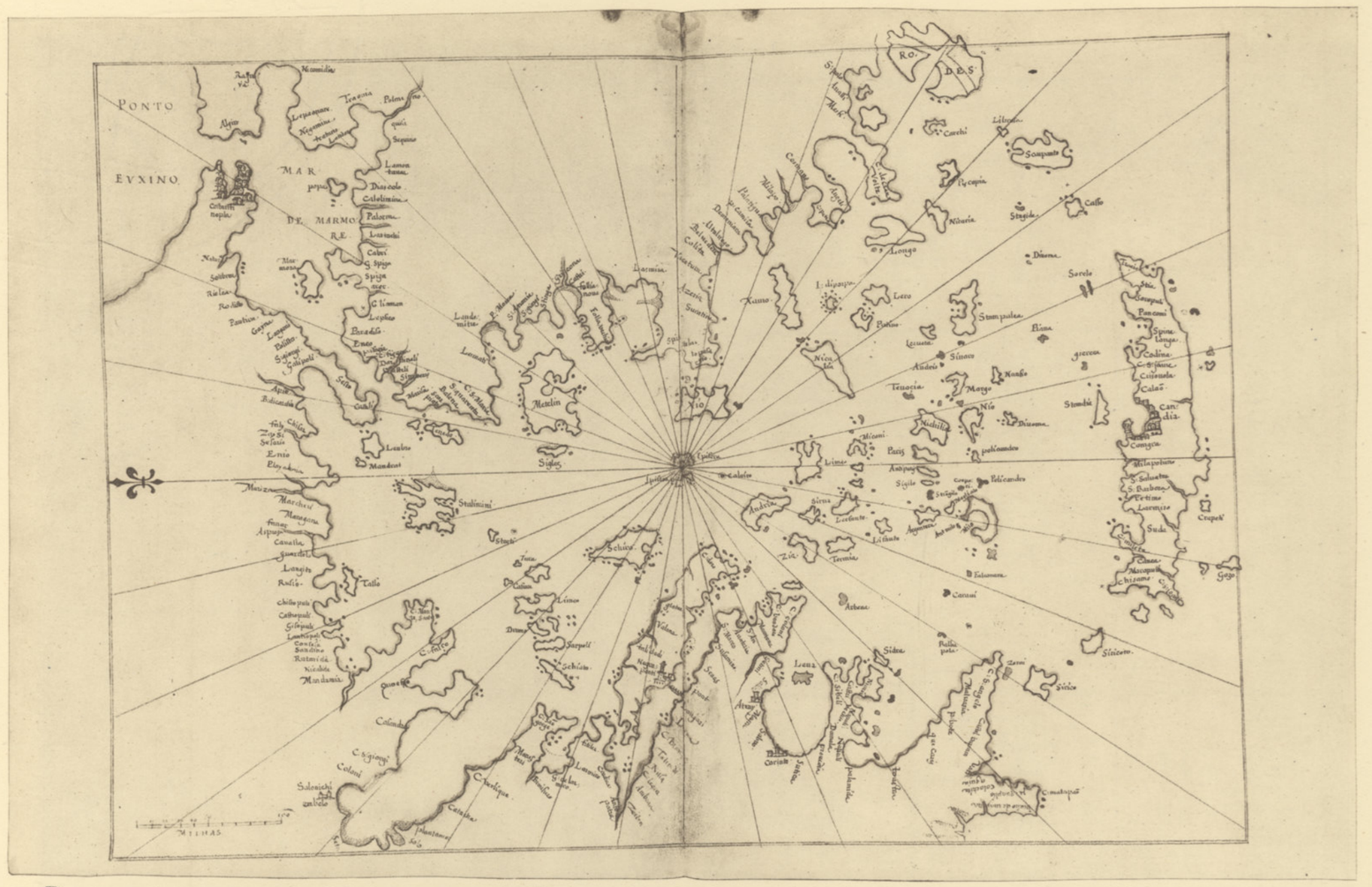
Décima nona Carta — Nineteenth Chart



Original 452×676 mm.

Décima oitava Carta — Eighteenth Chart

C



D

Vigésima quinta Carta — Twenty-fifth Chart

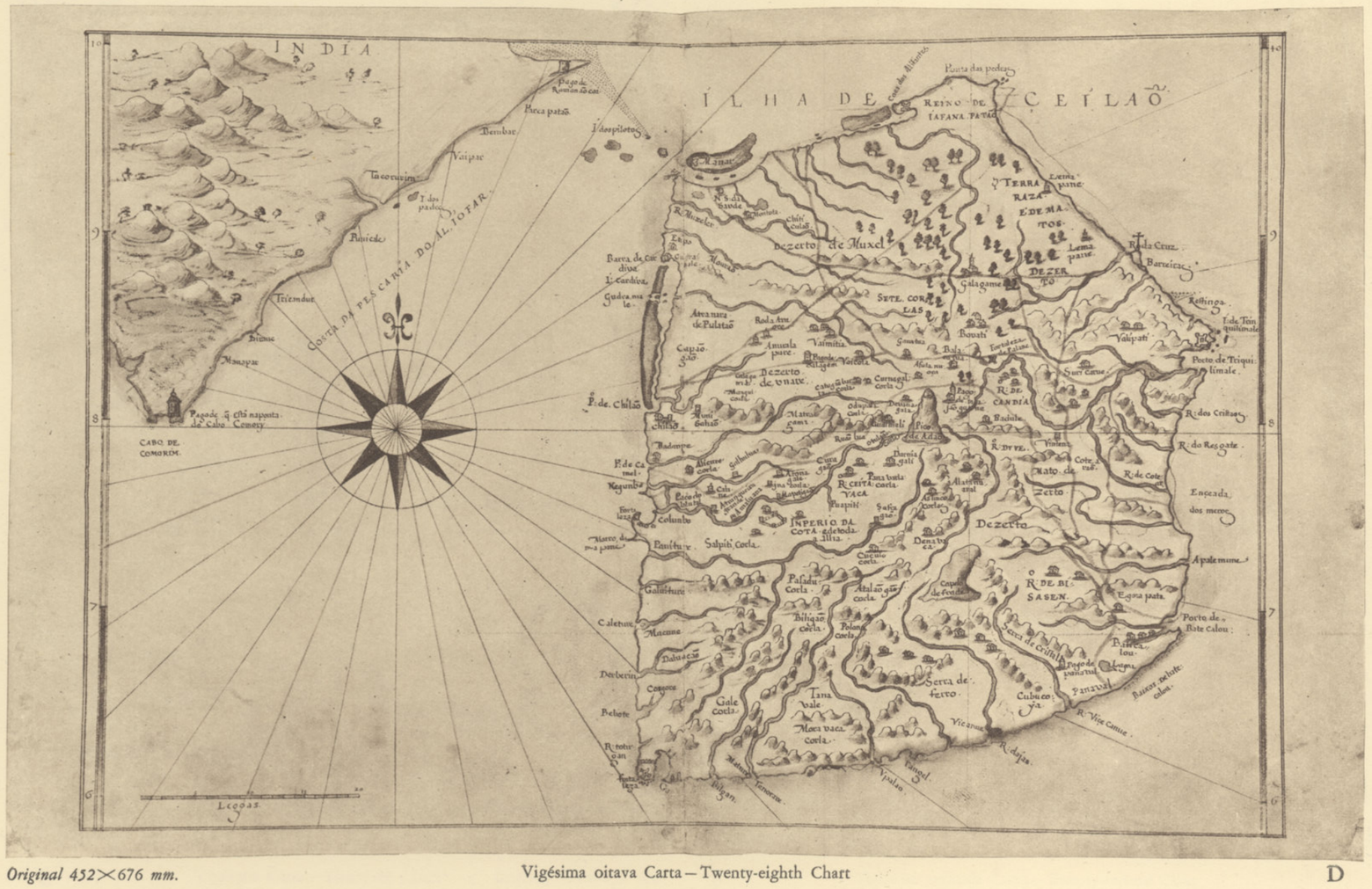
JOÃO TEIXEIRA I, 1630

Atlas de trinta e uma cartas — Atlas of thirty-one charts

Library of Congress, Washington

Vigésima quarta Carta — Twenty-fourth Chart A

Quarta Carta — Fourth Chart B C Quinta Carta — Fifth Chart



Original 452×676 mm. Vigésima oitava Carta — Twenty-eighth Chart D

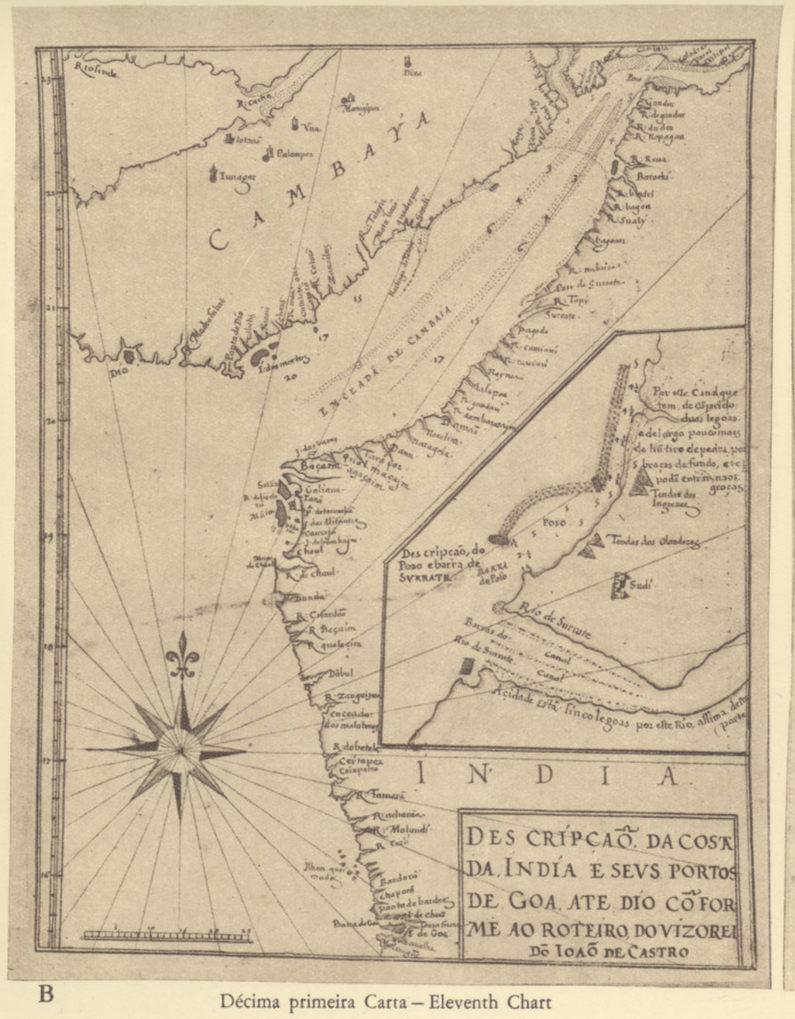
Original 338×452 mm. Sétima Carta — Seventh Chart E F Oitava Carta — Eighth Chart

João Teixeira I, 1630

Atlas de trinta e uma cartas — Atlas of thirty-one charts

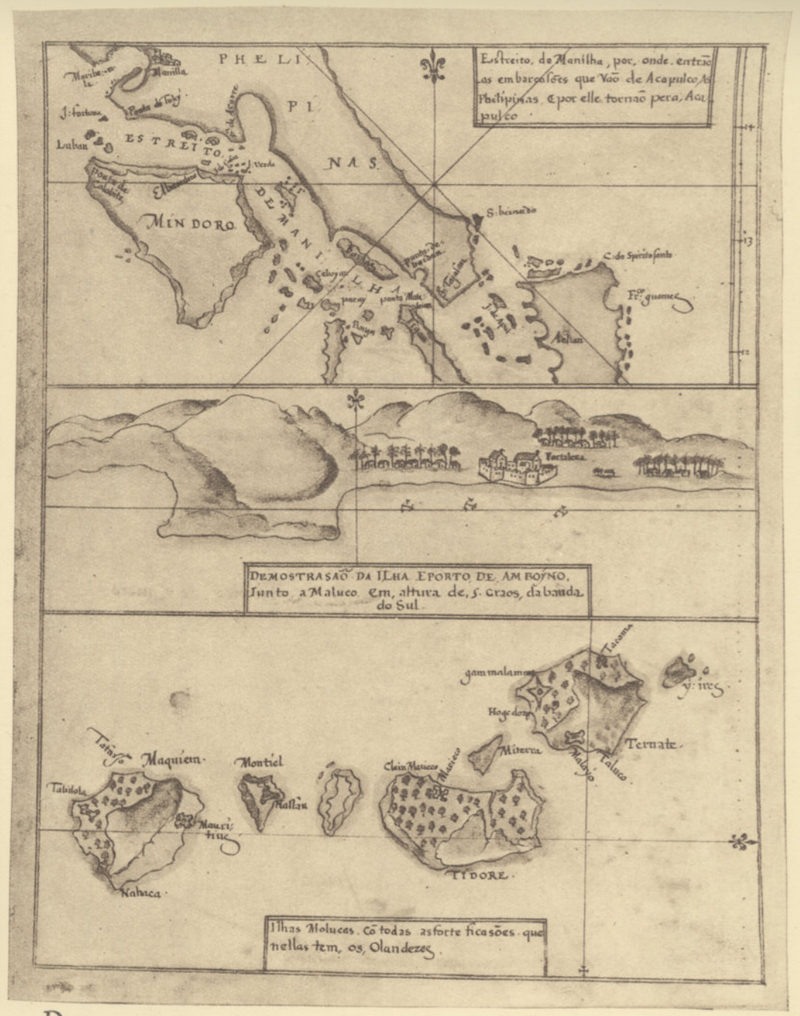
Library of Congress, Washington

A Décima Carta – Tenth Chart

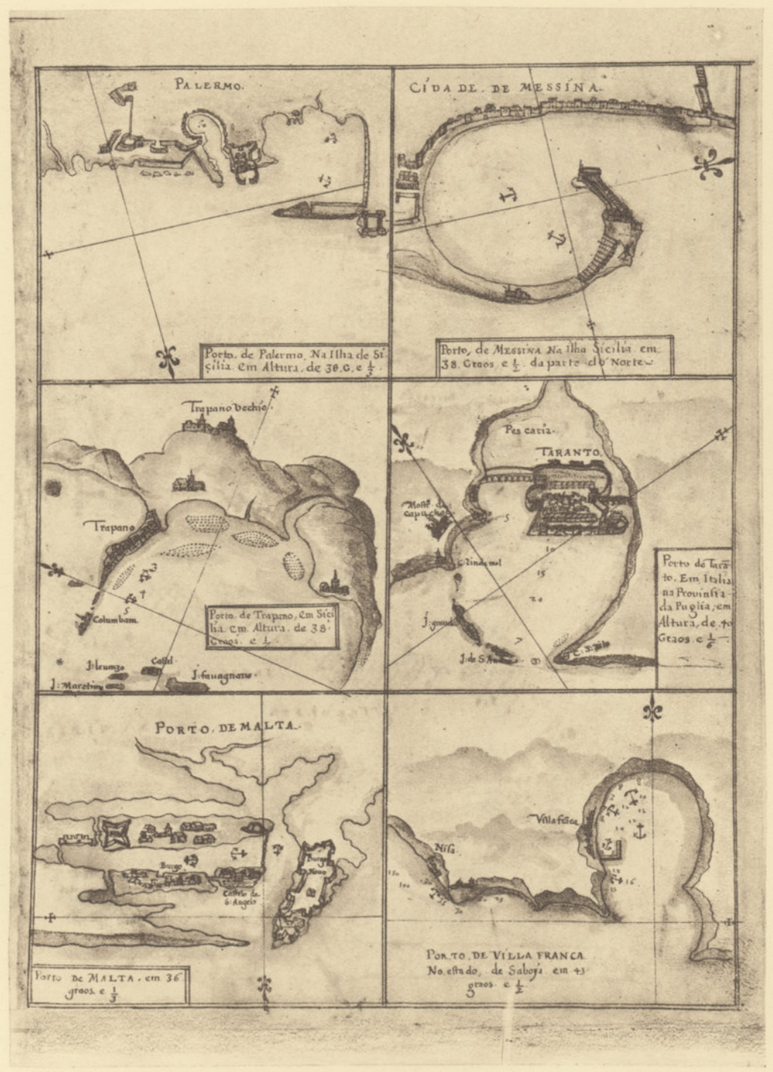


B Décima primeira Carta – Eleventh Chart

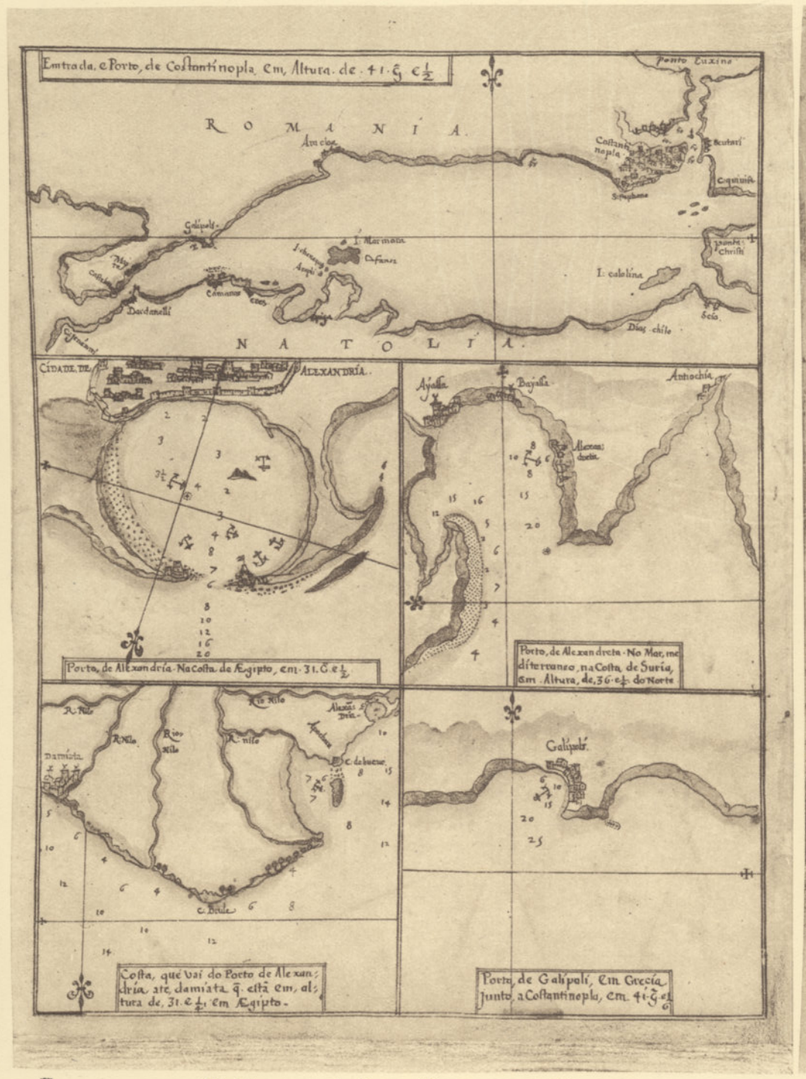
C Décima terceira Carta – Thirteenth Chart



D Décima quarta Carta – Fourteenth Chart

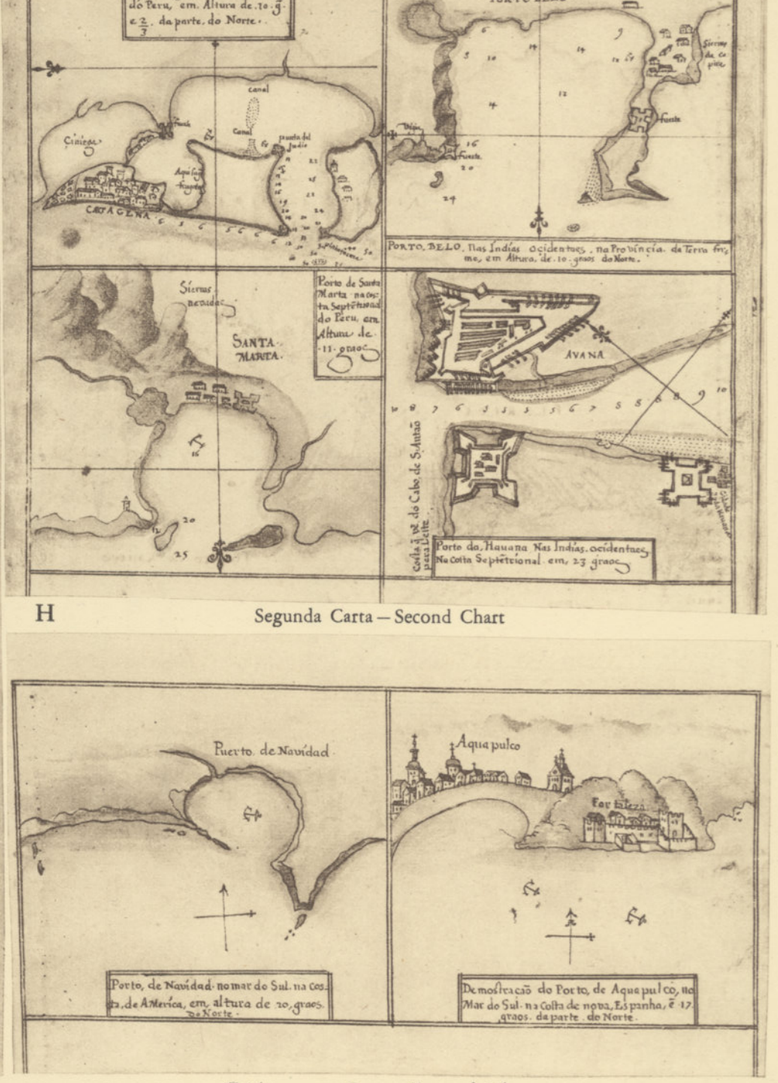


E Vigésima Carta – Twentieth Chart *Original 338×452 mm.*



F Vigésima segunda Carta – Twenty-second Chart

G Vigésima nona Carta – Twenty-ninth Chart



H Segunda Carta – Second Chart

I Décima sexta Carta – Sixteenth Chart

João Teixeira i, 1630

Atlas de trinta e uma cartas – Atlas of thirty-one charts

Library of Congress, Washington

JOÃO TEIXEIRA ALBERNAZ I, ATLAS DO BRASIL DE 1631, COM TRINTA E SEIS CARTAS

ESTAMPAS 473-481

NA Mapoteca do Ministério das Relações Exteriores, Rio de Janeiro, com a cota «a 770 a — 1631 A», encontra-se este importante atlas, assinado e datado. Manuscrito e iluminado, em papel, contém trinta e seis cartas, as quais, com excepção de uma (Ilha de Itamaracá), estão traçadas em duas páginas, medindo aproximadamente 445 × 675 mm.

Frontispício (Figura 21) — Dentro de uma portada, na qual se vêem as armas de Portugal em cima e as de D. Jerónimo de Ataíde, Conde de Atouguia, em baixo, lê-se o título *ESTADO DO BRASIL COLIGIDO DAS MAIS SERTAS NOTICIAS Q̃ PODE AIVNTAR DÕ IERONIMO DE ATAIDE.* Na base da portada diz *POR IOAÕ TEIXEIRA ALBERNAS, COSMOGRAPHO DE SVA MA.GDE Anno 1631.*

Primeira Carta (Estampa 473 A) — Carta geral, com o título *ESTADO DO BRASIL* inscrito numa fita que envolve o escudo das armas de Portugal encimado por uma coroa real.

Segunda Carta (Estampa 473 B) — Costa entre o Rio da Prata e a Baía de S. Matias ao sul, vindo no *C. do Padrão* uma coluna com as armas de Portugal.

Terceira Carta (Estampa 473 C) — Estuário do Rio da Prata.

Quarta Carta (Estampa 473 D) — Costa entre o Cabo de Santa Maria e a Barra do Rio Grande do Sul.

Quinta Carta (Estampa 474 A) — Rio Grande.

Sexta Carta (Estampa 474 B) — Costa entre o Rio Grande e o Rio Guaratuba.

Sétima Carta (Estampa 474 C) — *CAPITANIA DE SAÕ VICENTE,* do R. Guaratuba à Ilha da Cananeia.

Oitava Carta (Estampa 474 D) — *CAPITANIA DE S. VIC.TE,* da Ilha da Cananeia à Barra de S. Vicente.

Nona Carta (Estampa 475 A) — *CAPITANIA DE S. VICENTE,* até à Barra da Bertioga, assinalando a Vila de S. Paulo.

FIG. 21 — FRONTISPÍCIO DO ATLAS DO BRASIL, DE JOÃO TEIXEIRA ALBERNAZ I, 1631
TITLE-PAGE OF THE ATLAS OF BRAZIL, BY JOÃO TEIXEIRA ALBERNAZ I, 1631

Ministério das Relações Exteriores, Rio de Janeiro

Décima Carta (Estampa 475 B) — *CAPITANIA DE S. AMARO.*

Décima primeira Carta (Estampa 475 C) — *DESTRICTO DO RIO DE IANEIRO.*

Décima segunda Carta (Estampa 475 D) — *CAPITANIA DO RIO DE IANEIRO,* com um plano da *Fortalesa Santa Crvx.* No verso tem uma longa legenda explicativa das letras inscritas na carta. (Vide Apêndice, pp. 121-2).

Décima terceira Carta (Estampa 476 A) — *DESTRICTO DO RIO DE IANEIRO,* Capitania de Pº de Gois.

Décima quarta Carta (Estampa 476 B) — *CAPITANIA DO SPIRITO SANTO,* do Cabo de S. Tomé até ao Morro de João Moreno.

JOÃO TEIXEIRA ALBERNAZ I, ATLAS OF BRAZIL OF 1631, WITH THIRTY-SIX CHARTS

PLATES 473-481

THIS important atlas, signed and dated, is preserved in the Mapoteca of the Ministério das Relações Exteriores, Rio de Janeiro, with the class-mark «a 770 a — 1631 A». Manuscript and illuminated, on paper, it contains thirty-six charts, which, with one exception (Island of Itamaracá), are drawn on double pages, measuring approximately 445 × 675 mm.

Title-page (Figure 21) — Within a frame representing a portal, with the arms of Portugal above and those of D. Jerónimo de Ataíde, Count de Atouguia, below, the title reads: «State of Brazil gathered from the most correct notices which could be collected by D. Jerónimo de Ataíde». At the base of the portal is written «By João Teixeira Albernaz, Cosmographer of His Majesty, in the year 1631».

First Chart (Plate 473 A) — General chart, with the title «State of Brazil» written in a scroll round the Portuguese coat of arms, which is surmounted by a royal crown.

Second Chart (Plate 473 B) — Coast between the River Plate and the Bay of S. Matias to the south; at the *C. do Padrão,* a column with the Portuguese arms.

Third Chart (Plate 473 C) — Estuary of the River Plate.

Fourth Chart (Plate 473 D) — Coast between Cape of Santa Maria and the Bar of the Rio Grande do Sul.

Fifth Chart (Plate 474 A) — Rio Grande.

Sixth Chart (Plate 474 B) — Coast between the Rio Grande and the Rio Guaratuba.

Seventh Chart (Plate 474C) — «Captaincy of São Vicente», from the R. Guaratuba to the Island of Cananea.

Eighth Chart (Plate 474D) — «Captaincy of São Vicente», from the Island of Cananea to the Bar of S. Vicente.

Ninth Chart (Plate 475A) — «Captaincy of São Vicente», to the Bar of Bertioga, the Town of S. Paulo being marked.

Tenth Chart (Plate 475 B) — «Captaincy of Santo Amaro».

Eleventh Chart (Plate 475 C) — «District of Rio de Janeiro».

Twelfth Chart (Plate 475 D) — «Captaincy of Rio de Janeiro», with a plan of the «Fortress of Santa Cruz». On the verso, a long legend explaining the key letters written on the chart. (See Appendix, pp. 121-2).

Thirteenth Chart (Plate 476 A) — «District of Rio de Janeiro», captaincy of Pedro de Gois.

Fourteenth Chart (Plate 476 B) — «Captaincy of Espírito Santo», from C. de S. Tomé to Mount João Moreno.

Décima quinta Carta (Estampa 476 C) — *CAPITANIA DO SPIRITO SANTO,* até à Ponta do Tubarão.

Décima sexta Carta (Estampa 476 D) — *CAPITANIA DE PORTO SEGURO,* com parte da do Espírito Santo, desde o Morro de João Moreno até ao R. Macuripe.

Décima sétima Carta (Estampa 477 A) — *CAPITANIA DE PORTO SEGVRO,* do R. Macuripe ao R. dos Frades.

Décima oitava Carta (Estampa 477 B) — *CAPITANIA DE PORTO SEGVRO,* do Rio dos Frades ao Rio de Santo António.

Décima nona Carta (Estampa 477 C) — *CAPITANIA DOS ILHEOS,* do Rio de Santo António à Ilha Pitangoas.

Vigésima Carta (Estampa 477 D) — *CAPITANIA DOS ILHEOS,* da Praia do Zimbo à Barra de Jaguaribe.

Vigésima primeira Carta (Estampa 478 A) — *BAHIA DE TODOS OS SANTOS,* com planos do *FORTE DE SANTIAGO, FORTE DE SANTO ALBERTO, FORTE DE S. PHILIPE* e *FORTE DE S. ANTONIO*

Vigésima segunda Carta (Estampa 478 B) — *PLANTA DA RESTITVIÇÃO DA BAHIA,* mostrando a disposição das forças holandesas e luso-espanholas.

Vigésima terceira Carta (Estampa 478 C) — Costa desde a Baía ao Rio de S. Francisco.

Vigésima quarta Carta (Estampa 478 D) — Costa desde o Rio de S. Francisco ao Cabo de Santo Agostinho.

Vigésima quinta Carta (Estampa 479 A) — *PORTO E BARRA DE PERNÃBVCO.*

Vigésima sexta Carta (Estampa 479 B) — Região desde a Barreta dos Currais até ao Pau Amarelo, com indicações de carácter militar e longa legenda.

Vigésima sétima Carta (Estampa 479 C) — Costa desde o Cabo de Santo Agostinho até à Paraíba.

Vigésima oitava Carta (Estampa 479 D) — No verso da anterior, e ocupando cerca de metade de uma página, *ILHA DE ITAMARACA,* indicando a ocupação holandesa.

Vigésima nona Carta (Estampa 480 A) — Costa da Paraíba até à Ponta Negra.

Trigésima Carta (Estampa 480 B) — *RIO GRANDE.*

Trigésima primeira Carta (Estampa 480 C) — Costa desde o Rio Grande até ao Rio Opanama.

Trigésima segunda Carta (Estampa 480 D) — Seará.

Trigésima terceira Carta (Estampa 481 A) — *PROVINÇIA DO MARANHÃO,* desde o R. Paraoçu até ao R. Turi.

Trigésima quarta Carta (Estampa 481 B) — Costa desde o R. Turi ao R. Pará.

Trigésima quinta Carta (Estampa 481 C) — *PROVINÇIA DO GRAM PARÁ.*

Trigésima sexta Carta (Estampa 481 D) — *DESCRIPÇÃO DOS RIOS PARÁ, CORVPA E AMAZONAS DESCVBERTO E SÕDADO POR MANDADO DE SVA MAGESTADE Por Antonio Viçente Patraõ de Pernaõbuco.*

Em quase todas as cartas há quadros para legendas, na maior parte por preencher, e escudos só parcialmente desenhados e destinados às armas dos donatários ou da Coroa. A letra das poucas legendas que estão escritas não parece ser da mão do cartógrafo.

O atlas fez parte da livraria Castelo Melhor, tendo sido vendido no infeliz leilão de 1879, em cujo catálogo tinha o número 165 (1), não se lhe conhecendo referências anteriores. Perdeu-se-lhe então o rasto, e durante meio século raras vezes foi referido, e sempre com base na pequena descrição daquele catálogo (2). Depois deste longo desaparecimento, surgiu à venda, por £ 950, nos livreiros londrinos Maggs Brothers, sendo anunciado nos catálogos de 1926 e 1930 (3). Em 1943 o atlas foi finalmente adquirido pelo Ministério das Relações Exteriores, sendo então Ministro o Dr. Oswaldo Aranha.

Estando já o atlas no Rio de Janeiro, Jaime Cortesão, o grande mestre da história da cartografia do Brasil, ocupou-se dele e revelou o seu considerável interesse. Assim, indicou que do atlas se depreende que D. Jerónimo de Ataíde era, em 1631, o donatário da Capitania dos Ilhéus, à qual são dedicadas duas cartas, de cujas legendas parece concluir-se que D. Jerónimo de Ataíde mandou organizar o atlas, em parte, com fins de propaganda e o desígnio de atrair colonos e capitais à sua donataria. A mais notável de todas as cartas seria a da região de Pernambuco (carta vigésima sexta), acompanhada de desenvolvida legenda destinada sobretudo a mostrar a posição e as defesas das forças holandesas e portuguesas, frente a frente.

(1) *Catalogo dos preciosos manuscriptos da Bibliotheca da Casa dos Marquezes de Castello Melhor.* Lisboa 1878.

(2) Joaquim Bensaúde, *Les légendes allemandes sur l'histoire des découvertes maritimes portugaises,* I, p. 97. Genève 1917-22. Sousa Viterbo, *Trabalhos Nauticos dos Portuguezes nos Seculos XVI e XVII,* Vol. I, pp. 27-8. Lisboa 1898.

(3) *Catalogue 479,* p. 216, com reprodução do frontispício e das cartas do Rio de Janeiro e Restituição da Baía, London 1926; *Catalogue 546* (*Bibliotheca Brasiliensis*), n.º 374 A, p. 334, com as mesmas reproduções, London 1930. A Planta da Restituição da Baía foi também publicada na *História da Expansão Portuguesa no Mundo,* Volume III, p. 157. Lisboa 1940.

Fifteenth Chart (Plate 476 C) — «Captaincy of Espírito Santo», to Ponta do Tubarão.

Sixteenth Chart (Plate 476 D) — «Captaincy of Porto Seguro», with part of that of Espírito Santo, from Mount João Moreno to the R. Macuripe.

Seventeenth Chart (Plate 477 A) — «Captaincy of Porto Seguro», from the R. Macuripe to the R. dos Frades.

Eighteenth Chart (Plate 477 B) — «Captaincy of Porto Seguro», from the Rio dos Frades to the Rio de Santo António.

Nineteenth Chart (Plate 477 C) — «Captaincy of Ilhéus», from the Rio de Santo António to the Island of Pitangoas.

Twentieth Chart (Plate 477 D) — «Captaincy of Ilhéus», from the Beach of Zimbo to the Bar of Jaguaribe.

Twenty-first Chart (Plate 478 A) — «Bay of Todos os Santos», with plans of the «Fort of Santiago», «Fort of Santo Alberto», «Fort S. Philipe», and «Fort S. António».

Twenty-second Chart (Plate 478 B) — «Plan of the Recovery of Bahia», showing the dispositions of the Dutch and Spanish-Portuguese forces.

Twenty-third Chart (Plate 478 C) — Coast from Bahia to the Rio de S. Francisco.

Twenty-fourth Chart (Plate 478 D) — Coast from the Rio de S. Francisco to C. de Santo Agostinho.

Twenty-fifth Chart (Plate 479 A) — «Port and bar of Pernambuco».

Twenty-sixth Chart (Plate 479 B) — Region from the Bar of the Currais to Pau Amarelo, with details of a military character and a long legend.

Twenty-seventh Chart (Plate 479 C) — Coast from Cape Santo Agostinho to Paraíba.

Twenty-eighth Chart (Plate 479 D) — On the verso of the previous chart, and occupying about half a page, «Island of Itamaracá», illustrating the Dutch occupation.

Twenty-ninth Chart (Plate 480 A) — Coast from Paraíba to Ponta Negra.

Thirtieth Chart (Plate 480 B) — «Rio Grande».

Thirty-first Chart (Plate 480 C) — Coast from the Rio Grande to the Rio Opanama.

Thirty-second Chart (Plate 480 D) — Seará.

Thirty-third Chart (Plate 481 A) — «Province of Maranhão», from the R. Paraoçu to the R. Turi.

Thirty-fourth Chart (Plate 481 B) — Coast from the R. Turi to the R. Pará.

Thirty-fifth Chart (Plate 481 C) — «Province of Grão Pará».

Thirty-sixth Chart (Plate 481 D) — «Description of the Rivers Pará, Corupa and Amazon, discovered and sounded by order of His Majesty by António Vicente, master, of Pernambuco».

Almost all the charts have panels for legends, most of them unfilled, and shields only partly drawn and designed for the arms of donataries or of the Crown. The hand of the few legends which have been written does not seem to be that of the cartographer.

The atlas was in the Castelo Melhor library and was sold at the unfortunate auction of the library in 1879, being no. 165 in the catalogue (1); no earlier record of the atlas is known. It was then lost to sight, and the only references to it during the next half century rest on the short description in the sale catalogue of 1879 (2). After this long disappearance, it was offered for sale, at £ 950, by the London booksellers Maggs Brothers in their catalogues of 1926 and 1930 (3). In 1943 the atlas was purchased by the Ministério das Relações Exteriores, the Minister at the time being Dr Oswaldo Aranha.

After its arrival in Rio de Janeiro, Jaime Cortesão, the great authority on the cartographic history of Brazil, studied the atlas and drew attention to its considerable interest. Thus, as he has shown, it reveals that D. Jerónimo de Ataíde was in 1631 the donatary of the Captaincy of Ilhéus, to which two charts are devoted; and the legends of these charts lead to the conclusion that D. Jerónimo de Ataíde commissioned the atlas partly as propaganda and with the object of attracting colonists and capital to his captaincy. The most remarkable of the charts is that of the Pernambuco region (twenty-sixth chart), which is accompanied by a detailed legend primarily intended to show the positions and defences of the opposed

(1) *Catalogo dos preciosos manuscriptos da Bibliotheca da Casa dos Marquezes de Castello Melhor.* Lisboa 1878.

(2) Joaquim Bensaúde, *Les légendes allemandes sur l'histoire des découvertes maritimes portugaises,* I, p. 97. Genève 1917-22. Sousa Viterbo, *Trabalhos Nauticos dos Portuguezes nos Seculos XVI e XVII,* Vol. I, pp. 27-8. Lisboa 1898.

(3) *Catalogue 479,* p. 216, with reproductions of the title-page and the charts of Rio de Janeiro and the Recovery of Bahia, London 1926; *Catalogue 546* (*Bibliotheca Brasiliensis*), n.º 374 A, p. 334, with the same reproductions, London 1930. The Plan of the Recovery of Bahia was also published in the *História da Expansão Portuguesa no Mundo,* Volume III, p. 157. Lisboa 1940.

Aí se indica que a defesa de determinado sector estava a cargo de António Ribeiro de Lacerda, e como este morreu em fins de Abril ou Maio de 1630 conclui-se que tal carta data dos primeiros meses de 1630, após a conquista de Olinda pelos holandeses. «Noutras cartas da mesma capitania se indicam minuciosamente os melhores pontos da costa para a entrada de navios e desembarque de tropas, o que liga muito intimamente este atlas aos acontecimentos da invasão holandesa. O mesmo vigilante cuidado transparece da carta do Rio de Janeiro» (4).

Um outro aspecto que Jaime Cortesão assinala, é o da abundância de elementos sobre os engenhos de açucar. «Com o atlas de 1631 a cartografia do açúcar atinge o seu carácter específico. Ou pela compreensão própria da indústria açucareira, ou, mais provàvelmente, industriado por D. Jerónimo de Ataíde, ele dá maior importância à representação dos engenhos. Não só por vezes aparecem nomeados como engenhos, mas são figurados também, ainda que sumàriamente, por um edifício ou série de edifícios ladeados por uma grande roda, visível por metade. Assim os engenhos de açúcar adquirem seu símbolo cartográfico. E como se estendem ao longo de todo o atlas por muitas cartas, assinalam, em verdade, uma cartografia açucareira» (5).

Aponta ainda Jaime Cortesão que na carta geral e nas cartas parciais dos estuários do Prata e do Amazonas figuram com grande relevo, respectivamente a sul e a norte, os «padrões da demarcação entre Portugal e Castela», concluindo que «se trata, pois de um atlas de reivindicação nacionalista contra a Espanha, dum patriota português, alarmado com a invasão holandesa e particularmente interessado no Brasil. Tudo isto se compreende melhor sabendo que D. Jerónimo de Ataíde pertenceu ao número das figuras primaciais da Restauração de 1640, em Portugal. Já então Conde de Atouguia, ele foi um dos dois filhos que a célebre D. Filipa de Vilhena armou cavaleiros na madrugada de 1 de Dezembro de 1640, horas antes de eclodir o movimento da Restauração. Na manhã desse dia, D. Jerónimo de Ataíde fez parte do grupo de dezoito fidalgos que assaltaram o Paço e assassinaram o célebre Miguel de Vasconcelos e sequazes. Ocupou a seguir vários cargos militares da maior importância, durante a guerra entre Portugal e Castela. Finalmente em 1653, era nomeado governador geral do Brasil, posto que ocupou até 1657» (6).

Ao que escreveu Jaime Cortesão devemos acrescentar que D. Jerónimo de Ataíde se interessava particularmente pela cartografia náutica e sua melhoria, como o revela amplamente o atlas universal de João Teixeira Albernaz I de 1630, feito igualmente sob a sua inspiração. Este atlas marca também uma nítida posição nacionalista em relação à Espanha, e ao mandá-lo elaborar sem dar especial desenvolvimento ao Brasil, D. Jerónimo de Ataíde já devia ter em mente a organização do atlas de 1631 inteiramente dedicado a este território, o que significativamente exprime a importância de que se revestia o Brasil no mundo lusitano.

Para além do seu valor cartográfico intrínseco, os atlas de 1630 e 1631 feitos por João Teixeira Albernaz, sob a inspiração de D. Jerónimo de Ataíde, são dois padrões, na história de Portugal e do Brasil, a atestar a vontade firme do povo lusíada em arrostar com as prolongadas lutas contra duas das maiores potências de então, a Espanha e a Holanda, a fim de se manter livre na Península e poder constituir, com estruturação lusitana, a mais vasta unidade territorial do continente americano.

Dutch and Portuguese forces. It states that the defence of a certain sector was entrusted to António Ribeiro de Lacerda, and as he died at the end of April or May 1630 we may infer that the chart dates from the early months of 1630, after the capture of Olinda by the Dutch. «Other charts of the same captaincy show in detail the best points on the coast for the entrance of ships and disembarkation of troops, which associates this atlas very closely with the events of the Dutch invasion. The same meticulous care is seen in the chart of Rio de Janeiro» (4).

Another characteristic pointed out by Jaime Cortesão is the wealth of information on the sugar mills. «In the 1631 atlas the cartography of sugar achieves a distinctive form of expression. Whether from an inside knowledge of the sugar industry or (more probably) at the inspiration of D. Jerónimo de Ataíde, it gives particular importance to the delineation of the mills. Not only are mills occasionally named as such, but they are also represented, even if summarily, by a building or series of buildings flanked by a large wheel, half of which is visible. Thus the sugar mills receive their cartographic symbol. And since they are found in many charts throughout the atlas, they represent, in a true sense, a cartography about sugar» (5).

Jaime Cortesão also points out that the general chart and the regional charts of the Plate and Amazon estuaries show very conspicuously, to the south and north respectively, the «columns of demarcation between Portugal and Castille», and he concludes that «we have here, in an atlas asserting national rights against Spain, the work of a Portuguese patriot, alarmed at the Dutch invasion and specially interested in Brazil. All this becomes easier to understand if we recall that D. Jerónimo de Ataíde was one of the leading figures in the Restoration of 1640 in Portugal. By then Count de Atouguia, he was one of the two sons of the celebrated D. Filipa de Vilhena whom she knighted at dawn on 1 December 1640, some hours before the Restoration movement broke out. In the morning of that day, D. Jerónimo was one of the party of eighteen nobles who attacked the Palace and killed the notorious Miguel de Vasconcelos and his followers. Subsequently he held various high military commands during the war between Portugal and Castille. Finally, in 1653, he was appointed Governor-general of Brazil, and he held this office until 1657» (6).

To what Jaime Cortesão has written we must add that D. Jerónimo de Ataíde took a particular interest in nautical cartography and its improvement, of which we have ample evidence in the 1630 world atlas by João Teixeira Albernaz I, made likewise at his instigation. That atlas is also characterized by a frankly nationalist attitude to Spain, and in having it compiled without special attention to Brazil D. Jerónimo de Ataíde must already have contemplated the preparation of the 1631 atlas, which is entirely devoted to that territory and significantly emphasizes the importance of Brazil in the Portuguese world.

Apart from their intrinsic cartographic value, the atlases drawn by João Teixeira Albernaz in 1630 and 1631 under the inspiration of D. Jerónimo de Ataíde exemplify, in the history of Portugal and of Brazil, the inflexible determination shown by the Portuguese people in defying, through a prolonged conflict, two of the greatest powers of the day, Spain and Holland, in order to preserve their liberty in the Peninsula and their freedom to build up, on a Lusitanian foundation, the largest territorial unit of the American continent.

APÊNDICE — APENDIX

LEGENDA NO VERSO DA DÉCIMA SEGUNDA CARTA — LEGEND ON THE VERSO OF TWELFTH CHART

«*A* *Descripcão da fortaleza S. ✠ que vai lançada nesta folha v.*

B *Forte S. Ioão em opposito da fortaleza S. ✠ corre se com ella Oesnoroeste, & Lesueste cituado a mea ladeira de hũa montanha em forma de hũ baluarte com que se fica também defendendo a barra daquella banda por onde só podem entrar Nauios de muj pouco porte, Dista diametralmente da fortaleza S. ✠.* 758 *braças E mea de des palmos por braça; Tem tres peças de Artelheria, hũ pedreiro de bronse de quinse libras de bala, hũa peça de ferro de 6 libras, outra de 4 libras E mea*

C *S. Martinho no superior da mesma Montanha de S. Ioão, a qual fortificação se fez despois da perda da Bahya Por poder o imigo de fora, sem entrar a barra no ponto. N.º 1. que he hũa praya de* 80 *braças lançar gente em terra E Caualgar a ditta Montanha, E dali com terra cegar o forte de S. Ioão que lhe fica a sópee E bater também a fortaleza S. ✠, a que esta muy a caualeiro descubrindo a toda tem hũ trincheiro de taipa de pilão de onse palmos de largo que corre do dito ponto N.º 1.º ate o ponto N.º 2. a terra da dita montanha que lhe serue de defenção para a não subirem. Tem 3. peças de Artelheria, hũa peça de bronse de des libras de bala, hũa peça de ferro de des libras de bala, hũa peça de ferro de sinco libras E mea de bala*

D *Penhão inaccessiuel de rocha uiua, a que chamão o pão de asucar, iaz ao mar da dita montanha e por a qual e por elle se faz a praya. N.º 1.º*

E *Lajem sobre agoada quebra nella o mar. cõ Excessiua força corre se com a barra Sueste Noroeste tem de cõprido* 146 *braças E mea E de largo 29. E mea. Dista da fortaleza S. ✠ por entre a qual E Ella passão as embarcações* 108 *braças E do forte S. Ioão* 268

F *Ilha do uiragalhão, não he de effeito algũ por ser muito piquena E incapas de se cultiuar por ser quasi toda de pedra viua Estiuerão nella antigamente quando se conquistou esta cidade situados os Franceses com o seu Capitão Mor do uiragalhão de quem tomou o nome.*

G *Praya que corre do ponto N. 2. em espaço de* 50 *braças até o ponto N. 3. E tudo o Mais que mostra he perda* (sic) *viua.*

(4) Jaime Cortesão 1945, Capítulo 9.
(5) Jaime Cortesão 1945, Capítulo 3. Também Isa Adonias 1956, n.º 4, descreve o atlas e reproduz a carta nona.
(6) Jaime Cortesão 1945, Capítulo 9.

(4) Jaime Cortesão 1945, Chapter 9.
(5) Jaime Cortesão 1945, Chapter 3. Isa Adonias 1956, n.º 4, also describes the atlas and reproduces the ninth chart.
(6) Jaime Cortesão 1945, Chapter 9.

H *Praya que chamão da olaria corre ate entestar no ponto N.º 4. donde se seguem penhas tem quinhentas braças de distançia*

I *Praya da Agoada dos nauios della para terra espaço de 20. braças corre a agoa que chamão da Carioca, onde se faz agoada, tem tresentas braças de comprido*

L *O Rochedo de Iriripe delle pello seo que faz a praya ate o forte Santiago que he a letra, M, que se segue ha* 860 *braças com sinco reductos a distancias como se mostra*

M *Forte Santiago obra antiga que fes o Gouernador que foi Saluador Correa de Saá defendia a cidade que toda então Estaua Situada E recolhida na ponta que ali faz a terra, por a força dos inimigos do Norte não ser naquelle tempo de muita consideração, seruem de prezente os baixos della cauados na penha dalmazem das armas E Munições, Toma se dali o Sinal dos Rebates que daá a fortaleza S. ✠. Das embarcações que apareçem. de mar em fora E fica escortinando As prayas de hũa E outra banda por estar naquella ponta donde as descobre; fas se nelle corpo de garda* (sic) *quando ha ocasião, he capitão deste forte o Alcayde Mor da cidade, E tem seis pessas de ferro.*

N *Cidade S. Sebastião do Rio de Ianeiro, iaz lancada como se ue correndo a Ribeira, de mora com a barra Noroeste Sueste, tem de comprimento deste forte Santiago que he a letra M. até a ponta da praya do Mosteiro de S. Bento que he a letra, O. que se segue* 640 *braças todas fortificadas com trincheira parte de taipa de pilão parte de pedra E cal, E parte de estacada, e entulho tem hũa plataforma de pedra e cal em que podem iugar seis pessas de artelheria, os mais que mostra são reductos que escortinão a trincheira que todos se podem tambem guarneçer com artelheria: dão fundo as naos quasi cõ os proizes em terra por ser mui alcantilado E uem demandar o pouso por detras da Ilha das cobras que he a letra, R. por respeito do banco de area que he a letra S.*

O *Montanheta em que Esta situado o mosteiro de S. Bento*

P *Reducto de pedra E cal em que estão duas pessas de artelharia para defender o transito das embarcações que possão ancorar no porto entre a dita montanha de S Bento E a ilha em fronte das cobras.*

Q *Ponta que faz a dita montanheta de S. Bento que corre ate o reducto n.º 6 tem quarenta E quatro braças de praya E o mais he rochedo*

R *Ilha das cobras está a tiro de Mosquete da ponta de S. Bento, E superior a ella donde o inimigo pode bater as trincheiras, E a cidade facilissimamente por lhe ficar o caualeiro em tão pouca distancia.*

S *Banco de area que corre ao Norte, defronte da cidade como jas lancado por cuio respeito não podem as embarcações passar entre elle E a cidade a dar fundo defronte della E uão costeando a ilha das cobras ate embocar por entre ella e a montanheta S. Bento*

T *A See Matris desta cidade*

V *O Mosteiro de S. Françisco*

X *Trincheirões lançados da montanha do Collegio ate a de S. Francisco o qual fica entre ambos e se fizerão para gardar* (sic) *a subida da montanha da See Matris em que o dito Collegio está tambem situado Mais a fralda da Montanha em caso que o inimigo tome a terra ou na praya que vai continuada do Rochedo de Iriripe que he a letra L E marche para querer subir a dita montanha, ou na mata da cidade*

Y *O Collegio da Companhia de Iesu edificado mais no decliue do superior da montanha da See Matriz.*

Z *Ermida de nossa senhora da ajuda.»*

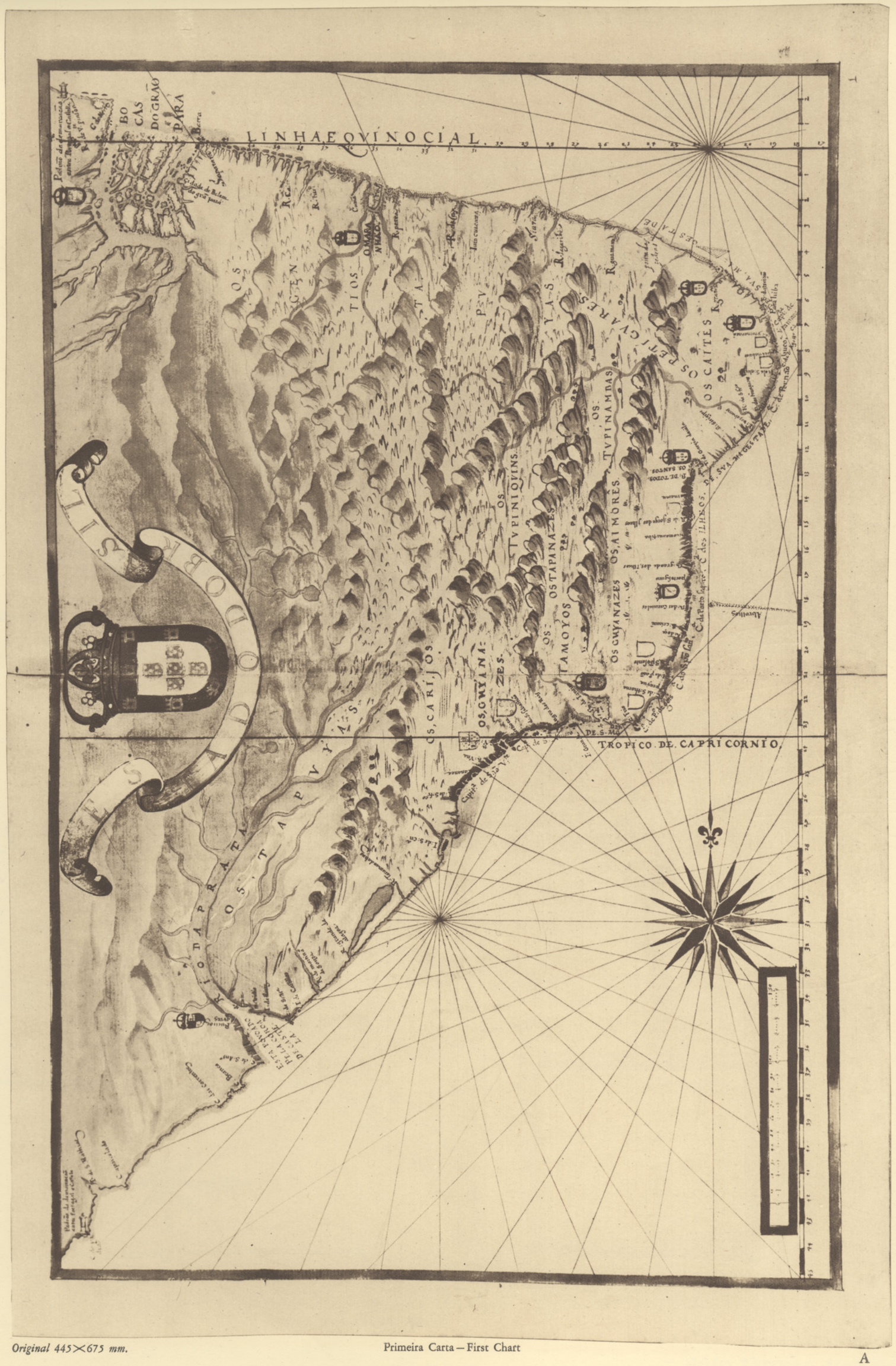
BIBLIOGRAFIA PRINCIPAL

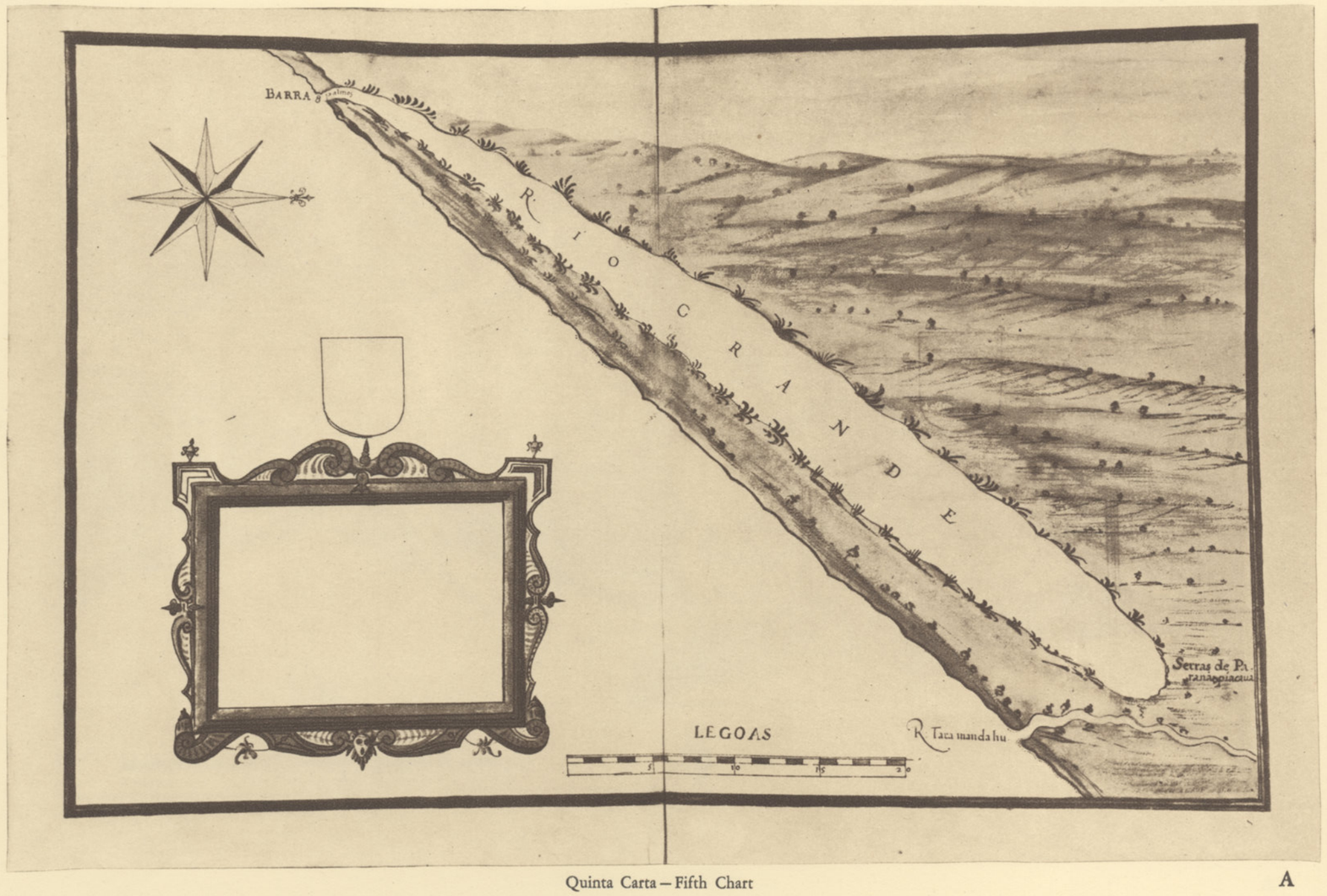
JAIME CORTESÃO, *Curso de História da Cartografia, Geografia das Fronteiras do Brasil e Mapoteconomia,* realizado no Ministério das Relações Exteriores. Rio de Janeiro 1945 (folhas mimeografadas).

SELECT BIBLIOGRAPHY

JAIME CORTESÃO, *História do Brasil nos Velhos Mapas,* no prelo (1959).

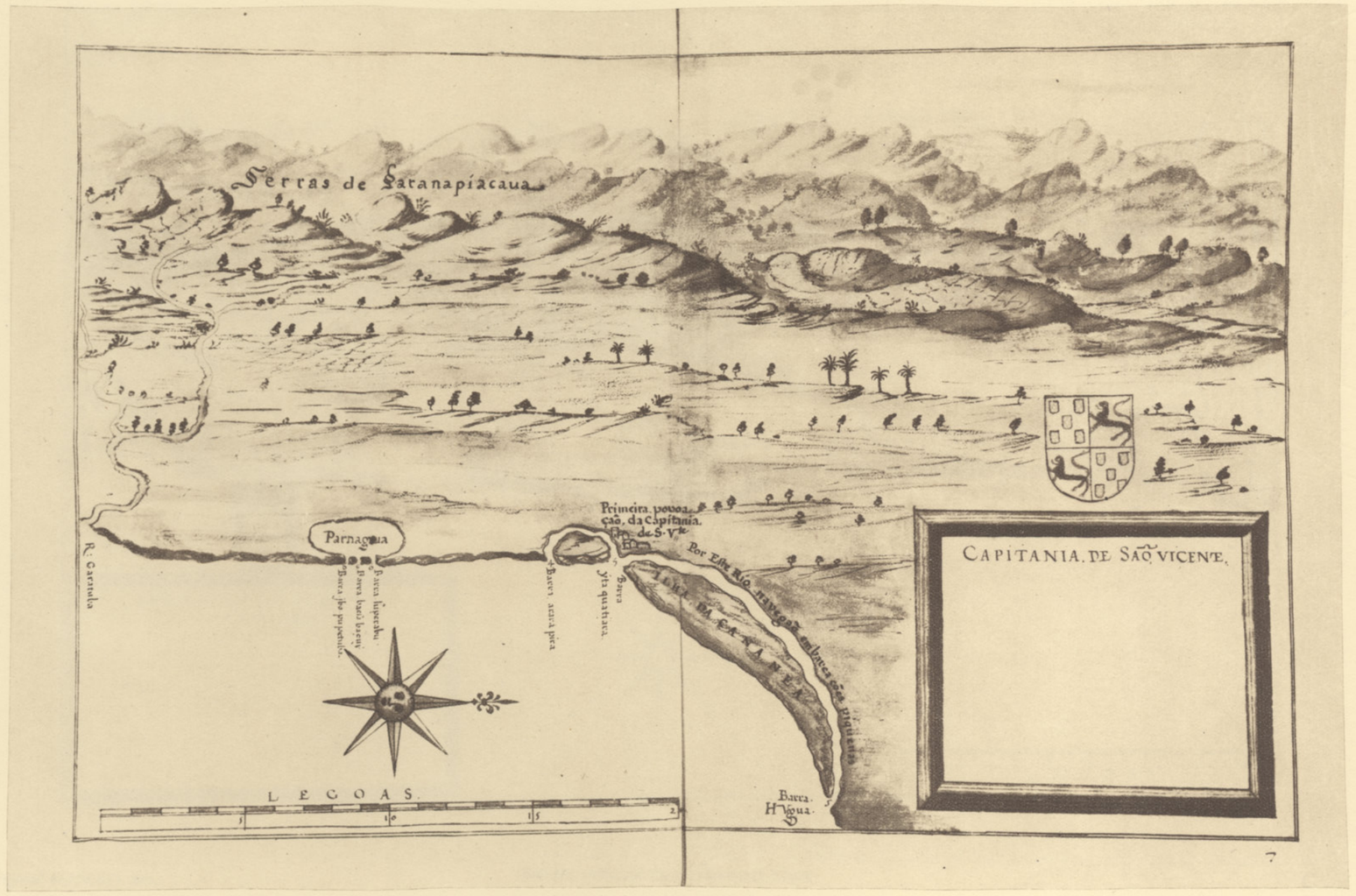
ISA ADONIAS, *As peças raras da Mapoteca do Ministério das Relações Exteriores.* Rio de Janeiro 1956.


LINHA EQVINOCIAL.
TROPICO DE CAPRICORNIO.
OS CAITÉS
OS TAMOYOS
OS OSTAPANAZES
OS TVPINAMBAS
OS TVPINIQVINS
OS CARIJOS
OS GVAYANAZES
OS AYMORÉS
OS GOYTACAZES
OS PETIGVARES
OS TAPAIAZES
OS TAPAYAS
OS TAMOYOS



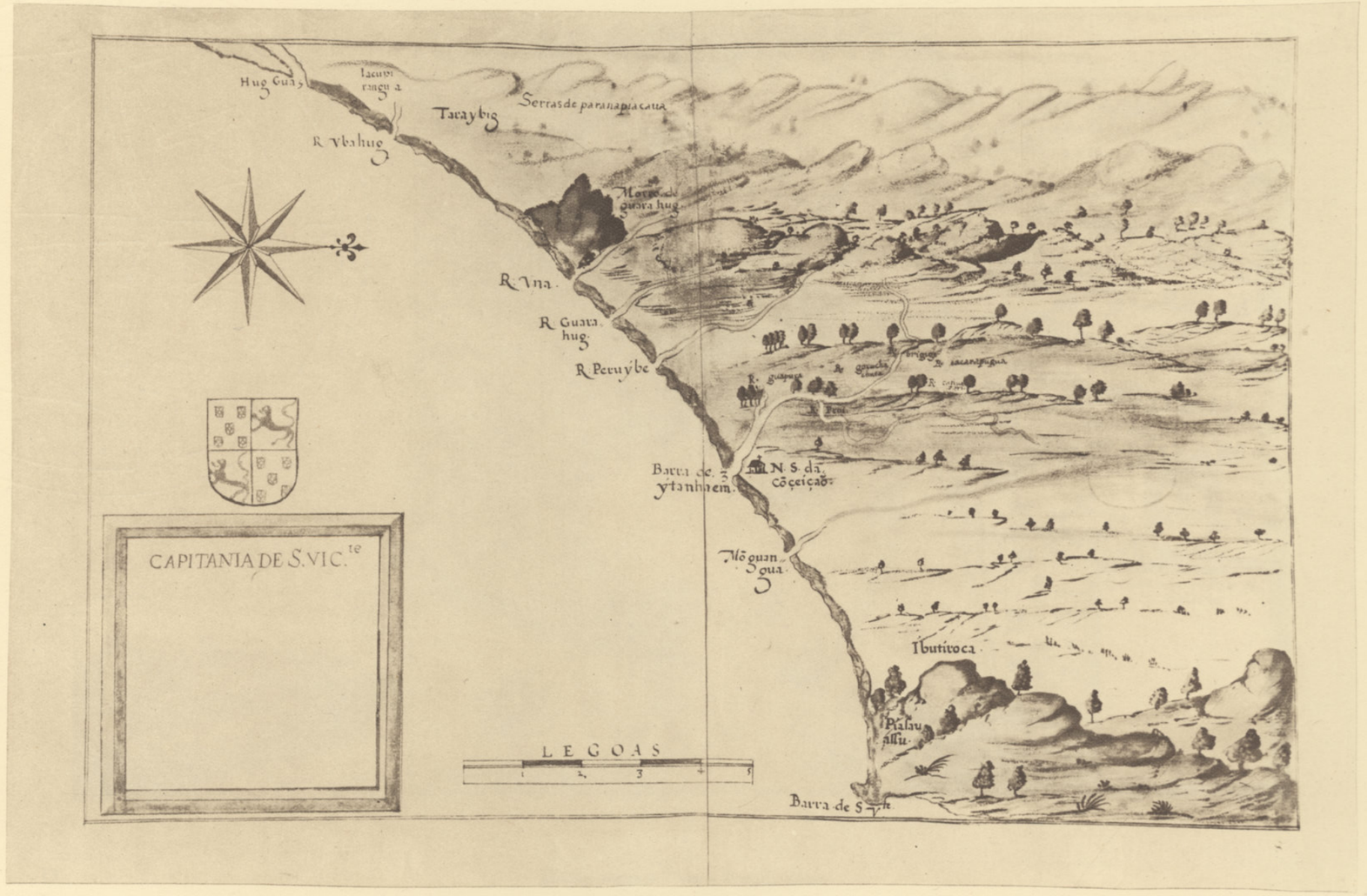
Quinta Carta — Fifth Chart **A**

B Sexta Carta — Sixth Chart



Original 445×675 mm.

Sétima Carta — Seventh Chart **C**



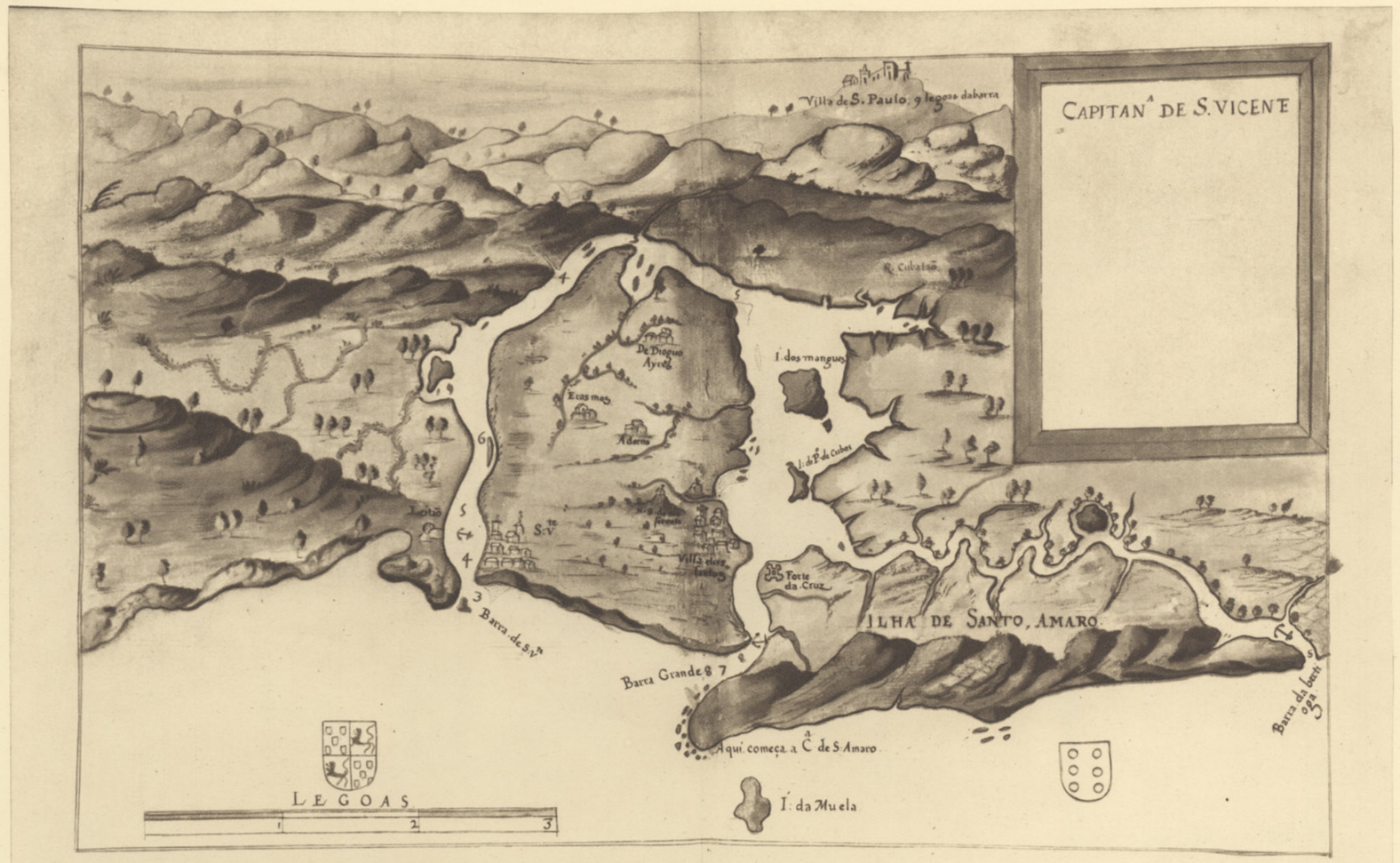
D Oitava Carta — Eighth Chart

João Teixeira Albernaz I, 1631

Atlas do Brasil com trinta e seis cartas — Atlas of Brazil with thirty-six charts

Ministério das Relações Exteriores, Rio de Janeiro

ESTAMPA PLATE 474

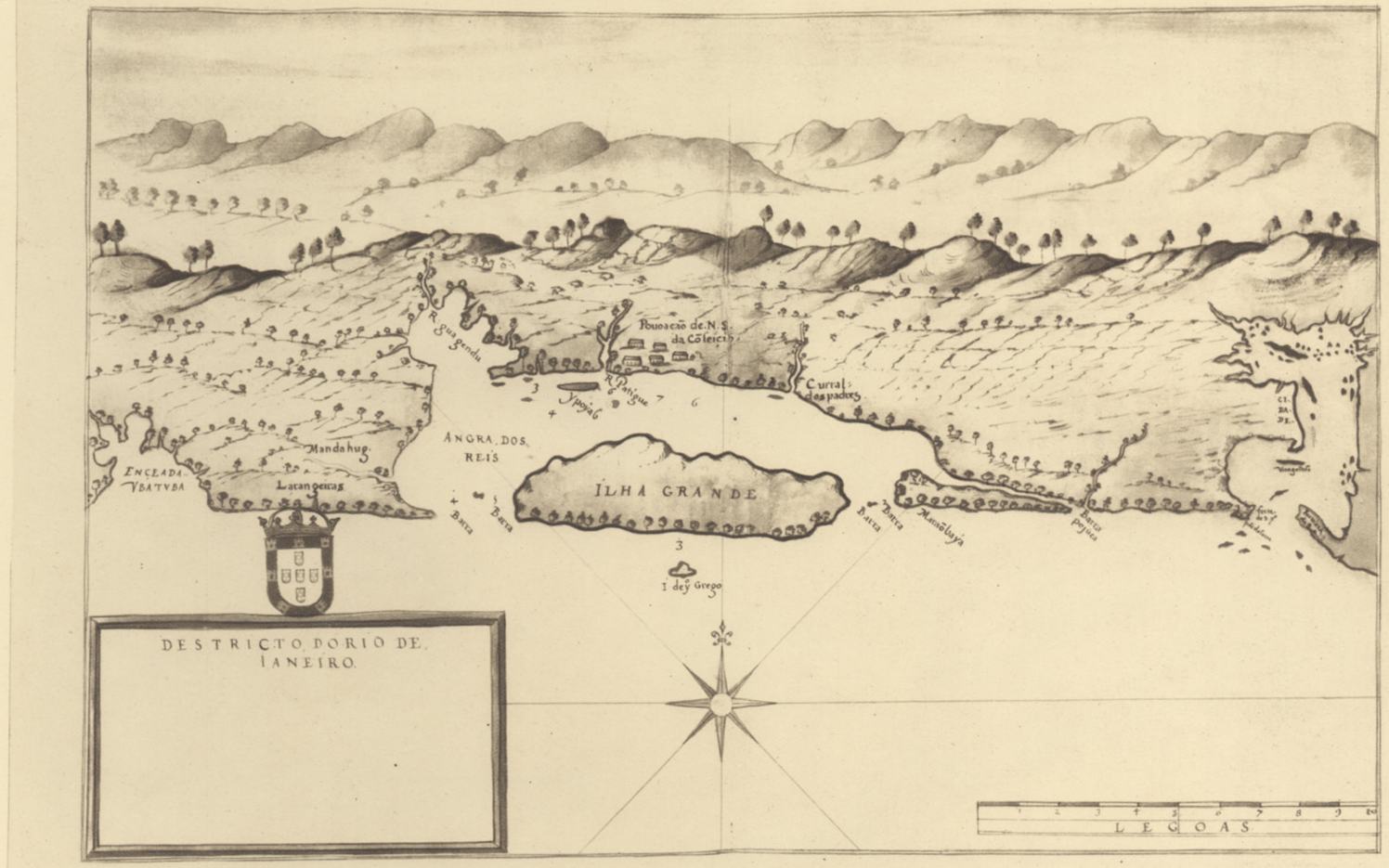


Nona Carta – Ninth Chart

A

Décima Carta – Tenth Chart

B



Décima primeira Carta – Eleventh Chart

C

Décima segunda Carta – Twelfth Chart

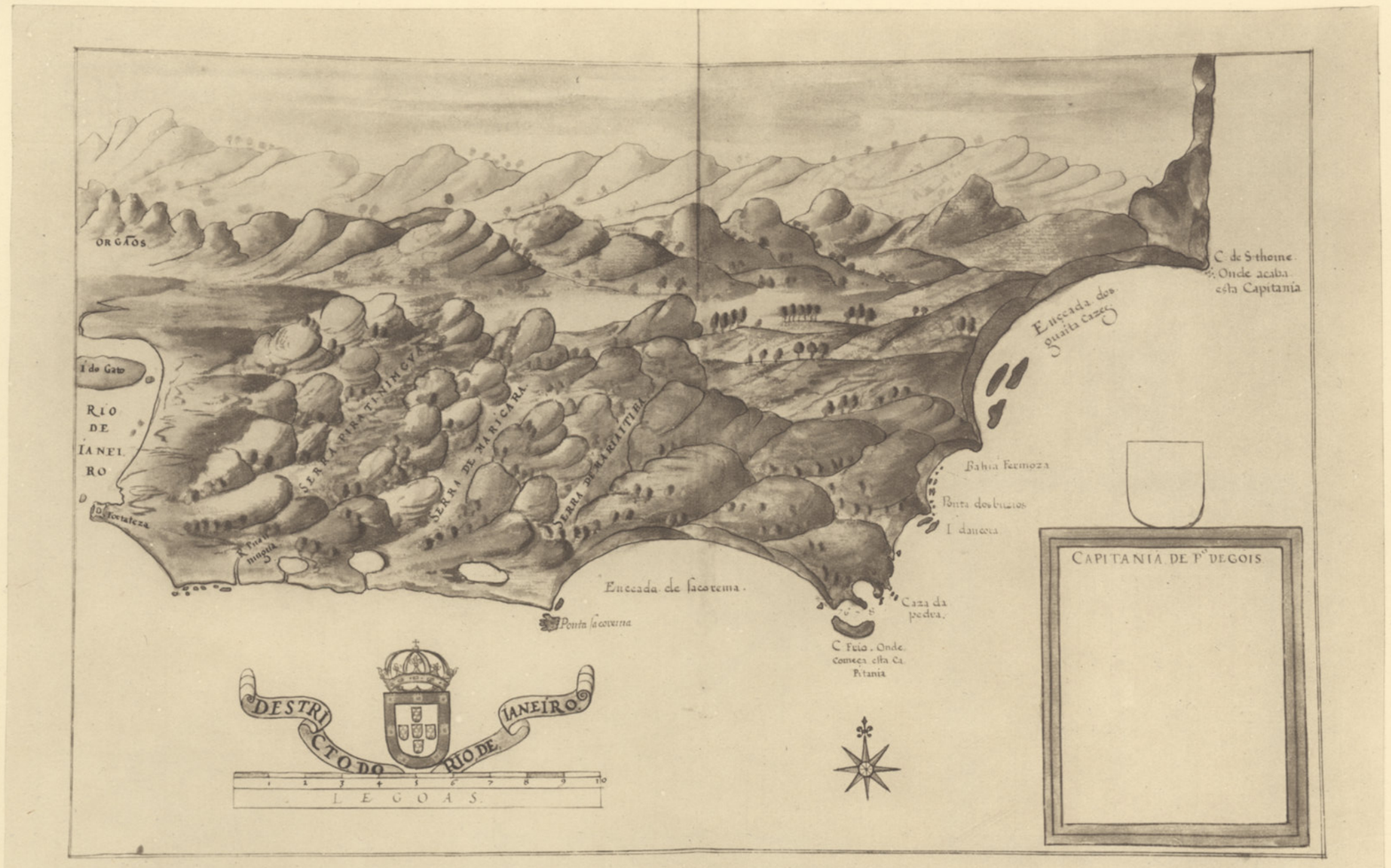
D

Original 445×675 mm.

João Teixeira Albernaz I, 1631

Atlas do Brasil com trinta e seis cartas – Atlas of Brazil with thirty-six charts

Ministério das Relações Exteriores, Rio de Janeiro

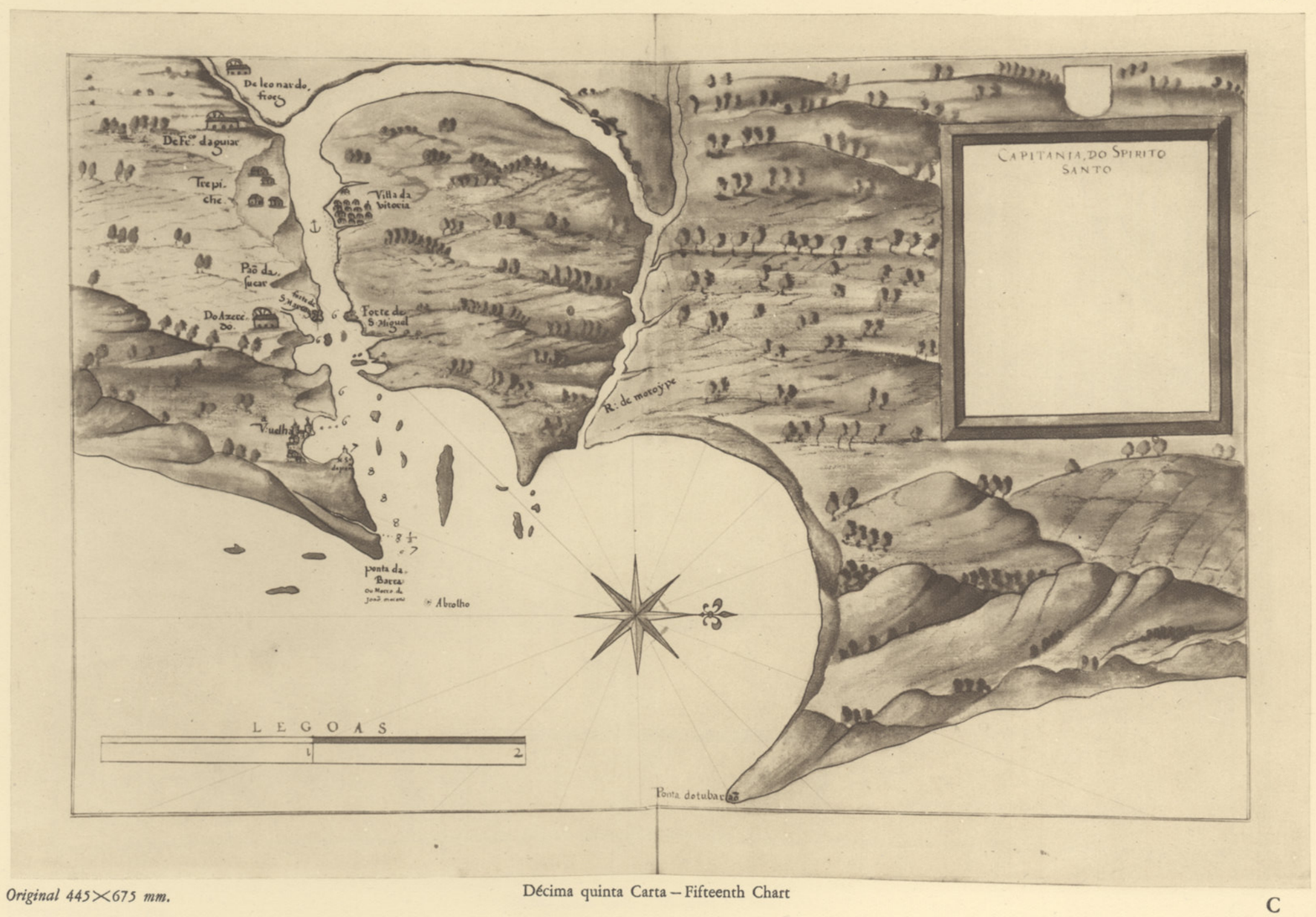


Décima terceira Carta – Thirteenth Chart

A

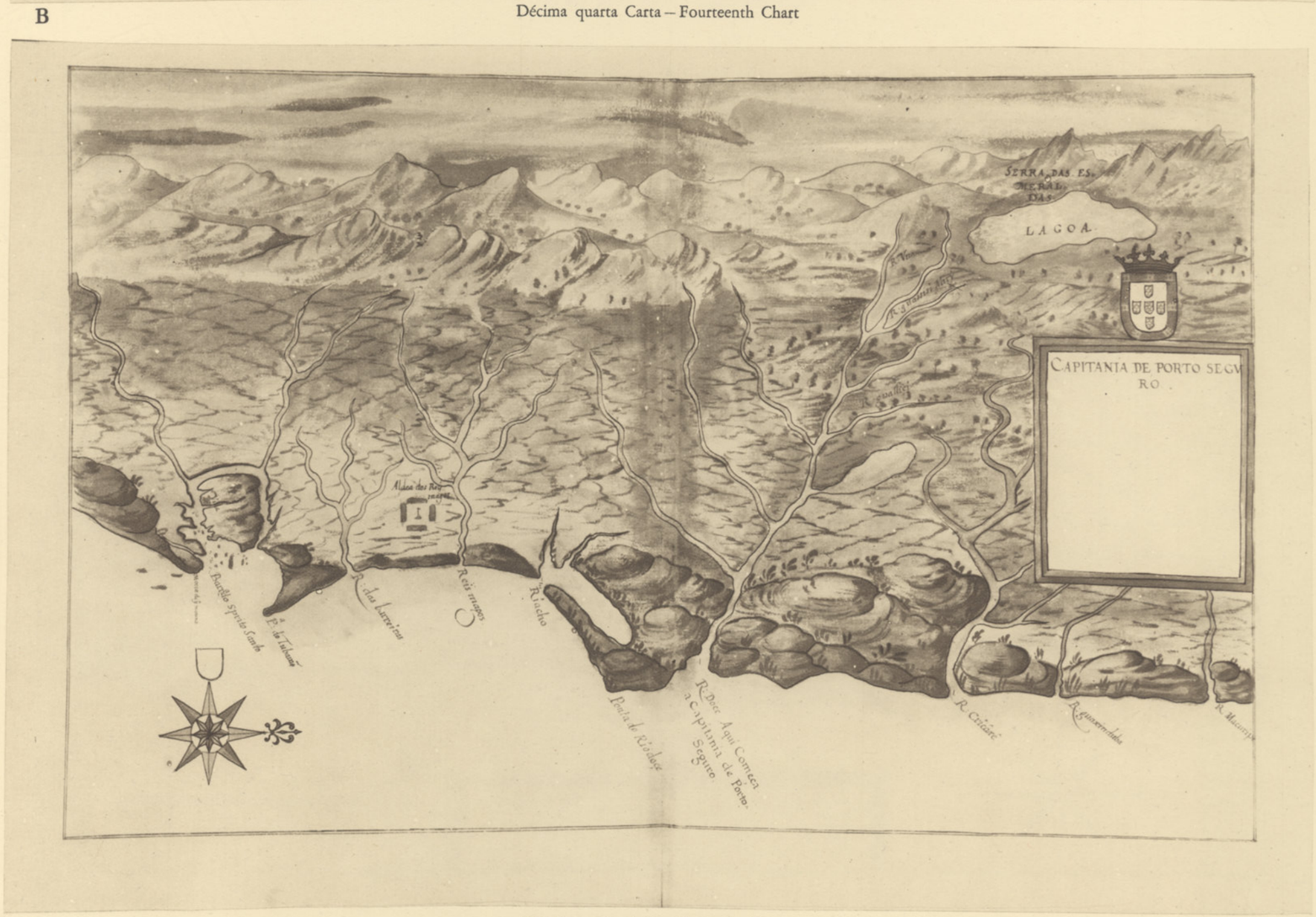
Décima quarta Carta – Fourteenth Chart

B



Décima quinta Carta – Fifteenth Chart

C



Décima sexta Carta – Sixteenth Chart

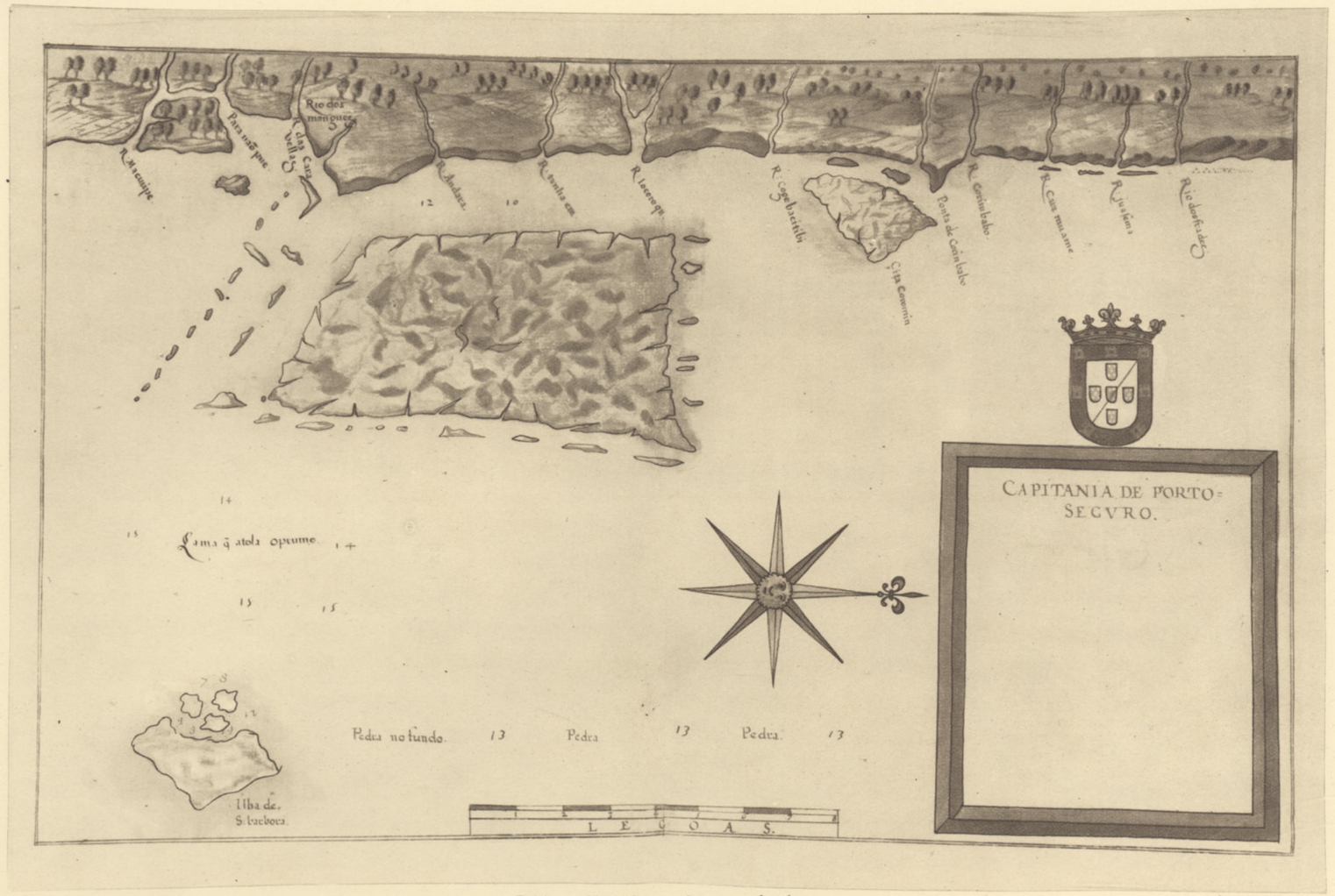
D

Original 445×675 mm.

João Teixeira Albernaz I, 1631

Atlas do Brasil com trinta e seis cartas – Atlas of Brazil with thirty-six charts

Ministério das Relações Exteriores, Rio de Janeiro

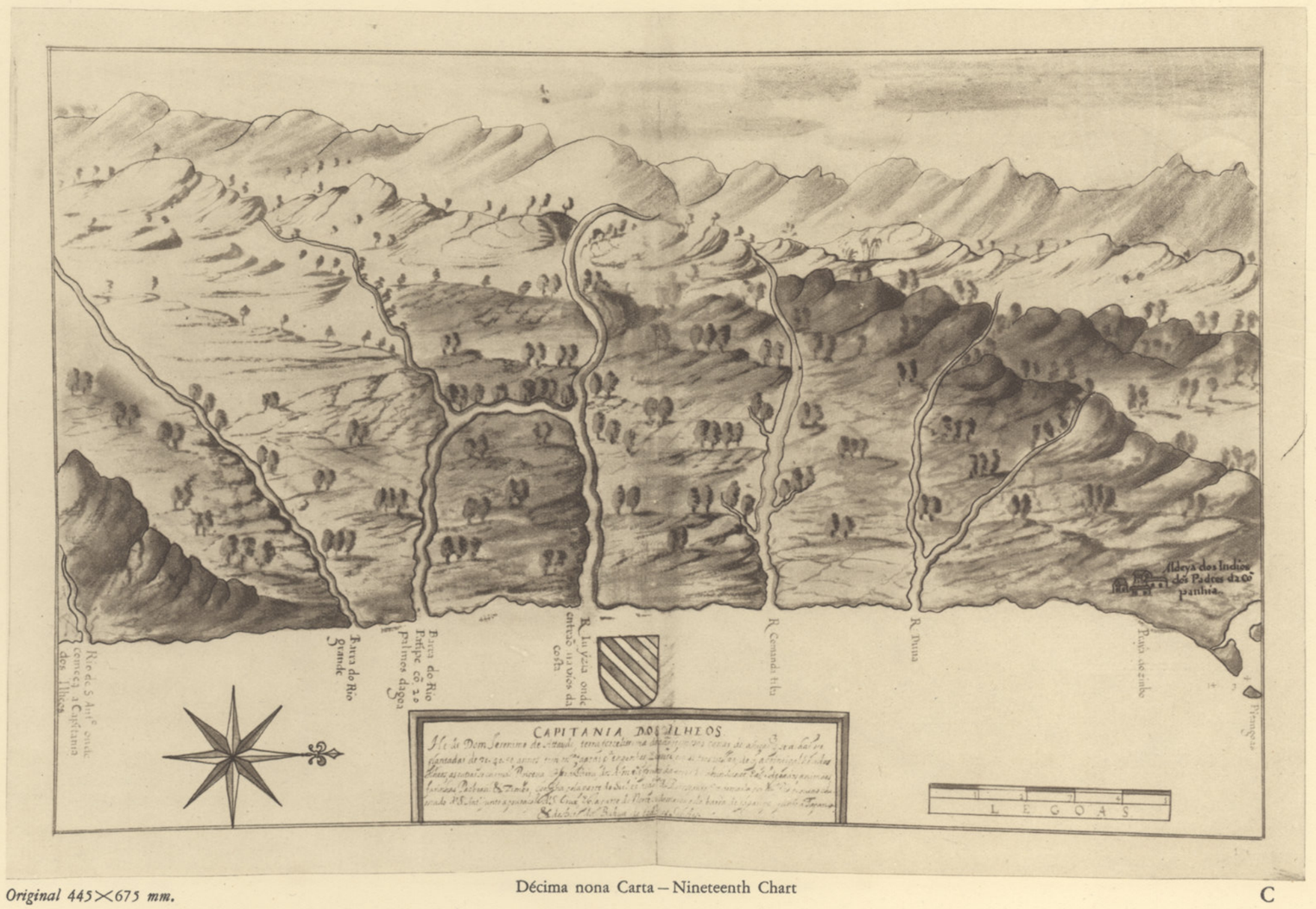


Décima sétima Carta – Seventeenth Chart

A

Décima oitava Carta – Eighteenth Chart

B



Original 445×675 mm.

Décima nona Carta – Nineteenth Chart

C

Vigésima Carta – Twentieth Chart

D

João Teixeira Albernaz i, 1631

Atlas do Brasil com trinta e seis cartas – Atlas of Brazil with thirty-six charts

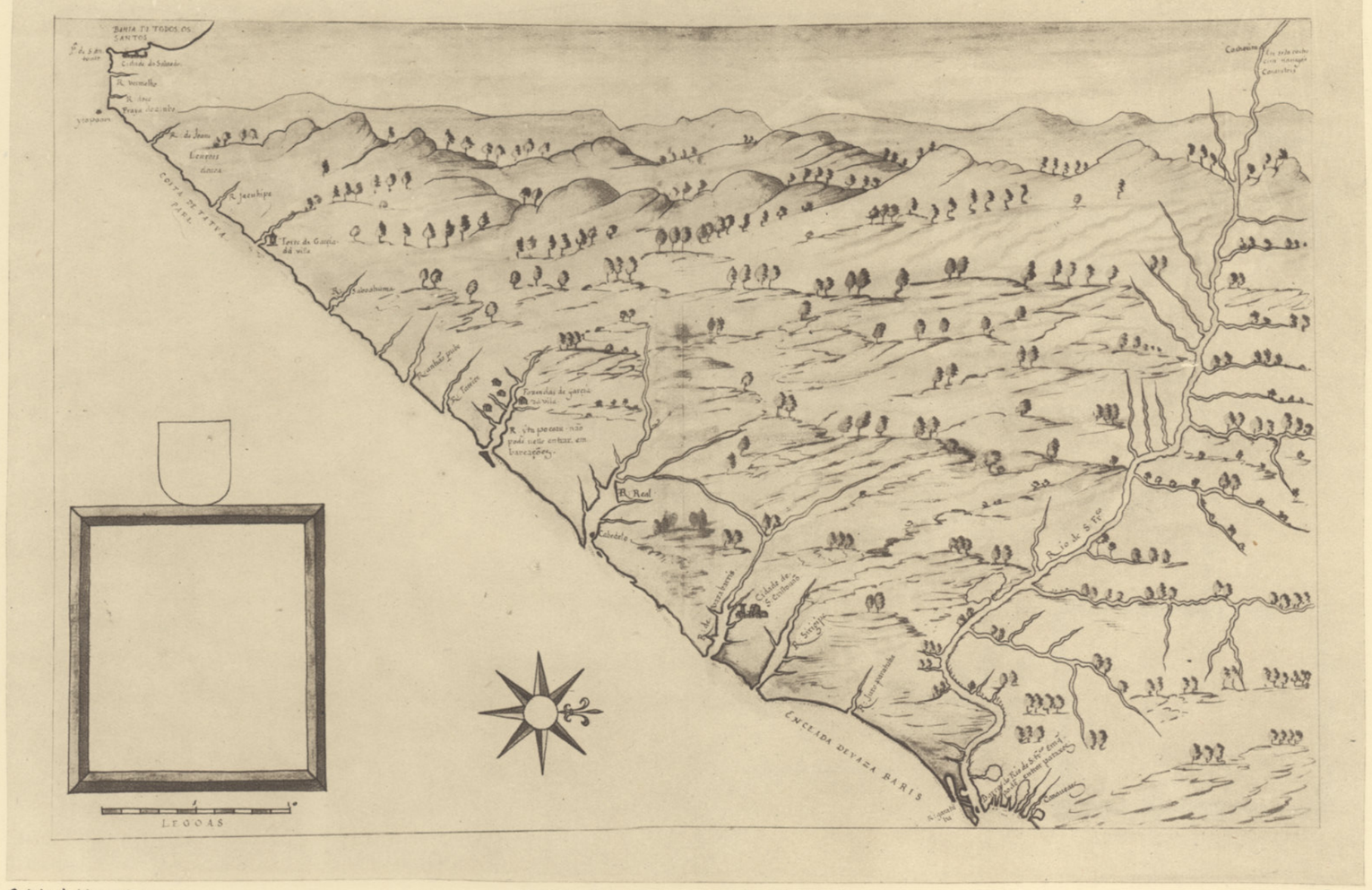
Ministério das Relações Exteriores, Rio de Janeiro

Vigésima primeira Carta — Twenty-first Chart

A

B

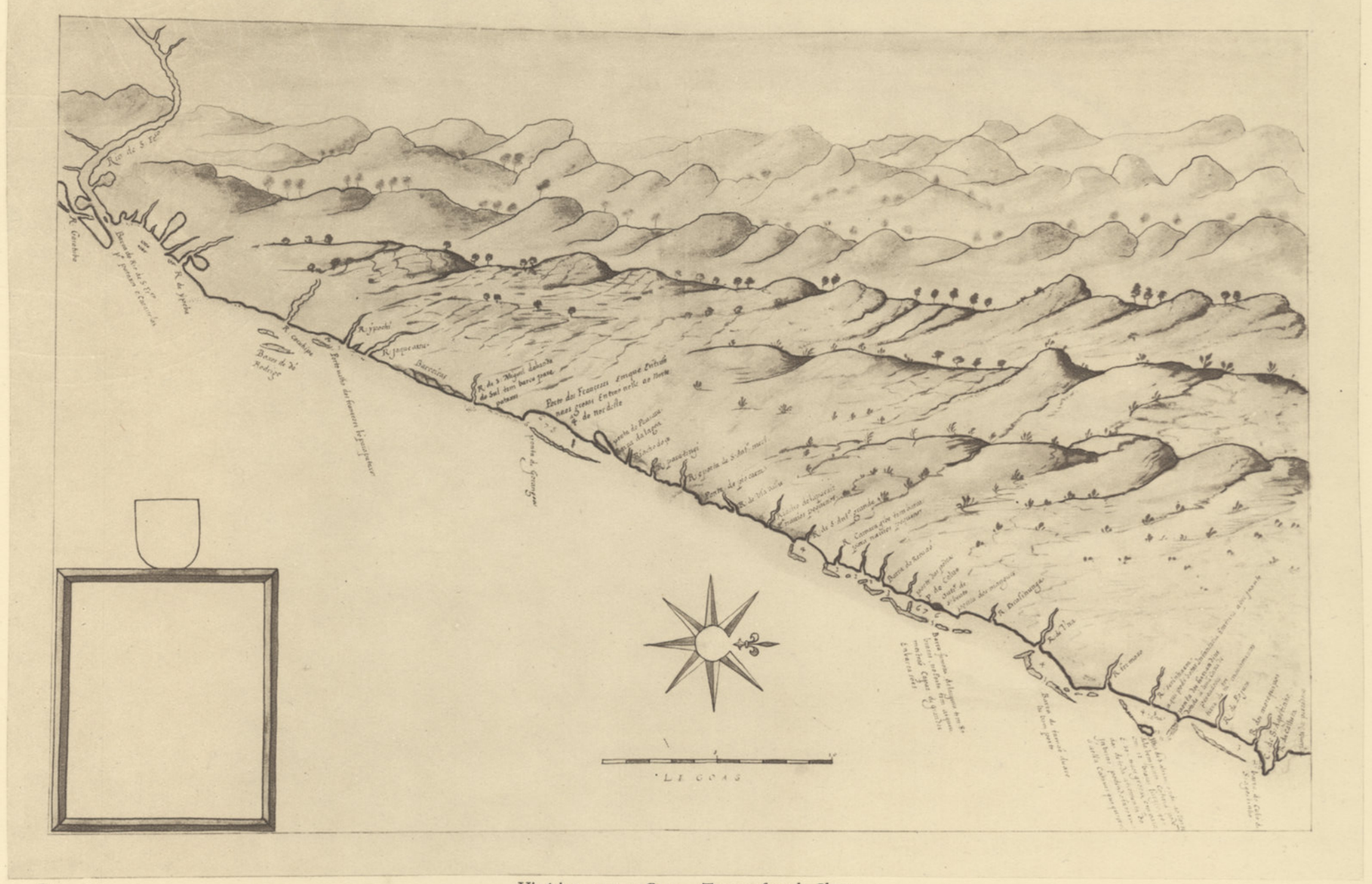
Vigésima segunda Carta — Twenty-second Chart



Original 445×675 mm.

Vigésima terceira Carta — Twenty-third Chart

C



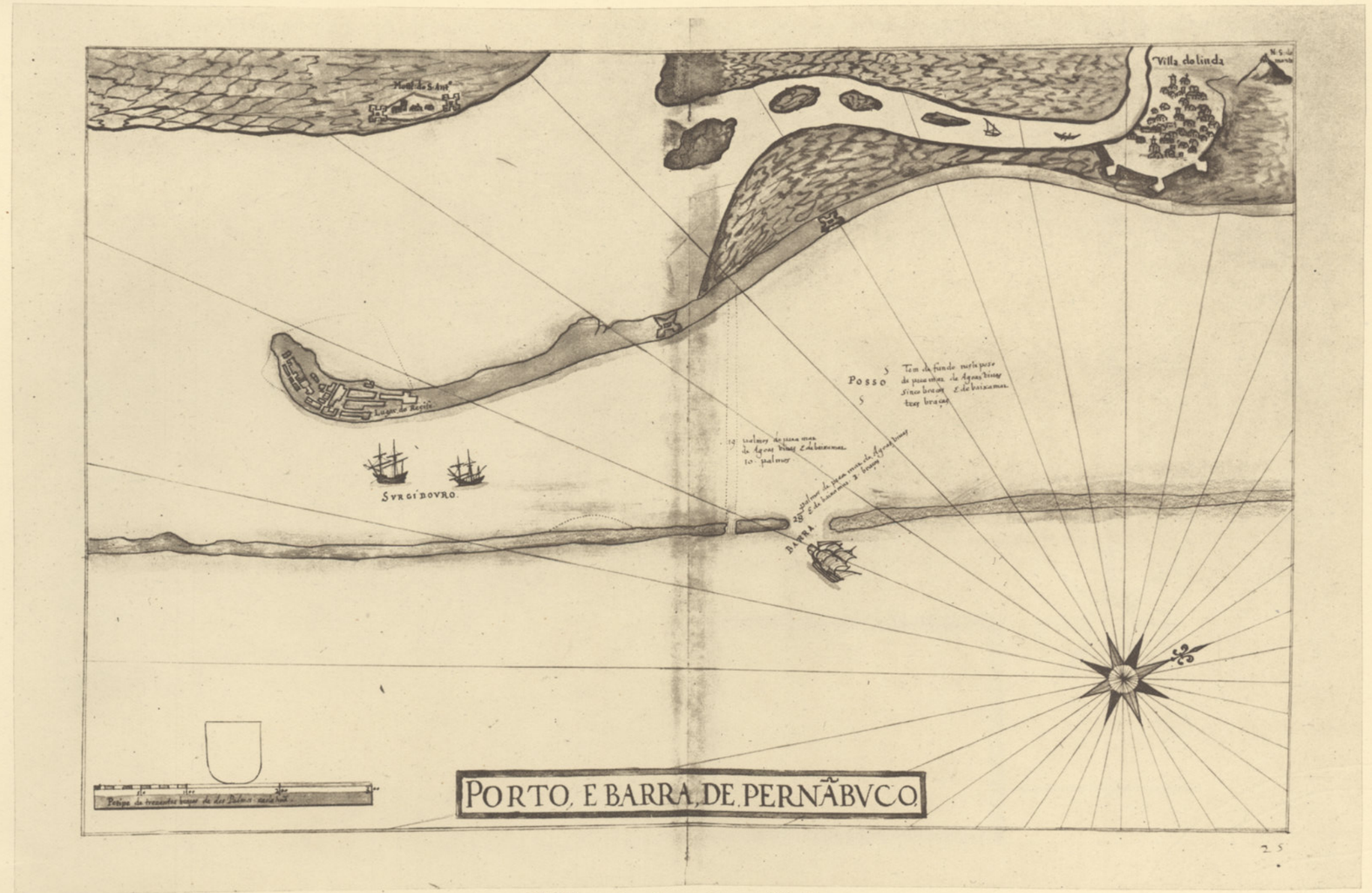
D

Vigésima quarta Carta — Twenty-fourth Chart

João Teixeira Albernaz i, 1631

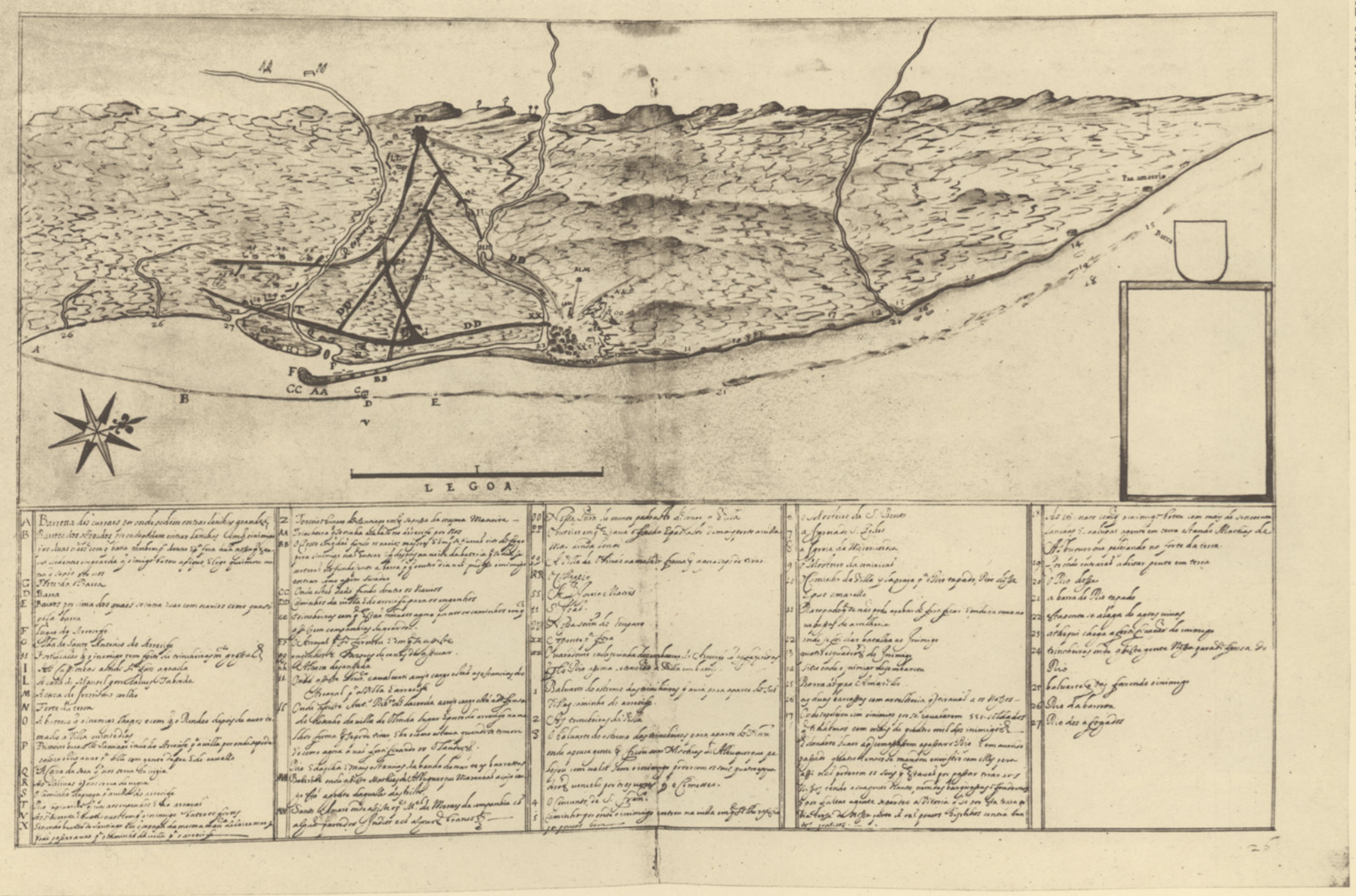
Atlas do Brasil com trinta e seis cartas — Atlas of Brazil with thirty-six charts

Ministério das Relações Exteriores, Rio de Janeiro



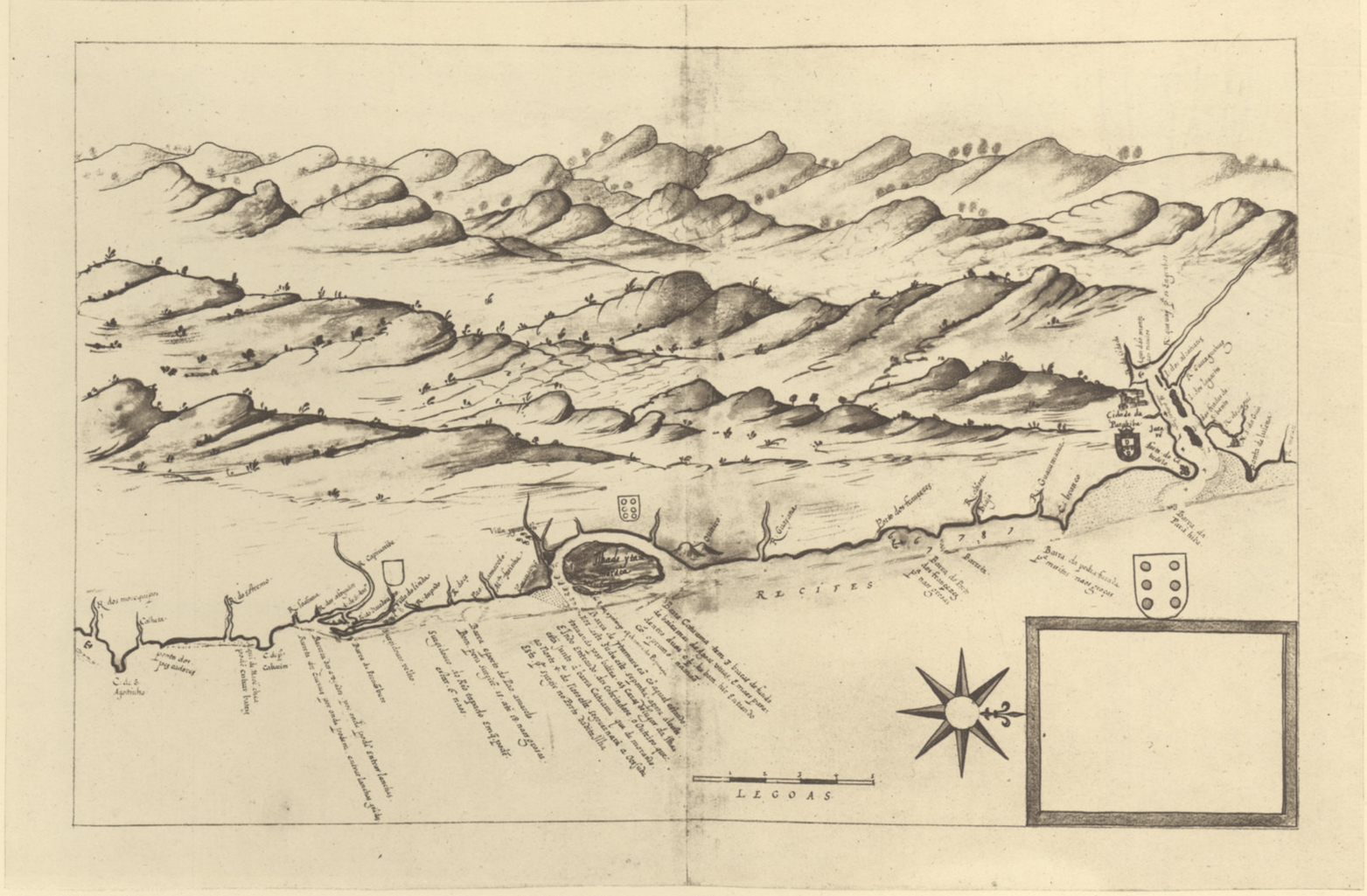
Vigésima quinta Carta — Twenty-fifth Chart

A



B

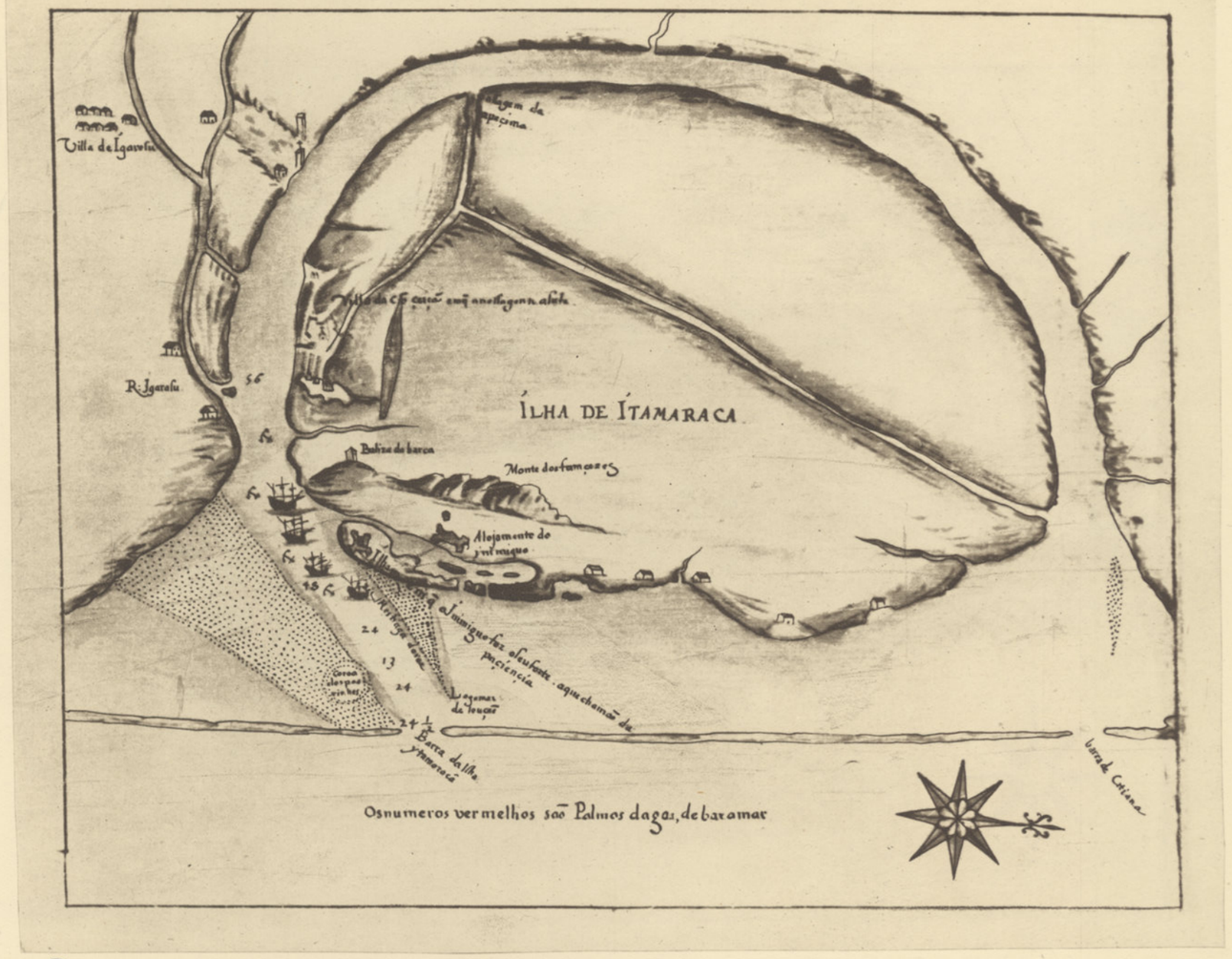
Vigésima sexta Carta — Twenty-sixth Chart



Original 445×675 mm.

Vigésima sétima Carta — Twenty-seventh Chart

C



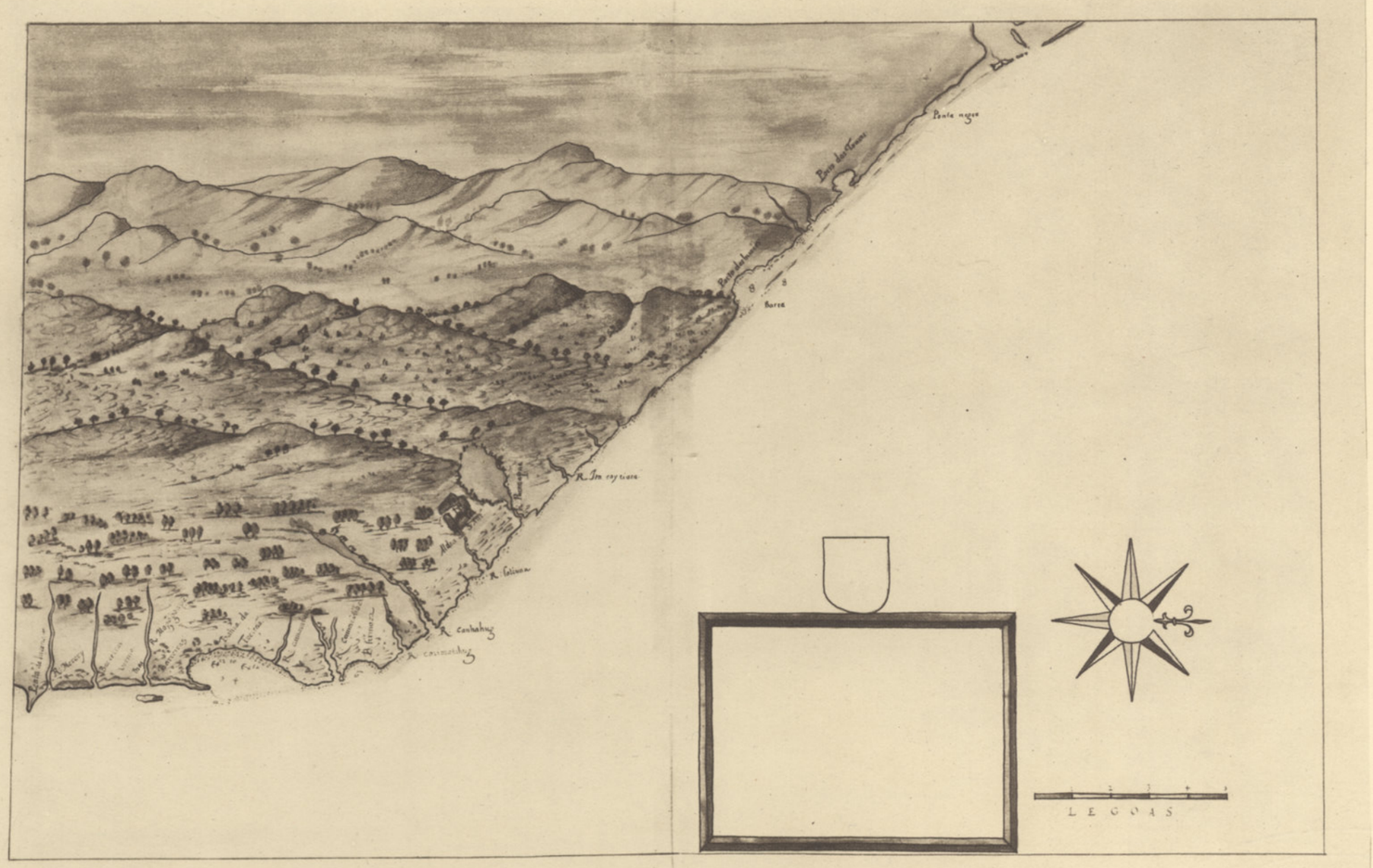
D

Vigésima oitava Carta — Twenty-eighth Chart

João Teixeira Albernaz I, 1631

Atlas do Brasil com trinta e seis cartas — Atlas of Brazil with thirty-six charts

Ministério das Relações Exteriores, Rio de Janeiro

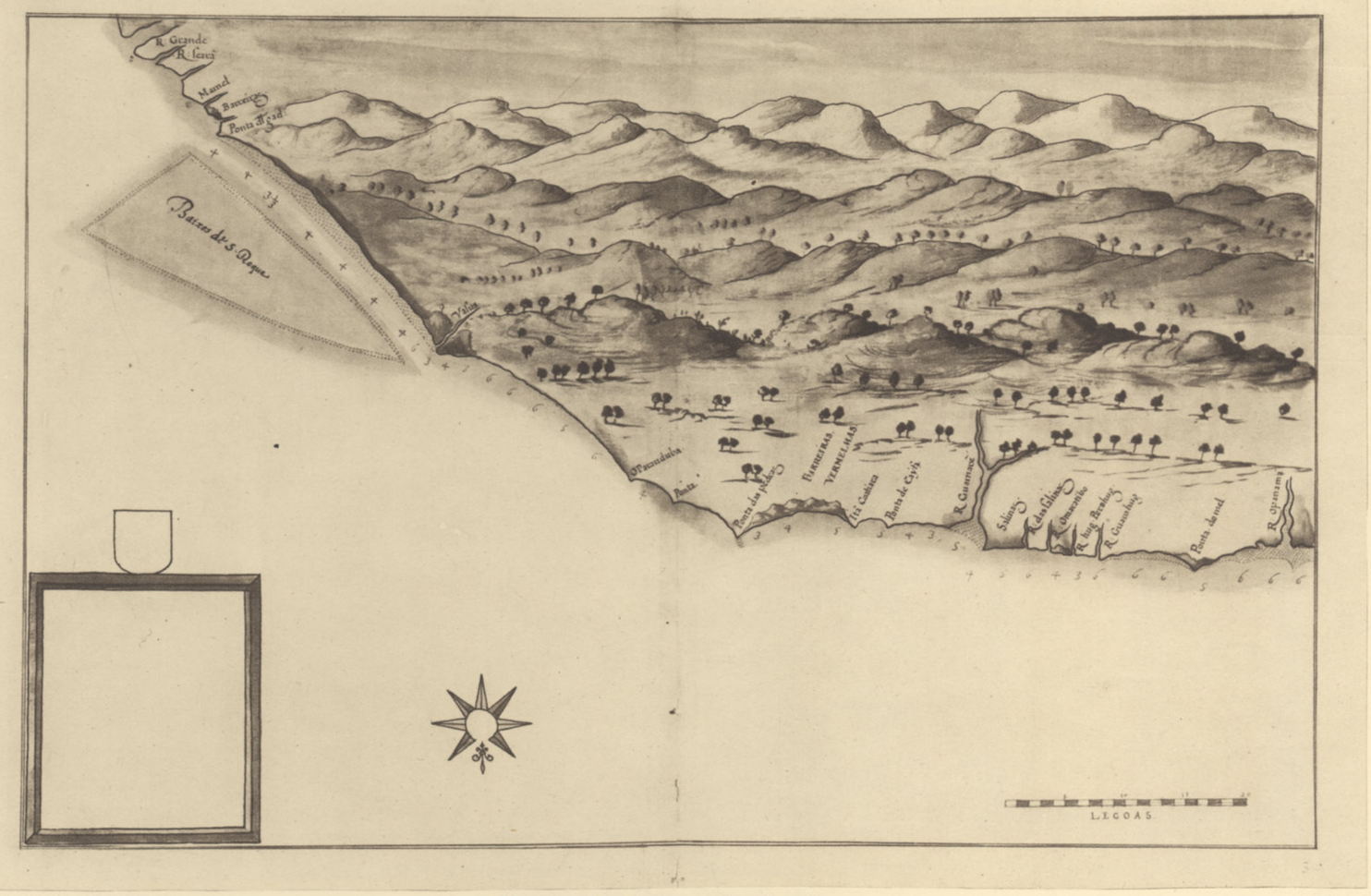


Vigésima nona Carta – Twenty-ninth Chart

A

B

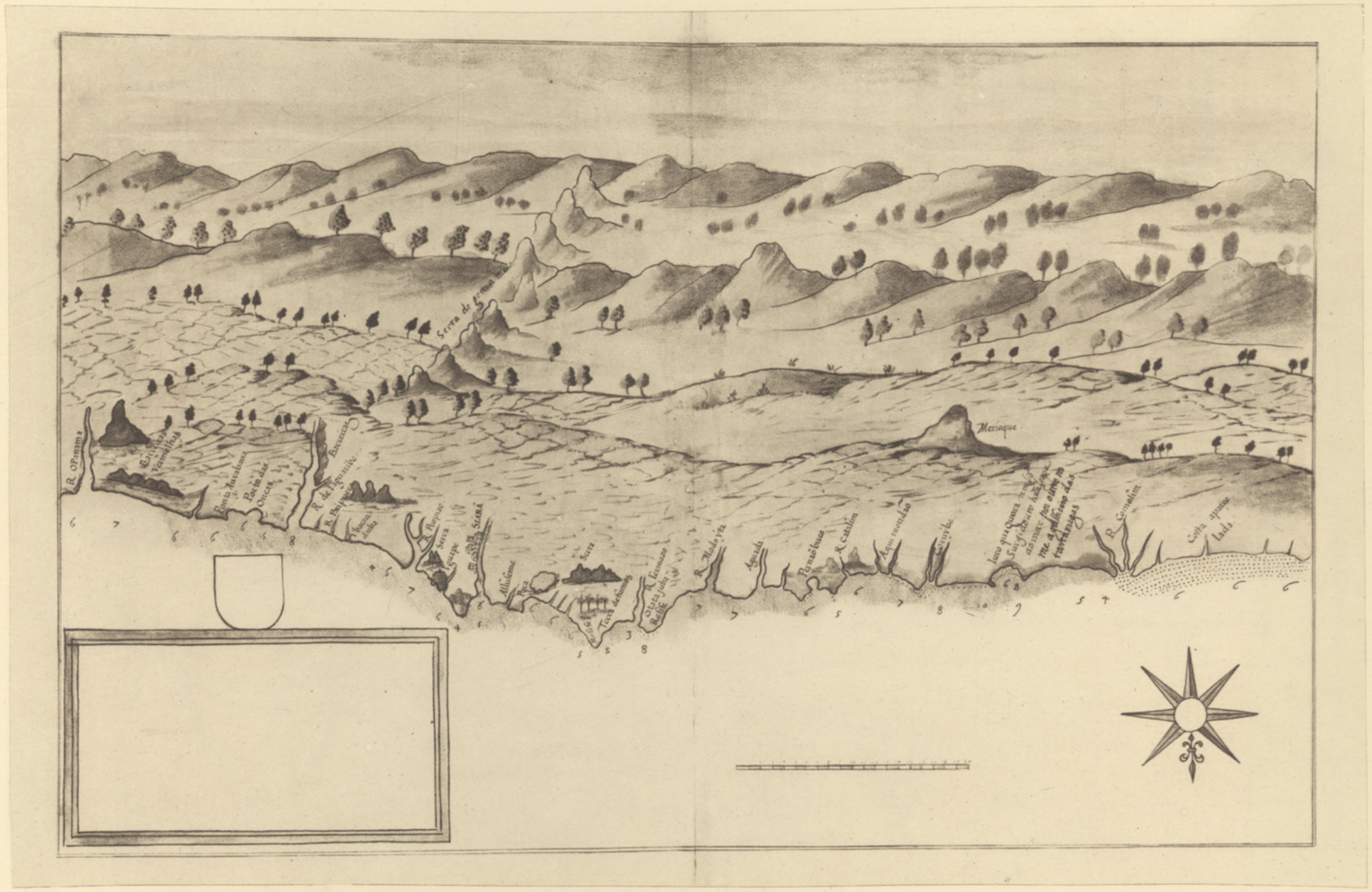
Trigésima Carta – Thirtieth Chart



Original 445×675 mm.

Trigésima primeira Carta – Thirty-first Chart

C



D

Trigésima segunda Carta – Thirty-second Chart

João Teixeira Albernaz I, 1631

Atlas do Brasil com trinta e seis cartas – Atlas of Brazil with thirty-six charts

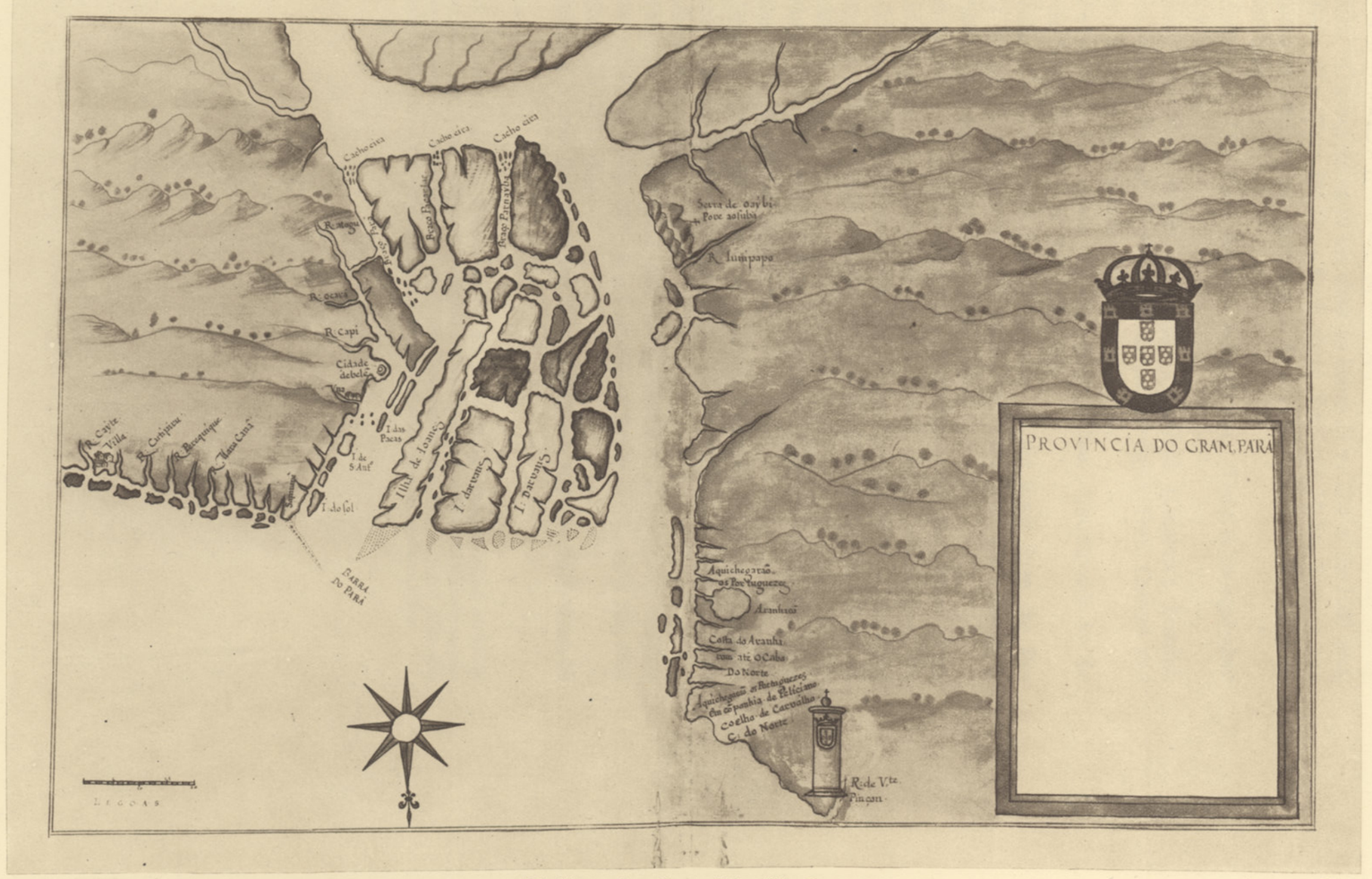
Ministério das Relações Exteriores, Rio de Janeiro

Trigésima terceira Carta — Thirty-third Chart

A

Trigésima quarta Carta — Thirty-fourth Chart

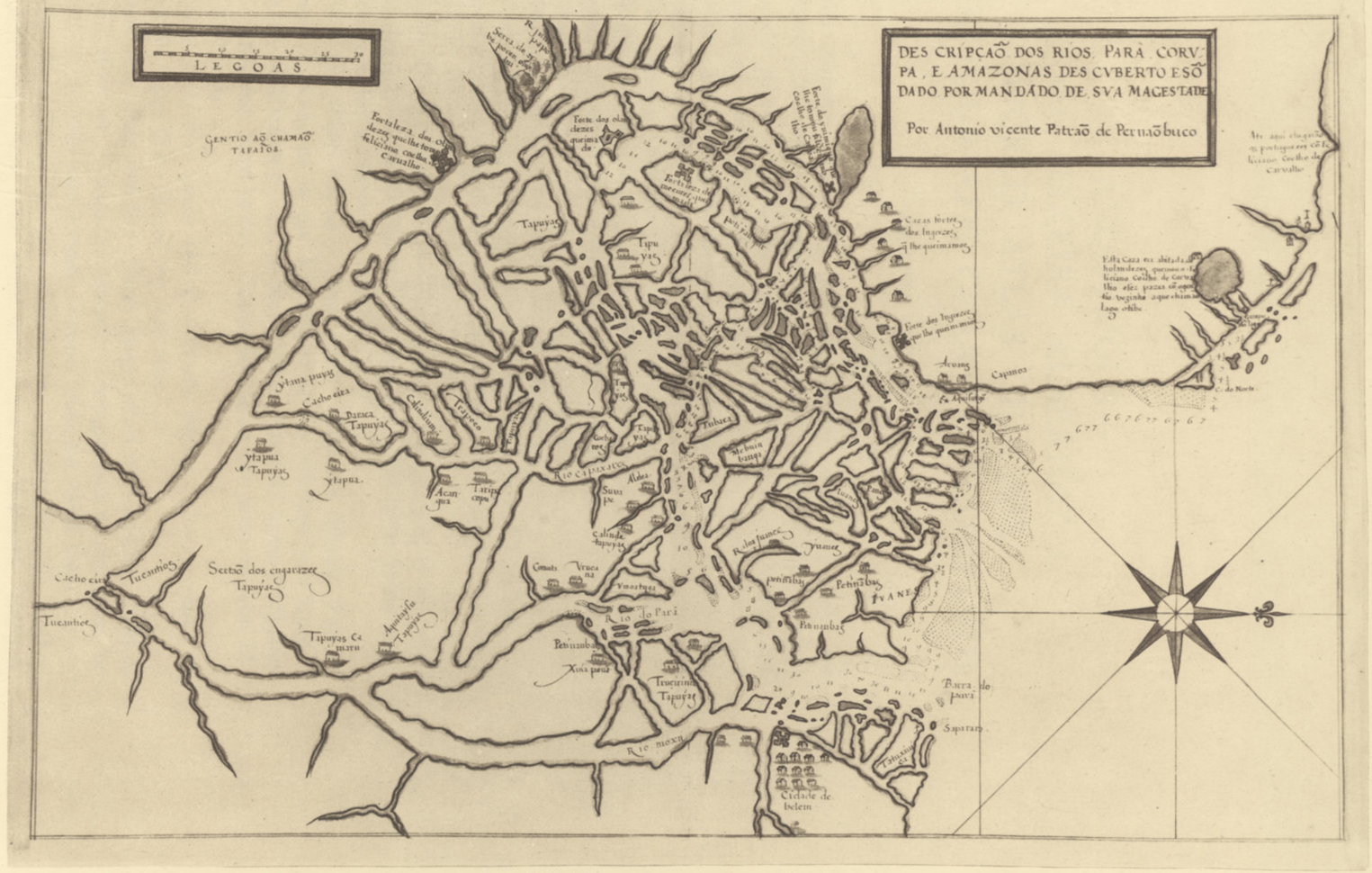
B



Original 445×675 mm.

Trigésima quinta Carta — Thirty-fifth Chart

C



Trigésima sexta Carta — Thirty-sixth Chart

D

João Teixeira Albernaz I, 1631

Atlas do Brasil com trinta e seis cartas — Atlas of Brazil with thirty-six charts

Ministério das Relações Exteriores, Rio de Janeiro

ANÓNIMO — JOÃO TEIXEIRA ALBERNAZ I, ATLAS UNIVERSAL DE c. 1632, COM CATORZE CARTAS (TRUNCADO)

ESTAMPAS 482-486

NA Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, com a cota «CAM.1.2.», existem sete folhas soltas, de pergaminho, dobradas pelo meio formando vinte e oito páginas, nas quais estão traçadas catorze cartas, manuscritas e iluminadas, todas da mesma mão, e que pertenceram seguramente a um atlas universal. As folhas existentes têm a numeração 1-3, 16-18 e 31-45, faltando por consequência, pelo menos, as que tinham os números 4-15 e 19-30, isto é, vinte e quatro páginas. Além desta numeração vê-se uma outra, indicando que o atlas pertenceu à Biblioteca de D. João VI, notando-se nalgumas cartas o carimbo da «Bibl. Nac. e Publ. da Corte». As folhas de pergaminho medem 828 × 603 mm, tendo as cartas gerais, que ocupam inteiramente uma folha, cerca de 77 × 54 cm, tamanho excepcional em atlas deste género. Pela ordem da numeração, as folhas contêm as seguintes cartas (indica-se também a correspondência com as do atlas de 1630, que tem grandes analogias com este) (1):

Fólios 1 v - 2 r (Estampa 482) — Planisfério, correspondendo à carta de fólios 2 v - 3 r do atlas de 1630. Como neste, mas não preenchido, tem na parte inferior um espaço para legendas.

Fólio 16 r (Estampa 486 E) — Três planos das *ILHAS DE MALVCO, Porto da Ilha de Anboino no Arcepelago das Malucas E ESTREITO DE MANILHA POR ONDE ENTRAÕ AS EMBARCASÕES QVE VAÕ DE ACAPVLCO ÁS PHILIPINAS E POR ELE TORNAÕ A DESẼBOCAR.* Corresponde aos planos do fólio 12 r do atlas de 1630.

Fólios 16 v - 17 r (Estampa 483 A) — Pacífico Norte. Corresponde à carta de fólios 12 v - 13 r do atlas de 1630.

Fólio 18 v (Estampa 486 F) — Três planos do *PORTO DE ACAPVLCO, PORTO DE NAVIDAD E PORTO DE SAÕ IOAÕ DE LVA.* Corresponde aos planos do fólio 13 v do atlas de 1630, faltando porém neste o último.

Fólio 31 r (Estampa 486 A) — *DESCRIPÇAÕ DE ALGṼS PORTOS NOT(A)VEIS DO MAR MEDITERRANEO,* com planos do Mar de Mármara, Galípoli, Alexandreta, Alexandria, Messina, Delta do Nilo, Palermo. Corresponde a dois dos planos do fólio 21 r e aos cinco do fólio 22 v do atlas de 1630.

Fólios 31 v - 32 r (Estampa 483 B) — *CARTA DO MAR MEDITERRANEO POR ALTURAS.* Corresponde à carta de fólios 21 v - 22 r do atlas de 1630.

Fólio 33 v (Estampa 486 D) — Quatro planos de Trapana, Malta, Taranto e Vila Franca de Niza. Corresponde aos quatro restantes planos de fólio 21 r do atlas de 1630.

Fólios 34 v - 35 r (Estampa 484 A) — Mar Adriático. Não tem equivalente no atlas de 1630.

Fólio 35 v (Estampa 486 B) — Dez planos de Galipoli (Calábria), Brindisi, Ancona, Valona, Ragusa, S. Pedro de Molata, Rovigno, Trau, Cataro e Veneza. Não tem equivalente no atlas de 1630.

Fólios 37 v - 38 r (Estampa 484 B) — Mar Egeu. Corresponde à carta de fólios 27 v - 28 r do atlas de 1630.

Fólio 40 r (Estampa 486 C) — *DESCRIPÇAÕ DA COSTA QVE VAI DO RIO GRANDE AO RIO IAGVARIBE E DELE AO SEARA E MARANHÃO,* em 2 cartas. Não tem equivalente no atlas de 1630.

Fólios 40 v - 41 r (Estampa 485 B) — *DESCRIPÇAÕ DOS RIOS PARA E MARANHAÕ.* Não tem equivalente no atlas de 1630, que mostra apenas, nos fólios 25 v - 26 r, a parte correspondente ao delta do Amazonas. Esta carta e as duas anteriores formam um pequeno atlas do novo Estado do Maranhão.

Fólios 43 v - 44 r (Estampa 485 A) — Ceilão. Corresponde à carta de fólios 33 v - 34 r do atlas de 1630.

Fólio 45 v (Estampa 486 G) — Três planos de Columbo, Manar e Gale. Os planos correspondentes vêm também no fólio 9 v do atlas de 1630, agrupados com mais nove do Oriente.

O atlas truncado parece não ter sido terminado, visto as folhas que restam conterem páginas total ou parcialmente em branco, o mesmo se verificando aliás com o atlas de 1630.

Jaime Cortesão referiu-se em 1945 pela primeira vez ao atlas truncado,

(1) Devemos a indicação da existência deste atlas ao Prof. Jaime Cortesão, e na descrição que fazemos, além das respectivas fotografias, servimo-nos principalmente da nota (de 1958) que nos enviou, pois não tivemos ocasião de examinar a obra directamente. Dessa mesma nota consta a atribuição do atlas a João Teixeira Albernaz I e a determinação da sua data, do que nos ocuparemos adiante.

ANONYMOUS — JOÃO TEIXEIRA ALBERNAZ I, WORLD ATLAS OF c. 1632, WITH FOURTEEN CHARTS (INCOMPLETE)

PLATES 482-486

IN the Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, with the class-mark «CAM.1.2.», are seven loose sheets of vellum, folded in half to make twenty-eight pages, on which are drawn fourteen charts, manuscript and illuminated, all from the same hand and undoubtedly forming part of a world atlas. The existing leaves are numbered 1-3, 16-18 and 31-45, so that at the very least those bearing the numbers 4-15 and 19-30, that is, twenty-four leaves, are missing. Besides this numeration there is another which shows that the atlas belonged to the Library of King John VI, and on some charts the stamp of the «Bibl. Nac. e Publ. da Corte» can be seen. The sheets of vellum measure 828 × 603 mm, and the general charts, which occupy a whole sheet, about 77 × 54 cm — unusually large for atlases of this kind. The leaves, in order of the numeration, bear the following charts (we also indicate correspondences to the 1630 atlas, with which this one has close affinity) (1):

Folios 1 v - 2 r (Plate 482) — Planisphere, corresponding to the chart on folios 2 v - 3 r of the 1630 atlas. This too has in the lower part a space for legends, which is, however, unfilled.

Folio 16 r (Plate 486 E) — Three plans: «Molucca Islands, Port of the Island of Amboyna in the Archipelago of the Moluccas and Strait of Manilla by which the ships enter as they go from Acapulco to the Philippines and by which they come back». Corresponding to the plans on folio 12 r of the 1630 atlas.

Folios 16 v - 17 r (Plate 483 A) — North Pacific. Corresponding to the chart on folios 12 v - 13 r of the 1630 atlas.

Folio 18 v (Plate 486 F) — Three plans: «Port of Acapulco», «Port of Navidad», «Port of S. Juan de Ulloa». Corresponding to the plans on folio 13 v of the 1630 atlas, which however lacks the third plan.

Folio 31 r (Plate 486 A) — «Description of some notable ports of the Mediterranean Sea», with plans of the Sea of Marmora, Gallipoli, Alexandretta, Alexandria, Messina, the Nile delta, Palermo. Corresponding to two plans on folio 21 r and five plans on folio 22 v of the 1630 atlas.

Folios 31 v - 32 r (Plate 483 B) — «Chart of the Mediterranean Sea by latitudes». Corresponding to the chart on leaves 21 v - 22 r of the 1630 atlas.

Folio 33 v (Plate 486 D) — Four plans: Trapana, Malta, Taranto and Villafranca of Nice. Corresponding to four other plans on folio 21 r of the 1630 atlas.

Folios 34 v - 35 r (Plate 484 A) — Adriatic Sea. There is no equivalent in the 1630 atlas.

Folio 35 v (Plate 486 B) — Ten plans: Gallipoli (Calabria), Brindisi, Ancona, Valona, Ragusa, S. Pietro di Molata, Rovigno, Trau, Cattaro and Venice. There is no equivalent in the 1630 atlas.

Folios 37 v - 38 r (Plate 484 B) — Aegean Sea. Corresponds to the chart on folios 27 v - 28 r of the 1630 atlas.

Folio 40 r (Plate 486 C) — «Description of the coast from the Rio Grande to the Rio Jaguaribe and thence to Seará and Maranhão», in two charts. No equivalent in the 1630 atlas.

Folios 40 v - 41 r (Plate 485 B) — «Description of the Rivers Pará and Maranhão». No equivalent in the 1630 atlas, which has, on folios 25 v - 26 r, the part corresponding to the Amazon delta. This chart and the two which precede it constitute a little atlas of the new State of Maranhão.

Folios 43 v - 44 r (Plate 485 A) — Ceylon. Corresponding to the chart on folios 33 v - 34 r of the 1630 atlas.

Folio 45 v (Plate 486 G) — Three plans: Colombo, Mannar and Galle. The corresponding plans are on folio 9 v of the 1630 atlas, grouped with nine others in the East.

That the incomplete atlas was never finished is suggested by the fact that the surviving leaves have pages wholly or partly blank, as is the case with the 1630 atlas also.

Jaime Cortesão first recorded this incomplete atlas in 1945, when he

(1) We owe our knowledge of the existence of this atlas to Professor Jaime Cortesão, and in our description, besides photographs, we have mainly depended on the notice (written in 1958) which he sent us, since we have had no opportunity of examining the original work. In this notice we find the attribution of the atlas to João Teixeira Albernaz I and the determination of its date, both of which questions we discuss below.

considerando-o de c. 1628 ou c. 1630 (2) e atribuindo-o a João Teixeira. Na sua referida nota acentuou que «o carácter predominantemente hidrográfico, o estilo cartográfico, a caligrafia, a semelhança do traçado geográfico e até a mesma ordem, quase sempre mantida na seriação das cartas», provam que o autor é o mesmo do atlas de Washington. Apesar de truncado, o atlas do Rio de Janeiro contém a mais a carta do Adriático, os dez planos do Adriático e sul da Itália, o plano de *S. João de Lua,* e as três cartas do Estado do Maranhão. «Esta maior riqueza de informação geográfica, principalmente no que respeita às últimas cartas, levar-nos-ia a concluir que ele seja posterior em data ao de Washington. Mas a carta geral do mundo, neste último, é mais rica de novidades geográficas que no primeiro. Este facto observa-se mais designadamente em relação à América do Sul. Sob este ponto de vista, a única vantagem, e notável, do atlas do Rio sobre o de Washington, está em representar, sumária, mas claramente a comunicação entre o Orenoco e um afluente do Amazonas, ou seja o Negro. Em compensação, o de Washington, além de uma nomenclatura geográfica muito mais rica, apresenta grandes progressos na representação do Paraná, do Tocantins e do São Francisco e das respectivas conexões, por meio dos seus afluentes. Porventura, quando algum dia se conheçam as cartas hoje perdidas do Atlas do Rio, seja possível chegar a uma conclusão mais segura. Por enquanto, afigura-se-nos acertado atribuir-lhe a data de cerca de 1630» (3).

A atribuição do atlas a João Teixeira Albernaz I afigura-se-nos indiscutível, parecendo-nos também que ele foi feito em data muito perto daquela do de Washington, a qual vamos tentar estabelecer com mais aproximação. Assim o planisfério e a carta do Pacífico Norte do atlas do Rio de Janeiro apresentam mais algumas ilhas, no Pacífico Central e nas proximidades das Ilhas Salomão, do que as cartas correspondentes do atlas de Washington, sendo o sistema hidrográfico do Industão mais próximo do atlas de 1643 do que do último. Também a carta de Ceilão apresenta algumas diferenças no contorno geral do litoral, que parece mais esquemático no atlas de Washington. Estes indícios, acrescidos do facto de o atlas do Rio de Janeiro conter a mais as três cartas que constituem o pequeno atlas do Estado do Maranhão, fazem supor que ele é mais moderno do que o de Washington. A comparação com o atlas do Brasil de 1631 comprova tal ideia, pois no Maranhão pròpriamente dito registam-se vários progressos, em relação àquele, no atlas truncado do Rio de Janeiro, o qual por sua vez está em atraso, no que se refere à mesma zona, com respeito ao atlas de 1642. Em resumo, afigura-se-nos que o atlas truncado é ligeiramente mais moderno que os atlas de 1630 e 1631, pelo que o datamos de c. 1632.

Jaime Cortesão aponta ainda que o atlas em questão é traçado em pergaminho, ao contrário da maioria dos atlas da época, feitos em papel, sendo excepcionalmente grande e primorosamente executado, pelo que tem carácter principesco, impressão que aumenta se o compararmos com o atlas de Washington, bem menos opulento embora encomendado pelo Conde de Atouguia: «Tomando ainda em conta que ele pertencia à Biblioteca de D. João VI, inclinamo-nos para que o atlas do Rio de Janeiro tenha sido encomendado pelo Duque de Bragança que, volvidos aproximadamente dez anos, seria o rei D. João IV. Ele teria sido assim o melhor testemunho duma cultura e de um Império em derrocada e o estímulo e a solicitação permanente no ânimo do Duque para a restauração da Independência portuguesa, que veio a dar-se em 1640, com tão fecundas consequências para o Brasil».

(2) *Curso de História da Cartografia, Geografia das Fronteiras do Brasil e Mapoteconomia,* realizado no Ministério das Relações Exteriores, Capítulos 14 e 16. Rio de Janeiro 1945 (folhas mimeografadas).

(3) Nota referida em (1).

dated it c. 1628 or c. 1630 (2) and ascribed it to João Teixeira. In his note he calls attention to «its predominantly hydrographic character, the cartographic style, the calligraphy, the similarity of the geographical outline, and even the same order, which is almost always maintained in the arrangement of the charts», as evidence that it was drawn by the author of the Washington atlas. Although incomplete, the Rio de Janeiro atlas has the Adriatic chart, the ten plans in the Adriatic and south Italy, the plan of S. Juan de Ulloa, and the three charts of Maranhão, all of which are wanting in the Washington atlas. «This greater wealth of geographical information, mainly in respect of the last charts, points to the conclusion that the atlas is later in date than that of Washington. But in the latter the world chart is richer in new geographical data than in the former. This difference is more apparent in regard to South America. From this point of view, the unique — though significant — superiority of the Rio atlas over the Washington one lies in its summary but unmistakable representation of a link between the Orinoco and a tributary of the Amazon, the Negro. On the other hand, the Washington atlas, besides its much richer geographical nomenclature, shows great advances in the delineation of the Paraná, the Tocantins, the São Francisco and their connections with one another by tributaries. If and when the missing charts of the Rio de Janeiro atlas come to light, it may be possible to reach a more confident conclusion. Meanwhile we think ourselves justified in dating it about 1630» (3).

The attribution of the atlas to João Teixeira Albernaz I seems to us indisputable. We also think the date of its execution very close to that of the Washington atlas, and shall attempt to determine it more precisely. Thus the planisphere and the North Pacific chart in the Rio de Janeiro atlas show more islands, in the Central Pacific and neighbourhood of the Solomon Islands, than are found in the corresponding charts of the atlas in the Library of Congress, and the river system of Hindustan has more affinity with the atlas of 1643 than with that of 1630. The chart of Ceylon also shows some differences in the general outline of the coast, which is more schematic in the Washington atlas. These clues, together with the fact that the Rio de Janeiro atlas adds also the three charts constituting a little atlas of the State of Maranhão, suggest that it is later than the Washington atlas. This is confirmed to a certain degree by comparison with the 1631 atlas of Brazil, which, in regard to Maranhão proper, lacks some improvements found in the incomplete atlas at Rio, which in turn lags behind the 1642 atlas in its delineation of this region. In short, we think that the incomplete atlas is slightly later than the atlases of 1630 and 1631, and we therefore date it c. 1632.

Jaime Cortesão also points out that the atlas in question is drawn on vellum, unlike most contemporary atlases, which were on paper, and that its exceptional dimensions and magnificent workmanship give it a princely character — an impression which is strengthened by comparison with the Washington atlas, so much less magnificent although commissioned by the Count de Atouguia: «Taking into account the fact that it belonged to the Library of King John VI, we are inclined to think that the Rio de Janeiro atlas may have been commissioned by the Duke of Bragança, who, some ten years later, was to become King John IV. Thus it would have been the best testimony to a culture and an Empire in decline and an incentive and permanent longing, in the Duke's mind, for the restoration of Portuguese Independence, which was to be achieved in 1640 with such fruitful consequences for Brazil».

(2) *Curso de História da Cartografia, Geografia das Fronteiras do Brasil e Mapoteconomia,* delivered in the Ministério das Relações Exteriores, Chapters 14 and 16. Rio de Janeiro 1945 (mimeographed).

(3) Notice cited in note (1).

TERRA INCOGNITA SEPTENTRIONAL
FRIGIDA ZONA
PARTE DE ASIA
ANIAN
AMERICA
TERRA DOS LAVRADORES TERRANOVA
NOVA FRANCA
VIRGINIA
FLORIDA
NOVA ES. PANNA
QVIVIRA
TEMPERATA ZONA
TROPICVS CANCRI
TORRIDA
CIRCVLVS ÆQVINOCTIALIS
ZONA
TROPICVS CAPRICORNI
TEMPERATA ZONA
TERRA INCOGNITA AVSTRAL
CIRCVLVS ANTARCTICVS
FRIGIDA ZONA
CIRCVLVS ARCTICVS
MOSCOVIA
EVROPA
ASIA TARTARIA
ASTRACAN
PERSIA
INDIA
BERBERIA
NVMIDIA
LIBIA
ARABIA PETREA
ARABIA DESERTA
ARABIA FELIX
ETHIOPIA
ABASSIA
ANZICOS
NOVA GVINEA
Terra que descobrio o Capitaõ pr fez de quiros
Ilhas das Velas
Ilhas de Salamão
NOVA GRANADA
BRASIL
CHI
LE
CHINA
INDIA
SAMATRA
JAVA
NOVA ANTARA
ENDRACHET
MONOMOTAPA
ZANGVEBAR
MELINDA
MALINDA
MOMBASA
ZEILA
MECA
TANGVT
CATAI
TEBET
AGRA
DELI
BENGALA
PEGV
PINAS
Ilhas de Maldiua
TVRCHES TAN
CORASONE
SINDI
MOGOR
NATOLIA
ARMENIA
CAMARAN
CARAMANIA
CAHARA
TVNIS
FEZ
TREBIZONDA
VECHIA
PERSIA
Ilhas Canarias
Ilhas de Cabo Verde
Ilhas Terceiras
Ilhas dos Açores
Ilhas de Cabo Verde
Ilhas de Cabo Verde
Ilhas de Cabo Verde

A

Fol. 16 v.-17 r.

B

Fol. 31 v.-32 r.

Original 603×828 mm.

ANÓNIMO-JOÃO TEIXEIRA ALBERNAZ I, c. 1632

Atlas universal, truncado – World atlas, incomplete

Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro

A

Fol. 34 v.-35 r.

B

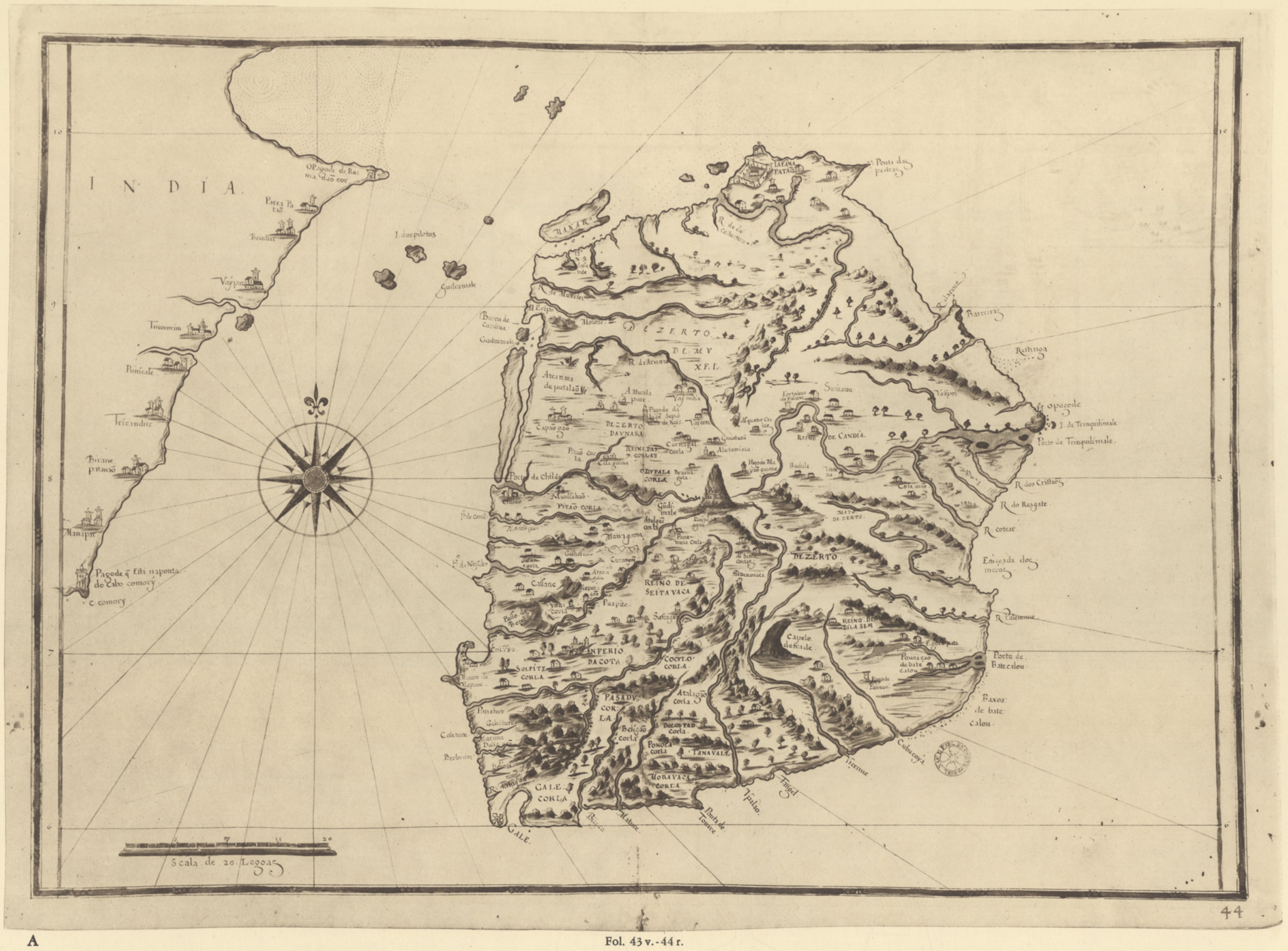
Fol. 37 v.-38 r.

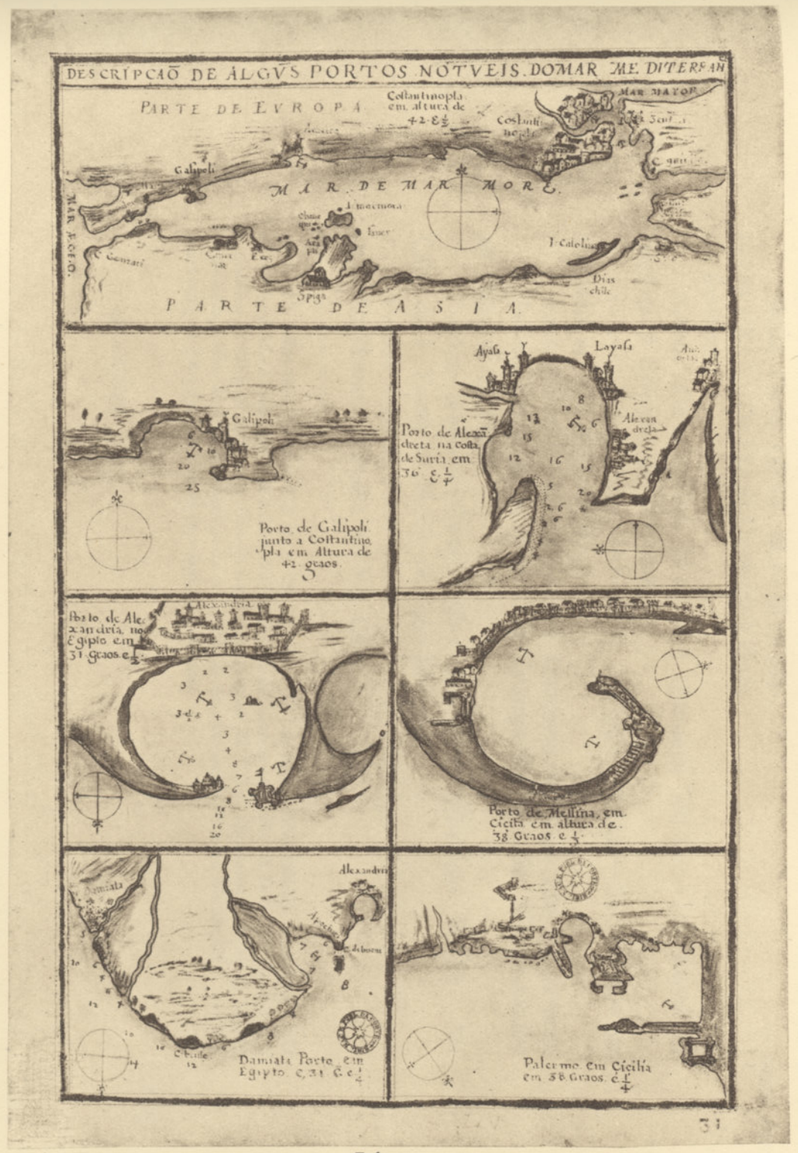
Original 603×828 mm.

ANÓNIMO-JOÃO TEIXEIRA ALBERNAZ I, c. 1632

Atlas universal, truncado—World atlas, incomplete

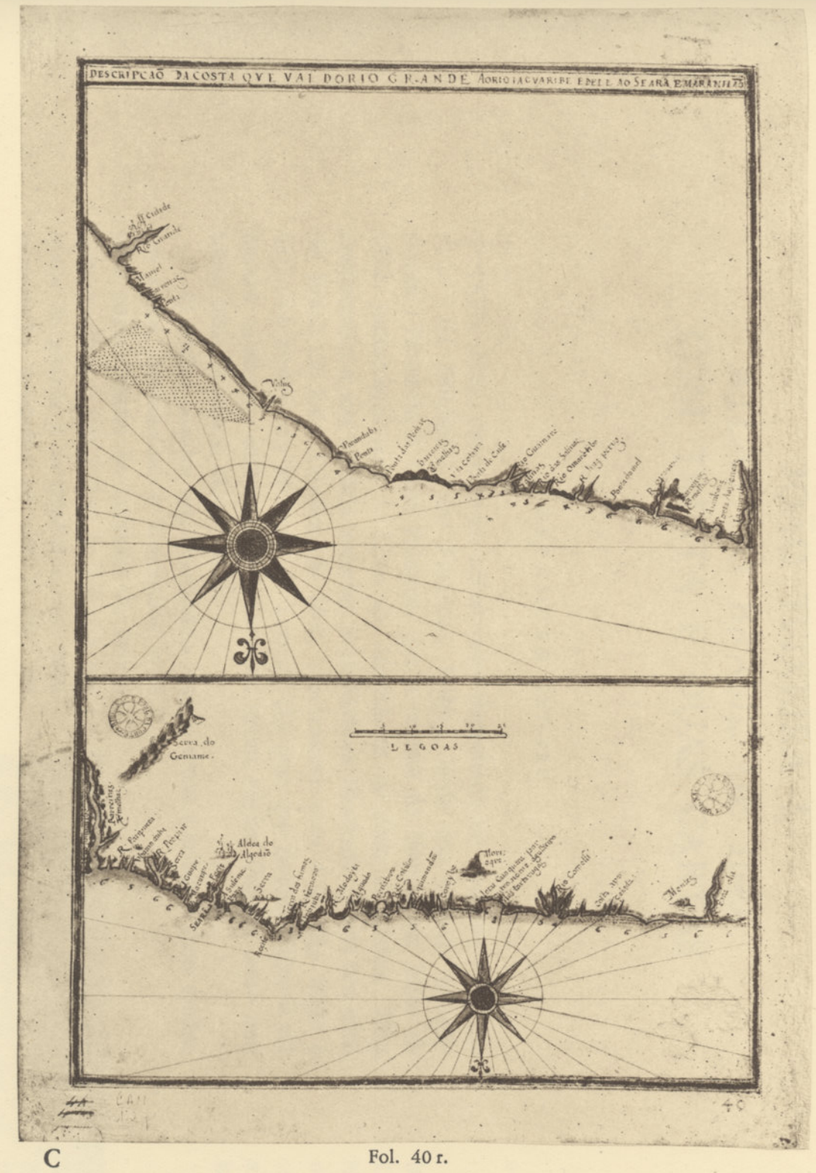
Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro


INDIA
Pagode de Rasma Candaõ cor
Pagode q̃ fiti naponta de Calo comory
C. comory
Manapar
Tuticorim
Punicale
Cochim
Cranganor
Pimenta
Cananor
Mangalor
Barcelor
Goa
Dabul
Chaul
Baçaim
Tanaa
Dio
Diu
Cambaia
Ormuz
Mascate
Calaiate
Adem
Meca
Judá
Cairo
Alexandria
Veneza
Roma
Napoles
Sicilia
Malta
Gibraltar
Lisboa
Cabo de Boa Esperança
Cabo de Agulhas
Cabo de Boa Esperança
Cabo de Boa Esperança
Cabo de Boa Esperança

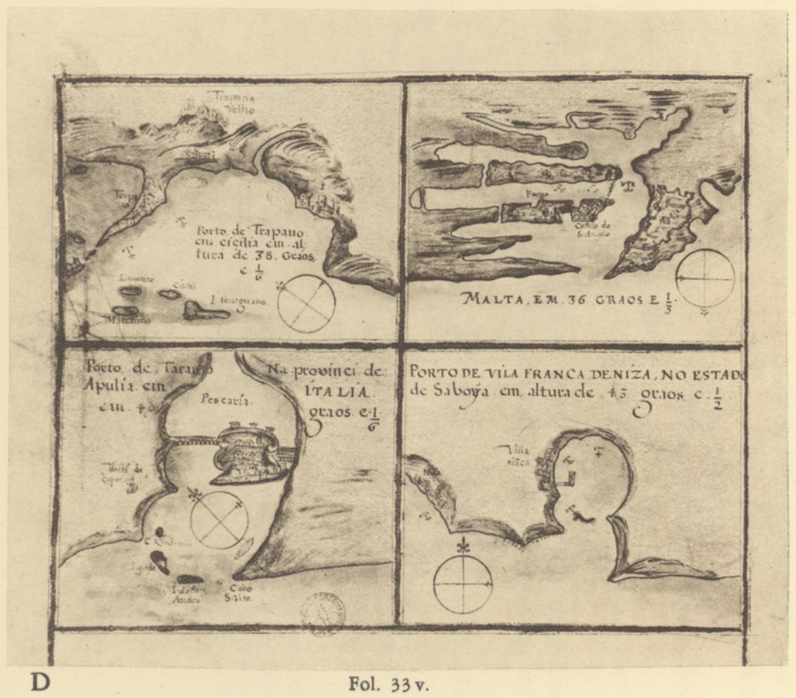


A Fol. 31 r.

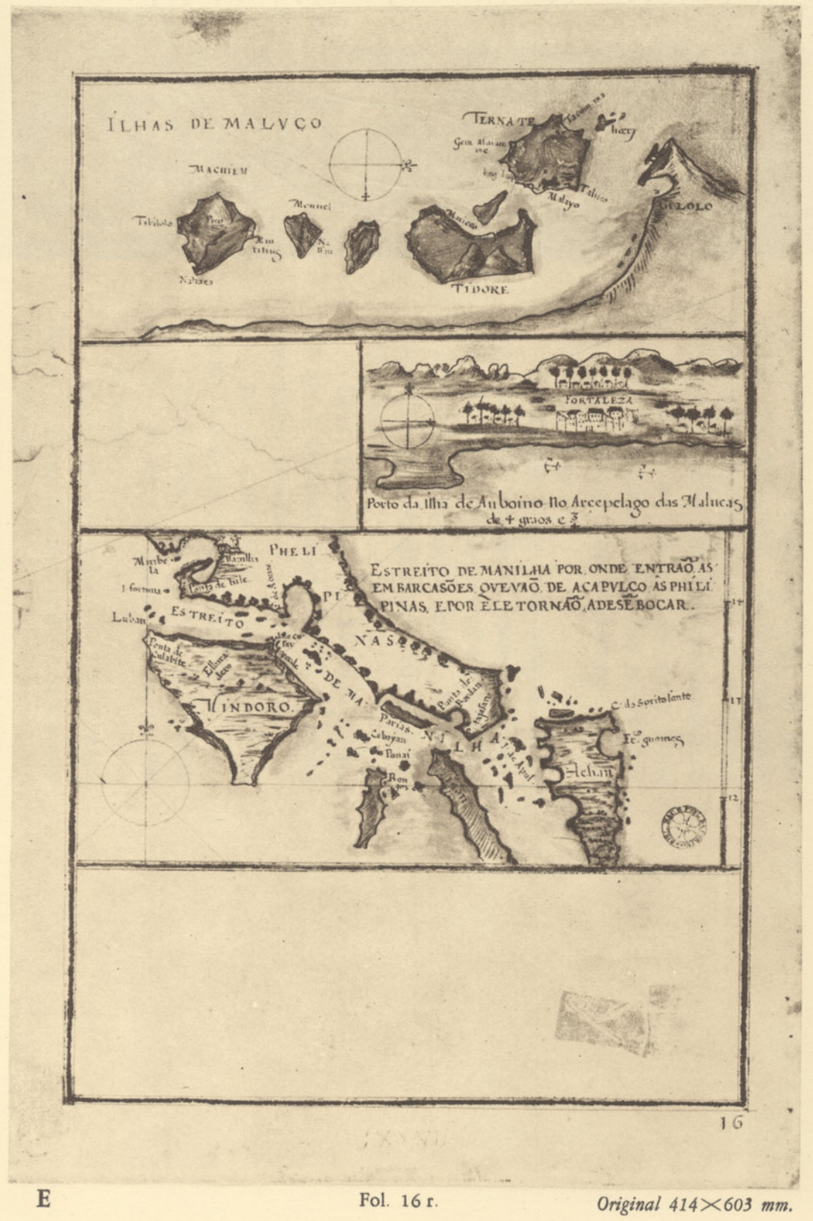
B Fol. 35 v.



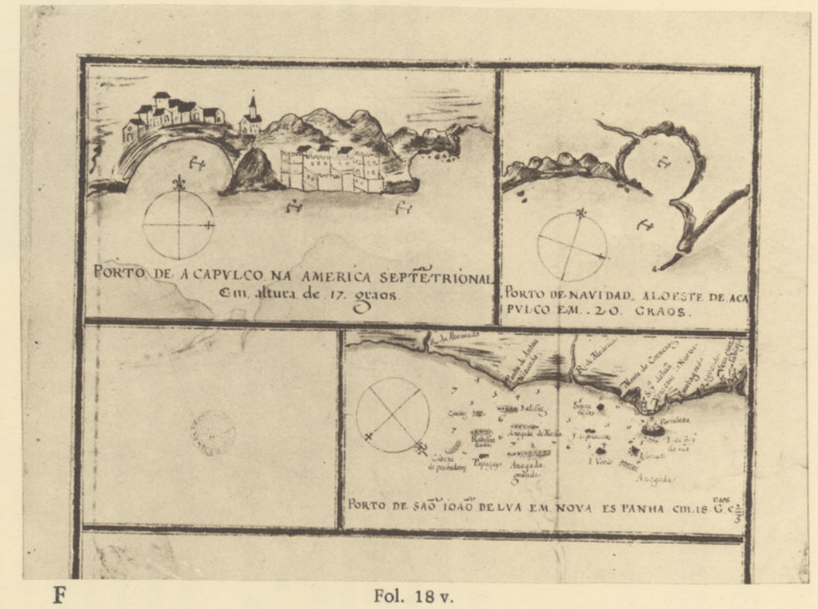
C Fol. 40 r.



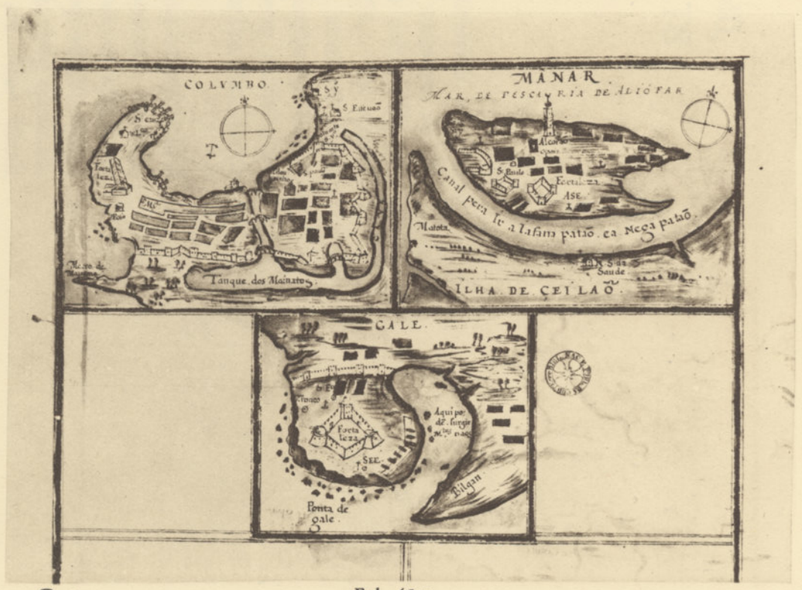
D Fol. 33 v.



E Fol. 16 r. *Original 414×603 mm.*



F Fol. 18 v.



G Fol. 45 v.

Anónimo-João Teixeira Albernaz I, c. 1632

Atlas universal, truncado – World atlas, incomplete

Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro

JOÃO TEIXEIRA I, ATLAS DO BRASIL DE 1640, COM TRINTA E DUAS CARTAS

(UM ORIGINAL E SETE CÓPIAS)

ESTAMPAS 487-496

ESTA obra encontra-se actualmente depositada no Arquivo Histórico do Ministério das Finanças, Lisboa, onde deu entrada recentemente. Pertencia à Casa Palmela, que a vendeu ao Estado em Julho de 1954, juntamente com o *Livro de Marinharia de João de Lisboa.* Não conhecemos a sua história anterior, mas Barbosa Machado referiu um atlas do Brasil de João Teixeira, de 1640, exactamente com o mesmo título e então na livraria do Marquês do Louriçal (1), pelo que poderá tratar-se do mesmo exemplar, embora a existência de várias cópias datadas desse ano torne mais incerta a identificação.

O códice contém um frontispício com o título e trinta e uma cartas, em papel, manuscritas e iluminadas, com uma encadernação de carneira da época. Tem noventa e três folhas, a primeira das quais de guarda e as seguintes com uma numeração moderna só até à 25. No princípio tem quatro folhas em branco, o mesmo sucedendo no fim. As cartas estão traçadas em folhas duplas carceladas pelo meio, ocupando assim o verso de uma folha simples e o rosto da seguinte. Cada carta é precedida de uma folha contendo um texto a ela relativo (Vide *Apêndice*). O códice mede exteriormente 212 × 296 mm, e as cartas, quando abertas, 296 × 416 mm, tendo o desenho cerca de 235 × 375 mm.

Frontispício (*fólio 2 r*) (Figura 22) — Contém o título dentro de uma moldura: «*DESCRIPÇÃO DE TODO O MARITIMO DA TERRA DE S. CRVZ CHAMADO VVLGARMENTE, O BRAZIL.* Feito por Ioão Teixeira Cosmographo de sua Magestade. Anno de 1640».

Primeira Carta (*fólios 3 v - 4 r*) (Estampa 487 A) — Carta geral, *TERRA DE SANTA CRUZ AQVE CHAMÃO BRASIL.*

Segunda Carta (*fólios 6 v - 7 r*) (Estampa 487 B) — Estuário do Rio da Prata.

Terceira Carta (*fólios 9 v - 10 r*) (Estampa 487 C) — Do Cabo de Santa Maria ao Rio Grande.

Quarta Carta (*fólios 12 v - 13 r*) (Estampa 488 A) — Do Rio Grande ao Rio de S. Francisco.

Quinta Carta (*fólios 15 v - 16 r*) (Estampa 488 B) — Do Rio de S. Francisco à Ilha da Cananeia.

Sexta Carta (*fólios 18 v - 19 r*) (Estampa 488 C) — Da Ilha da Cananeia à Barra da Bertioga.

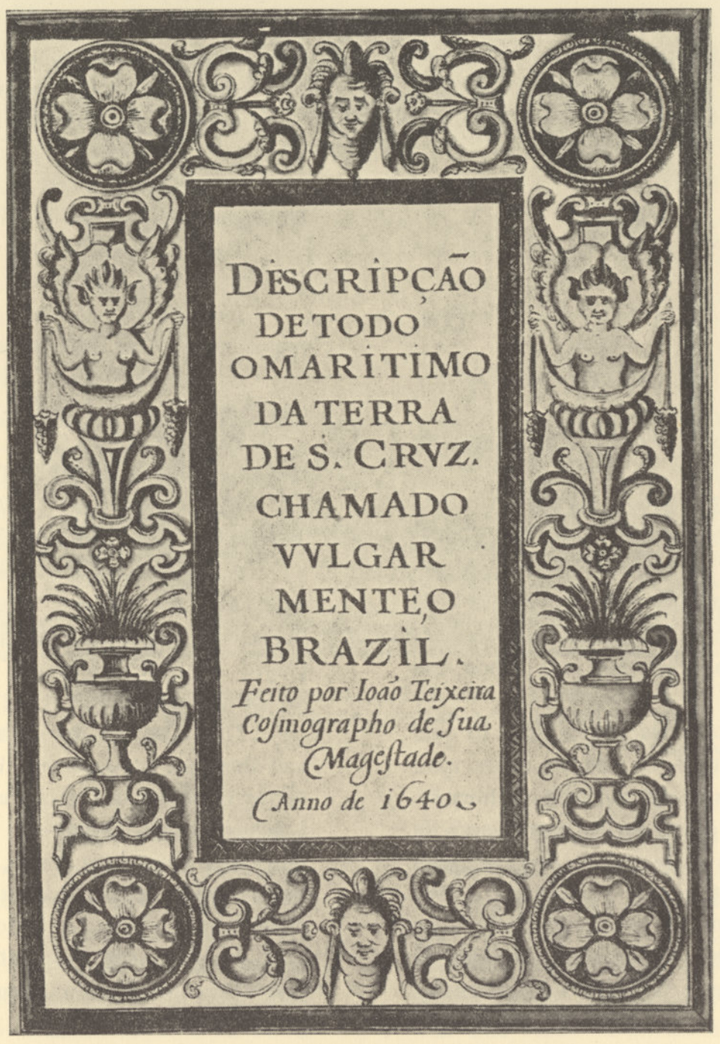


FIG. 22 — FRONTISPÍCIO DO ATLAS ORIGINAL DE JOÃO TEIXEIRA, 1640
TITLE-PAGE OF THE ORIGINAL ATLAS OF JOÃO TEIXEIRA, 1640

Arquivo Histórico do Ministério das Finanças, Lisboa

Sétima Carta (*fólios 21 v - 22 r*) (Estampa 488 D) — Da Barra da Bertioga à Enseada de Ubatuba.

Oitava Carta (*fólios 24 v - 25 r*) (Estampa 489 A) — Da Enseada de Ubatuba ao Rio de Janeiro.

Nona Carta (*fólios 27 v - 28 r*) (Estampa 489 B) — Rio de Janeiro.

Décima Carta (*fólios 30 v - 31 r*) (Estampa 489 C) — Do Rio de Janeiro ao Cabo de S. Tomé.

Décima primeira Carta (*fólios 33 v - 34 r*) (Estampa 489 D) — Do Cabo de S. Tomé ao Morro de João Moreno.

Décima segunda Carta (*fólios 36 v - 37 r*) (Estampa 490 A) — Do Morro de João Moreno à Ponta do Rio Doce.

(1) *Bibliotheca Lusitana,* Vol. II, p. 174. Lisboa 1747. Aí se lê: «João Teixeira Cosmographo mór de S. Magestade, e muito perito nas disciplinas Mathematicas compoz em o anno de 1640. *Descripção de todo o maritimo da Terra de Santa Cruz chamado vulgarmente o Brazil.* M. S. fol. Conserva-se com varios Mappas illuminados, e com diversas declaraçoens em a Livraria do Excellentissimo Marquez do Louriçal». É esta a única obra de João Teixeira referida por Barbosa Machado.

JOÃO TEIXEIRA I, ATLAS OF BRAZIL OF 1640, WITH THIRTY-TWO CHARTS

(ONE ORIGINAL AND SEVEN COPIES)

PLATES 487-496

THIS work is now preserved in the Arquivo Histórico of the Ministério das Finanças, Lisbon, which recently acquired it. It belonged to the Casa Palmela, Lisbon, by which it was sold, with the *Livro de Marinharia de João de Lisboa,* in July 1954. Its earlier history is unknown, but Barbosa Machado recorded an atlas of Brazil of 1640 by João Teixeira, then in the library of the Marquis do Louriçal, with exactly the same title (1), and this may be the very manuscript, although the existence of several copies similarly dated makes the identification uncertain.

The codex has a title-page and thirty-one charts, drawn on paper and illuminated, in a contemporary binding. There are ninety-three leaves, of which the first is a fly-leaf and those which follow have a modern numeration only up to 25. At the beginning there are four blank leaves, and at the end four more. The charts are drawn on double leaves, folded down the middle, each chart occupying the verso of a single leaf and the recto of the succeeding leaf. Each of the charts is preceded by a leaf bearing a text relating to it (see *Apendix*). The external dimensions of the codex are 212 × 296 mm; those of the charts when open, 296 × 416 mm; and those of the drawing about 235 × 375 mm.

Title-page (*folio 2 r*) (Figure 22) — Has the title within a frame: «Description of all the Seaboard of the Land of S. Cruz commonly called Brazil. Made by João Teixeira, Cosmographer of His Majesty, in the Year 1640».

First Chart (*folios 3 v - 4 r*) (Plate 487 A) — General chart, «Land of Santa Cruz called Brazil».

Second Chart (*folios 6 v - 7 r*) (Plate 487 B) — Estuary of the River Plate.

Third Chart (*folios 9 v - 10 r*) (Plate 487 C) — From C. Santa Maria to the Rio Grande.

Fourth Chart (*folios 12 v - 13 r*) (Plate 488 A) — From the Rio Grande to the Rio de S. Francisco.

Fifth Chart (*folios 15 v - 16 r*) (Plate 488 B) — From the Rio de S. Francisco to the Island of Cananea.

Sixth Chart (*folios 18 v - 19 r*) (Plate 488 C) — From the Island of Cananea to the Bar of Bertioga.

Seventh Chart (*folios 21 v - 22 r*) (Plate 488 D) — From the Bar of Bertioga to the Gulf of Ubatuba.

Eighth Chart (*folios 24 v - 25 r*) (Plate 489 A) — From the Gulf of Ubatuba to Rio de Janeiro.

Ninth Chart (*folios 27 v - 28 r*) (Plate 489 B) — Rio de Janeiro.

Tenth Chart (*folios 30 v - 31 r*) (Plate 489 C) — From Rio de Janeiro to C. São Tomé.

Eleventh Chart (*folios 33 v - 34 r*) (Plate 489 D) — From C. São Tomé to Hill João Moreno.

Twelfth Chart (*folios 36 v - 37 r*) (Plate 490 A) — From Hill João Moreno to the Point of Rio Doce.

(1) *Bibliotheca Lusitana,* Vol. II, p. 174. Lisboa 1747. Here we read: «João Teixeira, Cosmographer major of His Majesty, and very skilled in mathematical disciplines, composed in 1640: *Description of all the Seaboard of the Land of Santa Cruz commonly called Brazil,* MS. fol. It is preserved, with various illuminated maps and diverse texts, in the Library of the most excellent Marquis de Louriçal». This is the only work by João Teixeira referred to by Barbosa Machado.

Décima terceira Carta (*fólios 39 v - 40 r*) (Estampa 490 B) — Do Rio Doce ao Rio das Caravelas.

Décima quarta Carta (*fólios 42 v - 43 r*) (Estampa 490 C) — Do Rio das Caravelas ao Rio dos Frades.

Décima quinta Carta (*fólios 45 v - 46 r*) (Estampa 490 D) — Do Rio dos Frades ao Rio de Santo António.

Décima sexta Carta (*fólios 48 v - 49 r*) (Estampa 491 A) — Do Rio de Santo António aos Ilhéus.

Décima sétima Carta (*fólios 51 v - 52 r*) (Estampa 491 B) — Dos Ilhéus à Ilha da Taparica.

Décima oitava Carta (*fólios 54 v - 55 r*) (Estampa 491 C) — Baía de Todos os Santos.

Décima nona Carta (*fólios 57 v - 58 r*) (Estampa 491 D) — Da Baía de Todos os Santos ao Rio de S. Francisco.

Vigésima Carta (*fólios 60 v - 61 r*) (Estampa 492 A) — Do Rio Sergipe ao Rio de Santo António Pequeno.

Vigésima primeira Carta (*fólios 63 v - 64 r*) (Estampa 492 B) — Do Rio de Santo António Pequeno ao Rio dos Afogados.

Vigésima segunda Carta (*fólios 66 v - 67 r*) (Estampa 492 C) — Do Rio do Extremo à Barra de Paraíba.

Vigésima terceira Carta (*fólios 68 v - 69 r*) (Estampa 492 D) — *DEMOSTRAÇÃO DA BARRA E PORTO DE PERNAÕBVCO E FORTEFICASÕES QVE NELE TÊ OS OLANDEZES.*

Vigésima quarta Carta (*fólios 71 v - 72 r*) (Estampa 493 A) — Da Barra de Paraíba ao Rio Grande.

Vigésima quinta Carta (*fólios 74 v - 75 r*) (Estampa 493 B) — Da Barra do Rio Grande a Paranduba.

Vigésima sexta Carta (*fólios 77 v - 78 r*) (Estampa 493 C) — Do Rio de Água Doce ao Rio Panamá.

Vigésima sétima Carta (*fólios 80 v - 81 r*) (Estampa 493 D) — Do Rio Panamá a Paranapue.

Vigésima oitava Carta (*fólios 83 v - 84 r*) (Estampa 494 A) — De Paranapue ao Rio das Preguiças.

Vigésima nona Carta (*fólios 86 v - 87 r*) (Estampa 494 B) — Do Rio das Preguiças à Barra do Maranhão.

Trigésima Carta (*fólios 89 v - 90 r*) (Estampa 494 C) — Da Barra do Maranhão ao Rio Turi.

Trigésima primeira Carta (*fólios 92 v - 93 r*) (Estampa 494 D) — Do Rio Turi ao Rio de Vicente Pinzon, com o delta do Amazonas.

Apesar de ser este o único atlas do Brasil de 1640 da mão do próprio João Teixeira, tem sido referido menos vezes do que algumas cópias com a mesma data. Não lhe conhecemos citações anteriores a 1903-4, altura em que figurou na Exposição de Cartografia Nacional, em Lisboa, em cujo catálogo vem descrito sob o n.º 30 (2).

Com um número de cartas menor que o atlas datado de 1631 (o qual tem trinta e seis), apresenta consideráveis diferenças em relação a este, quer na distribuição da linha da costa pelas cartas, quer no próprio traçado. O atlas de 1631 tem uma carta geral, vinte e cinco cartas particulares da costa e dez planos dos portos mais notáveis, enquanto o de 1640 tem, respectivamente, uma carta geral, vinte e sete cartas particulares e três planos. Embora não se notem vestígios seguros de arrancamento, o atlas original de 1640 devia inicialmente ter mais uma carta, antes da vigésima terceira actual, com a Ilha de Itamaracá, pois esta vem em todas as cópias conhecidas.

CÓPIAS DO ATLAS DE 1640

Com a mesma data de 1640 existem três atlas do Brasil, contendo títulos semelhantes em que se indica o nome de João Teixeira, mas que não são da sua mão. Há também três outros e mais oito folhas soltas, sem data nem autoria, mas que fàcilmente se vê terem a mesma origem.

1 — *Exemplar da Bibliothèque Nationale de Paris* (Estampa 495 A) — Com a cota «Rés. Ge. DD. 2020», é um códice encadernado em pele, com folhas de papel, contendo trinta e duas cartas, manuscritas e coloridas, sendo cada carta acompanhada de um texto em folha à parte (excepto para as cartas 23.ª e 24.ª), exactamente como no original de Lisboa. As folhas medem 356 × 470 mm, mas a parte desenhada tem à volta de 235 × 375 mm, como naquele. Tem as mesmas cartas, pela mesma ordem, e mais uma, a da Ilha de Itamaracá (n.º 23). No frontispício (Fig. 23) lê-se: «*Descripção de todo o Maritimo da Terra de S.ta CRVZ chamado uulgarmente o BRAZIL*

(2) Ernesto de Vasconcelos, *Exposição de Cartografia Nacional (1903-1904) — Catálogo*. Lisboa 1904. Também o mesmo autor o cita de passagem em *Subsídios para a história da cartografia portuguesa nos séculos XVI, XVII e XVIII*, in *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*, 34.ª Série, N.os 1-3, pp. 109-11. Lisboa Janeiro-Março 1916.

Thirteenth Chart (*folios 39 v - 40 r*) (Plate 490 B) — From Rio Doce to the Rio das Caravelas.

Fourteenth Chart (*folios 42 v - 43 r*) (Plate 490 C) — From the Rio das Caravelas to the Rio dos Frades.

Fifteenth Chart (*folios 45 v - 46 r*) (Plate 490 D) — From the Rio dos Frades to the Rio de Santo António.

Sixteenth Chart (*folios 48 v - 49 r*) (Plate 491 A) — From the Rio de Santo António to Ilhéus.

Seventeenth Chart (*folios 51 v - 52 r*) (Plate 491 B) — From Ilhéus to the Island of Taparica.

Eighteenth Chart (*folios 54 v - 55 r*) (Plate 491 C) — Bay of Todos os Santos.

Nineteenth Chart (*folios 57 v - 58 r*) (Plate 491 D) — From the Bay of Todos os Santos to the Rio de S. Francisco.

Twentieth Chart (*folios 60 v - 61 r*) (Plate 492 A) — From the Rio Sergipe to the Rio de Santo António Pequeno.

Twenty-first Chart (*folios 63 v - 64 r*) (Plate 492 B) — From the Rio de Santo António Pequeno to the Rio dos Afogados.

Twenty-second Chart (*folios 66 v - 67 r*) (Plate 492 C) — From the Rio do Extremo to the Bar of the Paraíba.

Twenty-third Chart (*folios 68 v - 69 r*) (Plate 492 D) — «Demonstration of the Bar and Port of Pernambuco and the Fortifications which the Dutch have there».

Twenty-fourth Chart (*folios 71 v - 72 r*) (Plate 493 A) — From the Bar of the Paraíba to the Rio Grande.

Twenty-fifth Chart (*folios 74 v - 75 r*) (Plate 493 B) — From the Bar of the Rio Grande to Paranduba.

Twenty-sixth Chart (*folios 77 v - 78 r*) (Plate 493 C) — From the Rio de Água Doce to the Rio Panama.

Twenty-seventh Chart (*folios 80 v - 81 r*) (Plate 493 D) — From the Rio Panama to Paranapue.

Twenty-eighth Chart (*folios 83 v - 84 r*) (Plate 494 A) — From Paranapue to the Rio das Preguiças.

Twenty-ninth Chart (*folios 86 v - 87 r*) (Plate 494 B) — From the Rio das Preguiças to the Bar of the Maranhão.

Thirtieth Chart (*folios 89 v - 90 r*) (Plate 494 C) — From the Bar of the Maranhão to the Rio Turi.

Thirty-first Chart (*folios 92 v - 93 r*) (Plate 494 D) — From the Rio Turi to the Rio de Vicente Pinzon, with the delta of the Amazon.

While this is the only atlas of Brazil drawn in 1640 by João Teixeira's own hand, some copies with the same date have been recorded from time to time. We know no reference to the atlas before 1903-4, when it was displayed in the Exhibition of National Cartography, in Lisbon, and described in the Catalogue (n.º 30) (2).

This atlas has fewer charts than that dated 1631 (which has thirty-six) and there are considerable differences between the two, both in the division of the coastline in the charts, and in the outline itself. The 1631 atlas has a general chart, twenty-five regional charts of the coasts, and ten plans of the more important ports, while the 1640 atlas has a general chart, twenty-seven regional charts, and three plans. Although there are no obvious signs of mutilation, the original atlas of 1640 must have had initially one more chart — that of the Island of Itamaracá — preceding the present twenty-third chart, since this is found in all the known copies.

COPIES OF THE 1640 ATLAS

Three atlases of Brazil exist with the same date 1640, having similar titles in which João Teixeira's name occurs, although they are not from his hand. There are also three others, besides eight loose leaves, without date or author's name, but evidently derived from the same original.

1 — *Codex in the Bibliothèque Nationale, Paris* (Plate 495 A) — With the class-mark «Rés. Ge. DD. 2020», this is a leather-bound codex, containing thirty-two charts drawn on paper and coloured, each chart (excepting the twenty-third and twenty-fourth) being accompanied by a separate leaf of text, exactly as in the original at Lisbon. The leaves measure 356 × 470 mm, but the area of the drawing only about 235 × 375 mm, as in the prototype. The atlas has the same charts, in the same order, and one more, that of the Island of Itamaracá (n.º 23). On the title-page (Fig. 23) we read: «Description of all the Seaboard of the Land of Sta. Cruz

(2) Ernesto de Vasconcelos, *Exposição de Cartografia Nacional (1903-1904) — Catálogo*. Lisboa 1904. This author also cites it in passing in his *Subsídios para a história da cartografia portuguesa nos séculos XVI, XVII e XVIII*, in *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*, 34.ª Série, N.os 1-3, pp. 109-11. Lisboa Janeiro-Março 1916.

Por João Teyxeira Cosmographo de Sua Magestade anno 1640». Reproduzimos apenas a carta geral (Estampa 495 A), pois são todas análogas, nos mais pequenos pormenores (incluindo as posições das rosas-dos-ventos em cada uma), às do códice de Lisboa, vendo-se no entanto que o desenho e a letra são mais grosseiros e não do punho de João Teixeira.

Esta cópia vem referida em vários catálogos franceses do século passado, e dela deu descrição minuciosa Deulin (3). Por ocasião da questão de limites entre o Brasil e a França, a respeito da Guiana, foi utilizada pelo último país na defesa dos seus pontos de vista, em virtude de vir no atlas o Rio de Vicente Pinzon relativamente perto do Amazonas (4). O Barão do Rio-Branco, por sua vez, afirmou serem tais cartas muito deficientes, no que tinha razão, e ser João Teixeira um mau cartógrafo, no que errou, pois só conheceu um pequeno número de obras daquele e precisamente das menos importantes (5). A carta do delta do Amazonas foi também referida e reproduzida a cores por Joaquim Nabuco, quando da questão de limites entre o Brasil e a Guiana Inglesa (6).

2 — *Exemplar do Ministério das Relações Exteriores, Rio de Janeiro* (Estampa 495 B) — Com a cota «a 770 a — 1640 T», contém igualmente

commonly called Brazil. By João Teixeira, Cosmographer of His Majesty, in the year 1640». We reproduce only the general chart (Plate 495 A), since the charts are all exactly like those in the Lisbon codex, down to the smallest details (including the positions of the wind roses in each), although the drawing and writing are rougher and not from João Teixeira's hand.

This copy is referred to in various French catalogues of the last century, and has been described in detail by Deulin (3). In the dispute between Brazil and France about the Guiana boundary, it was invoked by the latter country in support of her case, since the atlas shows the Rio de Vicente Pinzon relatively close to the Amazon (4). The Baron do Rio-Branco, on the other hand, maintained that these charts were very incorrect (in which he was right) and that João Teixeira was a poor cartographer (in which he was wrong, since he knew only a few of his works and those the least important) (5). The chart of the Amazon delta was also cited and reproduced in colour by Joaquim Nabuco, in regard to the boundary question between Brazil and British Guiana (6).

2 — *Codex of the Ministério das Relações Exteriores, Rio de Janeiro* (Plate 495 B) — With the class-mark «a 770 a — 1640 T», this likewise has

FIG. 23 — FRONTISPÍCIO DA CÓPIA DO ATLAS DO BRASIL DE JOÃO TEIXEIRA, 1640
TITLE-PAGE OF THE COPY OF JOÃO TEIXEIRA'S ATLAS OF BRAZIL, 1640

Bibliothèque Nationale de Paris

trinta e duas cartas, manuscritas e coloridas, em papel, com as mesmas medidas do original de Lisboa. Também como neste, as cartas são precedidas de uma folha com texto explicativo. Parece ter sido traçada pela mesma pessoa que fez a cópia anterior, exactamente com as mesmas cartas e pela mesma ordem (e com análoga posição das rosas-dos-ventos em cada carta), tendo também a mais, em relação ao original de Lisboa, a carta da Ilha de Itamaracá (n.º 23). Tem o título *Descripção de Todo o Maritimo da Terra de S. CRVZ chamado vulgarmente o BRASIL.* Por João Teyxeyra Cosmographo de Sua Magestade No Anno de 1640» (Fig. 24). Reproduzimos apenas a carta geral (Estampa 495 B), pelos motivos expostos a propósito da cópia anterior. No frontispício tem coladas as armas de John Bramley, Esq., vendo-se também nele, quase ilegível, um carimbo com «Dépôt des cartes et plans de la Marine», o que provàvelmente se refere a anteriores possuidores. No século passado estava na Biblioteca de Marinha, Rio de Janeiro (cujo carimbo se vê em muitas folhas), como se indica no *Catálogo da Exposição*

thirty-two charts, drawn on paper and coloured, with the same dimensions as the original in Lisbon. Like it also, each chart is preceded by a leaf of explanatory text. The draughtsman seems to be the same as that of the previous copy, and it has exactly the same charts in the same order (with the wind roses similarly placed in each chart), with the addition of the chart of the Island of Itamaracá (n.º 23), which is not in the Lisbon original. The title reads «Description of all the Seaboard of the Land of S. Cruz commonly called Brasil. By João Teixeira, Cosmographer of His Majesty, in the Year 1640» (Fig. 24). We reproduce only the general chart (Plate 495 B), for reasons explained in regard to the previous copy. On the title-page are pasted the arms of John Bramley, Esq., and it also bears the almost illegible stamp of the «Dépôt des cartes et plans de la Marine»; both presumably refer to earlier owners. In the last century it was in the Biblioteca de Marinha, Rio de Janeiro, whose stamp appears on many leaves; and it is so listed in the *Catálogo da Exposição de História do Brasil,* in which it

(3) M. G. Deulin, *La Cartographie Portugaise à la Bibliothèque Nationale de Paris,* in *Boletim Geral das Colónias,* Ano XVI, n.º 180, pp. 40-58, Lisboa Junho 1940, com bibliografia que inclui os referidos catálogos.

(4) *Mémoire contenant l'exposé des droits de la France dans la question des frontières de la Guyane française et le Brésil soumise à l'arbitrage du gouvernement de la Confédération Suisse,* pp. 301-4. Paris [1899]. No atlas que acompanha a Memória vem reproduzida a carta geral e a do delta do Amazonas, estampas 12 e 12 bis.

(5) *Obras do Barão do Rio-Branco, III — Questões de limites, Guiana Francesa, 1.ª Memória,* pp. 179-80. Rio de Janeiro 1945 (primeira edição em 1899). O Barão do Rio-Branco aponta argutamente que a costa do Amazonas ao Rio Vicente Pinzon foi encurtada a fim de caber no desenho. Se tivesse conhecido o atlas de 1630 do mesmo cartógrafo verificaria que isso já aí não sucede, pelo menos em grau tão elevado. Os atlas de 1640 foram traçados sem preocupação de rigor, pois não se destinavam à navegação, antes à propaganda da grandeza do Brasil por altura da Restauração.

(6) *Question des limites du Brésil et de la Guyane anglaise soumise à l'arbitrage de S. M. le Roi d'Italie. Atlas accompagnant le premier mémoire du Brésil,* n.º 7. Paris 1903.

(3) M. G. Deulin, *La Cartographie Portugaise à la Bibliothèque Nationale de Paris,* in *Boletim Geral das Colónias,* Ano XVI, n.º 180, pp. 40-58, Lisboa Junho 1940, with a bibliography which includes the catalogues mentioned above.

(4) *Mémoire contenant l'exposé des droits de la France dans la question des frontières de la Guyane française et le Brésil soumise à l'arbitrage du gouvernement de la Confédération Suisse,* pp. 301-4. Paris [1899]. The general chart and that of the Amazon delta are reproduced in the atlas accompanying the Memoir, plates 12 and 12 bis.

(5) *Obras do Barão do Rio-Branco, III — Questões de limites, Guiana Francesa, 1.ª Memória,* pp. 179-80. Rio de Janeiro 1945 (first edition 1899). The Baron do Rio-Branco argued that the coast from the Amazon to the Rio de Vicente Pinzon was curtailed in order to bring it within the design. Had he known the 1630 atlas by the same cartographer, he would have been aware that in that atlas this does not occur, at least to such a degree. The atlases of 1640 were drawn without care for strict accuracy, since they were not intended to serve navigation, but rather as propaganda for the greatness of Brazil at the time of the Restoration.

(6) *Question des limites du Brésil et de la Guyane anglaise soumise à l'arbitrage de S. M. le Roi d'Italie. Atlas accompagnant le premier mémoire du Brésil,* n.º 7. Paris 1903.

de História do Brasil, em que figurou com o n.º 1397 (7). Algumas cartas estão anotadas pelo Barão do Rio-Branco, a quem o atlas deve ter sido cedido no fim do século passado, quando estudava as questões de limites do Brasil, vindo com o andar dos tempos a ser incorporado nas colecções da Mapoteca do Ministério das Relações Exteriores. O Barão do Rio-Branco reproduziu então a carta geral e a do delta do Amazonas no atlas que acompanha a primeira Memória do Brasil (8).

3 — *Exemplar da Biblioteca e Arquivo Público do Pará, Belém do Pará* (Estampa 495 C) — Num volume encadernado, contém trinta e duas cartas, manuscritas e coloridas, em papel, tendo o desenho as mesmas medidas do original de Lisboa. Também como neste, as cartas são acompanhadas de uma folha com texto explicativo, e a rosa-dos-ventos de cada carta ocupa posição idêntica. Parece ter sido traçado pela mesma pessoa que fez as duas cópias anteriores, tendo também a mais, em relação àquele original, a carta da Ilha de Itamaracá. Tem o título «*Descripção de todo o Maritimo da Terra de S.ta CRVS chamado vulgarmente o BRAZIL* Por João teyxeyra cosmographo de Sua Maiestade anno 1640» (Figura 25).

occurs as no. 1397 (7). Some charts have annotations by the Baron do Rio-Branco, to whom the atlas must have been lent at the end of the last century, when he was studying the boundaries of Brazil, and in course of time it was incorporated in the collections of the Mapoteca of the Ministério das Relações Exteriores. The Baron do Rio-Branco reproduced the general chart and that of the Amazon delta in the atlas accompanying the first Memoir of Brazil (8).

3 — *Codex in the Biblioteca e Arquivo Público do Pará, Belém do Pará* (Plate 495 C) — In a bound volume, this contains thirty-two charts, drawn on paper and coloured, the design having the same dimensions as the Lisbon original. As in it, each chart is preceded by a leaf of explanatory text, and the wind rose in each chart is in the same position. The draughtsman seems to be that of the two previous copies, and it too has the chart of the Island of Itamaracá missing from the original. The title reads «Description of all the Seaboard of the Land of Sta Cruz commonly called Brazil. By João Teixeira, cosmographer of His Majesty, in the year 1640» (Figure 25).

FIG. 24 — FRONTISPÍCIO DA CÓPIA DO ATLAS DO BRASIL DE JOÃO TEIXEIRA, 1640
TITLE-PAGE OF THE COPY OF THE ATLAS OF BRAZIL BY JOÃO TEIXEIRA, 1640
Ministério das Relações Exteriores, Rio de Janeiro

Reproduzimos apenas a carta geral (Estampa 495 C) pelos motivos expostos a propósito das cópias anteriores. Foi oferecido à Biblioteca e Arquivo Público do Pará pelo historiador português João Lúcio de Azevedo, em 23 de Fevereiro de 1904, como consta de uma inscrição nele contida.

Na Exposição de Cartografia Nacional (1903-4), em Lisboa, figurou, com o n.º 31, um atlas descrito da seguinte maneira: «Descripção de todo o Maritimo da Terra de S.ta Crus chamado vulgarmente o Brazil, por João Teixeyra Cosmographo de Sua Magestade, Anno de 1640. Vol. enc. medindo 0,455 × 0,300. São trinta e duas aguarellas a que se seguem textos descriptivos manuscriptos. O frontispício é um belo desenho à pena. Pertence aos Srs. Tavares Cardoso & Irmão» (9). Tal atlas não pode, porém, ser o original, hoje no Arquivo Histórico do Ministério das Finanças (o qual pertencia então à Casa Palmela, e tem menos uma carta), nem as cópias 4 a 7 da nossa relação (todas anónimas), nem ainda as cópias 1 e 2 (que se encontravam já então nas bibliotecas onde hoje estão). Por consequência, a menos que se trate de uma outra cópia, só poderá ser a n.º 3 da nossa lista. Inclinamo-nos para que seja precisamente ela, tanto mais que a Livraria Tavares Cardoso & Irmão foi a editora de *Os Jesuitas no Grão-Pará* de J. Lúcio de Azevedo (1901), e compreende-se fàcilmente que o ilustre historiador tivesse recebido dela o atlas, logo após o encerramento da exposição em começos de 1904, e depois o oferecesse, em

We reproduce only the general chart (Plate 495 C) for reasons given in connection with the previous copies. This copy was presented to the Biblioteca e Arquivo Público do Pará by the Portuguese historian João Lúcio de Azevedo on 23 February 1904, as stated in an inscription in it.

In the Exhibition of National Cartography (1903-4) at Lisbon, the item shown as n.º 31 was an atlas described as follows: «Description of all the Seaboard of the Land of Sta Cruz commonly called Brazil, by João Teixeira, Cosmographer of His Majesty, in the year 1640. Volume, bound, measuring 0.455 × 0.300. Thirty-two water-colour drawings followed by manuscript descriptive texts. The title-page is a fine drawing in pen and ink. It belongs to Messrs Tavares Cardoso & Irmão» (9). This atlas cannot be the original now in the Arquivo Histórico of the Ministério das Finanças (which then belonged to the Casa Palmela, and has one chart fewer), nor copies 4-7 in our list (all anonymous), nor again copies 1 and 2 (which were then already in the libraries where they are to-day). Consequently, unless the description relates to yet another copy, this can only be n.º 3 in our list. We are inclined to think that it is indeed this one, especially as the booksellers Tavares Cardoso & Irmão published *Os Jesuitas no Grão-Pará* by J. Lúcio de Azevedo (1901), and it is easy to understand that the learned historian should have received the atlas from them, immediately after the close of the exhibition early in 1904, and should then

(7) In *Annaes da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro,* Vol. IX. Rio de Janeiro 1881. Diz-se aí que tal obra fora referida antes por Joaquim Caetano da Silva, *L'Oyapoc et l'Amazone,* § 2445.

(8) N.os 66 e 68. Vide nota (5). Também se ocupa do atlas Isa Adonias, *As peças raras da Mapoteca do Ministério das Relações Exteriores,* n.º 5. Rio de Janeiro 1956.

(9) Ernesto de Vasconcelos 1904.

(7) *In Annaes da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro,* Vol. IX. Rio de Janeiro 1881. It is there stated that the work had previously been referred to by Joaquim Caetano da Silva, *L'Oyapoc et l'Amazone,* § 2445.

(8) N.os 66 and 68. See note (5). The atlas is also discussed by Isa Adonias, *As peças raras da Mapoteca do Ministério das Relações Exteriores,* n.º 5. Rio de Janeiro 1956.

(9) Ernesto de Vasconcelos 1904.

fins de Fevereiro do mesmo ano, à Biblioteca e Arquivo Público do Pará (10).

4 — *Exemplar da Biblioteca da Ajuda, Lisboa* (Estampas 495 D e 496 B) — Com a cota «46. XIII. 10» existe nesta biblioteca um códice encadernado, em cuja lombada se lê *J. Nunes Tinoco — Praças de Portugal e Mappas do Brasil,* e constando de três partes. A primeira, sem título, é constituída por plantas (desprovidas de nomenclatura) de povoações e fortalezas do Oriente, aparentemente copiadas do *Livro do Estado da Índia Oriental* de Bocarro. A segunda tem o título «*Livro das Praças de Portvgal com svas fortificações...* delineadas por Ioão Nunez Tinoco Architecto de S. Mg.^{de} Anno 1663», dizendo-se em baixo que *Este liuro mandou fazer o S.^{or} Conde da Torre,* e tem várias cartas e plantas de fortificações de Portugal. A terceira, também sem título, compreende trinta e duas cartas do Brasil, abrindo por uma carta geral. Fàcilmente se verifica que estas cartas constituem cópia de um atlas do Brasil de João Teixeira, que tudo leva a supor seja o atlas original do Arquivo Histórico do Ministério das Finanças. À parte a inevitável diferença de letra, as rosas-dos-ventos das cartas correspondentes ocupam exactamente as mesmas posições, o traçado

have presented it, at the end of February of the same year, to the Biblioteca e Arquivo Público do Pará (10).

4 — *Codex in the Biblioteca da Ajuda, Lisbon* (Plates 495 D and 496 B) — This library has, with the class-mark «46. XIII. 10», a bound codex, lettered on the spine «J. Nunes Tinoco — Strongholds of Portugal and Maps of Brazil», in three parts. The first part, without title, comprises plans of unnamed towns and fortresses of the East, apparently copied from the *Livro do Estado da Índia Oriental* of Bocarro. The second is entitled «Book of the Strongholds of Portugal with their fortifications ... Drawn by João Nunes Tinoco, Architect of His Majesty, in the year 1663», with the note below that «The Count da Torre ordered this book to be made»; this part contains various maps and plans of fortifications in Portugal. The third, which also has no title, comprises thirty-two charts of Brazil, opening with a general chart. These charts are plainly copied from an atlas of Brazil by João Teixeira, which we have every reason to identify as the original atlas in the Arquivo Histórico of the Ministério das Finanças. Apart from inevitable differences of script, the wind roses of corresponding charts occupy exactly the same positions and the drawing of the charts is identical

FIG. 25 — FRONTISPÍCIO DA CÓPIA DO ATLAS DO BRASIL DE JOÃO TEIXEIRA, 1640
TITLE-PAGE OF THE COPY OF THE ATLAS OF BRAZIL BY JOÃO TEIXEIRA, 1640

Biblioteca e Arquivo Público do Pará, Belém do Pará

das cartas é precisamente igual (faltando-lhe porém as sondas), com a particularidade de o desenho da vegetação e dos montes seguir de muito perto o que vem naquele — pormenor este assás significativo, pois o próprio João Teixeira, no atlas de 1642, embora em cartas de traçado muito parecido, apresenta a vegetação e os montes (que aliás têm um carácter meramente simbólico e decorativo) de forma bastante diversa. A contrariar tal conclusão, verifica-se que também nesta cópia da Biblioteca da Ajuda vem a mais a carta da Ilha de Itamaracá, mas isso leva-nos antes a supor que ela fez inicialmente parte do atlas do Arquivo Histórico do Ministério das Finanças. Na mesma Biblioteca da Ajuda, com a cota «51. IX. 22», há um códice que contém os textos correspondentes a cada uma das cartas (com excepção da 1.ª, 22.ª e 24.ª, respectivamente carta geral, carta de Pernambuco e carta da Ilha de Itamaracá), os quais são pràticamente iguais aos do atlas original. Tanto este códice como o que contém o atlas pertenceram à Livraria da Congregação do Oratório (Necessidades) (11). Aparentemente esta cópia do atlas de João Teixeira foi feita por Tinoco, dada a semelhança de letra em relação ao *Livro das Praças de Portugal.* A ela se referiu de passagem Varnhagen, sem a identificar (12), e figurou na Exposição de 1903-4 (13). Reproduzimos apenas a carta geral e a

(although the soundings are omitted in the copy), the representation of vegetation and mountains following the original very closely — a significant feature, since João Teixeira himself, in the very similarly drawn charts of the 1642 atlas, delineates vegetation and mountains in a somewhat different manner, giving them indeed a markedly symbolic and decorative form. On the other hand, the copy in the Biblioteca da Ajuda has the additional chart of the Island of Itamaracá, but (as we have seen) this suggests that the chart was originally included in the atlas in the Arquivo Histórico of the Ministério das Finanças. The Biblioteca da Ajuda also has a codex, with the class-mark «51. IX. 22», containing the texts corresponding to each of the charts (except the 1st, 22nd and 24th, being respectively the general chart, the chart of Pernambuco, and that of the Island of Itamaracá), and these texts are practically the same as those of the original atlas. Both this codex and the one containing the atlas belonged to the Library of the Congregação do Oratório (Necessidades) (11). This copy of João Teixeira's atlas was apparently made by Tinoco, to judge from the similarity of the handwriting to that in the «Book of the Strongholds of Portugal». It was referred to briefly by Varnhagen (12), who failed to identify it, and appeared in the Exhibition of 1903-4 (13). We reproduce only the general chart and that

(10) Referiu-se ao atlas de Belém do Pará o Prof. Jaime Cortesão, *Curso de História da Cartografia, Geografia das Fronteiras do Brasil e Mapoteconomia,* realizado no Ministério das Relações Exteriores, Capítulo 16. Rio de Janeiro 1945 (folhas mimeografadas).

(11) Devemos esta informação, bem como a da existência do códice com o texto, ao Sr. Gaspar de Almeida, que muito acertadamente havia já identificado o atlas no final do *Livro* de Tinoco como uma cópia do atlas de João Teixeira de 1640.

(12) Francisco Adolfo de Varnhagen, *Reflexões criticas sobre o escripto do seculo XVI impresso com o titulo de Noticias do Brasil,* in *Collecção de Noticias para a Historia e Geografia das Nações Ultramarinas,* Tomo V, n.º 2, p. 32. Lisboa 1836.

(13) Ernesto de Vasconcelos 1904, n.º 37.

(10) The atlas in Belém do Pará is also recorded by Prof. Jaime Cortesão, *Curso de História da Cartografia, Geografia das Fronteiras do Brasil e Mapoteconomia,* delivered in the Ministério das Relações Exteriores, Chapter 16. Rio de Janeiro 1945 (mimeographed).

(11) We owe this information, and our knowledge of the existence of the codex with text, to Sr. Gaspar de Almeida, who had already correctly identified the atlas at the end of Tinoco's *Livro* as a copy of João Teixeira's atlas of 1640.

(12) Francisco Adolfo de Varnhagen, *Reflexões criticas sobre o escripto do seculo XVI impresso com o titulo de Noticias do Brasil,* in *Collecção de Noticias para a Historia e Geografia das Nações Ultramarinas,* Tomo V, n.º 2, p. 32. Lisboa 1836.

(13) Ernesto de Vasconcelos 1904, n.º 37.

da Ilha de Itamaracá, que falta no atlas original e deve estar neste exemplar copiada com mais fidelidade, e certamente mais apuro, do que nos restantes (Estampas 495 D e 496 B).

5 — *Exemplar da Colecção do Embaixador Joaquim de Sousa-Leão, Rio de Janeiro* (Estampa 496 A) — Contém trinta e uma cartas (falta-lhe a geral, e tem a da Ilha de Itamaracá), manuscritas e aguareladas, em papel, com as mesmas medidas do original de Lisboa (235 × 375 mm a parte desenhada, sendo as medidas do papel 290 × 400 mm), igualmente acompanhadas, em páginas independentes, dos textos correspondentes. Tem o título *DESCRIPCÃO de todo o MARITIMO DA TERRA DE S. CRVS chamado vulgarmente, o BRAZIL*, dentro de uma portada aguarelada e encimada com o brasão dos Condes de Atalaia (Figura 26).

Numa tira de papel colada à pasta da encadernação lê-se: *Este livro he de D. Vasco da G.*, estando a última parte riscada e emendada para *Do Marquez de Niza.* Foi adquirido pelo Embaixador Sousa-Leão na Livraria Coelho, Lisboa (14). As cartas têm o mesmo traçado e nomenclatura do atlas original do Arquivo Histórico do Ministério das Finanças, ocupando as rosas-dos-ventos posições semelhantes. É no entanto de notar que o título da carta 23.ª é *Demonstraçaõ da Barra e Porto de Pernaobuco e fortificaçoens que nelle tiverão os Olandezes* (Estampa 496 A) enquanto naquele vem *Demonstração... qve nele tê os Olandezes,* o que revela que se trata de cópia feita depois de 1654, ano em que os Portugueses reconquistaram Pernambuco.

6 — *Exemplar da Sociedade de Geografia de Lisboa* — Com a cota «Reservados, Pasta B. 1.» existe nesta Sociedade um atlas muito deteriorado (a todas as folhas falta uma parte considerável) com o título *Cartas Geographicas & Topographicas da Costa do Dominio deste Reyno desde o Ryo da Prata até ao Gram Pará & por partes se mostram todos seos Portos, Capitanias, Ryos, Surgidouros, Barras, Enseadas, Baixos & Recifes, & tudo o mais que pode conduzir ao conhecimento dos tais Portos & desembarque & ancoragem delles.* Além de oito páginas de texto, contém trinta e duas cartas, traçadas em papel, manuscritas e ligeiramente coloridas, 280 × 406 mm. Este atlas foi referido brevemente por Luís Ferrand de Almeida, que, após falar dos atlas de João Teixeira de 1630, 1631 e 1640, considera este outro desse cartógrafo e da mesma época (15). Um exame comparativo fàcilmente revela que constitui cópia (talvez pelo mesmo copista do exemplar do Embaixador Sousa-Leão) do atlas original de 1640, ou de outro análogo, o que nos parece menos provável (16), com as mesmas medidas e as mesmas cartas (também tendo a mais a da Ilha de Itamaracá) por ordem análoga. O título da carta 23.ª, alterado na parte final para ... *fortificaçoins que nelle tiverão os olãdeses,* revela que a cópia foi feita depois de 1654, ano em que os Portugueses reconquistaram Pernambuco, havendo alterações equivalentes no título e legendas da carta 24.ª (Ilha de Itamaracá).

FIG. 26 — FRONTISPÍCIO DA CÓPIA DO ATLAS DO BRASIL DE JOÃO TEIXEIRA, 1640
TITLE-PAGE OF THE COPY OF THE ATLAS OF BRAZIL BY JOÃO TEIXEIRA, 1640

Colecção do Embaixador Joaquim de Sousa-Leão, Rio de Janeiro

(14) Figurou com o n.º 780 no Catálogo n.º 16 dessa Livraria (*Obras Portuguesas e Espanholas*), Lisboa 1935, onde se reproduz o frontispício.

(15) Luís Ferrand de Almeida, *A diplomacia portuguesa e os limites meridionais do Brasil*, Volume I, p. 53, Coimbra 1957. Luís Silveira, *Ensaio de Iconografia das cidades portuguesas do Ultramar*, Lisboa s. d., reproduziu no Vol. IV as cartas 17.ª (p. 510), 18.ª e 19.ª (p. 544), 22.ª (p. 523), 23.ª (p. 531), 24.ª (p. 509), 26.ª (p. 522), 28.ª (p. 518), 30.ª (p. 515).

(16) Embora cada uma das cartas 7.ª, 11.ª e 12.ª tenha um nome de rio que não vem no atlas original de 1640, devemos notar que tem precisamente as mesmas diferenças de pormenor que este apresenta em relação ao de 1642.

of the Island of Itamaracá, which is lacking in the original atlas and must have been more faithfully, and certainly more neatly, copied in this manuscript than in the others (Plates 495 D and 496 B).

5 — *Codex in the Collection of the Ambassador Joaquim de Sousa-Leão, Rio de Janeiro* (plate 496 A) — This contains thirty-one charts (the general chart being absent, but that of the Island of Itamaracá present), drawn on paper and coloured, with the same measurements as the Lisbon original (those of the design 235 × 375 mm, those of the paper 290 × 400 mm), and similarly accompanied by the corresponding texts on separate pages. The title reads «Description of all the Seaboard of the Land of S. Cruz commonly called Brazil», within a portal drawn in watercolour and surmounted by the arms of the Counts de Atalaia (Figure 26).

On a slip of paper pasted to the binding are the words «This book belongs to D. Vasco da G.», the last part being erased and altered to «to the Marquis de Niza». It was acquired by the Ambassador Sousa-Leão from the Livraria Coelho, Lisbon(14). The charts have the same outline and nomenclature as the original atlas in the Arquivo Histórico of the Ministério das Finanças, and the position of the wind roses is similar. It is to be noted however that the title of the 23rd chart in this copy reads «Demonstration of the Bar and Port of Pernambuco and fortifications which the Dutch had there» (Plate 496 A), while in the original it is «Demonstration of the ... fortifications the Dutch have there», so that we may conclude the copy to have been made after 1654, the year in which the Portuguese recovered Pernambuco.

6 — *Codex of the Sociedade de Geografia de Lisboa* — This Society possesses, with the class-mark «Reservados, Pasta B. 1», a mutilated atlas (a large part of every leaf is missing) entitled «Geographical and Topographical Maps of the Coast of the Domains of this Kingdom from the River Plate to the Grão Pará, in which are shown, part by part, all its Ports, Captaincies, Rivers, Anchorages, Bars, Gulfs, Bays, and Reefs, and all that may conduce to the knowledge of these Ports and to landing and anchoring in them». Besides eight pages of text, the atlas contains thirty-two charts, drawn on paper and lightly coloured, 280 × 406 mm. It was briefly recorded by Luís Ferrand de Almeida, who after citing João Teixeira's atlases of 1630, 1631 and 1640, considered this one to be by the same cartographer and of the same period (15). Comparison shows that it is in fact a copy (perhaps by the same copyist as the Sousa-Leão manuscript) of the original atlas of 1640, or of some similar atlas, which seems to us less likely (16), having the same dimensions and the same charts (again with that of the Island of Itamaracá added) in the same order. The title of the 23rd chart, ending ...«fortifications which the Dutch had there», proves that the copy was made after 1654, when the Portuguese reoccupied Pernambuco, and there are similar changes in the title and legends of the 24th chart (Island of Itamaracá).

(14) It appears as n.º 780 in these booksellers' Catalogue 16 (*Obras Portuguesas e Espanholas*), Lisboa 1935, in which the title-page of the atlas is reproduced.

(15) Luís Ferrand de Almeida, *A diplomacia portuguesa e os limites meridionais do Brasil*, Volume I, p. 53, Coimbra 1957. Luís Silveira, *Ensaio de Iconografia das cidades portuguesas do Ultramar*, Lisboa n. d., reproduces in Vol. IV charts 17 (p. 510), 18 and 19 (p. 544), 22 (p. 523), 23 (p. 531), 24 (p. 509), 26 (p. 522), 28 (p. 518), 30 (p. 515).

(16) Although each of the 7th, 11th and 12th charts has a river name not found in the original atlas of 1640, we may note that exactly the same differences of detail occur as between the latter and the 1642 atlas.

7 — *Oito cartas soltas na Bibliothèque Nationale de Paris* (Estampas 496 C e D) — Com as cotas «Ge. DD. 2987 (9527, 9528, 9529, 9532, 9534, 9538, 9539)» existem nesta biblioteca sete cartas manuscritas e coloridas, traçadas em papel e acompanhadas de legendas fora do desenho, sem autor nem data, mas todas da mesma mão. Abrangem toda a costa norte do Brasil, desde o Rio Grande (a 9527) até ao Rio de Vicente Pizon (a 9539). Fazem parte da Colecção d'Anville, e têm o carimbo do «Ministère des Affaires Etrangères — Archives», além do da Bibliothèque Nationale. Na última delas há uma nota a lápis de Barbié du Bocage dizendo «Je crois que cette carte est une copie ou un original de Teixeira dont il y a également une copie en 33 feuillets à la Bibliothèque du Roi». Deulin, que pela primeira vez a elas se referiu e as descreveu, atribuíu-as também a João Teixeira, sem indicar a data (17). Tais cartas são indiscutìvelmente, não originais, mas cópias de uma obra de João Teixeira, que tudo indica ser o Atlas do Arquivo Histórico do Ministério das Finanças ou uma cópia sua. Abrangem exactamente a mesma área que as correspondentes deste, têm precisamente as mesmas medidas (18), e, na margem inferior, vem escrito um texto igual ao das folhas descritivas daquele. Verifica-se ainda a particularidade de as linhas norte-sul e leste-oeste que servem para orientar as cartas ocuparem as mesmas posições relativas dentro de cada carta correspondente, o que aliás também se verifica nas cópias anteriores; tal já não sucede nas cartas equivalentes do atlas de 1642, o que constitui mais um forte indício de que todas as cópias em análise provêm do atlas do Arquivo Histórico do Ministério das Finanças. O copista destas sete cartas soltas é distinto dos anteriores. Juntamente com a carta do delta do Amazonas deste grupo (Estampa 496 C) reproduzimos uma outra cópia da mesma carta (Estampa 496 D) também existente na Bibliothèque Nationale de Paris, com a cota «Dépôt 166.1.3.D», a qual tem na margem inferior a legenda «Cette Carte a eté aportée de Portugal par Mr. L'Abbé d'Estrées, et je crois qu'elle a été faite par Texeira Géographe du R. de Portugal». A semelhança entre as duas é flagrante, revelando a sua origem comum. O Abbé d'Estrées desta legenda deve ser Jean d'Estrées (1666-1718), que foi embaixador da França em Portugal.

A. Fontoura da Costa refere ainda um atlas com cartas do Brasil de João Teixeira e de 1640, existente na Nationalbibliothek de Viena (19). Nas buscas a que aí procedemos não encontrámos tal atlas, pelo que supomos que se trate de confusão com os dois atlas da costa de Portugal datados de 1648, do mesmo autor, aí guardados.

A existência de tantas cópias de um atlas do Brasil datado de 1640 deve estar relacionada com a Restauração da independência de Portugal, como argutamente apontou Jaime Cortesão.

7 — *Eight loose charts in the Bibliothèque Nationale, Paris* — (Plates 496 C and D). — With class-marks «Ge. DD. 2987 (9527, 9528, 9529, 9532, 9534, 9538, 9539)», this library has seven charts drawn on paper and coloured, with legends outside the design; they are unsigned and undated, but all are by the same hand. They embrace the whole north coast of Brazil from the Rio Grande (9527) to the Rio de Vicente Pinzon (9539). They belong to the Collection d'Anville and bear the stamp of the «Ministère des Affaires Etrangères — Archives», besides that of the Bibliothèque Nationale. On the last chart is a note by Barbié du Bocage reading «Je crois que cette carte est une copie ou un original de Teixeira dont il y a également une copie en 33 feuillets à la Bibliothèque du Roi». Deulin, who first recorded and described these charts, also attributed them to João Teixeira, without suggesting a date (17). They are undoubtedly not originals but copies from a work by João Teixeira, which we have every reason to think the atlas in the Arquivo Histórico of the Ministério das Finanças or a copy of it. They cover exactly the same area as the corresponding charts in the Lisbon original, have precisely the same dimensions (18), and in their bottom margins is written a text similar to that of the descriptive leaves in the atlas. It is noteworthy also that the north-south and east-west lines which serve to orient the charts occupy the same relative position within each corresponding chart; this also applies to the previous copies, but not to the equivalent charts in the 1642 atlas — a clear indication that all the copies described derive from the atlas in the Arquivo Histórico of the Ministério das Finanças. The copyist of these seven loose charts is different from the other copyists. Together with the chart of the Amazon delta in this group (Plate 496 C) we reproduce another copy of the same chart (Plate 496 D), also in the Bibliothèque Nationale, Paris, with the class-mark «Dépôt 166. 1. 3. D», which has in the bottom margin the words «Cette Carte a été aportée de Portugal par Mr. L'Abbé d'Estrées, et je crois qu'elle a été faite par Texeira Géographe du R. de Portugal». The obvious similarity between the two copies testifies to a common original. The Abbé d'Estrées of this inscription must be Jean d'Estrées (1666-1718), who was French ambassador to Portugal.

A. Fontoura da Costa also records an atlas of 1640 by João Teixeira, containing charts of Brazil, in the Nationalbibliothek, Vienna (19). Our searches there failed to bring this atlas to light, and we suppose that there has been a confusion with the two atlases of the coast of Portugal by the same author, dated 1648, which are preserved there.

The existence of so many copies of an atlas of Brazil dated 1640 must (as Jaime Cortesão has argutely pointed out) be associated with the Restoration of Portuguese independence.

APÊNDICE — APENDIX (20)

SEGUNDA CARTA — *O Rio da Prata he um dos mais conhecidos e notaveis do Mundo assé por sua grandeza como por ser unica entrada do Peru e sahida da Prata, e Riquezas, daquelas Provincias, por aquella parte, por ele se demarcão, as Conquistas de Portugal e Castela e nele tẽ principio a Costa do Brasil, pela parte Austral a entrada deste Rio tẽm cincoenta legoas de largo a ponta da terra da banda do Sul chamão de Santo Antonio e a do Norte Cabo de Santa Maria que esta em altura, de trinta e cinco graos do Sul, e por entre o dito Cabo, e a ilha de lobos, que em pouca distancia esta apartada dela pera, o Sul, entrão os Navios que navegão pera Buenos Ayres, que neste Rio he apovoação principal e Cabeça daquelle Gouverno. Tem este Canal ou entrada dos Navios, fundo de des braças e sempre vão Costeando aquella parte do Rio por bõ fundo, junto a ilha de maldonado e ilhas de flores, até monte Vidio e desta paragẽ vão embarcações de menos porte por cauza do pouco fundo do Rio, por duas braças e pouco mais ate surgirem junto a dita povoação em outros pontos.*

TERCEIRA CARTA — *Do Cabo de Santa Maria, que he a ponta da banda do Norte do Rio da Prata, comesa, a Costa do Brasil como se mostra na passada folha corendo a Nordeste ẽ espasso de 100 Legoas de Costa, não temos Porto notavel mais que a ilha de Castilhos, que fica do dito Cabo, de St.ª Maria quinze legoas ao Nordeste a qual ilha costumão avistar, os Navios que vão ao Rio da Prata, se querem surgir junto a ella o podem fazer em fundo de cinco braças, mais ao Nordeste, outros quinze legoas esta hũ Rio a que chamão Martim Afonço de Sousa que tem pouco fundo e trinta legoas mais ao Norte deste, do dito Rio, esta o Rio grande o qual tem oito palmos de fundo e sae de hua alagoa, de corenta e cinco legoas de Comprido que vai correndo ao longo da costa ficando hu piqueno intervalo de terra entre a Lagoa e a Costa pello que lhe chamao o Rio grãde da Alagoa em toda esta costa não temos povoação.*

QUARTA CARTA — *Contenuase a Costa que vẽ do Rio grande da Alagoa pera o Nordeste por espasso de setenta legoas sem em toda ella, aver Porto, notavel mais que a ençeada, de Tojuca, e ilha de Santa Caterina, em Altura de vinte oito Graos Austrais donde segundo dizem pesoas praticas naquela costa podẽ surgir em quatro e cinco braças e aqui deixa, a Costa, o Rumo do Nordeste e vai correndo ao Nornordeste e nella em Altura de vinta cete graos, esta hũ Rio, a que chamão, de São Frc.º na entrada do qual estão duas ilhetas, entre as quais, podem surgir em seis braças; toda esta Costa he povoada de Gentio a que chamão, os Patos, he pouco tratada, de Portugueses cõtudo dizem ser fertil de mantimentos.*

QUINTA CARTA — *Do Rio de São Frᶜᵒ. de que já fiz mençõ vẽ continuando a Costa sempre ao Nornordeste até, a ilha a que chamão da Cananea, que estâ em vinta cinco graos e dous terços, da parte do Sul, e nella ha alguns surgidouros de bom fundo como he hua enceada a que chamão Parnagua no boca da qual estão duas ilhas que fazem tres barras ou entradas pera dentro da dita enceada que os praticos naquella costa dizem terem cinco e seis braças de fundo, e nove legoas mais ao Nornordeste está outra Barra, de seis braçs de fundo e junto a ella temos a primeira povoação da capitania de S. Vᵗᵉ.*

SEXTA CARTA — *Mostrase a costa que vem do Rio, e ilha da Cananea ate o Porto de São Vicente e nella, no Rio Vua, temos barra, pera Caravellas, e o mesmo no Rio Itanha em o Porto de São Vicente esta em vinta quatro graos faz duas Barras, a do Sul he de São Vicente, tẽ quatro e cinco braças e a do Norte chamão dos Santos, tẽ seis e sete, são ambos os surgidouros bonissimos a terra fertilissima, e ares saudaveis, tem engenhos de açucar; e outras fazendas de proveito. Produz triguo e mᵗᵒˢ. fruitos e mantimentos e des legoas da barra para o Ocidente tem as minas de São Paulo, de que se tira Ouro, e seis legoas da barra, dos santos pera o Norte esta a barra da Bertioga, que tem bõ fundo e por ella se entra em hũ esteiro que vai sahir no Rio dos Santos e faz hũma ilha a que chamão de Santo Amaro que he do Conde de Monsanto; e tem esta ilha boas fazendas e engenhos de Açucar.*

SÉTIMA CARTA — *Da barra da Bertioga vai a costa voltando pera o Norte, ate a enceada de Vbatuba, em distancia de vinta cinco legoas terra, toda Montuosa ao longo do mar cem povoações nossas nẽ Porto notavel soo na Ilha de São Sebastião tẽ hum Porto da banda do Norte a que chamão dos Castelhanos com sinco e seis braças de fundo, está esta ilha lançada ao, Rumo do Nornoroeste perto da costa da emceada dos Guaromins tem cinco legoas em comprido e hua legoa apartada della, ao mesmo Rumo esta hua Ilheta a que chamão dos buzios que tẽ agoa e lenha, e Outra ao Norte, da de São Sebastião, em distancia de tres legoas a que chamão da Vitoria que tão bẽ tẽ agoa e lenha.*

(17) Deulin 1940, n.ºˢ XXXII-XXXVIII, pp. 63-70. Também aí se atribuem a João Teixeira duas outras cartas da mesma biblioteca com as cotas «Ge. DD. 2987 (9487-9488, 9525)» respectivamente do Rio de Janeiro e da Ilha de Fernando Noronha, mas essas não são certamente originais ou cópias de João Teixeira (n.ºˢ XXX e XXXI).

(18) Com excepção das duas primeiras, porque o copista orientou-as com o norte no alto, o que não sucede no atlas original.

(19) *Catálogo da Exposição de Cartografia*, in *Congresso do Mundo Português — Memórias*, Vol. IV, p. 447. Lisboa 1940.

(20) Texto explicativo que precede cada uma das respectivas cartas no atlas de 1640.

(17) Deulin 1940, n.ºˢ XXXII-XXXVIII, pp. 63-70. Deulin also attributes to João Teixeira two other charts in the same library, «Ge. DD. 2987 (9487-9488, 9525)», representing Rio de Janeiro and the Island of Fernando Noronha respectively, but these are not certainly originals by or copies after João Teixeira (n.ºˢ XXX and XXXI).

(18) With the exception of the first two, oriented by the copyist with north to the top, which is not the case in the original atlas.

(19) *Catálogo da Exposição de Cartografia*, in *Congresso do Mundo Português — Memórias*, Vol. IV, p. 447. Lisboa 1940.

(20) Explanatory text which precedes each corresponding chart in the atlas of 1640.

OITAVA CARTA — *Da emceada de Vbatuba vem correndo a Costa de Leste a oEste, ate hum monte a que chamão pão de assucar junto ao Rio de Janeiro nesta distancia de terra está a Ilha grande entre ella e a terra que tera distancias de hua legoa podẽ surgir em 3 e 4 e 6 braças as entradas pera este surgidouro hua he pola banda de Leste a que chamão a barra garatuba que tem fundo de duas braças e outras duas pola banda de Oeste por tres braças e da banda do sul da dita ilha grande junto a ella esta hua ilheta, a que chamão de Jorge Grego entre ela e a grande surgem em tres braças e na terra firme junto ao R[io] patigua está a povoação de Nossa Snra da Cõceição toda esta terra he fertelicima e de grande proveito.*

NONA CARTA — *O Rio de Janeiro he o milhor e mais seguro Porto da Costa do Brasil e dos milhores do Mundo não soo por sua grandeza e bõ fundo, e por ser capaz de muitos e grandes Naos mas tão bem por ser de grande trato assi pola grande abumdancia de asucar que, nele, há, e de Outras fazendas de preso, como tão bem pelo muito que delle se negocea pera o Rio da Prata, de que vem a ser a terra Riquissima he tão bem abumdante de madeiras e mais cousas necessarias pera fabrica de Navios he fertilissima de mantimentos de que se tirão pera muitos partes os ares muy saudaveis e de grande temperamento com estar no termino da torrida zona em altura de 23 graos Austrais a largura desta barra da fortaleza Santa Cruz até o forte São João he de 750 braças o fundo de quinze e dentro 20 e 25 entrão os Navios por junto a Ponta da banda de Leste onde está a fortaleza São João.*

DÉCIMA CARTA — *Do Rio de Janeiro ao Cabo frio se corre a Costa a Leste espasso de 19 Legoas sem porto nem sorgidouro algum está o Cabo frio em 23 graos largos junto a elle esta hua ilha e entre ella e o dito Cabo a hum bom surgidouro que tem cinco braças e dobrado o Cabo pera o Norte esta hua emceada de grande pescaria em que pode surgir navios de toda a sorte, adiante desta enceada pouco espasso esta a entrada do Rio da Caza da pedra donde a muitas salinas e seis legoas da entrada deste Rio ao Rumo do Nordeste estão as ilhas da (n) Cora e junto a ellas em 18 e 20 braças podem surgir muitas embarcações adiante destas Ilhas, distancia de seis legoas estão as de Santa Anna que tem agoa e lenha e surgidouro pera naos da India e adiante onze legoas esta o Cabo de São Thomé em altura de 22 graos.*

DÉCIMA PRIMEIRA CARTA — *Do Cabo de São Thomé que como dise esta em altura de vinte e dous graos corre a costa ao Norte trinta e seis legoas ate ao morro de Ioão Moreno, que he hũ monte que esta na entrada do Porto do S.to. Santo em altura de 20 graos e hu quarto em toda esta Costa, não temos porto notavel mais que o Rio Irinitiba em que podẽ surgir caravelas em fundo de duas braças e ao Norte dele oito legoas outro Rio cõ tres ilhas pequenas, na entrada dele que se corre do Noroeste sueste, entre, ellas, e a boca do Rio pode surgir em quatro braças chamão a estas ilhetas de Goropary e do mesmo nome esta hũa povoação pelo Rio asima distancia de cinco legoas não a nesta costa outra couza de que se fassa mensão.*

DÉCIMA SEGUNDA CARTA — *Do Porto do Sp.º Santo que esta em vinte graos e hũ quarto corre a costa, ao Norte e toma algũa couza da quarta do Nordeste ate a ponta a que chamão do Rio doce em distancia de doze legoas, em toda ella não á outro porto nẽ surgidouro mais que o do Sp.º Santo, que he hũ dos notaveis da Costa do Brasil, tẽ barra de bõ fundo na entrada, e dentro no porto surge em tres braças, a terra he fertil tẽ alguns engenhos de asucar he fresca e de bons ares.*

DÉCIMA TERCEIRA CARTA — *Do Rio doce ate a ponta de Agasuipe que esta na altura dos abrolhos he terra despovoada e sẽ proveito so tẽ algũ pão brasil a Costa correce ao Norte 28 legoas em todas ellas não temos porto nẽ surgidouro algũ tudo costa braua mostraçe o principio do canal dos Abrolhos e ilhas de Santa Barbara entre ellas podẽ surgir em cinco braças.*

DÉCIMA QUARTA CARTA — *Da ponta de Agasuipe ate o Rio dos Frades que são de costa trinta e duas legoas sempre ao Norte he tudo terra despovoada e sem proveito nẽ em toda ella ha porto nẽ praya donde Navios posão surgir nesta paragẽ estão os Canaes dos Abrolhos o mais piqueno fica mais chegado a terra, e tẽ, des braças de fundo e cõtudo não he segura a passagẽ por elle por ser estreito e os Reçifes perigosos o Canal grande tẽ fundo, de 14 e 15 braças e largura bastante a dar pasagẽ a naos da India.*

DÉCIMA QUINTA CARTA — *Do Rio dos frades ate Porto seguro corre a costa ao Norte des legoas tudo costa brava cõ alguns Rios em que não entrão embarcações a Villa de Porto Seguro esta em 16 graos e 1/2 de Altura do Sul o seu Porto he na foz do Rio Serinhaem tẽ cinco braças de agoa na boca do Rio e dentro duas daqui vai correndo a Costa, ao Nordeste ate hua ponta a que chamão delgada e torna a voltar ao Nornoroeste ate o Rio doce donde esta a povoação velha da Villa de Santa + que foi a primeira Terra que descobrio Pedralurz Cabral indo para a India por Capitão-mor de hũa harmada o Anno de 1500 nesta grande Provincia a que chamou de Santa Cruz tẽ esta Costa muitos Recifes hũs Cubertos e outros descubertos entre hũs e Outros ha boas entradas de bõ fundo pera naos groças e qualquer sorte de Navios.*

DÉCIMA SEXTA CARTA — *Do Rio de Santo Antonio ate o Porto dos Ilheos vai a Costa ao Norte não tẽ Porto natural soo o Rio Patipe tẽ vinte palmos de agoa de baixa mar de sorte que podẽ entrar Caravelas e o Rio Inizia he soo pera barcos da Costa os mais não são de consideração a terra he fertil mas pouco povoada produz m.to. boas canas de Asucar e he abundante de agoas p.a engenhos.*

DÉCIMA SÉTIMA CARTA—*O Porto dos Ilheos he hũ dos bõs da costa do Brasil esta em altura de quinze graos da parte do sul tem bõ fundo asim na barra como dentro no Porto a terra he das mais ferteis de todo o Brasil e tẽ citio pera se fazerem grandes fazendas pola abundancia de agoas e muitos Rios de boas Barras tẽ cinco engenhos de Asucar tẽ no seu destricto alguas povoações e Villas de Cõsideração os milhores portos são o Porto principal a que chamão dos Ilheos o Rio dos Contas; a Barra e Porto do Camamu e morro de São Paulo do qual ate a Barra de Iaguaripe, onde parte a Capitania dos Ilheos com a Baya de todos os Santos.*

DÉCIMA OITAVA CARTA — *A Baya de Todos os Santos donde esta a Cabesa e governo de todo o Estado do Brasil he a maior que se sabe em todas, as quatro partes do Mundo o cercuyto de todo o seu Reconcavo passa de quinze legoas a largura na entrada della tẽ perto de quatro legoas a Cidade do Salvador esta em altura de treze graos da parte do Sul esta lançada esta Baya de Norte a Sul a Ponta de Santo Antonio lhe fica a Leste e a Ilha de Ytaparica a Oeste e, entre, a dita Ilha e a terra firme da banda de Oeste fica hũ Canal cuja entrada, he a Barra a que chamão de Iguaripe que fica tres legoas do Morro de São Paulo pera o Norte por esta Barra entrão navios piquenos no Reconcavo da Baya este Canal tẽ seis legoas de coprido que são as mesmas que tẽ a ilha de Itaparica; podẽ surgir na Baya de todos os Santos muitos Centos de Navios de toda a sorte, em bõ fundo toda a cercumferẽcia della esta povoada de Requissimas fazendas e engenhos de asucar.*

DÉCIMA NONA CARTA — *Da Baya de todos os Santos até, o Rio de São Fr.co. são setenta legoas por costa de Nordeste sudueste de todos os Rios desta Costa os mais principais e de milhor fundo em que podẽ entrar embarcações são os seguintes: O Rio Pojuca que he o da torre de Garcia Davila tẽ barra pera Pataxos e caravellas o mesmo he o Rio Real e o Rio de Vazabarris e o de Sirigipe del Rey em que podẽ entrar Naos grosos mas cõ piloto pratico naquella costa por ter barra muito perigosa faz esta Costa hũa emseada que comesa hũa legoa do Rio Real, ao Nordeste e acaba junto ao Rio de São Fr.co. que vẽ a ser vinte legoas chamão a esta enceada da vaza barris e he muito perigosa por cauza das correntes das agoas e baixio no interior deste Terra a alguas fazendas de pesoas particulares e algũns lugares o de mais nome he a Povoação de São Cristovão Capitania de Sirigipe.*

VIGÉSIMA CARTA — *Do Rio de São Fr.co. vai continuando a Costa a Nornordeste os Portos e Rios principais são os seguintes: o Rio de São Miguel tẽ hũa barra da banda do Sul pola qual entrão Caravelas e Pataxos mas tẽ hũs baixos da banda de fora da Barra que ha mister piloto que saiba entrar pera dentro; o Porto dos franceses em que podẽ entrar navios grosos tẽ a barra da banda do Sul; A ponta de Iaraguaya faz hũ porto que esta em 10 graos largos em que podẽ surgir grandes navios, e, em grãde, cantidade, a entrada pola banda, do Norte, e na mesma ponta tẽ agoa bonissima, he bõ porto emparado cõ o Recife toda esta Terra, he da Capitania de Pernãobuco tão fertil, e Rica, como se sabe.*

VIGÉSIMA PRIMEIRA CARTA — *Toda esta Costa, ate o Cabo de Santo Agostinho corre ao Nornordeste, tẽ muitos surgidouros, barras e Portos dentro dos Recifes o principal he a barra grãde que esta em altura de nove graos e hu terço largos e outros, como, na demonstração cõ muita clareza se pode ver e do Cabo de Santo Agostinho pera o Norte tão bẽ a alguns surgidouros de menos importancia como he a Calha.ta junto ao mesmo Cabo o Porto de Maria Gĩz a Candelaria estes ãtes de Pernãobuco; em todos os sobreditos portos podẽ desẽbarcar Infantaria.*

VIGÉSIMA SEGUNDA CARTA — *Mostrase na passada folha a Costa de Pernãobuco ate a Parayba cõ todos os Portos e barras que ha por entre os Recifes a barra de Pernãobuco os navios que entrarẽ esta barra pera irẽ bẽ governados se chegarão bẽ a banda do forte que esta, no Recife deixando o dito forte ha banda do Sul porq̃ pera a parte do Norte tudo são Recifes auguados que não aparecẽ se não de baixamar entrace esta barra direito a Leste tẽ de preaymar dagoas vivas na Carreira 28 palmos de agoa, que são tres braças e meya e de baixamar duas e meya e sobre o picão que he hũa pedra que esta da banda do Norte da entrada da barra tem em Preymar dagoas vivas duas braças e meya esquaças e de baixamar hũa e meya larga e de preamar dagoas mortas tẽ braça e meya e de baixamar hũa braça e dentro dõde chamão, o Poço tẽ de preamar, dagoas vivas cinco braças e de baixa mar, tres e de preyamar dagoas mortas quatro, e de baixa mar tres, tudo fundo de area branca; he tao estreita esta Barra que se o navio não for de grãde governo raras vezes entra sẽ que, toq̃ A barra de Ytamaraca esta cinco legoas ao Norte da de Pernãobuco he dos melhores daquela Costa Comona demostração se vera; Abarra a que chamão de Catuama tẽ bõ fundo, mas muito perigosa; A barra do Porto dos frãçezes esta cinco legoas maes ao Norte da de Catuama entre os Recifes e a terra podẽ surgir em bõ fũdo.*

VIGÉSIMA QUARTA CARTA — *Da Barra da Parayba que esta em seis graos e dous terços da parte do Sul corre, a Costa trinta e cinco legoas as quase ao Noroeste tẽ, a Parayba, na entrada da Barra tres braças de Preyamar, e dentro quatro, e cinco braças, entrão os navios cõ a Proa em, Oeste; e na Barra, de Moças, entrão, os, navios cõ a Proa em, Oeste; e na Barra de Mogõgoape que esta entre, a Parayba e a Baya da treição podẽ entrar Caravellas, tẽ nove braças de largo e tres de Fundo; a Baya da Treição he bonissimo porto, pera muitas embarcações, daqui ate, o Rio, grãde não tẽ Porto notavel.*

VIGÉSIMA QUINTA CARTA — *O Rio Grande, he hũ dos milhores de toda a Costa, do Brasil, tẽ na entrada da Barra seis braças de, agoa, e dentro em partes, oito, e doze, tẽ, na barra, oitenta braças de largura. Podẽ entrar e surgir neste Rio muitos e grãdes Naos, da barra, ate a cidade avera hũa grande legoa, e defronte, da Cidade tẽ o Rio largura, de 300 braças, esta em altura de cinco graos da q.t corre a costa ao Noroeste, trinta legoas, ate hũa ponta, da terra a que chamão, Vassus, todas estas trinta legoas se navegão por hũ Canal, que se faz entre a terra e os baixos de São Roque o qual tẽ tres e quatro braças de fundo e de largo no mais estreito duas legoas.*

VIGÉSIMA SEXTA CARTA — *Desta ponta, a que chamão Vassus dá volta a Costa do Brasil pera, aparte de Oeste jndo, variando a diversos Rumos cõforme as pontas e, emçeadas que vai fazendo sẽ ate o Rio Opanama e ponta do mel aver porto algũ, por ser toda a Costa, aparçelada mas podẽ surgir hũa e duas legoas ao mar; da terra senão, tira proveito algũ por não ser povoada.*

VIGÉSIMA SÉTIMA CARTA — *Do Rio Opanama, a costa quasi a Leste, ate o Rio Iaguaripe, em que podẽ entrar Urcas e Pataxos deste Rio continua a Costa, vinte legoas, atẽ o Siarâ que he bõ Porto, donde temos povoação, e fortaleza do dito Siarâ, continua a Costa ate Paranapuc que tẽ surgidouro cõ tres braças de fundo e, em toda esta Costa se pode surgir, ao mar, hũa e duas legoas, em bõ fundo.*

VIGÉSIMA OITAVA CARTA — *De Paranapuc vai a Costa, a Oeste atẽ ao Rio das preguisas em que podẽ entrar pataxos e Caravellas, toda esta Costa he, aparçelada mais de hũa legoa ao mar, e destes parçeis do mar, podẽ surgir, nas braças que se mostrão, a terra he povoada de gentio e sem proveito algũ.*

VIGÉSIMA NONA CARTA—*Do Rio das preguissas ate a barra do Pereya são catorze até quinze legoas. Por esta barra, entrão Caravelas e outros navios piquenos, que vão ao maranhão, por se segurarẽ das correntes, das agoas que são brandes naquela paragẽ, e navegão, por, entre aquelas ilhas, e de maré vazia ficão em vaza ate que a marẽ torna a encher e assi vão navegando, ate desembocarẽ por entre, a ilha de Santa Anna e a do Mossame por Canal, de quatro e cinco braças, e por bõ fundo vão demandar abarra e entrada do Maranhão, por donde podẽ entrar naos de toda asorte.*

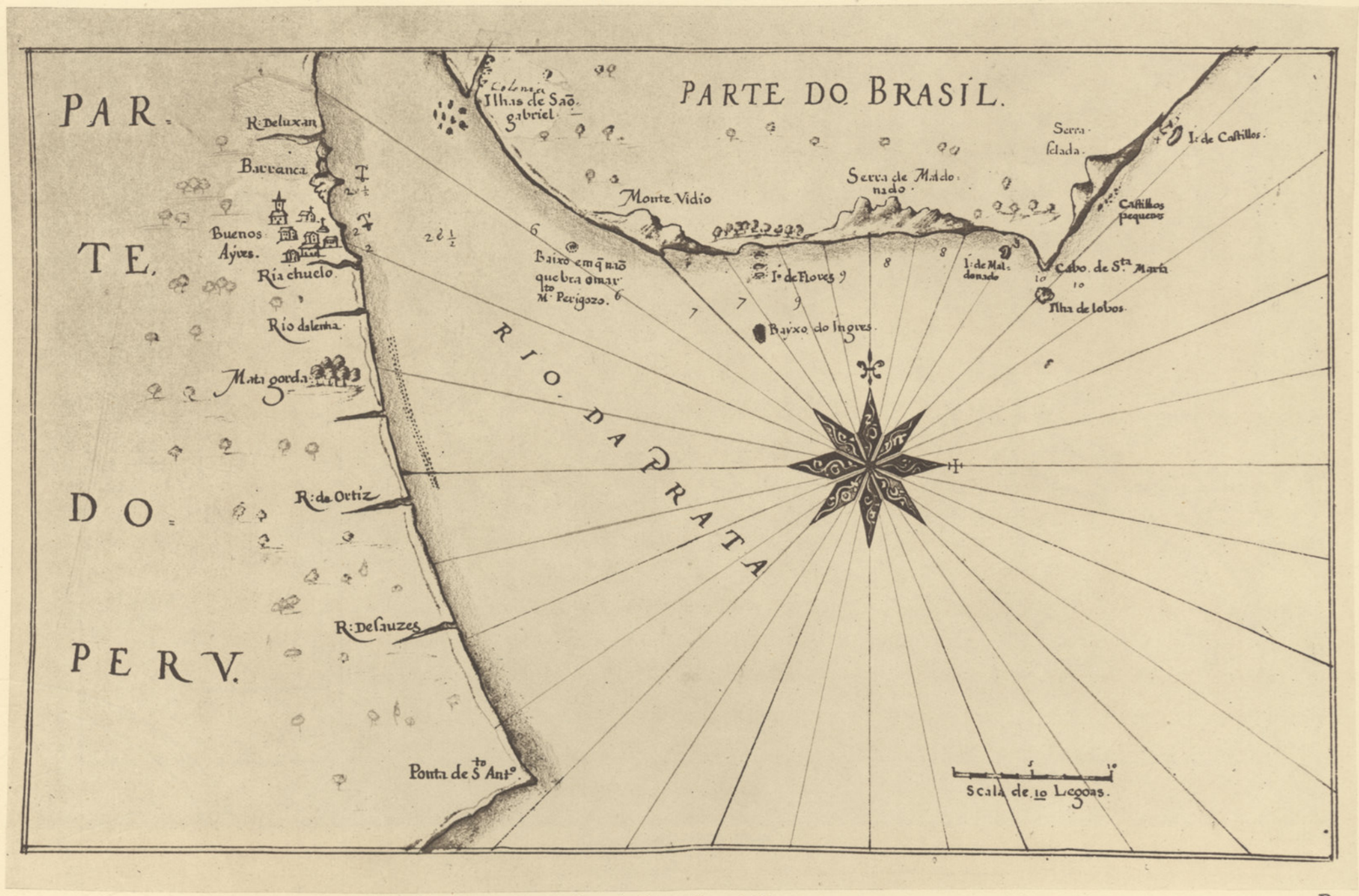
TRIGÉSIMA CARTA — *Da Barra do Maranhão, atẽ a barra do Cumã, são tres legoas tẽ Cumã bõ Porto em que podẽ surgir Pataxos e vai continuando a Costa atẽ o Rio Turi e ilha de São Ioão tẽ este Rio, hũ bõ porto, de quatro e cinco braças, de fundo, não tẽ estas trinta e cinco, legoas, de Costa outro algũ Porto, de que se possa fazer menção, a terra he fertil e promete grandes proveitos sendo cultivada.*

TRIGÉSIMA PRIMEIRA CARTA — *Do Rio Turi, até a entrada do Grão Parâ não temos, outro porto mais que, o de Caite em que podẽ entrar, Caravelas e Pataxos; toda esta Costa he Retalhada cõ esteiros que vão a fazer Ilhas por entre as quais navegão canoas que vão do Maranhão, ao Para e se Comicão de hũa aoutr.a parte, por aqueles Canaes, polas grandes corentes, das agoas q̃ junto da costa corẽ, não darẽ lugar, a se navegar cõ sigurança pola costa; o Rio Parâ tẽ cetenta legoas de boca e na mesma cõformidade da largura vai entrando pola terra dentro, outras tantas legoas, fazendo hũ grande Golfo, o qual, todo, esta cheyo de hũ grandisimo numero de ilhas de muitas de grã deza, notauel e por entre hũas e outras Canais por, donde podẽ navegar grãdes embarcações, em todas estas ilhas, se podẽ fazer grandes fazendas a, entrada deste grande Rio, esta debaixo da equinoçial.*

Original 296×416 mm.

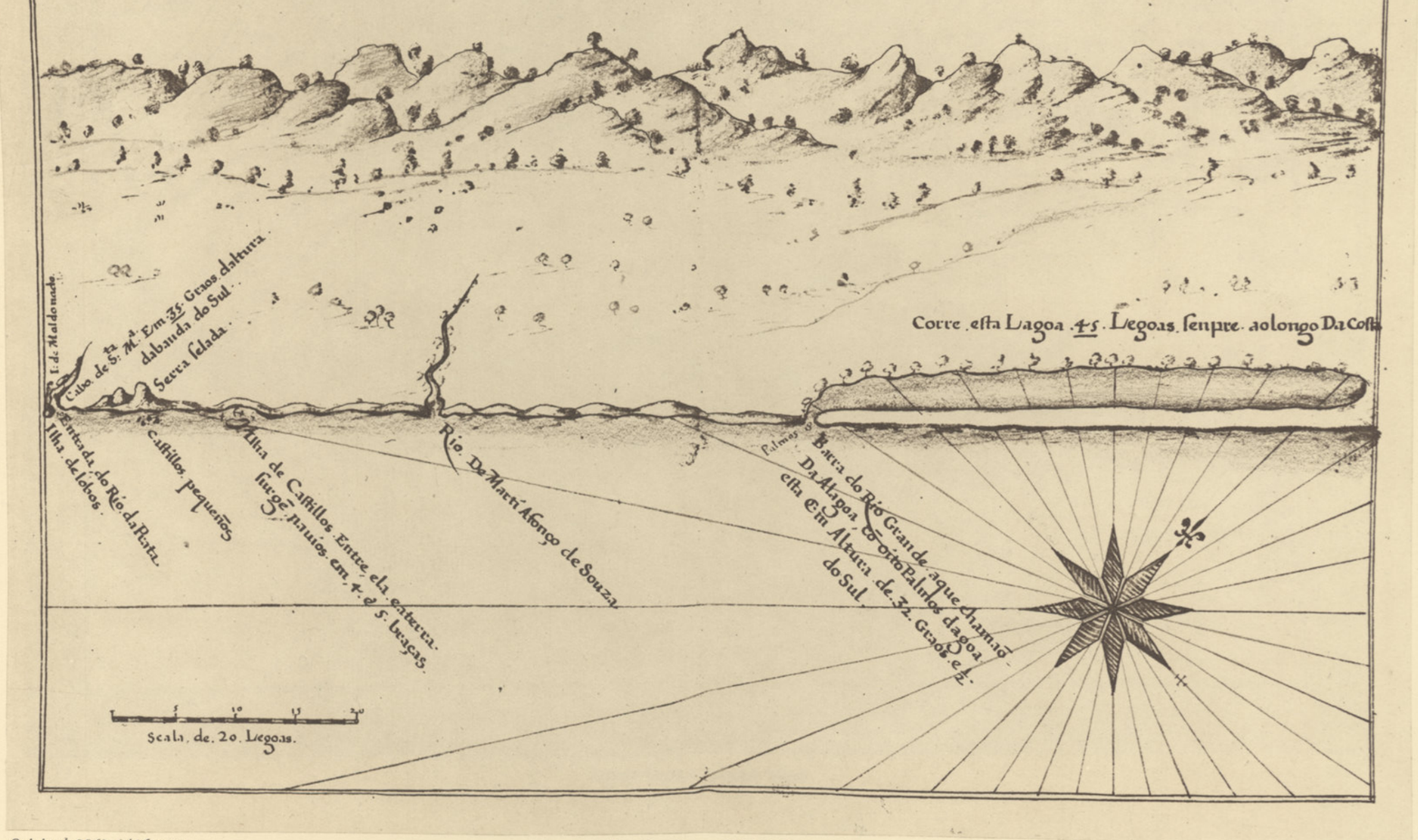
Primeira Carta — First Chart

A



Segunda Carta — Second Chart

B



Original 296×416 mm.

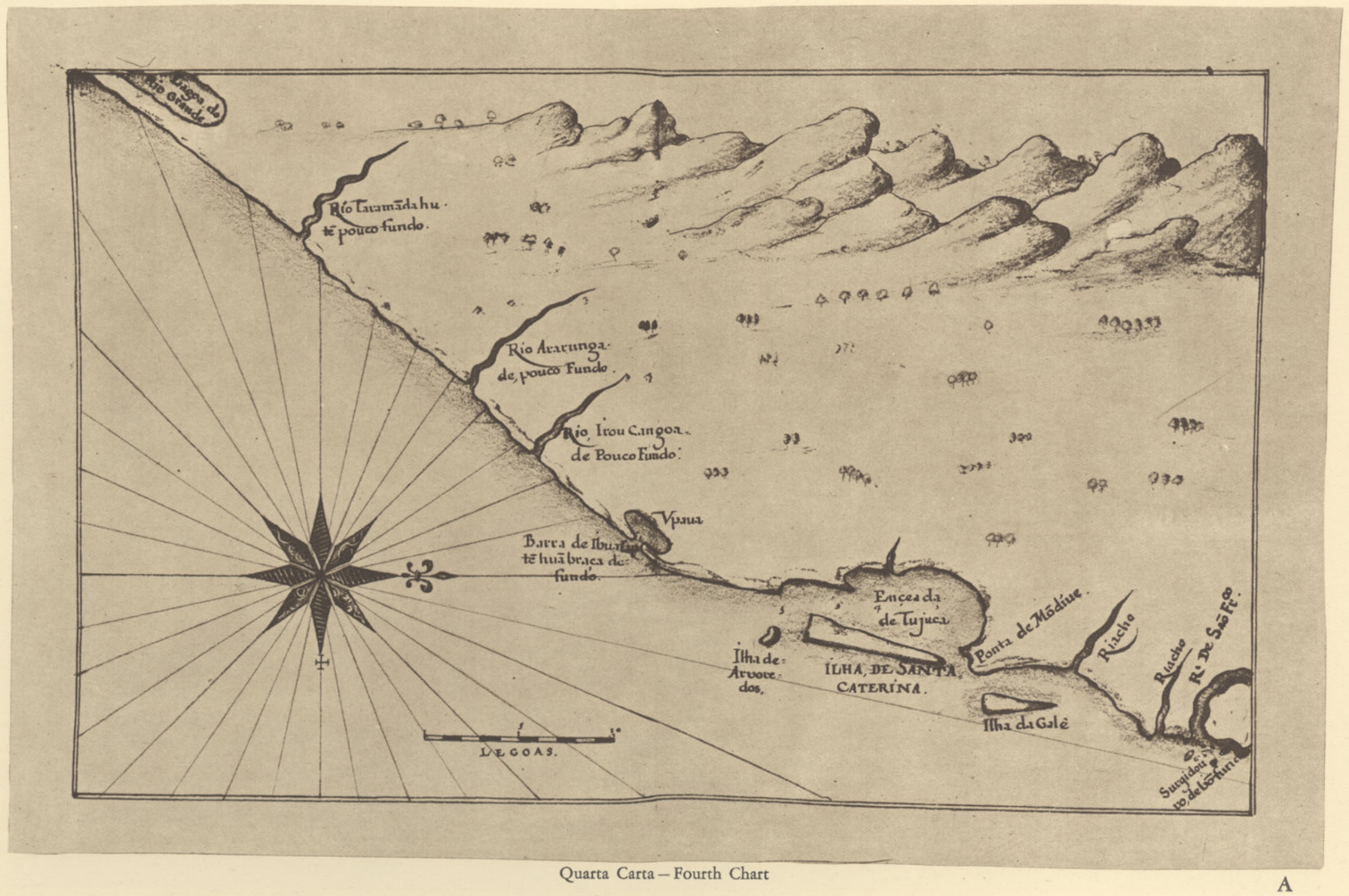
Terceira Carta — Third Chart

C

João Teixeira I, 1640

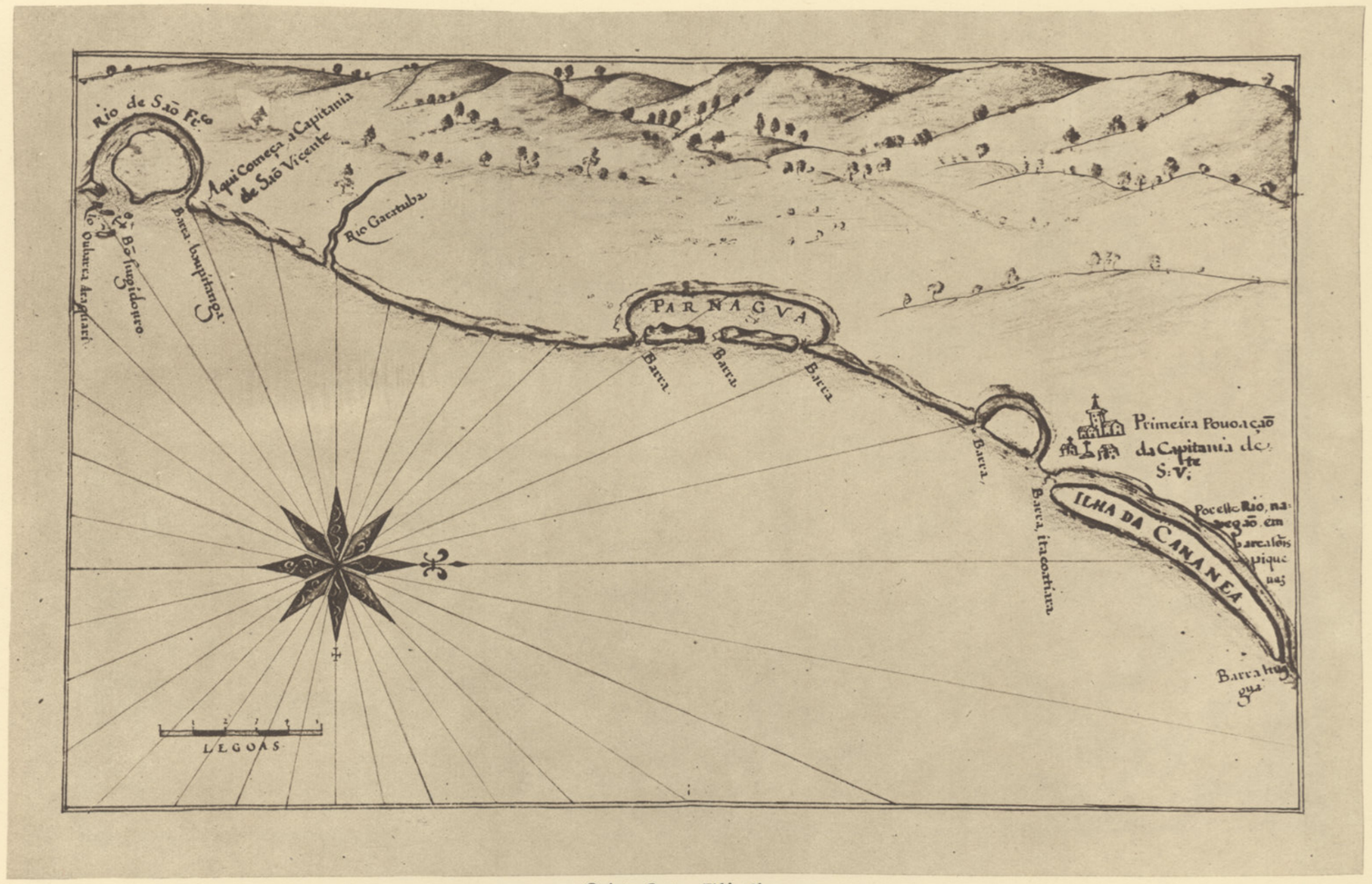
Atlas do Brasil com trinta e uma (ou trinta e duas) cartas — Atlas of Brazil with thirty-one (or thirty-two) charts

Arquivo Histórico do Ministério das Finanças, Lisboa



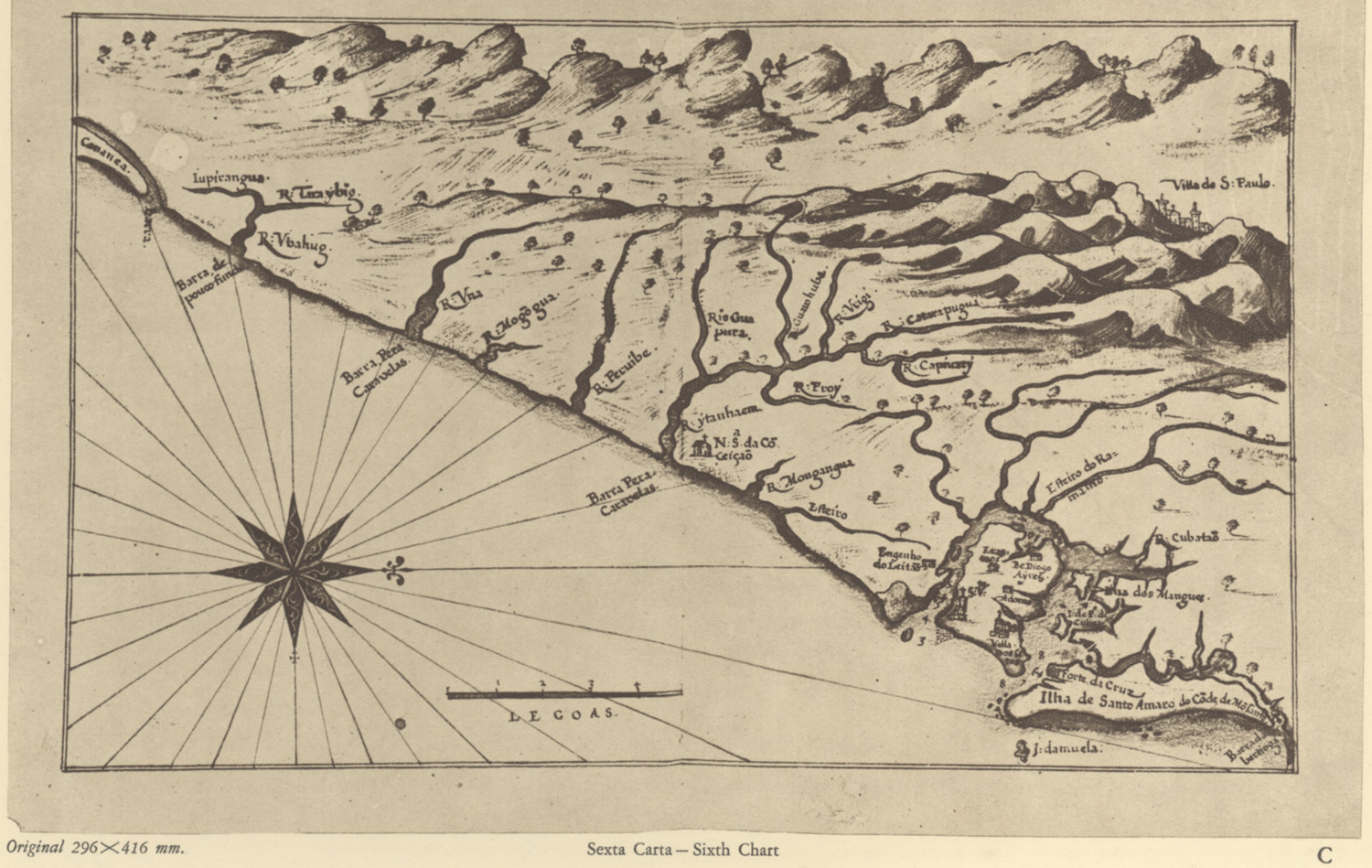
Quarta Carta – Fourth Chart

A



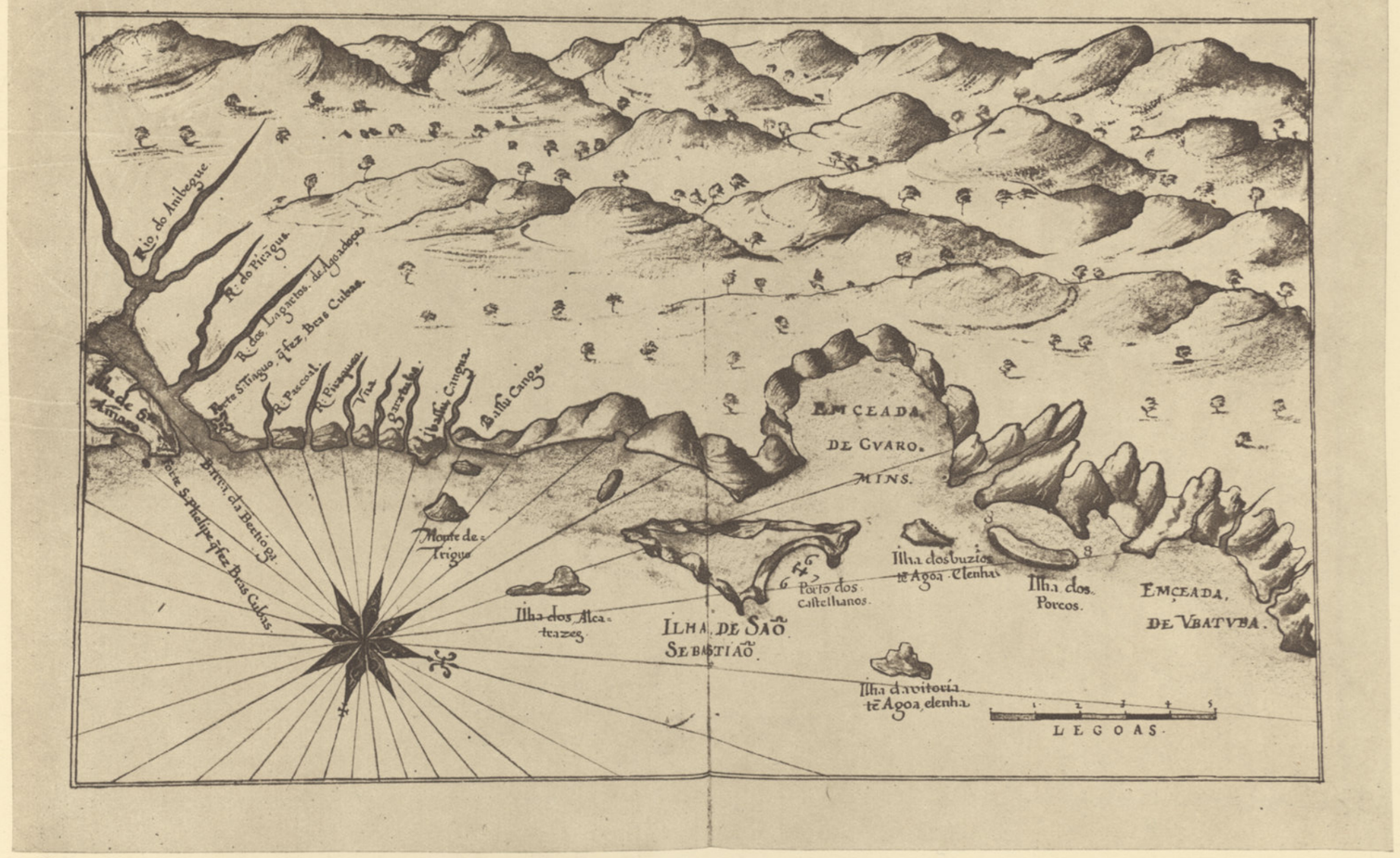
B

Quinta Carta – Fifth Chart



Sexta Carta – Sixth Chart

C



D

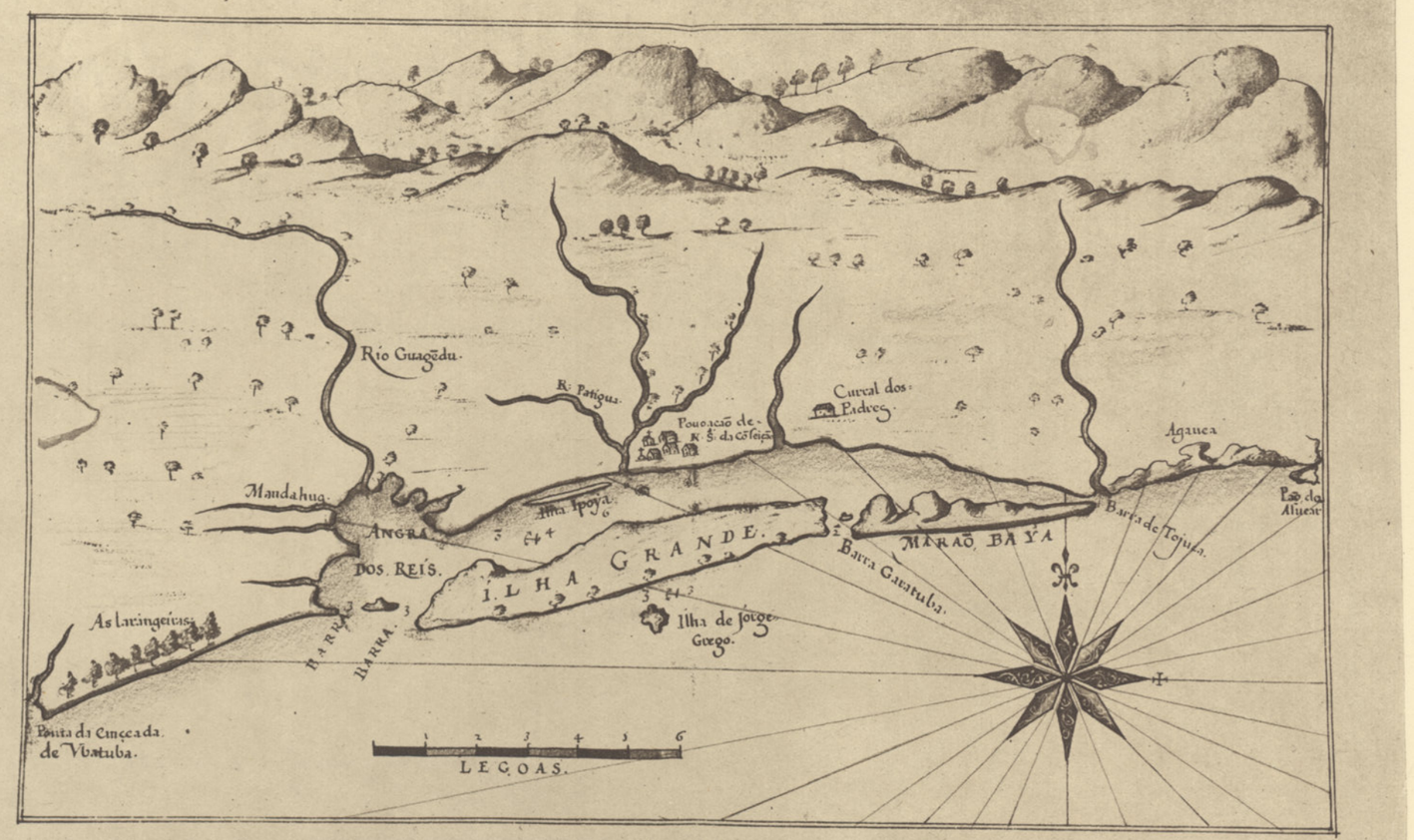
Sétima Carta – Seventh Chart

Original 296×416 mm.

João Teixeira I, 1640

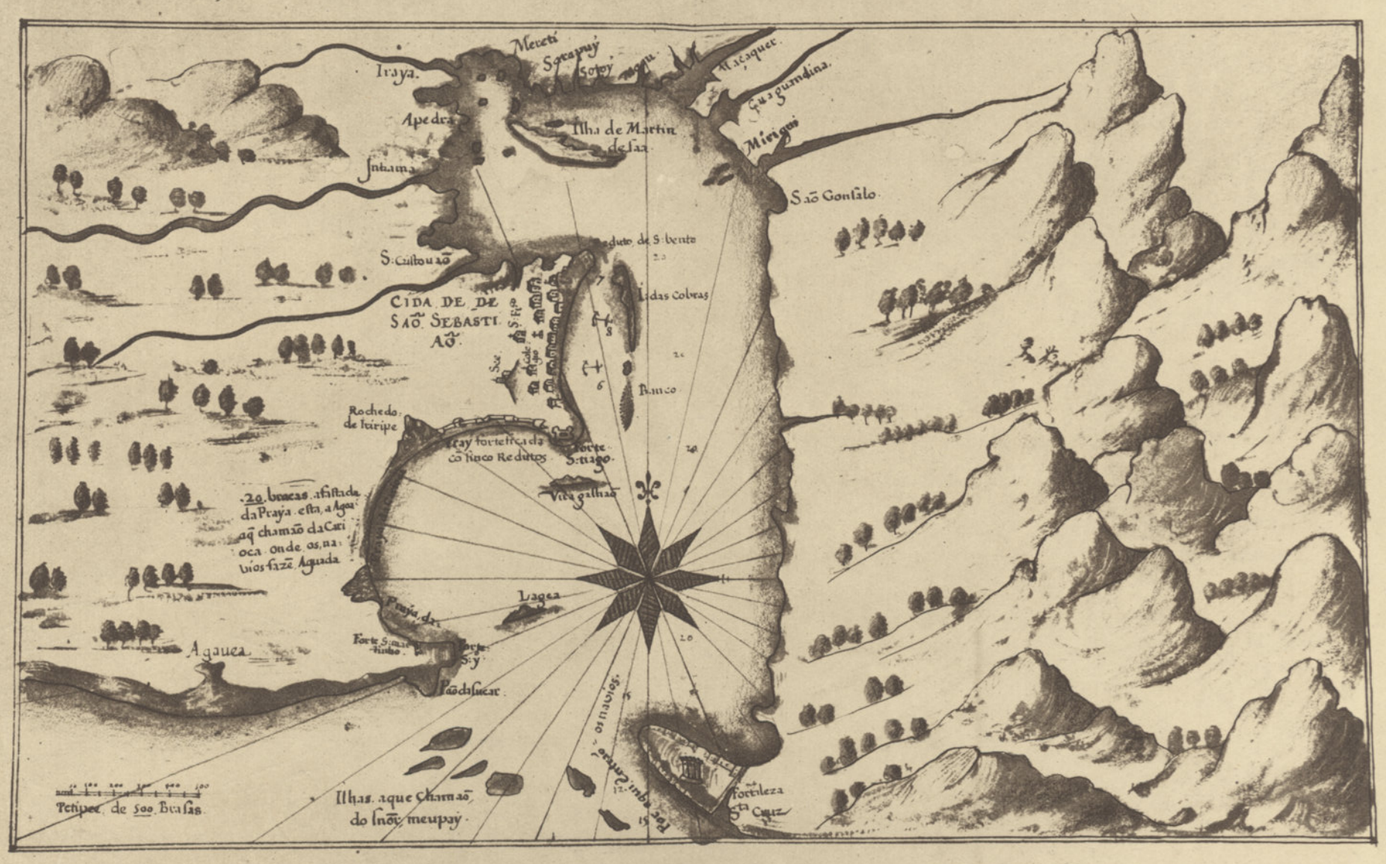
Atlas do Brasil com trinta e uma (ou trinta e duas) cartas – Atlas of Brazil with thirty-one (or thirty-two) charts

Arquivo Histórico do Ministério das Finanças, Lisboa



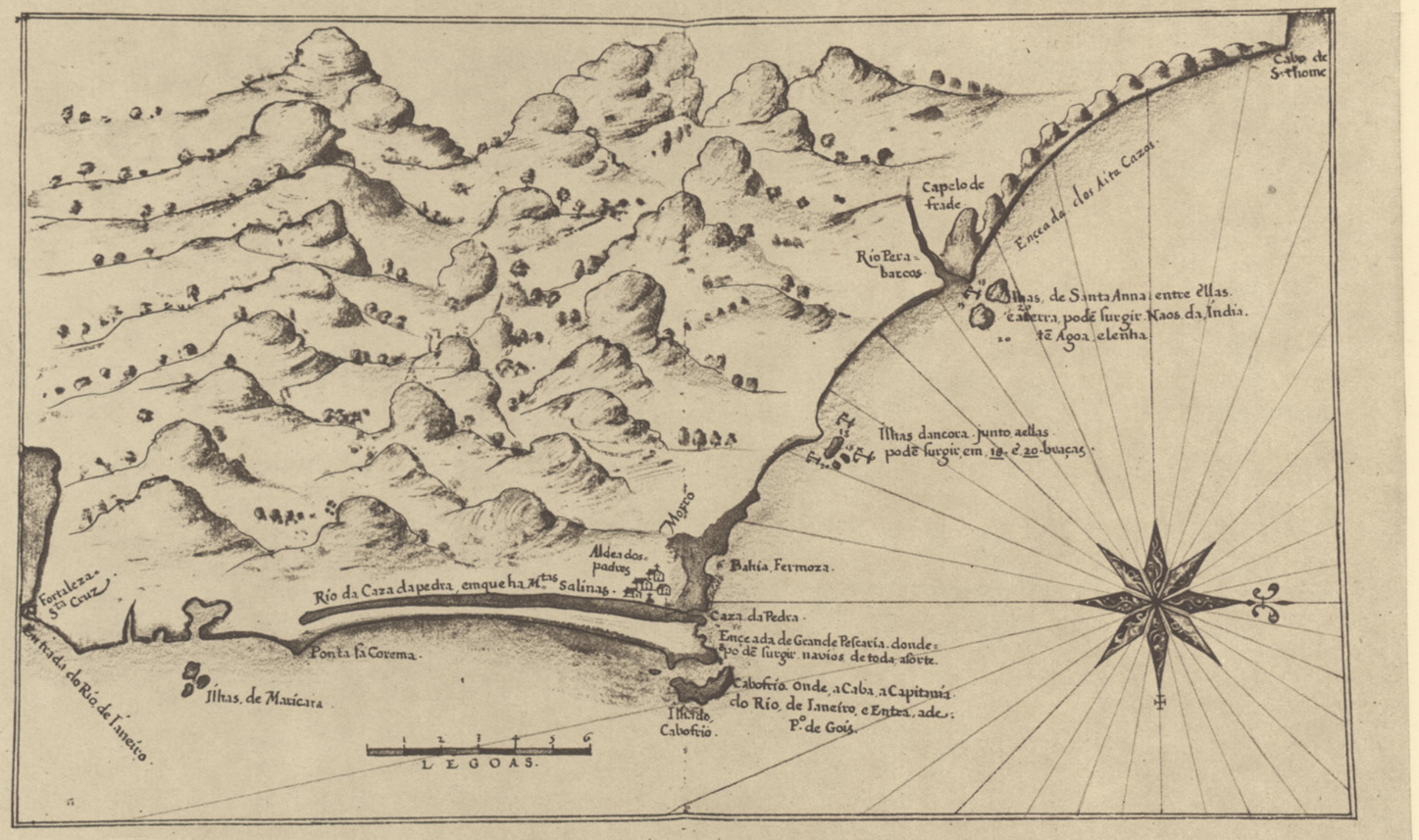
Oitava Carta – Eighth Chart

A



Nona Carta – Ninth Chart

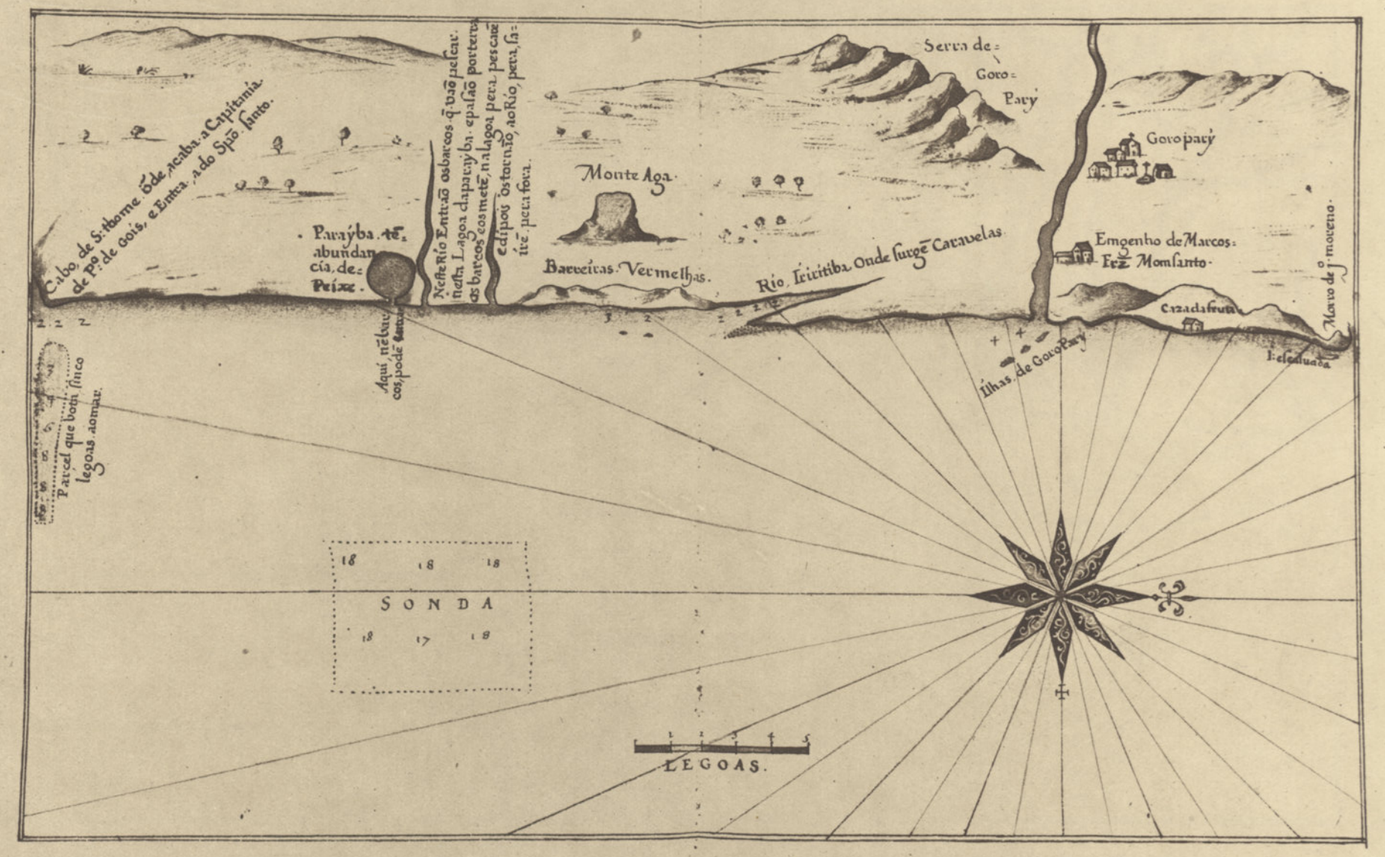
B



Original 296×416 mm.

Décima Carta – Tenth Chart

C



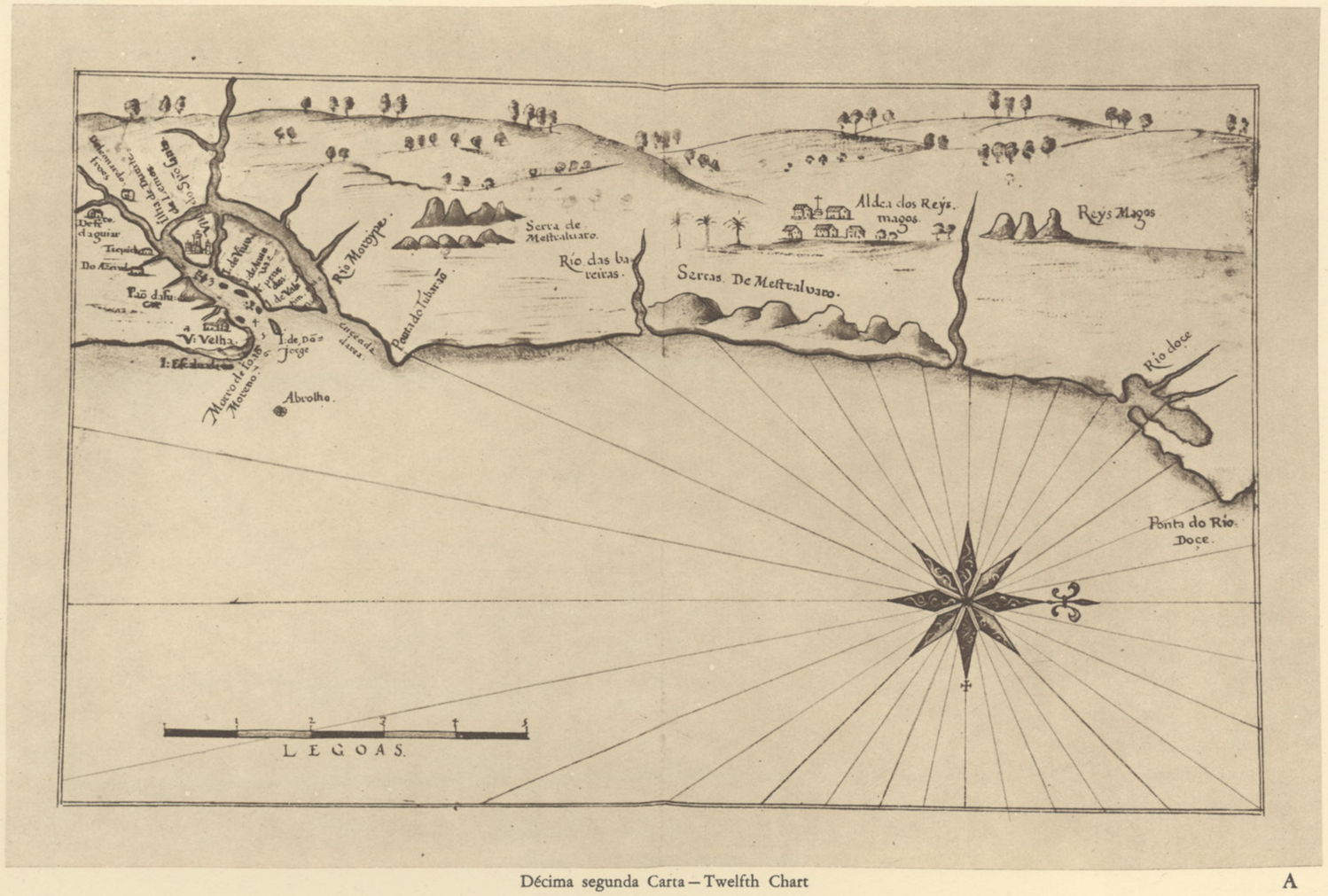
D

Décima primeira Carta – Eleventh Chart

João Teixeira i, 1640

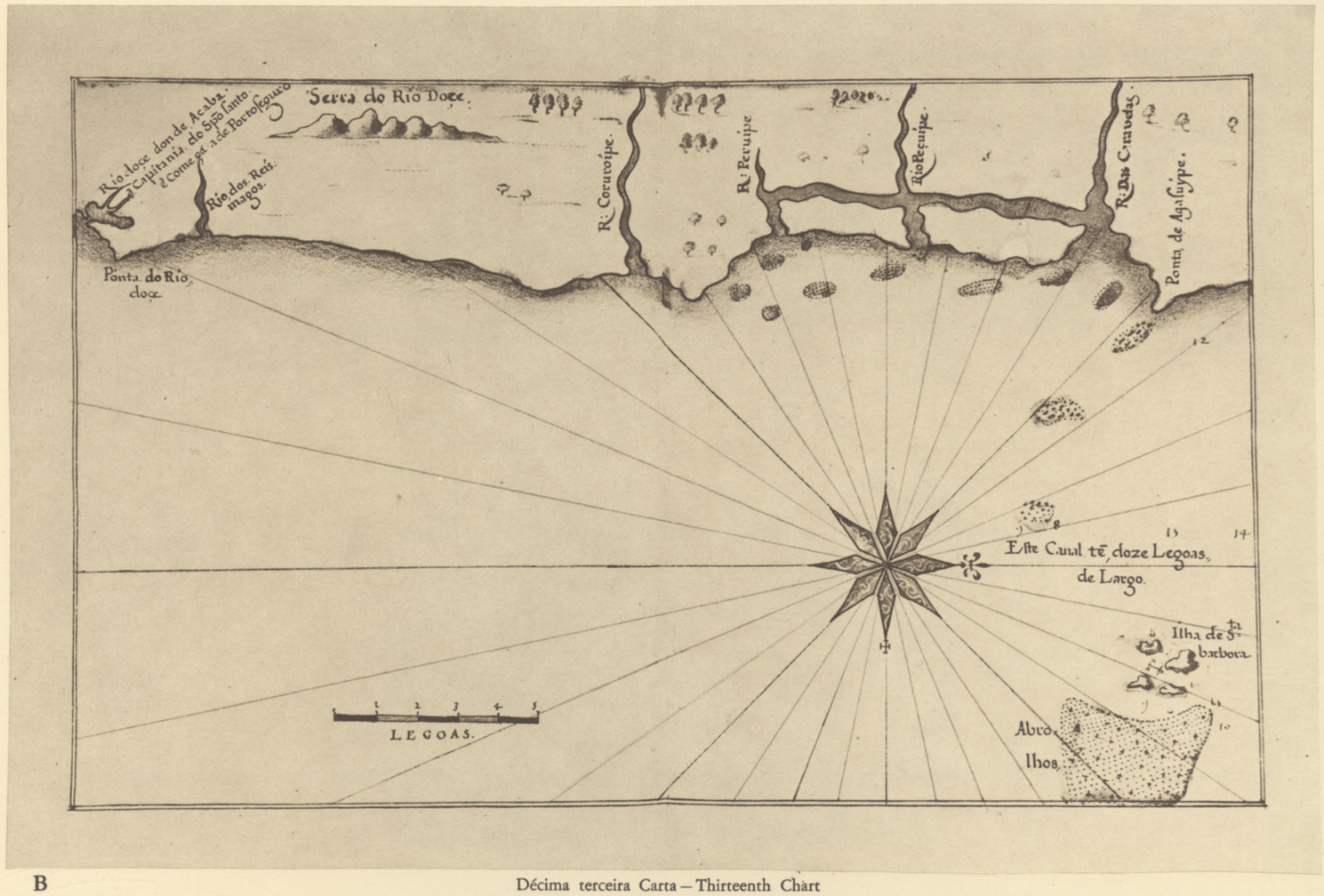
Atlas do Brasil com trinta e uma (ou trinta e duas) cartas – Atlas of Brazil with thirty-one (or thirty-two) charts

Arquivo Histórico do Ministério das Finanças, Lisboa



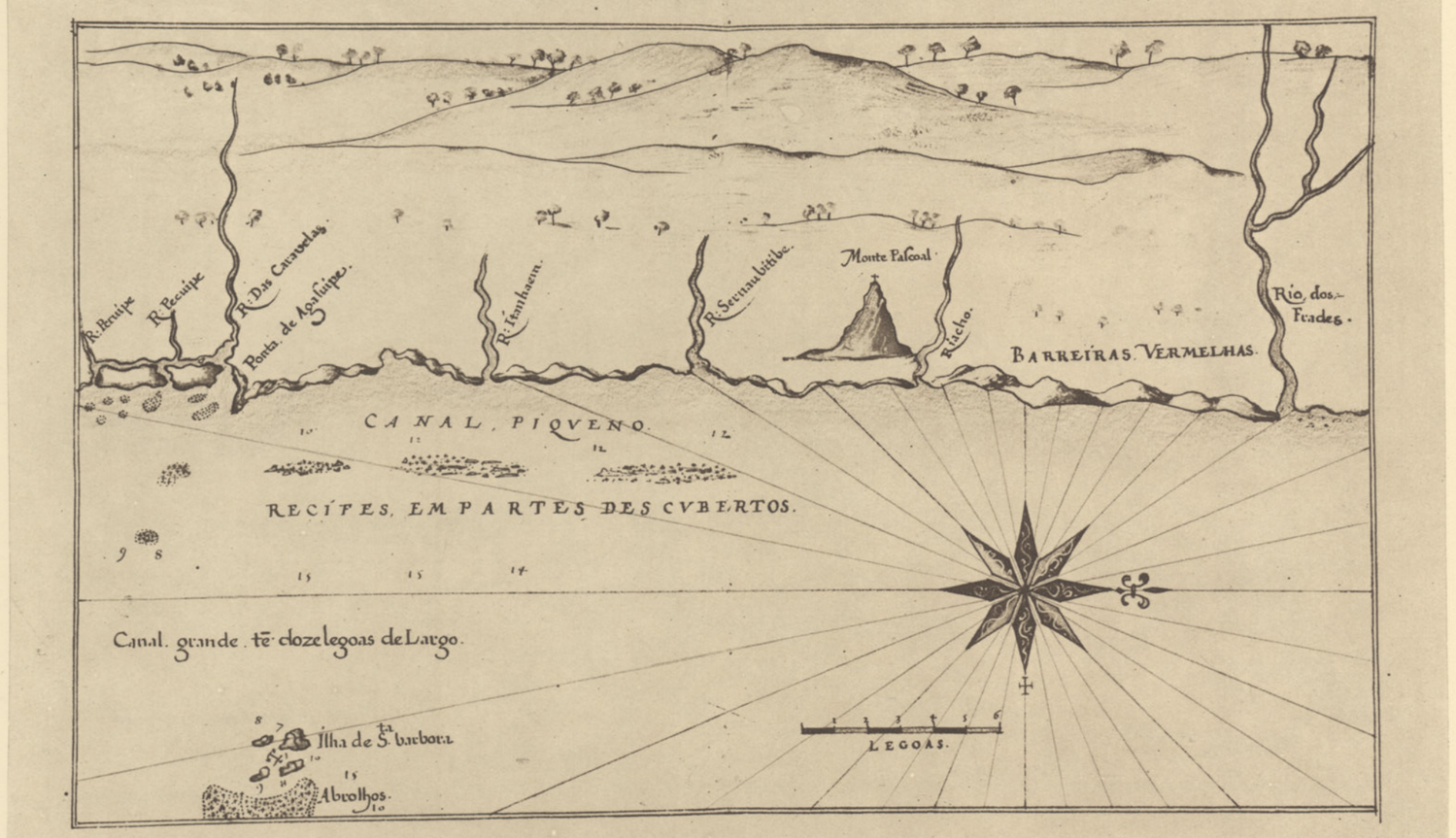
Décima segunda Carta — Twelfth Chart

A



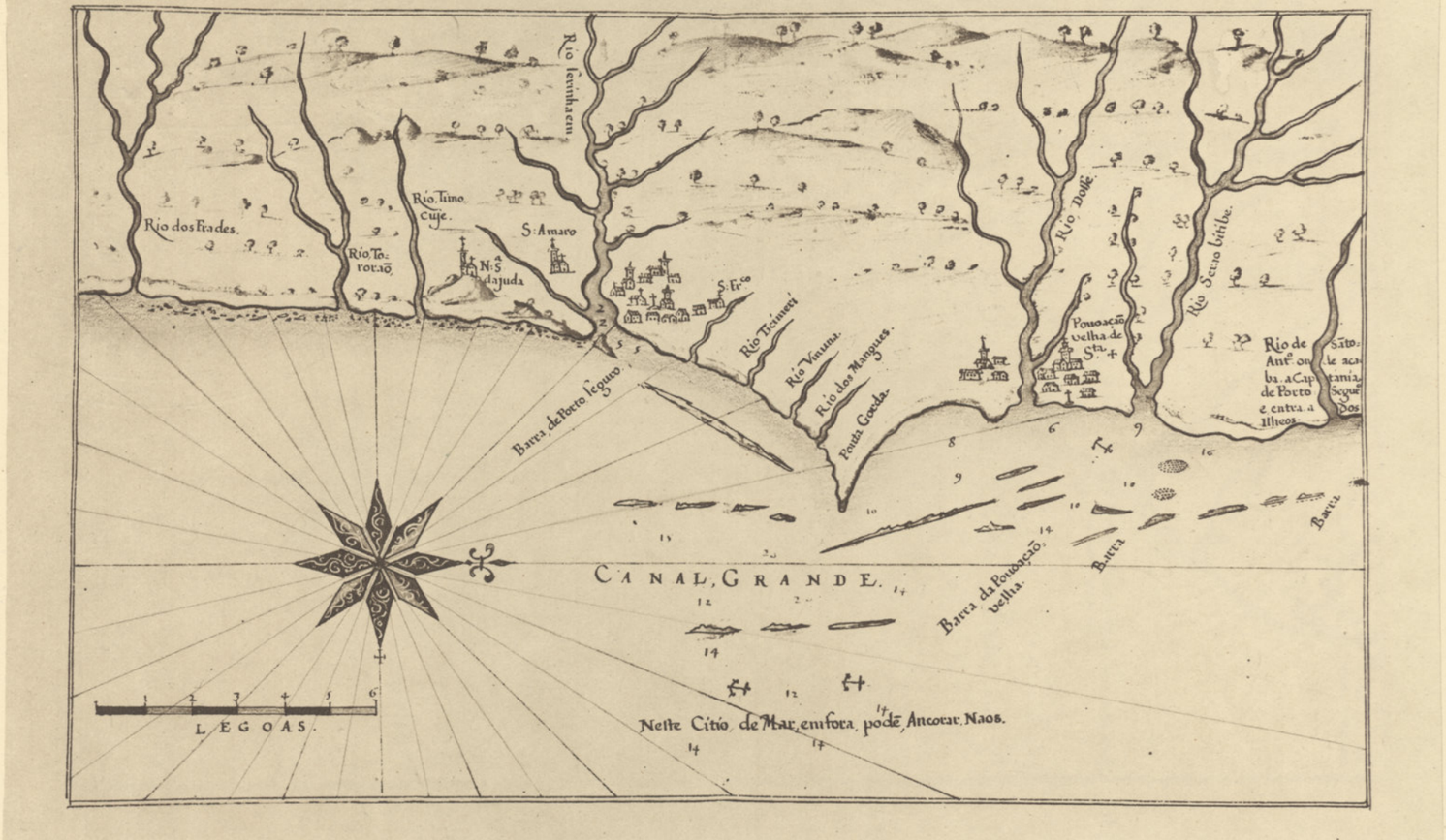
Décima terceira Carta — Thirteenth Chart

B



Décima quarta Carta — Fourteenth Chart

C



Décima quinta Carta — Fifteenth Chart

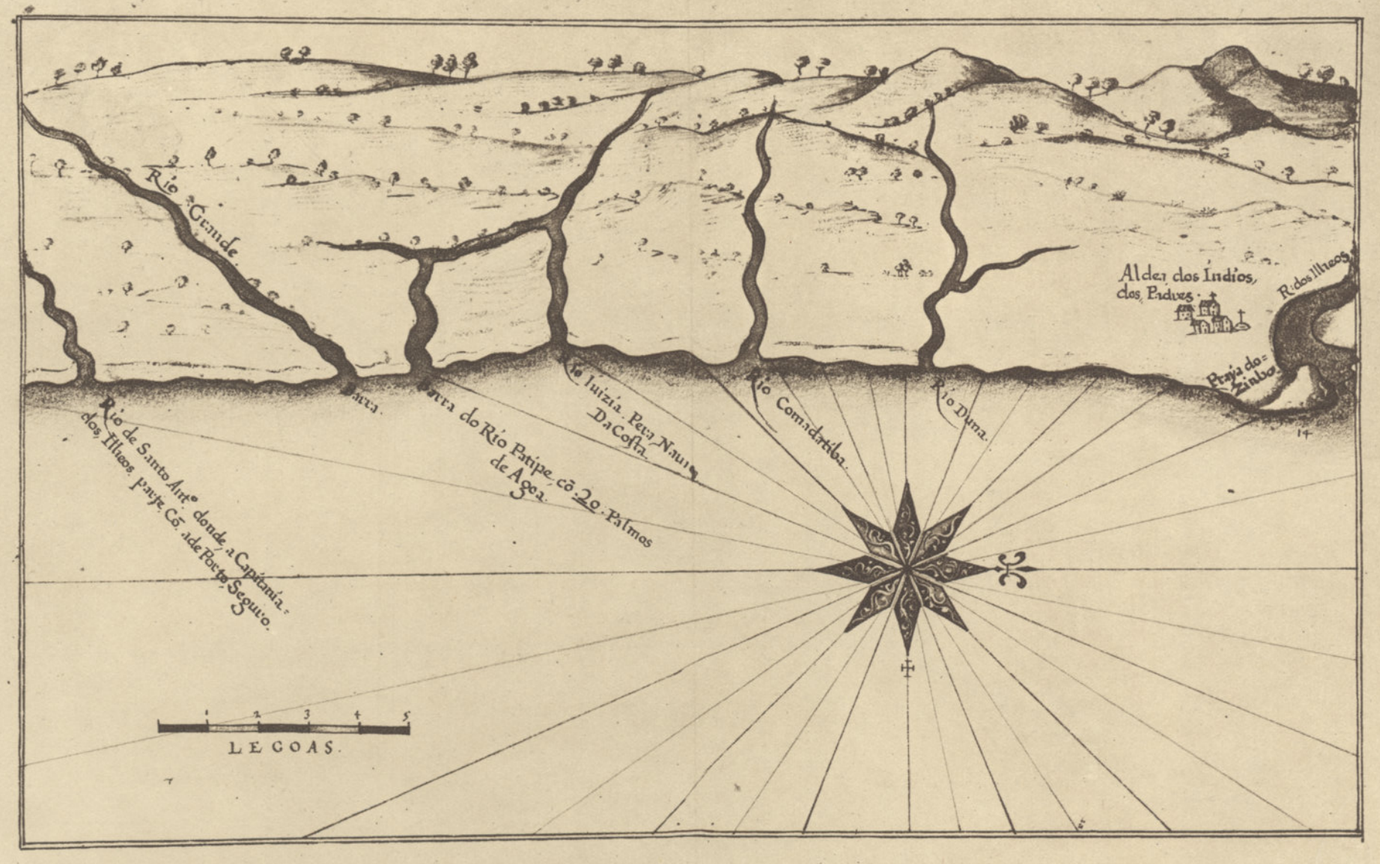
D

Original 296×416 mm.

João Teixeira I, 1640

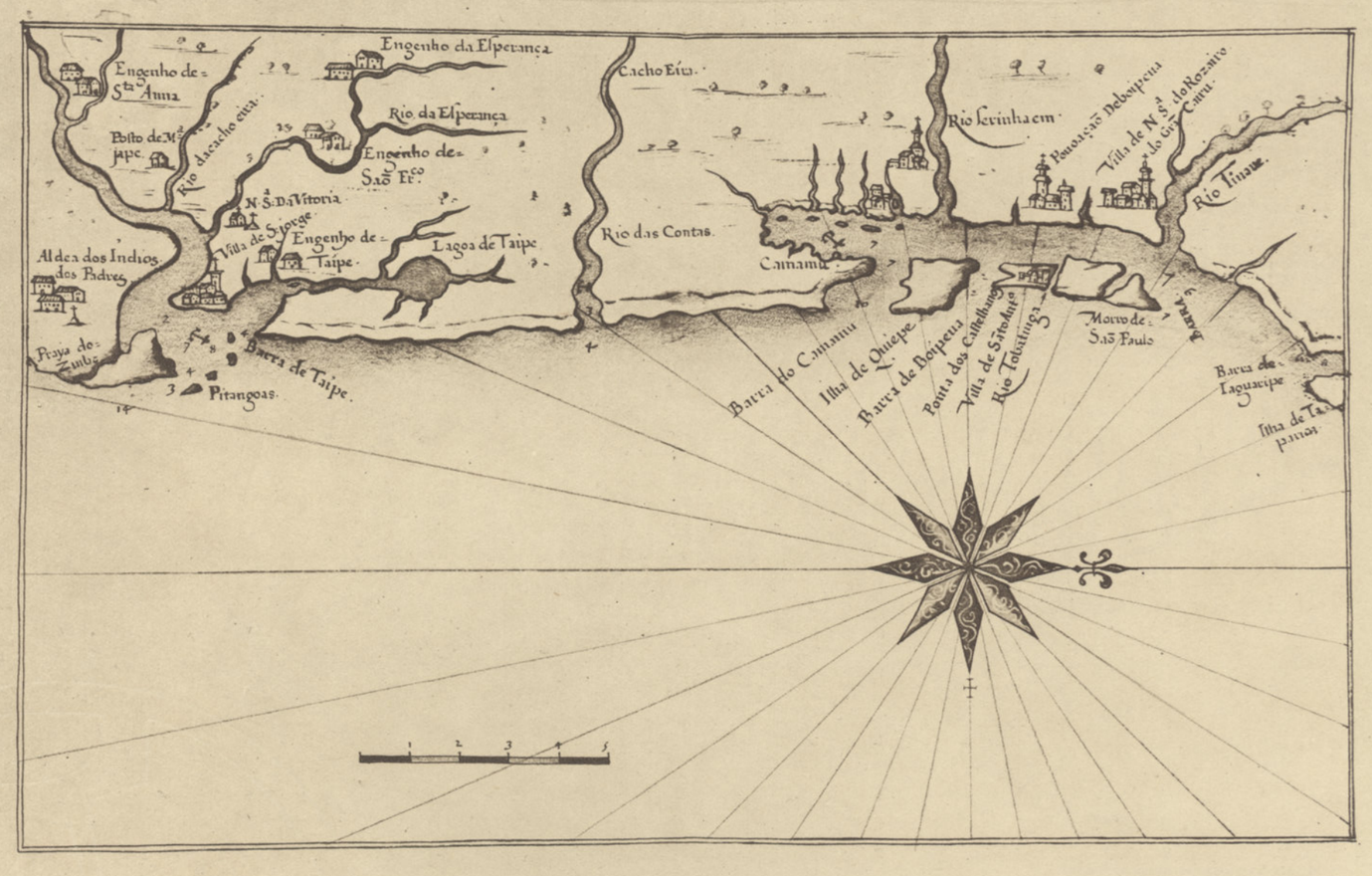
Atlas do Brasil com trinta e uma (ou tinta e duas) cartas — Atlas of Brazil with thirty-one (or thirty-two) charts

Arquivo Histórico do Ministério das Finanças, Lisboa



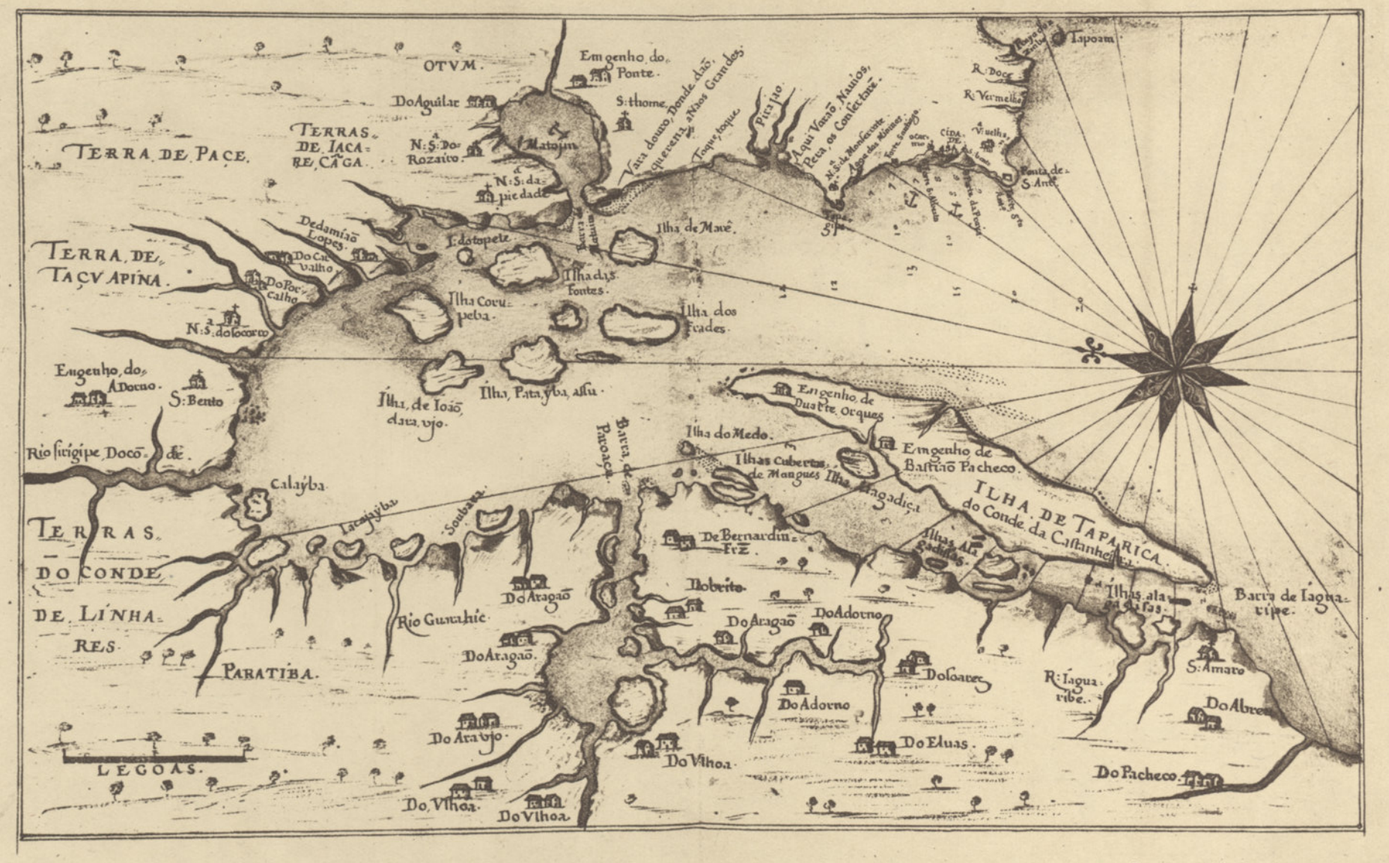
Décima sexta Carta — Sixteenth Chart

A



Décima sétima Carta — Seventeenth Chart

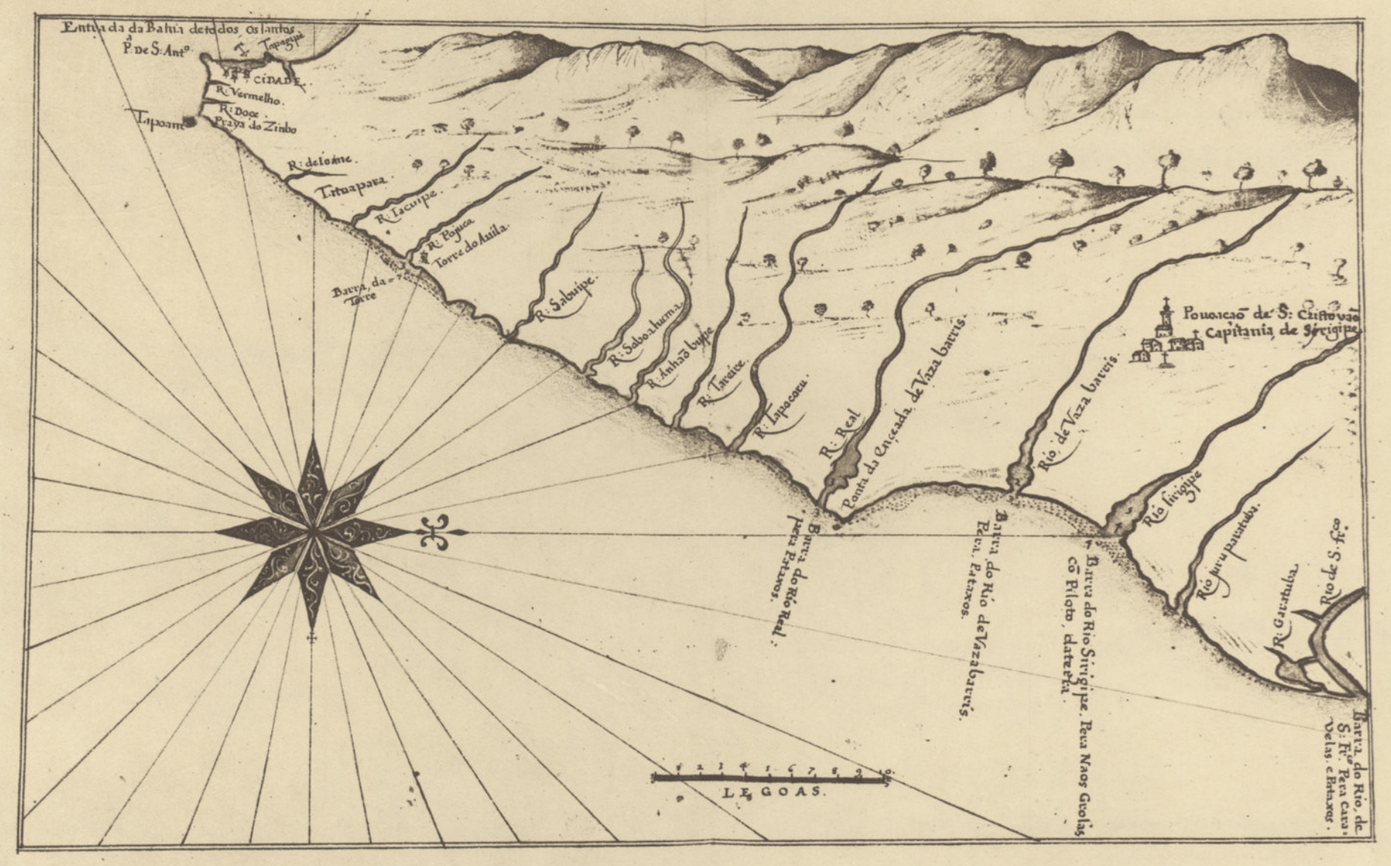
B



Original 296×416 mm.

Décima oitava Carta — Eighteenth Chart

C



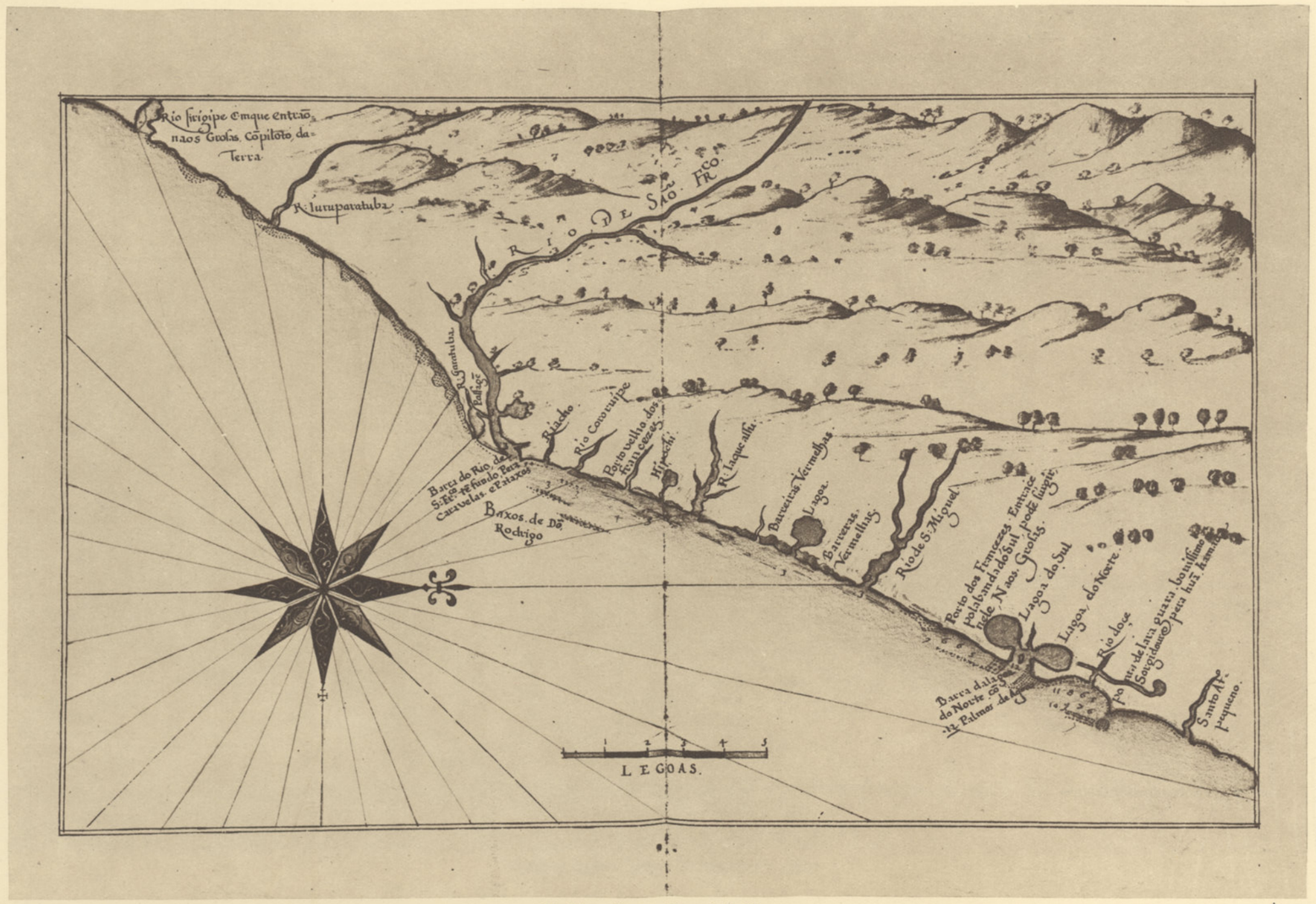
Décima nona Carta — Nineteenth Chart

D

João Teixeira i, 1640

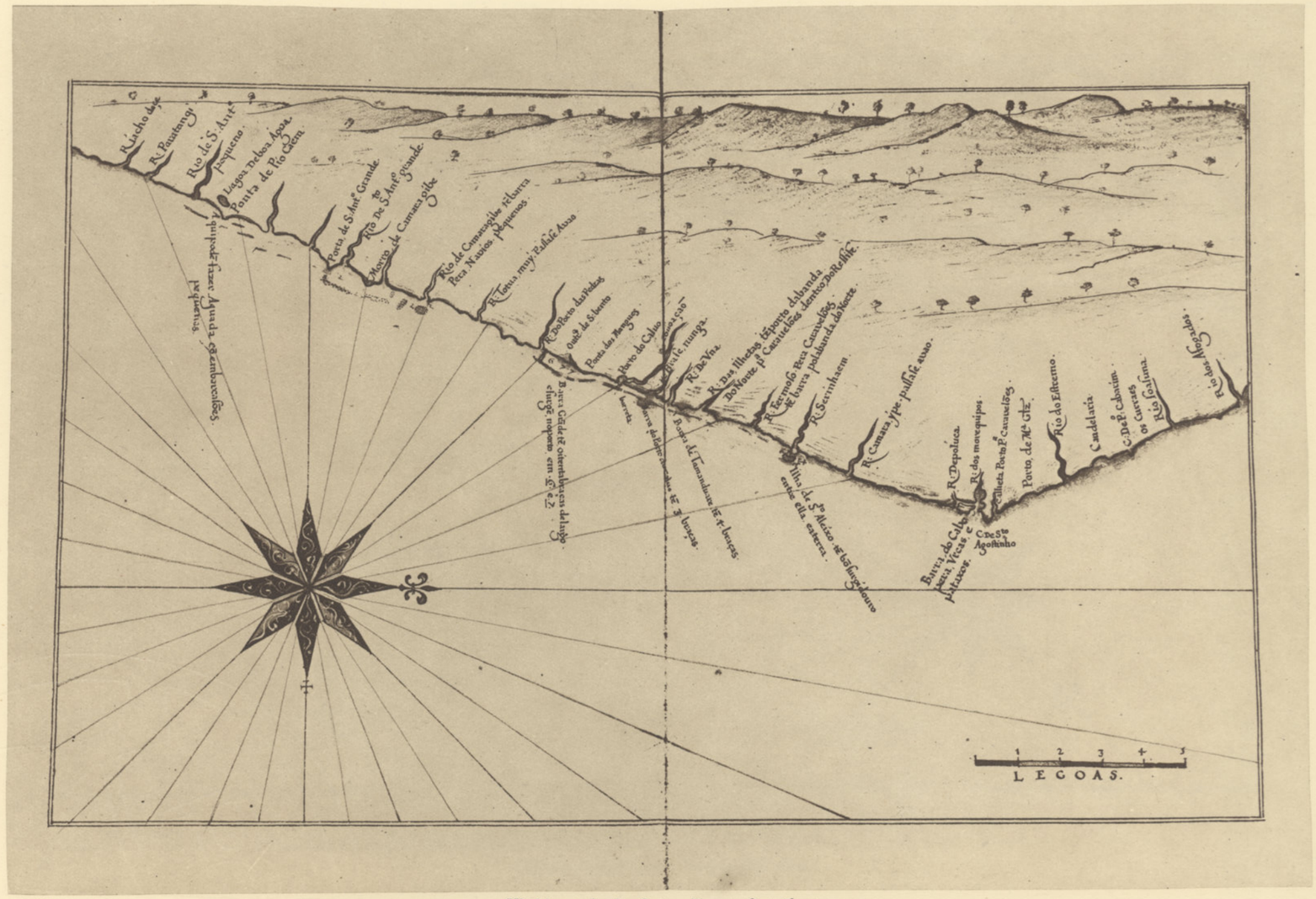
Atlas do Brasil com trinta e uma (ou trinta e duas) cartas — Atlas of Brazil with thirty-one (or thirty-two) charts

Arquivo Histórico do Ministério das Finanças, Lisboa



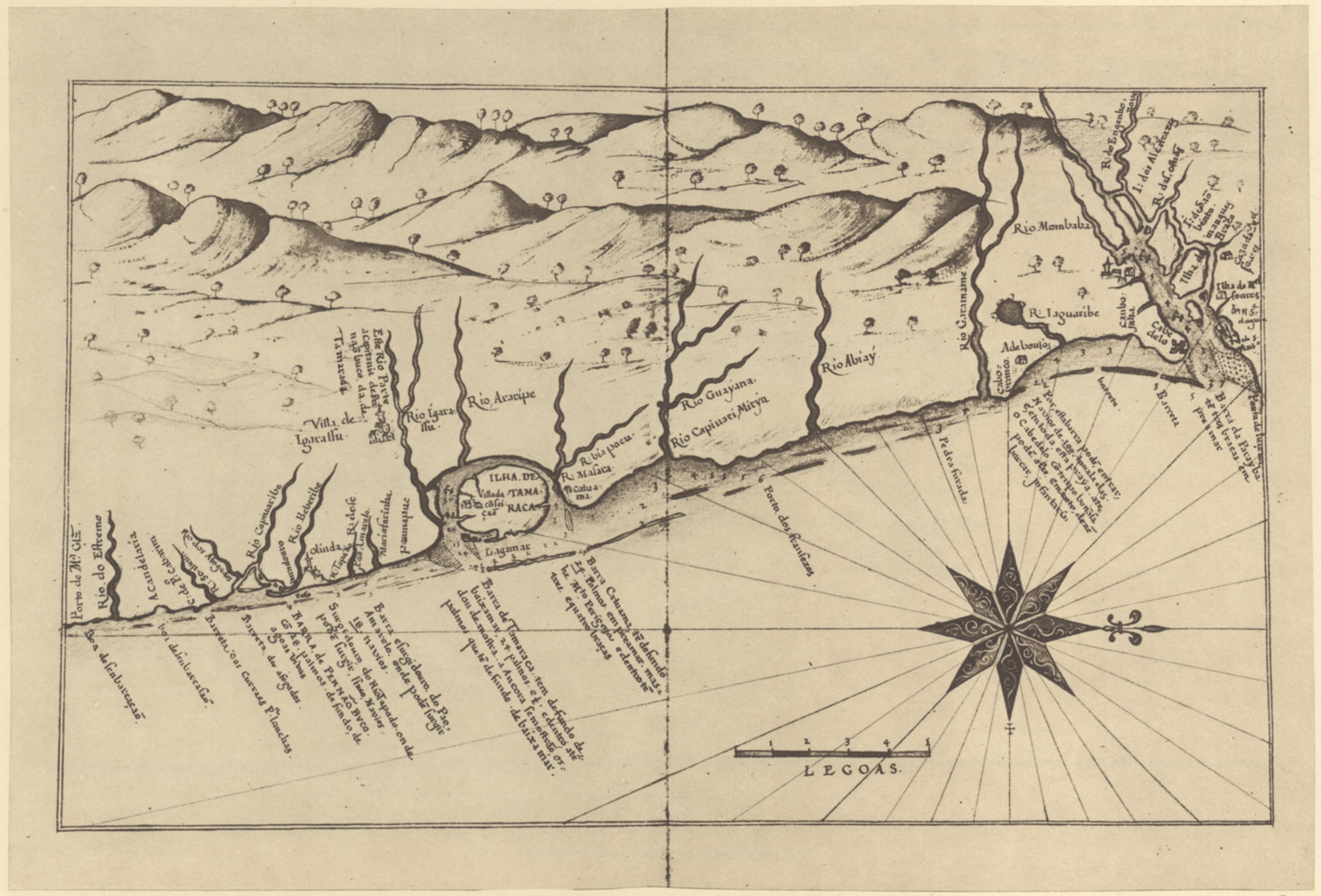
Vigésima Carta — Twentieth Chart

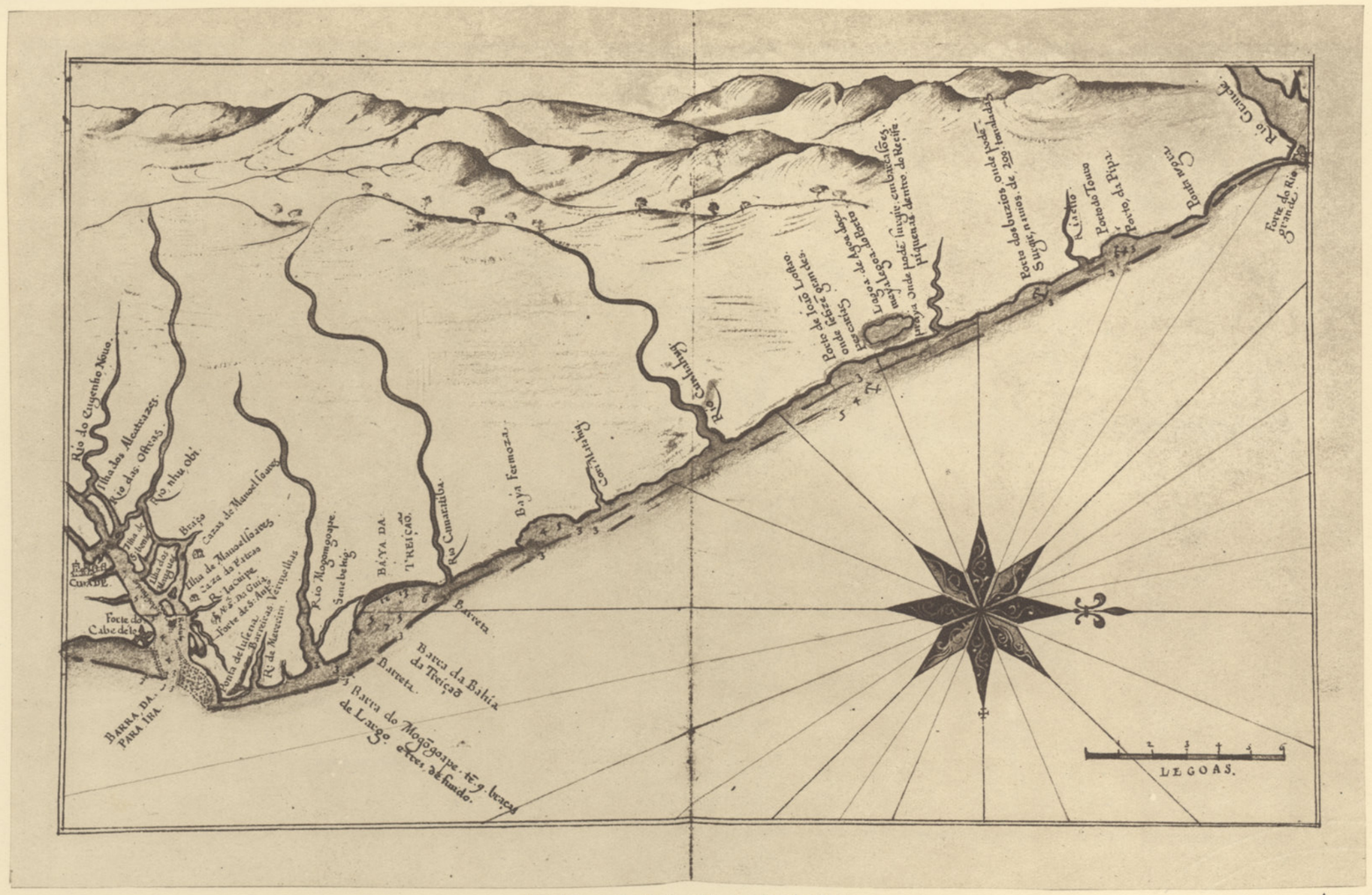
A

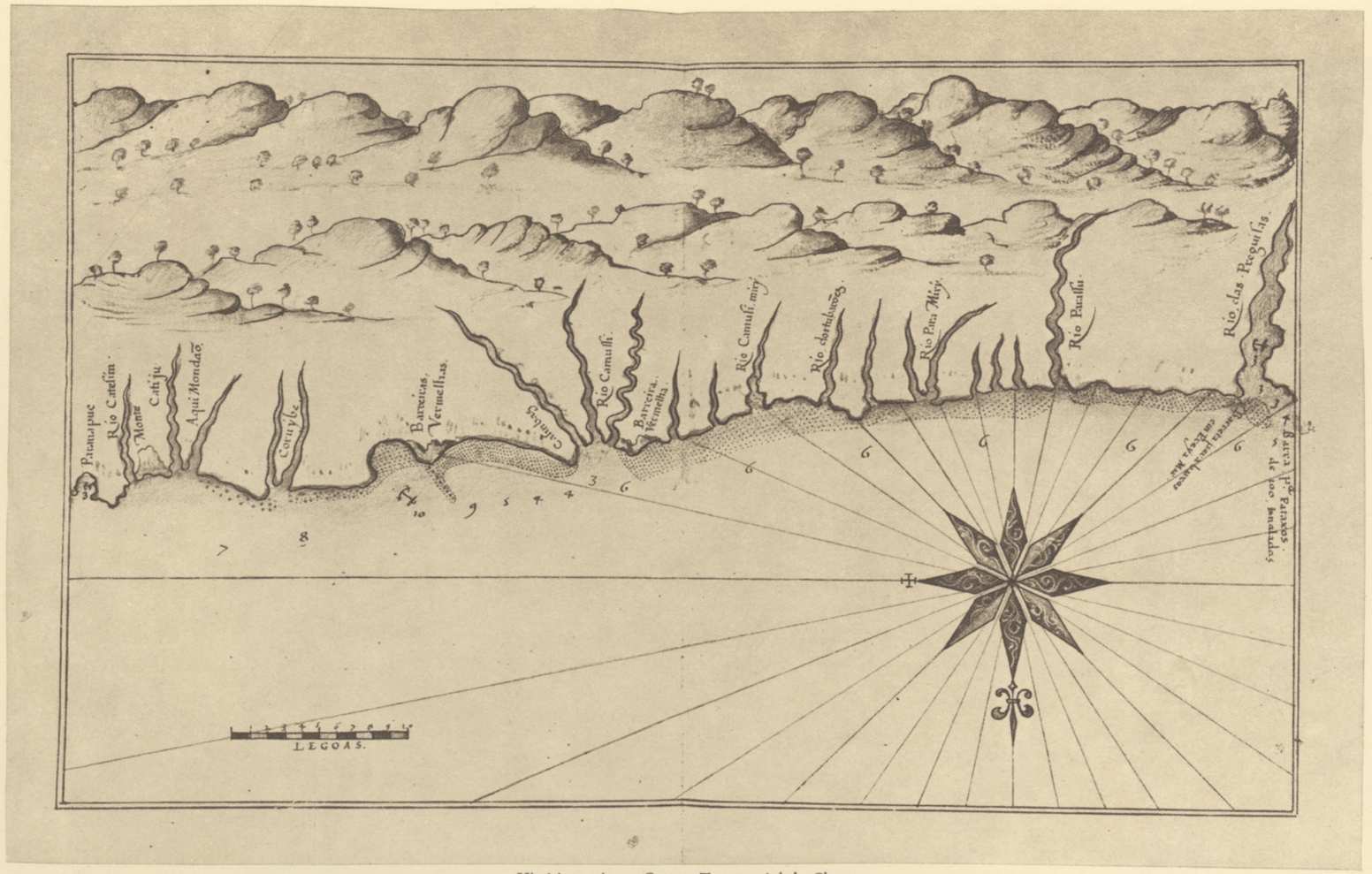


Vigésima primeira Carta — Twenty-first Chart

B


Rio Mombaba
R. Iaguaribe
Rio Caramarú
Rio Abiay
Rio Guayana
Rio Capiuri Miryn
Rio Arcripe
Rio Igaraçu
Villa de Igaraçu
ILHA DE TAMARACA
R. Malaca
Rio Paraiba
Rio Tracunhaem
Rio Goyanna
Rio Iaboatão
Rio Capibaribe
Rio Beberibe
Rio Tapicuru
Rio Iabotão
Rio Pirapama
Rio de Ethyopia
Barra de Pernambuco
Barra de Tamaracá
Barra de Goyanna
Barra de Paraiba
Barra de Rio Grande
Barra de Rio Iaboatão
Barra de Rio Pirapama
Barra de Rio Tapicuru
Barra de Rio Beberibe
Barra de Rio Capibaribe
Barra de Rio Tracunhaem
Barra de Rio Goyanna
Barra de Rio


Rio do Cayenne Novo
Rio das Alcatrazes
Rio das Ostras
Rio das Almas
Rio Mony
Rio Mamanguape
Rio Camarãobo
Rio Goyanna
Rio Grande
Forte de Rio Grande
Ponta Mel redondo
Ponta de Touros
Ponta de Pipa
Ponta de Gramaré
Ponta de Cabedello
Ponta de Lucena
Ponta de Garapu
Ponta de Cabo Branco
Ponta de Lagoa Nova
Ponta de Lagoa Redonda
Ponta de Lagoa Redonda
Ponta de Lagoa Redonda

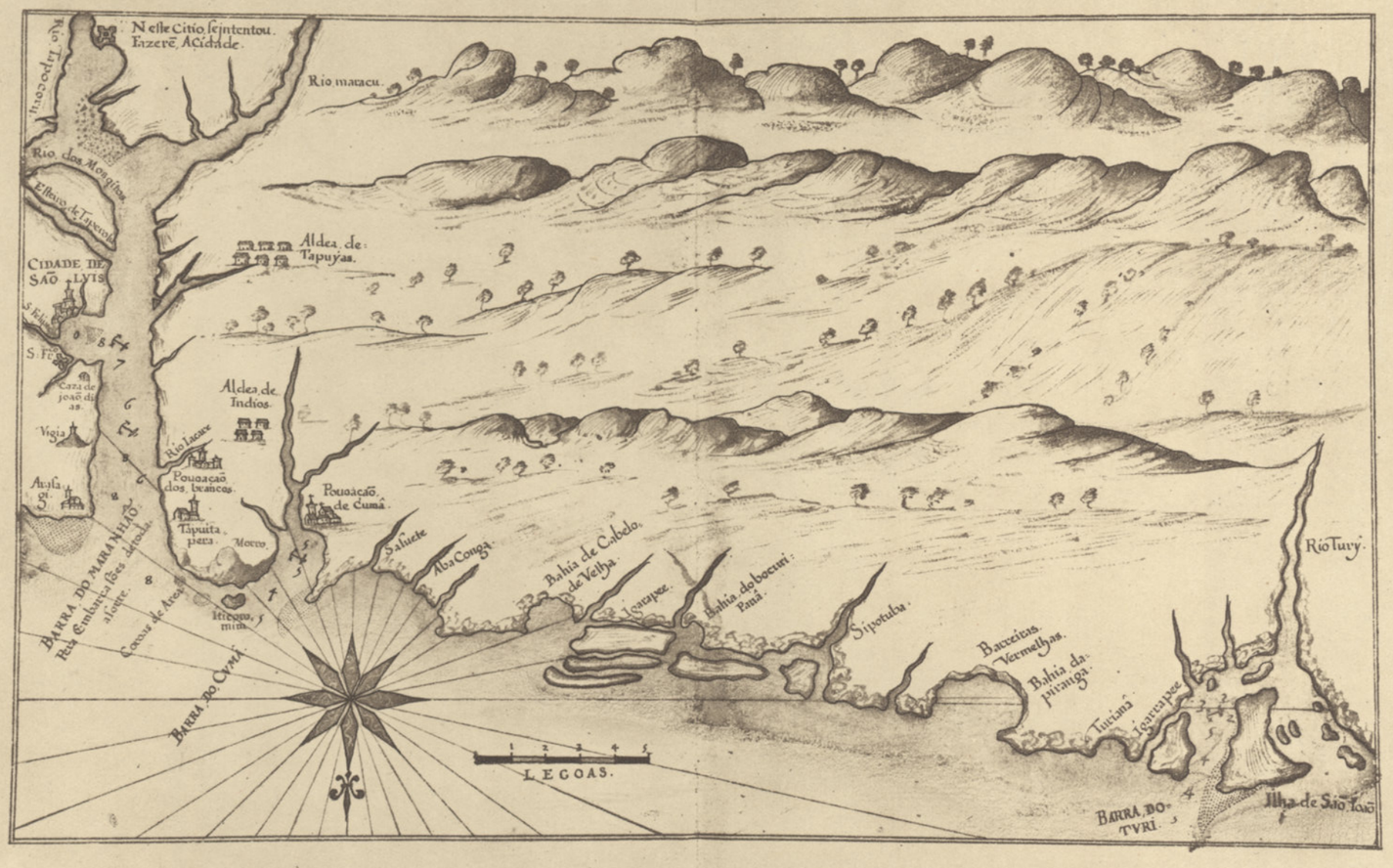


Vigésima oitava Carta — Twenty-eighth Chart

A

B

Vigésima nona Carta — Twenty-ninth Chart



Original 296×416 mm.

Trigésima Carta — Thirtieth Chart

C

D

Trigésima primeira Carta — Thirty-first Chart

João Teixeira i, 1640

Atlas do Brasil com trinta e uma (ou trinta e duas) cartas — Atlas of Brazil with thirty-one (or thirty-two) charts

Arquivo Histórico do Ministério das Finanças, Lisboa

A

B

C

D

Original 235×375 mm.

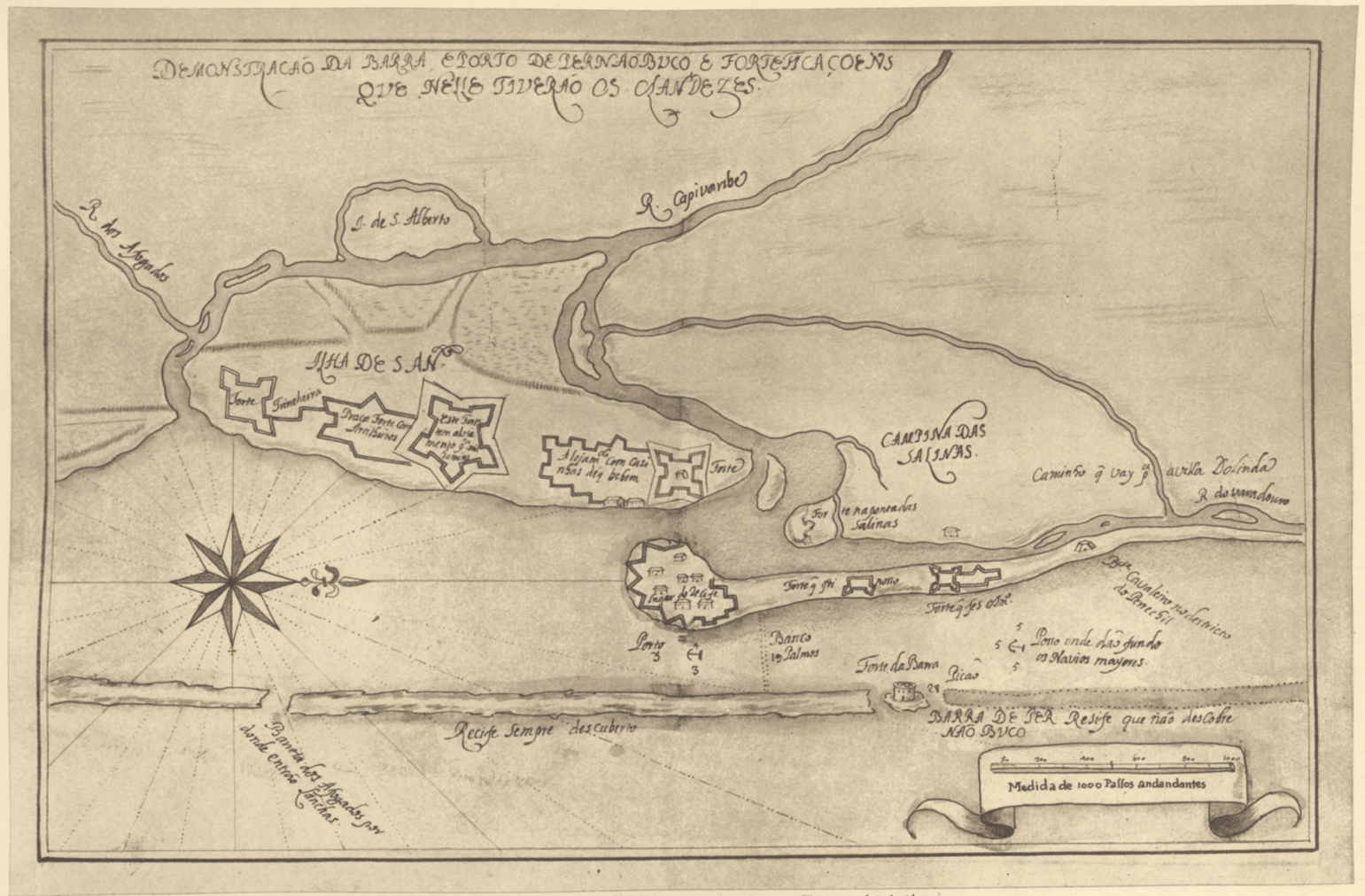
JOÃO TEIXEIRA I, 1640

Atlas do Brasil com trinta e duas cartas — Atlas of Brazil with thirty-two charts

Primeira Carta — First Chart

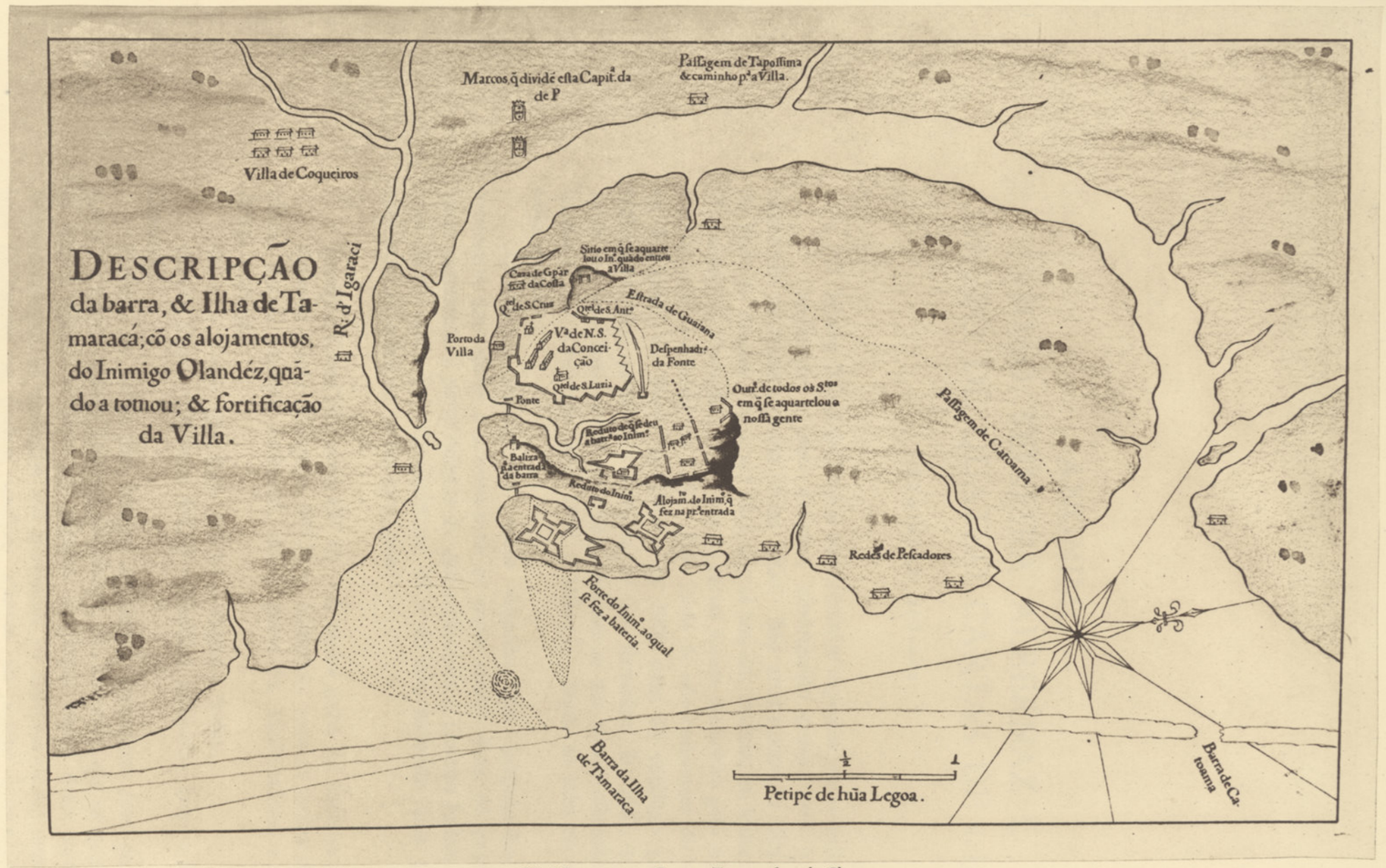
CÓPIAS

A - *Bibliothèque Nationale, Paris*
B - *Ministério das Relações Exteriores, Rio de Janeiro*
C - *Biblioteca e Arquivo Público do Pará, Belém do Pará*
D - *Biblioteca da Ajuda, Lisboa*



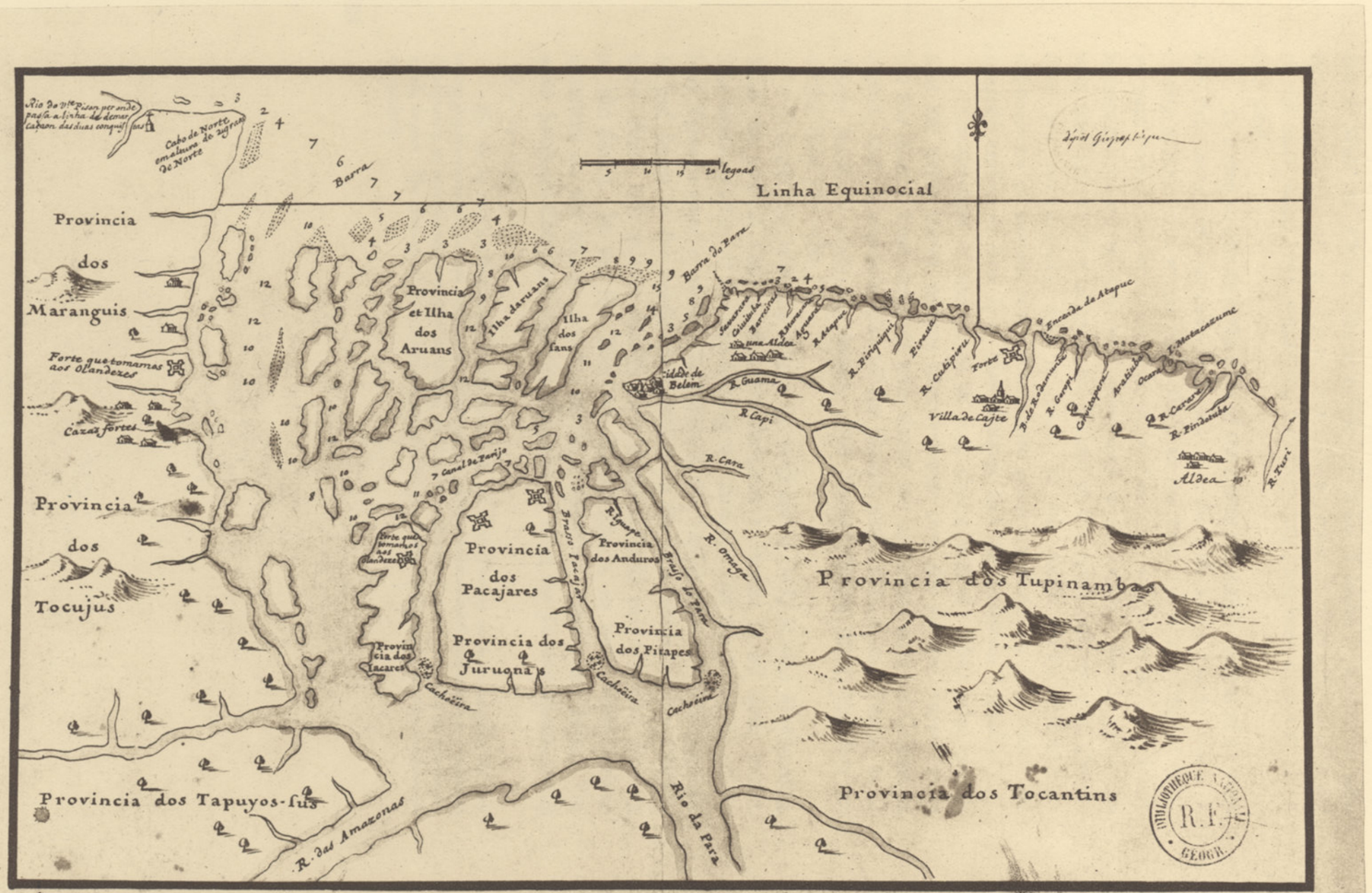
A - *Colecção do Embaixador J. de Sousa-Leão, Rio de Janeiro*

Vigésima terceira Carta — Twenty-third Chart



B - *Biblioteca da Ajuda, Lisboa*

Vigésima quarta Carta — Twenty-fourth Chart

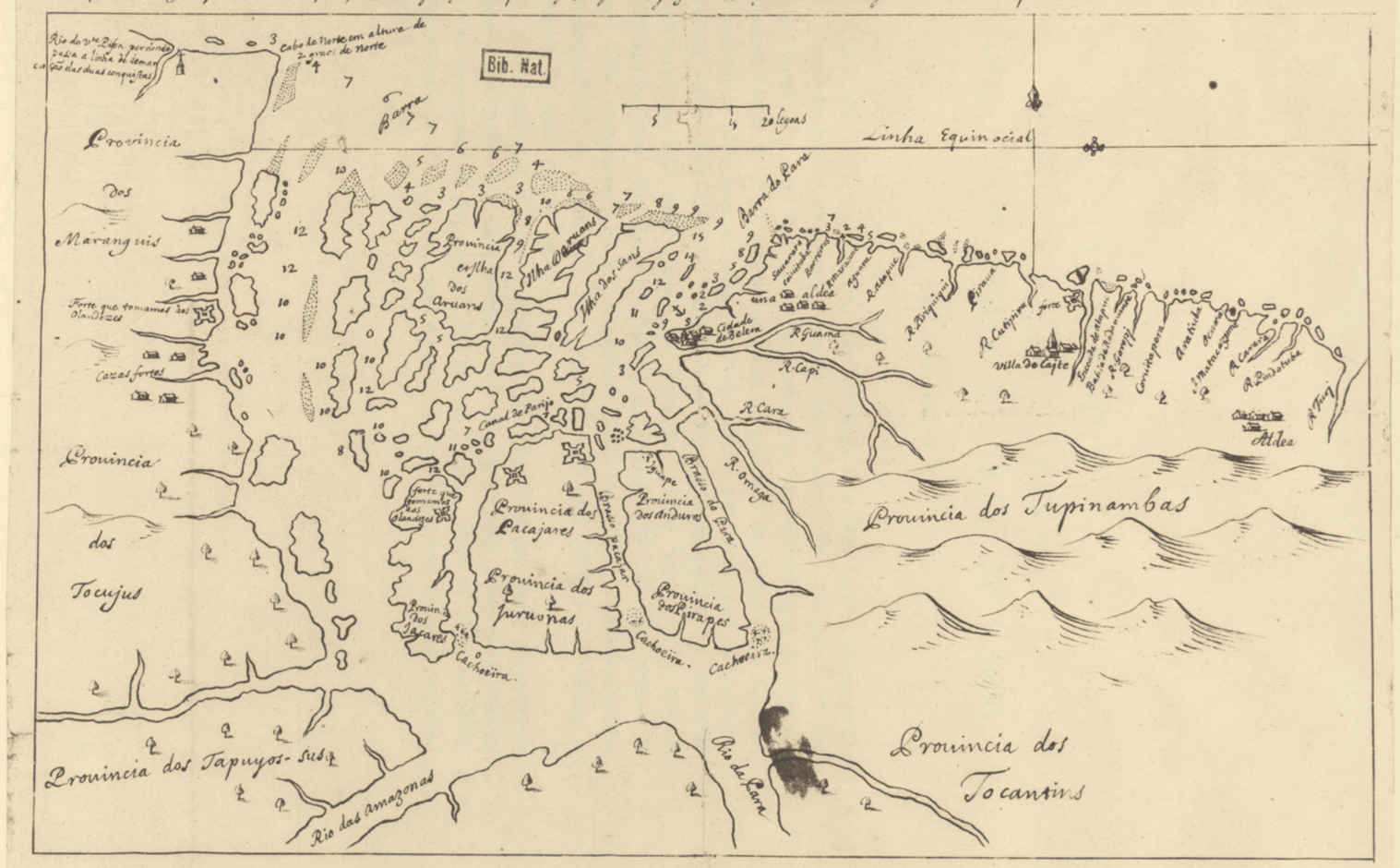


Do Rio Turi ate a entrada do grão Para, nam temos outro porto mais que o de Cajte; em que podem entrar Caravellas et pataxos: toda esta Costa he retalhada com esteiros que vem à fazer ilhas, por entre as quaes navegão Canoas q vão do Maranhão ao Para, & se Communica de huma à outra parte, por aquellas Canaes, pelas grandes Correntes das agoas, q juntos da Costa correm, não darem lugar a navegar com seguranza pela costa. O Rio Para tem 70 legoas de boca, et na mesma conformidade de largura, vay entrando pelas terras dentro outras tantas legoas, fazendo hum gran Golfo, o qual todo esta cheio de hum grandissimo numero de Ilhas, muitas de grandeza notauel: et por entre humas et outras, Canaes por donde podem navegar grandes embarcaçoens; em todas estas Ilhas se podem fazer grandes fazendas. A entrada desta Rio esta de baixo da Equinocial.

Original 235×375 mm.

(Trigésima primeira Carta — Thirty-first Chart)

C *Bibliothèque Nationale, Paris* D



Carte de l'Embouchure de la Riviere des Amazones et des Isles qui ty trouvent ou les Portugais ont batty plusieurs forteresses Cette Carte a eté aportée de Portugal par Mr l'Abbé d'Estrees, et je crois qu'elle a été faite par Texeira Geographe du R. de Portugal

(Trigésima primeira Carta — Thirty-first Chart)

João Teixeira I, 1640

Atlas do Brasil com trinta e duas cartas — Atlas of Brazil with thirty-two charts

CÓPIAS

ANÓNIMO — JOÃO TEIXEIRA ALBERNAZ I, GRUPO DE QUATRO CARTAS DE c. 1640

ESTAMPAS 497-498

NO Museu Naval de Toulon encontram-se expostas quatro belas cartas, anónimas e não datadas, abrangendo quase todo o mundo conhecido na época em que foram feitas. São propriedade da Bibliothèque du Port de Toulon («Mss. n.º 10»), que as tem em depósito no Museu Naval. No respectivo inventário diz-se que as cartas foram oferecidas pelo Almirante Berard, o qual faleceu em 1852. Pelo facto de não constarem do catálogo da Biblioteca do Porto de Toulon de 1908 nem do catálogo geral das bibliotecas dos portos da autoria de La Roncière, de 1907, e por já virem no seu suplemento de 1924, presume-se que foram oferecidas pelos herdeiros do Almirante entre 1908 e 1924 (1). Nada se sabe da sua história anterior.

As cartas, manuscritas, estão traçadas em pergaminho, sendo belamente iluminadas e mantendo-se as cores muito vivas, só estando um tanto danificada a parte inferior da que representa o Oceano Índico. Cada uma delas mede aproximadamente 47 × 65 cm, havendo uma pequena sobreposição entre as cartas contíguas:

Primeira Carta (Estampa 497 A) — A maior parte da América.

Segunda Carta (Estampa 497 B) — Atlântico, com as costas da Terra Nova, Brasil, Europa ocidental, maior parte do Mediterrâneo e toda a África ocidental.

Terceira Carta (Estampa 498 A) — Oceano Índico.

Quarta Carta (Estampa 498 B) — Pacífico ocidental, com o Extremo Oriente.

Embora as cartas não estejam assinadas, parece-nos fora de dúvida que o seu autor foi João Teixeira Albernaz I, tão marcadas são as semelhanças de estilo, traçado e letra em relação a outras obras deste cartógrafo. Dispensamo-nos de enumerar em pormenor os aspectos de tal semelhança, pois fàcilmente se podem verificar através do exame comparativo das reproduções que damos. Chamamos no entanto a atenção para a profunda identidade do colorido e da iluminura, que se pode apreciar através das nossas reproduções a cores das cartas de Toulon, das do atlas de 1643 e da carta de 1646. É também significativa a representação do «Muro da China», característica das obras de João Teixeira. As analogias mais flagrantes verificam-se com o atlas assinado e datado de 1643, o que sugere desde logo que o grupo de quatro cartas teria sido delineado em data próxima.

Ao tentar estabelecer a data em que as cartas foram traçadas temos de pôr de parte a representação da costa entre a Florida e a Terra Nova, a qual é manifestamente arcaica e as colocaria antes do atlas universal de 1630, talvez mesmo no primeiro quartel do século XVII, o que se nos afigura manifestamente impossível, por não estar de acordo com outros elementos. Não sabemos porque o cartógrafo apresentou esse tipo de traçado, sendo de notar que também algumas vezes dá em certas obras figurações de algumas áreas menos evoluídas que outras registadas em obras suas mais antigas (Nova Guiné e Ilhas Salomão, por exemplo).

Comparando o grupo de quatro cartas com o atlas de 1643 verifica-se que o último regista vários progressos em relação ao primeiro, sobretudo no Extremo Oriente. Assim, o atlas de 1643 tem já a ponta sueste da Celebes sob a forma de ilhas, e a representação que nele vem das ilhas entre Java e Timor, incluindo esta, é francamente mais perfeita. As cartas de Toulon devem portanto ser anteriores ao atlas.

A comparação com os atlas de 1630 e c. 1632 é também significativa. Assim, o contorno geral da América do Sul é semelhante nas três obras. A figuração do lago que une o Amazonas e o Paraguai, do tipo Luís Teixeira, é outro arcaísmo nas cartas de Toulon que só se pode explicar pelo pouco cuidado manifestado na representação do interior, pois esses atlas têm já um desenho dos rios bastante mais perfeito. No Extremo Oriente o grupo de quatro cartas revela por sua vez progressos vários em relação àqueles, nomeadamente nas Filipinas, Gilolo e Java. O grande continente austral também desapareceu nas cartas de Toulon, para dar lugar apenas à *Terra*

(1) Não tivemos ocasião de examinar directamente estas cartas, pelo que na sua descrição e história nos socorremos sobretudo das reproduções fotográficas e de uma nota que o Comandante A. Morazzani, Conservador da Biblioteca do Porto de Toulon, teve a gentileza de nos enviar, pelo que aqui lhe deixamos registado o nosso reconhecimento. Devemos a indicação da existência destas cartas a Marcel Destombes, a quem exprimimos o nosso agradecimento.

ANONYMOUS — JOÃO TEIXEIRA ALBERNAZ I, GROUP OF FOUR CHARTS OF c. 1640

PLATES 497-498

IN the Musée Naval, Toulon, are exhibited four fine charts, anonymous and undated, embracing almost the whole world as known at the time when they were drawn. They belong to the Bibliothèque du Port de Toulon («Mss. n.º 10»), which has them deposited in the Musée Naval. The inventory of the museum states that the charts were presented by Admiral Berard, who died in 1852. Since they are recorded neither in the 1908 catalogue of the Bibliothèque du Port de Toulon nor in the general catalogue of port libraries compiled by La Roncière in 1907, but appear in the 1924 supplement to La Roncière's catalogue, they were presumably presented by the Admiral's heirs between 1908 and 1924 (1). Nothing is known of their earlier history.

The manuscript charts are drawn on vellum and are finely illuminated; they have preserved their brilliant colours, with only some deterioration in the lower part of the chart of the Indian Ocean. Each of them measures approximately 47 × 65 cm, and there is a small overlap between adjacent charts:

First Chart (Plate 497 A) — Greater part of America.

Second Chart (Plate 497 B) — The Atlantic, with the coast of Terra Nova, Brazil, western Europe, the greater part of the Mediterranean and the whole of West Africa.

Third Chart (Plate 498 A) — The Indian Ocean.

Fourth Chart (Plate 498 B) — The western Pacific, with the Far East.

Although the charts are not signed, their author is, in our opinion, undoubtedly João Teixeira Albernaz I, so marked are their similarities of style, drawing and writing to other works by this cartographer. We will refrain from going into the details of this similarity, which can easily be perceived by comparison of the reproductions given here. We would however draw attention to the absolute agreement in colouring and illumination which may be seen in our coloured reproductions of the Toulon charts, the charts in the 1643 atlas, and the charts of 1646. The representation of the Great Wall of China, characteristic of João Teixeira's works, is also significant. The group of four charts shows most obvious affinity with the signed atlas dated 1643, suggesting that they may have been drawn at about this date.

In trying to establish the date of the charts we shall leave out of account the delineation of the coast between Florida and Terra Nova, which is clearly archaic and would make them earlier than the world atlas of 1630, perhaps even in the first quarter of the XVII century, which seems to us plainly impossible, as inconsistent with other data in the charts. We do not know why the cartographer adopted an outline of this type, but we may observe that we occasionally find in some of his works more rudimentary delineations of certain areas than those given in works by him which are actually earlier in date (e.g. New Guinea and the Solomon Islands).

Comparison of the group of four charts with the 1643 atlas reveals that the latter shows various improvements over the former, especially in the Far East. Thus the 1643 atlas draws the south-east point of Celebes as islands, and its representation of the islands between Java and Timor, as of Timor itself, is obviously better. The Toulon charts must therefore be earlier than the atlas.

Comparison with the atlases of 1630 and c. 1632 is also illuminating. Thus the general outline of South America is similar in all three works. The representation of the lake linking the Amazon and the Paraguai, of the Luís Teixeira type, is another archaism in the Toulon charts which can only be put down to the carelessness evident in the delineation of the interior, since these two atlases already have a substantially more correct drawing of the rivers. In the Far East the Toulon charts, in turn, show various advances on the atlases, notably in the Philippines, Gilolo and Java. The great Southern Continent has also disappeared from the Toulon charts, being

(1) As we have not had an opportunity to examine the original charts, we have depended, for their history and description, mainly on photographic reproductions and on a notice which Commandant A. Morazzani, Conservateur de la Bibliothèque du Port de Toulon, was kind enough to send us and for which we express our thanks to him. The existence of these charts was brought to our attention by Marcel Destombes, to whom we are grateful.

descvberta por Olandezes em que se figuram já um pequeno trecho da costa norte e outro maior da costa sul, progressos nítidos em relação aos dois referidos atlas, os quais ainda têm a obsoleta *Nuca Antara* relacionada com os projectos de Manuel Godinho de Erédia.

Em conclusão, afigura-se-nos que o grupo de quatro cartas existente em Toulon é certamente da autoria de João Teixeira Albernaz I e foi traçado depois dos atlas de 1630 e c. 1632 e antes do atlas de 1643. Dado que o estilo e traçado das quatro cartas são francamente mais próximos dos deste último, julgamos indicado datá-las de c. 1640.

replaced only by «Land discovered by the Dutch», in which appear a short section of the north coast and a longer one of the south coast; this is a clear advance on the two atlases referred to, which still show the obsolete *Nuca Antara* associated with the projects of Manuel Godinho de Erédia.

In conclusion, we consider that the group of four charts in Toulon is certainly by João Teixeira Albernaz I and was drawn after the atlases of 1630 and c. 1632 and before that of 1643. Since the style and drawing of the four charts are plainly closer to the 1643 atlas, they may in our opinion be dated c. 1640.

Original 470×650 mm.

Primeira Carta — First Chart

A

Segunda Carta — Second Chart

B

Anónimo-João Teixeira Albernaz I, c. 1640

Grupo de quatro cartas — Group of four charts

Bibliothèque du Port de Toulon

Original 470×650 mm.

Terceira Carta – Third Chart

A

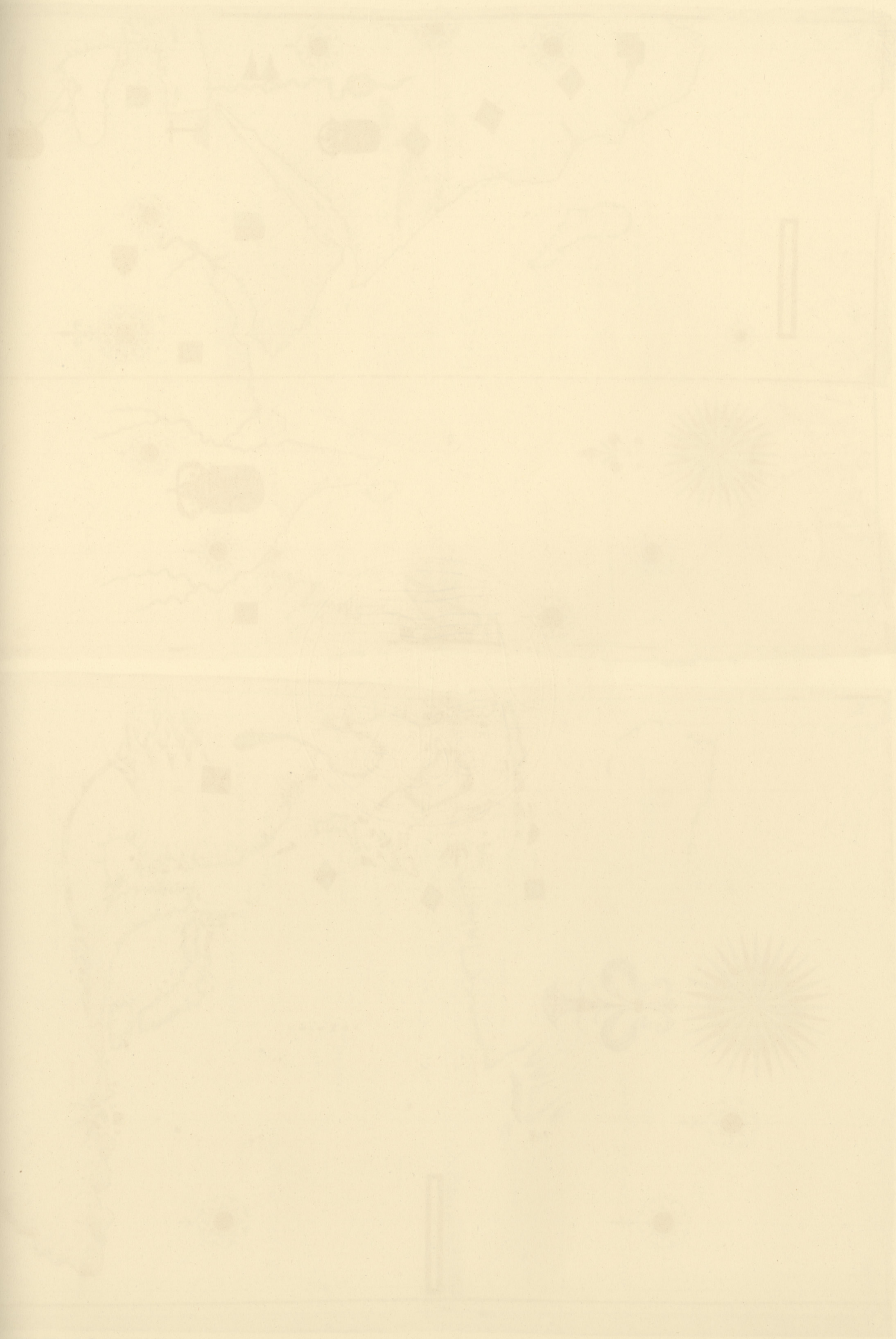
Quarta Carta – Fourth Chart

B

ANÓNIMO-JOÃO TEIXEIRA ALBERNAZ I, c. 1640

Grupo de quatro cartas – Group of four charts

Bibliothèque du Port de Toulon



JOÃO TEIXEIRA I, ATLAS DO BRASIL DE 1642, COM VINTE E TRÊS CARTAS (TRUNCADO)

ESTAMPAS 499-502

ESTE atlas encontra-se na Biblioteca da Ajuda, Lisboa, onde tem a cota «51.IX.18». Com uma encadernação antiga de pergaminho, contém vinte e três cartas do Brasil, em papel, manuscritas e iluminadas, sendo cada carta, que ocupa uma folha dupla, 292 × 410 mm, seguida de uma folha com texto explicativo, como no atlas de 1640. Antes do frontispício com o título vem uma folha que contém o «Iuizo do merecimento desta obra», assinada pelo Cosmógrafo-mor Manuel Pimentel. Ao tratarmos da biografia do cartógrafo João Teixeira Albernaz transcrevemos tal juizo, que deve datar dos fins do século XVII, e analisámos as razões que devem ter levado Manuel Pimentel a pronunciar-se tão severamente sobre os merecimentos do cartógrafo e o valor deste atlas (1). O códice está encadernado juntamente com um grande número de folhas em branco.

Frontispício (Figura 27) — Com o título *DESCRIPÇÃO DE TODA A COSTA DA PROVINCIA DE SANTA CRVZ A QVE VVLGARMẼTE CHAMAÕ BRASIL. Por Ioão Teixeira Cosmografo de Sua Magestade. Anno 1642.*

Primeira Carta (Estampa 499A) — Carta geral do Brasil, com a linha de demarcação com Castela passando a oeste dos estuários do Amazonas e do Prata.

Segunda Carta (Estampa 499 B) — Estuário do Rio da Prata.

Terceira Carta (Estampa 499 C) — Costa desde o Cabo de Santa Maria ao Rio Grande.

Quarta Carta (Estampa 499 D) — Costa desde o Rio Grande ao Rio de S. Francisco.

Quinta Carta (Estampa 499 E) — Costa desde o Rio de S. Francisco à Ilha da Cananeia.

Sexta Carta (Estampa 500 A) — Costa desde o Cabo de S. Tomé ao Morro de João Moreno.

Sétima Carta (Estampa 500 B) — Costa desde o Morro de João Moreno à Ponta do Rio Doce.

Oitava Carta (Estampa 500 C) — Costa desde a Ponta do Rio Doce à Ponta de Aguasuipe.

Nona Carta (Estampa 500 D) — Costa desde a Ponta de Aguasuipe ao Rio dos Frades.

Décima Carta (Estampa 500 E) — Costa desde o Rio dos Frades ao Rio de Santo António.

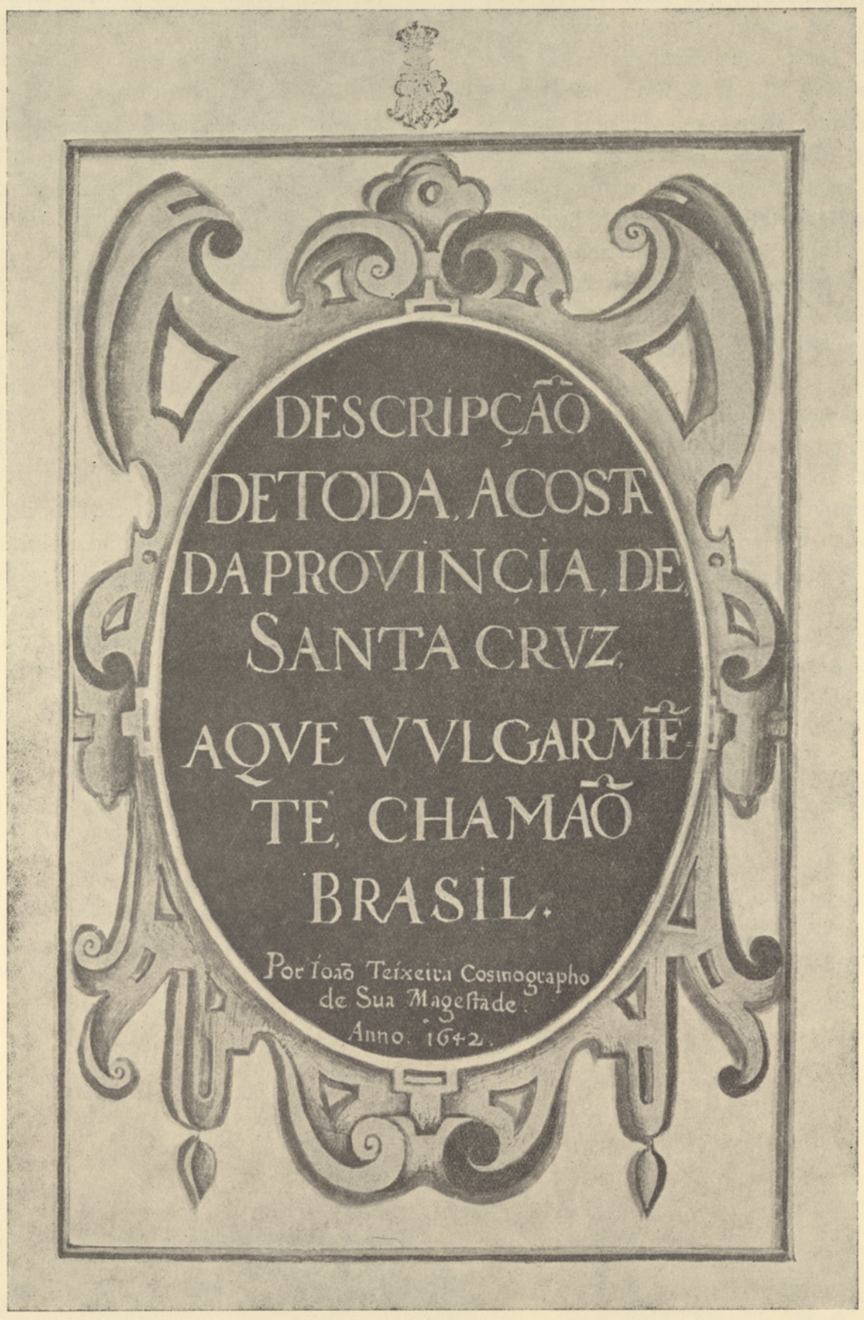


FIG. 27 — FRONTISPÍCIO DO ATLAS DO BRASIL DE 1642, DE JOÃO TEIXEIRA I
TITLE-PAGE OF THE ATLAS OF BRAZIL OF 1642, BY JOÃO TEIXEIRA I

Biblioteca da Ajuda, Lisboa

Décima primeira Carta (Estampa 500 F) — Costa desde o Rio de Santo António aos Ilhéus.

Décima segunda Carta (Estampa 501 A) — Costa desde os Ilhéus à Ilha de Taparica.

Décima terceira Carta (Estampa 501 B) — Baía de Todos os Santos.

Décima quarta Carta (Estampa 501 C) — Costa desde a Baía de Todos os Santos ao Rio de S. Francisco.

Décima quinta Carta (Estampa 501 D) — Costa desde o Rio de Santo António Pequeno ao Rio dos Afogados.

(1) P. 82 do presente volume.

JOÃO TEIXEIRA I, ATLAS OF BRAZIL OF 1642, WITH TWENTY-THREE CHARTS (INCOMPLETE)

PLATES 499-502

THIS atlas is in the Biblioteca da Ajuda, Lisbon, where it has the class-mark «51.IX.18». In an old vellum binding, it contains twenty-three charts of Brazil, on paper, manuscript and illuminated; each chart occupies a double page, measuring 292 × 410 mm, and is followed by a page of explanatory text, as in the 1640 atlas. The title-page is preceded by a leaf with the «Judgment of the merits of this work» signed by the Cosmographer-major Manuel Pimentel. In dealing with the biography of the cartographer João Teixeira Albernaz we have transcribed this «judgment», which must date from the end of the XVII century, and examined the reasons which must have induced Manuel Pimentel to express himself so severely on the merits of the cartographer and the value of this atlas (1). The codex is bound up with a large number of blank leaves.

Title-page (Figure 27) — With the title «Description of all the Coast of the Province of Santa Cruz, commonly called Brazil. By João Teixeira, Cosmographer of His Majesty. In the year 1642».

First Chart (Plate 499 A) — General chart of Brazil, with the line of demarcation with Spain passing to the west of the Amazon and Plate estuaries.

Second Chart (Plate 499 B) — Estuary of the River Plate.

Third Chart (Plate 499 C) — Coast from C. de Santa Maria to the Rio Grande.

Fourth Chart (Plate 499 D) — Coast from the Rio Grande to the Rio de S. Francisco.

Fifth Chart (Plate 499 E) — Coast from the Rio de S. Francisco to the Island of Cananeia.

Sixth Chart (Plate 500 A) — Coast from C. de S. Tomé to Hill João Moreno.

Seventh Chart (Plate 500 B) — Coast from Hill João Moreno to the Point of the Rio Doce.

Eighth Chart (Plate 500 C) — Coast from the Point of the Rio Doce to the Point of Aguasuipe.

Ninth Chart (Plate 500 D) — Coast from the Point of Aguasuipe to the Rio dos Frades.

Tenth Chart (Plate 500 E) — Coast from the Rio dos Frades to the Rio de Santo António.

Eleventh Chart (Plate 500 F) — Coast from the Rio de Santo António to Ilhéus.

Twelfth Chart (Plate 501 A) — Coast from Ilhéus to the Island of Taparica.

Thirteenth Chart (Plate 501 B) — Bay of Todos os Santos.

Fourteenth Chart (Plate 501 C) — Coast from the Bay of Todos os Santos to the Rio de S. Francisco.

Fifteenth Chart (Plate 501 D) — Coast from the Rio de Santo António Pequeno to the Rio dos Afogados.

(1) P. 82 in the present volume.

Décima sexta Carta (Estampa 501 E) — Pernambuco.

Décima sétima Carta (Estampa 501 F) — Costa desde o Porto de Maria Gonçalves à Barra de Paraíba.

Décima oitava Carta (Estampa 502 A) — Costa desde a Barra de Paraíba ao Rio Grande.

Décima nona Carta (Estampa 502 B) — Costa desde o Rio Grande a Paranduba.

Vigésima Carta (Estampa 502 C) — Costa desde o Rio de Água Doce até ao Rio Opanamã.

Vigésima primeira Carta (Estampa 502 D) — Costa desde o Rio Opanamã até Paranapuc.

Vigésima segunda Carta (Estampa 502 E) — Costa desde Paranapuc até ao Rio das Preguiças.

Vigésima terceira Carta (Estampa 502 F) — Costa desde o Rio Turi até ao Rio de Vicente Pinzon.

Comparando este atlas com o de 1640 verifica-se que têm muitas semelhanças e que as cartas parciais abrangem pràticamente a mesma extensão de costa. Também fàcilmente se conclui que faltam no atlas oito cartas (além possìvelmente da da Ilha de Itamaracá, que também não está no atlas original de 1640); cinco cartas entre a quinta e a sexta, com a costa desde a Ilha da Cananeia ao Cabo de S. Tomé; uma carta entre a décima quarta e a décima quinta, com a costa desde o Rio de S. Francisco ao Rio de S. António; e duas cartas, entre a vigésima segunda e a vigésima terceira com a costa desde o Rio das Preguiças ao Rio Turi. Devem ter sido retiradas do atlas antes de estar na actual encadernação, pois não se notam vestígios do arrancamento (2). Em relação ao atlas de 1640 registam-se apenas pequenas novidades nas cartas sétima, décima e décima quarta, e também uma melhor representação dos baixos e das sondas em várias outras.

A primeira referência que conhecemos ao atlas é de Varnhagen, verificando-se que ele já então tinha vinte e três cartas apenas (3). Também o citou o Barão do Rio Branco, que reproduziu a carta geral (4). Joaquim Bensaúde, considerando distintos um cartógrafo João Teixeira (1602-1648) e um outro João Teixeira Albernaz (1622-1681), incluíu na lista de obras de cada um atlas do Brasil de 1642 com vinte e três cartas e texto, na Ajuda o do primeiro e sem indicação de local o do segundo (5), o que mais tarde induziu em erro Jaime Cortesão, que referiu igualmente dois atlas (6), quando na realidade se trata só de um, como o revela o próprio número de cartas, vinte e três, mostrando que está incompleto. Finalmente, também Ferrand de Almeida referiu o atlas, transcrevendo na íntegra o importante parecer sobre ele emitido por Manuel Pimentel (7).

Sixteenth Chart (Plate 501 E) — Pernambuco.

Seventeenth Chart (Plate 501 F) — Coast from the Port of Maria Gonçalves to the Bar of Paraíba.

Eighteenth Chart (Plate 502 A) — Coast from the Bar of Paraíba to the Rio Grande.

Nineteenth Chart (Plate 502 B) — Coast from the Rio Grande to Paranduba.

Twentieth Chart (Plate 502 C) — Coast from the Rio de Água Doce to the Rio Opanamã.

Twenty-first Chart (Plate 502 D) — Coast from the Rio Opanamã to Paranapuc.

Twenty-second Chart (Plate 502 E) — Coast from Paranapuc to the Rio das Preguiças.

Twenty-third Chart (Plate 502 F) — Coast from the Rio Turi to the Rio de Vicente Pinzon.

Comparison of this atlas with that of 1640 shows that there are many similarities and that the regional maps embrace practically the same sections of coast. It is also evident that eight charts are missing from the atlas (besides, perhaps, one of the Island of Itamaracá, which is not in the original atlas of 1640 either): five charts between the fifth and sixth, covering the coast between the Island of Cananeia and C. de S. Tomé; one chart between the fourteenth and fifteenth, with the coast between the Rio de S. Francisco and the Rio de Santo António; and two charts between the twenty-second and twenty-third, with the coast between the Rio das Preguiças and the Rio Turi. These must have been removed from the atlas before it received its present binding, for there are no signs of their being torn out (2). In relation to the 1640 atlas there are only minor innovations in the seventh, tenth and fourteenth charts, with an improved representation of the shoals and soundings in some others.

The earliest known reference to the atlas is Varnhagen's, which shows that even then it had only twenty-three charts (3). It was also cited by the Baron do Rio Branco, who reproduced the general chart (4). Joaquim Bensaúde, who distinguished a cartographer João Teixeira (1602-1648) and another João Teixeira Albernaz (1622-1681), listed among the works of each an atlas of Brazil, 1642, with twenty-three charts and text, the first in the Ajuda and the second unlocated (5). This subsequently misled Jaime Cortesão, who also referred to two atlases (6), whereas in fact there is only one, as is clear from the identical number of charts (twenty-three), which shows that it is incomplete. Lastly Ferrand de Almeida also referred to the atlas, transcribing in full the important report on it by Manuel Pimentel (7).

---

(2) Em 1904 já foi indicado como estando «encadernado em pergaminho», como consta da nota de Ramalho Ortigão, então bibliotecário da Biblioteca da Ajuda, no catálogo da exposição de 1903-1904 em que figurou [Ernesto de Vasconcelos, *Exposição de Cartografia Nacional (1903-1904) — Catálogo*, n.º 32. Lisboa 1904].

(3) Francisco Adolfo de Varnhagen, *Reflexões criticas sobre o escripto do seculo XVI impresso com o titulo de Noticias do Brasil*, in *Collecção de Noticias para a Historia e Geografia das Nações Ultramarinas*, Tomo V, n.º 2, pp. 20-1. Lisboa 1836. Infundadamente diz julgar que o atlas é o mesmo de que Barbosa Machado «dá notícia menos exacta», quando este se refere afinal ao atlas de 1640 que na realidade existe. (Vide p. 125 do presente volume).

(4) *Obras do Barão do Rio Branco — III, Questões de Limites, Guiana Francesa, 1.ª Memória*, pp. 179-80. Rio de Janeiro 1945 (a primeira edição é de 1899). Atlas, Estampa 67. A carta geral vem também publicada na *História da Expansão Portuguesa no Mundo*, Volume III, a seguir à p. 136, Lisboa 1940, dizendo-se por engano na respectiva legenda que a carta era do atlas de 1640 então pertencente à Casa Palmela.

(5) Joaquim Bensaúde, *Les légendes allemandes sur l'histoire des découvertes maritimes portugaises*, I, pp. 96-7. Genève 1917-1922.

(6) Jaime Cortesão, *Curso de História da Cartografia, Geografia das Fronteiras do Brasil e Mapoteconomia*, realizado no Ministério das Relações Exteriores, Capítulo 16. Rio de Janeiro 1945 (folhas mimeografadas).

(7) Luís Ferrand de Almeida, *A diplomacia portuguesa e os limites meridionais do Brasil*, Vol. I (1493-1700), pp. 54, 314-5. Coimbra 1957.

(2) As early as 1904 it was recorded as «bound in vellum», as we see from a note by Ramalho Ortigão, then librarian of the Biblioteca da Ajuda, in the catalogue of the 1903-1904 exhibition, in which it was shown [Ernesto de Vasconcelos, *Exposição de Cartografia Nacional (1903-1904) — Catálogo*, n.º 32. Lisboa 1904].

(3) Francisco Adolfo de Varnhagen, *Reflexões criticas sobre o escripto do seculo XVI impresso com o titulo de Noticias do Brasil*, in *Collecção de Noticias para a Historia e Geografia das Nações Ultramarinas*, Tomo V, n.º 2, pp. 20-1. Lisboa 1836. He expresses the erroneous opinion that this atlas is the one of which Barbosa Machado «gives a less correct notice», whereas the latter refers to the atlas of 1640, which really exists (see p. 125 of the present volume).

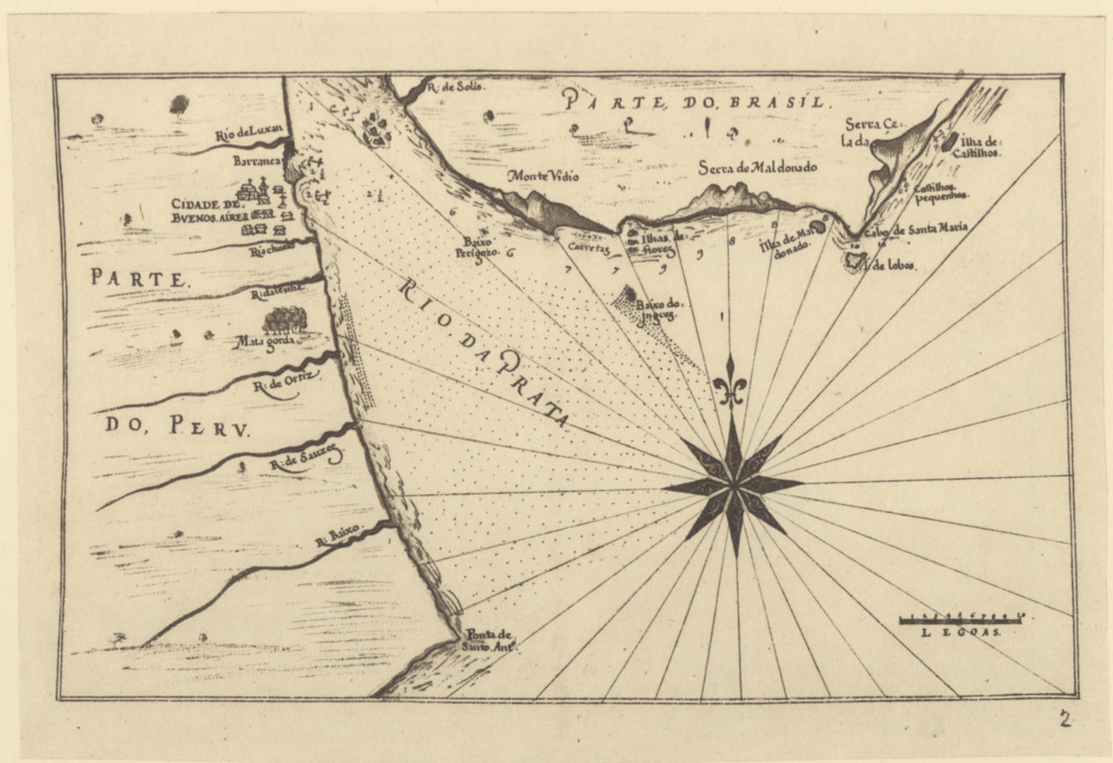
(4) *Obras do Barão do Rio Branco — III, Questões de Limites, Guiana Francesa, 1.ª Memória*, pp. 179-80. Rio de Janeiro 1945 (the first edition is of 1899). Atlas, Plate 67. The general chart was also reproduced in the *História da Expansão Portuguesa no Mundo*, Volume III, following p. 136, Lisboa 1940, with a caption incorrectly stating that the chart was from the 1640 atlas which then belonged to Casa Palmela.

(5) Joaquim Bensaúde, *Les légendes allemandes sur l'histoire des découvertes maritimes portugaises*, I, pp. 96-7. Genève 1917-1922.

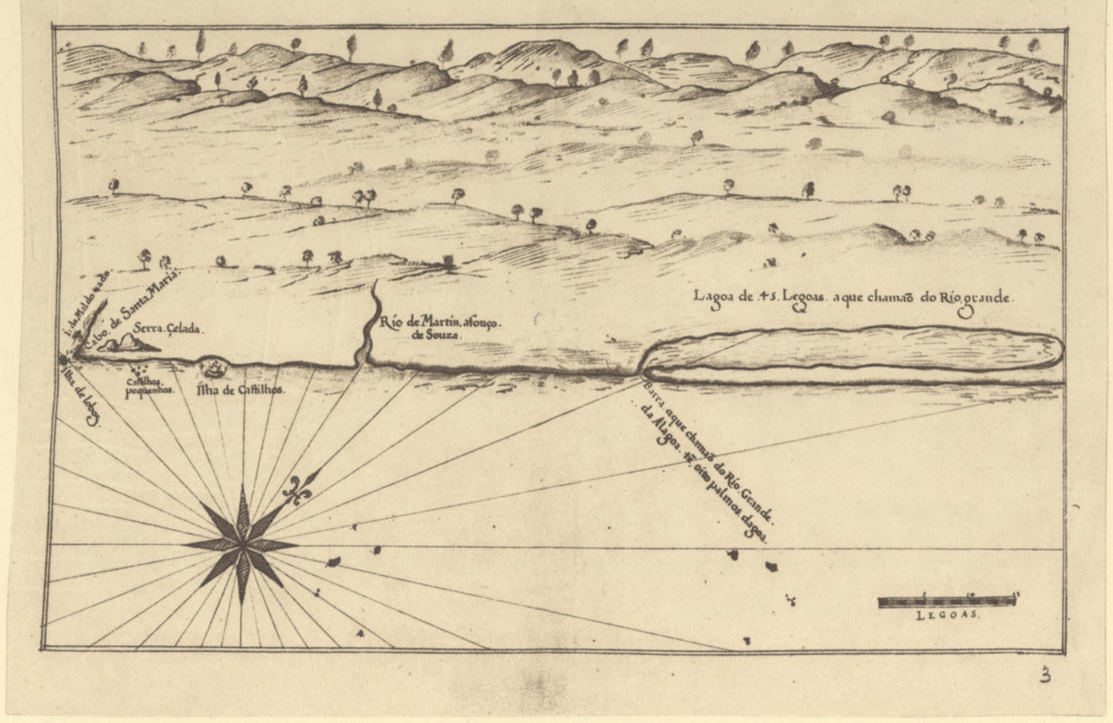
(6) Jaime Cortesão, *Curso de História da Cartografia, Geografia das Fronteiras do Brasil e Mapoteconomia*, delivered in the Ministério das Relações Exteriores, Chapter 16. Rio de Janeiro 1945 (mimeographed).

(7) Luís Ferrand de Almeida, *A diplomacia portuguesa e os limites meridionais do Brasil*, Vol. I (1493-1700), pp. 54, 314-5. Coimbra 1957.

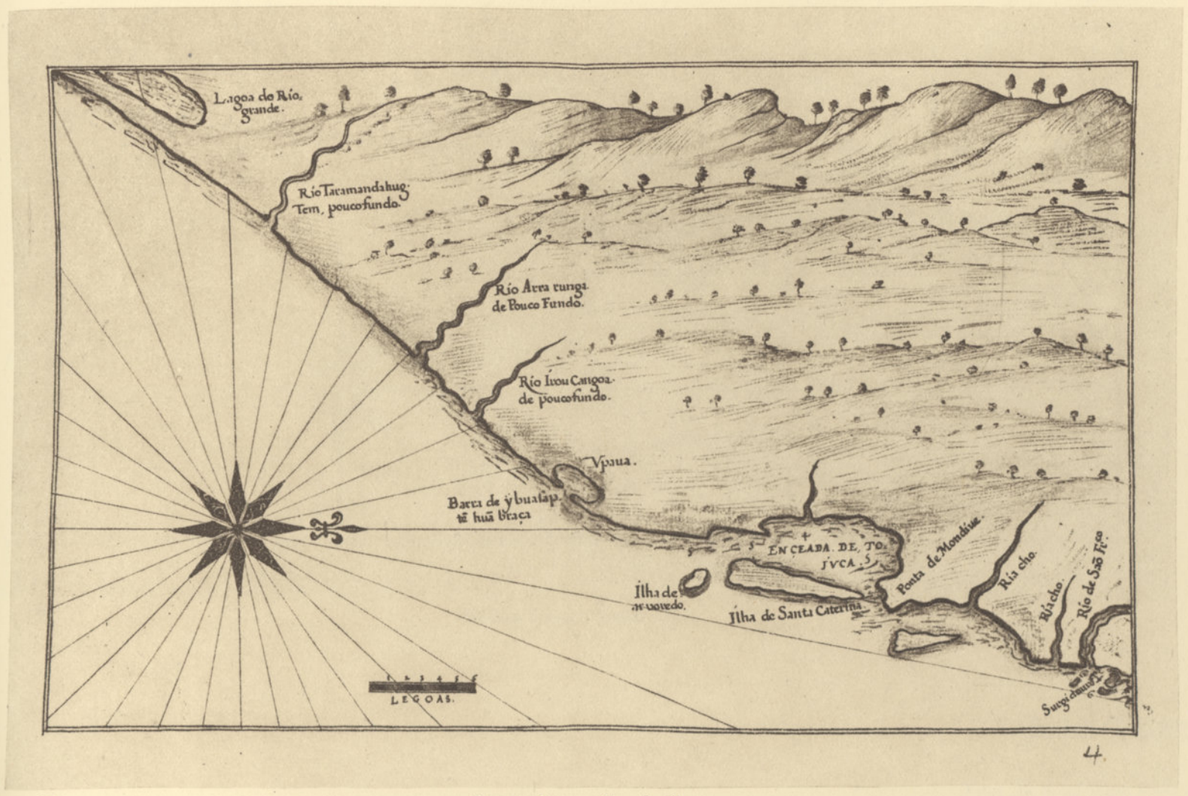
A — Primeira Carta — First Chart — *Tamanho original — Original size*



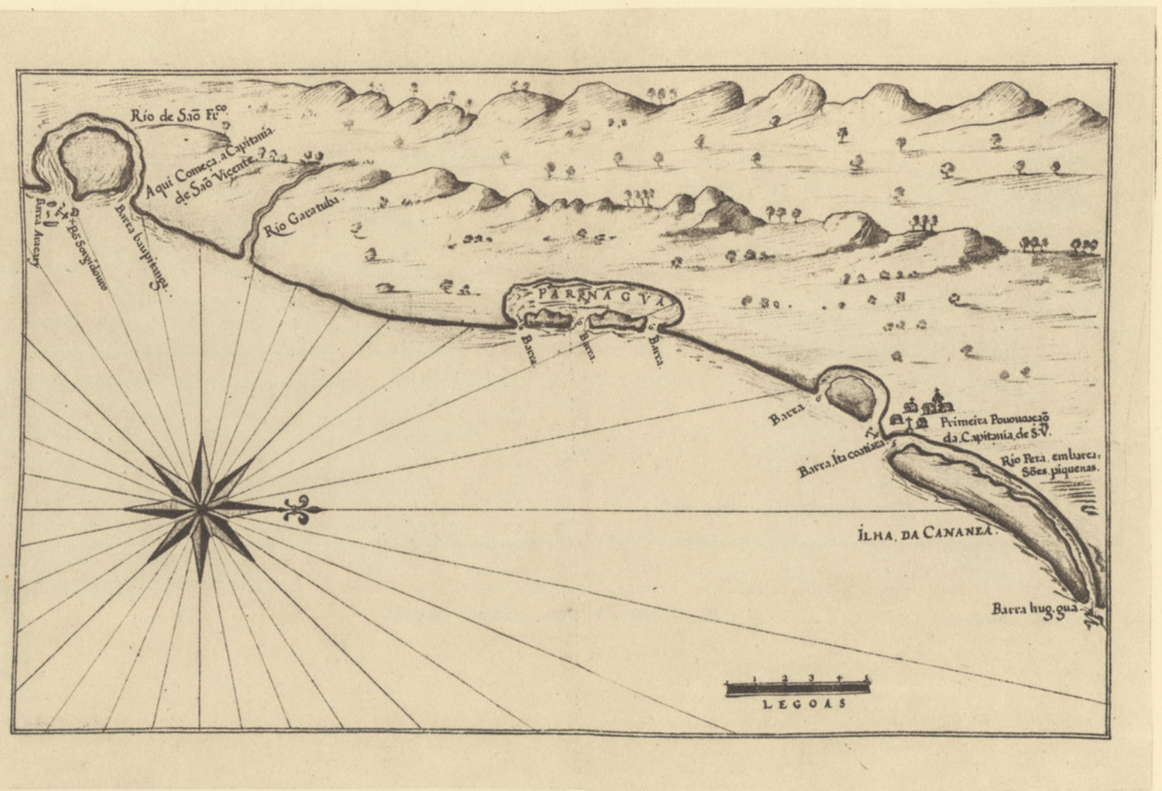
B — Segunda Carta — Second Chart



C — Terceira Carta — Third Chart



D — Quarta Carta — Fourth Chart

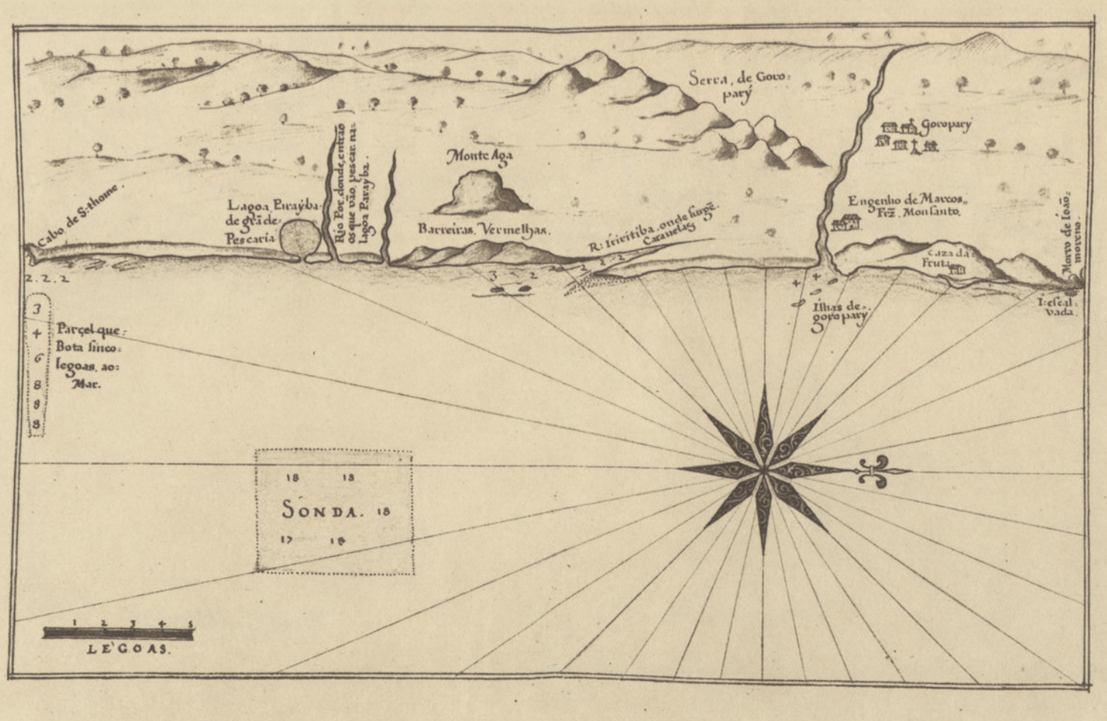


E — Quinta Carta — Fifth Chart — *Original 292 × 410 mm.*

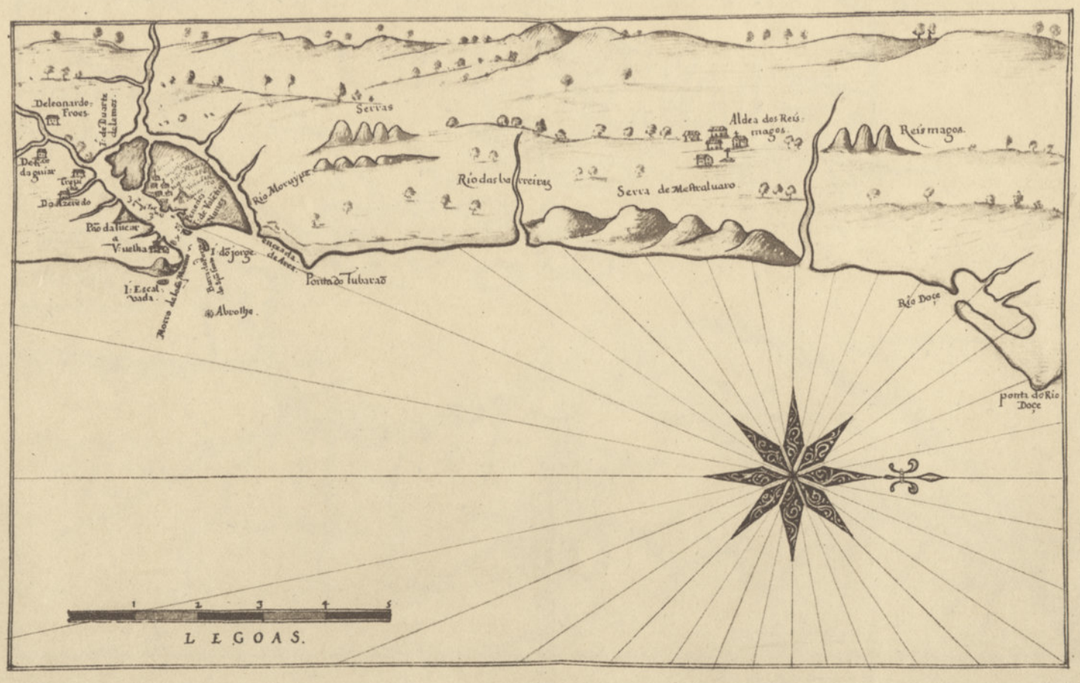
JOÃO TEIXEIRA I, 1642

Atlas do Brasil com vinte e três cartas (incompleto)
Atlas of Brazil with twenty-three charts (incomplete)

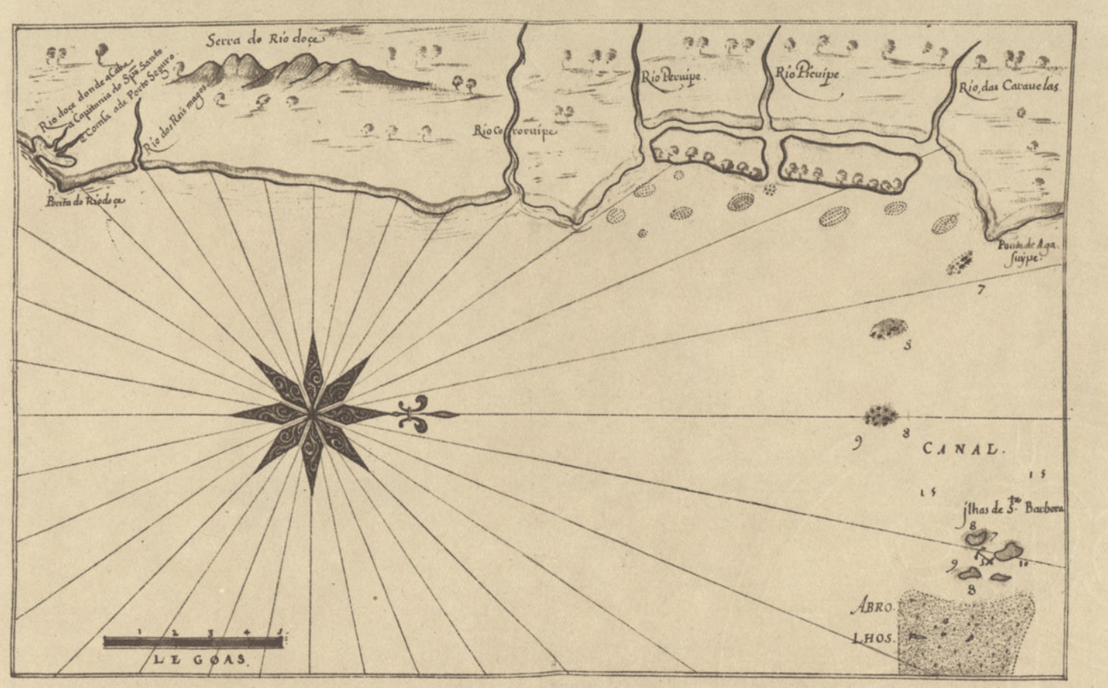
Biblioteca da Ajuda, Lisboa



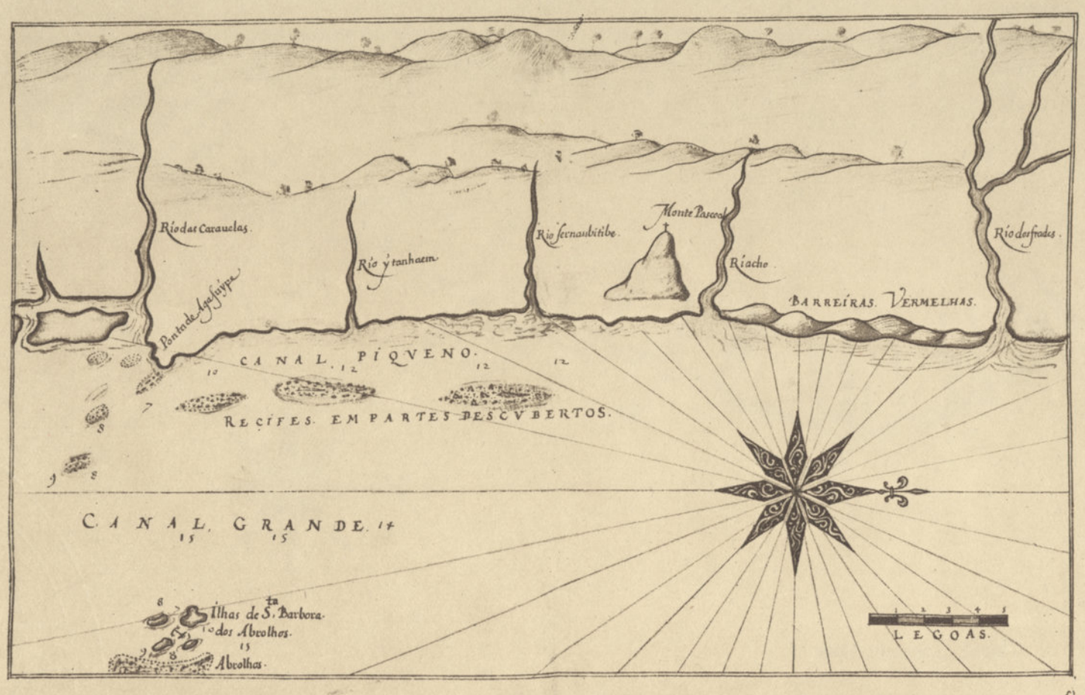
A Sexta Carta — Sixth Chart



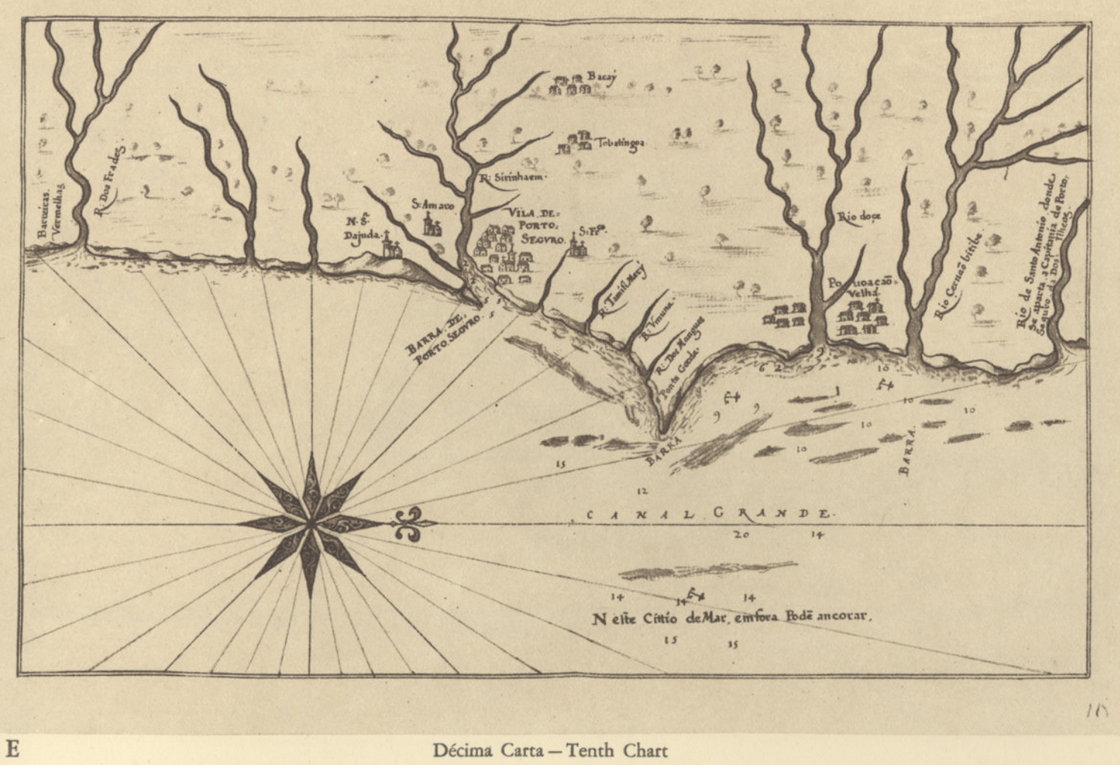
B Sétima Carta — Seventh Chart



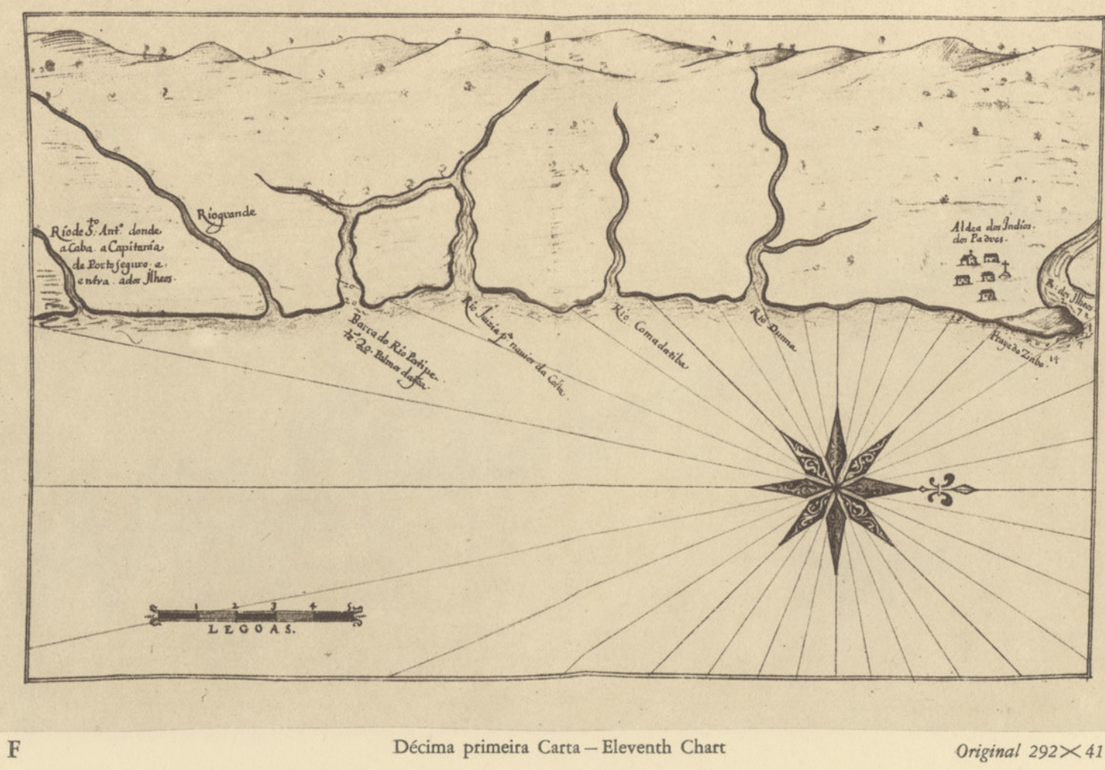
C Oitava Carta — Eighth Chart



D Nona Carta — Ninth Chart



E Décima Carta — Tenth Chart



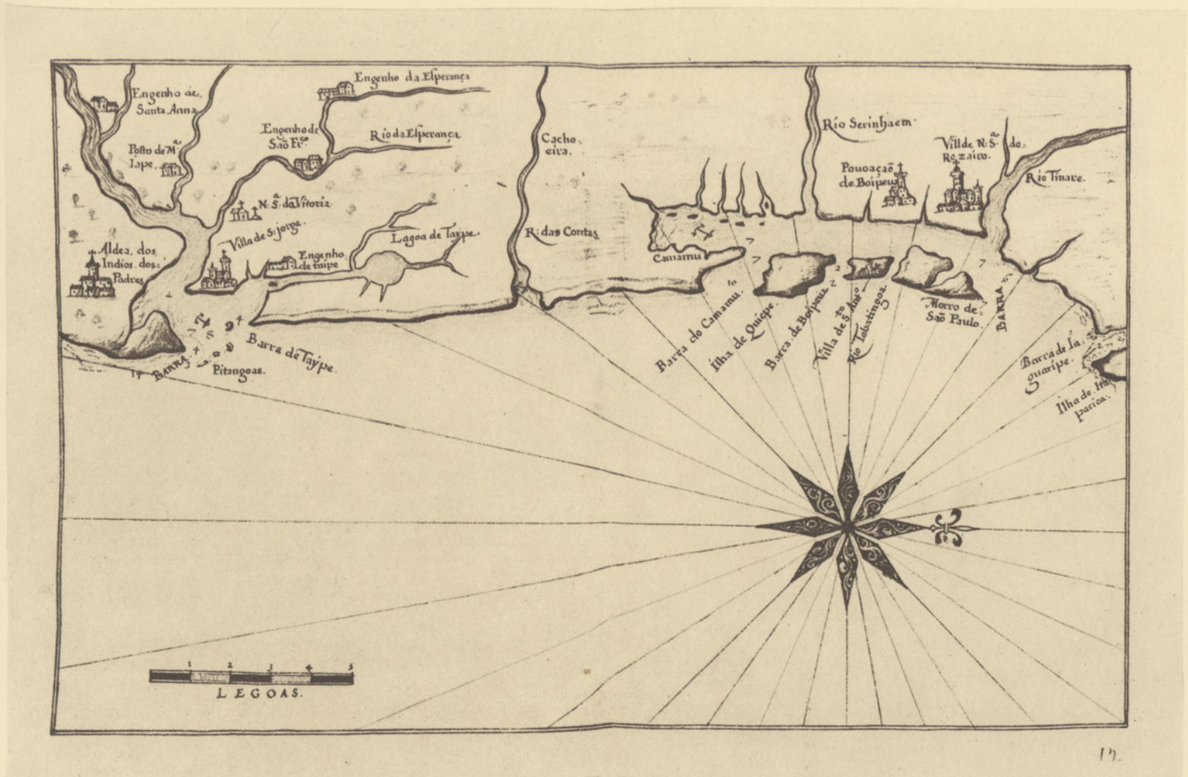
F Décima primeira Carta — Eleventh Chart

Original 292 × 410 mm.

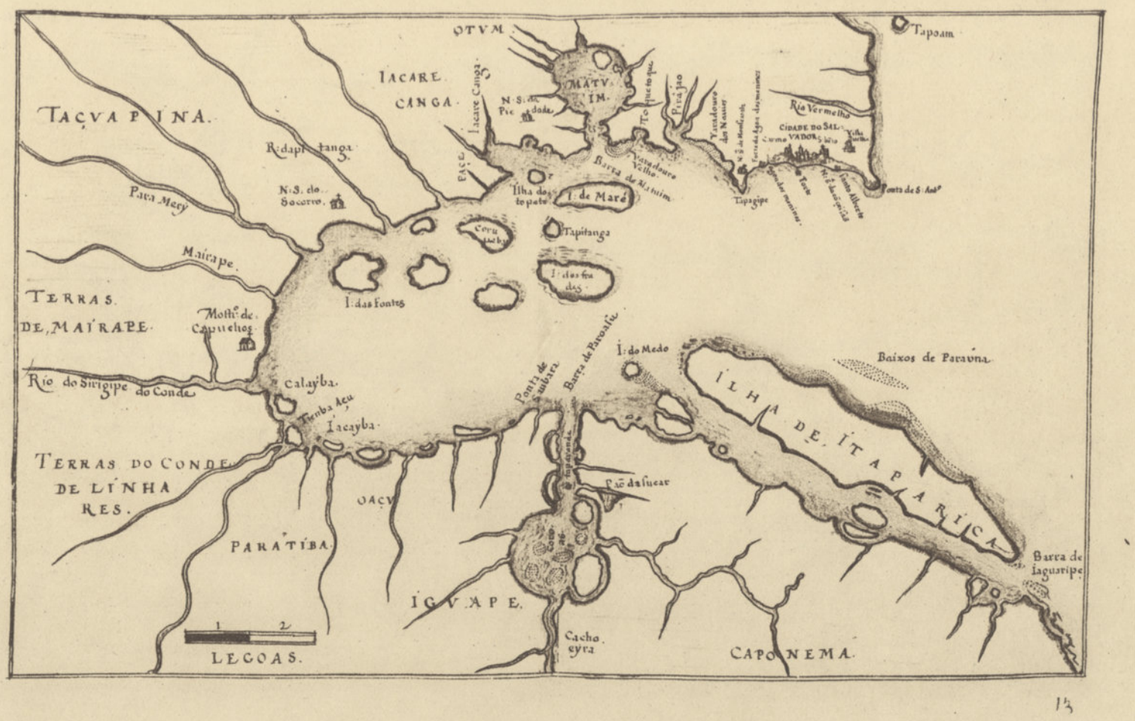
JOÃO TEIXEIRA I, 1642

Atlas do Brasil com vinte e três cartas (incompleto)
Atlas of Brazil with twenty-three charts (incomplete)

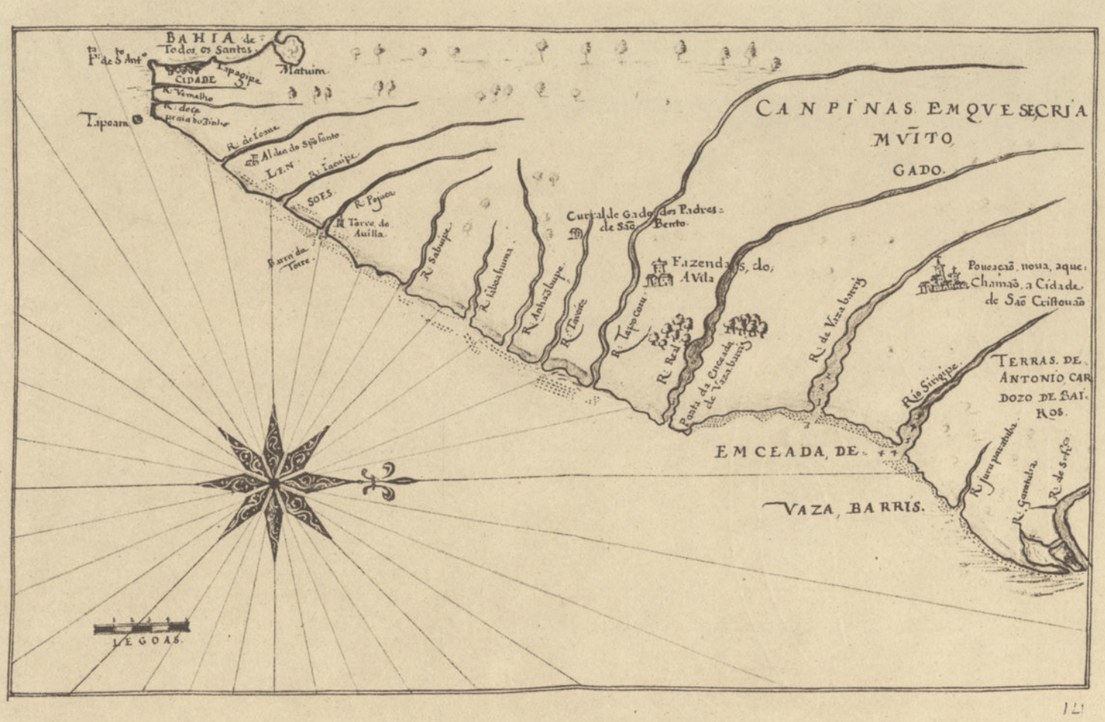
Biblioteca da Ajuda, Lisboa



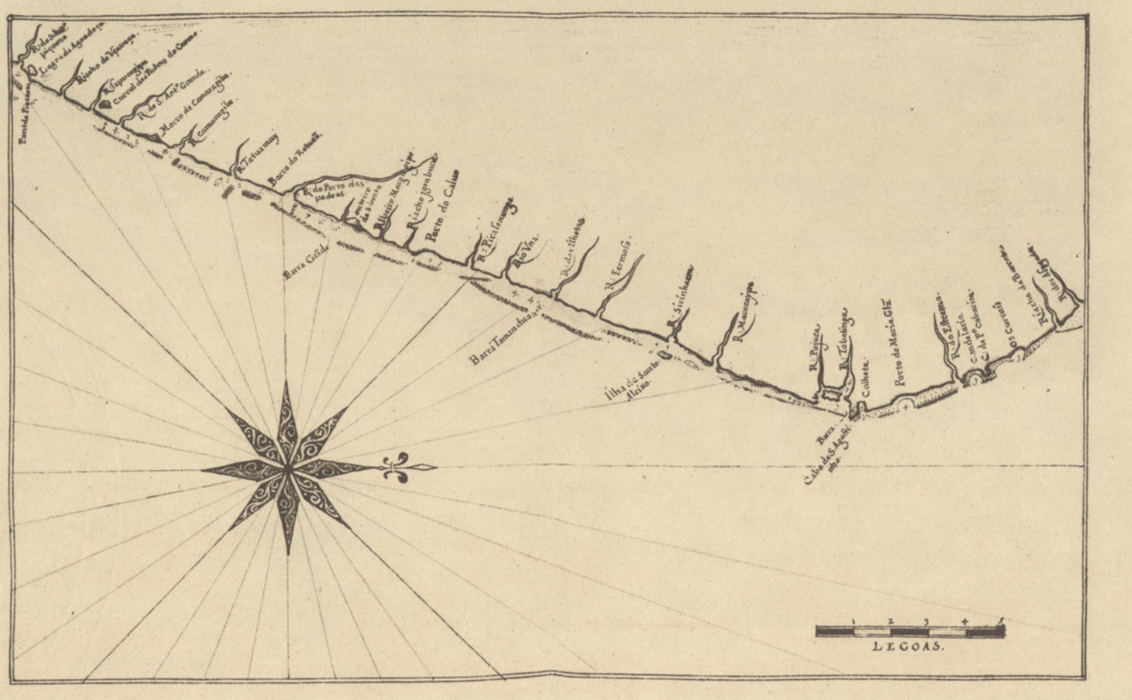
A Décima segunda Carta – Twelfth Chart



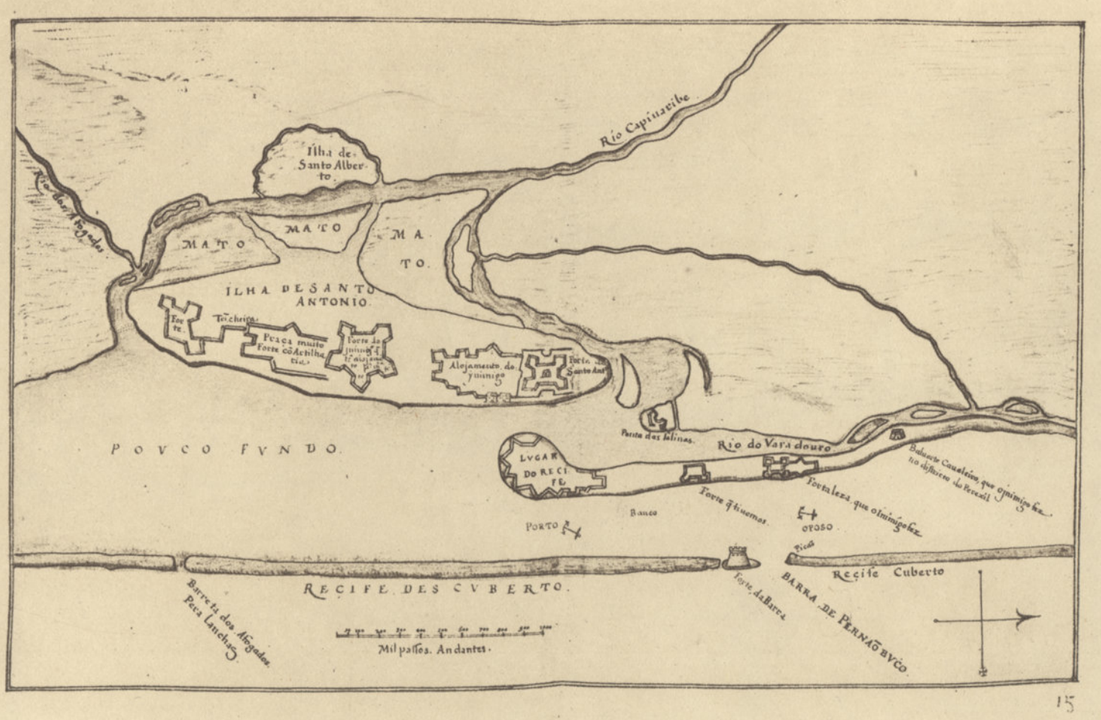
B Décima terceira Carta – Thirteenth Chart



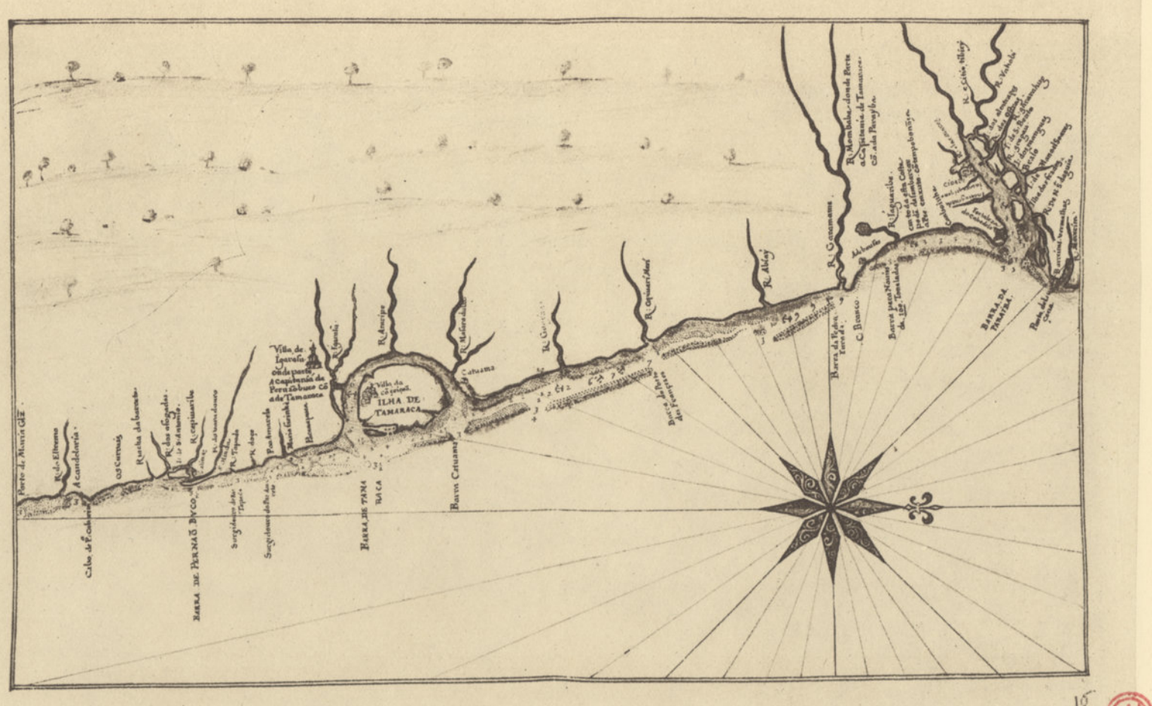
C Décima quarta Carta – Fourteenth Chart



D Décima quinta Carta – Fifteenth Chart



E Décima sexta Carta – Sixteenth Chart



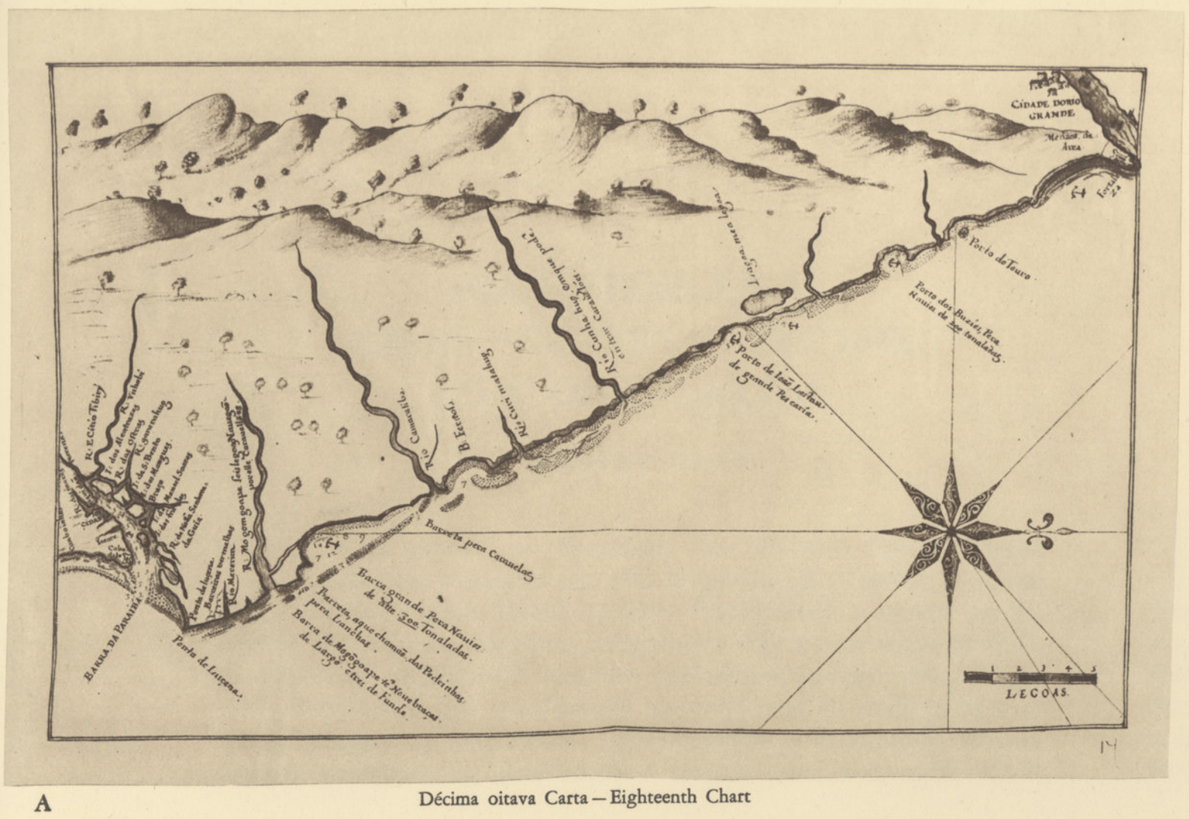
F Décima sétima Carta – Seventeenth Chart

Original 292 × 410 mm.

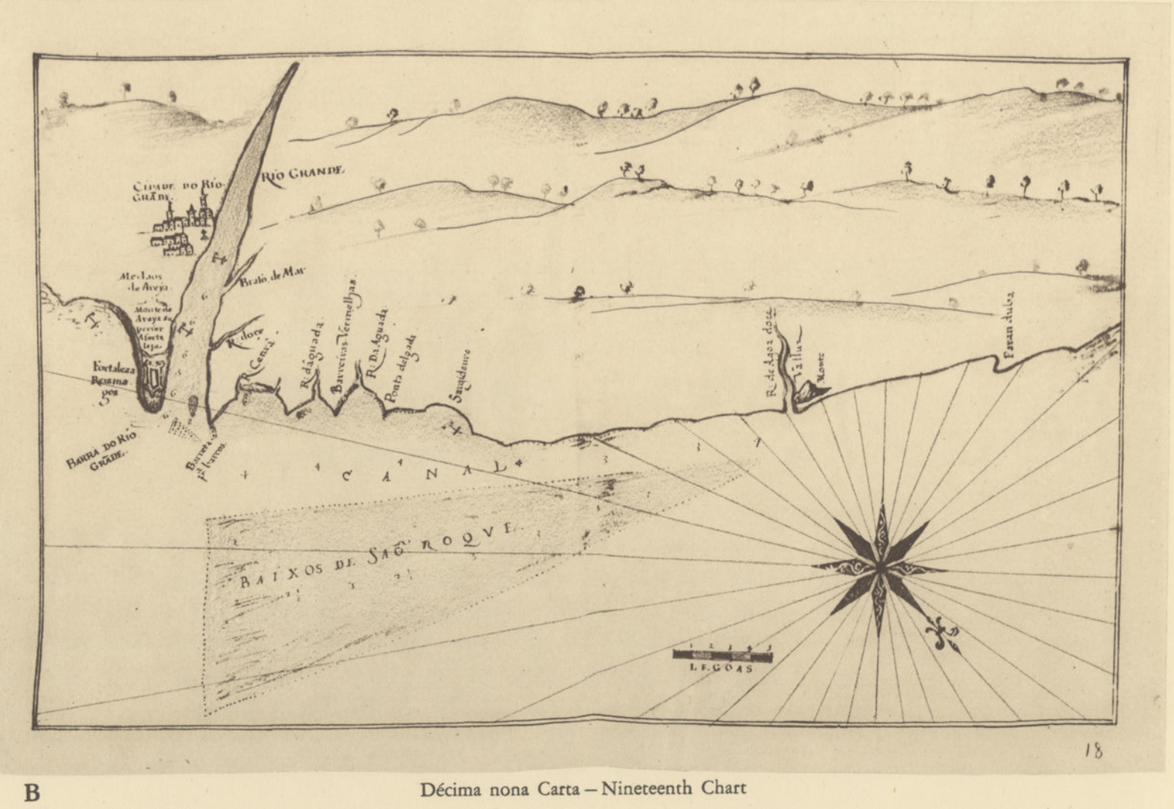
JOÃO TEIXEIRA I, 1642

Atlas do Brasil com vinte e três cartas (incompleto)
Atlas of Brazil with twenty-three charts (incomplete)

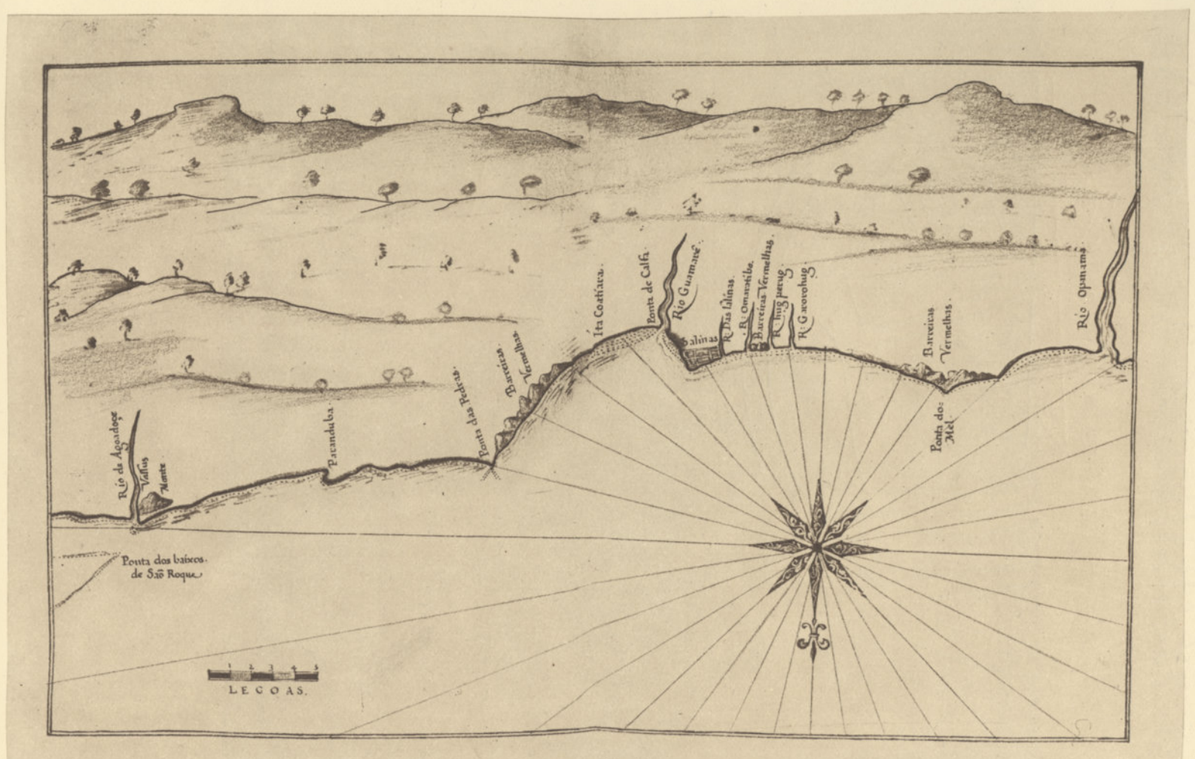
Biblioteca da Ajuda, Lisboa



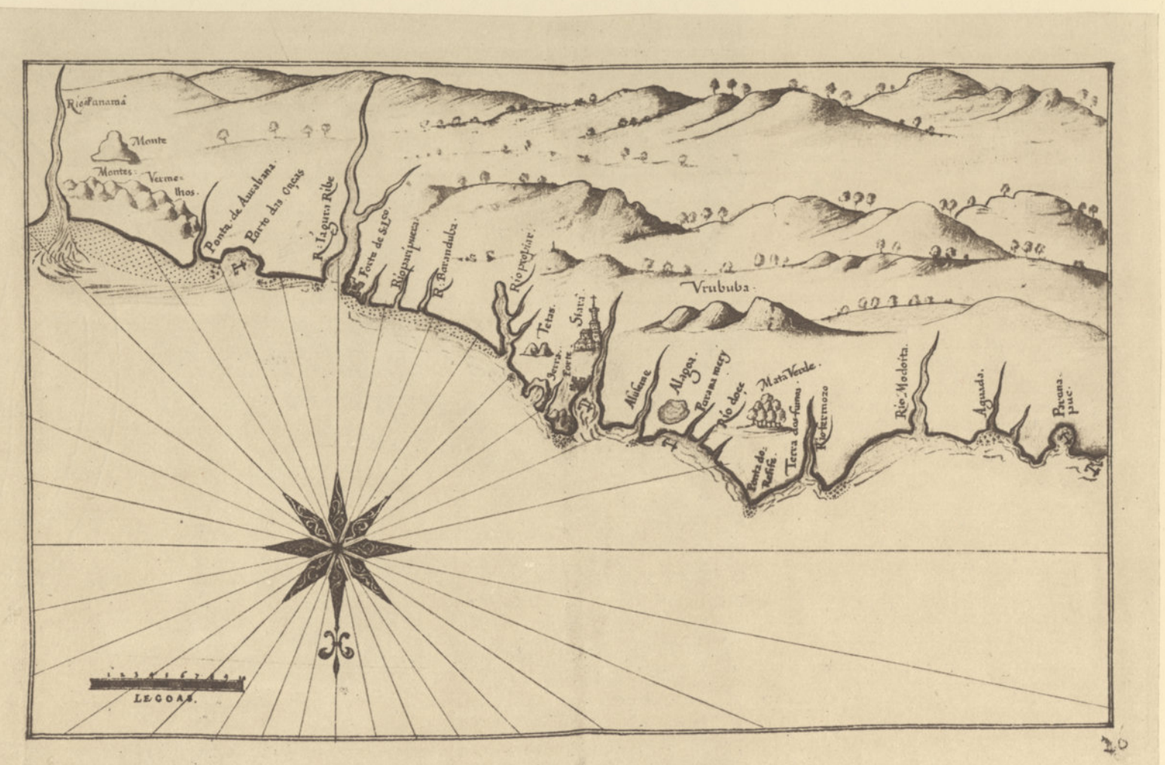
A Décima oitava Carta – Eighteenth Chart



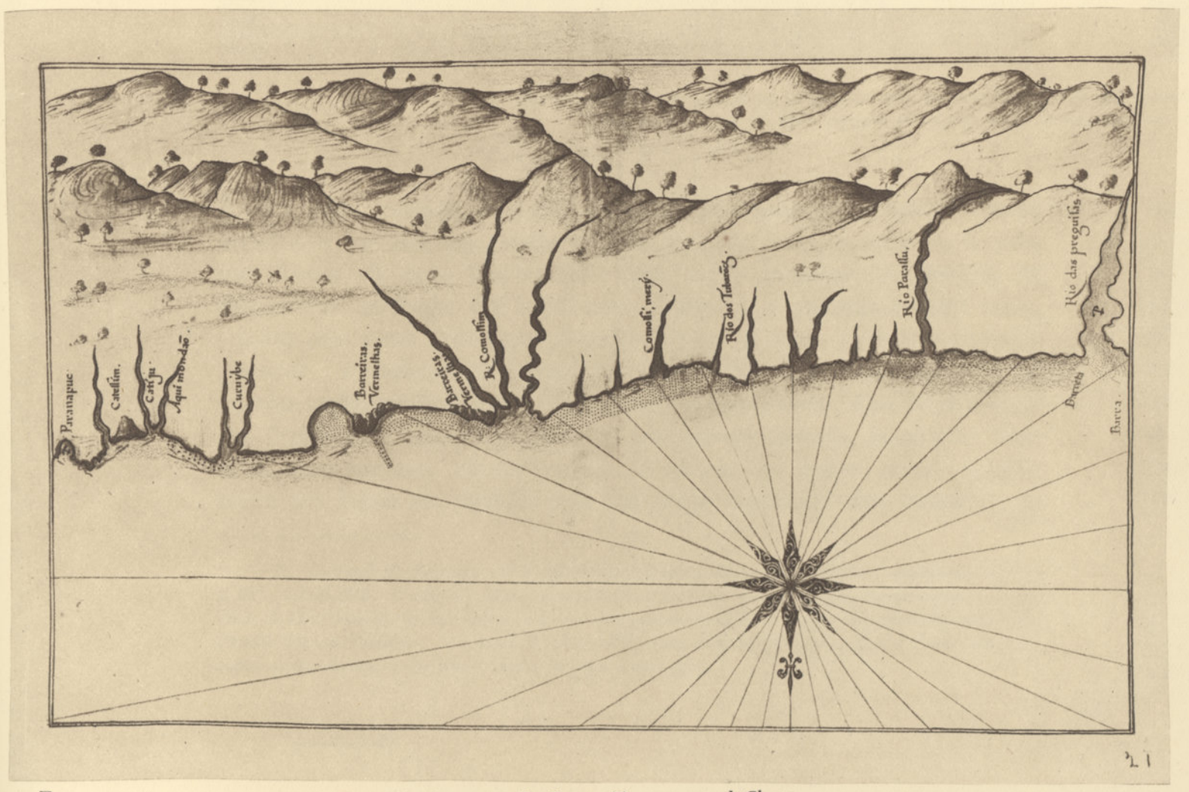
B Décima nona Carta – Nineteenth Chart



C Vigésima Carta – Twentieth Chart



D Vigésima primeira Carta – Twenty-first Chart



E Vigésima segunda Carta – Twenty-second Chart

F Vigésima terceira Carta – Twenty-third Chart

Original 292×410 mm.

João Teixeira I, 1642

Atlas do Brasil com vinte e três cartas (incompleto)
Atlas of Brazil with twenty-three charts (incomplete)

Biblioteca da Ajuda, Lisboa

JOÃO TEIXEIRA I, ATLAS UNIVERSAL DE 1643, COM OITO CARTAS

ESTAMPAS 503-506

ESTE atlas pertence ao Engenheiro José Caetano Salema Garção, Lisboa, que o adquiriu em 1943 à viuva do Dr. Couceiro da Costa, desconhecendo-se a sua história anterior. É certamente o mesmo que foi referido em 1940, sem quaisquer pormenores e com a data errada de 1649, por Fontoura da Costa (1), sem que conheçamos qualquer outra citação dele. O atlas tem uma encadernação em marroquim do século XVIII, e as cartas, traçadas em pergaminho, são manuscritas e iluminadas, apresentando-se geralmente em bom estado e com as cores ainda muito vivas.

JOÃO TEIXEIRA I, WORLD ATLAS OF 1643, WITH EIGHT CHARTS

PLATES 503-506

THIS atlas belongs to Engineer José Caetano Salema Garção, of Lisbon, who acquired it in 1943 from the widow of Dr Couceiro da Costa; its earlier history is unknown. It is certainly the atlas referred to in 1940 by Fontoura da Costa, without details and with the incorrect date 1649 (1). The atlas has a morocco binding of the XVIII century, and the charts are drawn by hand and illuminated on vellum; they are on the whole in good condition, with the colours still very brilliant. The work is careful, without pretension to exceptional artistic value, and rather handsome, as

FIG. 28 — FRONTISPÍCIO ACTUAL DO ATLAS UNIVERSAL DE JOÃO TEIXEIRA I DE 1643, VENDO-SE DO LADO DIREITO A PARTE INFERIOR DO FRONTISPÍCIO PRIMITIVO
PRESENT TITLE-PAGE OF JOÃO TEIXEIRA I'S WORLD ATLAS OF 1643, SHOWING ON THE RIGHT THE LOWER PART OF THE ORIGINAL TITLE-PAGE

É uma obra cuidada, sem que se deva considerar de excepcional valor artístico, e bastante bela, como se pode apreciar pelas reproduções a cores que damos de duas das cartas. Estas estão traçadas em lâminas de pergaminho medindo 486 × 661 mm, dobradas e carceladas pelo meio, coladas pelo verso às metades correspondentes da carta anterior e da carta posterior. Precedendo as cartas há uma folha de pergaminho com as mesmas medidas colada à capa da frente e à primeira carta. Essa folha contém um frontispício, que se verifica ser um acrescentamento posterior. Nele se lê *LIVRO VNIVRSAL DAS NAVEGASÕES DO MVNDO DEL CAP.NO FRANC.O FERRONI* tendo por baixo um desenho com um braço segurando uma espada, e na

may be seen from the coloured reproduction of two charts given here. The charts are drawn on sheets of vellum measuring 486 × 661 mm, doubled and folded down the centre; the versos of the corresponding halves of contiguous charts are pasted together. The charts are preceded by a sheet of vellum of the same dimensions which is pasted to the front cover and to the first chart. This sheet bears a title-page which is obviously an addition later than the the execution of the atlas. The title on it reads «Universal Book of the Navigations of the World of Captain Francisco Ferroni», below which is a drawing containing an arm holding a sword; in the bottom margin are the words «Made in Lisbon by João Teixeira, Cosmographer of His

(1) *Catálogo da Exposição de Cartografia*, in *Congresso do Mundo Português — Memórias*, Vol. IV, p. 447. Lisboa 1940. O atlas não figurou na exposição, e Fontoura da Costa inclui-o simplesmente na lista de obras de João Teixeira, dizendo apenas: «1649 — Atlas pertencente à viuva dum antigo diplomata republicano (Parede, linha de Cascais)». O catálogo foi feito por Fontoura da Costa pouco antes da sua morte, e por certo revisto sumàriamente, o que poderá explicar o engano da data.

(1) *Catálogo da Exposição de Cartografia*, in *Congresso do Mundo Português — Memórias*, Vol. IV, p. 447. Lisboa 1940. The atlas did not appear in the exhibition, and Fontoura da Costa merely included it in the list of João Teixeira's works, only saying: «1649 — Atlas belonging to the widow of a former republican diplomat (Parede, Cascais line)». The catalogue was compiled by Fontoura da Costa shortly before his death and doubtless hastily revised, which may explain the error in the date.

margem inferior *FEITO EM LISBOA POR IOÃO TEIXEIRA COSMOGRAPHO DE SVA MAGESTADE ANNO 1743,* notando-se vestígios de o pergaminho ter sido raspado no sítio do 7. Contra a luz conseguem ler-se, à transparência, no verso da primeira carta a que está colado, os seguintes dizeres de um outro frontispício sem ornamentações: *LIVRO VNIVERSAL DAS NAVEGASÕES* ao alto, e *FEITO EM LISBOA POR IOAÕ TEIXEIRA COSMOGRAPHO DE SVA MAG.DE ANNO 1643* em baixo. Descolando a parte inferior das duas folhas de pergaminho conseguimos ver directamente a parte de baixo do frontispício primitivo, onde está claramente *Anno 1643* (Figura 28). Conclui-se assim que o atlas esteve em poder de um Capitão Francisco Ferroni, o qual mandou executar um novo frontispício, encobrindo o antigo, nele se acrescentando o seu nome e modernizando-se então ou depois a data de um século.

O atlas contém:

Primeira Carta (*Fólios 1 v - 2 r*) (Estampa 503 A) — Atlântico Norte, com a Europa ocidental, Noroeste de África e Terra Nova.

Segunda Carta (*Fólios 2 v - 3 r*) (Estampa 504 A) — Atlântico Sul, com as costas de África e o Brasil.

Terceira Carta (*Fólios 3 v - 4 r*) (Estampa 504 B) — Sudoeste do Oceano Índico, com a África Oriental, Madagáscar e sul da Índia.

Quarta Carta (*Fólios 4 v - 5 r*) (Estampa 503 B) — Próximo e Médio Oriente, com o Mediterrâneo oriental e norte do Oceano Índico.

Quinta Carta (*Fólios 5 v - 6 r*) (Estampa 505 A) — Extremo Oriente, com as costas asiáticas desde Bengala ao Japão e a Insulíndia.

Sexta Carta (*Fólios 6 v - 7 r*) (Estampa 506 A) — Pacífico Norte, desde a Nova Guiné e Japão ao México.

Sétima Carta (*Fólios 7 v - 8 r*) (Estampa 505 B) — América meridional para sul do Equador, sem a parte leste do Brasil.

Oitava Carta (*Fólios 8 v - 9 r*) (Estampa 506 B) — Parte oriental do Atlântico Norte, com as costas americanas desde a Terra Nova até além do Maranhão, e costas ocidentais da América Central.

Este curioso atlas, em que se reunem apenas, nas oito cartas, todos os litorais então conhecidos, é bastante diferente das anteriores obras de João Teixeira e tem um carácter acentuadamente hidrográfico. Facto interessante a apontar é o referente à América do Sul, que está traçada nas cartas segunda, sétima e oitava de uma maneira tal que as três partes não se ajustam. Assim, a posição relativa ao delta do Amazonas — costa do actual estado do Equador é a mesma nas cartas sétima e oitava, mas enquanto os estuários do Amazonas e do Prata estão norte-sul na carta segunda, vêem-se quase nor-nordeste na carta sétima! É significativo o paralelo com o que se vê na carta do Atlântico Sul do atlas de 1630, com a sua legenda explicando que a terra entre o delta do Amazonas e o Pacífico era mais extensa, mas que se haviam traçado assim as costas para efeitos da boa navegação no Atlântico e no Pacífico. Este caso do atlas de 1643 comprova os defeitos da carta plana para a navegação, e o aspecto da curiosa carta sétima constitui mais um exemplo da dificuldade, a que várias vezes temos aludido, em representar a América do Sul nas cartas náuticas de então (2).

Outra particularidade do atlas, que não vem noutras obras de João Teixeira, é a representação, na carta quinta, de um pequeno trecho de litoral ao sul da Nova Guiné, o qual se afigura representar parte da costa ocidental da Península de Iorque e está possìvelmente relacionado com a célebre viagem do navio *Duifken,* de 1606, em que os holandeses pela primeira vez atingiram a Austrália.

(2) Vide Vol. III, pp. 58-60, e pp. 88-9 do presente Volume.

Majesty in the year 1743», and there are marks of an erasure from the vellum below the figure 7. By holding this title-page up to the light we can easily read through it, on the back of the first chart, to which it is pasted, the following words of another title-page without any decoration: «Universal Book of the Navigations», on the upper part, and «Made in Lisbon by João Teixeira, Cosmographer of His Majesty in the year 1643», below. By separating the two vellum leaves at the bottom we were able to see directly the lower part of the original title-page, where *Anno 1643* can be clearly read (Figure 28). Thus it appears that the atlas was in the possession of a Captain Francisco Ferroni, who had a new title-page prepared and covered up the old one, adding his name, the date, then or later, being advanced by a century.

The atlas contains:

First Chart (*Folios 1 v - 2 r*) (Plate 503 A) — North Atlantic, with western Europe, north-east Africa, and Terra Nova.

Second Chart (*Folios 2 v - 3 r*) (Plate 504 A) — South Atlantic, with the coasts of Africa and Brazil.

Third Chart (*Folios 3 v - 4 r*) (Plate 504 B) — South-eastern Indian Ocean with East Africa, Madagascar, and south India.

Fourth Chart (*Folios 4 v - 5 r*) (Plate 503 B) — Near and Middle East, with the eastern Mediterranean and northern Indian Ocean.

Fifth Chart (*Folios 5 v - 6 r*) (Plate 505 A) — Far East, with the coasts of Asia from Bengal to Japan and Insulindia.

Sixth Chart (*Folios 6 v - 7 r*) (Plate 506 A) — North Pacific, from New Guinea and Japan to Mexico.

Seventh Chart (*Folios 7 v - 8 r*) (Plate 505 B) — South America, to the south of the Equator, without the eastern part of Brazil.

Eighth Chart (*Folios 8 v - 9 r*) (Plate 506 B) — Eastern part of the North Atlantic, with the American coasts from Terra Nova to beyond Maranhão, and west coasts of Central America.

This curious atlas, embracing in only eight charts all the coasts then known, is somewhat different from the previous works of João Teixeira and is markedly hydrographic in character. An interesting feature is the representation of South America, which is drawn in the second, seventh and eighth charts in such a way that the three parts do not agree. Thus the position of the Amazon delta in relation to the coast of the modern state of Ecuador is the same in the seventh and eighth charts, but while the Amazon and Plate estuaries lie north-south from one another in the second chart, they are almost NNE-SSW in the seventh! Here we have a significant parallel with the South Atlantic chart in the 1630 atlas, where a legend explains that the land between the Amazon delta and the Pacific was more extensive, but that the drawing of the coasts had been adapted to the needs of good navigation in the Atlantic and the Pacific. This case of the 1643 atlas testifies to the defects of the plane chart for navigation, and the appearance of the curious seventh chart exemplifies once more the difficulty, often referred to, of representing South America in nautical charts (2).

Another peculiar feature of the atlas, not found in João Teixeira's other works, is the representation (in the fifth chart) of a short section of coast to the south of New Guinea which apparently corresponds to part of the west coast of Cape York Peninsula and is perhaps connected with the celebrated voyage of the yacht *Duifken,* in 1606, when the Dutch first reached Australia.

(2) See Vol. III, pp. 58-60, and pp. 88-9 of the present Volume.

A

Primeira Carta – First Chart

B

Quarta Carta – Fourth Chart

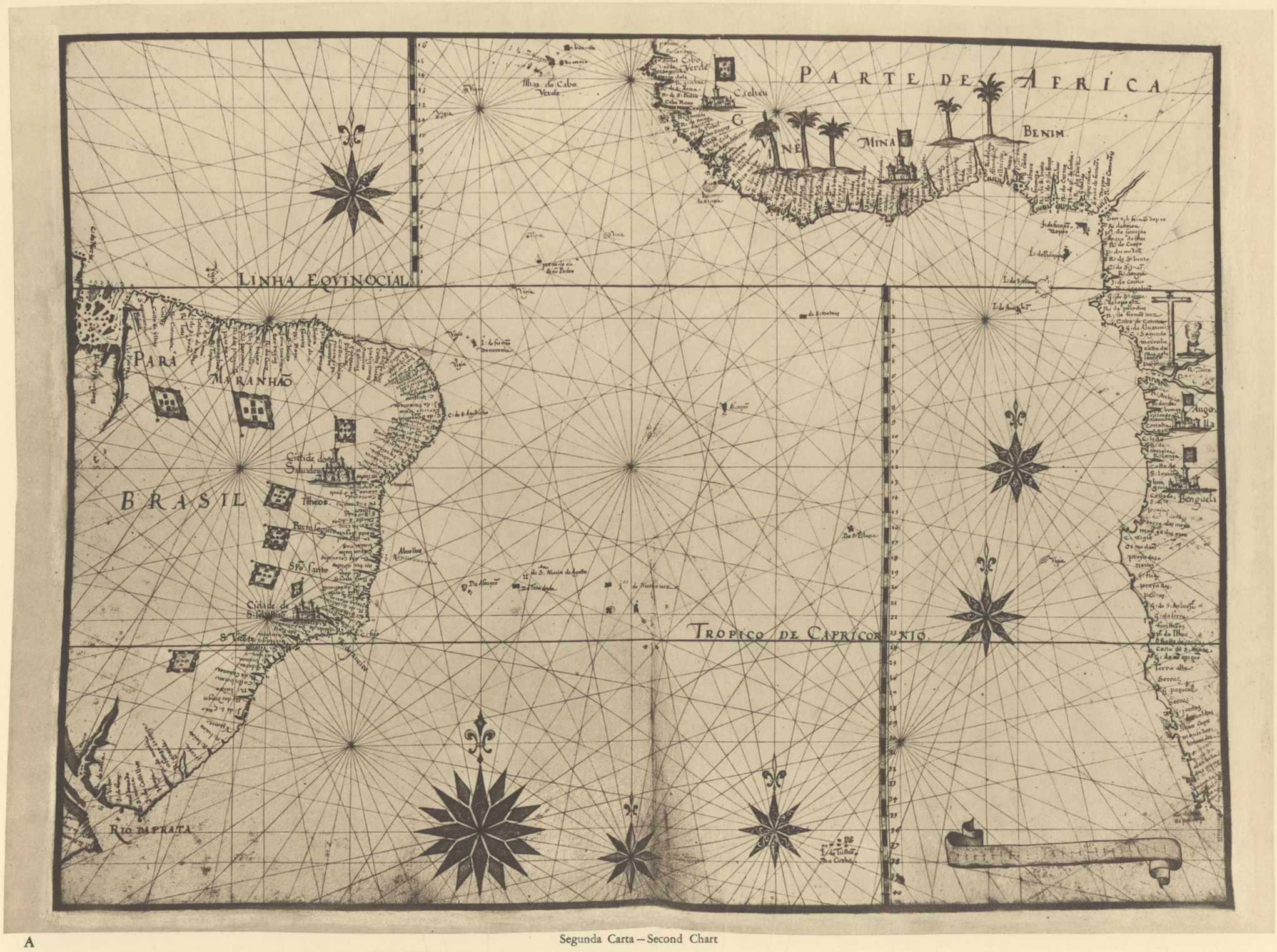
Original 486×661 mm.

JOÃO TEIXEIRA I, 1643

Atlas universal com oito cartas

Atlas of the world with eight charts

Colecção de
Collection of *Eng.º J. C. Salema Garção, Lisboa*



A

Segunda Carta — Second Chart

B

Terceira Carta — Third Chart

Original 486×661 mm.

JOÃO TEIXEIRA I, 1643

Atlas universal com oito cartas

Atlas of the world with eight charts

Colecção de
Collection of *Eng.º J. C. Salema Garção, Lisboa*

Original 486×661 mm.

Quinta Carta – Fifth Chart

A

Sétima Carta – Seventh Chart

B

João Teixeira I, 1643

Atlas universal com oito cartas

Atlas of the world with eight charts

Colecção de Collection of *Eng.º J. C. Salema Garção, Lisboa*

Sexta Carta — Sixth Chart

A

Oitava Carta — Eighth Chart

B

Original 486×661 mm.

JOÃO TEIXEIRA I, 1643

Atlas universal com oito cartas
Atlas of the world with eight charts

Colecção de
Collection of *Eng.º J. C. Salema Garção, Lisboa*

JOÃO TEIXEIRA I, DUAS CARTAS DE 1645 E 1646

CARTA DE 1645

ESTAMPA 507

NO Arquivo Histórico Ultramarino, Lisboa, com a cota «Colecção Cartográfica, Rio de Janeiro 588», existe uma planta do Rio de Janeiro assinada e datada. Traçada em papel, manuscrita e colorida, 415 × 715 mm, tem a legenda *DEMOSTRASAÕ DO RIO DE IANEIRO Feita por Ioaõ teixeira. Cosmographo, de Sua Magestade. Anno .1645.*

A planta constitui o anexo de um documento do mesmo Arquivo com a cota «Rio de Janeiro 587», o qual é uma informação de João de Balhesteiros, datada de Março de 1645, sobre a maneira de fortificar a lage à entrada do porto do Rio de Janeiro. Nessa informação fala-se da planta geral do porto, sem se mencionar João Teixeira. Os documentos 582 a 593 da mesma série tratam do mesmo assunto, mas não há neles qualquer referência àquele cartógrafo. Os documentos 589 a 593 trazem o projecto de fortificação, de 1649, do engenheiro Miguel Lescolle, com vários desenhos, incluindo um da entrada do porto que é copiado daquela planta geral de João Teixeira. Nesta vem indicada, com legenda especial, a lage que se pretendia fortificar, com a distância às fortificações próximas já existentes.

A planta vem mencionada no catálogo de Castro e Almeida (1), tendo depois sido reproduzida várias vezes (2).

CARTA DE 1646

ESTAMPA 508

Incluída numa colectânea de cartas, onde tem a cota «Mss. 1288, fl. 21», da biblioteca do Institut de France, Paris, encontra-se esta interessante carta atlântica, assinada e datada de Lisboa. Traçada sobre pergaminho, manuscrita e iluminada, em bom estado de conservação e com as cores ainda bastante vivas, mede cerca de 755 × 1235 mm.

Nada sabemos da história da carta nem lhe conhecemos referências anteriores. No canto inferior direito tem a legenda *Feita em Lixboa o Anno de 1646. Por Ioaõ teixeira Cosmographo de Sua Mg.de*. Do lado esquerdo contém 6 planos: *DESCRIPÇAÕ DA ILHA DE CUBA, IAMAHICA, Porto de Havana, ILHA DE PORTO RICO, PORTO BELO* e *Porto de Cartagena,* e na parte inferior estão traçadas vinte e seis vistas da costa de várias das Antilhas. A carta geral abrange as costas do Atlântico Norte compreendidas entre a Terra Nova e o Equador e desde o fundo do Golfo do México à Bretanha e Cabo das Palmas.

A execução da carta é cuidadosa, e a ornamentação boa, embora simples, notando-se pela sua beleza a rosa-dos-ventos central. Trata-se de uma obra de tipo marcadamente náutico, ao contrário de algumas produções anteriores, hoje conhecidas, de João Teixeira, as quais se destinavam a outros fins.

(1) Eduardo de Castro e Almeida, *Inventário dos documentos relativos ao Brasil existentes no Archivo de Marinha e Ultramar de Lisboa,* Vol. VI, Rio de Janeiro 1616-1729, n.º 588. Rio de Janeiro 1921.

(2) *História da Expansão Portuguesa no Mundo,* Vol. III, p. 136, Lisboa 1940; Luís Norton, *A dinastia dos Sás no Brasil* (1558-1662), p. 32, Lisboa 1943; *Boletim do Arquivo Histórico Colonial,* Vol. I, p. 403, Lisboa 1950. Ocupou-se também dela, mostrando os seus erros, Afonso E. de Taunay, *Iconografia Carioca,* in *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro,* Vol. 203, pp. 3-6. Rio de Janeiro Abril-Junho 1949 [1951].

JOÃO TEIXEIRA I, TWO CHARTS OF 1645 AND 1646

CHART OF 1645

PLATE 507

IN the Arquivo Histórico Ultramarino, Lisbon, with the class-mark «Colecção Cartográfica, Rio de Janeiro 588», is a signed and dated plan of Rio de Janeiro. Drawn on paper, manuscript and coloured, 415 × 715 mm, it has the title-legend «Demonstration of Rio de Janeiro. Made by João Teixeira, Cosmographer of His Majesty. Anno 1645».

The plan was annexed to a document in the same archive, class-mark «Rio de Janeiro 587», which is a report by João de Balhesteiros, dated March 1645, on the method of fortifying the rock at the entrance of the port of Rio de Janeiro. This report refers to the general plan of the port, but without mentioning João Teixeira. Documents 582-593 in the same series deal with the same subject, but they have no reference to João Teixeira. Documents 589-593 present the project for fortification made in 1649 by the engineer Miguel Lescolle, with several drawings, including one of the entrance of the port, which is copied from João Teixeira's general plan. The latter indicates by a special legend the rock to be fortified, with the distances to the fortifications already existing in its proximity.

The plan is mentioned in the catalogue of Castro e Almeida (1), and has been reproduced several times since (2).

CHART OF 1646

PLATE 508

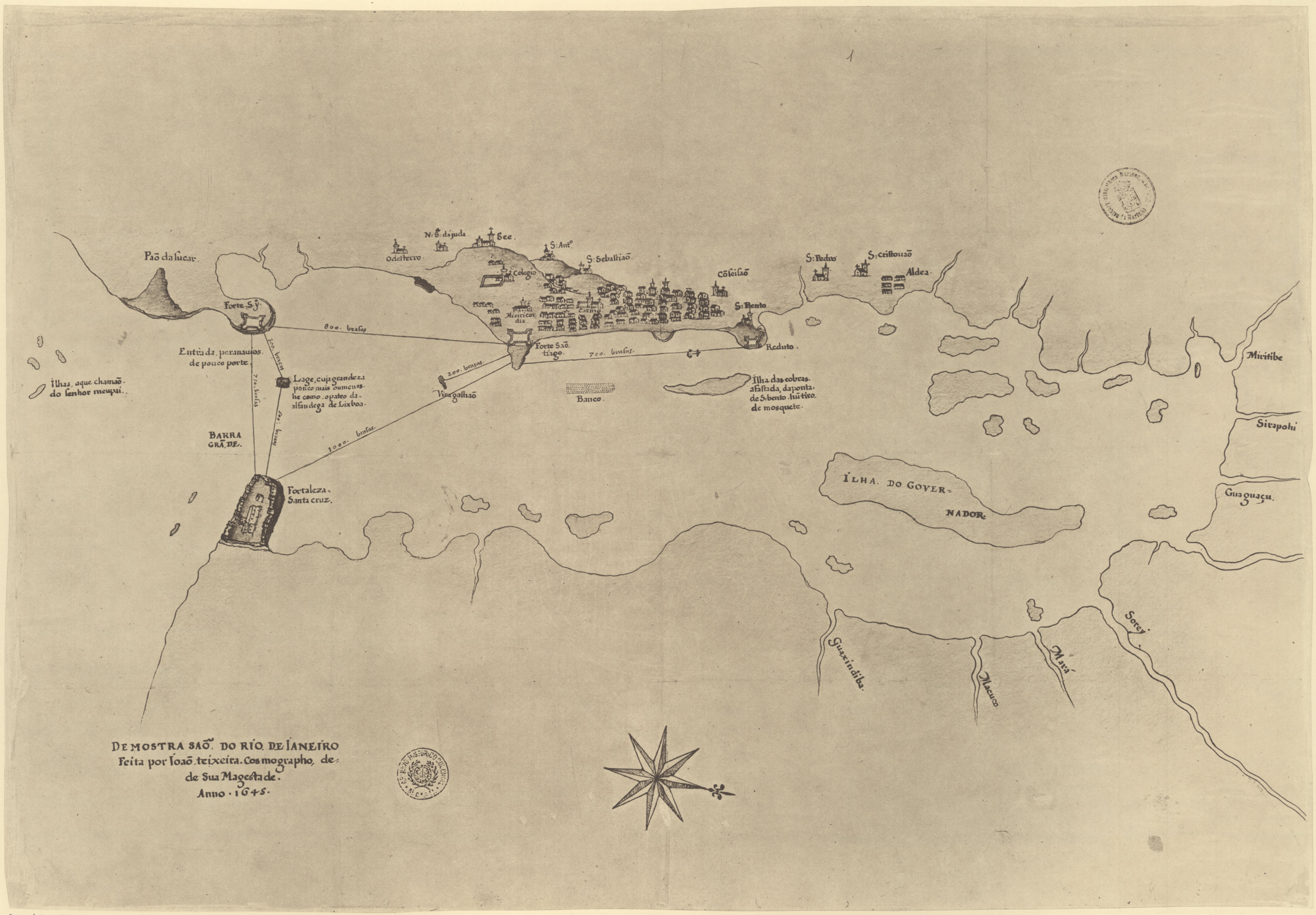
This interesting Atlantic chart, signed and dated from Lisbon, is included in a collection of charts, with the class-mark «Mss. 1288, fl. 21», in the library of the Institut de France, Paris. Drawn on vellum, manuscript and illuminated, it is in a good state of preservation, with colours still fairly bright, and measures about 755 × 1235 mm.

Nothing is known of the history of the chart, nor have we found any earlier reference to it. In the bottom right-hand corner is the legend «Made at Lisbon in the year 1646. By João Teixeira, Cosmographer of His Majesty». On the left are six plans: «Description of the Island of Cuba», «Jamaica», «Port of Havana», «Island of Porto Rico», «Porto Belo», and «Port of Cartagena»; and in the lower part twenty-six coastal views of various islands of the Antilles are drawn. The general chart embraces the coasts of the North Atlantic from Terra Nova to the Equator and from the bottom of the Gulf of Mexico to Brittany and Cabo das Palmas.

The execution of the chart is careful, and the decoration effective though simple, the central wind rose being particularly handsome. This is a work of markedly nautical type, unlike some of João Teixeira's known earlier productions, which were designed to serve other purposes.

(1) Eduardo de Castro e Almeida, *Inventário dos documentos relativos ao Brasil existentes no Archivo de Marinha e Ultramar de Lisboa,* Vol. VI, Rio de Janeiro 1616-1729, n.º 588. Rio de Janeiro 1921.

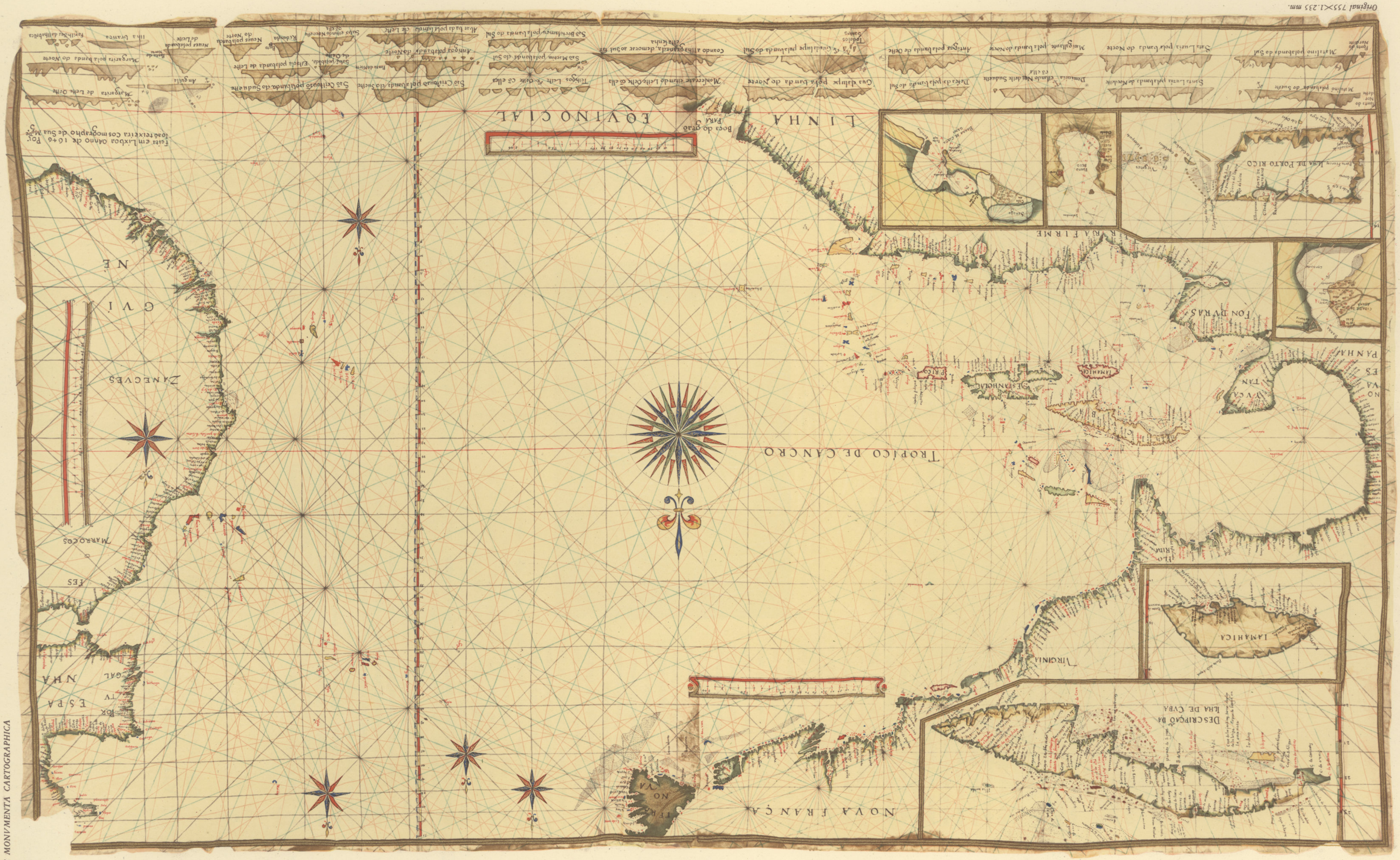
(2) *História da Expansão Portuguesa no Mundo,* Vol. III, p. 136, Lisboa 1940; Luís Norton, *A dinastia dos Sás no Brasil* (1558-1662), p. 32, Lisboa 1943; *Boletim do Arquivo Histórico Colonial,* Vol. I, p. 403, Lisboa 1950. It is also discussed, with indication of its errors, by Afonso E. de Taunay, *Iconografia Carioca,* in *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro,* Vol. 203, pp. 3-6. Rio de Janeiro Abril-Junho 1949 [1951].



Original 415×715 mm.

JOÃO TEIXEIRA I, 1645

Arquivo Histórico Ultramarino, Lisboa


LINHA EQVINOCIAL
Boca do grade Para
Tropico de Cancro
Nova França
Virginia
Ilha de Porto Rico
Ilha de Cuba
Descripção da Ilha de Cuba
Jamahica
Marrocos
Fes
Zanegues
Guiné
Portugal
Hespanha
Mar Mediterraneo
Estreito de Gibraltar
Ilha Terceira
Ilha de Santa Maria
Ilha de S. Miguel
Ilha Graciosa
Ilha de S. Jorge
Ilha do Pico
Ilha do Fayal
Ilha das Flores
Ilha do Corvo
Ilha de S. Thomé
Ilha do Principe
Ilha de Anno Bom
Ilha de Santa Helena
Ilha da Ascensão
Ilha de Trindade
Ilha de Martim Vaz
Ilha de Fernando de Noronha
Ilha de Santa Luzia
Ilha de Mayo
Ilha de Sal
Ilha de Boa Vista
Ilha de Maio
Ilha de S. Thiago
Ilha da Fogo
Ilha Brava
Ilha de Santa Antão
Ilha de S. Vicente
Ilha de S. Nicolao

JOÃO TEIXEIRA I, ATLAS DA COSTA DE PORTUGAL DE 1648, COM DEZASSEIS CARTAS

(QUATRO ORIGINAIS E UMA CÓPIA)

ESTAMPAS 509-510

DESTE pequeno mas curioso atlas conhecemos quatro originais, todos assinados e datados de 1648, e ainda uma cópia, feita em 1669 mas também de um original de 1648. Os vários exemplares são pràticamente iguais, com o mesmo número de cartas contendo traçado e nomenclatura idênticos e por ordem análoga. Cada carta (ocupando o rosto das folhas) é precedida de um pequeno texto (ocupando o verso das folhas), com o título e legenda. Os textos são iguais, havendo apenas ligeiras variantes no exemplar de Lisboa; as cartas são manuscritas e coloridas, traçadas em papel. Registam-se pequenas diferenças de estilo e letra, sugerindo que João Teixeira se socorreu do trabalho de ajudantes. Reproduzimos apenas o exemplar de Lisboa.

Exemplar da Sociedade de Geografia de Lisboa — Com a cota «Reservados A-28», mede exteriormente 146 × 200 mm. Encadernado em marroquim vermelho, tem no começo um índice em francês acrescentado posteriormente à execução da obra. A primeira carta tem 119 × 176 mm, e as restantes 108 × 163 mm. No frontispício (Fig. 29), dentro de uma moldura, vem o título *DESCRIPÇAÕ DOS PORTOS MARITIMOS DO REINO DE PORTVGAL Por João Teixeira Cosmografo mór de S. Mg.de Anno 1648.*

Primeira Carta (Estampa 509 A) — Precedida do título *Demostraçaõ de toda a costa de Portvgal. A hũa vista, tirada da carta de Marear; e logo se seguem as Demostrações de Todas as Barras, e Portos Maritimos de toda a dita Costa desde A Barra de Caminha athé Ayamõte com todas as sondas, e mais circunstancias, q̃ adiante se verá.*

Segunda Carta (Estampa 509 B) — *Demostraçaõ Das Barras de Caminha, Viana, e Villa do Conde. A Barra da V.ª de Caminha está na Foz do Rio Minho, que aparta o Reyno de Portugal, de Galiza; Tem este Rio na boca hũa Ilha, que fás duas Barras, a do Norte hé mais piquena, que a do Sul, e mais perigoza; A do Sul tem 13 até 14 palmos de baixa mar, e 20 de preamar. A Barra de Viana, tem de baixa mar 10 até 12 palmos, e de preamar tem 18 até 19 palmos. A Barra de Villa do Conde tem 10 palmos de baixamar e de preamar tem 18 palmos.*

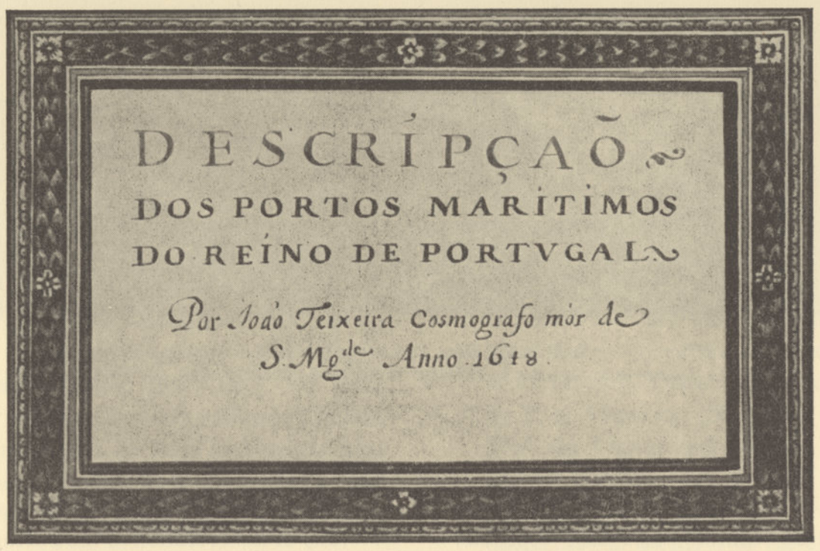


FIG. 29 — FRONTISPÍCIO DO ATLAS DA COSTA DE PORTUGAL DE JOÃO TEIXEIRA I, 1648
TITLE-PAGE OF THE ATLAS OF THE COAST OF PORTUGAL BY JOÃO TEIXEIRA I, 1648

Sociedade de Geografia, Lisboa

Terceira Carta (Estampa 509 C) — *Descripçaõ da Barra do Porto. Acerca desta Barra do Porto achey diuersas opiniões. Assim q̃ me pareceo seguir a do Piloto João Antonio pontilha, vezinho de Matozinhos; o qual por ordem real a sondou por muitas vezes em Junho, e em Julho, com o Mestre de Campo Manoel de Souza Pacheco; e diz que achou em baixa mar de agoas mortas, por entre as lagẽs 22 palmos, e que na crescente pode ficar em 28 até 30. E em tempos de Inverno com as cheas do Rio mudase esta Barra; Mas sempre fica tendo o mesmo fundo pouco mais ou menos, e saindo fora da Barra, toda a Costa de Norte a Sul para Leixões a o mar delles hé certo o fundo de 10 braças, e entre elles, e a terra podẽ surgir em 8 até 10 braças.*

Quarta Carta (Estampa 509 D) — *Descripçaõ da Barra de Aveiro. A Barra d'Aueyro hé de Area, e mudase muitas vezes; Tem em prea mar 20 palmos; e em baixa mar 12 até 13. E isto em agoas viuas, e em agoas mortas, tem de prea mar 16 palmos, e em baixa mar pouco mais de 10 palmos.*

Quinta Carta (Estampa 509 E) — *Descripçaõ do Rio Mondego. A Barra do Rio Mondego hé de Area, e também se muda algũas vezes: Tem em preamar 16 até 17 palmos e em baixa mar 8 palmos. Buarcos fica fora da Barra na Costa surgem defronte em 6 braças.*

Sexta Carta (Estampa 509 F) — *Demostraçaõ Da Costa, que vay de Buarcos, até a Pederneira.*

Sétima Carta (Estampa 509 G) — *Demostraçaõ da Pederneira até Peniche. A Barra da Pederneira hé para Carauelas; e mais ao sul pouco mais*

JOÃO TEIXEIRA I, ATLAS OF THE COAST OF PORTUGAL OF 1648, WITH SIXTEEN CHARTS

(FOUR ORIGINALS AND ONE COPY)

PLATES 509-510

OF this curious little atlas we have four originals, all signed and dated 1648, and also a copy made in 1669, likewise from an original of 1648. The various copies are practically alike, with the same number of charts having identical outlines and nomenclature and arranged in the same order. Each chart (occupying the recto of the leaves) is preceded by a short text (occupying the verso of the leaves) comprising the title and legend. The texts are the same, with only slight variants in the Lisbon example; the charts are drawn on paper and coloured. Minor differences in style and writing suggest that João Teixeira had the help of assistants. We reproduce only the Lisbon atlas.

Example belonging to the Sociedade de Geografia, Lisbon — With the class-mark «Reservados A-28», it measures 146 × 200 mm and is bound in crimson morocco. At the beginning it has an index in French which is a later addition. The dimensions of the first chart are 119 × 176 mm, of the others 108 × 163 mm. On the title-page (Fig. 29), within a frame, is the title «Description of the maritime ports of the Kingdom of Portugal. By João Teixeira, Cosmographer-major of His Majesty, Anno 1648».

First Chart (Plate 509 A) — Preceded by the title «Demonstration of all the coast of Portugal, in one drawing, extracted from the sea chart; followed immediately by the Demonstrations of all the Bars and Maritime Ports of all the said Coast from the Bar of Caminha to Ayamonte, with all the depths and other circumstances, as will presently be seen».

Second Chart (Plate 509 B) — «Demonstration of the Bars of Caminha, Viana and Villa do Conde. The Bar of the Town of Caminha is at the mouth of the River Minho, which divides the Kingdom of Portugal from Galicia. This river has at its entrance an island which makes two Bars, of which that to the North is smaller than that to the South, and more dangerous; that to the South has 13 to 14 palms at low water, and 20 at high. The Bar of Viana has at low water 10 to 12 palms and at high 18 to 19. The Bar of Vila do Conde has 10 palms at low water and 18 at high».

Third Chart (Plate 509 C) — «Description of the Bar of Oporto. Concerning this Bar there are diverse opinions. It seems to me proper to follow that of the pilot João António Pontilha, living at Matozinhos, who at the King's command has sounded it several times in June and July, with the *mestre de campo* Manuel de Sousa Pacheco, and says that he found, at low water and neap tides, 22 palms between the rocks, and that the depth at high tide may reach 28 or 30. And in winter this bar is altered by the flooding of the river; but it always has more or less the same depth, and outside the bar the whole coast from north to south by way of Leixões to the sea has certainly a depth of 10 fathoms and between Leixões and the land one may anchor in 8 to 10 fathoms».

Fourth Chart (Plate 509 D) — «Description of the Bar of Aveiro. The Bar of Aveiro is of sand, and often changes; at high water it has 20 palms depth, and at low 12 to 13. This is at spring tides, and at neaps there is a depth of 16 palms at high water, and little more than 10 at low water».

Fifth Chart (Plate 509 E) — «Description of the River Mondego. The Bar of the Mondego is of sand and also subject to occasional changes; its depth at high water is 16 to 17 palms, and at low 8 palms. Buarcos lies outside the bar on the coast, where there are 6 fathoms».

Sixth Chart (Plate 509 F) — «Demonstration of the coast from Buarcos to Pederneira».

Seventh Chart (Plate 509 G) — «Demonstration [of the coast] from Pederneira to Peniche. The Bar of Pederneira is for caravels, and a little

de duas legoas está Selir, com Barra do mesmo fundo. A Berlenga, tem o Porto da banda de Leste, surgem nelle em 10 braças.

Oitava Carta (Estampa 509 H) — *Demostraçaõ De Peniche, até o Rio das Maçãns. Em toda esta Costa não há outro surgidouro, mais que em Peniche dentro da Enseada junto á terra tem duas braças, e de fora sinco.*

Nona Carta (Estampa 510 A) — *Demostraçaõ da Barra de Lisboa.*

Décima Carta (Estampa 510 B) — *Demostraçaõ da Barra de Setuual. A Barra de Setuual tem em baixa mar 14 até 15 palmos; e em preamar tres braças e meya.*

Décima primeira Carta (Estampa 510 C) — *Demostraçaõ Da Costa, que vay da Barra de Setuual, até onde chamão, A Perseueira.*

Décima segunda Carta (Estampa 510 D) — *Demostraçaõ Da Costa, que vay de Melides até a Barra de Odemira, e Cabo Sardaõ.*

Décima terceira Carta (Estampa 510 E) — *Demostraçaõ Da Costa, que vay do Cabo Sardaõ até o Cabo de Saõ Vicente.*

Décima quarta Carta (Estampa 510 F) — *Demostraçaõ Da Costa, que vay do Cabo de Saõ Vicente até Villa noua de Portimaõ.*

Décima quinta Carta (Estampa 510 G) — *Demostraçaõ Da Costa, que vay de Villa noua de Portimaõ até o Cabo de Santa Maria. A Barra de V.ª noua de Portimaõ tem em baixa mar 15, até 16 palmos dagoa; e em preamar 25 até 26 palmos.*

Décima sexta Carta (Estampa 510 H)—*Demostraçaõ desde A Barra de Faro, até Ayamonte. A Barra grande de Faro tem em baixamar duas braças e meya; e em preamar mais de tres braças. Tem outras duas Barretas p.ª Barcos. A Barra de Tauira tem em baixa mar 8 palmos; e em preamar duas braças, pouco mais, ou menos. O Rio Guadiana aparta o Reyno do Algarue de Andaluzia; Dezemboca no mar Athlantico por entre Ayamonte lugar de Andaluzia, e a villa de Castromarim; Abarra hé grande, e larga, Mas deficultoza; tanto, que hé necessario Piloto pratico para entrar por ella.*

FIG. 30 — FRONTISPÍCIO DO ATLAS DA COSTA DE PORTUGAL DE JOÃO TEIXEIRA, 1648 (CODEX 6072)
TITLE-PAGE OF THE ATLAS OF THE COAST OF PORTUGAL BY JOÃO TEIXEIRA, 1648 (CODEX 6072)

Nationalbibliothek, Wien

O atlas foi aquirido em Outubro de 1904 em Reims, por iniciativa de Ernesto de Vasconcelos, que o descreveu então (1), sendo depois referido de passagem por Joaquim Bensaúde (2) e A. Fontoura da Costa (3). Utilizou-o largamente Fernando Castelo-Branco no estudo da evolução do litoral português, reproduzindo as cartas quarta, sétima, décima e décima primeira (4), enquanto Jaime Cortesão reproduziu a cores as cartas quarta e sétima (5). Ernesto de Vasconcelos, em nota manuscrita colada na capa, escreveu que este exemplar do atlas «deve ser cópia do trabalho de João Teixeira e não o original», sem dar razões. Como Fernando Castelo-Branco apontou, tal opinião carece de fundamento.

Exemplares da Nationalbibliothek de Viena — Nesta biblioteca, com as cotas «Codex 6072» e «Codex 6083», existem dois outros exemplares do mesmo atlas, 150 × 210 mm, com o título *DESCRIPÇAÕ DOS PORTOS MARITIMOS DO REYNO DE PORTVGAL Por Ioão Teixeira Cosmographo de S. Mag.de Anno 1648* (Fig. 30). Contém as mesmas cartas que o anterior. O Visconde de Santarém soube da existência de um deles (6). G. Caraci (7) referiu os dois exemplares, e O. Quelle ocupou-se deles reproduzindo na íntegra o «Codex 6072» (8).

Exemplar do British Museum — Com a cota «Add. MS 22830», está encadernado em pergaminho, 149 × 201 mm, tendo o título *DESCRIPÇAM*

(1) *Exposição de Cartografia Nacional (1903-1904) — Catálogo*, pp. 267-8, Lisboa 1904; *Relatório da Exposição de Cartografia Nacional*, p. 8, Lisboa 1905; *Subsídios para a História da Cartografia Portuguesa nos séculos XVI, XVII e XVIII*, separata do *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*, pp. 25-6, Lisboa Janeiro-Março 1916.

(2) *Les Légendes allemandes sur l'histoire des découvertes maritimes portugaises*, I, p. 97. Genève 1917-22.

(3) *Catálogo da Exposição de Cartografia*, n.º 67, pp. 421 e 447. Lisboa 1940.

(4) *Alguns aspectos da evolução do litoral português*, in *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*, Série 75.ª, n.º 7-9, pp. 337-54. Lisboa Julho-Setembro 1957.

(5) *Os Descobrimentos Portugueses*, Vol. I, p. 132. Lisboa 1960.

(6) *Estudos de Cartografia Antiga*, Vol. I, p. 238. Lisboa 1919.

(7) *Appunti sui cartografi portoghesi Teixeira e specialmente su João Teixeira*, in *La Bibliofilia*, Anno XLIV, Dispensa 1.ª-3.ª, p. 36. Firenze 1942.

(8) *Portugiesische Manuskriptatlanten (Abhandlungen des Geographischen Instituts der Freien Universität Berlin*, Band II). Berlin 1953.

more than two leagues to the south is Selir, with a Bar of the same depth. Berlengas has its port on the eastern side, where there is a depth of 10 fathoms».

Eighth Chart (Plate 509 H) — «Demonstration [of the coast] from Peniche to the Rio das Maçãs. On all this coast there is no other anchorage, but in Peniche, within the bay, near the land there are two fathoms, and outside five fathoms».

Ninth Chart (Plate 510 A) — «Demonstration of the Bar of Lisbon».

Tenth Chart (Plate 510 B) — «Demonstration of the Bar of Setubal. The Bar of Setubal has at low water 14 to 15 palms, and at high three and a half fathoms».

Eleventh Chart (Plate 510 C) — «Demonstration of the coast from the Bar of Setubal to the place called Perseveira».

Twelfth Chart (Plate 510 D) — «Demonstration of the coast from Melides to the Bar of Odemira and C. Sardão».

Thirteenth Chart (Plate 510 E) — «Demonstration of the coast from C. Sardão to C. São Vicente».

Fourteenth Chart (Plate 510 F) — «Demonstration of the coast from C. São Vicente to Vila Nova de Portimão».

Fifteenth Chart (Plate 510 G) — «Demonstration of the coast from Vila Nova de Portimão to C. Santa Maria. The Bar of Villa Nova de Portimão has 15 to 16 palms of water at low tide, and 25 to 26 palms at high».

Sixteenth Chart (Plate 510 H) — «Demonstration [of the coast] from the Bar of Faro to Ayamonte. The great Bar of Faro has at low water two and a half fathoms, and at high water more than three. It also has two small Bars for boats. The Bar of Tavira has at low water 8 palms, and at high two fathoms, a little more or less. The River Guadiana divides the Kingdom of Algarve from Andalusia; it falls into the Atlantic between Ayamonte, a place in Andalusia, and the town of Castro Marim; the Bar is wide, but difficult, inasmuch as an experienced pilot is needed to enter by it».

The atlas was purchased in Rheims in October 1904, at the instance of Ernesto de Vasconcelos, who then described it (1), and it was subsequently referred to in passing by Joaquim Bensaúde (2) and A. Fontoura da Costa (3). It was extensively drawn on, for his study of the evolution of the Portuguese coastline, by Fernando Castelo-Branco, who reproduced the fourth, seventh, tenth and eleventh charts (4), while Jaime Cortesão has reproduced in colour the fourth and seventh (5). Ernesto de Vasconcelos, in a manuscript note pasted at the beginning, wrote that this example of the atlas «must be a copy of João Teixeira's work, and not the original», but without giving any reason. As Fernando Castelo-Branco pointed out, this opinion is without foundation.

Examples in the Nationalbibliothek, Vienna — In this library, with class-marks «Codex 6072» and «Codex 6083», are two other examples of the same atlas, measuring 150 × 210 mm, with the title «Description of the maritime ports of the kingdom of Portugal. By João Teixeira, Cosmographer of His Majesty, Anno 1648» (Fig. 30). They have the same charts as the Lisbon atlas. The Viscount de Santarém knew of the existence of one of them (6). G. Caraci referred to both examples (7), and O. Quelle has discussed them and reproduced «Codex 6072» in full (8).

Example in the British Museum — With the class-mark «Add. MS 22830», this is bound in vellum, 149 × 201 mm, and has the title «Description

(1) *Exposição de Cartografia Nacional (1903-1904) — Catálogo*, pp. 267-8, Lisboa 1904; *Relatório da Exposição de Cartografia Nacional*, p. 8, Lisboa 1905; *Subsídios para a História da Cartografia Portuguesa nos séculos XVI, XVII e XVIII*, off-print from *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*, pp. 25-6, Lisboa Janeiro-Março 1916.

(2) *Les Légendes allemandes sur l'histoire des découvertes maritimes portugaises*, I, p. 97. Genève 1917-22.

(3) *Catálogo da Exposição de Cartografia*, n.º 67, pp. 421 and 447. Lisboa 1940.

(4) *Alguns aspectos da evolução do litoral português*, in *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*, Série 75.ª, n.º 7-9, pp. 337-54. Lisboa Julho-Setembro 1957.

(5) *Os Descobrimentos Portugueses*, Vol. I, p. 132. Lisboa 1960.

(6) *Estudos de Cartografia Antiga*, Vol. I, p. 238. Lisboa 1919.

(7) *Appunti sui cartografi portoghesi Teixeira e specialmente su João Teixeira*, in *La Bibliofilia*, Anno XLIV, Dispensa 1.ª-3.ª, p. 36. Firenze 1942.

(8) *Portugiesische Manuskriptatlanten (Abhandlungen des Geographischen Instituts der Freien Universität Berlin*, Band II). Berlin 1953.

DOS PORTOS MARITIMOS DO REYNO DE PORTVGAL Por Ioão Teyxeyra Cosmographo de S. Mag.de Anno 1648 (Fig. 31). Contém as mesmas cartas que os anteriores. Na primeira folha, parte superior, tem a inscrição «Present que M. le C.te de Caylus m'a fait en Janv. 1738 B». Na folha seguinte outra inscrição diz «Comprado no leilão de M. Libri, 4 de Abril de 1859, lote 991», tendo colado junto o recorte de um catálogo descrevendo a obra 991, aí se lendo: «Este interessante manuscrito estava em poder do célebre Almirante e navegador francês, Bougainville, como se vê pela sua nota autógrafa ao começo». Por baixo do texto relativo à sétima carta está escrito «Il faut que la barre de Pederneira ayt beaucoup plus de fond que celuy necessaire aux caravelles, puisqu'en l'année 1667 il s'y est basty un navire de (?30? 40? 50?) pieces de canon». A obra foi referida pelo Conde de Tovar (9) e por Caraci (10).

FIG. 31 — FRONTISPÍCIO DO ATLAS DA COSTA DE PORTUGAL DE JOÃO TEIXEIRA I, 1648
TITLE-PAGE OF THE ATLAS OF THE COAST OF PORTUGAL BY JOÃO TEIXEIRA I, 1648

British Museum, London

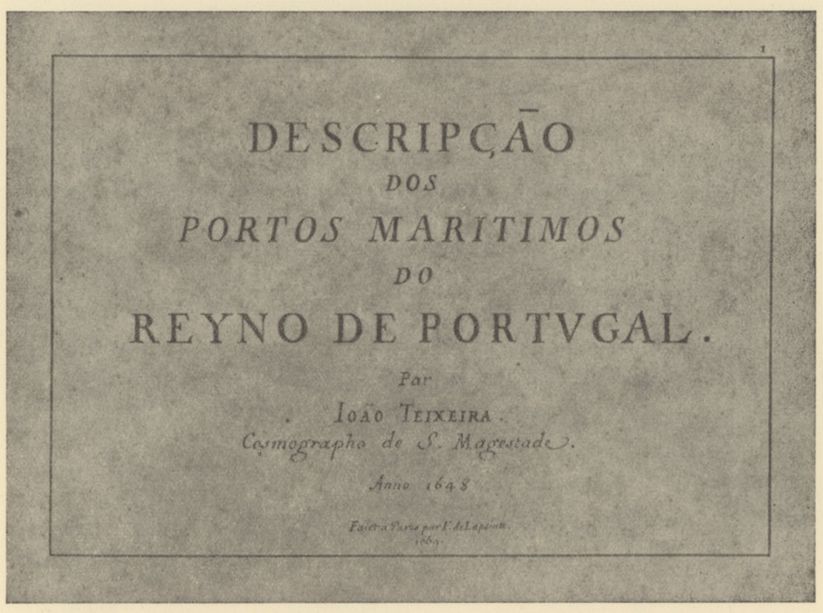


FIG. 32 — FRONTISPÍCIO DA CÓPIA DO ATLAS DA COSTA DE PORTUGAL DE JOÃO TEIXEIRA I, 1648
TITLE-PAGE OF THE COPY OF THE ATLAS OF THE COAST OF PORTUGAL BY JOÃO TEIXEIRA I, 1648

Bibliothèque Nationale, Paris

Cópia da Bibliothèque Nationale de Paris — Com a cota «Rés. Ge. FF 16264», foi adquirida recentemente. Tem o título *DESCRIPÇÃO DOS PORTOS MARITIMOS DO REYNO DE PORTVGAL Par Ioão Teixeira Cosmographo de S. Magestade. Anno 1648. Faict a Paris par F. de Lapointe. 1669.* (Fig. 32). Não lhe conhecemos referências. O facto de os exemplares de Lisboa e Londres terem antes estado em França sugere que a cópia de Paris se basearia num deles (tanto mais que o de Londres tem a nota em francês relativa a 1667 acima indicada), mas certas diferenças nos títulos das cartas suscitam dúvidas quanto a tal possibilidade.

Para terminar, referimos que Giuseppe Barbieri disse existir na Biblioteca Nacional de Florença (sem dar a cota) uma *Descripção dos portos maritimos do Regno de Portugal* por João Teixeira datada de 1646 e com dezasseis cartas (11). Em 1954 procurámos pessoalmente tal obra naquela biblioteca, mas sem resultado, pelo que continuamos a aguardar que ela venha um dia a aparecer (12).

of the maritime ports of the kingdom of Portugal. By João Teixeira, Cosmographer of His Majesty, Anno 1648» (Figure 31). It has the same charts as the previous examples. In the upper part of the first leaf is written «Present que M. le C.te de Caylus m'a fait en Janv. 1738 B». On the second leaf another inscription reads «Purch.d at M. Libri's sale 4 Apr. 1859 Lot 991», and pasted near to it is a cutting from a sale catalogue with the description of lot 991, as follows: «This interesting manuscript was in the possession of the celebrated French Admiral and Navigator, Bougainville, as appears from his autograph note at the beginning». Below the text relating to the seventh chart is written: «Il faut que la barre de Pederneira ayt beaucoup plus de fond que celuy necessaire aux caravelles, puisqu'en l'année 1667 il s'y est basty un navire de (?30? 40? 50?) pieces de canon». This atlas has been referred to by the Count de Tovar (9) and by Caraci (10).

Copy in the Bibliothèque Nationale, Paris — This was only recently acquired and has the class-mark «Rés. Ge. FF 16264». The title reads: «Description of the maritime ports of the Kingdom of Portugal. By João Teixeira, Cosmographer of his Majesty. Anno 1648. Made at Paris by F. de Lapointe. 1669» (Fig. 32). We know no previous reference to this. That the Lisbon and London atlases had previously been in France might suggest that the copy at Paris was derived from one of them (especially as the London example has the note of 1667 in French, cited above), but certain differences in the titles of the charts raise doubts about the possibility of this.

In conclusion, we note that Giuseppe Barbieri has recorded, in the Biblioteca Nazionale of Florence, but without giving the class-mark, a «Description of the maritime ports of the Kingdom of Portugal» by João Teixeira, dated 1646 and containing sixteen charts (11). In 1954 we personally searched for this work in the library mentioned, but without success, and we must continue to hope that it will some day come to light (12).

(9) *Catálogo dos Manuscritos Portugueses ou relativos a Portugal existentes no Museu Britânico*, p. 170. Lisboa 1932.

(10) Caraci 1942, p. 36.

(11) *Il patrimonio cartografico della Biblioteca Nazionale Centrale di Firenze e il suo riordinamento*, in *Comptes Rendus du Congrès International de Géographie — Lisbonne 1949*, pp. 254-5. Lisbonne 1952. Em Florença procurámos junto do Dr. Barbieri saber qual a cota do atlas, mas não lhe foi possível encontrar então a respectiva referência.

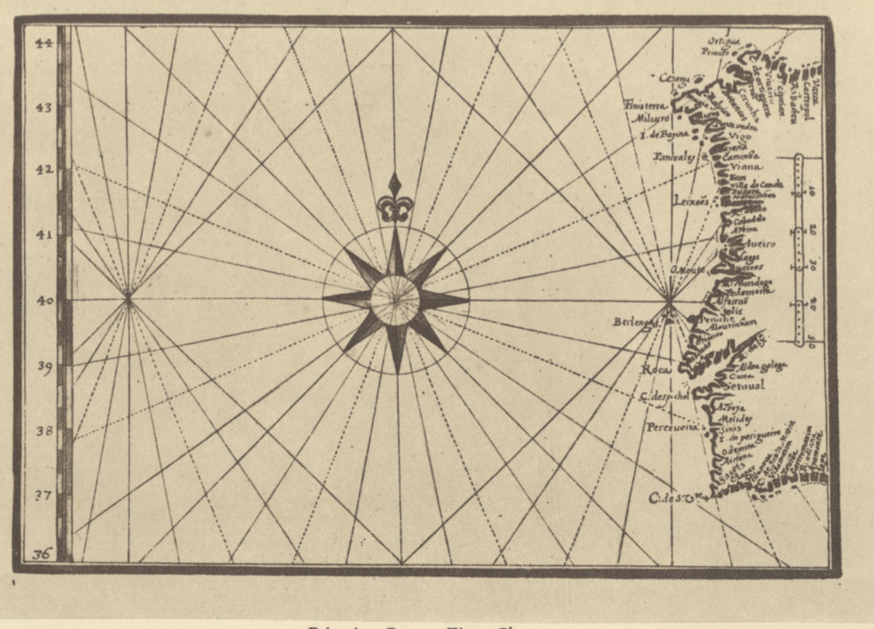
(12) Talvez o Prof. G. Caraci a conheça, visto que no seu referido artigo de 1942 diz do atlas que lhe «son note almeno altre quattro copie oltre quella palatina, copie tutte disegnate nel 1648», a menos que haja confusão no número de cópias que indica, pois só refere explìcitamente as duas de Viena, a de Londres e a de Lisboa.

(9) *Catálogo dos Manuscritos Portugueses ou relativos a Portugal existentes no Museu Britânico*, p. 170. Lisboa 1932.

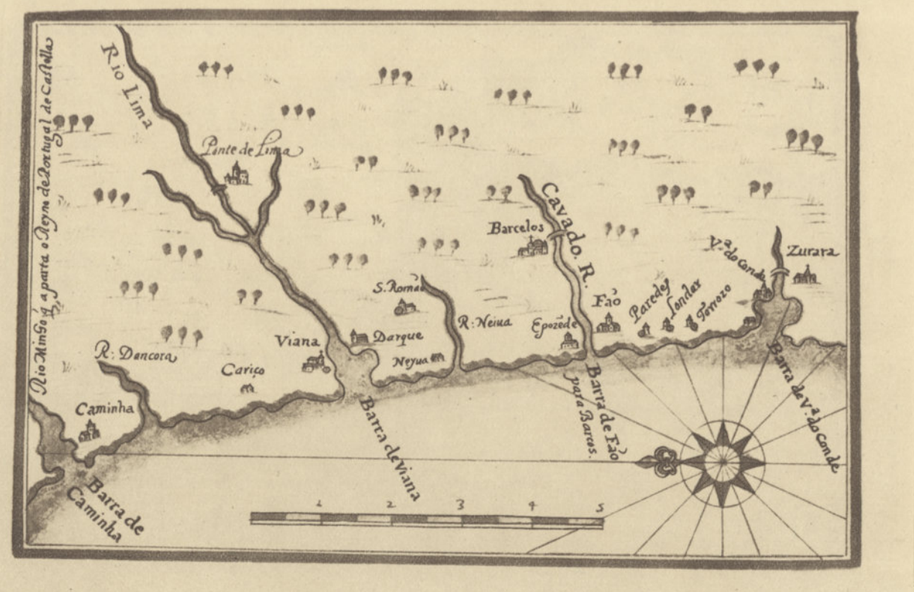
(10) Caraci 1942, p. 36.

(11) *Il patrimonio cartografico della Biblioteca Nazionale Centrale di Firenze e il suo riordinamento*, in *Comptes Rendus du Congrès International de Géographie — Lisbonne 1949*, pp. 254-5. Lisbonne 1952. In Florence we sought the class-mark of the atlas from Dr Barbieri, but he could not then discover the reference.

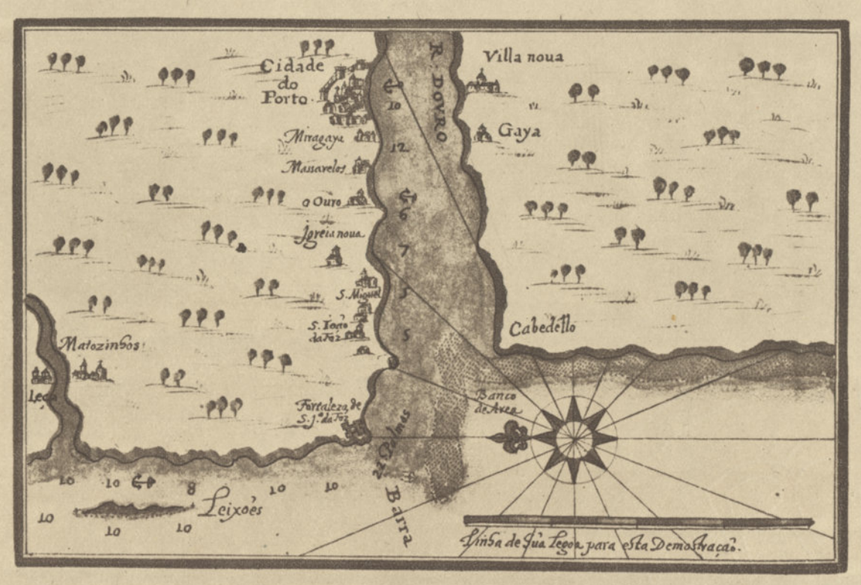
(12) Perhaps it was known to Prof. G. Caraci when, in his article of 1942 cited above, he wrote of the atlas that «at least four other copies are known besides the original, all the copies being drawn in 1648», unless there is some confusion in the number of copies listed by him, since he explicitly refers only to the two in Vienna, one in London, and one in Lisbon.



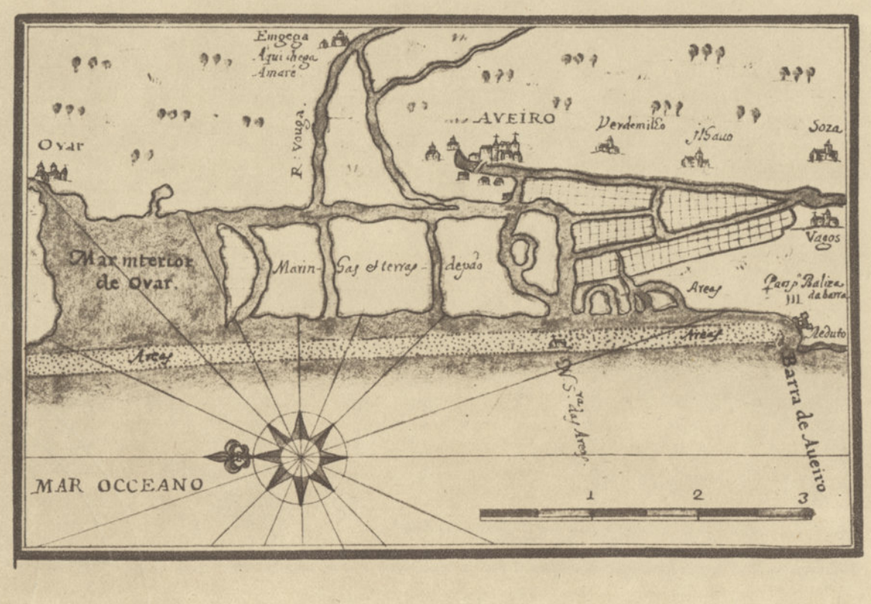
Primeira Carta – First Chart **A**



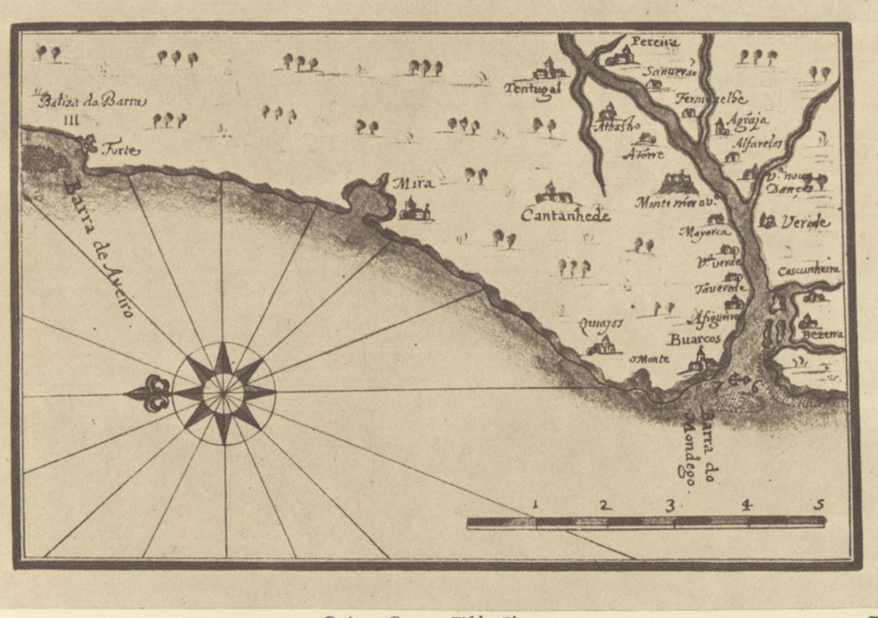
B Segunda Carta – Second Chart



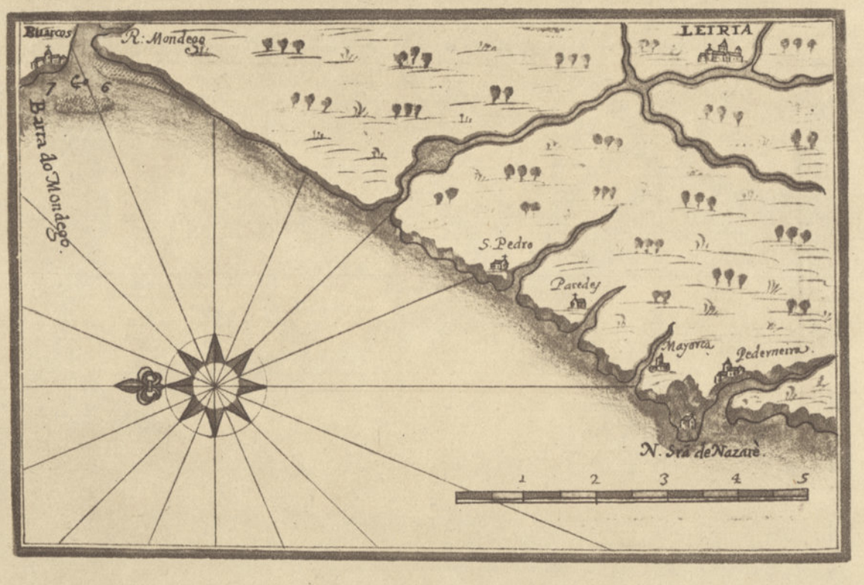
Terceira Carta – Third Chart **C**



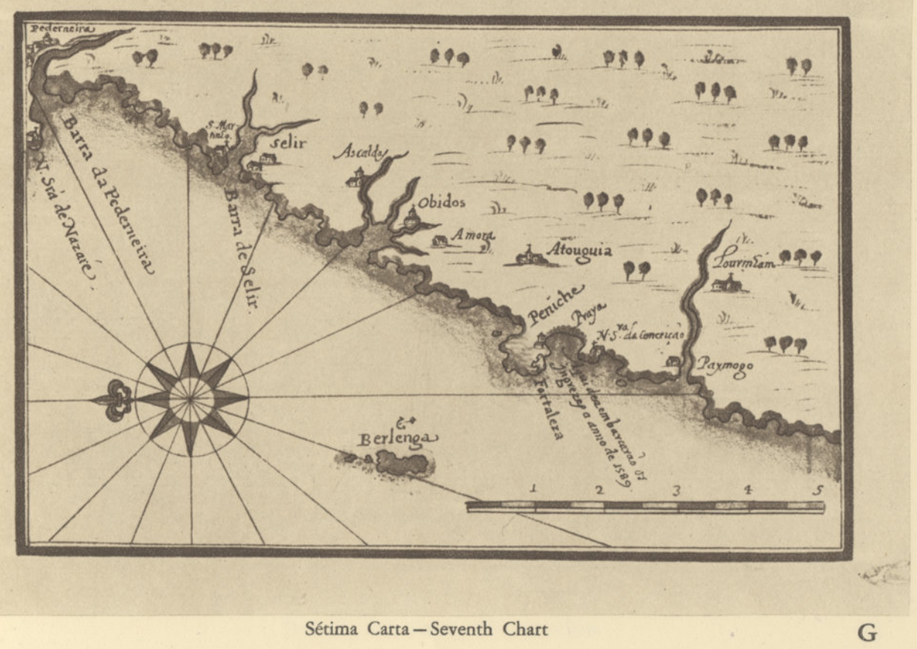
D Quarta Carta – Fourth Chart



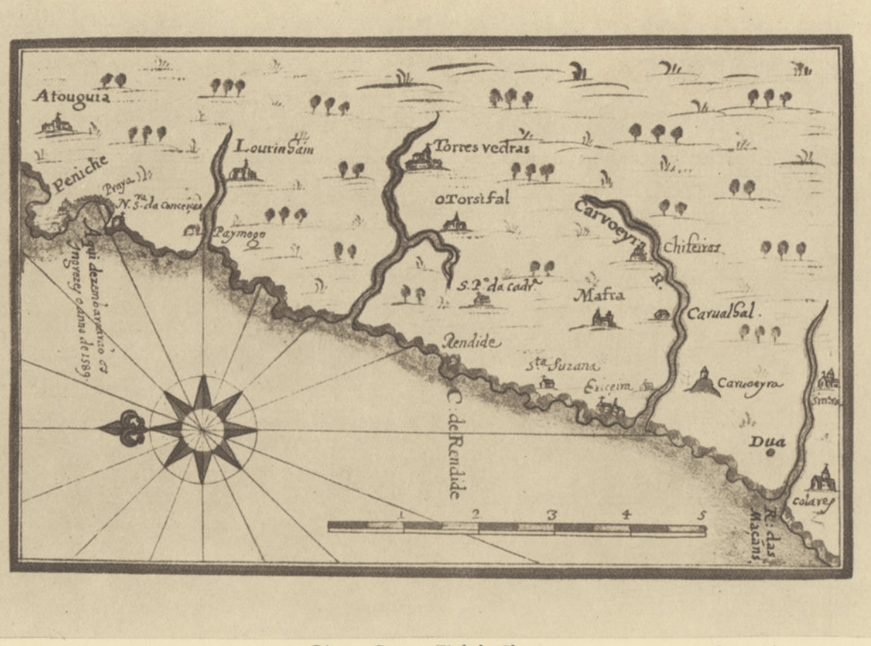
Quinta Carta – Fifth Chart **E**



F Sexta Carta – Sixth Chart



Sétima Carta – Seventh Chart **G**



H Oitava Carta – Eighth Chart

Original 146×200 mm.

JOÃO TEIXEIRA I, 1648

Atlas da costa de Portugal – Atlas of the coast of Portugal

Sociedade de Geografia de Lisboa

Nona Carta – Ninth Chart A

B Décima Carta – Tenth Chart

Décima primeira Carta – Eleventh Chart C

D Décima segunda Carta – Twelfth Chart

Décima terceira Carta – Thirteenth Chart E

F Décima quarta Carta – Fourteenth Chart

Décima quinta Carta – Fifteenth Chart G

H Décima sexta Carta – Sixteenth Chart

Original 146×200 mm.

João Teixeira I, 1648

Atlas da costa de Portugal – Atlas of the coast of Portugal

Sociedade de Geografia de Lisboa

ANÓNIMO — JOÃO TEIXEIRA ALBERNAZ I, ATLAS DAS CIDADES E FORTALEZAS DA ÍNDIA ORIENTAL, c. 1648, COM VINTE E TRÊS MAPAS

(QUATRO EXEMPLARES)

ESTAMPAS 511-512

DESTE pequeno atlas conhecemos quatro exemplares, sem assinatura nem data, todos aparentemente da mesma mão e pràticamente iguais, contendo cada um, pela mesma ordem, vinte e três mapas de traçado e nomenclatura idênticas, manuscritas, coloridas e delineadas em papel, 195 × 280 mm aproximadamente (cerca de 180 × 250 mm a parte desenhada).

Exemplar da Bayerische Staatsbibliothek, Munique (Estampas 511-512) — Com a cota «Cod. Mon. Icon. 162», tem no frontispício, dentro de uma moldura, o título *PLANTAS DAS CIDADES, E FORTALEZAS DA CONQUISTA DA INDIA ORIENTAL* (Fig. 33). Os mapas estão numerados pela seguinte ordem: 1 — «Plataforma da Fortaleza de Moçambique»; 2 — «Plataforma da Fortaleza de Bombaça»; 3 — «Fortaleza de Ormus»; 4 — «Fortaleza de Dio»; 5 — «Plataforma da Fortaleza de Daman»; 6 — «Plataforma da Fortaleza de Baçaim»; 7 — «Plataforma da Fortaleza de Chaul»; 8 — «Planta da Cidade de Goa»; 9 — «Fortaleza de Barçalor»; 10 — «Traça do Baçar de Cananor»; 11 — «Fortaleza do Cunhale»; 12 — «Fortaleza de Coulan»; 13 — «Fortaleza de Columbo»; 14 — «Fortaleza de Cananor»; 15 — «Fortaleza de Achem»; 16 — «Fortalez(a) de Malaca»; 17 — «Fortaleza de Gale»; 18 — «Fortaleza de Mangalor»; 19 — «Ilha de Manar»; 20 — «Fortaleza de Onor»; 21 — «Fortaleza de Mascate»; 22 — «Fortaleza de Cranganor»; 23 — «Planta da Cidade de Cochim».

A planta de Mombaça foi publicada em fins do século passado (1).

Exemplares da Nationalbibliothek de Viena — Esta Biblioteca, como sucede com o atlas da costa de Portugal de 1648, possui dois exemplares das *PLANTAS DAS CIDADES E FORTALEZAS DA CONQUISTA DA INDIA ORIENTAL* (Fig. 34), com as cotas «Codex 5958» e «Codex 6860», pràticamente iguais entre si e aos de Munique e Paris, com vinte e três mapas portanto. O «Codex 6860» foi reproduzido na totalidade por O. Quelle (2).

Exemplar da Biblioteca Nacional de Paris — Com a cota «Rés. Ge. DD. 2013». No frontispício, dentro de uma moldura, lê-se *PLANTAS DAS CIDADES, PORTOS, E FORTALEZAS DA CONQVISTA DA INDIA ORIENTAL* (Fig. 35). Tem os mesmos vinte e três mapas. Não lhe conhecemos quaisquer referências anteriores.

FIG. 33 — FRONTISPÍCIO DO ATLAS DAS CIDADES E FORTALEZAS DA ÍNDIA ORIENTAL, ANÓNIMO — JOÃO TEIXEIRA ALBERNAZ I, c. 1648

TITLE-PAGE OF THE ATLAS OF THE CITIES AND FORTRESSES OF ORIENTAL INDIA, ANONYMOUS — JOÃO TEIXEIRA ALBERNAZ I, c. 1648

Bayerische Staatsbibliothek, München

FIG. 34 — FRONTISPÍCIO DO ATLAS DAS CIDADES E FORTALEZAS DA ÍNDIA ORIENTAL, ANÓNIMO — JOÃO TEIXEIRA ALBERNAZ I, c. 1648 (CODEX 6860)

TITLE-PAGE OF THE ATLAS OF THE CITIES AND FORTRESSES OF ORIENTAL INDIA, ANONYMOUS — JOÃO TEIXEIRA ALBERNAZ I, c. 1648 (CODEX 6860)

Nationalbibliothek, Wien

As plantas destes atlas baseiam-se totalmente, ou na maior parte, nos mesmos protótipos utilizados nos códices de Manuel Godinho de Erédia,

(1) Justus Strandes, *Die Portugiesenzeit von Deutsch-und Englisch-Ostafrika*, p. 162. Berlin 1899.

(2) *Portugiesische Manuskriptatlanten* (*Abhandlungen des Geographischen Instituts der Freien Universität Berlin*, Band II). Berlin 1953. Todas as cartas do mesmo códice, à excepção da 11.ª, foram também repro-

ANONYMOUS — JOÃO TEIXEIRA ALBERNAZ I, ATLAS OF THE CITIES AND FORTRESSES OF ORIENTAL INDIA, c. 1648, WITH TWENTY-THREE MAPS

(FOUR EXAMPLES)

PLATES 511-512

OF this little atlas we know four examples, unsigned and undated, all apparently from the same hand and practically identical. Each of them contains, in the same order, twenty-three maps exactly alike in drawing and nomenclature, drawn on paper and coloured, measuring approximately 195 × 280 mm (the drawing itself measures about 180 × 250 mm).

Example in the Bayerische Staatsbibliothek, Munich (Plates 511-512) — With the class-mark «Cod. Mon. Icon. 162», it has on the title-page, within a frame, the title «Plans of the Cities and Fortresses of the Conquest of Oriental India» (Fig. 33). The maps are numbered in the following order: 1 — «Plat of the Fortress of Mozambique»; 2 — «Plat of the Fortress of Mombasa»; 3 — «Fortress of Ormuz»; 4 — «Fortress of Diu»; 5 — «Plat of the Fortress of Damão»; 6 — «Plat of the Fortress of Bassein»; 7 — «Plat of the Fortress of Chaul»; 8 — «Plan of the City of Goa»; 9 — «Fortress of Barcalor»; 10 — «Drawing of the *Baçar* of Cannanore»; 11 — «Fortress of Cunhale»; 12 — «Fortress of Quilon»; 13 — «Fortress of Colombo»; 14 — «Fortress of Cannanore»; 15 — «Fortress of Achim»; 16 — «Fortress of Malacca»; 17 — «Fortress of Galle»; 18 — «Fortress of Mangalore»; 19 — «Island of Mannar»; 20 — «Fortress of Onor»; 21 — «Fortress of Muscat»; 22 — «Fortress of Cranganur»; 23 — «Plan of the City of Cochin».

The plan of Mombasa was published at the end of the last century (1).

Examples in the Nationalbibliothek, Vienna — As with the 1648 atlas of the coast of Portugal, this library possesses two examples of the «Plans of the Cities, and Fortresses of the Conquest of Oriental India» (Fig. 34), with the class-marks «Codex 5958» and «Codex 6860», practically identical with each other and with those of Munich and Paris, and also having twenty-three maps. «Codex 6860» has been reproduced in full by O. Quelle (2).

Example in the Bibliothèque Nationale, Paris — With the class-mark «Rés. Ge. DD. 2013». On the title-page, within a frame, we read «Plans of the Cities, Ports, and Fortresses of the Conquest of Oriental India» (Fig. 35). It has twenty-three maps. We know no earlier references to this atlas.

The plans in these atlases derive entirely, or in great part, from the same prototypes as those used in the codices of Manuel Godinho de Erédia,

(1) Justus Strandes, *Die Portugiesenzeit von Deutsch-und-Englisch-Ostafrika*, p. 162. Berlin 1899.

(2) *Portugiesische Manuskriptatlanten* (*Abhandlungen des Geographischen Instituts der Freien Universität Berlin*, Band II). Berlin 1953. All the maps in the same codex, with the exception of the 11th, have also been

António Bocarro e Pedro Barreto de Resende (3), pelo que pela sua análise interna se torna impossível estabelecer com certa aproximação quando teriam sido desenhadas.

A semelhança de formato, frontispícios e letra em relação aos quatro atlas da costa de Portugal mostra porém que têm a mesma origem e foram traçadas pelo mesmo cartógrafo ou na sua oficina, e em data próxima,

António Bocarro and Pedro Barreto de Resende (3), so that we cannot, from internal evidence, determine with any accuracy when they were drawn.

The similarity of the atlases, in respect of format, title-pages and writing, to the four atlases of the coast of Portugal shows however that they have the same origin and were drawn by the same cartographer or in his

FIG. 55 — FRONTISPÍCIO DO ATLAS DAS CIDADES E FORTALEZAS DA ÍNDIA ORIENTAL, ANÓNIMO — JOÃO TEIXEIRA ALBERNAZ I, C. 1648
TITLE-PAGE OF THE ATLAS OF THE CITIES AND FORTRESSES OF ORIENTAL INDIA, ANONYMOUS — JOÃO TEIXEIRA ALBERNAZ I, C. 1648

pois não conhecemos obras de João Teixeira do mesmo estilo anteriores a 1648.

É de notar que também devem ser da autoria de João Teixeira I as cinquenta e duas plantas do exemplar do *Livro do Estado da India Oriental* de António Bocarro existente em Madrid, e que o seu estilo se aproxima mais marcadamente do de outras obras de tal cartógrafo do que o destes quatro pequenos atlas que examinámos.

Em conclusão, consideramos os quatro atlas anónimos que descrevemos como sendo de João Teixeira Albernaz I e traçados c. 1648.

workshop, and at about the same date, since no works in this style are known to have been executed by João Teixeira before 1648.

We may note that to João Teixeira I are also to be attributed the fifty-two plans in the Madrid manuscript of António Bocarro's *Livro do Estado da India Oriental,* and that their style has a more obvious affinity to that of other works by this cartographer than has that of the four small atlases here studied.

In conclusion, we consider the four anonymous atlases described above to be by João Teixeira Albernaz I and drawn c. 1648.

duzidas por Luís Silveira, *Ensaio de iconografia das cidades portuguesas do Ultramar*, Vol. II (pp. 274 e 293) e Vol. III (pp. 312, 326, 331, 340, 349, 354, 368, 397, 398, 406, 413, 415, 417, 424, 427, 432, 449, 453 e 462). Lisboa s.d. (1957).

(3) Tratámos neste volume, pp. 48, 53-60, das cartas de Erédia; das de Bocarro e Barreto de Resende trataremos no Volume V.

reproduced by Luís Silveira, *Ensaio de iconografia das cidades portuguesas do Ultramar*, Vol. II (pp. 274 and 293) and Vol. III (pp. 312, 326, 331, 340, 349, 354, 368, 397, 398, 406, 413, 415, 417, 424, 427, 432, 449, 453 and 462). Lisboa s.d. (1957).

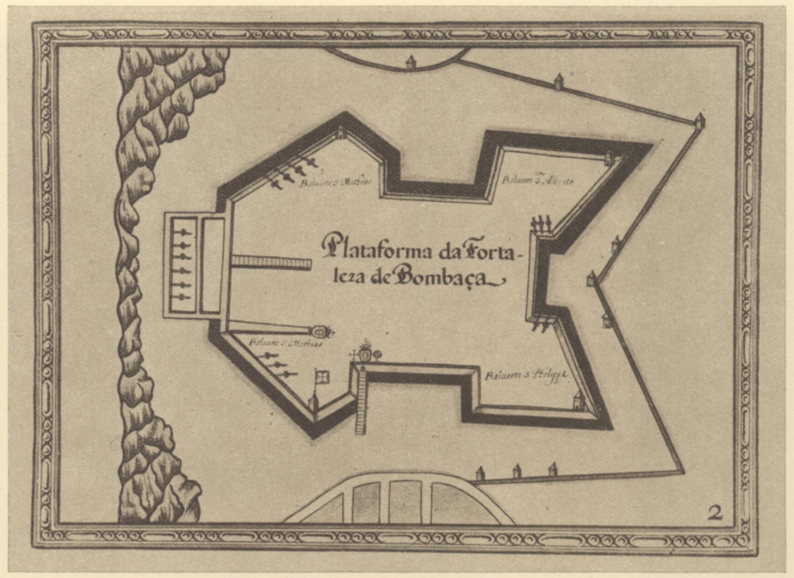
(3) In this volume, pp. 48, 53-60, we deal with Erédia's charts; and we shall discuss those of Bocarro and Barreto de Resende in Volume V.

Anónimo-João Teixeira Albernaz I, c. 1648

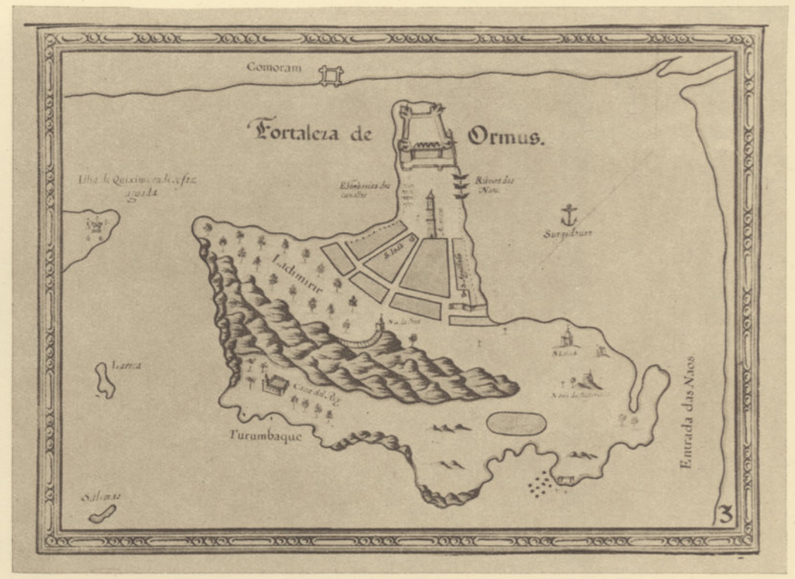
Atlas com vinte e três mapas – Atlas with twenty-three maps

Bayerische Staatsbibliothek, München

Primeiro mapa – First map

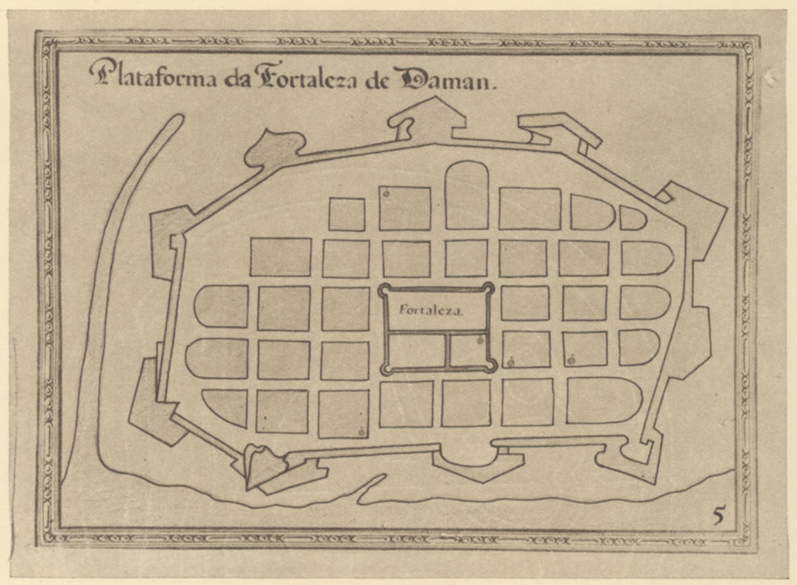


Segundo mapa – Second map

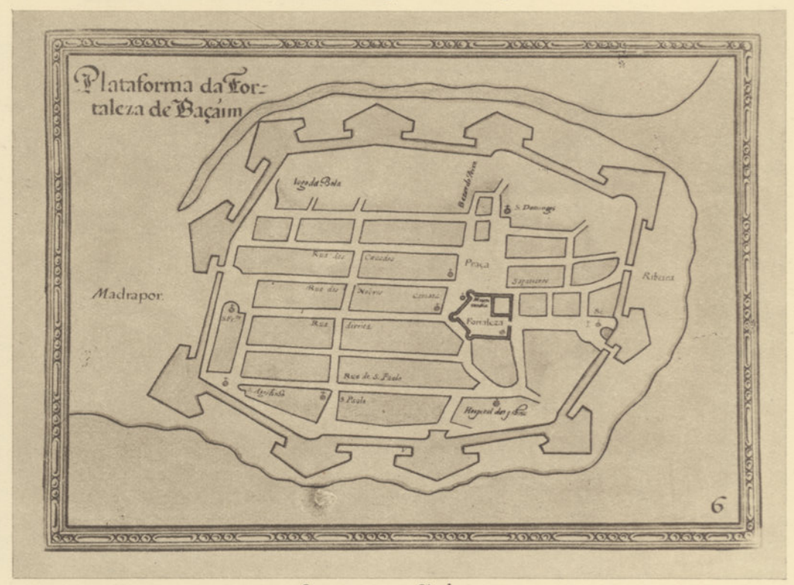


Terceiro mapa – Third map

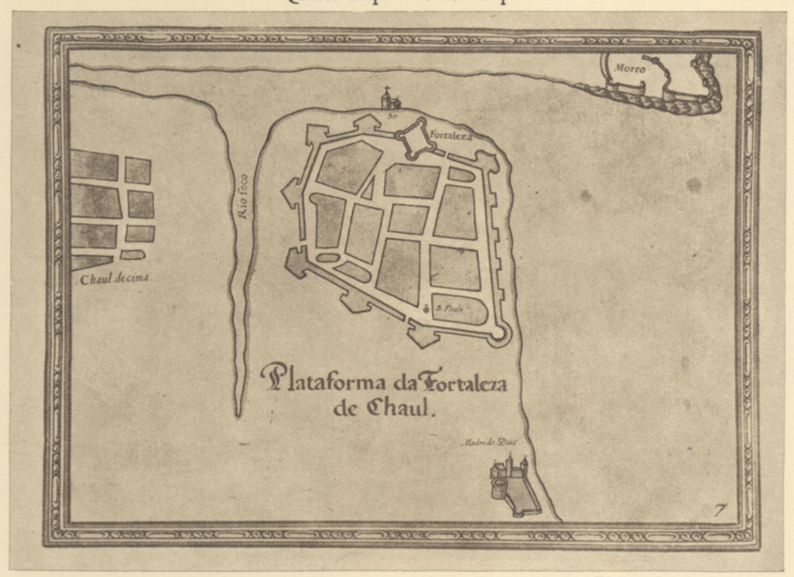
Quarto mapa – Fourth map



Quinto mapa – Fifth map

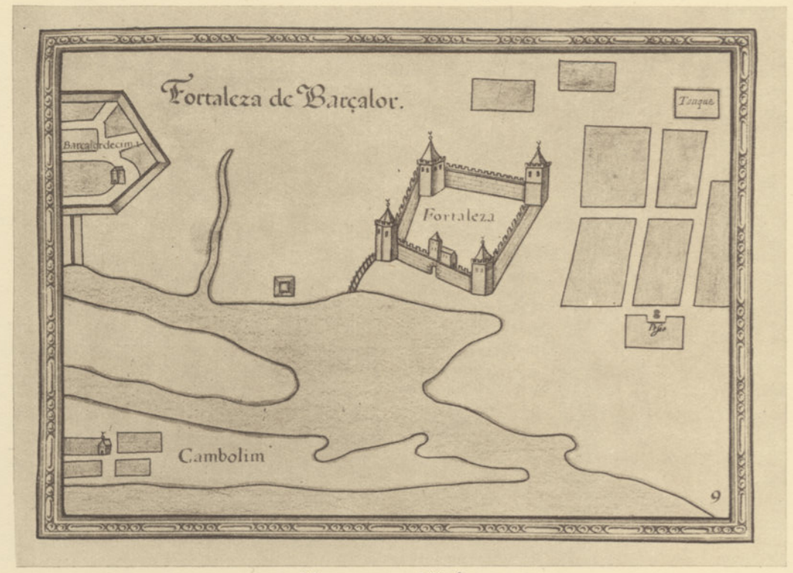


Sexto mapa – Sixth map

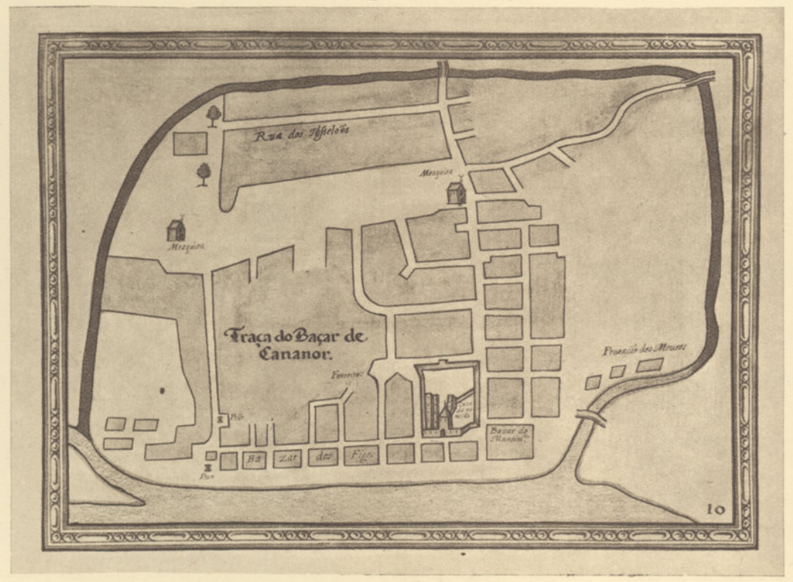


Sétimo mapa – Seventh map

Oitavo mapa – Eighth map

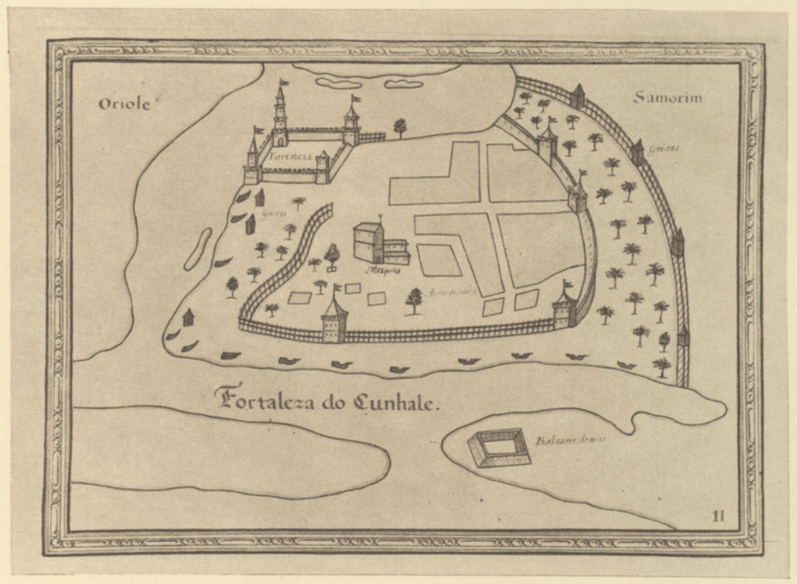


Nono mapa – Ninth map

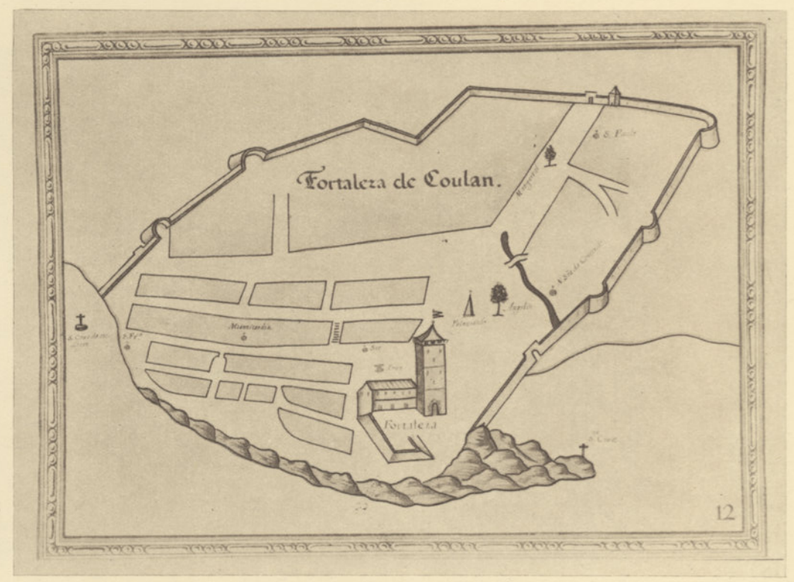


Original 180×250 mm.

Décimo mapa – Tenth map

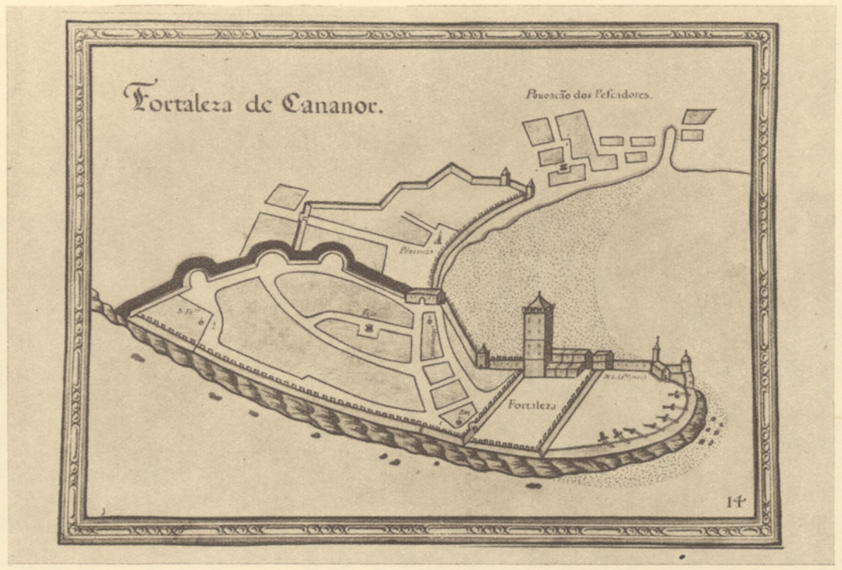


Décimo primeiro mapa – Eleventh map

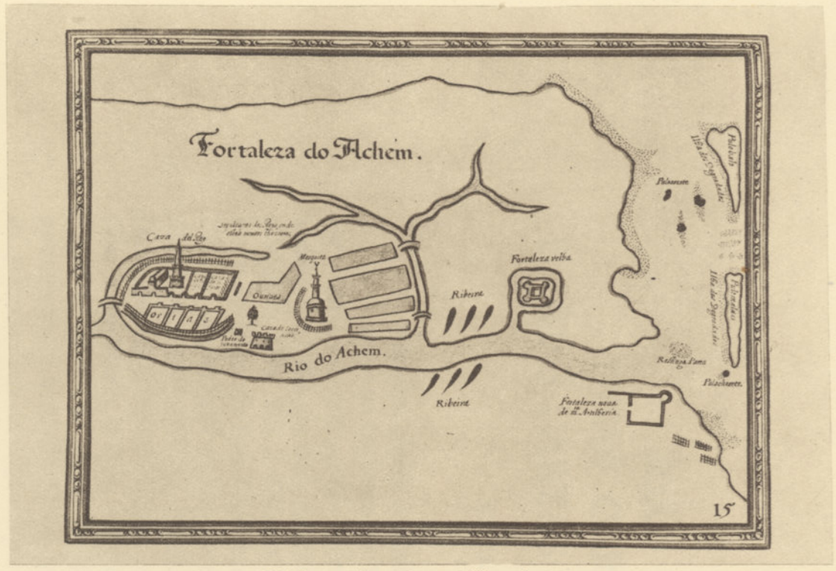


Décimo segundo mapa – Twelfth map

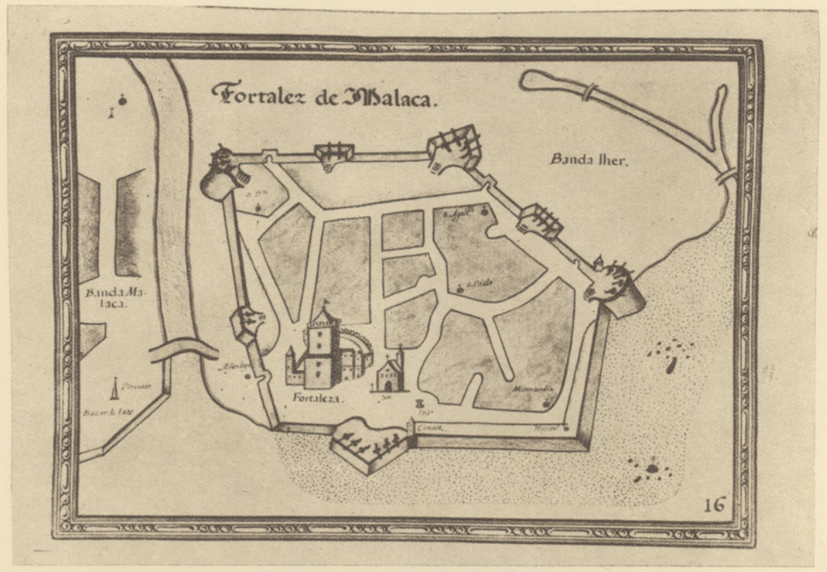
Décimo terceiro mapa – Thirteenth map



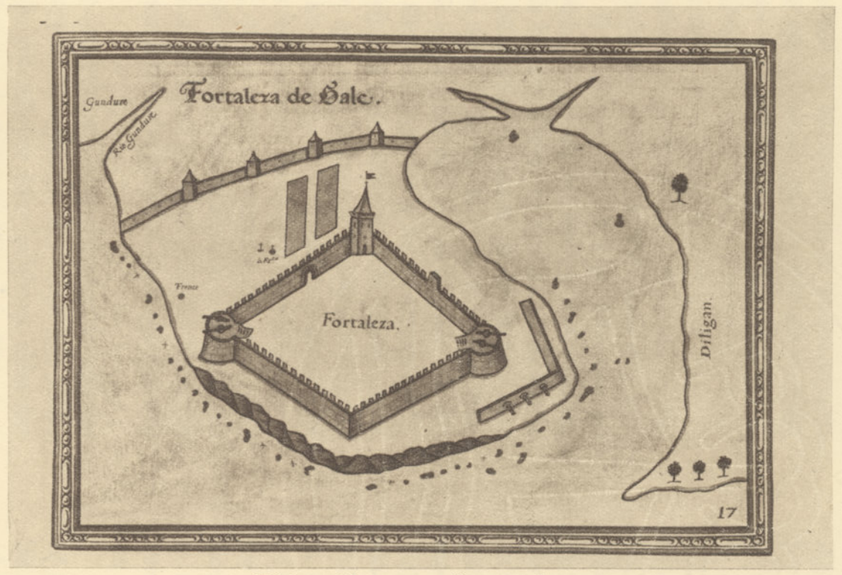
Décimo quarto mapa – Fourteenth map



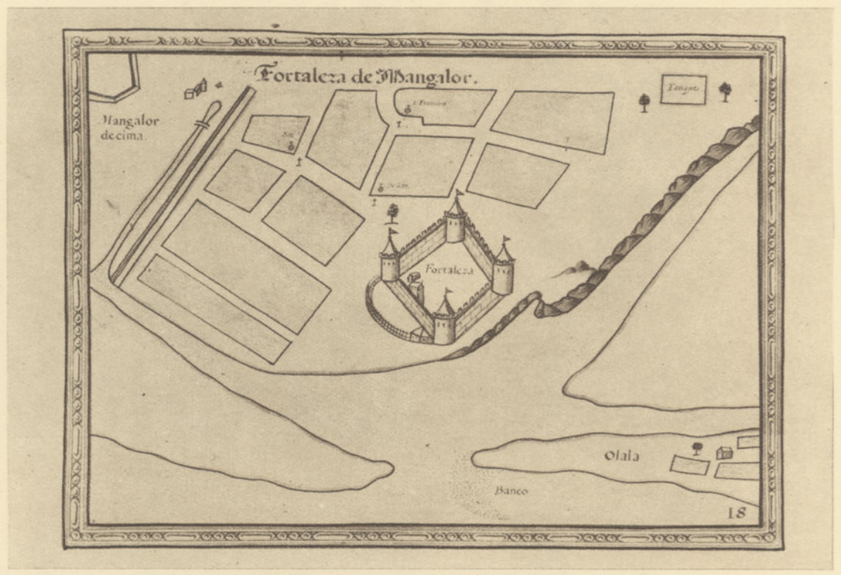
Décimo quinto mapa – Fifteenth map



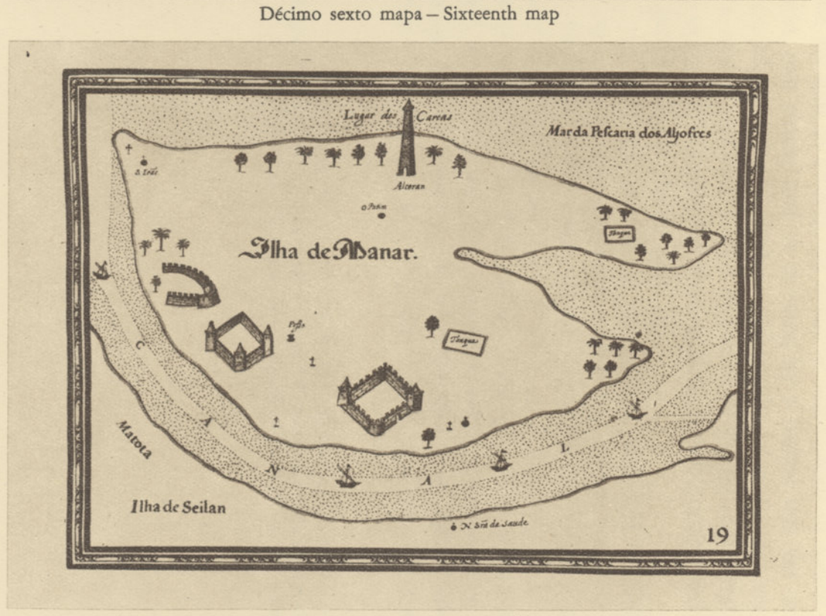
Décimo sexto mapa – Sixteenth map



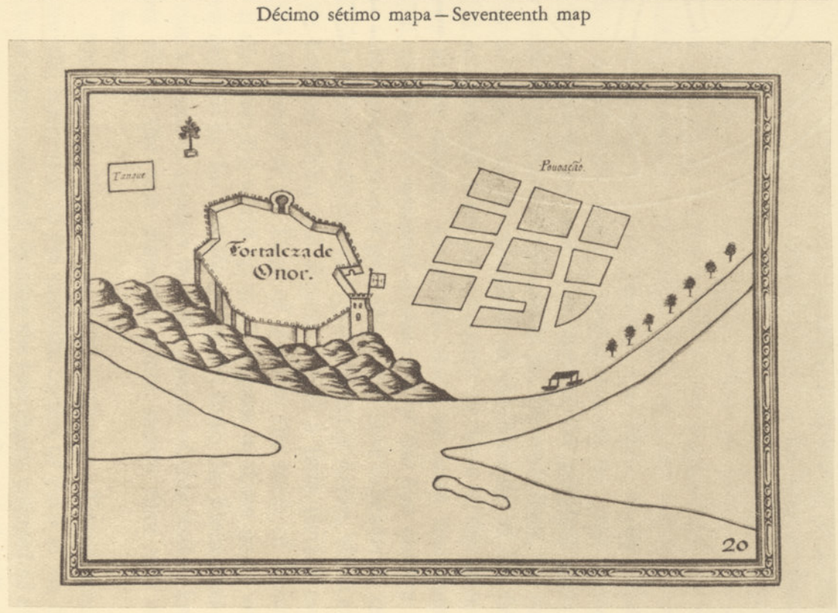
Décimo sétimo mapa – Seventeenth map



Décimo oitavo mapa – Eighteenth map

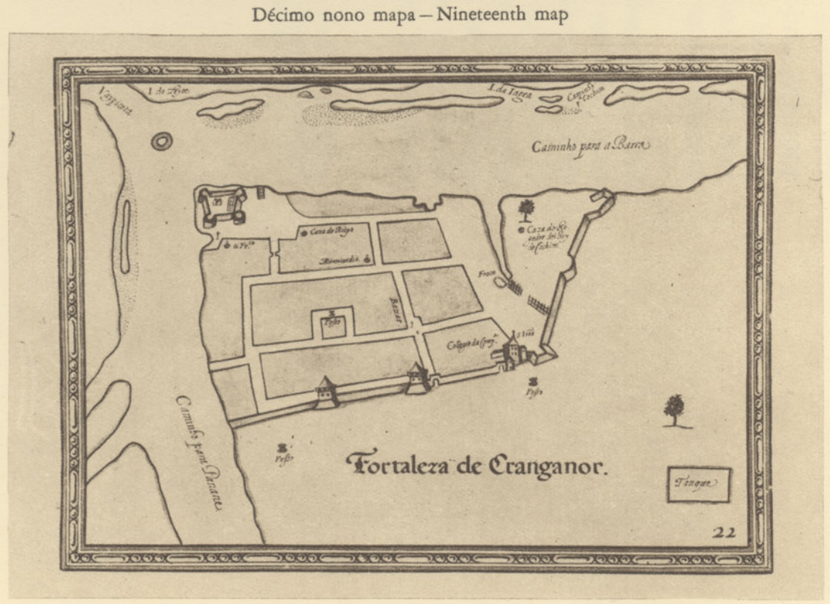


Décimo nono mapa – Nineteenth map



Vigésimo mapa – Twentieth map

Vigésimo primeiro mapa – Twenty-first map

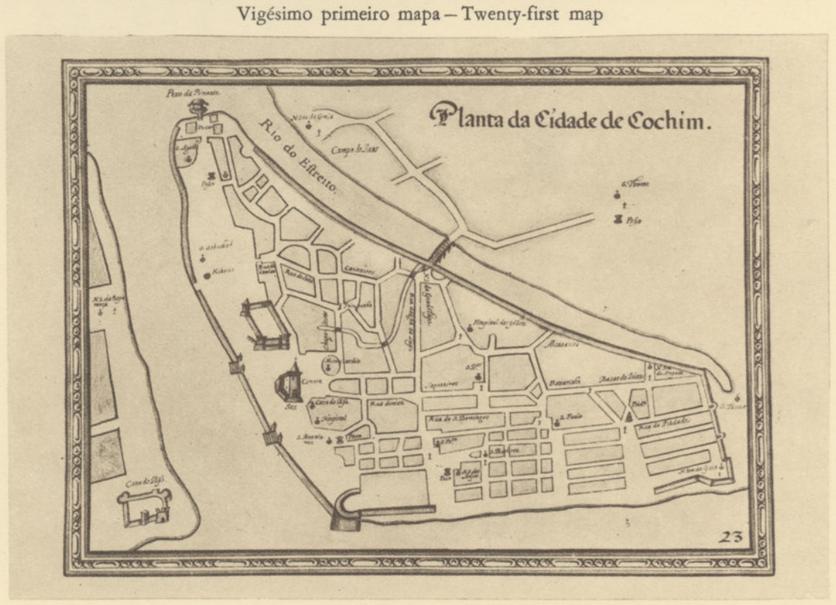


Original 180×250 mm. Vigésimo segundo mapa – Twenty-second map

ANÓNIMO-JOÃO TEIXEIRA ALBERNAZ I, c. 1648

Atlas com vinte e três mapas – Atlas with twenty-three maps

Bayerische Staatsbibliothek, München



Vigésimo terceiro mapa – Twenty-third map

JOÃO TEIXEIRA I, DUAS CARTAS GRAVADAS E DUAS CARTAS MANUSCRITAS DE 1649

ESTAMPAS 513-516

NA primeira (1664) e segunda (1696) edições da Parte II do conhecido livro de Melchisedec Thévenot, *Relation de divers voyages curieux qui n'ont point esté publiés,* vêm publicadas duas cartas que abrangem as regiões do Cabo de Boa Esperança ao Japão e Nova Guiné. A primeira (Estampa 515), 510 × 720 mm, representa as costas desde um pouco ao norte do Cabo de Boa Esperança até Ceilão, com o Mar Vermelho, Golfo Pérsico, Madagáscar e ilhas do sudoeste do Oceano Índico, com planos de Mombaça, Moçambique, Sofala e Ilha de Socotorá. A segunda carta (Estampa 516), 503 × 762 mm, representa os litorais desde Ceilão ao Japão, com a Insulíndia e ilhas do Pacífico ocidental, tendo no canto superior esquerdo planos do delta do Ganges e de Chatigão. Esta última, que é evidentemente a sequência da anterior, não tem assinatura nem data, mas na primeira lê-se no canto direito *IOÃO TEIXEIRA COSMOGRAPHO DE SVA MAGESTADE a fez em Lixboa o Anno de 1649.*

Na introdução da Parte II do Livro (segunda edição) Thévenot escreve: «Le Routier d'Aleixo da Motta, le meilleur que les Portugais ayent, & que tous leurs Routiers citent, sans qu'il n'aye jamais esté imprimé iusqu'à cette heure: Ie le donne icy de la traduction de Monsieur de la Grand-Maison qui a commandé quatre ou cinq ans des Vaisseaux pour le Roy de Portugal en la coste d'Angola: On luy a aussi l'obligation d'une carte Portugaise de Carreira ou Navigation des Indes Orientales, qu'il trouva sur une carraque de Portugal, & que i'ay fait grauer de toute sa grandeur, de peur qu'en la reduisant à une autre poinct, on n'alterât en quelque façon les mesures: Elle est du patron de celles que l'on donne aux Pilotes des Vaisseaux qui vont de Lisbonne aux Indes Orientales. Il ne se peut rien de plus exact que les cartons qui bordent cette carte, les plans des principaux Ports y sont dépeints, les ancreages où il faut mouiller, les brasses d'eau, les rochers et les basses qu'il faut éviter, & les entrées du Me-nam, du Gange & de l'Inde y sont marquées aussi exactement que celles de la Seine ou de la Loire se font dans nos Cartes. Elle nous apprend qu'il n'y a point de Detroit d'Anjan, & elle auroit peû sauver aux Hollandois si elle avoit paru sur la fin du dernier siècle, plusieurs tonnes d'or qu'ils ont employées pour naviguer à la Chine par le Nordest & par ce Détroit d'Anjan, que tout le monde suppoisoit entre la Chine & le Japon». E um pouco mais adiante: «La Relation de la découverte de la Terre d'Eso au N. du Iapon est fort curieuse, en ce qu'elle nous découvre le Monde de ce costé-là iusqu'au 49. d. que nous ne connoissions point passé la hauteur du Iapon: il semble à voir la carte Portugaise que ie donne dans ce volume, que ceux de cette Nation en ayent eu connoissance, tousiours approche-t-elle dauantage de la découverte nouvelle de ce pays que pas une carte que nous ayons».

Melchisedec Thévenot (c. 1620-1692) foi um coleccionador de relações de viagens e erudito francês que muito se distinguiu no seu tempo nos meios científicos de Paris. Na parte II do seu referido livro publicou, além das duas cartas citadas, o *Roteiro da Carreira da India* de Aleixo da Mota e o *Roteiro da Africa do Sul e Sueste* de Manuel de Mesquita Perestrelo.

A carta oriental teve duas edições, que julgamos corresponderem às duas edições do livro (1). A segunda edição difere da primeira em ter a mais o desenho do interior da China (províncias, algumas povoações e rios), e em estar a ponteado o traçado primitivo da ilha de Iezo e zona continental para oriente, sobre ele se inscrevendo, em linha continua, uma nova figuração com alguma nomenclatura holandesa derivada da viagem de Maarten Gerritszoon Vries em 1643, a qual já havia aparecido então em cartas holandesas impressas (Fig. 36).

As duas cartas publicadas por Thévenot foram utilizadas ou referidas no século XVIII em condições que não pudemos averiguar devidamente. Assim, o Visconde de Santarém afirma que d'Anville recorreu a cartas de Teixeira na sua carta de 1761, ao que parece para a representação das ilhas e baixos do Índico (2). O exemplar que utilizámos para a nossa estampa da carta ocidental impressa, existente na Bibliothèque Nationale de Paris, com a cota «Ge. DD. 2987. Port. 141. 9668», faz parte da famosa Colecção d'Anville hoje depositada aí, e é curioso registar que numa área para

(1) Só vimos em folha solta (Bibliothèque Nationale de Paris, «Dépôt.184.11/1») o que julgamos ser a 1.ª edição da carta, e não tivemos oportunidade de examinar a 1.ª edição do livro.

(2) Visconde de Santarém, *Estudos de Cartografia Antiga,* Vol. I, p. 30. Lisboa 1919.

JOÃO TEIXEIRA I, TWO ENGRAVED CHARTS AND TWO MANUSCRIPT CHARTS OF 1649

PLATES 513-516

IN the first (1664) and second (1696) editions of Part II of Melchisedec Thévenot's celebrated travel collection *Relations de divers voyages curieux qui n'ont point esté publiés* were published two charts embracing the area from the Cape of Good Hope to Japan and New Guinea. The first (Plate 515), 510 × 720 mm, represents the coasts from a little to the north of the Cape of Good Hope to Ceylon, with the Red Sea, Persian Gulf, Madagascar and the islands in the south-eastern Indian Ocean, with plans of Mombasa, Mozambique, Sofala and the island of Socotra. The second chart (Plate 516), 503 × 762 mm, represents the coasts from Ceylon to Japan, with Insulindia and the islands of the Western Pacific, and has in the top left-hand corner plans of the Ganges delta and of Chittagong. Of the two charts, which are evidently drawn *en série,* the second is unsigned and undated, but the first has, in the bottom right-hand corner, «João Teixeira, Cosmographer of his Majesty, made this in Lisbon in the year 1649».

In the introduction to Part II of his book (second edition), Thévenot wrote: «The Rutter of Aleixo da Mota, the best that the Portuguese have, and that followed by all their Rutters, although never yet printed to this day: I give it here in the translation of Monsieur de la Grand-Maison, who for four or five years commanded ships of the King of Portugal on the coast of Angola: I am obliged to him also for a Portuguese chart of the *Carreira* or Navigation of the East Indies, which he found on board a Portuguese carrack, and which I have caused to be engraved in full size, for fear that reduction to another proportion might in some way alter the distances: it is after the pattern of those given to the pilots of the ships which go from Lisbon to the East Indies. Nothing could be more exact than the insets on the margin of this chart: the plans of the principal ports are shown there, the anchorages where a ship should lie, the soundings, the rocks and shallows to be avoided, and the entrances of the Menam, of the Ganges and of the Indus are marked there as accurately as those of the Seine or the Loire are shown in our charts. From this chart we learn that there is no Strait of Anian, and had it appeared at the end of the last century the Dutch might have saved several tons of gold which they have expended in seeking to navigate to China by the North-east and by this Strait of Anian, which everyone supposed to lie between China and Japan». And a little further on: «The Relation of the discovery of the Land of Yezo to the north of Japan is very curious, for it discovers the world up to 49 degrees in those parts which we formerly knew only up to the latitude of Japan: from the Portuguese chart that I give in this volume, it appears that the people of that nation knew of it, for the chart shows the new discovery more nearly than any other chart which we have».

Melchisedec Thévenot (c. 1620-1692) was a French scholar and collector of travels, celebrated in the scientific circles of Paris in his day. In Part II of his book were published, besides the two charts referred to above, the «Rutter of the *Carreira* of India» by Aleixo da Mota and the «Rutter of South and South-east Africa» by Manuel de Mesquita Perestrelo.

Of the eastern chart there are two editions, which we suppose to correspond to the two editions of the book (1). The second edition differs from the first in adding the detail of the interior of China (provinces, some towns, and rivers) and in showing by a dotted line the original delineation of the island of Yezo and the continental land to the east, over which is drawn, as a continuous line, a new outline with Dutch nomenclature derived from the voyage of Maarten Gerritszoon Vries in 1643, which had by now appeared in printed Dutch charts (Fig. 36).

In the XVIII century the two charts published by Thévenot were used or consulted in circumstances which we cannot properly ascertain. Thus the Viscount de Santarém stated that d'Anville had recourse to Teixeira's charts in compiling his chart of 1761, as is apparent in its representation of the islands and reefs of the Indian Ocean (2). The impression of the western chart from which our reproduction is made is preserved in the Bibliothèque Nationale, Paris, class-mark «Ge.DD.2987. Port. 141. 9668», in the famous d'Anville Collection now deposited there, and we may note the significant

(1) We have seen what we take to be the first edition of this chart only as a loose leaf (Bibliothèque Nationale, Paris, «Dépôt. 184. 11/1»), and we have had no opportunity of examining the first edition of the book.

(2) Viscount de Santarém, *Estudos de Cartografia Antiga,* Vol. I, p. 30. Lisboa 1919.

nordeste de Madagáscar, entre 0º e 20º de latitude Sul, vê-se nele um quadriculado a lápis revelando que foi tirada cópia. Este facto confirma a indicação de Santarém, mas não sabemos onde ele a colheu nem pudemos examinar nenhum exemplar da carta de d'Anville de 1761 para esclarecer melhor o assunto (3). A carta oriental, por sua vez, parece ter sido muito discutida no século XVIII pelo facto de assinalar, a leste de Iezo, uma região insular com a legenda *Terra q uio Dõ Ioão da Gama indo da China pera Noua Espanha* (4).

Dahlgren diz que o original, em pergaminho, da carta ocidental se conservava então nos Archives du Service Hydrographique de la Marine, em Paris (5). Não sabemos se Dahlgren viu então esse original ou se colheu a informação d'outrem, e não conhecemos referências posteriores a tal carta de pergaminho (6). Em 1953 tivemos ocasião de examinar na Bibliothèque Nationale de Paris a valiosa colecção cartográfica do Service Hydrographique de la Marine, aí recentemente depositada, e pudemos deparar, em pastas diferentes, com duas cartas originais de João Teixeira, manuscritas e coloridas,

fact that an area to the north-east of Madagascar, between 0º and 20º S latitude, is squared in pencil, showing that a copy had been made. This confirms Santarém's report, but we do not know its source, nor have we been able to examine d'Anville's chart of 1761 for more light on the matter (3). The eastern chart also seems to have given rise to much debate in the XVIII century because of its representation of an insular land, to the east of Yezo, with the legend «Land seen by D. João da Gama on his way from China to New Spain» (4).

Dahlgren reported that, when he wrote, the vellum original of the western chart was preserved in the Archives du Service Hydrographique de la Marine, in Paris (5). We cannot say whether Dahlgren had seen this original or took his information from others, and we know no subsequent references to this chart on vellum (6). In 1953, in the Bibliothèque Nationale, Paris, we had occasion to study the valuable map collection of the Archives du Service Hydrographique de la Marine, recently deposited there, and we were able to identify, in different portfolios, two original charts

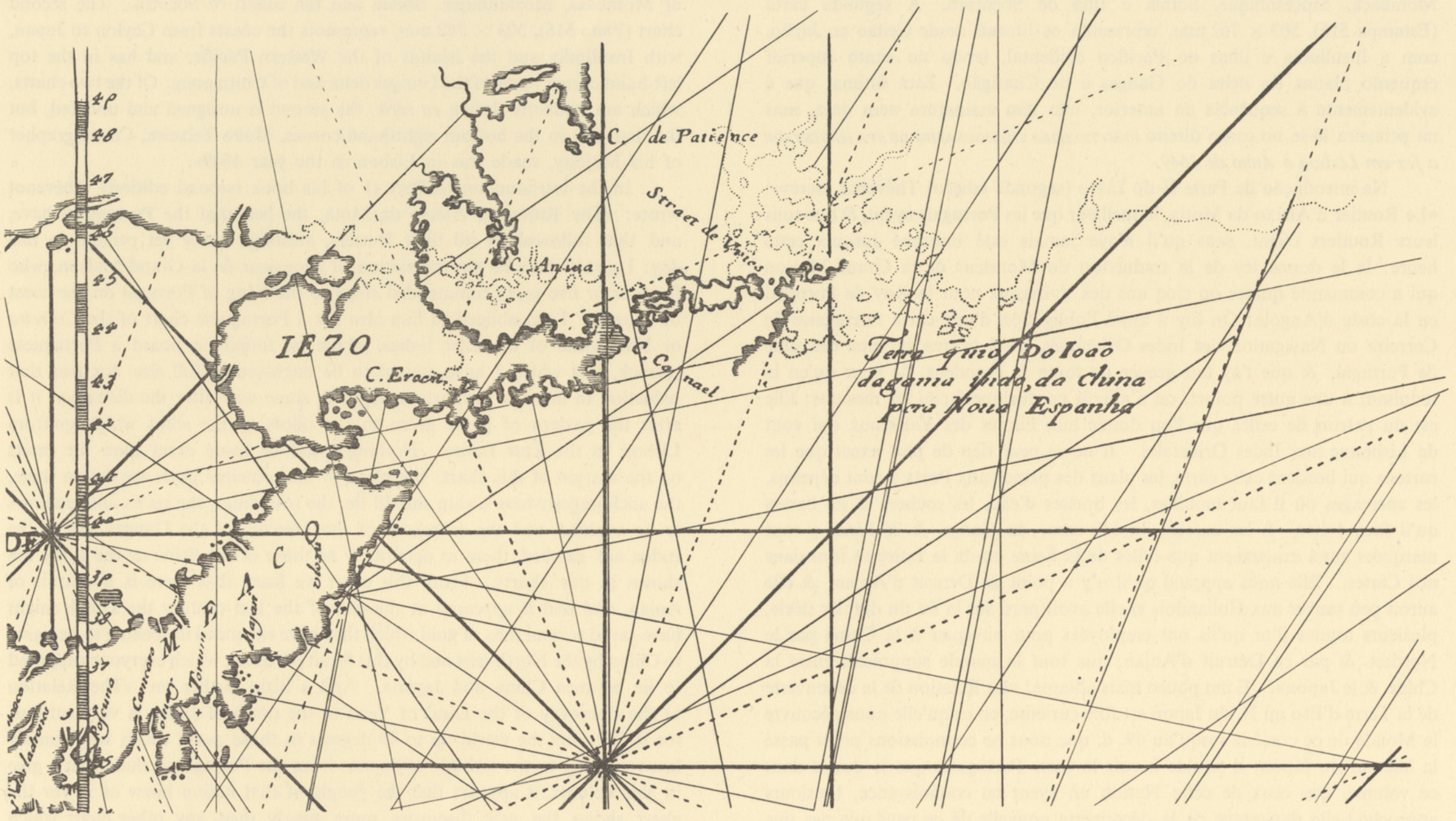


FIG. 56 — CANTO SUPERIOR DIREITO DA SEGUNDA EDIÇÃO DA CARTA ORIENTAL DE JOÃO TEIXEIRA I, 1649, GRAVADA, MOSTRANDO A ALTERAÇÃO EM RELAÇÃO À PRIMEIRA EDIÇÃO
TOP RIGHT-HAND CORNER OF THE SECOND EDITION OF JOÃO TEIXEIRA I'S EASTERN CHART, 1649, ENGRAVED, SHOWING THE CORRECTIONS MADE TO THE FIRST EDITION

em pergaminho, uma das quais datada de 1649. Do seu cotejo com as cartas impressas parece não ficar dúvida de que foram elas que serviram para executar as respectivas gravuras, como vamos ver.

A carta ocidental (Estampa 513), com a cota «Dépôt. 213.3.2», 720 × 850 mm, vai desde um pouco ao norte do Cabo da Boa Esperança até ao Estreito de Sunda, contendo do lado esquerdo e na parte superior

by João Teixeira, drawn and illuminated on vellum, one of them being dated 1649. Comparison of them with the printed charts leaves, in our judgment, no doubt that (as we shall see) they were the basis for the two engravings.

The western chart (Plate 513), class-mark «Dépôt. 213.3.2», 720 × 850 mm, extends from a little north of the Cape of Good Hope to the Strait of Sunda, and has on the left-hand side, above, eight plans of

(3) O nosso amigo R. A. Skelton teve a amabilidade de nos enviar a seguinte nota, que deixa o caso completamente elucidado: «A referência de Santarém à carta de d'Anville de 1761 diz respeito sem dúvida ao seu mapa-mundi em hemisférios publicado em 1761. Neste, como nas suas grandes cartas de África (1749), Índia (1752) e Ásia (1752), as quais examinei todas, a representação das ilhas e baixos do sudoeste do Oceano Índico é muito semelhante à que vem na carta gravada de João Teixeira. Na carta de África, junto de *Baxos do Padrão* e *Baxo de Pero dos Banhos* (ao norte de Madagáscar) vê-se a legenda 'Ces Basses sont tirées des Cartes Portug.s', e no mapa-mundi de 1761 encontra-se de facto a seguinte legenda (em 6ºS): 'Adu et Candu selon Texeira'. Deve também notar-se que na sua memória sobre a carta da Índia d'Anville cita, entre várias outras fontes portuguesas (especialmente roteiros), as cartas de João Teixeira publicadas por Thévenot. Era sem dúvida a referência a Teixeira na legenda 'Adu et Candu' de 1761 que Santarém tinha em mente».

(4) J. N. Delisle ter-se-ia ocupado da carta de Teixeira, segundo refere H. R. Wagner, *Cartography of the Northwest Coast of America*, p. 312, Berkeley 1937, que cita a carta a propósito de tal legenda. E. W. Dahlgren, *Les débuts de la cartographie du Japon*, pp. 54-6, Uppsala 1911, ocupa-se da origem da legenda. D. João da Gama era Capitão-mor em Malaca em 1581. Também L. C. Wroth, *The early cartography of the Pacific*, pp. 125-6, New York 1944, trata das cartas impressas e da sua origem, principalmente em ligação com os descobrimentos de Vries.

(5) Dahlgren 1911, p. 56, nota 1.

(6) Não a refere M. G. Deulin, *La Cartographie Portugaise à la Bibliothèque Nationale de Paris*, in *Boletim Geral das Colónias*, Ano XVI, N.º 180, pp. 59-61, Lisboa Junho 1940, ao ocupar-se das duas cartas impressas. Supomos que nessa data a colecção do Service Hydrographique de la Marine ainda não havia sido depositada na Bibliothèque Nationale.

(3) Our friend R. A. Skelton had the kindness to send us the following note, which elucidates the matter completely: «Santarém's reference to d'Anville's chart of 1761 undoubtedly refers to his hemispheric world map published in 1761. In this, as in his large maps of Africa (1749), India (1752) and Asia (1752), all of which I have examined, the representation of the islands and reefs of the south-west Indian Ocean is very similar to that in the engraved chart of João Teixeira. In the map of Africa, against *Baxos do Padrão* and *Baxo de Pero dos Banhos* (north of Madagascar) there is the legend 'Ces Basses sont tirées des Cartes Portug.s', and in the world map of 1761 we find in fact the legend (in 6º S): 'Adu et Candu selon Texeira'. We may note also that in his memoir to the map of India d'Anville cites, among several other Portuguese authorities (mainly *roteiros*), the charts of João Teixeira published by Thévenot. Doubtless it was the reference to Teixeira in the 'Adu et Candu' legend of 1761 that Santarém had in mind».

(4) J. N. Delisle is said to have discussed Teixeira's chart, according to H. R. Wagner, *Cartography of the Northwest Coast of America*, p. 312, Berkeley 1937, who cites the chart in connection with this legend. E. W. Dahlgren, *Les débuts de la cartographie du Japon*, pp. 54-6, Uppsala 1911, deals with the source of the legend. D. João da Gama was Captain-major in Malacca in 1581. L. C. Wroth, *The early cartography of the Pacific*, pp. 125-6, New York 1944, also discusses the printed charts and their origin, mainly in relation to the discoveries of Vries.

(5) Dahlgren 1911, p. 56, note 1.

(6) It is not referred to by M. G. Deulin, *La Cartographie Portugaise à la Bibliothèque Nationale de Paris*, in *Boletim Geral das Colónias*, Ano XVI, N.º 180, pp. 59-61, Lisboa Junho 1940, in his discussion of the two printed charts. At that date, presumably, the collection of the Service Hydrographique de la Marine had not yet been transferred to the Bibliothèque Nationale.

8 planos de Sofala, Moçambique, Mombaça, Ilha de Socotorá, Ormuz, Diu, Goa e Mascate, tendo na parte inferior a legenda *IOÃO TEIXEIRA, COSMOGRAPHO DE SVA MAGESTADE a fez em Lixboa o Anno de 1649*. Encontra-se um tanto escurecida e desbotada, talvez consequência de prolongado manuseamento. A carta oriental (Estampa 514), com a cota «Dépôt. 177.2.1», 770 × 920 mm, representa os litorais asiáticos desde Bengala ao Estreito de Aniam com a Insulíndia e ilhas do Pacífico ocidental, contendo na parte inferior quatro planos do delta do Ganges, Arracão, Pegu e Chatigão. Embora não tenha assinatura nem data, é evidentemente sequência da anterior e feita na mesma altura e pelo mesmo artista.

É tão grande a semelhança, nos mais pequenos pormenores, entre estas duas cartas e as que publicou Thévenot, que não pode haver dúvida de que estamos em presença dos originais obtidos por Monsieur de la Grand-Maison e cedidos ao erudito escritor francês, justificando-se que tenham vindo a ficar nos Arquivos do Service Hydrographique de la Marine. Na gravura da carta ocidental aproveitaram-se apenas três dos oito planos hidrográficos do original, e a legenda (precisamente igual nos mais pequenos pormenores) foi deslocada para a parte superior, interrompendo-se a carta do lado oriental na costa oeste de Ceilão (enquanto no original vai até à Sunda). Na gravura da carta oriental aproveitaram-se dois dos quatro planos hidrográficos do original, interrompendo-se a oriente na longitude das Ilhas Salomão e acrescentando-se a ocidente o troço entre Bengala e Ceilão que se havia cortado na outra. A parte comum às cartas manuscritas e às gravuras correspondentes tem exactamente as mesmas dimensões, o que confirma definitivamente que aquelas são a origem destas, pois Thévenot teve o cuidado de dizer na introdução transcrita acima que mandou gravar as cartas no tamanho original.

Cremos ter assim ficado totalmente esclarecido o caso das cartas publicadas por Thévenot, com a circunstância rara de existirem e se poderem identificar os originais de que ele se serviu. As palavras de louvor do escritor e viajante francês constituem um testemunho insuspeito e autorizado sobre as duas últimas cartas de João Teixeira, hoje conhecidas, destinadas à navegação para o Oriente e traçadas com um rigor notável para a época, a ponto de parte de uma delas ainda ter sido utilizada mais de um século depois pelo grande geógrafo d'Anville (7).

Sofala, Mozambique, Mombasa, Island of Socotra, Ormuz, Diu, Goa and Muscat, and, lower down, the legend «João Teixeira, Cosmographer of His Majesty, made this in Lisbon in the year 1649». The chart is somewhat darkened and discoloured, perhaps as a result of much handling. The eastern chart (Plate 514), class-mark «Dépôt. 177.2.1.», 770 × 920 mm, represents the coasts of Asia from Bengal to the Strait of Anian, with Insulindia and the islands of the Western Pacific, and has in the lower part four plans of the Ganges delta, Arakan, Pegu, and Chittagong. Although unsigned and undated, it is plainly a continuation of the other chart, drawn at the same time and by the same hand.

The similarity, extending to the smallest details, between these two charts and those published by Thévenot is so close as to remove all doubt that they are the originals obtained by Monsieur de la Grand-Maison and lent by him to the learned French writer; this would account for their preservation in the Archives du Service Hydrographique de la Marine. The engraved western chart has only three of the eight inset hydrographic plans of the original, and its legend (which agrees down to the smallest detail) is transferred to the upper part, while the chart ends on the right-hand edge at the west coast of Ceylon, unlike the original, which extends as far east as Sunda. The engraved eastern chart has two of the four hydrographic plans of the original; it ends in the east at the meridian of the Solomon Islands, and in the west it takes in the strip between Bengal and Ceylon which was omitted from the other printed chart. That the part common to the manuscript charts and to the corresponding engravings has exactly the same dimensions in both unambiguously establishes the derivation of the latter from the former, in view of Thévenot's deliberate statement, in the introduction cited above, that he had had the charts engraved in the original size.

We may therefore claim to have completely elucidated the question of the charts published by Thévenot, with the help of the originals used by him, which have, exceptionally, survived and which we have been able to identify. The commendation of the French writer and scholar provides unsuspected and authoritative evidence about João Teixeira's last two known charts, designed for the Eastern navigation and drawn with such conspicuous precision (considering their period) that part of one of them was to be used more than a century later by the great geographer d'Anville (7).

(7) Na Bibliothèque Nationale de Paris encontram-se ainda várias cópias antigas de planos e partes das cartas de 1649 («Dépôt. 199.2.1 D», «Ge. DD. 2632, 31, 32, 40, 62»).

(7) In the Bibliothèque Nationale, Paris, are also several old copies of plans and details of the 1649 charts («Dépôt 199.2.1 D», «Ge. DD. 2632, 31, 32, 40, 62»).

Primeira Carta – First Chart

Original 720×850 mm.

João Teixeira I, 1649

Grupo de duas cartas manuscritas – Group of two manuscript charts

Bibliothèque Nationale, Paris

Segunda Carta – Second Chart

JOÃO TEIXEIRA I, 1649

Grupo de duas cartas manuscritas – Group of two manuscript charts

Bibliothèque Nationale, Paris

Original 770×920 mm.

Primeira Carta — First Chart

Original 510×720 mm.

João Teixeira I, 1649

Grupo de duas cartas gravadas — Group of two engraved charts

in Melchisedec Thévenot's "Relation de divers voyages curieux...", 1664

Original 503×762 mm.

Segunda Carta — Second Chart

João Teixeira I, 1649

Grupo de duas cartas gravadas — Group of two engraved charts

in Melchisedec Thévenot's "Relation de divers voyages curieux...", 1664

PEDRO TEIXEIRA ALBERNAZ

O CARTÓGRAFO PEDRO TEIXEIRA ALBERNAZ E A SUA OBRA

PEDRO Teixeira Albernaz nasceu em Lisboa, talvez no último quartel do século XVI, e era filho do cartógrafo Luís Teixeira e irmão de João Teixeira Albernaz.

Só temos notícia da sua actividade a partir de 1619, ano em que foi a Espanha executar uma obra cartográfica. De então para diante a sua actividade, até o ano de 1662, em que morreu, parece ter-se desenrolado quase totalmente nesse país, onde trabalhou durante nove anos, de 1622 a 1630, no levantamento das costas da Península Ibérica. De tal resta uma desenvolvida descrição geográfica, tendo-se porém perdido as cartas. Embora de início fosse sobretudo um mestre de cartas de marear, veio mais tarde a dedicar-se principalmente aos levantamentos topográficos, talvez por influência de João Baptista Lavanha.

Ainda que haja referências a outras obras suas, só se conhecem hoje, com a sua assinatura, três cartas, todas impressas:

1) Carta dos estreitos de Magalhães e de S. Vicente, publicada na *Relación* dos Irmãos Nodal, 1621 (segunda edição em 1769). Estampa 517.
2) Planta da cidade de Madrid, vinte folhas, editada em 1656. Estampa 518.
3) Carta de Portugal, gravada em Madrid em 1662. Estampa 519.

ELEMENTOS BIOGRÁFICOS

Acerca do cartógrafo Pedro Teixeira ou Pedro Teixeira Albernaz pouco se tem escrito, e a seu respeito têm reinado algumas confusões. Indicamos a seguir os escassos documentos e citações conhecidos que se lhe referem, esclarecendo antes de mais que esse cartógrafo nada tem que ver com dois homónimos da sua época, o viajante e escritor Pedro Teixeira, muito citado pelo seu livro sobre a Pérsia, e o Pedro Teixeira cuja actividade se desenrolou no Amazonas (1).

1) 1619 — *Ida a Madrid com o irmão João Teixeira:* No Arquivo de Índias, Sevilha, encontram-se dois documentos, que reproduzimos na íntegra ao tratar da biografia de João Teixeira (2) e dos quais se verifica que Gonçalo de Nodal levou consigo de Lisboa para Madrid, a fim de executarem a carta dos estreitos de Magalhães e S. Vicente, os irmãos João e Pedro Teixeira. João Teixeira, em 26 de Setembro, apresentando a referida carta, pediu que o deixassem regressar a Lisboa, dizendo que o irmão poderia continuar em Espanha se precisassem lá dos seus serviços. A carta gravada dos estreitos, publicada na *Relación* de 1621, traz a assinatura *don Pedro Teixeira E albernas, Cosmographo de Su Mg^d^.*

2) 1622 — *Início do levantamento das costas da Península Ibérica por Pedro Teixeira Albernaz:* Na Academia de História, Madrid, Colleccion Vargas Ponce, Volumes 29 e 43, existe uma série de documentos, na quase totalidade dos quais se diz serem cópias de originais no Arquivo da Guipuzcoa (3). Em resumo, conclui-se deles que em 8 ou 9 de Setembro de 1622 chegou a San Sebastian D. Pedro Teixeira Albernaz «cosmógrafo é historiador con cartas y despachos de S. M. para que en toda esta costa se le haga todo el agasajo y asistencia posible y le den noticia y relacion de los puntos, fuertes y flacos, puertos, entradas y salidas, calidades, cantidades de Haciendas particulares y comunes, servicios hechos à la Corona, antiguedades de fundaciones de la Villa, conventos, casas solares, linajes y familias y del temperam.^to^ dela tierra, sua alt.^a^, inundaciones de mar, navegacion de rios y otras muchas cosas y calidades que importan gravisimamente á la reputation, honor y ser de esta dicta villa y de su jurisdicion». No dia 12 de Setembro foi Pedro Teixeira para Fuenterabia a fim de por aí iniciar os seus trabalhos, e um documento do Capitão Venera datado de 18 dá conta da chegada lá de «D.^n^ Pedro Teyxeira Albernal entretenido por S. M. en su Real Corte y comisario general p.^a^ la descripcion y Coronica General de España que S. M. ha mandado hacer», afirmando-se que ele «es cierto un caballero mui principal y verdadeiramente

(1) Blázquez 1910, pp. 36-45, mostra que se trata de três pessoas distintas.
(2) Pp. 80-1 do presente volume.
(3) Referidos por Blázquez 1910, pp. 43-5, e G. de Reparaz-Ruiz 1940, pp. 191-3.

THE CARTOGRAPHER PEDRO TEIXEIRA ALBERNAZ AND HIS WORK

PEDRO Teixeira Albernaz was born in Lisbon, perhaps in the last quarter of the XVI century, and was the son of the cartographer Luís Teixeira and brother of João Teixeira Albernaz.

We have no information on his activity before 1619, the year in which he went to Spain to execute a cartographic commission. From this date on until 1662, the year of his death, he seems to have worked almost entirely in Spain. For nine years (1622-1630) he was engaged on a survey of the coasts of the Iberian Peninsula, from which a detailed geographical description has survived, although the maps are lost. At the beginning he was primarily a master of sea-charts but later devoted himself more particularly to topographical surveys, perhaps under the influence of João Baptista Lavanha.

Although references to other works from his hand exist, we know to-day only three maps signed by him, all printed:

1) Chart of the Straits of Magellan and of S. Vicente, published in the *Relación* of the Nodal brothers, 1621 (second edition 1769). Plate 517.
2) Plan of the City of Madrid, twenty sheets, published in 1656. Plate 518.
3) Map of Portugal, engraved at Madrid in 1662. Plate 519.

BIOGRAPHICAL ELEMENTS

Little has been written on the cartographer Pedro Teixeira or Pedro Teixeira Albernaz, and there has been some confusion about him. We list below the scattered documents and texts known to refer to him, with the preliminary warning that he has nothing to do with two contemporaries of the same name, the traveller and writer Pedro Teixeira, whose book on Persia is often cited, and the other Pedro Teixeira the scene of whose activity was the Amazon (1).

1) 1619 — *Journey to Madrid with his brother João Teixeira:* In the Archivo de Indias, Seville, are two documents, which we have transcribed in full in dealing with the biography of João Teixeira (2). These show that Gonzalo de Nodal took the brothers João and Pedro Teixeira with him from Lisbon to Madrid, to prepare the chart of the Straits of Magellan and S. Vicente. On 26 September João Teixeira, when he delivered the chart in question, requested permission to return to Lisbon, stating that his brother could remain in Spain if his services were required there. The engraved chart of the Straits, published in the *Relación* of 1621, is signed «Don Pedro Teixeira e Albernas, Cosmographer of His Majesty».

2) 1622 — *Beginning of the survey of the coasts of the Iberian Peninsula by Pedro Teixeira Albernaz:* In the Academia de História, Madrid, Vargas Ponce Collection, Volumes 29 and 43, is a series of documents, almost all of which are said to be copies of originals in the Archives of Guipuzcoa (3). In brief, it appears from them that on 8 or 9 September 1622 there arrived at San Sebastian D. Pedro Teixeira Albernaz, «cosmographer and historian, with letters and despatches from His Majesty requiring that on all this coast he should receive all the entertainment and assistance possible and should be given information and reports of the points, forts and bulwarks, ports, entrances and outlets, quality and number of estates both private and communal, services done to the Crown, antiquity of institutions in the Town, convents, mansions, lineages and families, and of the character of the land, its height, inundations of the sea, navigation of the rivers, and many other matters and qualities which are of the greatest import to the reputation, honour and welfare of this said town and of its jurisdiction». On 12 September Pedro Teixeira left for Fuentarabia to begin his task there, and a document by Captain Venera dated 18 September records the arrival there of «Don Pedro Teyxeira Albernal appointed by his Majesty in his Royal Court as commissary general for the description and general chronicle of Spain which His Majesty has ordered to be made»,

(1) Blázquez 1910, pp. 36-45, has shown that these are three distinct persons.
(2) Pp. 80-1 of the present volume.
(3) Cited by Blázquez 1910, pp. 43-5, and G. de Reparaz-Ruiz 1940, pp. 191-3.

entendido». O próprio Pedro Teixeira, noutro documento com a mesma data, indica que «por mandado de Su Mag.d he venido a esta frontera para comesar della la descripcion de España». Num documento de Tolosa, 15 de Outubro, D. Pedro Peres de Manson dá conta dos seus trabalhos dizendo que «Su Mag.d sea serbido de mandar hacer una descripcion general de toda España y a mandado haser las observaciones y sacar las Relaciones delos Particulares delas Ciudades Villas y lugares della a Gabriel de Santana y amy y que don Pedro Texeyra haga las delos puertos y costas de mar». De outros documentos datados de Outubro verifica-se que causou tanta satisfação a chegada de Pedro Teixeira a San Sebastian, que o respectivo Ayuntamiento resolveu pagar os gastos da sua estadia na região, dar-lhe um banquete e oferecer-lhe uma cadeia de ouro no valor de 1980 reales.

3) 1623 — *Carta de ofício de João Baptista de Serga:* Em 7 de Dezembro de 1623 foi passada em Lisboa carta de mestre de cartas de marear a João Baptista de Serga, o qual foi examinado por Valentim de Sá, cosmógrafo-mor, sendo presente Pedro Teixeira, mestre de cartas de marear (4).

4) 1626-1661 — *Actividades várias:* Na bibliografia de Almirante vem, a respeito de D. Pedro Teixeira Albornoz, depois de citar a *Descripcion de la costa de España. 1633* e a carta de Portugal de 1662: «Consta que ya en 1626 este oficial portugués, que se titula *Cosmógrafo militar,* formaba parte de uma *Comision del Mapa* presidida por D. Juan Baptista Labaña. Em 1648 trabajava en Aragon, Cataluña y fronteras de Francia con su triple caracter de geógrafo, artillero é ingeniero; siguió en 1850 (*sic*) por Valencia, cuyo mapa tambien publicó; luego en 1661 el de Portugal, y es possible que hiciese el famoso plano de Madrid que se gravó en Amberes en el siglo XVII, y se conserva en la B. Nacional» (5). Não conseguimos apurar em que fontes se baseiam as informações de Almirante relativas a 1626, 1648 e 1650.

5) 1630 (?) — *Dedicatória de uma Descripção da España:* No rosto dum manuscrito intitulado *De la forma, grandeza, fertilidad y riqueza de España,* existente na Nationalbibliothek de Viena (6) lê-se: «Al Rey nuestro Señor — Nuebe ãnos a que V. Mg.d me mandó fuese a oseruar y sondar los puertos plaias y cabos de la Costa de España y considerando no ser justo quedase em bosquexo cosa de tanta ynportancia, tome el compas y la pluma facilitando el trabajo que se me oferçia com pensar servia a V. Mg.d para que V. Mg.d tenga entera notiçia de las Costas y puertos destos sus Reynos de España que goze V. Mg.d de muchos y felices anos para aumento y bien de toda la cristiandad. Don Pedro Texeira Albornos».

6) 1632 — *Alvará em favor de Pedro Teixeira:* Com a data de 7 de Fevereiro de 1632 foi passado em Madrid um alvará de El-Rei onde se diz que «pello muito que conuem a meu seruisso hauer pessoa que particularmente emtenda e exercite a arte de cosmographia para copiar os portos e costas das comquistas e mais couzas que eu lhe mandar ordenar, ey por bem de fazer merce a Pedro Teixeira, pella esperiencia que tem desta arte, de sento e uinte cruzados de salario cada ano com a obriguação de que a sua custa hade fazer tudo o que for necessario a meu seruiso tocante a dita arte». Mais adiante ordena-se que «se lhe lance diso salario na folha que se faz pera pagamento dos menistros e officios do Concelho de Portugal que rezide nesta corte pera o uencer em cada hum ano» (7).

7) 1662 — *Morte de Pedro Teixeira:* Segundo Navarrete, de um registo de falecimento verifica-se que morreu em Madrid em 1662 um D. Pedro Tejeira, cavaleiro do hábito de Cristo (8). Deve tratar-se do cartógrafo Pedro Teixeira Albernaz, tanto mais que nos exemplares da *Descripcion de las costas y puertos de España* no British Museum e na Nationalbibliothek de Viena («Mss. 5563») se indica que ele era cavaleiro da Ordem de Cristo.

Em resumo, dos documentos apontados pode concluir-se que Pedro Teixeira Albernaz era irmão de João Teixeira Albernaz e filho de Luís Teixeira. Em data ignorada teria tido carta de ofício de mestre de cartas de marear, e em Agosto de 1619, juntamente com o irmão, foi a Madrid a fim de executar a nova carta dos Estreitos de Magalhães e S. Vicente. João Teixeira, que devia ser o mais velho dos dois irmãos, retirou-se para Lisboa em fins de Setembro. Pedro Teixeira ficou então na Espanha, ou voltou lá depois de breve estadia em Portugal. Naturalmente João Baptista

(4) Sousa Viterbo 1898, pp. 283-4.

(5) José Almirante, *Bibliografia Militar de España,* p. 837. Madrid 1876.

(6) «Mss. 5707 [Rec. 376]».

(7) Torre do Tombo, *Chancelaria de D. Filipe III,* Doações, L.º 29, fol. 96 v, publicado por Sousa Viterbo 1898, pp. 298-9. Sousa Viterbo, por lapso, diz que se trata de uma nomeação para executar cartas e instrumentos indispensáveis para serviço das armadas reais, o que tem induzido em erro outras pessoas.

(8) Martín Fernández Navarrete, *Biblioteca marítima española,* Vol. II, pp. 627-8, *apud* Blázquez 1910, p. 38.

adding that he «is certainly a very important gentleman and one of true enlightenment». Pedro Teixeira himself, in another document of the same date, states that «by order of His Majesty I have come to this frontier to begin thence the description of Spain». In a document dated from Tolosa 15 October, D. Pedro Perez de Manson gives an account of his work, saying that «His Majesty has seen fit to have a description of all Spain made, and has ordered that observations be made and that reports from individuals of the cities, towns, and places of the country be rendered to Gabriel de Santana and to me, and that Don Pedro Texeyra make those of the ports and sea-coasts». Other documents bearing dates in October reveal the great satisfaction which the arrival of Pedro Teixeira at San Sebastian created, inducing the Ayuntamiento to decide to pay the expense of his stay in the region, to give him a banquet, and to present him with a chain valued at 1980 reales.

3) 1623 — *Patent of office of João Baptista de Serga:* On 7 December 1623, at Lisbon, the patent of office of João Baptista de Serga, as master of sea-charts, was approved after his examination by Valentim de Sá, cosmographer-major, in the presence of Pedro Teixeira, master of sea-charts (4).

4) 1626-1661 — *Various activities:* Almirante's bibliography, after ascribing to D. Pedro Teixeira Albornoz the «Description of the coast of Spain. 1633» and the map of Portugal of 1662, goes on: «It is said that as early as 1626 this Portuguese official, who styled himself *Military cosmographer,* was a member of a *Commission for the Map* presided over by D. Juan Baptista Labaña. In 1648 he was working in Aragon and Catalonia and on the frontiers with France in his threefold capacity as geographer, artillerist and engineer; he followed in 1850 [*sic*] with Valencia, the map of which he also published; immediately after came that of Portugal, and it is possible that he made the famous plan of Madrid which was engraved at Antwerp in the XVII century and is preserved in the Biblioteca Nacional» (5). We have been unable to trace the sources for Almirante's information referring to 1626, 1648 and 1650.

5) 1630 (?) — *Dedication of a Description of Spain:* At the beginning of a manuscript entitled «Of the form, extent, fertility and wealth of Spain», in the Nationalbibliothek, Vienna (6), we read: «To the King our Lord — Nine years ago Your Majesty commanded me to observe and sound the ports, beaches and capes of the Coast of Spain, and considering that it would not be proper to keep in mere sketch a matter of so great importance, I took compass and pen to further the work assigned to me for Your Majesty's service, so that Your Majesty should have a complete notice of the coasts and ports of his Kingdoms of Spain; may Your Majesty enjoy many happy years to the enlargement and benefit of all Christendom. Don Pedro Teixeira Albornos».

6) 1632 — *Letters patent in favour of Pedro Teixeira:* Royal letters patent dated 7 February 1632 were approved at Madrid, stating that «inasmuch as my service requires that there shall be some person who particularly understands and practises the art of cosmography, to copy the ports and coasts of the conquests and [do] such other things as shall be ordered, I think fit to grant to Pedro Teixeira, for his experience in this art, a salary of one hundred and twenty cruzados each year, with the obligation on his part that he do all that may be necessary for my service touching the said art». Further on is the provision that «this salary shall be entered in the ledger that is kept for the payment of ministers and officials of the Council of Portugal which resides in this court, as it falls due each year» (7).

7) 1662 — *Death of Pedro Teixeira:* According to Navarrete, an entry in a register of deaths shows that one D. Pedro Tejeira, knight of the habit of Christ, died in Madrid in 1662 (8). This must refer to the cartographer Pedro Teixeira Albernaz, especially as in the manuscripts of the «Description of the coasts and ports of Spain» in the British Museum and the Nationalbibliothek of Vienna («Mss. 5563») he is stated to be a knight of the Order of Christ.

To sum up, we may conclude from the documents cited that Pedro Teixeira Albernaz was the brother of João Teixeira Albernaz and son of Luís Teixeira. At an unknown date he received his patent of office as master of sea-charts, and in August 1619, with his brother, he was in Madrid to prepare the new chart of the Straits of Magellan and S. Vicente. João Teixeira, who must have been the elder of the two brothers, returned to Lisbon at the end of Spetember. Pedro Teixeira settled in Spain, or returned there after a brief stay in Portugal. It was natural that João Baptista

(4) Sousa Viterbo 1898, pp. 283-4.

(5) José Almirante, *Bibliografia Militar de España,* p. 837. Madrid 1876.

(6) «Mss. 5707 [Rec. 376]».

(7) Torre do Tombo, *Chancelaria de D. Filipe III,* Doações, L.º 29, fol. 96 v, published by Sousa Viterbo 1898, pp. 298-9. Sousa Viterbo inadvertently refers to this as an appointment to make charts and instruments required for the service of the royal fleets, and this has misled other writers.

(8) Martín Fernández Navarrete, *Biblioteca maritima española,* Vol. II, pp. 627-8, *apud* Blázquez 1910, p. 38.

Lavanha, què o devia conhecer, tanto mais que tivera a colaboração do pai, Luís Teixeira, na execução do atlas destinado a D. Catarina e depois ao Príncipe Felisberto Emmanuele de Sabóia, teria procurado aproveitar a sua competência para novos trabalhos. Em 1620 era publicada a primeira edição da carta de Aragão, de Lavanha, e é possível que surgisse a ideia de estender a outras partes da Península o levantamento pelos métodos que ele empregou. Lavanha teria iniciado Pedro Teixeira nesses métodos, bem como os espanhóis Gabriel de Santana e Pedro de Manson, e os trabalhos começaram em fins de 1622 pela Guipuzcoa (9). Durante nove anos andou Pedro Teixeira nessa empresa, de que não se conhecem outros pormenores; em 1623, quer por se encontrar em Lisboa em tal trabalho, quer porque se deslocasse aí por outros motivos, assistiu ao exame do cartógrafo João Baptista de Serga. Por volta de 1630 entregou a Filipe IV o original da *Descripcion de España* que tinha cartas, como veremos, e, nas boas graças do monarca, obteve dele em 1632 um alvará com uma pensão anual, a ser liquidada pela folha do Conselho de Portugal junto da Corte em Madrid, por trabalhos de cartografia que passaria a realizar por ordem real. A revolução de 1640 deve tê-lo surpreendido em Espanha, por onde se deixaria ficar, enquanto o irmão João Teixeira continuava em Lisboa a produzir cartografia de reivindicação nacionalista. Pedro Teixeira não olvidaria porém a sua terra natal, pois na *Descripcion de España,* anos antes, escrevia com orgulho «Hes la grandeza de la ciudad de Lisboa my Patria de las maiores que se conocen en Europa y en España no ay ninguna que se le pueda igualar». Pouco sabemos dos últimos anos da sua vida, a não ser que andou em trabalhos de cartografia terrestre e militar em Aragão e Catalunha (1648) e em Valência (1650) e que certamente levaria bastante tempo para executar a notável planta de Madrid publicada em 1656. De mestre de cartas de marear no começo da sua actividade, ter-se-ia votado mais tarde principalmente a funções de geógrafo e engenheiro militar, falecendo em Madrid em 1662.

A OBRA

Com a assinatura de Pedro Teixeira ou Pedro Teixeira Albernaz chegaram-nos apenas três cartas, todas elas impressas, e das quais trataremos mais adiante. Além delas, há conhecimento de duas outras cartas perdidas, sem contar as que faziam parte da *Descripção da Espanha:*

1) *Descripção da Espanha* — D. Nicolau Antonio refere uma *Descripçion de la Costa de España,* de Pedro Teixeira, de que tinha um exemplar que copiara de um outro de D. Jerónimo de Mascarenhas, Bispo de Segóvia (10). Na Nationalbibliothek de Viena há uma *Descripcion de España,* com a cota «Mss. 5563 [Rec. 763]» (42 folhas) e outra obra com o título *Dela forma, grandeza, fertilidad y riqueza de España,* com a cota «Mss. 5707 [Rec. 376]» (76 folhas), ambas mencionando como autor Don Pedro Texeira Albornos (11). No British Museum, Londres, há também uma *Descripcion de las costas y puertos de España.* Escrito por D. Pedro Texera cauallero de la Ordem de Xp̃o», com a cota «Add. MS. 28497» (126 folhas) (12). Finalmente, na Biblioteca Nacional de Madrid, com a cota «Mss. 1802», há uma *Descripción geográfica de algumas províncias de España* (62 folhas), anónima, a qual foi publicada na íntegra por Blázquez (13), que por comparação com o sumário da existente no British Museum verificou tratar-se de outra cópia da obra de Pedro Teixeira. Na opinião de Blázquez, trata-se de «una obra bien concebida y bien ejecutada, que contiene datos precisos de caracter geográfico... pocas habrá entre las de caracter geográfico escritas en el siglo XVII que sean más acreedoras à ver la luz pública». No exame sumário que fizemos do exemplar de Londres encontrámos referências explícitas a cartas que acompanhavam a obra e são hoje desconhecidas (fol. 9 — «...señorio de Viscaya como muestra su tabla...»; fol. 123 v — «Descripcion de la tabla de la division

(9) Esta suposição baseia-se na indicação contida em J. Almirante, embora a data de 1626 aí esteja errada, pois Lavanha faleceu em 1624. É também de realçar que se tinha duplamente em vista, como sucedeu com os trabalhos de Lavanha em Aragão em 1610-1611, a obtenção de um mapa e de elementos descritivos históricos e geográficos, o que reforça a ideia de que Lavanha deve ter estado ligado ao projecto em que actuou Pedro Teixeira.

(10) *Bibliotheca Hispana Nova,* Madrid 1788 (2.ª edição). Também León Pinelo, *Epitome de la Bibliotheca Oriental, y occidental, nautica y Geografica,* Madrid 1738, e Barbosa Machado, *Bibliotheca Lusitana,* Lisboa 1759, a propósito de Pedro Teixeira, transcrevem a informação do primeiro.

(11) Indicadas por G. Caraci, *Appunti sui cartografi portoghesi Teixeira e specialmente su João Teixeira,* in *La Bibliofilia,* Ano LXIV, Dispensa 1.ª-3.ª, pp. 33-4. Firenze 1944. O mesmo autor refere a existência na mesma biblioteca, de um grupo de cartas de Pedro Teixeira («Mss. 9737, r, s, t»), mas estas, como tivemos ocasião de verificar, devem ser do viajante e autor do livro sobre a Pérsia.

(12) Sumariado pelo Conde de Tovar, *Catálogo dos Manuscritos Portugueses ou relativos a Portugal existentes no Museu Britânico,* p. 230, Lisboa 1932. Também Pascual Gayangos, no catálogo dos manuscritos espanhóis do Museu Britânico, *apud* Blázquez 1910, p. 38, indica a obra, datando-a de 1630.

(13) Blázquez 1910.

Lavanha, who must have been acquainted with him, especially as he had collaborated with the father, Luís Teixeira, in the atlas designed for D. Catarina and subsequently for Prince Philibert Emmanuel of Savoy, should have sought to test his competence for new tasks. The first edition of Lavanha's map of Aragon was published in 1620, and this perhaps prompted the idea of extending the survey by his methods to other parts of the Peninsula. Lavanha may have initiated Pedro Teixeira, like the Spaniards Gabriel de Santana and Pedro de Manson, into these methods, and operations began in Guipuzcoa at the end of 1622 (9). Pedro Teixeira was engaged on this project for nine years, but no more is known of it; in 1623, whether because he found himself in Lisbon in the course of this work, or because he had gone there for other reasons, he was present at the examination of the cartographer João Baptista de Serga. By 1630 he had delivered to Philip IV the original of the «Description of Spain», which (as we shall see) contained charts; and in 1632 Pedro Teixeira, in the monarch's good graces, obtained from him letters patent granting him an annual pension, to be paid from the budget of the Council of Portugal attached to the Court at Madrid, for the cartographic works which he was to complete at the royal command. The revolution of 1640 must have surprised him in Spain, where he was to remain, while his brother João Teixeira, in Lisbon, continued to produce cartographic works in support of the nationalist cause. Pedro Teixeira did not however forget his native land, for some years earlier, in the «Description of Spain», he had proudly written: «The greatness of the city of Lisbon, my home, is second to none in Europe, and in Spain there is none that can equal it». Little is known of the last years of his life, apart from the fact that he carried out operations of land-mapping and military cartography in Aragon and Catalonia (1648) and in Valencia (1650), and that he certainly found enough time to prepare the notable plan of Madrid published in 1656. After beginning his career as a master of sea-charts, he later devoted himself to the duties of a geographer and military engineer, dying in Madrid in 1662.

THE WORK

Only three maps, all printed, are known with the signature Pedro Teixeira or Pedro Teixeira Albernaz; we shall discuss them presently. Besides these, two other lost charts are recorded, in addition to those forming part of the «Description of Spain»:

1) *Description of Spain* — D. Nicolao Antonio refers to a «Description of the Coast of Spain», by Pedro Teixeira, of which he had a manuscript copied from another belonging to D. Jerónimo de Mascarenhas, Bishop of Segovia (10). In the Nationalbibliothek, Vienna, there is a «Description of Spain», with the class-mark «Mss. 5563 [Rec. 763]», of 42 leaves, and another work entitled «Of the form, extent, fertility and wealth of Spain», class-mark «Mss. 5707 [Rec. 376]», of 76 leaves; of both D. Pedro Texeira Albornos is named as the author (11). In the British Museum, London, is also a «Description of the coasts and ports of Spain. Written by D. Pedro Texera, Knight of the Order of Christ», with the class-mark «Add. MS. 28497», of 126 leaves (12). Finally, the Biblioteca Nacional, Madrid, has an anonymous «Geographical description of some provinces of Spain», class-mark «Mss. 1802», of 62 leaves; this was published in full by Blázquez (13), who, from comparison with an abstract of that in the British Museum, showed that it is another copy of Pedro Teixeira's work. Blázquez described it as «a work well conceived and well executed, containing precise data of a geographical character ... Few of the geographical works written in the XVII century better deserve publication». In our rapid examination of the London manuscript we noted explicit references to charts which accompanied the text and are now unknown (fol. 9 — «... lordship of Vizcaya, as the map of it shows ...», fol. 123 v — «Description of the map of the division between Spain and France»). Jaime Cortesão and after

(9) This conjecture is based on the statement by J. Almirante, although his date 1626 is incorrect, since Lavanha died in 1624. It is also to be noted that, like the operations of Lavanha in Aragon in 1610-1611, this project had the twofold purpose of obtaining both a map and descriptive materials of historical and geographical character. This lends weight to the view that Lavanha must have been connected with the project in which Pedro Teixeira was engaged.

(10) *Bibliotheca Hispana Nova,* Madrid 1788 (2nd edition). His statement about Pedro Teixeira is also copied by León Pinelo, *Epitome de la Bibliotheca Oriental, y occidental, nautica y Geografica,* Madrid 1738, and Barbosa Machado, *Bibliotheca Lusitana,* Lisboa 1759.

(11) Cited by G. Caraci, *Appunti sui cartografi portoghesi Teixeira e specialmente su João Teixeira,* in *La Bibliofilia,* Ano XLIV, Dispensa 1.ª-3.ª, pp. 33-4. Firenze 1944. The same author refers to a group of letters by Pedro Teixeira preserved in the same library («Mss. 9737, r, s, t»), but these (as we were able to verify) must be by the traveller and author of the book on Persia.

(12) Summarized by Count de Tovar, *Catálogo dos Manuscritos Portugueses ou relativos a Portugal existentes no Museu Britânico,* p. 230, Lisboa 1932. The work is also recorded, with the date 1630, by Pascual Gayangos, in his catalogue of the Spanish manuscripts in the British Museum, *apud* Blázquez 1910, p. 38.

(13) Blázquez 1910.

de españa con francia»). Jaime Cortesão e depois Fernando Castelo-Branco mostraram o grande interesse da descrição de Pedro Teixeira para o conhecimento do litoral português e actividade marítima que nele tinha lugar durante o século XVII (14). Tal obra é uma consequência dos trabalhos iniciados por Pedro Teixeira na Guipuzcoa em 1622, e é natural que, assim como existiram ou existem os documentos coligidos por Vargas Ponce nos Arquivos daquela região relativos à estadia do cosmógrafo nela, também noutros arquivos provinciais espanhóis se encontrem ainda outros da mesma natureza que possam lançar mais luz sobre o desenrolar das actividades de Pedro Teixeira até 1630, ano em que parece ter concluído o levantamento das costas da Península Ibérica. É na realidade pena que se tenham perdido as cartas que ele então traçou, das quais não conhecemos o menor rasto na época a não ser a carta de Portugal de 1662 (15).

2) *Carta do delta do Amazonas* — León Pinelo (que também era português), na obra *El Paraíso en el Nuevo Mundo* (escrita em 1656, mas de que só se conhece hoje uma cópia de 1729), Capítulo IX («Descripcion del gran Rio de S. Juan de las Amazonas»), diz que do delta amazónico, «segun la relacion del Piloto Cochado, y obras que tuvo, hizo uma Planta D.ⁿ Pedro Texera Cosmographo mayor de Portugal, que ha llegado manuscripta à mi poder». E acrescenta que «porque con ella se demuestra bien la grandeza deste Rio y sus vocas, y verdadera situacion me pareció reducirla a punto menor y ponerla por príncipio de la descripcion deste rio, y es esta» (segue-se um espaço encimado com a legenda *aqui la planta de las vocas,* mas a carta falta na cópia única referida) (16).

3) Como se indicou atrás, J. Almirante diz que Pedro Teixeira trabalhou em 1650 em Valência, cuja carta publicou. Não temos porém conhecimento de nenhum exemplar dela.

E é tudo o que conseguimos apurar acerca de Pedro Teixeira Albernaz e a sua obra. É de crer que nas bibliotecas e arquivos de Espanha deva haver mais elementos a seu respeito, e resta-nos desejar que os dados que agora conseguimos reunir facilitem futuras investigações, permitindo evidenciar melhor o papel de Pedro Teixeira na evolução da cartografia da Península Ibérica durante o século XVII, o qual nos parece ter sido considerável.

BIBLIOGRAFIA PRINCIPAL

SOUSA VITERBO, *Trabalhos Nauticos dos Portuguezes nos Seculos XVI e XVII,* Volume I. Lisboa 1898.

ANTONIO BLÁZQUEZ, *Descripción de las costas y puertos de España de Pedro Teixeira Albernas,* in *Boletín de la Real Sociedad Geográfica,* Vol. LII, pp. 36-138, 180-283, Madrid 1910.

him Fernando Castelo-Branco have demonstrated the great interest of Pedro Teixeira's description for our knowledge of the Portuguese littoral and the maritime activity which prevailed along it in the XVII century (14). This work was a product of the operations begun by Pedro Teixeira in Guipuzcoa in 1622; and it is reasonable to suppose that, besides the documents which exist or existed in the Archives of that region referring to his stay there, and which were collected by Vargas Ponce, other Spanish provincial archives may also preserve similar documents which throw more light on the course of Pedro Teixeira's activity up to 1630, the year in which the survey of the coasts of the Iberian Peninsula seems to have been completed. It is indeed regrettable that the maps drawn by him at that time have been lost, for we have found no contemporary trace of them, unless it be the map of Portugal of 1662 (15).

2) *Map of the Amazon delta* — León Pinelo (also a Portuguese), in his work *El Paraíso en el Nuevo Mundo* (written in 1656, but known only in a copy of 1729), Chapter IX («Description of the great River of S. Juan de las Amazonas»), states that a plan of the Amazon delta, «from the report of the pilot Cochado, and works which he had, was made by D.ⁿ Pedro Texera, cosmographer-major of Portugal, and I have it, manuscript, in my hands». He adds that «since the size of this River and its mouths, and its true position, are well shown in this plan, I have thought fit to reduce it to a small scale and to insert it at the beginning of the description of this river, and this is it» (there follows a space surmounted by the words «here the plan of the mouths», but the map is missing from the unique copy referred to above) (16).

3) As already stated, J. Almirante reports that in 1650 Pedro Teixeira was working in Valencia and published a map of it; but we know no copy of this map.

This is all that we have been able to ascertain about Pedro Teixeira Albernaz and his work. In the libraries and archives of Spain there must be more materials relating to him, and it is hoped that the data assembled here will help future investigations and lead to a better appreciation of the rôle of Pedro Teixeira in the evolution of the cartography of the Iberian Peninsula during the XVII century — a rôle which appears to us to have been considerable.

SELECT BIBLIOGRAPHY

GONZALO DE REPARAZ-RUIZ, *La Cartographie terrestre dans la péninsule ibérique au XVI^e et au XVII^e siècle et l'oeuvre des cartographes portugais en Espagne,* in *Revue Géographique des Pyrénées et du Sud-Ouest,* Tome XI, Fasc. 3-4. Toulouse-Paris 1940 [1941].

(14) Jaime Cortesão, *A geografia e a economia da Restauração,* comunicação apresentada ao *Congresso do Mundo Português* (1940) e publicada também nos Cadernos da «Seara Nova». Lisboa 1940. Fernando Castelo-Branco, *Alguns aspectos da evolução do litoral português,* in *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa,* Série 75, N.ᵒˢ 7-9, pp. 337-54. Julho-Setembro 1957.

(15) Embora seja possível, como nos apontou o Prof. Jaime Cortesão, que os atlas da costa de Portugal de João Teixeira, 1648, tenham também alguma ligação com elas.

(16) Devemos esta indicação ao Prof. Jaime Cortesão. Já havia também apontado a existência de tal carta M. Jimenes de la Espada, *Viaje del Capitan Pedro Teixeira,* Madrid, *apud* J. Lucio d'Azevedo, *Os Jesuitas no Grão Pará,* p. 30, Lisboa 1901.

(14) Jaime Cortesão, *A geografia e a economia da Restauração,* communication presented to the Congresso do Mundo Português (1940) and also published in the *Cadernos da «Seara Nova».* Lisboa 1940. Fernando Castelo-Branco, *Alguns aspectos da evolução do litoral português,* in *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa,* Série 75, N.ᵒˢ 7-9, pp. 337-54. Julho-Setembro 1957.

(15) It is however possible, as Prof. Jaime Cortesão has suggested to us, that the atlas of the coast of Portugal by João Teixeira, 1648, may also have some connection with them.

(16) We owe this reference to Prof. Jaime Cortesão. The existence of this map had also been recorded previously by M. Jimenes de la Espada, *Viaje del Capitan Pedro Teixeira,* Madrid, *apud* J. Lucio d'Azevedo, *Os Jesuitas no Grão Pará,* p. 30, Lisboa 1901.

PEDRO TEIXEIRA ALBERNAZ, TRÊS CARTAS GRAVADAS

CARTA DOS ESTREITOS DE MAGALHÃES E S. VICENTE, 1619 (1621)

ESTAMPA 517

NO livro *Relacion del Viage que por orden de Su Mag.d y acuerdo del Real Consejo de Indias Hizieron los capitanes Bartolome Garcia de Nodal, y Gonçalo de Nodal, hermanos, naturales de Ponte Vedra, al descubrimiento del Estrecho nuebo de S. Vicente y reconosimj.º del de Magallanes,* Madrid 1621, entre as folhas 34 e 35, vem uma carta impressa, em papel, da parte meridional da América do Sul, com o seguinte título: *Reconocimiento delos Estrechos de Magallanes y San Vicente Mandado hazer por Su Mg. en el Real Conseio de Indias partieron de Lisboa en 27 de Setienbre de 1618 y llegaron de buelta a San Lucar a 9 de Iulio de 1619. Cabo de dos Carauelas Bartolome Garcia de nodal y Capitan Gonçalo de nodal. Cosmographo Diego Ramires, piloto Iuan manço. Echa por don Pedro teixeira E albernas Cosmographo de Su Mg.de*. A parte gravada da carta mede 340×395 mm, tendo no canto inferior o nome do gravador, I. de Courbes. Na segunda edição do mesmo livro, Cádiz 1769, vem também a mesma carta, mais reduzida porém (Fig. 37).

A carta foi reproduzida, em tamanho natural, por Markham, juntamente com a tradução inglesa da *Relación* dos Nodal (1), e também por J. F. Guillén y Tato (2).

Embora a carta impressa esteja assinada por Pedro Teixeira Albernaz, o desenho original é da autoria dos dois irmãos João e Pedro Teixeira Albernaz. Ao tratarmos da biografia do primeiro reproduzimos os dois documentos do Archivo de Indias, Sevilha (3), dos quais se verifica que Gonçalo de Nodal partiu de Lisboa a 22 de Agosto e chegou com eles a Madrid no fim do mesmo mês, tendo João Teixeira, a 26 de Setembro, requerido que o deixassem regressar a Lisboa e apresentando nessa altura «las cartas hidrográficas del estrecho de magallanes y S. Vicente».

FIG. 37 — CARTA DE PEDRO TEIXEIRA ALBERNAZ, NA SEGUNDA EDIÇÃO DA RELAÇÃO DA VIAGEM DOS IRMÃOS NODAL, CADIZ 1769
CHART OF PEDRO TEIXEIRA ALBERNAZ, IN THE SECOND EDITION OF THE RELATION OF THE VOYAGE OF THE NODAL BROTHERS, CADIZ 1769

A viagem dos irmãos Nodal foi resolvida quando em Espanha se soube que Schouten e Le Maire haviam, em Janeiro de 1616, descoberto um novo estreito entre a Terra do Fogo e Staten Land, conforme narrativa publicada em Amsterdão em 1618. Os espanhóis conseguiram que da Holanda fossem para Espanha alguns holandeses que tinham informações especiais sobre o assunto, nomeadamente Pieter de Lettres e Ioan de Witte, dos quais e daquela narrativa ficaram a conhecer as cartas de Schouten e Le Maire. Baseada na última foi preparado um padrão pelo Cosmografo-mor António Moreno, o qual foi recentemente identificado por J. Guillén (4).

(1) Clements Markham, *Early Spanish Voyages to the Strait of Magellan,* entre pp. 188-9, Hakluyt Society, 2nd series, n.º XXVIII, London 1911.

(2) Júlio F. Guillén y Tato, *Monumenta Cartographica Indiana,* Vol. I, pp. 32-3, Estampas 45 e 46.

(3) Ver pp. 80-1 do presente Volume.

(4) Júlio Guillén, *Uma carta inédita del estrecho de Le Maire, e identificación de otras dos anónimas del siglo XVII,* in *Revista de Indias,* Año I, n.º 1, pp. 35-62, Madrid 1940. Aí se trata desenvolvidamente dos antecedentes e consequências cartográficas da viagem dos irmãos Nodal.

PEDRO TEIXEIRA ALBERNAZ, THREE ENGRAVED CHARTS

CHART OF THE STRAITS OF MAGELLAN AND S. VICENTE, 1619 (1621)

PLATE 517

IN the book *Relacion del Viage que por orden de Su Mag.d y acuerdo del Real Consejo de Indias Hizieron los capitanes Bartolome Garcia de Nodal, y Gonçalo de Nodal, hermanos, naturales de Ponte Vedra, al descubrimiento del Estrecho nuebo de S. Vicente y reconosimj.º del de Magallanes,* Madrid 1621, between fol 34 and fol. 35, is a chart of the southern part of South America, printed on paper, with the following title: «Examination of the Straits of Magellan and São Vicente made by order of His Majesty in the Real Consejo de Indias. They left Lisbon on the 27th September 1618 and arrived back at San Lucar the 9th July 1619. Commander of two caravels Bartolome Garcia de Nodal, and Captain Gonzalo de Nodal. Cosmographer Diego Ramirez, pilot Juan Manzo. Made by Don Pedro Teixeira Albernaz, Cosmographer of His Majesty». The engraved part of the chart measures 340×395 mm, and the engraver's name, I. de Courbes, is in the lower corner. In the second edition of the book, Cadiz 1769, the same chart reappears, but reduced (Fig. 37).

The chart was reproduced, in original size, in Markham's English translation of the *Relación* of the Nodals (1), and also by J. F. Guillén y Tato (2).

Although the printed chart is signed by Pedro Teixeira Albernaz, the two brothers João and Pedro Teixeira Albernaz were responsible for the original drawing. In dealing with the biography of the former, we have reproduced the two documents in the Archivo de Indias, Seville (3), which show that Gonzalo de Nodal left Lisbon on 22 August 1619 and arrived at Madrid with the Teixeira brothers at the end of the month, and that on 26 September João Teixeira, requesting to return to Lisbon, presented «the hydrographic charts of the Strait of Magellan and S. Vicente».

The voyage of the Nodal brothers was projected when it was revealed in Spain, from the narrative published at Amsterdam in 1618, that in January 1616 Schouten and Le Maire had discovered a new strait between Tierra del Fuego and Staten Land. The Spaniards contrived to bring from Holland to Spain some Dutchmen who had special information on the voyage, notably Pieter de Lettres and Jean de Witte, by whom, and also from the printed narrative, the charts of Schouten and Le Maire became known. A master chart was prepared by the Cosmographer-major António Moreno, recently identified by J. F. Guillén (4).

(1) Clements Markham, *Early Spanish Voyages to the Strait of Magellan,* between pp. 188-9, Hakluyt Society, 2nd series, no. XXVIII, London 1911.

(2) Júlio F. Guillén y Tato, *Monumenta Cartographica Indiana,* Vol. I, pp. 32-3, Plates 45 and 46.

(3) See pp. 80-1 of the present Volume.

(4) Júlio Guillén, *Uma carta inédita del estrecho de Le Maire, e identificación de otras dos anónimas del siglo XVII,* in *Revista de Indias,* Año I, n.º 1, pp. 35-62, Madrid 1940. The author discusses in detail the cartographic antecedents and results of the voyage of the Nodal brothers.

É curioso registar que a expedição foi preparada em Lisboa. Aí se armaram as duas caravelas *Nossa Senhora da Tocha* e *Nossa Senhora do Bom Sucesso,* cada uma com oitenta toneladas e com quarenta marinheiros, todos portugueses, e como cosmógrafo embarcou o espanhol Diego Ramirez de Arellano. No Rio de Janeiro procederam à reparação de várias avarias. A viagem teve o melhor êxito, sem que falecesse durante ela um único homem, e os irmãos Nodal, dois dos mais ilustres homens de mar espanhóis do seu tempo, cumpriram a sua missão, sendo os primeiros a fazer a circum-navegação da Terra do Fogo.

Júlio Guillén, no seu estudo referido, pôs em destaque a perfeição de uma carta dos estreitos que vem no final do «*Reconoçimiento de los estrechos de Magallanes y S. Viçente con algunas cosas curiosas de navegaçion.* Por el capytan Diego Ramirez de Arellano. Sevilla 1621», códice da Biblioteca Nacional de Madrid («Mss. 3190») (5). Reproduzimos a carta de Diego Ramirez de Arellano na figura 38, e é fácil verificar a sua grande analogia em relação à carta gravada de Pedro Teixeira Albernaz (6). Os irmãos Nodal também parece terem feito cartas da região dos estreitos. Não se percebe por isso muito bem para que é que Gonçalo de Nodal trouxe de Lisboa para Madrid João e Pedro Teixeira a fim de executarem a carta dos novos descobrimentos, a qual sabemos que João Teixeira entregou em 26 de Setembro de 1619. Parece assim mais lógico admitir que a carta no final do manuscrito de Diego Ramirez de Arellano — o qual é datado de 1621 — se baseará antes na de Pedro Teixeira (embora possa ter algum aperfeiçoamento), tanto mais que há entre elas notável igualdade no desenho da parte continental da América do Sul que não foi percorrida pela expedição. João e Pedro Teixeira teriam assim sido chamados a Madrid para coligirem os dados e esboços dos irmãos Nodal, de Arellano e dos pilotos flamengos e portugueses que iam nas duas caravelas, pois se iam simplesmente para copiar uma carta que já estava feita não se justificaria que Gonçalo de Nodal os levasse de Lisboa para Madrid e o Conselho das Indias dispendesse com eles a importância que consta dos documentos acima referidos existentes no Archivo de Indias.

FIG. 38 — CARTA DA PARTE MERIDIONAL DA AMÉRICA DO SUL, DE DIEGO RAMIREZ DE ARELLANO, 1621
CHART OF THE SOUTHERN PART OF SOUTH AMERICA BY DIEGO RAMIREZ DE ARELLANO, 1621

(5) Publicado pela Dirección de Hidrografia, 1866, segundo informa Guillén 1940, p. 56.

(6) No entanto Guillén 1940, p. 56, diz que é «más exacta que la de Teixeira, como informó al Consejo una Junta de Cosmógrafos».

It is curious to note that the expedition made ready in Lisbon. The two caravels *Nossa Senhora da Tocha* and *Nossa Senhora do Bom Sucesso* were armed there, each of eighty tons and carrying forty sailors, all Portuguese, and the Spaniard Diego Ramirez de Arellano went as cosmographer. They tarried some time at Rio de Janeiro, to repair certain damage. The voyage was fortunate, not a single man being lost on it, and the Nodal brothers, two of the most illustrious Spanish seamen of their time, effectively carried out their mission, being the first to circumnavigate Tierra del Fuego.

Julio Guillén, in his study cited above, draws attention to the correctness of a chart of the Straits found at the end of «Reconnaissance of the straits of Magellan and S. Vicente with some curious matters of navigation. By Captain Diego Ramirez de Arellano. Seville 1621», a codex in the Biblioteca Nacional, Madrid («Mss. 3190») (5). We reproduce the chart of Diego Ramirez de Arellano as Figure 38, and its close similarity to the engraved chart of Pedro Teixeira Albernaz is obvious (6). The Nodal brothers also appear to have drawn charts of the region of the Straits. In view of this it may not seem very clear why Gonzalo de Nodal should have brought João and Pedro Teixeira from Lisbon to Madrid to prepare the chart of the new discoveries, which (as we know) João Teixeira delivered on 26 September 1619. It seems reasonable to suppose that the plan at the end of the manuscript by Diego Ramirez de Arellano — which is dated 1621 — was based on that of Pedro Teixeira (albeit with some improvement), especially as there is conspicuous similarity between the two in the delineation of the continental part of South America which was not visited by the expedition. In this case, João and Pedro Teixeira would have been summoned to Madrid to assemble the materials and sketches of the Nodal brothers, of Arellano and of the Flemish and Portuguese pilots who sailed in the two caravels, since, if they had done no more than copy a chart already made, Gonzalo de Nodal would not have been justified in bringing them from Lisbon to Madrid, nor the Council of the Indies in ascribing to them the importance indicated by the documents in the Archivo de Indias cited above.

(5) Published by the Dirección de Hidrografia in 1866, according to Guillén 1940, p. 56.

(6) Although Guillén 1940, p. 56, says that it is «more correct than that of Teixeira, as a Committee of Cosmographers reported to the Council».

Tamanho original — *Original size*

PEDRO TEIXEIRA ALBERNAZ, 1619 (1621)

Carta impressa na *Relación del Viaje* de B. G. de Nodal e G. de Nodal, 1621
Printed chart in B. G. de Nodal and G. de Nodal's *Relación del Viaje*, 1621

PLANTA DE MADRID, 1656

ESTAMPA 518

Esta grande e notável planta encontra-se impressa em vinte folhas de papel, ocupando o conjunto da parte desenhada 1780 × 2860 mm. A reprodução que damos — necessàriamente muito reduzida e por isso ilegível na maior parte — é a de um exemplar pertencente à Bibliothèque Nationale, Paris, onde tem a cota «Ge. A. 584».

Ao alto, numa fita, lê-se *MANTVA CARPETANORUM SIVE MATRITVM VRBIS REGIA,* vendo-se do lado direito a dedicatória a Filipe IV. Na margem inferior, a meio, vem o título *TOPOGRAPHIA DE LA VILLA DE MADRID DESCRITA POR DON PEDRO TEXEIRA, ANO 1656. En la qual se demuestran todas sus Calles el largo y ancho de cada vna dellas las Rinconadas y lo que tuercen las Placas Fuentes Iardines y Huertas con la disposiçion que tienen las Parroquias Monasterios y Hospitales estan senalados sus nombres con letras y numeros que se allaran en la Tabla y los Ydificios Torres y delanteras de las Cassas dela parte que mira al medio dia estan sacadas al natural que se podran contar las puertas e ventanas de cada vna dellas.* No canto inferior esquerdo vem um quadro com a explicação dos números no desenho (*Parroqvias, Conventos de Religiosos, Conventos de Religiosas, Hospitales, Hermitas y humilladeros,* etc.). Na margem inferior, por baixo da escala de distâncias da direita, vê-se a legenda relativa à impressão da planta, *Salomon Saurij Fecit Cura et Solesitudine Ioannis, et Iacobi van Vierle Antuerpiae.*

A planta foi reproduzida, em data que ignoramos, pelo Instituto Geográfico y Estadístico (7). Há uma outra reprodução, também em vinte folhas (de 30 cm de altura, reduzidas em relação ao original), editada em Madrid 1944 (8) por iniciativa do «Consejo y Regimiento de la Villa de Madrid en su Ayuntamiento». Nada sabemos sobre a história da planta e do levantamento respectivo, sendo natural que alguma coisa exista a tal respeito em bibliografia madrilena que desconhecemos.

PLAN OF MADRID, 1656

PLATE 518

This large and notable plan, in twenty sheets, is printed on paper and the drawing proper measures overall 1780×2860 mm. Our reproduction — necessarily much reduced and therefore largely illegible — is made from an example belonging to the Bibliothèque Nationale, Paris, with the class-mark «Ge. A. 584».

At the top, in a scroll, are the words *MANTVA CARPETANORUM SIVE MATRITVM VRBIS REGIA,* and on the right-hand side is the dedication to Philip IV. In the middle of the bottom margin is the title: «Topography of the town of Madrid described by Don Pedro Teixeira, in the year 1656. In which are displayed all its streets with their width, and each of their corners, and how the squares, fountains, gardens and orchards lie, with the situation of the parish churches, monasteries and hospitals whose names are indicated by letters and numbers given in the table; and the buildings, towers and front of the houses, as seen from the south, are drawn from the life so that the doors and windows of each of them may be counted». In the bottom left-hand corner is a panel with the explanation of the numbers in the plan («Parish churches, Convents of friars, Covents of nuns, Hospitals, Hermitages and chapels», etc.). In the bottom margin, below the scale of distances on the right, is a legend relating to the printing of the plan, *Salomon Saurij Fecit Cura et Solesitudine Ioannis, et Iacobi van Vierle Antuerpiae.*

The plan was reproduced by the Instituto Geográfico e Estadístico, we do not know at what date (7). Another reproduction, also in twenty sheets (30 cm high, reduced from the original) was published at Madrid 1944 (8) at the instance of the «Consejo and Regimiento of the Town of Madrid in its administration». We have no information on the history of the plan or of the survey from which it was made, and we suppose that materials for this exist in works on Madrid unknown to us.

MAPA DE PORTUGAL, 1662

ESTAMPA 519

Barbosa Machado (9) refere, a propósito de Pedro Teixeira, «insigne Cosmografo, e assistente na Corte de Madrid», a «*Descripção, e Mappa geral do Reino de Portugal.* Sahio em folha grande ao largo. Madrid por Marcos Orozco 1662». Na Exposição de Cartografia de 1903-1904 figurou um exemplar do mapa, pertencente ao Archivo del Depósito da Guerra, Madrid (10). No entanto a carta tem-se mantido pràticamente desconhecida, pois G. de Reparaz-Ruiz, ainda recentemente, dizia não saber de nenhum exemplar (11). Pudemos no entanto examinar um que existe na Bibliothèque Nationale de Paris, onde tem a cota «Ge. DD. 2987 (1868)», e é esse exemplar que utilizamos para a nossa reprodução.

Impresso em quatro folhas de papel ligadas umas às outras, a parte desenhada mede 750 × 1055 mm. Tem o título *Descripcion del Reyno de Portvgal y delos Reynos de Castilla que parten con sv frontera delineada por D. Pedro Teixeira dedicada a la Magestad del Rey Nro S.r D. Phelipe 4º por D. Ioseph Lendinez de Gvevara,* entre um escudo com as armas de Filipe IV e outro com as armas de Portugal. Na margem oriental, por baixo da escala de distâncias, vem a legenda indicando que a carta foi gravada em Madrid por Marcus Orozcus, 1662. Se alguma dúvida pudesse haver quanto à nacionalidade do autor, a simples análise da nomenclatura de Portugal, quase totalmente em português, fàcilmente a desfaria.

Segundo parece a carta foi gravada no ano em que Pedro Teixeira teria morrido. Ela deve resultar, pelo menos na sua maior parte, dos levantamentos que o cartógrafo executou entre 1622 e 1630, e não sabemos qual a razão de tão tardia publicação. É possível que a Revolução de 1640 levasse Pedro

MAP OF PORTUGAL, 1662

PLATE 519

Barbosa Machado (9), referring to Pedro Teixeira, «an illustrious Cosmographer, who worked at the Court of Madrid», cites his «Description and general map of the Kingdom of Portugal. It is a tall and wide folio (?). Madrid, Marcos Orozco 1662». In the Exhibition of Cartography held in 1903-4 an example of the map, belonging to the Archivo del Depósito da Guerra, Madrid, was shown (10). The map has nevertheless remained practically unknown, and G. de Reparaz-Ruiz could write, quite recently, that no example of it was known (11). We have been able however to examine that in the Bibliothèque Nationale, Paris, class-mark «Ge. DD. 2987 (1868)», and we have used this for our reproduction.

The map is printed on four sheets of paper pasted together, and the design measures 750 × 1055 mm. The title, between a shield bearing the arms of Philip IV and another with the arms of Portugal, reads: «Description of the Kingdom of Portugal and of the Kingdoms of Castille beginning at the frontier. Drawn by D. Pedro Teixeira and dedicated to His Majesty King Philip IV Our Lord by D. Joseph Lendinez de Guevara». In the eastern margin, below the scale of distances, is the legend stating the map to be engraved in Madrid by Marcus Orozcus, 1662. Any doubt about the nationality of the author is at once dispelled by examination of the nomenclature of Portugal, which is almost entirely Portuguese in form.

Apparently the map was engraved in the year when Pedro Teixeira seems to have died. It must be derived, in the greater part at any rate, from the surveys made by the cartographer between 1622 and 1630, and the reason for its belated publication is not known. Perhaps the Revolution of 1640 induced

(7) Segundo refere António Blàzquez, *Descripción de las costas y puertos de España de Pedro Teixeira Albernás,* in *Boletín de la Real Sociedade Geográfica,* Vol. LII, p. 42, Madrid 1910. Apenas pudemos ver, na Biblioteca Nacional de Madrid, uma reprodução em vinte folhas (que julgamos ser no tamanho natural) metida numa pasta sem a menor indicação, dizendo-se na ficha respectiva que é edição do Instituto Geográfico y Catastral.

(8) *Topographia de la Villa de Madrid descrita por Don Pedro Texeira año 1656.* Madrid 1944.

(9) *Bibliotheca Lusitana,* Vol. III, p. 622. Lisboa 1752. Também León Pinello, *Epitome de la bibliotheca oriental, y ocidental, nautica y Geografica,* Vol. III, col. 1290, Madrid 1738, refere o mesmo mapa.

(10) Ernesto de Vasconcelos, *Exposição de Cartographia Nacional (1903-1904) — Catálogo,* p. 272. Lisboa 1904.

(11) *La Cartographie terrestre dans la péninsule ibérique au XVIe et au XVIIe siècle et l'oeuvre des cartographes portugais en Espagne,* in *Révue Géographique des Pyrénées et du Sud-Ouest,* Tome XI, Fasc. 3-4, p. 191. Toulouse-Paris 1940 [1941].

(7) According to Antonio Blàzquez, *Descripción de las costas y puertos de España de Pedro Teixeira Albernás,* in *Boletín de la Real Sociedade Geográfica,* Vol. LII, p. 42, Madrid 1910. We have only been able to see, at the Biblioteca Nacional, Madrid, a reproduction in twenty sheets (which we suppose to be of the original size) placed in a portfolio without any reference; the catalogue entry states that it was published by the Instituto Geográfico y Catastral.

(8) *Topographia de la Villa de Madrid descrita por Don Pedro Texeira año 1656.* Madrid 1944.

(9) *Bibliotheca Lusitana,* Vol. III, p. 622. Lisboa 1752. In addition León Pinello, *Epitome de la bibliotheca oriental, y ocidental, nautica y Geografica,* Vol. III, col. 1290, Madrid 1738, refers to this map.

(10) Ernesto de Vasconcelos, *Exposição de Cartographia Nacional (1903-1904) — Catálogo,* p. 272. Lisboa 1904.

(11) *La Cartographie terrestre dans la péninsule ibérique au XVIe et au XVIIe siècle et l'oeuvre des cartographes portugais en Espagne,* in *Révue Géographique des Pyrénées et du Sud-Ouest,* Tome XI, Fasc. 3-4, p. 191. Toulouse-Paris 1940 [1941].

Teixeira a não divulgar sob forma impressa a carta do seu país, da mesma maneira que é possível que em 1662, quando se ia entrar na fase final da guerra que consolidaria o movimento vitorioso de Portugal, se achasse vantagem, na Espanha, em tal publicação; são tudo porém meras hipóteses.

Como quer que seja, revelamos agora aos estudiosos esta interessante carta que tem andado pràticamente desconhecida. Ela veio destronar a carta de Fernando Álvaro Seco, de 1561, que durante um século fora a base de todas as cartas de Portugal que se imprimiram. Durante cerca de outro século seria a vez de a carta de Pedro Teixeira servir de modelo a numerosas edições da carta de Portugal saídas em vários países (12). Em 1722, o notável Engenheiro-mor de Portugal, Manuel de Azevedo Fortes, escrevia no Proémio do seu *Tratado do modo de fazer as cartas geograficas* o seguinte: «não sey que haja neste Reyno carta algũa particular de nenhum dos seus Bispados; entre as cartas geraes, que ha no Reyno, a que passa por melhor, e mais exacta, he a de Pedro Teixeira que se estampou em Madrid no ano de 1662 a qual (excepto as costas maritimas que se encontram menos mal arrumadas) he tão defectuosa, que para o intento presente he o mesmo que se não houvera». Estava-se então operando em Portugal uma renovação da cartografia, pelo que não é de estranhar a opinião de Azevedo Fortes; dela verificamos no entanto o interesse de que se revestiu a carta de Pedro Teixeira durante longo tempo.

Não é esta a altura de fazer o cotejo de tal carta, da de Fernando Álvaro Seco e da *Descripción de España* de Pedro Teixeira, assunto que certamente merecerá o interesse dos estudiosos da evolução cartográfica de Portugal, por um lado, e da evolução do litoral português, pelo outro.

Pedro Teixeira to withhold the map of his country from publication, and it is equally possible that in 1662, when the war which consolidated the victory of the Portuguese revolt was entering its last phase, there may have been an advantage for Spain in such a publication; but these are more conjectures.

However that may be, we can now reveal to students this interesting chart, hitherto almost unknown. It was to supersede the map of Fernando Álvaro Seco, 1561, which for a century formed the basis for all printed charts of Portugal. For about another century the chart of Pedro Teixeira was to be the prototype for numerous charts of Portugal published in various countries (12). In 1722 Manuel de Azevedo Fortes, the celebrated Engineer-in-chief of Portugal, wrote as follows in the Foreword to his «Treatise of the manner of making geographical charts»: «This kingdom has no special charts of any of its Dioceses; of the general charts of the kingdom, the one which passes for the best and most correct is that of Pedro Teixeira, printed at Madrid in the year 1662, which (apart from the sea-coasts, which are not so ill laid down) is so faulty that for present purposes it cannot be taken into account». At that time cartography was undergoing a reformation in Portugal, so that the opinion of Azevedo Fortes is not unexpected; nevertheless it illustrates the interest which Pedro Teixeira's chart retained so long.

This is not the time to make a comparison of this map, of that of Fernando Álvaro Seco, and of Pedro Teixeira's «Description of Spain» — a task which certainly deserves the attention of students of the cartographic evolution of Portugal, on the one hand, and of the evolution of the Portuguese littoral, on the other.

(12) Ainda em 1762 se publicava o «Mapa ó descripcion del reyno e Fronteras de Portugal sacado de las cartas geográficas de Pedro Teixeira y Jacobo Cantelli, corregido y añadido por otras noticias, con privilegio de S. M.».

(12) As late as 1762 was published the «Map or description of the Kingdom and Frontiers of Portugal, taken from the geographical maps of Pedro Teixeira and Jacobo Cantelli, corrected and augmented by other notices, with His Majesty's privilege».

Original 1.780×2.860 mm.

Pedro Teixeira Albernaz, 1656

Carta gravada em vinte folhas — Engraved chart in twenty sheets

Original 750×1.055 mm.

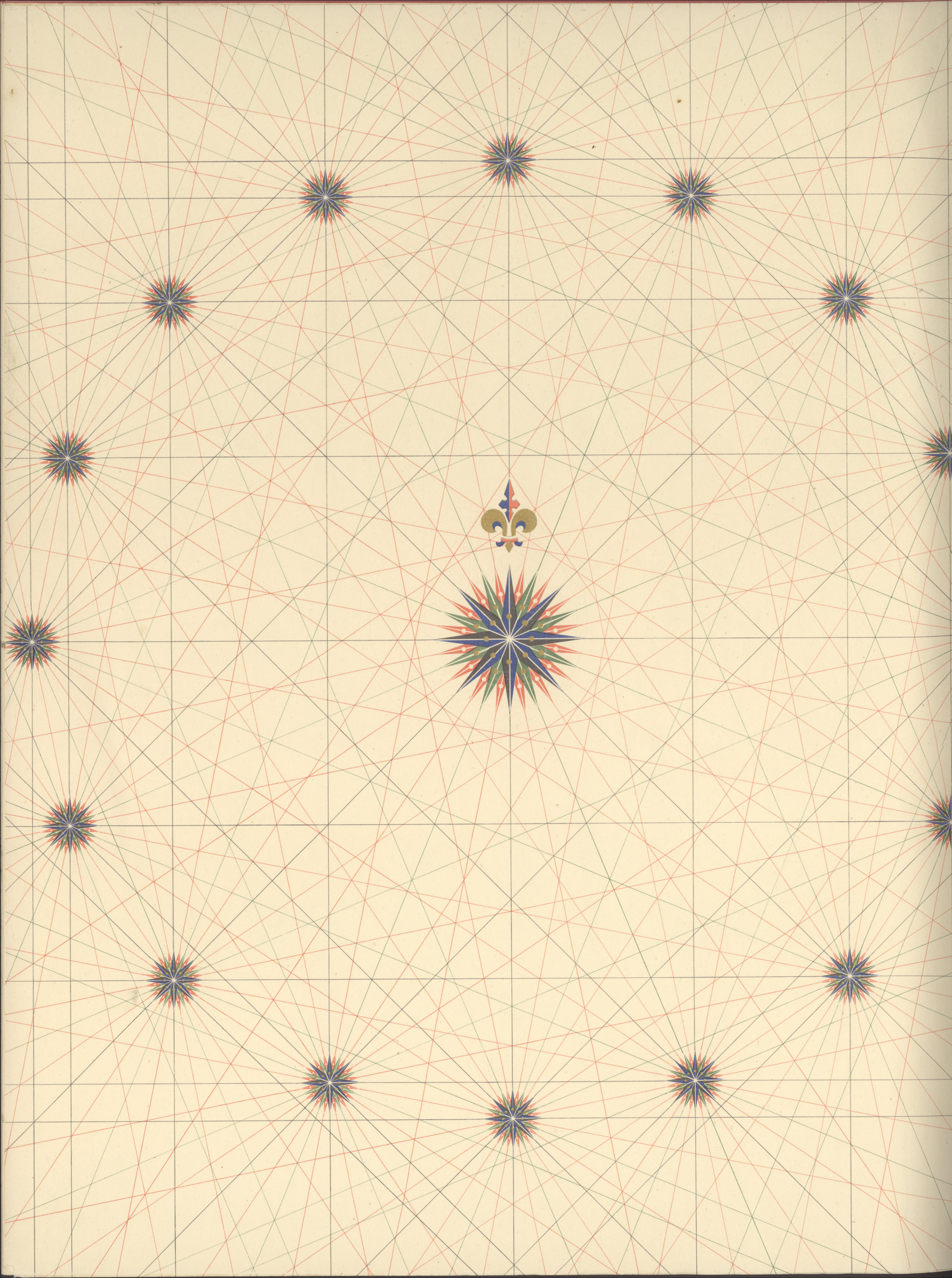
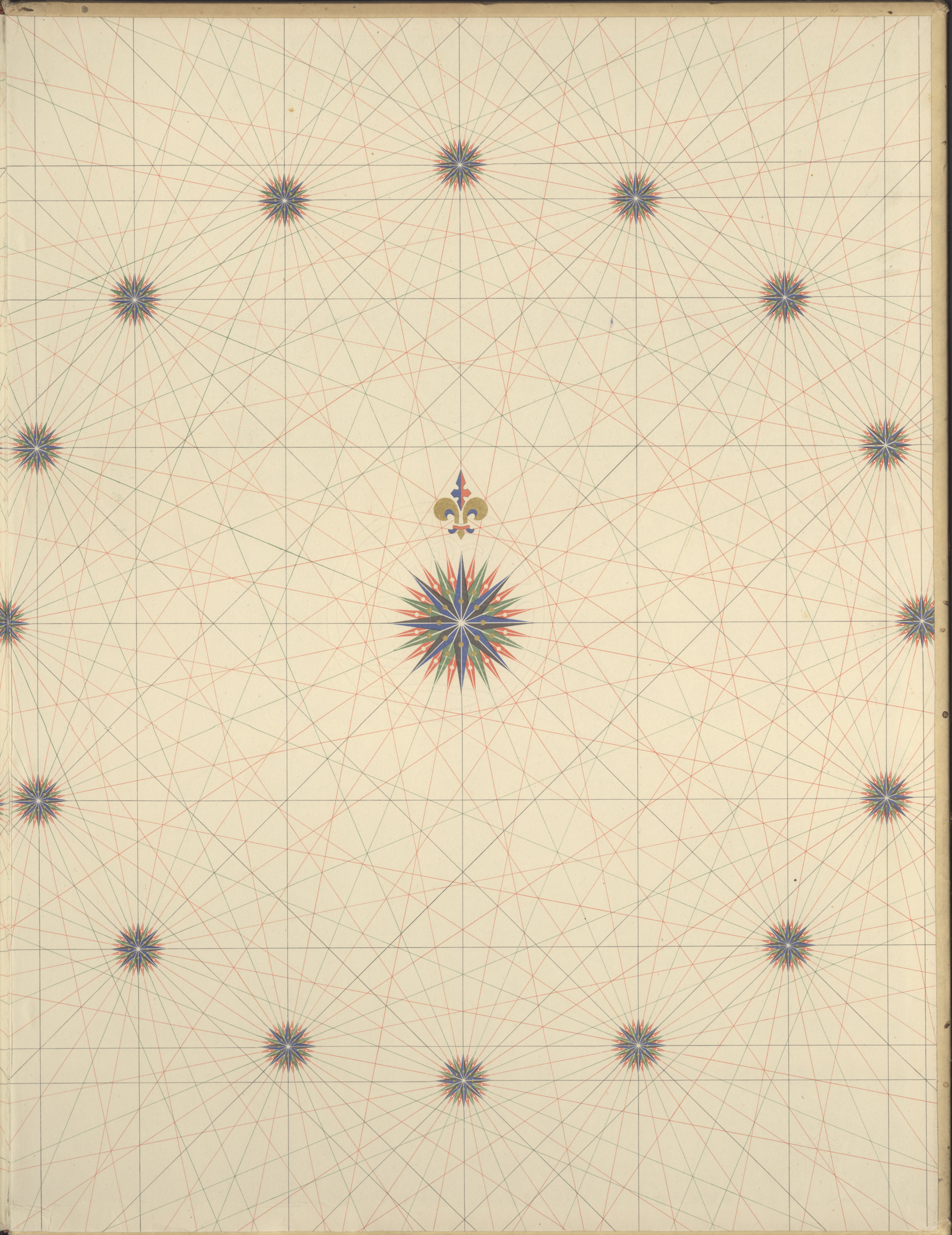
H.G.
8075

PEDRO TEIXEIRA ALBERNAZ, 1662

Carta gravada em quatro folhas — Engraved chart in four sheets

O VOLUME V CONTÉM O ÍNDICE GERAL
DOS CINCO VOLUMES

VOLUME V CONTAINS THE GENERAL INDEX
OF THE FIVE VOLUMES

A IMPRESSÃO DO TEXTO DESTA OBRA COMEÇOU AOS TREZE DE JUNHO, SEXTA FEIRA, DIA DE SANTO ANTÓNIO, DE MIL NOVECENTOS E CINQUENTA E OITO, E O PRESENTE VOLUME ACABOU DE SE IMPRIMIR AOS VINTE E SEIS DE MARÇO DE MIL NOVECENTOS E SESSENTA, NA IMPRENSA DE COIMBRA, IMPRESSORES PARA A UNIVERSIDADE DE COIMBRA. O PAPEL FOI ESPECIALMENTE FABRICADO PELA FÁBRICA DE PAPEL DE PORTO DE CAVALEIROS, TOMAR; AS ESTAMPAS A UMA COR FORAM GRAVADAS E IMPRESSAS POR NEOGRAVURA, LISBOA; AS ESTAMPAS A CORES FORAM GRAVADAS E IMPRESSAS PELA LITOGRAFIA DE PORTUGAL, LISBOA; A ENCADERNAÇÃO É DE FREDERICO DE ALMEIDA, LISBOA.

BIBLIOTECA NACIONAL DE LISBOA